



ROBERT
JORDAN

UMA COROA
DE ESPADAS

LIVRO 7 DE A RODA DO TEMPO

TRADUÇÃO DE
MARIANA SERPA E
RAFAEL MIRANDA RODRIGUES

intrínseca

Copyright © 1993 by Robert Jordan

Publicado mediante acordo com Sobel Weber Associated Inc.

“The Wheel of Time®”, “The Fires of Heaven™” e o símbolo da roda/cobra são marcas registradas pertencentes a Robert Jordan.

Assegurados os direitos morais do autor.

TÍTULO ORIGINAL

A Crown of Swords

EDIÇÃO

Flora Pinheiro

COPIDESQUE

Rayssa Galvão

Beatriz D’Oliveira

REVISÃO

Laís Franco

IMAGEM DA RODA DO TEMPO

© Sam Weber

COURO

© Duncan P. Walker/iStockphoto

IMAGEM DA FOLHA DE ROSTO

Shutterstock.com

MAPA

Ellisa Mitchell

ADAPTAÇÃO DO MAPA

ô de casa

REVISÃO DE E-BOOK

Carolina Andrade

Maria Fernanda Slade

Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE E-BOOK

Joana De Conti

E-ISBN

978-65-5560-315-6

Edição digital: 2021

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br



[@intrinseca](https://twitter.com/intrinseca)



[editoraintrinseca](https://www.facebook.com/editoraintrinseca)



[@intrinseca](https://www.instagram.com/intrinseca)



[@intrinseca](https://www.tiktok.com/@intrinseca)



[intrinsecaeditora](https://www.youtube.com/intrinsecaeditora)

SUMÁRIO

[\[AVANÇAR PARA O INÍCIO DO TEXTO\]](#)

FOLHA DE ROSTO

CRÉDITOS

MÍDIAS SOCIAIS

Sumário

DEDICATÓRIA

EPÍGRAFE

MAPA

PRÓLOGO: RAIOS

1 ALTA CHASALINA

2 O QUINTAL DO AÇOUGUEIRO

3 COLINA DA AURORA DOURADA

4 CAIRHIEN ADENTRO

5 UMA COROA PARTIDA

6 VELHO MEDO, NOVO MEDO

7 ARAPUCAS E ARMADILHAS

8 A TESTA DE FERRO

9 DUPLA DE LÚCIOS

10 OLHOS OCULTOS

11 UM JURAMENTO

12 UMA MANHÃ VITORIOSA

- 13 A TIGELA DOS VENTOS
- 14 PLUMAS BRANCAS
- 15 INSETOS
- 16 UM TOQUE NA BOCHECHA
- 17 O TRIUNFO DA LÓGICA
- 18 QUANDO O ARADO QUEBRA A TERRA
- 19 DIAMANTES E ESTRELAS
- 20 PADRÕES DENTRO DE PADRÕES
- 21 A NOITE DE SWOVAN
- 22 PEQUENOS SACRIFÍCIOS
- 23 ALGUÉM A TECER NA CASA AO LADO
- 24 A CONFRARIA
- 25 ARMADILHA MENTAL
- 26 AS PALAVRAS IRREVOGÁVEIS
- 27 ESTAR SOZINHO
- 28 PÃO E QUEIJO
- 29 O FESTIVAL DOS PÁSSAROS
- 30 A PRIMEIRA XÍCARA
- 31 *MASHIARA*
- 32 SELADO À CHAMA
- 33 UM BANHO
- 34 *TA'VEREN*
- 35 FLORESTA ADENTRO
- 36 LÂMINAS
- 37 UM BILHETE DO PALÁCIO

38 SEIS HISTÓRIAS

39 PROMESSAS A CUMPRIR

40 LANÇAS

41 UMA COROA DE ESPADAS

GLOSSÁRIO

SOBRE O AUTOR

LEIA TAMBÉM

Para Harriet, que, mais uma vez, merece o crédito.

Não pode haver saúde em nós, nem nada de bom pode crescer, pois a terra é uma com o Dragão Renascido, e ele é um com a terra. Alma de fogo, coração de pedra, conquista com orgulho, forçando os orgulhosos a se renderem. Conclama as montanhas a se ajoelharem, os mares a abrirem passagem, os próprios céus a se curvarem. Rogai para que o coração de pedra recorde as lágrimas, e a alma de fogo, o amor.

(trecho da mui controversa tradução de *As Profecias do Dragão* da poeta Kyera Termendal, de Shiota, supostamente publicada entre 700 AL e 800 AL)



PRÓLOGO



RAIOS

Da alta janela em arco, a quase oitenta braças de distância do chão, pertíssimo do topo da Torre Branca, Elaida via muitas milhas para além de Tar Valon, via até as planícies ondulantes e florestas à margem do vasto Rio Erinin, que descia do norte e do oeste antes de se dividir ao redor das muralhas brancas da imensa cidade-ilha. No chão, a cidade devia estar toda salpicada pelas compridas sombras matinais, mas, lá daquela altura, tudo parecia límpido e cristalino. Nem as lendárias “torres sem fim” de Cairhien eram páreo para a Torre Branca — assim como nenhuma das torres menores de Tar Valon, naturalmente, apesar de tudo o que se falava a respeito daquelas construções, com suas pontes cortando os céus.

Lá daquela altura, a brisa quase constante amainava o calor surreal que açoitava o mundo. Passado o Festival das Luzes, a neve já deveria ter coberto todo o chão, mas o clima permanecia arraigado em um verão tórrido. Mais um indício de que a Última Batalha estava próxima e de que o mundo estava sob o toque do Tenebroso, se é que ainda precisavam de mais indícios para ter certeza. Claro que Elaida não se deixava afetar pelo calor, mesmo quando descia. Não fora pela brisa que se mudara para aqueles aposentos mais simples ali de cima, a despeito da inconveniência da enorme escadaria.

Os azulejos lisos em tom de ferrugem e as paredes de mármore branco decoradas por algumas tapeçarias não se comparavam ao esplendor do gabinete e dos aposentos da Amyrlin. Elaida às vezes ainda usava algumas daquelas salas, já que carregavam muitas associações com o poder do Trono de Amyrlin, mas era ali que residia e onde quase sempre trabalhava. A mudança fora pela vista. Mas não a vista da cidade, dos rios ou das florestas. A vista do que pouco a pouco tomava forma entre os muros da Torre. Ali, no que outrora fora o pátio de treinamento dos Guardiões, havia grandes escavações, alicerces assentados, compridos grous de madeira e pilhas de mármore e granito. Pedreiros e operários fervilhavam feito formigas em meio à obra, e um fluxo infinito de carroções entrava e saía pelos portões da Torre, trazendo mais pedras. Em um dos cantos ficava um “modelo de trabalho”, como os pedreiros chamavam; era uma miniatura da construção toda de madeira, mas grande o bastante para que os homens entrassem, agachados, e observassem cada detalhe, definindo o ponto exato onde assentar cada pedra. A maioria dos operários não sabia ler, não importava se fossem palavras ou os esboços dos pedreiros. O “modelo” era tão grande quanto algumas mansões.

Se qualquer rei ou rainha tinha direito ao próprio palácio, por que o Trono de Amyrlin deveria ser relegado a aposentos só um pouco melhores que os das tantas irmãs comuns? Ah, mas o palácio que mandara construir faria frente ao esplendor da Torre Branca, com um pináculo imenso, dez braças maior que a própria Torre. O pedreiro-mestre empalidecera ao ouvir aquilo. A Torre tinha sido construída pelos Ogier e com a ajuda do Poder manejado pelas irmãs. No entanto, bastara uma olhada para o rosto de Elaida e o Mestre Lerman pôs-se a fazer medidas e gaguejar que tudo seria feito como ela desejasse, claro, claro. Como se houvesse dúvida.

Elaida apertou os lábios, exasperada. Tentara dispor outra vez dos pedreiros Ogier, mas eles por algum motivo estavam confinados em seus *pousos*. Quando convocou o mais próximo, o Pouso Jentaine, nas Montanhas Negras, a resposta foi uma recusa. Uma resposta educada, porém ainda assim uma recusa ao Trono de Amyrlin, e sem a menor explicação. Os Ogier eram reclusos, para dizer o mínimo. Ou talvez estivessem se afastando daquele mundo tumultuado. Eles sempre se mantinham apartados das contendas humanas.

Elaida tirou os Ogier de vez da cabeça. Orgulhava-se de saber separar o possível do impossível. Os Ogier eram uma trivialidade. Só o que tinham no mundo eram as cidades construídas tanto tempo antes, lugares que raramente visitavam, exceto para fazer restauros.

Os homens lá embaixo, apinhados feito insetos no pátio de construção, a fizeram franzir o cenho de leve. A construção avançava a passos lentos. Os Ogier estavam fora de cogitação, tudo bem, mas talvez pudessem voltar a usar o Poder Único na obra. Poucas irmãs tinham força de verdade na urdidura de Terra, mas não era preciso grandes feitos para reforçar ou unir pedras. Sim... Já imaginava o palácio acabado, com seus corredores de colunatas e grandes domos reluzentes, cheio de ouro, com o pináculo a tocar os céus... ergueu outra vez os olhos para o firmamento límpido onde o topo do pináculo se avultaria e soltou um longo suspiro. Sim. Emitiria as ordens naquele mesmo dia. O enorme relógio de pé na sala atrás dela bateu a Terceira Aurora, e os gongos e sinos na cidade também badalaram, o som chegando fraco naquela torre tão elevada. Elaida se afastou da janela com um sorriso, alisando o vestido de seda creme com listras vermelhas e ajeitando a larga estola listrada do Trono de Amyrlin que levava nos ombros.

No relógio coberto de douraduras, algumas estatuetas de ouro e prata laqueadas se moviam junto dos sinos. Em um dos vários patamares, Trollocs com chifres e focinhos de bicho fugiam de uma Aes Sedai envolta em capa; em outro, um falso Dragão tentava desviar de raios obviamente enviados por uma segunda irmã. Bem no meio do relógio, logo acima da cabeça de Elaida, um rei e uma rainha coroados ajoelhavam-se diante do Trono de Amyrlin, com sua estola esmaltada. Um arco dourado se avultava acima da representação da Amyrlin, ostentando a Chama de Tar Valon entalhada em uma grande pedra-da-lua.

Elaida não era muito afeita a risadas, mas não pôde evitar uma risadinha de satisfação quando olhou o relógio. Cemaile Sorenthaine, que fora elevada das irmãs Cinza, encomendara aquela peça sonhando com um retorno aos tempos de antes das Guerras dos Trollocs, quando nenhum governante era empossado sem aprovação da Torre. Os grandes planos de Cemaile tinham sido reduzidos a pó, assim como ela própria, e o relógio passara três séculos em um depósito empoeirado, como uma vergonha que ninguém ousava exhibir. Até a chegada de Elaida. Ah, a Roda do Tempo girava. O que fora uma vez podia voltar a ser. E voltaria.

O relógio de pé combinava bem com as portas da sala de estar, a do dormitório e a da sala de vestir, que ficavam mais adiante. Lindas tapeçarias coloridas de Tear, Kandor e Arad Doman, com bordados em fios de ouro e prata, cintilavam entre outras peças, essas apenas tingidas, cada uma pendurada exatamente defronte seu par. Elaida sempre gostara de ordem. O carpete que cobria quase todo o chão de azulejos vinha de Tarabon, com padronagens em verde, vermelho e dourado — carpetes de seda eram artigos preciosos. Em cada quina do aposento, um plinto de mármore com entalhes verticais despretensiosos sustentava um vaso branco da frágil porcelana do Povo do Mar, cada um com duas dúzias de rosas vermelhas

dispostas em arranjos muito cuidadosos. Precisara do Poder Único para florescer as rosas, sobretudo com a seca e o calor, mas Elaida achava que era um bom uso do Poder. Entalhes dourados revestiam a única cadeira do aposento — *ninguém* mais se sentava na presença dela — e a escrivaninha, mas os móveis ainda assim mantinham o estilo austero de Cairhien. Era um aposento simples, com pé-direito de no máximo duas braças, mas estava de bom tamanho até que o palácio estivesse pronto. Com a vista, estava de bom tamanho.

Elaida se sentou, a Chama de Tar Valon encrustada de pedras-da-lua no espaldar alto avultava-se por sobre sua cabeleira escura. Nada estragava a perfeição da superfície da mesa, exceto por três caixas de laca altarana dispostas em perfeita ordem. A mulher abriu a caixinha com desenhos de gaviões dourados em meio a nuvens brancas, de onde tirou uma fina tira de papel de uma pilha de informes e correspondências. Pelo que talvez fosse a centésima vez, leu a mensagem que chegara de um pombo de Cairhien, doze dias antes. Poucas na Torre sabiam daquela missiva, e ninguém além dela sabia do conteúdo — se soubesse, não teria a mais vaga ideia do que significava. Ela quase riu de novo, só de pensar.

O anel foi colocado no nariz do touro. Espero uma ida agradável ao mercado.

Não havia assinatura, mas não precisava. Aquela mensagem gloriosa só poderia ter vindo de Galina Casban. A mulher em quem Elaida confiava para fazer o que não confiaria que mais ninguém além dela mesma poderia conseguir. Não que confiasse plenamente em qualquer outra pessoa, mas sua consideração pela líder da Ajah Vermelha era maior do que por qualquer outra Aes Sedai. Afinal, ela própria fora elevada dentre as Vermelhas. Sob muitos aspectos, ainda se considerava Vermelha.

O anel foi colocado no nariz do touro.

Rand al'Thor, o Dragão Renascido, o homem que parecera prestes a tragar o mundo, o homem que tragara até demais do mundo... Rand al'Thor estava blindado e sob o controle de Galina. E ninguém que pudesse ajudá-lo sabia. Se houvesse a menor chance de que soubessem, a mensagem teria sido diferente. A julgar pelas diversas missivas anteriores, parecia que o rapaz redescobrira como Viajar, um Talento que as Aes Sedai tinham perdido desde a Ruptura. Mas nem isso o salvara — na verdade, acabara sendo vantajoso para Galina. Ao que parecia, o rapaz tinha o hábito de ir e vir sem avisar. Quem suspeitaria que, desta vez, em vez de sair, Rand fora capturado? Elaida emitiu um som muito similar a uma risadinha.

Dali a mais uma semana, no máximo duas, al'Thor estaria na Torre, para ser vigiado de perto e conduzido em segurança a Tarmon Gai'don, impedido de devastar o mundo. Era loucura deixar qualquer homem capaz de canalizar à solta, mas sobretudo o homem que, segundo a profecia, enfrentaria o Tenebroso na Última Batalha — o que quisesse a Luz que ainda levaria muitos anos, apesar dos sinais do clima. Precisariam de anos para organizar o mundo de vez, a começar por desfazer os feitos de al'Thor.

Naturalmente, os prejuízos que o rapaz causara não eram nada em comparação ao que poderia ter provocado, se tivesse operado solto. Isso sem mencionar a possibilidade de ele acabar morto antes da hora. Bom, aquele moleque inoportuno poderia ser restringido e contido feito uma criança nos braços da mãe, mantido em segurança até a hora de levá-lo a Shayol Ghul. Depois disso, se sobrevivesse...

Elaida apertou os lábios. As Profecias do Dragão pareciam afirmar que al'Thor não sobreviveria, o que inegavelmente seria melhor.

— Mãe? — Elaida quase levou um susto ao ouvir a voz de Alviarín. A mulher entrara sem nem bater! — Trago notícias das Ajahs, Mãe.

Alviarin, esguia e de feições impassíveis, usava a estola estreita da Curadora em branco, combinando com o vestido, mostrando que fora elevada pelas Brancas. Saindo de sua boca, “Mãe” soava mais como um tratamento a uma igual do que um indicativo de respeito.

A presença de Alviarin era suficiente para destruir o bom humor de Elaida. Ter uma Curadora das Crônicas elevada das Brancas, não das Vermelhas, era sempre um lembrete mordaz de sua própria fraqueza quando assumiu o Trono. Era verdade que os problemas tinham diminuído um pouco, porém não completamente. Elaida já estava farta daquela sensação de arrependimento por possuir poucos olhos-e-ouvidos fora de Andor. E ainda mais considerando a fuga de sua predecessora e da de Alviarin. As duas ainda por cima tinham recebido ajuda interna — só podiam ter recebido ajuda! As duas tinham fugido antes que as chaves para a grande rede de olhos-e-ouvidos da Amyrlin fossem arrancadas à força de suas mãos.

Elaida desejava com fervor a rede que era sua por direito. Havia a forte tradição de que as Ajahs compartilhassem com a Amyrlin, por intermédio da Curadora, o pouco do que tiravam de seus olhos-e-ouvidos que estavam dispostas a compartilhar, mas Elaida estava convencida de que a Curadora estava escondendo até mesmo esse tantinho de informações. Ainda assim, não podia tentar se informar diretamente com as Ajahs. Já era ruim demais estar politicamente fraca, mesmo sem sair implorando migalhas para o resto do mundo — na verdade para a Torre, que era a parte do mundo que de fato importava.

Elaida manteve a expressão tão impassível quanto a da Curadora, reconhecendo sua presença com um mero aceno de cabeça enquanto fingia examinar os papéis da caixa laqueada. Virou-os devagar, um por um, e devolveu-os à caixa sem ler uma só palavra. Fazia Alviarin esperar por pura

amargura, uma atitude mesquinha, mas só tinha a mesquinhez como arma contra aquela que deveria ser sua serviçal.

Na teoria, uma Amyrlin podia emitir qualquer decreto que desejasse, e sua palavra era lei. Na prática, entretanto, muitos desses decretos seriam desperdício de papel e tinta sem o apoio do Salão da Torre. Nenhuma irmã desobedeceria a uma Amyrlin, pelo menos não diretamente, porém muitos decretos tinham implementação condicionada a centenas de outras regulamentações. Levava tempo, mesmo em condições favoráveis; em certos casos, precisava de tanto tempo que a coisa acabava nunca acontecendo. E as condições estavam longe de ser favoráveis.

Alviarin permaneceu ali, plácida feito um lago congelado. Elaida fechou a caixa de laca altarana, deixando de fora a tira de papel que anunciava a certeza de sua vitória. Em um gesto inconsciente, correu os dedos pelo papel, seu talismã.

— Teslyn ou Joline enfim se dignaram a enviar qualquer coisa além de um aviso de que chegaram em segurança?

Falou aquilo com a intenção de lembrar a Alviarin que ninguém podia se considerar imune. Ninguém ligava para o que acontecia em Ebou Dar, e Elaida menos ainda. A capital de Altara poderia ser tragada pelo mar, que nem a própria Altara perceberia, à exceção dos mercadores, claro. No entanto, Teslyn ocupara o Salão por quase quinze anos antes de Elaida ordenar sua renúncia à cadeira. Se podia despachar uma Votante — Votante *Vermelha* e que apoiara a sua ascensão — como representante diplomática de um reino insignificante sem qualquer motivo aparente além dos rumores que circulavam por aí, poderia reprimir qualquer um. Com Joline, a coisa era diferente. A Votante representara as Verdes por apenas algumas semanas, e era consenso que a Ajah a escolhera apenas para mostrar que não se acovardariam diante da nova Amyrlin — que respondera com uma

punição espantosa. Naturalmente, Elaida não poderia permitir nem aquele mínimo de insolência. E não permitira. O que também era do conhecimento geral da Torre.

O comentário tivera a intenção de lembrar Alviarin da própria vulnerabilidade, mas a mulher esguia apenas abriu um sorriso frio. Enquanto o Salão permanecesse como estava, a mulher *era mesmo* imune. Alviarin folheou os papéis que tinha nas mãos e selecionou um.

— Não, Mãe, nenhuma linha de Teslyn nem de Joline, mas, com as notícias que a senhora recebeu dos tronos... — O sorriso se alargou, já quase ultrapassando a fronteira perigosa da satisfação. — Todos pretendem testar as próprias asas, ver se a senhora é tão forte quanto... sua predecessora.

Até Alviarin era sensata o bastante para não pronunciar o nome de Sanche na presença de Elaida. Porém era verdade: todos os reis e rainhas, até os nobres inferiores, pareciam estar testando os limites do poder da nova Amyrlin. Elaida tinha que dar exemplos.

Alviarin prosseguiu, examinando o papel:

— No entanto, chegou uma notícia de Ebou Dar. Veio das Cinza. — Será que a mulher enfatizara aquilo para cravar ainda mais fundo a farpa que apresentava? — Parece que Elayne Trakand e Nynaeve al'Meara estão por lá, se passando por irmãs plenas, com a bênção da... *missão diplomática* rebelde para a Rainha Tylin. Outras duas, não identificadas, talvez estejam fazendo o mesmo. A lista das seguidoras rebeldes está incompleta. Talvez sejam só acompanhantes. As Cinza não têm certeza.

— Por que, sob a Luz, elas estariam em Ebou Dar? — perguntou Elaida, com desdém. Decerto Teslyn teria informado *isso*. — As Cinza devem estar transmitindo apenas boatos. Segundo a mensagem de Tarna, as moças estão com as rebeldes em Salidar.

Tarna Feir também relatara a presença de Siuan Sanche por lá. E de Logain Ablar, que espalhava aquelas mentiras odiosas que nenhuma irmã Vermelha podia se rebaixar a validar, muito menos a negar. Se aquela obscenidade não tinha a mão da tal Sanche, o sol passaria a nascer no oeste. Por que a mulher não tinha simplesmente se arrastado até um buraco e morrido feito outras estancadas, como era decente?

Elaida precisou se concentrar para não respirar fundo. Logain seria enforcado sem alarde assim que lidasse com aquelas rebeldes. O mundo quase inteiro já achava que o homem estava morto havia muito tempo. A acusação de que a Ajah Vermelha armara para firmá-lo como falso Dragão morreria com ele. Quando desse cabo das rebeldes, forçaria a tal Sanche a entregar a chave de acesso aos olhos-e-ouvidos da Amyrlin. E a nomear as traidoras que tinham ajudado na fuga. Era uma esperança tola desejar ver o nome de Alviarin entre o das traidoras.

— Não consigo imaginar aquela al'Meara correndo até Ebou Dar alegando ser Aes Sedai, que dirá Elayne. Você consegue?

— A senhora de fato ordenou que Elayne fosse localizada, Mãe. A senhora disse que era tão importante quanto botar al'Thor na coleira. Quando a garota estava junto das trezentas rebeldes de Salidar, era impossível fazer qualquer coisa. Mas ela não estará tão protegida no Palácio Tarasin.

— Não tenho tempo para boatos e fofocas. — Elaida proferiu cada palavra com desprezo. Alviarin saberia mais do que devia, mencionando al'Thor? — Sugiro que releia o relatório de Tarna depois reflita se alguma Aes Sedai permitiria que Aceitas fingissem usar o xale, mesmo as *rebeldes*.

Alviarin esperou pacientemente que ela terminasse, então voltou a examinar a pilha de papéis, puxando mais quatro folhas.

— O agente Cinza enviou esboços — disse, com a voz branda, estendendo as folhas. — O homem não é nenhum artista, mas dá para reconhecer Elayne e Nynaeve. — Então, logo em seguida, diante da imobilidade de Elaida, guardou os desenhos junto aos outros papéis.

A Amyrlin sentiu o rosto tomado pela cor da raiva e do constrangimento. Alviarin a ludibriara de propósito, sem querer exhibir os esboços logo de início. Ignorou a provocação — qualquer reação causaria ainda mais constrangimento —, mas deixou a voz gélida:

— Quero que sejam capturadas e trazidas até mim.

A falta de curiosidade no rosto da Curadora fez Elaida voltar a pensar no quanto a mulher sabia do que não deveria saber. A garota al'Meara era da mesma aldeia de al'Thor, e poderia muito bem fornecer um meio de controlar o rapaz. Todas as irmãs sabiam disso, assim como sabiam que Elayne era Filha-herdeira de Andor e que sua mãe estava morta. Os vagos rumores que ligavam Morgase aos Mantos-brancos eram uma bobagem sem tamanho, posto que a mulher jamais teria pedido ajuda aos Filhos da Luz. Morgase estava morta, não deixara nem sequer um cadáver para trás, e Elayne seria Rainha. Isso se fosse tirada das rebeldes antes que as Casas Andorianas pusessem Dyelin no Trono do Leão. Porém, não era de conhecimento geral o que tornava Elayne mais importante que qualquer nobre com forte direito ao trono — além, naturalmente, do fato de que um dia seria Aes Sedai.

Elaida às vezes apresentava Previsões, um Talento que muitos julgavam perdido antes de ela chegar. Muito tempo antes, a mulher Previra que a Casa Real de Andor possuía a chave para a vitória da Última Batalha. Mais de vinte e cinco anos tinham se passado, e tão logo ficou claro que Morgase Trakand teria direito ao trono por Sucessão, Elaida havia se grudado à Elayne, que na época ainda era uma menina. Ainda não sabia como Elayne

teria um papel crucial, mas a Previsão nunca falhava. Às vezes ela quase odiava aquele Talento. Odiava tudo o que não era capaz de controlar.

— Quero as quatro, Alviarin. — As outras duas não tinham muita importância, claro, mas não queria se arriscar. — Mande a ordem a Teslyn imediatamente. Diga a ela e a Joline que, se não mandarem informes regulares de agora em diante, vão desejar nunca ter nascido. E inclua nisso as informações vindas da tal Macura. — Elaida comprimiu os lábios ao mencionar aquela última.

O nome também fez Alviarin se remexer, desconfortável — o que não era de se espantar. A infusão hedionda de Ronde Macura incomodava qualquer irmã. Raiz-dupla não era letal — pelo menos a pessoa acordava, mesmo que bebesse o suficiente para apagar —, mas um chá que matava a habilidade de uma mulher de canalizar parecia uma arma muito direcionada às Aes Sedai. Pena que a informação só tivesse sido recebida depois da partida de Galina; se a infusão causasse nos homens o mesmo efeito que parecia causar nas mulheres, a tarefa dela teria sido consideravelmente mais fácil.

A inquietação de Alviarin durou apenas um breve instante; no momento seguinte, a mulher já recobrou o autocontrole e parecia inflexível feito uma muralha de gelo.

— Como desejar, Mãe. Tenho certeza de que vão se apressar em obedecer, como deveriam.

Um súbito lampejo de irritação corroeu Elaida feito fogo em pasto seco. O destino no mundo em suas mãos, e pedrinhas insignificantes teimavam em surgir sob seus pés. Já era ruim o bastante ter que lidar com rebeldes e governantes recalcitrantes, mas ainda havia muitas Votantes tramando e mostrando os dentes por suas costas, criando um terreno fértil para que essas outras mulheres plantassem suas ideias. Apenas seis das Votantes

permaneciam em suas mãos, e Elaida suspeitava que pelo menos o mesmo número desse plenos ouvidos a Alviarin. Era certo que nada de importante passava pelo Salão sem a anuência de Alviarin — não como um acordo franco, nem havia qualquer validação de que Alviarin detivesse a menor fração de influência ou poder além do normal para uma Curadora, mas se ela se opusesse a alguma medida... pelo menos o Salão ainda não chegara a ponto de recusar uma ordem de Elaida. Apenas protelavam as decisões e com muita frequência deixavam de lado o que ela pleiteava. Uma pequeníssima coisa pela qual se alegrar, pois muitas Amyrlins tinham se tornado meras marionetes tão logo o Salão adquiria gosto em rejeitar suas propostas.

Elaida cerrou os punhos, produzindo um leve estalido na folha de papel.

O anel foi colocado no nariz do touro.

Alviarin parecia rígida feito uma estátua de mármore, mas Elaida já não se incomodava. O pastor estava vindo para ela. As rebeldes seriam aniquiladas, o Salão se acovardaria, Alviarin seria forçada a se ajoelhar, e cada governante rebelde seria colocado de volta na linha, de Tenobia a Saldaea, que se escondera para evitar a emissária da Torre, até mesmo Martin Stepaneos de Illian, que estava mais uma vez tentando jogar de todos os lados, entrando em acordos com ela e com os Mantos-brancos — e, até onde Elaida sabia, até mesmo com al'Thor. Elayne seria colocada no trono de Caemlyn, sem o irmão para atrapalhar e com pleno conhecimento de quem a pusera lá. Em pouco tempo depois que voltasse à Torre, a garota viraria barro mole nas mãos da Amyrlin.

— Quero *aqueles* homens exterminados, Alviarin. — Não havia necessidade de dizer a quem se referia; metade da Torre não falava de nada

além *daqueles homens* e de sua *Torre Negra*, e a outra metade cochichava sobre eles pelos cantos.

— Recebemos relatórios perturbadores, Mãe.

Alviarin tornou a olhar os papéis, mas Elaida achou que era só para ter o que fazer com as mãos. A mulher não pegou mais nenhuma folha, e, ainda que nada mais a perturbasse por muito tempo, aquele monte de esterco desgraçado nos arredores de Caemlyn deveria causar alguma reação.

— *Mais* rumores? Está acreditando nas histórias de que milhares andam debandando para Caemlyn em resposta àquela *anistia obscena*?

Não era o menor dos feitos de al'Thor, mas também não era motivo para preocupação. Só mais uma imundície que precisava ser completamente limpa antes da coroação de Elayne em Caemlyn.

— É claro que não, Mãe, mas...

— Toveine vai assumir a liderança; esta tarefa é mais adequada às Vermelhas.

Toveine Gazal passara quinze anos afastada da Torre, até que Elaida a convocara de volta. As outras duas Votantes Vermelhas que tinham renunciado e partido para um retiro “voluntário” ao mesmo tempo tinham virado mulheres de olhar nervoso, mas, ao contrário de Lirene e Tsutama, Toveine só endurecera durante o exílio solitário.

— Ela vai levar cinquenta irmãs. — Não devia haver mais de dois ou três homens de fato capazes de canalizar naquela *Torre Negra*, Elaida tinha certeza. Cinquenta irmãs não teriam dificuldade em sobrepujá-los. Ainda assim, teriam que dar conta dos outros. Parasitas, seguidores de exércitos, idiotas cheios de esperanças fúteis e ambições insanas. — E irá acompanhada de cem... não, de duzentos homens da Guarda.

— Tem certeza de que é uma decisão sensata? Os rumores sobre centenas deles sem dúvida são loucura, mas um agente das Verdes em

Caemlyn afirma que tem mais de quatrocentos homens nessa Torre Negra. É um sujeito astuto. Parece que contou os carroções de suprimentos que deixavam a cidade. E a senhora está ciente dos rumores de que Mazrim Taim também está por lá.

Elaida fez um esforço para manter a expressão serena e quase falhou. Proibira a menção ao nome de Taim e se amargava por *não ousar* impor uma pena a Alviarin. *Não ousava!* A mulher a encarou bem nos olhos, e a ausência de um simples “Mãe” perfunctório ficou marcada. E a *audácia* de perguntar se a decisão de Elaida era *sensata!* Ela era o Trono de Amyrlin! Não era a principal entre iguais; era o Trono de Amyrlin!

Abriu a maior caixa laqueada, revelando miniaturas entalhadas em marfim, organizadas sobre um veludo cinza. Em geral, bastava manusear a coleção para que se acalmasse, mas ia além disso: tal e qual os trabalhos de tricô pelos quais tinha tanto apreço, as figuras punham os interlocutores em seus devidos lugares quando ela deixava de ouvir o que tinham a dizer para dar atenção às miniaturas. Correu os dedos por uma delicada estatueta de um gato esguio e lânguido, então por uma mulher bem elaborada usando vestido, com um animalzinho peculiar acorado nos ombros — mais parecia um homem coberto de pelos, decerto uma fantasia do artista. Depois de um longo tempo, escolheu um peixe curvado, de entalhes tão delicados que parecia quase real, a despeito do amarelado do marfim já antigo.

— Quatrocentos populares, Alviarin. — Elaida já se sentia mais calma vendo que a Curadora estreitara os lábios. Tinha sido só um tantinho, mas iria saborear qualquer desmonte na expressão daquela mulher. — Isso se chegar a tanto. Só um idiota acreditaria que mais de um ou dois são capazes de canalizar. No máximo! Em dez anos, encontramos apenas seis homens com a habilidade. Só vinte e quatro nos últimos vinte anos. E você sabe como vasculhamos essa terra. Quanto a Taim...

O nome ardia na boca; o único falso Dragão que escapara do amansamento depois de chegar às mãos das Aes Sedai. Não queria isso nas Crônicas sob seu reinado, decerto não até se decidir sobre como aquilo entraria nos registros. No momento, as Crônicas não mencionavam nada após a captura de Taim.

Passou o dedo pelas escamas do peixe.

— O homem está morto, Alviarin, do contrário já teríamos ouvido dele há muito tempo. E não estaria servindo a al'Thor. Consegue imaginar que ele aceitaria passar de suposto Dragão Renascido a *um servo* do Dragão Renascido? Pode imaginá-lo em Caemlyn sem que Davram Bashere no mínimo tente matá-lo?

Ela alisou mais depressa o peixe de marfim, lembrando que o Marechal-General de Saldaea estava em Caemlyn sob as ordens de al'Thor. *Qual* era a jogada de Tenobia? Porém, guardou tudo para si, mantendo a expressão tão serena quanto a das estatuetas.

— “Vinte e quatro” é um número perigoso para proferir em voz alta — comentou Alviarin, com um silêncio agourento. — Tão perigoso quanto “dois mil”. As Crônicas registram apenas dezesseis. A última coisa de que precisamos é que aqueles anos ressurjam. Ou que as irmãs que sabem apenas o que lhes foi contado descubram a verdade. Até as que a senhora trouxe de volta ainda mantêm o silêncio.

A Amyrlin assumiu uma expressão confusa. Até onde sabia, Alviarin só descobrira a verdade sobre aqueles anos depois de ser elevada a Curadora; porém, as coisas que a própria Elaida sabia eram mais particulares. Não que Alviarin pudesse saber disso. Pelo menos, não com certeza.

— Filha, seja lá o que venha à tona, não tenho medo. Quem vai impor uma pena a *mim*, e sob que acusação?

O comentário se aproximava muito bem da verdade, mas não parecera impressionar a Curadora em nada.

— As Crônicas registram um número de Amyrlins que foram punidas publicamente por alguma razão obscura, mas sempre me pareceu que seria assim que uma Amyrlin relataria as questões, se sua única escolha fosse...

Elaida espalmou a mão na mesa com força.

— Já chega, filha! *Eu* sou a lei da Torre! O que esteve escondido permanecerá escondido, pela mesma razão que permaneceu durante vinte anos... Pelo bem da Torre Branca. — Só então começou a sentir o hematoma surgindo na palma; ergueu a mão, revelando o peixe partido em dois. Quantos anos tinha aquela estatueta? Quinhentos? Mil? Só o que conseguiu fazer foi não estremecer de raiva. A voz obviamente se intensificou quando continuou: — Toveine vai liderar cinquenta irmãs e duzentos homens da Guarda da Torre até Caemlyn, até essa tal Torre Negra, onde vão amansar e enforcar qualquer homem capaz de canalizar, junto de quaisquer outros que encontrem com vida. — Alviarín nem piscou frente à violação da lei da Torre. Elaida dissera a verdade, como pretendia que fosse transmitida. Sendo assim, ela *era* a lei da Torre. — Inclusive, quero que também enforcem os mortos. Que sirvam de aviso para qualquer homem que pensar em tocar a Fonte Verdadeira. Mande Toveine vir me ver. Vou querer ouvir o plano dela.

— Será como a senhora ordenar, Mãe. — A resposta foi fria e plácida, como o rosto da Curadora. — No entanto, se me permite a sugestão, talvez a senhora queira reconsiderar o envio de tantas irmãs para longe da Torre. Parece que as rebeldes acharam sua oferta pouco satisfatória. Já não estão mais em Salidar; estão em marcha. Os relatórios chegaram de Altara, mas a essa altura já devem estar em Murandy. E escolheram sua própria Amyrlin.

— A Curadora examinou a primeira folha da pilha de papéis, como se procurasse o nome. — Egwene al’Vere, ao que parece.

O fato de Alviarin ter esperado tanto para revelar aquela que era a informação mais importante deveria ter feito Elaida explodir de fúria. Em vez disso, a Amyrlin jogou a cabeça para trás e gargalhou. Só um domínio firme da própria dignidade evitou que batesse os pés com força no chão. A surpresa no rosto da Curadora a fez rir ainda mais intensamente, até precisar secar as lágrimas com os dedos.

— Você não viu graça — disse, quando enfim conseguiu falar, em meio às gargalhadas. — Ainda bem que você é Curadora, Alviarin, não Votante. No Salão, cega como está, em um mês as outras já a prenderiam num armário, só libertando você quando precisassem do seu voto.

— Eu vejo o bastante, Mãe. — A voz de Alviarin não saiu apaixonada; poderia até ter congelado as paredes, de tão fria. — Vejo trezentas Aes Sedai rebeldes, talvez mais, marchando até Tar Valon com um exército liderado por Gareth Bryne, reconhecido como grande capitão. Descontando os informes mais ridículos, esse exército pode somar mais de vinte mil cabeças. E, com Bryne na liderança, outros se juntarão a eles em cada aldeia e cidade por onde passarem. Não afirmo que o grupo tem a esperança de tomar a cidade, claro, mas não é nem de longe motivo para gargalhadas. O Grão-capitão Chubain deve ser encarregado de aumentar o recrutamento para a Guarda da Torre.

Elaida encarou o peixe quebrado com amargura, então se levantou e andou a passos firmes até a janela mais próxima, mantendo-se de costas para Alviarin. O palácio em construção aliviou a angústia, assim como a pequena tira de papel que ainda segurava.

Abriu um sorriso para seu futuro palácio.

— Trezentas rebeldes, sim... Mas você deveria reler o relato de Tarna. Pelo menos cem já estão a ponto de ceder.

Elaida confiava em Tarna até certo ponto; era uma Vermelha sem espaço na cabeça para bobagens e dizia que as rebeldes estavam temerosas. Ovelhas desesperadas à procura de um pastor, dizia a mulher. Era uma bravia, claro, mas tinha bom senso. Tarna estaria de volta em breve, com um relato mais completo. Não que fosse necessário. Os planos de Elaida já estavam surtindo efeito entre as rebeldes. Mas isso era segredo.

— Tarna sempre teve muita certeza de que conseguiria convencer os outros a fazer o que estava claro que jamais fariam.

Teria havido uma ênfase naquela frase, alguma entonação significativa? Elaida decidiu ignorar. Precisava ignorar muita coisa de Alviarin, mas o dia dela ainda chegaria. E logo.

— Quanto ao exército, filha, Tarna diz que são dois ou três mil homens, no máximo. Se houvesse mais, essas rebeldes estariam exibindo seus números para nos intimidar. — Elaida achava que os olhos-e-ouvidos exageravam, para que as informações parecessem mais valiosas do que de fato eram. Só se podia confiar mesmo nas irmãs. As Vermelhas, pelo menos. Algumas. — Mas eu não me importaria se houvesse de fato vinte mil, ou cinquenta, ou cem. Você consegue sequer imaginar o porquê? — Quando ela se virou, encontrou Alviarin com o rosto composto e sereno, uma máscara sobre a ignorância ofuscante. — Você parece ter familiaridade com todos os aspectos da lei da Torre. Qual é a punição para as rebeldes?

— Para as líderes, o estancamento — respondeu Alviarin, hesitante. Ela franziu o cenho de leve, balançando minimamente as saias ao remexer os pés. Bom. Até uma Aceita sabia daquilo, e a mulher não vira sentido na pergunta de Elaida. Muito bom. — Para muitas das outras, também.

— Talvez.

As próprias líderes tinham chance de escapar desse destino, pelo menos a maioria, caso fizessem o que era certo e se entregassem. A penalidade mínima prevista em lei era o espancamento com varadas no Grande Salão, diante de todas as irmãs reunidas, seguida por pelo menos um ano e um dia de penas públicas. Nada, porém, afirmava que a punição deveria ser aplicada toda de uma vez: um mês aqui, um mês ali, e as mulheres ainda estariam cumprindo suas penas dali a dez anos, como um lembrete constante do que acontecia a quem se opunha a Elaida. Algumas seriam estancadas, claro... *Sheriam*, algumas supostas Votantes mais notórias... mas só o suficiente para que as outras temessem dar mais passos em falso, não o bastante para enfraquecer a Torre. A Torre Branca precisava se manter íntegra, precisava estar forte. Forte e sob rédeas firmes.

— Somente um dos crimes cometidos por elas *exige* o estancamento — prosseguiu Elaida.

Alviarin abriu a boca. Já houvera outras rebeliões, mas tinham sido tão escondidas que poucas irmãs tinham conhecimento dos fatos. As Crônicas não diziam palavra, e as listas de estancadas e executadas permaneciam apenas nos registros abertos à Amyrlin, à Curadora, às Votantes e às poucas bibliotecárias que os guardavam. Mas Elaida não deu a Alviarin oportunidade de falar, apenas prosseguiu:

— Qualquer mulher que, por mentira ou falsidade, reivindique o título de Trono de Amyrlin *deve* ser estancada. Se essas rebeldes achassem que têm a menor chance de sucesso, *Sheriam* seria a Amyrlin. Talvez Lelaine, ou Carlinya, ou uma das outras. — Tarna reportara que Romanda Cassin voltara da aposentadoria. Romanda teria agarrado a estola com mãos ávidas se houvesse um décimo de chance de dar certo. — Em vez disso, escolheram uma *Aceita*!

Elaida balançou a cabeça, numa expressão sarcástica e satisfeita. Poderia citar cada palavra da lei que discorria sobre a escolha de uma mulher para ocupar o Trono de Amyrlin — afinal, ela própria fizera bom uso disso —, e nenhuma afirmava a necessidade de que a mulher fosse uma irmã plena. Era óbvio que *deveria* ser, de forma que as legisladoras nem se preocuparam em mencionar o fato, e essa tinha sido a brecha pela qual as rebeldes tinham se espremido.

— Elas sabem que não há esperança para a causa, Alviarin. Pretendem se vangloriar gritando ameaças vãs, tentando cavar alguma proteção contra as punições, para depois entregar a garota em sacrifício.

O que era uma pena. A tal al’Vere era mais um instrumento para manipular al’Thor e, quando atingisse força plena com o Poder Único, poderia ser uma das mais poderosas em mais de mil anos. Uma pena mesmo.

— Essa história de Gareth Bryne e um exército não me soam como tentativas de se vangloriar. O exército delas vai levar cinco ou seis meses para chegar a Tar Valon. Nesse meio-tempo, o Grão-capitão Chubain poderia aumentar a Guarda...

— O *exército* delas — repetiu Elaida, com desdém. Alviarin era tão idiota. Um coelhinho assustado, apesar da aparência impassível. Dali a pouco estaria repetindo as bobagens da tal Sanche sobre os Abandonados estarem à solta. Claro que ela não sabia do segredo, mas mesmo assim... — Só fazendeiros segurando lanças, açougueiros com arcos, alfaiates a cavalo! E, a cada passo, vão todos pensando nas Muralhas Reluzentes, que puseram Artur Asa-de-gavião em xeque. — Não, não um coelhinho assustado. Alviarin era uma doninha astuta. De todo modo, cedo ou tarde Elaida estaria enfeitando sua capa com a pele daquela doninha. Quisesse a Luz que fosse logo. — A cada passo do caminho, esse exército vai perder um

homem, quiçá dez. Não vou achar nenhuma surpresa se as rebeldes aparecerem aqui apenas com seus Guardiões.

Gente demais sabia da cisão da Torre. Quando a rebelião fosse aplacada, claro que tudo poderia ser manipulado de modo a parecer uma manobra estratégica, uma parte da conquista de controle do jovem al'Thor. Levaria um esforço de anos e gerações antes que as memórias se esvaíssem. Cada uma das rebeldes pagaria por aquilo de joelhos.

Elaida cerrou o punho como se agarrasse todas aquelas mulheres pela garganta. Ou Alviarin.

— Eu pretendo destruí-las, filha. Elas vão se despedaçar feito melão podre. — Seu segredo garantia isso, por mais fazendeiros e alfaiates em quem Lorde Bryne se fiasse, mas a Curadora que pensasse o que quisesse. De súbito, a Previsão tomou conta dela, uma certeza que nem com imagens concretas seria tão forte. Elaida poderia saltar de um penhasco às cegas, por aquela certeza. — A Torre Branca vai recuperar a integridade, exceto pelas banidas e rejeitadas, e, unida, será mais forte que nunca. Rand al'Thor enfrentará o Trono de Amyrlin e conhecerá sua fúria. A Torre Negra será lacerada em sangue e fogo, e as irmãs caminharão por ela. Isso eu Prevejo.

Como de costume, a Previsão a deixou trêmula e ofegante. Elaida se forçou a ficar parada, ereta, respirando devagar. Jamais deixava que vissem sua fraqueza. Alviarin, no entanto... estava com os olhos arregalados como nunca, os lábios abertos como se tivesse esquecido o que ia dizer. Um papel deslizou da pilha em suas mãos e quase caiu no chão antes que ela o agarrasse. Aquilo a trouxe de volta a si. Em um piscar de olhos, a Curadora recuperou a máscara de serenidade, uma imagem perfeita da calma das Aes Sedai. Mas sem dúvida ficara balançada. Ah, muito bom. Ela que ruminasse a certeza da vitória de Elaida. Que quebrasse os dentes de tanto ruminar.

Elaida respirou fundo, sentou-se outra vez junto à escrivaninha e apoiou a estatueta quebrada de peixe num cantinho onde não tivesse que encará-lo. Era hora de tirar vantagem da vitória.

— Há trabalho a ser feito hoje, filha. A primeira mensagem deve ir à Lady Caraline Damodred...

Elaida desfiou seus planos, explicando mais do que Alviarin já sabia e revelando um pouco do que ela não sabia, pois, no fim das contas, uma Amyrlin de fato precisava operar por meio de sua Curadora, por mais que a odiasse. Sentia prazer em observar os olhos de Alviarin, observá-la imaginar o que mais ainda não saberia. Porém, enquanto Elaida ordenava, dividia e classificava o mundo entre o Oceano de Aryth e a Espinha do Mundo, a imagem do jovem al'Thor saltitava em sua mente, vindo ao seu encontro feito um urso enjaulado, pronto para ser ensinado a dançar em troca de comida.

As Crônicas não conseguiriam registrar os anos da Última Batalha sem mencionar o Dragão Renascido, mas Elaida sabia que um nome seria maior do que todos os outros. Elaida do Avriny a'Roihan, a filha mais jovem de uma Casa menor ao norte de Murandy, entraria para a história como o maior e mais poderoso Trono de Amyrlin de todos os tempos. A mulher mais poderosa da história do mundo. A salvadora da humanidade.

* * *

Parados em um grande recôncavo nas colinas baixas cobertas de grama marrom, os Aiel pareciam estátuas, ignorando as camadas de poeira levantadas pelas rajadas de vento. Naquela época do ano já deveria haver um espesso acúmulo de neve no chão, mas isso não os incomodava; nenhum deles jamais vira neve, e o tempo quente feito um forno, mesmo

com o sol ainda a caminho de seu zênite, era mais fresco que o Deserto de onde vinham. Estavam todos atentos ao aclave mais ao sul, aguardando o sinal que anunciaria a chegada do destino dos Aiel Shaido.

Sevanna parecia calma como as outras, embora um círculo das Donzelas a deixasse em destaque, todas muito tranquilas, acomodadas de cócoras, os véus negros já encobrendo as faces, até os olhos. Sevanna também esperava, e com mais impaciência do que se permitia demonstrar, mas não a ponto de abandonar a compostura. Era a principal razão por que ela comandava e as outras obedeciam. Havia também o fato de que ela sabia as consequências de se recusar a permitir que hábitos ultrapassados e tradições antiquadas deixassem a pessoa de mãos atadas.

Um leve tremeluzir de seus olhos verdes para a esquerda revelou doze homens e uma mulher, cada um com um broquel redondo de couro de boi e três ou quatro lanças curtas, usando os *cadin'sor* cinza e marrons que se mesclavam bem ao terreno, tal e qual na Terra da Trindade. Efallin, com os cabelos curtos e grisalhos encobertos pela *shoufa* que envolvia a cabeça, às vezes olhava na direção de Sevanna; se alguma Donzela da Lança jamais havia mostrado inquietação, era Efallin. Algumas Donzelas Shaido tinham rumado para o sul, juntando-se aos idiotas pulando ao redor de Rand al'Thor, e Sevanna não duvidava de que as outras comentassem a respeito. Efallin devia se perguntar se fornecer uma escolta de Donzelas a Sevanna, como se ela algum dia tivesse sido *Far Dareis Mai*, seria o bastante para equilibrar isso. Pelo menos Efallin sabia muito bem onde estava o verdadeiro poder.

Os homens, assim como Efallin, lideravam sociedades guerreiras dos Shaido e observavam uns aos outros entre as olhadelas que dispensavam ao aclave. Sobretudo o troncado Maeric, que era *Seia Doon*, e Bendhuin, com aquele rosto cheio de cicatrizes, que era dos *Far Aldazar Din*. Depois

daquele dia, nada mais impediria que os Shaido enviassem um homem a Rhuidean para ser marcado como chefe do clã, se sobrevivesse. Até que isso acontecesse, Sevanna falava como chefe do clã, posto que era viúva do último chefe. Dos *dois últimos* chefes. E que morressem engasgados os que sussurravam que ela dava azar.

Os braceletes de ouro de marfim tilintaram de leve quando Sevanna ajeitou o xale escuro por cima dos braços e arrumou os colares, a maioria também de ouro e marfim. Mas um dos colares era um bloco de pérolas e rubis que pertencera a uma nobre aguacenta — a mulher agora usava branco e andava de cima a baixo com os outros *gai'shain*, nas montanhas chamadas Adaga do Fratricida —, adornado com um rubi do tamanho de um ovo de galinha pequeno, que pendia aninhado entre os seios. Os aguacentos tinham prendas suntuosas. Uma esmeralda enorme em seu dedo transformava a luz do sol em fogo verde; anéis nos dedos eram um costume dos aguacentos, e Sevanna não ligava para as frequentes encaradas por adotá-los. Teria outros, se encontrasse mais algum tão magnífico quanto aquele.

Os homens quase todos achavam que o primeiro a receber permissão das Sábias para tentar ir a Rhuidean seria Maeric ou Bendhuin. Naquele grupo, apenas Efallin suspeitava que nenhum dos dois seria o escolhido, e apenas suspeitava — a mulher também era astuta o bastante para revelar suas suspeitas com cautela, e apenas a Sevanna. A mente dos outros não abarcaria a possibilidade de alterar o costume antigo, e, na verdade, por mais que Sevanna estivesse impaciente para assumir o novo, também estava ciente de que deveria conduzir a mudança bem devagar. Muitos dos costumes antigos já tinham mudado, desde que os Shaido cruzaram a Muralha do Dragão até as terras aguacentas — ainda aguacentas, se comparadas à Terra da Trindade —, mas ainda haveria mais mudanças.

Depois que Rand al'Thor estivesse em suas mãos, depois que estivesse casada com o *Car'a'carn*, o chefe dos chefes dos Aiel — essa bobagem de Dragão Renascido era besteira dos aguacentos —, haveria uma nova forma de denominar os chefes de clã e também os chefes de ramo. Talvez até as lideranças das sociedades guerreiras. Rand al'Thor nomearia todos. Apontando sempre para onde ela mandasse, claro. E seria apenas o início. Teriam o costume aguacento de passar as graduações a seus filhos, e aos filhos dos filhos, por exemplo.

O vento soprou mais alto por um instante, para o sul. Encobriria o som dos cavalos e carroções dos aguacentos.

Sevanna remexeu o xale outra vez, contendo uma careta. Não podia aparentar nervosismo, custasse o que custasse. Uma olhadela para a direita estancou a preocupação incipiente. Mais de duzentas Sábias dos Shaido estavam reunidas ali, e pelo menos algumas decerto a estariam vigiando feito abutres, mas todas mantinham os olhos na encosta. Mais de uma ajeitava o xale, inquieta, ou alisava as saias pesadas. Sevanna contorceu o lábio. Suor escorria de alguns daqueles rostos. Suor! Onde estava a honra delas, demonstrando nervosismo diante de todos aqueles olhos?

Todos se empertigaram de leve quando um jovem *Sovin Nai* surgiu logo acima, baixando o véu enquanto descia. O homem foi direto até Sevanna, como era adequado, mas, para a sua irritação, ergueu a voz o bastante para que todos ouvissem.

— Um dos batedores adiante escapou. Estava ferido, mas ainda a cavalo.

Os líderes das sociedades já estavam se mexendo antes mesmo que o homem concluísse a fala. Aquilo era inaceitável. Os homens liderariam as lutas de fato — Sevanna nunca fizera mais que segurar uma lança na vida —, mas ela não os deixaria esquecerem quem era, nem por um instante.

— Todas as lanças contra eles — ordenou, em voz alta —, antes que consigam se preparar.

Os homens a circundaram em um só grupo.

— Toda as lanças? — inquiriu Bendhuin, incrédulo. — Quer dizer, exceto pelo grupo da dianteira...

Maeric, de cara fechada, pronunciou-se por cima dele:

— Se ficarmos sem reserva, podemos ser...

Sevanna interrompeu os dois:

— Todas as lanças! É contra Aes Sedai que estamos dançando. Temos que dominá-las imediatamente!

Efalin e quase todos os outros eram treinados para manter as feições impassíveis, mas Bendhuin e Maeric franziram o sobrolho, prontos para discutir. Idiotas. Estavam enfrentando umas poucas dezenas de Aes Sedai e umas poucas centenas de soldados aguacentos, mas, mesmo com os mais de quarenta mil *algai'd'siswai* que insistiram em chamar, ainda queriam batedores na dianteira e lanças de reserva, como se enfrentassem outros Aiel ou um verdadeiro exército de aguacentos.

— Eu falo como chefe do clã dos Shaido. — Sevanna não devia ter que dizer isso, mas um lembrete não faria mal. — Os inimigos são poucos. — Ela pesava todas as palavras com desprezo. — Podem ser derrubados, se as lanças forem ágeis. Vocês estavam prontos para vingar Desaine hoje de manhã. É medo esse cheiro que sinto agora? Medo de *uns aguacentos*? Os Shaido perderam a honra?

Aquilo fez os rostos dos líderes empedernirem, como era a intenção. Até os olhos cinzentos de Efalin reluziam feito pedras preciosas polidas enquanto ela cobria o rosto com o véu. A mulher remexeu os dedos, na linguagem de sinais das Donzelas, e, quando os líderes das sociedades subiram a encosta a toda, as Donzelas que circundavam Sevanna foram

atrás. Não era *aquilo* que Sevanna planejava, mas pelo menos as lanças estavam se movendo. Mesmo do ponto mais fundo do recôncavo, dava para ver o que parecia o chão nu vomitando silhuetas vestidas em *cadin'sor*, todas disparando para o sul com suas passadas compridas, mais ligeiras que as dos cavalos. Não havia tempo a perder. Pensando na conversa que teria com Efallin mais tarde, Sevanna virou-se para as Sábias.

Tinham sido escolhidas entre as Sábias mais fortes dos Shaido capazes de manejar o Poder Único, seis ou sete para cada Aes Sedai junto de Rand al'Thor, mas ainda assim Sevanna via dúvida em seus olhares. As mulheres tentavam disfarçar a incerteza por trás de rostos empedernidos, mas a dúvida estava lá, nos olhos que se remexiam, nas línguas que umedeciam os lábios. Muitas tradições tinham caído por terra, tradições antigas e fortes como a lei. As Sábias não tomavam parte em batalhas. As Sábias guardavam distância das Aes Sedai. Conheciam as histórias antigas, os contos de que os Aiel tinham sido mandados para a Terra da Trindade por terem falhado com as Aes Sedai, que seriam destruídos se falhassem com elas outra vez. Tinham ouvido as histórias, o que Rand al'Thor alegara diante de todos — tinham ouvido que, enquanto serviam às Aes Sedai, os Aiel tinham jurado nunca cometer um ato de violência.

Em outros tempos, Sevanna tivera certeza de que aquelas histórias eram mentira. Ultimamente, no entanto, acreditava que as Sábias tomassem aquilo como verdade. Nenhuma lhe dissera isso, claro. Não interessava. Ela própria jamais fizera as duas jornadas a Rhuidean necessárias para se tornar Sábua, mas mesmo assim tinha sido aceita, por mais relutância que algumas tivessem demonstrado. Agora, as Sábias não tinham escolha a não ser aceitá-la. As tradições inúteis serviriam de base para entalhar novas.

— Aes Sedai — começou, baixinho. As Sábias se inclinaram em sua direção, em um clangor mudo de braceletes e colares, para ouvir as palavras

baixas. — Elas detêm Rand al'Thor, o *Car'a'carn*. Temos de tomá-lo de volta.

Notou algumas carrancas isoladas. A maioria acreditava que Sevanna queria o *Car'a'carn* resgatado vivo para vingar a morte de Couladin, seu segundo marido. Entendiam a questão, mas não teriam ido até lá por conta disso.

— Aes Sedai — repetiu Sevanna, em um sibilo irritado. — Nós mantivemos a nossa promessa, mas elas quebraram a delas. Nós não violamos nada, mas elas violaram tudo. Vocês sabem como Desaine foi morta. — Naturalmente, todas sabiam. Os olhos que a observavam de súbito ficaram mais penetrantes. Matar uma Sábua era tão grave quanto matar uma grávida, uma criança ou um ferreiro. Alguns daqueles olhos estavam *muito* penetrantes. Os de Therava, os de Rhiale, de outras... — Se permitirmos que essas mulheres escapem ilesas, *nós* é que seremos piores que animais, *nós* é que não teremos honra. *Eu* mantenho a minha honra.

Assim, Sevanna segurou as saias com dignidade e subiu a encosta de cabeça erguida, sem olhar para trás. Tinha certeza de que as outras iriam segui-la. Therava, Norlea e Dailin garantiriam isso, assim como Rhiale, Tion e Meira e o restante das que a haviam acompanhado uns dias antes, para ver Rand al'Thor espancado e enfiado em um baú de madeira guardado pelas Aes Sedai. O lembrete tinha sido mais para aquelas treze que para as outras, e aquelas treze não ousariam decepcioná-la. A verdade sobre a morte de Desaine as prendia a Sevanna.

Por mais depressa que corressem, Sábias segurando as saias erguidas para manter os pés livres não podiam manter o ritmo dos *algai'd'siswai* em seus *cadin'sor*, embora fossem muito rápidas. Cinco milhas daquelas colinas ondulantes, uma corrida pequena, e chegaram ao cume, onde viram que a dança das lanças já tinha começado. Pelo menos de certo modo.

Milhares de *algai'd'siswai* formavam uma imensa poça de véus cinza e marrons avançando ao redor de um círculo de carroções dos aguacentos, que rodeavam um dos pequenos aglomerados de árvores que pontilhavam a região. Sevanna soltou um suspiro irritado. As Aes Sedai tinham tido tempo até mesmo de esconder todos os cavalos entre as árvores. As lanças circundavam os carroções, pressionando seus ocupantes, cobrindo os oponentes de flechas, mas os Aiel na frente pareciam empurrar uma muralha invisível. De início, as flechas que descreviam uma curva arqueada mais alta passavam por cima dessa muralha, até que também começaram a acertar uma barreira invisível e quicar de volta. Um murmúrio baixo se elevou entre as Sábias.

— Estão vendo o que as Aes Sedai fazem? — inquiriu Sevanna, como se também pudesse ver a tessitura do Poder.

Teve vontade de fazer uma careta de desprezo. As Aes Sedai eram tolas, alardeando seus Três Juramentos. Quando por fim decidissem que precisavam usar o Poder Único como arma, em vez de simplesmente para erguer barreiras, seria tarde demais. Contanto que as Sábias não ficassem muito tempo olhando. Rand al'Thor estava em algum lugar daqueles carroções, talvez ainda espremido dentro de um baú, feito um rolo de seda. Esperando que Sevanna o resgatasse. Se as Aes Sedai podiam dominá-lo, ela também poderia, com ajuda das Sábias. E com uma promessa.

— Therava, leve sua metade para o oeste. Fique pronta para atacar quando eu atacar — comandou a líder dos Shaido. — Por Desaine e pela *toh* que as Aes Sedai devem a nós. Vamos fazê-las cumprir a *toh* como ninguém jamais fez.

Era uma tolice falar em fazer alguém cumprir uma obrigação que não havia reconhecido, mas, nos murmúrios nervosos das outras mulheres, Sevanna ouviu outras promessas furiosas de fazer as Aes Sedai cumprirem

sua *toh*. Só as que haviam matado Desaine por ordem de Sevanna é que ficaram em silêncio. Os lábios finos de Therava se apertaram de leve, mas ela enfim disse:

— Será como quiser, Sevanna.

Avançando a um trote tranquilo, Sevanna conduziu sua metade das Sábias para o lado leste da batalha, se é que podia já ser chamada assim. Queria permanecer em uma encosta onde pudesse ter boa visão — era assim que um chefe de clã dirigia a dança das lanças —, mas, nesse aspecto, não encontrou apoio nem de Thevara, nem das outras que compartilhavam o segredo sobre a morte de Desaine. As Sábias nas fileiras faziam forte contraste com os *algai'd'siswai*; usavam suas blusas de *algode*, suas saias, seus xales de lã escura, seus braceletes e colares cintilantes e seus cabelos até a cintura presos por lenços escuros dobrados. Apesar da decisão de que, se fosse para estarem na dança das lanças, estariam no meio, não em uma encosta afastada, Sevanna não acreditava que aquelas mulheres já tivessem percebido que a verdadeira batalha daquele dia era delas. Depois daquela luta, nada seria igual, e amarrar Rand al'Thor seria a menor parte das mudanças.

Entre os *algai'd'siswai* que encaravam os carroções, apenas a altura permitia distinguir homens de Donzelas. Véus e *shoufa* escondiam cabeças e rostos, e *cadin'sor* eram *cadin'sor*, a despeito das diferenças de corte que marcavam cada clã, ramo e sociedade. Os que estavam fora do círculo pareciam confusos, resmungando entre si enquanto esperavam que algo acontecesse. Tinham ido preparados para dançar com os raios das Aes Sedai, mas apenas aguardavam, impacientes, afastados demais até para usar os arcos de chifre, ainda guardados nos estojos de couro às costas. Não teriam que esperar muito tempo mais, se Sevanna conseguisse o que queria.

Com as mãos na cintura, ela dirigiu-se às outras Sábias.

— As que estiverem a sul de mim vão interromper o que as Aes Sedai estão fazendo. As ao norte, vão atacar. Avante com as lanças!

Dado o comando, Sevanna se virou para observar a destruição das Aes Sedai, que pensavam ter apenas aço para enfrentar.

Nada aconteceu. À sua frente ebulia a massa de *algai'd'siswai*, inútil, e o som mais alto eram as ocasionais batidas das lanças nos broquéis. Sevanna reuniu sua fúria, envolvendo-a feito a trama de um carretel. Tivera tanta certeza de que as Sábias estavam prontas, depois daquela exibição do corpo retalhado de Desaine, mas, se elas ainda acreditavam ser impensável atacar uma Aes Sedai, Sevanna iria ensiná-las na marra, nem que tivesse de envergonhar a todas até que exigissem usar o branco dos *gai'shain*.

De súbito, uma bola de puro fogo, do tamanho da cabeça de um homem, elevou-se em arco em direção aos carroções, chiando e crepitando, depois outra, então dezenas de outras. O grupo ao redor dela se dispersou. Mais bolas de fogo vieram do oeste, de Therava e das outras. Fumaça começou a se erguer dos carroções em chamas, primeiro em pequenas colunas cinzentas, depois em pilares grossos e negros. Os murmúrios dos *algai'd'siswai* mudaram de tom, e, ainda que imediatamente à frente dela os homens se movessem pouco, havia uma sensação súbita de que era hora de avançar. Gritos irrompiam dos carroções, homens urrando de raiva e gemendo de dor. Fossem quais fossem as barreiras das Aes Sedai, tinham sido derrubadas. Tinha começado, e só poderia haver um fim. Rand al'Thor seria dela e lhe entregaria os Aiel para tomar todas as terras aguacentas. E, antes de morrer, ele lhe daria filhos e filhas para liderar os Aiel depois dela. Sevanna poderia até gostar; era um homem muito bonito, na verdade, bem forte e jovem.

Não esperava que as Aes Sedai sucumbissem sem dificuldade, e não foi o caso. Bolas de fogo caíam entre as lanças, transformando as silhuetas de

cadin'sor em tochas, e raios desciam de um céu límpido, arremessando homens e terra pelo ar. Porém, as Sábias ou aprendiam com o que viam ou talvez já soubessem, mas estivessem hesitantes; a maioria canalizava tão raramente, sobretudo diante de alguém além das Sábias, que apenas outra Sábia sabia se determinada mulher era ou não capaz de canalizar. Fosse qual fosse o motivo, assim que os raios começaram a cair entre as lanças Shaido, outros raios acertaram os carroções.

Nem todos atingiam o alvo. Bolas de fogo traçavam o céu, algumas já maiores que cavalos, raios prateados golpeavam o chão feito lanças dos céus, às vezes de súbito ricocheteando para o lado, como se acertassem um escudo invisível, ou estourando no ar com violência, ou simplesmente desaparecendo por completo. Estrondos e estampidos enchiam o ar, entremeados de urros e gritos. Sevanna encarou o céu, em regozijo. Parecia uma apresentação dos Iluminadores, sobre as quais ela apenas lera a respeito.

De súbito o mundo embranqueceu diante de seus olhos. Sevanna parecia flutuar. Quando conseguiu enxergar outra vez, estava estirada no chão a doze passadas de distância, sentindo dor em cada músculo, respirando com dificuldade e coberta de terra. O cabelo parecia querer sair voando. Outras Sábias também estavam abatidas, paradas em volta de um buraco tosco de uma braça de comprimento que fora aberto no chão, e finos filetes de fumaça se elevavam dos vestidos de algumas. Nem todas tinham caído, e a batalha de luz e fogo ainda prosseguia no céu, porém muitas estavam no chão. Sevanna tinha que mandá-las de volta para a dança.

Forçando-se a respirar, a líder se levantou, cambaleante, sem se dar ao trabalho de espanar a poeira da roupa.

— Avancem as lanças! — gritou.

Agarrou os ombros pontudos de Estalaine e começou a puxar a mulher para se levantar, mas os olhos azuis embotados a fizeram perceber que ela estava morta, então a largou de volta no chão. Ergueu Doraila, atônita, depois apanhou a lança de um Andarilho do Trovão caído e a sacudiu bem alto, gritando:

— Avante com as lanças!

Algumas das Sábias pareceram interpretá-la ao pé da letra, arrastando-se até o meio da massa de *algai'd'siswai*. Outras mantiveram a cabeça no lugar, ajudando as que podiam se levantar, e a tempestade de fogo e raios prosseguiu enquanto Sevanna cruzava a fileira de Sábias de um extremo a outro, enfurecida, brandindo a lança e gritando:

— Avancem as lanças! Avante as lanças!

Queria rir, então de fato riu. Jamais se sentira tão alegre, coberta de poeira e com a batalha em pleno ardor. Quase desejou ter escolhido se tornar Donzela da Lança. Quase. Nenhuma *Far Dareis Mai* jamais poderia ser chefe de clã, bem como um homem não podia ser uma Sábia; o caminho de uma Donzela para o poder era abrir mão da lança e tornar-se Sábia. Ao desposar um chefe de clã, Sevanna alcançara o poder em uma idade na qual mal deixavam uma Donzela empunhar uma lança ou uma aprendiz de Sábia ir buscar água. E, agora, tinha tudo: era Sábia e chefe de clã, embora ainda fosse levar um tempo para levar crédito pelo último título. Os títulos importavam pouco, contanto que tivesse poder... mas por que não ter ambos?

Um grito súbito a fez virar o corpo, e Sevanna ficou de queixo caído ao ver um lobo desgrehado e cinzento rasgando a garganta de Dosera. Sem pensar, cravou a lança no flanco do animal. Ao mesmo tempo que a fera se virava para abocanhar o cabo da lança, outro lobo da altura da cintura de Sevanna passou por ela, saltando, se lançando sobre as costas de um

algai'd'siswai. Depois veio outro lobo, e mais outro, estraçalhando as figuras de *cadin'sor* por qualquer lado onde pousasse seu olhar.

A mulher foi tomada por um medo supersticioso enquanto recolhia a lança. As Aes Sedai tinham convocado os lobos para lutar! Não conseguia tirar o olho do lobo que matara. As Aes Sedai tinham... não. Não! Isso não podia mudar nada. Não permitiria que mudasse.

Por fim, conseguiu desviar os olhos. Mas, antes que pudesse gritar novas palavras de incentivo às Sábias, algo silenciou sua língua e a fez parar para olhar. Um bando de cavaleiros aguacentos, com placas peitorais e capacetes vermelhos, atacava os Aiel com espadas, desferindo golpes com lanças compridas, adentrando no meio dos *algai'd'siswai*. De onde tinham surgido?

Não percebeu que perguntara em voz alta, até que Rhiale respondeu:

— Eu tentei avisar, Sevanna, mas você não escutou. — A mulher de cabelos cor de fogo encarou a lança ensanguentada, cheia de nojo. Sábias não deveriam usar lanças. Sevanna apoiou a arma na dobra do cotovelo, num gesto ostentoso, da forma como vira os chefes fazerem, enquanto Rhiale prosseguia. — Os aguacentos atacaram do sul. Aguacentos e *siswai'aman*. — Rhiale impregnou a palavra de todo o desdém apropriado aos que intitulavam a si mesmos de Lanças do Dragão. — Donzelas também. E... e Sábias.

— Lutando? — inquiriu Sevanna, incrédula, antes de perceber como aquilo soara.

Se ela podia se livrar dos costumes decadentes, sem dúvida esse povo ao sul cegado pelo sol, essa gente que ainda se denominava Aiel, também poderia. No entanto, Sevanna não esperara por isso. Sem dúvida Sorilea os levara até lá; aquela velha lembrava Sevanna de um deslizamento de terra montanha abaixo, carregando tudo à frente.

— Temos que atacá-los imediatamente. Elas não terão Rand al'Thor! Nem vão arruinar nossa vingança por Desaine! — acrescentou, ao ver Rhiale arregalar os olhos.

— Elas são Sábias — retrucou Rhiale, em um tom inexpressivo.

Sevanna compreendeu, amargamente. Juntar-se à dança das lanças já era ruim o bastante, mas Sábias atacando Sábias era demais até para Rhiale. A mulher concordara que Desaine deveria morrer... de que outra forma as outras Sábias poderiam ser convencidas a atacar Aes Sedai, sem mencionar os *algai'd'siswai*? E o ataque era necessário para ter Rand al'Thor nas mãos dos Shaido, levando consigo todos os Aiel. Ainda assim, a coisa fora feita em segredo, rodeada de mulheres da mesma opinião. Aquilo seria diante de todos. Tolas e covardes, todas elas!

— Então lute contra os inimigos com quem consegue se forçar a lutar, Rhiale. — Sevanna cuspiu cada palavra com tanto escárnio quanto pôde, mas Rhiale limitou-se a assentir, ajeitar o xale e dar outra olhadela para a lança no braço de Sevanna antes de retornar para o seu lugar na fileira.

Talvez houvesse uma forma de fazer as outras Sábias se mexerem primeiro... Era melhor atacar de surpresa, mas qualquer coisa era melhor do que aquelas mulheres arrancarem Rand al'Thor de suas mãos. O que não daria por uma mulher capaz de canalizar e obedecer a ordens sem empacar... O que não daria para estar em uma encosta, de onde pudesse avaliar o curso da batalha...

Com a lança a postos e um olhar cauteloso para os lobos — os que podia ver ou estavam matando homens e mulheres em *cadin'sor*, ou estavam mortos —, Sevanna retomou os gritos de encorajamento. Ao sul, caía mais fogo e raios por entre os Shaido do que antes, mas não parecia fazer diferença. A batalha, com suas explosões de chamas, terra e gente, continuava no mesmo ritmo.

— Avancem as lanças! — gritou, brandindo a arma. — Avancem as lanças!

Entre os *algai'd'siswai* que se reviravam, não havia como distinguir qualquer dos idiotas que tinham amarrado um pedaço de tecido vermelho na testa e se denominavam *siswai'aman*. Talvez fossem poucos para alterar o curso dos acontecimentos. Os bandos de aguacentos certamente pareciam ser poucos, em grupos bem espaçados. Enquanto ela observava, um foi pisoteado por homens e cavalos e atingido por lanças golpeantes.

— Avancem as lanças! Avancem as lanças!

Sua voz exultava. Ainda que as Aes Sedai convocassem dez mil lobos, ainda que Sorilea tivesse trazido mil Sábias e cem mil lanças, os Shaido emergiriam vitoriosos. Os Shaido e ela própria. Sevanna dos Shaido Jumai seria um nome lembrado para sempre.

De súbito, um baque oco irrompeu em meio ao estrondo da batalha. Parecia vir da direção dos carroções das Aes Sedai, mas nada indicava se fora causado por elas próprias ou pelas Sábias. Sevanna não gostava do que não podia compreender, mas não queria perguntar a Rhiale ou às outras e alardear sua ignorância e a carência da habilidade que todas as outras ali possuíam. Aquela ausência não teria nenhum peso entre as Sábias, mas outra coisa da qual Sevanna não gostava era que outras pessoas tivessem um poder que não possuía.

Um lampejo trêmulo de luz entre os *algai'd'siswai* e a sensação de algo se virando a fez olhar de soslaio. Mas, quando olhou, não havia nada. A sensação se repetiu: um lampejo de luz no canto do olho, então outro, e, quando olhou, não havia nada à vista. Eram muitas coisas que não compreendia.

Gritando palavras de incentivo, Sevanna encarou a fileira de Sábias dos Shaido. Algumas pareciam sujas e enlameadas, os lenços da cabeça tinham

desaparecido, deixando os longos cabelos soltos; as saias e blusas estavam cobertas de terra ou até rasgadas. Pelo menos dez jaziam estiradas em uma fileira, gemendo, e mais sete estavam imóveis, os xales cobrindo o rosto. As que estavam de pé eram as que interessavam. Rhiale e Alarys, com a fina cabeleira negra toda bagunçada. Someryn, que se habituara a usar a blusa com o laço solto, para exibir um decote ainda mais generoso que o da própria Sevanna, e Meiras, com seu rosto comprido ainda mais taciturno que de costume. A corpulenta Tion, e a magrela Belinde, e Modarra, tão alta como muitos homens.

Uma delas a informaria caso fizessem algo de novo. O segredo de Desaine as unia a Sevanna; mesmo para uma Sábua, essa revelação traria uma vida inteira de dor — e pior, de vergonha — tentando cumprir a *toh*, isso se ela não fosse simplesmente lançada nua no meio do nada para viver ou morrer como conseguisse, decerto para ser morta como uma besta por quem quer que a encontrasse. Ainda assim, Sevanna tinha certeza de que aquelas mulheres sentiam tanto prazer quanto as outras em ocultar coisas dela, coisas que as Sábias descobriam durante seu período como aprendizes e nas jornadas até Rhuidean. Teria que fazer algo a respeito, porém ficaria para mais tarde. Não exibiria fraqueza perguntando o que elas tinham feito no meio do confronto.

Voltando-se para a batalha, notou que o equilíbrio se alterava, e parecia a seu favor. Ao sul, bolas de fogo e raios de luz desabavam com mais força do que nunca, mas não diante dela, e não pareciam ir a oeste nem a norte. Quase todos os ataques lançados contra os carroções ainda falhavam em chegar ao chão com mais frequência do que acertavam, mas, mesmo assim, os esforços das Aes Sedai estavam se enfraquecendo. As mulheres aguacentas haviam sido forçadas a entrar na defensiva. Sevanna *estava* ganhando!

Enquanto aquele pensamento a arrebatava feito fogo puro, as Aes Sedai caíram em silêncio. Apenas a sul o fogo e os raios ainda caíam entre os *algai'd'siswai*. Sevanna abriu a boca para gritar vitória, então percebeu outro detalhe que a fez se calar: Conforme a fumaça dos carroções incendiados ia subindo, delineava a forma de um domo, até que se acumulou no topo, onde saía por um buraco no topo daquele tapume invisível.

Sevanna girou para confrontar a fileira de Sábias, mantendo uma expressão tão severa que várias recuaram, talvez também por causa da lança em sua mão. A mulher sabia que parecia prestes a usá-la — e estava mesmo.

— Por que é que vocês deixaram isso acontecer? — inquiriu, furiosa. — Por quê? Vocês tinham que impedir o que quer que elas tentassem fazer, não permitir que erguessem ainda mais barreiras!

Tion parecia prestes a vomitar, mas plantou os punhos nos largos quadris e encarou Sevanna bem nos olhos.

— Não foram as Aes Sedai.

— Não foram as Aes Sedai? — cuspiu Sevanna. — Então quem foi? As outras Sábias? Eu disse que era para atacar!

— Não foram mulheres — retrucou Rhiale, a voz falha. — Não foram... — Ela engoliu em seco, o rosto pálido.

Sevanna virou-se devagar para encarar o domo, só então lembrando-se de respirar outra vez. Algo se erguera pelo buraco por onde saía a fumaça. Um dos estandartes dos aguacentos. A fumaça não era densa o bastante para encobrir o estandarte por completo. Um tecido carmesim, com um disco metade branco e metade negro, as cores divididas por uma linha sinuosa, tal qual o pedaço de pano usado pelos *siswai'aman*. O estandarte de Rand

al'Thor. Seria aquele homem forte a ponto de ter se libertado, derrotado todas as Aes Sedai e erguido aquilo? Só podia ser.

A tempestade ainda açoitava o domo, mas Sevanna ouviu murmúrios atrás de si. As mulheres estavam pensando em bater em retirada. Sempre soubera que o caminho mais fácil até o poder estava em conquistar homens que já o possuísem, e já na infância tinha certeza de que nascera com as armas necessárias para isso. Suladric, chefe do clã dos Shaido, apaixonara-se quando Sevanna ainda tinha dezesseis anos, e, depois que o homem morreu, ela escolheu os substitutos mais prováveis. Tanto Muradin quanto Couladin acreditavam ter despertado o seu interesse, e, após o fracasso de Muradin em retornar de Rhuidean, tal e qual o de tantos outros homens, Couladin ganhou um sorriso e convenceu-se de que a conquistara. No entanto, o poder de um chefe de clã era fraco frente ao poder do *Car'a'carn*, e mesmo isso não era nada comparado ao que Sevanna via diante de si. Ela tremia como se tivesse visto o homem mais bonito que podia imaginar na tenda de vapor. Quando tivesse Rand al'Thor, conquistaria o mundo inteiro.

— Avancem! — ordenou. — Adiante! Vamos esmagar essas Aes Sedai, por Desaine!

E ela teria Rand al'Thor.

De súbito, ouviu-se um estrondo na dianteira da batalha: homens gritando, berrando. Sevanna praguejou, incomodada por não conseguir ver o que acontecia. Gritou outra vez para que as Sábias forçassem mais, mas parecia que as chamas e os raios lançados contra o domo apenas diminuía. Então ela pôde ver mais outra coisa.

Junto aos carroções, figuras de *cadin'sor* e montes de terra subiram pelo ar com um baque estrondoso — e não em um ponto só; uma longa fileira irrompeu pelos ares. Mais uma vez, o chão explodiu, então de novo e de

novo, cada vez um pouco mais longe dos carroções circundados. Não era uma fileira, mas sim um anel de explosões de terra, homens e Donzelas, e Sevanna não tinha dúvida de que o efeito envolvia todo o perímetro em torno dos carroções. Então de novo, de novo e de novo, sempre se expandindo, até que de repente os *algai'd'siswai* passavam correndo por ela, abrindo caminho pela fileira de Sábias, em disparada.

Sevanna os golpeava com a lança, açoitando cabeças e ombros, sem se importar quando a ponta afiada voltou mais vermelha do que antes.

— Fiquem e lutem! Fiquem, pela honra dos Shaido! — As figuras continuavam correndo, sem lhe dar atenção. — Vocês não têm honra! Fiquem e lutem!

Sevanna golpeou as costas de uma Donzela que fugia, mas a turba simplesmente passou correndo por cima da mulher caída. De súbito, percebeu que algumas das Sábias tinham ido embora, e outras estavam recolhendo os feridos. Rhiale virou-se para correr, mas Sevanna agarrou-a pelo braço e a ameaçou com a lança. Não se importava se Rhiale podia canalizar. — Temos que ficar! Ainda podemos ficar com ele!

O rosto da Sábia era uma máscara de medo.

— Se ficarmos, vamos morrer! – retrucou. — Ou vamos acabar acorrentadas no lado de fora da tenda de Rand al'Thor! Fique e morra se quiser, Sevanna. Eu não sou nenhum Cão de Pedra! — Ela se desvencilhou das mãos da líder e correu, ligeira, para o leste.

Sevanna permaneceu ali por mais uns instantes, deixando que os homens e as Donzelas a empurrassem de um lado a outro enquanto corriam, em pânico. Então atirou a lança para longe e tateou a bolsa do cinto, onde guardava um pequeno cubo de pedra com entalhes intrincados. Que bom que hesitara em jogá-lo fora. Ainda tinha outra corda para seu arco. Agarrou a barra das saias para desnudar as pernas e juntou-se à fuga

caótica; no entanto, ainda que todo o resto fugisse, aterrorizado, ela corria com um redemoinho de planos na cabeça. *Ainda teria* Rand al'Thor ajoelhado a seus pés, e as Aes Sedai também.

* * *

Alviarin enfim deixou os aposentos de Elaida, o semblante calmo e contido como sempre. Por dentro, sentia-se retorcida feito um pedaço de pano molhado. Conseguiu descer a passos firmes o longo lance de escadas em curva, feito de mármore até o topo. Serviçais uniformizados curvavam-se em medidas e reverências enquanto se apressavam para fazer suas tarefas, vendo apenas a Curadora em toda a sua serenidade de Aes Sedai. À medida que descia, começaram a aparecer irmãs, muitas usando os xales com franjas nas cores de suas Ajahs, como se para enfatizar por formalidade que *eram* irmãs plenas. Todas a olhavam quando passava, porém com frequência um olhar constrangido. A única a ignorá-la foi Danelle, uma irmã Marrom imersa em seu próprio mundinho. A mulher tomara parte na queda de Siuan Sanche e na ascensão de Elaida, mas vivia perdida em pensamentos, uma solitária sem amigas, mesmo na própria Ajah, sempre meio alheia ao fato de ter sido deixada de lado. As outras estavam cientes até demais. Berisha, uma Cinza esguia de olhar duro, e Kera, com o cabelo claro e os olhos azuis que vez ou outra apareciam entre os tairenos, além da arrogância tão comum às Verdes, limitaram-se a lhe dispensar uma reverência. Norine quase fez a medida, mas se conteve. A mulher de olhos grandes, por vezes quase tão sonhadora quanto Danelle, além de igualmente solitária, se ressentia de Alviarin: se era para a Curadora vir da Ajah Branca, Norine Dovarna achava que deveria ter sido ela própria.

Não era obrigatório prestar mesura em deferência à Curadora, não da parte de uma irmã, mas elas sem dúvida esperavam que Alviarin intercedesse com Elaida caso necessário. As outras limitavam-se a especular que ordens ela levava, se alguma irmã seria repreendida por qualquer falha aos olhos da Amyrlin. Nem as Vermelhas chegavam a cinco andares dos novos aposentos da Amyrlin sem serem convocadas, e mais de uma irmã se escondia sempre que Elaida descia. O próprio ar parecia quente, espesso, carregado com um medo que nada tinha a ver com rebeldes ou com homens canalizando.

Várias irmãs tentaram falar com ela, mas Alviarin passou ligeira, quase mal-educada, sem notar a preocupação que brotava nos olhos das outras frente à sua recusa em parar. Elaida enchia sua cabeça tanto quanto a das outras. Era uma mulher de muitas camadas. Um primeiro olhar revelava uma bela mulher, muito reservada e cheia de dignidade; o segundo, uma mulher de aço, dura como uma lâmina. Elaida pressionava onde os outros persuadiam, golpeava quando os outros tentavam a diplomacia ou o Jogo das Casas. Qualquer um notava sua inteligência, mas só depois de um tempo percebia que, apesar do cérebro, Elaida via o que queria ver e tentaria transformar em verdade o que desejava que de fato fosse verdade. Das duas verdades incontestes e assustadoras a respeito dessa Amyrlin, a menos relevante era a boa frequência com que ela conquistava o sucesso. E a mais importante era seu talento para a Previsão.

De tão errático e infrequente, era muito fácil de esquecer; fazia tanto tempo desde a última Previsão que a própria imprevisibilidade atingia a todos como um raio. Ninguém podia dizer quando viria, nem a própria Elaida, e ninguém podia dizer o que seria revelado. Alviarin quase sentia a presença da mulher a acompanhando e observando.

Talvez ainda fosse preciso matá-la. Nesse caso, Elaida não seria a primeira que Alviarin teria matado em segredo. Mesmo assim, hesitava em dar um passo desses sem uma ordem expressa, ou pelo menos com permissão.

Adentrou os próprios aposentos com uma sensação de alívio, como se a sombra de Elaida não pudesse ultrapassar a soleira da porta. Pensamento idiota... Se a mulher tivesse a menor suspeita sobre a verdade, nem mil léguas poderiam afastá-la do pescoço de Alviarin. Elaida esperava que ela estivesse trabalhando duro, redigindo pessoalmente as ordens para a assinatura e o selo da Amyrlin. Porém, ainda restava decidir quais dessas ordens seriam de fato cumpridas. A decisão não cabia a Elaida, claro. Nem à própria Alviarin.

Os aposentos eram menores que os de Elaida, embora com pé direito mais alto e uma sacada que dava para a grande praça diante da Torre, a cem pés de altura. Às vezes Alviarin ia à sacada para ver Tar Valon, a maior cidade do mundo, se estendendo à sua frente, apinhada de incontáveis milhares de pessoas que valiam menos que peças num tabuleiro. O mobiliário do recinto era domanês, de madeira clara listrada, com entalhes de conchas de pérolas e âmbar, carpetes brilhantes com padronagens florais e de arabescos, tapeçarias ainda mais brilhantes de florestas, flores e cervos no pasto. Tudo pertencera à última ocupante daqueles aposentos, e, ainda que Alviarin tivesse preservado tudo daquela maneira por nenhuma razão além de não querer perder tempo escolhendo novos itens, também serviam para lembrá-la do preço do fracasso. Leane Sharif metera o nariz em tramoias e falhara, e agora tinha sido apartada do Poder Único para sempre, uma refugiada impotente que dependia de caridade, condenada a uma vida de penúria até que desse um fim à própria existência ou simplesmente se encostasse em um muro e se deixasse morrer. Alviarin ouvira falar de

mulheres estancadas que tinham conseguido sobreviver, mas duvidaria até conhecer uma dessas mulheres. Mesmo que não tivesse o menor desejo de conhecê-las.

Via o brilho do início da tarde pelas janelas, mas, enquanto ainda estava no meio da sala de estar, a luz subitamente tornou-se um lusco-fusco. A escuridão não a surpreendeu. Ela se virou e se ajoelhou imediatamente.

— Grande Senhora, eu vivo para servir.

Uma mulher alta, toda feita de sombras escuras e luz prateada, estava parada diante dela. Mesaana.

— Conte o que aconteceu, criança. — A voz soava feito sinos de cristal.

De joelhos, Alviarin repetiu cada palavra que Elaida dissera, embora se perguntasse por que aquilo era necessário. No início, deixara de lado detalhes menos importantes, mas Mesaana sempre percebia e exigia *cada* palavra, cada gesto e expressão facial. Era evidente que a mulher bisbilhotava aqueles encontros. Alviarin tentara encontrar um sentido lógico, mas sem sucesso. No entanto, algumas coisas ainda seguiam a lógica.

Conhecera outros Escolhidos, que os tolos chamavam de Abandonados. Lanfear chegara a entrar na Torre, assim como Graendal, as duas imperiosas com sua força e conhecimento, deixando claro, sem precisar dizer uma só palavra, que Alviarin estava muito abaixo delas; que era uma serviçal, uma garota de recados que se contorcia de satisfação ao ouvir uma gentileza. Be'lal sequestrara Alviarin durante a noite, enquanto ela dormia — e a mulher ainda não sabia onde havia sido levada. Acordara na própria cama, o que a deixara ainda mais aterrorizada do que se de fato estivesse diante de um homem capaz de canalizar. Para Be'lal, ela era menos que um verme, menos que uma criatura viva; era uma mera peça do jogo, uma peça que ele movimentava como bem entendesse. Primeiro viera Ishamael, anos antes

dos outros, arrancando-a da massa escondida da Ajah Negra para colocá-la na liderança.

Diante de cada um, Alviarin se ajoelhara, dizendo genuinamente que vivia para servir, obedecendo aos comandos, quaisquer que fossem. Afinal de contas, seus mestres estavam apenas um passo abaixo do próprio Grande Senhor das Trevas, e, se ela quisesse as recompensas por seu serviço, se almejasse a imortalidade que os Escolhidos pareciam já possuir, era melhor obedecer. Ela se ajoelhara diante de cada um, e apenas Mesaana aparecera com rosto não humano. A capa de sombra e luz só podia ter sido urdida com o Poder Único, mas Alviarin não conseguia enxergar tessitura. Sentira a força de Lanfear e Graendal, soubera desde o primeiro instante o quanto eram mais fortes do que ela com o Poder, mas em Mesaana sentira... nada. Como se a mulher nem sequer pudesse canalizar.

A lógica era clara e assombrosa. Mesaana se escondia porque poderia ser reconhecida. Devia residir na própria Torre. Parecia impossível. No entanto, nada mais se encaixava. Dito isso, devia ser uma das irmãs; sem dúvida não estava entre os serviçais, levando uma vida de trabalho e suor. Mas quem? Muitas mulheres tinham passado anos fora da Torre, antes das convocações de Elaida, e muitas outras não possuíam amigas próximas, por vezes amiga nenhuma. Mesaana só podia ser uma dessas. Alviarin queria muito saber. Mesmo que não servisse para nada, conhecimento era poder.

— Então nossa Elaida fez uma Previsão — entoou Mesaana, e a Curadora percebeu, de sobressalto, que chegara ao fim do relato. Os joelhos doíam, mas ela sabia que não valia a pena se levantar sem permissão. Um dedo escuro bateu pensativamente nos lábios prateados. Já vira alguma irmã fazer esse gesto? — Estranho que ela seja tão clara e tão errática ao mesmo tempo. A Previsão sempre foi um Talento raro, e a maioria das que o possuíam falava de modo que apenas os poetas compreendessem. Em geral,

o mistério se mantinha até que fosse tarde demais. Depois, tudo sempre ficava muito claro. — Alviarin manteve o silêncio. Nenhum dos Escolhidos conversava; ou ordenavam, ou exigiam. — Previsões interessantes. As rebeldes destruídas... feito melão podre? Era isso?

— Não sei ao certo, Grande Senhora — respondeu, bem devagar. Será que fora isso? Mesaana, porém, apenas deu de ombros.

— Ou foi ou não foi, e em qualquer dos casos pode ser usado.

— Ela é perigosa, Grande Senhora. Seu Talento pode revelar o que não deve ser revelado.

Uma risada cristalina ressoou como resposta.

— Como o quê? Você? Suas irmãs da Ajah Negra? Ou talvez você esteja pensando em me proteger? Ah, você às vezes é uma boa garota, criança. — A voz era clara, suave e bem-humorada. Alviarin sentiu o rosto esquentar e torceu para que Mesaana enxergasse a vergonha, não a raiva. — Está sugerindo que devemos nos livrar da nossa Elaida, criança? Ah, acho que não é hora ainda. Ela ainda tem sua utilidade. Pelo menos até o jovem al'Thor chegar até nós, e muito provavelmente depois. Redija as ordens dela e garanta que sejam cumpridas. Vê-la entretida com esses joguinhos é mesmo divertido. Vocês, crianças, às vezes quase se equiparam às suas *ajah*. Será que ela vai conseguir mandar sequestrar o Rei de Illian e a Rainha de Saldaea? As Aes Sedais costumam fazer essas coisas, não é? Mas já faz uns dois mil anos. Quem é que vai ela tentar colocar no trono de Cairhien? Será que a oferta de ser rei de Tear vai sobrepujar o desgosto do Grão-lorde Darlin pelas Aes Sedai? Será que, antes disso, nossa Elaida vai morrer engasgada com a própria frustração? Uma pena que ela resista à ideia de um exército maior... Pensei que suas ambições a fariam agarrar essa possibilidade.

A conversa estava chegando ao fim — nunca durava mais que o tempo necessário para Alviarin dar o relatório e receber as próprias ordens —, mas ela ainda tinha uma pergunta a fazer.

— A Torre Negra, Grande Senhora...

Alviarin umedeceu os lábios. Aprendera muita coisa desde que Ishamael aparecera para ela, sobretudo que os Escolhidos não eram nem onipotentes, nem oniscientes. Tinha sido elevada porque Ishamael matara sua predecessora, em um acesso de fúria, ao descobrir o que Jarna Malari iniciara, embora a coisa toda só tenha terminado dois anos depois, após a morte de outra Amyrlin. Alviarin sempre se perguntava se Elaida tivera parte na morte dessa outra, Sierin Vayu; a Ajah Negra sem dúvida não tivera. Jarna conseguira espremer Tamra Ospanya, a Amyrlin antes de Sierin, feito um cacho de uvas — no fim das contas, conseguira pouco suco e ainda fizera parecer que a mulher tinha morrido durante o sono, mas Alviarin e as outras doze irmãs do Conselho Supremo tinham pagado com dor antes de conseguirem convencer Ishamael de que não tinham tido parte naquilo. Os Escolhidos não eram todo-poderosos nem sabiam de tudo, mas às vezes sabiam coisas de que ninguém mais sabia. No entanto, perguntar podia ser arriscado. Os “por quês” era os mais arriscados; os Escolhidos nunca gostavam que lhes fosse perguntado por quê.

— É seguro mandar cinquenta irmãs para lidar com elas, Grande Senhora?

Olhos reluzentes feito duas luas cheias a encararam em silêncio, e um arrepio subiu pela espinha de Alviarin. O destino de Jarna passou por sua mente como um raio. Publicamente Cinza, Jarna jamais demonstrara qualquer interesse nos *ter’angreal* para os quais ninguém conhecia uso — até o dia em que acabou presa na armadilha de um que ficara por séculos sem ser testado. A forma de ativação ainda permanecia um mistério. Por

dez dias, ninguém conseguiu encontrá-la, apenas escutar seus gritos guturais. Quase todos na Torre consideravam Jarna um modelo de virtude; quando enterraram o pouco que conseguiram recuperar, todas as irmãs de Tar Valon e todos que puderam chegar à cidade a tempo compareceram ao funeral.

— Você é curiosa, criança — disse Mesaana, por fim. — Isso pode ser uma vantagem, se direcionado da maneira apropriada. Mas, se for um direcionamento errôneo... — A ameaça pairava no ar feito uma adaga reluzente.

— Vou direcionar a curiosidade como a senhora ordenar, Grande Senhora — respondeu Alviarin, num sussurro rouco. A boca estava seca feito pó. — Apenas como a senhora ordenar.

Porém, ainda iria garantir que nenhuma irmã Negra fosse com Toveine. Mesaana se moveu, assomando-se por cima dela, de modo que Alviarin teve que jogar a cabeça para trás para encarar o rosto de luz e sombra, e de súbito se perguntou se a Escolhida poderia ler seus pensamentos.

— Se for servir a mim, criança, então deve servir e obedecer a mim. Não a Semirhage ou Demandred. Não a Graendal, ou a ninguém mais. Apenas a mim. E ao Grande Senhor, claro, mas a mim acima de todos os outros, exceto por ele.

— Eu vivo para servi-la, Grande Senhora. — A frase saiu feito um coxo, mas Alviarin conseguiu enfatizar a mudança de “servir” para “servi-la”.

Os olhos de prata a encararam por um longo instante, sem piscar. Então, Mesaana soltou:

— Bom. Então vou lhe ensinar. Mas lembre-se de que uma pupila não é uma professora. Eu escolho quem aprende o quê, e eu decido quando a pessoa pode utilizar o que aprendeu. Se descobrir que você passou adiante o

menor pedacinho de informação que seja, ou que usou sequer um fio de aprendizado sem meu direcionamento, será exterminada.

Alviarin esforçou-se para umedecer a boca. Não havia raiva naqueles sibilos, apenas certeza.

— Eu vivo para servi-la, Grande Senhora. Vivo para obedecê-la, Grande Senhora. — Acabara de descobrir algo sobre os Escolhidos, algo que mal podia crer. Conhecimento era poder.

— Você tem um pouco de força, criança. Não é muito, mas é o bastante.

Uma trama surgiu, aparentemente do nada.

— Isso — entouou Mesaana — se chama portão.

* * *

Pedron Niall grunhiu quando Morgase posicionou uma pedra branca no tabuleiro com um sorriso triunfal. Jogadores inferiores talvez ainda quisessem colocar mais vinte pedras cada um, mas ele já via o curso inevitável do jogo, e ela também. No início, a mulher de cabelos dourados sentada do lado oposto da mesinha jogara para perder, fazendo apenas o possível para que a derrota não fosse muito fácil e o jogo ficasse interessante. Mas ela não demorara para aprender que isso só levava à obliteração. Sem mencionar que Pedron era astuto o bastante para enxergar subterfúgios e não tolerar esse tipo de comportamento. Agora, Morgase empregava toda a sua habilidade no jogo e conseguia ganhar quase metade das partidas. Fazia uns bons anos que ninguém o derrotava com tanta frequência.

— O jogo é seu — declarou, e a Rainha de Andor assentiu.

Bem, ela pelo menos voltaria a ser Rainha; Niall garantiria isso. Naquele vestido de seda verde, com a gola alta de renda roçando o queixo, ela

parecia mesmo rainha, sob todos os aspectos, apesar do brilho de suor na bochechas lisas. No entanto, mal parecia ter idade suficiente para ter uma filha da idade de Elayne, muito menos um filho da idade de Gawyn.

— Você não percebeu que vi a armadilha sendo preparada desde a sua trigésima terceira pedra, Lorde Niall, e tomou meu blefe com a quadragésima terceira pedra como um verdadeiro ataque... — Os olhos azuis dela cintilavam de empolgação; Morgase gostava de ganhar. Gostava de jogar para ganhar.

Aquilo tudo era para envolvê-lo, sem dúvida, o jogo de pedras, a polidez... Morgase sabia que era prisioneira ali na Fortaleza da Luz, mesmo que não fosse chamada assim, mesmo sendo uma prisioneira bastante mimada. E secreta. Niall permitira que os boatos sobre a presença dela se espalhassem, mas não emitiu qualquer declaração. Andor tinha um histórico muito forte de oposição aos Filhos da Luz, e ele não anunciaria nada antes que as legiões se deslocassem até Andor, levando-a como emblema. Morgase sem dúvida também sabia disso. E decerto também sabia que Niall estava ciente de suas tentativas de abrandá-lo. O tratado que ela assinara dera direitos em Andor que os Filhos jamais tinham possuído em qualquer lugar para além de Amadícia, e Niall imaginava que a mulher já estava planejando como suavizar o peso da mão dele em suas terras, como remover a influência dessa mão o quanto antes. Morgase só assinara o tratado porque fora encurralada; e, mesmo assim, confinada nesse canto, lutara com a mesma habilidade com que manejava um tabuleiro de pedras. Apesar de linda, era uma mulher bem dura. Não, não era uma *mulher* dura, era dura e ponto final. Ela se deixava ser levada pelo puro prazer do jogo, mas Niall não podia considerar isso uma falha, se lhe concedia tantos momentos de prazer.

Se tivesse uns vinte anos a menos, talvez pudesse ter jogado mais do verdadeiro jogo dela. Longos anos de viuvez se estendiam atrás dele, e o Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz tinha pouco tempo para gracejos com mulheres, pouco tempo para qualquer coisa além de *ser* o Senhor Capitão Comandante. Se fosse vinte anos mais jovem — bem, vinte e cinco —, e se Morgase não tivesse sido treinada pelas bruxas de Tar Valon... Era fácil esquecer isso, na presença dela. A Torre Branca era um antro de Sombra e iniquidade que a tocava profundamente. Rhadam Asunawa, o Grão-inquisidor, a teria julgado pelos meses na Torre Branca e a enforcado sem demora, se Niall permitisse. Ele soltou um suspiro pesaroso.

Morgase manteve o sorriso vitorioso, mas os grandes olhos perscrutavam seu rosto com uma inteligência que ela não podia esconder. Niall encheu os cálices dos dois com vinho do cântaro de prata que jazia em um baldinho de água fresca que pouco tempo antes era gelo.

— Milorde Niall... — A hesitação era perfeita, a mão esguia meio esticada sobre a mesa em sua direção, o grande respeito com que se dirigia a ele. Certa vez, Morgase o chamara apenas de Niall, mas com mais desprezo do que dispensaria a um criado bêbado. A hesitação teria sido perfeita, se ele não a percebesse bem. — Milorde Niall, sem dúvida o senhor pode ordenar que Galad venha a Amador para que eu o veja. Só por um dia.

— Lamento muito que as obrigações de Galad o detenham no norte — respondeu o comandante, plácido. — Você deveria ficar orgulhosa; o rapaz é um dos melhores jovens oficiais dentre os Filhos.

Sempre que necessário, o enteado era uma vantagem sobre ela, e, no momento, o melhor uso para o rapaz era mantê-lo afastado. O jovem *era* um bom oficial, talvez o melhor a se juntar aos Filhos na época de Niall, e

não havia necessidade de colocar amarras em seu juramento deixando que soubesse que a mãe estava ali e que só era considerada “hóspede” por cortesia.

Apenas um leve retesar de sua boca, desfeito bem depressa, denunciou sua decepção. Não era a primeira vez que ela fazia esse pedido, nem seria a última. Morgase Trakand não se rendia só porque estava claro que levaria a pior.

— Como quiser, milorde Niall — respondeu, tão mansa que ele quase se engasgou com o vinho. A submissão era uma tática nova, devia ter sido difícil para ela. — É coisa de mãe...

— Senhor Capitão Comandante? — irrompeu uma voz profunda e vibrante, porta adentro. — Receio ter notícias importantes que não podem esperar, Milorde.

O alto Abdel Omerna estava parado no tabardo branco e dourado do Senhor Capitão dos Filhos da Luz, o rosto atrevido emoldurado por cachos brancos na testa, os olhos escuros fundos e pensativos. Da cabeça aos pés, era destemido e autoritário. E um idiota, embora isso não ficasse aparente à primeira vista.

Morgase se retraiu ao ver Omerna, um movimento tão ínfimo que quase nenhum homem teria percebido. A mulher acreditava, como todos os outros, que ele era o espião-mestre dos Filhos, um homem quase tão temido quanto Asunawa, talvez mais. Nem o próprio Omerna sabia que ele não passava de um chamariz para desviar a atenção do verdadeiro mestre dos espiões, um homem que apenas o próprio Niall conhecia. Sebban Balwer, o secretariozinho seco e magrela do Senhor Capitão Comandante. No entanto, chamariz ou não, de vez em quando algo útil de fato passava pelas mãos de Omerna. Em raras ocasiões, algo calamitoso. Niall não tinha dúvidas sobre o que o homem trouxera; nada que não o próprio Rand al'Thor nos portões

o teria feito entrar daquele jeito, sem pedir licença. Quisera a Luz que fosse tudo loucura de algum mercador de tapetes.

— Temo que seja o fim do nosso jogo desta manhã — disse Niall a Morgase, enquanto se levantava. Dispensou uma leve mesura quando a mulher se levantou, à qual ela respondeu inclinando a cabeça.

— Até hoje à noite, talvez? — A voz dela ainda continha aquele tom quase dócil. — Quer dizer, se quiser jantar comigo?

Niall aceitou, claro. Não sabia onde a mulher pretendia chegar com aquela nova tática — aonde um parvo não suporia, isso era certo —, mas seria divertido descobrir. Morgase era cheia de surpresas. Pena que estivesse maculada pelas bruxas.

Omerna avançou até o grande raio de sol dourado no chão, já gasto por tantos pés e joelhos que tinham passado por ali ao longo dos séculos. Era um aposento simples, sem adornos fora o piso e os estandartes capturados enfileirados nas paredes altas, logo abaixo do teto, todos esfarrapados e gastos pelo tempo. Omerna observou a mulher sair sem jamais se dirigir a ele. Quando a porta enfim se fechou, ele disse:

— Ainda não encontrei Elayne nem Gawyn, milorde.

— É *essa* a sua notícia importante? — inquiriu Niall, irritado.

Balwer lhe informara que a filha de Morgase estava em Ebou Dar, ainda envolvida com as bruxas até o pescoço. Já enviara ordens a respeito dela para Jaichim Carridin. O outro filho de Morgase também ainda estava com as bruxas, e parecia que estava em Tar Valon, onde até Balwer possuía alguns olhos-e-ouvidos. Niall tomou um longo gole de vinho gelado. Andava sentindo os ossos velhos, frágeis e frios, mas aquele calor da Sombra fazia sua pele suar bastante e secava a boca.

Omerna levou um susto.

— Ah... não, milorde. — Ele remexeu um bolso do casaco de baixo e pegou um cilindro de osso diminuto com três listras vermelhas correndo ao longo. — O senhor queria que isso fosse trazido assim que o pombo chegasse ao...

Ele se calou quando Niall agarrou o tubo.

Era isso o que vinha aguardando, a razão pela qual ainda não mandara uma legião a caminho de Andor com Morgase na dianteira, quiçá liderando. Não fosse toda a loucura de Varadin, os desvarios de um homem desequilibrado por ver Tarabon colapsar em anarquia, Andor teria de esperar. Andor, e talvez mais.

— Eu... recebi a confirmação de que a Torre Branca está de fato cindida — prosseguiu Omerna. — A... Ajah Negra atacou Tar Valon.

Não era de se espantar que o homem soasse nervoso, proferindo tamanha heresia. Não existia Ajah Negra. Todas as bruxas eram Amigas das Trevas.

Niall o ignorou e usou o polegar para quebrar a cera que lacrava o tubo. Usara Balwer para começar esses rumores, e agora estavam de volta. Omerna acreditava em cada boato que chegava aos seus ouvidos — ouvidos que pescavam todos os boatos.

— E há informes de que as bruxas estão se reunindo com o falso Dragão al'Thor, milorde.

Claro que as bruxas estavam se reunindo! O maldito era criação delas, marionete delas! Niall calou o falatório daquele imbecil e voltou à mesa do jogo, onde removeu do tubo um rolinho fino de papel. Nunca deixava que soubessem mais a respeito dessas mensagens do que o fato de existirem, e poucos sabiam até mesmo isso. Suas mãos tremeram enquanto desenrolavam o papel fino. Suas mãos não tremiam desde que enfrentara a primeira batalha, quando garoto, havia mais de setenta anos. Essas mãos

agora pareciam pouco mais que ossos e músculos, mas ainda possuíam força suficiente para o que precisava ser feito.

A caligrafia não era de Varadin, e sim de Faisar, enviado a Tarabon com um objetivo diferente. Enquanto lia, o estômago de Niall se revirou em um nó. Estava em linguagem clara, não no criptograma de Varadin. Os informes de Varadin pareciam vir de um homem à beira da loucura, se não já tomado por ela, mas Faisar confirmava o pior e mais. Muito mais. Al'Thor era uma fera enraivecida, um destruidor que precisava ser detido, mas um segundo animal ensandecido aparecera, um que poderia ser até mais perigoso que as bruxas de Tar Valon com seu falso Dragão domesticado. Mas como, sob a Luz, poderia combater ambos?

— É... parece que a Rainha Tenobia saiu de Saldaea, milorde. E os... os Devotos do Dragão estão incendiando e matando por toda Altara e Murandy. Ouvi falar que a Trombeta de Valere foi encontrada em Kandor.

Ainda meio distraído, Niall ergueu o olhar e notou Omeria a seu lado, lambendo os lábios e enxugando suor da testa com o dorso da mão. Sem dúvida esperava conseguir uma olhadela no conteúdo da mensagem. Bem, dentro em breve todos saberiam.

— Parece que uma das suas fantasias loucas não é tão louca assim, ao final das contas — comentou Niall, e foi quando sentiu a faca entrar em suas costelas.

O choque o congelou por tempo suficiente para que Omeria puxasse a adaga e a cravasse nele outra vez. Outros Senhores Capitães Comandantes tinham morrido dessa maneira antes dele, mas Niall jamais imaginara que seria pelas mãos de Omeria. Tentou lutar contra o assassino, mas não tinha força nos braços. Debruçou-se por sobre Omeria, que o segurava, os dois se encarando, olho no olho.

Omeria estava com o rosto vermelho; parecia prestes a chorar.

— Precisava ser feito. Precisava. O senhor deixou as bruxas se assentarem em Salidar, livres e desimpedidas, e...

Como se de súbito percebesse que abraçava o homem que estava matando, Omerna deu um empurrão em Niall.

A força se esvaíra das pernas do Senhor Capitão Comandante dos Filhos da Luz, e também de seus braços. Niall caiu pesadamente por sobre a mesa de jogos, derrubando-a. Pedras brancas e pretas se espalharam por sobre o chão de madeira polida; o cântaro de prata caiu, derramando vinho. O frio em seus ossos começava a se espalhar pelo corpo.

Niall não sabia se o tempo ficara mais lento, ou se tudo de fato acontecera muito depressa. Botas ressoaram pelo chão, e ele ergueu a cabeça, cansado, e viu Omerna boquiaberto e de olhos esbugalhados, afastando-se de Eamon Valda. O homem, com um porte tão similar ao de Senhor Capitão quanto Omerna, usando o tabardo branco e dourado e um casaco de baixo branco, não era tão alto nem tão claramente autoritário, mas seu rosto escuro era rígido como sempre, e Valda trazia uma espada nas mãos — a marca da garça na lâmina que ele prezava tanto.

— Traidor! — gritou Valda, cravando a espada no peito de Omerna.

Niall teria rido, se pudesse. Era difícil respirar, e já ouvia as borbulhas de ar no sangue em sua garganta. Nunca gostara muito de Valda — a bem da verdade, desprezava o sujeito —, mas alguém precisava saber. Moveu os olhos, encontrou a folha de papel de Tanchico caída perto de sua mão. Ali no chão, poderia passar despercebida... mas não com seu cadáver agarrado a ela. E a mensagem precisava ser lida. A mão foi se arrastando pelas tábuas do assoalho muito lentamente, roçando o papel, empurrando-o, enquanto se debatia para agarrá-lo. A visão estava ficando embaçada. Tentou se forçar a enxergar. Tinha que... a névoa estava mais forte. Parte dele tentava afastar o pensamento; não havia névoa. A névoa estava mais

forte, e havia um inimigo lá fora, um inimigo invisível, escondido, tão perigoso quanto al'Thor, ou mais. A mensagem... O quê? Que mensagem? Era hora de montar e desembainhar as espadas, hora de um último ataque. Pela Luz, vencer ou morrer, ele estava a caminho! Tentou grunhir.

* * *

Valda limpou a lâmina no tabardo de Omerna, então de súbito percebeu que o lobo velho ainda respirava, um som rascante e borbulhante. Fazendo uma careta, ele vergou o corpo para concluir a tarefa — e uma mão magra e de dedos longos agarrou-lhe o braço.

— Você seria Senhor Capitão Comandante agora, meu filho? — O rosto macilento de Asunawa pertencia a um mártir; no entanto, seus olhos escuros ardiam com um fervor de enervar até os que não sabiam quem ele era. — Pode muito bem ser, depois que eu atestar que matou o assassino de Pedron Niall. Mas não se eu disser que ajudou a retalhar a garganta de Niall.

Com os dentes arreganhados numa espécie de sorriso, Valda se aprumou. Asunawa tinha amor à verdade, um amor estranho... podia dar voltas e voltas com ela, feito nós em um barbante, ou erguê-la e torturá-la com açoites. Mas, até onde Valda sabia, nunca mentia de fato. Um olhar para os olhos embotados de Niall e a poça de sangue que se espalhava sob seu corpo deixou Valda satisfeito. O velho estava morrendo.

— Posso, Asunawa?

O olhar do Grão-inquisidor ardeu mais intensamente quando ele deu um passo atrás, afastando o manto branco feito neve da poça de sangue de Niall. Nem mesmo um Senhor Capitão deveria agir com tamanha intimidade.

— Eu disse que pode, meu filho. Você teve uma estranha relutância em concordar que a bruxa Morgase deve ser entregue à Mão da Luz. A não ser que dê essa garantia...

— Morgase ainda é necessária.

Interrompê-lo trouxe a Valda um prazer considerável. Não gostava dos Questionadores. A Mão da Luz, como se denominavam. Quem poderia gostar de homens que só enfrentavam inimigos desarmados e acorrentados? E o grupo se mantinha apartado dos Filhos, separado... O manto de Asunawa ostentava apenas o cajado de pastor escarlate dos Questionadores, não o sol dourado e flamejante dos Filhos, que ornava o tabardo de Valda. E, pior, pareciam pensar que seu trabalho com rodas de tortura e ferros era o único verdadeiro feito dos Filhos.

— Morgase nos garante Andor, então você não pode tê-la antes de termos Andor. E não podemos tomar Andor antes que as turbas do Profeta sejam esmagadas. — O Profeta deveria ser o primeiro, por pregar o retorno do Dragão Renascido, as turbas incendiando aldeias que demoravam demais para aclamar al'Thor. O peito de Niall já quase não se mexia. — A não ser que queira trocar Amadícia por Andor, em vez de ocupar as duas? Pretendo ver al'Thor enforcado, e a Torre Branca, reduzida a pó, Asunawa. E não segui com o seu plano só para vê-lo sendo jogado em um monte de esterco.

Asunawa não se surpreendeu; não era nenhum covarde. Não ali, com centenas de Questionadores na Fortaleza e os Filhos quase todos com medo de dar um passo em falso em meio a eles. O homem ignorou a espada nas mãos de Valda, e seu rosto de mártir assumiu um olhar de tristeza. O suor parecia lágrimas de pesar.

— Nesse caso, já que o Senhor Capitão Canvele acredita que a lei deve ser cumprida, eu receio que...

— *Eu receio* que Canvele concorde comigo, Asunawa. — E o homem concordava desde a aurora, desde que percebera que Valda levaria metade de uma legião à Fortaleza. Canvele não era nenhum idiota. — A questão não é *se* serei Senhor Capitão Comandante ao pôr do sol de hoje, mas *quem* irá conduzir a Mão da Luz na busca pela verdade.

Asunawa não era nenhum covarde, e era ainda menos idiota que Canvele. O homem não recuou nem exigiu saber como Valda pensava em fazer aquilo acontecer.

— Entendo — respondeu, depois de um instante. Então completou, num tom mais suave: — Pretende ignorar completamente a lei, meu filho?

Valda quase gargalhou.

— Pode examinar Morgase, mas a mulher não será interrogada. Pode fazer isso quando eu tiver terminado com ela.

O que poderia levar algum tempo. Encontrar um substituto para o Trono do Leão, alguém que compreendesse qual seria o tratamento apropriado a ser dispensado aos Filhos, assim como o Rei Ailron compreendia, não aconteceria da noite para o dia.

Talvez Asunawa compreendesse, talvez não. O homem abriu a boca, mas ouviram um arquejo vindo da porta. O secretário de Niall estava ali, parado, com uma careta, a boca num bico arredondado, os olhos estreitos tentando encarar tudo, exceto os corpos estirados no chão.

— Um dia triste, Mestre Balwer — entoou Asunawa, com uma voz ao mesmo tempo desgostosa e dura feito ferro. — O traidor Omerna assassinou nosso Senhor Capitão Comandante Pedron Niall, que a Luz ilumine sua alma. — Não estava longe da verdade. O peito de Niall já não se movia, e matá-lo de fato fora traição. — O Senhor Capitão Valda chegou tarde demais para salvá-lo, mas matou Omerna no instante mais profundo do pecado.

Balwer se sobressaltou e começou a esfregar as mãos.

Aquele sujeito com jeito de ave deixava Valda incomodado.

— Já que está aqui, Balwer, pode muito bem ser útil. — Valda não gostava de gente imprestável, e o borra-papéis era a completa expressão da inutilidade. — Leve esta mensagem a cada Senhor Capitão da Fortaleza. Diga a eles que o Senhor Capitão Comandante foi assassinado e que estou convocando uma reunião do Conselho dos Ungidos. — Seu primeiro ato depois de ser nomeado Senhor Capitão Comandante seria chutar aquele homenzinho imprestável para fora da Fortaleza, chutá-lo para tão longe que ele quicaria duas vezes. Depois escolheria um secretário que não tremesse tanto. — Não importa se Omerna foi comprado pelas bruxas ou pelo Profeta, pretendo vingar Pedron Niall.

— Como quiser, milorde. — A voz de Balwer era seca e tensa. — Será como quiser.

Ao que parecia, o homem enfim tomou coragem de olhar o corpo de Niall. Então curvou-se numa mesura desajeitada e saiu, sem mal olhar para mais nada.

— Bem, parece que o senhor será nosso próximo Senhor Capitão Comandante, afinal de contas — comentou Asunawa, depois que Balwer saiu.

— É o que parece — respondeu Valda, com secura.

Uma diminuta folha de papel jazia junto à mão estirada de Niall, do tipo usado para enviar mensagens via pombos. Valda se agachou e a apanhou, depois soltou um suspiro de desgosto. O papel caíra sobre uma poça de vinho, e qualquer que fosse a mensagem estava perdida, a tinta reduzida a um borrão.

— E a Mão terá Morgase quando o senhor não mais necessitar dela. — O tom não era, nem de longe, o de uma pergunta.

— Eu a entregarei ao senhor pessoalmente.

Talvez precisasse mesmo organizar alguma coisinha para saciar o apetite de Asunawa por um tempo. Talvez isso também garantisse a permanência da submissão de Morgase. Valda jogou o papel sobre o corpo de Niall. A idade removera do velho lobo a astúcia e a ousadia, e agora caberia a Eamon Valda pôr as bruxas e o falso Dragão de volta na linha.

* * *

Deitado de barriga para baixo sobre uma encosta, Gawyn inspecionava o desastre sob o sol da tarde. Os Poços de Dumai ficavam a milhas de distância ao sul, além das planícies ondulantes e colinas baixas, mas ainda dava para ver a fumaça dos carroções incendiados. Não sabia o que acontecera ali, depois que conduziu o que pôde reunir da Jovem Guarda na fuga. Al’Thor parecera no comando — al’Thor e aqueles homens de casacos negros que pareciam canalizar, derrubando tanto Aiel quanto Aes Sedai. Só a percepção de que as irmãs estavam fugindo é que sinalizara a hora de partir.

Queria ter matado al’Thor. Por sua mãe, morta pelos atos daquele homem — o que Egwene negava, mas não tinha provas. Por sua irmã. Se Min estivesse falando a verdade — deveria tê-la arrastado para fora do acampamento com ele, a despeito da vontade dela... ah, tanta coisa que deveria ter feito diferente! Se Min estivesse certa e Elayne amasse mesmo al’Thor, aquele destino terrível era motivo suficiente para matar. Talvez os Aiel tivessem feito o trabalho por ele. Porém, duvidava um pouco disso.

Com uma risada amarga, ergueu o tubo da luneta. Uma das faixas douradas exibia uma inscrição. “De Morgase, Rainha de Andor, a seu

amado filho, Gawyn. Que ele seja uma espada viva para sua irmã e para Andor.” Palavras amargas.

Não havia muito a ver além de grama seca e de pequenos aglomerados de árvores espaçadas. O vento ainda soprava, erguendo ondas de poeira. De vez em quando, um lampejo de movimento em uma dobra entre saliências baixas denunciava os homens em movimento. Aiel, com certeza. Mesclavam-se à terra bem demais para ser a Jovem Guarda de casacos verdes. Quisesse a Luz que outros tivessem escapado, além dos que tinha conduzido até ali.

Era um idiota. Devia ter matado al’Thor; tinha que matá-lo. Mas não podia. Não porque o homem era o Dragão Renascido, mas porque prometera a Egwene que não levantaria a mão contra al’Thor. Como uma simples Aceita, ela desaparecera de Cairhien, deixando a Gawyn apenas uma carta, que ele lera e relera até que o papel quase se desfizesse nas dobras. Não ficaria surpreso em descobrir que ela fora prestar algum tipo de ajuda a al’Thor. Gawyn não podia quebrar a própria palavra, ainda mais à mulher que amava. Jamais quebraria sua palavra a ela. Qualquer que fosse o custo. Esperava que Egwene aceitasse o compromisso que ele assumira com sua honra. Não erguera a mão para ferir, mas também não a erguera para ajudar. Quisesse a Luz que ela jamais lhe pedisse isso. Diziam que o amor confundia a inteligência de um homem, e Gawyn era a prova viva disso.

De súbito, apertou a luneta junto ao olho: via uma mulher galopando num cavalo branco e alto rumo à clareira. Não pôde distinguir o rosto, mas nenhuma serviçal usaria um vestido de montaria. Então pelo menos uma Aes Sedai conseguira escapar. Se as irmãs tinham saído vivas da armadilha, talvez outros moços da Jovem Guarda também tivessem. Com sorte, poderia encontrá-los antes que fossem mortos pelos Aiel. No entanto, primeiro havia a questão de sua irmã. Sob muitos aspectos, Gawyn preferia

ter seguido adiante sem ela, mas deixá-la sozinha, talvez para levar uma flechada sem jamais saber de onde viera... Aquilo não era uma opção que ele pudesse permitir. Quando começou a se levantar e acenar para a mulher, o cavalo tropeçou e caiu, fazendo-a voar para a frente.

Gawyn praguejou, então mais uma vez, quando a luneta mostrou a flecha despontando da lateral do animal. Perscrutou as colinas mais que depressa, meio irritado, soltando outro palavrão. Encontrou talvez vinte de Aiel velados em um cume, encarando o cavalo e a cavaleira abatidos, parados a menos de cem passadas da Aes Sedai. Gawyn olhou de volta depressa. A irmã se levantou, cambaleante. Se mantivesse o juízo e usasse o Poder, não haveria maneira de os Aiel a machucarem, sobretudo caso se abrigasse contra mais flechadas atrás do cavalo abatido. Mesmo assim, o rapaz se sentiria melhor depois que a resgatasse. Rolou o corpo para longe do cume, para diminuir as chances de ser visto pelos Aiel, então deslizou pela encosta reversa até ficar de pé. Levara quinhentos e oitenta e um homens da Jovem Guarda para o sul, quase todos já avançados o suficiente no treinamento para deixar Tar Valon, mas pouco menos de duzentos aguardavam em seus cavalos no vale. Antes do desastre se abater sobre os Poços de Dumai, Gawyn tinha certeza de que havia um plano em ação para que ele e a Jovem Guarda morressem sem nunca voltarem à Torre Branca. O porquê ele não sabia, nem sabia se o esquema fora de Elaida ou de Galina, mas tivera bastante sucesso, ainda que não exatamente da forma que as autoras tinham imaginado. Não era de se espantar que preferia prosseguir sem as Aes Sedai, se tivesse escolha.

Parou junto a um capão cinzento e alto montado por um jovem cavaleiro. Jisao era um sujeito jovem, como eram todos da Jovem Guarda — muitos só precisavam se barbear a cada três dias, e uns poucos ainda apenas fingiam ter que fazer a barba —, mas usava a torre de prata na gola, que o

identificava como veterano na batalha da deposição de Siuan Sanche, e, desde então, ostentava cicatrizes sob as roupas. Era um dos que não precisavam se barbear todas as manhãs, mas seus olhos escuros pertenciam a um homem trinta anos mais velho. Gawyn se perguntou o que os outros pensariam de seus próprios olhos.

— Jisao, temos uma irmã para tirar do...

Os cento e tantos Aiel que surgiram trotando pela encosta baixa a oeste se retesaram, surpresos, ao encontrar a Jovem Guarda logo abaixo, mas nem a surpresa nem os inimigos em maior número os detiveram. Em uma fração de segundos, todos se velaram e dispararam colina abaixo, avançando com lanças e golpeando tanto cavalos quanto cavaleiros, trabalhando em pares. Mesmo assim, ainda que os Aiel soubessem lutar contra homens a cavalos, fazia pouco tempo que a Jovem Guarda recebera duras lições sobre como lutar contra os Aiel, e os que custavam a aprender não viviam por muito tempo em seus postos. Alguns portavam lanças finas, que terminavam em um pé e meio de aço, com um guarda-mão para evitar que a ponta penetrasse demais, e todos sabiam usar as espadas tão bem quanto qualquer um que não fosse mestre espadachim. Lutavam em duplas e trios, cada homem vigiando as costas do outro, mantendo as montarias em movimento, para que os Aiel não pudessem acertar os tendões dos animais. Só os Aiel mais ligeiros conseguiam penetrar esses círculos de aço rutilante. Os próprios cavalos de batalha eram armas, esmagando crânios com os cascos, abocanhando homens e sacudindo-os feito cães estraçalhando ratos, as mandíbulas destruindo metade do rosto de uma vítima. Os cavalos gritavam durante a luta, e os homens grunhiam com o esforço, gritavam com o fervor que os arrebatava na batalha, a febre que os informava de que estavam vivos e viveriam para ver outro nascer do sol, ainda que tivessem de

avançar com sangue até a cintura. Gritavam enquanto matavam, gritavam enquanto morriam... parecia haver pouca diferença.

Gawyn, no entanto, não tinha tempo para ver ou ouvir. Como o único da Jovem Guarda a pé, atraía atenção. Três figuras vestidas em *cadin'sor* se esquivaram dos cavaleiros, avançando em sua direção com as lanças a postos. Talvez o considerassem presa fácil, em três contra um. Gawyn os desiludiu. A espada saiu suavemente da bainha, tão suavemente quanto ele passava de O Falcão Estanca para A Trepadeira Abraça o Carvalho, então para A Lua Sobre os Lagos. Por três vezes, sentiu nos pulsos o choque de lâmina contra carne, e, na mesma rapidez, três Aiel velados desabaram; dois ainda se movendo de leve, mas fora da luta. O próximo que o confrontou foi outra história.

Era um sujeito esguio, um palmo mais alto que Gawyn, e movia-se feito uma cobra, a lança tremeluzindo enquanto o broquel saltava e se inclinava para desviar dos golpes de espadas, brandido com uma força que Gawyn podia sentir nos ombros. O Perdiz Dança na Floresta virou a Dobra do Ar, que virou O Cortesão Abana Seu Leque, e o Aiel enfrentou cada postura ao custo de um talho na costela. Gawyn ganhou um corte fundo na coxa que apenas um giro rápido o salvou de que a lança o atravessasse por completo.

Os dois se rodeavam, alheios ao que estivesse acontecendo à volta. Sangue quente jorrava pela perna de Gawyn. O Aiel simulou um ataque, tentando desestabilizá-lo, depois outro. O andoriano foi seguindo de forma em forma, a espada ora erguida, ora abaixada, esperando que o homem levasse um daqueles meios golpes apenas um pouco mais além.

No fim, foi a sorte que decidiu. O Aiel tropeçou de repente em um passo, e Gawyn golpeou seu coração antes que o sujeito sequer visse o cavalo que o fizera tropeçar.

Em outros tempos, teria sentido remorso. Crescera acreditando que, se dois homens tivessem que lutar, o duelo deveria ocorrer de forma limpa e honrada. Mais de meio ano de batalhas e escaramuças o haviam ensinado que as coisas não eram bem assim. Pôs o pé no peito do Aiel e deu um puxão para soltar a espada. Pouco cortês, porém rápido e eficaz, e, numa batalha, a lentidão quase sempre significava morte.

Depois de liberar a espada, viu que já não havia necessidade de correr. Os homens estavam caídos, tanto da Jovem Guarda quanto dos Aiel, uns ganindo, outros parados, e o restante dos Aiel seguia para o leste, seguidos por vinte rapazes da Jovem Guarda, incluindo alguns que deveriam ser mais sagazes.

— Parem! — gritou. Se os idiotas se deixassem separar, os Aiel os retalhariam até virar comida de cachorro. — Nada de perseguição! Parem, eu mandei! Parem, que os queime!

A Jovem Guarda parou, relutante.

Jisao deu meia-volta com o capão.

— Eles só queriam cortar caminho por nós para onde quer que eles estejam indo, milorde.

Sangue escorria da metade inferior de sua espada, e Gawyn puxou as rédeas do próprio garanhão baio e montou com um balanceio, sem esperar para limpar ou embainhar a espada. Não havia tempo para ver quem estava morto, quem ainda poderia viver.

— Esqueça todos. Aquela irmã espera por nós. Hal, ponha a meia-tropa para cuidar dos feridos. E fique de olho naqueles Aiel. Só porque estão morrendo não significa que desistiram. O restante, venha comigo.

Hal respondeu com uma saudação da espada, mas Gawyn já cravava os calcanhares no cavalo.

O conflito tinha sido breve, porém mesmo assim demorara demais. Quando chegou ao cume, Gawyn viu apenas o cavalo morto, os alforjes revirados. Uma varredura com a luneta não revelou sinal da irmã, dos Aiel ou de nenhuma criatura viva. Só o que se movia era a poeira revolvida pelo vento e um vestido no chão, junto ao cavalo, se remexendo com as rajadas de vento. A mulher devia ter disparado a toda velocidade para ter desaparecido de vista tão depressa.

— Ela não pode ter ido longe, mesmo correndo — comentou Jisao. — Podemos encontrá-la, se nos dividirmos.

— Vamos procurar depois que cuidarmos dos mortos — retrucou Gawyn, com firmeza.

Não estava disposto a dividir seus homens, não com Aiel perambulando à solta. Faltavam apenas algumas horas para o pôr do sol, e queria montar um acampamento protegido em algum terreno elevado antes do anoitecer. Também seria bom se conseguisse encontrar uma ou duas irmãs. Alguém teria que explicar essa catástrofe a Elaida, e preferia que fosse uma Aes Sedai, não ele, a enfrentar a ira dela.

Virando o baio com um suspiro, Gawyn tornou a descer para calcular a conta do açougueiro. Aquela tinha sido sua primeira lição como soldado: sempre era preciso pagar o açougueiro. Tinha a sensação de que em breve chegariam contas mais altas. O que ainda estava por vir faria o mundo esquecer o que acontecera em Poços de Dumai.



CAPÍTULO 1



ALTA CHASALINA

A Roda do Tempo gira, e as Eras vêm e vão, deixando memórias que se transformam em lendas. As lendas desvanecem em mitos, e até o mito já está há muito esquecido quando a Era que o viu nascer retorna. Em uma Era, chamada por alguns de a Terceira Era, uma Era ainda por vir, uma Era há muito passada, um vento se ergueu na grande Floresta de Braem. O vento não era o início. O girar da Roda do Tempo não tem inícios nem fins. Mas era *um* início.

A norte e a leste, o vento soprava, enquanto o sol escaldante se erguia no alto de um céu sem nuvens. Soprava a norte e a leste, entre árvores ressequidas com folhas marrons e galhos nus, por entre aldeias isoladas de ar quente e crispado. O vento não trazia nenhum alívio, nenhum indício de chuva, muito menos de neve. A norte e a leste ele soprava, passando um antigo arco de pedra finamente trabalhada que alguns diziam ter sido um portão para uma grande cidade, e outros, um monumento a alguma batalha havia muito esquecida. Apenas resquícios e entalhes ilegíveis e desgastados pelo tempo permaneciam nas pedras imensas, evocando em silêncio as glórias perdidas da história de Coremanda. Uns poucos carroções avançavam lentamente à vista do arco, ao longo da Estrada de Tar Valon, e o povo a pé protegia os olhos da poeira que o vento soprava, erguida pelos cascos dos cavalos e pelas rodas dos carroções. A maioria sequer sabia

aonde ia, só sabiam que o mundo dava cambalhotas, despindo-se de qualquer ordem que ainda restasse. Alguns avançavam pelo medo, enquanto outros eram atraídos por algo que não podiam ver e não entendiam — e a maioria desses também tinha medo.

O vento soprava adiante, cruzando o Rio Erinin, verde cinzento, inclinando navios que ainda levavam mercadorias ao norte e ao sul, pois o comércio era necessário mesmo em dias como aqueles, embora ninguém soubesse ao certo se era seguro fazer negócios. A leste do rio, as florestas iam escasseando até abrir espaço para pequenas colinas ondulantes, cobertas de grama marrom e ressequida, pontilhadas com esparsos aglomerados de árvores. No topo de uma dessas colinas via-se um círculo de carroções, muitos com as lonas chamuscadas ou totalmente queimadas, revelando as carcaças de aço. Um arremedo de mastro, feito com o galho arrancado de uma jovem árvore morta pela seca e preso ao alto da carcaça de um carroção, ostentava um estandarte carmesim ondeante, com um disco branco e preto bem no centro. O Estandarte da Luz, alguns chamavam, ou o estandarte de al'Thor. Outros usavam nomes mais sombrios, sempre estremecendo ao sussurrá-los. O vento balançou o estandarte com força, então foi-se embora, como se estivesse satisfeito em se afastar.

Perrin Aybara estava sentado no chão, as costas largas apoiadas numa roda de carroção, desejando que o vento não fosse embora. Por um instante, o ar ficara mais fresco. E o sopro do sul aliviara as narinas do cheiro de morte, um cheiro que o fazia lembrar onde deveria estar — o último lugar onde gostaria de estar. Muito melhor ali, no meio do círculo de carroções, de costas para o norte, um lugar onde conseguia esquecer um pouco. Os carroções remanescentes tinham sido arrastados para o alto da colina no dia anterior, durante a tarde, quando os homens juntaram forças para fazer algo

além de agradecer à Luz por ainda estarem respirando. Agora, o sol se erguia outra vez, trazendo o calor.

Irritado, Perrin coçou a barba curta e crespa; quanto mais suave, mais a barba coçava. O rosto de todos os homens que via em volta estava empapado de suor, exceto pelos Aiel, e a água ficava a quase uma milha de distância ao norte. Porém, os horrores e o cheiro também estavam longe. A maioria considerava uma troca justa. Perrin devia estar cumprindo seu dever, mas a leve culpa não o fez se mexer. Hoje era o dia de Alta Chasalina, e em casa, em Dois Rios, haveria comilança o dia inteiro e dança a noite toda. Era o Dia da Reflexão, criado para que todos se lembrassem das coisas boas da vida. Quem reclamasse levava um balde d'água na cabeça, para espantar o azar. Não era algo que a pessoa fosse querer quando o tempo estava frio, como deveria estar agora; naquele momento, um balde d'água fria seria um prazer. Para um homem com a sorte de estar vivo, Perrin considerava difícil demais arrancar qualquer pensamento bom da própria cabeça. Na véspera, aprendera coisas sobre si próprio. Ou talvez tivesse sido durante a manhã, depois de tudo terminado.

Ainda sentia alguns dos lobos, uns poucos sobreviventes, agora a caminho de um lugar bem longe dali, longe dos homens. Os lobos ainda eram o assunto mais comentado no acampamento, e eram inquietantes as especulações sobre sua origem e por que tinham vindo. Uns poucos acreditavam que Rand os invocara. A maioria achava que tinham sido as Aes Sedai. As Aes Sedai não revelavam seus pensamentos. Os lobos não lançavam nenhuma culpa — o passado ficava no passado —, mas Perrin não conseguia medir forças com seu fatalismo. As criaturas tinham respondido ao seu chamado. Seus ombros, que de tão largos faziam o corpo parecer menor, curvavam-se sob o peso da responsabilidade. De vez em quando ouvia outros lobos, os que não tinham ido, falando desdenhosos

com os que tinham corrido para atender seu chamado: aí estava o resultado de se meter com os duas-pernas. Nada mais se poderia esperar.

Foi um esforço guardar os próprios pensamentos para si. Queria estar em casa, em Dois Rios. As chances disso eram pequenas; talvez nunca mais acontecesse. Queria uivar, afirmar que os lobos desdenhosos estavam com a razão. Queria estar com sua esposa em qualquer lugar que fosse, queria que tudo voltasse a ser como antes. As chances disso não pareciam muito melhores, talvez fossem até piores. Muito mais que o desejo de estar em casa, até mais que os lobos, a preocupação com Faile o corroía por dentro, feito um furão lhe roendo as entranhas. Ela parecera até contente ao vê-lo sair de Cairhien. O que Perrin faria com ela? Era incapaz de descrever em palavras o tamanho do amor que sentia pela esposa, e o quanto precisava dela... mas Faile sentia ciúmes sem razão, mágoa a troco de nada, irritação sem motivo. Precisava fazer alguma coisa, mas o quê? A resposta lhe fugia. Seus pensamentos eram cuidadosos, enquanto Faile escapava feito areia movediça.

— Os Aiel deveriam pôr umas roupas — resmungou Aram, afetado, encarando o chão de cenho franzido. Estava agachado ali perto, segurando pacientemente as rédeas de um capão cinza alto e magro. Era raro ele se afastar de Perrin. A espada presa em suas costas chacoalhou junto ao casaco de Latoeiro de listras verdes, aberto por conta do calor, emitindo um som estridente. Um lenço enrolado na testa afastava o suor dos olhos. Em outros tempos, Perrin o considerara quase bonito demais para um homem. No entanto, uma escuridão vazia tomara conta do sujeito, que agora vivia carrancudo. — Não é decente, Lorde Perrin.

Relutante, Perrin deixou de lado os pensamentos sobre Faile. Com tempo, esclareceria tudo. Daria um jeito.

— É o jeito deles, Aram.

Aram franziu o cenho, como se fosse cuspir.

— Pois não é um jeito decente. Assim eles ficam sob controle, eu presumo, já que ninguém ia correr para longe ou arrumar confusão desse jeito... mas não é decente, ah, não.

Havia Aiel para todos os lados, claro. Homens altos e pouco amistosos em trajes cinza, marrons e verdes; o único ponto de cor era uma faixa de tecido escarlate amarrada na testa, o disco branco e preto na frente. *Siswai'aman*, era como se chamavam. Às vezes a palavra deixava Perrin com uma pulga atrás da orelha, como se fosse um termo que devesse conhecer. Se perguntasse a um dos Aiel, recebia em resposta a mirada firme de quem acabava de ouvir a maior asneira. Mas havia outros sem as tiras de tecido. Nenhuma Donzela da Lança usava a faixa vermelha. Não importava se tinha a cabeça branca ou se não tivesse idade sequer para se afastar da mãe, todas as Donzelas dispensavam olhares desafiadores e meio presunçosos aos *siswai'aman*, que retribuía com miradas impassíveis, lançando um odor quase de fome — pelo cheiro, era questão de inveja, mas Perrin não fazia nem ideia do motivo. Fosse lá o que fosse, não era novidade, nem parecia provável que os grupos fossem chegar às *vias de fato*. Também havia umas poucas Sábias dentro dos carroções, com suas saias pesadas e blusas brancas, os xales escuros desafiando o calor, os braceletes cintilantes e os colares de ouro e marfim compensando a simplicidade dos trajes. Algumas pareciam se divertir com as Donzelas e os *siswai'aman*; outras se irritavam. Todos — Sábias, Donzelas e *siswai'aman* — ignoravam os Shaido, assim como Perrin ignoraria um banquinho ou um tapete.

Os Aiel tinham capturado duzentos e tantos Shaido no dia anterior, homens e Donzelas — não muitas, considerando o total de envolvidos. Os prisioneiros circulavam livremente, por assim dizer. Perrin estaria bem mais

confortável se estivessem vigiados. E vestidos. Em vez disso, ficavam num leva-e-traz de água e recados, nus como vieram ao mundo. Com os outros Aiel, eram mansos feito ratinhos. De resto, quem os olhasse recebia carrancas desafiadoras. Perrin não era o único que tentava *não* olhar, e Aram não era o único que resmungava. Vários homens de Dois Rios faziam uma coisa ou outra, ou ambas. Muitos cairhienos quase tinham ataques apopléticos ao ver um Shaido. Os homens de Mayene só balançavam a cabeça, como se tudo aquilo fosse uma piada. E devoravam as mulheres com os olhos. Eram tão sem-vergonha quanto os Aiel, aqueles homens de Mayene.

— Gaul me explicou, Aram. Você sabe o que é um *gai'shain*, não sabe? Sabe do *ji'e'toh*, dessa história de servir um ano e um dia e tudo o mais? — O homem assentiu, o que era bom. O próprio Perrin não sabia muita coisa. As explicações de Gaul sobre os Aiel em geral só o confundiam ainda mais. Gaul sempre achava tudo muito óbvio. — Bom, os *gai'shain* não têm permissão para usar nada que um *algai'd'siswai* usaria. Esse nome significa “lutadores da lança” — acrescentou, ao ver a expressão interrogativa de Aram.

De súbito, percebeu que estava encarando uma Shaido que trotava em sua direção, uma jovem alta, de cabelos dourados e bem bonita, apesar da comprida cicatriz que descia pela bochecha e de outras cicatrizes em outros pontos. Muito bonita, e muito nua. Ele pigarreou alto e desviou o olhar. Sentiu o rosto quente.

— Enfim, é por isso que eles estão... desse jeito. Os *gai'shain* usam roupas brancas, e não tem nenhuma por aqui. É só o jeito deles...

Que se queime Gaul com suas explicações, pensou. Eles deviam se cobrir com alguma coisa!

— Perrin Olhos-Dourados — chamou uma voz feminina —, Carahuin quer saber se o senhor deseja água.

O rosto de Aram ficou roxo. Ainda agachado, ele deu um solavanco e virou o corpo de costas para a mulher.

— Não, obrigado.

Perrin não precisou olhar para cima para saber que era a loira dos Shaído. Manteve o olhar desviado, encarando o nada. Os Aiel tinham um senso de humor peculiar, e as Donzelas da Lança — Carahuin era uma delas — eram as mais peculiares. Elas logo perceberam como os aguacentos reagiam aos Shaído, o que só um cego não notaria, e de uma hora para outra começaram a mandar *gai'shain* até os aguacentos a torto e a direito. Os Aiel praticamente rolavam de rir dos rostos enrubescidos, dos balbucios e até dos berros. Perrin tinha certeza de que Carahuin e as amigas o observavam naquele exato instante. Era pelo menos a décima vez que uma *gai'shain* ia até ele perguntar se queria água, se tinha uma pedra de amolar sobrando ou qualquer outra idiotice.

Um pensamento súbito lhe tomou de assalto. Os homens de Mayene raramente sofriam esse tipo de assédio. Alguns cairhienos claramente gostavam de olhar, embora não de forma tão explícita quanto os homens de Mayene, e também uns velhos de Dois Rios que já não deviam se prestar a essas coisas. A questão era que nenhum desses, que ele soubesse, recebera mais que um recadinho espúrio. Os mais reativos, por outro lado... Os cairhienos, que viviam bradando sobre indecências, e dois ou três jovens de Dois Rios, que gaguejavam e coravam quase a ponto de derreter, tinham sido importunados até fugirem dos carroções.

Com esforço, Perrin tornou a olhar o rosto da *gai'shain*. Seus olhos. *Atenção aos olhos*, pensou, frenético. Eram verdes, grandes e nada submissos. A mulher cheirava a pura fúria.

— Mande minha gratidão a Carahuin e diga que você pode passar um óleo na minha sela reserva, se ela não se incomodar. E estou sem camisas limpas. Será que ela se importa que você lave umas roupas para mim?

— Ela não se importa — respondeu a mulher, em um tom rígido, então deu meia-volta e saiu a passos firmes.

Perrin desviou os olhos com esforço, embora a imagem permanecesse gravada em sua mente. Luz, Aram tinha razão! Com sorte, porém, talvez tivesse acabado de impedir outras visitas. Teria que dizer isso a Aram e aos homens de Dois Rios. Talvez os cairhienos também escutassem.

— O que é que vamos fazer em relação a elas, Lorde Perrin? — Mesmo ainda olhando para longe, Aram já não falava dos *gai'shain*.

— Isso cabe a Rand decidir — respondeu Perrin, hesitante, a satisfação se esvaindo.

Podia ser estranho considerar pessoas andando nuas por aí um problema pequeno, mas a outra questão com certeza era maior. E Perrin estava evitando lidar com aquilo com o mesmo fervor com que evitava o que jazia ao norte.

Do lado oposto do círculo dos carroções, havia quase duas dúzias de mulheres sentadas no chão. Todas bem-vestidas, com roupas de viagem. Muitas usavam seda, e a maioria trajava sobrecapas de linho leve, mas sem uma gota de suor na face. Três pareciam tão jovens que, antes de se casar com Faile, ele poderia tê-las chamado para uma dança.

Bom, se não fossem Aes Sedai, pensou, amargurado. Certa vez, chegara a dançar com uma Aes Sedai, e quase mordeu a língua ao perceber a identidade da parceira. E tinha sido sua amiga, se é que podia chamar alguma Aes Sedai de amiga. *Por quanto tempo uma Aes Sedai aparenta a idade que de fato tem?* As outras tinham uma idade indefinida. Talvez tivessem vinte anos, talvez quarenta; a sensação mudava de uma olhada a

outra, mas era sempre incerta. Era o que diziam seus rostos, embora muitas já tivessem cabelos grisalhos. Com Aes Sedai, simplesmente não era possível ter certeza. A respeito de nada.

— Pelo menos essas já não representam perigo — disse Aram, apontando com a cabeça na direção de três irmãs um pouco afastadas das outras.

Uma delas chorava com o rosto enfiado entre joelhos, as outras duas encaravam o nada, perturbadas; uma puxava a saia, num gesto meio abobalhado. Estavam daquele jeito desde o dia anterior, mas pelo menos ninguém mais gritava. Se Perrin entendera direito, o que não tinha muita certeza, aquelas mulheres de alguma forma tinham sido estancadas durante a libertação de Rand. Elas jamais voltariam a canalizar o Poder Único. Para uma Aes Sedai, decerto era melhor estar morta.

Teria esperado que as outras Aes Sedai as confortassem, que cuidassem delas de alguma forma, mas a maioria ignorava as três por completo, ainda que de uma forma meio calculada, mantendo o olhar em qualquer outro canto possível. As Aes Sedai estancadas, inclusive, também se recusavam a reconhecer a presença das outras. No início, pelo menos, algumas poucas irmãs tinham se aproximado, uma de cada vez, com o olhar calmo, mas com um odor pungente de aversão e relutância. Porém, nada conseguiram fazer contra a dor delas, nem uma palavra, nem um olhar. Nenhuma havia se aproximado naquela manhã.

Perrin sacudiu a cabeça. As Aes Sedai pareciam sempre ignorar o que não queriam admitir. Os homens de casaco preto parados perto delas, por exemplo. Havia um Asha'man para cada irmã, inclusive para as três que tinham sido estancadas, e pareciam nem sequer piscar. As Aes Sedai olhavam para além dos Asha'man, ou através deles — era como se os homens sequer existissem.

Era um belo truque. Perrin não conseguia ignorar os Asha'man, e olha que nem estava sob a guarda deles. Iam desde garotos com uma leve penugem no rosto até velhotes grisalhos de cabelo ralo, e o que os tornava perigosos não era a cara fechada, os casacos pretos de gola alta ou a espada que usavam na cintura. Cada Asha'man era capaz de canalizar e de alguma forma estavam impedindo as Aes Sedai de canalizarem. Homens capazes de manejar o Poder Único, um verdadeiro pesadelo... Rand podia, claro, mas era *Rand*. E, além do mais, era o Dragão Renascido. Aqueles sujeitos arrepiavam os pelos da nuca de Perrin.

Os Guardiões sobreviventes das Aes Sedai capturadas mantinham certa distância, vigiados sob uma guarda própria. Trinta e tantos dos homens do exército de Lorde Dobraine, de capacetes cairhienos em forma de sino, e o mesmo número de homens da Guarda Alada de Mayene, com suas placas peitorais vermelhas, todos com olhos de águia, como se vigiassem leopardos. Uma boa atitude, considerando as circunstâncias. Mais guardas que Guardiões, um bom número a mais, e talvez ainda assim fossem poucos.

— Queira a Luz que esse bando não cause mais nenhuma desgraça — murmurou Perrin.

Os Guardiões tinham tentado escapar duas vezes durante a noite. Na verdade, as fugas tinham sido suprimidas mais pelos Asha'man que pelos cairhienos ou os homens de Mayene, e eles não foram gentis. Nenhum Guardião tinha sido morto, mas pelo menos dez tinham ossos quebrados que nenhuma das irmãs conseguira Curar.

— Se o Lorde Dragão não pode tomar a decisão — murmurou Aram —, talvez deva ser tomada por outra pessoa. Para a proteção dele.

Perrin disparou um olhar de esguelha.

— Que decisão? As irmãs proibiram os Guardiões de tentarem outra fuga, e eles vão obedecer a suas Aes Sedai.

De ossos quebrados ou não, desarmados como estavam, com as mãos atadas às costas, os Guardiões ainda pareciam uma matilha de lobos só aguardando o comando do líder para atacar. Nenhum sossegaria até que sua Aes Sedai fosse libertada, talvez até que todas as irmãs fossem soltas. Aes Sedai e Guardiões; uma pilha de troncos de carvalho envelhecidos, prontos para arder em chamas. Mas até os Guardiões e as Aes Sedai tinham provado não ser páreo para os Asha'man.

— Não estou falando dos Guardiões. — Aram hesitou, então aproximou-se de Perrin e baixou ainda mais a voz, até um sussurro rouco. — As Aes Sedai sequestraram o Lorde Dragão. Ele não pode confiar nelas, nunca, mas também não faz o que tem de fazer. Se elas morressem antes que ele soubesse...

— O que é que você está dizendo? — Perrin quase engasgou ao se empertigar. Não pela primeira vez, ficou pensando se de fato havia algum traço de Latoeiro no outro homem. — Elas estão indefesas, Aram! Mulheres indefesas!

— Elas são Aes Sedai. — Os olhos escuros sustentaram o olhar dourado de Perrin. — Não são confiáveis, não podem ficar à solta. Por quanto tempo dá para manter uma Aes Sedai presa contra a própria vontade? Elas têm feito tudo o que podem há muito mais tempo que os Asha'man. Devem saber mais. São uma ameaça para o Lorde Dragão e para o senhor, Lorde Perrin. Eu as vi olharem para o senhor.

Do outro lado do círculo de carroções, as irmãs conversavam entre si em sussurros que nem Perrin conseguia ouvir, a boca bem perto da orelha da outra. Vez ou outra uma olhava para ele e Aram — ou melhor, *para ele*, não para Aram. Perrin pescara um bom punhado de nomes. Nesune Bihara.

Erian Boroleos e Katerine Alruddin. Coiren Saeldain, Sarene Nemdahl e Elza Penfell. Janine Pavlara, Beldeine Nyram, Marith Riven. Essas últimas eram as irmãs mais jovens. Mesmo assim, jovens ou de idade indefinida, todas o observavam com expressões tão serenas que pareciam estar na vantagem, a despeito dos Asha'man. Derrotar as Aes Sedai não era fácil; fazê-las admitir a derrota beirava o impossível.

Perrin se forçou a desunir os dedos e pousou as mãos sobre os joelhos, exibindo uma calma que não estava nem perto de sentir. As mulheres sabiam que ele era *ta'veren*, um daqueles poucos em torno de quem o Padrão se moldava por um tempo. E pior: sabiam que ele estava ligado a Rand de uma forma que ninguém compreendia, muito menos ele próprio ou Rand. Ou Mat. Mat também estava nesse emaranhado, outro *ta'veren*, embora nenhum dos dois tivesse a força de Rand. Se tivessem a menor chance, aquelas mulheres trancafiariam ele e Mat dentro da Torre Branca com a mesma rapidez com que poriam Rand, todos acorrentados feito cabras, esperando a chegada do leão. E tinham mesmo sequestrado Rand, feito mal a ele. Aram tinha razão sobre uma coisa: as mulheres não eram confiáveis. Mas o que Aram sugeria ele não faria... não podia! Não iria encorajar tal coisa. Só o pensamento lhe embrulhava o estômago.

— Não quero mais ouvir falar nisso — rosnou. O ex-latoeiro abriu a boca, mas Perrin o interrompeu. — Nem mais uma palavra, Aram, está ouvindo? Nem mais uma palavra!

— Como milorde Perrin quiser — murmurou Aram, inclinando a cabeça.

Perrin desejou poder ver o rosto dele. O homem não exalava raiva nem ressentimento. Isso era o pior. Não havia cheiro de raiva nem quando Aram sugeria um assassinato.

Uma dupla de homens de Dois Rios subiu nas rodas do carroção seguinte, espiando abaixo dele e da colina, em direção ao norte. Cada um

portava uma aljava no quadril direito e uma faca robusta e de lâmina comprida, quase uma espada curta, do lado esquerdo. Uns bons trezentos homens tinham seguido Perrin até ali. Ele maldizia o primeiro a chamá-lo de Lorde Perrin, maldizia o dia em que parara de tentar impedi-los. Mesmo com os murmúrios e barulhos rotineiros em um acampamento daquele tamanho, não teve dificuldade em ouvir a dupla.

Tod al'Caar, um ano mais jovem que Perrin, soltou um longo suspiro, como se pela primeira vez enxergasse o que estava lá embaixo. Perrin quase sentia o queixo quadrado do homem se mexendo. A mãe de Tod só o deixara partir pela honra de ter o filho acompanhando Perrin Olhos-Dourados.

— Uma vitória notável — disse Tod, por fim. — Foi isso o que conquistamos. Não foi, Jondyn?

O grisalho Jondyn Barran, deformado feito uma raiz de carvalho, era um dos poucos homens de mais idade entre os trezentos. Melhor arqueiro que qualquer um em Dois Rios, exceto o Mestre al'Thor, e o melhor caçador de todos, mas um dos residentes menos honrados de Dois Rios. Jondyn não trabalhara um dia sequer a mais que o necessário desde que completara idade suficiente para sair da fazenda do pai. Só queria saber da floresta e de caçar, além de se embriagar nos dias de festival. Agora, cuspiu audivelmente antes de dizer:

— Se você diz, rapaz. Foram esses malditos Asha'man que venceram, de todo modo. E foi bem-vindo, eu digo. Pena que eles não pegam essa vitória e vão comemorar em algum outro lugar.

— Eles não são tão ruins — protestou Tod. — Eu mesmo não me incomodaria em ser um deles. — Aquilo soava mais como uma bravata do que verdade. E cheirava a bravata, também. Mesmo sem olhar, Perrin teve certeza de que o rapaz lambia os lábios. Era provável que fizesse pouco

tempo que a mãe de Tod o assustara com histórias de homens capazes de canalizar. — Porque Rand... Quer dizer, o Lorde Dragão... Isso ainda é estranho, não é? Que Rand al'Thor seja o Dragão Renascido e tudo o mais? — Tod riu, um som curto e desconfortável. — Bem, ele pode canalizar, e não parece... ele não... quer dizer... — O rapaz engoliu em seco. — Além do mais, o que poderíamos ter feito sem eles, com todas aquelas Aes Sedai? — Isso saiu em um sussurro. Ele agora cheirava a medo. — Jondyn, o que é que vamos fazer? Quer dizer, Aes Sedai *prisoneiras*?

O homem mais velho cuspiu outra vez, mais alto que antes. Também não se deu ao trabalho de baixar a voz. Jondyn sempre dizia o que pensava, não importava quem estava ouvindo, outro motivo para sua má reputação.

— Melhor para nós se todas tivessem morrido ontem, rapaz. Vamos pagar por isso antes do fim. Pode escrever, vamos pagar caro.

Perrin parou de ouvir — tarefa difícil, considerando seus ouvidos. Primeiro Aram, agora Jondyn e Tod, ainda que de forma mais indireta. *Que o queime, Jondyn!* Não, o homem podia fazer até Mat parecer esperto, mas, se ele falava, os outros pensavam. Nenhum homem de Dois Rios se disporia a machucar uma mulher, mas quem mais desejava a morte das prisioneiras Aes Sedai? E quem poderia tentar conquistar a façanha?

Perscrutou o círculo de carroções, incomodado. Não gostava nada da ideia de ter que proteger as prisioneiras Aes Sedai, mas não se esquivava da tarefa. Tinha pouca afeição por qualquer Aes Sedai, menos ainda por essas, mas crescera com a certeza não dita de que qualquer homem se colocaria em risco para proteger uma mulher, desde que essa mulher permitisse; e gostar dela ou sequer conhecê-la não fazia diferença. Verdade, uma Aes Sedai podia atar qualquer homem que quisesse de infinitas maneiras diferentes, mas, apartada do Poder, era igual a qualquer outra pessoa. Essa

era a luta que tratava toda vez que olhava para elas. Vinte Aes Sedai. Vinte mulheres que talvez não soubessem se defender sem o Poder.

Passou um tempo analisando os guardas Asha'man, todos com uma expressão sombria feito a morte. Exceto pelos três que vigiavam as mulheres estancadas. Esses tentavam parecer tão sombrios quanto o resto, mas sob a tentativa havia alguma outra coisa... Satisfação, talvez. Se pelo menos estivesse perto o bastante para sentir o cheiro... Qualquer Aes Sedai representava uma ameaça aos Asha'man. Talvez o inverso também fosse verdade. Talvez esses homens fossem apenas estancá-las. Pelo pouco que Perrin conseguira entender, estancar uma Aes Sedai equivalia a um assassinato, com a diferença de que o corpo levava uns anos para se deitar.

Qualquer que fosse o caso, Perrin concluiu, relutante, que precisava deixar os Asha'man a cargo de Rand. Os homens só falavam entre si e com as prisioneiras, e Perrin duvidava de que dariam ouvidos a qualquer um além de Rand. A questão era: o que Rand diria? E o que Perrin poderia fazer, se ele dissesse a coisa errada?

Deixando o problema de lado, coçou a barba com o dedo. Os cairhienos ficavam muito nervosos com as Aes Sedai para considerar machucá-las, e os homens de Mayene eram respeitosos demais, mas ficaria de olho mesmo assim. Quem imaginaria que Jondyn iria tão longe quanto fora? Perrin ainda possuía certa influência entre os cairhienos ou os homens de Mayene, embora isso decerto fosse mudar se os homens pensassem melhor. Afinal de contas, a bem da verdade, ele não passava de um simples ferreiro. Então restavam os Aiel. Perrin suspirou. Não sabia nem quanta influência o próprio Rand de fato tinha sobre os Aiel.

Era difícil distinguir odores individuais com tanta gente em volta, mas já estava acostumado a distinguir tudo tanto pelo cheiro quanto pela visão. Pelo cheiro, os *siswai'aman* que se aproximavam estavam calmos, porém

alerta — um odor plácido e marcante. Mal notavam as Aes Sedai. O aroma das Donzelas era espinhento, com uma fúria reprimida, e mais ainda quando encaravam as prisioneiras. E as Sábias... todas as Sábias que chegaram de Cairhien eram capazes de canalizar, embora nenhuma tivesse o rosto de idade indefinida. Supôs que usassem o Poder Único com pouca frequência. Contudo, fossem de rosto liso como Edarra ou de feições curtidas como a grisalha Sorilea, portavam-se com um autocontrole que se equiparava aos das Aes Sedai. Mulheres graciosas, na maioria, quase todas altas, assim como quase todos os Aiel, e pareciam ignorar as irmãs por completo.

Sorilea examinou as prisioneiras sem nenhuma hesitação e continuou falando baixinho com Edarra e outra Sábia, uma mulher esguia e loira que Perrin não conhecia de nome. Se pelo menos entendesse o teor da conversa... As Sábias foram caminhando, sem alterar em nada as expressões serenas, mas os odores eram outra história. Quando o olhar de Sorilea passou pelas Aes Sedai, seu cheiro ficou frio e distante, soturno e resoluto, e, enquanto ela falava, os odores das outras duas se alteraram, passando a combinar mais com o de Sorilea.

— Um belo de um caldo — grunhiu Perrin.

— Problemas? — perguntou Aram, empertigando-se, a mão direita pronta para pegar o cabo da espada com uma cabeça de lobo no topo, projetado por cima do ombro. Aram passara a manejar muito bem aquela espada em um espaço muito curto de tempo e jamais relutava em usá-la.

— Nenhum problema, Aram.

Não era exatamente mentira. Removido aos trancos de seu estado sorumbático e meditativo, Perrin olhou os outros de verdade pela primeira vez. Todos juntos. Não gostava do que via, e as Aes Sedai eram só parte daquilo.

Cairhienos e homens de Mayene observavam os Aiel com desconfiança, o que nada mais era além de uma resposta à desconfiança dos Aiel, sobretudo em relação aos cairhienos. Nisso não havia surpresa. Afinal, os Aiel tinham a reputação de não serem nem um pouco amistosos com os nascidos deste lado da Espinha do Mundo, e ainda menos se fossem cairhienos. A simples verdade era que Aiel e cairhienos se odiavam com a maior força possível. Nenhum dos grupos chegara a deixar a inimizade de lado — o melhor que se podia dizer era que era mantida sob rédeas bem folgadas —, mas até agora Perrin estivera convencido de que iam conseguir se conter. Por Rand, se não por qualquer outro motivo. Mas um clima estranho pairava sobre o acampamento, uma tensão que tingia todos. Rand estava solto, e as alianças temporárias enfim se provaram não ser nada além disso: temporárias. Os Aiel suspendiam as lanças quando olhavam para os cairhienos, que apalpavam as espadas com um ar soturno. Os homens de Mayene também... Esses não tinham qualquer desavença com os Aiel, nunca sequer haviam lutado contra eles — exceto pela Guerra dos Aiel, quando todos tinham lutado contra eles —, mas, se houvesse luta, havia pouca dúvida sobre que lado escolheriam. Assim como os homens de Dois Rios, provavelmente.

Entretanto, o clima soturno era ainda mais forte entre os Asha'man e as Sábias. Os homens de casacos pretos não dispensavam mais atenção às Donzelas e aos *siswai'aman* que aos cairhienos, aos homens de Mayene ou os de Dois Rios, mas observavam as Sábias com expressão quase tão sombria quanto as que dispensavam às Aes Sedai. Era muito provável que fizessem pouquíssima distinção entre os grupos de mulheres capazes de manejar o Poder Único. Qualquer uma podia ser inimiga e perigosa; e treze juntas eram um perigo mortal. Havia mais de noventa Sábias no acampamento ou pelos arredores. Menos da metade do número de

Asha'man, mas ainda assim o bastante para causar estrago, caso desejassem. Mulheres capazes de canalizar, mas que no entanto pareciam seguir Rand — mulheres que pareciam seguir Rand, mas que no entanto eram capazes de canalizar.

As Sábias encaravam os Asha'man apenas com um pouco menos de frieza do que encaravam as Aes Sedai. Os Asha'man eram homens capazes de canalizar, mas seguiam Rand. Seguiam Rand, mas... Rand era um caso à parte. Segundo Gaul, sua habilidade para canalizar não era mencionada nas profecias sobre o *Car'a'carn*, mas os Aiel pareciam fingir que esse inconveniente não existia. Os Asha'man, no entanto, sequer estavam nessas profecias. Devia ser como descobrir um grupo de leões raivosos lutando a seu lado. Por quanto tempo permaneceriam leais? Talvez fosse melhor abatê-los logo.

Jogou a cabeça para trás, encostando-a na roda do carroção, mantendo os olhos fechados, arfando o peito em um riso silencioso e melancólico. Na Alta Chasalina, deveria pensar nas coisas boas. *Que me queime*, pensou, amargo, *eu devia ter ido com Rand*. Não, era melhor saber... E melhor que fosse de uma vez. Mas, pela Luz, o que ele faria? Se os Aiel, os cairhienos e os homens de Mayene se virassem uns contra os outros, ou pior, os Asha'man e as Sábias... Aquilo era um barril cheio de cobras, e a única forma de saber quais eram víboras era enfiar a mão dentro. *Luz, como eu queria estar em casa com Faile, com uma forja onde trabalhar e ninguém me chamando de lorde por aí*.

— Seu cavalo, Lorde Perrin. O senhor não disse se queria Galope ou Tenaz, então selei... — Notando o olhar firme e dourado de Perrin, Kenly Maerin se calou e ficou parado junto ao garanhão castanho que conduzia.

Perrin fez um gesto para tranquilizar o rapaz. Nada daquilo era culpa de Kenly. O que não tinha conserto era preciso aguentar.

— Calma, rapaz. Você fez bem. Galope está ótimo.

Odiava falar com Kenly daquele jeito. O jovem baixo e truncado mal tinha idade de se casar ou de sair de casa e sem dúvida não tinha idade para a barba falha que tentava cultivar, querendo imitar Perrin. Contudo, lutara contra Trollocs em Campo de Emond e se saíra muito bem na luta de ontem. Mas ele escancarou um sorriso ao ouvir o elogio de Lorde Perrin dos Malditos Olhos-Dourados.

Perrin se levantou, pegou o machado de onde estava apoiado, debaixo do carroção, fora de vista e longe dos pensamentos por um tempo, e enfiou o cabo no passante do cinto. Uma pesada lâmina em meia-lua, equilibrada por uma grossa ponteira curva; um objeto feito com nenhum outro propósito além de matar. O cabo do machado em suas mãos era familiar demais para ser confortável. Será que ele ainda recordava a sensação de segurar um martelo de forja? Havia outras coisas para além de “Lorde Perrin” que talvez fosse tarde demais para mudar. Um amigo certa vez lhe dissera que guardasse o machado até começar a gostar de usá-lo. O pensamento lhe trouxe um calafrio, apesar do calor.

Com um balanceio, montou a sela de Galope, gesto que foi imitado por Aram, em seu cinzento, e ficou sentado virado para o sul, para dentro do círculo de carroções. Com pelo menos metade a mais de altura que o mais alto dos Aiel, Loial andava com cuidado, passando por cima dos engates dos carroções cruzados. Com seu tamanho, o Ogier realmente parecia poder quebrar um dos pesados varões de madeira com um passo em falso. Como de costume, o grandalhão levava um livro na mão, um dedo grosso marcando a página, e os espaçosos bolsos do longo casaco estavam abarrotados de outros volumes. Loial passara a manhã em um pequeno aglomerado de árvores que chamava de tranquilo e sombroso — mas por mais sombra que houvesse entre aquelas árvores, o calor também o afetava.

O Ogier tinha o semblante cansado, e o casaco estava desabotoado, com o laço da camisa desfeito e as botas enroladas para baixo, sob os tornozelos. Ou talvez fosse mais que o calor. Assim que adentrou o círculo de carroções, Loial parou, perscrutando as Aes Sedai e os Asha'man, e os tufos de suas orelhas estremeceram, incomodados. Os olhos grandes feito xícaras de chá se voltaram para as Sábias, e as orelhas vibraram outra vez. Ogier eram sempre sensíveis aos sentimentos que permeavam os ambientes.

Quando viu Perrin, Loial cruzou o acampamento a passadas firmes. Sentado em sua sela, Perrin ainda assim ficava dois ou três palmos mais baixo do que o amigo de pé.

— Perrin — sussurrou Loial —, isso está tudo errado. Não está certo, e além do mais é perigoso.

Para um Ogier, foi um sussurro. Soava feito uma abelha do tamanho de um cão de guarda. Algumas Aes Sedai viraram a cabeça.

— Dá para falar um pouquinho mais alto? — perguntou Perrin, quase entre dentes. — Acho que o pessoal em Andor ainda não ouviu. A oeste de Andor, talvez.

Loial o encarou, sobressaltado, então fez uma careta, as compridas sobrancelhas roçando as bochechas.

— Olha, eu sei sussurrar, sabe... — Desta vez era improvável que alguém ouvisse com clareza a mais de uns três passos de distância. — O que vamos fazer, Perrin? É errado prender as Aes Sedai contra a vontade delas, é errado e também é perverso. Eu já disse isso antes, e vou dizer outra vez. E nem é o pior... A sensação aqui... está faiscando, este lugar vai entrar em erupção feito um carroção carregado de fogos de artifício. Rand está sabendo disso?

— Não sei — respondeu Perrin, para as duas perguntas.

Depois de um instante, o Ogier assentiu, relutante.

— Alguém tem que saber, Perrin. Alguém tem que fazer alguma coisa.

Loial olhou para o norte, por cima dos carroções atrás de Perrin, que imediatamente soube que não havia mais como adiar.

De má vontade, deu meia-volta com Galope. Preferia ter se preocupado com Aes Sedai, Asha'man e Sábias até ficar careca, mas o que tinha de ser feito, tinha de ser feito. *Pense em coisas boas durante a Alta Chasalina.*



CAPÍTULO 2



O QUINTAL DO AÇOUGUEIRO

A princípio, Perrin não olhou colina abaixo, em direção ao ponto aonde iria cavalgar, aonde deveria ter ido com Rand naquela manhã. Em vez disso, sentou-se em sua sela na beirada dos carroções e encarou qualquer outro lugar, embora olhar para qualquer ponto lhe desse vontade de vomitar. Era como levar uma martelada na barriga.

Martelada. Dezenove novas sepulturas no topo de uma colina baixa a leste; dezenove homens de Dois Rios que jamais veriam suas casas de novo. Era raro um ferreiro ter que ver gente morrer por conta de suas decisões. Pelo menos os homens de Dois Rios tinham obedecido às suas ordens. Do contrário, teria havido mais covas. Martelada. Retângulos de terra recém-revolvida também cobriam a colina seguinte acima daquela, com quase cem homens de Mayene e mais alguns cairhienos que tinham ido morrer nos Poços de Dumai. Não importavam as causas ou os motivos; aqueles homens tinham seguido Perrin Aybara. Martelada. As escarpas salientes a oeste pareciam túmulos sólidos, talvez mil ou mais. Mil Aiel enterrados de pé, para ver todas as alvoradas. Mil. Alguns eram Donzelas. Os homens mortos já lhe embrulhavam o estômago, mas as mulheres o faziam querer sentar e chorar. Tentava dizer a si mesmo que todos tinham escolhido estar ali, que *tinham* que estar ali. As duas coisas eram verdade, mas ele é que dera as

ordens, e isso o tornava responsável por aquelas lápides. Não Rand, não as Aes Sedai. *Ele*.

Os Aiel vivos só tinham parado de cantar por seus mortos pouco tempo antes; canções inquietantes, entoadas em partes, e que não saíam mais da cabeça.

A vida é um sonho — que não conhece sombra.

A vida é um sonho — de lamento e dor.

Um sonho do qual — rezamos para acordar.

Um sonho do qual — acordamos e partimos.

Quem dormiria — com a nova aurora à espera?

Quem dormiria — quando os ventos doces sopram?

Um sonho termina — quando o novo dia chega.

Um sonho do qual — acordamos e partimos.

Eles pareciam encontrar conforto nessas canções. Perrin também desejava poder encontrar conforto, mas, até onde sabia, os Aiel de fato não viam diferença entre estar vivo ou morto, e isso era loucura. Qualquer homem são desejava viver. Qualquer homem são fugiria de uma batalha o mais depressa possível, com toda a força possível.

Galope jogou a cabeça para trás, as narinas inflando com o cheiro que vinha do chão, e Perrin afagou o pescoço do castanho. Aram sorria enquanto encarava a visão que Perrin tentava bloquear. O rosto de Loial estava tão inexpressivo que poderia ter sido esculpido em madeira. Seus lábios se moveram, devagar, e Perrin pensou ter ouvido “*Luz, que eu nunca mais veja coisa assim*”. Respirando fundo, forçou os olhos a acompanharem os dele até Poços de Dumai.

De certa forma, não era tão ruim quanto as lápides, pois conhecia algumas daquelas pessoas desde pequeno. Mesmo assim, tudo desabou dentro dele ao mesmo tempo, como se o aroma em seu nariz se transformasse em sólido e o golpeasse bem no meio dos olhos. As lembranças que queria esquecer o arrebataram. Os Poços de Dumai já eram um local de morte, de extermínio... mas agora era pior. A menos de uma milha de distância, os destroços chamuscados dos carroções jaziam ao redor de um pequeno arvoredor, quase escondendo as cumeeiras de pedra baixas dos poços. E, ao redor...

Um turbulento mar de negrume, com corvos, urubus e abutres às dezenas de milhares, arrastando-se em torvelinho e se aprumando de novo, ocultando a terra destroçada. Destroços pelos quais Perrin era mais do que grato. Os métodos dos Asha'man tinham sido brutais, destruindo carne e terra com igual imparcialidade. Morreram mais Shaído do que seria possível enterrar em poucos dias, não que alguém fosse se dar ao trabalho de enterrá-los, e os abutres se refestelavam, assim como os corvos e os urubus. Os lobos mortos também estavam lá embaixo. Perrin queria enterrá-los, mas essa não era a conduta dos lobos. Três corpos de Aes Sedai tinham sido encontrados, a canalização fora ineficaz para salvá-las das lanças e flechas em meio à insanidade da batalha, e meia dúzia de Guardiões também tinham sido mortos; estavam enterrados na clareira perto dos poços.

Os pássaros e os mortos não estavam sozinhos. Longe disso. Ondas de penas negras se erguiam em volta de Lorde Dobraine Taborwin e de mais de duzentos homens de seu exército de Cairhien, assim como do Lorde-tenente Havien Nurelle, com tudo o que restava de seus homens de Mayene, e os guardas vigiando os Guardiões. Os *con*, ostentando dois diamantes brancos sobre um fundo azul, distinguiam os oficiais cairhienos, todos

exceto o próprio Dobraine, e as armaduras vermelhas e as lanças com flâmulas vermelhas faziam um espetáculo magnífico em meio à carnificina, mas Dobraine não era o único que tapava o nariz com um pedaço de pano. Aqui e ali via-se algum homem se inclinando na sela, tentando esvaziar o estômago já vazio. Mazrim Taim, quase da altura de Rand, estava a pé, ainda em seu casaco negro com os Dragões azuis e dourados subindo pelas mangas, e talvez mais uns cem dos Asha'man. Alguns também vomitavam. Havia um sem-número de Donzelas, tráfegando pela cena aos borbotões, e mais *siswai'aman* que cairhienos, homens de Mayene e Asha'man juntos, além de várias dezenas de Sábias. Todos, supostamente, para caso os Shaido retornassem ou caso alguns dos mortos estivessem apenas fingindo, embora Perrin achasse que qualquer pessoa que fingisse ser um cadáver estava bem próxima da loucura. Todos reunidos em torno de Rand.

Perrin devia ter estado lá embaixo com os homens de Dois Rios. Rand perguntara por eles, falara sobre como confiava nos homens de casa, mas Perrin não prometera nada. *Ele vai ter que se contentar comigo, e ainda por cima atrasado*, pensou. Dentro em breve, quando conseguisse se preparar para a visão do massacre no pátio de açougueiro abaixo. A diferença era que uma faca de açougueiro não retalhava gente e era mais limpa que um machado, mais limpa que um abutre.

Os Asha'man, com seus casacos pretos, se mesclavam ao mar de aves, morte engolida por morte, com os corvos e urubus que se avultavam e encobriam os outros, mas Rand se destacava na camisa branca esfarrapada que usava desde a chegada do resgate. Embora talvez mal precisasse de resgate. Perrin fez uma careta ao ver Min bem perto de Rand, com seu casaco vermelho-claro e calças justas. Aquele não era lugar para ela, nem para ninguém, mas Min permanecera ao lado de Rand desde o resgate, mais até do que Taim. De alguma forma, Rand conseguira libertar tanto a si

mesmo quanto a Min antes que Perrin chegasse, ou os Asha'man, e Perrin suspeitava que a jovem visse a presença de Rand como sua única segurança verdadeira.

Às vezes, enquanto caminhava pelo abatedouro, Rand acarinhava o braço de Min ou inclinava a cabeça como se falasse com ela, mas não com toda a sua atenção. Nuvens escuras de aves se elevavam ao redor dele, as menores disparando para se alimentar em outro lugar, os abutres abrindo caminho com relutância, alguns se recusando a levantar voo, espichando os pescoços depenados, guinchando em desafio e andando para trás. De vez em quando, Rand parava e se debruçava por cima de algum corpo. Às vezes, soltava fogo das mãos para abater abutres que não saíam do caminho. E, a cada vez, Nandera, que liderava as Donzelas, ou Sulin, a segunda no comando, discutiam com ele. Às vezes as Sábias também discutiam, pelo jeito como puxavam o casaco de algum corpo, como se exibissem alguma coisa. Rand assentia e seguia em frente. Não sem dar umas olhadelas para trás, no entanto. E apenas até que outro corpo lhe chamasse a atenção.

— O que é que ele está fazendo? — inquiriu uma voz ativa, aos joelhos de Perrin. Pelo perfume, soube quem era sem nem olhar. Majestosa e elegante em um vestido de montaria de seda verde e uma sobrecapa de linho fino, ali estava Kiruna Nachiman, irmã do Rei Paitar de Arafel, além de poderosa nobre por si só. Tornar-se Aes Sedai em nada adiantara para amainar seus modos. Distraído com a cena, Perrin não a ouvira se aproximar. — Por que ele está lá embaixo? Não deveria estar...

Nem todas as Aes Sedai no acampamento eram prisioneiras, embora as que não fossem se mantivessem afastadas desde o dia anterior, conversando entre si, Perrin suspeitava, e tentando descobrir o que acontecera, no fim das contas. Talvez tentando descobrir alguma saída pela tangente. Agora

estavam circulando. Bera Harkin, outra Verde, estava bem ao lado de Kiruna, uma mulher com jeito de fazendeira, a despeito do rosto etéreo e do vestido de lã fina, mas em cada traço ostentava a mesma altivez de Kiruna. Essa fazendeira mandaria um rei limpar os pés antes de adentrar sua casa, e o faria num tom intratável. Juntas, ela e Kiruna tinham liderado as irmãs que foram até os Poços de Dumai com Perrin, ou talvez as duas alternassem a liderança. Não era muito claro quem estava no comando, o que não era incomum, em se tratando de Aes Sedai.

As outras sete permaneciam juntas, não muito longe dali. Parecia uma alcateia de leas, e não de meras codorninhas, considerando seu ar de comando. Os Guardiões estavam reunidos logo atrás e, se as irmãs demonstravam a mais absoluta serenidade, os Guardiões eram totalmente francos em relação a seu sentimento. Eram homens diferentes entre si; alguns usavam as capas furta-cor que pareciam encobrir certas partes do corpo, mas, fossem altos ou baixos, magros ou corpulentos, só de estarem ali parados eram o retrato da violência contida por uma algema gasta.

Perrin conhecia bem duas daquelas mulheres: Verin Mathwin e Alanna Mosvani. Verin era da Ajah Marrom, uma mulher baixa, corpulenta e às vezes quase maternal, ainda que de uma maneira distraída e só quando não estava observando os outros feito um pássaro observando um verme. Alanna, magra e de beleza sombria, embora andasse com os olhos um tanto cansados por alguma razão, era Verde. Ao todo, cinco das nove eram Verdes. Uma vez, certo tempo atrás, Verin o aconselhara a não confiar demais em Alanna — conselho que ele seguia piamente. Não confiava em nenhuma das outras, incluindo Verin. Nem Rand confiava, por mais que na véspera elas tivessem lutado a seu lado e apesar do que acontecera no final. O que Perrin ainda não tinha certeza se acreditava, por mais que tivesse visto.

Cerca de uma dezena de Asha'man descansavam junto ao carroção, a quase vinte passadas de distância das irmãs. Um sujeito arrogante chamado Charl Gedwyn estava na liderança daquela manhã, um homem de rosto rígido que bancava o valentão. Todos usavam um broche no formato de espada de prata na gola alta dos casacos, e quatro ou cinco além de Gedwyn tinham um Dragão vermelho e dourado esmaltado preso do outro lado. Perrin supôs que tivesse a ver com alguma espécie de graduação. Já vira ambos os símbolos em uns dos outros Asha'man. Não eram exatamente guardas, mas os homens estavam sempre perto de Kiruna e as outras. Só descansando... E de olhos bem abertos. Não que as Aes Sedai demonstrassem reparar em sua presença, olhando de fora. Mesmo assim, as irmãs cheiravam a cautela, perplexidade e fúria. Parte disso só podia ser por causa dos Asha'man.

— E então? — Os olhos escuros de Kiruna lampejavam impaciência.

Perrin duvidava de que tanta gente a deixasse esperando.

— Eu não sei — mentiu, dando outro tapinha no pescoço de Galope. — Rand não me conta tudo.

Ele entendia um pouco — ou achava que entendia —, mas não tinha a menor intenção de contar a ninguém. Cabia a Rand revelar, se quisesse. Cada corpo para o qual ele olhava pertencia a uma Donzela, Perrin estava convencido disso. Uma Donzela Shaido, sem dúvida, mas ele não sabia que diferença isso fazia para Rand. Noite passada, Perrin se afastara dos carroções para ficar sozinho, e, assim que o som das gargalhadas dos homens que riam por estarem vivos esvaneceu atrás de si, encontrou Rand. O Dragão Renascido, o homem que fazia o mundo estremecer, sentado no chão, no escuro, os braços envolvendo o corpo, balançando-se para a frente e para trás.

Aos olhos de Perrin, a lua era quase tão boa quanto o sol, mas, naquele momento, ele desejou a mais completa escuridão. O rosto de Rand estava cansado e contorcido, o rosto de um homem que queria gritar, talvez chorar, e que resistia com cada fibra de seu ser. Qualquer que fosse o truque das Aes Sedai para evitar que o calor as afetasse, Rand e os Asha'man também o conheciam, mas o rapaz não o usava naquele momento. O calor da noite fazia frente a um dia de verão mais do que quente, e o suor escorria pela frente de Rand aos borbotões, como pela de Perrin.

Rand não olhou em volta, embora as botas de Perrin farfalhassem alto na grama morta, mas falou, com a voz rouca, ainda se balançando.

— Cento e cinquenta e uma, Perrin. Cento e cinquenta e uma Donzelas morreram hoje. Por mim. Eu prometi a elas, entende? Não discuta comigo! Cale a boca! Vá embora! — Apesar do suor, Rand tremia. — Não você, Perrin; não você. Eu tenho que manter minhas promessas, entende? Eu tenho, não importa o quanto seja doloroso. Mas também tenho que manter a promessa que fiz a mim mesmo. Não importa o quanto seja doloroso.

Perrin tentou não pensar sobre o destino dos homens capazes de canalizar. Os sortudos morriam antes de enlouquecer; os azarados, morriam depois. Sortudo ou azarado, tudo dependia de Rand. Tudo.

— Rand, eu não sei o que dizer, mas...

O amigo parecia não ouvir. Balançava-se, para a frente e para trás. Para a frente e para trás.

— Isan, do Ramo Jarra dos Aiel Chareen. Ela morreu por mim hoje. Chuonde, do Miágoma Aresta da Espinha. Ela morreu por mim hoje. Agirin, dos Shelan Daryne...

Não havia nada a fazer além de ficar ali, de pé, e escutar Rand entoar todos os cento e cinquenta e um nomes, em uma voz que era como a dor

sendo estirada até se romper, desejando que ele estivesse conseguindo se agarrar à sanidade.

Rand estando ou não totalmente são, a verdade era que, se uma Donzela lutando por Perrin tivesse sido morta em algum lugar ali abaixo, ele com certeza faria com que ela não apenas tivesse um enterro decente junto das outras na saliência, mas haveria cento e cinquenta e dois nomes naquela lista. E aquilo não era da conta de Kiruna. Nem aquilo, nem as dúvidas de Perrin. Rand precisava permanecer são, ou pelo menos o suficiente, e era isso. Que a Luz permitisse!

E que a Luz me queime por pensar no assunto com tanta frieza, pensou Perrin.

Pelo canto do olho, viu a boca carnuda da Aes Sedai se apertar por um instante. Kiruna gostava tanto de não saber de tudo quanto gostava de ser forçada a esperar. Ah, a mulher teria sido bela, uma beleza imponente, só que o rosto estava acostumado a ter o que desejava. Não era petulante, apenas completamente segura de que seus desejos eram corretos, apropriados e necessários.

— Com tantos corvos e abutres em um lugar só, decerto há centenas, talvez milhares, prontos para reportar o que viram a um Myrddraal. — Ela não se esforçava para disfarçar a irritação; falava como se Rand tivesse trazido cada uma daquelas aves até ali pessoalmente. — Nas Terras da Fronteira, nós matamos esses bichos assim que os vemos. Vocês têm homens, esses homens têm arcos.

Era verdade: qualquer corvo ou abutre muito provavelmente era espião da Sombra, mas o asco brotou nele. Asco e fadiga.

— E para que o esforço? — Com tantas aves, os homens de Dois Rios e os Aiel poderiam disparar todas as flechas de que dispunham, e os espiões ainda assim reportariam o que viram. Na maioria das vezes não havia como

afirmar se o pássaro morto era espião ou só um pássaro voando para longe. — Será que já não houve mortes demais? Haverá mais em breve. Luz, mulher, até os *Asha'man* estão saturados!

Sobrancelhas se ergueram entre o grupo de irmãs que os observavam. Ninguém falava com uma Aes Sedai daquela maneira, nem um rei ou uma rainha. Bera lançou um olhar de quem considerava erguê-lo da sela e dar um tapa em suas orelhas. Ainda olhando em direção ao massacre abaixo, Kiruna alisou as saias, mantendo o rosto frio e determinado. As orelhas de Loial estremeceram. O Ogier mantinha um respeito profundo, ainda que desconfortável, pelas Aes Sedai. Com quase o dobro da altura da maioria das irmãs, Loial às vezes se comportava como se uma delas pudesse pisar nele sem perceber, caso entrasse em seu caminho.

Perrin não deu a Kiruna chance de falar. Era só dar um dedo a uma Aes Sedai que ela lhe tomava o braço inteiro e podia decidir tomar ainda mais.

— Vocês têm mantido distância de mim, mas tenho umas coisas para dizer. Vocês ontem desobedeceram às ordens. Se quiserem chamar isso de mudança de planos — engatou Perrin, quando ela abriu a boca —, então chamem. Se acharem que vai melhorar as coisas.

Kiruna e as outras oito tinham recebido a ordem de permanecerem junto das Sábias, bem longe da luta de fato, vigiadas pelos homens de Dois Rios e de Mayene. Em vez disso, pularam bem no meio do furacão, entrando onde os homens tentavam retalhar uns aos outros feito comida de cachorro, com lanças e espadas.

— Vocês levaram Havien Nurelle, e metade dos homens de Mayene morreram por conta disso. Vocês não vão mais poder ir para onde quiserem, sem o menor respeito. Eu não vou mais ver homens morrendo porque vocês de repente viram um caminho melhor, e o Tenebroso que carregue o que todos os outros pensam. Estão me entendendo?

— Terminou, fazendeiro? — A voz de Kiruna soava perigosamente calma. O rosto que se virou para ele poderia ter sido esculpido em gelo negro, e ela cheirava a afronta. Mesmo do chão, de alguma forma fazia parecer que o olhava de cima. Não era um truque de Aes Sedai; Perrin já vira Faile fazer o mesmo. Suspeitava que a maioria das mulheres soubesse fazer aquilo. — Vou lhe dizer uma coisa, embora a mais fraca inteligência deveria ser capaz de concluir. Pelos Três Juramentos, nenhuma irmã podia usar o Poder Único como arma, exceto contra Amigos das Trevas e Crias da Sombra ou em defesa da própria vida, a de seus Guardiões ou de outra irmã. Poderíamos ter ficado onde você nos queria, observando até Tarmon Gai'don chegar sem sequer podermos fazer qualquer coisa de eficaz. Não até que nós mesmas estivéssemos em perigo. Eu não gosto de ter que me explicar, fazendeiro. Não me obrigue a fazer isso de novo. Você está entendendo?

As orelhas de Loial murcharam, e ele se empenhou bastante em manter o olhar fixo à frente, deixando claro que desejava estar em qualquer outro lugar que não ali — até mesmo com a mãe, que queria que ele se casasse. Aram estava boquiaberto, e ele sempre tentava fingir que as Aes Sedai não o impressionavam nem um pouco. Jondyn e Tod desceram da roda do carroção de forma um pouquinho displicente demais. Jondyn tentou se afastar a passadas despreocupadas, mas Tod correu, olhando para trás por cima do ombro.

A explicação soava razoável; provavelmente era verdade. Não, considerando outro dos Três Juramentos, *era* verdade. No entanto, havia brechas... Havia como não falar toda a verdade ou ao menos contorná-la. As irmãs podiam muito bem ter se colocado em perigo para então usar o Poder como arma, mas Perrin comeria as próprias botas se elas também não estivessem pensando que conseguiriam chegar a Rand antes de qualquer

um. E só a Luz sabia o que teria acontecido, só a Luz... Mas Perrin tinha certeza de que os planos delas não haviam incluído nada como o que de fato acontecera.

— Ele está vindo — disse Loial, de repente. — Olhem! Rand está vindo. — Baixando a voz a um sussurro, acrescentou: — Tome cuidado, Perrin. — Para um Ogier, de fato era um sussurro. Aram e Kiruna decerto conseguiram ouvir claramente, e talvez até Bera, mas certamente ninguém além dos três. — Elas não juraram nada para você! — Loial retornou a voz ao estrondo costumeiro. — Acha que Rand me contaria o que aconteceu no acampamento? Para o meu livro... — Ele estava escrevendo um livro sobre o Dragão Renascido, ou pelo menos tomando notas. — Eu não consegui ver muita coisa depois que... a luta começou. — Loial permanecera ao lado de Perrin durante toda a luta, manejando um machado com um cabo quase da própria altura. Era difícil tomar nota de qualquer outra coisa enquanto se tentava proteger a própria vida. Quem ouvisse Loial talvez pensasse que ele sempre estava em algum outro lugar quando as coisas ficavam perigosas. — A senhora acha que ele contaria, Kiruna Sedai?

Kiruna e Bera se entreolharam e, então, sem uma palavra, deslizaram com elegância até Verin e as outras. Loial ficou olhando as duas e soltou um suspiro, um vento soprando em uma caverna.

— Você devia mesmo tomar cuidado, Perrin — disse, suspirando. — Você é sempre tão afobado para falar as coisas...

Loial soava como uma abelha do tamanho de um gato, em vez de um cão de guarda. Perrin achou que ele ainda podia aprender a sussurrar, se os dois passassem tempo suficiente perto das Aes Sedai. Porém, gesticulou para que o Ogier se calasse, para que ele pudesse ouvir a conversa. As irmãs começaram a falar no mesmo instante, mas nenhum som chegava aos

ouvidos de Perrin. Elas claramente tinham erigido uma barreira com o Poder Único.

E aquilo também ficou claro para os Asha'man. Os homens que estavam descansando se levantaram em uma fração de segundo, todas as fileiras atentas às irmãs. Nada revelava que tinham agarrado *saidin*, a metade masculina da Fonte Verdadeira, mas Perrin poderia apostar Galope que tinham. Pelo olhar de desprezo de Gedwyn, o homem também estava pronto para usá-lo.

Fosse qual fosse a obstrução que as Aes Sedai tinham erguido, deviam ter baixado. Elas uniram as mãos em silêncio, virando-se para a encosta. Os Asha'man trocaram olhares, até que por fim Gedwyn fez um aceno e todos retornaram à aparente indolência. Gedwyn parecia decepcionado. Rosnando com irritação, Perrin virou-se e olhou para além dos carroções.

Rand vinha subindo a encosta de braço dado com Min, afagando-lhe a mão e conversando com ela. Em dado momento, jogou a cabeça para trás e riu, e a jovem fez o mesmo, balançando os cachos escuros que pendiam por sobre seus ombros. Pareciam um camponês e sua namorada. Exceto pela espada que Rand trazia presa ao cinto, às vezes correndo a mão pelo longo cabo. E exceto por Taim, que vinha em seu encalço. E pelas Sábias, imediatamente atrás. E os círculos de *siswai'aman*, cairhienos e homens de Mayene que completavam a procissão.

Que alívio não ter que cavalgar até aquela ruína, afinal; mas teria que avisar Rand sobre todas as confusões que vira aquela manhã. O que faria se Rand não lhe desse ouvidos? Rand mudara desde que saíra de Dois Rios, e mais ainda desde que fora levado por Coiren e aquele bando. Não. Ele *tinha* que estar são.

Quando Rand e Min adentraram o círculo de carroções, a maioria da procissão permaneceu do lado de fora. Bem, os dois também não estavam

sozinhos, traziam um belo grupo de escolta.

Taim vinha à sombra de Rand, naturalmente, um homem escuro de nariz meio adunco que Perrin supunha que a maioria das mulheres considerasse bonito. Um bom número de Donzelas dispensara duas ou três olhadelas a ele; eram bem ousadas em relação a esse tipo de coisa. Assim que Taim adentrou, olhou para Gedwyn, que balançou a cabeça num movimento mínimo. Uma careta se formou no rosto de Taim, desaparecendo tão rápido quanto surgira.

Nandera e Sulin vinham logo atrás de Rand, à mesma distância, claro, e Perrin se perguntou por que não teriam trazido mais vinte Donzelas. Elas quase não deixavam Rand se banhar sem colocar Donzelas de guarda na banheira, pelo que Perrin percebia. Não entendia por que Rand aguentava aquilo. Cada uma levava a *shoufa* enrolada nos ombros, com cabelo bem curto e só um rabo de cavalo nas costas. Nandera era uma mulher magra e musculosa, com cabelo mais grisalho que loiro, mas as feições duras conseguiam ser bem apessoadas, talvez até bonitas. Sulin — magra, de pele curtida e cabelos brancos — fazia Nandera parecer bela e quase delicada. As duas também olharam os Asha'man, sem dar muito na vista, então perscrutaram os dois grupos de Aes Sedai da mesma forma circunspecta. Os dedos de Nandera se remexeram na linguagem de sinais das Donzelas. Não foi a primeira vez que Perrin desejou entender aqueles gestos, mas uma Donzela abria mão da lança para se casar com um sapo antes de ensinar a linguagem de sinais a um homem. Uma Donzela que Perrin não notara antes, que estava acorada em um carroção a poucos passos de Gedwyn, respondeu da mesma forma, e também outra que até aquele instante brincava de cama-de-gato com uma irmã-de-lança perto das prisioneiras.

Amys entrou com as Sábias e as levou para um canto, para deliberar com Sorilea e algumas poucas das que tinham permanecido nos carroções.

Apesar do rosto jovem demais para os longos cabelos brancos, Amys era uma mulher importante, a segunda entre as Sábias, depois de Sorilea. Não usavam nenhum truque do Poder Único para blindar suas conversas, mas sete ou oito Donzelas as circundaram de imediato e começaram a cantar baixinho. Umas sentadas, umas de pé, outras agachadas, cada uma para si mesma, todas de modo muito casual... Para quem fosse idiota.

Perrin tinha a impressão de que suspirava bastante desde que se envolvera com Sábias e Aes Sedai. Com as Donzelas também. Ultimamente, as mulheres pareciam lhe dar nos nervos.

Dobraine e Havien, guiando seus cavalos e sem os soldados, vinham na retaguarda. Havien enfim vira uma batalha, e Perrin se perguntava se o homem estaria tão ansioso para ver a próxima. Mais ou menos da mesma idade de Perrin, ele não parecia tão jovem quanto dois dias antes. Dobraine, com a frente do cabelo comprido e quase todo grisalho e a parte de trás raspada à moda dos cairhienos, definitivamente não era jovem, e ontem sem dúvida não fora sua primeira batalha, mas, verdade fosse dita, também parecia mais velho, além de mais preocupado. Havien também estava preocupado. Seus olhos buscavam os de Perrin.

Em outro momento, teria esperado para ver sobre o que os dois queriam conversar, mas escorregou para fora da sela, jogou as rédeas de Galope para Aram e foi até Rand. Outros tinham chegado antes dele. Apenas Sulin e Nandera estavam em silêncio.

Kiruna e Bera tinham se remexido no instante em que Rand adentrara a área dos carroções, e, à medida que Perrin se aproximava, Kiruna ia dizendo a Rand, em um tom imponente:

— Você recusou Cura ontem, mas qualquer um poderia ver que ainda sente dor, mesmo se Alanna não parecesse prestes a... — Ela parou de falar quando Bera tocou seu braço, mas prosseguiu, quase sem pausa: — Talvez

esteja pronto para ser Curado agora? — Mas, pelo tom, parecia que perguntava: *Talvez você tenha recuperado o juízo?*

— A questão das Aes Sedai deve ser resolvida sem mais demora, *Car'a'carn* — disse Amys, em um tom formal, por cima de Kiruna.

— Elas devem ser entregues aos nossos cuidados, Rand al'Thor — acrescentou Sorilea, na mesma hora em que Taim se pronunciou:

— O problema das Aes Sedai não precisa ser resolvido, milorde Dragão. Meus Asha'man sabem como lidar com elas. Poderiam ser facilmente confinadas na Torre Negra.

Seus olhos escuros e meio oblíquos tremularam em direção a Kiruna e Bera, e Perrin percebeu, chocado, que Taim se referia a *todas* as Aes Sedai, não apenas às que tinham sido feitas prisioneiras. Inclusive, embora Amys e Sorilea encarassem Taim de cenho franzido, os olhares que dirigiam às duas Aes Sedai implicavam o mesmo.

Kiruna sorriu para Taim e para as Sábias; um sorriso fino, adequado a seus lábios. Talvez fosse uma fração mais duro quando direcionado ao homem de casaco preto, mas Kiruna ainda não parecia perceber a intenção dele. Bastava que o homem fosse quem fosse. O *que* fosse.

— Diante das circunstâncias — disse, com frieza —, estou certa de que Coiren Sedai e as outras me darão uma promessa verbal. Não há necessidade de preocupação...

Os outros começaram a falar todos ao mesmo tempo:

— Essas mulheres não têm honra — soltou Amys, com desdém, e desta vez ficou claro que incluía todas. — Como pode a palavra delas significar alguma coisa? Elas...

— Elas são *da'tsang* — completou Sorilea, soturna, como se proferisse uma sentença, e Bera franziu o cenho para ela. Perrin achou que fosse algo na Língua Antiga; mas uma vez, a palavra quase parecia algo que ele

devesse reconhecer. Mas não sabia por que aquilo fez as Aes Sedai fecharem a cara. Ou por que Sulin de repente assentiu em concordância com a Sábua, que prosseguia feito um pedregulho rolando colina abaixo. — Elas não merecem nada de melhor do que qualquer...

— Milorde Dragão — interveio Taim, como se insistisse no óbvio —, o senhor sem dúvida vai querer que as Aes Sedai, todas elas, fiquem sob comando daqueles em quem confia, que sabe que podem lidar com a situação, que estão mais bem...?

— Chega! — gritou Rand.

Todos se calaram ao mesmo tempo, mas as reações foram bem diferentes. Taim ficou pálido, embora cheirasse a fúria. Amys e Sorilea trocaram olhares e ajustaram os xales, quase sincronizadas; seus odores também eram idênticos e equiparavam-se às expressões de pura determinação — elas queriam o que queriam e pretendiam ter, fosse o que fosse, e não importava o que o *Car'a'carn* quisesse. Kiruna e Bera também trocaram olhares, numa conversa tão óbvia que Perrin desejou poder decifrá-los como seu nariz decifrava os odores. Seus olhos viam duas Aes Sedai serenas, no comando de si mesmas e de qualquer coisa que desejassem comandar; mas o nariz farejava duas mulheres ansiosas e com certo medo. De Taim, ele tinha certeza. As duas ainda pareciam pensar que podiam lidar com Rand, de um jeito ou de outro, e com as Sábias, mas Taim e os Asha'man tinham posto o medo da Luz dentro delas.

Min deu um puxão na manga da camisa de Rand — ela andara observando todo mundo ao mesmo tempo, e seu perfume era quase de tanta preocupação quanto o das irmãs. Rand acariciou a mão dela enquanto cravava os olhos em todos os outros. Incluindo Perrin, que abriu a boca. Todos no acampamento estavam olhando, desde os homens de Dois Rios até as Aes Sedai prisioneiras, embora apenas uns poucos Aiel estivessem

perto o bastante para ouvir alguma coisa. O povo podia olhar Rand, mas tendia a também tentar manter distância dele, se fosse possível.

— As Sábias vão cuidar dos prisioneiros — disse Rand por fim, e Sorilea de súbito exalou tamanho odor de satisfação que Perrin teve que esfregar o nariz com força. Taim balançou a cabeça, exasperado, mas Rand se virou para ele antes que o homem pudesse protestar. Taim enfiara o polegar por sob a fivela do cinturão, um Dragão gravado e dourado, e suas juntas estavam brancas por conta da força; a outra mão alisava o cabo da espada, de couro escuro de javali. — Os Asha'man estão aqui para treinar e recrutar, não para montar guarda. Ainda mais vigiando as Aes Sedai. — Os pelos da nuca de Perrin se eriçaram quando ele percebeu o aroma que Rand exalava quando olhava para Taim. Ódio, e com um toque de medo. Luz, ele precisava estar são.

Taim assentiu com a cabeça, num movimento curto e relutante.

— Como ordenar, milorde Dragão.

Min, incomodada, encarou o homem de casaco preto e se aproximou de Rand.

Kiruna cheirava a alívio, mas, com uma última olhadela para Bera, encheu-se de teimosia e confiança.

— Essas mulheres Aiel são bastante valiosas. Algumas poderiam ter ido bem, se tivessem ido para a Torre. Mas você não pode simplesmente entregar *Aes Sedai* nas mãos delas. Isso é impensável! Bera Sedai e eu vamos...

Rand ergueu a mão, e a mulher parou de falar no mesmo instante. Talvez tivesse sido o olhar dele, feito uma pedra cinza-azulada. Ou talvez fosse o que aparecia com clareza pela manga rasgada, um dos Dragões vermelhos e dourados que lhe circundavam o antebraço. O Dragão cintilava à luz do sol.

— Você jurou lealdade a mim?

Os olhos de Kiruna se arregalaram, como se algo a tivesse acertado bem na boca do estômago.

Depois de um instante, ela assentiu, mesmo que a contragosto. Parecia tão descrente agora quanto no dia anterior, quando se ajoelhou ali diante dos poços, no fim da batalha, e jurou, sob a Luz e por sua esperança de salvação e renascimento, que obedeceria ao Dragão Renascido e o serviria até que a Última Batalha começasse e terminasse. Perrin compreendia o choque. Mesmo sem os Três Juramentos, se Kiruna tivesse negado, Perrin teria duvidado de suas próprias lembranças. Nove Aes Sedai ajoelhadas, as feições consternadas com o que saía de suas bocas, exalando um odor de incredulidade. Naquele exato instante, a boca de Bera estava contraída, como se ela tivesse mordido uma ameixa podre.

Um Aiel juntou-se ao pequeno grupo, um homem alto, mais ou menos da altura de Rand, de rosto curtido e mechas grisalhas nos cabelos vermelho-escuros, que assentiu para Perrin e tocou de leve o braço de Amys. A mulher talvez tenha apertado a mão dele por um instante, como resposta. Rhuarc era seu marido, mas esse era o máximo de carinho que os Aiel demonstravam na frente dos outros. Ele também era chefe do clã dos Aiel Taardad — ele e Gaul eram os dois únicos homens que não usavam a faixa dos *siswai'aman* na cabeça. Desde a noite anterior, ele e mil lanceiros tinham saído para a vigia.

Um homem cego longe dali poderia ter sentido a rigidez em torno de Rand, e Rhuarc não era nenhum idiota.

— Será que esse é o melhor momento, Rand al'Thor? — Quando Rand fez um gesto para que ele falasse, o homem prosseguiu. — Os cães Shaido ainda estão fugindo para o leste o mais rápido possível. Vi homens de casacos verdes a cavalo rumo ao norte, mas eles nos evitaram, e você disse para deixarmos que fossem, a não ser que causassem problemas. Acho que

estavam caçando qualquer Aes Sedai que tivesse escapado. Tem muitas mulheres com eles.

Os frios olhos azuis se voltaram para as duas Aes Sedai, planos e rígidos como uma bigorna. Em outros tempos, Rhuarc caminhara com leveza entre as Aes Sedai. Qualquer Aiel fizera o mesmo. Mas isso terminara no dia anterior, quiçá antes.

— Boa notícia. Eu daria quase qualquer coisa para pegar Galina, mas ainda assim é uma boa notícia. — Rand tocou outra vez o cabo da espada e soltou a lâmina na bainha escura. A ação parecia inconsciente. Galina, uma Vermelha, estivera na liderança das irmãs que o aprisionaram, e, por mais que hoje Rand parecesse tranquilo em relação a ela, ontem estava enfurecido com sua fuga. Mesmo agora, sua calma era gélida, do tipo que podia encobrir a ira em combustão lenta, e seu aroma fez a pele de Perrin se arrepiar. — Vão pagar. Todos vão pagar. — Não havia nada indicando se Rand se referia aos Shaido, às Aes Sedai que tinham escapado ou a ambos.

Bera moveu a cabeça, incomodada, e Rand voltou a atenção a ela e Kiruna.

— Vocês juraram fidelidade, e eu tenho isso aqui de confiança. — Ele ergueu a mão e quase encostou o polegar no indicador, para indicar a extensão. — As Aes Sedai sempre sabem mais que todo mundo, ou pelo menos é o que acham. Então confio em vocês para fazerem o que eu mandar, mas vocês não vão sequer tomar banho sem a minha permissão. Ou a de uma das Sábias.

Desta vez foi Bera quem pareceu ter levado um murro. Seus olhos castanho-claros deslizaram até Amys e Sorilea com espanto e indignação, e Kiruna estremeceu com o esforço de não fazer o mesmo. As duas Sábias se limitaram a remexer os xales, mas seus aromas eram idênticos. A satisfação emanava delas em ondas, um contentamento bastante soturno. Perrin

considerou uma boa coisa que as Aes Sedai não tivessem o nariz dele, ou estariam prontas para começar a guerra naquele instante. Ou talvez a correr, e às favas com a dignidade. Era isso o que ele teria feito.

Rhuarc permaneceu ali, absorto, examinando a ponta de uma de suas lanças curtas. Isso era assunto das Sábias, e ele sempre dizia não se importar com o que as Sábias faziam, desde que mantivessem o dedo fora dos assuntos dos chefes dos clãs. Mas Taim... O homem fazia uma grande cerimônia de desinteresse, cruzando os braços e olhando em torno do acampamento com uma expressão enfasiada, mas mesmo assim seu odor era estranho, complexo. Perrin diria que o homem estava se divertindo, definitivamente mais bem-humorado que antes.

— O juramento que fizemos — disse Bera, por fim, plantando as mãos nos amplos quadris — é suficiente para conter qualquer um que não seja Amigo das Trevas. — O toque ardiloso que ela deu a “juramento” era quase tão frio quanto o que deu a “Amigo das Trevas”. Não, elas não gostavam do que tinham jurado. — E você ousa nos acusar...?

— Se eu achasse isso você estaria a caminho da Torre Negra com Taim — vociferou Rand. — Você jurou obedecer. Pois obedeça!

Bera hesitou por um longo instante, logo depois assumiu uma postura majestosa da cabeça aos pés, como qualquer Aes Sedai poderia fazer. O que informava algo. Uma Aes Sedai podia fazer uma rainha em seu trono parecer uma relaxada. Ela se curvou em uma medida profunda, inclinando a cabeça em um movimento mínimo e rígido.

Kiruna, por outro lado, precisou fazer um esforço visível para se controlar, assumindo com uma calma tão rígida e sensível quanto sua voz.

— Então devemos *pedir permissão* dessas *respeitáveis* mulheres Aiel para perguntar se você já está disposto a ser Curado? Sei que Galina lhe

tratou mal. Sei que você foi espancado dos ombros aos joelhos. Aceite a Cura. Por favor. — Até o “por favor” parecia uma ordem.

Min se remexeu ao lado de Rand.

— Devia ficar grato pela oferta, assim como eu, pastor. Você não gosta de sentir dor. *Alguém* tem de cuidar disso, senão... — Ela abriu um sorriso malicioso, quase a Min de que Perrin se recordava de antes da captura. — Do contrário, você não vai conseguir se sentar na sela.

— Homens jovens e tolos — comentou Nandera, de repente, a ninguém em particular — às vezes suportam dores desnecessárias como sinal de orgulho. E de tolice.

— O *Car’a’carn* não é um tolo — acrescentou Sulin, em um tom seco, também para ninguém em particular. — Eu acho.

Rand abriu um sorriso afetuoso de volta para Min e disparou um olhar amargo a Nandera e Sulin, mas, quando ergueu outra vez os olhos para Kiruna, seu olhar era rígido.

— Muito bem. — Quando a mulher fez menção de se aproximar, ele acrescentou: — Mas não de você. — O rosto de Kiruna ficou tão rígido que parecia prestes a se quebrar. A boca de Taim se contorceu em um meio sorriso amargo, e ele deu um passo em direção a Rand, que, por sua vez, estendeu a mão para um ponto atrás de si, sem tirar os olhos de Kiruna. — Dela. Venha cá, Alanna.

Perrin levou um susto. Rand apontara para Alanna sem nem olhar. Sentiu os pelos da nuca se arrepiarem, mas não conseguia decifrar qual era o problema. Taim também parecia assombrado. O rosto do homem era uma máscara imperturbável, mas os olhos escuros tremularam entre Rand e Alanna, e a única definição que Perrin tinha para o aroma que revirava em seu nariz era “perplexo”.

Alanna também levou um susto. Fosse lá por que motivo, também estivera agitada desde que se unira a Perrin a caminho dali, sua serenidade no máximo um fino verniz. Ela alisou as saias, lançou um olhar desafiador a Kiruna e Bera, dentre todas as pessoas, e deslizou com elegância para a frente de Rand. As outras duas irmãs a observavam feito professoras que queriam ter a certeza de que uma aluna estava se saindo bem, mas não muito convencidas de seu potencial. O que não fazia sentido. Uma delas poderia ser a líder, mas Alanna *era* Aes Sedai, assim como as outras. Tudo aquilo intensificava as suspeitas de Perrin. Misturar-se com as Aes Sedai lembrava muito uma travessia dos rios da Floresta das Águas perto de Lodo. Por mais pacífica que fosse a superfície, as correntes de baixo podiam pegar qualquer um pelo pé. Outras correntes pareciam surgir a cada instante, e nem sempre vindas das irmãs.

Numa atitude chocante, Rand tomou o queixo de Alanna na mão e ergueu o rosto dela. Bera soltou um arquejo — pela primeira vez, Perrin concordou. Rand não teria sido tão ousado com uma garota em uma dança em casa, e Alanna não era uma garota em uma dança. Mantendo o espanto geral, a reação dela foi corar e exalar um odor de indecisão. As Aes Sedai não coravam, não pela experiência de Perrin, e *nunca* ficavam indecisas.

— Cure-me — disse Rand.

Uma ordem, não um pedido. O vermelho no rosto de Alanna se intensificou, e a ira invadiu seu odor. Suas mãos tremeram quando ela estendeu os braços e tomou a cabeça de Rand entre as mãos.

Em um gesto inconsciente, Perrin esfregou a palma da mão, que sofrera o corte de uma lança Shaido na véspera. Kiruna Curara muitas de suas feridas, e ele também já tinha recebido Curas antes. A sensação era de mergulhar de cabeça em um lago congelante; a pessoa arquejava e tremia,

de joelhos fracos. E também sentia fome, em geral. No entanto, o único indício que Rand exibiu foi um leve arrepio.

— Como aguenta a dor? — sussurrou Alanna.

— Então já terminou — respondeu Rand, afastando as mãos dela, e deu meia-volta, sem agradecer. Parecia prestes a dizer algo, então fez uma pausa e virou-se um pouco, para olhar outra vez os Poços de Dumai.

— Todas foram encontradas, Rand al'Thor — disse Amys, delicada.

Rand assentiu uma vez, depois mais outra, de maneira ríspida.

— Está na hora de ir. Sorilea, você nomeia Sábias para assumir os prisioneiros dos Asha'man? E também companheiras para Kiruna e... minhas outras vassalas. — Ele abriu um sorriso breve. — Não quero que cometam erros devido à ignorância.

— Será feito como quiser, *Car'a'carn*. — Ajustando o xale com firmeza, a Sábua de rosto curtido dirigiu-se às três irmãs. — Juntem-se às suas amigas até que eu consiga encontrar alguém para guiá-las pelas mãos. — Não era inesperado que Bera franzisse o cenho, indignada, ou que Kiruna se tornasse a personificação da frieza. Resignada, quase emburrada, Alanna encarou o chão. Sorilea não iria aturar aquilo e bateu as mãos, ríspida, e gesticulou, impaciente. — Então? Mexam-se! Mexam-se!

Com relutância, as Aes Sedai se permitiram ser conduzidas, dando a impressão de que simplesmente estavam indo aonde queriam. Amys juntou-se a Sorilea e sussurrou algo que Perrin não conseguiu entender bem. As três Aes Sedai, no entanto, pareceram entender. Pararam onde estavam, três rostos *muito* assustados encarando as Sábias. Sorilea limitou-se a bater palmas outra vez, mais alto que antes, e as enxotou ainda mais rispidamente.

Coçando a barba, Perrin encontrou os olhos de Rhuarc. O chefe do clã abriu um sorriso fraco e deu de ombros. Assunto de Sábias. Para ele, tudo

bem; os Aiel eram fatalistas feito os lobos. Perrin olhou para Gedwyn. O sujeito observava Sorilea passar um sermão nas Aes Sedai. Não, eram as irmãs que ele observava... uma raposa encarando as galinhas em uma gaiola fora de seu alcance. *As Sábias têm que ser melhores que os Asha'man*, pensou Perrin. *Têm que ser*.

Se Rand percebeu o que se passava em volta, ignorou.

— Taim, leve os Asha'man de volta para a Torre Negra tão logo as Sábias assumam as prisioneiras. Tão logo. Lembre-se de ficar de olho em qualquer homem que aprenda muito depressa. E lembre-se do que eu disse sobre o recrutamento.

— Não tem como esquecer, milorde Dragão — respondeu o homem de casaco preto, em um tom seco. — Vou cuidar dessa viagem pessoalmente. Mas, se me permite tocar outra vez no assunto... o senhor precisa de uma guarda apropriada.

— Já discutimos isso — respondeu Rand, com rudeza. — Tenho usos melhores para os Asha'man. Se precisar de uma guarda de honra, esses que *estão* comigo bastam. Perrin, você...?

— Milorde Dragão — interrompeu Taim —, o senhor precisa de mais do que uns poucos Asha'man à sua volta.

Rand virou a cabeça para Taim. Seu rosto fazia jus ao de uma Aes Sedai em não revelar nada, mas seu odor fez Perrin querer jogar as orelhas para trás. Uma ira afiada como uma navalha desapareceu de repente em meio à curiosidade e à cautela, uma fina e investigativa, a outra brumosa; então, uma fúria cortante e assassina consumiu ambas. Rand balançou a cabeça bem de leve, e seu cheiro transformou-se em rígida determinação. Ninguém tinha um cheiro que mudava tão rápido. Ninguém.

Taim só tinha os próprios olhos como guia, claro, e tudo o que seus olhos podiam dizer era que Rand balançara a cabeça, mesmo que quase nada.

— Pense. O senhor escolheu quatro Dedicados e quatro soldados. Deveria ter Asha'man.

Perrin não compreendia. Achava que eram *todos* Asha'man.

— Acha que não posso ensinar a eles, como a você? — A voz de Rand era suave, o sussurro de uma lâmina deslizando na bainha.

— Acho que o Lorde Dragão é ocupado demais para ensinar — respondeu Taim, baixinho, porém o cheiro de raiva tornava a se elevar. — Importante demais. Leve homens que menos precisem aprender. Posso escolher os mais avançados...

— Um — interrompeu Rand. — E eu escolho. — Taim sorriu, espalmando as mãos em aquiescência, mas o odor de frustração quase o arrebatou. Mais uma vez, Rand apontou sem olhar. — Ele. — Desta vez, pareceu surpreso em descobrir que apontava diretamente para um homem de meia-idade sentado em um barril do outro lado do círculo de carroções, alheio à aglomeração em torno de Rand. Em vez disso, estava com o cotovelo no joelho e o queixo apoiado na mão, encarava as prisioneiras Aes Sedai com uma carranca. A espada e o Dragão cintilavam na gola alta de seu casaco preto. — Qual é o nome dele, Taim?

— Dashiva — respondeu Taim, hesitante, analisando Rand. Cheirava ainda mais surpreso que Rand, e irritado também. — Corlan Dashiva. De uma fazenda nas Colinas Negras.

— Ele serve — disse Rand, mas não soava muito seguro.

— Dashiva está ganhando força depressa, mas costuma ter a cabeça nas nuvens. Mesmo quando está atento, não está totalmente presente. Talvez seja só um sonhador, e talvez a mácula em *saidin* já esteja lhe tocando o cérebro. É melhor que escolha Torval ou Rochaid ou...

A oposição de Taim pareceu varrer para longe a dúvida de Rand.

— Eu disse que Dashiva serve. Diga a ele que deve vir comigo, depois entregue as prisioneiras às Sábias e vá. Não pretendo ficar o dia todo aqui discutindo. Perrin, apronte todo mundo para se mexer. E me encontre quando estiverem todos prontos.

Sem dizer outra palavra, Rand saiu a passos firmes, com Min a tiracolo, e Nandera e Sulin os seguindo feito duas sombras. Os olhos escuros de Taim tremularam, então ele também saiu andando, gritando por Gedwyn e Rochaid, Torval e Kisman. Homens de casacos negros vieram correndo.

Perrin fez careta. Mesmo com tudo o que tinha de dizer a Rand, não abrira a boca uma vez sequer. Inclusive, talvez tudo saísse melhor longe das Aes Sedai e das Sábias. E de Taim.

Na verdade, não havia muito que pudesse fazer. Deveria estar no comando desde que trouxera o resgate, mas Rhuarc sabia o que precisava ser feito mais do que ele jamais soubera, e bastaria uma palavra a Dobraine e Havien para os cairhienos e homens de Mayene. Eles ainda queriam dizer algo, embora tivessem se contido até que estivessem sozinhos e Perrin perguntasse o que era.

Então, Havien soltou:

— Lorde Perrin, é o Lorde Dragão. Toda essa busca em meio aos corpos...

— Pareceu um pouco... excessiva — interrompeu Dobraine, baixinho.
— Nós nos preocupamos com ele, como o senhor entende. Muita coisa depende dele.

Dobraine podia parecer um soldado, e era, mas também era um lorde cairhieno e chafurdava no Jogo das Casas com todo aquele falatório cuidadoso, como qualquer outro cairhieno.

Perrin não estava chafurdando no Jogo das Casas.

— Ele ainda está são — respondeu, ríspido.

Dobraine apenas assentiu, como se concordasse, e deu de ombros para dizer que jamais tivera intenção de questionar, mas Havien enrubesceu. Enquanto os assistia ir de volta até seus homens, Perrin balançou a cabeça. Esperava não estar mentindo.

Reuniu os homens de Dois Rios, mandou que selassem os cavalos e ignorou todas as reverências, a maioria das quais parecia fogo de palha. Até Faile dizia que às vezes o povo de Dois Rios levava as reverências longe demais; dizia que ainda estavam descobrindo como lidar com um lorde. Pensou em gritar “não sou nenhum lorde” para eles, mas já fizera isso antes, e nunca funcionava.

Quando todos os outros correram para pegar seus animais, Dannil e Tell Lewin permaneceram para trás. Os irmãos eram dois varapaus e muito parecidos, exceto pelo bigode afetado de Dannil, feito chifres retorcidos à moda taraboniana, enquanto Tell ostentava linhas finas de pelos pretos sob o nariz adunco, à moda de Arad Doman. Os refugiados tinham levado muitas novidades a Dois Rios.

— Esses Asha'man vêm junto? — perguntou Dannil.

Quando Perrin balançou a cabeça, ele suspirou com tanta força, aliviado, que o bigode grosso até se remexeu.

— E as Aes Sedai? — perguntou Ban, ansioso. — Vão ser soltas agora, não vão? Quer dizer, Rand está solto... O Lorde Dragão, digo. Elas não podem continuar presas, as Aes Sedai.

— Vocês dois apenas aprontem todos para cavalgar — disse Perrin. — Deixem Rand se preocupar com as Aes Sedai.

Os dois se encolheram, iguaizinhos. Dois dedos se ergueram para coçar os bigodes com preocupação, e Perrin tirou a mão do queixo com um gesto brusco. Ficava parecendo que um homem estava com piolho quando fazia isso.

O acampamento ficou bem movimentado depressa. Todos já esperavam a partida em breve, mas tinham deixado coisas por fazer. As serviçais das Aes Sedai prisioneiras e os condutores corriam para colocar os últimos itens nos carroções e começavam a acoplar as parelhas sob o tilintar dos arreios. Cairhienos e mayenenses pareciam estar em todos os cantos, conferindo selas e rédeas. *Gai'shain* desnudos corriam para todo lado, embora os Aiel não parecessem ter muita coisa para arrumar.

Lampejos de luz fora do perímetro dos carroções anunciaram a partida de Taim e seus Asha'man, o que fez Perrin sentir-se melhor. Dos nove que permaneceram, só outro além de Dashiva estava na meia-idade — um sujeito atarracado, com cara de fazendeiro —, e outro, de perna manca e com uma franja de cabelos brancos, tinha idade para ser avô. O restante era jovem, alguns um pouco mais que garotos, embora todos observassem o rebuliço com o autocontrole de homens que já tinham presenciado a mesma coisa dezenas de vezes. Eles de fato se isolavam dos outros e permaneciam juntos, exceto por Dashiva, que se mantinha um pouco afastado, observando o nada. Recordando a hesitação de Taim em relação ao sujeito, Perrin torceu para que o homem estivesse apenas perdido em devaneios.

Encontrou Rand sentado em um engradado de madeira, os cotovelos nos joelhos. Sulin e Nandera agachadas confortavelmente uma de cada lado do amigo, ambas evitando olhar a espada em sua cintura. Erguendo as lanças e os broquéis de couro de touro com ar despretensioso, mesmo ali no meio de gente leal a Rand elas mantinham o olho vivo em qualquer coisa que se movesse perto dele. Min permanecia sentada no chão, aos pés dele, as pernas enfiadas debaixo do corpo, sorrindo.

— Espero que saiba o que está fazendo, Rand — comentou Perrin, remexendo o cabo do machado para se acocorar.

Além de Rand, Min e as duas Donzelas, ninguém estava perto o bastante para ouvir. Se Sulin ou Nandera fossem correndo até as Sábias, paciência. Sem mais preâmbulos, Perrin revelou o que vira naquela manhã. O que farejara também, mas não disse isso, pois Rand não estava entre os poucos que sabiam sobre ele e os lobos, então fez com que tudo parecesse apenas visto e ouvido. Os Asha'man e as Sábias. Os Asha'man e as Aes Sedai. As Sábias e as Aes Sedai. Todo o emaranhado de pólvora que poderia irromper em chamas a qualquer instante. Perrin não poupou os homens de Dois Rios.

— Eles estão preocupados, Rand. E, se eles estão suando frio, pode ter certeza de que os cairhienos estão pensando em fazer alguma coisa. Ou os tairenos. Talvez só ajudar na fuga das prisioneiras, talvez coisa pior. Luz, já vejo Dannil, Tell e mais outros cinquenta auxiliando a fuga, se soubessem como.

— Você acha que algo além seria tão pior? — perguntou Rand, baixinho. Perrin, arrepiado, encarou o amigo nos olhos.

— Mil vezes — respondeu, no mesmo tom baixo. — Não vou participar de nenhum assassinato. Se você tentar, eu me meto na frente.

Um silêncio se estendeu entre os dois, olhos azul-acinzentados contra olhos dourados, sem piscar.

Franzindo o cenho para um dos rapazes de cada vez, Min soltou um suspiro exasperado.

— Seus dois cabeças de lã! Rand, você sabe que jamais vai emitir uma ordem desse tipo, muito menos deixar qualquer outra pessoa fazer isso. Perrin, você sabe que ele não vai fazer nada assim. Agora parem de se estranhar feito dois galos em um galinheiro.

Sulin deu uma risadinha, mas Perrin quis perguntar a Min de onde vinha tanta certeza, embora não fosse uma pergunta que pudesse proferir em voz alta ali. Rand passou a mão no cabelo, então balançou a cabeça, igualzinho

a um homem discordando de alguém que não estava presente. O tipo de voz que os loucos ouviam.

— Nunca é fácil, não é? — comentou o Dragão, depois de um tempo, tristonho. — A verdade amarga é que eu não posso dizer o que seria pior. Não tenho boas escolhas. Elas próprias garantiram que fosse assim. — A expressão era de desalento, mas um odor de ira fervilhava em seu corpo. — Vivas ou mortas, são um peso em minhas costas. E, vivas ou mortas, podem me destruir.

Perrin acompanhou o olhar dele até as prisioneiras Aes Sedai. As mulheres estavam de pé, todas juntas, embora ainda assim guardassem certa distância das três que tinham sido estancadas. As Sábias em volta estavam entoavam ordens ríspidas, considerando os gestos que faziam e as expressões duras das irmãs da Torre. Talvez as Sábias também soubessem cuidar daquilo melhor que Rand. Se pelo menos ele tivesse certeza...

— Você viu alguma coisa, Min? — perguntou Rand.

Perrin levou um susto e dirigiu um olhar de advertência a Sulin e Nandera, mas Min riu baixinho. Inclinação junto aos joelhos de Perrin, a jovem de fato parecia a Min que ele conhecera — era a primeira vez desde que a encontrara nos Poços.

— Perrin, elas sabem sobre mim. As Sábias, as Donzelas, talvez todas elas... E não ligam. — Min tinha um talento que escondia tanto quanto ele escondia os lobos. Às vezes, via imagens e auras em torno das pessoas, e às vezes sabia o que significavam. — Você não faz ideia de como é, Perrin. Eu tinha doze anos quando começou e não sabia guardar segredo. Todo mundo achava que eu inventava as coisas. Até que eu disse a um sujeito na rua que ele ia se casar com uma mulher, eu já tinha visto os dois juntos... só que ele já era casado. Quando o homem fugiu com a tal mulher, a primeira esposa levou uma turba até a casa das minhas tias e começou a me acusar de ser

responsável, de dizer que eu tinha usado o Poder Único no marido dela ou dado uma poção aos dois... — Min balançou a cabeça. — Ela não estava muito lúcida. Só precisava culpar alguém. Teve também um falatório sobre eu ser Amiga das Trevas. Uns Mantos-brancos tinham passado pela cidade, mais cedo, tentando agitar o povo. De todo modo, tia Rana me convenceu a dizer que eu só tinha ouvido uma conversa entre os dois, tia Miren jurou que me daria uma surra por ficar espalhando histórias, e tia Jan disse que ia me medicar. Elas não fizeram nada disso, claro, porque já sabiam a verdade, mas, se não tivessem sido tão realistas em relação a eu ser apenas uma criança, eu poderia ter sido machucada ou até morta. A maioria das pessoas não gosta de pensar que alguém saiba seu futuro; a maioria não quer saber de nada, a não ser que seja coisa boa. Nem minhas tias gostavam... Mas, para os Aiel, eu sou uma espécie de Sábua honorária.

— Certas pessoas fazem coisas que outras não conseguem — disse Nandera, como se essa explicação bastasse.

Min deu outra risada, estendeu a mão e tocou o joelho da Donzela.

— Obrigada. — Ajeitando os pés por baixo do corpo, Min ergueu os olhos e encarou Rand. Agora que ria outra vez, parecia radiante. A irradiância permaneceu, mesmo depois que ela fechou o sorriso. Não estava muito satisfeita. — Quanto à sua questão, nada de muito útil. Taim tem sangue no passado e sangue no futuro, mas isso já dava para imaginar. É um homem perigoso. Eles parecem estar juntando imagens, feito as Aes Sedai. — Um olhar de esguelha a Dashiva e aos outros Asha'man informavam a quem ela se referia. A maioria das pessoas tinha poucas imagens ao redor de si, mas Min dizia que as Aes Sedai e os Guardiões sempre tinham muitas. — O problema é que o que eu consigo ver está borrado. Acho que é porque eles estão retendo o Poder... Isso com frequência acontece com as Aes Sedai, e piora quando elas estão canalizando. Kiruna e aquele bando

exibem muitas imagens, mas estão sempre tão próximas umas das outras que tudo... bom... vira um amontoado, na maioria das vezes. É ainda mais confuso com as prisioneiras.

— Esqueça as prisioneiras — respondeu Rand. — Elas vão continuar prisioneiras.

— Mas, Rand, eu sinto que tem alguma coisa importante... se pelo menos eu conseguisse saber o que é. Você precisa saber.

— “Se você não sabe de tudo, precisa seguir em frente com o que sabe” — entouou Rand, em um tom seco. — Parece que eu nunca sei de tudo. Nem o suficiente, na maioria das vezes. Mas não há outra escolha a não ser seguir em frente, não é mesmo. — A frase nem de longe foi uma pergunta.

Loial se aproximou a passos largos, radiante de energia, apesar do cansaço óbvio.

— Rand, eles disseram que estão prontos para ir, mas você prometeu falar comigo enquanto a coisa está fresca. — De súbito, suas orelhas murcharam, constrangidas, e aquela voz retumbante assumiu um ar de tristeza. — Me desculpe; eu sei que não deve ser agradável. Mas preciso saber. Pelo livro. Pelas Eras.

Dando risada, Rand se levantou e cutucou o casaco aberto do Ogier.

— Pelas Eras? Todos os escritores falam assim? Não se preocupe, Loial. Ainda vai estar fresco quando eu contar. Não vou esquecer. — Apesar do sorriso, um odor azedo e soturno emanou dele, mas logo se esvaiu. — Quando estivermos de volta em Cairhien, depois que todos tomarmos um banho e dormirmos numa cama.

Rand gesticulou para que Dashiva se aproximasse.

O homem não era magro, mas se movia de um jeito indeciso e serpeante, com as mãos cruzadas na frente do corpo, o que lhe conferia um ar de magreza.

— Milorde Dragão? — perguntou, inclinando a cabeça.

— Você sabe abrir um portão, Dashiva?

— Claro. — Dashiva começou a limpar as mãos, estalando a ponta da língua, e Perrin imaginou se o homem sempre ficava nesse nervosismo ou só quando falava com o Dragão Renascido. — Quer dizer, o M’Hael ensina a Viagem assim que um aluno se mostra forte o bastante.

— O M’Hael? — retrucou Rand, piscando.

— O título do Lorde Mazrim Taim, milorde Dragão. Quer dizer “líder”. Na Língua Antiga. — O sorriso do sujeito conseguia ser nervoso e condescendente ao mesmo tempo. — Eu li bastante na fazenda. Todos os livros que os mascates levavam.

— O M’Hael — murmurou Rand, em um tom de desaprovação. — Bom, que seja como for. Abra um portão até Cairhien, Dashiva. Está na hora de ver o que o mundo andou aprontando enquanto eu estive fora e o que precisarei fazer a respeito.

Então riu, uma risada pesarosa, mas que fez Perrin se arrepiar.



CAPÍTULO 3



COLINA DA AURORA DOURADA

No topo amplo e baixo de uma colina algumas milhas a nordeste de Cairhien, muito longe de qualquer estrada ou habitação humana, surgiu uma linha fina de luz vertical, mais alta que um homem a cavalo. O chão se inclinava em todas as direções, ondeando suavemente; não havia nada além de arbustos esparsos à vista por mais de uma milha por todo o caminho até a floresta ao redor. A luz pareceu girar, expandindo-se em um quadrado no meio do ar, e a grama marrom baixou. Alguns dos caules mortos se racharam em fatias mais finas do que qualquer navalha teria cortado. Laceradas por um buraco no ar.

No instante em que o portão foi totalmente aberto, Aiel velados saíram aos borbotões, homens e Donzelas espalhando-se em todas as direções para circundar a colina. Quase escondidos na torrente, quatro Asha'man de olhos aguçados assumiram posições em torno do portão, espiando a vegetação ao redor. Nada se mexia exceto pelo vento, a terra, a grama alta e os galhos à distância, e, no entanto, cada Asha'man analisava a vista com o fervor de um gavião faminto em busca de um coelho. Um coelho vigiando um gavião talvez fosse igualmente atento, mas nunca com ar tão ameaçador.

De fato, não houve interrupção no fluxo. Em um instante, eram os Aiel passando; no instante seguinte, integrantes da armada de Cairhien vieram galopando aos pares, o Estandarte da Luz carmesim se elevando acima das

cabeças e transpondo o portão. Sem pausa, Dobraine conduziu os homens para a lateral e começou organizá-los em uma fileira que descia a encosta, capacetes e manoplas alinhados com precisão, lanças erguidas para o mesmo ângulo. Guerreiros experientes, prontos para atacar em qualquer direção ao seu comando.

Na cola do último cairhieno, Perrin cavalgou com Galope, meio agachado por instinto, o castanho cruzando a colina abaixo dos Poços de Dumai em uma passada só até a colina em Cairhien. A borda superior estava muito acima da cabeça, mas Perrin tinha visto os danos que um portão podia causar e não queria testar se era mais seguro ficar de pé. Loial e Aram o seguiam bem de perto — o Ogier, que vinha a pé, com seu machado de cabo longo no ombro, dobrou os joelhos. Depois vieram os homens de Dois Rios, também agachados nas selas, bem mais longe do portão. Rad al'Dai trazia o estandarte que todos afirmavam ser de Perrin, a Cabeça de Lobo Vermelha, e Tell Lewin levava a Águia Vermelha.

Perrin tentava não olhava para eles, sobretudo para a Águia Vermelha. Os homens de Dois Rios queriam jogar dos dois lados. Ele era um lorde, então precisava de estandartes. Ele era lorde, mas, mesmo mandando que o grupo se livrasse daqueles malditos estandartes, as coisas logo reapareciam. A Cabeça de Lobo Vermelha o nomeava como algo que Perrin não era nem queria ser, enquanto a Águia Vermelha... Mais de dois mil anos depois da morte de Manetheren nas Guerras dos Trollocs, quase mil anos depois que Andor engoliu parte do que uma vez fora Manetheren, aquele estandarte ainda era quase um ato de rebelião para um andoriano. As lendas ainda viviam na mente de alguns homens. Houvera poucas gerações desde que o povo de Dois Rios tivera qualquer noção de que eram andorianos, claro, mas as opiniões das Rainhas não mudavam tão fácil.

Perrin conhecera a nova Rainha de Andor em um tempo que parecia muito distante, na Pedra de Tear. Ela não era Rainha na época — e na verdade ainda não tinha se tornado, isso só mudaria depois que fosse coroada em Caemlyn —, mas Elayne parecia uma jovem muito agradável, além de bela, por mais que as loiras não fizessem muito o seu tipo. Um pouco pedante, claro, por ser Filha-herdeira. E encantadinha com Rand, também, se os agarros pelos cantos significassem alguma coisa. Rand pretendia dar a ela o Trono do Leão de Andor, mas também o Trono do Sol de Cairhien. Sem dúvida Elayne seria grata o bastante para deixar passar um estandarte que não fosse muito significativo. Vendo a tropa dos homens de Dois Rios atrás desses estandartes, Perrin balançou a cabeça. Era uma preocupação para outro dia, de todo modo.

Entre os homens de Dois Rios não se via nada além de uma armada precisa, composta praticamente de garotos feito Tod, pastores e filhos de fazendeiros, mas eram homens que sabiam o que fazer. Um em cada cinco levava as rédeas de mais quatro cavalos, enquanto os outros cavaleiros corriam desmontados, os arcos longos já encordoados e em mãos. Os que vinham no chão vagavam juntos em linhas tortas, olhando em volta com mais interesse que qualquer outra coisa, mas conferiam as aljavas com gestos ensaiados e manejavam os arcos com familiaridade — ah, os grandes arcos de Dois Rios, mesmo quando encordoados eram quase da altura dos homens que os empunhavam. Com esses arcos, qualquer um deles atiraria mais longe do que alguém fora de Dois Rios poderia acreditar. E acertaria o alvo.

Perrin esperava que não houvesse nada daquilo hoje. Às vezes, sonhava com um mundo onde nunca houvesse nada do tipo. E Rand...

— Acredita que os meus inimigos estiveram dormindo enquanto eu estava... longe? — dissera Rand, de súbito, enquanto aguardavam Dashiva

abrir o portão.

O amigo usava um casaco tirado dos carroções, uma peça de lã verde bem cortada, mas nada perto do que passara a usar. Exceto o casaco de algum Guardião ou um cadin'sor de algum Aiel, era a única vestimenta no acampamento que cabia nele. Na verdade, seria de se pensar que Rand insistia em usar seda e bordados finos, do jeito que fizera aqueles carroções serem vasculhados de cima a baixo tanto naquela manhã, quanto na véspera.

Os carroções se organizaram em fila, as parelhas presas, as coberturas de lona e os aros de ferro foram baixados. Kiruna e as outras irmãs de juramento se agruparam no carroção da frente, nada felizes. Tinham parado de protestar assim que viram que os protestos não levavam a nada de bom, mas Perrin ainda ouvia resmungos frios e raivosos. Pelo menos cavalgavam. Os Guardiões circundavam o carroção a pé, calados e empedernidos, enquanto as prisioneiras Aes Sedai permaneciam em um grupo rígido e sombrio, ladeado por todas as Sábias que não estavam com Rand — ou seja, todas, menos Sorilea e Amys. Os Guardiões das prisioneiras estavam de cara fechada, agrupados a cerca de cem passadas dali, como uma morte fria aguardando, apesar dos ferimentos e dos guardas *siswai'aman*. Exceto pelo grande cavalo negro de Kiruna, cujas rédeas estavam nas mãos de Rand, e de uma égua cor de rato com excelentes tornozelos para Min, os cavalos das Aes Sedai e dos Guardiões que não tinham sido designados para os Asha'man ou usados para preencher as parelhas dos carroções — isso sim causara mais comoção do que obrigar os donos do cavalo a caminharem! — estavam todos amarrados em longas fileiras presas às traseiras dos carroções.

— Conseguem acreditar? Flinn? Grady?

Um dos Asha'man que esperava para ir primeiro, o sujeito troncudo com cara de fazendeiro, olhou para Rand, indeciso, então para o velho manco de cara curtida. Os dois usavam um broche de espada prateada na gola, mas não o Dragão.

— Só um tolo acredita que seus inimigos ficam parados enquanto ele não está olhando, milorde Dragão — dissera o homem, em um tom brusco. Soava como um soldado.

— E você, Dashiva?

Dashiva levou um susto, surpreso com a pergunta.

— Eu... cresci em uma fazenda. — Ele ajeitou o cinturão com um puxão, o que não era necessário. Supostamente os homens praticavam com as espadas tanto quanto com o Poder, mas Dashiva parecia não saber onde terminava um e começava o outro. — Não sei muita coisa sobre ter inimigos. — Apesar do comportamento desajeitado, o homem emanava certa insolência. Por outro lado, todo o grupo parecia habituado à arrogância.

— Se ficar perto de mim — disse Rand, baixinho —, vai saber.

O sorriso dele fez Perrin estremecer. Rand sorria enquanto ordenava a passagem pelo portão, preocupado como se fossem sofrer um ataque do outro lado. Dizia que havia inimigos por toda parte. Era bom sempre se lembrar disso. Havia inimigos por toda parte, e nunca dava para saber quem eram.

O êxodo prosseguiu no mesmo ritmo. Carroções ribombavam dos Poços de Dumai até Cairhien, as irmãs na dianteira feito estátuas de gelo sacolejando de um lado a outro. Os Guardiões trotavam junto, as mãos agarradas aos cabos das espadas, os olhos jamais fixos em um só ponto; claramente achavam que as Aes Sedai precisavam ser protegidas tanto dos que já estavam na colina quanto de qualquer um que pudesse aparecer. As

Sábias marchavam, pastoreando a carga; algumas usavam gravetos para estimular as Aes Sedai a seguirem em frente, embora as irmãs tivessem grande sucesso em fingir que não havia nem Sábias, nem cutucões. Os *gai'shain* Shaido vinham trotando em uma coluna de quatro homens lado a lado, mantidos sob o olhar de uma única Donzela. A mulher apontou para um local fora da rota, então deu um salto para junto das outras Far Dareis Mai, e os *gai'shain* se ajoelharam ali, em filas, nus feito passarinhos e orgulhosos como águias. O restante dos Guardiões seguia sob a guarda delas, radiando uma fúria em tal grandeza que Perrin sentia seu cheiro por cima de tudo o mais. Depois veio Rhuarc, com o restante dos *siswai'aman* e as Donzelas, mais quatro Asha'man, cada um guiando um segundo cavalo junto aos quatro primeiros. Então Nurelle e sua Guarda Alada, com as lanças vermelhas.

Os mayenenses transbordavam de orgulho por vigiarem a retaguarda, gargalhando e alardeando aos berros, provocando os cairhienos com o que teriam feito se os Shaido voltassem, embora não fossem de fato os últimos. Por último vinha Rand, no capão de Kiruna, e Min, em sua égua. Sorilea e Amys caminhavam ao lado do comprido cavalo negro, com Nandera e algumas Donzelas, do outro lado e Dashiva atrás, conduzindo uma égua baia de olhar plácido. O portão tremulou e se fechou, e Dashiva, com um sorrisinho, piscou para o ponto onde a passagem estivera, então montou a sela da égua, meio desajeitado. Parecia falar sozinho, mas decerto era porque a espada tinha se enroscado nas pernas e ele quase caíra. Sem dúvida ainda não estava louco.

Um exército cobria a colina, todos reunidos para uma investida que claramente não vinha. Um exército pequeno, só de alguns milhares, embora parecesse bem grande antes que os Aiel conduzissem os seus pela Muralha do Dragão. Rand perscrutou o campo, guiando seu cavalo devagar em

direção a Perrin. As duas Sábias o seguiam bem de perto, falando baixinho e observando. Nandera e as Donzelas vinham atrás, vigiando tudo. Se Rand fosse um lobo, Perrin diria que estava farejando o ar. Ele trazia o Cetro do Dragão atravessado diante da sela comprida, uma cabeça de dois pés decorada com uma borla verde e branca com entalhes de Dragões, e de vez em quando examinava na mão de leve, como se para lembrar-se daquilo.

Rand puxou as rédeas e observou Perrin com a mesma atenção que dispensara ao campo que os circundava.

— Confio em você — disse, por fim, meneando a cabeça. Min se contorceu sobre a sela. — E em você, Min, claro. E em você, Loial. — O Ogier se remexeu, indeciso, lançando um olhar hesitante para Perrin. Rand olhou a encosta em redor, os Aiel, os Asha'man e todo o resto. — São tão poucos em quem posso confiar... — sussurrou, parecendo cansado.

Seu odor mais parecia o de dois homens distintos; raiva e medo, determinação e desespero. E uma fadiga no meio de tudo.

Fique são, Perrin quis dizer a ele. *Aguente firme*. Uma onda de culpa, entretanto, travou sua língua. Porque era ao Dragão Renascido que ele queria dizer isso, não a seu amigo de infância. Gostaria que seu amigo permanecesse são; mas o Dragão Renascido *precisava* permanecer são.

— Milorde Dragão — chamou um dos Asha'man, de repente. Parecia apenas um garoto, os olhos grandes e escuros como os de uma menina, sem espada ou Dragão na gola, mas de postura orgulhosa. Narishma, pelo que Perrin ouvira. — A sudoeste.

Uma figura surgira, despontando em meio às árvores, a cerca de uma milha de distância: uma mulher de saias erguidas até a cintura. Aos olhos de Perrin, era claramente Aiel. *Uma Sábia*, pensou, embora não houvesse de fato como saber só de olhar. Mas tinha certeza. Aquela visão trouxe todo o nervosismo de volta. Alguém ali, no exato ponto de onde tinham cruzado o

portão, não podia ser coisa boa. Os Shaido estavam importunando os cairhienos outra vez quando ele partiu atrás de Rand, mas, para os Aiel, uma Sábia era uma Sábia, a despeito do clã. Enquanto seus clãs se matavam, elas visitavam umas às outras feito vizinhas na hora do chá. Dois Aiel tentando se matar parariam para que uma Sábia passasse. Talvez ontem isso tivesse mudado, talvez não. Perrin soltou o ar, exausto. Mesmo na melhor das hipóteses, não podia ser coisa boa.

Quase todos na colina pareciam sentir o mesmo. Um movimento se espalhou por toda a parte, lanças foram suspensas; flechas foram encaixadas nos arcos. Cairhienos e mayenenses se remexeram nas selas, e Aram desembainhou a espada, os olhos brilhando de expectativa. Loial inclinou-se em seu machado comprido e correu o dedo pela lança, pesaroso. A cabeça parecia a de um imenso machado de madeira, mas marchetada em ouro, com entalhes de folhas e arabescos. Os entalhes dourados estavam um pouquinho gastos por conta do uso recente. Se o Ogier tivesse que usá-lo outra vez, usaria, mas com tanta relutância quanto Perrin demonstrava para usar o seu machado, e por muitos dos mesmos motivos.

Rand apenas ficou sentado no cavalo, observando, o rosto indecifrável. Min aproximou a égua o bastante para acariciar o ombro dele, como se tentasse confortar um cão de caça pronto para a luta.

As Sábias também não davam sinais de inquietação, mas não permaneciam paradas. Sorilea fez um gesto, e dez das mulheres que vigiavam as Aes Sedai dispararam para juntar-se a ela e Amys, bem longe de Rand e distante até dos ouvidos de Perrin. Poucas tinham mechas grisalhas nos cabelos, e Sorilea era a única com rugas no rosto, mas, por outro lado, ali praticamente não havia nenhuma Sábia grisalha. O fato era que poucos Aiel viviam até começar a ter cabelos brancos. Essas mulheres, no entanto, tinham posição ou influência, fosse lá como as Sábias

decidissem esse tipo de coisa. Perrin já vira Sorilea e Amys mancomunando com esse mesmo grupo, embora “mancomunar” não fosse exatamente o termo correto. Sorilea falava, com algumas intervenções pontuais de Amys, e as outras escutavam. Edarra iniciou um protesto, mas Sorilea o abafou, aparentemente sem reduzir a marcha, depois apontou para duas outras, Sotarin e Cosain. Na mesma hora, as duas subiram as saias e dispararam, ligeiras, em direção à recém-chegada.

Perrin deu um tapinha no pescoço de Galope. Sem mais mortes. Por enquanto.

As três Sábias se encontraram a quase meia milha de distância da colina e pararam. Conversaram, apenas por um instante, então voltaram correndo. Direto até Sorilea. A recém-chegada, uma jovem de nariz comprido e cabelos ruivos muitíssimo volumosos, falava apressada. O rosto de Sorilea ficava mais rígido a cada palavra. Por fim, a ruiva terminou de falar — ou Sorilea a interrompeu com algumas palavras —, e o grupo se virou para Rand. Nenhuma fez qualquer movimento em direção a ele. Aguardaram, de mãos na cintura e xales enrolados nos braços, imperscrutáveis como qualquer Aes Sedai.

— O *Car’a’carn* — murmurou Rand entre dentes, em um tom seco. Deslizou por cima da sela, depois ajudou Min a descer.

Perrin também desceu e foi guiando Galope atrás deles até as Sábias. Loial o acompanhou. Aram também foi, mas em cima do cavalo e só desmontou quando Perrin fez um sinal. Os Aiel só cavalgavam se fosse absolutamente necessário e consideravam falta de decoro serem encarados do alto do lombo de um cavalo. Rhuarc juntou-se a eles, assim como Gaul, que por algum motivo ostentava uma carranca. Não era preciso dizer que Nandera, Sulin e as Donzelas também foram.

Tão logo Rand se aproximou, a ruiva recém-chegada começou a falar:

— Bair e Megana montaram guardas de todos os modos possíveis e imagináveis para que você possa retornar à cidade dos assassinos da árvore, *Car'a'carn*, mas em verdade ninguém achou que isso seria...

— Feraighin — interveio Sorilea, feito uma lâmina afiada.

A ruiva cerrou os dentes e encarou Rand com os olhos azuis e brilhantes, evitando o olhar duro de Sorilea.

Por fim, a Sábia líder respirou fundo e voltou a atenção a Rand.

— Há problemas nas tendas — disse, em um tom inexpressivo. — Começaram uns rumores entre os assassinos da árvore de que você tinha ido até a Torre Branca com as Aes Sedai que chegaram para ajoelhar-se diante do Trono de Amyrlin. Ninguém que conhecia a verdade ousou se pronunciar, ou o resultado teria sido pior.

— E qual foi o resultado? — perguntou Rand, baixinho. Ele exalava tensão, e Min recomeçou a afagar seu ombro.

— Muitos acreditam que você abandonou os Aiel — respondeu Amys, no mesmo tom. — A desolação retornou. Todos os dias, mil ou mais jogam fora as lanças e desaparecem, incapazes de enfrentar nosso futuro ou nosso passado. Alguns podem estar indo para os Shaido. — Por um instante, a voz dela exibiu um toque de medo. — Correu um falatório de que o verdadeiro *Car'a'carn* não se entregaria às Aes Sedai. Indirian diz que, se você foi à Torre Branca, não pode ter sido por vontade própria. E está pronto para levar os Codarra para o norte, para Tar Valon, e dançar as lanças com qualquer Aes Sedai que encontrar. Ou qualquer aguacento. Ele diz que você deve ter sido traído. Timolan resmunga que, se as histórias forem verdadeiras, você nos traiu, e ele vai levar os Miágoma de volta à Terra da Trindade. Depois que garantir sua morte. Mandelain e Janwin mantêm a sanidade, mas escutam tanto Indirian quanto Timolan.

Rhuarc franziu o cenho, sugando o ar por entre os dentes. Para um Aiel, era o mesmo que arrancar os cabelos em desespero.

— A notícia não é boa — protestou Perrin —, mas você faz soar como se fosse uma sentença de morte. Quando Rand aparecer, acaba a boataria.

Rand passou a mão no cabelo.

— Se fosse assim, Sorilea não estaria com cara de quem engoliu um lagarto. — Nandera e Sulin, inclusive, pareciam ter engolido um lagarto ainda vivo. — O que é que você ainda não me contou, Sorilea?

A mulher de rosto curtido abriu um tênue sorriso de aprovação.

— Você enxerga para além das palavras. Bom. — Ela, no entanto, mantinha o tom inexpressivo feito uma pedra. — Você volta com Aes Sedai. Alguns acreditarão que se rendeu. Seja lá o que diga ou faça, vão acreditar que as Aes Sedai o levam no cabresto. E isso antes que todos saibam que você foi feito prisioneiro. Os segredos encontram frestas por onde não passa nem uma pulga, e um segredo conhecido por tantos tem asas.

* * *

Perrin olhou Dobraine e Nurelle, que observavam com seus homens, e engoliu em seco, com um embrulho no estômago. Quantos dos que seguiam Rand o faziam por causa do peso daquela massa de Aiel atrás dele? Nem todos, claro, mas, para cada homem que fizera aquela escolha porque Rand era o Dragão Renascido, cinco ou até dez tinham vindo porque a Luz brilhava mais nas posições mais fortes. Se os Aiel fossem embora ou se dividissem...

Não queria pensar nessa possibilidade. A defesa de Dois Rios estendera suas habilidades ao máximo, talvez até mais. *Ta'veren* ou não, Perrin não

alimentava a ilusão de entrar para a história; isso era para Rand. Seu limite eram as questões que abrangiam as aldeias. O que fazer se o pior acontecesse? Listava tudo na cabeça: quem permaneceria leal e quem talvez tentasse escapar. A primeira lista era suficientemente curta, e a segunda, longa a ponto de causar um nó na garganta. Muita gente ainda tramava vantagens como se jamais tivesse ouvido falar nas Profecias do Dragão ou na Última Batalha. Perrin suspeitava de que alguns continuariam tramando mesmo depois que Tarmon Gai'don começasse. O pior era que muitos não seriam Amigos das Trevas, apenas pessoas buscando os próprios interesses acima de tudo. As orelhas de Loial desabaram; o Ogier também enxergava isso.

Assim que Sorilea terminou de falar com Rand, desviou os olhos para o lado, com um semblante capaz de abrir buracos no ferro.

— Vocês foram instruídas a ficar no carroção. — Bera e Kiruna pararam de repente, e Alanna quase tropeçou nas duas. — Foram instruídas a não tocar o Poder Único sem permissão, mas escutaram o que foi dito aqui. Vão aprender que falo sério.

Apesar do olhar agourento de Sorilea, as três aguentaram firme, Bera e Kiruna com uma dignidade gélida, Alanna fervilhando de rebeldia. Os grandes olhos de Loial as encararam, depois se voltaram para a Sábia; se as orelhas antes estavam caídas, agora murcharam por completo, e as compridas sobrancelhas desabaram até as bochechas. Avaliando, incomodado, suas listas mentais, Perrin imaginou por quanto tempo as Aes Sedai pretendiam pressionar. Bisbilhotando com o Poder! Podiam ter incitado das Sábias uma reação pior que os ladridos de Sorilea. De Rand também.

Não desta vez, no entanto. Rand parecia alheio a elas. Olhava através de Sorilea. Ou talvez estivesse outra vez escutando algo que ninguém mais

conseguia ouvir.

— E quanto aos aguacentos? — indagou, por fim. — Colavaere foi coroada rainha, não foi? — Não era exatamente uma pergunta.

Sorilea assentiu, o polegar batendo no cabo da faca de cintura, mas sem desviar a atenção das Aes Sedai. Quem era coroado rei ou rainha entre os aguacentos era de pouco interesse para os Aiel, sobretudo entre os cairhienos assassinos da árvore.

Uma lança gélida acertou o peito de Perrin. Que Colavaere da Casa Saighan queria o Trono do Sol não era segredo; a mulher tramava isso desde o assassinato de Galldrian Riatin, antes mesmo de Rand se declarar Dragão Renascido, e seguiu com as tramoias depois de vir à tona que Rand pretendia entregar o trono a Elayne. Poucos, no entanto, sabiam que a mulher era uma assassina de sangue frio. E Faile estava na cidade. Bem, pelo menos não estava sozinha. Bain e Chiad estariam por perto. Eram Donzelas e amigas dela, talvez quase o que os Aiel chamavam de quase-irmãs. Elas não deixariam que nenhum mal acontecesse a Faile. A lança gélida, contudo, não ia embora. Colavaere odiava Rand e, por extensão, qualquer pessoa próxima a Rand. Tal como, talvez, a esposa de um amigo de Rand. Não. Bain e Chiad a manteriam em segurança.

— Esta é uma situação delicada. — Kiruna aproximou-se de Rand, ignorando Sorilea com muita ênfase. Para uma mulher tão magrela, a Sábua tinha olhos fortíssimos, tal e qual um martelo. — Qualquer coisa que faça pode ter sérias repercussões. Eu...

— O que Colavaere falou de mim? — perguntou Rand a Sorilea, em um tom excessivamente casual. — Ela ameaçou Berelain?

Berelain, a Primeira de Mayene, era quem Rand deixara no comando de Cairhien. Por que ele não perguntara sobre Faile?

— Berelain sur Paendrag está bem — murmurou Sorilea, sem tirar os olhos das Aes Sedai.

No exterior, Kiruna parecia calma, apesar de ter sido interrompida e ignorada, mas o olhar que disparava a Rand poderia congelar um fogo de forja com os foles bombeando. Quanto ao resto, Sorilea gesticulou para Feraighin.

A ruiva levou um susto e pigarreou; claramente não esperava receber permissão de falar. Em um gesto apressado, cobriu-se outra vez de dignidade:

— Colavaere Saighan diz que você foi para Caemlyn, *Car'a'carn*, ou talvez a Tear, mas que, seja lá aonde tenha ido, todos precisam lembrar que você é o Dragão Renascido e deve ser obedecido. — Feraighin fungou; o Dragão Renascido não era parte das profecias Aiel, apenas o *Car'a'carn*. — Ela diz que você vai retornar e confirmá-la no trono. Fala com os chefes com frequência, encorajando-os a mover as lanças ao sul. Em obediência a você, diz ela. Não vê as Sábias, ouve apenas o vento quando falamos. — Desta vez a fungada foi bastante parecida com a de Sorilea.

Ninguém dizia aos chefes dos clãs o que fazer, mas irritar as Sábias era uma péssima forma de tentar convencer os chefes de qualquer coisa.

Porém, aquilo fazia sentido para Perrin, para a parte dele capaz de pensar em algo além de Faile. Colavaere decerto nunca dera atenção suficiente para os “selvagens” para perceber que as Sábias faziam mais que administrar ervas, mas iria querer todos os Aiel longe de Cairhien. A questão era, dadas as circunstâncias: algum chefe de clã escutara? Mas a pergunta de Rand não foi a mais óbvia:

— O que mais aconteceu na cidade? Qualquer coisa que você tenha escutado, Feraighin. Talvez algo que só pareceria importante a um aguacento.

A mulher jogou a juba ruiva para trás, com desdém.

— Aguacentos são como moscas, *Car’a’carn*: quem é que sabe o que consideram importante? Coisas estranhas às vezes acontecem na cidade, pelo que ouvi, bem como entre as tendas. As pessoas às vezes veem o que não pode ser; apenas por um tempo, o que não pode ser, é. Homens, mulheres e crianças morreram.

Perrin se arrepiou: sabia que ela estava falando do que Rand chamava de “bolhas de mal”, coisas que se erguiam da prisão do Tenebroso feito espuma em um pântano fétido, flutuando pelo Padrão até estourar. Perrin ficara preso em uma, certa vez; não queria nunca mais ver outra...

— Se está falando do que os aguacentos fazem — prosseguiu a ruiva —, quem é que tem tempo para vigiar moscas? A não ser que mordam. Isso me faz lembrar de uma coisa. Eu não entendo, mas talvez você entenda: essas moscas vão morder, cedo ou tarde.

— Que moscas? Aguacentos? Do que está falando?

Feraighin não era tão talentosa quanto Sorilea para dispensar aquele olhar firme, mas nenhuma Sábia que Perrin vira apreciava a impaciência alheia. Nem do chefe dos chefes. Erguendo o queixo, ela ajeitou o xale e respondeu:

— Três dias atrás, os Assassinos da Árvore Caraline Damodred e Toram Riatin se aproximaram da cidade. Proclamaram que Colavaere Saighan é uma usurpadora, mas ficam sentados em seu acampamento ao sul da cidade sem fazer nada além de enviar umas poucas pessoas para dentro dos muros, de vez em quando. Longe do acampamento, até cem deles fogem de um único *algai’d’siswai*, ou mesmo de um *gai’shain*. Um homem de nome Darlin Sisnera e outros tairenos chegaram por navio ontem e se juntaram a eles. Desde então, estiveram bebendo e se refestelando como se celebrassem algo. Soldados assassinos da árvore reúnem-se na cidade sob

as ordem de Colavaere Saighan, mas vigiam as nossas tendas mais do que vigiam as dos outros aguacentos ou a cidade em si. Eles vigiam e não fazem nada. Talvez você saiba o motivo disso tudo, *Car'a'carn*, mas eu não sei, e nem Bair ou Megana, nem ninguém nas tendas.

Lady Caraline e Lorde Toram lideravam os cairhienos que se recusaram a aceitar que Rand e os Aiel tinham conquistado Cairhien, e Lorde Darlin liderara suas contrapartes em Tear. Nenhum se insurgira demais; Caraline e Toram passaram meses sentados ao sopé das colinas da Espinha do Mundo, fazendo ameaças e reivindicações, e Darlin fizera o mesmo em Haddon Mirk. Porém não mais, ao que parecia. Perrin viu-se correndo o polegar de leve pela extremidade do machado. Os Aiel pareciam prestes a escapular, e os inimigos de Rand estavam se reunindo em um só lugar. Só o que faltava eram os Abandonados. E Sevanna, com seus Shaido. Seria a cereja do bolo. Ainda assim, nada era mais importante que saber se alguém via um pesadelo ambulante. Faile precisava estar segura. *Precisava*.

— É melhor vigiar que lutar — murmurou Rand, pensativo, outra vez escutando algo invisível.

Perrin concordava inteiramente — qualquer coisa era melhor que lutar. Mas os Aiel não viam a coisa assim, não quando se tratava de inimigos. Todos, Rhuarc, Sorilea, Feraighin, Nandera e Sulin encaravam como se Rand tivesse dito que era melhor beber areia que água.

Feraighin se levantou, ficando quase nas pontas dos pés. Não era particularmente alta para uma mulher de Aiel, não tanto ao lado de Rand, mas parecia tentar posicionar seu nariz na altura do dele.

— Há pouco mais de dez mil naquele acampamento aguacento — explicou, em um tom de reprovação —, e menos na cidade. É possível lidar com eles com muita facilidade. Até Indirian recorda que você ordenou que nenhum aguacento fosse morto exceto em legítima defesa, mas esses vão

causar problemas se forem deixados sozinhos. Não ajuda nada haver Aes Sedai na cidade. Quem pode dizer o que elas...

— Aes Sedai? — As palavras saíram frias, as juntas de Rand brancas no Cetro do Dragão. — Quantas?

Quando sentiu o odor dele, a pele dos ombros de Perrin se eriçou. De súbito, podia *sentir* as prisioneiras Aes Sedai observando; assim como Bera e Kiruna e as outras.

Sorilea perdeu todo o interesse em Kiruna. Plantou as mãos na cintura e espremeu a boca.

— Por que é que você não me disse isso?

— Você não me deu a chance, Sorilea — protestou Feraighin, um pouco ofegante, os ombros curvados. Os olhos azuis voltaram-se para Rand, e sua voz se firmou: — Pode ser que haja dez ou mais, *Car'a'carn*. Nós as evitamos, é claro, ainda mais desde que... — De volta a Sorilea, outra vez arquejante: — Você não quis ouvir sobre os aguacentos, Sorilea. Só sobre nossas próprias tendas. Você disse. — Para Rand, com as costas rígidas: — A maioria está sob o teto de Arilyn Dhulaine, *Car'a'carn*, e elas raramente saem. — Então para Sorilea, se encolhendo: — Sorilea, você sabe que eu teria contado tudo. Você me interrompeu.

Quando percebeu quanta gente observara a conversa e quantas pessoas começavam a sorrir, pelo menos entre as Sábias, Feraighin arregalou os olhos e enrubesceu. Sua cabeça balançava entre Rand e Sorilea, e a boca se remexia, mas sem emitir som. Algumas Sábias começaram a rir por detrás das mãos; Edarra não se deu ao trabalho de esconder a risada. Rhuarc jogou a cabeça para trás e soltou um urro.

Perrin, sem dúvida, não tinha vontade de rir. Um Aiel podia achar engraçado ter uma espada cravada no peito. Aes Sedai, ainda por cima! Luz! Ele foi direto ao assunto:

— Feraighin? Minha esposa, Faile, ela está bem?

A Sábua o encarou com uma mirada meio distraída, então visivelmente reuniu os farrapos de equilíbrio.

— Acredito que Faile Aybara esteja bem, *Sei'car* — respondeu, fria e contida. Ou quase.

A mulher tentou pescar olhares de Sorilea com o canto do olho. A outra Sábua não estava contente, nem de longe. De braços cruzados, deu a Feraighin uma olhada atenta que fez a que dera a Kiruna parecer suave.

Amys pôs a mão no braço de Sorilea.

— Ela não tem culpa — murmurou a mais jovem, baixinho demais para chegar ao ouvido de qualquer um além da Sábua e de Perrin.

Sorilea hesitou, depois assentiu; o olhar rígido esvaiu-se e deu lugar à rabugice costumeira. Amys era a única que Perrin vira fazer isso, a única em quem Sorilea não pisava quando a via colocar-se em seu caminho. Bem, ela não pisava em Rhuarc, mas com ele era mais um rochedo ignorando uma tempestade; Amys tinha o poder de fazer parar de chover.

Perrin queria mais de Feraighin. A mulher *acreditava* que Faile estivesse bem? Mas, antes que pudesse abrir a boca, Kiruna atacou, com sua delicadeza habitual.

— Pois bem, escute com atenção — disse a Rand, com gestos enfáticos bem debaixo do nariz dele. — Eu falei que a situação é delicada. Não é. A situação é inimaginavelmente complexa, tão frágil que pode se despedaçar com um suspiro. Bera e eu acompanharemos você até a cidade. Sim, sim, Alanna, você também. — Ela abanou o braço com impaciência para a Aes Sedai esguia. Perrin achou que a mulher estava tentando aquele truque de parecer mais alta. Ela de fato parecia olhar Rand de cima para baixo, embora, por mais alta que fosse, ele era cabeça e ombros mais alto. — Você precisa se deixar conduzir por nós. Um movimento em falso, e você pode

trazer a Cairhien o mesmo desastre que levou a Tarabon e Arad Doman. E pior, pode causar danos incalculáveis em relação a assuntos dos quais não conhece quase nada.

Perrin estremeceu. Todo o discurso não podia ter sido mais bem pensado para inflamar Rand. Mas o amigo apenas escutou até que ela terminasse, então virou-se para Sorilea.

— Leve as Aes Sedai para as tendas. Todas, por enquanto. Garanta que todos saibam que são Aes Sedai. Deixe que vejam que começam a pular se vocês disserem a palavra “sapo”. Já que pulam quando o *Car’a’carn* manda, isso deve convencer a todos de que eu não estou acorrentado pelas Aes Sedai.

O rosto de Kiruna ficou vermelho-vivo; a mulher cheirava tanto a ultraje e indignação que o nariz de Perrin coçou. Bera tentou acalmá-la, mas sem muito sucesso, enquanto disparava olhares de reprovação para Rand, e Alanna mordia o lábio em um esforço para não sorrir. A julgar pelos odores que emanavam de Sorilea e das outras, Alanna não tinha razão para estar contente.

A boca de Sorilea se rasgou em um leve sorriso.

— Talvez, *Car’a’carn* — disse, secamente. Perrin duvidava que ela fosse pular a mando de alguém. — Talvez convença. — Ela não parecia muito segura.

Com mais um meneio de cabeça, Rand saiu com Min a passos firmes, seguido pelas Donzelas, dispensando ordens em relação a quem iria com ele e quem iria com as Sábias. Rhuarc começou a passar instruções para os *siswai’aman*. Alanna acompanhou Rand com os olhos. Perrin quis saber o que estava acontecendo ali. Sorilea e as outras também observavam Rand e cheiravam a tudo, menos a docilidade.

Percebeu que Feraighin estava sozinha. Era a sua chance. Mas, quando tentou alcançá-la, Sorilea, Amys e o restante do “conselho” a rodeou, empurrando-o educadamente com os ombros. As Sábias se afastaram um pouco antes de começar a despejar uma saraivada de perguntas, encarando Kiruna e as outras duas irmãs com olhares penetrantes, sem deixar dúvidas de que não tolerariam mais bisbilhotices. Kiruna parecia considerar a ideia de bisbilhotar, fechando a cara até parecer um espanto que seus cabelos escuros não se eriçassem. Bera falava com ela com firmeza, e, sem se esforçar, Perrin ouviu “sensível”, “paciência”, “cuidado” e “tolice”. Não estava claro qual palavra se aplicava a quem.

— Haverá luta quando chegarmos à cidade. — Aram parecia ansioso.

— Claro que não — respondeu Loial, com vigor. Suas orelhas se remexeram, e ele espiou o machado, incomodado. — Não vai haver, vai, Perrin?

Perrin balançou a cabeça. Não sabia. Se pelo menos as outras Sábias deixassem Feraighin sozinha, só por uns minutos. O que tinham de tão importante a falar?

— As mulheres são mais estranhas que aguacentos bêbados — resmungou Gaul.

— O quê? — perguntou Perrin, distraído.

O que aconteceria se simplesmente forçasse a entrada no círculo de Sábias? Como se tivesse lido seus pensamentos, Edarra dispensou-lhe uma carranca penetrante. Algumas outras também — às vezes de fato parecia que as mulheres conseguiam ler os pensamentos dos homens. Bem...

— Eu falei que as mulheres são estranhas, Perrin Aybara. Chiad disse que não poria uma grinalda nupcial aos meus pés; ela disse *mesmo*. — O Aiel parecia escandalizado. — Falou que me aceitaria como amante, ela e Bain, mas nada além disso. — Em outros tempos isso teria chocado Perrin,

embora já tivesse ouvido dizer que os Aiel eram muitíssimo... livres... em relação a essas coisas. — Como se eu não fosse bom o bastante para marido. — Gaul bufou, irritado. — Eu não gosto de Bain, mas me casaria com ela para fazer Chiad feliz. Se Chiad não vai fazer uma grinalda nupcial, deveria parar de me provocar. Se não atraio o interesse dela a ponto de que se case comigo, melhor que me deixe livre.

Perrin franziu o cenho. O Aiel de olhos verdes era mais alto que Rand, quase uma cabeça mais alto.

— Do que você está falando?

— De Chiad, claro. Você não ouviu? Ela me evita, mas toda vez que a vejo, fica um tempo parada, para garantir que eu a veja mesmo. Não sei como vocês, aguacentos, fazem, mas, entre nós, esse é um dos artifícios das mulheres. Quando você menos espera, ela está diante de você, então some. Eu nem sabia que Chiad estava com as Donzelas até hoje de manhã.

— Quer dizer que ela está aqui? — sussurrou Perrin. A lança gélida retornou, agora dilacerante. — E Bain? Está aqui também?

Gaul deu de ombros.

— Raramente uma fica longe da outra. Mas é o interesse de Chiad que eu quero, não o de Bain.

— Que se queime o interesse das duas, maldição! — gritou Perrin. As Sábias viraram-se para encará-lo. A bem da verdade, todo o povo na colina olhou para ele. Kiruna e Bera olhavam com a expressão muito pensativa. Com esforço, ele conseguiu baixar o tom de voz. Mas não podia fazer nada em relação à intensidade. — Elas deviam estar protegendo...! Ela está na cidade, no Palácio Real, com Colavaere... com Colavaere! E elas deviam estar protegendo...

Coçando a cabeça, Gaul olhou para Loial.

— É humor aguacento? Faile Aybara já é bem grandinha.

— Eu sei que ela não é criança! — Perrin respirou fundo. Era muito difícil manter o tom amistoso com aquele embrulho no estômago. — Loial, você pode explicar a este... a Gaul... que as nossas mulheres não correm por aí com lanças, que Colavaere não chamaria Faile para lutar, simplesmente mandaria alguém degolá-la ou jogá-la de cima de um muro ou...

Pensar naquilo era demais. Perrin vomitaria a qualquer momento.

Loial deu um tapinha no ombro dele, incomodado.

— Perrin, eu sei que você está preocupado. Sei como eu me sentiria se achasse que alguma coisa pudesse acontecer a Erith. — Os tufos de suas orelhas estremeceram. Ele não tinha muita moral para falar; sairia correndo o mais depressa possível para evitar a mãe e a jovem Ogier que fora escolhida para ele. — Ah. Bom. Perrin, Faile está esperando você, sã e salva. Eu sei disso. E você sabe que ela é capaz de se cuidar. Ora, ela poderia cuidar de si mesma e de você. E de Gaul e de mim também. — Ele soltou uma risada que soou forçada e logo se reduziu a uma seriedade solene. — Perrin... Perrin, você sabe que não pode estar o tempo todo ao lado de Faile para protegê-la, por mais que deseje. Você é *ta'veren*; o Padrão se interligou a você por um motivo e vai usá-lo em prol dessa razão.

— Que se queime o Padrão — rosnou Perrin. — Que se queime tudo, se for para ela estar segura.

As orelhas de Loial se enrijeceram de choque, e até Gaul demonstrou espanto.

Isso faz de mim o quê?, pensou Perrin. Desprezara aqueles que pintavam e bordavam em benefício próprio, ignorando a Última Batalha e a sombra do Tenebroso se avultando por sobre o mundo. Em que diferia disso?

Rand freou o cavalo negro ao lado dele.

— Você vem?

— Estou indo — respondeu, Perrin com frieza.

Não tinha resposta para as próprias perguntas, mas sabia uma coisa: para ele, Faile *era* o mundo.



CAPÍTULO 4



CAIRHIEN ADENTRO

Perrin teria ditado um ritmo mais firme que o de Rand, embora soubesse que os cavalos não aguentariam muito tempo. Avançavam metade em trote, metade correndo junto aos animais. Rand parecia alheio a todos, mas estendia a mão a cada vez que Min tropeçava para ajudar a moça. No mais, estava perdido em outro mundo e piscava, surpreso, quando notava a presença de Perrin ou de Loial. Verdade fosse dita, ninguém estava muito melhor. Os homens de Dobraine e Havien tinham os olhos cravados à frente, ruminando as próprias preocupações a respeito do que encontrariam. Os homens de Dois Rios refletiam o humor sombrio de Perrin. Gostavam de Faile — a bem da verdade, alguns a idolatravam —, e se ela estivesse ferida... até a ansiedade de Aram esmoreceu quando ele percebeu que Faile poderia estar em perigo. Todos os homens se concentravam nas léguas diante de si, em direção à cidade à frente. Exceto pelos Asha'man, a bem dizer: colados em Rand feito um bando de corvos, eles analisavam o campo que a fileira de gente cruzava, ainda cautelosos quanto a uma emboscada. Dashiva estava afundado na sela feito um saco, e resmungava sozinho, mal-humorado, sempre que precisava correr. Mas mantinha os olhos firmes, como se aguardasse uma emboscada.

Havia pouca chance de aquilo acontecer. Sulin e doze *Far Dareis Mai* trotavam à frente da coluna, à vista de Perrin; o mesmo número ia bem

adiante, investigando o caminho, e também nos flancos. Algumas tinham guardado as lanças curtas nos arreios das costas que sustentavam os estojos dos arcos, de modo que a ponta da lança sacolejava ao alto da cabeça; os arcos curtos de chifres projetados, as flechas encaixadas. Elas mantinham a mesma atenção em qualquer coisa que pudesse ameaçar o *Car'a'carn* e no próprio Rand, como se suspeitassem que ele pudesse desaparecer de novo. Se qualquer armadilha os aguardasse, qualquer perigo se aproximasse, elas encontrariam.

Chiad era uma das Donzelas junto de Sulin, uma mulher alta de cabelo vermelho-escuro e olhos cinzentos. Perrin a olhava pelas costas, desejando que se afastasse das outras e viesse falar com ele. De vez em quando Chiad lhe dispensava uma olhadela, mas o evitava como se ele tivesse três doenças contagiosas. Bain não acompanhava o grupo; a maioria das Donzelas seguia basicamente a mesma rota com Rhuarc e os *algai'd'siswai*, mas avançando mais devagar por conta dos carroções e das prisioneiras.

A égua negra de Faile trotava atrás de Galope, com as rédeas presas à sela. Os homens de Dois Rios tinham trazido Andorinha de Caemlyn quando se juntaram a ele perto de Poços de Dumai. Sempre que olhava a égua emproada atrás de si, o rosto da esposa se elevava em seus pensamentos, o nariz pronunciado e a boca generosa, os olhos escuros flamejantes e oblíquos, as maçãs do rosto bem demarcadas. Faile amava o animal talvez tanto quanto amava Perrin. Uma mulher igualmente ativa e bela, feroz e orgulhosa. A filha de Davram Bashere não se esconderia nem seguraria a língua, não com gente do naipe de Colavaere.

Fizeram quatro paradas para descansar as montarias, e Perrin rangeu os dentes por conta da demora. Cuidar bem dos cavalos era muito natural a ele, que conferia Galope sem nem pensar, dava-lhe água como hábito. Com Andorinha, era ainda mais cuidadoso. Se Andorinha chegasse a Cairhien

em segurança... uma ideia se plantara em sua mente. Se levasse a égua até Cairhien, Faile estaria bem. Era ridículo, uma fantasia de garoto, uma fantasia *idiota* de garoto *pequeno*, mas não ia embora.

A cada parada, Min tentava tranquilizá-lo. Com um sorriso zombeteiro, disse que ele parecia a morte em uma manhã de inverno, só esperando que alguém lhe cavasse uma sepultura. Disse que se ele fosse até a esposa daquele jeito, Faile bateria a porta na cara dele. Mas admitia que nenhuma de suas visões garantia que Faile estava ilesa.

— Luz, Perrin — disse Min, por fim, exasperada, ajustando as luvas de montaria cinza —, se alguém tentar fazer mal a Faile, vai receber ordens da própria Faile de esperar no saguão até ela ter um tempinho.

Perrin quase rosnou. Não era que as duas se estranhassem, não exatamente.

Loial lembrou a Perrin de que os Caçadores da Trombeta podiam se cuidar sozinhos e que Faile já passara incólume pelos Trollocs.

— Ela está bem, Perrin — estrondeou o Ogier, em um tom sincero, trotando ao lado de Galope com o machado comprido no ombro. — Eu sei que está. — Loial já tinha repetido a mesma coisa vinte vezes, e a cada vez parecia um pouco menos sincero.

Sua última tentativa de encorajá-lo tinha ido mais longe do que ele pretendia:

— Tenho certeza de que Faile sabe se cuidar, Perrin. Ela não é feito Erith. Mal posso esperar que Erith me despose, para que eu possa cuidar dela... Acho que morreria se ela mudasse de ideia. — Ao final da frase, sua boca permaneceu aberta, e os grandes olhos se arregalaram. Com as orelhas trêmulas, o grandalhão tropeçou e quase caiu. — Eu não tinha intenção de falar isso — disse, a voz rouca, retomando as passadas largas junto ao cavalo de Perrin. As orelhas ainda tremiam. — Eu não tenho certeza do que

quero... sou novo demais para me... — Engolindo em seco, lançou a Perrin um olhar de acusação e dispensou também um a Rand, mais adiante. — Não é nada seguro abrir a boca com dois *ta'veren* por perto. Qualquer coisa pode escapar!

Nada que já não poderia ter saído de sua boca, como Loial bem sabia, embora talvez só tivesse uma em mil chances de ocorrer, talvez uma em mil vezes mil, se não fosse a presença de um *ta'veren*. Loial também sabia disso, o que parecia assustá-lo mais que tudo o que Perrin já vira. Um tempo considerável se passou antes que as orelhas do Ogier parassem de tremer.

Faile ocupava seus pensamentos, mas ele não estava cego, não por completo. O que a princípio via sem ver, enquanto cavalgavam para sul e oeste, começou a penetrar pelas beiradas. O tempo estava quente quando rumara para o norte, vindo de Cairhien, menos de duas semanas antes. Mas parecia que o toque do Tenebroso se firmara ainda mais, oprimindo a terra ainda mais desesperadamente. A grama frágil estalava sob os cascos dos cavalos, e pequenas aranhas marrons faziam teias nas pedras das encostas. Os galhos nus — não apenas sem folhas, mas mortos — se quebravam ao menor sopro do vento árido. Havia mais pinheiros de árvores perenes e folhas-de-couro amarelados e marrons do que verdes.

Depois de umas milhas, começaram a surgir fazendas, com construções simples de pedras escuras dispostas em quadrados, as primeiras em clareiras isoladas na floresta, então pouco a pouco mais agrupadas enquanto a mata se adelgaçava, composta de árvores que mal mereciam ser chamadas assim. Uma estrada de carroções se arrastava à frente, percorrendo as laterais e os cumes das colinas, envolvendo mais campos murados de pedras que terreno livre. Quase todas essas primeiras fazendas estavam desertas, com uma poltrona caída à frente de uma casa, uma boneca de pano à beira da

estrada... Gado esquálido e ovelhas letárgicas pontilhavam os pastos, onde corvos crocitavam sobre algumas carcaças; mal eram pastos, mas tinham uma ou duas carcaças. Córregos gotejavam por canais de lama seca. A terra dos plantios, que deveria estar coberta de neve, parecia prestes a se desintegrar — pelo menos nos pontos onde já não estava reduzida a pó, que era levado pelo vento.

Uma poeira alta marcou a passagem do grupo, até que o caminho de terra estreita se uniu à ampla estrada pavimentada que vinha da Passagem de Jangai. Ali havia pessoas, embora poucas, e com um aspecto letárgico, de olhos embotados. Com o sol já quase a meio caminho do horizonte, o ar estava um forno. Um e outro carro de boi ou carroção puxado por cavalos saíram depressa da estrada, para fora do caminho, descendo por trilhas estreitas ou campos. Os condutores, bem como o punhado de gente da fazenda que havia por ali, observavam, embasbacados, a passagem dos três estandartes.

Os quase mil homens armados atraíam muitos olhares. Mil homens armados indo a algum lugar, apressados, com um propósito. Motivo suficiente para todos olharem e ficarem gratos que os mil homens estivessem passando direto para logo sumir de vista.

Enfim, quando o sol ainda tinha um trechinho de céu quase que do próprio tamanho ainda para percorrer até se pôr, a estrada atingiu um cume de onde podiam ver Cairhien, cerca de duas ou três milhas adiante. Rand puxou as rédeas, e as Donzelas, agora todas juntas, agacharam-se onde estavam. No entanto, mantiveram os olhos aguçados.

Não se via nenhum movimento nas colinas quase sem árvores perto da cidade, uma imensa massa de pedras cinzentas descendo em direção ao rio Alguenya, a oeste; uma cidade austera, de muralhas e torres quadradas. Navios de todos os tamanhos estavam ancorados no rio, alguns presos ao

cais mais distante, onde ficavam os celeiros; umas poucas embarcações se deslocavam por velas ou remos compridos. Davam uma impressão de paz e prosperidade. Sem uma nuvem no céu, a luz era penetrante, e Perrin conseguia ver muito bem os imensos estandartes que voejavam sobre as torres da cidade quando o vento os estendia. O Estandarte da Luz, escarlate; o Estandarte do Dragão, branco com a criatura serpenteante e com escamas, em escarlate e dourado; o Sol Nascente de Cairhien com raios ondulantes, dourado em azul. E um quarto, tão proeminente quanto os outros: um diamante prateado em um campo quadriculado em amarelo e vermelho.

Com uma carranca, Dobraine baixou uma pequena luneta dos olhos e meteu-a em um tubo de couro trabalhado, amarrado à sela.

— Eu esperava que os selvagens tivessem entendido errado, mas, se a Casa Saighan voeja junto do Sol Nascente, então Colavaere tem o trono. A mulher certamente tem distribuído presentes todos os dias pela cidade; moedas, comida, badulaques... É tradição para o Festival da Coroação. Um governante atinge o auge de sua popularidade na semana seguinte à ascensão ao trono. — Ele olhou Rand de esguelha; o esforço de falar sem rodeios pesando em seu rosto. — Os plebeus podem até se rebelar, se não gostarem do que você fizer. As ruas podem acabar banhadas em sangue.

O capão cinza de Havien se remexia com a impaciência de seu cavaleiro, e o próprio homem ficava olhando de Rand para a cidade e de volta para Rand. Não era a cidade dele, que já deixara bem claro que não dava a menor importância ao que ocorria nas ruas, desde que sua própria governante estivesse em segurança.

Rand observou a cidade por longos instantes — ou pelo menos pareceu observar; fosse lá o que estivesse vendo, seu rosto permanecia impassível. Min o observava, preocupada, talvez com pena.

— Vou tentar garantir que não se rebelem — disse Rand, por fim. — Flinn, fique aqui com os soldados. Min...

— Não! — interrompeu ela, bruscamente. — Eu vou aonde você for, Rand al'Thor. Você precisa de mim e sabe disso. — A última frase pareceu mais uma súplica que uma ordem, mas quando uma mulher plantava as mãos na cintura daquele jeito e cravava os olhos no sujeito, não estava suplicando.

— Eu também vou — acrescentou Loial, apoiado no machado de cabo longo. — Você sempre dá um jeito de fazer as coisas quando estou longe. — Sua voz assumiu um tom queixoso. — Não adianta de nada, Rand. Não adianta de nada para o livro. Como é que posso escrever sobre coisas que não presenciei?

Ainda olhando para Min, Rand ergueu um pouco a mão na direção dela, então deixou-a cair. A mulher o encarava com um olhar firme.

— Isso é... loucura. — Segurando as rédeas com firmeza, Dashiva cravou as botas na égua roliça e aproximou-se do cavalo escuro de Rand. Uma relutância contorcia seu semblante; talvez até os Asha'man não gostassem de ficar muito perto de Rand. — Basta apenas um homem com... um arco, ou uma faca, e basta que você não veja a tempo. Mande um Asha'man fazer o que precisa ser feito, ou mais, se julgar necessário. Um portão até o palácio, e tudo termina antes que alguém perceba o que aconteceu.

— E ficar aqui sentado até escurecer — interrompeu Rand, virando o capão para encarar Dashiva —, até que estudem este lugar bem o bastante para abrir um portão? Vai ser uma carnificina, sem sombra de dúvida. A menos que sejam cegos, eles nos viram vindo dos muros. Cedo ou tarde vão mandar alguém para descobrir quem somos e em quantos estamos. — O restante do grupo permanecia escondido atrás da encosta, e os estandartes

também tinham sido baixados, mas os homens a cavalo em uma saliência, junto das Donzelas, sem dúvida despertariam curiosidade. — Vou fazer isso do meu jeito. — A voz estava tomada de raiva, e Rand cheirava a frieza e fúria. — Ninguém morre, Dashiva, a menos que seja inevitável. Já estou farto de mortes. Está entendendo? Ninguém!

— Como milorde Dragão ordenar. — O sujeito inclinou a cabeça, mas soava amargo, e cheirava a...

Perrin esfregou o nariz. O cheiro... deslizava depressa, alternando-se entre medo, ódio, raiva e uma dúzia de outras emoções, e de tão ligeiro ele quase não conseguia identificar o que sentia. Já não duvidava que o homem estivesse louco, por melhor que fosse a expressão em seu rosto. E também já não se importava. De tão perto...

Cravando os calcanhares nos flancos de Galope, ele avançou para a cidade e para Faile sem esperar os outros, praticamente sem notar Aram em seu encalço. Mas não precisava vê-lo para saber que o rapaz estaria ali. Só conseguia pensar em Faile. Se levasse Andorinha em segurança até a cidade... forçou-se a manter Galope a um trote ligeiro, no máximo. Um cavaleiro galopante atraía olhares, perguntas e atrasos. Àquele ritmo, os outros logo alcançaram Aram e Perrin, ao menos os que estavam indo. Min tinha conseguido o que queria, ao que parecia, assim como Loial. As Donzelas se espalharam à frente, algumas dispensando olhares complacentes a Perrin, ao passar. Chiad encarou o chão até estar bem à frente.

— Ainda não gosto nada desse plano — resmungou Havien, ao lado de Rand. — Peço todo o perdão, milorde Dragão, mas não gosto.

Dobraine, do outro lado de Rand, soltou um grunhido.

— Nós já discutimos isso, mayenense. Se fizéssemos o que você queria, fechariam os portões na nossa cara antes de termos coberto uma só milha.

Havien resmungou algo entre dentes e remexeu a montaria. Ele queria que todos os homens acompanhassem Rand até a cidade.

Perrin olhou para trás, para os Asha'man. Podia ver Damer Flinn, identificável pelo casaco, e uns poucos homens de Dois Rios na saliência, de pé, segurando os cavalos. Soltou um suspiro. Não teria se incomodado se os homens de Dois Rios estivessem junto. Mas Rand decerto tinha razão, e Dobraine o apoiava.

Um pequeno número de homens conseguia entrar em lugares aos quais um exército grande não teria acesso. Se os portões estivessem fechados, os Aiel teriam que sitiar a cidade, se é que ainda aceitariam fazê-lo, e a matança recomeçaria. Rand metera o Cetro do Dragão nos alforjes de um dos capões, de modo que apenas a ponta entalhada ficasse para fora, e aquele casaco simplório não parecia nada que o Dragão Renascido usaria. Quanto aos Asha'man, ninguém na cidade fazia a menor ideia do que significava o casaco preto. Em contrapartida, era mais fácil matar uns poucos homens que um exército inteiro, ainda que a maioria ali fosse capaz de canalizar. Perrin já tinha visto um Asha'man levar uma lança Shaido na barriga, e o homem morrera feito qualquer outro.

Dashiva resmungou entre dentes; Perrin pescou “herói” e “idiota”, em tons de igual menosprezo. Não fosse Faile, poderia ter concordado. Em dado momento, Rand espiou na direção do acampamento Aiel espalhado por sobre as colinas duas ou três milhas a leste da cidade, e Perrin prendeu o fôlego. Mas, fossem quais fossem os pensamentos de Rand, ele permaneceu na estrada. Nada importava mais que Faile. Nada, quer Rand enxergasse isso ou não.

A uma boa meia milha dos portões, chegaram a outro acampamento. A visão fez Perrin franzir o cenho. Era quase uma cidade, de tão grande: um imenso aglomerado de cabanas caindo aos pedaços e tendas bambas feitas

de refugos sobre um solo arrasado, encostadas nas compridas muralhas cinza e se estendendo até onde ele podia ver. O lugar certa vez fora chamado de Portão da Frente, um apinhado de ruelas e travessas sinuosas. Mas isso foi antes do incêndio dos Shaido. Algumas pessoas, em silêncio, encaravam o estranho grupo que passava — um Ogier, Donzelas Aiel —, mas a maioria logo retornava os afazeres com expressões sombrias e cautelosas, tomando o cuidado de não reparar em nada que não tivessem diante do nariz. As roupas de cores vivas, farrapos de antigas vestimentas finas usadas pelo povo do Portão da Frente, se mesclavam aos trajes mais escuros, mais comuns entre os cairhienos, e às roupas simples e escuras dos aldeões e fazendeiros. O povo do Portão da Frente estava na cidade quando Perrin partiu, junto a milhares de refugiados de cada canto do interior. Muitos daqueles rostos exibiam hematomas ou coisa pior, como talhos e cortes em geral sem curativos. Colavaere decerto os expulsara da cidade. Aquela gente não teria deixado seus abrigos de livre e espontânea vontade. O povo do Portão da Frente, bem como os refugiados, temia o retorno dos Shaido como um homem queimado temia o ferro quente.

A estrada seguia direto pelo campo até os Portões de Jangai, três arcos altos e quadrados flanqueados por torres. Homens de capacete descansavam nas ameias, espiando pelos espaços entre os dentes de pedra. Alguns olhavam na direção dos homens no topo da colina, e aqui e ali um oficial com algum *con* segurava uma luneta junto aos olhos. O pequeno grupo de Rand suscitava olhares indagativos. Homens a cavalo e Donzelas Aiel; não eram companhias comuns. Bestas surgiram no topo da muralha dentada, mas ninguém ergueu nenhuma arma. Os portões de ferro permaneciam abertos. Perrin prendeu o fôlego. Queria muito galopar direto até o Palácio do Sol, até Faile.

Logo no interior dos portões havia uma casa de guarda baixa e ampla, onde forasteiros supostamente deveriam se registrar antes de entrar. Um oficial cairhieno de rosto quadrado observou a passagem do grupo com uma carranca, encarando as Donzelas com desconforto. Mas ficou apenas observando.

— Como lhe falei — disse Dobraine, quando chegaram ao posto de guarda. — Colavaere concedeu livre acesso à cidade para o Festival da Coroação. Nem pessoas com ordem de prisão podem ser detidas ou expulsas. É a tradição.

O homem, no entanto, parecia aliviado. Min soltou um suspiro audível, e Loial deixou sair um gemido que talvez tivesse sido ouvido ruas adiante. O peito de Perrin ainda estava apertado demais para suspiros. Andorinha já estava dentro de Cairhien. Se conseguisse levá-la ao Palácio Real...

De perto, a cidade cumpria o que prometera de longe. A mais alta das colinas ficava no interior das muralhas, mas toda revestida de pedra e ostentando um terraço, de modo que em nada lembrava uma colina. Ruas amplas e apinhadas se cruzavam em ângulo retos. Naquela cidade, até os becos formavam padrões em grade. As ruas acompanhavam as subidas e descidas das colinas com relutância, com frequência apenas entrecortando-as. Das lojas aos palácios, as construções eram todas quadradas e retangulares, muito rígidas e austeras, até mesmo as imensas torres de suporte, cada uma envolta em andaimes no topo de uma colina — as outrora míticas torres sem fim de Cairhien, ainda em processo de reconstrução, depois do incêndio na Guerra dos Aiel. A cidade parecia mais dura que pedra, um lugar esmagador, e as sombras que se estendiam por todos os cantos intensificavam essa sensação. As orelhas peludas de Loial estremeciam quase sem parar, e uma carranca de preocupação lhe enrugava a testa, as sobrancelhas caídas roçando as bochechas.

Havia poucos indícios do Festival da Coroação ou da Alta Chasalina. Perrin não tinha ideia do que o Festival poderia trazer, mas, em Dois Rios, o Dia da Reflexão era um momento de alegria e de esquecimento da desolação do inverno. Ali, pairava quase um silêncio no ar, apesar da quantidade de gente. Em qualquer outro lugar, Perrin teria creditado aquilo ao calor anormal que derrubava a vitalidade de todos, mas, exceto pelo povo de Portão da Frente, os cairhienos eram mesmo uma gente sóbria, austera. Ao menos na superfície; melhor não pensar sobre o que jazia nas profundezas. Os mascates e ambulantes dos carroções de que se lembrava tinham desaparecido das ruas, junto dos músicos, acrobatas e titereiros. Deviam estar no acampamento da gentilha, do lado de fora das muralhas. Umas poucas liteiras fechadas e com pintura escura circulavam pelas multidões silenciosas, algumas ostentavam os estandartes rígidos de alguma das Casas, uma bandeira um pouco maior que as *con*. Avançavam lentas feito carroções de boi, com os condutores caminhando ao lado de açoite na mão, os eixos estalando em meio ao silêncio. Forasteiros se destacavam, mesmo que usassem um mínimo de cores, pois em geral eram os únicos a cavalo. Os nativos, quase inevitavelmente mais baixos, pareciam corvos de rosto claro naquelas roupas escuras. Os Aiel também se destacavam, claro. Fosse sozinhos ou em grupos, iam abrindo clareiras na multidão; por onde passavam, os olhos se desviavam deles, e o espaço se abria.

Os Aiel se viravam para o grupo de recém-chegados, que seguia lentamente pela multidão. Mesmo que nem todos reconhecessem Rand em seu casaco verde, sabiam quem devia ser aquele aguacento alto escoltado por Donzelas. Perrin sentiu um arrepio descer pela espinha: as expressões eram avaliativas. Ficou agradecido por Rand ter deixado todas as Aes Sedai para trás. Além dos Aiel, o Dragão Renascido avançava por um rio

despreocupado, que se abria para as Donzelas e se fechava logo atrás dos Asha'man.

O Palácio Real de Cairhien, o Palácio do Sol, o Palácio do Sol Nascente em Esplendor — os cairhienos eram ótimos com nomes, cada um mais extravagante que o outro — ficava no topo da colina mais alta da cidade, uma massa escura de pedras quadradas com torres de plataformas planas se assomando no alto de tudo. A rua, o Caminho da Coroa, abria-se em uma rampa longa e ampla que subia rumo ao palácio, e Perrin respirou fundo quando começaram a subir. Faile estava lá em cima. Tinha que estar, e a salvo. Nada mais importava, ela precisava estar a salvo. Perrin apertou o nó que prendia as rédeas de Andorinha a um aro em seu cepilho, correu a mão pelo machado na cintura. Os cascos dos cavalos ferrados retiniam alto nas pedras do pavimento. As Donzelas não emitiam som algum.

Os guardas nos amplos portões de bronze, bem abertos, observaram a lenta aproximação e se entreolhavam. Seus trajes eram coloridos demais para soldados cairhienos: dez homens com o Sol Nascente dourado nas placas peitorais escuras e lenços nas cores da Casa Saighan amarrados sob a ponta das alabardas. Perrin poderia escrever o que estavam pensando. Treze homens a cavalo, mas sem pressa, apenas dois vestindo armaduras, e um deles no vermelho de Mayene. Esperavam que qualquer problema viria de Caraline Damodred e de Toram Riatin, e os mayenenses não teriam nada a ver com aquilo. Além disso, havia uma mulher e um Ogier. Sem dúvida não pretendiam causar problemas. Ainda assim, as trinta Donzelas ou mais trotando à frente dos cavalos não pareciam vir para o chá. Por um instante, tudo permaneceu em suspenso. Então, uma Donzela velou o rosto. Os guardas deram um solavanco, como se prontos para agir, e um deles inclinou a alabarda e disparou para os portões. O homem deu dois passos,

então parou, rígido feito uma estátua. Todos os guardas estavam tesos; nada se mexia além de suas cabeças.

— Bom — murmurou Rand. — Agora amarrem os fluxos e os deixem aí para depois.

Perrin se remexeu, incomodado. Os Asha'man tinham se espalhado atrás deles, ocupando quase toda a largura da rampa, e deviam estar usando o Poder. Os oito juntos muito provavelmente poderiam botar aquele lugar abaixo. Talvez o próprio Rand conseguisse dar conta disso sozinho. Mas, se aquelas torres comesçassem a cuspir flechadas, o grupo morreria com todos os outros naquela rampa, que já não parecia tão larga.

Ninguém acelerou o passo. Quem olhasse pelas janelas compridas e estreitas do palácio, nos passeios em colunatas lá em cima, não veria nada anormal. Sulin remexeu os braços na linguagem de sinais das Donzelas, e a que se velara baixou depressa o pano do rosto, enrubescida. Uma caminhada lenta, subindo a rampa. Alguns dos guardas de capacetes sacudiram a cabeça e remexeram os olhos; um parecia ter desmaiado, com o queixo caído sobre o peito. Todos estavam boquiabertos, mas não emitiam som. Perrin tentou não pensar no que os deixara sem fala. Uma caminhada lenta, atravessando os portões de bronze abertos até o pátio principal.

Não havia soldados ali. As sacadas de pedra em torno do pátio estavam vazias. Serviçais uniformizados de olhos baixos correram para apanhar as rédeas dos cavalos e segurar os estribos. Havia listras vermelhas, amarelas e prateadas descendo pelas mangas dos casacos e vestidos escuros, e cada um ostentava um pequeno Sol Nascente no lado esquerdo do peito. Perrin nunca vira serviçais cairhienos com trajes tão coloridos. Dali não se via os guardas lá fora, e decerto faria pouca diferença se desse para ver. Em Cairhien, os serviçais jogavam sua própria versão do *Daes Dae'mar*, o Jogo das Casas, mas fingiam ignorar os feitos de seus superiores. Prestar atenção

demais ao que acontecia entre os superiores — ou pelo menos ser visto prestando atenção — poderia fazer com que a pessoa fosse arrastada para o jogo. Em Cairhien, e talvez na maioria dos lugares, o povo comum podia ser esmagado onde os poderosos caminhavam sem nem notar quem também passava por ali.

Uma mulher atarracada levou Galope e Andorinha para longe sem nem olhar Perrin. Andorinha estava dentro do Palácio do Sol, mas não fazia a menor diferença. Ainda não sabia se Faile estava viva ou morta. Uma fantasia de garoto idiota.

Remexendo o machado, acompanhou Rand na subida da ampla escadaria cinza no extremo oposto do pátio e assentiu quando Aram passou a mão por cima do ombro para relaxar a espada. Homens uniformizados no topo da escada abriram as grandes portas do mesmo bronze que os portões externos, com a marca grande do Sol Nascente de Cairhien.

Em outros tempos, a grandeza do salão de entrada teria surpreendido Perrin. Grossas colunas quadradas de mármore escuro sustentavam um teto de abóbadas quadradas a dez passadas dos azulejos do chão, que se alternavam entre azul-escuro e dourado profundo. Sóis Nascentes entalhados em ouro circundavam as cornijas, e frisos nas paredes exibiam os triunfos de batalha dos cairhienos. O salão estava vazio, exceto por um grupo de rapazes aglomerados sob um dos frisos, que fizeram silêncio assim que Perrin e os outros chegaram.

Notou que nem todos eram homens. Todos portavam espadas, mas quatro dos sete eram mulheres com casacos e calças justas feito as de Min, os cabelos cortados curtos como os dos homens. Não curtíssimos, e tanto homens quanto mulheres prendiam o cabelo em uma espécie de rabo que ia até os ombros, amarrado com uma fita escura. Uma das mulheres usava um tom de verde um pouco mais claro que o normal para os cairhienos, e outra

ostentava um azul-vivo; todo o restante usava cores escuras, com umas poucas listras cruzando o peito. O grupo observou os recém-chegados, e Perrin notou que recebia atenção especial — seus olhos amarelos assustavam, embora ele já quase não notasse a não ser que alguém se sobressaltasse ou fizesse um estardalhaço. O grupo ficou em silêncio, observando, até que o último Asha'man entrou e as portas foram fechadas. O barulho abafou um instante de sussurros ferozes; então os jovens se aproximaram com o andar afetado, as mulheres demonstrando ainda mais arrogância que os homens — o que requeria muito esforço. Até a maneira como se ajoelhavam era arrogante.

A mulher de verde olhou para a de azul, que mantinha a cabeça baixa.

— Milorde Dragão — disse —, eu sou Camaille Nolaisen. Selande Darengil lidera a nossa sociedade... — Ela piscou ao receber um olhar feroz da mulher de azul. Apesar da encarada, a tal Selande cheirava a medo até as entranhas, se Perrin entendera direito quem era quem. Com um pigarreio, Camaille prosseguiu: — Nós não achávamos... não esperávamos o senhor de volta tão cedo.

— Sim — respondeu Rand baixinho. — Duvido que alguém achasse que eu retornaria... tão cedo. Nenhum de vocês tem motivos para ter medo de mim. Não mesmo. Se vão acreditar em alguma coisa, acreditem nisso.

Para surpresa de Perrin, Rand encarou Selande ao dizer aquelas palavras. A mulher ergueu a cabeça depressa, e o odor de medo se dissipou. Não por completo, mas quase. Como Rand sabia que estavam com medo?

— Onde está Colavaere? — perguntou ele.

Camaille abriu a boca, mas foi Selande quem respondeu:

— No Grande Salão do Sol. — A voz se fortaleceu enquanto ela falava, o cheiro de medo cada vez mais fraco. Estranhamente, um leve toque de inveja a invadiu por um instante, quando ela olhou Min. Às vezes o olfato

apurado de Perrin mais confundia que ajudava. — É a terceira Convocação do Ocaso — prosseguiu. — Não somos importantes o bastante para comparecer. Além do mais, acho que nós, das sociedades, a deixamos meio incomodada.

— A terceira — murmurou Dobraine. — O nono pôr do sol depois da coroação, já. Ela não perdeu tempo. Pelo menos estarão todos juntos. Ninguém de nenhum posto ou pretensão perderia o evento, seja de Cairhien ou Tear.

Levantando-se, Selande conseguiu fazer parecer que encarava Rand olho no olho.

— Estamos prontas para dançar as lâminas pelo senhor, milorde Dragão.

Sulin balançou a cabeça, estremecendo, e outra Donzela soltou um ganido audível; muitas exalavam o odor de alguém prestes a cometer um ato violento naquele exato instante. Os Aiel não conseguiam decidir o que fazer com aqueles jovens aguacentos. O problema, a seus olhos, era que aquelas pessoas estavam de certa forma tentando ser Aiel, tentando seguir o *ji'e'toh*, ou pelo menos sua versão disso. Aqueles sete não eram todo o bando; pelo menos centenas de outros idiotas podiam ser vistos por toda a cidade, organizados em sociedades em uma imitação dos Aiel. Do que Perrin ouvira, metade dos Aiel queria ajudar os jovens; a outra metade queria estrangular um a um.

Quanto a si próprio, não queria nem saber se aquelas pessoas reduziriam o *ji'e'toh* a pó.

— Onde está minha esposa? — inquiriu. — Onde está Faile?

Os imbecis trocaram olhares hesitantes. Hesitantes!

— Está no Grande Salão do Sol — respondeu Selande, receosa. — Ela... é uma das *acompanhantes* da Rainha... de Colavaere.

— Ponha os olhos de volta na cabeça, Perrin — sussurrou Min. — Faile deve ter um bom motivo. Você sabe disso.

Encolhido dentro do casaco, Perrin tentou se recompor. Uma das acompanhantes de Colavaere? Fosse lá por que, tinha de ser um bom motivo. Disso, pelo menos, tinha certeza. Mas o que poderia ser?

Selance e as outras trocaram mais daqueles olhares hesitantes.

— Juramos não contar a ninguém! — sussurrou um dos homens, um jovem de nariz pronunciado, em um tom baixo e firme. — A ninguém! Um juramento de água!

Antes que Perrin pudesse exigir explicação, Rand falou:

— Selance, guie o caminho até o Grande Salão. Não haverá armas. Estou aqui para ver a justiça ser feita a todos que a merecerem.

Algo em sua voz fez os pelos do pescoço de Perrin se eriçarem. Uma expressão dura e sombria, feito a face de um martelo. Faile *precisava* ter um bom motivo. Precisava.



CAPÍTULO 5



UMA COROA PARTIDA

Por mais que os corredores fossem largos e altos, pareciam estreitos e escuros — isso apesar dos lampiões de pé todos dourados, com espelhos em cada ramo, acesos nos pontos em que a luz do dia não conseguia penetrar. Tapeçarias penduradas nas paredes, poucas e espaçadas, mostravam cenas de caçada ou de batalhas com pessoas e animais dispostos de forma mais precisa do que a natureza poderia conseguir dispor. Nichos esparsos abrigavam vasilhames e vasos, além de uma e outra estatueta em ouro, prata ou alabastro, mas até as estátuas pareciam enfatizar que eram de pedra ou de metal, como se os escultores tivessem tentado banir as curvas.

O silêncio da cidade era ainda maior ali. O som das botas nos azulejos do chão ecoava, uma marcha seca e agourenta, e Perrin não achava que fosse apenas aos seus ouvidos. As orelhas de Loial estremeciam a cada dois passos, e o Ogier espiava os cruzamentos entre corredores como se imaginasse o que poderia despontar dali. Min se mantinha rígida e avançava a passos cautelosos, olhando para Rand com pesar; parecia se esforçar para não se aproximar demais dele e não estava muito satisfeita consigo mesma por conta disso. Os jovens cairhienos começaram desfilando feito pavões, mas a arrogância foi morrendo à medida que os passos ecoavam. Até as Donzelas sentiam; Sulin era a única que não levava, vez ou outra, a mão ao véu que pendia do pescoço.

Havia serviçais por toda parte, claro, homens e mulheres pálidos e de rosto estreito, usando casacos e vestidos escuros, com o Sol Nascente sobre o peito esquerdo e mangas listradas nas cores de Colavaere. Alguns escancararam a boca quando reconheceram Rand; um grupo se ajoelhou, mantendo a cabeça curvada. A maioria prosseguia com as tarefas depois de pausar para uma mesura ou reverência profunda. Era exatamente como no pátio: demonstrar o devido respeito a seus superiores, fossem quem fossem, e obedecê-los — e, por outro lado, ignorar o que faziam, para tentar não se enroscar nas questões da nobreza. Era um modo de pensar que deixava Perrin irritadíssimo. Ninguém deveria viver desse jeito.

Dois sujeitos no uniforme de Colavaere, parados defronte às portas douradas do Grande Salão do Sol, franziram o cenho ao ver as Donzelas e talvez também os jovens cairhienos. O povo mais velho costumava lançar olhares de soslaio para os jovens que se comportavam como os Aiel. Mais de um pai e mãe tentaram dar um fim àquilo, ordenando que os filhos ou filhas desistissem, instruindo aos homens da armada e aos serviçais que afugassem outros filhos e filhas com ideias similares, como se fossem vagabundos ou ladrões de rua. Perrin não teria ficado surpreso se esses guarda-portões empunhassem os cajados de ouro para tentar impedir que Selande e seus amigos cruzassem os portões abertos, nobreza ou não, e talvez até as Donzelas. Poucos cairhienos ainda ousavam chamar os Aiel de selvagens, pelo menos onde pudessem ser ouvidos, mas a maioria ainda pensava assim. O par se aprumou, respirou fundo... e viu Rand se assomando por sobre as cabeças das Donzelas. Os olhos dos homens quase saltaram das órbitas. Eles se entreolharam, então se ajoelharam. Um encarava o chão, o outro fechou os olhos com força, e Perrin o ouviu rezando entre dentes.

— Como sou amado — murmurou Rand. Mal soava como ele mesmo.

Min tocou seu braço, o rosto cheio de dor. Rand afagou-lhe a mão sem nem olhar, e, por algum motivo, isso pareceu feri-la ainda mais.

O Grande Salão do Sol era imenso, com um teto abobadado e anguloso umas boas cinquenta passadas acima do topo, com grandes lamparinas douradas presas em correntes de ouro que, de tão espessas, poderiam puxar os portões de uma fortaleza. Era imenso e estava cheio, com gente apinhada entre as volumosas colunas quadradas de mármore preto-azulado cheio de veios que ladeavam o corredor central. O povo mais atrás percebeu primeiro os recém-chegados. Usavam casacos longos e curtos, uns de cores vivas e bordados, outros já gastos pela viagem, e olhavam o grupo com curiosidade. Com atenção. As poucas mulheres nos fundos do salão usavam vestidos de montaria e tinham expressões tão duras quanto as dos homens, com olhares igualmente diretos.

Caçadores da Trombeta, pensou Perrin. Dobraine dissera que todos os nobres que pudessem estar ali, estariam, e a maioria dos Caçadores era de origem nobre, ou ao menos alegava ser. Reconhecendo Rand ou não, todos sentiram algo, e as mãos buscaram as espadas e adagas que não estavam ali naquela noite. A maioria dos Caçadores buscava aventura e um lugar nas histórias junto à Trombeta de Valere. Mesmo que não conhecessem o Dragão Renascido, reconheciam o perigo.

Os outros no Grande Salão estavam menos atentos ao perigo — ou melhor, estavam mais atentos às intrigas e tramoias que ao risco evidente. Perrin cruzou um terço do trajeto até o corredor central, colado em Rand, antes que arquejos percorressem o recinto feito vento. Havia lordes cairhienos pálidos, com faixas coloridas no peitoral dos casacos de seda escura, alguns com a frente da cabeça raspada e empoada; ladies cairhienas com listras nos vestidos escuros de gola alta e cascatas de renda cobrindo as mãos, os cabelos em torres intrincadas que lhes acrescentavam um bom pé

de altura. Também havia grão-lordes e Senhores da Terra tairenos com barbas enceradas e pontudas, usando chapéus de veludo e casacos vermelhos, azuis e de todas as cores, com mangas bufantes de cetim listrado; ladies tairenas em vestidos ainda mais coloridos, com rufos de renda e chapéus justos adornados com pérolas e pedras-da-lua, gotas de fogo e rubis. Aquelas pessoas conheciam Perrin, conheciam Dobraine e até Havien e Min, mas, mais importante, conheciam Rand — e uma onda de reconhecimento percorreu o Salão junto dele. Olhos arregalados, queixos caídos, e todos tão rígidos que Perrin quase pensou que os Asha'man tinham atado as pessoas feito os guardas do lado de fora do palácio. O recinto era um mar de perfumes doces pairando sobre correntes de suor salgado, mas por baixo jorrava o medo, um odor hesitante que provocava arrepios.

No entanto, a atenção do Dragão Renascido estava toda no extremo oposto do Salão, no palanque de mármore azul-escuro onde ficava o Trono do Sol, brilhando em ouro e fazendo jus ao nome, com o Sol Nascente de raios ondulantes bem no topo do espaldar alto. Colavaere se levantou devagar, olhando o corredor por sobre a cabeça de Rand. O vestido quase preto não exibia nem sequer uma listra de nobreza, mas a imensa massa de cachos no alto da cabeça fora penteada em torno da coroa, o Sol Nascente em diamantes dourados e amarelos. Sete moças flanqueavam o Trono do Sol em vestidos justos e escuros, com renda até o queixo e saias com listras verticais nos tons de amarelo, vermelho e prateado de Colavaere. Parecia que a moda cairhiena era diferente para a rainha e suas acompanhantes.

Um leve movimento atrás do trono revelou uma oitava mulher, escondida, mas Perrin não se importava nem com Colavaere nem com ninguém mais exceto pela mulher logo à direita da nova rainha. Faile. Os olhos levemente oblíquos dela se firmaram nele, luas líquidas e escuras,

mas nenhuma linha da expressão fria e decorosa se alterou. Se muito, o rosto enrijeceu ainda mais. Perrin se concentrou no aroma da mulher, mas o perfume estava forte demais, e o medo também. Faile tinha um motivo para estar ali, um bom motivo. Tinha, sim.

Rand tocou a manga de Sulin.

— Espere aqui.

A Donzela fechou a cara, a cicatriz no rosto curtido tão branca quanto os cabelos, e perscrutou o rosto dele, então assentiu, com óbvia relutância. A mão livre mesmo assim fez algum gesto, e outro arquejo percorreu o recinto enquanto as Donzelas velavam o rosto. Era quase risível: os oito homens de casacos pretos que tentavam olhar para todos os lados ao mesmo tempo decerto poderiam matar todos ali antes que a primeira Donzela conseguisse sequer atirar uma lança, mas ninguém sabia o que ou quem aqueles homens eram. Nenhum olhar se demorava neles, um punhado de homens de espadas embainhadas. Só notavam as Donzelas. E Rand. Não tinham percebido que nenhum daqueles homens suava uma gota a mais que Rand? Perrin se sentia empapuçado de suor.

Rand passou pelas Donzelas com Min ainda a tiracolo, então parou quando Perrin juntou-se a ele, depois Dobraine e Havien. E Aram, claro, vindo feito uma sombra de Perrin. Rand analisou cada rosto, meneando a cabeça devagar. Seu olhar se demorou mais em Perrin, e também levou mais tempo antes de assentir. Os cairhienos grisalhos e os homens de Mayene mais jovens pareciam mortificados. Perrin não sabia como estava sua própria expressão, mas mantinha o maxilar bem travado. Ninguém faria mal a Faile, a despeito do que a mulher tivesse feito, a despeito de qualquer motivo. Não importava o que precisaria fazer para impedir.

As botas ecoaram alto no silêncio enquanto eles cruzavam o imenso mosaico dourado do Sol Nascente no chão de azulejos azuis, aproximando-

se do trono. Com as mãos agarradas às saias, Colavaere lambeu os lábios, e seus olhos dispararam para o espaço entre Rand e as portas atrás dele.

— Procurando Aes Sedai? — Ecoou a voz de Rand, que abriu um sorriso aborrecido. — Eu as mandei para o acampamento Aiel. Se os Aiel não conseguirem ensinar boas maneiras a elas, ninguém mais vai conseguir.

Um burburinho se ergueu, todos chocados, depois foi amainando aos poucos. O medo tornou-se mais forte que os perfumes, para o nariz de Perrin.

Colavaere levou um susto.

— Por que eu estaria procurando...?

Então, respirando fundo, ela recobrou a dignidade. Uma mulher de meia-idade mais que vistosa, sem uma só mecha grisalha nos cabelos escuros, Colavaere era uma presença majestosa que nada tinha a ver com a coroa. A mulher nascera para liderar — para reinar, pelo que pensava. Os olhos atentos e avaliativos denunciavam uma rígida inteligência.

— Milorde Dragão — disse ela, com uma mesura tão profunda que quase parecia deboche —, eu lhe dou as boas-vindas. Cairhien lhe dá as boas-vindas. — Ela falou de um jeito que fazia a segunda parte parecer uma redundância.

* * *

Rand subiu os degraus do palanque bem devagar. Min fez menção de ir atrás, então cruzou os braços. Perrin foi, querendo ficar mais perto de Faile, mas avançou só um pouco. O olhar dela o refreou. Um olhar tão penetrante quanto o de Colavaere. E Faile olhava tanto ele quanto Rand. Perrin desejou poder farejá-la — não para tentar descobrir por quê ou o quê, mas apenas para sentir seu cheiro. A camada de perfumes e medo era grande demais.

Por que ela não falava? Por que não tinha ido até ele? Ou pelo menos sorria? Bastava um sorriso.

Colavaere se aprumou um pouquinho, mas não muito. A cabeça ficou no máximo na altura do peito de Rand, embora o penteado a deixasse quase da altura dele. O Dragão a encarou, então o olhar deslizou para as mulheres enfileiradas ao lado do trono. Talvez tivesse se demorado um pouco em Faile. Perrin não tinha certeza.

Rand pousou a mão no robusto braço do Trono do Sol.

— Você sabe que pretendo entregar isto a Elayne Trakand. — A voz não demonstrava emoção.

— Milorde Dragão — retrucou Colavaere, em um tom suave —, Cairhien passou muito tempo sem um governante. Um governante cairhieno. O senhor mesmo disse não ter interesse em ocupar o Trono do Sol. Elayne Trakand teria tido algum direito... — Um gesto rápido da mão dispensava o tal direito — se estivesse viva. Dizem os rumores que está morta, feito a mãe.

Uma coisa perigosa de dizer. Muitos rumores afirmavam que Rand matara mãe e filha. A mulher não era nenhuma covarde.

— Elayne está viva. — As palavras saíram inexpressivas feito uma tábua lisa, mas os olhos de Rand estavam em chamas. Perrin não conseguia distinguir o cheiro dele mais do que o de Faile, mas não precisava do nariz para reconhecer a raiva que se apresentava à sua frente. — E ela vai ter as coroas de Andor e de Cairhien.

— Milorde Dragão, o que está feito não pode ser desfeito. Se alguma coisa o ofendeu...

Apesar de toda a dignidade, de toda a coragem, Colavaere teve que fazer um esforço visível para não se encolher quando Rand estendeu o braço e pegou a Coroa do Sol. Um estalido alto de metal se quebrando foi ouvido, e

a coroa se dobrou quase sem despentear a torre de cachos enquanto era puxada, para então se endireitar devagar. Umas poucas pedras amarelas pularam dos engastes e caíram. Rand ergueu o arco de metal esticado e tornou a curvá-lo bem devagar, até que as extremidades se encontrassem, e... talvez os Asha'man pudessem ver o que aconteceu, pudessem entender, mas, para Perrin, em um instante a coroa estava quebrada, então, no instante seguinte, estava inteira outra vez. Nenhum dos nobres emitiu qualquer som, nem mesmo um remexer de botas. Perrin achou que pudessem estar com medo. Ao seu nariz, o terror rígido era mais forte que qualquer outro aroma. Não era uma agitação, era um espasmo enlouquecido.

— Tudo o que pode ser feito — retrucou Rand, baixinho — pode ser desfeito.

Colavaere empalideceu. Os poucos cachos que tinham acabado de escapar do penteado a faziam parecer louca, acuada. Engolindo em seco, ela abriu a boca duas vezes antes de alguma palavra sair.

— Milorde Dragão... — Foi um sussurro ofegante, mas ela prosseguiu mesmo assim, fortalecendo a voz. Estava à beira do desespero. Parecia alheia aos outros. — Mantive as leis que o senhor criou, mantive as políticas. Mesmo as que contrariavam as antigas leis de Cairhien, que contrariavam todos os costumes. — Ela decerto se referia às leis que permitiam que um nobre matasse um fazendeiro ou artesão e saísse livre. — Milorde Dragão, o Trono do Sol é seu, para dar a quem quiser. Eu... sei disso. Eu... cometi um erro em tomá-lo sem a sua licença. Mas tenho direito ao Trono, por nascimento e por sangue. Se o certo é recebê-lo das suas mãos, então entregue-o a mim. Eu tenho o direito!

Rand apenas a encarava sem dizer nada. Parecia escutar algo, mas não a ela.

Perrin pigarreou. Por que Rand estava prolongando tanto aquilo? Estava feito, ou quase. Que fosse feito o que mais precisasse ser feito. Então ele poderia levar Faile embora dali, e os dois poderiam conversar.

— Você tinha o direito de matar Lorde Maringil e o Grão-lorde Meilan? — inquiriu Perrin. Não havia dúvidas em sua mente de que Colavaere mandara matar os dois, que eram seus maiores rivais ao trono. Pelo menos era o que os três pensavam ser os maiores rivais, de todo modo. Por que Rand estava parado ali? Ele sabia de tudo isso... — E onde está Berelain?

Perrin quis voltar atrás antes mesmo que o nome terminasse de sair de sua boca. Faile apenas o encarou, o rosto ainda uma máscara de decoro, mas o olhar capaz de botar fogo em água. “Uma esposa ciumenta é como um ninho de vespas no colchão”, dizia o ditado. Não importava o quanto a pessoa se contorcesse, acabava mordida.

— Ousa me acusar de crime tão vil? — inquiriu Colavaere. — Não há provas. Não pode haver provas, porque eu sou inocente! — De súbito, a mulher pareceu dar-se conta de onde estava, dos nobres espremidos entre as colunas, observando e escutando. Podiam dizer o que fosse dela, mas era corajosa. Empertigada, fazia o melhor para encarar Rand de frente sem ter de inclinar demais a cabeça. — Milorde Dragão, oito dias atrás, ao nascer do sol, fui coroada Rainha de Cairhien de acordo com as leis e os costumes de Cairhien. Mantereí meu juramento de fidelidade ao senhor, mas eu *sou* a Rainha de Cairhien. — Rand apenas a encarava, em silêncio. E aflito, pensava Perrin. — Milorde Dragão, eu sou a Rainha, a não ser que o senhor decida destruir todas as nossas leis.

Rand ainda mantinha silêncio, encarando-a sem piscar.

Por que ele não acaba logo com isso?, pensou Perrin.

— Essas acusações contra mim são falsas. São loucura! — Apenas o silêncio e o olhar firme como resposta. Colavaere mexeu a cabeça,

desconfortável. — Annoura, venha me aconselhar. Venha, Annoura! Aconselhe-me!

Perrin achou que Colavaere falava com uma das mulheres perto de Faile, mas a mulher que saiu de trás do trono não usava as saias listradas de acompanhante. Um rosto largo, de boca grande e nariz adunco, observava Rand por sob longas tranças, finas e escuras. Um rosto etéreo. Para surpresa de Perrin, Havien pigarreou e começou a abrir um sorriso. Ele sentiu os pelos do pescoço eriçados.

— Não posso fazer isso, Colavaere — disse a Aes Sedai, com um sotaque taraboniano, remexendo o xale de franjas cinza. — Receio ter permitido uma má compreensão da minha relação com você. — Ela respirou fundo e acrescentou: — Não... não há necessidade disso, Mestre al'Thor. — A voz ficou meio instável por um momento. — Ou milorde Dragão, se preferir. Eu lhe asseguro, não nutro quaisquer más intenções em relação ao senhor. Se nutrisse, teria atacado antes que percebesse minha presença aqui.

— Poderia muito bem ter morrido, se fizesse isso. — A voz de Rand era feito aço congelante, e a expressão fazia a voz parecer suave. — Não sou eu quem a mantém blindada, Aes Sedai. Quem é você? Por que está aqui? Responda! Não tenho muita paciência com... seu tipo. A não ser que queira ser levada ao acampamento Aiel? Aposto que as Sábias podem fazê-la falar de livre e espontânea vontade.

A tal Annoura não era nada burra. Disparou um olhar para Aram, então para o corredor onde estavam os Asha'man. E soube. Aqueles homens só podiam ser os responsáveis pelo que Rand alegava, com seus casacos pretos, rostos soturnos e muito secos, quando todos os outros no aposento além dela e de Rand pingavam de suor. O jovem Jahar a observava feito um gavião espreitando um coelho. Quebrando a harmonia do grupo, Loial se

destacava entre eles, o machado apoiado no ombro. Uma mãozona segurava um frasco de tinta e um livro aberto, pressionado sem muito jeito contra o peito, enquanto a outra rabiscava depressa no livro, com uma pena mais grossa que o polegar de Perrin. Estava fazendo anotações. Ali!

Os nobres ouviram Rand tão bem quanto Annoura. Tinham observado as Donzelas veladas com desconforto, mas agora se afastavam dos Asha'man, se apinhando nos cantos feito sardinhas em um barril. Aqui e ali alguns desmaiavam e só permaneciam em pé sustentados pela multidão.

Trêmula, Annoura ajeitou o xale, então recobrou a postura orgulhosa de Aes Sedai.

— Sou Annoura Larisen, milorde Dragão. Da Ajah Cinza. — Nada na mulher indicava que estava blindada e na presença de homens capazes de canalizar. A resposta mais parecia um favor. — Sou conselheira de Berelain, a Primeira de Mayene. — Então era por isso que Havien estava sorrindo feito louco; tinha reconhecido a mulher. Perrin não sentia a menor vontade de sorrir enquanto a mulher prosseguia: — Isso foi mantido em segredo por um tempo, o senhor compreende, por conta da atitude de Tear tanto em relação a Mayene, quanto em relação às Aes Sedai. Mas, por mim, minha opinião é de que o tempo dos segredos passou, sim? — Annoura virou-se para Colavaere e firmou a boca. — Deixei que a senhora pensasse o que quisesse, mas Aes Sedai não se tornam conselheiras só porque alguém afirma que são. Sobretudo se já aconselham outra pessoa.

— Se Berelain confirmar sua história — interveio Rand —, eu a deixo livre, sob custódia dela. — Então, olhando a coroa, pareceu perceber pela primeira vez que o ramo de ouro e gemas ainda estava em sua mão. Com delicadeza, apoiou-o no assento forrado de seda do Trono do Sol. — Não acho que todas as Aes Sedai sejam inimigas, não totalmente, mas não vou a me meter em mais tramoias e não serei manipulado, não mais. A escolha é

sua, Annoura. Mas, se fizer a escolha errada, vai direto para as Sábias. Isso se viver o bastante. Não vou impedir os Asha'man, e um erro pode lhe custar caro.

— Os Asha'man — repetiu Annoura, muito calma. — Entendo muito bem. — Mas tocou os lábios com a língua.

— Milorde Dragão, Colavaere tramou para quebrar seu juramento de fidelidade. — Perrin queria tanto que Faile abrisse a boca que levou um susto quando ela enfim se pronunciou, se destacando da fileira de acompanhantes. Ela escolheu as palavras com cuidado e confrontou a aspirante a rainha feito uma águia em arremetida. Luz, como era bonita! — Colavaere jurou obedecê-lo em todas as coisas e seguir suas leis, mas fez planos para tirar os Aiel de Cairhien; queria mandar o povo do Deserto para o sul e fazer com que tudo voltasse a ser como antes de sua chegada. E também disse que, se o senhor voltasse, não ousaria mudar nada do que ela estabelecera. A mulher a quem ela disse essas coisas, Maire, era uma das suas acompanhantes. Mas Maire desapareceu logo depois de me contar isso tudo. Não tenho provas, mas acredito que esteja morta. Acredito que Colavaere tenha se arrependido de ter revelado tantos planos cedo demais.

Dobraine subiu as escadas até o palanque, o capacete debaixo do braço. Seu rosto era frio como ferro.

— Colavaere Saighan — anunciou, em um tom formal que pôde ser ouvido em todos os cantos do Grande Salão —, por minha alma imortal, sob a Luz, eu, Dobraine, Grão-trono da Casa Taborwin, acuso-a e condeno-a por traição, para a qual a pena é a morte.

Rand jogou a cabeça para trás, os olhos fechados. A boca se moveu bem de leve, e Perrin sabia que só ele e Rand tinham ouvido suas palavras:

— Não. Não posso. Não vou.

Perrin agora compreendia o atraso. Rand estava procurando uma saída. Perrin queria poder encontrar uma.

Colavaere com certeza não ouvira, mas também queria uma saída. Olhou em volta, ansiosa, para o Trono do Sol, para as outras acompanhantes, para a nobreza reunida... como se alguém ali fosse se manifestar em sua defesa. Mas a multidão poderia estar fixada com cimento; um mar de rostos impassíveis, cautelosos e suados a confrontava, além de olhos que evitavam os dela. Alguns daqueles olhos desviaram para os Asha'man, mas não com muita ênfase. O espaço já considerável entre os nobres e os Asha'man aumentou ainda mais.

— Mentiras! — gritou ela, sibilante, agarrando as saias com força. — Só mentiras! Sua dissimulada...

Ela deu um passo na direção de Faile, e Rand estendeu o braço no meio das duas. Colavaere pareceu não ver, e Faile parecia desejar que ele não tivesse feito isso. Quem a atacasse teria uma surpresa.

— Faile não mente! — rosnou Perrin. Bem, pelo menos não sobre uma coisa dessas.

Colavaere conseguiu se recompor mais uma vez. Por menor que fosse sua altura, a mulher se espichou ao máximo. Perrin quase a admirava. Não fosse por Meilan, por Maringil, por essa tal Maire e soubesse a Luz mais quantas outras.

— Eu exijo justiça, milorde Dragão. — Sua voz era calma, imponente. Majestosa. — Não há prova de nada dessa... imundície. Uma declaração de alguém que já não está em Cairhien afirma que falei palavras que nunca disse? Exijo a justiça do Lorde Dragão. É preciso haver provas, segundo suas próprias leis.

— Como é que você sabe que ela não está mais em Cairhien? — inquiriu Dobraine. — Onde é que está?

— Presumo que tenha ido embora. — respondeu Colavaere, dirigindo-se a Rand. — Maire pediu afastamento do serviço, e eu a substituí por Reale. — Ela apontou para a terceira acompanhante à esquerda. — Não faço ideia de onde esteja. Tragam-na aqui, se estiver na cidade, e deixem que faça essas acusações ridículas na minha frente. Vou jogar as mentiras de volta na cara dela.

Faile encarou a mulher com um olhar assassino. Perrin torceu para que ela não empunhasse uma das facas que levava escondida; a esposa tinha o hábito de fazer isso sempre que ficava muito irritada.

Annoura pigarreou. Estivera observando Rand com atenção demais para o gosto de Perrin. De súbito, a mulher o fez se lembrar de Verin, com aquele olhar feito o de uma ave examinando uma minhoca.

— Posso falar, Mestre... hã... milorde Dragão? — Depois do rude meneio de cabeça de Rand, a Aes Sedai prosseguiu, ajeitando o xale: — Da jovem Maire, nada sei além do fato de que uma manhã estava aqui, e, antes do anoitecer, tinha sumido para lugar algum, sem que ninguém soubesse aonde fora. Já Lorde Maringil e Grão-lorde Meilan são outra história. A Primeira de Mayene trouxe consigo dois dos mais excelentes caçadores de ladrões, homens com experiência em investigar crimes. Os dois me puseram defronte a dois dos homens que atocaiaram Grão-lorde Meilan na rua, embora ambos insistissem que apenas seguraram os braços do sujeito enquanto outros o esfaqueavam. E também me trouxeram a serviçal que envenenou o vinho com especiarias que Lorde Maringil gostava de tomar antes de dormir. A mulher também afirma sua inocência; a mãe inválida teria morrido, e ela também, se Lorde Maringil ainda estivesse entre nós. Assim ela diz, e, no caso, acredito que seja verdade. O alívio pela confissão nada teve de falso, eu creio. Tanto os homens quanto a mulher acreditam na

mesma coisa: as ordens das ações saíram da boca de Lady Colavaere em pessoa.

A cada palavra, o ar desafiador de Colavaere ia desaparecendo. Ela ainda se mantinha firme, o que era espantoso, mas parecia frágil feito um farrapo molhado.

— Elas juraram — murmurou a acusada, para Rand. — Juraram que você nunca mais voltaria.

Tarde demais, levou as duas mãos à boca. Esbugalhou os olhos. Perrin desejou não ouvir os sons que saíam de sua garganta. Ninguém deveria emitir barulhos assim.

— Traição e assassinato. — Dobraine parecia satisfeito, sem se comover com os gritos lamentosos. — A pena é a mesma, milorde Dragão. Morte. Com a diferença de que, segundo a nova lei, a morte é pela força. — Por alguma razão, Rand olhou para Min, que devolveu o olhar com profunda tristeza. Não por Colavaere. Por Rand. Perrin se perguntou se haveria alguma visão envolvida.

— Eu... eu exijo o carrasco. — Colavaere conseguiu dizer, a voz abafada. Seu rosto desabou. Ela envelhecera ali mesmo, e os olhos transmitiam o mais puro terror. No entanto, desprovida de tudo o mais, a mulher lutava por migalhas. — É... é meu direito. Eu não serei... enforcada feito a plebe!

Rand parecia lutar consigo mesmo, balançando a cabeça de um jeito perturbado. Quando enfim falou, as palavras eram frias feito o inverno e duras como uma bigorna:

— Colavaere Saighan, eu a destituo de seus títulos — disse, cravando as palavras como pregos. — Destituo-a de suas terras e bens, de tudo que não as vestes que está usando. Você possui... possuía uma fazenda? Uma fazendinha?

Cada frase desestabilizava mais a mulher. Ela cambaleava feito bêbada, a boca formando a palavra “fazenda” como se jamais tivesse ouvido aquilo antes. Annoura, Faile, todas encaravam Rand estupefatas, talvez curiosas, ou ambos. Perrin também. Uma fazenda? Se o Grande Salão já estava silencioso, agora parecia que ninguém nem respirava.

— Dobraine, ela era dona de uma fazendinha?

— Ela possui... possuía... muitas fazendas, milorde Dragão — respondeu o cairhieno, hesitante. Claramente não estava entendendo mais do que Perrin. — A maioria é grande. Mas as terras perto da Muralha do Dragão sempre foram divididas em chácaras, cada uma com menos de cinquenta hidas. Quase todos os moradores foram embora durante a Guerra dos Aiel.

Rand assentiu.

— Hora de mudar isso. Tem muita terra desocupada faz muito tempo. Quero ocupar essas terras com gente outra vez, para plantar. Dobraine, vá descobrir qual dessas fazendas de Colavaere perto da Muralha do Dragão é a menor. Colavaere, eu a exilo para essa fazenda. Dobraine vai garantir que você receba tudo o que for necessário para o funcionamento de uma fazenda e que tenha alguém para ensiná-la como lavrar a terra. E guardas, para garantir que não se afaste mais do que pode caminhar em um dia, até o fim da vida. Cuide disso, Dobraine. Quero vê-la partir em uma semana.

Dobraïne hesitou, desnorteado, mas assentiu. Perrin agora captava o burburinho da multidão atrás de si. Aquilo era sem precedentes. Ninguém entendia por que Colavaere não ia morrer. E o resto! Já tinham visto propriedades sendo confiscadas, mas não todas de uma vez, e nunca da própria nobreza. Nobres já tinham sido exilados, inclusive pelo resto da vida, mas nunca para uma *fazenda*.

A resposta de Colavaere foi imediata. A mulher revirou os olhos e desmaiou, caindo para trás, perto dos degraus.

Perrin disparou para segurá-la, mas alguém foi mais rápido. Antes que completasse o passo, a mulher parou no meio da queda. Ficou inclinada no meio do caminho sobre os degraus do palanque, a cabeça caída. Bem devagar, o corpo inconsciente se ergueu, deu um giro e acomodou-se delicadamente diante do Trono do Sol. Rand. Perrin tinha certeza de que os Asha'man a teriam deixado cair.

Annoura soltou um grunhido de reprovação. Nada nela denunciava surpresa ou qualquer perturbação, exceto pelos polegares, que esfregavam os indicadores com nervosismo.

— Suspeito que ela preferisse o carrasco. Eu cuido dela se o senhor fizer seus homens, seus... Asha'man...

— Ela não é preocupação sua — retrucou Rand, ríspido. — Ela está viva, e... está viva.

Ele soltou um suspiro longo e áspero. Antes que o ar terminasse de se esvair, Min estava a seu lado, apenas ali, junto dele, mas parecia querer fazer mais. Devagar, Rand firmou o rosto antes de mandar:

— Annoura, você vai me levar até Berelain. Solte-a, Jahar, ela não vai causar problemas. É uma só, e somos nove. Quero descobrir o que foi que houve enquanto estive ausente, Annoura. E o que Berelain pretendia trazendo você aqui pelas minhas costas. Não, não fale. Vou ouvir dela. Perrin, sei que você quer um tempo com Faile. Eu...

Rand correu os olhos lentamente pelo salão, observando todos os nobres que aguardavam em silêncio. Sob seu olhar, ninguém se atrevia a mover um músculo. O odor de medo se sobrepunha a qualquer outro com uma força convulsiva. Exceto pelos Caçadores, todos ali tinham feito o mesmo

juramento que Colavaere. Talvez simplesmente estar nesse grupo também fosse traição? Perrin não sabia.

— Esta audiência terminou — anunciou Rand. — Vou me esquecer de todos os rostos que se retirarem agora.

Os que estavam na frente, de graduação mais alta, mais poderosos, começaram a se dirigir às portas sem muita pressa, evitando as Donzelas e os Asha'man parados no corredor, enquanto o restante esperava sua vez de sair. Apesar da calma, todos os pensamentos deveriam estar a mil, depois do que Rand dissera. O que exatamente ele queria dizer com “agora”? As passadas firmes foram ficando mais ligeiras, saias foram erguidas. Os caçadores, mais perto das portas, começaram a sair, primeiro um de cada vez, depois aos borbotões. Vendo aquilo, os nobres inferiores, cairhienos e tairenos, dispararam na frente dos superiores. Dali a instantes, uma multidão estava aglomerada nas portas, homens e mulheres aos empurrões e cotoveladas, tentando sair. Ninguém olhou para trás, para a mulher estendida diante do trono que possuía por tão pouco tempo.



CAPÍTULO 6



VELHO MEDO, NOVO MEDO

Rand atravessou a multidão agitada sem dificuldade, claro. Talvez fosse a presença das Donzelas e dos Asha'man, ou talvez Rand ou um dos sujeitos de casaco preto tivessem feito algo com o Poder, mas a multidão se abriu para que ele passasse de braços dados com Min, enquanto Annoura, cabisbaixa, tentava falar com ele, seguida por Loial, que ainda se esforçava para escrever no livro e carregar o machado ao mesmo tempo. Perrin e Faile se distraíram olhando um para o outro e perderam a chance de se juntarem ao grupo antes que a multidão voltasse a se aglomerar.

Faile passou um tempo em silêncio, e Perrin também; não que quisesse dizer algo com Aram ali, encarando os dois feito um cão fiel. E Dobraine, de cara fechada para a mulher inconsciente posta sob seus cuidados. Ninguém mais permanecia no palanque. Havien tinha ido com Rand atrás de Berelain, e, assim que o Dragão Renascido foi embora, as outras acompanhantes dispararam rumo às portas sem olhar duas vezes para Perrin e Faile. Ou para Colavaere. Sem olhar nem uma vez, a bem da verdade. Simplesmente ergueram as saias listradas e correram. O grupo todo murmurava grunhidos e xingamentos, não apenas os homens. Mesmo com a saída de Rand, aquela gente queria dar o fora dali, e imediatamente. Talvez achassem que Perrin tinha ficado para vigiar e reportar o que visse, mas, se

tivessem olhado para trás, veriam que o rapaz estava com os olhos fixos em outro lugar.

Ele subiu o restante dos degraus, tomou Faile pela mão e respirou o perfume dela. De tão perto, os cheiros da multidão não tinham importância. Tudo o mais podia esperar. Faile tirou um leque de renda vermelha de algum lugar, e antes de abaná-lo para se refrescar, tocou primeiro o próprio rosto, depois o dele. Havia toda uma linguagem dos leques em Saldaea, terra natal dela, que lhe ensinara um pouco. Perrin queria saber o que significavam aqueles toques no rosto; devia ser algo bom. Por outro lado, o odor de Faile guardava um toque agressivo que ele conhecia bem.

— Rand devia ter mandado a mulher para o cadafalso — resmungou Dobraine.

Perrin deu de ombros, incomodado. Pelo tom, não estava claro se o homem insinuava que isso era o que a lei exigia ou se teria sido o mais piedoso. Dobraine não compreendia. Cresceriam asas em Rand antes que isso acontecesse.

O leque de Faile foi desacelerando até quase não se mover, e ela olhou Dobraine de esguelha por sobre a renda carmesim.

— A morte dela seria o melhor para todos. É a pena prevista. O que o senhor vai fazer, Lorde Dobraine? — Podia ser só um olhar de esguelha, mas Faile ainda conseguia ser bem direta, com o olhar bastante expressivo.

Perrin franziu o cenho. Nenhuma palavra para ele e perguntas para Dobraine? E aquele toque sutil de ciúme em seu cheiro, algo que o fez suspirar.

— O que fui ordenado a fazer — respondeu o cairhieno, com um olhar firme, enfiando as manoplas atrás do cinturão. — Eu sou fiel a meus juramentos, Lady Faile.

O leque se abriu, depois fechou, mais rápido que o pensamento.

— Ele tem mesmo mandado as Aes Sedai para os Aiel? Como prisioneiras? — A voz tinha um toque de incredulidade.

— Algumas, Lady Faile. — Dobraine hesitou. — Outras juraram lealdade de joelhos. Isso eu vi com meus próprios olhos. Foram mandadas para os Aiel, também, mas acho que não podem ser chamadas de prisioneiras.

— Eu vi isso também, milady — interrompeu Aram, do degrau onde estava parado, abrindo um sorriso largo quando ela olhou em sua direção.

Com um solavanco, Faile fez a renda vermelha esvoaçar. Aquele remexer do leque parecia quase inconsciente.

— Vocês dois viram. — O alívio na sua voz e no cheiro era tão forte que Perrin a encarou.

— O que você estava achando, Faile? Por que Rand mentiria, ainda mais se todos saberiam dentro de um dia?

Em vez de responder de imediato, a mulher fechou a cara para Colavaere.

— Ela ainda está apagada? Não que isso importe, acho. Ela sabe mais do que eu diria aqui. Tudo o que trabalhamos tanto para manter em segredo... Ela deixou escapular tudo para Maire, também. Ela sabe demais.

Sem a menor delicadeza, Dobraine abriu um olho de Colavaere com o polegar.

— Apagada como se tivesse levado uma pancada. Pena que não quebrou o pescoço nos degraus. Mas vai para o exílio, aprender a viver como fazendeira.

Um cheiro breve, aflito e saliente brotou em Faile.

De repente, Perrin percebeu o que a esposa estivera propondo, mesmo de forma tão indireta; o que Dobraine rejeitara da mesma forma indireta. Todos os pelos de seu corpo tentaram se eriçar. Desde o início, soubera que tinha

se casado com uma mulher muito perigosa. Só não sabia o quanto. Aram estava espiando Colavaere, os lábios contraídos em pensamentos sombrios; o homem faria qualquer coisa por Faile.

— Acho que Rand não iria gostar que algo a impedisse de chegar àquela fazenda — lembrou Perrin, com firmeza, olhando de Aram para Faile. — *Eu também não ia gostar.*

Aquilo o deixou com muito orgulho de si mesmo. Era uma fala indireta, tal e qual a deles.

Aram baixou a cabeça de leve — tinha entendido. Mas Faile tentou parecer inocente, abanando o leque com delicadeza, como se não tivesse ideia do que ele estava falando. De súbito, Perrin percebeu que nem todo o odor de medo vinha da multidão ainda aglomerada na porta. Um fio delgado e trêmulo vinha dela. Um medo controlado, porém presente.

— Qual é o problema, Faile? Luz, você achava que Coiren e aquele bando tinham ganhado, em vez de... — O rosto dela não se alterou, mas o fio se adensou. — Foi por isso que você não disse nada antes? — perguntou, baixinho. — Estava com medo de que tivéssemos voltado como marionetes, com elas puxando os cordéis?

Faile olhou a multidão do outro lado do Grande Salão, que ia minguando depressa. O mais próximo estava muito longe, e todos faziam uma barulheira enorme, mas ela baixou a voz mesmo assim.

— Aes Sedai podem fazer esse tipo de coisa, pelo que ouvi dizer. Marido, ninguém sabe melhor que eu que mesmo as Aes Sedai teriam dificuldade em tentar fazer você dançar feito marionete, mais ainda do que teriam com o homem que é nada menos que o Dragão Renascido. No entanto, quando você entrou aqui, senti mais medo do que todo esse tempo desde que você foi embora.

Ouvindo aquilo, Perrin primeiro achou graça. Era feito uma coceirinha no nariz, além de uma cálida afeição, e amor, o cheiro dela, claro, puro e forte... mas tudo aquilo se desfez no final, deixando aquele fio delgado e trêmulo.

— Luz, Faile, é verdade! Cada palavra que Rand disse. Você ouviu Dobraine e Aram.

Ela sorriu, assentiu e remexeu o leque. Aquele fio, no entanto, ainda tremulava junto ao nariz de Perrin. *Sangue e cinzas, o que é preciso para convencê-la?*

— Será que ajudaria se ele mandasse Verin dançar a *sa'sara*? Ela dança, se ele mandar. — Era para ser uma piada. Tudo o que sabia sobre a *sa'sara* era que era escandalosa e que, certa vez, Faile admitira que sabia dançar, embora recentemente desviara do assunto e quase negara.

Queria que fosse uma piada, mas a esposa fechou o leque e bateu com ele no pulso. Essa ele conhecia: “estou pensando seriamente na sua sugestão”.

— Eu não sei o que ajudaria, Perrin. — Ela estremeceu de leve. — Existe alguma coisa que uma Aes Sedai não faria ou não toleraria, nem se a Torre Branca a mandasse fazer? Estudei a história, fui ensinada a ler nas entrelinhas. Masherai Donavelle pariu sete filhos de um homem que desprezava, seja lá o que dizem as histórias, e Isebaille Tobanyi entregou os irmãos que amava a seus inimigos, junto do trono de Arad Doman. Jestian Colina-vermelha... — Ela estremeceu outra vez, não tão de leve.

— Tudo bem — murmurou Perrin, abraçando-a. Ele próprio estudara muitos livros de história, mas jamais vira aqueles nomes. A educação da filha de um lorde era diferente da de um aprendiz de ferreiro. — É verdade, mesmo.

Dobraine desviou o olhar, bem como Aram, embora com um sorriso de satisfação.

A princípio ela resistiu, mas não muito. Perrin nunca sabia ao certo quando Faile evitaria um abraço em público e quando o receberia, mas ela deixava bem claro quando não queria, com ou sem palavras. Desta vez, a mulher aconchegou o rosto em seu peito e o abraçou de volta, apertando forte.

— Se alguma Aes Sedai algum dia fizer mal a você, eu mato — sussurrou ela. Perrin acreditava. — Você é meu, Perrin t’Bashere Aybara. Meu.

Ele acreditava nisso também. Faile o abraçou com mais força, e também ficou mais forte o aroma espinhoso de ciúme. Perrin quase riu. Parecia que o direito de cravar uma faca nele estava reservado àquela mulher. Teria rido, mas o filete de medo permanecia. Além disso, ainda havia o que Faile dissera sobre Maire. Ele não podia sentir seu próprio odor, mas sabia o que estava ali: medo. Medo antigo e um medo novo, pela próxima vez.

Os últimos nobres forçaram a saída do Grande Salão sem que ninguém fosse pisoteado. Depois de mandar Aram sair e pedir a Dannil que trouxesse os homens de Dois Rios até a cidade — e se perguntando como os alimentaria —, Perrin deu o braço a Faile e a conduziu, deixando para trás Dobraine e Colavaere, que enfim dava sinais de acordar. Não queria estar por perto quando a mulher acordasse, e Faile, com a mão em seu punho, parecia também não querer. Os dois caminharam depressa, ávidos para chegar em seus aposentos, ainda que não necessariamente pela mesma razão.

Ao que parecia, os nobres não pararam de andar depois de sair do Grande Salão. Os corredores estavam vazios, exceto por serventes de olhos baixos, em silêncio e com muita pressa. Mas, antes que conseguissem se

afastar muito do salão, Perrin captou o som de passos e percebeu que estavam sendo seguidos. Parecia improvável que Colavaere ainda tivesse algum apoiador público, mas, se houvesse algum, talvez cogitasse se vingar de Rand atacando seu amigo, que caminhava sozinho com a esposa enquanto o Dragão Renascido estava algum outro lugar.

Perrin deu um giro, a mão no machado, mas deu uma olhada antes de puxar a arma. Eram Selande e os companheiros do saguão de entrada, com oito ou nove rostos novos. As mulheres levaram um susto ao vê-lo se virar e trocaram olhares constrangidos. Algumas eram tairenas, e havia uma mulher mais alta que todos ali, exceto um dos homens cairhienos. Usava casaco masculino e calças justas, tal qual Selande e o restante das mulheres, com uma espada na cintura. Perrin não sabia que aquela sandice tinha chegado aos tairenos.

— Por que estão vindo atrás de nós? — inquiriu. — Se tentarem me meter em algum de seus problemas insensatos, juro que chuto o bando de vocês daqui até o Bel Tine!

Já tivera problemas com aqueles idiotas ou com alguns parecidos. Eram jovens que só pensavam na própria honra, sempre querendo disputar duelos e fazer os outros de *gai'shain*. Essa última parte deixava os Aiel irritadíssimos.

— Escutem meu marido e obedeçam a ele — acrescentou Faile, ríspida. — Não é bom testar a paciência dele.

Os olhares embasbacados sumiram, e o bando se afastou com mesuras, competindo nos floreios. Ainda estavam empenhados nas honrarias quando desapareceram em uma curva.

— Malditos jovens bufões — resmungou Perrin, oferecendo o braço de volta para Faile.

— Meu marido é muito maduro para a idade — murmurou ela. O tom era sério, mas o cheiro, mais uma vez, era diferente.

Perrin conseguiu refrear um suspiro. Verdade, alguns podiam ser um ou dois anos mais velhos que ele, mas todos pareciam crianças brincando de Aiel. Agora, com Faile de bom humor, parecia uma boa hora para começar a conversa que precisavam ter. Sobre o que ele precisava falar.

— Faile, como foi que você virou acompanhante de Colavaere?

— Os serviçais, Perrin. — Ela falava baixinho; ninguém a dois passos de distância podia ouvir uma palavra. A mulher sabia tudo sobre a audição dele e sobre os lobos. Não era coisa que um homem pudesse esconder da esposa. Faile tocou a orelha com o leque, pedindo cuidado com as palavras. — Muita gente se esquece dos serviçais, mas os serviçais também escutam. Em Cairhien, escutam até demais.

Nenhuma das pessoas de uniforme que viu por ali estava escutando. Os poucos que não tinham se enfiado nos corredores laterais ao ver Perrin e Faile saíram quase correndo, de cabeça baixa, encolhidos. Qualquer notícia se espalhava depressa em Cairhien. O ocorrido no Grande Salão já deveria ter se espalhado. Àquela altura, já devia estar correndo pelas ruas, decerto já rumo aos entornos da cidade. Sem sombra de dúvida, em Cairhien havia olhos-e-ouvidos das Aes Sedai, dos Mantos-Brancos e provavelmente de muitos tronos.

Então, naquela voz sussurrada, Faile prosseguiu, apesar do alerta:

— Colavaere não podia ter sido mais rápida em me abrigar, depois que descobriu quem eu era. O nome do meu pai impressionou tanto quanto o da minha prima. — Ela terminou com um leve meneio da cabeça, como se tivesse respondido tudo.

Era resposta suficiente. Quase. O pai dela era Davram, Grão-trono da Casa Bashere, Lorde de Bashere, Tyr e Sidona, Guardião da Fronteira da

Praga, Defensor da Terra do Coração e Marechal-General da Rainha Tenobia, de Saldaea. A prima de Faile era a própria Tenobia. Razão mais que suficiente para que Colavaere corresse para ter Faile como acompanhante. Mas Perrin tinha tido tempo de macerar as coisas e se orgulhava de estar se acostumando ao jeito da esposa. A vida de casado ensinava coisas sobre as mulheres aos homens — ou sobre uma mulher, de todo modo. A resposta não dada confirmava algo. Faile não tinha noção de perigo, não em relação a si própria.

Claro que não podia falar daquilo no corredor. Não podia sussurrar, pois Faile não tinha ouvidos tão bons quando os dele e sem dúvida insistiria que todos os serviçais a cinquenta passos de distância estavam escutando. Exercitando a paciência, caminhou junto da esposa até chegarem aos aposentos que tinham sido separados para eles em um momento que parecia muito distante. As lâmpadas estavam acesas, formando sombras nas paredes escuras e lustrosas, cobertas de painéis de madeira com entalhes de retângulos concêntricos. A lareira de pedra quadrada tinha sido limpa e abrigava uns escassos ramos de folhas-de-couro. Quase verdes.

Faile foi direto até uma mesinha com uma bandeja sustentando duas jarras douradas cheias de gotinhas de condensação.

— Deixaram chá de mirtilo para nós, meu marido, e ponche de vinho. O vinho é de Tharon, acho. O ponche é resfriado nas cisternas atrás do palácio. O que você prefere?

Perrin desafivelou o cinto e o largou em uma cadeira, junto do machado. Durante o trajeto até lá, planejava o que diria com muito cuidado. Faile podia ser uma mulher espinhosa.

— Faile, senti a sua falta mais do consigo expressar, e estava preocupado com você, mas...

— Preocupado comigo! — devolveu ela, girando para encará-lo. Estava rígida e empertigada, os olhos ferozes feito os do falcão que a nomeava, e movimentou o leque com firmeza na direção dele. O gesto não pertencia à linguagem dos leques; era o mesmo que ela às vezes fazia com as facas. — Sendo que praticamente as primeiras palavras que saíram da sua boca foram para perguntar sobre aquela... aquela *mulher*!

O queixo dele desabou. Como podia ter se esquecido do cheiro que lhe invadia as narinas? Quase ergueu a mão para ver se estava com o nariz sangrando.

— Faile, eu queria os caçadores de ladrões dela. Be... — Não, não era idiota o suficiente para repetir aquele nome. — Ela disse que tinha provas do envenenamento antes que eu partisse. Você ouviu! Eu só queria as provas, Faile.

Não adiantou nada. O odor pungente não suavizou nem um pouco, somando-se a um cheiro fraco e azedo de mágoa. O que, sob a Luz, tinha dito para magoá-la?

— As provas *dela*! As que *eu* reuni não servem para nada, mas as *dela* puserem a cabeça de Colavaere na forca. Ou deveriam.

Essa era a deixa dele, mas Faile não estava disposta a deixá-lo dizer nem mais uma palavra. Ela avançou, com o olhar cortante, brandindo o leque como se fosse uma adaga. Perrin só pôde recuar.

— Você sabe que história aquela mulher inventou? — Faile quase sibilava. Uma víbora negra não poderia ter despejado tanto veneno. — Sabe? Ela disse que você não estava aqui porque estava em uma mansão não muito longe da cidade. Onde ela podia *visitar*! Conteí a história que tinha preparado, de que você estava caçando, e a Luz sabe que você passou uns bons dias caçando! Mas todo mundo acreditou que eu estava fazendo vista grossa em relação a vocês dois! Juntos! Colavaere se refestelou! Eu

chego a pensar que ela só aceitou aquela meretriz de Mayene como acompanhante para nos colocar lado a lado. “Faile, Berelain, venham fechar meu vestido.” “Faile, Berelain, venham segurar o espelho para a cabeleireira.” “Faile, Berelain, venham esfregar minhas costas.” Para que ela pudesse se divertir esperando que arrancássemos os olhos uma da outra na unha! Foi isso o que eu tive que aguentar! E por você, seu cabeludo...!

Perrin bateu as costas na parede, então algo se rompeu dentro dele. Sentira tanto medo por ela, estivera aterrorizado, pronto para enfrentar Rand ou o Tenebroso em pessoa... Nunca fizera nada, jamais encorajara Berelain, fizera todo o possível para afastar a mulher... E esse era o agradecimento que recebia.

Ele a tomou pelos ombros com delicadeza e a ergueu, até que aqueles olhos grandes e oblíquos estivessem na altura dos dele.

— Escute aqui — disse, muito tranquilo. Tentava manter a voz calma, pelo menos, porém saiu mais como um rosnado gutural. — Como você ousa falar comigo desse jeito? Como *ousa*? Eu quase morri de preocupação por medo de você se ferir. Eu amo você e mais ninguém. Não quero outra mulher além de você. Está ouvindo? Ouviu? — Perrin a abraçou com força, desejando nunca mais soltá-la. Luz, sentira tanto medo... Ainda tremia só de pensar no que poderia ter acontecido. — Se alguma coisa acontecesse com você, Faile, eu morreria. Eu me deitaria sobre o seu túmulo e morreria! Acha que eu não sei como Colavaere descobriu quem você era? Você garantiu que ela descobrisse! — Certa vez, Faile dissera que espionar era a função de uma esposa. — Luz, mulher, você podia ter acabado feito Maire. Colavaere sabe que você é minha esposa. *Minha* esposa. De Perrin Aybara, amigo de Rand al'Thor. Já lhe ocorreu que ela poderia ficar desconfiada? Ela poderia... Luz, Faile, ela poderia...

De repente, Perrin percebeu o que estava fazendo. Faile emitia uns barulhinhos contra seu peito, mas nenhuma palavra que desse para distinguir. Achou que fosse ouvir as costelas dela se quebrando. Reprendendo-se por ser tão desajeitado, soltou a esposa, abrindo bem os braços. Mas, antes que pudesse pedir desculpas, a mulher lhe agarrou a barba:

— Então você me ama? — perguntou, baixinho. Bem baixinho. Com muito afeto. E sorria. — Uma mulher gosta de ouvir isso, quando é dito da maneira certa. — Faile deixou cair o leque, e a mão livre correu as unhas pelo rosto dele quase com força suficiente para tirar sangue. Mas sua risada gutural era calorosa, e o fogo em seu olhar não podia ser menos raivoso. — Ainda bem que você não tentou dizer que nunca olhou para outra mulher, senão eu ia achar que você tinha ficado cego.

Perrin estava atônito demais para falar, atônito demais até para ficar boquiaberto. Rand entendia as mulheres, Mat entendia as mulheres, mas Perrin sabia que jamais entenderia. Faile era tanto um passarinho quanto um falcão, mudando de direção em pleno voo, depressa demais para que ele acompanhasse, mas aquilo... o aroma espinhoso desaparecera por completo, e, em seu lugar, entrou um odor que ele conhecia bem. Um odor que *era* ela: puro, forte e límpido. Somado ao que via em seus olhos, e a qualquer momento ela soltaria algum comentário sobre as garotas fazendeiras na colheita. Essas fazendeiras de Saldaea eram notórias, ao que parecia.

— Quanto a você se deitar sobre meu túmulo — prosseguiu Faile —, se fizer isso, minha alma vai assombrar a sua, eu juro. Você viva seu luto por um tempo decente, depois arrume outra mulher. Alguém que eu aprovaria, espero. — Com uma risada baixinha, ela acariciou a barba de Perrin. —

Você não tem mesmo condições de se cuidar sozinho, sabe? Quero que você jure.

Era melhor ele não ranger os dentes por conta disso. Se não promettesse, aquele humor maravilhoso poderia ser engolido por uma tormenta de fogo. A coisa era imprevisível. Se promettesse... pelo cheiro dela, cada palavra era a mais pura verdade da Luz, mas só acreditaria no dia em que os cavalos escalassem as árvores. Perrin pigarreou.

— Preciso me lavar. Não vejo sabão faz sei lá quanto tempo. Devo estar cheirando a celeiro velho.

Inclinada por sobre o peito dele, Faile respirou fundo.

— Seu cheiro é maravilhoso. Todo seu. — Ela deslizou as mãos pelos ombros de Perrin. — Sinto como se...

A porta se abriu com um baque.

— Perrin, Berelain não está... me desculpe. Me perdoe. — Rand estava ali, parado, remexendo os pés, nada parecido com o Dragão Renascido. Havia Donzelas no corredor do lado de fora. Min enfiou a cabeça pelo batente, deu uma olhada, sorriu para Perrin e desapareceu outra vez.

Faile se afastou com tanta suavidade, tão majestosa, que ninguém poderia imaginar o que ela estava dizendo um instante antes. Ou o que estava prestes a dizer. Seu rosto, contudo, estava corado, vivo e quente.

— Muita gentileza sua, milorde Dragão — comentou ela, com frieza —, aparecer assim tão de surpresa. Peço perdão por não ter ouvido a batida.

Talvez o rosto vermelho fosse tanto de raiva quanto de constrangimento.

Foi a vez de Rand corar e passar a mão no cabelo.

— Berelain não está no palácio. Foi passar a noite naquele navio do Povo do Mar que está ancorado no rio, imagine só. Annoura só contou quando eu estava a ponto de ir aos aposentos de Berelain.

Perrin se esforçou para não estremecer. Por que Rand tinha que repetir o nome daquela mulher?

— Queria falar comigo sobre alguma outra coisa, Rand? — Perrin tentou não dar muita ênfase, mas torceu para que o amigo tivesse entendido. Não olhou para Faile, mas farejou o ar, cauteloso. Sem ciúme, pelo menos por enquanto. Mas havia uma boa dose de raiva.

Rand o encarou por um instante, olhando através dele. Escutando outra coisa. Perrin cruzou os braços para não estremecer.

— Eu preciso saber — disse Rand, por fim. — Você ainda está relutante em liderar o exército contra Illian? Eu preciso saber agora.

— Não sou general — respondeu Perrin, a voz rouca.

Haveria batalhas em Illian. Imagens percorriam sua mente. Homens por toda a volta, o machado girando em suas mãos, retalhando tudo à frente. Sempre mais homens, por mais que os derrubasse, fileiras infindáveis... E uma semente crescendo em seu coração. Não podia encarar aquilo outra vez. Não iria.

— Além do mais, achei que meu papel era ficar perto de você. — Isso era o que Min tinha dito, por conta de uma visão. Por duas vezes, Perrin precisava estar presente, ou Rand sofreria uma catástrofe. Uma vez nos Poços de Dumai, talvez, mas ainda havia uma por vir.

— Todos temos que correr riscos. — A voz de Rand era muito baixa. E muito dura.

Min espiou outra vez pela porta, como se quisesse se aproximar, mas olhou Faile e permaneceu do lado de fora.

— Rand, as Aes Sedai... — Um homem inteligente deixaria isso quieto, decerto. Ele, contudo, jamais alegara ser muito inteligente. — As Sábias estão prestes a esfolá-las vivas, ou quase. Você não pode deixar que façam mal a elas, Rand.

Sulin, no corredor, virou-se para analisá-lo pela porta.

O homem que Perrin achava que conhecia soltou uma risada, um som resfolegante.

— Todos temos que correr riscos — repetiu Rand.

— Eu não vou deixar que alguém faça mal a elas, Rand.

Os frios olhos azuis o encararam.

— *Você* não vai deixar?

— *Eu* não vou — respondeu Perrin, muito calmo, sem se encolher diante daquele olhar. — Elas são prisioneiras, não são uma ameaça. São mulheres.

— São Aes Sedai. — A voz de Rand parecia tanto a de Aram, em Poços de Dumai, que Perrin quase ficou sem ar.

— Rand...

— Eu faço o que tenho que fazer, Perrin. — Por um instante, era o velho Rand de novo, desgostoso do que estava acontecendo. Por um instante, ele pareceu morto de cansaço. Um instante, apenas. Então voltou a ser o novo Rand, rígido e impenetrável. — Não vou machucar nenhuma Aes Sedai que não mereça, Perrin. Não posso prometer mais nada. Já que você não quer o exército, posso usá-lo em outro lugar. Também funciona bem assim, na verdade. Queria poder deixar você descansar mais de um ou dois dias, mas não posso. Não há tempo. Não há tempo, e precisamos fazer o que deve ser feito. Me desculpe a interrupção. — Ele se curvou em uma mesura, a mão no cabo da espada. — Faile.

Perrin tentou agarrá-lo pelo braço, mas ele saiu do recinto depressa e fechou a porta atrás de si. Rand já não era mais Rand, ao que parecia. Um ou dois dias? Onde, pela Luz, Rand pretendia ir, se não fosse até o exército que se reunia nas Planícies de Maredo?

— Meu marido... — Faile suspirou. — Você tem a coragem de três homens. E o juízo de uma criancinha. Por que será que, quanto maior a

coragem de um homem, maior sua insensatez?

Perrin grunhiu, indignado. Conteve o ímpeto de mencionar as mulheres que espionavam assassinas que sabiam estar sendo espionadas. As mulheres sempre alegavam ser muito sensatas em comparação com os homens, mas na verdade ele não via muitas evidências disso.

— Bom, talvez eu realmente não queira a resposta, mesmo que você saiba. — Ela alongou o corpo, espichando os braços no alto da cabeça, e soltou uma risada gutural. — Além do mais, não pretendo deixar que você estrague o clima. Ainda me sinto tão direta quanto uma fazendeira... por que você está rindo? Pare de rir de mim, Perrin t'Bashere Aybara! Pare, estou avisando, seu grosseirão idiota! Se não parar...!

A única maneira de acabar com aquilo era beijá-la. Nos braços dela, Perrin esqueceu Rand, as Aes Sedai e as batalhas. Com Faile, estava em casa.



CAPÍTULO 7



ARAPUCAS E ARMADILHAS

Rand sentiu o Cetro do Dragão na mão, sentiu cada linha dos Dragões entalhados contra a sua palma com a marca da garça. Era como se os estivesse tocando, e mesmo assim parecia a mão de outra pessoa. Se uma lâmina a arrancasse, Rand sentiria a dor, então seguiria em frente. Seria a dor de outra pessoa.

Flutuava no Vazio, rodeado por uma imensidão de nada além da compreensão, e *saidin* o preencheu, tentando transformá-lo em pó por baixo daquele frio capaz de estilhaçar aço e do calor onde as pedras irromperiam em chamas, carregando a mácula do Tenebroso em seu fluxo, forçando a corrupção em seus ossos — em sua alma, ele às vezes temia. A mácula já não o deixava tão mal do estômago quanto antes, e temia isso ainda mais. E, mesclada àquela torrente de fogo, gelo e imundície... a vida. Era a melhor palavra. *Saidin* tentava destruí-lo. *Saidin* o preenchia de vitalidade até transbordar. Ameaçava enterrá-lo e o seduzia. A guerra pela sobrevivência, a guerra para evitar a destruição, aumentava a alegria da vida pura. Tão doce, mesmo com a impureza. Como seria, se fosse limpa? Era algo além da imaginação. Queria manejar mais, manejar tudo o que havia.

Aquela era a sedução letal. Um deslize, e a habilidade de canalizar seria arrancada dele para sempre. Um deslize, e sua mente se desintegraria —

isso se ele próprio não fosse destruído onde estava, e talvez também tudo à sua volta se desfizesse. Não era loucura voltar a atenção à luta pela existência; era como caminhar vendado sobre uma fossa cheia de estacas pontudas, deleitando-se com a sensação de uma vida tão pura que abrir mão daquilo era como imaginar um mundo para sempre em tons de cinza. Não era loucura.

Seus pensamentos remoinhavam na dança com *saidin*, deslizavam pelo Vazio. Annoura o espiava com aquele olhar de Aes Sedai. Qual era o jogo de Berelain? A mulher jamais mencionara uma conselheira Aes Sedai. E aquelas outras em Cairhien... De onde tinham vindo, e por quê? As rebeldes fora da cidade. O que as encorajara a avançar? O que pretendiam agora? Como poderia impedi-las — ou usá-las? Estava ganhando talento para usar os outros; às vezes ele próprio ficava enojado. Sevanna e os Shaido. Rhuarc já tinha batedores rumo à Adaga do Fratricida, mas, na melhor das hipóteses, iriam apenas descobrir onde e quando. As Sábias, que poderiam descobrir o porquê, não queriam. Havia muitos porquês ligados a Sevanna. Elayne, e Aviendha. Não, não pensaria nelas. Nada de pensar nelas. Nada. Perrin, e Faile. Uma mulher feroz, falcão por nome e natureza. Teria mesmo se unido a Colavaere apenas para reunir provas? Ela tentaria proteger Perrin se o Dragão Renascido sucumbisse. Iria protegê-lo do Dragão Renascido, se julgasse necessário. Sua lealdade era a Perrin, mas cabia a ela decidir de que forma se manteria leal. Faile não era mulher de se submeter aos desmandos do marido, se é que existia mulher assim. Os olhos dourados o olharam em desafio. Por que Perrin era tão veemente em relação às Aes Sedai? O homem passara bastante tempo com Kiruna e suas companheiras na estrada, a caminho de Poços de Dumai. Poderiam as Aes Sedai ter chegado a fazer com ele o que todos temiam? Aes Sedai... Ele

balançou a cabeça sem perceber. Nunca mais. Nunca! Confiar era ser traído; confiar era sofrer.

Tentou afastar o pensamento. Chegava um pouco perto demais do desvario. Ninguém podia viver sem depositar sua confiança em algum lugar. Não só nas Aes Sedai. Mat, Perrin. Se não pudesse confiar neles... Min. Jamais cogitara não confiar em Min. Rand desejou que a mulher estivesse ali com ele, em vez de aconchegada na cama. Tantos dias prisioneira, dias de preocupação — mais por ele do que por ela própria, se a conhecia bem —, dias de interrogatório com Galina e maus-tratos frente ao desagrado de suas respostas. Sem perceber, Rand rangeu os dentes. Tudo aquilo, e o esforço de ser Curada, ainda por cima, suscitara péssimas consequências para ela. Min estivera ao lado dele até as pernas cederem, e Rand tivera que carregá-la até o quarto, sonolenta, porém protestando durante todo o trajeto, dizendo que ele precisava dela a seu lado. Não havia Min ali, nenhuma presença reconfortante para fazê-lo rir, para fazê-lo esquecer o Dragão Renascido. Apenas a guerra com *saidin*, o redemoinho de seus pensamentos, e...

É preciso se livrar deles. Você tem que fazer isso. Não recorda a última vez? Aquele lugar perto dos poços foi uma ninharia. Cidades totalmente incendiadas sumindo do mapa não foram nada. Nós destruímos o mundo! ESTÁ ME OUVINDO? ELES TÊM QUE SER MORTOS, VARRIDOS DA FACE...!

Não era dele aquela voz em seu crânio. Não de Rand al'Thor. De Lews Therin Telamon, morto havia mais de três mil anos. E invadindo a cabeça de Rand al'Thor. O Poder com frequência o libertava de seu esconderijo, nas profundezas da mente de Rand. Às vezes, Rand se perguntava como isso era possível. Ele era Lews Therin renascido, o Dragão Renascido, não havia como negar, mas todos eram alguém renascido, centenas de alguéns,

milhares. Era como o Padrão operava; alguém morria e renascia, depois de novo e de novo, conforme a Roda girava, para sempre, eternamente. Mas ninguém mais conversava com quem costumava ser antes. Ninguém mais abrigava vozes na cabeça. Exceto os loucos.

E eu?, pensou Rand. Uma das mãos apertou o Cetro do Dragão; a outra, o cabo da espada. *E você? Em que nós somos diferentes deles?*

Houve apenas silêncio. Com frequência, Lews Therin não respondia. Talvez fosse melhor quando ele não respondia.

Você é real?, disse a voz, por fim, assombrada. A negação da existência de Rand era tão comum quanto a recusa em responder. *Eu sou? Eu falei com alguém. Acho que falei. Dentro de uma caixa. Um baú. Riso resfolegante, baixinho. Será que estou morto, ou louco, ou os dois? Não importa. Eu estou condenado, sem dúvida. Estou condenado, e este é o Poço da Perdição. Eu estou... c-condenado, louco, essa risada, agora, e e-este... este é o P-Poço da...*

Rand abafou a voz até se tornar um zumbido, algo que aprendera enquanto estava trancafiado naquele baú. Sozinho, na escuridão. Só ele, a dor, a sede e a voz de um homem morto havia muito tempo. A voz algumas vezes tinha sido um conforto, sua única companhia. Seu amigo. Algo fugidio brotou em sua mente. Não eram imagens, apenas um lampejo de cor e movimento. Por alguma razão, o fez pensar em Mat e Perrin. Os lampejos tinham começado dentro do baú, além de mil outras alucinações. No baú, onde Galina, Erian, Katerine e as outras o enfiavam todos os dias depois de espancá-lo. Rand balançou a cabeça. Não. Não estava mais no baú. Os dedos doíam, agarrados ao cetro e ao cabo da espada. Só restavam as lembranças, e lembranças não tinham força. Não estava...

— Se vamos fazer essa viagem antes de você comer, então vamos de uma vez. Todos os outros já terminaram a refeição da noite faz muito

tempo.

Rand piscou, e Sulin deu um passo atrás. Sulin, que encararia um leopardo nos olhos. Ele suavizou a expressão, ou tentou. Sentia como se usasse uma máscara, o rosto de outra pessoa.

— Tudo bem? — perguntou ela.

— Eu estava pensando. — Ele desentrelaçou os dedos e deu de ombros por baixo do casaco. Um casaco que lhe caía melhor do que o que pegara em Poços de Dumai, azul-escuro e liso. Mesmo depois de se banhar, não se sentia limpo, com *saidin* dentro de si. — Às vezes penso demais.

Quase vinte outras Donzelas se encontravam agrupadas em um dos cantos do aposento sem janelas, com paredes de painéis escuros. Oito lampiões de pé dourados estavam encostados nas paredes, que tinham espelhos para intensificar a luz. Rand estava satisfeito; não gostava mais de locais escuros. Também havia três Asha'man ali. As mulheres Aiel ficavam de um dos lados do recinto, os Asha'man, do outro. Jonan Adley, altarano apesar do nome, permanecia parado, de braços cruzados, muitíssimo pensativo, remexendo as sobrancelhas que mais pareciam lagartas. Talvez quatro anos mais velho que Rand, estava concentrado em conquistar a espada de prata dos Dedicados. Eben Hopwil tinha mais carne no corpo e menos manchas no rosto que quando Rand o vira pela primeira vez, embora o nariz e as orelhas ainda fossem enormes. O homem tocou o broche de espada na gola da roupa, como se surpreso por senti-lo ali. Fedwin Morr teria usado a espada também, se não vestisse um casaco verde apropriado a um mercador próspero ou um nobre inferior, com um pequenino bordado em prata nos punhos e na lapela. De idade que regulava com Eben, porém mais corpulento e de rosto quase liso, o homem não parecia feliz em ter o casaco preto enfiado no alforje de couro a seus pés. Aqueles homens eram o objeto do delírio de Lews Therin, além de todos os Asha'man restantes.

Asha'man, Aes Sedai, qualquer um que pudessem canalizar em geral o irritava.

— Pensa demais, Rand al'Thor? — Enaila levava uma lança curta em uma das mãos e um broquel e mais três lanças na outra, mas soava como se balançasse o dedo para ele. — O seu problema é que você na verdade não pensa nada.

Algumas Donzelas riram baixinho, mas a mulher não estava fazendo piada. Enaila era pelo menos um palmo mais baixa que qualquer outra Donzela ali, com os cabelos tão ígneos quanto o humor, além de uma estranha visão de sua relação com ele. A amiga dela, Somara, de cabelos cor-de-palha, uma cabeça e ombros mais alta que ela, assentiu; tinha a mesma opinião peculiar.

Rand ignorou o comentário, mas não conteve um suspiro. Somara e Enaila eram as piores, mas nenhuma das Donzelas era de fato capaz de decidir se ele era o *Car'a'carn*, alguém a quem prestar obediência, ou o único filho de uma Donzela que tinham conhecido — alguém a ser tratado como irmão ou, para algumas poucas, como um filho que precisava levar broncas. Até Jalani, que não fazia muito tempo ainda brincava de boneca, parecia considerá-lo seu irmão mais *novo*; enquanto Corana, grisalha e de rosto tão curtido quanto Sulin, o tratava como irmão mais velho. Pelo menos as mulheres só faziam isso quando estavam a sós, não onde outros Aiel pudessem ouvir. Quando a situação pedia, Rand era o *Car'a'carn*. E devia isso a elas. Aquelas mulheres tinham morrido por ele. Devia tudo a elas.

— Não pretendo passar a noite toda aqui enquanto vocês brincam de Beijar Margaridas — retrucou Rand.

Sulin disparou um de seus olhares. De vestido ou *cadin'sor*, as mulheres lançavam aqueles olhares a esmo, como fazendeiras espalhando sementes.

Mas os Asha'man tinham desistido de encarar as Donzelas, simplesmente jogaram as tiras dos alforjes por cima dos ombros. *Pressione mais*, dissera a Taim, *faça que esses homens sejam armas*, e Taim assim fizera. Uma boa arma se movia para onde o portador a apontasse. Se pelo menos tivesse garantia de que a arma não se voltaria contra a própria mão...

Tinha três destinos naquela noite, mas de um deles as Donzelas não poderiam tomar conhecimento. Ninguém além dele podia saber. Já decidira qual dos outros dois viria primeiro, e mesmo assim hesitou. A jornada seria revelada dentro em breve, mas ainda havia motivos para mantê-la em segredo enquanto fosse possível.

Quando o portão se abriu, bem no meio do recinto, um aroma adocicado e familiar a qualquer fazendeiro pairou no ar: bosta de cavalo. Torcendo o nariz enquanto velava o rosto, Sulin conduziu metade das Donzelas adiante em um trote. Depois de uma olhadela para ele, os Asha'man seguiram em frente, abraçando profundamente a Fonte Verdadeira, manejando o máximo de poder possível.

Por conta disso, sentiu a força de cada um que passava. Sem isso, precisava de algum esforço para perceber que um homem era capaz de canalizar, e levava mais tempo ainda se o homem não cooperasse. Nenhum era forte como ele, nem de longe. Pelo menos não ainda; não havia como medir a força de um homem antes que ele parasse de desenvolvê-la. Fedwin era o mais capaz de empunhar poder dos três, mas tinha o que Taim chamava de entrave: o sujeito não acreditava que de fato pudesse afetar algo à distância. O resultado era que sua habilidade começava a esmorecer a cerca de cinquenta passadas. A cem passadas de distância, Fedwin não conseguia sequer urdir um fio de *saidin*. Os homens, ao que parecia, ganhavam força mais rápido que as mulheres, o que era bom. Esses três eram fortes o bastante para abrir um portão de tamanho bem útil, ainda que

por muito pouco, no caso de Jonan. Assim como todos os Asha'man que ele mantivera.

Mate-os antes que seja tarde demais, antes que enlouqueçam, sussurrou Lews Therin. *Mate-os, então vá atrás de Sammael, Demandred e todos os Abandonados. Eu tenho que matá-los todos, antes que seja tarde demais!* Um momento de luta enquanto Lews tentava, sem sucesso, tirar o Poder de Rand. O homem parecia fazer essa tentativa com cada vez mais frequência, ou então tentava agarrar *saidin* sozinho, o que era ainda mais perigoso. Rand duvidava que Lews Therin pudesse pegar a Fonte Verdadeira depois que Rand a apanhasse. Mas não sabia ao certo se ele próprio conseguiria tomá-la de Lews Therin, se o outro a tomasse primeiro.

E eu?, pensou Rand, outra vez. Foi quase um rosnado, e não menos cruel por isso. Estava envolto no Poder, a raiva embolada fora do Vazio como uma teia de fogo. *Eu também sei canalizar. A loucura está à minha espera, mas já dominou você! Você se matou, Fratricida, depois de assassinar sua esposa e filhos, e sabe a Luz quantos mais. Eu não vou matar quando não for preciso! Está me ouvindo, Fratricida?* Em resposta, apenas o silêncio.

Inspirou fundo, a respiração irregular. A teia de fogo tremeluziu em um clarão à distância. Nunca falara com o homem — era o homem, não apenas uma voz; um homem inteiro, com memórias. E nunca falara assim com ele antes. Talvez aquilo afastasse Lews Therin de uma vez por todas. Metade do discurso inflamado e louco era um lamento pela esposa morta. Será que queria mesmo afastar Lews Therin? O homem fora seu único amigo naquele baú.

Prometera a Sulin que contaria até cem antes de seguir, mas contou de cinco em cinco, então cruzou as mais de quinhentas e cinquenta léguas até Caemlyn.

A noite já caíra no Palácio Real de Andor, as sombras da noite como um manto envolvendo as torres delicadas e os domos dourados, e a brisa suave em nada aplacava o calor. A lua pendia no alto, ainda quase cheia, fornecendo alguma luz. Donzelas veladas corriam ao redor dos carroções enfileirados atrás do maior estábulo do palácio. O cheiro do lixo que os carroções descartavam todos os dias já se entranhara na madeira muito tempo antes. Os Asha'man levaram as mãos ao rosto, e Eben literalmente tapou o nariz.

— O *Car'a'carn* conta rápido — resmungou Sulin, mas baixou o véu. Não haveria surpresas ali. Ninguém que não devesse estar perto daqueles carroções permaneceria por ali.

Rand deixou o portão se fechar assim que as Donzelas restantes passaram, bem atrás dele. Tão logo o portão desapareceu, Lews Therin sussurrou. *Ela foi embora. Quase.* Havia alívio em sua voz; o elo entre Guardião e Aes Sedai não existia na Era das Lendas.

Alanna não fora embora de fato, não mais do que estivera ausente desde que estabelecera o elo com Rand, mesmo à revelia dele. Mas sua presença diminuía, e era essa diminuição que o deixava de fato cauteloso. Um homem podia se acostumar a qualquer coisa, podia passar a não dar mais atenção ao que quer que fosse. Perto de Alanna, Rand caminhava com as emoções dela empoleiradas na nuca, assim como a condição física da mulher, se parasse para pensar no assunto. Também sabia exatamente onde ela estava, assim como sabia a localização exata da própria mão, mas tal e qual ocorria com a mão, Alanna simplesmente existia, a menos que Rand pensasse a respeito. Só a distância surtia algum efeito, mas ainda *sentia* a presença dela em algum ponto a leste. Queria estar consciente daquela mulher. Se Lews Therin se calasse e todas as lembranças do baú de alguma

forma fossem varridas de sua mente, ainda teria o elo para lembrá-lo dessa importante verdade: “nunca confie nas Aes Sedai.”

De súbito, percebeu que Jonan e Eben também continuavam agarrados a *saidin*.

— Soltem — mandou, em tom ríspido; era o comando que Taim usava.

Sentiu o Poder se esvaindo deles. Boas armas, ao menos até o momento. *Mate-os antes que seja tarde demais*, murmurou Lews Therin. Rand soltou a Fonte de vez, mesmo relutante. Sempre odiava deixar a vida ir, perder as sensações intensificadas. A luta. Por dentro, porém, continuava igualmente tenso, um saltador prestes a pular, pronto para agarrar mais uma vez. Agora, sempre estava.

Tenho que matá-los, sussurrou Lews Therin.

Abafando aquela voz, Rand mandou Nerilea, uma das Donzelas, uma mulher de rosto quadrado, para dentro do palácio. Logo em seguida, se pôs a andar de um lado a outro ali, junto aos carroções, os pensamentos em turbilhão outra vez, mais rápido que antes. Não devia ter ido até ali. Devia ter mandado Fedwin com uma carta. Um turbilhão. Elayne Aviendha. Perrin. Faile. Annoura. Berelain. Mat. Luz, não devia ter ido. Elayne e Aviendha. Annoura e Berelain. Faile e Perrin e Mat. Lampejos de cor, movimentos ligeiros, sumindo de vista. Um louco raivoso resmungando ao longe.

Bem devagar, tomou ciência das Donzelas conversando. Sobre o cheiro. Dando a entender que vinha dos Asha'man. Queriam ser ouvidas, ou estariam usando a linguagem de sinais; havia luar suficiente para isso. Luz suficiente para ver a cor do rosto de Eben e a mandíbula rígida de Fedwin. Talvez não fossem mais garotos, certamente não desde Poços de Dumai, mas ainda tinham só quinze ou dezesseis anos. As sobrancelhas de Jonan

estavam tão caídas que pareciam apoiadas nas bochechas. Pelo menos ninguém tinha agarrado *saidin* de volta. Não por enquanto.

Foi andando na direção dos três homens, então ergueu a voz. Que todos escutassem.

— Se eu aguento as besteiras das Donzelas, vocês também conseguem.

Se muito, a cor no rosto de Eben se intensificou. Jonan grunhiu. Os três saudaram Rand com os punhos no peito; então viraram-se uns para os outros. Jonan falou alguma coisa baixinho, olhando as Donzelas, e Fedwin e Eben riram. Da primeira vez que viram as Donzelas, tinham ficado muito atrapalhados, querendo arregalar os olhos para aquelas criaturas exóticas que eles só conheciam dos livros, mas, ao mesmo tempo, querendo sair correndo antes de serem mortos por aqueles Aiel assassinos das histórias. Agora, nada mais os assustava. Precisavam reaprender a sentir medo.

As Donzelas encararam Rand e começaram a falar com as mãos, às vezes rindo baixinho. Até deviam estar receosas em relação aos Asha'man, mas, sendo Donzelas — sendo Aiel —, o receio apenas deixava as piadas mais engraçadas. Somara murmurou algo sobre Aviendha sossegá-lo, conquistando mais acenos de aprovação. Nas histórias, ninguém tinha a vida tão complicada.

Tão logo Nerilea retornou dizendo que encontrara Davram Bashere e Bael, o chefe de clã que liderava os Aiel ali em Caemlyn, Rand removeu o cinturão, e Fedwin também. Jalani ofereceu uma grande bolsa de couro para as espadas e o Cetro do Dragão, estendendo-a como se as espadas fossem cobras venenosas, ou talvez cobras já mortas e apodrecidas. Na verdade, se fosse esse o caso, a Aiel não teria tido tanta cautela. Vestindo a capa com capuz que Corana lhe entregara, Rand entrelaçou as mãos atrás do corpo, e Sulin as amarrou bem firme, com uma corda, resmungando sozinha.

— Isso não faz sentido. Mesmo os aguacentos achariam absurdo.

Rand tentou não estremecer de dor. A mulher era forte e estava usando toda a força que tinha.

— Você já fugiu de nós muitas vezes, Rand al'Thor — prosseguiu ela. — Não tem cuidado consigo mesmo. — Ela o tratava como um irmão da mesma idade, porém por vezes irresponsável. — *As Far Dareis Mai* carregam a sua honra, e você não tem cuidado.

Fedwin fechou a cara ao ter os próprios punhos amarrados, embora a Donzela encarregada dele não estivesse usando tanta força. Jonan e Eben observavam tudo, os cenhos muito franzidos. Desgostavam desse plano tanto quanto Sulin. E compreendiam tão pouco quanto as Aiel. O Dragão Renascido não precisava se explicar, e o *Car'a'carn* raramente o fazia. Mas ninguém disse nada. Armas não reclamavam.

Sulin deu a volta e parou diante de Rand; então deu uma olhadela para o rosto dele e prendeu a respiração.

— Fizeram isso em você — murmurou, pegando o cinturão onde levava uma faca pesada, um pé ou mais de aço. Quase uma espada curta, embora ninguém em sã consciência diria isso a um Aiel.

— Baixe o capuz — respondeu Rand, ríspido. — Isso tudo é para que ninguém me reconheça antes que eu chegue a Bael e Bashere. — Ela hesitou, olhando-o nos olhos. — Mande baixar — rosnou Rand.

Sulin, que conseguiria matar a maioria dos homens apenas com as próprias mãos, baixou o capuz sobre o rosto dele com toda a delicadeza.

Rindo, Jalani agarrou o capuz e o puxou por cima dos olhos de Rand.

— Agora pode ter certeza de que ninguém vai reconhecer você, Rand al'Thor. Vai ter que confiar em nós para guiar o caminho. — Muitas Donzelas riram.

Seu corpo enrijeceu, e ele quase não conseguiu se impedir de agarrar *saidin*. Lews Therin rosnou e balbuciou. Rand forçou-se a respirar

normalmente. Não era uma escuridão total. Via o luar por sob a beira do capuz. Mesmo assim, tropeçou quando Sulin e Enaila o tomaram pelos braços e foram andando.

— Achei que você tinha idade para andar melhor que isso — murmurou Enaila, com um espanto debochado.

Sulin mexeu a mão. Rand levou um instante para perceber que a mulher estava acariciando seu braço.

Só conseguia ver era o que estava imediatamente diante dele, as pedras do estábulo iluminadas pelo luar, os degraus de pedra, o piso de mármore à luz dos lampiões, às vezes algum longo corredor acarpetado. Apertava os olhos para os movimentos das sombras, buscando algum indicativo da presença de *saidin*, ou pior, do arrepio que anunciava uma mulher de posse de *saidar*. Cego daquele jeito, talvez só percebesse que estava sob ataque quando fosse tarde demais. Ouvia o sussurro dos pés de alguns serviçais que se apressavam em suas tarefas noturnas, mas ninguém confrontou cinco Donzelas aparentemente escoltando dois prisioneiros encapuzados. Com Bael e Bashere morando no palácio e policiando Caemlyn com seus homens, sem dúvida já tinham presenciado cenas mais estranhas naqueles corredores. Era como cruzar um labirinto. Por outro lado, Rand já se vira em labirintos desde que deixara Campo de Emond, mesmo quando pensava percorrer um caminho reto.

Será que eu reconheceria um caminho reto, se encontrasse um?, pensou. Ou já estou nisso há tanto tempo que pensaria ser uma armadilha?

Não existem caminhos retos. Apenas arapucas, armadilhas e escuridão. O rosnado de Lews Therin era suado, desesperado. Como Rand se sentia.

Quando Sulin enfim os conduziu para dentro de um recinto e fechou a porta, Rand deu um tranco violento com a cabeça, para remover o capuz...

e olhou em volta. Já esperava Bael e Davram, mas não a esposa de Davram, Deira, e nem Melaine ou Dorindha.

— Vejo você, *Car'a'carn*.

Bael, o homem mais alto que Rand já vira, estava sentado de pernas cruzadas no chão de azulejos verdes e brancos, usando seu *cadin'sor*, com ar de quem podia se mexer em um piscar de olhos, mesmo relaxado. O chefe do clã dos Aiel Goshien não era jovem; nenhum chefe de clã era. Também tinha mechas grisalhas nos cabelos ruivo-escuros, mas quem pensasse que ele amolecera por conta da idade teria uma triste surpresa.

— Que você sempre encontre água e sombra. Eu estou com o *Car'a'carn*, e minhas lanças estão comigo.

— Água e sombra são coisas muito boas — disse Davram Bashere, enganchando uma perna por sobre o braço dourado da cadeira —, mas prefiro vinho gelado.

O homem era um pouco mais alto que Enaila e usava um casaco curto azul desabotoado, o rosto brilhando de suor. Apesar da aparente indolência, parecia ainda mais rígido que Bael, com os olhos oblíquos bem firmes, e o nariz feito o bico de uma águia por sobre o bigode grosso e grisalho.

— Parabéns pela fuga e pela vitória. Mas por que vieram disfarçados de prisioneiros?

— Prefiro saber se ele vai fazer as Aes Sedai virem para cima de nós — interrompeu Deira.

Era uma mulher grande, vestida de seda verde trabalhada em ouro. A mãe de Faile era mais alta que qualquer Donzela ali, exceto Somara, os cabelos longos e compridos com mechas brancas nas têmporas, o nariz um pouquinho menos pronunciado que o do marido. A verdade era que a mulher poderia ensinar Davram a parecer mais feroz, e em relação a uma

coisa era muito parecida com a filha. Sua lealdade era ao marido, não a Rand.

— Você fez uma Aes Sedai *prisioneira*! — continuou Deira. — Devemos esperar que a Torre Branca inteira desabe sobre nossas cabeças?

— Se desabarem — respondeu Melaine, ríspida —, vão receber o tratamento que merecerem.

De cabelos dourados, olhos verdes e muito bela, não mais que uns anos mais velha que Rand, a julgar pelas feições, Melaine era uma Sábua casada com Bael. Fosse lá o que tivesse causado essa mudança de opinião das Sábias em relação às Aes Sedai, Melaine, Amys e Bair eram as que tinham mudado mais radicalmente.

— O que eu desejo saber — disse a terceira mulher — é o que será feito em relação a Colavaere Saighan.

Deira e Melaine tinham uma presença forte, muito forte, mas Dorindha brilhava ainda mais que as duas, embora fosse difícil enxergar como ou por quê, exatamente. A senhora do teto do Ramo da Nascente de Fumaça era uma mulher rígida, maternal, muito mais vistosa que bonita, com rugas nos cantos dos olhos e tantos fios brancos na cabeleira vermelho-clara quanto Bael era grisalho. Ainda assim, das três mulheres ali, qualquer cabeça pensante veria que se tratava da mais influente.

— Melaine diz que Bair considera Colavaere Saighan de pouca importância — prosseguiu Dorindha —, mas as Sábias podem ser tão cegas quanto qualquer homem, quando o assunto é enxergar a batalha à frente e não ver o escorpião debaixo do pé. — Um sorriso para Melaine tirou o veneno das palavras; o sorriso de Melaine em resposta informou que ela não se ofendera. — O trabalho de uma senhora do teto é encontrar esses escorpiões antes que alguém leve uma ferroadada.

Dorindha também era casada com Bael, fato que ainda desconcertava Rand, apesar de ter sido escolha dela e de Melaine. Talvez em parte *porque* fora escolha delas; entre os Aiel, um homem não tinha muito direito a opinar se a esposa escolhesse uma esposa-irmã. Não era um arranjo comum, mesmo entre eles.

— Colavaere se afeiçoou à lavoura — grunhiu Rand. Todos piscaram, sem entender se aquilo era piada. — O Trono do Sol está vazio outra vez, e à espera de Elayne.

Considerara urdir um selo de proteção contra bisbilhoteiros, mas um selo de proteção poderia ser descoberto por qualquer um que buscasse, homem ou mulher, e sua presença anunciaria que algo interessante estava sendo dito. Bem, dentro em breve, tudo dito ali seria de conhecimento geral, da Muralha do Dragão até o mar.

Fedwin já ia esfregando os punhos, enquanto Jalani embainhava a faca. Ninguém deu atenção aos dois; todos os olhares estavam em Rand. Franzindo o cenho para Nerilea, o Dragão balançou as mãos, até que Sulin cortou as cordas.

— Não sabia que seria uma reunião de família. — Nerilea parecia um tanto constrangida, talvez, mas ninguém mais estava.

— Depois que vocês se casarem — murmurou Davram, com um sorriso —, vão aprender que precisam escolher com muito cuidado o que não contar à esposa.

Deira olhou para o marido de cima, apertando os lábios.

— Esposas são um grande conforto — completou Bael, rindo —, desde que um homem não conte muito para elas.

Sorrindo, Dorindha correu os dedos pelos cabelos do marido... e agarrou os fios por um instante, como se fosse arrancar a cabeça dele. Bael grunhiu, mas não só por conta de Dorindha. Melaine limpou a pequena faca de

cintura na saia pesada e a embainhou. As duas trocaram sorrisos enquanto ele esfregava o ombro, onde uma manchinha de sangue sujava o *cadin'sor*. Deira assentiu, pensativa; parecia que acabava de ter uma ideia.

— Que mulher eu poderia odiar a ponto de fazê-la desposar o Dragão Renascido? — perguntou Rand, frio. Isso trouxe à sala um silêncio quase palpável, de tão concreto.

Tentou controlar a raiva. Já era de se esperar. Melaine não era só uma Sábia, era também uma Andarilha dos Sonhos, assim como Amys e Bair. Entre outras coisas, podiam conversar em sonhos entre si e com outras; uma habilidade útil, embora só tivesse sido usada com ele uma única vez. Era assunto de Sábias. Não espantava nem um pouco que Melaine estivesse a par de tudo o que acontecera. Não espantava que contasse tudo a Dorindha; fosse ou não assunto das Sábias; as duas eram como melhores amigas e irmãs. Tão logo Melaine informara a Bael sobre o rapto, o homem naturalmente contara a Bashere. E esperar que Bashere escondesse aquilo da esposa era como esperar que ele guardasse segredo de um incêndio em sua casa. Pouco a pouco, Rand foi retraindo a raiva, forçando seu recuo.

— Elayne já chegou?

Tentou soar despreocupado, mas sem sucesso. Não importava. Todos conheciam as razões de sua ansiedade. Andor podia não estar tão inquieta quanto Cairhien, mas Elayne no trono era o meio mais rápido de apaziguar as duas nações. Talvez o único.

— Ainda não. — Bashere deu de ombros. — Mas andam chegando histórias do norte sobre um exército de Aes Sedai em algum ponto de Murandy, talvez Altara. Pode ser o jovem Mat e seu Bando da Mão Vermelha, junto da Filha-Herdeira e as irmãs que fugiram da Torre quando Siuan Sanche foi deposta.

Rand esfregou os punhos esfolados pelas cordas. Toda aquela historinha de “prisioneiro” fora para o caso de Elayne já estar lá. Elayne e Aviendha. Então, poderia ir e vir sem que elas descobrissem, até que se fosse de vez. Talvez buscasse um meio de dar uma espiada nelas. Talvez... Ele era um tolo, e quanto a isso não havia dúvida.

— Pretende fazer com que essas irmãs jurem lealdade a você também?
— O tom de Deira era tão gélido quanto a expressão. A mulher não gostava dele. Da forma como via, o marido estava seguindo por uma estrada que certamente acabaria com sua cabeça em uma lança em algum portão de Tar Valon, e Rand tinha os pés nessa mesma estrada. — A Torre Branca não vai ficar parada vendo você intimidar as Aes Sedai.

Rand fez uma pequena mesura, e ela que se queimasse se pensasse que fora deboche. Deira ni Ghaline t’Bashere jamais usara nenhum título com ele, mas também sequer usara seu nome. A mulher poderia muito bem estar falando com um laçao, e um não muito inteligente ou confiável.

— Se escolherem jurar, aceitarei seus juramentos. Duvido que muitas estejam ansiosas para retornar a Tar Valon. Se preferirem, podem seguir seu caminho, desde que não se ponham contra mim.

— A Torre Branca se pôs contra você — lembrou Bael, se inclinando para a frente, os punhos nos joelhos. Os olhos azuis faziam a voz de Deira soar afetuosa. — Um inimigo que vem uma vez, virá de novo. A menos que seja impedido. Minhas lanças seguirão aonde o *Car’a’carn* for.

Melaine assentiu, claro. A mulher muito certamente queria cada uma das Aes Sedai blindada e ajoelhada sob guarda, quiçá amarrada pelas mãos e pés. Mas Dorindha também assentiu, e Sulin, e Bashere esfregou o bigode com os nós dos dedos, pensativo. Rand não sabia se ria ou se chorava.

— Vocês não acham que eu já tenho bastante em que pensar sem uma guerra contra a Torre Branca? Elaida agarrou minha garganta e levou um

safanão. — O solo irrompendo em fogo e carne dilacerada. Corvos e abutres se fartando. Quantos mortos? Um safanão... — Se a mulher tiver o bom senso de parar depois disso, eu também paro.

Desde que não lhe pedissem confiança. O baú. Estava balançando a cabeça, só meio consciente do súbito lamento de Lews Therin sobre o escuro e da sede. Podia ignorar, precisava ignorar, mas não esquecer ou confiar.

Deixando Bael e Bashere a discutir se Elaida tinha de fato bom senso suficiente para parar, depois que já começara, Rand avançou até uma mesa repleta de mapas, encostada à parede, abaixo da tapeçaria de alguma batalha onde o Leão Branco de Andor se destacava. Ao que parecia, Bael e Bashere usavam o salão para seus planos. Deu uma olhada e encontrou o mapa de que precisava, um rolo largo exibindo toda Andor, desde as Montanhas da Névoa até o Rio Erinin, além de partes das terras ao sul, como Ghealdan, Altara e Murandy.

— As mulheres mantidas prisioneiras nas terras dos assassinos da árvore não têm permissão de nos causar problemas, então por que outras haveriam de causar? — perguntou Melaine, aparentemente em resposta a algo que Rand não ouvira. Soava nervosa.

— Faremos o que for preciso, Deira t'Bashere — ia dizendo Dorindha, com muita calma. Era coisa rara vê-la calma daquele jeito. — Agarre-se à sua coragem; nós vamos aonde for preciso.

— Quando se salta de um penhasco — retrucou Deira —, é tarde demais para qualquer coisa além de se agarrar à própria coragem. E torcer para que haja um carroção de feno lá embaixo, onde aterrissar.

Devran soltou uma risadinha, como se fosse uma piada. Pelo tom, não parecia.

Desdobrando o mapa e prendendo os cantos com frascos de tintas e garrafas de areia, Rand mediu as distâncias com os dedos. Se os rumores indicavam que Mat estava em Altara ou Murandy, então o amigo não estava avançando tão depressa. Mat sempre se gabava da rapidez do Bando. Talvez as Aes Sedai os estivessem atrasando, com seus serviçais e carroções. Talvez fossem mais irmãos do que Rand imaginara. Notou que estava com os punhos cerrados, então obrigou as mãos a se abrirem. Precisava de Elayne. Para assumir o trono ali e em Cairhien; era por isso que precisava dela. Só por isso. Aviendha... não precisava dela, nem um pouco, e a mulher deixara claro que era recíproco. Aviendha estava a salvo, longe dele. Rand poderia manter ambas a salvo, era só ficar o mais longe possível. Luz, se pelo menos pudesse olhar para elas... Porém, precisava de Mat, considerando a teimosia de Perrin. Não sabia bem como Mat de súbito se tornara especialista em tudo o que tivesse a ver com batalhas, mas até Bashere respeitava as opiniões dele. Em relação à guerra, pelo menos.

— Elas o trataram como *da'tsang* — rosnou Sulin, e algumas Donzelas ecoaram o rosnado, sem dizer palavra.

— Nós sabemos — respondeu Melaine, taciturna. — Elas não têm honra.

— Será que ele vai mesmo se conter, depois de saber a verdade? — inquiriu Deira, incrédula.

O mapa não se estendia a ponto de mostrar Illian — nenhum mapa naquela mesa exibia qualquer parte de Illian —, mas Rand correu a mão para baixo, cruzando Murandy, e imaginou as Colinas Doirlon, não muito longe da fronteira de Illian, com uma fileira de fortificações nos cumes que nenhum exército invasor poderia ignorar. E, a umas duzentas e cinquenta milhas a leste, cruzando as Planícies de Maredo, um exército tal qual não se via desde que as nações tinham se reunido diante de Tar Valon, na Guerra

dos Aiel, talvez desde os dias de Artur Asa-de-gavião. Tairenos, cairhienos, Aiel, todos prontos para esmagar Illian. Se Perrin não liderasse, Mat teria que fazê-lo. Só que não havia tempo. Nunca havia tempo.

— Que meus olhos queimem — resmungou Bashere. — Você nunca mencionou isso, Melaine. Lady Caraline e Lorde Toram acamparam bem do lado de fora da cidade, e o Grão-lorde Darlin também? Esses aí não se juntaram por acaso, ainda mais considerando a conjuntura, não mesmo. É um poço de víboras para se ter à porta, seja lá de quem for a casa.

— Deixe que os *algai'd'siswai* dançam — devolveu Bael. — Víboras mortas não atacam ninguém.

Sammael sempre se saía melhor na defensiva. Essa era a memória de Lews Therin, da Guerra da Sombra. Com dois homens em um crânio, talvez fosse de se esperar que as memórias perpassassem os dois. Será que Lews Therin de súbito começara a ter lembranças de si mesmo pastoreando ovelhas, cortando lenha ou dando de comer às galinhas? Rand podia ouvi-lo baixinho, em seu furor de matar e destruir. Pensar nos Abandonados sempre o deixava à beira do precipício.

— Deira t'Bashere fala a verdade — comentou Bael. — Devemos ficar no caminho em que começamos até que os inimigos sejam destruídos, ou nós é que seremos.

— Não era isso o que eu pretendia dizer — retrucou Deira, muito seca. — Mas você tem razão. Não temos escolha. Até que nossos inimigos sejam destruídos, ou nós é que seremos.

Morte, destruição e loucura flutuavam na mente de Rand, que analisava o mapa. Sammael estaria naqueles fortes tão logo o exército atacasse. Sammael, com a força de um Abandonado e o conhecimento da Era das Lendas. Lorde Brend, como passara a se apresentar, membro do Conselho dos Nove. E era mesmo conhecido como Lorde Brend entre aqueles que se

recusavam a admitir que os Abandonados estavam à solta. Mas Rand o conhecia. Com as lembranças de Lews Therin, conhecia o rosto de Sammael como a palma da mão.

— Quais são as intenções de Dyelin Taravin com Naeen Arawn e Elenia Sarand? — perguntou Dorindha. — Confesso que não entendo essa coisa de trancafiar os outros.

— O que ela faz lá não tem a menor importância — respondeu Davram. — As reuniões com as Aes Sedai é que me preocupam.

— Dyelin Taravin é uma idiota — resmungou Melaine. — Acredita nos boatos sobre o *Car'a'carn* se ajoelhando diante do Trono de Amyrlin. A mulher não escova nem o cabelo sem a permissão daquelas Aes Sedai.

— Você se engana — retrucou Deira, com firmeza. — Dyelin tem força suficiente para governar Andor e já provou isso em Aringill. Claro que ela escuta as Aes Sedai, só um imbecil as ignoraria. Só que escutar não é obedecer.

Os carroções que tinham sido trazidos dos Poços de Dumai teriam que ser revistados outra vez. O *angreal* do homenzinho gordo tinha que estar em algum lugar. Nenhuma das irmãs que escaparam podia fazer a menor ideia do que aquilo era. A menos, talvez, que uma tivesse escondido um souvenir do Dragão Renascido na bolsa. Não. Estava em algum lugar dos carroções. Com ajuda daquilo, Rand era mais do que páreo para qualquer um dos Abandonados. Sem... Só morte, destruição e loucura.

De súbito, o barulho que andara escutando aumentou, feito uma investida.

— O que foi isso? — inquiriu, girando diante da mesa de mármore entalhado.

Rostos surpresos se viraram para ele. Jonan aprumou a postura, encostando-se no batente da porta. As Donzelas, agachadas tranquilamente

nos calcanhares, de súbito se puseram alerta. Tinham estado conversando, distraídas; até elas andavam cautelosas perto dele.

Correndo os dedos por um de seus colares de marfim, Melaine trocou um olhar decidido com Bael e Davram, depois pronunciou-se, antes de todos:

— Nove Aes Sedai estão hospedadas em uma estalagem chamada O Cisne Prata, no local que Davram Bashere chama de Cidade Nova. — Ela pronunciou a palavra “estalagem” de um jeito estranho, assim como “cidade”. Antes de transpor a Muralha do Dragão, só conhecia aquelas coisas dos livros. — Ele e Bael dizem que devemos deixá-las quietas, a não ser que façam alguma coisa contra você. Acho que você já aprendeu alguma coisa sobre esperar que as Aes Sedai ajam, Rand al'Thor.

— Culpa minha — suspirou Bashere —, se pode ser culpa de alguém. Mas o que Melaine pretende fazer, eu não sei. Oito irmãs se hospedaram n'O Cisne Prata quase um mês atrás, logo depois que você foi embora. De vez em quando umas poucas chegam ou partem, mas nunca são mais de dez. Ficam quietas, não causam problema, não fazem perguntas... não que Bael ou eu saibamos. Umas poucas irmãs Vermelhas também vieram até a cidade, duas vezes. As que estão no Cisne Prata têm Guardiões, mas essas, não. Com certeza são Vermelhas. Aparecem duas ou três, perguntam por homens rumo à Torre Negra e vão-se embora depois de um ou dois dias. Sem descobrir muita coisa, eu diria. Aquela Torre Negra é quase uma fortaleza onde guardar segredos. Nenhuma causou problema, e prefiro não as perturbar até que seja necessário.

— Eu não estava falando disso — retrucou Rand, devagar.

Ele se acomodou em uma cadeira diante de Bashere, agarrando os braços de madeira até sentir dor nas juntas das mãos. Aes Sedai reunidas ali, Aes Sedai reunidas em Cairhien... Mero acaso? Lews Therin ribombava feito

trovão no horizonte, falando de morte e traição. Precisaria alertar Taim. Não a respeito das Aes Sedai n'O Cisne Prata, pois disso o homem certamente já sabia... Por que não mencionara nada? Teria que adverti-lo para se manter longe das mulheres, manter os Asha'man longe delas. Se queria dar um fim à questão depois de Poços de Dumai, não poderia haver novos começos ali. Muitas coisas pareciam estar saindo de controle. Quanto mais tentava juntar tudo, mais coisas vinham, e mais depressa fugiam de controle. Cedo ou tarde, tudo desmoronaria e se despedaçaria. O pensamento lhe rendeu um nó na garganta. Thom Merrilin lhe ensinara alguns truques de malabarismo, mas Rand nunca fora muito talentoso. Agora, precisaria ser bom naquilo, bom até demais. Desejou ter algo com que molhar a garganta.

Não percebeu que dissera aquilo em voz alta até Jalani se levantar e desfilar majestosamente em direção a uma jarra de prata comprida, apoiada em uma mesinha. Ela encheu um cálice de prata martelado e o levou até Rand, com um sorriso. Rand esperava rudeza, mas o rosto dela estava mudado.

— *Car'a'carn* — disse Jalani, apenas, e retornou a seu lugar com as outras Donzelas, mantendo uma postura tão honrada que parecia que estava imitando Dorindha, ou talvez Deira.

Somara gesticulou na linguagem de sinais, e de súbito todas as Donzelas estavam com o rosto vermelho e mordendo os lábios para não rir. Todas, menos Jalani, que estava apenas corada.

O ponche de vinho tinha gosto de ameixa. Lembrava Rand das ameixas doces dos pomares do outro lado do rio, quando era garoto, de subir nas árvores para apanhá-las... jogou a cabeça para trás e entornou todo o conteúdo na boca. Havia ameixeiras em Dois Rios, mas nenhum pomar, e certamente não do outro lado de nenhum rio. *Guarde a porcaria das suas*

lembranças para você, rosnou, para Lews Therin. O homem na cabeça riu de alguma coisa, umas gargalhadas baixas.

Bashere franziu o cenho para as Donzelas, então olhou para Bael e as esposas, todos impassíveis como pedras, e balançou a cabeça. O homem se dava bem com Bael, mas os Aiel em geral o aturdiavam.

— Já que ninguém vai me trazer uma bebida... — falou, então levantou-se e foi se servir. Deu uma golada grande, molhando o bigode frondoso. — Ah, isso sim é refrescante. Taim recruta os homens de um jeito que parece arrastar todos os sujeitos que gostariam de seguir o Dragão Renascido. Ele tem entregado um exército considerável, homens que carecem de tudo o que seus Asha'man necessitam. Todos falam, de olhos arregalados, sobre como atravessaram buracos no ar, mas ninguém esteve nem sequer perto da Torre Negra. Estou testando algumas ideias do jovem Mat.

Abanando o cálice vazio, Rand dispensou o comentário.

— Conte-me sobre Dyelin.

Dyelin, da Casa Taravin, seria a próxima na linha de sucessão do trono, se algo acontecesse com Elayne. Mas Rand dissera a ela que mandaria trazer Elayne a Caemlyn.

— Se ela acha que pode tomar posse do Trono do Leão, posso encontrar uma fazenda para ela também — concluiu Rand.

— Tomar posse do trono? — perguntou Deira, incrédula, e o marido riu alto.

— Eu não entendo nada desses costumes dos aguacentos — comentou Bael —, mas acho que não foi o que ela fez.

— Longe disso. — Davram apanhou a jarra para servir mais ponche a Rand. — Alguns lordes e ladies menos importantes que cogitavam se favorecer por meio da bajulação se declararam favoráveis a ela, em Aringill. Mas Lady Dyelin age bem depressa. Em quatro dias, já tinha

mandado enforcar dois líderes por traição à Filha-Herdeira Elayne e ordenado o flagelo de mais vinte dissidentes.

Davram deu uma risadinha de aprovação, e Deira fungou; decerto teria mandado enfileirar forcas na estrada por todo o caminho entre Aringill e Caemlyn.

— Então, que história foi essa de ela governar Andor? — inquiriu Rand.
— E aprisionar Elenia e Naeon.

— São as que tentaram reivindicar o trono — explicou Deira, os olhos escuros cintilando de raiva.

Bashere assentiu. Estava bem mais calmo.

— Só três dias atrás. Quando chegou a notícia da coroação de Colavaere, quando os rumores de Cairhien de sua suposta ida a Tar Valon começaram a parecer mais reais. Com a retomada do comércio, havia tantos pombos-mensageiros indo e voltando de Cairhien e Caemlyn que daria para levar nosso grupo inteiro. — Ele devolveu a jarra à mesa e voltou à cadeira. — Naeon declarou sua pretensão ao Trono do Leão de manhã; Elenia o reivindicou antes do meio-dia; e, ao pôr do sol, Dyelin, Pelivar e Luan tinham prendido as duas. Dyelin foi anunciada como regente na manhã seguinte. Para governar em nome de Elayne, até que a Filha-herdeira retorne. Quase todas as Casas de Andor declararam apoio a Dyelin. Acho que alguns gostariam que ela própria subisse ao trono, mas Aringill faz com que todos tenham muito cuidado com o que dizem. — Fechando um olho, Bashere apontou para Rand. — Você, eles nem sequer mencionam. Se isso é bom ou ruim, precisaria de uma cabeça mais sábia que a minha para dizer.

Deira abriu um sorriso frio, olhando de cima com aquele nariz empinado.

— Parece que aqueles... lambe-botas... que você permitiu que saíssem do palácio... fugiram todos da cidade. Alguns fugiram de Andor, segundo

os rumores. Saiba que estavam todos apoiando Elenia ou Naeen.

Rand depositou o cálice cheio com cuidado no chão, ao lado da cadeira. Apenas deixara Arymilla e o restante permanecerem para tentar pressionar Dyelin e os que a apoiavam a cooperar. Aquela gente jamais teria deixado Andor à mercê de tipos como Lorde Lir. Com tempo e o retorno de Elayne, a ideia ainda poderia funcionar. Mas tudo estava girando cada vez mais depressa, escapando de seus dedos. Havia, no entanto, umas poucas coisas que poderia controlar.

— Fedwin, ali, é um Asha'man — declarou. — Pode levar mensagens para mim em Cairhien, se for preciso.

Ele cravou os olhos em Melaine, que devolveu um olhar muito afável. Deira analisou Fedwin como faria com um rato morto depositado em seu carpete por algum cachorro ávido. Davram e Bael estavam mais contemplativos. O próprio Fedwin tentava manter a postura firme sob aqueles olhares.

— Não deixem que ninguém saiba quem ele é — prosseguiu Rand. — Ninguém. É por isso que ele não está usando preto. Ainda hoje à noite, levarei mais dois mensageiros, um para Lorde Semaradrid, outro para o Grão-lorde Weiramon. Eles vão precisar, quando enfrentarem Sammael nas Colinas Doirlon. Ao que parece, ainda passarei um bom tempo ocupado ruminando Cairhien.

E talvez Andor também, pelo que via.

— Isso significa que enfim vai avançar com as lanças? — perguntou Bael. — Vai dar as ordens hoje à noite?

Rand assentiu, e Bashere soltou uma gargalhada.

— Ora, isso pede um bom vinho. Ou pediria, se não estivesse quente a ponto de transformar sangue em mingau grosso. — O riso virou uma careta. — Que me queime, mas eu queria poder estar presente. Ainda assim,

suponho que ocupar Caemlyn para o Dragão Renascido não seja coisa pouca.

— Você sempre quer estar onde as espadas se desnudam, marido — devolveu Deira, bastante afetuosa.

— E o quinto? — indagou Bael. — Vai permitir que o quinto seja levado em Illian, quando Sammael sucumbir?

Era costume Aiel saquear a quinta parte de tudo o que havia em um local ocupado à força. Rand proibira o quinto ali em Caemlyn; não entregaria a Elayne uma cidade saqueada, nem que fosse um mínimo.

— Os Aiel terão o quinto — respondeu Rand, mas não era em Sammael ou em Illian que estava pensando. *Traga Elayne depressa, Mat.* O pensamento ocorreu de repente, cortando a tagarelice de Lews Therin. *Traga depressa, antes que tanto Andor quanto Cairhien explodam bem na minha cara.*



CAPÍTULO 8



A TESTA DE FERRO

— Temos que parar aqui amanhã. — Egwene se remexia com cuidado na cadeira dobrável, que, às vezes, tinha a tendência de se fechar sozinha. — Lorde Bryne avisou que o exército está ficando sem comida. No nosso acampamento, com certeza tudo está em falta.

Dois tocos de vela de sebo queimavam na mesa de madeira à sua frente. Também era dobrável, para ser mais fácil de transportar, porém era mais resistente que a cadeira. As velas da tenda que usava como gabinete eram complementadas por uma luminária a óleo dependurada na estaca central, bem próxima do topo. A luz amarela e turva bruxuleava, fazendo sombras tênues dançarem nas paredes de tela remendada que em nada remetiam à grandiosidade do gabinete da Amyrlin da Torre Branca, mas nada disso a incomodava. Verdade fosse dita, a própria Egwene também não possuía a grandiosidade em geral associada ao Trono de Amyrlin. Sabia muito bem que a estola de sete listras em seus ombros era a única coisa que faria qualquer estranho acreditar que era de fato a Amyrlin. Isso se não pensassem que se tratava de uma piada para lá de tola. Havia muitas coisas esquisitas na história da Torre Branca — Siuan lhe contara detalhes secretos de algumas —, mas, decerto, nada tão estranho quanto Egwene.

— Parar por quatro ou cinco dias seria melhor — ponderou Sheriam, examinando o maço de papéis em seu colo.

A mulher era um pouco rechonchuda, com maçãs do rosto proeminentes e olhos verdes oblíquos, mas conseguia parecer elegante e dominadora no vestido de cavalgada verde-escuro, apesar de estar empoleirada num dos dois banquinhos precários à frente da mesa. Se trocassem a estola azul fininha de Curadora das Crônicas pela de Amyrlin, qualquer um pensaria que ela a usava por direito. Às vezes, Sheriam dava a clara impressão de acreditar que a estola listrada repousava em seus ombros.

— Ou talvez mais — continuou a mulher. — Não faria mal reabastecer as nossas provisões mais uma vez.

Siuan, sentada no outro banquinho bambo, balançou a cabeça de leve. Mas Egwene não precisava da dica.

— Um dia.

Podia até ser que só tivesse dezoito anos e estivesse bem longe da grandiosidade de uma verdadeira Amyrlin, mas Elayne não era tola. Muitas irmãs se aproveitavam de qualquer desculpa para uma parada — e muitas das Votantes também —, e, se parassem por muito tempo, poderia ser impossível pô-las em marcha outra vez. Sheriam abriu a boca para protestar.

— Um dia, filha — declarou Egwene com firmeza.

Não importava o que a outra pensasse, o fato era que Sheriam Bayanar era a Curadora, e Egwene al’Vere, a Amyrlin. Como seria bom se Sheriam percebesse isso. E, no Salão da Torre, as coisas eram ainda piores. Queria grunhir, ter um ataque de fúria ou talvez arremessar alguma coisa, mas, depois de quase um mês e meio, já adquirira uma vida inteira de experiência em manter o semblante e a voz tranquilos sob provocações bem maiores que aquela.

— Qualquer coisa a mais que isso, e vamos esgotar os recursos dessa área rural. Não vou deixar as pessoas morrerem de fome. Na prática, se tirarmos demais, mesmo pagando, as pessoas vão retribuir criando centenas de problemas.

— Ataques aos animais e assaltos aos carroções-armazém... — murmurou Siuan. Examinava as saias cinzas divididas sem olhar para ninguém, parecia estar pensando alto. — Homens atirando nos nossos guardas à noite, quem sabe ateando fogo ao que conseguirem pôr as mãos. É má ideia. Gente com fome entra em desespero bem depressa. — Eram os mesmos motivos que Lorde Bryne dera a Egwene, com quase as mesmas palavras.

A mulher de cabelo flamejante lançou um olhar severo para Siuan. Muitas irmãs tinham passado por maus bocados com a antiga Amyrlin. Aquele rosto provavelmente era o mais conhecido de todo o acampamento; mesmo jovem o bastante para não parecer fora de lugar num vestido de Aceita ou até mesmo de noviça — um efeito colateral de ter sido estancada, embora poucos soubessem. Siuan mal podia dar um só passo sem que uma irmã ficasse olhando para o antigo Trono de Amyrlin, deposta e arrancada de *saidar*, então Curada e com alguma habilidade restituída, quando todos sabiam que aquilo era impossível. Muitas a receberam calorosamente de volta como irmã, tanto por quem ela era quanto pelo milagre que mantinha a esperança contra o que qualquer Aes Sedai temia mais que a morte, mas outras tantas, talvez a maioria, só ofereceram uma atitude de condescendência ou tolerância tépida, ou ambas, culpando-a pela situação atual.

Sheriam era uma das que achavam que Siuan deveria instruir a nova jovem Amyrlin em questões protocolares e afins, o que todas acreditavam que ela odiava, e que, tirando os momentos em que fosse chamada, devia

ficar de boca fechada. Siuan era menos do que já fora: não era mais a Amyrlin e estava bem longe de ser forte com o Poder. Não havia crueldade no modo como as Aes Sedai enxergavam a situação. O passado era o passado, e o presente era o que era, e devia ser aceito. Qualquer outra coisa só trazia mais sofrimento. Em geral, Aes Sedai eram lentas para admitir mudanças, mas, assim que admitiam, era como se as coisas sempre tivessem sido daquele jeito.

— Um dia, Mãe, como a senhora diz — retrucou Sheriam, por fim, com um suspiro, curvando a cabeça de leve.

O gesto, Egwene tinha certeza, era menos por submissão do que para esconder a careta de desgosto por conta da sua teimosia. Bem, aceitava a careta, se viesse acompanhada de uma aquiescência. Por enquanto, teria que aceitar.

Siuan também curvou a cabeça, mas para esconder um sorriso. Qualquer irmã podia ser apontada para qualquer função, mas a hierarquia social era bastante rígida, e Siuan estava bem abaixo do que já estivera. Um dos motivos era esse.

Havia cópias dos papéis do colo de Sheriam no colo de Siuan e na mesa à frente de Egwene. Relatórios sobre tudo, desde o número de velas e sacas de feijão que restavam no acampamento até o estado dos cavalos, e o mesmo sobre o exército de Lorde Bryne. O acampamento do exército circundava o das Aes Sedai, com um anel de cerca de vinte passadas de largura entre ambos, mas, sob muitos aspectos, era como se estivessem a uma milha um do outro. Para surpresa geral, Lorde Bryne insistia naquilo tanto quanto as irmãs. As Aes Sedai não queriam soldados zanzando em meio às suas tendas, sendo muitos daqueles homens rufiões iletrados e sujos, não raro de dedos leves. Mas parecia que tampouco os soldados queriam Aes Sedai perambulando entre eles, embora, talvez sabiamente,

escondessem bem seus motivos. Marchavam rumo a Tar Valon para derrubar uma usurpadora do Trono de Amyrlin e colocar Egwene em seu lugar, mas eram poucos os homens que se sentiam confortáveis perto das Aes Sedai. E poucas mulheres também.

Como Curadora, Sheriam ficaria felicíssima de tirar essas questões menores das mãos de Egwene. Já dissera isso, explicando como eram detalhes ínfimos e por que o Trono de Amyrlin não deveria ser sobrecarregado com bobagens do dia a dia. Siuan, por outro lado, dizia que uma boa Amyrlin prestava atenção a esse tipo de coisa. Não que fosse tentar replicar o trabalho de dezenas de irmãs e funcionárias, apenas devia supervisionar um detalhe diferente todos os dias. Agindo assim, teria uma boa ideia do que estava acontecendo e do que precisava ser feito antes que alguém aparecesse correndo diante dela com uma crise já explodindo. Sentir o vento, ver para onde estava soprando, como dizia Siuan. Garantir que os relatórios chegassem às suas mãos demandara semanas, e Egwene tinha certeza de que, tão logo os delegasse para o controle de Sheriam, só ficaria sabendo do que estava se passando quando a coisa já estivesse muito bem resolvida. Se tanto.

Um silêncio se estendeu quando começaram a ler o próximo papel de cada pilha.

Não estavam sozinhas. Chesa, acomodada em almofadas numa das laterais da tenda, se pronunciou:

— Luz muito fraca faz mal para a vista — murmurou, quase que para si mesma, levantando uma das meias de seda de Egwene que vinha remendando. — Eu nunca que iria estragar meus olhos lendo estas letrinhas com tão pouca luz.

Quase a ponto de poder ser chamada de robusta, a mulher com um cintilar nos olhos e um sorriso feliz fora designada como criada de Egwene

e sempre tentava dar um jeitinho de aconselhar a Amyrlin como se falasse consigo mesma. Chesa parecia estar há vinte anos a serviço de Egwene, não menos de dois meses, e passaria por três vezes mais velha que ela, em vez de apenas duas. Naquela noite, a nova Amyrlin suspeitou que a mulher estivesse falando para preencher o silêncio. Uma tensão se espalhara no acampamento desde a fuga de Logain. O homem capaz de canalizar estivera blindado e vigiado de perto, mas, ainda assim, escapara feito neblina. Todas andavam ressabiadas perguntando-se como ele fugira, imaginando onde estaria e o que pretendia fazer. Mais que todas, Egwene queria poder ter certeza de que sabia o paradeiro de Logain Ablar.

Sheriam bateu firme com os dois pulsos nos papéis e franziu o cenho para Chesa. Não entendia por que Egwene permitia que a criada presenciasse aquelas reuniões e muito menos que a deixasse tagarelar quando quisesse. Era provável que nunca tivesse lhe ocorrido que a presença de Chesa e sua tagarelice inesperada frequentemente a perturbavam o suficiente para que Egwene conseguisse se esquivar de conselhos que não queria seguir e adiar decisões que não queria tomar — ao menos não do jeito que Sheriam gostaria que tomasse. Era certo que essa ideia nunca ocorrera a Chesa, que abriu um sorriso culpado e retomou os remendos, murmurando sozinha vez ou outra.

— Se continuarmos, Mãe, quem sabe não terminamos antes do amanhecer — comentou Sheriam, gélida.

Encarando a página seguinte, Egwene esfregou as têmporas. Chesa talvez estivesse certa quanto à luz. Estava sentindo outra dor de cabeça começando. Em todo caso, talvez fosse por conta da página, que detalhava quanto dinheiro ainda tinham. As histórias que lera nunca mencionavam quanto dinheiro era necessário para a manutenção de um exército. Anexados à folha, havia anotações de duas das Votantes, Romanda e

Lelaine, sugerindo que pagassem os soldados com menos frequência — que, na verdade, se pagasse menos. E a verdade é que também eram mais do que sugestão, assim como Romanda e Lelaine eram mais do que duas meras Votantes do Salão. Outras Votantes seguiam a liderança das duas, ainda que não de todas as formas; em contrapartida, a única Votante com quem Egwene podia contar era Delana, e não tanto assim. Era raro que Lelaine e Romanda chegassem a uma concordância, e era difícil terem escolhido um assunto pior. Alguns soldados tinham feito juramentos, mas a maioria estava ali pelo pagamento, talvez na esperança de pilhagens.

— Os soldados serão pagos como sempre — resmungou Egwene, amassando os dois bilhetes. Não deixaria seu exército se desfazer, assim como não permitiria pilhagens.

— Como a senhora ordenar, Mãe.

Os olhos de Sheriam faiscaram de prazer. As dificuldades deviam ser bem evidentes para ela, pois qualquer pessoa que a considerasse menos que “muito inteligente” estaria em sérios problemas, mas a mulher tinha, sim, um ponto cego: se Romanda ou Lelaine dissessem que o sol estava subindo, era muito provável que Sheriam afirmasse que estava baixando. Ela antes tivera quase tanta influência no Salão quanto aquelas as duas agora tinham, talvez mais, até que elas puseram um ponto final naquela rixa. O contrário também valia: as duas se posicionariam contra qualquer coisa que Sheriam quisesse sem nem parar para pensar. O que, em termos gerais, tinha lá sua serventia.

Egwene bateu de leve com os dedos no tampo da mesa, mas tratou de pará-los. O dinheiro teria de ser arranjado — em algum lugar, de alguma forma —, mas não precisava deixar Sheriam notar sua preocupação.

— Aquela novata vai ser ótima — murmurou Chesa, enquanto costurava. — As tairenas estão sempre de nariz empinado, claro, mas

Selame sabe muito bem o que é necessário para ser a criada de uma lady. Daqui a pouquinho, Meri e eu conseguiremos deixar ela acostumada.

Sheriam revirou os olhos, irritada.

Egwene sorriu por dentro. Egwene al’Vere com três criadas à sua disposição. Tão inacreditável quanto a própria estola. Mas o sorriso só durou um piscar de olhos. Criadas também precisavam ser pagas. Uma quantia minúscula, se comparada com a de trinta mil soldados, e ninguém esperaria que a Amyrlin fosse lavar as próprias roupas ou remendar as camisolas, mas teria se saído esplendidamente bem só com Chesa. E o faria, se a escolha fosse sua. Menos de uma semana antes, Romanda decidira que a Amyrlin precisava de mais uma serviçal e descobriu Meri entre os refugiados que iam buscando abrigo de aldeia em aldeia, sempre acabando expulsos; para não ficar para trás, Lelaine tirara Selame dessa mesma fonte. As duas foram atulhadas na tendinha de Chesa antes que Egwene sequer soubesse de sua existência.

Todo o princípio da questão estava errado: *três* criadas quando não havia prata suficiente para pagar o exército nem até a metade do caminho até Tar Valon, serviçais escolhidas sem aviso. E também o fato de que ainda tinha outra criada, mesmo que não recebesse nem um cobre — afinal, todos acreditavam que Marigan era serva da Amyrlin.

Por baixo da mesa, apalpou a bolsinha do cinto, sentindo o bracelete lá dentro. Deveria usá-lo mais vezes. Era sua obrigação. Mantendo as mãos ocultas, tirou o bracelete do fundo da bolsa e deslizou-o até circundar o pulso, uma tira de prata confeccionada de tal forma que o fecho ficava invisível quando fechado. Era feito com o Poder Único e se fechou suavemente sob a mesa, então Egwene quase o tirou de novo.

As emoções inundaram um canto de sua mente, emoções e percepções. Um canto bem pequeno, como se Egwene estivesse imaginando. Mas não

era imaginação, era tudo bem real. O bracelete, metade de um *a'dam*, criava uma ligação entre ela e a mulher que usasse a outra metade, uma coleira de prata que a portadora não tinha como remover sozinha. Sem precisar abraçar *saidar*, formavam um círculo de duas pessoas, Egwene sempre na liderança, por conta do bracelete. “Marigan” estava dormindo, os pés doloridos depois de passarem aquele dia e todos os últimos andando, mas, mesmo dormindo, o medo escoava com toda a força. Só o ódio chegava perto do medo, na torrente que fluía pelo *a'dam*. A relutância de Egwene era fruto da inquietação permanente pelo terror da outra mulher, por já ter usado a coleira de um *a'dam* e por conhecer quem estava na outra extremidade. Egwene odiava compartilhar qualquer parte daquela mulher.

Só três pessoas no acampamento sabiam que Moghedien era uma prisioneira escondida em meio às Aes Sedai. Se descobrissem, Moghedien seria julgada, estancada e executada em pouco tempo. Se descobrissem, podia ser que Egwene não demorasse a ter o mesmo fim, assim como Siuan e Leane, as outras duas que sabiam. Na melhor das hipóteses, lhe arrancariam a estola.

Por proteger uma das Abandonadas da justiça, pensou, sombria, vai ser muita sorte se só me enfiarem de volta entre as Aceitas. Sem notar, Egwene correu o polegar pelo anel dourado da Grande Serpente no dedo indicador da mão direita.

Em todo caso, a despeito de quão justa pudesse ser uma punição dessa ordem, era pouco provável de acontecer. Fora ensinada que a mais sábia das irmãs era eleita o Trono de Amyrlin, mas aprendera que a verdade era muito mais que isso. A escolha de uma Amyrlin era uma disputa tão intensa quanto a eleição de um prefeito em Dois Rios, talvez até mais. Ninguém se dera ao trabalho de se colocar contra seu pai, em Campo de Emond, mas Egwene já ouvira falar das eleições em Trilha de Deven e Barca do Taren.

Siuan só fora elevada a Amyrlin porque as três mulheres que a antecederam tinham falecido depois de poucos anos no Trono. Com isso, o Salão optara por alguém jovem. Falar sobre idade com uma irmã era pelo menos tão rude quanto esbofeteá-la, mas Egwene começara a ter alguma ideia de quanto tempo vivia uma Aes Sedai. Era raro que uma mulher fosse escolhida como Votante antes de ter usado o xale por pelo menos setenta ou oitenta anos, e as Amyrlins, em geral, eram ainda mais velhas. *Bem* mais, na verdade. Então, quando o Salão se viu num impasse entre quatro irmãs elevadas a Aes Sedai menos de cinquenta anos antes, e então Seaine Herimon, da Ajah Branca, sugeriu uma mulher que usara o xale por apenas *dez* anos, a exaustão depois do impasse pode ter tido o mesmo peso que as qualificações de Siuan para administrar a Torre quando as Votantes optaram por ela.

E Egwene al’Vere, que, na opinião de muitas, ainda deveria ser noviça? Uma testa de ferro, fácil de manipular, uma *criança* que crescera na mesma aldeia que Rand al’Thor... Essa última informação com certeza pesara na decisão. As Votantes não iriam tirar a estola dela, mas Egwene se veria desprovida da pouca autoridade que conseguira amearhar. Romanda, Lelaine e Sheriam talvez até se estapeassem para decidir quem marcharia por aí com ela agarrada pela nuca.

— Este bracelete é bem parecido com o que vi Elayne usando. — Os papéis no colo de Sheriam crepitaram quando ela se inclinou para a frente, para enxergar melhor. — E Nynaeve. As duas compartilham a joia, pelo que me lembro.

Egwene levou um susto. Fora descuidada.

— É o mesmo. Uma lembrancinha que deixaram de presente quando foram embora.

Girando o pequeno círculo de prata no pulso, Egwene sentiu uma pontada de culpa que era inteiramente dela própria. O bracelete tinha um aspecto segmentado, mas fora confeccionado com tanta destreza que não era possível identificar exatamente como o padrão se construía. Mal pensara em Nynaeve e Elayne desde que as duas tinham partido para Ebou Dar. Talvez devesse mandá-las voltarem. Parecia que a busca que vinham fazendo não estava indo bem, embora as duas negassem isso. Mas, se conseguissem encontrar o que estavam procurando... Sheriam tinha o cenho franzido, mas Egwene não tinha como afirmar se era pelo bracelete ou não. Porém, não podia permitir que Sheriam começasse a pensar muito sobre a joia. Se algum dia a mulher percebesse que fazia par com a coleira de “Marigan”, poderia haver perguntas muito constrangedoras.

Egwene se levantou e alisou a saia enquanto dava a volta na mesa. Siuan obtivera várias pequenas informações naquele dia, e era uma boa hora para fazer uso de alguma. Não era a única escondendo segredos. Sheriam deu a impressão de estar surpresa quando Egwene parou perto demais para que ela tivesse como se levantar.

— Filha, descobri que, poucos dias depois de Siuan e Leane chegarem a Ebou Dar, dez irmãs partiram, duas de cada Ajah ali presente, menos da Azul. Para onde foram e por quê?

Os olhos de Sheriam se estreitaram um pouco, mas a mulher trajava serenidade com tanta desenvoltura quanto trajava o vestido.

— Mãe, não consigo me lembrar de tudo que...

— Sem rodeios, Sheriam. — Egwene se aproximou um pouco mais, até os joelhos das duas quase se tocarem. — Nada de mentir por omissão. A verdade.

Um cenho franzido fez a testa lisa de Sheriam se encher de vincos.

— Mesmo que eu soubesse, Mãe, você não pode ficar se incomodando com cada...

— A verdade, Sheriam. Só a verdade. Será que vou ter que ir diante do Salão perguntar por que minha Curadora pensa que não posso ouvir a verdade? Você vai dizer, filha, de um jeito ou de outro. *Vai* me dizer.

Sheriam virou a cabeça de um lado a outro, como se buscasse alguma escapatória. Seus olhos pousaram em Chesa, debruçada sobre as costuras, e a mulher quase arquejou de alívio.

— Amanhã, Mãe, quando estivermos sozinhas, tenho certeza de que vou poder explicar tudo a contento. Preciso falar com algumas irmãs primeiro.

Para que pudessem arquitetar o que Sheriam diria.

— Chesa — chamou Egwene —, espere lá fora, por favor.

A criada se levantou num pinote ligeiro e saiu quase correndo da tenda. Quando Aes Sedai batiam boca, qualquer pessoa com meio cérebro corria para bem longe.

— Agora, filha. A verdade. Tudo o que você sabe. Isto aqui é o máximo de privacidade que você vai ter — acrescentou, quando Sheriam deu uma olhadela para Siuan.

Por um momento, Sheriam ajustou as saias, puxando-as um pouco, na verdade, evitando os olhos de Egwene, sem dúvida ainda formulando suas evasivas. Mas os Três Juramentos a aprisionavam. A mulher não podia falar nenhuma palavra que não fosse verdadeira, e esgueirar-se pelas costas de Egwene era bem diferente de negar a autoridade da Amyrlin cara a cara, não importava o que pensasse sobre a posição que a jovem ocupava. Até Romanda mantinha as cortesias apropriadas ao cargo, ainda que, às vezes, por um fio.

Sheriam respirou fundo, entrelaçou as mãos no colo e falou, com sentenças bem diretas, encarando o peito de Egwene.

— Quando nós descobrimos que a Ajah Vermelha era responsável por colocar Logain como falso Dragão, decidimos que alguma providência precisava ser tomada.

Esse “nós” decerto se referia à pequena camarilha de irmãs que se formara junto dela. Carlinya, Beonin e as outras exerciam tanta influência quanto a maioria das Votantes, ainda que não exatamente no Salão.

— Como Elaida estava distribuindo ordens para que todas as irmãs voltassem à Torre, escolhemos dez para fazerem exatamente isso, e da forma mais rápida que pudessem. Já devem estar lá há tempos. Mantendo a discrição, mas garantindo que todas as irmãs na Torre compreendam a verdade do que as Vermelhas fizeram com Logain. Nem mesmo... — Ela hesitou, então concluiu apressada: — Nem mesmo o Salão sabe disso.

Egwene se afastou, esfregando as têmporas. Mantendo a discrição e garantindo que todas saibam. Na esperança de que Elaida fosse deposta. Não era um plano ruim, na verdade. Poderia até acabar dando certo. Também poderia levar anos. Nesse caso, para a maioria das irmãs, quanto mais pudessem avançar sem *fazer* nada, melhor. Com tempo suficiente, conseguiriam convencer o mundo todo de que a Torre Branca jamais se partira de fato. E a Torre já se partira antes, ainda que só uns poucos soubessem. Talvez, com tempo suficiente, essas mulheres encontrassem um jeito de ajustar tudo para que, na verdade, a questão toda não tivesse nem ocorrido.

— Por que esconder do Salão, Sheriam? Você com certeza não acredita que alguém ali iria trair e revelar seus planos para Elaida.

Metade das irmãs olhava para outra metade de viés por medo das simpatizantes de Elaida. Mas esse medo era só parte da questão.

— Mãe, qualquer irmã que pense que o que fazemos é errado dificilmente iria permitir ser apontada como Votante. Qualquer uma já teria

se retirado bem antes disso. — Sheriam não relaxara, mas sua voz assumira o tom paciente e professoral que a mulher parecia achar que surtia mais efeito com Egwene. Em geral, no entanto, era mais hábil para mudar de assunto. — Essas suspeitas são o pior problema que enfrentamos. Ninguém confia de verdade em ninguém. Se pudéssemos descobrir como...

— A Ajah Negra — interrompeu Siuan, tranquila. — É isso que faz o sangue delas gelar como se tivessem lúcios subindo pelas saias. Quem consegue saber quem é da Ajah Negra, e quem sabe dizer do que uma irmã Negra é capaz?

Sheriam lançou outro olhar firme para Siuan, mas, logo depois, a força lhe escapou. Ou melhor, foi substituída por alguma tensão. Ela deu uma olhada para Egwene, então assentiu, relutante. Pelo jeito amargo como torceu a boca, e se já não estivesse claro que Egwene não admitiria desvios, teria apelado para mais uma evasiva. Àquela altura, quase todas as irmãs no acampamento acreditavam na Ajah Negra, mas, depois de mais de três mil anos negando sua existência, a questão causava mal estar. Quase ninguém abriria a boca para tocar nesse assunto, a despeito do que acreditassem.

— A questão, Mãe — prosseguiu Siuan —, é o que vai acontecer quando o Salão descobrir. — Ela dava a impressão de estar pensando alto de novo. — Não consigo visualizar nenhuma Votante aceitando a desculpa de que não poderia ser informada porque poderia estar do lado de Elaida. E, quanto à insinuação de que alguém poderia ser da Ajah Negra... É, acho que elas vão ficar bem chateadas.

O rosto de Sheriam empalideceu de leve, e foi bem surpreendente que a Curadora não estivesse branca feito um cadáver. “Chateadas” não dava nem para o começo. Sim, Sheriam enfrentaria *bem* mais que meras chateações, caso aquilo viesse à tona.

Era o momento de Egwene capitalizar a situação a seu favor, mas outra questão lhe ocorreu: se Sheriam e suas companheiras tinham enviado... O que eram? Espiãs? Não... Furões, talvez, lançados parede adentro para caçar ratos. Se Sheriam enviara furões para a Torre Branca, será que...?

Uma súbita punhalada de dor vinda daquele bolsão de sensações lá no fundo da mente de Egwene jogou todos os pensamentos pelos ares. Se tivesse sentido aquilo diretamente, o efeito seria de entorpecimento. Da forma como foi, seus olhos já se esbugalharam de choque. Um homem capaz de canalizar estava tocando na coleira em torno do pescoço de Moghedien, e aquela era uma ligação à qual homem nenhum podia ser acrescentado. A dor era somada a algo inédito vindo de Moghedien: esperança. Em seguida, tudo desapareceu: a percepção, as emoções. A coleira se soltara.

— Eu... preciso de um pouco de ar fresco — Egwene conseguiu dizer. Sheriam fez menção de se levantar, Siuan também, mas Egwene acenou para que ambas voltassem a sentar. — Não, quero ficar sozinha — advertiu, às pressas. — Siuan, descubra tudo o que Sheriam sabe sobre os furões. Quer dizer, Luz, sobre as dez irmãs.

As duas a encararam, mas, graças à Luz, nenhuma a seguiu quando Egwene arrancou a luminária do gancho e saiu apressada.

Não ficaria bem para a Amyrlin ser vista correndo, mas Egwene chegou perto disso, suspendendo as saias divididas o melhor que pôde com a única mão livre, avançando quase num trote. O céu limpo permitia que a luz do luar brilhasse sobre a paisagem, deixando tendas e carroções sarapintados de sombras. Quase todos no acampamento estavam dormindo, mas, aqui e ali, ainda se via fogos baixos. Alguns Guardiões ainda estavam ali fora, alguns serviçais... Olhos demais para testemunhar, caso Egwene corresse.

A última coisa que queria era alguém lhe oferecendo ajuda. Percebeu que estava ofegante, mas fora pelo susto, não pelo esforço.

Enfiou a cabeça e a lanterna na minúscula tenda de “Marigan”, mas o lugar estava vazio. Os lençóis no chão, à guisa de catre, estavam espalhados, largados de qualquer jeito por alguém com pressa.

E se ela ainda estivesse ali?, imaginou. *Sem a coleira, e talvez com quem a tivesse libertado?* Tremendo, Egwene se retraiu devagar. Moghedien tinha bons motivos para não gostar dela, motivos muito pessoais, e a única irmã capaz de fazer frente a um dos Abandonados, isso quando era capaz de canalizar, estava em Ebou Dar. Moghedien poderia ter assassinado Egwene sem ninguém nem notar e, mesmo que alguma irmã sentisse canalização, não haveria nada de excepcional naquilo. Pior ainda: Moghedien poderia não matá-la. E ninguém teria se dado conta de nada até descobrir que ambas tinham sumido.

— Mãe — alvoroçou-se Chesa, atrás dela —, a senhora não deveria se expor ao ar da noite. O ar da noite faz mal. Se era Marigan que você queria, eu poderia ter vindo buscá-la.

Egwene quase deu um salto. Não notara que Chesa a seguira. Examinou as pessoas nas fogueiras mais próximas. Tinham se reunido por camaradagem, não em busca de calor, não naquele clima profano. E não estavam tão próximas, mas podia ser que alguém tivesse visto quem entrara na tenda de “Marigan”. A mulher recebia poucas visitas, decerto. E nunca de homens. Um homem poderia muito bem ter sido notado.

— Acho que ela fugiu, Chesa.

— Mas que mulher terrível! — exclamou Chesa. — Sempre disse que aquelazinha tinha a boca cruel e o olhar furtivo. Ficava se esgueirando por aí feito uma ladra, depois que você a trouxe para cá. Não fosse por você, estaria morrendo de fome na beira de uma estrada! Quanta ingratidão!

A criada continuou com aquilo durante todo o caminho de volta até a tenda onde Egwene dormia, tagarelando sobre a perversidade dos outros e a ingratidão de “Marigan” e sobre como se deveria lidar com pessoas como ela — a punição parecia alternar o açoite até que ela se acalmasse ou uma expulsão, antes que ela pudesse fugir, tudo entremeado por advertências para que Egwene verificasse sua caixa de joias para ter certeza de que tudo ainda estava lá.

Egwene mal ouvia. Sua mente girava. Não podia ter sido Logain, podia? O homem não tinha como saber de Moghedien, muito menos voltar para resgatá-la. Tinha? Aqueles homens que Rand estava reunindo, aqueles Asha’man... Boatos sussurrados em todas as aldeias falavam sobre os Asha’man e a Torre Negra. As irmãs tentavam fingir que não se deixavam afetar por ter dezenas de homens capazes de canalizar reunidos num único lugar — a pior parte das histórias era sempre aumentada, os boatos sempre exageravam —, mas os dedos dos pés de Egwene queriam se enroscar de pavor toda vez que pensava neles. Um Asha’man poderia ter... Mas por quê? E como poderia ter descoberto, assim como Logain?

Estava tentando evitar a única conclusão razoável. Algo bem pior do que a volta de Logain ou até dos Asha’man: um dos Abandonados libertara Moghedien. Rahvin morrera nas mãos de Rand, de acordo com Nynaeve, e ele também matara Ishamael, ou era o que parecia. Assim como Aginor e Balthamel. Moiraine matara Be’lal. Com isso, sobravam Asmodean, Demandred e Sammael, entre os homens. Sammael estava em Illian. Ninguém sabia onde os outros dois estavam, assim como não sabiam de nenhuma das mulheres que tinham sobrevivido. Moiraine também cuidara de Lanfear, ou uma dera um jeito na outra, mas todas as outras ainda estavam vivas, até onde se sabia. Danem-se as mulheres! Tinha sido um homem. Quem? Tinham traçado planos, muito tempo antes, para caso

algun dos Abandonados atacasse o acampamento. Nenhuma irmã ali presente poderia, sozinha, fazer frente a qualquer um dos Abandonados, mas, unidas em círculos, a conversa mudava. E qualquer Abandonado que pusesse os pés no acampamento se depararia com círculos se formando por todos os lados dele. Ou dela. Assim que percebessem quem eram. Por algum motivo, os Abandonados não demonstravam nenhum sinal de idade indefinida. Talvez fosse algum efeito da ligação com o Tenebroso. Eles...

Estava protelando uma decisão. Precisava começar a pensar com clareza.

— Chesa?

— ... parece que o que a senhora precisa é que lhe esfreguem de novo a cabeça, por todos esses problemas, é isso que... Sim, Mãe?

— Encontre Siuan e Leane. Fale para virem me encontrar. Mas não deixe ninguém ouvir você chamá-las.

Com um sorrisinho, Chesa fez uma mesura e saiu em disparada. A mulher não tinha como evitar notar as correntes que giravam em torno de Egwene, mas se divertia com todas aquelas tramas e ardis. Não que soubesse mais que o básico, e, ainda assim, muito pouco. Egwene não duvidada da lealdade da criada, mas sua opinião a respeito do que era divertido poderia mudar caso ela descobrisse a intensidade daquelas correntes.

Egwene canalizou para acender as lamparinas a óleo dentro da tenda, apagou a luminária e a acomodou, com cuidado, em um canto. Precisava de clareza para pensar, mas a sensação ainda era a de que estava tropeçando no escuro.



CAPÍTULO 9



DUPLA DE LÚCIOS

Egwene estava sentada em sua cadeira — uma das poucas cadeiras de verdade no acampamento, com um entalhe bem simples e pequeno, como haveria na melhor poltrona de um fazendeiro. Era espaçosa e confortável o bastante para fazê-la sentir só uma pontinha de culpa pelo espaço precioso que o objeto ocupava nos carroções. Estava sentada, tentando organizar os pensamentos, quando Siuan afastou as abas da abertura da tenda e se agachou para entrar. Não estava nada feliz.

— Por que, pela Luz, você saiu correndo?

Sua voz não mudara com o rosto, e Siuan estava entre as melhores na arte de repreender, mesmo quando o fazia em tons respeitosos. E o tom se mantivera respeitoso, ainda que por pouco. Os olhos azuis também continuavam os mesmos. Serviriam muito bem como a sovela de um seleiro.

— Sheriam me ignorou como se eu fosse uma mosca. — A boca surpreendentemente delicada de Siuan se retorceu com amargura. — Foi embora logo depois que você saiu. Não percebe que a mulher se entregou para você? Ela com certeza percebeu. Ela, Anaiya, Morvrin, todas. Pode ter certeza de que vão passar a noite tentando baldear água e remendar os buracos. Pode ser que consigam. Não vejo como, mas pode ser que encontrem um jeito.

Quase no mesmo instante em que a última palavra saía da boca de Siuan, Leane entrou. Alta e esbelta, o rosto cúpreo tão jovial quanto o de Siuan, e pelo mesmo motivo. A verdade era que aquela mulher também tinha idade mais que suficiente para ser mãe de Egwene. Leane deu uma olhada para Siuan e ergueu as mãos ao máximo que a altura da tenda permitia.

— Mãe, corremos um risco bobo. — De plácidos, os olhos escuros de repente estavam flamejantes, mas a voz tinha um quê de languidez, mesmo quando se mostrava irritada. Um dia, já fora vigorosa. — Se alguém vir Siuan e eu juntas desse jeito...

— Pouco me importa se o acampamento inteiro descobrir que essas rinhas de vocês duas são uma fraude — interrompeu Egwene, incisiva.

Teceu uma pequena barreira contra quem quer que tentasse ouvir as três. Quem tentasse até se poderia se desvencilhar da barreira com o tempo, mas não sem ser detectada, desde que Egwene segurasse a tessitura em vez de amarrá-la.

Na verdade se importava, sim, e talvez não devesse ter chamado as duas ao mesmo tempo, mas o primeiro pensamento coerente que teve fora convocar as duas irmãs com quem podia contar. Ninguém no acampamento sequer suspeitava. Todos sabiam que a antiga Amyrlin e a antiga Curadora se detestavam com a mesma intensidade com que Siuan detestava ser tutora de sua sucessora. Caso alguma irmã desmascarasse a verdade, era bem possível que se vissem pagando penitências por um bom tempo, e penitências nada fáceis — Aes Sedai desgostavam de serem feitas de bobas ainda mais que outras pessoas, e até *reis* tinham sido obrigados a pagar por isso. Porém, enquanto nada era descoberto, a suposta animosidade entre as duas gerava alguma vantagem em relação às outras irmãs, incluindo as Votantes. Se *aquelas duas* diziam a mesma coisa, era porque devia ser mesmo certo. Outro efeito incidental do estancamento era bastante útil, e

algo de que ninguém mais sabia: não estavam mais presas pelos Três Juramentos, então podiam mentir feito mercadoras de lã.

Tramas e trapanças por todos os lados. O acampamento era como um pântano fétido onde estranhas colônias germinavam, incógnitas, sob as brumas. Talvez fosse assim em qualquer lugar onde Aes Sedai se reunissem. Depois de três mil anos de conspirações, necessárias ou não, não era nenhuma surpresa que tramar tivesse se tornado uma habilidade quase inata para a maioria das irmãs, e só um pouco menos que isso para as demais. Horrível mesmo foi Egwene ver que começava a apreciar toda aquela maquinação. Não pelas maquinações em si, mas por serem enigmas a resolver, ainda que nenhum pedaço retorcido de ferro pudesse intrigá-la tanto assim. O que aquilo dizia a seu respeito, Egwene não queria saber. Bem, a despeito do que qualquer um pensasse, ela *era* Aes Sedai, então precisava aceitar tanto o lado ruim disso quanto o bom.

— Moghedien escapou — anunciou. Então continuou, sem pausa: — Um homem removeu o *a'dam*. Um homem capaz de canalizar. Acho que um homem desses tirou a coleira. Não estava na tenda dela, pelo que vi. Talvez tenha algum jeito de encontrá-la usando o bracelete, mas, se tiver, eu desconheço.

Aquilo acabou com o ímpeto de briga das duas. As pernas de Leane fraquejaram, e ela desabou feito uma saca no banquinho que Chesa às vezes usava. Siuan se sentou devagar na cama dobrável, as costas bastante eretas, as mãos quietíssimas sobre os joelhos. Um tanto fora de propósito, Egwene notou que o vestido da mulher tinha pequeníssimas flores azuis bordadas num amplo labirinto taireno ao redor da bainha da saia, uma faixa que fazia as saias divididas parecerem uma só quando ela estava parada. Outra faixa envolvia o corpete com elegância. Aquela preocupação com as roupas, com que fossem bonitas, ao invés de apenas adequadas, decerto era uma

mudança pequena, por um lado — e Siuan nunca radicalizava. Mas, por outro, era uma mudança tão drástica quanto o semblante dela. E um enigma. A antiga Amyrlin se ressentia de mudanças e resistia a elas. Exceto a essa.

Leane, pelo contrário, e de fato à moda das Aes Sedai, abraçava a mudança. Era jovem de novo, Egwene ouvira falar de uma Amarela exclamando, assombrada, que ambas estavam no auge da idade fértil, pelo que podia dizer. E, daquele jeito, parecia jamais ter sido Curadora, jamais ter tido outro rosto. A própria imagem da praticidade e da eficiência se tornaram o ideal daquela domanesa indolente e sedutora. Até o vestido de cavalgada era ao estilo de sua terra natal, e pouco importava que a seda, tão fina que mal parecia opaca, fosse tão pouco prática quanto a cor verde clara para se viajar naquelas estradas poeirentas. Informada de que ter sido estancada quebrara todos os laços e associações, Leane escolhera a Ajah Verde, em vez de voltar para a Azul. A troca de Ajahs não era uma prática entre as Aes Sedai, mas, em todo caso, ninguém tampouco fora estancada e depois Curada. Siuan voltara de imediato para a Azul, mas não sem reclamar da necessidade idiota de “suplicar e apelar para ser aceita”, como rezava a formalidade.

— Ai, Luz! — suspirou Leane, se deixando cair no banquinho com bem menos que a graça habitual. — Deveríamos ter entregado aquela mulher para julgamento logo no primeiro dia. Nada do que descobrimos com ela compensa o fato de que está de novo à solta no mundo. Nada!

Aquilo dava a medida do choque que Leane sentia, já que não costumava sair afirmando o óbvio. Seu cérebro ainda não se tornara indolente, não importava o que demonstrasse em sua conduta exterior. As domanesas até podiam se mostrar lânguidas e sedutoras, mas ainda assim eram conhecidas como as comerciantes mais argutas.

— Sangue e malditas...! Devíamos ter deixado alguém de olho nela — rosnou Siuan, entre dentes.

As sobrancelhas de Egwene se ergueram. A mulher devia estar tão abalada quanto Leane.

— Quem, Siuan? Faolain? Theodrin? Elas nem sabem que vocês duas estão do meu lado.

Do seu lado? Eram só cinco mulheres. E Faolain e Theodrin estavam longe de ser as seguidoras mais ávidas, sobretudo Faolain. Nynaeve e Elayne também podiam entrar na conta, claro, e com certeza Birgitte, mesmo que não fosse Aes Sedai. Mas estavam bem longe. Dissimulação e astúcia seguiam sendo seus maiores atributos. Além do fato de ninguém esperar nada daquilo vindo dela.

— Como queria que eu explicasse para *quem quer que fosse* o porquê de minha serviçal ter que ser vigiada? — continuou. — Aliás, de que isso teria adiantado? Só pode ter sido um dos Abandonados. Acha mesmo que Faolain e Theodrin, juntas, teriam conseguido impedi-lo? Não tenho certeza nem de que *eu* conseguiria isso, nem mesmo ligada a Romanda e Lelaine. — Eram as duas mais fortes do acampamento na sequência, tão fortes no Poder quanto Siuan costumava ser.

Foi visível o esforço de Siuan para desfazer a carranca, mas, ainda assim, ela bufou. A mulher tinha o hábito de dizer que, se não podia mais ser a Amyrlin, ensinaria Egwene a ser a melhor Amyrlin de todos os tempos. A transição de leão no topo da colina para rato rente ao chão era difícil, e Egwene lhe permitia algumas liberdades por conta disso.

— Quero que as duas saiam questionando o pessoal perto da tenda em que Moghedien dormia. Alguém deve ter visto esse homem. Só pode ter vindo a pé. Qualquer um que tentasse abrir um portão dentro de um espaço

tão pequeno correria o risco de cortar Moghedien ao meio, por menor que fosse a tessitura.

Siuan bufou, mais alto que na primeira vez.

— Para que se dar ao trabalho? — rosnou. — Pretende ir atrás dela e trazê-la de volta, feito um herói idiota de uma história idiota de menestrel? Talvez queira pegar todos os Abandonados de uma vez? E ainda vencer a Última Batalha, enquanto isso? Mesmo que tenhamos uma descrição exata, dos pés à cabeça, ninguém sabe diferenciar um Abandonado do outro. Pelo menos ninguém aqui. Essa é a desgraça do tonel de tripas de peixe mais inútil que já...!

— Siuan! — cortou Egwene, contundente, sentando-se ainda mais ereta.

Liberdade era uma coisa, mas havia limites. Não tolerava aquilo nem de Romanda.

A cor foi brotando devagar nas bochechas de Siuan. Com dificuldades para se controlar, ela amassava as saias e evitava os olhos de Egwene.

— Me perdoe, Mãe — pediu, por fim. Soou quase como se quisesse mesmo pedir perdão.

— Tem sido um dia difícil para ela, Mãe — acrescentou Leane com um sorriso malicioso. Era muito boa nos sorrisos, mas em geral guardava o artifício para acelerar o coração de algum homem. Sem promiscuidade, claro. A mulher tinha amplas reservas de discernimento e discrição. — Mas, em todo caso, quase todos são. Se ela ao menos aprendesse a não jogar objetos em Gareth Bryne toda vez que fica com raiva...

— Chega! — irrompeu Egwene. Leane só estava tentando tirar um pouco da pressão de cima de Siuan, mas o humor da Amyrlin não estava para brincadeiras. — Quero descobrir qualquer coisa que eu puder sobre quem libertou Moghedien, mesmo que seja só se era um homem alto ou baixo. Qualquer detalhe que o torne menos como uma sombra se

esgueirando no escuro. Se isso não for mais que o que eu tenho o direito de pedir.

Leane se sentou e ficou imóvel, só encarando as flores no tapete diante dos próprios pés.

A vermelhidão se espalhou até cobrir quase todo o rosto de Siuan. Com a pele clara, ficou parecida com um pôr do sol.

— Eu... humildemente peço perdão, Mãe. — Desta vez, a mulher de fato soou arrependida. A dificuldade em olhar Egwene nos olhos era óbvia. — Às vezes é difícil... Não, sem desculpas. Eu humildemente peço perdão.

Egwene dedilhou a estola, deixando o momento se assentar enquanto olhava para Siuan, sem piscar. Tratava-se de algo que a própria Siuan lhe ensinara. Mas, depois de um tempo, o desconforto fez a mulher se agitar na cama dobrável. Quando alguém sabia que estava errado, o silêncio era uma alfinetada, e as alfinetadas eram a consciência de que se estava errado. O silêncio era uma ferramenta bastante útil em diversas situações.

— Como não consigo me lembrar do que deveria perdoar — respondeu Egwene, por fim, tranquila —, parece que não há necessidade de pedir perdão. Mas, Siuan... Que isso não se repita.

— Obrigada, Mãe. — Um quê de uma risada irônica enviesou os cantos da boca da antiga Amyrlin. — Se me permite dizer, parece que lhe ensinei muito bem. Mas, se me permite sugerir... — Ela aguardou o meneio impaciente de Egwene. — Uma de nós deve transmitir a ordem para Faolain ou Theodrin, para que elas façam os questionamentos, e parecendo muito contrariada por ter sido feita de mera mensageira. As duas investigando devem gerar um pouco menos de comentários do que Leane ou eu. Todos sabem que você protege as duas.

Egwene concordou de imediato. Ainda não estava raciocinando com clareza, ou ela mesma teria proposto aquilo. A sensação de dor de cabeça

voltara. Chesa afirmava que era fruto da falta de sono, mas era difícil dormir quando com a cabeça tesa feito a pele de um tambor. Precisaria de uma cabeça maior que a que tinha para que não se sentisse tensa, cheia de tantas preocupações. Bem, pelo menos àquela altura podia passar adiante os segredos que tinham mantido Moghedien escondida, como as tecituras de disfarces com o Poder e os artifícios para esconder sua capacidade de canalizar de outras mulheres também capazes. Revelar aqueles conhecimentos era arriscado demais quando poderia ter resultado em expor Moghedien.

Terei um pouco mais de aclamação, pensou, irônica. Houve uma grande dose de afagos e exclamações quando anunciou o segredo até então perdido da Viagem, cujo mérito ao menos fora dela, e mais elogios ainda para cada um dos segredos que arrancara de Moghedien, cada um com a mesma penosidade que arrancar um dente molar. Nada disso, porém, fazia uma nesga de diferença em sua situação. Dar tapinhas na cabeça de uma criança talentosa não fazia ninguém esquecer que se tratava de uma criança.

Leane foi embora com uma reverência e um comentário seco de que não lamentava se, desta vez, alguma outra pessoa teria menos que uma noite inteira de descanso. Siuan esperou. Não poderiam permitir que ninguém a visse saindo junto de Leane. Por um tempo, Egwene apenas examinou a outra mulher. Nenhuma das duas falou. Siuan parecia absorta em seus pensamentos. Por fim, se sobressaltou e, endireitando o vestido, se levantou, claramente se preparando para sair.

— Siuan — chamou Egwene, hesitante, e ficou sem saber como continuar.

Siuan achou que tinha entendido.

— Você não só estava certa, Mãe — disse, encarando Egwene nos olhos —, como foi tolerante. Tolerante demais, embora eu não deveria dizer. Você

é o Trono de Amyrlin, ninguém pode ser insolente ou impertinente com você. Se tivesse me imposto uma punição que faria até Romanda sentir pena de mim, não seria mais do que eu merecia.

— Vou lembrar disso na próxima vez — respondeu Egwene, no que Siuan curvou a cabeça, como se aceitasse. Talvez aceitasse mesmo. A menos que as mudanças nela fossem mais profundas que o que parecia possível, era quase certo que haveria uma próxima vez, e outras mais. — Mas o que eu quero mesmo é perguntar sobre Lorde Bryne. — Toda a expressividade desapareceu do rosto de Siuan. — Tem certeza de que não quer que eu... intervenha?

— Por que eu iria querer isso, Mãe? — A voz de Siuan estava mais insossa que sopa de água fria. — Minhas únicas obrigações são ensinar a você sobre a etiqueta do seu ofício e repassar a Sheriam os relatórios dos meus olhos-e-ouvidos. — A mulher ainda mantinha parte da antiga rede, embora fosse improvável que algum deles soubesse para quem seus relatórios eram encaminhados, àquela altura. — Gareth Bryne não merece tanto do meu tempo para que se interfira nisso.

Ela quase sempre se referia a ele pelo nome e, mesmo quando o chamava pelo título, dava um jeito de depreciá-lo.

— Siuan, um estábulo incendiado e algumas vacas não podem custar tanto. — Não se comparava a ter de pagar e alimentar todos aqueles soldados, certamente. Mas já tinha oferecido antes, e a dureza da resposta fora a mesma.

— Eu agradeço, Mãe, mas não. Não vou ouvi-lo repetir que faltei com minha palavra, e o que jurei foi que *trabalharia* para pagar minha dívida. — De repente, a rigidez de Siuan se transformou em gargalhadas, algo raro quando ela falava sobre Lorde Bryne. Caras emburradas eram bem mais

comuns. — Se for para se preocupar com alguém, preocupe-se com ele, não comigo. Não preciso de ajuda para lidar com Gareth Bryne.

E o estranho era isso. Siuan podia estar fraca com o Poder Único, mas não tão fraca a ponto de precisar seguir como serviçal do homem, passando horas com água quente e sabão até os cotovelos cuidando de camisas e roupas íntimas. Talvez tenha feito isso para manter por perto alguém em quem pudesse soltar os cachorros que, de outra forma, era obrigada a manter presos. Fosse qual fosse o motivo, não foi pouco o disse-me-disse que a situação gerou, além de confirmar a esquisitice de Siuan para muitos olhos. Ela *era* Aes Sedai, afinal, ainda que de uma hierarquia bem mais baixa. Os métodos de Bryne para lidar com o gênio da mulher — que uma vez chegou a arremessar pratos e botas — deixavam Siuan ultrajada e geravam ameaças de consequências terríveis. Mas, embora a antiga Amyrlin pudesse ter deixado Bryne amarrado sem conseguir mover um único dedo, Siuan nunca nem encostava em *saidar* perto dele, nem para as tarefas domésticas relacionadas a ele, nem mesmo se precisasse ter que ficar de bruços nos joelhos dele — fato que a mulher mantivera escondido, mas algumas coisas escapavam junto de um de seus famosos ataques de fúria ou quando Leane estava de bom humor. Parecia que *não havia* explicação. Siuan não era tola nem fraca de espírito, não era nem submissa nem medrosa, não era...

— Melhor você ir, Siuan. — Estava claro que alguns segredos não seriam revelados naquela noite. — Já está tarde, e sei que você quer ir para a cama.

— Sim, Mãe. E obrigada — acrescentou, embora Egwene não soubesse dizer pelo que ela estava agradecendo.

Depois que Siuan saiu, Egwene tornou a esfregar as têmporas. O impulso era o de andar em círculos, o que não podia ser feito na tenda.

Podia até ser a maior tenda do acampamento, e ocupada por uma única pessoa, mas isso ainda assim significava um espaço de menos de duas braças de cada lado, e atulhada com a cama dobrável, a cadeira, o banquinho, o lavatório, o espelho de pé e nada menos que três baús cheios de roupas. Chesa quem cuidara desses últimos, além de Sheriam, Romanda, Lelaine e mais uma dúzia de Votantes. Não paravam de se preocupar com os baús: mais algumas meias ou anáguas de seda de presente, outro vestido grandioso o bastante para receber um rei... logo haveria a necessidade de um quarto baú. Podia ser que Sheriam e as Votantes tivessem a esperança de que todos aqueles belos vestidos a deixariam cega para as outras partes, mas Chesa só achava que o Trono de Amyrlin precisava estar trajada à altura do cargo. Serviçais, ao que parecia, acreditavam tanto quanto o Salão na importância de seguir rituais. Em pouco tempo, Selame estaria ali. Era a vez dela de despir Egwene para dormir, mais um ritual. Só que, entre a cabeça e os pés inquietos, a jovem ainda não estava pronta para ir para a cama.

Deixou as lamparinas acesas e saiu apressada, antes que Selame pudesse chegar. Caminhar desanuviaria a mente e talvez a deixasse cansada o suficiente para que dormisse um sono profundo. Forçar-se a pegar no sono não seria problema — as Andarilhas dos Sonhos Sábias tinham ensinado aquela habilidade logo no começo —, mas conseguir descansar enquanto dormia era outra questão. Sobretudo quando a cabeça fervilhava com uma lista de preocupações que se iniciava com Romanda, Lelaine e Sheriam, mas passava por Rand, Elaida, Moghedien, pelo clima, para a necessidade de discrição.

Evitou a área próxima à tenda de Moghedien. Se ela própria fizesse perguntas, a fuga de uma serviçal ganharia muita importância. A discrição se tornara parte de sua natureza. O jogo que jogava permitia poucos deslizes, e ser descuidada onde se sabia que não haveria problema podia

levar a um descuido onde poderia haver. Pior: descobrir que estivera errada nesse julgamento. *Os fracos precisam ousar com cautela.* Siuan de novo. A mulher realmente fazia o melhor para ensiná-la sobre o cargo e conhecia muito bem esse jogo em particular.

A quantidade de gente perambulando pelo acampamento enluarado permanecia a mesma de antes, algumas pessoas exaustas largadas em volta de fogueiras miúdas, extenuadas pelos trabalhos noturnos após a jornada de um dia difícil. Quem a avistava se levantava, apesar do óbvio cansaço, para fazer medidas quando ela passava, murmurando “Que a Luz brilhe sobre a senhora, Mãe” ou algo do tipo, vez ou outra pedindo sua bênção, que ela dava com um simples “Que a Luz a abençoe, criança”. Homens e mulheres com idade suficiente para serem seus avós ficavam radiantes de ouvir aquilo, mas Egwene se perguntava o que, de fato, pensavam a respeito dela, o que sabiam. Todas as Aes Sedai apresentavam uma face inquebrável para o mundo exterior e até para as próprias serviçais. Siuan dizia, no entanto, que, se alguém achasse que um serviçal sabia o dobro do que devia, esse alguém só sabia de meia verdade. Ainda assim, aquelas medidas, reverências e murmúrios a acompanhavam de grupo em grupo, confortando-a com a possibilidade de que pelo menos alguns não a enxergassem como a criança a quem o Salão precisara apelar.

Quando passou por um descampado cercado de cordas amarradas a enormes estacas fincadas no chão, o rasgo de luz prateada de um portão cintilou vividamente na escuridão, girando para se abrir. Não era bem uma luz, já que não produzia sombras. Egwene parou a um canto, junto de uma das estacas, para observar. Ninguém nas fogueiras ali próximas sequer ergueu os olhos. Àquela altura, já estavam acostumados. Dez irmãs ou mais, junto de o dobro de serviçais e um bom número de Guardiões chegaram apressados, com mensagens e gaiolas de vime com pombos de

pombais de Salidar, a umas boas quinhentas milhas a oeste e ao sul dali, com base no voo dos gansos.

Todos começaram a se dispersar antes mesmo de o portão se fechar, levando as cargas para Votantes, para suas Ajahs, alguns voltando para as tendas. Na maioria das noites, Siuan teria estado entre os recém-chegados, já que raramente confiava em alguém para apanhar as mensagens destinadas a ela, mesmo que a maior parte viesse codificada ou criptografada. Às vezes, dava a impressão de que o mundo abrigava mais redes de olhos-e-ouvidos do que Aes Sedai, embora as circunstâncias tivessem deixado a comunicação de muitas bastante truncada. A maior parte dos agentes das várias Ajahs parecia estar agindo com total discrição até que as “dificuldades” da Torre Branca se atenuassem, e um bom número dos olhos-e-ouvidos particulares não fazia a menor ideia da afiliação da mulher a quem serviam.

Vários Guardiões notaram Egwene e fizeram reverências calculadas, com o respeito adequado à estola. As irmãs podiam até olhar para ela de viés, mas o Salão a elevava a Amyrlin, e, para os Gaidin, isso bastava. Diversos serviçais também faziam medidas ou reverências. Nenhuma das Aes Sedai que se afastavam do portão às pressas sequer dava uma olhadela em sua direção. Talvez não tivessem notado sua presença. Talvez.

De certo modo, era um dos “presentes” de Moghedien o fato de que ainda pudessem ouvir as notícias dos olhos-e-ouvidos. As irmãs fortes o bastante para abrir portões tinham passado algum tempo em Salidar, o suficiente para aprender bem como criá-los. As capazes de tecer um portão de tamanho útil podiam Viajar dali para praticamente qualquer lugar, sempre chegando no destino exato. Tentar Viajar para Salidar, entretanto, significaria passar metade de cada noite, até mais, para algumas, aprendendo o novo pedacinho demarcado de chão toda vez que montassem

acampamento. O que Egwene arrancara de Moghedien foi um jeito de Viajar de um lugar que não se conhecia bem para um que se conhecia. Deslizar, aquela forma de abrir portões que era um pouco mais lenta a Viagem normal, não era um dos Talentos perdidos, pois ninguém jamais ouvira falar naquela arte, então até o nome ficou creditado a Egwene. Como qualquer Viajante era capaz de Deslizar, acabava que todas as noites as irmãs Deslizavam até Salidar para procurar os pássaros que tinham retornado ao local onde nasceram, então Viajavam de volta.

A visão deveria tê-la deixado contente, pois as Aes Sedai rebeldes tinham adquirido Talentos que a Torre Branca acreditava estarem perdidos para sempre, além de aprendido alguns novos, e essas habilidades ajudariam a tirar de Elaida o Trono de Amyrlin antes que tudo estivesse terminado. Mas, em vez de prazer, Egwene sentiu amargura. Não tinha nada a ver com ser esnobada, ou pelo menos não tinha muito a ver. Continuou caminhando, as fogueiras ficando mais esparsas, até que ficaram para trás. À sua volta repousavam as formas escuras dos carroções, quase todos com as coberturas de lona esticadas por sobre aros de ferro, além de tendas reluzindo, bem fracas, à luz do luar. Mais à frente, as fogueiras do exército subiam por todas as colinas do entorno como estrelas trazidas ao solo. O silêncio de Caemlyn a deixava com o estômago cheio de nós, a despeito do que qualquer um pensasse.

No mesmíssimo dia em que partiram de Salidar, uma mensagem chegara, apesar de Sheriam só ter se dado ao trabalho de lhe mostrar poucos dias antes, e só depois de repetidas advertências para a necessidade de manter o conteúdo em segredo. O Salão sabia, mas ninguém mais devia saber. Mais um dos dez mil segredos que infestavam o acampamento. Egwene estava convicta de que jamais teria sido informada se não tivesse insistido com as perguntas sobre Rand. Podia lembrar cada palavra

cuidadosamente escolhida, escrita com letrinhas bem miúdas, num papel tão fino que chegava a ser espantoso a caneta não o ter perfurado.

Estamos bem acomodadas na estalagem da qual falamos e já encontramos o mercador de lã. É um jovem realmente extraordinário, tudo o que Nynaeve nos disse. Mesmo assim, foi cortês. Acho que tem um certo medo de nós, o que é positivo. Vai correr tudo bem.

Você deve ter ouvido boatos sobre os homens daqui, inclusive um sujeito de Saldaea. Temo que todos os boatos sejam verdade, mas não vimos nenhum deles e, se possível, vamos evitá-los. Se perseguir duas éguas, ambas acabam escapando.

Verin e Alanna estão aqui, com várias jovens da mesma região do mercador de lã. Vou tentar mandá-las para você, para treinamento. Alanna criou uma conexão com o mercador de lã que pode se provar útil, embora também seja inquietante. Tudo vai correr bem, tenho certeza.

Merana

Sheriam enfatizou o que julgava serem boas notícias. Merana, uma negociadora experiente, chegara a Caemlyn e fora bem recebida por Rand, o “mercador de lã”. Para Sheriam, uma notícia maravilhosa. E Verin e Alanna estariam trazendo garotas de Dois Rios para se tornarem noviças. Sheriam estava convencida de que deviam estar vindo pela mesma estrada por onde estavam seguindo. A mulher parecia achar que Egwene estaria radiante com a expectativa de ver rostos de sua terra natal. Merana cuidaria de tudo. Merana sabia o que estava fazendo.

— Isso é um balde de suor de cavalo — resmungou Egwene, para a noite.

Um sujeito de dentes espaçados que carregava um enorme balde de madeira tomou um susto e ficou embasbacado, tão impressionado de vê-la que se esqueceu da medida.

Rand, *cortês*? Egwene presenciara o primeiro encontro dele com Coiren Saeldain, emissária de Elaida. “Autoritário” resumia bem. Por que ele seria diferente com Merana? E Merana achava que Rand estava com medo, que aquilo era positivo. Era raro o jovem sentir medo, mesmo quando deveria, e, se estava, Merana deveria lembrar que o medo podia tornar perigoso até o homem mais moderado, lembrar que Rand era perigoso só por ser quem era. E o que era essa conexão que Alanna criara? Egwene não confiava plenamente em Alanna. A mulher às vezes fazia coisas bastante esquisitas, talvez por ímpeto e talvez por alguma motivação mais profunda. Egwene não descartaria que ela tentasse dar um jeito de ir para a cama com Rand, que se moldaria como argila nas mãos de uma mulher como ela. Elayne quebraria o pescoço de Alanna, caso isso acontecesse, mas era o que menos importava. O pior de tudo era que nenhum dos pombos que Merana levava aparecera nos pombais de Salidar.

A mulher devia ter *alguma* mensagem para mandar, nem que fosse que ela e o restante da missão diplomática tinham ido a Cairhien. Nos últimos dias, as Sábias não faziam mais que dizer que Rand estava vivo, e ainda assim parecia que ele estava ali, de braços cruzados, sem fazer nada, pelo que Egwene podia ver. O que deveria ter sido um sinal de alerta. Sheriam entendia de outro modo. Quem podia dizer por que um homem fazia o que fazia? Na maioria das vezes, nem o próprio homem devia saber, e, quando se tratava de um capaz de canalizar... O silêncio era prova de que tudo estava bem. Merana certamente teria reportado qualquer dificuldade. Devia

estar a caminho de Cairhien, se já não estivesse lá, e não havia motivo para mais relatórios até ela poder mandar a notícia de sucesso. Nesse sentido, Rand estar em Cairhien *era* uma espécie de sucesso. Um dos principais objetivos de Merana, se não o mais importante, fora auxiliar a saída dele de Caemlyn, para que Elayne pudesse voltar para lá com segurança e assumir o Trono do Leão. Assim, os perigos de Cairhien teriam se dissipado. Apesar de parecer inacreditável, as Sábias afirmavam que Coiren e sua missão diplomática tinham deixado a cidade e estavam voltando para Tar Valon. Ou talvez não fosse tão inacreditável. Tudo até que fazia sentido, considerando Rand, considerando a forma como as Aes Sedai resolviam as coisas. Ainda assim, Egwene achava que tudo parecia... errado.

— Tenho que ir até ele — murmurou. Uma hora, e poderia endireitar tudo. No fundo, ele ainda era Rand. — É a única opção. Tenho que ir.

— Isso não é possível, e você sabe.

Se Egwene não se mantivesse na rédea tão curta, teria saltado a um pé do chão. Mesmo controlada, o coração continuou batendo forte até depois que ela viu Leane sob a luz da lua.

— Achei que você fosse... — começou, sem conseguir se conter. Por pouco, conseguiu não pronunciar o nome de Moghedien.

A mulher mais alta foi para o lado dela e, conforme foram andando, manteve o olhar atento às outras irmãs. Leane não tinha a desculpa de Siuan para passar tempo com Egwene. Não que as duas serem vistas juntas uma única vez fosse causar algum problema, mas...

“Não deveria” nem sempre significa que “não vai”, Egwene lembrou a si mesma. Deixou a estola escorregar dos ombros e a dobrou, carregando-a numa só mão. Olhando rápido, de longe, Leane poderia passar muito bem por uma Aceita, apesar do vestido, ainda que muitas Aceitas não tivessem o suficiente daqueles vestidos brancos com faixas para estarem sempre

uniformizadas. De longe, Egwene também poderia passar por uma. Não era o mais tranquilizador dos pensamentos.

— Theodrin e Faolain estão questionando o pessoal ao redor da tenda de Marigan, Mãe. Não pareceram muito satisfeitas. Me fiz passar por bastante amuada por estar levando recados. Theodrin teve que mandar Faolain parar de me dar bronca por isso. — A risada de Leane era tranquila e sibilante. A mulher costumava se divertir com aquelas situações que faziam Siuan ranger os dentes. Era paparicada pela maioria das outras irmãs por conta de quão bem se ajustara.

— Bom, bom — aprovou Egwene, sem muita atenção. — Merana deu algum passo em falso, Leane, ou ele não estaria em Cairhien e ela não estaria tão calma. — Bem ao longe, um cão uivou para a lua, seguido por outros, até serem silenciados de repente por gritos que, talvez por sorte, Egwene não conseguiu entender bem. Vários soldados mantinham cães de companhia, mas não havia nenhum no acampamento das Aes Sedai. Alguns gatos, mas nenhum cão.

— Merana sabe, sim, o que está fazendo, Mãe. — A frase soou um tanto exausta da discussão. Tanto Leane quanto Siuan concordavam com Sheriam. Todas concordavam, menos ela. — Quando se delega uma tarefa, é preciso confiar na pessoa.

Egwene fungou e cruzou os braços.

— Leane, aquele homem conseguiria fazer até um pano úmido soltar faíscas, se o pano usasse o xale. Não conheço Merana, mas nunca vi uma Aes Sedai que se qualificasse como um pano úmido.

— Já conheci uma ou duas — Leane deu uma risadinha. Desta vez, a exasperação ficou bem evidente. — Mas Merana não é assim, verdade. Será que ele acha mesmo que tem amigas na Torre? Alviarin? Suponho que isso dificultaria as coisas para Merana, mas não consigo visualizar Alviarin

fazendo qualquer coisa que arriscaria a sua posição. Ela sempre teve ambição o suficiente para três.

— Ele tem uma carta que, supostamente, é dela. — Egwene ainda conseguia ver Rand se vangloriando por receber cartas tanto de Elaida quanto de Alviarin, o que aconteceu antes de que a própria Egwene partisse de Cairhien. — Pode ser que as ambições a façam pensar que *ela* pode substituir Elaida, tendo o rapaz ao seu lado. Isso se de fato tiver escrito a carta. Ele acha que é esperto, Leane, e talvez seja, mas não acredita que precise de alguém... — Rand seguiria pensando que conseguiria dar conta de tudo sozinho até o exato instante em que alguma coisa acabasse com ele. — Eu o conheço até do avesso, Leane. Estar perto das Sábias parece ter infectado Rand, ou talvez tenha infectado as Sábias. A despeito do que as Votantes pensem, do que qualquer uma de vocês pense, o xale de Aes Sedai não o impressiona mais do que impressiona as Sábias. Mais cedo ou mais tarde, ele vai exasperar uma irmã até que ela faça algo a respeito, ou uma dessas enviadas vai pressioná-lo do jeito errado, sem perceber quão forte ele é e como anda seu gênio. Depois disso, pode não ter mais volta. Eu sou a única capaz de lidar com ele. A única.

— Ele não tem como ser tão... irritante... quanto aquelas Aiel — murmurou Leane, irônica. Até ela achou difícil manter o humor com suas experiências com as Sábias. — Mas pouco importa. “O Trono de Amyrlin, reverenciado junto à própria Torre Branca...”

Duas mulheres apareceram entre as tendas à frente, movendo-se tão devagar quanto falavam. A distância e as sombras obscureciam seus rostos, mas, pelo modo como se portavam, convictas de que nada que se escondesse em qualquer escuridão poderia machucá-las, estava claro que eram Aes Sedai. Nenhuma Aceita prestes a ganhar o xale teria tamanha confiança. Uma rainha com um exército atrás de si talvez não conseguisse

manter aquela pose. As duas estavam vindo na direção de Egwene e Leane. A antiga Curadora virou depressa e se escondeu ainda mais na penumbra entre os dois carroções.

Com uma careta frustrada, Egwene quase puxou-a de volta e se pôs a andar. Que tudo se revelasse às claras. Iria parar diante do Salão e dizer a elas que já era hora de todas ali se darem conta de que a estola da Amyrlin era mais que um belo cachecol. Iria... Foi atrás de Leane, gesticulando para que ela guiasse o caminho. O que não iria fazer era jogar tudo numa montanha de estrume só por um acesso de raiva.

Uma única lei da Torre especificava a limitação do poder do Trono de Amyrlin. Havia uma punhado de costumes irritantes e um barril cheio de realidades inconvenientes, mas uma única lei, e que não podia ser pior para os seus propósitos: “O Trono de Amyrlin, reverenciado junto à própria Torre Branca, sendo o coração da Torre Branca, não pode ser colocado em perigo sem a mais absoluta necessidade — ou seja, a menos que a Torre Branca esteja em guerra por declaração do Salão da Torre, o Trono de Amyrlin deve buscar o consenso mínimo do Salão antes de se expor deliberadamente a qualquer perigo e obedecer o consenso alcançado”. Egwene não sabia que atitude precipitada de qual Amyrlin inspirara aquela lei, mas já fora escrita havia quase mais de dois mil anos. Para quase todas as Aes Sedai, qualquer lei tão antiga possuía uma aura sagrada, e modificá-la era impensável.

Romanda citara aquela lei *maldita* como se passasse um sermão numa bobalhona. Se a Filha-herdeira de Andor não podia ficar a menos de cem milhas do Dragão Renascido, que dirá o Trono de Amyrlin? Lelaine soava quase arrependida, mas provavelmente apenas por estar concordando com Romanda. Aquilo só faltava coalhar a língua de ambas. Sem elas, sem as duas, o consenso mínimo ficava tão fora de alcance quanto o máximo. Luz,

até aquela declaração de guerra exigia só o consenso mínimo! Então, se não tinha como obter permissão... Leane pigarreou.

— Você não pode fazer grande coisa em segredo, Mãe, e o Salão, mais cedo ou mais tarde, vai descobrir. Creio que você acharia difícil conseguir uma hora de paz, depois disso. Não que elas fossem ousar pôr uma guarda em você, não exatamente, mas sempre há alternativas. Posso citar exemplos de... certas fontes. — Ela nunca mencionava diretamente os relatórios escondidos, a menos que estivessem atrás de um selo de proteção.

— Eu sou tão fácil de ler? — perguntou Egwene, instantes depois.

Ali, só havia carroções ao redor delas. E, sob os carroções, os montículos escuros de condutores e tratadores de cavalo dormindo, além de todo o resto de que precisavam para manter tantos veículos em movimento. Era notável a quantidade de conduções que mais de trezentas Aes Sedai exigiam, quando poucas se dignariam a viajar sequer uma milha num carroção ou carroça. Mas havia as tendas, mobílias, provisões e milhares de coisas necessárias para a manutenção da vida das irmãs e daqueles que as serviam. Os ruídos mais altos eram os roncos, que soavam como um coro de sapos.

— Não, Mãe — Leane deu uma risadinha delicada. — Só pensei no que eu mesma teria feito. Mas todos sabem que perdi a dignidade e o juízo. Difícil o Trono de Amyrlin me ter como modelo. Acho que você devia deixar o jovem Mestre al'Thor fazer a sua vontade, pelo menos por um tempo, enquanto você depena o ganso enorme que está na sua frente.

— A vontade dele pode levar todos para o Poço da Perdição — resmungou Egwene, mas não em tom de contestação. Devia haver uma forma de depenar o ganso e ainda evitar que Rand cometesse erros perigosos, mas, naquele momento, não conseguia pensar em nenhuma. Nada de sapos, aqueles roncos pareciam cem serrotes cortando toras cheias

de nós. — Este é um dos piores lugares em que já tentei dar uma caminhada relaxante. É melhor eu ir para a cama.

Leane inclinou a cabeça.

— Nesse caso, Mãe, se me perdoa, tem um homem no acampamento de Lorde Bryne que... Afinal, quem já ouviu falar numa Verde sem pelo menos um Guardião? — Pela mudança súbita da voz, daria para pensar que ela estava indo se encontrar com um amante. Considerando o que Egwene já escutara sobre as Verdes, talvez não fosse tão diferente.

De volta entre as tendas, a última fogueira havia sido extinta com terra. Ninguém corria riscos com o fogo, com o campo daquele jeito, seco feito um pavio. Uns poucos filetes de fumaça subiam, preguiçosos, sob o luar, nos pontos onde o trabalho não tinha sido bem feito. Dentro de uma das tendas, um homem murmurava enquanto dormia, e, aqui e ali, uma tosse ou um ronco irritante soava mais alto. Mas, fora isso, o acampamento repousava em silêncio e quietude. Razão pela qual Egwene ficou surpresa quando alguém surgiu das sombras à sua frente, ainda mais alguém trajando o vestido branco simples de noviça.

— Mãe, preciso falar com a senhora.

— Nicola?

Egwene fizera questão de aprender o nome e o rosto de todas as noviças — tarefa nada fácil, dado o modo como, ao longo de todo o trajeto do exército, as irmãs iam caçando garotas e jovens capazes de aprender. As buscas ativas ainda não eram tão bem vistas, já que o costume era aguardar o pedido da própria garota ou, melhor ainda, esperar que ela fosse até a Torre, mas agora havia dez vezes mais noviças estudando no acampamento do que a Torre Branca já abrigara em anos. Nicola, no entanto, era uma de quem sempre devia se lembrar. Além disso, Egwene notara a jovem lhe olhando com frequência.

— Tiana não vai ficar feliz se a encontrar acordada tão tarde — alertou a Amyrlin.

Tiana Noselle era a Mestra das Noviças, conhecida tanto pelo ombro amigo quando uma noviça precisava chorar quanto pela postura inflexível quando se tratava de regras.

Nicola se agitou como se quisesse ir embora às pressas, então endireitou as costas. O suor reluzia em suas bochechas. A escuridão estava mais fresca que estivera durante a luz, mas não o que qualquer um consideraria de fato fresca, e o truque trivial de ignorar o calor ou o frio só vinha com o xale.

— Sei que devo pedir para falar com Tiana Sedai, e então pedir a ela para falar com a senhora, Mãe, mas ela jamais deixaria uma noviça falar com o Trono de Amyrlin.

— O que foi, criança? — indagou Egwene.

A mulher era pelo menos seis ou sete anos mais velha, mas aquele era o tratamento adequado a uma noviça.

Mexendo na saia, inquieta, Nicola deu mais um passo à frente. Seus olhos cruzaram com os de Egwene de um jeito talvez mais direto que o recomendável para uma noviça.

— Mãe, quero ir o mais para longe possível. — Suas mãos repuxavam o vestido, mas a voz era tranquila e ela parecia senhora de si, perfeita para uma Aes Sedai. — Não vou dizer que estão me contendo, mas tenho certeza de que posso me tornar mais forte do que dizem. Sei que posso. A senhora nunca foi contida, Mãe. Ninguém jamais adquiriu tanta força tão rápido quanto a senhora. Só peço a mesma chance.

Um movimento na sombra atrás de Nicola acabou se revelando outra mulher de rosto suado, essa com um casaco curto e calças folgadas, carregando um arco. O cabelo pendia até a altura da cintura, preso numa

trança amarrada com seis fitas, e ela usava botas de cano curto e salto baixo.

Nicola do Bosque e Areina Nermasiv pareciam uma dupla esquisita para serem amigas. Muitas noviças eram mais velhas; as Aes Sedai tinham passado a testar mulheres quase dez anos mais velhas que Egwene, embora muitas irmãs ainda reclamassem que essas mulheres tinham dez anos a mais que a idade máxima para aceitar a disciplina das noviças. E, assim como muitas dessas mulheres mais velhas, Nicola, segundo todos os relatórios, possuía um desejo feroz de aprender, e seu potencial só era superado pelo de Nynaeve, de Elayne e da própria Egwene entre as Aes Sedai em vida. Na verdade, Nicola dava a impressão de estar fazendo enormes avanços, frequentemente tão grandes que as instrutoras precisavam freá-la. Havia quem dissesse que ela aprendia tessituras como se já conhecesse as técnicas. Não só isso, mas Nicola já demonstrara dois Talentos. A habilidade de “enxergar” *ta'veren* era mínima, mas seu Talento maior, a Previsão, emergia de modo que ninguém compreendia o que fora Previsto. Nem a própria Nicola se lembrava de nenhuma palavra do que dissera. No geral, a mulher já fora identificada pelas irmãs como alguém a ser observada, apesar da idade avançada. Era provável que o acordo relutante para testar mulheres com mais de dezessete ou dezoito anos pudesse ser creditado a ela.

Areina, por sua vez, era uma Caçadora da Trombeta que se pavoneava tanto quanto um homem e que gostava de sentar e conversar sobre aventuras, sobre o que já vivera e o que ainda viveria, isso quando não estava praticando com o arco. Era muito provável que tivesse escolhido aquela arma pensando em Birgitte, assim como o modo de se vestir. Certamente não parecia demonstrar nenhum interesse em nada além do arco, exceto por flertes ocasionais e bem diretos, apesar de não fazer tanto

isso nos últimos tempos. Podia ser que os longos dias na estrada a tivessem deixado cansada demais para aquilo, ainda que não para a prática do arco. Por que a mulher ainda estava viajando com elas, Egwene não conseguia entender. Pouco provável que Areina acreditasse que a Trombeta de Valere apareceria ao longo daquela marcha, e era impossível que ela sequer suspeitasse que o artefato estava escondido na Torre Branca. *Pouquíssimas* pessoas sabiam disso. Egwene não sabia nem se que Elaida tomara conhecimento do fato.

Areina aparentava ser uma tola presunçosa, mas Egwene nutria certa simpatia por Nicola. Entendia o descontentamento da mulher, entendia ela querer saber de tudo logo. Ela própria fora assim. Talvez ainda fosse.

— Nicola — disse, em tom gentil —, todas temos limites. Nunca vou me igualar a Nynaeve Sedai, por exemplo, não importa o que eu faça.

— Mas se eu pelo menos pudesse ter essa chance, Mãe. — Nicola até retorcia as mãos em súplica, que também se manifestava em sua voz, mas os olhos ainda encaravam os de Egwene com serenidade. — A chance que a senhora teve.

— O que eu fiz, e fiz porque não tive escolha, porque não tinha conhecimento, se chama forçar, Nicola, e é perigoso. — Egwene nunca ouvira o termo até Siuan se desculpar por ter feito aquilo com ela, e a antiga Amyrlin de fato parecera arrependida. — Você sabe que, se tentar canalizar mais *saidar* do que está preparada para manejar, corre o risco de se exaurir antes mesmo de chegar perto de atingir a força total. Melhor aprender a ser paciente. Em todo caso, as irmãs não vão deixá-la ser qualquer outra coisa até você estar pronta.

— Viemos para Salidar no mesmo barco que Nynaeve e Elayne — disse Areina, de repente. Seu olhar era mais que direto, era desafiador. — E

Birgitte. — Por alguma razão, ela pronunciou o último nome com amargura.

Nicola gesticulou para ela se calar.

— Não há necessidade de tocar nesse assunto. — Estranhamente, ela não soou sincera.

Na esperança de que estivesse mantendo o semblante com metade da tranquilidade do de Nicola, Egwene tentou reprimir o súbito desconforto. “Marigan” também fora para Salidar naquele barco. Uma coruja piou, e ela ficou arrepiada. Havia quem pensasse que escutar uma coruja à luz do luar era o prenúncio de más notícias. Não era supersticiosa, mas...

— Não há necessidade de tocar em que assunto?

As outras duas se entreolharam, e Areina meneou a cabeça.

— Foi na caminhada do rio até a aldeia. — Para quem supostamente se mostrava tão relutante, Nicola cravou os olhos nos de Egwene. — Areina e eu escutamos uma conversa de Thom Merrill e Juilin Sandar. O menestrel... e o apanhador de ladrões? Juilin disse que havia Aes Sedai na aldeia, e disso ainda não tínhamos certeza. Mas falou que essas Aes Sedai ficassem sabendo que Nynaeve e Elayne estavam se passando por Aes Sedai, então estariam pulando no meio de um cardume de lúcios, o que eu acho que não é muito seguro.

— O menestrel nos viu e mandou o outro ficar quieto — acrescentou Areina, passando o dedo na aljava em sua cintura. — Mas nós ouvimos. — Sua voz era tão firme quanto seu olhar.

— Sei que agora as duas são Aes Sedai, Mãe, mas, ainda assim, não estariam encrencadas se alguém descobrisse? As irmãs, no caso? Qualquer pessoa que finja ser uma irmã está encrencada se descobrirem, mesmo anos depois. — O rosto de Nicola não se alterou, mas seu olhar, de repente,

parecia estar tentando se concentrar no de Egwene. Determinada, ela se inclinou um pouco para a frente. — Qualquer pessoa mesmo, não é mesmo?

Encorajada pelo silêncio de Egwene, Areina forçou um sorriso. Um sorriso forçado sob a noite.

— Ouvi falar que Nynaeve e Elayne foram embora da Torre para fazer alguma tarefa para aquela mulher, Sanche, quando ela ainda era Amyrlin. Ouvi falar que a senhora também foi enviada na mesma época. Que se meteu em todo tipo de problema quando voltou. — Uma insinuação dissimulada acometeu a voz da Caçadora. — Você se lembra delas se passando por Aes Sedai?

As duas ficaram ali, de pé, olhando para ela: Areina apoiada, insolente, em seu arco; Nicola com tanta expectativa que o ar deveria ter crepitado.

— Siuan Sanche é uma Aes Sedai — rebateu Egwene, com frieza —, assim como Nynaeve al'Meara e Elayne Trakand. Tratem de respeitá-las como tal. Para vocês, são Siuan Sedai, Nynaeve Sedai e Elayne Sedai.

As duas piscaram, surpresas. Por dentro, o estômago de Egwene se revirava — de ultraje! Depois de tudo por que passara naquela noite, ser confrontada com uma *chantagem* daquelas...!? Não conseguia pensar numa palavra suficientemente ruim. Elayne talvez conseguisse. Elayne dava ouvidos a cavaliços, condutores de carroção e gente do tipo, memorizando as palavras que deveria se recusar a escutar. Egwene desdobrou a estola e dependurou-a com cuidado nos ombros.

— Acho que a senhora não está entendendo, Mãe — apressou-se Nicola. Não com medo, apenas tentando enfatizar sua argumentação. — Só fiquei preocupada porque, se alguém descobrisse que vocês tinham...

— Ah, criança, eu entendo.

Aquela *tola* era uma criança, não importava quão velha fosse. Uma boa quantidade das noviças mais velhas criava problemas, em geral na forma de

insolência em relação à Aceita designada para ensiná-las, mas até a mais insensata tinha juízo suficiente para evitar ser impertinente com as irmãs. Que Nicola tivesse a audácia de tentar chantageá-la deixava a raiva de Egwene em ponto de ebulição. As duas jovens eram mais altas que ela, ainda que não muito, mas a Amyrlin fincou os punhos na cintura e se pôs ereta, no que ambas se retraíram como se ela tivesse se agigantado.

— Vocês têm ideia de como é sério fazer acusações contra uma irmã, sobretudo no caso de noviças? Acusações baseadas numa conversa que afirmam ter ouvido entre dois homens que estão a mil milhas de distância! Tiana arrancaria o couro de vocês e as deixaria esfregando panelas para o resto da vida!

Nicola continuou tentando interromper, e pelo jeito queria pedir desculpas e fazer mais alguns protestos que Egwene não entendeu, junto das tentativas frenéticas de mudar tudo o que dissera, mas Egwene a ignorou e se voltou para Areina. A Caçadora recuou mais um passo, umedecendo os lábios e parecendo extraordinariamente insegura.

— E você não vá pensando que escaparia ilesa. Até uma Caçadora poderia ser levada a Tiana por algo do tipo. Isso se as duas tiverem a sorte de não serem chicoteadas num engate de carroção, como fazem com os soldados que são pegos roubando. De um jeito ou de outro, serão descartadas na beira da estrada tendo só os vergões como companhia.

Egwene respirou fundo e entrelaçou as mãos na altura do quadril. Agarradas uma à outra, não tremeriam. As duas criadoras de problemas estavam quase curvadas, parecendo devidamente repreendidas. Esperava que aqueles olhares cabisbaixos, ombros caídos e pés irrequietos não fossem dissimulação. Por direito, Egwene deveria mandar as duas para Tiana. Não fazia ideia de qual poderia ser a punição pela tentativa de chantagear o Trono de Amyrlin, mas parecia provável que a expulsão do

acampamento seria o mínimo. No caso de Nicola, a expulsão teria de esperar até que suas instrutoras se dessem por satisfeitas de que ela sabia o suficiente sobre canalização para não se machucar nem ferir aos outros sem querer. No entanto, assim que a acusação fosse feita, Nicola do Bosque jamais seria Aes Sedai, e todo aquele potencial não serviria para nada.

A não ser que... Qualquer mulher flagrada se passando por Aes Sedai seria rebaixada tão impiedosamente que ainda estaria se lamuriando anos depois, e uma Aceita flagrada nessa situação poderia muito bem considerar a outra mulher sortuda. Mas decerto, àquela altura, Nynaeve e Elayne estavam seguras, já que já eram irmãs de fato. Egwene também. A questão era que talvez bastasse um sussurro sobre aquilo para zerar qualquer chance de o Salão reconhecê-la como o verdadeiro Trono de Amyrlin. Assim como a chance de uma viagemzinha para encontrar Rand e depois contar abertamente para o Salão. Não ousaria permitir que aquelas duas percebessem sua incerteza, nem mesmo que suspeitassem.

— Eu vou esquecer isso — disse, contundente. — Mas, se voltar a ouvir um sussurro sequer sobre o assunto, e de qualquer pessoa... — Egwene soltou um suspiro, irritada. Se ouvisse *gritos* sobre o assunto, talvez tivesse pouco o que fazer, mas, pelo pinote que as duas deram, compreenderam a ameaça que as alfinetou lá no fundo. — Vão para a cama antes que eu mude de ideia.

Num instante, as duas se desfizeram em uma enxurrada de cortesias e de “Sim, Mãe”, “Não, Mãe” e “Como a senhora ordenar, Mãe”. Então partiram, apressadas, olhando para ela por cima dos ombros, cada passo mais rápido que o anterior, até já estarem correndo. Egwene teve que manter o passo sereno, mas também queria correr.



CAPÍTULO 10



OLHOS OCULTOS

Quando Egwene voltou para a tenda, Selame estava esperando, magra feito um vergalhão, a pele escura de tairana e uma autoconfiança quase impérvia. Chesa tinha razão: a mulher de fato andava com o narigão empinado, como se evitasse um cheiro ruim. Porém, se os modos com as outras criadas sugeriam arrogância, a verdade é que ela era bem diferente quando estava perto de sua protetora. Quando Egwene entrou, Selame se curvou numa reverência tão profunda que a cabeça por pouco não encostou no chão, as saias tão esparramadas quanto possível naqueles alojamentos apertados. Antes que Egwene tivesse dado o segundo passo para dentro da tenda, a mulher deu um pinote e se ocupou com os botões da Amyrlin — e também com a própria. Selame tinha pouco bom senso.

— Ah, Mãe, a senhora saiu de novo com a cabeça descoberta. — Como se Egwene alguma vez tivesse usado um daqueles chapéus cheios de contas de que a mulher gostava, ou os troços bordados de veludo que Meri preferia, ou os chapéus emplumados de Chesa. — Ora, a senhora está tremendo! Jamais poderia caminhar lá fora sem um xale e uma sombrinha, Mãe. — Como uma sombrinha evitaria tremores? Com o suor escorrendo pelas bochechas, não importava quão depressa desse batidinhas com o lenço, Selame não pensou em perguntar por que Egwene tremia, o que talvez fosse até bom. — E a senhora foi sozinha, à noite. Não é nada

recomendável, Mãe. Além do quê, há todos esses soldados, homens grosseiros, sem o menor respeito e decência com mulher nenhuma, nem mesmo com uma Aes Sedai. Mãe, a senhora simplesmente não devia...

Egwene deixou as palavras tolas escorrerem por ela, assim como permitiu que a mulher a despisse, sem dar muita atenção. Mandá-la ficar quieta só resultaria em olhares magoados e suspiros ofendidos, não fazia muita diferença. Tirando as conversas desmioladas, Selame era diligente no cumprimento das obrigações, ainda que com tantos floreios que acabavam se transformando numa dança de gestos magnânicos e reverências obséquias. Parecia impossível que alguém pudesse ser tão boba quanto Selame, sempre preocupada com aparências, sempre atenta ao que os outros iriam pensar. Para ela, esses “outros” eram as Aes Sedai e a nobreza, assim como os serviçais do mais alto escalão. Na visão dela, ninguém mais importava. Talvez achasse que ninguém mais pensava. O que provavelmente *era* impossível. Em primeiro lugar, Egwene não se esqueceria de quem descobrira Selame, assim como não se esquecia de quem descobrira Meri. Verdade que Chesa fora um presente de Sheriam, mas ela mais de uma vez provara sua lealdade a Egwene. Queria afirmar para si mesma que os tremeliques que Selame acreditava serem tremores eram arrepios de raiva, mas sabia que, lá no fundo do estômago, o medo se contorcia feito minhoca. Fora longe demais e ainda tinha muito o que fazer, não permitiria que Nicola e Areina enfiassem um pedaço de pau nas suas rodas.

Quando a cabeça despontou na parte de cima de uma camisola limpa, finalmente absorveu um pouco da tagarelice de Selame e a encarou.

— Você disse leite de ovelha?

— Ah, sim, Mãe. Sua pele é tão macia, nada melhor que um banho em leite de ovelha para conservá-la assim.

Talvez a mulher fosse mesmo uma idiota. Expulsando uma Selame contrariada para fora da tenda, escovou o próprio cabelo, montou a própria cama dobrável, colocou o bracelete de *a'dam* agora inútil na caixinha de marfim entalhada onde guardava as poucas joias que tinha e apagou as lamparinas. *Tudo sozinha*, pensou, com sarcasmo, na escuridão. *Selame e Meri* vão ter um chilique.

Antes de se recolher, porém, deu alguns passos até a entrada e abriu uma fresta nas abas da tenda. Lá fora era só silêncio e uma quietude enlutarada, quebrada pelo brado de uma savacu que, de repente, soltou um granado agudo. Havia caçadores lá fora, na escuridão. Após um momento, algo se moveu nas sombras ao lado de uma tenda, a meio caminho. Deu a impressão de ser uma mulher.

Talvez a idiotice não desqualificasse Selame mais do que a melancolia de uma expressão sorumbática eliminava Meri. Podia ser qualquer uma das duas. Ou outra pessoa totalmente diferente. Até Nicola ou Areina, ainda que fosse improvável. Com um sorriso no rosto, Egwene deixou a aba da tenda cair. Quem quer que estivesse observando, não veria para onde ela iria naquela noite.

O método para pegar no sono que as Sábias tinham ensinado era simples: de olhos fechados, sentir cada parte do corpo ir relaxando por vez, respirar em compasso com a pulsação, a mente desconcentrada e a vagar, toda a mente, menos um pedacinho minúsculo, vagando. O sono se apossou dela em instantes, mas era o sono de uma Andarilha dos Sonhos.

Disforme, Egwene flutuava nas profundezas de um oceano de estrelas, infinitos pontos de luz cintilando em um mar de escuridão infinito, vagalumes impossíveis de contar bruxuleando numa noite sem fim. Eram sonhos, os sonhos de todos que estavam adormecidos em qualquer parte do mundo, talvez de todos em todos os mundos possíveis, e aquele era o

intervalo entre a realidade e *Tel'aran'rhiod*, o espaço que separava o mundo desperto do Mundo dos Sonhos. Para onde quer que olhasse, dez mil vagalumes sumiam, conforme as pessoas iam acordando, e outros dez mil surgiam para substituí-los. Uma vasta gama de beleza luminosa em permanente transformação. Egwene, no entanto, não perdeu tempo admirando a cena. O lugar escondia perigos, alguns letais. Tinha convicção de que sabia como evitá-los, mas um perigo ali apontaria exatamente na direção dela, caso se demorasse demais, e ser pega seria bem constrangedor, para dizer o mínimo. Mantendo o olhar cauteloso — bem, teria sido um olhar cauteloso, caso tivesse olhos naquele lugar —, ela avançou. Não teve nenhuma sensação de movimento. A impressão era de que permanecia imóvel e que aquele oceano reluzente girava ao seu redor feito um redemoinho, até que uma luz parou diante de si. Cada estrela cintilando era igualzinha às outras, mas Egwene sabia que *aquela* era o sonho de Nynaeve. *Como* sabia era outra questão, e nem as Sábias compreendiam tal discernimento.

Considerara tentar encontrar os sonhos de Nicola e Areina. Assim que os descobrisse, sabia exatamente como enfiar o medo da Luz bem fundo nos ossos das duas, e não dava a mínima para o fato de que todo aquele procedimento era proibido. Foi a praticidade que a fizera deixar o plano de lado, não o medo do proibido. Já fizera aquilo antes, algo que não podia ser feito, e com certeza faria de novo, caso a necessidade surgisse. *Faça o que deve, depois pague o preço*, era o que tinha sido ensinada, e pelas mesmas mulheres que delimitaram que áreas eram proibidas. A recusa em admitir a dívida — a recusa em pagá-la — é que transformava a necessidade em perversidade. Mas, mesmo que aquelas duas estivessem dormindo, localizar os sonhos de alguém pela primeira vez era, na melhor das hipóteses, uma tarefa árdua e sem garantias. Dias de esforço — noites, melhor dizendo —

tinham a grande probabilidade de não dar resultado algum. Isso, pelo menos, era uma certeza.

Devagar, Egwene foi se aproximando em meio à escuridão perpétua, embora, uma vez mais, parecesse que estava imóvel e que o pontinho de luz crescia e virava uma pérola brilhante, uma maçã iridescente, uma lua cheia, até preencher todo o seu campo de visão com brilho, todo o mundo. Porém, não tocou naquilo, não ainda. Um espaço mais fino que um fio de cabelo permanecia entre Egwene e o sonho. Com toda a delicadeza, cruzou esse espaço. Com o quê avançava, se lhe faltava um corpo, era tão misterioso quanto como podia distinguir um sonho do outro. Era vontade, diziam as Sábias, mas Egwene ainda não compreendia como era possível. Como se pousasse um dedo numa bolha de sabão, manteve o toque gentilíssimo. A parede reluzente bruxuleava feito fibra de vidro, pulsava como um coração, delicada e viva. Um toque um pouco mais firme, e conseguiria “enxergar” lá dentro, “ver” o que Nynaeve estava sonhando. Um tantinho mais firme ainda, e poderia até entrar e fazer parte do sonho. Isso implicava em riscos, sobretudo no caso de gênios muito fortes, mas tanto olhar quanto entrar podiam acabar em uma situação embaraçosa. Por exemplo, se o sonho fosse, por acaso, com o homem em quem estivesse particularmente interessada. Só os pedidos de desculpas consumiriam metade da noite. Ou, com um movimento ao estilo de anzol, como rolar uma frágil miçanga pelo tampo de uma mesa, podia tirar Nynaeve dali e levá-la para um sonho seu, uma parte do próprio *Tel’aran’rhiod*, onde estaria em total controle. E Egwene estava convicta de que daria certo. Mas claro que aquela era uma das coisas proibidas, e ela achava que Nynaeve não gostaria nada daquilo.

NYNAEVE, AQUI É EGWENE. VOCÊS NÃO DEVEM VOLTAR SOB NENHUMA HIPÓTESE ATÉ ENCONTRAREM A TIGELA, NÃO ATÉ EU RESOLVER UM PROBLEMA COM AREINA E NICOLA. ELAS SABEM QUE VOCÊS ESTAVAM FINGINDO. EXPLICO

MELHOR NA PRÓXIMA VEZ EM QUE ENCONTRAR AS DUAS NA PEQUENA TORRE. TOMEM CUIDADO. MOGHEDIEN ESCAPOU.

O sonho se dissipou, a bolha de sabão estourou. Apesar da mensagem, Egwene teria dado uma risadinha, se tivesse garganta. Uma voz desincorporada no sonho de alguém podia resultar num susto. Ainda mais se a pessoa temesse que o falante pudesse estar espiando. Mesmo quando se tratava de um acidente, Nynaeve não era do tipo que se esquecia.

Aquele mar de pontos de luz rodopiou ao redor de Egwene uma vez mais, até ela se fixar num outro pontinho brilhante. Elayne. Era muito provável que as duas dormissem a não mais que doze passadas uma da outra, em Ebou Dar, mas a distância não significava nada ali. Ou talvez tivesse um significado diferente.

Desta vez, quando deixou a mensagem, o sonho pulsou e mudou. Ainda se parecia com qualquer outro, mas, mesmo assim, para ela, tinha mudado. As palavras teriam atraído Elayne para outro sonho? No entanto, o aviso permaneceria ali, e a amiga se lembraria ao acordar.

Com as cordas do arco de Areina e Nicola um pouco mais contidas, era hora de voltar a atenção para Rand. Infelizmente, tentar encontrar os sonhos dele seria tão inútil quanto encontrar os das Aes Sedai. Ele os blindava mais ou menos da mesma forma como as outras irmãs faziam com os delas, ainda que, aparentemente, a blindagem de um homem fosse diferente da de uma mulher. A blindagem de uma mulher era uma carapaça de cristal, uma esfera sem costuras, tecida com Espírito, mas que, a despeito de quão transparente parecesse, podia muito bem ser de aço. Egwene não conseguia se lembrar de quantas horas infrutíferas já desperdiçara tentando espiar através da blindagem de Rand. Enquanto o sonho blindado de uma irmã parecia mais brilhante, os dele, de perto, eram mais escuros. Era como ficar olhando para água enlameada. Às vezes, tinha a impressão de que algo se

movera nas profundezas daqueles redemoinhos marrom-acinzentados, mas nunca dava para precisar bem o quê.

Outra vez, o conjunto infinito de luzes girou e parou, e Egwene se aproximou do sonho de uma terceira mulher. Cheia de cautela. Havia tanto entre ela e Amys que a coisa toda se assemelhava a se aproximar dos sonhos de sua mãe. E Egwene tinha que admitir que gostaria de imitar Amys de diversas maneiras. Ansiava pelo respeito da Sábua com tanta intensidade quanto ansiava pelo respeito do Salão. Talvez, se fosse obrigada a escolher, optaria pelo respeito de Amys. Era certeza de que não havia outra Votante que tivesse em tão alta conta. Tratando de deixar uma súbita timidez de lado, Egwene tentou tornar sua voz mais “suave”, mas sem sucesso: AMYS, AQUI É EGWENE. PRECISO FALAR COM VOCÊ.

ESTAMOS INDO, uma voz murmurou para ela. A voz de Amys.

Sobressaltada, Egwene recuou. Queria rir de si mesma. Talvez fosse bom ser lembrada que as Sábias tinham longos anos a mais de experiência com aquilo. Houve ocasiões em que receou poder ter sido mimada por não ter precisado se dedicar mais para ter as habilidades que conseguia com o Poder Único. Em todo caso, como que para compensar tudo aquilo, a sensação em todo o resto de sua vida era a de que estava tentando escalar um penhasco no meio de uma tempestade.

De repente, identificou um movimento no limiar máximo do seu campo de visão. Um daqueles pontos de luz deslizou pelo mar de estrelas e veio flutuando até ela por vontade própria, ficando cada vez maior. Apenas um sonho faria aquilo, um sonhador. Fugiu, em pânico, desejando ter garganta para berrar, xingar ou simplesmente gritar. Em especial naquele cantinho dela que queria ficar ali, onde estava, e esperar.

Daquela vez, nem as estrelas se moveram. Apenas desapareceram, e Egwene se viu apoiada numa grossa coluna de pedra-vermelha, ofegante

como se tivesse corrido uma milha, o coração batendo a ponto de explodir. Após um instante, baixou os olhos para si mesma e começou a rir, ainda que um tanto vacilante, tentando recuperar o fôlego. Trajava um vestido de saia longa de seda verde tremeluzente, com largas faixas ornamentadas trabalhadas em fios de ouro pelo corpete e na extensão da bainha. O corpete também deixava à mostra *bem* mais busto do que jamais revelaria se estivesse acordada, e um cinto largo e apertado de ouro trançado fazia com que a cintura parecesse menor do que de fato era. Pensando bem, talvez *estivesse* menor. Ali em *Tel'aran'rhiod*, a pessoa podia ser do jeito que se quisesse, podia ser o que quisesse. Mesmo quando esse desejo era inconsciente, se a pessoa não se tivesse cuidado. Gawyn Trakand causava consequências infelizes nela... *muito* infelizes.

Aquela minúscula parte de Egwene ainda desejava que tivesse esperado para ser engolfada pelo sonho dele. Engolfada e absorvida. Se uma Andarilha dos Sonhos amasse alguém a ponto de se deixar distrair, ou se nutrisse um ódio além do razoável — e, mais especificamente se o sentimento fosse recíproco —, poderia ser sugada para dentro do sonho daquela pessoa. A Andarilha atraía o sonho, ou o sonho a atraía, tal qual uma magnetita atrai limalhas de ferro. Egwene com certeza não odiava Gawyn, mas não podia se dar ao luxo de ficar presa no sonho dele, não naquela noite. Não podia ficar presa até ele acordar, sendo do jeito que ele a enxergava — ou seja, um tanto mais bonita do que de fato era. Estranhamente, *ele* parecia menos belo do que de fato era. A questão não era a concentração ou a mente determinada quando havia um amor ou um ódio tão intenso. A partir do momento em que estivesse no sonho, a pessoa ficava lá até a outra parar de sonhar. Lembrar-se do que Gawyn sonhava em fazer com ela e do que os dois tinham feito nos sonhos fez Egwene ruborizar, o calor se alastrando pelo rosto.

— Que bom que nenhuma das Votantes pode me ver aqui — murmurou.
— Se vissem, nunca mais me encarariam como algo além de uma garota.

Mulheres feitas não tinham palpitações nem ficavam no mundo da lua daquele jeito por causa de um homem, e disso Egwene tinha convicção. Pelo menos, não mulheres com algum juízo. O que Gawyn sonhava iria acontecer, mas num momento escolhido por ela. Obter a permissão da mãe poderia ser difícil, mas a mãe decerto não negaria, mesmo que jamais tivesse pousado os olhos no rapaz. Marin al’Vere confiava no julgamento da filha. Agora era hora de a filha mais nova demonstrar um pouco desse juízo e deixar aquelas fantasias de lado até uma ocasião mais oportuna.

Egwene examinou o entorno e quase desejou que pudesse continuar deixando Gawyn tomar conta dos seus pensamentos. Outras colunas enormes estendiam-se por todas as direções, sustentando um teto abobadado altíssimo e uma cúpula imensa. Nenhuma das lamparinas douradas que pendiam das correntes de ouro logo acima estava acesa, mas havia algum tipo de luz, uma luz que simplesmente estava ali, sem ter de onde vir, nem brilhante nem turva. O Coração da Pedra, dentro da grande fortaleza chamada de Pedra de Tear. Ou talvez sua imagem em *Tel’aran’rhiod* — uma imagem, em muitos aspectos, tão real quanto a original. Era ali que se reunira com as Sábias antes, por escolha delas. Escolha estranha, em se tratando dos Aiel. Egwene teria esperado Rhuidean, que àquela altura estava aberta, ou qualquer outro lugar no Deserto, ou apenas um lugar onde as Sábias calhassem de estar. Todos os lugares, menos os *pousos* Ogier, possuíam um reflexo no Mundo dos Sonhos — na verdade, até os pousos tinham, mas não se podia entrar neles, assim como Rhuidean estivera fechada. O acampamento das Aes Sedai estava fora de questão, claro. Várias irmãs agora tinham acesso a algum *ter’angreal* que as permitiam adentrar no Mundo dos Sonhos, e, já que

nenhuma sabia de fato o que estava fazendo, era comum começarem as empreitadas aparecendo no acampamento de *Tel'aran'rhiod* como se partissem para uma jornada normal.

Tal qual os *angreal* e *sa'angreal*, pela lei da Torre, os *ter'angreal* eram propriedade da Torre Branca, não importando quem tivesse a posse de um ou de outro em dado momento. Era raro a Torre insistir, ao menos quando um deles estava em algum lugar como a chamada Grande Posse daquela mesmíssima Pedra de Tear — no fim das contas, um dia iriam parar nas mãos das Aes Sedai, e a Torre Branca sempre soube esperar quando necessário. Mas os que de fato estavam nas mãos das Aes Sedai, estavam aos cuidados do Salão, de Votantes específicas. Para empréstimo, na verdade, já que quase nunca eram dados. Elayne aprendera a duplicar os *ter'angreal* dos sonhos, e ela e Nynaeve tinham levado dois consigo, mas o restante agora estava de posse do Salão, junto com os dos demais tipos que Elayne fizera. O que significava que Sheriam e seu pequeno círculo podiam usá-los quando bem entendessem, e era certo que Lelaine e Romanda também, embora as duas provavelmente mandassem outras pessoas entrarem em *Tel'aran'rhiod*, em vez de elas próprias. Até pouco tempo, nenhuma Aes Sedai andara num sonho havia séculos, e todas ainda tinham dificuldades consideráveis, a maioria por conta da crença de que seriam capazes de aprender sozinhas. Ainda assim, a última coisa que Egwene queria era qualquer uma das suas filhas espionando o encontro daquela noite.

Como se ter pensado em espãs a tivesse tornado mais sensível, Egwene se deu conta de que estava sendo observada por olhos que não tinha visto. Aquela sensação era uma presença constante em *Tel'aran'rhiod*, e nem as Sábias sabiam por quê. Mas, apesar de sempre parecer que havia olhos escondidos por ali, também poderia haver observadores de verdade.

Naquele momento, não era nem Romanda nem Lelaine que lhe passava pela cabeça.

Egwene encostou a mão e depois o corpo na coluna e contornou-a devagar, examinando a floresta de pedra vermelha que fugia dos olhos, nas sombras cada vez mais profundas. A luz que a envolvia não era real, e qualquer pessoa em uma daquelas sombras veria a mesma luz em torno de si, enquanto as próprias sombras esconderiam Egwene. Pessoas de fato apareciam, homens e mulheres, imagens bruxuleantes que raramente duravam mais que algumas batidas do coração. Não estava interessada nos que tocavam no Mundo dos Sonhos durante o sono. Qualquer um poderia fazer aquilo por acaso, mas, para sua sorte, só por alguns instantes, em geral não por tempo suficiente para encontrarem algum perigo. A Ajah Negra também possuía um *ter'angreal* dos sonhos, roubado da Torre. E pior: Moghedien conhecia *Tel'aran'rhiod* tão bem quanto qualquer Andarilha dos Sonhos. Talvez melhor. A Abandonada sabia controlar aquele local e qualquer pessoa ali como quem vira a mão para cima e para baixo.

Por um momento, Egwene se arrependeu por não ter espionado os sonhos de Moghedien enquanto a mulher ainda era prisioneira, apenas uma vez, só o bastante para conseguir discerni-los. Mas nem identificar os sonhos dela revelaria seu paradeiro. E teria a possibilidade de ser atraída contra a própria vontade. Egwene certamente desprezava Moghedien o suficiente, e era garantido que a Abandonada a odiava além dos limites. O que acontecia ali não era real, nem mesmo tão real quanto em *Tel'aran'rhiod*, mas a pessoa lembraria como se fosse. Uma noite em poder de Moghedien teria sido um pesadelo que Egwene provavelmente reviveria pelo resto da vida cada vez que se deitasse para dormir. Acordada também, talvez.

Outra volta. O que foi aquilo? Uma mulher escura e de beleza majestosa usando um chapéu coberto de pérolas e um vestido com rufos de renda veio andando das sombras e desapareceu. Uma tairana sonhando, uma Grã-lady ou alguém sonhando que era uma. Acordada, talvez fosse simples e atarracada, uma esposa de fazendeiro ou mercadora.

Teria sido melhor ter espiado Logain que Moghedien. Ainda não saberia o paradeiro dele, mas poderia ter alguma ideia dos seus planos. Claro que ser puxada para dentro do sonho dele talvez não tivesse sido muito mais agradável do que ser atraída para o de Moghedien. Logain odiava todas as Aes Sedai. Dar um jeito de fazê-lo fugir tinha sido uma daquelas medidas necessárias, e Egwene só esperava que o preço não fosse alto demais. Que Logain ficasse para lá. Moghedien era o perigo, era Moghedien quem poderia vir atrás dela, mesmo ali, especialmente ali. Era Moghedien que... De repente, se deu conta de como seus passos estavam pesados e deixou escapar um grunhido irritado, quase um gemido. O belo vestido se transformara numa armadura completa, com placas e metais, como a da cavalaria pesada de Gareth Bryne. Um elmo com o rosto descoberto repousava na cabeça e, pela sensação, com um brasão no formato da Chama de Tar Valon. Era bem irritante. Estava além daquele tipo de falta de controle.

Com firmeza, trocou a armadura pelo que trajara nas outras vezes em que se encontrara com as Sábias. Bastou um pensamento. Uma saia longa de lã escura e uma blusa folgada de *algode* branco, do mesmo modo como se vestira quando estava estudando com elas, com direito a um xale com babados tão verde que parecia quase preto e uma faixa de cabeça dobrada para prender o cabelo para trás. Não reproduziu as joias delas, claro, com toda aquela profusão de colares e braceletes. As Sábias ririam da sua cara.

Uma mulher ia construindo sua coleção ao longo dos anos, não no estalo de um sonho.

— Logain está a caminho da Torre Negra — disse, em voz alta. Certamente torcia para que fosse o caso. Lá, pelo menos, poderiam controlá-lo de alguma forma, ou assim ela esperava. E, se o homem fosse apanhado e amansado de novo, Rand não tinha como culpar nenhuma irmã que estivesse ao lado dela. — E Moghedien não tem como saber onde estou. — Essa parte, tentou fazer parecer uma certeza.

— Por que você deveria temer uma Alma da Sombra? — perguntou uma voz atrás dela, e Egwene tentou escalar o próprio ar.

Ali sendo *Tel'aran'rhiod*, e ela, uma Andarilha dos Sonhos, Egwene ficou a mais que sua própria altura dos paralelepípedos do calçamento antes de voltar a si. *Ah, sim*, pensou, flutuando, *já estou bem acima de todos esses deslizos de principiante*. Se aquilo continuasse, o próximo passo seria dar um pinote quando Chesa lhe desejasse bom dia.

Na esperança de que não estivesse mais corada que o aceitável, Egwene se deixou acalmar devagar. Talvez conseguisse manter um pouco de dignidade.

Talvez, mas o rosto idoso de Bair estava com mais vincos que o habitual, por conta de um sorriso que quase parecia encostar nas orelhas. Ao contrário das outras duas mulheres que a acompanhavam, Bair não podia canalizar, mas isso não tinha nada a ver com andar nos sonhos. A mulher era tão habilidosa quanto qualquer uma das duas, e até mais, em algumas áreas. Amys também estava sorrindo, ainda que não tão efusiva, mas Melaine, com seu cabelo solar, jogou a cabeça para trás e urrou de tanto rir.

— Eu nunca vi ninguém... — Melaine mal conseguia falar. — Que nem um coelho! — Ela deu um saltinho e se ergueu uma passada do chão.

— Causei uma certa dor a Moghedien, recentemente. — Egwene ficou bastante orgulhosa da própria compostura. Gostava de Melaine, que andava bem menos espinhosa desde que ganhara filhos gêmeos, mas, naquele momento, teria o maior prazer em estrangulá-la. — Algumas amigas e eu ferimos o orgulho dela, e talvez bem mais. Acho que a mulher veria com bons olhos uma oportunidade de me dar o troco.

Por impulso, trocou as roupas de novo, voltando ao tipo de vestido de cavalgada que, àquela altura, usava todos os dias, de uma seda verde lustrosa. A Grande Serpente circundava o dedo com ouro. Não podia dizer tudo para elas, mas aquelas mulheres também eram suas amigas e mereciam saber o que pudesse lhes contar.

— Feridas no orgulho ficam bem mais tempo na lembrança do que feridas na carne. — A voz de Bair soou tênue e estridente, mas firme; um junco de ferro.

— Conte para nós — sugeriu Melaine, com um sorriso ansioso. — Como você a envergonhou?

Bair demonstrava o mesmo entusiasmo. Naquela terra cruel, ou se aprendia a rir da crueldade, ou se passava a vida choramingando. Na Terra da Trindade, os Aiel tinham aprendido a rir havia muito tempo. Além do quê, envergonhar um inimigo era considerado uma arte.

Amys analisou as roupas novas de Egwene, então disse:

— Isso pode ficar para depois, eu acho. Viemos aqui para conversar, você disse.

Ela gesticulou para o local onde as Sábias gostavam de conversar, bem debaixo da cúpula imensa, no coração da câmara.

Por que elas escolhiam aquele ponto era outro mistério que Egwene não conseguia decifrar. As três mulheres se acomodaram de pernas cruzadas, esparramando as saias com cuidado, a umas poucas passadas do que parecia

uma espada de cristal reluzente cujo punho se erguia do local onde fora cravada no piso. Elas nem davam atenção à arma, que não fazia parte de suas profecias, não mais do que às pessoas que surgiam aos lampejos em torno da grande câmara. Mas era para ali que sempre se dirigiam.

Apesar da aparência, a lendária *Callandor* até funcionava de fato como uma espada, mas era um *sa'angreal* masculino, um dos mais poderosos já produzidos na Era das Lendas. Egwene sentiu um breve arrepio ao pensar no *sa'angreal* masculino. Tinha sido diferente quando só havia Rand. E os Abandonados, claro. Mas agora havia aqueles Asha'man. Com *Callandor*, um homem era capaz de atrair Poder Único suficiente para destruir uma cidade num piscar de olhos e devastar tudo a milhas de distância. Egwene passou bem longe ao contorná-la, sem nem notar que segurava as saias de lado. Do Coração da Pedra, Rand empunhara *Callandor*, em cumprimento às Profecias. Em seguida, por suas próprias razões, ele a devolvera. Devolvera e a envolvera numa trama de armadilhas tecidas com *saidin*. Também teriam reflexos ali, algo que poderia ser um estopim tão decisivo quanto as originais, caso as tessituras erradas fossem feitas ali por perto. Certas coisas em *Tel'aran'rhiod* eram reais demais.

Egwene tentou não pensar na Espada Que Não É Espada e se posicionou diante das três Sábias. As mulheres apertaram os xales em torno da cintura e desamarraram as blusas. Era assim que as Aiel se sentavam com as amigas em suas tendas, debaixo do sol forte. Egwene não se sentou, e, se isso a fazia parecer uma suplicante ou uma ré, que fosse. De certo modo, em seu coração, ela era.

— Eu não contei por que fui convocada para me afastar de vocês, que também não perguntaram.

— Você vai contar quando estiver pronta — respondeu Amys, complacente. Parecia ter a mesma idade de Melaine, apesar do cabelo

branco como o de Bair caindo até a cintura; cabelo que começara a mudar de cor quando ela era só um pouco mais velha que Egwene.

Mas, entre as três, a líder era Amys, não Bair. Pela primeira vez, Egwene se perguntou quantos anos a mulher teria. Assim como com as Aes Sedai, não era pergunta que se fizesse a uma Sábida.

— Quando deixei vocês, eu era uma das Aceitas. Vocês ficaram sabendo da divisão da Torre Branca.

Bair balançou a cabeça e fez careta. Sabia, mas não compreendia. Nenhuma delas compreendia. Para os Aiel, era tão irreal quanto um clã ou uma sociedade guerreira se dividir contra si. Talvez também houvesse nos olhos dela uma afirmação de que as Aes Sedai eram menos do que deveriam.

Egwene prosseguiu, surpresa por sua voz estar firme e controlada:

— As irmãs que se opõem a Elaida me elevaram a Amyrlin. Quando Elaida for derrubada, eu vou ocupar o Trono de Amyrlin na Torre Branca.
— Ela acrescentou a estola listrada à indumentária e aguardou. Certa vez, Egwene mentira para elas, uma transgressão grave sob o *ji'e'toh*, e não tinha certeza de como as Sábidas reagiriam ao ficarem sabendo daquela verdade que escondera. Se ao menos acreditassem... As mulheres só ficaram encarando.

— Tem uma coisa que as crianças fazem — disse Melaine, hesitante, tempos depois. A gravidez ainda não se notava, mas o fulgor interno, sim, o que a tornava ainda mais bonita que o habitual. Também havia uma quietude introspectiva inabalável. — Todas as crianças querem manejar lanças e todas querem ser o chefe do clã, mas, no fim das contas, acabam percebendo que o chefe de clã raramente dança com as lanças. Então, pegam uma figura e a posicionam num lugar alto. — De um lado, o chão de repente se ergueu. Não era mais de ladrilhos de pedra, e sim um espigão de

rochas marrons queimadas pelo sol. No topo, feita de galhos retorcidos e pedaços de pano, havia uma forma que se assemelhava vagamente à de um homem. — Este é o chefe de clã, que ordena que eles dancem com as lanças do alto de uma colina, de onde consegue ver a batalha. Mas as crianças correm para onde bem entendem, e o chefe de clã não passa de uma figura feita de gravetos e farrapos.

Um vento açulou as tiras de pano, acentuando o oco da figura, e, em seguida, o espigão e a figura sumiram.

Egwene respirou fundo. Claro. Por iniciativa própria, expiara sua mentira de acordo com *ji'e'toh*, e o efeito disso era como se a mentira jamais tivesse sido contada. Egwene deveria ter imaginado. Mas as mulheres tinham tocado o cerne da situação como se já estivessem no acampamento das Aes Sedai havia semanas. Bair examinou o chão, sem querer ser testemunha da vergonha de Egwene. Amys ficou sentada, com a mão no queixo, aqueles olhos azuis penetrantes tentando alcançar seu coração.

— Algumas me enxergam assim. — Mais uma respiração profunda, e ela desembuchou a verdade. — Todas, tirando umas poucas. Por enquanto. Quando terminarmos a batalha, vão saber que eu *sou* a líder, vão correr quando *eu* mandar.

— Volte para nós — pediu Bair. — Você tem honra demais para essas mulheres. Sorilea já selecionou doze rapazes para você olhar, nas tendas de vapor. Ela tem um grande desejo de a ver fazendo uma grinalda nupcial.

— Espero que ela esteja presente quando eu me casar, Bair — *com Gawyn*, ela esperava. Já sabia que iria criar um elo com ele, depois de interpretar os sonhos do rapaz, mas só a esperança e a certeza do amor dizia que se casariam um dia. — Espero que todas vocês estejam, mas já fiz minha escolha.

Bair teria prolongado a discussão, bem como Melaine, mas Amys levantou a mão, e todas ficaram em silêncio, ainda que não estivessem muito contentes.

— Há muito *ji* na decisão dela. Egwene vai fazer os inimigos se curvarem à sua vontade, não vai fugir deles. Eu lhe desejo o melhor na sua dança, Egwene al’Vere. — A mulher tinha sido uma Donzela da Lança e ainda costumava pensar como tal. — Sente-se, sente-se.

— A honra dela é só dela — rebateu Bair, o cenho franzido para Amys —, mas tenho outra pergunta. — Seus olhos eram de um azul quase aquoso, mas, quando se voltaram para Egwene, estavam tão penetrantes quanto os de Amys. — Você vai trazer essas Aes Sedai para se ajoelharem diante do *Car’a’carn*?

Assustada, Egwene, em vez de se sentar, quase se deixou cair a um pé do chão. Porém, não houve hesitação na resposta.

— Não posso fazer isso, Bair. E, mesmo que pudesse, não faria. Nossa lealdade é à Torre e às Aes Sedai como um todo, acima das terras onde nascemos. — Isso era verdade, ou deveria ser, embora Egwene se perguntasse como a afirmação se enquadraria nos pensamentos de cada mulher da Torre, com ela e as demais em rebelião. — Aes Sedai não juram fidelidade nem à Amyrlin, e certamente não a nenhum homem. Seria como uma de vocês se ajoelhar para um chefe de clã.

Egwene ilustrou uma cena seguindo o mesmo modelo que a de Melaine, concentrando-se em sua realidade, já que *Tel’aran’rhiod* era infinitamente maleável para quem soubesse moldá-lo. Atrás de *Callandor*, três Sábias caíram de joelhos diante de um chefe de clã. O homem se parecia muito com Rhuarc, e as mulheres, com as três Sábias à sua frente. Egwene só manteve a imagem por um instante, mas Bair deu uma olhada e fungou alto. A ideia *era* absurda.

— Não nos compare com aquelas mulheres. — Os olhos verdes de Melaine cintilaram com algo muito próximo da sua antiga contundência, e o tom de voz era afiado feito uma navalha.

Egwene conteve a língua. As Sábias davam a impressão de desprezar as Aes Sedai, todas menos ela. Ou talvez fosse melhor dizer que desdenhavam das Aes Sedai. Achou que elas talvez se ressentissem das profecias que as ligavam às Aes Sedai. Antes de Egwene ter sido convocada pelo Salão para ser elevada a Amyrlin, Sheriam e seu círculo de amigas tinham se encontrado várias vezes com aquelas três, bem ali, mas os encontros acabaram se encerrando tanto porque as Sábias se recusavam a esconder seu desdém como pelo fato de Egwene finalmente ter sido chamada. Em *Tel'aran'rhiod*, entrar em confronto com alguém mais familiarizado com o local poderia ser extremamente embaraçoso. Mesmo com Egwene, agora havia certa distância e certas questões que não seriam discutidas, como o quanto elas sabiam a respeito dos planos de Rand. Antes, Egwene tinha sido uma delas, uma aprendiz de Andarilha dos Sonhos. Depois, virou uma Aes Sedai, mesmo antes de ficarem sabendo do que acabara de lhes contar.

— Egwene al'Vere vai agir como deve — ponderou Amys.

Melaine lançou um olhar demorado e rearrumou o xale de modo espalhafatoso, agitando vários colares compridos num retinir de marfim e ouro, mas sem dizer nada. Amys aparentava ainda mais a líder que já fora. A única Sábua que Egwene já vira fazer as outras Sábias deferirem a ela com tanta facilidade era Sorilea.

Bair imaginara um chá diante de si, como poderia ser o caso nas tendas, um bule dourado trabalhado com leões de algum país, uma bandeja de prata bordejada com amarrações de outro, e minúsculas xícaras verdes de uma delicada porcelana do Povo do Mar. O chá parecia real, claro, e ela podia sentir seu gosto. Apesar de um toque de alguma erva ou fruta doce que

Egwene não reconheceu, a bebida era amarga demais para o seu gosto. Ela se imaginou pondo um pouco de mel e deu mais um golinho. Muito doce. Um pouco menos de mel. Agora sim. Aquilo era algo que não se podia fazer com o Poder. Egwene duvidava que alguém tivesse a capacidade de tecer fios de *saidar* tão finos a ponto de remover mel de um chá.

Por um momento, ficou sentada, espiando dentro da xícara, pensando em mel, chá e fios bem finos de *saidar*, mas não era isso que a mantinha em silêncio. As Sábias queriam guiar Rand tanto quanto Elaida, Romanda ou Lelaine, ou quanto qualquer outra Aes Sedai. Claro que só queriam conduzir o *Car'a'carn* de um modo que fosse melhor para os Aiel, mas aquelas irmãs desejavam conduzir o Dragão Renascido na direção do que era melhor para o mundo, conforme o entendiam. Egwene não era exceção. Auxiliar Rand e evitar que ele entrasse em desavenças irremediáveis com as Aes Sedai também significava conduzi-lo. *Só que eu estou certa*, lembrou a si mesma. *O que quer que eu faça é tanto para o bem dele quanto para o de qualquer outra pessoa. Nenhuma das outras jamais pensou no bem dele.* Mas melhor não se esquecer de que aquelas mulheres ali na frente eram mais que simplesmente amigas e seguidoras do *Car'a'carn*. Ninguém era simples, pelo que Egwene estava aprendendo.

— Eu não acho que você só queria nos contar que agora é chefe entre os aguacentos — opinou Amys, por sobre a xícara de chá. — O que a atormenta, Egwene al'Vere?

— O que me atormenta é o de sempre. — Ela abriu um sorriso para suavizar o clima. — Às vezes acho que Rand vai me deixar de cabelo grisalho antes do tempo.

— Não fossem os homens, nenhuma mulher teria cabelo grisalho.

Normalmente, aquilo teria sido uma piada na boca de Melaine, e Bair teria emendado outra a respeito do vasto conhecimento sobre homens que

Melaine adquirira em apenas uns poucos meses de casamento, mas não desta vez. As três só fizeram observar Egwene e aguardar.

Que fosse. Elas queriam falar sério. Bem, Rand era um assunto sério. Egwene só queria poder ter certeza de que elas viam alguma coisa do mesmo modo que ela. Equilibrando a xícara na pontinha dos dedos, enfim lhes contou tudo. Sobre Rand, sobre os medos que sentia desde que soubera do silêncio de Caemlyn.

— Não sei o que ele fez, ou o que ela fez. Todo mundo me fala sobre como Merana é experiente, mas ela não tem experiência nenhuma com tipos como ele. Quando se trata de Aes Sedai, se vocês escondessem esta xícara num prado, ele ainda daria um jeito de pisar nela em menos de três passadas. Sei que poderia fazer melhor que Merana, mas...

— Você podia voltar — sugeriu Bair, de novo, e Egwene negou com firmeza com a cabeça.

— Posso fazer mais onde estou, como Amyrlin. E até o Trono de Amyrlin segue regras. — Sua boca se retorceu por um momento. Não gostava de admitir aquilo, ainda mais para aquelas mulheres. — Não posso nem o visitar sem a permissão do Salão. Agora, sou uma Aes Sedai, tenho que obedecer às nossas leis.

Aquelas palavras saíram com mais ímpeto do que pretendia. Era uma lei estúpida, mas Egwene ainda não encontrara uma forma de burlá-la. Além do quê, a expressão das mulheres era tão contida que teve certeza de que, por dentro, estavam incrédulas e reprimindo o riso. Nem um chefe de clã tinha o direito de dizer quando ou para onde uma Sábida podia ir. As três mulheres à frente trocaram longos olhares. Em seguida, Amys pousou a xícara de chá, dizendo:

— Merana Ambrey e outras Aes Sedai acompanharam o *Car'a'carn* até a cidade dos Assassinos da Árvore. Você não precisa ter medo de que ele vá

cometer deslizes com ela, ou que alguma das suas irmãs vá fazer isso. Vamos cuidar para que não haja dificuldades entre ele e qualquer Aes Sedai.

— Isso não parece muito com Rand — respondeu Egwene, cheia de dúvidas.

Então Sheriam estivera certa quanto a Merana. Mas por que a mulher ainda permanecia em silêncio?

Bair soltou uma gargalhada estridente.

— A maioria dos pais e mães tem mais problemas com seus filhos do que os que existem entre o *Car'a'carn* e as mulheres que vieram com Merana Ambrey.

— Desde que o filho não seja ele... — Egwene riu, aliviada por alguém estar se divertindo com alguma coisa. Pelo sentimento que aquelas mulheres nutriam pelas Aes Sedai, estariam cuspidos marimbondos se achassem que alguma irmã estava se tornando mais influente com ele. Por outro lado, Merana precisava adquirir alguma influência, ou era melhor ir embora logo. — Mas Merana deveria ter mandado um relatório. Não entendo por que não mandou. Vocês têm certeza de que não há...?

Não conseguia pensar em como completar a pergunta. Não havia como Rand poder ter impedido Merana de despachar um pombo.

— Talvez ela tenha mandado um homem a cavalo. — Amys fez uma careta discreta. Tanto quanto qualquer Aiel, achava repugnante andar a cavalo. As próprias pernas eram suficientes. — Ela não trouxe nenhum dos pássaros que os aguacentos usam.

— Foi uma tolice da parte dela — resmungou Egwene. Tolice não chegava nem perto. Os sonhos de Merana deviam ser blindados, então seria inútil tentar falar com ela ali. Mesmo que os sonhos pudessem ser encontrados. Luz, mas que aborrecimento! Cheia de atenção, Egwene se inclinou para a frente. — Amys, me prometa que não vão tentar impedi-lo

de falar com ela, ou deixá-la com tanta raiva que ela acabe fazendo alguma bobagem. — As três eram bastante capazes daquilo. Mais do que capazes. Tinham aperfeiçoado a arte de deixar uma Aes Sedai furiosa ao nível de um Talento. — Merana só precisa convencê-lo de que não temos nenhuma intenção de machucá-lo. Com certeza Elaida tem alguma surpresa bem desagradável escondida debaixo das saias dela, mas nós não. — E cuidaria daquilo, caso alguém pensasse diferente. De alguma forma, cuidaria. — Você me promete?

As mulheres trocaram olhares indecifráveis. Não tinham como gostar da ideia de deixar uma irmã perto de Rand, certamente não desimpedida. Uma delas, sem dúvida, arquitetaria algo para estar presente onde quer que Merana estivesse. Mas Egwene aceitaria aquilo, desde que as Sábias não fossem um estorvo excessivo.

— Prometo, Egwene al’Vere — disse Amys, por fim, com uma voz monótona feito uma pedra.

Era provável que tivesse ficado ofendida por Egwene ter exigido a promessa, mas a jovem sentiu que tirava um peso das costas. Dois pesos. Rand e Merana não pulariam na garganta um do outro, e a mulher teria uma chance de fazer o que fora enviada para fazer.

— Eu sabia que ouviria a verdade nua e crua de você, Amys. Não tenho palavras para expressar minha felicidade por isso. Se algo desse errado entre Rand e Merana... Obrigada.

Então piscou, sobressaltada. Por um instante, Amys trajava o *cadin’sor*. E também fez algum gesto rápido. Gestos manuais de Donzelas, talvez. Nem Bair nem Melaine, bebericando os chás, davam o menor sinal de terem notado. Amys devia estar desejando que estivesse num outro local, longe da enrascada em que Rand transformara a vida de todo mundo. Seria um constrangimento, uma vergonha para uma Sábria Andarilha dos Sonhos,

perder o autocontrole em *Tel'aran'rhiod*, mesmo que apenas por um instante. Para os Aiel, a vergonha machucava bem mais que a dor, mas precisava ser testemunhada para *ser* vergonha. Se ninguém visse, ou se os que a vissem se recusassem a admiti-la, então bem que poderia jamais ter acontecido. Uma gente estranha, mas Egwene certamente não queria envergonhar Amys. Recompondo a expressão, prosseguiu como se nada tivesse ocorrido:

— Preciso pedir um favor. Um favor importante. Não fale de mim nem para Rand nem para ninguém. Sobre isso, quero dizer. — Ela levantou uma das extremidades da estola. Os rostos das três faziam a mais absoluta calma de uma Aes Sedai parecer maníaca. Nada a ver com uma pedra. — Não me refiro a mentirem — foi logo acrescentando. Pelo *ji'e'toh*, pedir para alguém mentir era só um pouco melhor do que contar uma mentira. — Só não toquem no assunto. Ele já mandou uma pessoa para me “resgatar”. — *E ele vai ficar furioso quando descobrir que remanejei Mat para Ebou Dar com Nynaeve e Elayne*, pensou. No entanto, tivera que fazer aquilo. — Não preciso de resgate, nem quero, mas ele acha que sabe mais que todo mundo. Meu medo é que ele mesmo venha me caçar.

O que a assustava mais, a possibilidade de que ele aparecesse no acampamento sozinho, furioso, com umas trezentas Aes Sedai ao seu redor, ou que viesse com alguns dos Asha'man? De um jeito ou de outro, seria um desastre.

— Isso seria... uma infelicidade — murmurou Melaine, embora raramente fosse de interromper frases, no que Bair resmungou:

— O *Car'a'carn* tem um gênio forte. Pior do que todos os homens que já conheci. E do que algumas mulheres, aliás.

— Vamos guardar sua confiança, Egwene al'Vere — afirmou Amys, severa.

Egwene piscou surpresa diante daquela concordância tão rápida. Mas talvez não fosse tão surpreendente. Para elas, o *Car'a'carn* era apenas mais um chefe, só um pouco mais, e as Sábias eram famosas por esconder de um chefe as coisas que achassem que ele não deveria saber.

Depois disso, não havia muito o que dizer, embora tenham conversado um pouco mais enquanto tomavam outras xícaras de chá. Egwene ansiava por uma aula sobre andar nos sonhos, mas, com Amys ali, não podia pedir. Amys partiria, e ela desejava mais a companhia da mulher do que aprender. O mais perto que as Sábias chegaram de contar qualquer coisa que Rand estivesse fazendo foi quando Melaine resmungou que o rapaz deveria acabar logo com os Shaido e com Sevanna, no que tanto Bair quanto Amys franziram o cenho de tal forma que Melaine ficou vermelha. Afinal, como Egwene sabia, Sevanna era uma Sábia. Nem o *Car'a'carn* tinha permissão para interferir com uma Sábia Shaido. E também não podia revelar às Sábias alguns detalhes das próprias circunstâncias. O fato de elas terem se referido justamente à parte mais vergonhosa não diminuía em nada a vergonha que sentiria por falar no assunto — era difícil demais não voltar a se comportar e até pensar como os Aiel, quando estava perto delas, mas Egwene achava que teria ficado com vergonha mesmo que nunca tivesse conhecido um Aiel. Além disso, o único tipo de conselho que as Sábias tinham sobre como lidar com as Aes Sedai era de uma natureza que nem Elaida tentaria seguir. Uma insurgência entre as Aes Sedai, improvável como parecia, poderia funcionar. Pior que isso, a opinião delas a respeito das mulheres da Torre já era ruim o bastante sem precisar pôr lenha na fogueira. Algum dia, Egwene desejava forjar laços entre as Sábias e a Torre Branca, mas isso só aconteceria se desse um jeito de abrandar aquela fogueira. Outra coisa que, até o momento, ainda não tinha a menor ideia de como fazer.

— Preciso ir — avisou, por fim, levantando-se. Seu corpo jazia adormecido na tenda, mas não descansava o suficiente durante o sono enquanto ela estava em *Tel'aran'rhiod*. As demais se levantaram junto. — Espero que todas tenham muito cuidado. Moghedien me odeia e com certeza tentaria machucar qualquer pessoa que seja minha amiga. Ela conhece um bocado sobre o Mundo dos Sonhos. No mínimo tanto quanto Lanfear conhecia.

Aquilo era o máximo que ela podia fazer para alertá-las sem dizer com todas as letras que Moghedien talvez soubesse mais que elas. O orgulho Aiel podia ser espinhoso. As mulheres, porém, entenderam o recado e não ficaram ofendidas.

— Se as Almas da Sombra tivessem a intenção de nos ameaçar — conjecturou Melaine —, acho que, a esta altura, já teriam ameaçado. Talvez acreditem que não somos uma ameaça.

— Já demos uma espiada nos que devem ser capazes de andar em sonhos, inclusive nos homens. — Bair balançou a cabeça, incrédula: não importava o quanto soubesse a respeito dos Abandonados, considerava Andarilhos dos Sonhos masculinos algo tão incomum quanto ver pernas em serpentes. — Eles nos evitam. Todos.

— Acho que somos tão fortes quanto eles — acrescentou Amys. No Poder Único, ela e Melaine não eram mais fortes que Theodrin e Faolain. Estavam longe de ser fracas, e de fato eram mais fortes que quase todas as Aes Sedai, mas também estavam distantes da força de um Abandonado. No Mundo dos Sonhos, porém, o conhecimento de *Tel'aran'rhiod* costumava ser tão poderoso quanto o de *saidar*, por vezes até mais. Ali, Bair era igual a qualquer irmã. — Mas vamos tomar cuidado. É o inimigo que você subestima que acaba matando-a.

Egwene tomou Amys e Melaine pela mão, e, se tivesse como, teria pego a de Bair. Em vez disso, incluiu-a com um sorriso.

— Eu nunca vou conseguir expressar o que a amizade de vocês significa para mim, o que vocês significam para mim. — Apesar de tudo, era a pura verdade. — Cada vez que eu pisco, o mundo inteiro parece estar mudando. Vocês três são um dos únicos pontos firmes.

— O mundo muda mesmo — concordou Amys, tristonha. — Até as montanhas são desgastadas pelo vento, e ninguém escala o mesmo morro duas vezes. Espero que você sempre nos veja como amigas, Egwene al’Vere. Que você sempre encontre água e sombra.

E as três se foram, de volta para os seus corpos.

Egwene permaneceu um tempo de pé, franzindo o cenho para *Callandor*, mas sem vê-la, até que, de repente, se sacudiu, exasperada. Andara pensando naquele campo de estrelas infinito. Se ficasse esperando demais, o sonho de Gawyn a encontraria de novo, envolvendo-a do mesmo modo como seus braços logo fariam. Um jeito bem agradável de passar o restante da noite. E uma perda de tempo infantil.

Com firmeza, obrigou-se a voltar para o corpo adormecido, mas não para um sono comum. Isso não acontecia mais. Um cantinho do seu cérebro continuava em plena consciência, catalogando sonhos, arquivando os que prediziam o futuro ou que, em qualquer nível, davam sinais do possível curso que as coisas poderiam tomar. Pelo menos até onde Egwene podia dizer, embora o único que tivesse conseguido interpretar fosse o sonho que dizia que Gawyn se tornaria seu Guardião. As Aes Sedai chamavam isso de Sonhar, e as mulheres capazes de fazer aquilo eram as Sonhadoras. Todas, menos Egwene, tinham morrido havia muitos anos. Mas, tanto quanto andar em sonhos, não tinha nada a ver com o Poder Único.

Talvez fosse inevitável que Egwene sonhasse primeiro com Gawyn, já que andara pensando nele.

Ela estava de pé numa câmara ampla, à meia-luz, onde tudo era indistinto. Tudo menos Gawyn, vindo devagar em sua direção. Um homem bonito e alto — como já tinha pensado que Galad, o meio-irmão dele, era mais bonito? —, com cabelo dourado e olhos do mais maravilhoso azul profundo. Ainda tinha uma certa distância para cobrir, mas conseguia vê-la, e seu olhar estava fixo nela feito um arqueiro no alvo. Um som fraco de trincados e raspagens pairava no ar. Egwene olhou para baixo. Então sentiu um grito brotando dentro dela. Descalço, Gawyn atravessava um ambiente com o chão coberto de cacos de vidro que iam se quebrando a cada passo lento. Mesmo naquela luz tênue, ela conseguia ver o rastro de sangue que os pés cortados deixavam. Estendeu a mão, tentou gritar para que ele parasse, quis correr até lá, mas, igualmente depressa, já estava em outro local.

Do jeito que acontecia nos sonhos, flutuou por sobre uma estrada comprida e reta que cortava uma planície coberta de grama, olhando para baixo, onde um homem cavalgava um garanhão negro. Gawyn. Em seguida, estava de pé na estrada à frente dele, que puxava as rédeas. Não por tê-la visto, mas porque a estrada que antes era reta bifurcava exatamente onde ela estava, atravessando colinas bem altas, de forma que ninguém conseguia ver o que havia além. Mas Egwene sabia. Ao fim de um dos caminhos, a morte violenta de Gawyn. No outro, uma vida longa e uma morte durante o sono. Por um caminho, os dois se casariam; pelo outro, não. Sabia o que havia à frente, mas não qual caminho era qual. De repente, Gawyn a via, ou parecia ver, e sorria, virando o cavalo em um dos caminhos... E ela se via em outro sonho. E mais um. E outro. E de novo.

Nem todos tinham alguma relação com o futuro. Sonhos com beijos em Gawyn, com corridas num prado fresco na primavera ao lado das irmãs,

como faziam quando eram crianças, seguidas de pesadelos em que Aes Sedai munidas de açoites a perseguiram por corredores sem fim, em que objetos desfigurados moviam-se abruptamente nas sombras que se espalhavam por toda parte; um pesadelo em que uma Nicola sorridente a denunciava para o Salão e Thom Merrilin se apresentava para fornecer provas. Esses, descartava. Os outros, guardava para mais tarde serem espicaçados e cutucados, na esperança de que pudesse entender o que significavam.

Egwene se viu de pé diante de uma imensa muralha que arranhava, que tentava pôr abaixo com as próprias mãos. Não era feita de tijolos ou de pedra, mas de milhares de incontáveis discos, cada qual com uma metade branca e outra preta, o antigo símbolo das Aes Sedai — assim como os sete lacres que, um dia, mantiveram vedada a prisão do Tenebroso. Àquela altura, alguns daqueles lacres tinham se partido, ainda que nem mesmo o Poder Único fosse capaz de romper o *cuendillar*, e os demais, de alguma forma, tinham se enfraquecido. Mas a muralha permanecia forte não importava como Egwene a esmurrasse. Não tinha como derrubá-la. Talvez o importante fosse o símbolo. Talvez fossem as Aes Sedai que estava tentando derrubar, a Torre Branca. Talvez...

Mat sentado no alto de uma colina amortalhada pela noite, observando uma grande apresentação de fogos de artifício de um Iluminador e, de repente, sua mão se lançava para cima e apanhava uma daquelas luzes que irrompia no ar. Flechas de fogo piscavam em seu punho cerrado, e uma sensação de terror tomava Egwene. Homens morreriam por causa daquilo. O mundo se transformaria. Mas o mundo *estava* se transformando, sempre se transformava.

Correias na cintura e no ombro a prendiam com firmeza ao bloco, e o machado do carrasco descia, mas ela sabia que, em algum lugar, alguém

estava correndo, e que, se corressem rápido o bastante, o machado pararia. Se não... naquele cantinho da mente, Egwene sentiu um arrepio.

Gargalhando, Logain saltou por sobre algo no chão, depois subia numa pedra negra. Quando ela olhou para baixo, achou que o que o homem saltara era o corpo de Rand, deitado num esquife, as mãos cruzadas sobre o peito. Mas, quando tocava no rosto dele, Rand se quebrava feito um boneco de papel.

Um gavião dourado estendia a asa e a tocava, e, de alguma forma, Egwene e o gavião se viam amarrados um ao outro, e a única coisa que sabia era que a ave era uma fêmea. Um homem repousava numa cama estreita, prestes a morrer, e era importante que não morresse, ainda que, lá fora, uma pira funerária estivesse sendo construída, e vozes entoassem canções de alegria e tristeza. Um jovem de pele escura carregava um objeto que brilhava com tanta intensidade que ela não conseguia ver do que se tratava.

Um a um os sonhos vinham, e Egwene os ordenava numa diligência febril, desesperada, tentando entender. Não descansava fazendo aquilo, mas precisava fazer. Faria o que precisava ser feito.



CAPÍTULO 11



UM JURAMENTO

— A senhora pediu para ser acordada antes de o sol nascer, Mãe.

Egwene abriu os olhos no mesmo instante — antes de dormir, tinha definido um horário para acordar apenas alguns momentos mais tarde — e, apesar de estar alerta, se assustou com o rosto logo acima do seu e afundou mais a cabeça no travesseiro. Séria e coberta de uma camada reluzente de suor, não era uma visão agradável para a primeira imagem do dia. Meri mantinha uma postura perfeitamente respeitosa, mas com o nariz franzido, a boca permanentemente arqueada para baixo e os olhos escuros cheios de uma censura contundente davam a entender que ela nunca vira ninguém com nem metade das qualidades que a pessoa deveria ou fingia ter, enquanto o tom de voz monótono dava a conotação oposta às palavras que usava.

— Espero que tenha dormido bem, Mãe — arrematou Meri, mas seu semblante a acusava de preguiça.

O cabelo preto, caindo sobre as orelhas em cachos apertados, parecia pressionar o rosto dolorosamente. As roupas cinza escuras e sempre opacas só acentuavam a melancolia da sua imagem, mesmo que a fizessem suar.

Era uma pena Egwene não ter conseguido descansar direito. Aos bocejos, ela se levantou do catre dobrável estreito e esfregou os dentes com saís, então lavou o rosto e as mãos enquanto Meri separava as roupas para o

dia, calçou meias e vestiu uma anágua limpa, para só então passar pelo desconforto de ser vestida. “Desconforto” era a palavra perfeita.

— Bem, infelizmente alguns destes nós vão doer, Mãe — murmurou a mulher apática, escovando o cabelo de Egwene.

A jovem Amyrlin quase retrucou que não enroscara o cabelo de propósito enquanto dormia.

— Vejo que vamos ficar por aqui hoje, Mãe. — *Quanta indolência*, acusava o reflexo de Meri no espelho de pé. — Este tom de azul vai realçar bem a sua pele, Mãe — opinou a criada, abotoando as roupas de Egwene, o rosto a acusando de vaidade.

Aliviada de saber que Chesa a acompanharia naquela noite, Egwene vestiu a estola e saiu quase que antes de Meri terminar.

Não se via nem o menor sinal do sol acima das colinas a leste. O terreno era acidentado, com longos espinhaços e morros irregulares, às vezes de centenas de pés de altura, que não raro davam a impressão de terem sido espremidos por dedos monstruosos. Sombras como as do crepúsculo banhavam o acampamento montado em um dos extensos vales intermediários, já bem acordado naquele calor que nunca passava. Os cheiros do café da manhã enchiam o ar, e as pessoas já estavam ocupadas, ainda que não houvesse sinal da pressa que teriam demonstrado se fosse um dia de marcha. Noviças de branco zanzavam de um lado para o outro, quase correndo; as noviças espertas sempre davam conta das tarefas o mais rápido possível. Os Guardiões nunca pareciam apressados, claro, mas até os serviçais que levavam a refeição matinal das Aes Sedai pareciam só caminhar, naquela manhã. Bem, quase; pelo menos em comparação às noviças. Todo o acampamento parecia estar tirando proveito do dia de parada. Um barulho metálico e alguns xingamentos foram ouvidos quando um carroção alavancado escapou do apoio, e batidas distantes de martelos

sugeriam que os ferradores estavam ajustando as ferraduras dos cavalos. Diversos fabricantes de velas já estavam com os moldes alinhados, as chaleiras aquecendo para derreter os pingos e tocos cuidadosamente acumulados de todas as velas que tinham sido usadas. Grandes chaleiras negras repousavam nas fogueiras para aquecer água dos banhos e da lavanderia, e homens e mulheres empilhavam peças de roupa ali perto. Egwene não deu muita atenção a nenhuma daquelas atividades.

A questão toda era que tinha certeza de que Meri não fazia aquilo de propósito. A mulher não tinha como ter outro rosto. Ainda assim, era uma criada tão ruim quanto Romanda seria. Egwene riu alto só de pensar naquilo. Se fosse criada de uma lady, Romanda botaria sua senhora nos trilhos rapidinho, e não havia dúvidas de quem correria para apanhar as coisas *naquela* dupla. Um cozinheiro grisalho parou de revolver o carvão de cima de um fogão de ferro para lançar a Egwene um sorriso de quem compartilhava de seu bom humor. Pelo menos por um instante. Em seguida, o homem se deu conta de que estava sorrindo para o Trono de Amyrlin, não para uma jovem qualquer, e o sorriso se desfez de um jeito meio torto à medida que ele improvisava uma medida e tratava de se curvar e voltar a trabalhar.

Se mandasse Meri embora, Romanda logo encontraria outra espiã. E Meri voltaria a passar fome, viajando de aldeia em aldeia. Egwene ajustou o vestido — realmente tinha saído antes que a mulher terminasse de fechá-lo direito — e os dedos encontraram uma pequena bolsinha de linho, os cordames enfiados por trás do cinto. Não precisou trazê-la até o nariz para sentir o cheiro de pétalas de rosa e uma mistura de ervas de aroma fresco. Aquilo a fez soltar um suspiro. A mulher tinha o rosto de um carrasco, sem dúvida estava espionando a mando de Romanda, e mesmo assim tentava

cumprir suas obrigações da melhor maneira que podia. Por que aquelas coisas nunca eram fáceis?

Quando Egwene se aproximou da tenda que usava de gabinete — muitos a chamavam de gabinete da Amyrlin, como se fossem os aposentos da Torre —, uma satisfação solene substituiu a preocupação com relação a Meri. Sempre que paravam por um dia, Sheriam chegava na tenda antes dela, carregando maços bem gordos de petições. Uma lavadeira implorando por clemência em alguma acusação de roubo em que fora flagrada com joias costuradas ao próprio vestido, ou um ferreiro suplicando por um testemunho pelo seu trabalho, o que só poderia usar se pretendesse ir embora, e, mesmo nesse caso, pouco provável que usasse. Uma fabricante de arreios pedindo as orações da Amyrlin para que desse à luz uma menina. Algum dos soldados de Lorde Bryne solicitando as bênçãos pessoais da Amyrlin para seu casamento com uma costureira. Sempre havia muitas das noviças mais velhas, fazendo apelos por visitas a Tiana e até por mais tarefas. Todos tinham o direito a fazer uma petição à Amyrlin, mas era raro que elas fossem feitas por quem estivesse a serviço da Torre, e muito menos noviças. Egwene suspeitava que Sheriam se esforçava para arregimentar peticionários e arranjar tarefas para mantê-la ocupada, para que Egwene não perturbasse Sheriam enquanto a Curadora cuidava daquilo que considerava importante. Naquela manhã, Egwene achava que faria Sheriam comer suas petições no desjejum.

Porém, quando entrou na tenda, não encontrou Sheriam — o que talvez não deveria ter sido uma surpresa, considerando a noite anterior. Porém, a tenda não estava vazia.

— Que a Luz a ilumine nesta manhã, Mãe — saudou Theodrin, numa reverência tão profunda que fez balançar a borda do xale. A mulher possuía toda a famosa graciosidade domanesa, embora o vestido de gola alta fosse

bem modesto. As domanesas não eram conhecidas pela modéstia. — Fizemos como a senhora mandou, mas ninguém viu viva alma perto da tenda de Marigan ontem à noite.

— Alguns dos homens se lembraram de terem visto Halima — acrescentou Faolain, num tom azedo, com uma flexão de joelhos bem mais breve —, mas, fora isso, mal se recordaram de sequer terem ido dormir. — Muitas mulheres desaprovavam a secretária de Delana, mas foi a observação seguinte que fez o rosto redondo de Faolain parecer mais sombrio que o habitual: — Encontramos Tiana quando estávamos perambulando por lá. Ela nos mandou ir logo para a cama.

De maneira distraída, Faolain alisou a borda azul do xale. Siuan sempre dizia que as Aes Sedai novas costumavam usar os xales com mais frequência do que era necessário.

Egwene abriu um sorriso que esperava que parecesse gentil e tomou seu lugar atrás da mesinha. Sentou-se com cuidado, mas a cadeira vacilou por um instante, até ela se abaixar e endireitar a perna móvel. Notou a pontinha de um pergaminho dobrado aparecendo por baixo do frasco de tinta. As mãos coçaram para pegá-lo, mas ela se forçou para aquietá-las. Muitas das irmãs viam pouca necessidade de cortesias, mas ela não seria uma dessas. Além do quê, aquelas duas tinham o direito de lhe fazer pedidos.

— Lamento as dificuldades que passaram, filhas.

Elevadas a Aes Sedai por decreto de Egwene, de quando foi elevada a Amyrlin, as duas passavam por problemas semelhantes aos da própria Egwene, mas sem a proteção adicional da estola da Amyrlin — que também tinha se provado uma proteção modesta. As irmãs quase todas agiam como se elas ainda fossem Aceitas. O que se passava dentro das Ajahs raramente escapava, mas os boatos davam conta de que elas de fato tiveram de fato suplicar para serem admitidas e que zeladoras haviam sido designadas para

supervisionar seu comportamento. Ninguém jamais ouvira nada parecido, mas todas viam aquilo como um fato. Egwene não lhes fizera nenhum favor. Outra coisa que havia sido necessária.

— Vou falar com Tiana. — Podia ser que desse algum resultado. Por um dia, ou uma hora.

— Obrigada, Mãe — agradeceu Theodrin —, mas não precisa se incomodar. — Apesar de imóvel, ela também tocava o xale, as mãos hesitantes. — Tiana queria saber por que estávamos acordadas tão tarde — acrescentou, depois de alguns instantes —, mas não respondemos.

— Não havia por que manter segredo, filha. — Porém, era uma pena não terem encontrado nenhuma testemunha. O libertador de Moghedien permaneceria uma sombra mal avistada, mantendo-se sempre como a opção mais apavorante. Egwene deu uma olhada para o cantinho do pergaminho, louca para lê-lo. Talvez Siuan tivesse descoberto algo. — Obrigada às duas.

Theodrin reconheceu a dispensa e agiu como quem ia sair, mas parou quando viu Faolain permanecer onde estava.

— Eu queria já ter empunhado o Bastão dos Juramentos — disse Faolain, para Egwene, com ares de frustração —, para que a senhora tivesse como saber que o que estou dizendo é verdade.

— Não é hora de perturbar a Amyrlin — começou Theodrin, que então cruzou as mãos e voltou sua atenção para Egwene.

Em seu rosto, a paciência se misturava com alguma outra coisa. Claramente a mais forte das duas com o Poder, Theodrin sempre tomava a iniciativa. Mas, daquela vez, estava preparada para dar um passo atrás. Egwene se perguntava qual seria o intuito.

— Não é o Bastão dos Juramentos que torna uma mulher uma Aes Sedai, filha. — Pouco importava o que algumas acreditassem. — Fale a verdade para mim. Eu vou acreditar.

— Eu não gosto da senhora. — A massa de cachos escuros de Faolain chacoalhou quando ela fez que não com a cabeça, para dar ênfase. — A senhora deve saber disso. A senhora deve achar que fui má quando a senhora era noviça, quando voltou para a Torre Branca depois de fugir, mas eu ainda acredito que a senhora não recebeu nem metade do castigo que deveria. Pode ser que eu admitir isso a ajude a saber que estou falando a verdade. E não é porque agora não temos escolha. Romanda se ofereceu para nos manter sob a proteção dela, e Lelaine também. Disseram que cuidariam para que fôssemos testadas e elevadas de maneira adequada assim que voltássemos para a Torre.

O rosto de Faolain se enfureceu ainda mais, e Theodrin revirou os olhos e se intrometeu:

— Mãe, o que Faolain está enrolando para dizer é que nós não nos juntamos à senhora por falta de escolha. E muito menos por gratidão pelo xale.

Ela apertou os lábios, como se pensasse que terem sido elevadas da maneira como Egwene fez não era um presente que inspirasse tanta gratidão.

— Por quê, então? — perguntou Egwene, reclinando-se na cadeira, que pareceu protestar, mas aguentou firme.

Faolain foi logo respondendo, antes que Theodrin pudesse fazer mais do que abrir a boca:

— Porque a senhora é o Trono de Amyrlin. — Ela ainda parecia zangada. — Nós vemos o que está acontecendo. Algumas irmãs acham que a senhora é fantoche de Sheriam, mas a maior parte acredita que Romanda e Lelaine lhe dizem onde e quando dar cada passo. Não é certo. — O rosto da mulher se transformou numa carranca. — Fui embora da Torre porque o que Elaida fez não foi certo. Elas elevaram a senhora a Amyrlin. Então,

estou do seu lado. Se a senhora me quiser. Se puder confiar em mim sem o Bastão dos Juramentos. A senhora precisa acreditar em mim.

— E você, Theodrin? — indagou Egwene, depressa, controlando o semblante.

Saber o que as irmãs achavam já era ruim o bastante. Ouvir de novo era... doloroso.

— Também estou do seu lado — retrucou Theodrin, com um suspiro. — Se a senhora me quiser. — Ela ergueu as mãos em rendição. — Não somos grande coisa, eu sei, mas parece que somos tudo o que tem. Devo admitir que estava hesitante, Mãe. Foi Faolain quem insistiu para que fizéssemos isso. Para ser sincera... — Ela ajustou de novo o xale, mesmo sem a menor necessidade, e sua voz se firmou. — Para ser sincera, não vejo como a senhora pode levar a melhor sobre Romanda e Lelaine. Mas estamos tentando nos comportar como Aes Sedai, mesmo que ainda não sejamos de fato. A despeito do que a senhora diga, Mãe, só seremos Aes Sedai quando as outras irmãs nos virem como tal, e isso só vai acontecer quando tivermos sido testadas e fizermos os Três Juramentos.

Egwene puxou o pergaminho dobrado de baixo do frasco de tinta e, enquanto pensava, alisou o papel com os dedos. Seria Faolain a força por trás daquilo? Parecia tão improvável quanto um lobo fazer amizade com o pastor. Egwene suspeitou que “não gostar” fosse um eufemismo para o que Faolain sentia por ela, e a mulher devia saber que Egwene não a enxergava como amiga em potencial. Se as duas tivessem aceitado o arranjo de qualquer uma das Votantes, mencionar a oferta poderia ser uma boa maneira de desarmar suas suspeitas.

— Mãe — continuou Faolain, então hesitou, parecendo surpresa consigo mesma. Era a primeira vez que se dirigia a Egwene naqueles termos. Ela respirou fundo e continuou: — Mãe, sei que acreditar em nós duas deve ser

difícil para a senhora, já que nunca empunhamos o Bastão dos Juramentos, mas...

— Eu gostaria que vocês parassem de tocar nesse assunto — interrompeu Egwene. Era bom tomar cuidado, mas não podia recusar todas as ofertas de ajuda por medo de conchavos. — Acham que as pessoas só acreditam nas Aes Sedai por causa dos Três Juramentos? Quem conhece as Aes Sedai sabe que uma irmã é capaz de virar a verdade de ponta-cabeça e fazer dela gato e sapato, se quiser. No que cabe a mim, acho que os Três Juramentos fazem tão mal quanto bem, talvez mais mal. Vou acreditar em vocês até descobrir que mentiram para mim, e vou confiar em vocês até me mostrarem que não são dignas dessa confiança. Do mesmo jeito que todo mundo é com todo mundo. — Parando para pensar, os Juramentos de fato não mudavam aquilo. Na maioria dos casos, ainda era preciso ouvir uma irmã na base da confiança. Os Juramentos só tornavam as pessoas mais atentas à situação, fazendo-as se perguntar se e como estariam sendo manipuladas. — Outra coisa: vocês *são* Aes Sedai. Não quero mais ouvir falar em terem que ser testadas, empunhar o Bastão dos Juramentos e nada do tipo. Já basta vocês terem que passar por essas bobagens, então não precisam ficar repetindo. Fui clara?

As duas mulheres de pé no outro lado da mesa se apressaram em murmurar que tinham entendido, para então trocarem um longo olhar. Desta vez, Faolain é que parecia indecisa. Por fim, Theodrin, com graciosidade, deu a volta para se ajoelhar ao lado da cadeira de Egwene e beijar seu anel.

— Sob a Luz e pela minha esperança na salvação e no renascimento, eu, Theodrin Dabei, juro lealdade a você, Egwene al’Vere, para servi-la fielmente e obedecê-la sob pena da minha vida e da minha honra.

Ela encarou Egwene com um olhar questionador.

A Egwene, só restou fazer um meneio. Aquilo não era parte do ritual das Aes Sedai. Era como nobres juravam fidelidade a governantes. E nem todos os governantes ouviam juramentos tão contundentes. Mesmo assim, mal Theodrin se levantara com um sorriso de alívio, Faolain tomou seu lugar.

— Sob a Luz e pela minha esperança na salvação e no renascimento, eu, Faolain Orande...

Era tudo o que Egwene poderia ter desejado, e ainda mais. De quaisquer outras irmãs, pelo menos, às quais não fosse tão provável que se mandasse ir apanhar a sobrecapa da outra caso começasse a ventar.

Quando Faolain terminou, permaneceu de joelhos, mas rígida e ereta.

— Ainda há a questão da minha penitência, Mãe. Pelo que lhe disse, sobre não gostar da senhora. Se for da sua vontade, eu mesma posso definir a punição, mas o direito é seu. — Sua voz estava tão rígida quanto a postura, mas sem medo. Faolain parecia pronta para encarar um leão. Ansiosa, na verdade.

Egwene teve que morder o lábio para evitar soltar uma sonora gargalhada. Manter o rosto sereno exigiu esforço, e as duas talvez tenham pensado que se tratava de um soluço. Apesar de dizerem que não eram verdadeiras Aes Sedai, Faolain acabara de dar uma prova do contrário. Por vezes, as irmãs aplicavam penitências a si mesmas com o intuito de manter o equilíbrio adequado entre o orgulho e a humildade — equilíbrio supostamente bastante valorizado, e, em geral, o único motivo que se dava —, mas, por certo, ninguém desejava que lhe impusessem uma. Penitências aplicadas por outra pessoa poderiam ser bem indigestas, e, nesse sentido, esperava-se que a Amyrlin fosse mais severa que as Ajahs. De um jeito ou de outro, no entanto, muitas irmãs davam uma demonstração desdenhosa de submissão para atender ao desejo maior das Aes Sedai, numa exibição arrogante de falta de arrogância. O orgulho da humildade, como Siuan

dizia. Egwene considerou mandar a mulher comer um bocado de sabão só para ver como ela reagiria — Faolain tinha uma língua maldosa —, mas, em vez disso...

— Eu não aplico penitências para quem fala a verdade, filha. Ou por não gostarem de mim. Desgoste tanto quanto for do conteúdo do seu coração, desde que mantenha seu juramento.

Não que alguém, a não ser um Abandonado, fosse quebrar aquele juramento em particular. Ainda assim, havia maneiras de contornar quase tudo. Porém, para afugentar um urso, era melhor ter varas frágeis do que não ter vara nenhuma.

Faolain arregalou os olhos, e Egwene suspirou enquanto gesticulava para que a mulher se levantasse. Caso as posições estivessem invertidas, Faolain teria enfiado o seu nariz com força na poeira.

— Para começar, vou atribuir duas tarefas para vocês, filhas — prosseguiu ela.

As duas escutavam com atenção, Faolain sem nem piscar e Theodrin, pensativa, com um dedo nos lábios. Dessa vez, quando Egwene as dispensou, ambas, ao fazerem suas medidas, responderam em uníssono:

— Como a senhora ordenar, Mãe.

Contudo, o bom humor de Egwene estava desaparecendo. No momento em que Theodrin e Faolain partiam, Meri chegou com seu café da manhã numa bandeja. Quando Egwene a agradeceu pelo aromatizador com pétalas de rosas, a mulher disse:

— Eu tive alguns momentos livres, Mãe. — Pela expressão, aquilo poderia ter sido uma acusação de que Egwene demandava muito dela, ou que ela própria não trabalhava tão duro. Um tempero nada agradável para as frutas cozidas. Aliás, o rosto da criada talvez azedasse o chá de menta e deixasse o pão crocante e quentinho duro feito pedra. Antes de comer,

Egwene mandou que ela saísse. Em todo caso, o chá estava aguado. Chá era um dos produtos com estoque baixo.

O bilhete debaixo do frasco de tinta acabou não se provando um condimento melhor: “Nada de interessante no sonho”, dizia a linda letra de Siuan. Então Siuan também andara por *Tel’aran’rhiod* na noite anterior. Ela espionava bastante por lá. Pouco importava se estivera caçando algum sinal de Moghedien, ainda que isso tivesse sido uma tolice insana, ou outra coisa. Nada era nada.

Egwene fez careta, e não só pelo “nada”. Siuan em *Tel’aran’rhiod* na noite anterior era sinônimo de uma visita de Leane, reclamando, em algum momento daquele dia. Siuan com certeza já não tinha mais permissão nem de chegar perto do *ter’angreal* dos sonhos desde que tentara ensinar para algumas outras irmãs sobre o Mundo dos Sonhos. Não se tratava tanto de ela saber apenas um pouco mais que as outras, nem mesmo de que poucas irmãs acreditassem que de fato precisavam de uma professora para aprender algo, mas sim de que Siuan não tinha nenhuma paciência e era dona de uma língua que parecia uma lima. Em geral, a mulher conseguia controlar o gênio, mas, após dois rompantes com berros e punhos cerrados, ela tivera sorte de só se ver proibida de ter acesso ao *ter’angreal*. Leane, contudo, recebia um sempre que pedia, e Siuan com frequência o usava em segredo. Esse era um dos únicos motivos de divergência entre as duas, já que ambas, se pudessem, estariam todas as noites em *Tel’aran’rhiod*.

Com uma careta, Egwene canalizou a menor centelha possível de Fogo para acender a ponta do pergaminho e o segurou até quase queimar os dedos. Não deixaria nada para que alguém que escarafunchasse seus pertences acabasse encontrando e reportasse para quem levantaria suspeitas.

Com o café da manhã quase terminado, Egwene ainda estava sozinha, o que não era comum. Sheriam poderia estar evitando a Amyrlin, mas Siuan

deveria estar lá. Egwene enfiou um último naco de pão na boca e o engoliu com o restinho do chá, então, quando ia se levantar para ir encontrá-la, viu o objeto de sua futura busca adentrar na tenda. Se Siuan tivesse rabo, estaria balançando com raiva de como um chicote.

— Por onde você andou? — indagou Egwene, tecendo um selo de proteção contra ouvintes.

— Aeldene puxou minhas cobertas já de manhã cedo — grunhiu Siuan, sentando-se num dos banquinhos. — Ela ainda acha que vai arrancar de mim os olhos-e-ouvidos da Amyrlin. Ninguém vai fazer isso! Ninguém!

Quando Siuan chegara a Salidar como uma fugitiva estancada, uma Amyrlin deposta que o mundo acreditava estar morta, as irmãs talvez não tivessem permitido que ela ficasse não fosse o fato de que ela conhecia não só a rede de agentes do Trono de Amyrlin, como também a da Ajah Azul, que controlara antes de ser elevada à estola. Isso lhe garantiria certa influência, assim como os agentes de Leane dentro de Tar Valon haviam rendido influência à antiga Curadora. A chegada de Aeldene Ponte-de-Pedra, que ocupara o lugar dela lidando com os olhos-e-ouvidos das Azuis, mudara a situação para Siuan. Aeldene ficara ultrajada ao saber que os relatórios de alguns dos agentes Azuis com quem Siuan conseguira se comunicar tinham sido entregues a mulheres de fora da Ajah. E saber que a posição da própria Aeldene tinha sido revelada — só duas ou três irmãs deviam saber, mesmo entre as Azuis — a deixara furiosa, quase apoplética. Ela retomara o controle da rede Azul e não só repreendera Siuan com uma voz que poderia ser ouvida a uma milha de distância, como quase voara no pescoço de Siuan. Aeldene era de uma aldeia mineradora andoriana nas Montanhas da Névoa, e dizia-se que seu nariz torto era fruto de brigas quando ainda era uma garotinha. Aquela atitude deixara as outras cheias de suspeitas.

Egwene voltou para a cadeira bamba e afastou a bandeja com os restos do café da manhã.

— Aeldene não vai tirar isso de você, Siuan, ninguém vai.

Quando Aeldene retomou o controle dos olhos-e-ouvidos das Azuis, houve quem começasse a pensar que as Azuis não deveriam acumular os contatos da Amyrlin. Porém, ninguém sugeriu que ficassem sob o controle de Egwene. Deveriam ficar a cargo do Salão, de acordo com Romanda e Lelaine. Cada qual pretendia ser a pessoa no comando, claro, a pessoa em cujas mãos aqueles relatórios chegavam primeiro — ser a primeira a saber tinha lá suas vantagens. Como Siuan era Azul, Aeldene achava que os agentes deveriam ser acrescentados à rede Azul. Ao menos Sheriam se contentava apenas que lhe fossem entregues todos os relatórios que Siuan recebia. Em geral era o que acontecia.

— Elas não podem obrigá-la a contar.

Egwene encheu outra vez a xícara de chá e, junto com o pote de mel azul esmaltado, pousou-a no canto da mesa mais próxima de Siuan. A outra mulher só ficou olhando. Sua raiva sumira. Ela desmoronou no banquinho.

— Ninguém nunca pensa a respeito da própria força — comentou, meio que para si mesma. — Você sabe da sua força, sabe se é mais forte que alguém, mas não pensa nisso. Só sabe que a pessoa defere a você, ou você a ela. Antes, não havia ninguém mais forte que eu. Ninguém, desde... — Ela baixou os olhos para as mãos, que se agitavam no colo, demonstrando seu desconforto. — Às vezes, quando Romanda ou Leilane estão soltando os cachorros para cima de mim, isso de repente me atinge como um vendaval. Elas agora estão tão acima de mim que eu deveria segurar a língua até elas me darem permissão para falar. Até Aeldene está acima de mim, e ela é só uma irmã mediana. — Siuan se obrigou a endireitar a cabeça, com a boca apertada e a voz amarga. — Acho que estou me acostumando com a

realidade. Isso também é instilado em nós, enfiado lá no fundo, antes mesmo de sermos testadas para o xale. Mas eu não gosto. Não gosto!

Enquanto escolhia as palavras, Egwene ficou brincando com a caneta que ficava ao lado do frasco de tinta e do pote de areia.

— Siuan, você sabe como eu me sinto com relação ao que precisa ser mudado. Fazemos coisas demais apenas porque, com as Aes Sedai, sempre foi assim. Mas as coisas estão mudando, e não importa quem acredite que tudo vai voltar a ser como era antes. Duvido que mais alguém tenha sido elevada a Amyrlin sem antes ter sido Aes Sedai. — Aquilo deveria ter suscitado um comentário dos registros secretos da Torre Branca, já que Siuan sempre dizia que não havia *nada* que não tivesse ocorrido pelo menos uma vez na história da Torre, embora aquela parecesse ser de fato uma primeira vez, mas Siuan continuava ali sentada, tombada feito uma saca. — Siuan, o modo de agir das Aes Sedai não é o único, e nem sempre o melhor. Minha intenção é garantir que façamos tudo da melhor forma, e quem não aprender a mudar, ou simplesmente não mudar, que dê seu jeito de viver com as mudanças. — Inclinando-se sobre a mesa, tentou tornar a expressão encorajadora. — Eu nunca descobri como as Sábias determinam quem está acima, mas não é pela força com o Poder. Há mulheres capazes de canalizar que deferem a mulheres que não canalizam. Uma delas, Sorilea, jamais teria se tornado Aceita, mas até as mais fortes dão um pinote quando ela manda saltar.

— Bravias — concluiu Siuan, desdenhosa, mas sem muita ênfase.

— Pense nas Aes Sedai, então. Eu não fui elevada a Amyrlin por ser a mais forte. As mulheres mais sábias são escolhidas para o Salão ou para serem embaixadoras ou conselheiras. São sempre as mais hábeis, seja como for, e não as mais fortes. — Hábeis no quê, era melhor não dizer, embora Siuan certamente também possuísse aquelas habilidades específicas.

— O Salão? Pode ser que o Salão me mande fazer chá. Talvez elas me mandem varrer o chão quando terminarem a reunião.

Egwene se recostou e largou a caneta. Queria dar um sacolejo na mulher. Siuan seguira em frente quando já não conseguia mais canalizar, e àquela altura os joelhos dela começavam a se dobrar? Estava a ponto de contar para ela sobre Theodrin e Faolain — aquilo deveria lhe render alguns pontos de aprovação —, quando viu uma mulher de pele cor de oliva passar a cavalo em frente às abas abertas da tenda, parecendo perdida em seus próprios pensamentos, o rosto escondido sob o chapéu cinza bem largo que usava para se proteger do sol.

— Siuan, é Myrelle. — Ela desfez o selo de proteção e correu lá para fora, chamando: — Myrelle!

Siuan precisava de uma vitória para tirar da boca o gosto de ter sido intimidada, e a chance poderia ser aquela. Myrelle fazia parte do grupo de Sheriam e, aparentemente, tinha seu próprio segredo.

Puxando as rédeas do garanhão alazão, Myrelle olhou em volta e tomou um susto ao avistar Egwene. Pela expressão, a irmã Verde não se dera conta do trecho do acampamento por onde estava passando. Uma sobrecapa fina pendia às costas do vestido de cavalgada cinza-claro.

— Mãe... — disse, hesitante —, se a senhora me perdoa, eu...

— Não perdoo não — interrompeu Egwene, fazendo-a se encolher. Qualquer dúvida de que Myrelle ouvira algo de Sheriam na noite anterior se dissipou. — Vou conversar com você. Agora.

Siuan também estava ali fora, mas, em vez de ficar olhando a irmã descer desconfortavelmente da sela, fitou as fileiras de tendas, observando um homem troncudo e agrisalhado com uma placa peitoral surrada amarrada por cima de um manto cor de camurça que conduzia um baio alto na direção delas. Sua presença era uma surpresa. Lorde Bryne costumava se

comunicar com o Salão por meio de mensageiros, e a maioria das suas raras visitas se encerrava antes que Egwene ficasse sabendo que ele tinha vindo. Siuan assumiu um aspecto tão sereno de Aes Sedai que quase dava para esquecer a juventude do seu novo rosto.

Com um breve olhar para Siuan, Bryne fez uma reverência, manejando a espada com graciosidade excessiva. O homem desgastado tinha altura apenas moderada, mas o modo como se portava o fazia parecer mais alto. Não havia nada de espalhafatoso nele. O suor no rosto largo dava um ar de quem estava a ponto de encarar uma empreitada.

— Posso falar com a senhora, Mãe? A sós?

Myrelle se virou como quem estivesse de saída, e Egwene a irrompeu:

— Trate de ficar aí! Exatamente onde está!

A boca de Myrelle se escancarou. A surpresa pareceu tanto pela obediência quanto pelo tom decidido de Egwene e acabou se transformando numa resignação amarga que ela logo escondeu por trás de uma fachada de tranquilidade. Fachada que se desmentia pelo modo como manuseava as rédeas.

Bryne nem piscava, embora Egwene estivesse convencida de que o homem tinha pelo menos uma ideia da situação. Suspeitava que poucas coisas o surpreendiam ou desestabilizavam. Só de vê-lo, Siuan se preparara para revidar, ainda que a impressão fosse de que ela é quem que começava a maioria das discussões entre os dois. Seus punhos já repousavam na cintura, e os olhos estavam cravados nele, um olhar de presságio que deveria deixar qualquer um desconfortável, mesmo que não viesse de uma Aes Sedai. Myrelle, porém, poderia lhe trazer mais do que uma mera ajuda a Siuan. Talvez.

— Eu pretendia pedir para você vir hoje à tarde, Lorde Bryne. Peço agora. — Tinha perguntas para ele. — Aí vamos poder conversar. Se você

me permite.

Em vez de aceitar a dispensa, o homem respondeu:

— Mãe, uma das minhas patrulhas encontrou algo um pouco antes do amanhecer, algo que acho que a senhora deveria ver com seus próprios olhos. Posso mandar preparar uma escolta em...

— Não tem necessidade — interrompeu ela. — Myrelle, venha conosco. Siuan, pode pedir para alguém trazer meu cavalo, por favor? Sem delongas.

Se as pistas que Siuan juntara indicassem alguma coisa, sair a cavalo com Myrelle seria melhor do que confrontá-la ali. Fora que, a cavalo, Egwene poderia fazer suas perguntas para Bryne. Porém, não era nada disso que a apressava. Acabara de avistar Lelaine vindo depressa em sua direção, em meio às filas de tendas, com Takima logo ao lado. Com uma única exceção, todas as mulheres que tinham sido Votantes antes de Siuan ser deposta aderiram ou a Lelaine ou a Romanda. A maior parte das Votantes recém-escolhidas seguia por conta própria, o que, na visão de Egwene, era um tantinho melhor. Só um tantinho.

Mesmo à pouca distância, a postura de Lelaine era evidente. A mulher parecia pronta para passar por cima do que aparecesse em seu caminho. Siuan também a divisou e tratou de ir embora sem parar nem mesmo para uma medida, mas não havia tempo para uma fuga, a não ser montando no cavalo de Lorde Bryne.

Lelaine se plantou diante de Egwene, mas foi em Bryne que cravou olhos mais penetrantes que tachas, ponderando e calculando o que o homem estaria fazendo ali. Ela, contudo, tinha peixes maiores para pôr na fogueira.

— Preciso falar com a Amyrlin — avisou, em tom peremptório, apontando para Myrelle. — Você vai esperar. Depois falo com você.

Bryne se curvou, embora não muito, e conduziu o cavalo para onde a mulher apontou. Homens com um mínimo de inteligência aprendiam que

discussões não surtiam muito efeito com as Aes Sedai, e com as Votantes o resultado costumava ser zero.

Antes que Lelaine pudesse abrir a boca, Romanda apareceu, emanando autoridade com tamanha intensidade que, de início, Egwene nem se deu conta de que estava acompanhada de Varilin, e isso porque a Votante ruiva e esbelta das Cinzas era alguns centímetros mais alta que a maior parte dos homens. A única surpresa foi Romanda não ter dado as caras mais cedo. Ela e Lelaine se vigiavam feito gaviões, nenhuma permitindo que a outra ficasse sozinha perto de Egwene. O brilho de *saidar* circundou as duas no mesmo instante, e cada qual teceu um selo de proteção contra escutas em torno das cinco. Seus olhos se enfrentavam, o ar desafiador nos rostos absolutamente serenos e controlados, mas nenhuma delas desfez sua tessitura.

Egwene conteve a língua. Em lugares públicos, cabia à irmã mais forte presente decidir se a conversa deveria ou não ser protegida, e o protocolo dizia que era a Amyrlin quem tomava essa decisão sempre que estivesse presente. Porém, não estava com a menor vontade de ouvir as desculpas pouco sinceras que o protesto causaria. Se pressionasse, as duas acatariam sua ordem, claro, mas se comportariam como se estivessem acalmando uma criancinha petulante. Egwene conteve a língua, mas, por dentro, fervia. *Cadê Siuan?* Não estava sendo justa, encilhar cavalos exigia mais que alguns segundos. Sua vontade era agarrar as saias para manter as mãos bem longe da cabeça.

Foi Romanda quem saiu primeiro daquela disputa de olhares, ainda que não por ter perdido. A mulher se voltou contra Egwene tão de repente que Lelaine, com cara de boba, ficou encarando o nada.

— Delana voltou a criar problemas. — Sua voz estridente era quase doce, mas traía um tom cortante que enfatizava a ausência de qualquer

título de respeito.

O cabelo de Romanda era completamente grisalho, preso num coque bem arrumado na altura da nuca, mas a idade, por certo, não a suavizara. Takima, com seu cabelo preto comprido e cútis de marfim envelhecido, já atuava havia quase nove anos como Votante Marrom, tão enérgica no Salão quanto na sala de aula, mas se punha a uma tímida passada para trás, as mãos cruzadas na cintura. Romanda liderava sua facção com o mesmo pulso firme de Sorilea. Era alguém para quem a força era de suma importância, e a verdade era que Lelaine não parecia muito atrás.

— Ela planeja fazer uma proposta perante o Salão — explicou Lelaine, amargurada, recusando-se, àquela altura, a sequer olhar para Romanda. Concordar com a outra mulher com certeza a agradava tão pouco quanto ser a segunda a falar.

Ciente de que adquirira uma vantagem, Romanda sorriu, uma curva sutil em seus lábios.

— Sobre o quê? — indagou Egwene, tentando ganhar tempo. Com certeza sabia.

Foi difícil não suspirar. Foi difícil não esfregar as têmporas.

— Ora, Mãe, sobre a Ajah Negra, é claro — retrucou Varilin, levantando a cabeça, como que surpresa com a pergunta. Bem, e poderia estar mesmo. Delana era fanática pelo assunto. — Ela quer que o Salão condene Elaida abertamente como da Ajah Negra.

Varilin parou de repente quando Lelaine ergueu a mão. Lelaine permitia mais liberdade às suas seguidoras do que Romanda, ou talvez só não as controlasse com tanta firmeza.

— A senhora precisa falar com ela, Mãe. — Lelaine era dona de um sorriso caloroso, quando decidia usá-lo. Siuan dizia que elas já haviam sido

amigas, que Lelaine a aceitara de volta com um quê de boas-vindas, mas Egwene achava aquele sorriso uma ferramenta bem treinada.

— E dizer o quê?

As mãos doíam de vontade de massagear a cabeça. Cada uma daquelas duas se certificava de que o Salão só passasse adiante o que fosse da vontade delas, por certo muito pouco do que Egwene sugeria, de maneira que pouca coisa acabava passando. E, ainda assim, queriam que *ela* intercedesse junto a uma Votante? Delana apoiava suas propostas, era verdade, mas só quando lhe agradavam. A mulher era um cata-vento, girando ao sabor de qualquer lufada de vento, e, se vinha apontando bastante na direção de Egwene nos últimos tempos, isso não significava tanto. A Ajah Negra parecia seu único alvo fixo.

O que estaria fazendo Siuan demorar tanto?

— Dizer que ela precisa parar, Mãe. — O sorriso e o tom de voz de Lelaine criaram a impressão de que estava dando conselhos a uma filha. — Essa tolice, pior até que tolice, está deixando todo mundo no fio da navalha. Algumas irmãs estão até começando a acreditar, Mãe. Não vai demorar muito para que essa ideia se espalhe entre os serviçais e os soldados.

O olhar que a mulher lançou para Bryne era cheio de dúvidas. O lorde aparentava estar tentando conversar com Myrelle, que encarava o grupo sob o selo de proteção e, incomodada, corria as rédeas pelas mãos enluvadas.

— Acreditar no óbvio está longe de ser tolice — ladrou Romanda. — Mãe — Em sua boca, aquela palavra soava praticamente como “garota” —, Delana deve ser freada porque isso não faz nenhum bem e pode acabar fazendo um mal considerável. Talvez Elaida seja da Negra, apesar de eu ter grandes dúvidas, seja qual for a fofoca de segunda mão que aquelazinha da Halima contou. Elaida está muito equivocada, mas não consigo acreditar que seja má. Mas, mesmo que ela seja da Ajah Negra, ficar espalhando isso

vai fazer com que estranhos suspeitem de qualquer Aes Sedai e vai estimular a Ajah Negra se esconder ainda mais. Temos maneiras de desentocá-las, isso se não as forcarmos a fugir.

A fungada de Lelaine foi quase uma bufada de desdém.

— Mesmo que essa bobagem fosse verdade, nenhuma irmã que se desse ao respeito se submeteria a esses seus *métodos*, Romanda. O que você sugeriu é quase levar alguém a interrogatório.

Egwene pestanejou, confusa, já que nem Siuan nem Leane tinham mencionado nem sinal daquilo. Por sorte, as Votantes não estavam lhe dando a devida atenção a ponto de perceber a confusão. Como de costume.

Plantando as mãos na cintura, Romanda encarou Lelaine.

— Tempos desesperados exigem medidas desesperadas. Pode ser que alguma delas pergunte por que alguém colocaria sua dignidade à frente da possibilidade de revelar os serviços do Tenebroso.

— Isso soa perigosamente como uma acusação — retrucou Lelaine, estreitando os olhos.

Agora era Romanda quem sorria, um sorriso frio, inflexível.

— Vou ser a primeira a me submeter aos meus *métodos*, Lelaine, se você for a segunda.

Lelaine chegou a grunhir, avançando meio passo para mais perto de Romanda, que se inclinou na direção dela, o queixo projetado à frente. Pareciam prontas para começar a puxar cabelos e rolar na terra, e a dignidade das Aes Sedai que se explodisse. Varilin e Takima se encaravam feito duas criadas dando apoio às suas senhoras, um maçarico de pernas compridas e uma cambaxirra disputando quem fazia a cara mais feia. As quatro pareciam ter se esquecido completamente de Egwene.

Siuan chegou correndo, conduzindo uma égua baia parruda que parecia usar meias brancas nas pernas traseiras e usando um chapéu de palha largo,

mas derrapou e parou ao ver a reunião sob o selo de proteção. Um dos cavaleiros a acompanhava, um sujeito magricela trajando um colete comprido puído e uma camisa remendada, segurando as rédeas de um ruão alto. Os selos de proteção eram invisíveis para ele, mas *saidar* não mascarava os rostos das mulheres conversando. Ele arregalou os olhos e começou a lamber os lábios. Além disso, os passantes começaram a evitar aquela área, fingindo não ver nada, tanto Aes Sedai quanto Guardiões e serviçais. Só Bryne franzia o cenho, analisando a reunião como se estivesse se perguntando o que as mulheres escondiam dos seus ouvidos. Myrelle estava reamarrando os alforjes, claramente prestes a partir.

— Quando vocês decidirem o que querem que eu diga — anunciou Egwene —, vou poder decidir o que fazer. — As mulheres de fato haviam se esquecido dela. Pasma, as quatro ficaram olhando enquanto ela passava entre Romanda e Lelaine e saía do selo de proteção duplo. Claro que não sentiu nada ao atravessar a tessitura, já que não tinham sido feitas para conter algo tão sólido quanto um corpo humano.

Quando ela montou no ruão, desajeitada, Myrelle respirou fundo e emulou a resignação de Egwene. Os selos de proteção tinham desaparecido, apesar do brilho que ainda envolvia as duas Votantes, cada qual uma imagem de frustração maior que a outra enquanto continuavam ali, olhando. Bem depressa, Egwene vestiu a sobrecapa de linho fino que encontrou dobrada diante da sela do garanhão e calçou as luvas de montaria enfiadas num bolsinho da sobrecapa. Um chapéu de aba larga pendia do cepilho alto da sela, azul-escuro para combinar com o vestido, e algumas plumas brancas, claramente obra de Chesa, estava preso diagonalmente na frente, com um alfinete. O calor, ela podia ignorar, mas a claridade do sol era outra coisa. Removeu as plumas e o alfinete, enfiou tudo nos alforjes, pôs o chapéu na cabeça e amarrou as tiras sob o queixo.

— Vamos, Mãe? — perguntou Bryne.

Ele já estava montado, o elmo que estivera dependurado na sela agora obscurecendo seu rosto por detrás de barras de aço. Parecia bem natural nele, como se Bryne tivesse nascido para usar armadura.

Ela assentiu. Não houve tentativa de detê-los. Lelaine não se rebaixaria a ponto de gritar em público para que parassem, mas Romanda... Egwene ficou aliviada quando partiram em cavalgada, ainda que sua cabeça parecesse estar rachando. O que faria com Delana? O que poderia fazer?

A estrada principal daquela área, um trecho largo de terra tão batida que nada era capaz de levantar poeira, atravessava o acampamento do exército e percorria o espaço até o acampamento das Aes Sedai. Bryne cruzou a estrada na diagonal, então passou pelo exército do outro lado.

Apesar de o acampamento do exército abrigar trinta vezes ou mais o número de pessoas no acampamento das Aes Sedai, a impressão era de que havia pouco mais tendas ali do que no das irmãs, espalhadas pelas partes planas e subindo as encostas. A maioria dos soldados dormia ao relento. Mas, em todo caso, era difícil se lembrar da última vez em que a chuva caíra, e por certo não se via nuvem alguma. Estranhamente, havia mais mulheres que no acampamento das irmãs, embora, num primeiro momento, elas parecessem estar em número menor, em meio a tantos homens. Cozinheiras cuidavam de caldeirões e lavadeiras atacavam grandes pilhas de roupa, enquanto algumas trabalhavam com os cavalos ou carroções. Um bom número parecia ser de esposas. Ao menos ficavam ali, sentadas, tricotando e remendando vestidos ou mexendo em pequenas panelas. Havia armeiros em quase todos os lugares para onde Egwene olhava, os ferreiros moldando anéis de aço nas bigornas, os flecheiros acrescentando flechas a pacotes posicionados em seus pés, os ferradores verificando os cavalos. Havia carroções de todos os tipos e tamanhos, centenas, talvez milhares. O

exército parecia arregimentar qualquer um que encontrasse pelo caminho. Os forrageadores já estavam quase todos fora, mas algumas carroças de roda grande e carroções de madeira ainda rodavam em busca de fazendas e aldeias. Aqui e ali, soldados davam vivas à medida que eles passavam. “Lorde Bryne!” e “O Touro! O Touro!”. Era o símbolo dele. Nada sobre as Aes Sedai ou o Trono de Amyrlin.

Egwene se virou no alto da sela para se certificar de que Myrelle ainda vinha logo atrás. Vinha, deixando o cavalo seguir o ritmo sozinho, um semblante distante e levemente enjoado no rosto. Siuan assumira uma posição bem atrás, pastoreando a ovelha solitária do grupo. Em todo caso, poderia ser que estivesse com medo de urgir a montaria a seguir em frente. O baio era mesmo gorducho, mas Siuan trataria até um pônei como um cavalo de guerra.

Egwene sentiu uma pontada de irritação com o próprio animal. Seu nome era Daishar. Glória, na Língua Antiga. Preferiria bem mais estar montando Bela, uma eguinha desgrehada não muito mais esbelta que o baio de Siuan e com a qual fora embora de Dois Rios. Às vezes, achava que devia estar parecendo uma boneca, aninhada no alto de um garanhão que poderia passar por um cavalo de guerra, mas a Amyrlin precisava de uma montaria apropriada. Nada de pangarés desgrehados. Mesmo que a regra fosse de autoria dela própria, Egwene se sentia tão confinada quanto uma noviça.

— Você espera encontrar oposição à frente, Lorde Bryne? — perguntou, virando-se na sela.

O homem a olhou de soslaio. Ela fizera a mesma pergunta antes da partida de Salidar e em duas oportunidades enquanto atravessavam Altara. Nada que levantasse suspeitas, achava.

— Murandy é como Altara, Mãe. Todos ocupados demais tramando contra os vizinhos ou lutando abertamente entre si para se juntar a algo que é quase uma guerra. Que por muito pouco não é. — Seu tom de voz era muito seco. Bryne tinha sido Capitão-General da Guarda da Rainha de Andor, com anos de experiência em escaramuças de fronteira com os murandianos. — Temo que Andor vá ser outra história. Não estou ansioso para descobrir. — Ele se virou para o outro lado e subiu um aclave sutil para desviar de três carroções que vinham na mesma direção, passando por cima de pedras.

Egwene tentou evitar uma careta. Andor. Antes, o homem dissera apenas que não. Onde estavam era a extremidade das Colinas Cumbar, mais ou menos ao sul de Lugard, capital de Murandy. Mesmo que tivessem sorte, a fronteira com Andor ficava a pelo menos dez dias de viagem.

— E quando chegarmos a Tar Valon, Lorde Bryne, como você planeja tomar a cidade?

— Ainda não tinham me perguntado isso, Mãe. — E Egwene pensara que, antes, a voz dele estava seca. *Agora* sim aquilo era secura. — Quando chegarmos a Tar Valon, se a Luz quiser, terei o dobro ou o triplo de homens que tenho agora. — Egwene se retraiu com a ideia de pagar tantos homens, mas Bryne não pareceu notar. — Com isso, vou impor um sítio. A parte mais difícil vai ser encontrar os navios e afundá-los, para bloquear a Baía do Norte e a Baía do Sul. As baías são tão cruciais quanto o controle das pontes para a cidade, Mãe. Tar Valon é maior que Cairhien e Caemlyn juntas. Assim que a comida parar de chegar... — Ele deu de ombros. — Fora dos momentos de marcha, a maior parte da atividade militar é esperar.

— E se você não conseguir tantos soldados? — Egwene não tinha pensado em toda aquela gente passando fome, mulheres e crianças. Nunca tinha pensado em ninguém além das Aes Sedai e dos soldados envolvidos.

Como pôde ser tão ingênua? Tinha visto os resultados de uma guerra em Cairhien. Bryne parecia encarar aquilo com tanta tranquilidade... Mas pudera, ele era um soldado. A privação e a morte deviam ser cotidianas aos soldados. — E se você só tiver... digamos... os que tem agora?

— Sítio? — Ao que parecia, parte do que vinham conversando acabou, por fim, interrompendo os pensamentos de Myrelle, fossem quais fossem. A mulher deu um chute para mover o alazão para a frente, o que fez vários homens darem um pinote para o lado, alguns caindo de cara. Alguns, irados, abriram a boca, então perceberam as feições de idade indefinida e fecharam a boca de novo, mantendo apenas os olhares furiosos. Para ela, podiam nem ter existido. — Artur Asa-de-gavião sitiou Tar Valon por vinte anos e fracassou. — De repente, Myrelle se deu conta de que havia ouvidos por perto e baixou a voz, que ainda soava ácida. — Você está supondo que vamos esperar vinte anos?

Aquela acidez passou por Gareth Bryne sem deixar marcas.

— Preferiria um ataque direto logo de cara, Myrelle Sedai? — O homem poderia estar perguntando se ela queria o chá doce ou amargo. — Vários generais de Asa-de-gavião tentaram, e seus homens foram massacrados. Nenhum exército jamais conseguiu romper as muralhas de Tar Valon.

Aquilo não era bem verdade, Egwene sabia. Nas Guerras dos Trollocs, um exército de Trollocs liderados pelos Senhores do Medo chegou a pilhar e incendiar uma parte da Torre Branca. Ao final da Guerra do Segundo Dragão, um exército que tentava resgatar Guaire Amalasan antes que ele fosse amansado também chegara à Torre. Myrelle, porém, não tinha como saber, muito menos Bryne. O acesso àquelas histórias secretas, escondidas nos confins da biblioteca da Torre, estava definido numa lei que também era segredo, e revelar a existência de quaisquer registros ou da lei configurava traição. Siuan afirmava que quem lesse nas entrelinhas acabaria

encontrando pistas de coisas que não tinham sido registradas nem nesses documentos. As Aes Sedai eram ótimas em esconder a verdade até de si mesmas, quando achavam que era necessário.

— Com cem mil ou com o que tenho agora — continuou Bryne —, eu vou ser o primeiro. Se conseguir bloquear as baías. Os generais de Asa-de-gavião nunca conseguiram. As Aes Sedai sempre tiveram tempo de erguer aquelas correntes de ferro e impedir que os navios chegassem à boca da baía e os afundaram antes que pudessem ser posicionados para impossibilitar o comércio. Comida e suprimentos continuavam entrando. Vai acabar chegando o momento do ataque que você quer, mas, no que depender de mim, só quando a cidade estiver enfraquecida. — A voz dele ainda soava... normal. Um homem discutindo uma investida. Bryne se voltou para Myrelle e, embora o tom não tenha mudado, a intensidade em seus olhos era evidente mesmo por detrás do elmo. — E, no que diz respeito ao exército, vocês todas concordaram que seria como eu quisesse. Não vou desperdiçar homens.

Myrelle abriu a boca, então foi fechando devagar. Ficou claro que queria dizer algo, só não sabia o quê. As Aes Sedai *tinham mesmo* dado a sua palavra — ela, Sheriam e todas as que estavam administrando as coisas quando ele apareceu em Salidar—, a despeito de quanto aquilo a irritava. A despeito de quanto as Votantes tentavam contornar a situação. Mas *elas* não tinham dado palavra nenhuma. Bryne, no entanto, agia como se tivessem, e, até então, tinha conseguido se safar. Até então.

Egwene se sentia mal. Já *presenciara* uma guerra. As imagens iam e vinham na mente: homens lutando, matando para abrir caminho pelas ruas de Tar Valon, morrendo. Seus olhos pousaram num sujeito de queixo quadrado que mordida a língua enquanto afiava a ponta de um pique. Ele morreria naquelas ruas? E o homem agrisalhado e quase calvo que corria os

dedos com tanto cuidado por cada uma das flechas antes de deslizar a haste para dentro da aljava? E ali, aquele rapaz que se pavoneava nas botas de cavalgada de cano alto. Parecia jovem demais para se barbear. Luz, tantos eram garotos! Quantos iriam morrer? Por ela. Por justiça, pelo certo, pelo mundo, mas, no fundo, por ela. Siuan levantou a mão, mas não completou o gesto. Mesmo se estivesse perto o bastante, não podia dar um tapinha no ombro do Trono de Amyrlin à vista de todos.

Egwene endireitou as costas.

— Lorde Bryne — disse, a voz tensa —, o que quer que eu veja?

Achou que ele deu uma olhadinha para Myrelle antes de responder:

— Melhor a senhora ver com seus próprios olhos, Mãe.

Egwene achou que a cabeça ia rachar. Se as pistas de Siuan indicassem alguma coisa, ela talvez arrancasse o couro de Myrelle. Se não, talvez arrancasse o de Siuan. E podia ser que acrescentasse Gareth Bryne na lista, para completar.



CAPÍTULO 12



UMA MANHÃ VITORIOSA

Os espinhaços e colinas acidentadas que circundavam o acampamento tinham todos os sinais da seca e do calor fora de época. Um calor profano, a bem da verdade; até a esfregadora de panelas mais alheia a tudo via os sinais do toque do Tenebroso no mundo. A verdadeira floresta ficava mais para trás, a oeste, porém, ali, carvalhos retorcidos brotavam das encostas rochosas, assim como tupelos e pinheiros de formatos nada familiares e árvores cujos nomes Egwene não sabia, todas marrons, amarelas e desfolhadas. Não estavam marrons ou desfolhadas por causa do inverno, e sim por fome de umidade e de frescor. Morreriam, se o clima não mudasse logo. Para além do último soldado, um rio fluía para o sul e o oeste, o Reisendrelle, com vinte passadas de largura e flanqueado dos dois lados por uma lama endurecida salpicada de pedras. A água remoinhando em torno de rochas que, em outros tempos, poderiam ter tornado a travessia perigosa, não chegava a bater nos joelhos dos cavalos que iam vadeando. Egwene sentiu seus problemas diminuindo de tamanho. Apesar da atribulação, ofereceu uma pequena prece para Nynaeve e Elayne. A busca das duas era tão importante quanto qualquer coisa que ela fizesse. Mais, até. O mundo sobreviveria se ela fracassasse, mas Nynaeve e Elayne tinham de conseguir.

O grupo viajava para o sul num meio galope tranquilo, diminuindo sempre que a inclinação da terra na encosta se acentuava muito ou quando os cavalos precisavam subir qualquer distância por entre árvores e matagais esparsos, mas mantendo-se o máximo possível nas baixadas e cobrindo a distância depressa. O garanhão de focinho comprido de Bryne, forte e de passadas firmes, mal parecia se importar com o lado para o qual o solo se inclinava ou se era liso ou acidentado, e Daishar mantinha o ritmo com facilidade. Mas, por vezes, o animal rechonchudo de Siuan tinha alguma dificuldade, embora talvez só estivesse assimilando a ansiedade de quem o cavalgava. Quantidade nenhuma de treinamento poderia transformar Siuan em algo que não fosse uma péssima amazona, praticamente enroscando os braços em torno do pescoço da égua durante as escaladas e quase caindo do alto da sela nas descidas, desajeitada feito o andar de um pato nas áreas planas; ruim a ponto de estar com os olhos tão arregalados quanto os do cavalo. Myrelle até recuperou um pouco do bom humor assistindo a Siuan. Tal qual uma andorinha, sua alazã de patas brancas avançava com investidas delicadas, e Myrelle cavalgava com uma segurança e um brilho que faziam Bryne parecer estólido e esmerado.

Antes que tivessem ido muito longe, cavaleiros apareceram no topo de uma alta serrania a oeste, talvez cem homens em coluna, o sol a subir cintilando em placas peitorais, elmos e pontas de lança. À frente do grupo, panejava uma flâmula branca comprida que Egwene não conseguiu identificar, mas que sabia que continha a Mão Vermelha. Não esperara vê-los tão perto do acampamento das Aes Sedai.

— Esses animais Devotos do Dragão — resmungou Myrelle, observando os cavaleiros na rota paralela. Por fúria, não por medo, suas mãos enluvadas apertaram ainda mais as rédeas.

— O Bando da Mão Vermelha anda espalhando patrulhas — informou Bryne, calmo. Dando uma olhadela para Egwene, acrescentou: — Da última vez em que falei com ele, Mãe, Lorde Talmanes pareceu preocupado com a senhora. — Não houve mais ênfase nessa informação que na anterior.

— Você *falou* com ele? — Cada vestígio da serenidade de Myrelle desapareceu. A raiva que tinha de conter em relação a Egwene podia ser descarregada naquele homem com segurança. Ela só faltava se tremer toda. — Isso é quase uma traição, Lorde Bryne. Pode muito bem até *ser* traição!

Siuan estivera dividindo a atenção entre seu cavalo e os homens nas montanhas e sequer olhou para Myrelle, mas se enrijeceu. Ninguém jamais ligara o Bando à traição.

Contornaram uma curva no vale da colina. Uma fazenda, ou o que fora uma fazenda, se agarrava a uma das encostas. Uma das paredes da casinha de pedra havia desabado, e alguns pedaços de madeira queimada se destacavam ao lado da chaminé coberta de fuligem, parecendo dedos encardidos. O celeiro sem teto era uma caixa de pedra oca enegrecida, e cinzas dispersas marcavam os pontos onde um dia poderia ter havido barracões. Por toda Altara, tinham visto coisa igual ou pior, às vezes aldeias inteiras, os mortos jazendo nas ruas, transformados em comida para corvos, raposas e cães selvagens que fugiam quando as pessoas se aproximavam. Histórias de anarquia e assassinato em Tarabon e Arad Doman de repente passaram a ter carne e ossos. Muitos homens tiravam proveito de qualquer desculpa para virar bandidos ou acertar antigos ressentimentos — Egwene torcia com fervor para que fosse só isso —, mas o que se ouvia da boca de cada sobrevivente era “Devotos do Dragão”, e as irmãs, quase com tanta certeza quanto se ele próprio empunhasse as tochas, culpavam Rand. Porém, elas ainda assim o usariam e, se descobrissem um jeito de fazê-lo, o controlariam. Egwene não era a única Aes Sedai que acreditava que era

preciso cumprir seu dever, mesmo quando tinham que tapar o nariz para conseguir cumpri-lo.

A raiva de Myrelle afetou Bryne tão pouco quanto a chuva afetava um pedregulho. Egwene de repente teve uma imagem mental de tempestades rugindo acima da cabeça dele e águas de uma inundação rodopiando pelos joelhos enquanto o homem simplesmente continuava andando.

— Myrelle Sedai — começou Bryne, com a calma que ela deveria ter demonstrado —, quando mil homens ou mais estão seguindo os meus rastros, eu quero saber quais são as intenções deles. Especialmente desse grupo de dez mil ou mais em particular.

Aquele era um assunto perigoso. A despeito de quão feliz Egwene estivesse pelas perguntas sobre a preocupação de Talmanes com ela terem ficado para trás, deveria ter rangido os dentes pelo simples fato de o homem tê-la mencionado, mas seu sobressalto foi tamanho que ficou absolutamente ereta na sela, ao perguntar:

— Dez mil? Você tem certeza?

O Bando tinha tido pouco mais que a metade disso quando Mat o conduziu a Salidar para caçar Elayne e ela.

Bryne só fez dar de ombros.

— Vou recrutando soldados pelo caminho, e ele também. Não tantos, mas certos homens têm algumas ideias sobre servir as Aes Sedai. — Quase todas as pessoas teriam ficado nitidamente desconfortáveis ao dizer aquilo para três irmãs. Bryne o fazia com um sorriso irônico. — Além do quê, parece que o Bando tem uma certa reputação por conta das brigas em Cairhien. Reza a lenda que o *Shen an Calhar* nunca perde, não importa quais forem as chances. — Outra coisa que levava os homens a aderirem, tanto ali quanto em Altara, era pensar que dois exércitos deviam ser sinônimo de uma batalha iminente. Tentar se manter alheio poderia terminar

tão mal quanto escolher o lado errado. Na melhor das hipóteses, ninguém selecionaria neutros. — Já tive, nas minhas fileiras, alguns desertores dos novatos de Talmanes. Alguns parecem achar que a sorte do Bando está condicionada a Mat Cauthon e que, sem ele, não existe.

Algo parecido com um sorriso de desdém torceu os lábios de Myrelle.

— Os medos desses murandianos tolos são úteis, com certeza, mas eu não achava que você também fosse tolo. Talmanes nos segue porque tem medo de que possamos nos voltar contra o precioso Lorde Dragão dele, mas, se ele de fato pretendesse atacar, você não acha que, a esta altura, já teria atacado? Podemos cuidar desses Devotos do Dragão quando questões mais importantes estiverem resolvidas. Mas entrar em contato com ele...?! — Ela se sacudiu e conseguiu recuperar a serenidade, pelo menos na aparência. Seu tom de voz ainda podia ter incendiado um pedaço de madeira. — Guarde o que eu disse, Lorde Bryne.

Egwene deixou as palavras de Myrelle entrarem por um ouvido e saírem pelo outro. Bryne olhara para ela ao citar Mat. As irmãs achavam que sabiam qual era a situação com o Bando e com Mat e não pensavam muito a respeito, mas Bryne, aparentemente, pensava no assunto. Enviesando a cabeça de modo que a aba do chapéu obscurecesse o rosto, ela o estudou de canto de olho. O homem estava obrigado por um juramento a formar o exército e liderá-lo até que Elaida fosse deposta, mas por que havia jurado? Era fato que Bryne poderia ter encontrado algum juramento menor que, por certo, teria sido aceito por irmãs que só pensavam em usar todos aqueles soldados como uma máscara de Dia do Tolo para deixar Elaida apavorada. Tê-lo do lado delas era reconfortante, e até as outras Aes Sedai pareciam sentir isso. Assim como o pai dela, Bryne era o tipo de homem que fazia as pessoas acreditarem que, fosse qual fosse a situação, não havia motivo para pânico. Tê-lo como oponente, Egwene pensou de repente, poderia ser tão

ruim quanto ter o Salão contra ela, isso sem falar no exército. O único comentário positivo que Siuan já fizera a respeito dele foi que era formidável — mesmo que Siuan tenha tentado modificar sua observação imediatamente para dar a entender outra coisa. Qualquer homem que Siuan Sanche achasse formidável era alguém para se prestar atenção.

Atravessaram um regato minúsculo, um riacho cujos borrifos mal molharam os cascos dos cavalos. Um corvo coberto de lama que se alimentava de um peixe que ficara encalhado numa água rasa demais para nadar agitou as asas esfrangalhadas a ponto de alçar voo, então se quietou e retomou a refeição.

Siuan também estava analisando Bryne — a égua tornava a viagem bem mais fácil quando ela se esquecia de repuxar as rédeas ou de fincar os calcanhares na hora errada. Egwene perguntara sobre os motivos de Lorde Bryne, mas o próprio enrosco da ligação de Siuan com o homem, tirando o fato de deixá-la ácida, mexia com ela quando o assunto era o comandante. Ou Siuan odiava Gareth Bryne até a sola do pé, ou o amava. E imaginar Siuan apaixonada era como imaginar aquele corvo nadando.

Àquela altura, no cume dos espinhaços onde os soldados do Bando haviam aparecido, só se via uma linha retorcida de coníferas mortas. Egwene não as notara no caminho. Mat tinha era conhecido como *soldado*? Corvos nadando não chegavam nem perto disso. Acreditara que ele só dava ordens por causa de Rand, e engolir isso já tinha sido suficientemente difícil. *Acreditar em algo que você acha que sabe é perigoso*, lembrou, olhando para Bryne.

— ... deveria ir para o açoite! — A voz de Myrelle ainda estava inflamada. — Estou avisando: se eu ouvir falar que você voltou a se encontrar com esses Devotos do Dragão...!

Para Bryne, isso não passava de uma chuva lavando uma montanha. O homem cavalgava tranquilo, murmurando de vez em quando “Sim, Myrelle Sedai” ou “Não, Myrelle Sedai”, sem o menor sinal de estresse e sem afrouxar a vigilância. Não restava dúvida de que *ele* tinha visto os soldados irem embora. Independentemente de como aquele homem encontrava tanta paciência — Egwene tinha certeza de que medo não fazia parte das motivações —, ela não estava com humor para aquela ladainha.

— Fique quieta, Myrelle! Ninguém vai fazer coisa nenhuma com Lorde Bryne. — Esfregando a têmpora, pensou em pedir para que alguma das irmãs no acampamento a Curasse. Nem Siuan nem Myrelle tinham muita habilidade. Não que Curar fosse surtir algum efeito se o problema fosse só preocupação e falta de sono. Não que quisesse sussurros se espalhando, dando a entender que a pressão estava ficando demais para ela. Além do quê, havia outras maneiras de lidar com dores de cabeça, só não ali.

Myrelle estreitou os lábios por um único instante. Com um movimento de cabeça, virou o rosto, as bochechas ruborizando, e Bryne de repente pareceu absorto examinando um gavião-de-asa-vermelha dando uma volta à esquerda deles. Até um homem valente era capaz de saber quando ser discreto. Dobrando as asas, o gavião mergulhou em direção a uma presa escondida atrás de uma pilha de folhas-de-couro lamacentas. Egwene se sentia daquele jeito, arremetendo contra alvos que não conseguia enxergar, esperando ter escolhido a direção certa, torcendo para que houvesse algum alvo ali.

Ela respirou fundo, pensando que preferia estar com a respiração mais regular.

— Ainda assim, Lorde Bryne, acho que é melhor o senhor não voltar a se encontrar com Talmanes. Certamente, a esta altura já deve saber o suficiente sobre as intenções dele. — Que a Luz permitisse que Talmanes já

não tivesse falado demais. Pena não poder mandar Siuan ou Leane para adverti-lo, isso se ele aceitasse a advertência, mas, dado o sentimento entre as irmãs, era melhor correr o risco de ir ver Rand.

Do alto da sela, Bryne fez uma reverência.

— Como a senhora ordenar, Mãe. — Não havia zombaria em seu tom de voz. Nunca havia. Óbvio que ele aprendera a controlar a voz por perto das Aes Sedai.

Siuan ficou para trás, franzindo o cenho para Bryne. Talvez ela fosse capaz de entender a quem ele era de fato leal. Apesar de toda a animosidade, a mulher passava um bom tempo na companhia de Bryne, bem mais do que era absolutamente necessário.

Com esforço, Egwene manteve as mãos nas rédeas de Daishar e longe da própria cabeça.

— Quanto falta, Lorde Bryne? — Mascarar a impaciência em sua voz estava mais difícil.

— Só mais um pouco, Mãe. — Por algum motivo, ele virou o rosto para olhar para Myrelle. — Já está perto.

Cada vez mais fazendas pontilhavam a região, tantas agarrando-se às encostas das colinas quanto nas áreas planas, apesar da Egwene de Campo de Emond afirmar que aquilo não fazia sentido. Viram celeiros, casas baixas de pedra cinza e pastagens sem cercas com umas poucas vacas com as costelas parecendo ripas e ovelhas de cauda preta tristonhas. Só algumas das fazendas haviam sido incendiadas, uma aqui e outra ali. Supostamente, os incêndios visavam fazer os outros ficarem sabendo o que aconteceria caso não se declarassem seguidores do Dragão Renascido.

Em uma das fazendas, viu alguns dos forrageadores de Lorde Bryne com um carroção. Que eram dele ficava evidente tanto pelo modo como o homem olhava para eles e assentia, como pela ausência de flâmula branca.

O Bando sempre se alardeava. Além dos estandartes, havia quem, nos últimos tempos, tivesse passado a usar um cachecol vermelho amarrado no braço. Meia dúzia de cabeças de gado e talvez duas dezenas de ovelhas mugiam e baliavam sob a guarda de homens a cavalo, e outros homens carregavam sacas do celeiro para o carroção com a ajuda de um fazendeiro de ombros caídos e sua família, um bando tristonho trajando lãs escuras surradas. Uma das garotinhas que, assim como as outras, usava um gorro bem fundo, tinha o rosto pressionado contra as saias da mãe e dava a impressão de chorar. Alguns dos garotos tinham os punhos cerrados, como se quisessem brigar. O fazendeiro seria ressarcido, mas e se não tivesse como prescindir do que fora retirado? Se tivesse tido presença de espírito para resistir a quase vinte homens com elmos e placas peitorais, aquelas fazendas incendiadas o teriam feito pensar duas vezes em ceder ou não seus bens para venda. Era bem comum que os soldados de Bryne encontrassem cadáveres carbonizados entre as ruínas, homens, mulheres e crianças que haviam morrido tentando escapar. Algumas vezes, as portas e janelas tinham sido vedadas pelo lado de fora.

Egwene se perguntou se existiria alguma forma de convencer os fazendeiros e aldeões de que havia uma diferença entre os salteadores e o exército. Ela queria, e muito, mas não via como, a não ser deixando seus próprios soldados passarem fome até desertarem. Se as irmãs não conseguiam ver diferença entre os salteadores e o Bando, parecia não haver esperança para a gente do campo. Conforme a fazenda foi diminuindo atrás deles, Egwene resistiu ao ímpeto de, do alto da sela, virar a cabeça e olhar para trás. Olhar não mudaria nada.

Lorde Bryne era fiel às suas palavras. A talvez três ou quatro milhas do acampamento — três ou quatro em linha reta, o dobro disso cruzando a área rural da forma como haviam cruzado —, o grupo contornou a base de uma

colina pontilhada por arbustos e árvores, no que ele puxou as rédeas. Àquela altura, o sol estava a quase meio caminho do zênite. Outra estrada passava mais abaixo, mais estreita e bem mais sinuosa do que a que cortava o acampamento.

— Eles tiveram a ideia de que viajar à noite os faria passar em segurança pelos bandidos — afirmou. — Não é uma ideia ruim, no fim das contas, ou eles só tiveram a sorte do próprio Tenebroso. Vieram de Caemlyn.

Um comboio de mercadores de uns cinquenta carroções grandes puxado por pares de cerca de dez animais estava parado na lateral da estrada, sob os olhares de mais homens de Bryne. Alguns soldados estavam a pé, supervisionando a transferência dos barris e sacolas dos carroções dos mercadores para meia dúzia de seus próprios carroções. Uma mulher com um vestido escuro comum acenava os braços e apontava enfaticamente para esse ou aquele item, protestando ou barganhando, mas seus companheiros permaneciam reunidos num grupo desalentado e silencioso. A curta distância estrada acima, frutos repulsivos decoravam os ramos esparramados de um carvalho: homens pendurados pelo pescoço de cada um dos galhos nus. Nus tirando os corvos, em número quase suficiente para fazer a árvore parecer que tinha folhas negras. Tinham coisa maior que peixe para comer, aquelas aves. Mesmo à distância, não era uma visão que tranquilizasse os pensamentos ou o estômago de Egwene.

— Era isso que queria que eu visse? Os mercadores ou os bandidos?

Não conseguia identificar nenhum vestido naqueles corpos pendurados; quando bandidos enforcavam pessoas, incluíam mulheres e crianças. Qualquer um poderia ter colocado aqueles cadáveres ali: os soldados de Bryne, o Bando — o fato de que eles enforcavam quaisquer Devotos do Dragão que apanhavam não fazia a menor diferença para as irmãs — ou até mesmo algum lorde ou lady local. Se os nobres

murandianos tivessem trabalhado em conjunto, todos os salteadores poderiam estar pendurados em árvores, mas isso era como pedir para gatos dançarem. Mas um segundo. Bryne tinha dito Caemlyn.

— Tem algo a ver com Rand? Ou com os Asha'man?

Desta vez, Bryne alternou o olhar entre ela, Myrelle e de volta para ela sem nenhum rodeio. O chapéu de Myrelle lhe sombreava o rosto. Ela aparentava estar mergulhada na melancolia, vergada no alto da sela, bem distante da amazona confiante de antes. Bryne pareceu tomar uma decisão.

— Achei que a senhora devesse ficar sabendo antes de qualquer outra pessoa, mas talvez eu tenha compreendido mal... — Ele tornou a olhar para Myrelle.

— Ficar sabendo do quê, seu tapado da orelha peluda? — grunhiu Siuan, enfiando os calcanhares na égua gorducha para fazê-la se aproximar.

Egwene fez um gesto para que ela se acalmasse.

— Myrelle pode ouvir as mesmas coisas que eu, Lorde Bryne. Ela é da minha total confiança.

A irmã Verde mexeu a cabeça para um lado e para o outro. Pelo olhar de espanto, qualquer pessoa duvidaria que tivesse ouvido Egwene corretamente, mas, após alguns instantes, Bryne anuiu.

— Vejo que a situação... mudou. Sim, Mãe. — Ele removeu o elmo e o depositou no cepilho da sela. Ainda parecia relutante, escolhendo as palavras com cautela. — Mercadores transportam boatos do mesmo jeito que cães fazem com pulgas, e aquele pessoal ali embaixo tem uma bela safra. Não vou dizer que seja tudo verdade, claro, mas... — Era estranho vê-lo tão hesitante. — Mãe, uma das histórias que chegaram aos ouvidos deles ao longo da estrada foi de que Rand al'Thor foi para a Torre Branca e jurou fidelidade a Elaida.

Por um momento, Myrelle e Siuan ficaram iguaizinhas: o sangue sendo drenado do rosto à medida que iam dimensionando a catástrofe. Myrelle chegou até a cambalear no alto da sela. Por um momento, Egwene só conseguiu encarar Bryne. Em seguida, assustou a si e aos demais ao explodir em gargalhadas. Daishar dançou, surpreso, e acalmá-lo naquela encosta rochosa também acalmou seus nervos.

— Lorde Bryne — disse, dando tapinhas no pescoço do garanhão —, isso não aconteceu, acredite em mim. Tenho certeza absoluta, informação de ontem à noite.

Siuan deixou escapar um suspiro, e Myrelle só ficou um piscar de olhos atrás. Ao ver aqueles semblantes, Egwene sentiu vontade de gargalhar de novo. Estavam as duas tão incrivelmente aliviadas que ficaram de olhos arregalados. Crianças que tinham acabado de ouvir que o Homem das Sombras *não* estava debaixo da cama. A calma das Aes Sedai, ah, sim.

— Bom saber — retrucou Bryne, seco —, mas, mesmo que eu mandasse todos os homens até lá, essa história ainda vai chegar nas minhas fileiras. Vai se espalhar pelo exército feito um incêndio varrendo estas colinas.

Aquilo tirou toda a graça da situação. Poderia ser um desastre, se não tomassem cuidado.

— Vou mandar as irmãs informarem a verdade para os seus soldados amanhã. Seis Aes Sedai que sabem a verdade já bastam? Myrelle, aqui, e Sheriam. Carlinya e Beonin, Anaiya e Morvrin. — Essas irmãs não gostariam de ter que se encontrar com as Sábias, mas tampouco teriam como rejeitar a ideia. Nem iriam querer rejeitar a ideia, na verdade, para impedir que a história se espalhasse. Não deveriam querer, pelo menos. A minúscula contração de Myrelle foi seguida por uma torcida de boca resignada.

Com o cotovelo apoiado no elmo, Bryne examinou Egwene e Myrelle. Jamais dava uma olhadela sequer para Siuan. O baio pisou com um dos cascos nas rochas, e um bando de alguma espécie de pombas de asas azuis brilhantes saiu de trás dos arbustos a algumas passadas de distância e zuniu pelo ar, fazendo Daishar e o ruão de Myrelle se inquietarem. A montaria de Bryne nem se mexeu. O homem já ouvira falar dos portões, sem dúvida, embora seguramente não soubesse nada sobre o que eram — Aes Sedai tinham mesmo o hábito de guardar segredos, e havia alguma esperança de manter aquele bem longe de Elaida. Além disso, ele certamente não sabia nada a respeito de *Tel'aran'rhiod*, um segredo vital bem mais fácil de se guardar por não ter manifestações que qualquer um pudesse ver. Mesmo assim, Bryne não perguntou como ela faria aquilo. Talvez já estivesse acostumado com as Aes Sedai e seus segredos.

— Desde que sejam diretas nas palavras — concordou, por fim. — Se começarem a se esquivar um fiozinho... — Seu olhar não foi uma tentativa de intimidar, só de tornar a mensagem clara. Bryne pareceu satisfeito com o que viu no rosto dela. — A senhora age muito bem, ao que parece, Mãe. Eu lhe desejo sucesso infinito. Escolha uma hora hoje à tarde, e eu virei. Deveríamos nos reunir com regularidade. Venho sempre que a senhora mandar. Deveríamos começar a traçar planos firmes a respeito de como colocar a senhora no Trono de Amyrlin assim que chegarmos a Tar Valon.

O tom de voz foi comedido — era muito provável que ele ainda não estivesse inteiramente convicto do que estava acontecendo ou de até onde podia confiar em Myrelle —, e Egwene precisou de um tempo para se dar conta do que Bryne fizera. Aquilo acelerou sua respiração. Talvez ela só estivesse ficando acostumada demais com a forma como as Aes Sedai mascaravam as palavras, mas... Bryne acabara de dizer que o exército era dela. Disso, tinha certeza. Não do Salão, nem de Sheriam. Dela.

— Obrigada, Lorde Bryne.

Pareceu o suficiente, sobretudo quando a resposta em um meneio de cabeça cuidadoso, os olhos firmes nos dela, deram a impressão de confirmar sua crença. De repente, tinha mil perguntas mais. A maioria das quais não podia fazer nem se estivessem sozinhos. Pena não poder lhe confidenciar as coisas plenamente. *Cautela até ter certeza, depois um pouco mais de cautela.* Um velho ditado que se aplicava muito bem a quaisquer procedimentos que resvassem nas Aes Sedai. E até os melhores homens conversariam fiado com os amigos, em especial, talvez, quando o assunto em questão devesse ser um segredo.

— Tenho certeza de que o senhor tem mil detalhes para cuidar no que resta desta manhã — disse Egwene, apanhando as rédeas. — Pode voltar. Nós vamos cavalgar um pouco mais.

Bryne reclamou, claro. Soou quase como um Guardiã, se referindo à impossibilidade de olhar para todos os lados ao mesmo tempo e a como uma flechada nas costas podia matar uma Aes Sedai tão rápido quanto mataria qualquer pessoa. Egwene decidiu que o próximo homem que lhe dissesse aquilo pagaria pela língua. Três Aes Sedai com certeza eram igual a trezentos homens. No fim, mesmo com todos os resmungos e caras feias, o homem não tinha outra escolha além de obedecer. Bryne recolocou o elmo e começou a descer com seu cavalo pela encosta irregular que levava ao comboio dos mercadores, em vez de voltar pelo caminho por onde tinham vindo, o que, no ponto de vista de Egwene, era ainda melhor.

— Você vai na frente, Siuan — ordenou, quando ele já estava umas doze passadas abaixo.

Siuan cravou os olhos nas costas de Bryne como se o homem tivesse passado o tempo todo amolando-a. Com uma bufada, deu um puxão para endireitar o chapéu de palha, girou a égua — bem, virou-a na marra — e

deu com os calcanhares no animal robusto para fazê-lo andar. Egwene acenou para Myrelle segui-la. Assim como Bryne, a mulher não tinha escolha.

De início, Myrelle lhe direcionou olhares de soslaio, numa clara expectativa de que Egwene tocasse no assunto das irmãs enviadas à Torre Branca, claramente reunindo desculpas sobre a necessidade de terem guardado segredo até do Salão. Quanto mais Egwene cavalgava em silêncio, com mais desconforto a mulher se remexia na sela. Myrelle começou a umedecer os lábios, pequenas rachaduras se espalhando naquela calma de Aes Sedai. Ferramenta *muito* útil, o silêncio.

Durante um tempo, só se ouviam os sons dos cascos dos cavalos e o canto ocasional de um pássaro no arvoredo, mas, conforme a direção de Siuan ficou clara, desviando levemente para o oeste em comparação com o caminho de volta para o acampamento, Myrelle passou a ficar mais agitada, até parecer que poderia estar sentada em urtigas. No final das contas, talvez houvesse algo naquelas nesgas de informação que Siuan reunira.

Quando Siuan fez outra curva para o oeste, entre duas colinas disformes que se curvavam em direção uma da outra, Myrelle puxou as rédeas.

— Tem... Tem uma cachoeira naquela direção — avisou, apontando para o leste. — Não muito grande, mesmo antes da seca, mas bem bonita até hoje. — Siuan também parou e olhou para trás com um sorrisinho no rosto.

O que Myrelle poderia estar escondendo? Egwene estava curiosa. Deu uma olhada para a irmã Verde e se assustou com uma única gotinha de transpiração na testa da mulher, reluzindo à sombra, bem na extremidade do chapéu cinza largo. Claro que queria muito saber o que conseguia mexer tanto com uma Aes Sedai a ponto de fazê-la suar.

— Acho que o caminho de Siuan vai proporcionar vistas ainda mais interessantes, você não acha? — questionou Egwene, virando Daishar, no

que Myrelle pareceu se ensimesmar. — Venha conosco.

— Você sabe de tudo, não sabe? — resmungou Myrelle, desconfortável, à medida que foram cavalgando por entre as colinas inclinadas. Àquela altura, mais de uma gota de suor decorava sua face. Ela estava completamente abalada. — Tudo. Como você...? — De repente, ela se agitou e se pôs ereta no alto da sela, fitando as costas de Siuan. — Ela! Siuan é capacho sua desde o começo! — Myrelle parecia quase indignada. — Como fomos tão cegas? Mas eu ainda não entendo. Fomos tão discretas!

— Se quer manter algo escondido — disse Siuan, cheia de desdém, por cima do ombro —, não tente comprar pimentas-de-cunha tão ao sul como estamos.

Que raios eram pimentas-de-cunha? E do que elas estavam falando? Myrelle estremeceu. Mesmo com aquele tom de voz de Siuan, a mulher não tinha irrompido em broncas para pôr a antiga Amyrlin no seu devido lugar, o que mostrava o quão transtornada estava. Em vez disso, ela lambeu os lábios como se, de uma hora para a outra, tivessem ficado muito secos.

— Mãe, você precisa entender por que eu fiz... por que nós fizemos... — O desespero na voz dela era digno de quem enfrentava metade dos Abandonados apenas de camisola. — Não só porque Moiraine pediu, não só porque era minha amiga. Eu odeio deixar que elas morram... Odeio! A barganha que fazemos às vezes é dura para nós, mas é mais dura ainda para elas. A senhora precisa entender. Precisa!

Bem na hora em que Egwene pensava que a mulher estava prestes a fazer alguma revelação, Siuan freou sua égua roliça e as encarou. Egwene sentiu vontade de esbofeteá-la.

— Pode ser que fique mais fácil para você, Myrelle, se você for à frente o restante do caminho — disse, fria. Desgostosa, na realidade. — Cooperação pode significar mitigação de danos. Um pouco.

— Sim — anuiu Myrelle, as mãos mexendo nas rédeas sem cessar. — Sim, claro.

Quando tomou a frente, a mulher parecia a ponto de irromper em lágrimas. Siuan, deixando-se ficar para trás, deu a impressão, só por um instante, de estar aliviada. Egwene achou que fosse explodir. Que barganha? Com quem? Deixar quem morrer? E quem era “nós”? Sheriam e as outras? Mas Myrelle teria ficado sabendo, e expor sua própria ignorância não parecia recomendável. *Um ignorante que mantém a boca fechada passa por sábio*, já dizia o ditado. E havia outro: *Guardar o primeiro segredo sempre implica em guardar mais dez*. Não havia outra opção além de obedecer, guardar tudo. Siuan, porém, levaria uma bronca. A mulher *não* deveria estar escondendo nada *dela*. Egwene rangia os dentes e tentava aparentar paciência, despreocupação. Sabedoria.

Quase de volta à estrada onde o acampamento ficava, algumas milhas a oeste, Myrelle conduziu o grupo por uma colina baixa e de topo plano, coberta por pinheiros e folhas-de-couro. Dois carvalhos imensos impediam que qualquer outra coisa crescesse na larga depressão no cume. Sob grossos galhos entrelaçados, três tendas pontiagudas de lona remendada, uma corda presa em estacas cheia de cavalos e uma carroça ali perto, além de cinco imensos cavalos de guerra amarrados cuidadosamente distantes um do outro. Nisao Dachen, num vestido de cavalgada cor de bronze de corte bem simples, aguardava debaixo do toldo à frente de uma das tendas como quem vai receber convidados, ladeada por Sarin Hoigan, trajando o manto verde oliva que muitos Gaidin usavam. Atarracado e careca, com uma espessa barba negra, o Guardião de Nisao, ainda assim, era mais alto que ela. A algumas passadas de distância, dois dos três Gaidin de Myrelle observavam com cautela enquanto elas desciam até o buraco. Eram Croi Makin, loiro e esbelto, e Nuhel Dromand, escuro e corpulento, com uma barba que

deixava o lábio superior desnudo. Nenhum parecia minimamente surpreso. Era óbvio que um dos Guardiões estivera montando guarda e dera o alerta. Nada à vista, no entanto, garantia todo o sigilo ou as lambidas de Myrelle nos próprios lábios. Aliás, se Nisao aguardava para dar boas-vindas, por que as mãos dela continuavam alisando as saias divididas? Seu aspecto era o de quem preferiria encarar Elaida, e blindada.

Duas mulheres espiando de trás de uma das tendas recuaram agachadas depressa, mas não sem Egwene tê-las reconhecido. Nicola e Areina. De repente, ela se sentiu desconfortável. Aonde Siuan a trouxera?

No momento em que desmontou, Siuan não demonstrava nenhum sinal de nervosismo.

— Tragam-no aqui para fora, Myrelle. Agora. — Ela estava dando o troco com a própria vingança. Seu tom de voz fazia uma lima parecer lisa. — É tarde demais para segredos.

Myrelle mal conseguir franzir o cenho por ser abordada daquela maneira, e parecia fazer esforço. Recompondo-se visivelmente, a mulher tirou o chapéu e desmontou sem uma palavra, então foi deslizando até uma das tendas e desapareceu lá dentro. Já grandes, os olhos de Nisao acompanharam-na, esbugalhando-se mais a cada momento. Parecia completamente paralisada.

Ninguém além de Siuan estava perto o bastante para entreouvir.

— Por que você interrompeu? — inquiriu Egwene, com tranquilidade, enquanto desmontava. — Tenho certeza de que ela estava prestes a confessar... o que quer que seja... e eu ainda não faço ideia do quê. Pimentas-de-cunha?

— Muito populares em Shienar e em Malkier — retrucou Siuan, com igual tranquilidade. — Só ouvi falar disso tudo depois que me despedi de Aeldene, hoje de manhã. Tive que obrigá-la a ir na frente. Eu não sabia, não

exatamente. Não teria adiantado muito deixá-la descobrir, teria? Eu também não sabia sobre Nisao. Achava que elas mal se falassem. — Siuan deu uma olhada para a irmã Amarela e, irritada, sacudiu a cabeça. Falhar em descobrir algo era uma falha que Siuan não tolerava bem nela mesma. — A menos que eu tenha ficado cega e me tornado uma estúpida, o que essas duas... — Com uma cara feia de quem estava com a boca cheia de alguma coisa estragada, ela gaguejou ao tentar encontrar uma palavra que coubesse. De repente, Siuan pegou Egwene pela manga. — Aí vêm eles. Agora você vai ver com seus próprios olhos.

Myrelle saiu primeiro da tenda, depois um homem de botas e calças que precisou se agachar bem para passar pelas abas, uma espada descoberta na mão e cicatrizes ziguezagueando o peito discretamente peludo. Passava a cabeça, os ombros e ainda mais da altura dela, mais alto que qualquer um dos outros Guardiões. Seu cabelo escuro comprido, preso por uma tira de couro trançada em torno das têmporas, tinha mais mechas grisalhas do que na última vez em que Egwene o vira, mas não havia nenhum traço de suavidade em Lan Mandragoran. Peças do quebra-cabeças se encaixaram de uma hora para a outra, mas, para ela, ainda não estava completamente montado. Lan tinha sido Guardião de Moiraine, a Aes Sedai que encontrara Egwene, Rand e todo o resto de Dois Rios no que parecia uma Era atrás, mas Moiraine morrera ao matar Lanfear, e Lan desaparecera em Cairhien logo depois. Talvez tudo estivesse claro para Siuan. Para ela, estava muitíssimo turvo.

Murmurando algo para Lan, Myrelle tocou-lhe no braço. O homem se encolheu bem de leve, feito um cavalo nervoso, mas o rosto duro jamais se desviou do de Egwene. Por fim, porém, Lan aquiesceu, deu a volta e se afastou a passos largos para debaixo dos galhos dos carvalhos. Segurando com as duas mãos o punho da espada acima da cabeça, a lâmina voltada

para baixo, ele se pôs na ponta de um único pé, ainda de bota, e ficou imóvel.

Por um momento, Nisao franziu o cenho para ele, como se também estivesse diante de um quebra-cabeças. Em seguida, seu olhar cruzou com o de Myrelle, e os olhos das duas, juntos, saltaram para Egwene. Em vez de virem na direção dela, uma caminhou até a outra, trocando sussurros afobados. De início, pelo menos, foi uma troca. Depois, Nisao só ficou ali, parada, balançando a cabeça em descrença ou negação.

— Você me meteu nisso — lamuriou-se alto, por fim. — Fui uma tola cega ao lhe dar ouvidos.

— Isso tem tudo para ser... interessante — disse Siuan, quando as duas, finalmente, se viraram na direção dela e de Egwene. O tempero que deu à palavra a fez soar decididamente desagradável.

Myrelle e Nisao tocavam no cabelo e nos vestidos à medida que percorriam a curta distância até Egwene, certificando-se de que tudo estava em ordem. Talvez tivessem sido flagradas — *Fazendo o quê?*, a jovem Amyrlin se perguntou —, mas dava a impressão de que pretendiam dar àquela situação a melhor cara possível.

— Se a senhora quiser entrar, Mãe — informou Myrelle, gesticulando para a tenda mais próxima. Apenas um leve tremor na voz traía seu rosto sereno. O suor se fora. Enxugado, claro, mas não havia retornado.

— Não, obrigada, filha.

— Um pouco de ponche de vinho? — ofereceu Nisao, com um sorriso. Com as mãos cruzadas no peito, ela parecia ansiosa. — Siuan, vá dizer para Nicola trazer o ponche. — Siuan não se moveu, e Nisao piscou, surpresa, a boca se estreitando. O sorriso, contudo, retornou num instante, e ela subiu um pouco o tom de voz. — Nicola? Criança, traga o ponche. É de amora seca, infelizmente — confidenciou a Egwene —, mas é muito revigorante.

— Não quero ponche — rebateu a jovem, sem rodeios.

Nicola saiu de trás da tenda, mas não demonstrava nenhum sinal de ter se apressado para obedecer. Em vez disso, ficou mordiscando o lábio inferior, encarando as quatro Aes Sedai. Nisao deu um olhar que só poderia ser definido como de desgosto, mas não disse nada. Outra peça do quebra-cabeças encaixada no lugar, e Egwene respirou um pouquinho melhor.

— O que eu quero, filha, o que eu exijo, é uma explicação.

Melhor cara ou não, era uma fachada bem frágil. Myrelle esticou a mão em súplica.

— Mãe, Moiraine não me escolheu só porque éramos amigas. Dois dos meus Guardiões pertenceram primeiro a irmãs que morreram, Avar e Nuhel. Nenhuma outra irmã salvou mais de um em séculos.

— Eu só me envolvi por causa da mente dele — Nisao apressou-se a explicar. — Tenho um certo interesse em distúrbios da mente, e pode-se afirmar, com certeza, que estamos diante de um. Myrelle me colocou nisso praticamente à força.

Alisando as saias, Myrelle lançou um olhar sombrio para a Amarela, que o devolveu em dobro.

— Quando a Aes Sedai de um Guardião morre, Mãe, é como se ele engolissem essa morte, que passa a consumi-lo por dentro. Ele...

— Eu sei disso, Myrelle — interrompeu Egwene, enfática. Siuan e Leane tinham contado bastante coisa, embora nenhuma das duas soubesse que ela perguntara porque queria saber o que esperar de Gawyn. Uma péssima barganha, Myrelle definira, e talvez fosse. Quando o Guardião de uma irmã morria, ela era envolvida pelo luto. Às vezes, podia controlá-lo de alguma forma, mantê-lo consigo, mas, cedo ou tarde, a dor a carcomia e ia embora. Independentemente de quão bem Siuan tenha conseguido lidar com aquilo quando havia outras pessoas por perto, ainda chorava sozinha por

muitas noites por seu Alric, morto no dia em que ela fora deposta. Porém, o que eram até meses de lágrimas comparados à própria morte? As histórias estavam repletas de Guardiões morrendo para vingar as Aes Sedai, e isso de fato era bem comum. Um homem que queria morrer, um homem em busca do que poderia matá-lo, assumia riscos a que nem um Guardião era capaz de sobreviver. Para ela, a parte mais horrível talvez fosse o fato de eles saberem. Saberem qual seria seu destino se a Aes Sedai morresse, saberem o que os moveria quando ela partisse, saberem que nada que fizessem poderia mudar isso. Egwene não conseguia dimensionar a coragem que, sabendo disso, era necessária para aceitar a barganha.

Ela se afastou para poder enxergar Lan melhor. Ele ainda estava lá, de pé, parado, não parecendo nem piscar. Nicola dava a impressão de ter se esquecido do chá e se sentara no chão de pernas cruzadas para observá-lo. Areina se agachou por sobre os calcanhares ao lado de Nicola, a trança puxada por cima do ombro, encarando-o com ainda mais avidez. Com muito mais avidez, na verdade, já que Nicola, por vezes, lançava olhadelas furtivas para Egwene e as demais. O restante dos Guardiões formava um pequeno grupo que fingia que também o observava enquanto mantinha o olhar atento nas Aes Sedai.

Uma brisa mais que morna açulou, revolvendo as folhas mortas que cobriam o chão, e, com uma subitaneidade chocante, Lan passou a se mover numa sucessão de posições, a lâmina, um borrado a rodopiar em suas mãos. Cada vez mais rápido, até dar a impressão de estar correndo de uma para a outra, ainda que todas fossem tão precisas quanto os movimentos de um relógio. Egwene esperou até que o homem parasse, ou ao menos desacelerasse, mas ele não parou. Mais rápido. A boca de Areina foi se abrindo devagar, os olhos se arregalando, pasmos — bem como, aliás, os de Nicola. As duas estavam inclinadas para a frente, crianças de olho nos

doces deixados para secar na mesa da cozinha. Àquela altura, até os outros Guardiões dividiam a atenção entre as Aes Sedai e ele, mas, ao contrário das duas mulheres, vigiavam um leão que poderia atacar a qualquer momento.

— Vejo que você tem exigido muito dele — disse Egwene.

Aquilo era parte do método para salvar um Guardião. Poucas irmãs se mostravam dispostas a tentar, dado o índice de falhas e o custo daquilo para elas mesmas. Outra era evitar que ele corresse riscos. E tornar a fazer um elo com ele era o primeiro passo. Sem dúvida, Myrelle cuidara daquele pequeno detalhe. Pobre Nynaeve. Quando descobrisse, poderia muito bem estrangular Myrelle. Em todo caso, ela talvez consentisse com qualquer coisa que mantivesse Lan vivo. Talvez. No que cabia a Lan, o homem merecia o pior que recebesse por permitir um elo com outra mulher sabendo que Nynaeve ansiava por ele.

Egwene pensou que tivesse mantido a voz bem clara, mas algo do que sentia devia ter passado para elas, já que Myrelle voltou a tentar se explicar.

— Passar um elo não é tão ruim assim, Mãe. Ora, para a falar a verdade, não passa de uma mulher decidindo quem deveria ficar com o marido caso ela morra, para garantir que ele esteja em boas mãos.

Egwene a encarou com tanta firmeza que ela deu um passo para trás, quase tropeçando nas saias. Mas tinha sido só de susto. Toda vez que pensava que já tinha ouvido o costume mais estranho possível, aparecia outro ainda pior.

— Nem todas somos eboudarianas, Myrelle — contestou Siuan, seca —, e um Guardião não é um marido. Para a maioria de nós.

Myrelle ergueu a cabeça, insolente. Algumas irmãs, só um punhado delas, chegavam a se casar com um Guardião. Não eram muitas. Ninguém procurava saber em detalhes, mas os boatos diziam que ela se casara com

três dos seus guardiões, o que decerto violava os costumes e a lei até mesmo em Ebou Dar.

— Você diz que não é tão ruim assim, Myrelle? Não é tão ruim? — A cara feia de Siuan combinava com o tom de voz. A mulher soava como quem sentia um gosto pavoroso na boca.

— Não há lei que proíba isso — protestou Nisao. Para Egwene, não para Siuan. — Nenhuma lei contra passar um elo.

Siuan recebeu um cenho franzido que deveria tê-la feito dar um passo para trás e calar a boca. A mulher, contudo, não estava fazendo nem um nem outro.

— Essa não é a questão, é? — indagou a antiga Amyrlin. — Mesmo que ninguém tenha feito isso em... o quê? Quatrocentos anos ou mais? Mesmo que os costumes *tenham* mudado, você poderia ter escapado com alguns olhares feios e um pouco de censura se tudo o que você e Moiraine tivessem feito fosse passar o elo com ele entre as duas. Mas ninguém perguntou para ele, não foi? Ele não teve escolha. Você pode ter feito o elo contra a vontade dele. A verdade é que foi isso o que você fez!

Finalmente, o quebra-cabeças ficou claro para Egwene. Sabia que deveria sentir o mesmo desgosto que Siuan. Aes Sedai consideravam que estabelecer um elo com um homem contra a vontade estava no mesmo nível de um estupro. Lan tinha tanta chance de resistir quanto o teria uma garota do campo caso um homem do tamanho dele a encurralasse num celeiro. Caso três homens do tamanho de Lan a encurralassem. Nem sempre as irmãs haviam sido tão meticulosas — mil anos antes, algo assim mal teria recebido um olhar de reprovação —, e, mesmo nestes tempos, por vezes se poderia argumentar se um homem de fato sabia com o que estava concordando. Em algumas ocasiões, a hipocrisia era uma arte refinada entre as Aes Sedai, tal como conspirar ou guardar segredos. A questão era que ela

sabia que Lan resistira a admitir seu amor por Nynaeve. Alguma bobagem sobre estar destinado a ser morto mais cedo ou mais tarde e não querer deixá-la viúva. Homens sempre vomitavam disparates quando achavam que estavam sendo lógicos e práticos. Tivesse Nynaeve tido a chance, permitiria que ele fosse embora sem um elo, não importava o que ele dissesse? A própria Egwene teria feito o mesmo com Gawyn? Ele tinha dito que aceitaria, mas e se mudasse de ideia?

Nisao mexia a boca, mas não conseguia encontrar as palavras que queria. A mulher fitava Siuan como se tudo fosse culpa dela, mas aquilo não era nada se comparado à careta que direcionou a Myrelle.

— Eu não fiz por mim, Mãe. A senhora precisa acreditar. Foi para salvá-lo. Assim que ele estiver são, vou repassá-lo para Nynaeve, do jeito que Moiraine queria, assim que ela...

Egwene ergueu a mão, no que Myrelle parou, como se ela tivesse lhe tampado a boca.

— Você pretende passar o elo com ele para Nynaeve?

Myrelle aquiesceu, cheia de incerteza, e Nisao com bem mais vigor. Siuan fez careta e resmungou algo sobre repetir um erro tornar a situação três vezes pior. Lan *ainda* não tinha desacelerado. Dois gafanhotos zuniram das folhas atrás dele e ele girou, a espada dando-lhes um peteleco no ar sem qualquer pausa.

— Os esforços estão surtindo efeito? Ele já melhorou? Há quanto tempo, exatamente, você está com ele?

— Só duas semanas — respondeu Myrelle. — Hoje é o vigésimo dia. Pode ser que leve meses, Mãe, e não há nenhuma garantia.

— Talvez seja hora de tentar algo diferente — sugeriu Egwene, mais para si mesma que para outra pessoa. Mais para se convencer do que por qualquer outro motivo.

Naquelas circunstâncias, Lan não era um presente fácil para entregar a quem fosse, mas, com ou sem elo, ele pertencia a Nynaeve mais do que jamais pertenceria a Myrelle.

Quando Egwene atravessou o espaço até ele, porém, as dúvidas brotaram com força. Em sua dança, Lan girou para ficar de frente para ela, investindo com a espada. Houve quem arfasse quando a lâmina parou de repente a meras polegadas da cabeça dela. Egwene ficou aliviada por não ter sido acertada.

Olhos azuis brilhantes miravam-na com atenção por debaixo das sobrancelhas abaixadas, num rosto cheio de retas e ângulos que poderia ter sido entalhado em pedra. Lan baixou a espada devagar. Estava coberto de suor, mas a respiração não estava nem ofegante.

— Quer dizer que você agora é a Amyrlin. Myrelle disse que tinham elevado alguém, mas não falou quem. Parece que eu e você temos muita coisa em comum. — O sorriso de Lan era tão frio quanto a voz, tão frio quanto os olhos.

Egwene se conteve para não ajeitar a estola, lembrando-se de que era Amyrlin e Aes Sedai. Queria abraçar *saidar*. Até aquele momento, não se dera conta de como Lan era perigoso.

— Nynaeve agora também é Aes Sedai, Lan. E está precisando de um bom Guardião.

Uma das outras mulheres fez um barulho, mas Egwene manteve o olhar só nele.

— Espero que ela encontre algum herói saído de uma lenda. — Ele gargalhou como se lardasse. — Ela vai precisar de um herói só para encarar aquele gênio.

A gargalhada a convenceu, gélida e dura como foi.

— Nynaeve está em Ebou Dar, Lan. Você sabe como a cidade é perigosa. Ela está procurando um objeto de que precisamos desesperadamente. Se a Ajah Negra ficar sabendo, vão matá-la para pôr as mãos nele. Se os Abandonados descobrirem... — Egwene achara o rosto dele sombrio antes, mas a dor que o fez estreitar os olhos por Nynaeve estar correndo perigo confirmou seu plano. O direito era de Nynaeve, não de Myrelle. — Vou mandá-lo até Nynaeve para você agir como Guardião dela.

— Mãe — chamou Myrelle, em tom de urgência.

Egwene ergueu uma das mãos para silenciá-la.

— A segurança de Nynaeve vai estar nas suas mãos, Lan.

Ele não hesitou. E nem olhou para Myrelle.

— Vou levar pelo menos um mês para chegar em Ebou Dar. Areina, encilhe Mandarb! — Quando já ia se virar, ele fez uma pausa e levantou a mão livre como se fosse tocar na estola. — Peço desculpas por tê-la ajudado a ir embora de Dois Rios. Você e Nynaeve.

Então, Lan se afastou passos largos, afastou-se e desapareceu dentro da tenda de onde saíra mais cedo, mas, antes que tivesse dado dois passos, Myrelle, Nisao e Siuan estavam em volta dela.

— Mãe, a senhora não compreende o que está propondo — advertiu Myrelle, quase sem fôlego. — É preferível dar uma lamparina acesa para uma criança ir brincar num galpão de feno. Comecei a preparar Nynaeve assim que senti o elo com ele passar para mim. Achei que tivesse tempo. Mas ela foi elevada ao xale num piscar de olhos. A mulher não está pronta para dar conta dele, Mãe. Não ele, não do jeito que está.

Egwene fez um esforço para se obrigar a ser paciente. Elas ainda não entendiam.

— Myrelle, mesmo que Nynaeve não fosse capaz de canalizar nem um fiapo... — Não era, inclusive, a menos que estivesse com raiva. — ... isso

não iria fazer diferença, e você sabe. Não na capacidade dela de dar conta dele. Tem uma coisa que você não foi capaz de fazer: dar a ele uma tarefa tão importante que o obrigue a ficar vivo para cumprir. — Aquele era o elemento final. Em tese, funcionava melhor que o resto. — Para Lan, a segurança de Nynaeve tem essa importância. Ele a ama, Myrelle, e ela o ama.

— Isso explica... — Myrelle começou, baixinho, mas Nisao explodiu em incredulidade por cima dela:

— Oh, claro que não. Ele, não. Ela pode amá-lo, eu suponho, ou achar que ama, mas as mulheres perseguem Lan desde que ele era um garoto imberbe. E o conquistavam, por um dia ou um mês. Ele era um garoto bem bonito, mesmo que pareça difícil de acreditar nisso hoje em dia. Ainda assim, ele parece mesmo ter seu charme. — Ela olhou de soslaio para Myrelle, que franziu de leve o cenho, pequenos pontinhos de cor brotando nas bochechas. Não reagiu mais que isso, mas já era mais que suficiente. — Não, Mãe. Qualquer mulher que pense que pôs uma coleira em Lan Mandragoran vai descobrir que só encoleirou o ar.

Contra a própria vontade, Egwene deixou escapar um suspiro. Algumas irmãs acreditavam que salvar um Guardião cujo elo tinha sido quebrado pela morte exigia mais um passo: colocá-lo nos braços — na cama — de outra mulher. Corria a crença de que, com isso, homem nenhum conseguiria manter o foco na morte. Myrelle, ao que parecia, também cuidara dessa parte. Ao menos não tinha chegado a se casar com ele, não se pretendia repassá-lo. Seria ótimo se Nynaeve jamais ficasse sabendo.

— Veremos como vai ser — rebateu para Nisao, distraída.

Areina estava apertando a cinta da sela de Mandarb com ligeireza e competência, o garanhão alto e negro se mantinha de pé com a cabeça bem alta, mas permitindo. Estava claro que não era a primeira vez que ela ficava

perto do animal. Nicola estava ali perto, junto do tronco espesso do carvalho mais distante, os braços cruzados, encarando Egwene e as demais. Parecia pronta para correr.

— Não sei o que Areina conseguiu arrancar de vocês — ponderou Egwene com tranquilidade —, mas as aulas extras para Nicola param agora.

Myrelle e Nisao deram um pinote, imagens espelhadas de surpresa. Siuan arregalou os olhos até ficarem do tamanho de xícaras de chá, mas, por sorte, ela se recuperou antes que alguém percebesse.

— A senhora sabe mesmo de tudo — sussurrou Myrelle. — A única coisa que Areina quer é ficar perto de Lan. Acho que acredita que ele vai ensinar coisas que ela, como Caçadora, pode usar. Ou talvez que vá se juntar a ela na Caçada.

— Nicola quer ser outra Caraighan — murmurou Nisao, mordaz. — Ou outra Moiraine. Acho que ela tinha uma ideia de que poderia fazer Myrelle lhe passar o elo de Lan. Bom! Pelo menos nós podemos lidar com a dupla do jeito que elas merecem, agora que a situação dele se tornou pública. Aconteça o que acontecer comigo, vai ser uma alegria saber que elas estarão grunhindo de hoje até o fim do ano.

Siuan finalmente se deu conta do que vinha acontecendo, e o ultraje conflitava em seu rosto com os olhares de espanto que ela dirigia a Egwene. Era provável que o fato de que alguém tivesse decifrado a situação antes que ela a incomodasse tanto quanto Nicola e Areina chantageando as Aes Sedai. Ou talvez não. Nicola e Areina não eram Aes Sedai, afinal. Isso mudava drasticamente a visão de Siuan a respeito do que era permitido. Mas, em todo caso, o mesmo valia para qualquer outra irmã.

Com tantos olhos voltados em sua direção e nenhum olhar amigável entre eles, Nicola recuou, se pôs com as costas no carvalho e pareceu tentar retroceder ainda mais. Manchas naquele vestido branco fariam problemas

quando ela retornasse para o acampamento. Areina ainda estava absorta no cavalo de Lan, inconsciente do que desabava sobre a sua cabeça.

— Isso seria apenas justo — concordou Egwene —, mas só se vocês duas também ficarem diante dessa justiça.

Ninguém olhava mais para Nicola. Os olhos de Myrelle enchiam todo o rosto dela, e os de Nisao estavam ainda mais arregalados. Nenhuma das duas parecia que se atreveria sequer a ranger os dentes. Siuan exprimia uma satisfação sinistra, como uma segunda pele. Na opinião dela, as duas não mereciam nenhuma piedade. Não que Egwene pretendesse ter muita.

— Vamos retomar essa conversa quando eu voltar — disse, para as duas, quando Lan reapareceu, a espada afivelada por sobre um manto verde desatado que revelava uma camisa desamarrada e alforjes salientes guarnecendo seus ombros. O manto de Guardião furta-cor pendendo às costas incomodava os olhos ao rodopiar por detrás dele.

Egwene deixou as irmãs atônitas cozinhando em seus próprios sucos e foi se encontrar com ele. Siuan as manteria num bom fogo brando, para caso demonstrassem algum sinal de perder a suculência.

— Posso fazê-lo chegar em Ebou Dar em menos de um mês — informou.

Lan só fez um meneio impaciente e pediu para Areina trazer Mandarb. Sua intensidade era inquietante, uma avalanche pronta para desabar, presa por um fio.

Onde Lan estivera praticando com a espada, Egwene teceu um portão de oito por oito pés e o atravessou até um local que parecia uma balsa flutuando numa escuridão que se estendia eternamente. Deslizar exigia uma plataforma, e, embora ela pudesse ser qualquer coisa que se optasse por imaginar, todas as irmãs aparentavam ter uma preferida. No caso dela, era essa barcaça de madeira com corrimãos robustos. Se caísse, poderia criar

outra barcaça logo abaixo, só o local em que sairia é que ficaria em dúvida. Mas, para qualquer pessoa que não fosse capaz de canalizar, a queda seria tão infinita quanto o negrume que se espalhava em todas as direções. Só bem próximo à extremidade da barcaça era que havia alguma luz, o portão fornecendo uma visão constricta do vazio. Aquela luz não chegava a penetrar na escuridão, mas via-se algum tipo de luminosidade. Ao menos ela podia vê-la com toda a clareza, como em *Tel'aran'rhiod*. Não foi a primeira vez que Egwene se perguntou se aquilo não seria, na verdade, alguma parte do Mundo dos Sonhos.

Conduzindo o cavalo, Lan seguiu-a sem que precisasse mandar. Ele examinou o portão à medida que foi atravessando e analisou a escuridão quando suas botas e os cascos do garanhão bateram ao cruzar as tábuas do deque e ir até ela.

— Em quanto tempo isto vai me levar a Ebou Dar? — Foi a única pergunta que fez.

— Não vai levar — respondeu ela, canalizando para fazer o portão girar e se fechar. — Não direto para a cidade. — Não havia nenhum movimento que alguém pudesse ter visto. Não havia vento ou brisa, nada a se sentir. Eles, no entanto, estavam se movendo. E rápido. Mais rápido do que ela era capaz de imaginar qualquer objeto se movendo. Devia ser umas seiscentas milhas ou mais a distância que tinham de percorrer. — Posso colocá-lo a cinco, talvez seis dias ao norte de Ebou Dar. — Egwene tinha visto o portão ser tecido quando Nynaeve e Elayne Viajaram para o sul e lembrava o suficiente para Deslizar até o mesmo local.

Lan aquiesceu, espiando à frente como se conseguisse enxergar o destino dos dois. Lembrava uma flecha num arco tensionado.

— Lan, Nynaeve está abrigada no Palácio Tarasin como hóspede da Rainha Tylin. Pode ser que ela negue que está correndo algum perigo. — O

que ela com certeza faria, indignada, se Egwene conhecia Nynaeve, e com razão. — Tente não dar muita importância para isso. Você sabe como ela é teimosa, mas não se importe nem um pouco. Se precisar, apenas proteja-a sem deixar que ela perceba. — Ele não disse nada, sequer olhou para Egwene. No lugar dele, a jovem teria feito cem perguntas. — Quando se encontrar com ela, Lan, você precisa contar que Myrelle vai dar para ela o elo com você assim que os três conseguirem se encontrar.

Egwene pensara em ela própria dar aquela informação, mas pareceu melhor não permitir que Nynaeve soubesse que ele estava indo. Ela era tão louca por ele quanto... quanto... *Quanto eu sou por Gawyn*, pensou, com pesar. Se Nynaeve soubesse que Lan estava a caminho, haveria pouco espaço para qualquer outra coisa em seus pensamentos. Com a melhor intenção do mundo, deixaria toda a busca recair sobre Elayne. Não que Nynaeve fosse cruzar as pernas e ficar sonhando acordada, mas toda e qualquer busca que fizesse seria com os olhos deslumbrados.

— Ouviu, Lan?

— Palácio Tarasin — respondeu ele, numa voz impassível, sem desviar o olhar. — Hóspede da Rainha Tylin. Pode negar que está em perigo. Teimosa, como se eu já não soubesse. — Foi quando Lan olhou para Egwene que quase desejou que ele não tivesse olhado. Ela estava repleta de *saidar*, cheia da quentura, da alegria e do poder, da mais absoluta vida, mas algo extremo e primitivo ardia naqueles frios olhos azuis, uma negação da vida. Os olhos de Lan eram aterrorizantes. Era a única coisa que se podia dizer a respeito deles. — Vou falar tudo o que ela precisa saber. Está vendo como estou ouvindo?

Egwene se obrigou a encará-lo sem se encolher, e Lan acabou se virando. Havia uma marca em seu pescoço, um machucado. Poderia — só talvez — ser uma mordida. Talvez ela devesse alertá-lo, dizer que ele não

precisava ser tão... minucioso... em quaisquer explicações sobre ele e Myrelle. Pensar naquilo a fez enrubescer. Tentou não ver o machucado, mas, agora que o percebera, parecia não conseguir olhar para mais nada. Fosse como fosse, Lan não seria tão tolo. Não se podia esperar de um homem que tivesse bom senso, mas nem os homens eram pueris a tal ponto.

Flutuavam no silêncio, movendo-se sem se mover. Egwene não temia que os Abandonados, ou quem fosse, aparecessem ali de repente. Deslizar tinha suas singularidades, e algumas permitiam segurança e privacidade. Se duas irmãs tecessem portões no mesmo ponto a apenas alguns segundos de diferença tentando Deslizar para o mesmo lugar, não conseguiam enxergar uma à outra, a menos que tecessem *exatamente* para o mesmo local e com tessituras *exatamente* iguais, e conseguir tamanha precisão em uma coisa ou outra não era tão fácil quanto poderia parecer.

Após certo tempo — era difícil afirmar quanto, mas ela achava que bem menos de meia hora —, a balsa parou de repente. Nada se alterou na sensação nem nas tessituras que mantinha. Egwene apenas sabia que, em dado momento, aceleravam à toda pela escuridão, então, no instante seguinte, estavam imóveis. Abriu um portão bem na proa da barçaça — se abrisse na popa, não sabia muito bem para onde o portão se abriria e, honestamente, não queria descobrir, já que a própria Moghedien achava aquela ideia apavorante — e gesticulou para Lan ir na frente. A barçaça só existiria enquanto ela estivesse embarcada, outra similaridade com *Tel'aran'rhiod*.

Lan abriu o portão da balsa, conduzindo Mandarb para fora, e, quando Egwene saiu, ele já estava no alto da sela. Egwene deixou o portão aberto para quando retornasse. Colinas baixas se sucediam em todas as direções, cobertas por uma vegetação murcha. Não havia uma única árvore à vista, nada além de arbustos e matagais enrugados aqui e ali. Os cascos do

garanhão levantam pequenas nuvens de poeira. O sol da manhã naquele céu límpido assava os dois até mais ali do que em Murandy. Abutres de asas compridas sobrevoavam, em círculos alguma coisa, ao sul e outra num ponto mais a oeste.

— Lan — começou, visando ter certeza de que ele compreendia o que devia dizer para Nynaeve, no que o Guardiã o interrompeu:

— Cinco ou seis dias, a senhora disse — lembrou, olhando para o sul. — Posso chegar mais rápido. Ela estará em segurança, eu prometo. — Mandarb dançava, tão impaciente quanto seu cavaleiro, mas Lan o manejava com facilidade. — Sua jornada foi bem longa desde Campo de Emond. — Ele a encarou e abriu um sorriso. Qualquer possível candura era engolfada por seus olhos. — Agora, a senhora tem Myrelle e Nisao na palma da mão. Não permita que voltem a discutir com a senhora. Ao seu comando, Mãe. A vigia ainda não acabou.

Com um discreto meneio, ele enfiou os calcanhares em Mandarb, fazendo-o andar só o suficiente para não a cobrir de poeira antes de pôr o cavalo em galope.

Vendo Lan acelerar rumo ao sul, Egwene fechou a boca. Bom. Ele percebera as coisas em meio a toda aquela prática com a espada, percebera e ligara os pontos da forma correta. Ao que parecia, ligara até pontos dos quais não poderia ter suspeitado antes de tê-la visto com a estola. Nynaeve que tomasse cuidado. Ela sempre pensava que os homens eram mais obtusos do que de fato eram.

— Pelo menos elas não têm como se meter numa confusão para valer — disse, em voz alta, para si mesma. Lan encimou uma colina e desapareceu do outro lado. Se de fato houvesse algum perigo real em Ebou Dar, Elayne ou Nynaeve já teriam avisado. Elas não se encontravam com frequência, já que Egwene tinha muito o que fazer, mas haviam combinado um jeito de

deixar mensagens na Salidar de *Tel'aran'rhiod* sempre que fosse necessário.

Um vento que poderia ter vindo de um forno aberto levantou ondas de poeira. Tossindo, Egwene cobriu o nariz e a boca com a ponta da estola listrada de Amyrlin e tratou de atravessar o portão às pressas e voltar para a balsa. A jornada de retorno foi chata e silenciosa, tempo em que ela pôde se questionar se havia tomado a decisão correta ao mandar Lan e se era certo manter Nynaeve no escuro. *Está feito*, repetia para si mesma, mas nada disso ajudava.

Quando parou de volta debaixo dos carvalhos da depressão no alto da colina, o terceiro Guardião de Myrelle, Avar Hachami, já se juntara aos demais, um homem de nariz aquilino e bigode espesso com fios grisalhos que pareciam chifres curvados para baixo. Os quatro Gaidin trabalhavam pesado, as tendas já desmontadas e quase dobradas. Nicola e Areina trotavam para um lado e para o outro carregando a carroça com toda a parafernália do acampamento, desde lençóis até panelas e um caldeirão de ferro negro para lavar roupa. Trabalhavam sem pausas, mas pelo menos metade da atenção das duas estava em Siuan e nas outras duas irmãs, paradas junto da orla das árvores. Os Guardiões, por sua vez, davam às três Aes Sedai bem mais que a metade de sua atenção; poderiam estar com as orelhas erguidas. Não estava claro quem estava fervendo por conta de quem.

— ... não vai mais falar comigo daquele jeito, Siuan — ia dizendo Myrelle, não só alto o bastante para ser ouvida por toda a clareira, mas com frieza o suficiente para diminuir o efeito do calor. Com os braços cruzados com força logo abaixo dos seios, estava ereta em cada polegada de altura que possuía, imperiosa a ponto de explodir. — Está me ouvindo? Não vai!

— Você perdeu de vez o decoro, Siuan? — As mãos de Nisao estavam enroscadas nas saias, numa tentativa inútil de evitar que tremessem, e o calor em sua voz claramente fazia frente ao gelo da voz de Myrelle. — Se tiver se esquecido até dos modos mais simples, pode aprender de novo!

Encarando as duas com as mãos na cintura, Siuan moveu a cabeça de modo errático, tendo dificuldades tanto para manter o olhar firme quanto para mantê-lo cravado nas outras duas.

— Eu... Eu só estou... — Quando viu Egwene se aproximando, seu alívio brotou feito uma flor na primavera. — Mãe... — Ela quase engasgou. — ... eu estava explicando possíveis punições. — Siuan respirou fundo e prosseguiu, mais assertiva. — O Salão vai precisar criá-las conforme a situação for transcorrendo, claro, mas acho que elas podem muito bem começar a obrigar estas duas a passarem os Guardiões para outras, já que ambas parecem gostar tanto da ideia.

Myrelle estreitou os olhos até fechá-los, e Nisao se virou para olhar os Guardiões. Sua expressão se mantinha a mesma, calma, ainda que algo ruborizada, mas Sarin se levantou aos trancos e barrancos e deu três passos rápidos na direção dela, antes que Nisao erguesse a mão para freá-lo. Um Guardião era capaz de sentir a presença de sua Aes Sedai, assim como a dor, o medo e a raiva, tanto quanto Egwene conseguia sentir Moghedien quando a mulher usava o *a'dam*. Não era de se surpreender que todos os Gaidin estivessem em estado de alerta e parecessem prontos para pular em cima de algo. Eles poderiam não saber o que levara as Aes Sedai ao limite do desespero, mas sabiam que as duas estavam nesse limite.

E era exatamente onde Egwene as queria. Não gostava dessa parte. Todas aquelas manobras eram como um jogo, mas... *Eu faço o que devo fazer*, pensou, sem ter certeza se aquilo tinha sido uma tentativa de se manter firme ou de se desculpar pelo que estava prestes a fazer.

— Siuan, mande Nicola e Areina de volta para o acampamento, por favor. — Sobre o que as duas não vissem, não poderiam falar. — Não podemos permitir que soltem a língua, então certifique-se de que elas entendam o que pode acontecer. Diga às duas que elas têm mais uma chance, porque a Amyrlin está se sentindo piedosa, mas que não terão mais nenhuma depois disso.

— Acho que consigo dar conta disso — respondeu Siuan, que juntou as saias e saiu andando a passos firmes. Ninguém andava com a mesma firmeza de Siuan, mas ela parecia mais ansiosa para se afastar de Myrelle e Nisao do que qualquer outra coisa.

— Mãe — chamou Nisao, escolhendo as palavras —, antes de ir, a senhora disse algo... indicou que poderia haver algum jeito... de evitarmos... algum jeito com que talvez não tivéssemos que... — Ela olhou de volta para Sarin.

Enquanto examinava Egwene, Myrelle teria sido um caso a se estudar sobre a serenidade das Aes Sedai, não fosse seus dedos estarem tão enroscados que as articulações esticavam o couro fino das luvas. Egwene gesticulou para que elas esperassem.

Nicola e Areina, afastando-se da carroça, viram Siuan se aproximar e ficaram rígidas feito postes. O que não era de se surpreender, considerando que a mulher avançava como pretendesse passar por cima das duas e da carroça. Areina girou a cabeça para os lados, procurando uma saída, mas, antes que pudesse pensar em correr, as mãos de Siuan se estiraram e seguraram cada uma das duas pela orelha. O que ela falou foi baixo demais para escapar dali, mas Areina parou de tentar soltar a orelha. Suas mãos não saíram do pulso de Siuan, mas ela quase dava a impressão de estar usando-a para se manter de pé. Um tal horror tomou o rosto de Nicola que Egwene ficou se perguntando se Siuan não estaria se excedendo. Mas, em todo caso,

talvez não estivesse, dadas as circunstâncias. Elas *estavam* escapando ilesas do crime que cometeram. Pena que não conseguia encontrar uma maneira de tirar proveito de tamanho talento para desentocar o que estava escondido. Uma maneira segura de tirar proveito disso.

Fosse lá o que Siuan tivesse dito, foi só lhes soltar as orelhas que a dupla se virou imediatamente para Egwene e fez reverências. Nicola foi tão lá embaixo que quase esfregou o rosto no chão, e Areina chegou perto de cair de cara. Siuan bateu palmas, bem contundente, e as duas se endireitaram com um pinote e se enrolaram todas para desatar da corda um par de cavalos de carroção todos desgrehados. Os animais foram montados sem sela mesmo e elas saíram galopando tão rápido da depressão que era de se espantar que os cavalos não tivessem asas.

— Elas não vão falar nem dormindo — anunciou Siuan, num tom amargo, ao regressar. — Ainda consigo dar conta de noviças e de canalhas, pelo menos. — Seus olhos não saíram do rosto de Egwene, evitando por completo as outras duas irmãs.

Egwene conteve um suspiro e se voltou para Myrelle e Nisao. Tinha que fazer alguma coisa em relação a Siuan, mas precisava começar do começo. A irmã Verde e a Amarela a olhavam com cautela.

— É muito simples — anunciou, a voz firme. — Sem a minha proteção, é muito provável que vocês percam os seus Guardiões, e é quase certo que desejem que tivessem sido esfoladas vivas no momento em que o Salão terminar o serviço. Suas próprias Ajahs talvez também tenham muito a dizer. Pode ser que demore anos até vocês conseguirem levantar a cabeça de novo, anos até não terem mais nenhuma irmã olhando por cima do ombro a cada minuto. Mas por que eu deveria proteger as duas da justiça? Isso me coloca sob uma obrigação. Talvez vocês voltem a fazer o mesmo, ou pior. — As Sábias tinham sua parte nisso, embora não se tratasse exatamente de

ji'e'toh. — Se eu tiver que assumir essa responsabilidade, vocês também precisam ser obrigadas a algo. Preciso poder confiar inteiramente em vocês, e só consigo ver uma maneira de fazer isso. — As Sábias, e Faolain e Theodrin. — Vocês precisam jurar fidelidade.

As duas estavam com o cenho franzido, imaginando que rumo Egwene estaria tomando, mas, o que quer que tenham pensado, não foi aonde ela acabou indo. As duas pareciam absortas. O queixo de Nisao caiu, e Myrelle dava a impressão de ter sido atingida entre os olhos por um martelo. Até Siuan ficou incrédula, embasbacada.

— Imp-po-possível — balbuciou Myrelle. — Nenhuma irmã jamais...! Nenhuma Amyrlin nunca exigiu que...! A senhora não pode estar pensando...!

— Ah, Myrelle, fique quieta — irrompeu Nisao. — Isso é tudo culpa sua! Eu nunca deveria ter dado ouvidos...! Bem, o que está feito, está feito. E o que é, é. — Espiando Egwene por sob as sobrancelhas baixas, ela resmungou. — A senhora é uma jovem perigosa, Mãe. Uma mulher muito perigosa. Antes que seus dias se acabem, a senhora pode partir a Torre mais do que já está partida. Se eu tivesse certeza disso, se tivesse coragem para cumprir meu dever e encarar quaisquer consequências... — Ainda assim, ela se ajoelhou com delicadeza e pressionou os lábios no anel da Grande Serpente no dedo de Egwene. — Sob a Luz e pela minha esperança no renascimento e na salvação... — Não foram as mesmas palavras de Faolain e Theodrin, mas foram igualmente fortes. Mais, até. Pelos Três Juramentos, nenhuma Aes Sedai podia fazer um juramento insincero. Exceto a Ajah Negra, claro. Parecia óbvio que essas deviam ter encontrado um jeito de mentir. Se qualquer uma daquelas mulheres fosse da Ajah Negra, porém, era um problema para um outro momento. Siuan, os olhos saltados e a boca

se movendo sem produzir som, estava igual a um peixe encalhado num banco de areia.

Myrelle ensaiou outro protesto, mas Egwene só fez esticar a mão direita com o anel, e os joelhos dela se curvaram, estremecendo. A mulher fez o juramento em tons mais amargos, então levantou o olhar.

— A senhora fez o que jamais havia sido feito, Mãe. Isso sempre é perigoso.

— Não será a última vez — rebateu Egwene. — Na verdade... Minha primeira ordem para vocês é para não contarem com ninguém que Siuan não é nada do que todos pensam que é. E a segunda é para obedecerem a qualquer ordem que ela der como se tivesse sido minha.

Ambas se viraram para Siuan, os rostos serenos.

— Como a senhora ordenar, Mãe — murmuraram, juntas.

Era Siuan quem parecia pronta para desmaiar.

Ela ainda estava olhando para o nada quando as duas chegaram à estrada e viraram seus cavalos para o leste, em direção ao acampamento das Aes Sedai e do exército. O sol ainda subia rumo ao zênite, que ainda demoraria. Tinha sido uma manhã movimentada, como a maior parte dos dias. A maior parte das semanas, aliás. Egwene permitiu que Daishar andasse a passos lentos.

— Myrelle tinha razão — murmurou Siuan, por fim. Com o pensamento de quem a montava bem longe dali, a égua se movia em algo próximo a uma marcha suave. O animal até fazia Siuan parecer uma amazona competente. — Fidelidade... Ninguém jamais fez isso. Ninguém. Não há nem o menor sinal disso nas histórias secretas. E *elas*, obedecendo *a mim*. A senhora não está mudando só algumas coisas, está reconstruindo o barco no meio de uma tempestade! Tudo está mudando. E Nicola! Na minha

época, uma noviça teria se molhado toda se sequer pensasse em chantagear uma irmã!

— Não foi a primeira tentativa delas — avisou Egwene, relatando os fatos com o mínimo possível de palavras.

Esperava que Siuan tivesse um rompante de fúria com as duas, mas, em vez disso, a mulher disse, com toda a calma:

— Receio que nossas duas donzelas aventureiras estejam prestes a se envolver em acidentes.

— Não! — Egwene puxou as rédeas tão de repente que a égua de Siuan percorreu mais meia dúzia de passadas antes que ela conseguisse recuperar o controle do animal e virá-lo, resmungando sozinha algumas imprecações durante o processo. Ela só ficou ali, sentada, fitando Egwene com um olhar paciente que superava Lelaine em seus piores dias.

— Mãe, elas têm uma clava bem acima da sua cabeça, se conseguirem ser espertas o bastante para pensar no assunto. Mesmo que o Salão não a obrigue a cumprir uma penitência, a senhora pode assistir a qualquer esperança que tenha com relação a elas navegar para bem longe até sumir no horizonte. — Ela balançou a cabeça, desgostosa. — Eu sabia que a senhora faria isso quando a enviei na missão, sabia que seria necessário, mas nunca pensei que Elayne e Nynaeve fossem desajuizadas a ponto de trazer de volta qualquer pessoa que soubesse. Aquelas duas garotas merecem tudo o que receberem, caso isso se espalhe. Mas a senhora não pode permitir que a informação vaze.

— Nada vai acontecer com Nicola nem Areina, Siuan! Se eu aprovar que as duas sejam mortas pelo que sabem, quem será a próxima? Romanda e Lelaine, por não concordarem comigo? Onde isso vai parar? — De certa forma, sentia-se enojada consigo mesma. Em outros tempos, não teria entendido o que Siuan quis dizer. Sempre era melhor saber do que se

manter ignorante, mas, às vezes, a ignorância era muito mais confortável. Enfiando os calcanhares em Daishar, prosseguiu: — Não terei um único dia de vitória estragado com conversas sobre assassinatos. Myrelle não foi nem o começo, Siuan. Hoje de manhã, Faolain e Theodrin estavam me esperando...

Siuan fez a égua gorducha se aproximar para escutar enquanto elas cavalgavam.

A notícia não atenuou a preocupação da antiga Amyrlin em relação a Nicola e Areina, mas os planos de Egwene sem dúvida a deixaram com um brilho no olhar e um sorriso de expectativa nos lábios. Quando as duas chegaram ao acampamento das Aes Sedai, Siuan estava ansiosa para assumir sua próxima tarefa: contar para Sheriam e as outras amigas de Myrelle que elas eram esperadas no gabinete da Amyrlin ao meio-dia. Siuan até poderia dizer, com uma boa dose de sinceridade, que não se exigiria nada delas que as outras irmãs já não tivessem feito.

Para quem falava tanto em vitória, Egwene não se sentia tão animada. Mal escutava as bênçãos e pedidos de bênçãos, agradecendo-os com um mero aceno de mão, e estava convicta de que não registrava nem metade. Não podia aprovar assassinatos, mas Nicola e Areina precisariam de vigilância. *Será que um dia vou chegar a algum lugar onde as dificuldades não fiquem se acumulando?* Um lugar em que a vitória parecesse não precisar vir acompanhada de um novo perigo.

Quando adentrou a tenda, seu humor afundou e foi bater nos pés. A cabeça latejava. Estava começando a achar que deveria simplesmente ficar longe daquele lugar.

Duas folhas de pergaminho dobradas com todo o cuidado repousavam bem arrumadas em cima da escrivaninha, cada qual lacrada com cera, ambas exibindo as palavras “Lacrada para a Chama”. Para qualquer um que

não fosse a Amyrlin, romper aquele lacre era considerado tão sério quanto atacar a própria Amyrlin. Egwene gostaria de não precisar rompê-los. Não tinha dúvidas sobre quem escrevera aquelas palavras. E, infelizmente, estava certa.

Romanda estava sugerindo — ou melhor, exigindo — que a Amyrlin emitisse um edito “Lacrado para o Salão”, revelado apenas para as Votantes. As irmãs seriam convocadas uma a uma, e quem quer que se recusasse seria blindada e confinada por suspeita de ser membro da Ajah Negra. Foi deixado bem vaga a informação de para o que seriam convocadas, mas Lelaine dera mais do que pistas naquela manhã. A missiva dela refletia seus modos profusamente, falando de mãe para filha o que deveria ser feito para o bem de Egwene e de todas. O edito que ela queria seria apenas “Lacrado para o Anel”. Qualquer irmã poderia ficar sabendo, e, na realidade, no caso, teriam que saber. Menções à Ajah Negra seriam proibidas por fomentar a discórdia e consideradas uma acusação grave sob as leis da Torre, com as penalidades apropriadas.

Com um gemido, Egwene desabou na cadeira dobrável e, claro, as pernas balançaram e quase a derrubaram no tapete. Podia postergar e se esquivar, mas as duas continuariam com aquelas idiotices. Mais cedo ou mais tarde, uma delas apresentaria a modesta proposta para o Salão, e isso colocaria a raposa dentro do galinheiro. Elas estavam cegas? Fomentar a *discórdia*? Lelaine conseguiria convencer todas as irmãs não só de que havia uma Ajah Negra mas também de que Egwene fazia parte dela. A debandada de Aes Sedai voltando para Tar Valon e para Elaida viria logo em seguida. Romanda só queria incitar um motim. Havia seis desses escondidos nas histórias secretas. Meia dúzia em mais de três mil anos podia até não ser tanto, mas cada um deles resultara na renúncia de uma Amyrlin, bem como do Salão inteiro. Lelaine sabia disso, Romanda

também. Lelaine já era Votante havia quase quarenta anos, com acesso a todos os registros secretos. Antes de renunciar e ir para um retiro no campo, como muitas irmãs faziam, por conta da idade avançada, Romanda ocupara uma cadeira para as Amarelas por tanto tempo que havia quem dissesse que ela gozara de tanto poder quanto qualquer Amyrlin sob a qual se sentara. Ser escolhida para se sentar uma segunda vez era praticamente sem precedentes, mas Romanda não era do tipo que, se tivesse como, deixaria o poder residir em qualquer lugar que não as próprias mãos.

Não, as duas não estavam cegas, só com medo. Todas estavam, Egwene inclusive, e nem as Aes Sedai pensavam sempre com clareza quando estavam com medo. Egwene dobrou os pergaminhos, desejando amassá-los e pisar neles. Sua cabeça *ia estourar*.

— Posso entrar, Mãe? — Halima Saranov inclinou-se para dentro da tenda sem esperar resposta. O modo como a mulher se movia sempre atraía todos os olhares masculinos, dos de doze anos até os com dois dias de atraso para ir para a sepultura, mas, em todo caso, mesmo que ela se escondesse sob um pesado manto dos ombros para baixo, os homens ainda olhariam. O cabelo negro comprido, que cintilava como se a mulher o lavasse todos os dias com água fresca da chuva, emoldurava um rosto que dava a certeza daquilo. — Delana Sedai achou que a senhora talvez quisesse dar uma olhada nisto. Ela vai apresentar perante o Salão hoje de manhã.

O Salão estava até se reunindo sem sequer informá-la? Tudo bem que estivera ausente, mas os costumes, se não a lei, diziam que a Amyrlin devia ser informada antes que o Salão sequer *pudesse* se sentar. A menos que estivessem se reunindo para depô-la, enfim. Naquele momento, Egwene teria encarado aquilo quase como uma bênção. Olhou para a folha de papel dobrada que Halima depositou em sua mesa da mesma maneira que olharia

para uma serpente venenosa. Sem lacre. Mesmo a mais nova das noviças poderia ler, segundo as atitudes de Delana. A declaração de que Elaida era Amiga das Trevas, claro. Não tão má quanto Romanda e Lelaine, mas, se ela ouvisse falar que o Salão se insurgiu, mal iria pestanejar.

— Halima, eu agora poderia desejar que você tivesse ido para casa quando Cabriana morreu.

Ou pelo menos que Delana tivesse tido o bom senso de lacrar a informação para o Salão. Ou até para a Chama. Em vez de dizer aquilo para todas as irmãs que conseguisse arregimentar.

— Eu não poderia fazer isso, Mãe. — Os olhos verdes de Halima reluziram no que parecia um desafio ou uma insolência, mas a mulher só tinha duas maneiras de olhar para qualquer pessoa: uma encarada ousada e direta ou um ardente olhar com as pálpebras baixas. Seus olhos causavam muitos mal-entendidos. — Depois que Cabriana Sedai me contou o que tinha descoberto sobre Elaida? E sobre os planos dela? Cabriana era minha amiga. E amiga sua, de todas vocês que se opõem a Elaida, então não tive escolha. Só agradeço à Luz por ela ter mencionado Salidar, senão eu não saberia para onde vir. — Ela apoiou as mãos numa cintura tão fina quanto a de Egwene ficava em *Tel'aran'rhiod* e enviesou a cabeça para o lado, examinando a Amyrlin com determinação. — Seu cérebro está doendo de novo, não é? Cabriana costumava ter essas dores, tão fortes que davam câibra nos dedos do pé. Ela tinha que se ensopar de água quente até ter condições de vestir roupas. Às vezes, levava dias. Se eu não tivesse vindo, as suas poderiam acabar ficando tão ruins quanto. — Ela se deslocou até ficar atrás da cadeira e começou a massagear o cocuruto de Egwene. Os dedos de Halima possuíam uma habilidade que fazia a dor derreter. — Não teria como a senhora pedir para outra irmã a Curar com a frequência que a senhora tem essas dores. Seja como for, é só uma tensão. Consigo sentir.

— Imagino que eu não teria — murmurou Egwene.

Até gostava da mulher, a despeito do que se dissesse, e não só pelo talento de suavizar dores de cabeça. Halima era prática e aberta, uma mulher do campo, não importava quanto tempo tivesse passado adquirindo aquela nesga de sofisticação urbana, e equilibrava o respeito pela Amyrlin com uma espécie de jeito amistoso que Egwene achava revigorante. Surpreendente, por vezes, mas inspirador. Nem Chesa fazia melhor, mas Chesa era sempre servil, mesmo que amigável, enquanto Halima nunca demonstrava a menor obsequiosidade. Ainda assim, Egwene realmente desejava que a mulher tivesse voltado para casa quando Cabriana caiu daquele cavalo e quebrou o pescoço.

Poderia ter sido útil caso as irmãs tivessem aceitado a crença de Cabriana de que Elaida pretendia estancar metade delas e acabar com o restante, mas todas tinham certeza de que Halima desvirtuara aquilo de alguma forma. Era à Ajah Negra que elas se agarravam. Mulheres que não tinham o costume de sentir medo de nada tomaram como verdade o que sempre haviam negado e entraram num pânico que as fizera perder o juízo. Como Egwene desenraizaria os Amigos das Trevas sem dispersar as outras irmãs feito um bando de codornas apavoradas? Como impedir que se dispersassem, mais cedo ou mais tarde, de um jeito ou de outro? Como, Luz?

— Pense em relaxar — disse Halima, baixinho. — Seu rosto está relaxado. Seu pescoço está relaxado. Seus ombros... — A voz era quase hipnótica, um zumbido que parecia acariciar cada parte do corpo de Egwene que ela queria relaxar.

Algumas mulheres desgostavam de Halima só por causa da aparência — a mulher que parecia o sonho de um homem particularmente lascivo —, e muita gente alegava que ela flertava com qualquer coisa que usasse calças.

Egwene não poderia ter aprovado isso, mas Halima admitia que gostava de olhar para os homens. Suas críticas mais ferrenhas jamais afirmaram que tivesse feito mais do que flertar, e a própria Halima se indignava com tal sugestão. Ela não era tola — Egwene soubera disso desde a primeira conversa que tiveram, um dia depois de Logain ter escapado, quando as dores de cabeça tinham começado —, não tinha nada de levanta-saias desmiolada. A Amyrlin suspeitava que o caso dela fosse bem parecido com o de Meri. Halima não tinha como remediar o rosto ou os modos. Seu sorriso parecia convidativo ou provocador por causa do formato da boca. Ela sorria do mesmo jeito para um homem, uma mulher ou uma criança. Não tinha como ser culpa sua as pessoas acharem que havia flerte quando ela só estava olhando. Além do quê, Halima nunca mencionara as dores de cabeça para ninguém. Se tivesse, todas as irmãs Amarelas no acampamento a atacariam. Aquilo indicava amizade, se não lealdade. Egwene pousou os olhos nos papéis na escrivaninha, e seus pensamentos vagavam sob os dedos de Halima a massageá-la. Tochas prontas para serem jogadas no palheiro. Dez dias até a fronteira de Andor, a menos que Lorde Bryne estivesse disposto a forçar o ritmo sem saber por quê, e nada de oponentes antes disso. Seria possível guardar essas tochas por dez dias? Baía do Sul. Baía do Norte. As chaves para Tar Valon. Como conseguiria ter certeza de que Nicola e Areina não causariam problemas, a não ser seguindo a sugestão de Siuan? Precisava providenciar para que todas as irmãs fossem testadas antes que chegassem a Andor. Ela tinha Talento para trabalhar com metais e minérios, mas isso era uma raridade entre as Aes Sedai. Nicola. Areina. Ajah Negra.

— A senhora está ficando tensa de novo. Pare de se preocupar com o Salão. — Aqueles dedos tranquilizadores fizeram uma pausa, então recomeçaram. — Isto surtiria mais efeito à noite, depois que a senhora

tivesse tomado um banho quente. Eu poderia trabalhar seus ombros e suas costas, o corpo todo. Ainda não tentamos isso. A senhora está rígida feito uma estaca, mas deveria estar maleável o bastante para se curvar para trás e colocar a cabeça entre os tornozelos. Mente e corpo. Um não consegue ser flexível sem o outro. Apenas se permita ficar nas minhas mãos.

Egwene cambaleou, estava a ponto de pegar no sono. Não o sono de uma Andarilha dos Sonhos, só sono. Fazia quanto tempo que não vivia aquilo? O acampamento estaria em polvorosa assim que a proposta de Delana fosse exposta, o que não tardaria, e isso seria antes que precisasse contar para Romanda e Lelaine que não tinha intenção de expedir os editos. Mas ainda havia uma coisa naquele dia para aumentar sua ansiedade, um motivo para permanecer acordada.

— Isso vai ser bom — murmurou, referindo-se a mais do que a massagem prometida. Muito tempo atrás, havia assumido o compromisso de, um dia, colocar Sheriam nos eixos, e aquele seria o dia. Finalmente estava começando a *ser* a Amyrlin, a ter o controle. — Muito bom.



CAPÍTULO 13



A TIGELA DOS VENTOS

Aviendha teria se sentado no chão, mas as três outras mulheres que ocupavam o pequeno barco não deixaram espaço, portanto ela teve de se contentar em cruzar as pernas por sobre um dos bancos de madeira entalhada construídos junto às paredes. Desse jeito, não era tão parecido com sentar-se em uma cadeira. Pelo menos a porta estava fechada e não havia janelas, apenas arabescos em entalhes exóticos perfurando as paredes perto do teto. Não via a água lá fora, mas os buracos deixavam entrar o cheiro de sal, as lambadas das ondas no casco e o som dos remos n'água. Até os gritos ocos e estridentes de alguns pássaros se elevavam de algum ponto nas vastas extensões de água. Aviendha vira homens morrerem por uma poça que poderiam transpor com um passo, mas aquela água era amarga para além da compreensão. Ler a respeito dela não era nem de longe a mesma coisa que prová-la. E o rio tinha pelo menos meia milha de largura onde embarcaram naquele barco, com os estranhos remadores olhando desconfiados. Meia *milha* de água, e nenhuma gota própria para beber. Quem poderia imaginar que haveria água inútil?

O movimento do barco tinha mudado para um balanço para a frente e para trás. Já teriam saído do rio, chegando no que era chamado de “baía”? A baía era ainda mais larga, muito mais, pelo que Elayne dissera. Aviendha cruzou as mãos sobre os joelhos e tentou desesperadamente pensar em

qualquer outra coisa. Se os outros vissem medo, a vergonha a perseguiria pelo resto de seus dias. O pior de tudo era que ela própria sugerira aquilo, depois de ouvir Elayne e Nynaeve falando do Povo do Mar. Como ela poderia ter adivinhado como seria?

A seda azul do vestido era incrivelmente macia, e ela se agarrou a isso. Não estava nada acostumada a usar saias — ainda ansiava pelo *cadin'sor* que as Sábias a forçaram a queimar quando começou a treinar com elas —, e, ali, usava um vestido de *seda*. Pior: agora possuía quatro desses vestidos! Sem falar nas meias de seda, em vez de lã grossa, além de uma roupa de baixo de seda que a deixava ciente da própria pele de um jeito que jamais sentira. Não podia negar a beleza do vestido, por mais que fosse estranhíssimo se ver usando tais coisas, mas a seda era preciosa e rara. Uma mulher poderia ter um lenço de seda para usar em dias de festa e despertar a inveja das outras. Poucas mulheres tinham dois. No entanto, era diferente com esses aguacentos. Nem todo mundo usava seda, mas, às vezes, Aviendha tinha a impressão de que uma em cada duas pessoas usava. Grandes rolos e até mesmo fardos de seda chegavam de navio, vindos de lugares além da Terra da Trindade. De navio. Pelo oceano. Água se estirando até o horizonte, com tantos pontos onde, se ela compreendia direito, não era possível ver nenhum trecho de terra. Quase se arrepiava só de pensar naquela ideia impossível. Nenhuma das outras parecia querer conversa. Elayne, absorta, girava o anel da Grande Serpente na mão direta e espiava algo lá fora das quatro paredes. Essas preocupações com frequência a dominavam. Dois deveres a confrontavam, e, ainda que um permanecesse mais perto do coração, ela escolhera o que considerava mais importante, mais honroso. Era seu direito e dever tornar-se chefe, a rainha de Andor, mas Elayne escolhera continuar a caça. De certa forma, por mais importante que fosse a busca delas, era como colocar algo à frente do clã ou da

sociedade. No entanto, Aviendha sentia orgulho da amiga. A visão de honra de Elayne era por vezes tão peculiar quanto a ideia de uma mulher ser chefe ou de que ela se tornasse chefe apenas porque a mãe tinha sido chefe, mas Elayne a seguia admiravelmente. Birgitte, usando as calças vermelhas e largas e o casaco amarelo que Aviendha invejava, permanecia sentada, brincando com a trança que ia até a cintura, também perdida em pensamentos. Ou talvez partilhando de algumas das preocupações de Elayne. Birgitte era a primeira Guardiã de Elayne, o que aborrecia as Aes Sedai no Palácio Tarasin, embora não parecesse incomodar seus Guardiões. Os costumes dos aguacentos eram muito curiosos e raramente resistiam a alguém que pensasse a respeito.

Se Elayne e Birgitte pareciam se esquivar de qualquer conversa, Nynaeve al'Meara, no extremo oposto de Aviendha, perto da porta, repelia as tentativas com firmeza. Nynaeve; não Nynaeve al'Meara. Os aguacentos gostavam de ser chamados apenas por metade de seus nomes, e Aviendha tentava se lembrar disso, mas sentia-se usando um tratamento íntimo demais. Rand al'Thor era o único homem que ela já tivera, e não pensava nem mesmo nele com tanta intimidade, mas tinha que aprender os costumes dessa gente, se ia se casar com um deles.

Os olhos profundos de Nynaeve olhavam através dela. As juntas da mão estavam brancas, agarrando a trança tão escura quanto a de Birgitte era dourada, e o rosto passara de pálido a um verde-claro. De tempos em tempos, a mulher emitia um grunhido mudo. Não costumava suar, e ela e Elayne tinham ensinado o truque a Aviendha. Nynaeve era um enigma. Corajosa, por vezes ao ponto da loucura, mas ficava resmungando a respeito da própria suposta covardia, e ali ela exibia sua vergonha para todos verem, sem o menor cuidado. Como era que o *balanço* podia incomodá-la tanto, e não toda aquela água?

Água outra vez. Aviendha fechou os olhos para evitar ver o rosto de Nynaeve, mas aquilo apenas fez o som dos pássaros e da água corrente preencherem sua cabeça.

— Andei pensando — comentou Elayne, de súbito, então parou. — Tudo bem, Aviendha? Você... — Aviendha corou, mas pelo menos Elayne não disse em voz alta que ela pulara feito um coelho ao ouvir sua voz. A amiga pareceu ter percebido o quanto estivera perto de revelar a vergonha de Aviendha, e seu próprio rosto ficou vermelho enquanto ela prosseguia: — Eu estava pensando em Nicola e Areina. Sobre o que Egwene contou ontem à noite. Vocês não acham que elas possam causar algum problema a *ela*, acham? O que ela pode fazer?

— Livrar-se das duas — disse Aviendha, traçando o polegar ao longo do pescoço.

O alívio de falar e de ouvir vozes era tão incrível que ela quase perdeu o ar. Elayne parecia chocada. Era notavelmente compassiva às vezes.

— Pode ser melhor — concordou Birgitte. Não havia revelado nenhum nome além do primeiro. Aviendha a considerava uma mulher de segredos. — Areina poderia ter obtido sucesso com o tempo, mas... Não me olhe assim, Elayne, e pare com esses pensamentos afetados e indignados. — Birgitte com frequência transitava entre Guardiã obediente e irmã-primeira mais velha que sempre instrui, a despeito da vontade da outra de aprender. Naquele exato instante, erguendo um dedo em repreensão, ela era a irmã-primeira. — Vocês duas não teriam sido alertadas a ficar longe disso se fosse uma dificuldade que a Amyrlin pudesse resolver mandando as duas trabalharem com as lavadeiras ou algo do tipo.

Elayne fungou alto, incomodada diante daquilo que não podia negar, e ajeitou as saias de seda verde, que estavam emboladas na frente, exibindo camadas de anáguas azuis e brancas. Ela seguia a moda local, finalizada

com renda cor de creme nos punhos e no pescoço, presente de Tylin Quintara, bem como a gargantilha de ouro trançado. Aviendha não aprovava. A metade superior do vestido, o corpete, estava tão justa quanto aquela gargantilha, e um pedaço oval sem pano revelava a curva interna dos seios. Andar por aí à vista de todos era bem diferente de ficar nas tendas de vapor; o povo nas ruas da cidade não eram *gai'shain*. Seu próprio vestido tinha uma gola alta que tocava o queixo com renda, sem nenhuma parte faltando.

— Além do mais — prosseguiu Birgitte —, penso que *Marigan* seria mais preocupante. Ela me mete um medo terrível.

O nome atingiu Nynaeve bem como deveria. Seu gemido aumentou, e ela sentou-se, rígida.

— Se ela vier atrás de nós, vamos ter que resolver do mesmo jeito de novo. Vamos... vamos... — Tomando fôlego, ela encarou as outras com um olhar duro, como se estivessem discutindo. O que ela disse, em voz fraca, foi: — Vocês acham que ela vem?

— Ficar se lamuriando não vai adiantar de nada — respondeu Elayne, com muito mais calma do que Aviendha teria conseguido exprimir se achasse que uma Alma das Sombras a tivesse marcado. — A gente vai ter que fazer o que Egwene disse e tomar cuidado.

Nynaeve resmungou qualquer coisa inaudível, mas decerto era melhor não ter entendido mesmo.

Fez-se silêncio outra vez. Elayne ficou ainda mais absorta que antes, enquanto Birgitte mantinha o queixo apoiado na mão e franzia o cenho para o nada. Nynaeve continuou resmungando entre dentes, mas agora apertava a barriga com as mãos e, de tempos em tempos, fazia pausas para engolir. O som do esguicho da água parecia mais alto que nunca, bem como os gritos dos pássaros.

— Eu andei pensando também, quase-irmã.

Ela e Elayne ainda não tinham chegado ao ponto de adotar uma à outra como irmãs-primeiras, mas Aviendha tinha certeza de que iriam. Já tinham escovado os cabelos uma da outra, e toda noite, no escuro, compartilhavam segredos nunca ditos em voz alta. A tal Min, no entanto... isso ficava para depois, quando estivessem a sós.

— Sobre o quê? — perguntou Elayne, distraída.

— Nossa busca. Estamos preparadas para o sucesso, mas tão distantes dele quanto quando começamos. Faz sentido não usar todas as armas que temos à mão? Mat Cauthon é *ta'veren*, e, no entanto, nos esforçamos para evitá-lo. Por que não trazê-lo junto? Com ele, podemos enfim encontrar a tigela.

— Mat? — indagou Nynaeve, incrédula. — Melhor uma urtiga debaixo da roupa! Eu não aguentaria aquele homem nem que ele tivesse a tigela guardada no bolso do casaco.

— Ai, fique quieta, Nynaeve — resmungou Elayne, sem se afetar. Ela balançou a cabeça, pensativa, sem notar o olhar duro da outra. “Irritadiça” era pouco para descrever Nynaeve, mas todas estavam acostumadas com o jeito dela. — *Por que* eu não pensei nisso antes? É tão óbvio!

— Talvez — murmurou Birgitte, seca — vocês tenham se agarrado de tal forma à imagem daquele Mat salafrário que não conseguiram enxergar a utilidade dele.

Elayne disparou um olhar frio para a guardiã, o queixo erguido, então de súbito fechou a cara e assentiu, relutante. Ela não lidava bem com críticas.

— Não — disse Nynaeve, em uma voz que de alguma forma conseguia ser afiada e fraca ao mesmo tempo. O aspecto de enjoo de seu rosto havia aumentado, mas já não parecia causado pelo balanço do barco. — Vocês não podem estar falando sério! Elayne, você sabe o tormento que Mat pode

ser, sabe como ele é teimoso. Ele vai insistir em arrastar aqueles soldados como uma parada de festival. Tente encontrar qualquer coisa nos Rahad com soldados no cangote. Só tente! Em dois tempos ele vai tentar assumir a liderança, ostentando aquele *ter'angreal* na nossa cara. Ele é mil vezes pior que Vandene ou Adeleas, ou até mesmo que Merilille. Do jeito que Mat é, seria de pensar que a gente entraria na toca de um urso só para ver o urso!

Birgitte fez um barulho com a garganta que poderia ter sido de satisfação e recebeu uma olhada firme. Ela retornou um olhar de meiguice e inocência, e Nynaeve começou a tossir, engasgada.

Elayne foi mais suave; ela decerto tentaria alcançar a paz em uma rixa de água.

— Ele é *ta'veren*, Nynaeve. Ele altera o Padrão, altera a *sorte*, só de estar presente. Estou inclinada a admitir que precisamos de sorte, e um *ta'veren* representa mais do que isso. Além do mais, podemos prender dois coelhos de uma só vez. A gente não deveria estar deixando que ele zanzasse à solta por aí, por mais ocupadas que estejamos. Isso não trouxe nada de bom a ninguém, e a ele menos ainda. Mat precisa ser preparado para ser uma companhia decente. Vamos colocá-lo na rédea curta.

Nynaeve alisou as saias com bastante força. Ela alegava não ter mais interesse em vestidos do que Aviendha — nos vistosos, pelo menos, já que estava sempre resmungando que uma boa lã lisa era ótima para qualquer um —, e, no entanto, o vestido azul tinha listras amarelas nas saias e nas mangas, e ela própria escolhera o modelo. Cada peça de roupa que ela possuía era de seda, bordada ou ambas, todas com cortes que Aviendha aprendera a reconhecer como finos.

Pela primeira vez, Nynaeve pareceu entender que não ia conseguir o que queria. Às vezes a mulher tinha acessos de raiva até conseguir o que

quisesse — não que ela fosse admitir que eram acessos de raiva. A carranca se esvaneceu e virou um bico amuado.

— Quem é que vai falar com ele? Quem quer que vá, ele vai fazê-la implorar. Vocês sabem disso. Eu preferia me casar com o maldito!

Elayne hesitou, então disse, com firmeza:

— Birgitte vai. E ela não vai implorar; vai mandar. Os homens costumam obedecer se usamos um tom de voz firme e confiante.

Nynaeve parecia descrente, e Birgitte se endireitou no banco com um tranco. Era a primeira vez que Aviendha a via surpresa. Se ela fosse como as outras, Aviendha poderia até dizer que ela também parecia um pouco assustada. Birgitte teria se saído muito bem como *Far Dareis Mai*, para uma aguacenta. A mulher tinha habilidade extraordinária com o arco.

— Você é a escolha óbvia, Birgitte — explicou Elayne, mais que depressa. — Nynaeve e eu somos Aes Sedai, e Aviendha poderia muito bem ser. A gente *realmente* não pode fazer isso. Não mantendo a devida dignidade. Não com ele. Você *sabe* como ele é. — O que acontecera com toda aquela conversa de voz firme e confiante? Não que Aviendha tivesse visto isso funcionar, exceto com Sorilea. Até então, certamente não funcionara com Mat Cauthon, pelo que tivesse visto. — Birgitte, ele *não pode* ter reconhecido você. Se tivesse, a essa altura já teria dito alguma coisa.

Fosse lá o que isso significasse, Birgitte inclinou-se contra a parede e cruzou os dedos sobre a barriga.

— Eu devia ter imaginado que você ia se vingar de mim, depois que eu disse que era uma boa coisa que sua bunda não fosse... — Ela parou, um leve sorriso de satisfação surgindo no rosto. Nada mudou na expressão de Elayne, mas Birgitte claramente achou que tinha se vingado um tantinho. Devia ter sentido pelo elo de Guardiã. O que a bunda de Elayne tinha a ver

com a história, Aviendha não conseguia decifrar. Os aguacentos às vezes eram tão... *estranhos*. Birgitte continuou, ainda com aquele sorrisinho. — O que eu não entendo é por que ele começa a se irritar assim que vê vocês duas. Não pode ser porque as duas o enxotaram daqui. Egwene estava tão metida nisso quanto você, mas eu o vi tratá-la com mais respeito que a maioria das irmãs trata. Além do mais, as vezes em que o vi saindo lá do A Mulher Errante, ele parecia estar se divertindo.

Birgitte escancarou o sorriso, e o fungado que Elayne emitiu foi de desaprovação.

— Isso é algo que precisamos mudar. Uma mulher decente não pode ficar no mesmo recinto que ele. Ah, Birgitte, tire esse sorrisinho do rosto. Eu juro que às vezes você consegue ser tão ruim quanto ele.

— Aquele homem nasceu para ser um fardo — resmungou Nynaeve, amargurada.

De súbito, Aviendha foi lembrada de que estava em um barco: tudo deu uma guinada, sacudindo e se remexendo, e parou com um tranco. Levantando-se e ajeitando os vestidos, as mulheres juntaram as capas leves que tinham trazido. Mas Aviendha não vestiu a capa; o sol ali não estava tão forte que ela precisasse proteger o rosto com o capuz. Birgitte apenas pendurou sua capa em um dos ombros e empurrou a porta, subindo os três degraus logo depois que Nynaeve passou correndo, tapando a boca com uma das mãos.

Elayne se demorou amarrando as fitas da capa e ajeitando o capuz na cabeça, os cachos loiros despontando.

— Você não disse muita coisa, quase-irmã.

— Eu disse o que tinha que dizer. A decisão era sua.

— Mas a ideia era sua. Às vezes, acho que o restante de nós estamos nos tornando umas idiotas. Bom... — Elayne hesitou, dando meia-volta e se

virando para os degraus, sem olhar direito para ela. — As distâncias sobre a água às vezes me incomodam. Eu acho que só vou manter o olhar só dentro do navio, sem olhar para mais nada.

Aviendha assentiu. A quase-irmã era mesmo muito delicada. Então, as duas subiram.

Já no deque, Nynaeve estava dispensando a oferta de ajuda de Birgitte e levantando-se da amurada. Os dois remadores olhavam a cena, se divertindo, enquanto ela limpava a boca com as costas da mão. Os sujeitos sem camisa e com um aro de metal em cada orelha deviam fazer muito uso das adagas curvas enfiadas no cinturão. Ainda assim, eles dispensavam quase toda a atenção para operar os pares de remos longos, indo e vindo pelo deque para acomodar o barco sacolejante no lugar perto de um navio que quase fez Aviendha perder o fôlego pelo tamanho: uma imensidão se avultando por sobre a embarcação, agora diminuta, com três grandes mastros mais altos que a maioria das árvores que ela já vira nas terras aguacentas. Tinham escolhido aquele porque era o maior das centenas de navios do Povo do Mar ancorados na enseada. Em um navio grande feito aquele, sem dúvida poderiam esquecer-se de toda a água em volta. A não ser...

Elayne não reconheceu sua vergonha, e, se tivesse, a quase-irmã poderia conhecer sua mais profunda humilhação sem que isso importasse, mas... Amys dizia que Aviendha era muito orgulhosa. Ela se forçou a virar e desviar os olhos do navio.

Nunca tinha visto tanta água na vida. Era como se todas as gotas que já vira na vida tivessem sido reunidas em um só lugar, tudo ondeando num cinza-esverdeado, salpicado aqui e ali de uma espuma branca. Seus olhos dispararam, tentando evitar absorver aquilo. Até o céu parecia maior ali, imenso, com um sol dourado e líquido se arrastando pelo leste. Um vento

cortante soprava, de alguma forma mais frio que em terra firme, e ininterrupto. Nuvens de pássaros cruzavam o ar, as penugens cinza e brancas e às vezes salpicadas de preto, emitindo aqueles gritos agudos. Um deles, todo preto exceto pela cabeça, deslizou ao longo da superfície com o bico longo e rebaixado deslizando pela água, e uma fileira inclinada de pássaros marrons meio desajeitados — pelicanos, dissera Elayne — de súbito dobraram as asas um por um e mergulharam verticalmente com grande estardalhaço, sacudindo-se de volta para o topo, onde eles flutuavam, inclinando os bicos de tamanho incrível. Havia navios por toda parte, muitos quase tão grandes quanto o que estava atrás dela, nem todos pertencentes aos Atha'an Miere, e embarcações menores com um ou dois mastros se movendo por sob velas triangulares. Navios menores ainda, sem mastro, tal qual o navio onde ela estava, com uma ponta alta e pontuda na frente e uma casinha baixa na parte de trás, trançavam as águas em remos, um ou dois pares, ou às vezes três. Um barco comprido e estreito que deveria ter tido vinte remos em um dos lados parecia uma centopeia caminhando. E havia terra. Talvez a sete ou oito milhas de distância, a luz do sol cintilando sobre as construções brancas de caiadas da cidade. Sete ou oito milhas de água.

Engolindo em seco, Aviendha se virou mais depressa do que antes. Achou que o rosto devia estar mais verde que o de Nynaeve. Elayne a observava, tentando manter a expressão serena, mas os aguamentos demonstravam as emoções tão abertamente que a preocupação era visível.

— Eu sou uma idiota, Elayne. — Mesmo com ela, usar só o primeiro nome deixava Aviendha desconfortável; quando fossem irmãs-primейras, quando fossem irmãs-esposas, seria mais fácil. — Uma mulher sábia escuta conselhos sábios.

— Você é corajosa como eu nunca serei — respondeu Elayne, muito séria. Era outra que vivia negando a coragem que tinha. Talvez esse também fosse um costume aguacento? Não, Aviendha ouvira os aguacentos falarem da própria coragem; esses eboudarianos, por exemplo, pareciam incapazes de dizer três palavras sem se gabar. Elayne respirou fundo, endurecendo-se. — Hoje à noite vamos conversar sobre Rand.

Aviendha assentiu, mas não via como isso se relacionava à conversa sobre coragem. Como duas irmãs-esposas lidariam com um marido, se não conversassem sobre ele? Era isso o que as mulheres mais velhas diziam, de todo modo, assim como as Sábias. Elas não eram sempre tão diretas, claro. Quando reclamou com Amys e Bair que devia estar doente, pois sentia-se como se Rand al'Thor estivesse carregando uma parte dela por aí consigo, as duas desabaram a gargalhar. *Você vai aprender*, disseram, e *Teria aprendido antes, se tivesse crescido de saias*. Como se ela algum dia tivesse desejado uma vida que não fosse a de Donzela, correndo com as irmãs-de-lança. Talvez Elayne compartilhasse do mesmo vazio. Falar sobre ele de fato fazia parecer que o buraco aumentava, mesmo preenchendo-o.

Durante algum tempo, estivera ciente das vozes aumentando, e agora ouvia as palavras:

— ... seu bufão de orelha furada! — Nynaeve sacudia o punho para um homem muito escuro que a olhava do lado alto do navio. Ele parecia calmo, mas, por outro lado, não podia ver o brilho de *saidar* que a rodeava. — Não estamos atrás do presente da passagem, portanto, não interessa se você se recusa a concedê-lo a Aes Sedai! Baixe uma escada agora mesmo!

Os homens nos remos recolheram os sorrisos. Aparentemente, não tinham visto os anéis de serpente na plataforma de pedras e não pareciam satisfeitos em saber que havia Aes Sedai a bordo.

— Ah, céus... — Elayne suspirou. — Preciso dar um jeito nisso, Aviendha, ou teremos perdido a manhã inteira só para ela colocar o mingau de café da manhã para fora. — Elayne foi até o homem do navio, deslizando pelo *convés*; Aviendha tinha orgulho em saber os nomes corretos das coisas nos barcos. — Sou Elayne Trakand, Filha-Herdeira de Andor e Aes Sedai da Ajah Verde. Minha companheira tem razão. Não buscamos o presente da passagem. Mas precisamos falar com sua Chamadora de Ventos; é uma questão urgente. Diga a ela que sabemos sobre a Tessitura dos Ventos. Diga a ela que sabemos das Chamadoras de Ventos.

O homem franziu o cenho para ela, então desapareceu de repente, sem dizer palavra.

— A mulher decerto vai achar que você pretende revelar os segredos dela — resmungou Nynaeve, ajeitando a capa com irritação. Amarrou as fitas com força. — Você sabe o medo que têm de que as Aes Sedai arrastem todas elas para a Torre, se souberem que a maioria é capaz de canalizar. Só uma bobona acha que pode ameaçar os outros, Elayne, e ainda chegar a algum lugar.

Aviendha soltou uma gargalhada. Pelo olhar surpreso de Nynaeve, a mulher não via a piada que fizera consigo mesma. Os lábios de Elayne estremeeceram, por mais que ela tentasse se segurar. Nunca dava para se ter certeza a respeito do humor dos aguacentos; eles achavam coisas graça em coisas estranhas e sempre perdiam a melhor parte das piadas.

Quer a Chamadora de Ventos se sentisse ou não ameaçada, Elayne pagou os barqueiros e os advertiu que esperassem por seu retorno, enquanto Nynaeve resmungava sobre a quantia e dizendo que daria um tapa nas orelhas de cada um se eles fossem embora — como ela iria conseguir isso quase fez Aviendha cair outra vez na gargalhada. Depois disso tudo, parecia ser consenso que os homens iriam deixá-las subir. Nenhuma escada foi

baixada; em vez disso, baixaram um pedaço de madeira lisa, as duas cordas que o penduravam se tornando uma só e correndo até um poste grosso dependurado do lado de um dos mastros. Nynaeve tomou seu lugar, sentando-se na tábua com avisos temerosos para os remadores, caso ousassem olhar por debaixo de suas saias, e Elayne corou e segurou as saias com força por entre as pernas, toda corcunda, como se parecesse pronta para cair de cabeça no chão enquanto bamboleava pelo ar e desaparecia de vista dentro do navio. Um dos sujeitos olhou para cima, até que Birgitte acertou uma pancada no nariz dele com o punho. Os homens não olharam para *ela* durante a subida.

A faca de cintura de Aviendha era pequena, com uma lâmina de nem meio pé de comprimento, mas os remadores franziram o cenho, preocupados, quando ela a embainhou. Ela botou o braço para trás, e os homens caíram estatelados no chão enquanto a faca rodopiava por sobre suas cabeças e se cravava, com um baque sólido, no grosso poste de madeira na frente do barco. Passando a capa pelos braços, como um xale, ela ergueu as saias bem acima dos joelhos, de modo a poder subir nos remos e recuperar a faca, então tomou seu lugar na tábua bamba. Não tornou a embainhar a faca. Por alguma razão, os dois homens trocaram olhares confusos, mas mantiveram os olhos baixos enquanto ela era erguida. Talvez estivesse começando a entender os costumes dos aguacentos.

Ao chegar no deque do grande navio, ficou boquiaberta, quase esquecendo-se de sair do banquinho. Lera a respeito dos Atha'an Miere, mas ler e ver era tão diferente quanto ler sobre a água salgada e senti-la. Eram todos escuros, para começar, muito mais escuros que os eboudarianos, até mais escuros que a maioria dos tairenos, com cabelos negros e lisos e olhos negros e mãos tatuadas. Homens de peito nu e pés descalços, com cinturões brilhosos e estreitos prendendo calças largas de algum tecido

escuro que tinha um aspecto meio oleoso, e as mulheres usavam blusas tão coloridas quanto os cinturões. Todos se moviam aos reboleios, deslizando graciosamente com o balanço do navio. As mulheres do Povo do Mar tinham hábitos muito estranhos no que dizia respeito aos homens, segundo o que lera, dançando com nada além de um lenço de cobertura, talvez pior, mas eram os brincos que a faziam encarar. A maioria tinha três ou quatro, com frequência de pedras polidas, e muitas tinham até uma argolinha na lateral do nariz! Os homens também tinham, pelo menos os brincos, e o mesmo tanto de correntes pesadas de ouro e prata no pescoço. Homens! Alguns homens aguacentos usavam brincos nas orelhas, era verdade — a maioria dos homens de Ebou Dar —, mas não tantos! E os colares! Os aguacentos tinham costumes muito estranhos. O Povo do Mar nunca deixava seus navios — nunca —, pelo que ela lera, e supostamente comiam os próprios mortos. Não dera muito crédito a isso, mas, se os homens usavam colares, quem poderia dizer o que mais faziam?

A mulher que veio ao encontro delas usava calças e blusa e cinturão feito as outras, mas o dela era de seda amarela brocada, o cinturão amarrado com nós intrincados, as pontas se arrastando até os joelhos, e um dos colares continha uma caixinha de ouro com perfurações intrincadas. Um odor doce e almiscarado a rodeava. A mulher ostentava muitas mechas cinza nos cabelos, e um rosto solene. Cinco anezinhos grossos decoravam cada uma das orelhas, e uma corrente fina os ligava a um anel similar no nariz. Pequenas medalhas de ouro polido penduradas na corrente reluziam à luz do sol, enquanto ela as analisava.

Aviendha puxou a própria mão de cima do nariz — usar essa corrente, sempre puxando! — e quase não conseguiu conter a risada. Os costumes dos aguacentos eram inacreditavelmente estranhos, e ninguém merecia o nome mais que o Povo do Mar.

— Eu sou Malin din Toral Onda Quebrada — disse a mulher — Mestra das Ondas do Clã Somarin e Mestra das Velas do *Corredor dos Ventos*.

Uma Mestra Das Ondas era importante, feito um chefe de clã, e ainda assim aquela mulher parecia perdida, olhando de um rosto a outro, até que seus olhos caíram nos anéis da Grande Serpente que Elayne e Nynaeve usavam, então ela deu um suspiro resignado.

— Se lhes aprouver virem comigo, Aes Sedai? — perguntou para Nynaeve.

A parte de trás do navio foi erguida, e a mulher as conduziu por uma porta, depois por um corredor até um salão grande — uma *cabine* — de teto baixo. Aviendha duvidou que Rand al'Thor pudesse ficar com as costas retas sob uma daquelas vigas grossas. Exceto por uns poucos baús de laca, tudo o mais parecia ter sido construído ali no local: os armários nas paredes e até mesmo a comprida mesa que corria por metade da extensão do recinto, assim como as poltronas que a rodeavam. Era difícil pensar em alguma coisa do tamanho daquele navio ser feita de madeira, e mesmo depois de todo o tempo nas terras aguacentas, ver toda aquela madeira polida quase a fazia perder o fôlego. O brilho era quase tão forte quanto dos lampiões dourados, pendurados em algum tipo de gaiola, de modo que permanecessem retos mesmo com o balanço do navio sobre as ondas. A bem da verdade, o navio praticamente não parecia se mover, pelo menos em comparação com o barco em que tinham vindo, mas, infelizmente, a parede do fundo da cabine era todo de janelas enfileiradas, pintadas e revestidas de ouro, todas abertas, fornecendo uma vista esplêndida da baía. E, pior, não havia terra à vista fora daquelas janelas. Nenhuma terra! Sua garganta travou. Não podia falar. Não podia gritar, embora fosse o que desejasse fazer.

Aquelas janelas e o que mostravam — o que não mostravam — arrebataram-na tão depressa e intensamente que ela levou um momento para perceber que os outros já tinham chegado. Que beleza! Se quisessem, poderiam tê-la matado antes mesmo que ela percebesse! Não que demonstrassem qualquer sinal de hostilidade, mas cautela nunca era demais com aguamentos.

Um velho magro de olhos fundos estava sentado confortavelmente sobre um dos baús; o pouco cabelo que lhe restava era branco, e o rosto escuro guardava um aspecto bondoso, embora uma boa dúzia de brincos todos juntos e várias correntes grossas de ouro em torno do pescoço conferia uma estranheza à expressão do homem, aos olhos de Aviendha. Tal qual os homens na parte de cima, ele tinha o peito nu e os pés descalços, mas a calça era de seda azul-escura, e o comprido cinturão, vermelho-vivo. Uma espada de cabo de marfim estava enfiada no cinturão, Aviendha notou, com desdém, bem como adagas curvas emparelhadas.

A mulher esbelta e vistosa, com braços cruzados e uma carranca soturna de mau agouro, era mais digna de nota. Usava apenas quatro brincos em cada orelha e tinha menos medalhões na corrente do que Malin din Toral. Além disso, suas roupas eram todas de seda amarela avermelhada. A mulher podia canalizar; de tão perto, Aviendha sabia. Devia ser a mulher que estavam procurando, a tal Chamadora dos Ventos. E, ainda assim, foi outra que prendeu a atenção de Aviendha. De Elayne, Nynaeve e Birgitte também.

A mulher que ergueu o olhar de um mapa desenrolado sobre a mesa devia ser tão velha quanto o homem, a julgar pelos cabelos brancos. Baixa, não mais alta do que Nynaeve, ela parecia que um dia fora forte e estava começando a ficar pesada, mas a mandíbula se projetava feito um martelo, e os olhos negros indicavam inteligência. E poder. Não o Poder Único,

apenas o poder de alguém que dizia “vá” e sabia que os outros iriam, mas mesmo assim parecia bem enérgica. A calça era de seda verde com brocados; a blusa, azul; e o cinturão, vermelho, feito o do homem. A faca de lâmina grossa e bainha dourada enfiada atrás daquele cinturão tinha um castão coberto de pedras vermelhas e verdes; gotas de fogo e esmeraldas, Aviendha achou. Da corrente em seu nariz, pendia dobro de medalhões do que os de Malin din Toral, e outra corrente dourada, mais fina, conectava os aros de cada uma de suas orelhas. Aviendha quase não conseguiu evitar de levar outra vez a mão ao nariz.

Sem dizer palavra, a mulher de cabelos brancos veio postar-se diante de Nynaeve, avaliando-a dos pés à cabeça sem nenhuma descrição, com uma carranca especial para o rosto de Nynaeve e o anel da Grande Serpente em sua mão direita. Ela não se demorou e, com um grunhido, seguiu a análise, irritada, para dispensar a Elayne o mesmo escrutínio intenso e rápido, e depois a Birgitte. Por fim, abriu a boca.

— Você não é Aes Sedai. — Sua voz era como pedras rolando.

— Pelos nove ventos e pela barba do Trazedor da Tormenta, não sou — respondeu Birgitte. Ela às vezes dizia coisas que nem Elayne e Nynaeve pareciam compreender, mas a mulher de cabelos brancos deu um salto, como se tivesse levado um beliscão na bunda, e a encarou durante um longo instante antes de se virar para Aviendha, franzindo o cenho.

— Você também não é Aes Sedai — ralhou, depois do mesmo exame.

Aviendha empertigou-se o máximo que pôde, sentindo-se como se a mulher tivesse revirado todas as suas vestimentas e a virado do lado avesso para olhá-la melhor.

— Eu sou Aviendha, do ramo dos Nove Vales dos Aiel Taardad.

A mulher levou o dobro do susto que com Birgitte, arregalando os olhos negros.

— Você não está vestida como eu esperava, garota. — Isso foi tudo o que disse, e seguiu a passos firmes até o extremo oposto da mesa, onde cravou as mãos na cintura e analisou todas elas outra vez, da forma como teria feito com algum animal estranho que jamais tivesse visto. — Eu sou Nesta din Reas Duas Luas — disse a mulher, por fim —, Senhora dos Navios dos Atha'an Miere. Como é que sabem o que sabem?

Nynaeve tinha fechado a cara desde que a mulher lançara o primeiro olhar a ela. Agora, vociferou:

— As Aes Sedai sabem o que sabem. E esperamos melhores modos do que o que vimos até agora! Eu sem dúvida fui mais bem tratada da última vez que estive em um navio do Povo do Mar. Talvez devêssemos achar outro, onde as pessoas não estejam todas com dor de dente.

O rosto de Nesta din Reas ficou ainda mais sombrio, mas Elayne, naturalmente, tomou as rédeas, removendo a capa e deitando-a na beirada da mesa.

— Que a Luz ilumine a senhora e seus navios, Senhora dos Navios, e mande ventos para acelerar todos. — A reverência foi razoavelmente funda; Aviendha passara a julgar aqueles movimentos, por achar que eram a coisa mais esquisita que uma mulher poderia fazer na vida. — Pedimos perdão se dissemos palavras impensadas. Não é nossa intenção desrespeitar quem é uma rainha para os Atha'an Miere. — Isso foi dito com um olhar significativo para Nynaeve, que apenas deu de ombros.

Elayne apresentou-se mais uma vez, então apresentou as outras, suscitando reações estranhas. O fato de que Elayne era Filha-Herdeira não suscitou nenhuma estranheza, embora fosse uma posição de prestígio entre os aguacentos, e o fato de que ela era da Ajah Verde, e Nynaeve, da Amarela, provocou fungados de Nesta din Reas e olhares penetrantes do velho magro.

— Nós viemos por dois motivos. O menos importante é perguntar como vocês pretendem ajudar o Dragão Renascido, que de acordo com a Profecia Jendai, vocês chamam de Coramoor. O mais importante é pedir a ajuda da Chamadora de Ventos desta embarcação. Cujo nome — ela acrescentou, com delicadeza — eu receio que ainda desconheça.

A mulher magra capaz de canalizar enrubesceu.

— Eu sou Dorile din Eiran Pena Longa, Aes Sedai. Posso ajudar, se aprover à Luz.

Malin din Toral também parecia constrangida.

— As boas-vindas de meu navio a vocês — murmurou —, e que a graça da Luz esteja com todas até que deixem o convés.

Nesta din Reas não parecia tão constrangida.

— A negociação é com o Coramoor — disse, com a voz dura, e fez um gesto brusco mordaz. — Os costeiros não têm parte nisso, exceto onde nos informam sobre a vinda dele. Você, garota, Nynaeve. Que navio lhe deu o presente da passagem? Quem era sua Chamadora de Ventos?

— Não lembro. — O tom orgulhoso de Nynaeve destoava do sorriso de pedra em seu rosto. Ela também agarrava a trança com toda a força, mas pelo menos não voltara a abraçar *saidar*. — E eu sou Nynaeve Sedai, ou Nynaeve Aes Sedai, não garota.

Espalmando as mãos sobre a mesa, Nesta din Reas a encarou diretamente, o que lembrou Aviendha de Sorilea.

— Talvez seja, mas eu saberei quem revelou o que não devia ter sido revelado. Ela tem umas lições sobre silêncio para aprender.

— O navio já zarpou, Nesta — retrucou o velho, de repente, em uma voz muito mais forte do que seus braços e pernas ossudos sugeriam. Aviendha o tomara por um guarda, mas o homem falava como um igual. — Talvez seja bom perguntar que ajuda as Aes Sedai querem de nós, nos dias em que o

Coramoor tiver vindo, e os mares se enfurecerem em infinitas tormentas, e a destruição da Profecia singrar os oceanos. Se forem mesmo Aes Sedai...?

A última frase foi dita com uma sobancelha erguida para a Chamadora de Ventos.

Ela respondeu baixinho, em um tom de voz respeitoso:

— Três podem canalizar, incluindo ela. — A mulher apontou para Aviendha. — Nunca conheci ninguém tão forte quanto essas três. Devem ser. Quem mais ousaria usar o anel?

Acenando para que a mulher se calasse, Nesta din Reas voltou aquele mesmo olhar gélido para o homem.

— Aes Sedai nunca pedem ajuda, Baroc — vociferou. — Aes Sedai nunca *pedem* nada.

Baroc a encarou com um olhar brando, mas, depois de um momento, Nesta suspirou como se ele a tivesse encarado de cima a baixo. No entanto, o olhar que mirou em Elayne não se abrandara nem um pouco.

— O que você quer de nós... — Ela hesitou. — Filha-herdeira de Andor? — Até nisso soava descrente.

Nynaeve se aprumou, pronta para lançar um ataque. Aviendha tivera de escutar mais de um ataque de raiva despertado pelas Aes Sedai no Palácio Tarasin e seu hábito de esquecer que ela e Elayne também eram Aes Sedai. Se alguém que nem era da Torre se negasse a reconhecer aquele status, poderia suscitar um derramamento de sangue. Nynaeve se empertigou e abriu a boca... e Elayne a silenciou com um toque no braço e um sussurro baixo demais para os ouvidos de Aviendha. O rosto de Nynaeve ainda estava carmesim, e ela parecia a ponto de puxar a trança lentamente pela raiz, mas segurou a língua. Talvez Elayne *conseguisse* trazer paz a uma rixa de água.

Naturalmente, sua quase-irmã não podia estar satisfeita vendo serem postos em xeque tão abertamente não apenas seu direito a ser chamada de Aes Sedai, como também seu direito ao título de Filha-herdeira. A maioria a teria considerado bastante calma, mas Aviendha conhecia os sinais. O queixo erguido indicava raiva e, somado aos olhos arregalados, Elayne era uma tocha que arrebatava as brasas de Nynaeve. Além do mais, Birgitte estava nas pontas dos pés, o rosto duro feito pedra, os olhos em brasa. A mulher não costumava espelhar as emoções de Elayne, exceto quando eram muito fortes. Aviendha enrolou os dedos no cabo da faca de cintura e se preparou para abraçar *saidar*. Mataria a Chamadora de Ventos primeiro; a mulher não era fraca com o Poder e representava perigo. Poderiam encontrar outras por ali, com muitos navios.

— Estamos buscando um *ter'angreal*. — Exceto pelo tom frio, qualquer pessoa que não a conhecesse pensaria que Elayne estava completamente serena. A Filha-herdeira encarava Nesta din Reas, mas dirigia-se a todos os presentes, talvez especialmente à Chamadora de Ventos. — Com ele, acreditamos poder remediar o clima, que deve estar trazendo tantos problemas a vocês quanto à terra. Baroc falou de tormentas infundáveis. Vocês devem estar vendo o toque do Tenebroso, o toque do Pai das Tempestades, no mar, assim como temos visto na terra. Com esse *ter'angreal*, podemos mudar o clima/ Mas não temos como fazer isso sozinhas. Precisaremos de muitas mulheres trabalhando juntas, talvez um círculo completo de treze. Acreditamos que esse grupo de mulheres deve incluir Chamadoras de Ventos. Ninguém mais sabe tanto a respeito do clima, nem mesmo qualquer Aes Sedai viva. Essa é a ajuda que pedimos.

Um silêncio mortal se abateu na sala, até que Dorile din Eiran perguntou, hesitante:

— E esse *ter'angreal*, Aes Sedai. Como se chama? Como é?

— Que eu saiba, não tem nome — respondeu Elayne. — É uma tigela de cristal grossa e rasa, porém com cerca de dois pés de comprimento e nuvens desenhadas do lado de dentro. Quando se canaliza nele, as nuvens se movem...

— A Tigela dos Ventos — interrompeu a Chamadora de Ventos, empolgada, aproximando-se de Elayne sem nem se dar conta. — Elas estão com a Tigela dos Ventos.

— Estão mesmo? — Os olhos ávidos da Mestra das Ondas estavam fixos em Elayne, e ela também deu um passo involuntário.

— Estamos *procurando* por ela — respondeu Elayne. — Mas sabemos que está em Ebou Dar. Se for o mesmo...

— Deve ser — exclamou Malin din Toral. — Pela descrição, deve ser!

— A Tigela dos Ventos... — sussurrou Dorile din Eiran. — Pensar que seria reencontrado depois de dois mil anos! Deve ser o Coramoor. Ele deve ter...

Nesta din Reas bateu palmas bem alto.

— Estou falando com uma Mestra das Ondas e uma Chamadora de Ventos, ou duas garotinhas fofocando no convés?

Malin din Toral enrubesceu de raiva e orgulho ferido e inclinou a cabeça rigidamente. Com o rosto duplamente mais vermelho, Dorile din Eiran curvou-se em uma mesura, levando os dedos à testa, aos lábios e ao coração.

A Senhora dos Navios franziu o cenho para elas por um instante, antes de prosseguir:

— Baroc, convoque as outras Mestras das Ondas que controlam este porto, assim como as Doze Primeiras. Com suas Chamadoras de Ventos. E deixe claro que vai puxá-las pelos cordames se não vierem logo. —

Enquanto o homem se levantava, ela acrescentou: — Ah. E mande um chá para cá. Acordar os termos dessa negociação vai dar sede.

O velho assentiu. Parecia aceitar na mesma medida que pudesse pendurar Mestras das Ondas pelos pés e que devesse mandar trazerem chá. Ele olhou Aviendha e as outras, então saiu saracoteando com aquele andar gingado. Aviendha mudou de opinião ao ver os olhos dele perto. Talvez teria sido um erro fatal matar a Chamadora de Ventos primeiro.

Alguém devia estar esperando ordens desse tipo, pois Baroc acabara de sair quando um jovem bonito e esguio, com uma única argola fina em cada orelha, entrou carregando uma bandeja de madeira que sustentava um bule quadrado e esmaltado azul com asa dourada e grandes xícaras de cerâmica grossa e azul. Nesta din Reas dispensou o sujeito com um aceno impaciente.

— Ele já vai espalhar boatos demais sem ouvir o que não deve — explicou, depois que o homem saiu, e mandou Birgitte servir o chá. O que a mulher fez sem reclamar, para surpresa de Aviendha, e talvez dela própria.

A Senhora dos Navios acomodou Elayne e Nynaeve em cadeiras a uma das extremidades da mesa, aparentemente concentrada em dar início à negociação. Aviendha recusou a oferta de assumir uma cadeira no outro extremo da mesa, mas Birgitte se acomodou, abrindo o braço da cadeira, depois tornando a fechá-lo após se sentar. A Mestra das Ondas e a Chamadora de Ventos também foram excluídas da discussão, se é que aquilo podia ser chamado de discussão. As palavras eram baixas demais para serem ouvidas, mas Nesta din Reas enfatizava tudo o que dizia com um dedo em riste feito uma lança, e Elayne mantinha a cabeça tão erguida que parecia estar olhando por cima do nariz. E, ainda que, para variar, Nynaeve estivesse conseguindo manter a expressão calma, parecia tentar escalar a própria trança.

— Se aprover à Luz, vou falar com as duas — disse Malin din Toral, olhando de Aviendha para Birgitte —, mas acho que devo ouvir sua história primeiro.

Birgitte começou a parecer alarmada quando a mulher se sentou diante dela.

— O que significa que posso falar primeiro com você, se aprover à Luz — explicou Dorile din Eiran, a Aviendha. — Li a respeito dos Aiel. Se lhe aprover, conte-me: se uma mulher Aiel precisa matar um homem por dia, como é que ainda existem homens no Deserto?

Aviendha fez o melhor para não a encarar. Como a mulher podia acreditar em tamanho absurdo?

— Quando foi que você viveu entre nós? — perguntou Malin din Toral, para Birgitte, por sobre a xícara de chá, acomodada quase no fim da mesa. Birgitte se inclinava para longe dela como se quisesse escalar o espaldar da cadeira.

No extremo oposto da mesa, Nesta din Reas ergueu a voz por um instante.

— ... vieram até mim, não fui até vocês. Isso estabelece a base da negociação, mesmo que vocês sejam Aes Sedai.

Deslizando recinto adentro, Baroc parou entre Aviendha e Birgitte.

— Parece que o barco costeiro zarpou assim que vocês desembarcaram, mas não se preocupem. O *Corredor dos Ventos* tem barcos para colocá-las na costa.

O homem atravessou a cabine, tomou uma cadeira junto de Elayne e Nynaeve e entrou na conversa. Quando as duas olhassem para quem estivesse falando, fosse Baroc ou Nesta, o outro poderia observá-las sem ser notado. As duas tinham perdido uma vantagem necessária.

— É claro que a negociação é nos nossos termos — falou Baroc, parecendo incrédulo que pudesse ser de outra forma, enquanto a Senhora dos Navios analisava Elayne e Nynaeve como uma mulher estudaria dois bodes que desejava esfolar para um banquete. O sorriso de Baroc era quase paternal. — Quem pede, naturalmente, deve pagar mais caro.

— Mas você deve ter vivido entre nós, para conhecer esses juramentos antigos — insistiu Malin din Toral.

— Você está bem, Aviendha? — perguntou Dorile din Eiran. — Mesmo aqui, o movimento de um navio às vezes afeta o povo costeiro. Não? E as minhas perguntas não ofendem? Então me diga. As mulheres Aiel realmente amarram o homem... quer dizer, quando você e ele... quando vocês... — Com as bochechas vermelhas, ela se calou com um sorrisinho. — Existem muitas mulheres Aiel tão fortes com o Poder Único quanto você?

Não foi a pergunta idiota da Chamadora de Ventos que fez o sangue se esvaír do rosto de Aviendha, ou o fato de que Birgitte parecia pronta para correr tão logo conseguisse abrir o braço da cadeira, nem mesmo o fato de que Elayne e Nynaeve aparentemente estavam descobrindo que eram duas garotinhas de olhos brilhantes em uma feira nas mãos de mercadores tarimbados. Todos iriam culpá-la, e com razão. Ela quem tinha dito que, se não conseguissem levar o *ter'angreal* de voltar para Egwene e as outras Aes Sedai depois de encontrado, por que não garantir as tais mulheres do Povo do Mar de quem falavam? Não podiam perder tempo esperando que Egwene al'Vere dissesse que podiam retornar. Todas a culpariam, e ela cumpriria sua *toh*, mas estava se lembrando dos barcos que tinha visto no convés, empilhados de cabeça para baixo, uns por cima dos outros. Barcos sem nenhum abrigo. Todas a culpariam, mas, fosse lá o débito que devesse,

pagaria mil vezes mais em vergonha quando estivesse sendo levada por sete ou oito milhas de água em um barco aberto.

— Vocês têm um balde? — perguntou à Chamadora de Ventos, com a voz fraca.



CAPÍTULO 14



PLUMAS BRANCAS

À primeira vista, O Circuito Prateado recebera o nome errado, mas Ebou Dar tinha apreço por nomes grandiosos, e às vezes parecia que, quanto piores fossem, melhor. A taverna mais encardida que Mat tinha visto na cidade, cheirando a peixes velhíssimos, levava o nome de A Glória da Rainha em Resplendor, enquanto A Coroa Dourada do Paraíso nomeava um buraco escuro do outro lado do rio, no Rahad, com uma única porta azul para identificá-la, onde marcas negras de antigas lutas com facas manchavam o chão encardido. O Circuito Prateado abrigava corridas de cavalos.

Mat tirou o chapéu, se abanou com a aba larga e não fez mais que afrouxar o cachecol de seda preta que usava para esconder a cicatriz no pescoço. O ar da manhã já bruxuleava com o calor, mas multidões lotavam as duas compridas margens de barro que flanqueavam o percurso que os cavalos percorreriam até a extremidade para, em seguida, voltar. Era só o que havia no Circuito Prateado. O murmúrio de vozes quase abafava o pipilar das gaivotas acima. A entrada não era cobrada, de forma que trabalhadores das salinas em seus coletes brancos da guilda e fazendeiros de rosto encovado que tinham fugido dos Devotos do Dragão no interior roçavam ombros com tarabonianos maltrapilhos usando véus transparentes por cima dos bigodes espessos, tecelões com coletes de listras verticais,

tipógrafos com listras horizontais e tintureiros com as mãos manchadas até os cotovelos. A irreduzível vestimenta preta dos campesinos amadicianos, abotoados até o pescoço, apesar dos portadores parecerem a ponto de morrer de tanto suar, estavam lado a lado com vestidos de aldeias murandianas, com seus compridos aventais coloridos, tão estreitos que deviam ser só enfeite, e até um punhado de domaneses de pele cor de cobre — os homens sempre de casacos curtos, quando os usavam, e as mulheres com lãs ou linhos tão finos que aderiam ao corpo feito seda. Havia aprendizes, trabalhadores das docas e armazéns e curtidores, que desfrutavam de um espacinho livre em meio à multidão, por conta do odor de seu ofício. Sem falar nas crianças de rua com rostos imundos, vigiadas de perto, porque roubariam qualquer coisa em que conseguissem pôr as mãos. Porém, havia pouca prata entre os trabalhadores.

Toda essa gente ficava acima das grossas cordas de cânhamo atadas a postes. Abaixo, só os que realmente tinham prata e ouro: os bem-nascidos, bem-vestidos e abastados. Lacaios presunçosos serviam ponche para os mestres em xícaras de prata, criadas alvoroçadas agitavam leques de pena para refrescar as senhoras, e havia até um bobo da corte de rosto pintado de branco e sinos de latão retinindo no manto e no chapéu preto e branco. Homens arrogantes com chapéus de veludo de copa alta caminhavam, cheios de pompa, com espadas delgadas presas à cintura, os mantos de seda roçando no cabelo, pendendo dos ombros e presos por correntes de ouro ou prata entre as estreitas lapelas bordadas. Algumas mulheres tinham o cabelo mais curto que o dos homens; outras usavam os fios mais compridos, arrumados de tantas maneiras quanto havia mulheres. Elas ostentavam chapéus largos com plumas ou, por vezes, redes finas que escondiam os rostos, além de vestidos cujo corte, ao estilo local ou de outras paragens, costumava revelar um pouco do busto. As nobres, abrigadas sob reluzentes

guarda-sóis coloridos, cintilavam com anéis, brincos, colares e braceletes de ouro, marfim e gemas finas enquanto olhavam de nariz em pé para os demais. Agiotas e mercadores bem alimentados, só com um toque de renda ou um broche ou anel trazendo uma pedra polida gorducha, faziam humildes reverências ou medidas aos mais ricos, que muito provavelmente lhes deviam vastas quantias de dinheiro. No Circuito Prateado, as fortunas sempre mudavam de mão, e não só com apostas. Dizia-se que, abaixo das cordas, vidas e honra também mudavam de mão.

Mat recolocou o chapéu e levantou a mão, no que se aproximou uma das coletoras de apostas do local — uma mulher de rosto estreito feito uma machadinha, com um nariz parecido com uma soveia — e esparramou as mãos ossudas ao se curvar, murmurando o de praxe:

— Já que milorde deseja fazer uma aposta, irei registrá-la de boa-fé. — O sotaque eboudariano conseguia ser suave, apesar de comer o final de algumas palavras. — O livro de registros está aberto.

Assim como a frase de cortesia, o livro aberto bordado na altura dos seios do colete vermelho da mulher vinha de um passado distante, quando as apostas eram registradas em livro, mas Mat suspeitava que fosse o único ali que sabia disso. Ele se lembrava de muitas coisas que nunca tinha visto, de tempos havia muito transformados em poeira.

Com uma rápida olhadela na pule para o quinto páreo da manhã, anotada a giz na lousa que um funcionário com a haste de identificação segurava por trás da mulher de colete vermelho, Mat assentiu. Vento era apenas o terceiro favorito, apesar das vitórias. Ele se virou para seu acompanhante.

— Aposte tudo em Vento, Nalesean.

O taireno hesitou, dedilhando a ponta da barba negra oleosa. O suor reluzia em seu rosto, mas, ainda assim, ele mantinha o manto de grossas

listras azuis amarrado até em cima, além de usar um chapéu quadrado de veludo azul que não ajudava em nada na proteção contra o sol.

— Tudo, Mat? — Ele falava baixinho, tentando evitar que a mulher escutasse. Os prognósticos poderiam mudar a qualquer momento, até que a aposta fosse concretizada. — Que minha alma queime, mas aquele malhado ali parece rápido, e aquele capão baio claro com a crina meio prateada, também.

Eram os favoritos do dia, novos na cidade e, como tudo que é novidade, carregados de expectativa.

Mat nem se deu o trabalho de olhar na direção dos dez cavalos que compunham o páreo seguinte e que estavam desfilando numa das extremidades do percurso. Já dera uma boa olhada em todos enquanto punha Olver para montar em Vento.

— Tudo. Algum idiota deu uma cacetada na cauda do malhado, que já está meio incomodado com as moscas. O baio é vistoso, mas seus machinhos têm uma angulação ruim. Ele pode até ter ganhado algumas corridas no interior, mas, hoje, vai terminar em último. — Cavalos eram um assunto que ele dominava. Seu pai lhe ensinara, e Abell Cauthon tinha um olho clínico para cavalos de corrida.

— Me parece mais que vistoso — resmungou Nalesean, mas já sem tom de contestação.

A coletora de apostas pestanejou quando Nalesean, aos suspiros, puxou várias bolsas gorduchas de dentro dos bolsos rechonchudos do casaco. Num dado momento, a mulher abriu a boca para protestar, mas a Ilustre e Honrada Guilda dos Coletores de Apostas sempre afirmava que aceitaria qualquer aposta, de qualquer quantia. Chegavam a apostar, inclusive, com proprietários de embarcações e mercadores se algum navio afundaria ou se os preços mudariam. Ou melhor: a própria guilda fazia isso, não coletores

individuais de apostas. O ouro foi parar num dos baús com tiras de ferro que a mulher levava, cada qual carregado por um par de sujeitos com os braços da mesma grossura que as pernas de Mat. Os guardas da coletora, de olhos firmes e narizes curvados em coletes de couro que deixavam à mostra braços ainda mais grossos, empunhavam longas maças com tiras de latão. Outro homem lhe entregou uma ficha branca onde se via um peixe azul bem detalhado — cada coletor de apostas possuía um símbolo diferente — e a mulher anotou a aposta, o nome do cavalo e um símbolo indicando o páreo nas costas da ficha, escrevendo com um pincel fininho que tirou de uma caixa laqueada trazida por uma bela garota. Esbelta, com grandes olhos negros, a garota abriu um sorriso preguiçoso para Mat. A mulher com cara de machadinha não sorriu. Curvando-se em outra medida, ela deu um tapa na garota e se retirou, cochichando com o funcionário que levava a haste, que foi logo tratando de esfregar a lousa com um pano. Quando a exibiu de novo, Vento aparecia listado como a maior chance de vitória. Esfregando a bochecha com toda a descrição, a garota fez careta para Mat, como se o tapa tivesse sido culpa dele.

— Espero que você esteja com sorte — disse Nalesean, segurando a ficha com cuidado para que a tinta secasse. Coletores de apostas por vezes se enchiam de melindres para pagar fichas com a tinta borrada, e ninguém era mais melindroso que um eboudariano. — Sei que é raro você perder, mas já vi acontecer. Que me queime, mas eu vi. Tem uma moça com quem pretendo dar uns passos na dança hoje à noite. É só uma costureira... — Ele era um lorde, ainda que não fosse um sujeito ruim, e essas coisas lhe pareciam importantes. — Mas é bonita o bastante para deixar um homem de boca seca. E gosta de penduricalhos. Penduricalhos de ouro. Também gosta de fogos de artifício, e ouvi falar que alguns Iluminadores estão armando uma apresentação para hoje à noite, o que interessa a você. Mas são os

penduricalhos que a fazem sorrir. Ela não vai ser amigável se eu não conseguir fazê-la sorrir, Mat.

— Você vai fazê-la sorrir — palpitou Mat, sem dar muita atenção.

Os cavalos ainda andavam em círculo acima dos postes da largada. Olver estava sentado, orgulhoso, no dorso de Vento, um largo sorriso na boca dividindo o rosto mais do que comum de uma orelha de abano à outra. Nos páreos eboudarianos, todos os cavaleiros eram garotos. Algumas milhas para dentro do território, garotas competiam. Naquele dia, Olver era o menor e o mais leve — não que o capão cinza pernudo precisasse daquela vantagem.

— Você vai fazer a garota rir até ela não conseguir mais ficar de pé.

Nalesean franziu o cenho com o comentário, e Mat mal percebeu. O homem já deveria saber que ouro era algo com que Mat nunca tinha de se preocupar. Ele podia até não ganhar sempre, mas era quase isso. De todo modo, sua sorte não tinha nada a ver com o fato de Vento ganhar ou não. Disso, ele tinha certeza.

Não estava preocupado com ouro, mas precisava se preocupar com Olver. Não havia nenhuma regra que proibisse que os garotos utilizassem os chicotes uns nos outros, em vez de nas montarias. Em cada páreo até então, Vento assumira a liderança e lá permanecera, mas, se Olver se machucasse, mesmo que só um baque, Mat passaria um bom tempo ouvindo poucas e boas. Da parte da Senhora Anan, a estalajadeira, e também de Nynaeve ou Elayne, sem falar de Aviendha ou Birgitte. A antiga Donzela da Lança e a mulher peculiar que Elayne adotara como Guardiã eram as últimas que Mat esperaria que transbordassem de sentimentos maternos, mas já tinham tentado retirar o garoto da estalagem A Mulher Errante pelas costas dele e levá-lo ao Palácio Tarasin. Qualquer local com tantas Aes Sedai era o último lugar que Olver ou qualquer outra pessoa deveria estar, mas bastaria

um arranhãozinho e, em vez de falar para Birgitte e Aviendha que não tinham direito de levar o garoto, a própria Setalle Anan o arrancaria às pressas de lá. Olver provavelmente choraria até pegar no sono, se não pudesse mais correr de cavalo, mas as mulheres nunca entendiam esse tipo de coisa. Pelo que devia ser a milésima vez, Mat xingou Nalesean por ter dado um jeito de enfiar Olver e Vento naqueles primeiros páreos. Claro que precisavam encontrar algo para preencher todas as horas de ócio de que dispunham, mas poderiam ter encontrado outra coisa. Aos olhos das mulheres, nem mesmo afanar bolsas alheias teria sido pior.

— Ali o caçador de ladrões — avisou Nalesean, enfiando a ficha no manto. Não chegou a sorrir com desdém. — Grande utilidade ele teve até agora. Teria sido melhor se tivéssemos trazido outros cinquenta soldados.

Juilin avançava, resoluto, pelo meio da multidão. Um homem duro, de pele escura, usando uma vara esguia de bambu da sua altura como bengala. O homem trazia na cabeça um chapéu vermelho cônico de coroa reta de Tarabon e trajava um casaco simples, bem justo na altura da cintura, que depois ia se alargando até o alto das botas, bem desgastado e claramente uma peça de roupa de alguém que não é rico. O normal era que não se permitisse sua presença abaixo das cordas, mas ele fingia estar analisando os cavalos e brincava, ostensivamente, com uma grossa moeda na palma da mão. Vários guardas dos coletores de apostas encaravam-no com suspeita, mas a coroa de ouro garantia sua passagem.

— E então? — cumprimentou Mat, com desgosto, puxando o chapéu bem para baixo assim que o caçador de ladrões o alcançou. — Não, deixe que eu falo. Elas escaparam do palácio outra vez. De novo, ninguém viu quando saíram. De novo, ninguém tem a menor maldita ideia de onde estão.

Juilin enfiou a moeda no bolso do casaco com cuidado. Não faria aposta nenhuma. Parecia poupar todo e qualquer cobre que caísse em suas mãos.

— As quatro embarcaram numa carruagem fechada do próprio palácio e foram a um desembarcadouro no rio, onde contrataram um barco. Thom contratou outro barco para segui-las e ver aonde estavam indo. Nenhum lugar escuro ou desagradável, eu diria, pelas roupas que usavam. Mas é bem verdade que os nobres usam seda até para se arrastar na lama...

Ele deu um risinho para Nalesean, que cruzou os braços e fingiu estar absorto nos cavalos. O sorriso não passou de uma amostra dos dentes. Ambos eram tairenos, mas o abismo entre nobres e plebeus continuava imenso em Tear, e nenhum dos dois apreciava a companhia do outro.

— Mulheres!

Diversas espécimes finamente vestidas se abrigando sob os para-sóis ali perto olharam de esguelha para Mat. Ele as encarou de cenho franzido, embora duas fossem lindas, e elas se puseram a gargalhar e tagarelar entre si como se ele tivesse feito algo divertido. Uma mulher faria determinada coisa até que se tivesse certeza de que sempre agiria assim, então passaria a fazer outra só para confundir. Mas Mat prometera a Rand que levaria Elayne em segurança até Caemlyn, e Nynaeve e Egwene com ela. E prometera a Egwene que garantiria a segurança das outras duas naquela viagem a Ebou Dar, isso sem falar em Aviendha. Era o preço de levar Elayne a Caemlyn. Não que elas contassem para Mat por que precisavam estar ali. Ah, não! Não que tivessem trocado vinte palavras com ele desde que chegaram àquela maldita cidade!

— Vou garantir a segurança delas — resmungou, sozinho —, nem que eu tenha que enfiá-las em barris e arrastá-las até Caemlyn numa carroça.

Devia ser o único homem em todo o mundo que podia falar daquele jeito de Aes Sedai sem olhar por cima dos ombros, talvez incluindo até Rand e aqueles sujeitos que ele estava reunindo. Mat tocou no medalhão com cabeça de raposa que pendia sob a camisa para garantir que estava lá,

mesmo que jamais o tirasse, nem para tomar banho. O objeto tinha lá suas falhas, mas todo homem gostava de garantir as coisas.

— Tarabon deve ser terrível para uma mulher que não está acostumada a cuidar de si mesma — murmurou Juilin.

O caçador estava de olho em três homens de véu trajando mantos esfarrapados e calças folgadas que um dia tinham sido brancas. Iam percorrendo uma das margens às pressas, à frente de uma dupla de guardas de coletores de apostas a balançar as maçãs. Não havia regra que proibisse os pobres de passar para baixo das cordas, mas os guardas dos coletores proibiam. As duas belas mulheres que tinham olhado para Mat pareciam estar apostando se os tarabonianos ganhariam ou não dos guardas na corrida.

— Já temos um número mais do que suficiente de mulheres que não têm juízo nem para sair de debaixo da chuva — retrucou Mat. — Volte para o tal desembarcadouro e espere Thom. Diga que preciso dele o mais rápido possível. Quero saber o que aquelas malditas tontas estão aprontando.

O olhar de Juilin só não chamava *a ele* de tolo. Afinal, já vinham tentando descobrir exatamente aquilo havia mais de um mês, desde que tinham chegado ali. Dando uma última olhada para os homens em fuga, Juilin saiu flanando pela mesma direção de onde tinha vindo, mais uma vez jogando a moeda para cima.

Com o cenho franzido, Mat espiou o outro lado do percurso de corrida. Mal se contavam cinquenta passadas até a multidão do outro lado, e os rostos saltavam em sua direção — um velho corcunda de cabelo branco e nariz aquilino, uma mulher de expressão firme sob um chapéu que parecia feito quase que só de plumas, um sujeito alto parecido com uma cegonha trajando seda verde e com uma trança dourada, uma jovem bem rechonchuda e de lábios carnudos que dava a impressão de estar a ponto de

escapar pela parte de cima do vestido. Quanto mais o calor se prolongava, mais finas e em menor número eram as indumentárias das eboudarianas, mas, ao menos daquela vez, Mat mal chegava a notá-las. Semanas haviam se passado desde que sequer pousara os olhos nas mulheres que lhe importavam àquela altura.

Birgitte decerto não necessitava de ninguém segurando sua mão. Era Caçadora da Trombeta, e qualquer um que a importunasse se veria num buraco bem fundo, pelas estimativas dele. E Aviendha... A única coisa que ela precisava era de alguém que a impedisse de esfaquear todos que a olhassem atravessado. Até onde cabia a Mat, a mulher Aiel podia enfiar uma faca em quem bem entendesse, desde que não fosse em Elayne. Mesmo que a maldita Filha-herdeira andasse por aí com o nariz empinado, ficava embasbacada perto de Rand. E, ainda que Aviendha se comportasse como se fosse meter uma faca em qualquer homem olhasse em sua direção, era igualzinha. Rand costumava saber lidar com as mulheres, mas, ao permitir que aquelas duas se juntassem, saltara para dentro de uma cova de ursos. O caminho para o desastre era curto, e Mat não conseguia compreender por que o pior ainda não acontecera.

Por algum motivo, seus olhos voltaram para a mulher de expressão firme. Era bonita, ainda que vulpina. Mais ou menos da idade de Nynaeve, ele estimava. Era difícil afirmar à distância, mas Mat podia julgar mulheres tão bem quanto julgava cavalos. Claro que mulheres podiam enganar qualquer um bem mais rápido que qualquer cavalo. Esbelta. Por que ela o fazia pensar em palha? O que Mat conseguia enxergar do cabelo da mulher por baixo do chapéu emplumado eram fios escuros. Não importava.

Birgitte e Aviendha conseguiam se virar sem que as pastoreasse, e ele normalmente teria afirmado o mesmo de Elayne e Nynaeve, a despeito de quão pirracentas, convencidas e mandonas pudessem ser. Porém, o fato de

andarem saindo às escondidas por todo aquele tempo indicava outra coisa. Serem pirracentas era a chave da questão. Elas eram do tipo que censurava um homem por ser intrometido e o mandavam embora, para em seguida tornar a repreendê-lo por ele não se fazer presente quando era preciso. Não que fossem admitir que precisavam dele. Não elas. Levantando a mão para ajudar, Mat estaria interferindo; não fazendo nada, era um vagabundo indigno de confiança.

A mulher com feições de raposa no outro lado do percurso voltou a saltar aos seus olhos. Não era palha, era um estábulo. O que também não fazia sentido. Passara bons momentos em estábulos com muitas jovens e algumas não tão jovens, mas a mulher trajava uma seda azul de corte modesto com gola alta logo abaixo do queixo adornado com rendas cor de neve, com outras mais se esparramando pelas mãos. Uma lady, e ele evitava nobres feito a morte. Agiam com soberba, tal qual o som de uma harpa, sempre esperando que os homens fossem subservientes. Mas não Mat Cauthon. Estranhamente, a mulher estava se abanando com um buquê de plumas brancas. Onde estaria a criada? Uma faca. Por que ela o fazia pensar numa faca? E... em fogo? Algo queimando.

Mat balançou a cabeça e tentou se concentrar no que era importante. Memórias de outros homens, de batalhas, cortes e terras desaparecidas havia séculos preenchiam lacunas na memória dele, lugares onde a vida de Mat de repente ficava tênue ou nem sequer estava lá. Conseguia se lembrar com total clareza da fuga de Dois Rios com Moiraine e Lan, por exemplo, mas de quase mais nada até já estarem em Caemlyn, e havia lacunas antes e depois. Se anos inteiros de sua juventude jaziam sem qualquer memória, por que ele deveria ter a expectativa de se lembrar de todas as mulheres que já conhecera? Talvez aquela ali o lembrasse de alguma mulher morta mil anos atrás ou mais, e a Luz sabia que aquilo acontecia com frequência. Até

Birgitte, vez ou outra, lhe aguçava a memória. Bem, havia quatro mulheres, àquela altura, que tinham amarrado o cérebro de Mat com vários nós. Elas é que eram importantes.

Nynaeve e as demais o andavam evitando como se ele tivesse pulga. Já tinha ido cinco vezes ao palácio e, quando o recebiam, era para dizer que estavam ocupadas demais, então o mandavam embora feito um moleque de recados. Tudo por conta de um único motivo: achavam que Mat iria interferir em fosse lá o que as quatro estivessem tramando, e a única razão para ele fazer isso era elas estarem se colocando em perigo. Claro que as mulheres não eram completas tolas. Era comum serem muito tolas, mas não completamente. Se identificassem perigo, era porque *havia* perigo. Em alguns lugares daquela cidade, ser um estranho ou deixar uma moeda à mostra podia atrair uma faca nas costelas, e nem mesmo a canalização impediria isso, se elas não percebessem o perigo a tempo. E ali estava Mat, com Nalesean e uma dezena de homens bons do Bando, sem falar em Thom e Juilin, que tinham até quartos nas alas dos serviços do palácio, todos à toa, num ócio total. Aquelas cabeças-duras ainda iam acabar degoladas.

— Não se eu puder evitar — rosnou.

— O quê? — perguntou Nalesean. — Olhe, Mat, estão se alinhando. Que a Luz queime minha alma, espero que você esteja certo. Aquele malhado não me parece nada enlouquecido, parece ansioso.

Os cavalos empinavam e tomavam seus lugares entre os postes altos enterrados no chão. Bandeirolas tremulavam lá no alto com a brisa quente; azuis, verdes, de todas as cores, algumas listradas. A quinhentas passadas de distância pela pista de barro vermelho batido, um número idêntico de postes com bandeirolas formava outra fileira. Cada cavaleiro tinha que rodear a bandeirola da mesma cor da que panejava à sua direita na largada e depois voltar. Havia um coletor de apostas em cada extremidade da fila de

cavalos. Logo à frente, uma mulher roliça e um homem mais roliço ainda, cada qual segurando um cachecol branco acima da cabeça. Os coletores se revezavam na função e não tinham permissão de aceitar apostas para um páreo já iniciado.

— Que me queime! — resmungou Nalesean. — Luz, homem, fique calmo! Você ainda vai fazer cócegas no queixo da costureira...

Um rugido engolfou as últimas palavras quando os cachecóis baixaram, e os cavalos se lançaram à frente, até o barulho dos cascos submergirem em meio aos brados do público. Em dez galopes, Vento já estava na liderança, Olver se posicionando bem junto do pescoço do animal, o baio de crina prateada só uma cabeça atrás. O malhado era o último do pelotão, onde os açoites dos cavaleiros já subiam e desciam em ritmo frenético.

— Eu falei que o baio era perigoso — lamuriou-se Nalesean. — Não devíamos ter apostado tudo.

Mat não se deu ao trabalho de responder. Tinha outra bolsinha no bolso e, além dela, algumas moedas soltas. Chamava-a de a bolsinha de sementes. Com ela, mesmo só com umas poucas moedas, e um jogo de dados, era capaz de recuperar a fortuna, não importava o que acontecesse naquela manhã. Na metade do percurso, Vento se mantinha na ponta, o baio bem perto, a um corpo de distância do cavalo seguinte. O malhado estava em quinto. Depois da curva era que viria o perigo. Sabia-se que garotos nos animais mais atrás davam chicotadas naqueles que contornavam as estacas à frente deles.

Acompanhando os cavalos, os olhos de Mat passaram outra vez pela mulher de semblante firme... e voltaram. Os gritos e berros da multidão se dissiparam. A mulher sacudia a ventarola na direção dos cavalos e saltava com empolgação, mas, de repente, Mat a enxergou trajando verde claro e um casaco cinza refinado, o cabelo preso numa redinha espumosa de renda,

as saias levantadas com delicadeza enquanto ela tomava seu rumo em meio a um estábulo não muito distante de Caemlyn.

Rand ainda estava lá, deitado na palha, gemendo, mesmo que a febre parecesse ter passado. Pelo menos não estava mais gritando com pessoas que não estavam presentes. Cheio de suspeitas, Mat fitou a mulher que se ajoelhava ao lado de Rand. Talvez pudesse ajudar, como afirmava, mas Mat já não confiava nela como chegara a confiar. O que uma bela lady como aquela estava fazendo no estábulo de uma aldeia? Acariciando o cabo com ponta de rubi da adaga escondida no casaco, ele se perguntou por que já confiara nela. A confiança nunca valera a pena. Nunca.

— ... fraco como um gatinho recém-nascido — dizia ela, pondo a mão debaixo do manto. — Eu acho...

A faca apareceu tão de repente na mão dela, avançando em direção à garganta de Mat, que ele teria morrido se não estivesse preparado. Jogando-se de barriga no chão, agarrou-a pelo pulso e quase não conseguiu afastar a faca. A lâmina curva de Shadar Logoth rasgou o ar, indo parar junto do pescoço magro e branco da mulher. Ela ficou paralisada, tentando baixar o olhar para o gume afiado que pressionava sua pele. Mat queria decepá-la. Ainda mais quando viu o local que a adaga dela perfurara a parede do estábulo. Em torno da lâmina delgada, um círculo negro carbonizado se alastrava, e um filete de fumaça cinza se erguia da madeira prestes a se incendiar.

Tremendo, Mat esfregou a mão nos olhos. O simples fato de carregar aquela faca de Shadar Logoth quase o matara, fazendo aqueles buracos em suas lembranças, mas como pôde se esquecer de uma mulher que tentara matá-lo? Uma Amiga das Trevas — ela admitira isso — que tentara matá-lo com uma adaga que fizera um balde d'água quase ferver quando a jogaram lá dentro, depois de prenderem a maldita no depósito de selas. Uma Amiga

das Trevas que andara caçando ele e Rand. Qual era a chance de que ela estivesse em Ebou Dar ao mesmo tempo que ele, assistindo aos páreos no mesmo dia? O fato de ser *ta'veren* talvez fosse a resposta — gostava de pensar nisso tanto quanto na maldita Trombeta de Valere —, mas o fato era que os Abandonados sabiam o nome dele. Aquele estábulo não fora o último lugar em que os Amigos das Trevas tentaram dar cabo de Mat Cauthon.

Ele cambaleou quando Nalesean começou a bater em suas costas de repente.

— Olhe para ele, Mat! Luz divina, olhe para ele!

Os cavalos tinham rodeado os postes da outra extremidade e percorrido boa parte do caminho de volta. Com a cabeça esticada, a crina e a cauda esvoaçando logo atrás, Vento galopava pelo percurso feito um raio, Olver agarrado às suas costas como se fizesse parte da sela. O garoto cavalgava como se tivesse nascido num cavalo. À distância de quatro cavalos atrás, o malhado galopava com toda a fúria, o cavaleiro manejando o açoite num esforço fútil para encurtar a distância. E foi assim que os dois cruzaram a linha de chegada, com o cavalo seguinte a uma distância de mais três cavalos. O baio de crina branca chegou em último. Os lamentos e resmungos dos apostadores derrotados se sobrepunham aos gritos dos vitoriosos. Fichas derrotadas criavam uma chuva branca na pista, e dezenas de serviçais dos coletores de apostas corriam para recolhê-las antes do páreo seguinte.

— Temos que encontrar aquela mulher, Mat. Eu não descartaria a chance de ela fugir sem nos pagar tudo o que deve.

Pelo que Mat já ouvira falar, a guilda dos coletores de apostas era mais do que severa na primeira vez em que um dos seus membros tentasse algo

do tipo e era letal na segunda. Mas eram plebeus, e isso bastava para Nalesean.

— Ela está logo ali, a olhos vistos. — Mat gesticulou sem tirar os olhos da Amiga das Trevas de rosto de raposa. A mulher olhava para uma ficha, até que acabou por jogá-la no chão, levantando até as saias para pisá-la. Claramente não se tratava de uma aposta em Vento. Ainda de cara feia, a mulher foi abrindo caminho pela multidão. Mat se enrijeceu. Ela estava indo embora. — Recolha nossos lucros, Nalesean, depois leve Olver de volta para a estalagem. Se ele faltar à aula de leitura, vai ser mais fácil você beijar a irmã do Tenebroso do que a Senhora Anan deixar o garoto correr de novo.

— Aonde você vai?

— Vi uma mulher que tentou me matar — respondeu Mat, por cima do ombro.

— Dê um presentinho pra ela na próxima vez — gritou Nalesean, atrás dele.

Seguir a mulher não foi problema, com aquele chapéu de plumas brancas parecendo um estandarte enquanto ia avançando por entre as pessoas do outro lado. As margens de barro deram lugar a uma grande área aberta onde liteiras e carruagens de laca brilhantes aguardavam sob o olhar atento de condutores e carregadores. Pips, o cavalo de Mat, era um dos muitos animais sendo zelados por membros da Antiga e Venerável Guilda dos Cavalariços. Em Ebou Dar, havia uma guilda para quase tudo, e pobre daquele que transgredisse em seus domínios. Mat fez uma pausa, mas a mulher seguiu caminhando em meio às conduções dos nobres ou endinheirados. A mulher já perdera os criados e, agora, não tinha nem condução. Ninguém com dinheiro para ser conduzido andava a pé naquele calor. Será que Milady vivia tempos difíceis?

O Circuito Prateado se localizava logo ao sul das imensas muralhas de reboco branco da cidade, e a mulher percorreu as quase cem passadas de estrada até o amplo arco pontiagudo do Portão Moldine, por onde adentrou. Tentando se mesclar ao ambiente, Mat a seguiu. O portão era um túnel sombreado de dez braças, mas o chapéu dela se destacava entre a gente que o atravessava. Pessoas que precisavam andar raramente usavam plumas. A mulher parecia saber para onde estava indo, ali no outro lado. As plumas balançavam sem pressa por entre as multidões à frente de Mat, mas sempre seguiam adiante.

Ebou Dar reluzia, branca, ao sol da manhã. Palácios brancos com colunas brancas e varandas com rótulas de ferro forjado colados com lojas cobertas de reboco branco abrigando tecelões, peixeiros e estábulos, grandes casas brancas com venezianas horizontais escondendo as janelas arqueadas ladeando estalagens brancas com placas pintadas diante da porta e mercados abertos sob tetos compridos, onde galinhas e ovelhas vivas, junto de bezerros, gansos e patos, faziam uma barulheira num ponto bem próximo de seus camaradas já abatidos e dependurados. Tudo branco, rocha ou reboco, exceto por listras azuis, vermelhas ou douradas aqui e ali, nas cúpulas em forma de nabo e nos pináculos pontiagudos rodeados de varandas. Havia praças por toda parte, sempre com uma estátua gigantesca num pedestal ou uma fonte respingando que só enfatizava o calor, sempre lotadas. Refugiados tomavam a cidade, além de toda sorte de mercadores e comerciantes. Jamais criavam problema, só davam lucro a alguém. O que Saldaea um dia mandara para Arad Doman vinha, àquela altura, de rio até Ebou Dar, e o mesmo acontecia com o que Amadícia comerciara em Tarabon. Todos tinham pressa, valesse uma ou mil moedas, valesse algo para comer naquele dia. O aroma que pairava no ar era de partes iguais de perfume, poeira e suor. De alguma forma, tudo cheirava a desespero.

Canais cheios de barcas rasgavam a cidade, atravessados por dezenas de pontes, algumas tão estreitas que duas pessoas teriam de se espremer para passar lado a lado, outras grandes o bastante para abrigar fileiras de lojas dependuradas sobre a água. Numa delas, Mat de repente percebeu que o chapéu de plumas brancas havia parado. Quando também parou, as pessoas passaram a fluir ao seu redor. As lojas ali não passavam de quatinhos de madeira, com persianas de tábuas pesadas que poderiam ser abaixadas para fechá-las, à noite. Abertas acima da cabeça, as persianas exibiam as identificações de cada loja. A que se via acima do chapéu emplumado continha um martelo e uma balança de ouro, símbolos da guilda dos ourives, apesar de aquela claramente não ser de um de seus membros mais prósperos. Por uma fresta fugaz que se abriu em meio aos passantes, Mat viu a Amiga das Trevas olhar para trás, então se virou para a barraca estreita à direita dele. Na parede de trás, havia anéis e tabuleiros exibindo pedras cortadas em todos os tipos e modelos.

— Milorde deseja um anel ducal novo? — perguntou o sujeito com aspecto de pássaro atrás do balcão, curvando-se e limpando as mãos. Esquelético feito um corrimão, o homem não tinha o menor medo de alguém roubar seus produtos. Apertado num canto, sentado num banquinho, estava um sujeito caolho que talvez tivesse dificuldades para ficar de pé dentro daquele cubículo com um porrete comprido cravejado de cabeças de prego apoiado entre os joelhos enormes. — Posso lapidar qualquer formato, como Milorde pode ver, e tenho anéis para experimentar o tamanho, é claro.

— Deixe-me ver aquele ali. — Mat apontou aleatoriamente. Precisava de um motivo para ficar ali até que a mulher seguisse seu caminho. Poderia ser uma boa ocasião para decidir exatamente o que iria fazer.

— Um belo exemplo do estilo longo, Milorde, muito em voga. De ouro, mas também posso fazer em prata. Ora, acho que o tamanho está bom.

Milorde não se importa em experimentar? Não quer examinar o belo detalhe do entalhe? Prefere ouro ou prata?

Com um grunhido que esperava que pudesse ser entendido como resposta para alguma daquelas perguntas, Mat enfiou o anel que ofertado no segundo dedo da mão esquerda e fingiu analisar a pedra entalhada oval escura. Tudo o que viu de fato foi que a pedra era do tamanho da articulação de seu dedo. Mantendo a cabeça baixa, Mat examinava a mulher como podia, de canto do olho e por entre os espaços que se abriam na aglomeração. Ela segurava um colar de ouro largo e achatado contra a luz.

Havia Guarda Civil em Ebou Dar, mas não muito eficiente e raramente vista nas ruas. Se Mat denunciasse a mulher, seria sua palavra contra a dela. E, mesmo que acreditassem nele, umas poucas moedas talvez permitissem que ela fosse liberada mesmo sob acusação. A Guarda Civil era mais barata que um magistrado, mas qualquer um dos dois podia ser comprado, a menos que alguém poderoso estivesse vendo e se houvesse ouro suficiente na oferta.

Uma confusão na multidão de repente revelou um Manto-branco, o elmo em forma de cone e a camisa da armadura comprida reluzindo feito prata, o manto cor de neve com o sol dourado brilhando e ondeando à medida que o homem vinha andando, cheio de confiança de que um caminho se abriria para a sua passagem. O que por certo ocorreu, já que poucos se colocariam de propósito no caminho de um Filho da Luz. Porém, para cada olhar que se desviava do homem de feições pétreas, outro o fitava em aprovação. A mulher de expressão firme mais que olhava explicitamente para o Manto-branco: ela sorria. Uma acusação apresentada contra ela poderia ou não a colocar na prisão, mas talvez fosse a centelha que faria a cidade se incendiar com histórias de Amigos das Trevas no Palácio Tarasin. Mantos-brancos eram bons em incitar turbas e, para eles, as Aes Sedai *eram* Amigas

das Trevas. Quando o Filho da Luz passou por ela, a mulher largou o colar, aparentemente arrependida, e se virou para ir embora.

— O estilo agrada Milorde?

Mat se assustou. Havia se esquecido do homem esquelético e do anel.

— Não, eu não quero... — De cenho franzido, ele tornou a puxar o anel. Não se mexia!

— Não precisa puxar. Pode quebrar a pedra. — Agora que não era mais um cliente em potencial, Mat também deixara de ser Milorde. Fungando, o sujeito mantinha o olhar firme nele, com medo de que corresse. — Eu tenho um pouco de graxa. Deryl, onde está aquele pote de graxa?

O guarda piscou e coçou a cabeça, como se estivesse se perguntando o que era um pote de graxa. O chapéu de plumas brancas já estava na metade do caminho até o final da ponte.

— Vou levar — irrompeu Mat. Não havia tempo para regatear. Puxou um punhado de moedas do bolso do casaco e bateu-as com força no balcão, a maioria de ouro e umas poucas de prata. — Basta?

Os olhos do fabricante de anéis se arregalaram.

— É um pouco demais — estremeceu o homem, incerto. As mãos hesitaram sobre as moedas, então dois dedos empurraram um par de moedas de prata na direção de Mat. — É muito?

— Dê as duas para Deryl — rosnou Mat, o maldito anel já deslizando para fora do dedo.

O vendedor magricela coletou o resto das moedas às pressas. Tarde demais para tentar desfazer a compra. Mat se perguntou quanto acima do preço pagara. Enfiou o anel no bolso e saiu a toda atrás da Amiga das Trevas. Já não se via o chapéu em lugar nenhum.

Estátuas idênticas adornavam a extremidade da ponte, mulheres pálidas de mármore de mais de uma braça de altura, cada qual com um seio nu e

uma das mãos erguidas apontando para o céu. Em Ebou Dar, um peito desnudo simbolizava abertura e honestidade. Ignorando olhares, Mat subiu ao lado de uma das estátuas, envolvendo a cintura de mulher retratada com um dos braços, para se equilibrar. Uma rua seguia o curso do canal e outras duas se bifurcavam em ângulos agudos mais à frente, todas cheias de gente e de carroças, liteiras, carroções e carruagens. Alguém gritou com uma voz áspera sobre mulheres de verdade serem mais afetuosas, fazendo várias pessoas na multidão gargalharem. Plumas brancas surgiram por trás de uma carruagem de laca azul na bifurcação à esquerda.

Mat saltou e seguiu pela rua em busca da mulher, ignorando os xingamentos daqueles em quem esbarrava. Era uma perseguição esquisita. Na massa humana, com carroções e carruagens o tempo todo em seu caminho, ele, da rua, não conseguia manter uma visão clara do chapéu. Subindo com pressa os largos degraus de mármore de um palácio, deu mais uma olhada e logo tornou a descer para abrir caminho à frente. A borda de uma fonte alta proporcionou outra visão, em seguida, um barril derrubado junto de uma parede, depois um engradado que acabara de ser descarregado de uma carroça puxada por bois. Mat chegou até a se agarrar à lateral de um carroção até que a condutora o ameaçasse com seu chicote. Com tantas escaladas e observações, não conseguiu diminuir muito a distância para a Amiga das Trevas. Em todo caso, ainda não tinha ideia do que faria caso a apanhasse. De repente, quando subiu no alto do muro estreito da fachada de um dos casarões, ela já não estava mais lá.

Mat olhou de um lado para o outro da rua, desesperado. As plumas brancas já não balançavam no meio da multidão. Bem à vista havia uma dúzia de casas muito parecidas com aquela em cujo muro ele estava, vários palácios de diversos tamanhos, duas estalagens, três tavernas, a loja de um couteleiro trazendo na placa uma faca e um par de tesouras, uma peixaria

ostentando uma tábua com os nomes de cinquenta tipos de peixe pintados, dois tecelões de tapetes com peças desenroladas espalhadas em mesas cobertas por toldos, a loja de um alfaiate e de quatro vendedoras de roupas, duas lojas oferecendo objetos laqueados, um ourives, um prateiro, um estábulo de cavalos... A lista era longa demais. A mulher poderia ter entrado em qualquer um daqueles lugares. Ou em nenhum. Poderia ter dobrado numa rua que Mat não tinha visto.

Mat saltou, arrumou o chapéu, resmungou sozinho... até que a avistou, quase no alto da escadaria larga que levava a um palácio praticamente à frente dele, já meio escondida pelas imensas colunas em forma de flauta da fachada. O palácio não era grande, só com dois pináculos finos e uma única cúpula em forma de pera com uma listra vermelha, mas os palácios eboudarianos sempre reservavam o andar térreo para serviçais, cozinhas e coisas do tipo. Os melhores aposentos eram altos, para aproveitar as brisas. Porteiros de uniforme amarelo e preto fizeram reverências bem profundas e abriram as portas entalhadas antes que a mulher as alcançasse. O serviçal interno fez uma medida, dando a impressão de dizer algo, e se virou para conduzi-la mais para dentro. A mulher era conhecida. Mat apostaria tudo nisso.

Por um tempo, após as portas se fecharem, ele ficou ali, parado, examinando o palácio. Nem de longe o mais rico da cidade, mas só um nobre ousaria construir algo do tipo.

— Mas, pelo Poço da Perdição, quem mora aí? — resmungou, por fim, arrancando o chapéu para se abanar.

Não devia ser a residência da Amiga das Trevas, que fora até ali andando. Algumas perguntas nas tavernas ao longo da rua responderiam. E notícias sobre as suas perguntas chegariam ao palácio, certo como a terra sujava as mãos.

— Carridin — disse alguém. Um sujeito mirrado de cabelo branco que se espreguiçava à sombra ali perto. Mat o encarou, curioso, e o homem sorriu, exibindo espaços entre os dentes. Os ombros encurvados e o semblante triste e desgastado não combinavam com o belo casaco cinza. Apesar de algumas rendas no pescoço, o sujeito era a própria imagem de “tempos difíceis”. — Você perguntou quem morava ali. O Palácio Chelsaine está alugado para Jaichim Carridin.

O chapéu de Mat fez uma pausa.

— Você está falando do embaixador Manto-branco?

— É. E Inquisidor da Mão da Luz. — O velhote bateu com o dedo nodoso na lateral do nariz em forma de bico. Ambos pareciam ter sofrido várias fraturas. — Não é um homem que você deva incomodar, a menos que precise. E, mesmo assim, eu pensaria três vezes.

Sem pensar, Mat cantarolou um trecho de “Tempestade das Montanhas”. Não era mesmo um homem para se incomodar. Questionadores eram os Mantos-brancos mais asquerosos. Um Inquisidor Manto-branco com uma Amiga das Trevas atendendo seus chamados.

— Obrigado...

Mat levou um susto. O sujeito tinha desaparecido, engolido pela multidão. Estranho, mas o sujeito parecera tão familiar... Talvez outro conhecido morto muito tempo atrás surgindo de uma daquelas memórias antigas. Talvez... Aquilo o atingiu feito a flor-da-noite de um Iluminador explodindo dentro de sua cabeça. Um homem de cabelo branco com um nariz torto. Aquele velho estivera no Circuito Prateado, não muito longe da mulher que acabara de adentrar no palácio alugado por Carridin. Mat virou o chapéu nas mãos e, desconfortável, franziu o cenho para o palácio. O Charco nunca abrigou um atoleiro como aquele. Podia sentir os dados rolando na mente, e isso sempre era mau sinal.



CAPÍTULO 15



INSETOS

Carridin não levantou imediatamente o olhar da carta que estava escrevendo quando Lady Shiaine, como ela se intitulava, foi trazida. Três formigas tentavam resistir inutilmente, presas na tinta molhada. Tudo o mais poderia estar morrendo, mas formigas, baratas e animais daninhos pareciam florescer. Com cuidado, pressionou o mata-borrão. Não iria recomeçar por causa de algumas formigas. Uma falha no envio daquele relatório, ou o relato de uma falha, poderia selar seu destino tanto quanto o daqueles insetos atolados. Mas era o medo de um outro tipo de falha que lhe retorcia as tripas.

Não se preocupava se Shiaine lesse o que escreveu. Era um criptograma que só dois homens além dele conheciam. Tantos bandos de “Devotos do Dragão” em ação, cada qual endurecido por um núcleo de seus homens de maior confiança, e tantos outros que talvez fossem bandidos ou até mesmo devotos reais daquele traste, Rand al’Thor. Pedron Niall poderia não gostar dessa última parte, mas dera ordens de afundar Altara e Murandy em tanto sangue e caos que só Niall e os Filhos da Luz seriam capazes de resgatá-los, uma loucura para claramente ser imputada ao tal Dragão Renascido, algo que ele tivesse cometido. O medo agarrava os dois países pela garganta. Histórias de que as bruxas marchavam pelo país eram uma recompensa a

mais. As bruxas de Tar Valon e os Devotos do Dragão; Aes Sedai levando jovens garotas e instituindo Dragões falsos; aldeias em chamas e homens pregados às portas dos celeiros... tudo isso se misturava em metade dos boatos que corriam as ruas. Niall ficaria contente. E daria mais ordens. Como ele esperava que Carridin arrancasse Elayne Trakand do Palácio Tarasin era algo que extrapolava a razão. Outra formiga percorreu a mesa de marfim incrustada e chegou à página, no que seu polegar deu uma estocada e a destruiu. E transformou uma palavra em algo ilegível. O relatório inteiro precisaria ser reescrito. Ansiava muitíssimo por uma bebida. Havia conhaque num frasco de cristal na mesa junto à porta, mas Carridin não queria que a mulher o visse bebendo. Conteve um suspiro, empurrou a carta de lado e puxou um lenço da manga para limpar a mão.

— Então, Shiaine, você finalmente tem algum progresso para relatar? Ou só veio atrás de mais dinheiro?

Sentada numa poltrona entalhada de espaldar alto, a mulher abriu um sorriso preguiçoso.

— Uma busca implica em algumas despesas — disse, quase com o sotaque de nobre andoriana. — Especialmente quando não queremos levantar suspeitas.

A maior parte das pessoas ficaria desconfortável diante de Jaichim Carridin, mesmo limpando a pena de uma caneta, com seu rosto acurado e olhos profundos, o tabardo branco por cima do casaco estampando os raios de sol dourados dos Filhos da Luz impressos junto ao cajado carmesim de pastor da Mão. Mas não Mili Skane. Aquele era o nome verdadeiro da mulher, embora ela não soubesse que Carridin sabia disso. Filha de um seleiro de uma aldeia perto de Ponte Branca, entrara para a Torre Branca aos quinze anos, outra informação que ela pensava ser secreta. Não era o melhor dos começos, tornar-se uma Aliada das Trevas só porque as bruxas

disseram que ela não era capaz de aprender a canalizar, mas, antes do final daquele ano, a mulher já encontrara um círculo em Caemlyn e cometera seu primeiro assassinato. Nos sete anos desde então, acrescentara mais dezenove à conta. Era uma das melhores assassinas disponíveis e uma caçadora capaz de encontrar quem fosse, o que fosse. Carridin fora informado de tudo isso quando a mulher lhe foi enviada. Um círculo, agora, se reportava a ela. Vários até eram nobres, e quase todos eram mais velhos, mas nem uma coisa nem outra importava entre aqueles que serviam ao Grande Senhor. Outro círculo que trabalhava para Carridin era liderado por um mendigo caolho todo retorcido, sem dentes e com o hábito de tomar banho só uma vez por ano. Em outras circunstâncias, o próprio Carridin teria se ajoelhado para o Velho Cully, o único nome que o vilão fedorento admitia. Mili Skane certamente se ajoelhava perante o Velho Cully, assim como todos os seus companheiros de círculo, nobres ou não. Carridin ficava irritado de pensar que “Lady Shiaine” se prostraria de joelhos num piscar de olhos caso o velho mendigo desgrehado entrasse no aposento, mas, diante dele, ficava sentada de pernas cruzadas, sorrindo e mexendo a sandália no pé, parecendo impaciente para que aquilo acabasse logo. A mulher recebera ordens de obedecer a ele sem restrições, ordens vindas de alguém para quem até o Velho Cully se ajoelharia. E, além disso, Carridin precisava desesperadamente de sucesso. As tramas de Niall podiam virar poeira, mas as dele, não.

— Muitas coisas têm perdão — falou, repousando a caneta no suporte de marfim e empurrando a cadeira para trás — para aqueles que cumprem as tarefas que recebem. — Carridin era alto, e avultou-se de modo ameaçador. Estava bem ciente de que os espelhos com molduras douradas na parede refletiam uma figura forte, um homem perigoso. — Até vestidos, bugigangas e jogatina pagos com moedas dadas em troca de informação. —

Aquele pé agitado se quietou por alguns instantes, então tornou a se mexer. Mas o sorriso dela era forçado, o rosto estava pálido. O círculo que ela comandava a obedecia instantaneamente, mas iriam pendurá-la pelos calcanhares e arrancar seu couro sem pestanejar, se ele mandasse. — Você não cumpriu muita coisa, cumpriu? Na verdade, você parece que não cumpriu nada.

— Há dificuldades, como você bem sabe — justificou a mulher, a voz num sussurro. Seus olhos, no entanto, o encaravam diretamente.

— Desculpas. Quero saber de superação, não de você tropeçando e caindo diante das dificuldades. E você pode cair bastante se fracassar.

Carridin virou de costas e caminhou até a janela mais próxima. Também poderia cair bastante, e não queria correr o risco de que ela identificasse qualquer medo em seus olhos. A luz do sol penetrava, oblíqua, pela rótula de pedra ornamentada. O aposento de pé-direito alto, com piso de ladrilhos verdes e brancos e reluzentes paredes azuis, mantinha-se relativamente fresco por detrás das paredes grossas do palácio, mas, perto das janelas, o calor lá de fora se fazia notar. Quase podia sentir o conhaque do outro lado do aposento. Não via a hora de a mulher ir embora.

— Milorde Carridin, como é que posso mandar alguém fazer perguntas tão explícitas sobre objetos do Poder? Isso *vai* gerar perguntas, e há Aes Sedai na cidade, o senhor há de se lembrar.

Espiando a rua abaixo por entre os entalhes de arabescos, Carridin torceu o nariz para o cheiro. Gente de todo tipo se amontoava ali embaixo. Um arafeliano com o cabelo em duas longas tranças e uma espada curva às costas jogou uma moeda para um mendigo de um braço só, que fez cara feia para o presente antes de enfiá-lo debaixo dos farrapos e dar continuidade aos apelos lastimáveis aos passantes. Um sujeito de casaco vermelho brilhante rasgado e calças amarelas ainda mais chamativas veio correndo de

uma loja agarrando um rolo de tecido junto ao peito, perseguido por uma mulher de cabelo claro aos berros, com as saias puxadas acima dos joelhos, mais rápida que o guarda robusto que se arrastava atrás dela, acenando o cassete. O condutor de uma carruagem vermelha laqueada com moedas de ouro de agiotas e a mão aberta na porta balançava o chicote para o condutor de um carroção coberto por uma lona, cuja parelha se enroscara com a da carruagem, os dois enchendo a rua de palavrões. Pivetes encardidos agachavam-se atrás de uma carroça dilapidada enquanto apanhavam frutas minúsculas e murchas trazidas do campo. De véu, uma taraboniana abria caminho pela multidão, o cabelo preso em tranças fininhas, atraindo os olhares masculinos com seu vestido vermelho empoeirado que desenhava o formato do corpo sem o menor pudor.

— Milorde, eu preciso de tempo. *Preciso!* Não posso fazer o impossível, com certeza não em poucos dias!

Lixo, todos eles. Gente ávida por ouro, Caçadores da Trombeta, ladrões, refugiados e até Latoeiros. Escória. Tumultos seriam fáceis de incitar, uma purgação de toda aquela imundície. Forasteiros sempre eram os primeiros alvos, quem sempre levava a culpa pelo que estivesse errado, junto com vizinhos que tinham o infortúnio de serem o lado mais fraco em ressentimentos, mulheres que vendiam ervas e curas de porta em porta e pessoas sem amigos, sobretudo as que moravam sozinhas. Conduzidos da maneira adequada, com todo o cuidado com que era possível conduzir coisas assim, um bom tumulto poderia muito bem pôr o Palácio Tarasin abaixo, expondo aquela adúltera inútil chamada Tylin e também as bruxas. Carridin fitava o formigueiro humano ali abaixo. Tumultos tendiam mesmo a sair do controle. A Guarda Civil poderia se alvoroçar, e, inevitavelmente, um punhado de Amigos verdadeiros seria capturado. Não podia se permitir a chance de que alguns desses talvez fossem dos círculos que caçavam para

ele. Nesse sentido, mesmo só uns poucos dias de tumultos atrapalhariam o trabalho. Tylin não era tão importante assim. Na verdade, ela não importava nada. Não, não ainda. A Niall ele podia se dar o luxo de desapontar, mas a seu verdadeiro mestre, não.

— Milorde Carridin... — Havia um quê de desacato na voz de Shiaine. Ele a deixara cozinhar por tempo demais. — Milorde Carridin, há pessoas no meu círculo que questionam por que estamos procurando...

Carridin começou a se virar para reprimi-la com veemência — precisava de sucesso, não de desculpas, não de perguntas! —, mas a voz da mulher foi minguando até já não ser mais nada enquanto os olhos dele pousaram num jovem de pé no outro lado da rua, na diagonal dele, trajando um casaco azul com tantos bordados vermelhos e dourados nas mangas e lapelas que caberiam em dois nobres. Mais alto que a maioria das pessoas, ele se abanava com um chapéu preto de aba larga e arrumava o cachecol preto enquanto conversava com um sujeito alquebrado de cabelo branco. Carridin reconheceu o jovem.

De uma hora para a outra, sentiu como se uma corda com um nó tivesse sido apertada em torno da sua cabeça e estivesse sendo puxada cada vez mais. Por um instante, um rosto escondido por detrás de uma máscara vermelha preencheu sua visão. Olhos escuros como a noite o fitavam, e também havia infinitas cavernas de fogo, os olhos ainda fitando. Dentro da sua cabeça, o mundo explodia em chamas, imagens em sequência que o esmurravam e arrebatavam além da sua capacidade de gritar. Os vultos de três rapazes pairavam no ar, e um deles começou a brilhar. Era o vulto do jovem na rua, cada vez mais brilhante, até o ponto de causticar e transformar em cinzas quaisquer olhos vivos, brilhando ainda mais, ardendo. Uma trombeta curva dourada avançou depressa em sua direção, o brado a lhe puxar a alma, até que piscou e tomou a forma de um anel de luz

dourada que o engolia e o fazia gelar até que o último fragmento de mente que ainda se recordava do próprio nome tivesse certeza de que seus ossos iriam se estilhaçar. Uma adaga com rubi na ponta saltou diretamente sobre ele, a lâmina encurvada golpeando-o entre os olhos e afundando mais e mais, até que todo o cabo envolto em ouro sumisse. Carridin experimentou uma agonia que fez desaparecer todos os pensamentos anteriores de que aquilo que vivenciara antes havia sido dor. Se conseguisse lembrar como, teria rezado para um Criador que já abandonara fazia tempo. Teria ganido, se lembrasse como, se lembrasse de que humanos ganiam, de que era humano. Sem parar, mais e mais...

Erguendo a mão para a própria testa, ficou se perguntando por que estava trêmula. A cabeça também doía. Houvera alguma coisa... Levou um susto com a rua abaixo. Tudo mudara num piscar de olhos: as pessoas eram diferentes, os carroções se moviam, liteiras e carruagens coloridas foram substituídas por outras. Pior: Cauthon sumira. Sua vontade era engolir aquele frasco inteiro de conhaque num único gole.

De repente, Carridin se deu conta de que Shiaine parara de falar. Ele se virou, pronto para continuar colocando-a no devido lugar.

A mulher estava inclinada para a frente, parecendo prestes a se levantar, com uma das mãos no braço da cadeira e a outra erguida, gesticulando. O rosto estreito só transmitia uma rebeldia petulante, mas não em relação a Carridin. Ela não se mexia. Não piscava. Não sabia nem se respirava. Mal a notava.

— Ruminando? — indagou Sammael. — Será que posso ao menos ter a expectativa de que seja a respeito do que você veio encontrar para mim?

O homem era só um pouco mais alto que a média, um sujeito musculoso e forte usando casaco de gola alta ao estilo illianense, tão coberto de peças de ouro que era difícil dizer que o tecido era verde, mas davam a ele uma

postura de superioridade muito maior que o fato de ser um dos Escolhidos. Os olhos azuis eram mais frios que o coração do inverno. Uma cicatriz pálida descia pelo rosto desde o limite dos cabelos dourados até a extremidade da barba quadrada e dourada; parecia um enfeite bem apropriado. Tudo o que cruzasse seu caminho, fosse o que fosse, era varrido de lado, esmagado ou obliterado. Carridin sabia que Sammael teria lhe causado um desarranjo se fosse alguém com quem tivesse trombado por acaso.

Ele se afastou da janela depressa e se pôs de joelhos diante do Escolhido. Desprezava as bruxas de Tar Valon. Na verdade, desprezava qualquer pessoa que usasse o Poder Único, metendo-se com o que um dia rompera o mundo, manipulando o que meros mortais não deveriam nem tocar. Aquele homem também usava o Poder Único, mas os Escolhidos não podiam ser chamados de meros mortais. Talvez nem mesmo de mortais. E, se Carridin servisse bem, também não seria.

— Grande Mestre, eu vi Mat Cauthon.

— Aqui? — Estranhamente, Sammael pareceu pego de surpresa por alguns breves instantes. Ele murmurou sozinho, e uma das palavras que Carridin escutou fez o sangue sumir de seu rosto.

— Grande Senhor, sabe que eu nunca trairia...

— Você? Seu tolo! Você não tem estômago para isso. Tem certeza de que foi Cauthon quem você viu?

— Tenho, Grande Senhor. Na rua. Sei que posso encontrá-lo de novo.

Sammael franziu o cenho, mexendo na barba, atravessando Jaichim Carridin com um olhar que ia além dele. Carridin não gostava de se sentir insignificante, menos ainda quando sabia que era verdade.

— Não — disse o Escolhido, por fim. — Sua busca é mais importante, é a única que importa, até onde lhe cabe. A morte de Cauthon seria

conveniente, com certeza, mas não se atrair olhares para cá. Se parecer que a atenção já está aqui, caso ele se interesse pela busca, então ele morre. Mas, do contrário, ele pode esperar.

— Mas...

— Você não me ouviu!? — A cicatriz repuxou o sorriso de Sammael, transformando-o num rosnado de um dos lados. — Vi sua irmã, Vanora, não faz muito. De cara, não pareceu muito bem. Gritando e chorando, se mexendo sem parar e puxando o cabelo. É verdade que as mulheres sofrem mais com as atenções dos Myrddraal do que os homens, mas até os Myrddraal precisam encontrar seus prazeres em algum lugar. Não se preocupe por ela ter sofrido por tempo demais. Os Trollocs estão sempre com fome. — O sorriso se dissipou, sua voz era uma pedra. — Aqueles que desobedecem também podem acabar indo parar na fogueira. Vanora parecia estar sorrindo, Carridin. Você acha que iria sorrir, girando num espeto?

Contra a própria vontade, Carridin engoliu em seco e sufocou uma pontada de dor por Vanora, com sua risada fácil e sua habilidade com cavalos, ousando galopar onde outros temiam caminhar. Tinha sido sua irmã favorita, mas estava morta, e ele não. Se havia alguma misericórdia no mundo, ela não soubera por quê.

— Eu vivo para servir e obedecer, Grande Mestre. — Carridin não acreditava que era um covarde; ninguém desobedeceria a um dos Escolhidos. Não mais que uma vez.

— Então encontre o que eu quero! — urrou Sammael. — Sei que está escondido em algum lugar desta *kjasic* de cidade, pior que titica de mosca! *Ter'angreal, angreal*, e até *sa'angreal*! Eu rastreei e segui! Agora, Carridin, trate de encontrar! Não me deixe ainda mais impaciente.

— Grande Mestre... — Ele precisou se esforçar para encontrar saliva. — Grande Mestre, tem bruxas, tem Aes Sedai por aqui. Não tenho como saber

quantas. Se elas ouvirem um pio...

Sammael acenou para que ele se calasse e deu alguns passos rápidos, percorrendo três vezes o mesmo caminho com as mãos cerradas às costas. Não aparentava preocupação, apenas... conjecturava. Por fim, aquiesceu.

— Vou mandar... alguém... para cuidar dessas *Aes Sedai*. — Ele ladrou uma gargalhada curta. — Chego a quase desejar ver o rosto delas. Muito bem. Você tem um pouco mais de tempo. Depois, talvez outra pessoa tenha essa chance. — Com o dedo, ele levantou uma mecha do cabelo de Shiaine, ainda imóvel. Seus olhos, fixos, não piscavam. — Esta criança certamente agarraria a oportunidade.

Com dificuldade, Carridin conteve uma pontada de medo. Os Escolhidos derrubavam seus seguidores tão depressa quanto os elevavam e com a mesma frequência. Falhas nunca passavam impunes.

— Grande Mestre, o favor que eu lhe pedi. Se eu puder saber se... O senhor já... O senhor vai...?

— Você tem pouca sorte, Carridin — respondeu Sammael com outro sorriso. — Melhor torcer para ter mais sorte ao cumprir minhas ordens. Parece que alguém está se certificando de que pelo menos alguns dos comandos de Ishamael ainda sejam postos em prática. — Ele sorria, mas parecia longe de estar de bom humor. Ou talvez fosse só a cicatriz. — Você falhou com ele e, por conta disso, perdeu toda a sua família. Agora, só minha mão o protege. Uma vez, há muito tempo, vi três Myrddraal fazerem um homem lhes entregar, uma por uma, a esposa e as filhas, e depois ainda implorar para lhes arrancarem a perna direita, depois a esquerda, em seguida os braços, então lhe queimarem os olhos. — O tom de uma conversa absolutamente comum tornava aquela recitação pior do que quaisquer gritos ou rosnados poderiam fazer. — Era um jogo para eles, sabe, para ver quanto conseguiriam fazê-lo implorar para que levassem. Deixaram a língua por

último, é claro, mas já não havia muita coisa sobrando do sujeito, àquela altura. Tinha sido um homem bastante poderoso, bonito e famoso. Invejado. Ninguém jamais invejaria o que os Myrddraal jogaram para os Trollocs. Você não acreditaria nos sons que se ouvia. Encontre o que eu quero, Carridin. Você não vai gostar se eu tirar a mão.

De repente, um fecho de luz vertical surgiu no ar diante do Escolhido. Parecia girar, alargando-se até se transformar num... buraco quadrado. Carridin ficou boquiaberto. Por um buraco no ar, olhava para algum lugar cheio de colunas cinzentas e coberto de uma névoa espessa. Sammael atravessou a abertura, que então se fechou. A barra de luz desapareceu, deixando apenas uma imagem residual roxa fulgurando nos olhos de Carridin.

Sem nenhuma estabilidade, o homem tratou de se endireitar. Falhas sempre eram punidas, mas ninguém sobrevivia se desobedecesse a um dos Escolhidos.

De repente, Shiaine se moveu e completou o ato interrompido de se levantar da cadeira.

— Grave minhas palavras, *Bors* — começou, mas parou de falar de repente, os olhos cravados na janela em que Carridin estivera.

Os olhos da mulher dispararam pelo aposento até encontrá-lo, no que ela deu um pinote. Pela forma como ficaram arregalados, Carridin bem que poderia ser um dos Escolhidos.

Ninguém sobrevivia se desobedecesse aos Escolhidos. Carridin pressionou as mãos nas têmporas. A cabeça parecia retesada a ponto de estourar.

— Tem um homem na cidade. Mat Cauthon. Você vai... — Ela pareceu se sobressaltar discretamente, e Carridin franziu o cenho. — Você o conhece?

— Já ouvi esse nome — respondeu Shiaine, hesitante. E com raiva, ele achava. — Pouca gente ligada a al'Thor permanece desconhecida por muito tempo. — À medida que Carridin foi se aproximando, a mulher, para se proteger, cruzou os braços à frente do corpo, fazendo um nítido esforço para se manter onde estava. — O que um fazendeirozinho esquálido está fazendo em Ebou Dar? Como ele...?

— Não me amole com perguntas tolas, Shiaine. — Sua cabeça nunca doera daquele jeito. Nunca. A sensação era de que uma adaga estava sendo enfiada em seu crânio, bem no ponto entre os olhos. Ninguém sobrevivia... — Você vai pôr seu círculo à procura de Cauthon imediatamente. Todo mundo. — O Velho Cully viria naquela noite, surgindo por detrás dos estábulos. Ela não precisava saber que haveria outros. — Nada mais deve atrapalhar.

— Mas eu pensei que...

Shiaine foi interrompida por um engasgo tão logo Carridin lhe apertou o pescoço. Uma adaga fininha apareceu em sua mão, mas o Manto-branco tratou de arrancá-la. A mulher se retorcia e se remexia, mas ele a empurrou de cara para a mesa, as bochechas borrando a tinta ainda fresca da carta descartada para Pedron Niall. A adaga, investindo contra ela bem à frente dos olhos, a deixou paralisada. Por acaso, a lâmina que perfurava o papel penetrou bem na ponta da perna de uma formiga. O animal lutava tão inutilmente quanto ela.

— Você é um inseto, Mili. — A dor na cabeça tornava a voz dele áspera. — Está na hora de entender isso. Um inseto é igualzinho a outro, e, se não conseguir...

Os olhos da mulher acompanharam o polegar dele descendo, e, quando o dedo se achatou em cima da formiga, a mulher se encolheu.

— Eu vivo para servir e obedecer, mestre — falou, num sussurro.

Shiaine dizia o mesmo para o Velho Cully sempre que Carridin via os dois juntos, mas nunca tinha dito para ele.

— E é por isso que vai obedecer...

Ninguém sobrevivia a uma desobediência. Ninguém.



CAPÍTULO 16



UM TOQUE NA BOCHECHA

O Palácio Tarasin era uma montanha de mármore cintilante e paredes caiadas de branco, com varandas de rótulas de ferro forjado pintado de branco e com galerias colunadas de até quatro andares de altura. Pombos rodeavam as cúpulas pontiagudas e os altos pináculos envoltos por varandas com listras de ladrilhos vermelhos e verdes que reluziam ao sol. No próprio palácio, portões com arcos muito estreitos levavam a vários pátios, e outros mais pontilhavam a muralha alta que escondia os jardins, e os enormes degraus cor de neve, de dez braças de largura, elevavam-se na lateral que dava para a praça Mol Hara e subiam até as portas grandiosas com entalhes de padrões espiralados parecidos com as rótulas das varandas, só que ali eram cobertas de ouro batido.

Transpirando ao sol, os dez ou mais guardas alinhados diante daquelas portas trajavam placas peitorais douradas por cima de casacos verdes e calças brancas folgadas enfiadas nas botas verde escuras. Cordões verdes prendiam as camadas espessas de pano branco torcido em volta dos elmos dourados resplandecentes, as extremidades compridas pendendo às costas. Até as alabardas e bainhas das adagas e espadas curtas brilhavam em ouro. Guardas para serem admirados, não para lutar. Mesmo assim, lá no topo da escadaria, Mat viu os calos de espadachins nas mãos dos guardas. Em todas as ocasiões anteriores, entrara por um dos pátios dos estábulos, para poder

examinar os cavalos do palácio. Desta vez, no entanto, queria entrar como um lorde.

— Que a Luz abençoe a todos aqui — disse, para o oficial dos guardas, um homem não muito mais velho que ele. Os eboudarianos eram uma gente educada. — Vim deixar um recado para Nynaeve Sedai e Elayne Sedai. Ou para dar o recado a elas, caso tenham retornado.

O oficial o encarou e, consternado, olhou para a escada. O cordão dourado, bem como o verde em seu elmo pontudo, sinalizava alguma patente que Mat não conhecia, e o homem portava um bastão dourado no lugar da alabarda, com uma ponta afiada e um gancho semelhante a um aguilhão para gado. Pela expressão dele, ninguém jamais subia por ali. Examinando o casaco de Mat, ele matutou visivelmente por um tempo, até que, por fim, decidiu que não podia mandá-lo embora. Com um suspiro, o homem murmurou uma bênção em resposta e perguntou o nome de Mat, então abriu uma portinha em uma das portas maiores e o conduziu até um salão de entrada majestoso, circundado por cinco varandas com parapeitos de pedra sob um teto abobadado pintado feito o céu, com direito a nuvens e um sol.

O estalar de dedos do guarda convocou uma serviçal jovem e magra trajando um vestido branco com a costura lateral esquerda aberta até o alto, para deixar as anáguas verdes à mostra, e com uma Âncora e uma Espada verdes bordadas na altura do seio esquerdo. Parecendo alarmada, ela veio apressada pelo piso de mármore vermelho e azul e fez uma reverência para Mat e outra para o oficial. O cabelo curto preto emoldurava o rosto de uma beleza doce, com a pele sedosa cor de oliva, e seu uniforme tinha a gola estreita e profunda comum a todas as mulheres de Ebou Dar, exceto as nobres. Para variar, Mat nem percebeu. Quando ouviu o que ele queria, a jovem arregalou ainda mais os grandes olhos negros. Aes Sedai não eram

exatamente malvistas em Ebou Dar, mas quase todos os locais andariam longas distâncias para desviar do caminho e evitar uma delas.

— Sim, Tenente da Espada — disse ela, subindo e descendo outra vez.
— Claro, Tenente da Espada. O senhor poderia me acompanhar, milorde?
Claro que Mat aceitou.

Lá fora, Ebou Dar cintilava em branco, mas ali dentro havia cores por todo lado. O palácio parecia ter milhas e milhas de corredores largos, um lado com o teto alto azul e as paredes, amarelas; o outro com paredes vermelho claro e teto verde. Mesmo com os contrastes, a decoração mudava a cada curva, em combinações que só não ofenderiam o gosto de um Latoeiro. As botas de Mat faziam barulho nos ladrilhos, que desenhavam padrões de duas, três ou às vezes quatro cores em diamantes, estrelas ou triângulos. Sempre que dois corredores se cruzavam, o chão virava um mosaico de ladrilhos minúsculos, com curvas, arabescos e volteios intrincados. As esparsas tapeçarias de seda exibiam cenas marítimas, e nichos em arco abrigavam vasilhames de cristal entalhados, além de estatuetas e de porcelanas amarelas do Povo do Mar que deveriam valer uma bela fortuna. Vez ou outra, um serviçal uniformizado passava apressado, em silêncio, sempre carregando uma bandeja prateada ou dourada.

Em geral, Mat ficava muito confortável em meio a demonstrações de riqueza. Para começar, onde havia dinheiro havia uma chance de parte do dinheiro vir parar em suas mãos. Desta vez, porém, ele se sentia impaciente, um pouco mais a cada passo. E ansioso. A última ocasião em que sentira os dados rolares com tanta força tinha sido pouco antes de se ver acompanhado de trezentos homens do Bando, com mil dos Leões Brancos de Gaebriel numa serrania à sua frente e outros mil vindo à toda pela estrada, logo atrás. Isso porque tudo o que estava tentando fazer era cavalgar para

bem longe daquela confusão. Na ocasião, se livrara de uma machadada graças às memórias de outro homem e a mais sorte do que tinha direito. Os dados quase sempre significavam perigo e alguma outra coisa que ele ainda não entendia. A perspectiva de ter o crânio rachado não bastava, e uma ou duas vezes isso nem fora possibilidade, mas, ainda assim, a probabilidade de Mat Cauthon poder muito em breve ser vítima fatal de alguma tramoia espetacular parecia a causa mais usual. O que era improvável de acontecer no Palácio Tarasin, mas a improbabilidade não fazia os dados desaparecerem. Daria sim o recado; agarraria Nynaeve e Elayne pela nuca, se tivesse a chance, e daria um sermão que deixaria as duas de orelhas ardendo, então iria embora.

A jovem criada foi deslizando à frente dele até alcançarem um homem baixo, parecido com um touro e um pouco mais velho que ela, outro serviçal, esse de calça branca justa, camisa branca com mangas folgadas e um colete verde comprido com a Âncora e Espada da Casa Mitsobar em um disco branco.

— Mestre Jen — chamou ela, fazendo outra reverência —, este é o Lorde Mat Cauthon, que deseja dar um recado para a venerável Elayne Aes Sedai e para a venerável Nynaeve Aes Sedai.

— Muito bem, Haesel. Pode ir. — Ele então fez uma mesura para Mat. — O senhor poderia me acompanhar, milorde?

Jen o conduziu até uma mulher escura de semblante soturno e próxima da meia idade, então se curvou.

— Senhora Carin, este é Lorde Mat Cauthon, que deseja dar um recado para a venerável Elayne Aes Sedai e para a venerável Nynaeve Aes Sedai.

— Muito bem, Jen. Pode ir. O senhor poderia me acompanhar, Milorde?

Carin o conduziu por um lance de uma escadaria de mármore curva com o corrimão pintados de amarelo e vermelho, subindo até uma mulher

esquelética chamada Matilde, que o entregou a um sujeito robusto chamado Bren, que o conduziu até um homem quase careca chamado Madic, cada servo um pouco mais velho que o antecessor. Num ponto em que cinco corredores se encontravam feito os raios de uma roda, Madic o deixou com uma mulher rechonchuda chamada Laren, que tinha uma postura imponente e um toque de cinza nas têmporas. A exemplo de Carin e Matilde, a mulher usava o que os eboudarianos chamavam de faca de casamento pendurada pelo punho em um colar de prata bem curto. A faca, pousando entre os seios mais que fartos, tinha cinco pedras brancas, duas envoltas em vermelho, e mais quatro pedras vermelhas, uma delas envolta em preto, tudo isso indicando que três de seus nove filhos estavam mortos e que os dois que eram rapazes tinham perecido em duelos. Ao finalizar a medida para Mat, Laren saiu deslizando por um dos corredores. O rapaz correu para pegá-la pelo braço.

As sobrancelhas escuras da mulher se ergueram discretamente enquanto ela encarava a mão de Mat. Ela não portava nenhuma adaga, a não ser a faca de casamento, mas Mat a soltou na hora. O costume ditava que a mulher só poderia usar a lâmina contra o marido, mas não havia motivo para forçar. A voz, porém, ele não suavizou:

— Até onde eu tenho que ir para dar um recado? Me leve até os quartos das duas. Não deve ser tão difícil assim encontrar duas Aes Sedai. Aqui não é a maldita Torre Branca.

— Aes Sedai? — indagou, por trás dele, uma mulher com um forte sotaque illianense. — No caso, se você está procurando duas Aes Sedai, pois encontrou.

A expressão de Laren não se modificou, ou ela controlou a expressão quase que completamente. Os olhos quase negros se voltaram para um ponto atrás dele, e Mat teve certeza de que se estreitaram de preocupação.

Ele tirou o chapéu e se virou com um sorriso despreocupado. Com aquele medalhão de cabeça de raposa no pescoço, Aes Sedai não o intimidavam nem um pouco. Bem, não muito. A peça tinha suas falhas. Talvez o sorriso não fosse tão despreocupado assim.

As duas mulheres que o confrontavam não tinham como ser mais diferentes. Uma era esbelta, com um sorriso cativante e um vestido verde e dourado que insinuava o que Mat julgava um belo busto. Não fosse aquela idade indefinida, talvez tivesse considerado puxar conversa. Tinha um rosto bonito, com olhos grandes o bastante para um homem se afundar. Uma pena. A outra também tinha a idade indefinida, mas Mat levou um momento para perceber. Achou que ela estava fazendo uma cara feia, até se dar conta de que devia ser sua expressão normal. O vestido escuro, quase preto, cobria-a até os pulsos e o queixo, pelo que ele ficou grato. A mulher dava a impressão de ser esquelética feito um espinheiro velho. Também parecia que comia espinheiros no café da manhã.

— Estou tentando dar um recado para Nynaeve e Elayne — informou às duas. — Esta mulher... — Ele pestanejou, percorrendo os corredores com os olhos. Serviçais passavam apressados, mas não se via Laren em lugar nenhum. Mat não teria imaginado que a mulher podia se mover tão rápido. — Seja como for, quero dar um recado. — Então acrescentou, um pouco mais hesitante: — Vocês são amigas delas?

— Não exatamente — respondeu a bonita. — Eu sou Joline, e esta é Teslyn. E você é Mat Cauthon.

O estômago de Mat se retorceu. Nove Aes Sedai no palácio, e tinha de trombar justo com as duas que estavam do lado de Elaida. E uma delas ainda por cima Vermelha. Não que tivesse algo a temer. Mat abaixou a mão antes que tocasse a cabeça de raposa debaixo das roupas.

Teslyn, a que comia espinheiros, se aproximou. Uma Votante, de acordo com Thom, embora nem mesmo o Menestrel entendesse o que uma Votante estava fazendo ali.

— Seríamos amigas delas, se pudéssemos. Elas precisam mesmo de amigas, Mestre Cauthon, assim como o senhor. — Os olhos dela tentavam abrir buracos na cabeça de Mat.

Joline foi para o outro lado dele, flanqueando-o, e botou uma das mãos em sua lapela. Ostentava um sorriso que Mat teria considerado muito convidativo, em qualquer outra mulher. Joline era da Ajah Verde.

— Elas andam em terreno perigoso, mas estão cegas para o que há debaixo dos próprios pés. Sei que você é amigo das duas. Bem, poderia demonstrar isso dizendo a elas que parem com essa bobagem antes que seja tarde. Crianças tolas que acabam indo longe demais podem acabar sendo punidas com bastante severidade.

A vontade de Mat era de se afastar. Até Teslyn se colocara perto o bastante para quase encostar nele. Mas, em vez disso, abriu seu sorriso mais insolente. Em casa, aquilo sempre o metera em confusão, mas, ali, parecia apropriado. Os dados em sua cabeça talvez nada tivessem a ver com aquelas duas, ou já teriam parado de rolar. E ainda tinha o medalhão.

— Elas sabem muito bem onde estão pisando, eu diria. — Nynaeve de fato precisava ser mais humilde, e Elayne mais ainda, mas Mat não estava disposto a ficar ali assistindo àquela mulher diminuir Nynaeve. Se aquilo significasse defender Elayne também, que fosse. — Talvez vocês é que devessem esquecer essa sua bobagem.

O sorriso de Joline se dissipou, mas Teslyn assumiu o fardo, abrindo um sorriso cortante.

— Ah, nós sabemos mesmo de você, Mestre Cauthon. — A mulher parecia querer esfolar a pele de alguém, e quem estivesse à mão serviria. —

Ta'veren é o que dizem, no caso. Com suas próprias associações perigosas. Isso, no caso, é mais que mera fofoca.

O rosto de Joline estava gélido.

— Um jovem na sua posição, que queria ter o futuro garantido, poderia se sair bem pior do que se buscasse a proteção da Torre. Você jamais deveria ter saído de lá.

O estômago de Mat se revirou ainda mais. O que mais as duas sabiam? Nada sobre o medalhão, por certo. Nynaeve e Elayne sabiam, assim como Adeleas e Vandene, e só a Luz sabia para quem essas mulheres tinham contado, mas com certeza não para aquela dupla. Porém, havia coisas bem piores do que ser *ta'veren* ou que o medalhão de cabeça de raposa, piores até mesmo que Rand, pelo que Mat sabia. Se elas soubessem da maldita Trombeta... De repente, foi puxado para longe das duas com tanta força que acabou tropeçando e quase deixou cair o chapéu. Uma mulher esguia, de rosto sereno e o cabelo quase branco preso na nuca, o segurou pela manga e pela lapela. Por reflexo, Teslyn o pegou do mesmo jeito pelo outro lado. Mat reconheceu a recém-chegada de postura rígida e vestido cinza simples, pelo menos um pouco. Tratava-se ou de Adeleas ou de Vandene, duas irmãs — irmãs de verdade, não só Aes Sedai — que poderiam muito bem ser gêmeas. Nunca conseguiria diferenciá-las com certeza. Ela e Teslyn ficaram se encarando, frias e serenas, duas gatas com a pata no mesmo rato.

— Não precisam rasgar meu casaco — rosnou Mat, tentando se soltar. — Ei, meu casaco! — Repetiu, sem saber se tinha sido ouvido. Ainda que usasse a cabeça de raposa, ainda não estava preparado para se soltar dos dedos daquelas mulheres, a menos que fosse obrigado.

Outras duas Aes Sedai acompanhavam aquela nova irmã, fossem qual das duas fosse, embora uma delas, uma mulher troncuda e escura de olhos inquisitivos, só pudesse ser identificada pelo anel da Grande Serpente e

pelo xale de bordas marrons que usava, ostentando a Chama de Tar Valon às costas, por entre vinhas. Parecia só um pouco mais velha que Nynaeve, o que fazia dela Sareitha Tomares, Aes Sedai havia apenas uns dois anos.

— Você agora vai raptar homens aqui nos salões, Teslyn? — indagou a outra. — Um homem que não é capaz de canalizar dificilmente seria do seu interesse. — Baixa, pálida e trajando um vestido cinza com detalhes azuis e enfeites de renda, ela era a pura elegância, ostentando a idade indefinida e um sorriso confiante. O sotaque cairhieno a identificava.

Mat atraía os maiores cachorros do quintal. Thom não estava convicto se Joline ou Teslyn estavam no comando da missão diplomática de Elaida, mas Merilille liderava o grupo daquelas idiotas que tinham ludibriado Egwene para que ela se tornasse Amyrlin.

Mat podia até ter feito a barba com o sorriso que Teslyn devolveu.

— Pare de ser dissimulada comigo, Merilille. Mat Cauthon é sim de interesse considerável, no caso. Ele deveria evitar sair andando sozinho por aí, isso sim.

E falavam como se ele não estivesse ali ouvindo!

— Não briguem por minha causa — advertiu Mat. Puxar o casaco não fez nenhuma delas soltá-lo. — O que tem aqui dá para todo mundo.

Cinco pares de olhos o fizeram desejar que tivesse mantido a boca calada. Aes Sedai não tinham nenhum senso de humor. Puxou o casaco com um pouco mais de força, e Vandene — ou Adeleas — puxou de volta com força suficiente para tirar o casaco da mão dele. Só podia ser Vandene, Mat decidiu. Vandene era Verde, e ele sempre achara que ela queria virá-lo de cabeça para baixo e sacudi-lo até o segredo do medalhão escapulir. Bem, quem quer que fosse, a mulher sorriu, parte por saber daquilo, parte por ter achado engraçado. Mat não viu graça nenhuma. As demais não se demoraram muito olhando. Era melhor até ele ter desaparecido.

— O que ele precisa — ponderou Joline, com firmeza — é ser levado em custódia. Para sua própria proteção, e mais. Três *ta'veren* saídos de uma única aldeia? E um deles o Dragão Renascido? Mestre Cauthon deveria ser mandado para a Torre Branca imediatamente. — Ah, e Mat a achara bonita.

Merilille só fez balançar a cabeça.

— Você superestima sua situação aqui, Joline, se acha que vou simplesmente deixar que leve o garoto.

— E você superestima a sua, Merilille. — Joline se aproximou até poder encarar a outra mulher de cima para baixo. Seus lábios se curvaram com um ar superior e condescendente. — Ou você entende que é só o nosso desejo de não ofender Tylin que evita que fiquem todas confinadas só com pão e água até poderem ser levadas de volta para a Torre?

Mat esperou que Merilille gargalhasse na cara dela, mas a mulher só balançou a cabeça de leve, como se quisesse muito escapar do olhar de Joline.

— Você não ousaria. — Sareitha trajava a tranquilidade das Aes Sedai como uma máscara, a face serena e as mãos ajustando o xale com toda a calma, mas o fio de voz gritava que aquilo era só uma máscara.

— Essas brincadeiras são para crianças, Joline — murmurou Vandene, seca. Por certo, era isso que ela era. Vandene era a única das três que realmente não aparentava nenhuma agitação.

Traços sutis de cor brotaram nas bochechas de Merilille, como se a mulher de cabelo branco tivesse falado com ela, mas seu olhar se estabilizou.

— Não tem como você esperar que a gente se intimide — advertiu, com firmeza, para Joline —, e nós somos cinco. Sete, contando com Nynaeve e Elayne. — A última parte foi, claramente, uma lembrança tardia, soltada com relutância.

Joline arqueou uma das sobrancelhas. Os dedos ossudos de Teslyn não afrouxaram nem um pouco a mais que os de Vandene, mas ela analisava Joline e Merilille com um semblante indecifrável. As Aes Sedai eram um território estranho, onde jamais se sabia o que esperar até que já fosse tarde demais. Ali, havia correntes profundas. Correntes profundas em torno de Aes Sedai podiam levar um homem à morte sem que elas sequer notassem. Talvez fosse hora de começar a se intrometer naqueles dedos.

Laren reapareceu de repente e lhe poupou esse desgaste. Esforçando-se para controlar a respiração, como se estivesse correndo, a mulher rechonchuda esparramou as saias numa reverência notadamente mais acentuada do que a que fizera a ele.

— Perdão por perturbá-las, Aes Sedai, mas a Rainha está convocando Lorde Cauthon. Perdão, por favor. Se eu não o levar imediatamente, vai ser mais do que as minhas orelhas merecem.

Todas as Aes Sedai a encararam, sem exceção, até que Laren começou a se remexer, desconfortável. Em seguida, os dois grupos se entreolharam como se tentassem decidir quem poderia ser mais Aes Sedai que o outro. Então olharam para ele. Mat se perguntou se alguém iria se mexer.

— Não tenho como deixar a Rainha esperando, tenho? — perguntou, animado.

Pelas fungadas, seria de se pensar que dera um beliscão no traseiro de alguma delas. Até as sobrancelhas de Laren, em reprovação, baixaram.

— Solte o rapaz, Adeleas — ordenou Merilille, por fim.

Mat franziu o cenho enquanto a mulher de cabelo branco obedecia. Aquelas duas deviam usar pequenas identificações com os nomes, ou ao menos fitas de cabelo de cores diferentes ou algo do tipo. Ela abriu outro daqueles sorrisos divertidos e sagazes. Mat odiava aquilo. Era um truque

feminino, não só das Aes Sedai, e as mulheres costumavam não saber de nada do que davam a entender que sabiam.

— Teslyn? — indagou Mat. A Vermelha carrancuda ainda o segurava pelo casaco com as duas mãos. Ela levantou o olhar na direção dele, ignorando todas as demais. — A Rainha?

Merilille abriu a boca e hesitou, obviamente modificando o que ia dizer.

— Quanto tempo pretende ficar aqui segurando o rapaz, Teslyn? Talvez queira dar explicações a Tylin sobre o porquê da convocação ter sido desrespeitada.

— No caso, Mestre Cauthon, considere bastante mesmo em quem você vai se amarrar — recomendou Teslyn, ainda olhando para ele. — Escolhas equivocadas podem resultar num futuro desagradável, mesmo para um *ta'veren*. Então considere bastante mesmo. — Dito isso, ela o soltou.

Seguindo Laren, Mat não se permitiu demonstrar a ansiedade que sentia para sair dali, mas de fato queria que a serva andasse um pouco mais rápido. Laren foi deslizando à frente, majestosa como qualquer rainha. Majestosa como qualquer Aes Sedai. Quando chegaram à primeira curva, ele olhou por cima do ombro. As cinco Aes Sedai ainda estavam lá, paradas, os olhos cravados nele. Como se o olhar de Mat tivesse sido um sinal, as mulheres trocaram olhares silenciosos e se retiraram, cada qual para um lado. Adeleas veio em sua direção, mas, uma dezena de passos antes de alcançá-lo, abriu outro daqueles sorrisos para ele, então desapareceu por uma porta. Correntes profundas. Mat preferia nadar onde seus pés conseguissem encostar no leito da lagoa.

Laren estava esperando logo depois da curva, as mãos na cintura larga, o rosto excessivamente sereno. Mat suspeitava que, por baixo das saias, os pés dela estivessem batendo, impacientes. Abriu seu sorriso mais vitorioso. Fossem garotas risonhas ou avós de cabelo grisalho, as mulheres amoleciam

com aquele sorriso, que já lhe valera beijos e o livrara de apuros mais vezes do que podia contar. Era quase tão bom quanto flores.

— Aquilo foi muito bom, pelo que eu lhe agradeço. Tenho certeza de que a Rainha não quer mesmo falar comigo. — Se quisesse, Mat não queria falar com ela. Tudo o que pensava a respeito de nobres triplicava em relação à realeza. Nada que tivesse encontrado naquelas memórias antigas mudava isso, e alguns daqueles sujeitos tinham passado um tempo considerável junto de reis, rainhas e afins. — Agora, se puder me mostrar onde Nynaeve e Elayne dormem...

Estranhamente, o sorriso não pareceu surtir nenhum efeito.

— Eu não iria mentir, Lorde Cauthon. Seria mais do que as minhas orelhas merecem. A Rainha está aguardando, Milorde. O senhor é um homem muito corajoso — acrescentou, virando-se, então completou, mais para si mesma: — Ou um grandíssimo tolo.

Mat duvidava que deveria ter escutado aquilo.

A escolha era entre falar com a Rainha e perambular por milhas de corredores até que trombasse com alguém que lhe dissesse o que ele queria saber? Mat foi falar com a Rainha.

Tylin Quintara, pela Graça da Luz, Rainha de Altara, Senhora dos Quatro Ventos, Guardiã do Mar das Tempestades, Grão-trono da Casa Mitsobar, o aguardava num aposento de paredes amarelas e teto azul-claro, parada de pé diante de uma imensa fogueira branca com o lintel entalhado como um mar tempestuoso. Valia a pena ter ido vê-la, Mat decidiu. Tylin não era jovem — o cabelo preto reluzente caindo feito cascata por sobre os ombros tinha traços grisalhos nas têmporas, e rugas discretas riscavam os cantos dos olhos — nem era exatamente bonita, embora as duas finas cicatrizes das bochechas tivessem quase que desaparecido com a idade. O que melhor a descreveria era “elegante”. Mas ela era... imponente. Grandes

olhos negros o observavam com majestade, olhos de águia. Seu poder não era vasto — um homem a cavalo sairia de suas terras em dois ou três dias e ainda teria muita Altara pela frente —, mas Mat achava que ela conseguiria fazer até uma Aes Sedai dar um passo atrás. Assim como Isabelle, de Dal Calain, que fizera a Amyrlin Anghara vir até ela. Aquela era uma das memórias antigas. Dal Calain sumira do mapa nas Guerras dos Trollocs.

— Majestade — cumprimentou, fazendo um largo volteio com o chapéu durante uma reverência, além de um floreio com uma capa imaginária —, é por sua convocação que me apresento.

Imponente ou não, era difícil tirar os olhos do decote ovalado nada pequeno e enfeitado de rendas de onde pendia a faca de casamento com bainha branca. Uma visão muito bem arrematada, de fato, mas, quanto mais busto uma mulher exibia, menos queria que as pessoas ficassem olhando. Ao menos explicitamente. A faca tinha bainha branca, mas Mat já sabia que ela era viúva. Não que isso importasse. Mais fácil se enroscar com aquela Amiga das Trevas com cara de raposa do que com uma rainha. Não olhar era muito difícil, mas deu um jeito. Era mais provável que ela chamasse guardas do que sacasse a adaga incrustada de gemas enfiada por detrás de um cinto de fios de ouro que combinava com o colar de onde pendia a faca de casamento. Talvez fosse por isso que os dados ainda estavam rolando na cabeça de Mat. Se algo os faria rolar, era a possibilidade de um encontro com o carrasco.

Camadas de anáguas de seda ondularam em branco e amarelo quando a mulher atravessou o aposento e deu a volta bem devagar em torno dele.

— Você fala a Língua Antiga — disse, assim que voltou para a frente dele. Sua voz era baixa e melodiosa. Sem esperar resposta, caminhou suavemente até uma cadeira e se sentou, arrumando as saias verdes. Um gesto inconsciente. O olhar se manteve fixo nele. Mat achou que a mulher

talvez pudesse afirmar quando as roupas de baixo dele tinham sido lavadas pela última vez. — Você deseja dar um recado. Eu tenho o que é necessário.

Uma renda pendendo de seu pulso balançou quando ela gesticulou para uma pequena escrivaninha posicionada atrás de um espelho com moldura dourada. Toda a mobília era dourada e entalhada feito bambu.

Janelas altas de arcos triplos que davam para uma varanda de ferro forjado deixavam entrar uma brisa marinha que surpreendia por ser tão agradável, ainda que não exatamente fresca, mas Mat sentia mais calor que quando estava na rua, e não era nada por causa do olhar daquela mulher. *Deyeniye, dyu ninte concion ca'lyet ye.* Era o que tinha dito. A maldita Língua Antiga voltando a saltar da boca sem que se desse conta. Pensara que aquele pequeno traço incômodo estava sob controle. Não havia como afirmar quando aqueles dados malditos parariam ou por quê. Melhor cuidar dos próprios olhos e manter a boca fechada o máximo possível.

— Eu agradeço, Majestade. — Só falou depois que teve muita certeza sobre aquelas palavras.

Grossas folhas de um papel claro já aguardavam em cima da mesa oblíqua, numa altura confortável para a escrita. Mat escorou o chapéu na perna da mesa. Conseguia enxergá-la pelo espelho. Observando. Por que deixara a língua solta? Molhando a ponta de uma caneta dourada — o que mais uma rainha teria? —, organizou na cabeça o que queria escrever antes de se curvar sobre o papel, com o braço a envolvê-lo. A mão estava desajeitada e rígida. Mat não tinha nenhum apreço por escrever.

Segui uma Amiga das Trevas até o palácio que Jaichim Carridin está alugando. Ela tentou me matar uma vez, e talvez a Rand também. Foi cumprimentada como uma velha amiga da casa.

Analizou aquelas palavras por um momento, mordendo a ponta da caneta, até se dar conta de que estava deixando marcas no ouro delicado.

Talvez Tylin não notasse. As duas precisavam saber a respeito de Carridin. O que mais? Acrescentou mais algumas linhas com um palavreado razoável. A última coisa que queria era deixá-las irritadas.

Sejam sensatas. Se tiverem que sair por aí, deixem-me mandar alguns homens as acompanharem para evitar que acabem com a cabeça rachada. Aliás, já não está na hora de eu levá-las de volta para Egwene? Não tem nada aqui, só calor e moscas, e temos isso de sobra em Caemlyn.

Pronto. Elas não podiam pedir nada mais agradável que aquilo.

Mat secou a página com cuidado e a dobrou quatro vezes. Numa pequena vasilha de ouro, havia uma brasa coberta de areia. Soprou-a até reluzir, então acendeu uma vela e pegou o tubo de cera vermelha. Quando a cera de selagem foi pingando nas extremidades do papel, de repente lhe ocorreu que tinha um anel ducal no bolso. Era só um objeto que o fabricante de anéis entalhara para demonstrar suas habilidades, mas melhor que uma marca lisa. O anel era um pouco mais comprido que a poça de cera, mas, ainda assim, a maior parte do símbolo ficou gravada.

Pela primeira vez, Mat deu uma boa olhada no anel que havia comprado. Dentro de uma borda formada por grandes luas crescentes, uma raposa correndo parecia ter incitado dois pássaros a alçarem voo. Aquilo o fez sorrir. Pena que não se tratava de uma mão, pelo Bando, mas era apropriado. Ele, por certo, precisava ser astuto como uma raposa para fazer frente a Nynaeve e Elayne, e, se as duas não eram de se assustar fácil, bem... Além do quê, o medalhão o fizera se afeiçoar por raposas. Mat garatujou o nome de Nynaeve na parte externa, depois o de Elayne, numa lembrança tardia. Uma ou outra, não deveriam demorar para ler.

Então se virou, com a carta selada à frente, e se assustou quando as juntas dos dedos roçaram no busto de Tylin. Tropeçou para trás, se apoiou

na escrivania e ficou encarando a mulher e tentando não ruborizar. Olhando para o rosto, só para o rosto. Não a escutara se aproximar. Melhor simplesmente ignorar o acontecido e não a constranger ainda mais. Ela provavelmente acharia que ele era só um grosseirão desajeitado.

— Tem algo nisto aqui que Vossa Majestade deveria saber. — O espaço entre os dois não era grande o bastante para que ele levantasse a carta. — Jaichim Carridin está com Amigos das Trevas em sua casa, e não como prisioneiros.

— Tem certeza? Claro que tem. Ninguém faria essa acusação sem ter certeza... — Um sulco surgiu em sua testa, mas ela tratou de pensar melhor, no que o vinco desapareceu. — Vamos falar de assuntos mais agradáveis.

Mat quase soltou um ganido. Tinha acabado de contar que o embaixador Manto-branco em sua corte era um Amigo das Trevas, e a única resposta era uma careta?

— Você é o Lorde Mat Cauthon? — Havia apenas um quê de indagação na frase. Os olhos de Tylin, mais que nunca, lembravam os de uma águia. Uma rainha não devia gostar de alguém que fingisse ser lorde.

— Só Mat Cauthon.

Algo lhe dizia que ela aceitaria a mentira. Além do quê, deixar que as pessoas achassem que ele era lorde era só uma artimanha, algo de que não necessariamente precisava. Em Ebou Dar, poderia acabar metido em um duelo sempre que alguém se virasse errado, mas poucos desafiavam lordes, exceto outros lordes. Até ali, no último mês, partira uma porção de cabeças, largara quatro homens sangrando e corra meia milha para escapar de uma mulher. O olhar de Tylin o deixava nervoso. E aqueles dados ainda zanzavam em sua cabeça. Queria sair dali.

— Poderia me dizer onde eu ponho a carta, Majestade...?

— A Filha-herdeira e Nynaeve Sedai raramente mencionam você — continuou a mulher —, mas já aprendi a ouvir o que não é dito. — Num gesto casual, ela ergueu a mão e tocou na bochecha dele, que ergueu um pouco a própria mão, incerto. Teria se borrado de tinta ao mastigar a caneta? Mulheres gostavam mesmo das coisas em ordem, inclusive dos homens. Podia ser que rainhas também gostassem. — O que elas não dizem, mas que eu ouço, é que você é um canalha indomado, um jogador e um mulherengo. — Seus olhos se fixaram nos dele, a expressão sem jamais se alterar um fiapo, e sua voz permaneceu firme e tranquila, mas, conforme ela falava, os dedos alisavam a outra bochecha de Mat. — Homens indomados costumam ser os mais interessantes. Para se conversar. — Um dedo percorreu os lábios dele. — Um canalha indomado que viaja com Aes Sedai, um *ta'veren* que, acho eu, as deixa com um pouco de medo. As deixa no mínimo desconfortáveis. Um homem precisa ter um fígado bem forte para causar desconforto em Aes Sedai. Como vai fazer para entortar o Padrão em Ebou Dar, Só Mat Cauthon?

A mão de Tylin acabou parando no pescoço dele. Mat sentia a própria pulsação latejando nos dedos dela.

Ficou de boca aberta. A escrivainha às suas costas chocalhava contra a parede enquanto tentava se afastar. A única forma de sair era empurrá-la para o lado ou pular por cima das saias dela. Mulheres não se comportavam daquela maneira! Ah, algumas daquelas memórias antigas sugeriam que sim, mas, na maioria, eram lembranças de lembranças de que aquela mulher fizera tal coisa ou que essa mulher fizera essa outra coisa. As lembranças que tinha com clareza eram quase todas batalhas, o que não ajudava em nada naquele momento. A rainha sorriu, uma curvatura sutil nos lábios que não atenuou o brilho predatório dos olhos. Mat sentia que até o cabelo da cabeça tentava se arrepiar.

O olhar de Tylin saltou por sobre os ombros dele e foi parar no espelho, no que ela se virou abruptamente e o deixou, boquiaberto, encarando as costas dela enquanto ela se afastava.

— Preciso dar um jeito de falar de novo com você, Mestre Cauthon. Eu... — Aparentemente surpresa, ela interrompeu a frase à medida que a porta foi se escancarando, mas Mat logo se deu conta de que Tylin percebera, pelo espelho, o momento em que a porta começara a se abrir.

Um jovem esbelto adentrou, mancando de leve. Era um moço de pele escura e olhos penetrantes que não se demoraram em Mat. O cabelo preto pendia até os ombros, e ele trajava um daqueles casacos que nunca se esperaria que fossem usados de verdade, de seda verde, drapejado por sobre os ombros, com uma corrente de ouro atravessando o peitoral e leopardos de ouro trabalhados nas lapelas.

— Mãe — disse o rapaz, curvando-se para Tylin e tocando os próprios lábios com os dedos.

— Beslan. — A rainha inundou o nome de afeto e beijou o rapaz nas duas bochechas e nos cílios. O tom firme e até gélido com que falara com Mat poderia muito bem jamais ter existido. — Foi tudo bem, pelo que eu vejo.

— Não tão bem quanto deveria. — O garoto suspirou. Apesar dos olhos, tinha jeito meigo e voz suave. — Nevin fez um corte na minha perna na segunda passagem, mas depois escorregou na terceira, e ganhei dele atravessando o coração, em vez do braço que empunhava a espada. A ofensa não era digna de morte, e agora tenho que dar as condolências à viúva. — Ele parecia lamentar aquilo tanto quanto a morte de Nevin.

A expressão radiante de Tylin não tinha como parecer adequada para uma mulher cujo filho acabara de contar que matara um homem.

— Faça uma visita breve. Que me furem os olhos, mas Davindra vai ser uma daquelas viúvas que vai querer ser consolada, então ou você vai ter que casar com ela ou matar os irmãos. — Pelo tom de voz, a primeira alternativa era muito pior, e a segunda não passava de um aborrecimento. — Este é Mestre Mat Cauthon, meu filho. Ele é *ta'veren*. Espero que você fique amigo dele. Talvez os dois devam ir juntos para as danças da Noite de Swovan.

Mat se sobressaltou. A última coisa que queria era ir a qualquer lugar com um sujeito que disputava duelos e cuja mãe sentia vontade de alisar sua bochecha.

— Eu não sou muito de bailes — rebateu de pronto. Eboudarianos gostavam de festivais além da conta. A Alta Chasalina acabara de ocorrer, e ainda teriam outros cinco na semana seguinte, dois deles eventos de dia inteiro, não só festivais noturnos mais simples. — Eu gosto de dançar em tavernas. As do tipo mais grosseiro, receio. Nada do que você gostaria.

— Eu prefiro tavernas do tipo mais grosseiro — retrucou Beslan, sorrindo, com aquela voz suave. — Bailes são para gente mais velha e suas belezocas.

Depois disso, foi só ladeira abaixo em cascalho esburacado. Antes que Mat se desse conta do que estava acontecendo, Tylin já o amarrara a uma saca. Ele e Beslan iriam juntos aos festivais. Todos os festivais. Iriam caçar, como Beslan chamava. E quando Mat perguntou, sem pensar, se era para caçar garotas — se tivesse parado para pensar, jamais teria dito aquilo na frente da mãe de alguém —, o garoto gargalhou e disse:

— Uma garota ou uma briga. Beicinhos ou lâminas. A dança que você estiver dançando na hora é sempre a mais divertida. Você não diria o mesmo, Mat? — Tylin sorriu com carinho para Beslan.

Mat conseguiu dar uma risadinha. O tal Beslan era maluco, igualzinho à mãe.



CAPÍTULO 17



O TRIUNFO DA LÓGICA

Assim que Tylin enfim o deixou escapar, Mat saiu do palácio a passos largos; se achasse que adiantaria de alguma coisa, teria corrido. A pele entre suas escápulas formigava tanto que ele quase se esqueceu dos dados que dançavam na cabeça. O pior momento — o pior dos piores entre uma dezena de momentos ruins — tinha sido quando Beslan provocou a mãe, dizendo que ela deveria encontrar uma belezoca para ir aos bailes, e Tylin afirmar, aos risos, que rainhas não tinham tempo para rapazes, mas o tempo todo olhando para Mat com aqueles malditos olhos de águia. Agora ele sabia por que coelhos corriam tão rápido. A passos pesados, atravessou a Praça Mol Hara sem ver nada. Se Nynaeve e Elayne estivessem dando cambalhotas com Jaichim Carridin e Elaida na fonte sob aquela estátua de alguma rainha morta muito tempo atrás, uma mulher de duas braças ou mais de altura apontando para o mar, Mat teria passado sem nem olhar.

O salão da estalagem A Mulher Errante estava imerso em sombras e relativamente fresco em comparação com o calor intenso do lado de fora. Mat tirou o chapéu com gosto. Uma tênue névoa de fumaça de cachimbo pairava no ar, mas as venezianas com arabescos entalhados que cobriam as amplas janelas em arco deixavam penetrar luz mais que suficiente. Alguns galhos de pinheiros enlameados haviam sido amarrados acima das janelas, para a Noite de Swovan. Num canto, duas mulheres com flautas e um

sujeito com um tamborete entre os joelhos tocavam uma música estridente e pulsante de que Mat passara a gostar. Mesmo àquela hora do dia, havia alguns clientes, mercadores forasteiros usando roupas de lã razoavelmente simples, com toques eboudarianos, a maioria com os coletes de várias guildas. Ali, nada de aprendizes ou artesãos. Tão perto do palácio, A Mulher Errante estava longe de ser um lugar barato para beber ou comer, e muito menos para dormir.

O chacoalhar de dados numa mesa mais ao canto ecoava a sensação em sua cabeça, mas Mat se virou para o outro lado, para onde três de seus homens estavam sentados nos bancos de outra mesa. Corevin, um cairhieno atarracado e musculoso, com um nariz que tornava seus olhos ainda menores do que eram, estava sentado despido até a cintura e mantinha os braços tatuados acima da cabeça enquanto Vanin enrolava faixas de bandagem em seu torso. Vanin tinha o triplo do tamanho de Corevin, mas parecia uma saca de sebo quase careca transbordando no banco. Pela aparência, parecia estar dormindo naquele casaco havia uma semana. Era sempre assim, mesmo uma hora depois de uma das serviçais ter passado a roupa. Alguns mercadores olhavam para os três com certo incômodo, mas nenhum dos eboudarianos, homens ou mulheres; já tinham visto a mesma coisa ou pior, e com frequência.

Harnan, um líder de fileira taireno de queixo proeminente e com uma tatuagem grosseira de falcão na bochecha esquerda, estava ralhando com Corevin.

— ... não quero saber o que o flamante do vendedor de peixe disse, seu sapo parido por uma cabra, trate de usar o seu maldito porrete e não saia por aí aceitando esses desafios só porque... — Harnan interrompeu a fala ao avistar Mat e tentou fazer parecer que não estava dizendo o que dizia, mas acabou parecendo que estava com dor de dente.

Se Mat perguntasse, o que acabariam dizendo era que Corevin escorregara e caíra em cima da própria adaga ou alguma presepada do tipo, e Mat deveria fingir que acreditava. Assim, só fez apoiar os punhos na mesa como se não tivesse visto nada fora do normal. Verdade fosse dita, a cena não era tão anormal assim. Vanin era o único homem que não tinha se envolvido em pelo menos vinte brigas. Por alguma razão, homens em busca de confusão passavam tão longe de Vanin quanto de Nalesean. A única diferença era que Vanin parecia gostar que fosse assim.

— Thom ou Juilin já passaram por aqui?

Vanin não desviou o olhar das bandagens que amarrava.

— Não vi nem couro, nem cabelo, nem a unha do pé. Mas Nalesean passou um tempinho aqui. — Não havia aquela bobagem de “milorde” da parte de Vanin. Ele não tinha papas na língua quanto a não gostar de nobres. Com Elayne sendo a infeliz exceção. — Deixou um baú com tiras de ferro lá em cima, no seu quarto, e saiu tagarelando sobre uns penduricalhos. — Vanin deu a impressão de que iria cuspir pelo espaço entre os dentes, mas, depois de uma olhadinha para as serviçais, não o fez. A Senhora Anan era implacável com qualquer um que cuspsse, jogasse ossos ou até esvaziasse um cachimbo no seu chão. — O garoto está lá atrás, no estábulo — prosseguiu, antes que Mat pudesse perguntar —, com aquele livro dele e uma das filhas da estalajadeira. E outra garota deu umas palmadas no traseiro dele, por ter beliscado o dela. — Vanin concluiu o último nó e lançou um olhar acusatório para Mat, como se, de alguma forma, aquilo tivesse sido culpa dele.

— Coitado do garotinho — resmungou Corevin, virando-se para ver se as bandagens não saíam do lugar. O homem tinha um leopardo e um javali tatuados num dos braços e um leão e uma mulher no outro. A mulher não parecia coberta por muito mais que o próprio cabelo. — Choramizando,

ah, como estava. Apesar de ter ficado com um brilho no olhar quando Leral o deixou segurar a mão dela...

Os homens tomavam conta de Olver feito um bando de tios, embora com certeza fossem do tipo que nenhuma mãe gostaria de ver perto do filho.

— Ele vai sobreviver — concluiu Mat, seco. O garoto devia estar aprendendo aqueles hábitos com os “tios”. O próximo passo era fazer tatuagens. Pelo menos Olver não tinha saído de fininho para correr com as crianças de rua, já que parecia gostar disso quase tanto quanto gostava de aborrecer a vida de mulheres adultas. — Harnan, espere aqui e, caso veja Thom ou Juilin, agarre-os pelo pescoço. Vanin, quero que você vá ver o que consegue descobrir lá pelo Palácio Chelsaine, ali perto do Portão das Três Torres.

Então, hesitante, deu uma olhada no ambiente. Atendentes entravam e saíam das cozinhas com comida e, mais frequentemente, bebida. A maior parte da clientela parecia concentrada nas canecas de prata, mas duas mulheres de coletes de tecelãs discutiam tranquilas, ignorando o ponche de vinho e inclinando-se uma para a outra por cima da mesa. Alguns dos mercadores pareciam negociar, gesticulando muito e molhando os dedos nas bebidas para rascunhar números na mesa. A música deveria impedir que suas palavras fossem ouvidas por quaisquer bisbilhoteiros, mas, mesmo assim, Mat baixou a voz.

A notícia de que Jaichim Carridin vinha convocando e recebendo Amigos das Trevas transformou o rosto redondo de Vanin numa careta, como se ele fosse cuspir no chão, sem se importar com quem visse. Harnan resmungou algo sobre os Mantos-brancos serem repugnantes, e Corevin sugeriu denunciar Carridin para a Guarda Civil. A ideia gerou olhares tão enojados nos outros dois que Corevin acabou enterrando a cara na caneca de cerveja. Era um dos poucos homens que Mat sabia serem capazes de

tomar a cerveja eboudariana naquele calor. Ou de simplesmente tomar aquilo, não importava o clima.

— Tenha cuidado — advertiu Mat, quando Vanin se levantou. Não que estivesse realmente preocupado; Vanin se movia com leveza surpreendente para alguém tão gordo. Era o melhor ladrão de cavalos em pelo menos dois países, conseguia se esgueirar sem ser visto até por um Guardião, mas... — Eles são uma gente asquerosa. Mantos-brancos ou Amigos das Trevas, qualquer um.

O homem só fez grunhir e gesticular para Corevin apanhar sua camisa e seu casaco e vir junto.

— Milorde? — chamou Harnan quando os dois saíram. — Milorde, ouvi falar que teve neblina no Rahad, ontem.

Prestes a se virar, Mat parou. Harnan parecia preocupado, e não eram muitas coisas que o preocupavam.

— Como assim neblina?

Naquele calor, uma neblina espessa feito mingau não duraria nem um piscar de olhos.

O líder de fileira deu de ombros, desconfortável, e espiou dentro da caneca.

— Neblina. Ouvi falar... que havia... coisas nela. — Ele levantou o olhar para Mat. — Ouvi falar que todos simplesmente desapareceram. E alguns foram encontrados comidos, partes deles.

Mat deu um jeito de não estremecer.

— A neblina já foi, não foi? Você não estava nela. Quando estiver, aí você se preocupa. É o que dá para fazer.

Harnan franziu o cenho, meio em dúvida, mas era a pura mais verdade. Aquelas “bolhas de mal”, como Rand as chamava, que era como Moiraine chamara, explodiam onde e quando decidiam, e não parecia haver nada que

nem mesmo Rand pudesse fazer para detê-las. Preocupar-se com elas adiantava tanto quanto se preocupar se uma telha cairia em sua cabeça na rua no dia seguinte. Menos até, já que era possível tomar a decisão de não sair de casa para evitar as telhas.

No entanto, havia algo com que valia a pena se preocupar: Nalesean largara o prêmio deles sozinho lá em cima. Nobres malditos, jogavam ouro por aí como se fosse água! Mat deixou Harnan examinando a caneca e avançou para a escada sem corrimão na parte de trás do aposento, mas, antes de alcançá-la, uma das atendedoras o abordou.

Caira era uma garota esbelta, de lábios carnudos e olhos enevoados.

— Um homem veio aqui procurá-lo, milorde — disse ela, girando as saias de um lado para o outro e com o olhar erguido na direção dele por entre os cílios compridos. Também havia um certo ar enevoadado em sua voz. — Disse que era Iluminador, mas me pareceu maltrapilho. Pediu uma refeição, mas foi embora quando a Senhora Anan disse que não serviria. Queria que você pagasse.

— Na próxima vez, pombinha, sirva a refeição — autorizou ele, deixando um marco de prata escorregar para dentro da gola cavada do vestido da mulher. — Vou falar com a Senhora Anan.

Andava mesmo querendo encontrar um Iluminador. Um de verdade, não algum sujeito vendendo fogos de artifício cheios de serragem. Mas, naquele momento, isso não importava muito. Não com o ouro lá em cima, desprotegido. E com neblina no Rahad, e Amigos das Trevas, e Aes Sedai, e a maldita Tylin perdendo o juízo, e...

Caira deu uma risadinha e se retorceu feito um gato recebendo carinho.

— O senhor quer que eu leve um pouco de ponche até o seu quarto, milorde? Ou outra coisa? — Ela abriu um sorriso esperançoso e convidativo.

— Talvez mais tarde — respondeu Mat, dando-lhe um batidinha no nariz com a ponta do dedo.

Ela deu outro risinho. Sempre ria. Tivesse a Senhora Anan permitido, Caira teria costurado a saia até o meio da coxa, querendo deixar as anáguas à mostra, mas a estalajadeira cuidava de suas atendentes com quase tanta atenção quanto cuidava das filhas. Quase.

Subindo os degraus largos de pedra aos trotes, Mat tirou Caira da cabeça. O que faria em relação a Olver? Se achasse que podia tratar as mulheres daquela maneira, o garoto ainda acabaria arranjando uma confusão de verdade. Supunha que teria de mantê-lo longe de Harnan e dos demais o máximo possível. Eles eram má influência para um garoto como Olver. Ainda mais essa, além de tudo! Precisava tirar Nynaeve e Elayne de Ebou Dar antes que algo pior desse errado.

Seu quarto era de frente, com janelas que davam para a praça, e, quando estava chegando à porta, o piso do corredor atrás dele rangeu. Em cem estalagens, aquilo sequer seria percebido, mas o piso d'A Mulher Errante não rangia.

Mat olhou para trás... e girou bem a tempo de derrubar o chapéu e aparar com a mão esquerda, e não com a cabeça, o cassetete que já descia. A pancada ardeu tanto que a mão ficou dormente, mas ele resistiu, desesperado, quando dedos grossos afundaram em sua garganta, forçando-o para trás, contra a porta do quarto. Veio um baque na cabeça. Pontos negros com as bordas prateadas dançavam em sua visão, obscurecendo um rosto suado. As únicas coisas que de fato conseguia ver eram um nariz enorme e dentes amarelos, e ambos muito vagamente. De repente, ele se deu conta de estar à beira de perder a consciência. Aqueles dedos estavam bloqueando o fluxo de sangue e de ar para o cérebro. Com a mão livre, procurou sob o casaco, atrapalhando-se com os punhos das facas como se seus dedos já não

se lembrassem do que buscavam. A maçã se soltou. Conseguiu vê-la se erguendo, senti-la se erguendo para lhe arrebentar o crânio. Concentrando-se em tudo, ele tirou uma faca da bainha e deu uma estocada.

Seu agressor deixou escapar um grito agudo, e Mat teve vaga consciência do porrete quicando em seu ombro antes de cair no chão, mas o homem não soltou sua garganta. Aos tropeções, Mat o empurrou para trás, arrancando com uma das mãos os dedos que o apertavam e, com a outra, com a faca, golpeando sem parar.

De repente, deslizando da lâmina de Mat, o sujeito caiu. A faca quase o acompanhou até o chão. Mat também. Engolindo em seco em busca de fôlego, de ar fresco, ele se agarrou em algo, alguma porta, para conseguir se manter de pé. Do chão, um homem de rosto comum o encarava com olhos que nunca mais voltariam a ver, um sujeito corpulento com bigode curvo ao estilo murandiano e um casaco azul-escuro perfeito para um pequeno mercador ou um próspero dono de loja. O homem não tinha nada do visual de ladrão.

De súbito, Mat percebeu que, durante a luta, os dois tinham tropeçado por uma porta aberta. Era um quarto menor que o dele, sem janelas, o par de lamparinas a óleo em mesinhas ao lado da cama estreita proporcionando uma iluminação turva. Um homem magricela de cabelo claro se levantou de um grande baú aberto e se endireitou, observando o cadáver de um jeito esquisito. O baú ocupava a maior parte da área livre do quarto.

Mat abriu a boca para se desculpar pela intrusão tão grosseira, no que o magricela sacou do cinto uma adaga comprida, apanhou uma maçã em cima da cama e saltou na direção dele por cima do baú. Aquele não havia sido um olhar para um estranho falecido. Agarrando-se ao caixilho da porta sem muita firmeza, Mat lançou a faca com a pegada invertida. Tão logo o punho saiu de sua mão, ele já esgaravatava o interior do casaco em busca de outra.

A lâmina fincou em cheio na garganta do novo sujeito, e Mat quase caiu outra vez, só que aliviado, enquanto o homem levava as mãos ao pescoço, o sangue jorrando por entre os dedos, e desabou de costas no baú aberto.

— É bom ser sortudo — grasnou.

Cambaleando, recuperou a faca e a limpou no casaco cinza do falecido. Um casaco melhor que o do outro. Ainda de lã, mas com um corte melhor. Não traria vergonha para um lorde de nível mais baixo. Andoriano, pela gola. Mat mergulhou na cama, o cenho franzido para o homem esparramado no baú. Um barulho o fez erguer os olhos.

Seu criado estava à porta, tentando esconder às costas, sem sucesso, uma enorme frigideira de ferro preta. Nerim guardava um conjunto completo de panelas e tudo mais que acreditasse que um serviçal de um lorde poderia precisar numa viagem no quartinho que dividia com Olver ao lado do de Mat. Era baixo, até para um cairhieno, e esquelético.

— Milorde está de novo com o casaco sujo de sangue, pelo visto — murmurou, num tom melancólico. No dia em que soasse diferente, o sol nasceria no oeste. — Eu realmente gostaria que Milorde fosse mais cuidadoso com as roupas. É muito difícil remover sangue sem deixar manchas, e os insetos não precisam de muito estímulo para abrir buracos. Este é o lugar com mais insetos que já vi, Milorde. — Nenhuma menção aos dois homens mortos, nem sobre o que ele pretendia fazer com aquela frigideira.

O grito atraía a atenção de outros. A Mulher Errante não era o tipo de estalagem em que gritos passavam despercebidos. Ouviram passos firmes no corredor, então a Senhora Anan empurrou Nerim com firmeza, tirando-o do caminho, e suspendeu as saias para passar por cima do cadáver no chão. O marido vinha logo atrás, um homem de rosto quadrado e cabelo grisalho com o brinco duplo da Antiga e Honorável Liga das Redes pendendo da

orelha esquerda. As duas pedras brancas na argola inferior indicavam que era dono de outros barcos além da embarcação que capitaneava. Jasfer Anan era parte dos motivos que faziam Mat tomar cuidado para não sorrir demais para nenhuma das filhas da Senhora Anan. O homem carregava uma faca de trabalho nas costas, enfiada no cinto, além de também uma lâmina curva mais longa, e o colete comprido azul e verde revelava braços e um peitoral todo rabiscado de cicatrizes de duelos. Tinha cicatrizes, mas estava vivo, porém, e a maioria dos homens que lhe causara marcas não estava.

O outro motivo para cautela era a própria Setalle Anan. Mat jamais se permitira desistir de uma garota por causa da mãe dela, mesmo que essa mãe fosse a dona da estalagem onde estava hospedado, mas a Senhora Anan era um caso à parte. As grandes argolas de ouro nas orelhas balançaram enquanto ela examinou os homens mortos sem vacilar. Era bonita, mesmo com um toque grisalho no cabelo, e a faca de casamento se aninhava em contornos redondos que normalmente teriam atraído os olhos dele tal qual mariposas a uma vela, mas olhar para ela daquele jeito teria sido igual a olhar para... Não para a mãe dele. Para uma Aes Sedai, talvez — embora já tivesse feito isso, claro, só por olhar —, ou para a Rainha Tylin, e que a Luz o ajudasse com essa. Apontar o motivo não era fácil. A Senhora Anan simplesmente era um caso à parte. Era difícil sequer cogitar fazer qualquer coisa que pudesse ofender Setalle Anan.

— Um deles pulou em cima de mim no corredor. — Mat chutou o baú de leve. Fez um som oco, apesar do homem morto caído lá dentro, com os braços e pernas pendurados para fora. — Está vazio, a não ser por ele. Acho que pretendiam encher com o que conseguissem roubar. — Ouro, talvez? Pouco provável que já tivessem ouvido a respeito de algo faturado apenas poucas horas antes, mas pediria à Senhora Anan um lugar mais seguro para guardá-lo.

A mulher assentiu, tranquila, os olhos castanhos serenos. Homens esfaqueados em sua estalagem não chegavam a irritá-la.

— Os dois insistiram em subir eles mesmos com o baú. Era o estoque deles, pelo que disseram. Pegaram este quarto pouco antes de você chegar. Só por algumas horas, só para dormir antes de seguirem viagem para Nor Chasen. — Tratava-se de uma pequena aldeia litorânea a leste, mas não era provável que tivessem dito a verdade. A voz dela sugeria o mesmo. A Senhora Anan franziu o cenho para os dois mortos como se desejasse poder sacudi-los e acordá-los para que respondessem suas perguntas. — Mas foram exigentes com o quarto. O de cabelo claro estava no comando. Recusou os três primeiros que foram oferecidos e só aceitou este, que era para um único ocupante. Achei que estivesse sendo sovina.

— Até um ladrão pode ser mão-de-vaca — opinou Mat, distante.

Aquilo poderia ser classificado como algo que abalaria os dados que rolavam em sua cabeça, uma cabeça que com certeza teria sido rachada, não fosse a sorte daquele sujeito ter pisado na única tábua em toda a estalagem que acabaria por ranger, mas os malditos dados continuavam rolando. Não estava gostando daquilo.

— Acha então que foi um acaso, Milorde?

— O que mais poderia ser?

Ela não respondeu, só voltou a franzir o cenho para os cadáveres. Talvez não fosse tão sanguinária quanto imaginara. A mulher não era nativa de Ebou Dar, afinal.

— Tem havido brutalidade demais na cidade. — Jasfer tinha uma voz grave e, falando em seu jeito normal, parecia estar ladrando ordens em um barco pesqueiro. — Talvez você devesse pensar em contratar guardas. — A única resposta da Senhora Anan foi levantar uma das sobrancelhas para o

marido, mas as mãos do homem se ergueram, em tom de defesa. — Que a paz esteja com você, esposa. Eu falei sem pensar.

As eboudarianas eram conhecidas por expressar seu descontentamento com os maridos de maneira enfática. Não era totalmente impossível que algumas daquelas cicatrizes tivessem sido responsabilidade dela. A faca de casamento tinha várias utilidades.

Agradecendo à Luz por não ser casado com uma eboudariana, Mat recolocou a faca na bainha, junto das demais. Graças à Luz sequer era casado. Seus dedos roçaram num papel.

A Senhora Anan não deixaria barato tão fácil.

— Você faz muito isso, marido — disse, dedilhando o punho da faca entre os seios. — Muitas mulheres não deixariam passar. Elynde sempre diz que eu não sou firme o bastante quando você sai da linha nas palavras. Preciso dar um bom exemplo para as minhas filhas. — Seu amargor se derreteu e virou um sorriso, ainda que tímido. — Considere-se castigado. Vou me abster de dizer quem deveria arrastar qual rede em qual barco.

— Você é generosa demais comigo, esposa — respondeu ele, seco.

Não havia guilda para estalajadeiras em Ebou Dar, mas todas as estalagens da cidade eram tocadas por mulheres. Para os eboudarianos, má sorte do pior tipo perseguiria qualquer estalagem cujo dono fosse um homem ou qualquer embarcação que pertencesse a uma mulher. Não havia mulheres na guilda dos pescadores.

Mat puxou o papel. Era branco como a neve, caro e rígido, e dobrado bem pequeno. Suas poucas linhas estavam impressas em letra de forma, como as que Olver poderia usar — ou um adulto, se não quisesse que reconhecessem sua letra.

Elayne e Nynaeve estão indo longe demais. Lembre-as de que ainda estão sob a ameaça da Torre. Alerta-as para tomarem cuidado, ou

vão acabar se ajoelhando para pedir o perdão de Elaida.

Era tudo. Nada de assinatura. Ainda sob a ameaça? Aquilo sugeria que isso não era nenhuma novidade e, de alguma forma, não combinava com elas serem capturadas pelos rebeldes. Não, essa era a pergunta errada. Quem deixara o recado? Obviamente alguém que achava que não podia apenas entregá-lo. Quem tivera essa chance desde que ele vestira o casaco, naquela manhã? O papel não estava ali naquela hora, com certeza. Alguém que estivera bem perto dele. Alguém... Do nada, ele se viu cantarolando um trequinho de Ela Deslumbra Meus Olhos e Ofusca Minha Mente. Ali, a melodia tinha uma letra diferente. Chamavam de De Cabeça Para Baixo e Andando em Círculos. Só podiam ser Teslyn ou Joline, e isso era impossível.

— Más notícias, Milorde? — quis saber a Senhora Anan.

Mat enfiou o bilhete no bolso.

— Algum homem algum dia consegue entender as mulheres? E eu não me refiro só às Aes Sedai? Qualquer mulher.

Jasfer rugiu, e só fez gargalhar mais alto quando a esposa lançou um olhar expressivo em sua direção. O olhar que a mulher dirigiu a Mat teria deixado qualquer Aes Sedai envergonhada da serenidade perfeita.

— Seria bem fácil para os homens, Milorde, basta que simplesmente observassem ou escutassem. Tarefa difícil é a nossa, das mulheres, que temos que dar um jeito de entender os homens. — Jasfer se segurou no caixilho da porta, as lágrimas escorrendo pelo rosto escuro. A Senhora Anan olhou para ele de soslaio, enviesando a cabeça, então se virou, pura calma e tranquilidade... e deu um soco com tanta força abaixo das costelas que os joelhos dele se dobraram. Sem cessar, a gargalhada adquiriu um chiado. — Há um ditado em Ebou Dar, Milorde — disse para Mat, por cima

do ombro. — “Um homem é um labirinto de espinheiros no escuro, e nem ele sabe o caminho”.

Mat bufou. Bela ajuda, ela era. Bem, Teslyn, Joline ou quem fosse — devia ter sido outra pessoa, se pelo menos ele conseguisse pensar quem —, a Torre Branca ficava bem longe. Jaichim Carridin estava ali. Mat franziu o cenho para os dois cadáveres. E tinha sido o mesmo com centenas de outros patifes. Daria um jeito de levar aquelas duas mulheres embora de Ebou Dar em segurança. O problema era que não tinha a menor ideia de como. Gostaria que aqueles malditos dados parassem, e ponto final.

* * *

Os aposentos que Joline compartilhava com Teslyn eram bastante espaçosos, incluindo um dormitório para cada uma, e mais outro para cada uma de suas criadas, e outro que teria servido muito bem para Blaeric e Fen, se Teslyn tivesse sido capaz de suportar que elas ficassem com os Guardiões. A mulher via todo e qualquer homem como um lobo raivoso, e não havia como convencê-la do contrário quando ela queria muito alguma coisa. Tão inexorável quanto Elaida, derrubava o que quer que aparecesse em seu caminho. Elas eram iguais de todas as formas possíveis, certamente, mas não eram muitas as que conseguiam levar a melhor sobre Teslyn sem ter alguma vantagem clara. Quando Joline entrou, ela estava na escrivaninha da sala de estar, a caneta fazendo um rec-rec horroroso. Era sempre parcimoniosa com a tinta.

Sem dizer uma palavra, Joline passou por ela e foi até a varanda, uma gaiola comprida de ferro pintada de branco. Os arabescos eram tão compactos que os homens trabalhando no jardim três andares abaixo teriam dificuldades para enxergar que havia alguém ali. Naquela região, as flores

costumavam prosperar no calor, uma explosão de cores para eclipsar o interior do palácio, mas nada florescia ali embaixo. Jardineiros se deslocavam pelos passeios de cascalho com baldes de água, mas, ainda assim, quase todas as folhas eram amarelas ou marrons. Ela não teria admitido nem sob tortura, mas o calor a deixava com medo. O Tenebroso estava tocando o mundo, e a única esperança de todos era um garoto que estava enlouquecendo.

— Pão e água? — perguntou Teslyn, de repente. — Mandar o garoto Cauthon para a Torre? Se, no caso, houver de fato alguma mudança no que planejamos, você por favor me informe antes de falar para as outras.

Joline sentiu uma pontada de calor nas bochechas.

— Merilille precisava ser afastada. Ela lecionou quando eu era noviça. Teslyn também, uma professora severa que dava aulas com punhos de ferro. Só sua maneira de falar já era um lembrete, um aviso claro para ninguém se opor a ela, sendo uma igual ou não. Merilille, contudo, se punha mais abaixo. — Ela nos obrigava a ficar na frente da turma, então cavoucava e cavoucava a resposta que queria até que estivéssemos lá, na frente de todo mundo, chorando de frustração. Ela fingia ter compaixão, ou talvez até tivesse, mas quanto ela mais dava tapinhas nas nossas costas e dizia para não chorarmos, pior era.

Parou de falar de repente. Não pretendera dizer tudo aquilo. A culpa era de Teslyn, sempre olhando como se Joline estivesse prestes a ser repreendida por uma mancha no vestido. Mas deveria entender, já que também fora aluna de Merilille.

— Você ainda lembra disso, depois de todo esse tempo? — A voz de Teslyn estava tingida pela mais absoluta incredulidade. — As irmãs que nos deram aulas, no caso, só cumpriam com sua obrigação. No caso, às vezes eu acho mesmo que aquilo que Elaida fala de vocês é verdade.

O rec-rec irritante recomeçou.

— É que... isso só me veio à mente quando Merilille começou a agir como se fosse mesmo uma embaixadora. — Em vez de uma rebelde. Joline franziu o cenho para o jardim. Desprezava cada uma daquelas mulheres que tinham cindido a Torre Branca e ainda alardeavam a ruptura para o mundo inteiro. Elas e qualquer um que as ajudasse. Mas Elaida também tinha errado, e horrivelmente. Já não seria preciso muito esforço para recuperar as irmãs que tinham se rebelado. — O que ela falou de mim? Teslyn? — O barulho da caneta prosseguia, como unhas raspando numa lousa. Joline entrou de volta. — O que Elaida falou?

Teslyn pôs outra folha em cima da carta, ou para secá-la ou para protegê-la dos olhos de Joline, mas não respondeu de imediato. Primeiro, fez cara feia para Joline — ou talvez tenha sido só o olhar de sempre, o que, no caso dela, às vezes era difícil dizer —, então soltou um suspiro, antes de responder:

— Muito bem. Se quer mesmo saber. Ela, no caso, disse que você ainda é sim uma criança.

— Uma criança? — O choque de Joline não surtiu efeito em Teslyn.

— Algumas mudam mesmo pouco desde o dia em que colocam o branco das noviças — ponderou Teslyn com calma. — Outras, no caso, parece que mudam nada. Elaida acredita que você nunca cresceu e nem vai.

Joline balançou a cabeça, irritada, sem se permitir falar. Ouvir aquilo de alguém cuja mãe fora criança quando ela própria adquirira o xale! Elaida fora mimada demais quando noviça, elogiada demais pela força e pela velocidade notável com que aprendia. Joline suspeitava que era por isso que estava tão furiosa com essa história de Elayne, de Egwene e da bravia Nynaeve: porque eram mais fortes que ela, porque tinham passado bem menos tempo como noviças e porque pouco importava que tivessem sido

avançadas rápido demais. Ora, Nynaeve nem chegara a ser noviça, e isso era completamente inédito.

— No caso, já que você mesma tocou no assunto — prosseguiu Teslyn —, talvez devêssemos tentar tirar proveito da situação.

— Como assim? — Abraçando a Fonte Verdadeira, Joline canalizou Ar para levantar o jarro de prata na mesa de canto incrustada com turquesas e encher de ponche um cálice de prata. Como sempre, a alegria de abraçar saidar a eletrizou, trazendo um misto de alívio e euforia.

— No caso, seria de se imaginar que é mesmo óbvio. As ordens de Elaida ainda valem, sim. Elayne e Nynaeve devem ser levadas de volta para a Torre assim que forem encontradas. Eu, no caso, concordei em esperar, mas talvez devêssemos parar de esperar. Pena que, no caso, a garota al’Vere se separou delas. Mas duas vão nos colocar de novo em alta conta com Elaida, e, se pudermos incluir o menino Cauthon... No caso, acho que esses três vão fazer com que ela nos receba tão bem quanto se tivéssemos levado o próprio al’Thor. E essa Aviendha vai dar uma bela noviça, bravia ou não.

O cálice flutuou pelo Ar até a mão de Joline, e ela soltou o Poder com relutância. Nunca perdera o ardor que sentira na primeira vez em que tocara a Fonte. O ponche de melão era um péssimo substituto para *saidar*. A pior parte da penitência antes de deixar a Torre tinha sido perder o direito de tocar saidar. Quase a pior parte. Ela própria definira a pena, mas Elaida deixara claro que, se Joline não fosse severa, ela mesma seria. E Joline não tinha dúvidas de que, nesse caso, o resultado teria sido bem pior.

— Em alta conta? Teslyn, ela nos humilhou só para demonstrar às outras que podia. Ela nos mandou para este buraco infestado de moscas, o mais longe possível de tudo que é importante, quase do outro lado do Oceano de Aryth, como embaixadoras para uma rainha com menos poder que quase todos os seus próprios nobres, sendo que qualquer um deles poderia lhe

roubar o trono amanhã mesmo, caso alguém os convencesse. E você quer adular Elaída para voltar a cair nas graças dela?

— Ela, no caso, é o Trono de Amyrlin. — Teslyn tocou a carta coberta por uma página, movendo as folhas um pouco para cá e um pouco para lá, como se cercasse os próprios pensamentos. — Nosso tempo de silêncio, no caso, a fez perceber que somos diferentes das cadelinhas dela, mas estender esse silêncio por tempo demais poderia ser interpretado como traição.

Joline fungou.

— Ridículo! Quando forem levadas para a torre, vão simplesmente ser punidas pela fuga, e ainda mais por fingirem ser irmãs plenas. — Ela estreitou os lábios. Ambas eram culpadas, bem como quem lhes dera permissão para agir daquela maneira, mas fazia muita diferença o fato de uma delas ter reivindicado sua própria Ajah. Na hora em que a Ajah Verde terminasse com sua punição com Elayne, uma jovem bastante castigada assumiria o trono de Andor. Embora talvez fosse melhor Elayne primeiro assegurar o Trono do Leão. Seu treinamento precisava ser terminado, de um jeito ou de outro. Joline não pretendia permitir que a Torre perdesse a Filha-herdeira, não importava o que ela tivesse feito.

— E, no caso, além disso ainda se juntaram às rebeldes.

— Luz, Teslyn, elas devem ter sido levadas como as garotas que as rebeldes arrastaram da Torre. Será que faz mesmo alguma diferença essas aí começarem a limpar as estrebarias amanhã ou só no ano que vem? — O que com certeza era o máximo que as noviças e Aceitas que tinham ido com as rebeldes teriam que encarar. — Até as Ajahs mal podem esperar para botar as mãos nelas. Não é como se não estivessem seguras. Elas são Aceitas, afinal, e com certeza parecem contentes de ficar num lugar onde podemos entrar em contato sempre que quisermos. Estou dizendo: vamos ficar aqui,

onde Elaida nos mandou ficar, e vamos continuar de mãos atadas e segurando a língua até ela pedir direito para saber o que estamos fazendo.

Não disse que estava preparada para esperar até que Elaida fosse deposta, como acontecera com Siuan. O Salão decerto não aguentaria as fanfarronices e mancadas de Elaida para sempre, mas Teslyn era Vermelha, afinal, e não gostaria de ouvir aquilo.

— Suponho que, no caso, falte qualquer urgência — disse Teslyn, hesitante, o “mas” não dito praticamente gritando.

Com outro fluxo de Ar, Joline arrastou uma cadeira de pés redondos até a mesa e se concentrou em convencer a companheira de que o silêncio continuava sendo a melhor política. Ainda era uma criança, era? Se as coisas saíssem como queria, Elaida só teria notícias de Ebou Dar quando implorasse.

* * *

A mulher em cima da mesa se arqueou o máximo que as amarras permitiam, os olhos saltados, a garganta tomada por um grito penetrante que jamais cessava. Abruptamente, o grito passou a um som de raspagem barulhento e de engasgo, e ela convulsionou, tremendo dos pulsos aos tornozelos, até que desmaiou e caiu em silêncio. Olhos arregalados encaravam, cegos, o teto cheio de teias de aranha do porão.

Dar vazão a palavrões era irracional, mas Falion poderia ter soltado tantos impropérios quanto qualquer cavaliço. Não era a primeira vez que desejava que Temaile estivesse ali, e não Ispan. Temaile fazia as perguntas serem respondidas com vontade, e ninguém morria até que ela tivesse acabado. Claro que Temaile apreciava além da conta aquele trabalho, mas o ponto não era esse.

Canalizando uma vez mais, Falion apanhou as roupas da mulher do chão imundo e largou-as em cima do corpo. O cinto de couro vermelho caiu, e ela o pegou com as próprias mãos e o devolveu para a pilha. Talvez devesse ter usado outros métodos, mas correias, pinças e ferros quentes faziam tanta... sujeira.

— Deixem o corpo em alguma viela por aí. Rasguem a garganta para parecer que ela foi roubada. Podem ficar com as moedas da bolsa dela.

Os dois homens agachados sobre os calcanhares e encostados na parede de pedra se entreolharam. Pela aparência, Arnin e Nad poderiam ser irmãos, ambos com cabelo preto, olhos arredondados, cicatrizes e mais músculos do que três homens podiam precisar, mas com cérebro suficiente para cumprir ordens simples. Via de regra.

— Perdão, senhora — disse Arnin, hesitante —, mas ninguém vai acreditar...

— Façam o que eu mandei! — irrompeu ela, canalizando para levantá-lo do chão e arremessá-lo contra as pedras. A cabeça do homem ricocheteou, mas aquilo, por certo, não tinha como lhe causar dano.

Nad correu até a mesa, balbuciando:

— Sim, senhora. Como ordenar.

Quando soltou Arnin, ele não balbuciou nada, mas foi cambaleando sem mais objeções para ajudar a recolher o corpo, como se fosse lixo, e levá-lo dali. Bem, àquela altura, de fato não passava de lixo. Falion se arrependeu do rompante. Deixar o gênio tomar o controle era irracional. Algumas vezes, no entanto, parecia até ser eficaz. Depois de todos aqueles anos, isso ainda a surpreendia.

— Ah, ela não vai gostar nada disso, Moghedien — disse Ispan, assim que os homens saíram.

As contas azuis e verdes trabalhadas nas muitas trancinhas pretas estalavam quando ela mexia a cabeça. A mulher permanecera o tempo inteiro à sombra, num canto, com uma pequena barreira que Falion tecera para que ela não tivesse como escutar.

Falion conseguiu não olhar feio para Ispan, que era a última companhia que teria escolhido. A mulher era Azul, ou pelo menos fora. Talvez ainda fosse. Falion não se via nem um pouco menos da Ajah Branca só porque aderira à Negra. As Azuis eram excessivamente fervorosas, trançando com emoção coisas que deveriam ser encaradas de maneira absolutamente desapaixorada. Rianna, outra Branca, teria sido sua escolha, mesmo que de fato tivesse ideias estranhas e doentias a respeito de várias questões lógicas.

— Moghedien se esqueceu de nós, Ispan. Ou você recebeu alguma mensagem privada? Em todo caso, estou convencida de que esse tal esconderijo não existe.

— Ah, ela diz que existe, Moghedien. — Ispan iniciou a frase com firmeza, mas sua voz foi ficando cada vez mais cálida. — Um estoque de *angreal*, *sa'angreal* e *ter'angreal*. Nós vamos ficar com uma parte. *Angreal* só nossos, Falion. Quem sabe até *sa'angreal*. Ela prometeu.

— Moghedien estava errada. — Falion observou o estupor arregalar os olhos da companheira.

Os Escolhidos eram só pessoas. Essa lição também fora um choque para a própria Falion, mas havia quem se recusasse a aprendê-la. Os Escolhidos eram muitíssimo mais fortes, infinitamente mais versados, e era bem possível que já tivessem recebido a imortalidade como recompensa, mas todas as evidências diziam que tramavam e lutavam uns contra os outros com tanta intensidade quanto dois murandianos brigando por um cobertor. O estupor de Ispan logo deu lugar à raiva:

— Tem outras pessoas procurando. Estariam procurando por nada? Tem Amigos da Escuridão procurando. Devem ter sido enviados por outros Escolhidos. Se os Escolhidos procuram, você ainda assim ousa dizer que não há nada?

Ela não iria entender. Se uma coisa não tinha como ser encontrada, a razão mais óbvia era que não existia.

Falion aguardou. Ispan não era estúpida, só facilmente impressionável, e Falion acreditava mesmo em deixar as pessoas aprenderem sozinhas tudo o que já deveriam ter em sua consciência. Mentes preguiçosas precisavam ser exercitadas.

Ispan andou de um lado a outro, farfalhando as saias e franzindo o cenho para a poeira e as teias velhas.

— Este lugar fede. E é imundo! — Ela estremeceu ao ver uma barata grande subindo depressa pela parede. O brilho a envolveu por um momento, e um fluxo esmagou o inseto com um estalo. Fazendo cara feia, Ispan limpou as mãos nas saias, como se tivesse usado as palmas, não o Poder. A mulher tinha um estômago delicado, embora isso não atrapalhasse quando ela conseguia se retirar da ação em curso. — Não vou relatar a falha para nenhum dos Escolhidos, Falion. Ela nos faria ter inveja de Liandrin, sim?

Falion não chegou a estremecer. O que fez, no entanto, foi atravessar o porão e se servir de um copo de ponche de ameixa. As ameixas estavam passadas, e o ponche estava doce demais, mas suas mãos se mantiveram firmes. Sentir medo de Moghedien era perfeitamente sensato, mas sucumbir ao medo, não. Talvez a mulher estivesse morta. Se não, com certeza já teria convocado as duas, ou tornado a levá-las dormindo para *Tel'aran'rhiod*, para explicarem por que ainda não tinham cumprido suas ordens. Bem, até verem o corpo, a única opção lógica era continuarem como se Moghedien fosse aparecer a qualquer momento.

— Tem um jeito.

— Qual? Interrogar todas as Sapiências de Ebou Dar? Quantas devem ser? Cem? Duzentas, quem sabe? As irmãs do Palácio Tarasin perceberiam, eu acho.

— Esqueça seus sonhos de ter um *sa'angreal*, Ispan. Não tem nenhum depósito secreto, nenhum porão escondido debaixo de algum palácio. — Falion falava numa voz tranquila e ponderada, talvez mais ponderada conforme Ispan ia se agitando. Sempre sentira prazer em hipnotizar uma turma de noviças só com a voz. — Quase todas as Sapiências são bravias, e é pouco provável que saibam o que queremos descobrir. Nenhuma bravia nunca foi encontrada de posse de um *angreal*, muito menos um *sa'angreal*, e com certeza teriam sido encontradas. Muito pelo contrário, segundo todos os registros, bravias que descobrem qualquer objeto ligado ao Poder tendem a se livrar da coisa o mais rápido possível, por medo de atrair a ira da Torre Branca. Mulheres expulsas da Torre, por outro lado, não parecem ter o mesmo medo. Como você bem sabe, quando são examinadas antes de ir embora, uma em três tende a tentar levar algo escondido, um verdadeiro objeto do Poder ou algo que ela acredite ser um. Entre as poucas Sapiências que se qualificam no momento, Callie era a escolha perfeita. Quando a expulsaram, quatro anos atrás, ela tentou roubar um *ter'angreal* pequeno, um troço inútil que cria imagens de flores e som de cachoeira, mas, ainda assim, um objeto ligado a *saidar*. E ela tentou descobrir os segredos de todas as outras noviças, e acabou quase sempre bem-sucedida. Se houvesse um único *angreal* em Ebou Dar, sem falar de um imenso depósito, acha mesmo que ela estaria aqui há quatro anos sem ter encontrado?

— Sabe, eu também uso o xale, Falion — rebateu Ispan, com extraordinária aspereza. — E eu também sei de tudo isso tão bem quanto você. Mas você disse que tinha outro jeito. Qual?

A mulher simplesmente se recusava a usar o cérebro.

— O que deixaria Moghedien tão contente quanto o esconderijo? — Ispan só fez olhar para ela, batendo o pé. — Nynaeve al'Meara, Ispan. Moghedien nos abandonou para ir atrás dessa mulher, mas é óbvio que, de alguma forma, ela escapou. Se entregássemos Nynaeve e também aquela garota Trakand para Moghedien, ela nos perdoaria até por cem *sa'angreal*.

Uma demonstração clara de que os Escolhidos podiam ser irracionais, claro. Óbvio que era melhor tomar todo o cuidado com aqueles que eram tanto irracionais quanto mais poderosos que ela. Não era o caso de Ispan.

— Deveríamos ter matado aquela mulher na primeira vez em que ela apareceu, como eu queria — cuspiu Ispan, balançando as mãos e andando de um lado para o outro, esmigalhando a sujeira ruidosamente debaixo das sandálias. — Sim, sim, eu sei. As nossas irmãs no palácio poderiam ter começado a suspeitar. Não queremos atrair sua atenção. Mas você já se esqueceu de Tanchico? E de Tear? Em todo lugar onde aquelas duas aparecem, o desastre vem, sim? No meu caso, acho que, se não podemos matar as duas, melhor ficarmos o mais longe possível de Nynaeve al'Meara e Elayne Trakand. O mais longe possível!

— Acalme-se, Ispan. Acalme-se. — O tom tranquilizador só pareceu agitar ainda mais a Azul, se muito, mas Falion estava confiante. A lógica devia prevalecer sobre a emoção.

* * *

Sentado num barril tombado no frescor esparso de uma viela estreita e sombreada, ele analisava a casa do outro lado da rua movimentada. De repente, percebeu que estava tocando de novo na cabeça. Não era bem dor a

sensação em sua cabeça, mas às vezes era... peculiar. Ainda mais quando pensava no que não conseguia lembrar.

A casa, uma construção de três andares de reboco branco, pertencia a uma ourives que, supostamente, estava recebendo a visita de duas amigas que conhecera alguns anos antes, numa jornada para o Norte. As amigas só tinham sido vistas ao chegar e nunca mais. Descobrir isso tinha sido fácil, mas fora um pouquinho mais fácil descobrir que eram Aes Sedai.

Um jovem esguio de colete rasgado que descia a rua assobiando sem nenhuma boa intenção na cabeça fez uma pausa quando o avistou sentado no barril. Seu casaco e sua localização à sombra — e todo o resto dele, teve que admitir, com pesar — deviam parecer tentadores. Enfiou a mão no casaco. As mãos já não tinham mais força ou flexibilidade para o manejo de espadas, mas as duas facas compridas que carregara por bem mais de trinta anos tinham surpreendido mais de um espadachim. Talvez seus olhos tenham transmitido algo dessa habilidade, já que o jovem magrelo pensou melhor e seguiu seu caminho, ainda assobiando.

Ao lado da casa, o portão que levava ao estábulo da ourives se abriu, e que dois homens robustos saíram empurrando um carrinho de mão com uma pilha bem alta de palha suja e esterco. O que estariam fazendo? Arnin e Nad não eram gente que limpava estábulos.

Decidiu que ficaria ali até escurecer, depois veria se conseguiria a encontrar quem assassinara Carridin.

Mais uma vez, tirou a mão da cabeça. Mais cedo ou mais tarde lembraria. Não tinha tanto tempo sobrando, mas era a única coisa que ainda lhe restava. Disso, ele se lembrava.



CAPÍTULO 18



QUANDO O ARADO QUEBRA A TERRA

Agarrando *saidin* apenas por tempo o bastante para desfazer o selo de proteção que urdira de um lado da antessala, Rand ergueu a pequena caneca de prata.

— Mais chá.

Lews Therin resmungou, irritado, no cantinho de sua cabeça.

De cada lado do Sol Nascente dourado de duas passadas de largura estampado no chão de pedra polida havia um par de cadeiras pesadas com entalhes de ouro; outra cadeira alta, tão dourada que parecia toda de ouro, estava posicionada sobre um pequeno palanque igualmente elaborado, mas Rand sentara-se de pernas cruzadas em um carpete estirado para a ocasião, estampado com um labirinto tairano em verde, dourado e azul. Os três chefes de clã sentados diante dele teriam se incomodado se ele os recebesse em uma cadeira, mesmo que também lhes fosse oferecida uma. Eram outro labirinto, um que precisava ser trilhado com cautela. Rand estava de camisa, as mangas puxadas por sobre os antebraços para expor os Dragões vermelhos e dourado enroscados, cintilando com um brilho metálico. Os Dragões dos homens de Aiel estavam cobertos pelos *cadin'sor*, mas ficavam só no braço esquerdo. Talvez o lembrete de quem ele era — e de que também estivera em Rhuidean quando a jornada significava morte para

a maioria dos homens que lá adentrava — fosse desnecessário. Mas só talvez.

Os três semblantes pouco cederam enquanto observavam Merana vindo do canto de onde ela estava. O rosto enrugado de Janwin poderia ter sido entalhado em madeira velha, mas o homem sempre tinha essa expressão, e os olhos azuis acinzentados pareciam carregados de raiva, o que também era sempre assim. Até o cabelo parecia se prender em nuvens de tormento. Janwiin, contudo, era um homem de temperamento equilibrado. Indirian e o caolho Mandelain podiam estar pensando em outra coisa, mas seus olhos acompanhavam Merana sem piscar. Lews Therin de súbito se calou, como se também observasse através dos olhos de Rand.

O rosto de Merana, de feições indefinidas, revelava ainda menos que os dos chefes de clã. Alisando as saias cinza-claro, ela se ajoelhou junto a Rand e ergueu o bule. A mulher precisava das duas mãos para manejar aquela imensa bola de prata banhada a ouro e com leopardos esculpidos no lugar dos pés e da asa e um terceiro curvado na tampa, e os dedos tremeram um pouco quando ela encheu com cuidado a caneca de Rand. Sua conduta indicava que fazia isso por vontade própria, por razões particulares que ninguém ali podia sequer começar a tentar compreender; seus modos gritavam Aes Sedai, mais alto que o rosto. Aquilo era para ser bom ou ruim?

— Não deixo que elas canalizem sem permissão — explicou.

Os chefes de clã permaneceram em silêncio. Merana se levantou, então ajoelhou-se perto de um de cada vez. Mandelain cobriu a caneca com a mão larga, indicando que não queria mais. Os outros dois estenderam as canecas, olhos azuis-acinzentados e verdes analisando-a da mesma forma. O que enxergavam? O que mais ele podia fazer?

A mulher reacomodou o bule pesado na bandeja robusta com alças de leopardo, ainda ajoelhada.

— Posso servir milorde Dragão de alguma outra forma?

Sua voz era o retrato da calma. Rand gesticulou para que ela voltasse a ficar no canto, e Merana se levantou e deu meia-volta, então as mãos magras agarraram as saias por um instante. Talvez tivesse sido porque, ao se virar, deu de cara com Dashiva e Narishma. Os dois Asha'man — embora Narishma ainda fosse apenas um soldado, o nível mais baixo de Asha'man, sem espada nem Dragão na gola — permaneciam impassíveis entre dois espelhos compridos de moldura dourada que estavam pendurados na parede. O mais jovem, pelo menos, só parecia impassível ao primeiro olhar. Com os polegares enfiados atrás do cinturão, ignorava Merana e não dava muita atenção a Rand e aos homens Aiel, mas um olhar mais atento revelava que seus olhos grandes e escuros não relaxavam, como se esperasse que o inesperado desse um bote a qualquer momento. E quem não daria razão a ele? Dashiva parecia ter a cabeça nas nuvens; remexia os lábios sem emitir som, piscava os olhos e franzia o cenho para o nada.

Lews Therin soltou um rosnado quando Rand olhou para os Asha'man, mas era Merana quem ocupava os pensamentos do homem morto em sua cabeça. *Só um tolo acredita que um leão ou uma mulher podem ser domados.*

Irritado, Rand abafou a voz a um zumbido. Lews Therin ainda podia avançar, mas não sem esforço. Agarrando *saidin*, tornou a urdir o selo de proteção que bloqueava suas vozes para Merana. Soltar a Fonte outra vez fez crescer a irritação, o sibilo em sua cabeça, as gotas d'água na brasa vermelha. Um eco pulsando no ritmo da ira de Lews Therin, distante e exasperada.

Merana permanecia atrás da barreira, incapaz de vê-la ou senti-la, a cabeça erguida e as mãos cruzadas na cintura, como se tivesse um xale enroscado nos braços. Uma Aes Sedai dos pés à cabeça. Ela o encarava com os frios olhos castanho-claros salpicados de amarelo e também olhava os chefes de clã. *Minhas irmãs não percebem o quanto precisamos de você*, dissera a ele, naquela manhã, naquela mesma sala, *mas todas que juramos faremos tudo o que você pedir, desde que não viole os Três Juramentos*. Rand tinha acabado de acordar quando Sorilea chegou, escoltando-a. Nenhuma das duas parecia se importar com o fato de que ele ainda estava de robe e que comera só um pedaço do pão do café da manhã. *Eu sou mais do que talentosa em negociação e mediação. Minhas irmãs têm outras habilidades. Aceite nosso serviço, como juramos fazer. Aceite o meu serviço. Precisamos de você, mas você também precisa um tanto de nós*.

Sempre presente, Alanna permanecia encolhida em um canto da sua mente. Estava chorando outra vez. Rand não conseguia entender por que ela chorava tanto. Proibira ela de se aproximar sem ser convocada ou de sair de seus aposentos sem uma escolta de Donzelas — na noite anterior, as irmãs que juraram fidelidade a ele tinham recebido quartos no Palácio, onde podia ficar de olho nelas —, mas sentira o choro desde o instante em que Alanna estabelecera o elo, um choro e uma tristeza dura, como se dilacerada por garras. Às vezes menos, às vezes mais, porém sempre presente. Alanna também dissera que ele precisava das irmãs, chegara a ponto de gritar com ele, o rosto vermelho, com lágrimas escorrendo pelas bochechas, antes de literalmente sair correndo. Também falara em servir, embora ele duvidasse que as tarefas atuais de Merana fossem o que tinham em mente. Talvez algum uniforme deixasse tudo mais claro?

Os chefes de clã observavam enquanto Merana os encarava. Nem o menor tremor de cílios traía seus pensamentos.

— As Sábias explicaram a situação das Aes Sedai a vocês — declarou Rand, sem rodeios. Sorilea tinha dito que eles sabiam, mas o fato já teria ficado claro pela falta de surpresa que demonstraram ao ver Merana servindo e se ajoelhando. — Vocês a viram trazer a bandeja e servir seu chá. Vocês a viram ir e vir conforme as minhas ordens. Se quiserem, mando que ela dance uma jiga.

Convencer os Aiel de que não estava preso pela coleira das Aes Sedai era o mais importante que qualquer uma das irmãs poderia fazer por ele no momento. Poria todas para dançar jiga, se fosse preciso.

Mandelain ajeitou o tapa-olho cinza-esverdeado sobre o olho direito, da maneira como fazia quando precisava de um instante para pensar. Uma cicatriz grossa e enrugada corria pela testa por detrás do pedaço de couro, cobrindo metade da cabeça quase calva. Quando ele enfim se pronunciou, foi apenas com um pouco menos de franqueza que Rand:

— Dizem que as Aes Sedai fazem qualquer coisa para conseguir o que querem.

Indirian baixou as sobrancelhas grossas e brancas e espiou o chá por sobre o nariz comprido. Por mais que tivesse a estatura média de um Aiel, era meia mão mais baixo que Rand; ainda assim, tudo nele parecia comprido. O calor do Deserto parecia ter derretido em seu corpo toda a sobra de carne e um pouco mais. Os ossos da face eram proeminentes, e os olhos mais pareciam duas esmeraldas cravadas nas órbitas.

— Não gosto de falar de Aes Sedai. — Sua voz grossa e sonora era sempre um choque, saindo daquele rosto encovado. — O que está feito, está feito. Deixe que as Sábias lidem com elas.

— Melhor falar dos cães Shaido — concordou Janwin, com brandura. O que era quase igualmente um choque, vindo daquele semblante ameaçador. — Daqui a alguns meses, menos de meio ano, no máximo, cada Shaido que

puder morrer, estará morto... ou será *gai'shain*. — A voz suave não significava que o homem era ameno. Os outros dois assentiram; e Mandelain abriu um sorriso ansioso.

Mas ainda não pareciam convencidos. Tinham usado os Shaido como motivo declarado daquela reunião, e o assunto não era menos importante só por não ser de fato a principal questão a ser resolvida. A questão também tinha sua urgência — os Shaido já estavam causando problemas havia muito tempo —, mas não tinham o mesmo nível de importância das Aes Sedai. Ainda assim, traziam problemas. Três clãs que se juntassem aos Miágoma de Timolan, já perto da Adaga do Fratricida, poderiam muito bem conseguir o que Janwin estava propondo, mas havia quem não poderia se tornar *gai'shain* ou ser morto. Algumas dessas pessoas eram mais importantes que outros.

— E as Sábias? — perguntou.

Por um instante as expressões dos três homens Aiel ficaram indecifráveis; nem as Aes Sedai conseguiam fazer aquilo tão bem quanto os Aiel. A presença do Poder Único não os assustava, pelo menos não era o que aparentava; ninguém podia escapar da morte, segundo a crença Aiel, e nem a fúria de cem Aes Sedai convenceriam um único Aiel baixar o véu, depois que estivesse erguido. Mas saber que as Sábias tinham tomado parte na batalha dos Poços de Dumai os afetara como se tivessem visto sol nascer à noite e a lua de dia, num céu vermelho-sangue.

— Sarinde me diz que quase todas as Sábias vão correr com os *algai'd'siswai* — disse Indirian, por fim, relutante. Sarinde era a Sábua que o seguia desde Nascentes Vermelhas, a fortaleza do clã de Codarra. Bem, “seguira” talvez não fosse a palavra certa; as Sábias raramente *seguiram* alguém. De todo modo, a maioria das Sábias dos Codarra, dos Shiande e

dos Daryne rumariam para norte com as lanças. — Quem vai... lidar com as Sábias dos Shaido vão ser... as Sábias. — Ele contorceu a boca, enojado.

— Tudo muda. — A voz de Janwin saiu ainda mais branda que o habitual. O homem acreditava naquilo, mesmo a contragosto. Sábias tomando parte em batalhas era uma violação de costumes tão antigos quanto os Aiel.

Mandelain botou a caneca na mesa com cuidado exagerado.

— Corehuin espera ver Jair outra vez antes que o sonho termine, assim como eu. — Tal qual Bael e Rhuarc, Mandelain tinha duas esposas; os outros chefes tinham apenas uma cada, à exceção de Timolan, mas um chefe raramente permanecia viúvo por muito tempo. Se não resolvesse o problema sozinho, as Sábias resolviam. — Será que algum de nós voltará a ver o sol nascer na Terra da Trindade?

— Espero que sim — respondeu Rand, hesitante.

Quando o arado quebra a terra, quebra também as vidas dos homens, e tudo o que era será consumido sob o fogo de seus olhos. As trombetas da guerra soarão com seus passos, os corvos se alimentarão de sua voz, e ele usará uma coroa de espadas. As Profecias do Dragão davam pouca esperança de qualquer coisa que não a vitória de uma guerra contra o Tenebroso, e ainda com pouca chance. A Profecia de Rhuidean, a Profecia Aiel, dizia que ele os destruiria. A desolação varria os clãs por culpa dele, e os antigos costumes estavam sendo destruídos. Mesmo sem as Aes Sedai, não era de se surpreender que alguns chefes estivessem incertos sobre acompanhar Rand al'Thor, Dragões nos braços ou não.

— Espero que sim — repetiu.

— Que você sempre encontre água e sombra, Rand al'Thor — disse Indirian.

Depois que os três saíram, Rand ficou sentado, encarando a caneca de cara fechada, sem encontrar respostas no chá escuro. Por fim, acomodou o chá junto à bandeja e baixou as mangas da camisa. Merana mantinha o olhar fixo nele, como se tentasse arrancar as ideias de sua cabeça. Também guardava um toque de impaciência. Rand a mandara ficar no canto até voltar a poder ouvir vozes. Sem dúvida ela não via motivo para não sair, agora que os chefes dos clãs tinham se retirado. Sair e desencavar o que tinha sido dito.

— Acha que eles acreditam que sou marionete das Aes Sedai? — perguntou Rand.

O jovem Narishma levou um susto. Na verdade, era um pouco mais velho que Rand, mas parecia um moleque cinco ou seis anos mais novo. Ele olhou para Merana, como se a mulher tivesse a resposta, então endireitou os ombros, incomodado.

— Eu... Eu não sei, milorde Dragão.

Dashiva piscou os olhos e parou de resmungar sozinho. Inclinando a cabeça feito um pássaro, olhou Rand de esguelha.

— E interessa, contanto que obedeçam?

— Interessa — respondeu Rand.

Dashiva deu de ombros, e Narishma franziu o sobrolho, pensativo; nenhum dos dois parecia compreender, embora Narishma talvez viesse a conseguir.

Atrás do palanque do trono havia um amontoado de mapas no chão de pedra, enrolados, dobrados ou espalhados onde Rand os deixara. Remexeu alguns com a ponta da bota. Tantos malabarismos de uma só vez... O norte de Cairhien, com as montanhas que chamavam de Adaga do Fratricida e as cercanias da cidade. Illian e as Planícies de Maredo para além de Far Madding. A ilha de Tar Valon e todas as cidades e aldeias adjacentes.

Ghealdan e parte de Amadícia. Movimento e cor em sua mente. Lews Therin choramingando e rindo ao longe, murmúrios fracos e insanos, falando em matar os Asha'man, matar os Abandonados. Em se matar. Alanna tinha parado de chorar, e a agonia pungente foi se abrandando, sob um fino fio de raiva. Rand passou a mão no cabelo, apertando os dedos com força contra as têmporas. Como era estar sozinho dentro do próprio crânio? Ele não se lembrava.

Uma das portas compridas se abriu, e entrou uma das Donzelas que estavam de vigia no corredor. Era Riallin, de cabeleira ruiva clara, sorrindo para tudo, até conseguindo parecer meio roliça. Para uma Donzela, pelo menos.

— Berelain sur Paendrag e Annoura Larisen desejam ver o Car'a'carn — anunciou. A voz foi de cálida e amistosa no primeiro nome a fria e impassível no segundo, mas sem que ela desmontasse o sorriso.

Rand suspirou e abriu a boca para permitir a entrada das duas, mas Berelain não esperou. A mulher irrompeu salão adentro com Annoura logo atrás, que parecia mais calma, de certa forma. A Aes Sedai recuou de leve ao ver Dashiva e Narishma e pareceu curiosa de ver Merana parada em um canto. Berelain, não tanto.

— O que significa isso, milorde Dragão? — inquiriu, brandindo a carta que Rand mandara lhe entregar naquela manhã. Berelain cruzou o recinto a passos firmes e foi sacudi-la debaixo do nariz dele. — Por que é que eu tenho de retornar para Mayene? Governei muito bem em seu nome, e você sabe disso. Não pude impedir a coroação de Colavaere, mas pelo menos impedi que alterasse suas leis. Por que estou sendo mandada embora? E por que fui informada por carta, e não pessoalmente? Por carta! Recebi um agradecimento por meus serviços e uma dispensa, como um caixeiro que acabou de recolher os impostos!

Mesmo furiosa, a Primeira de Mayene era uma das mulheres mais lindas que Rand já vira. Os cabelos pretos caíam pelos ombros em ondas brilhosas, emoldurando um rosto que deixaria até um cego embasbacado. Era muito fácil um homem se afogar naqueles olhos escuros. Berelain usava uma seda prateada e cintilante, justa e diáfana, mais apropriada para entreter um amante entre quatro paredes. A bem da verdade, se o decote fosse um tantinho mais baixo, ela não poderia usar o vestido em público. Do jeito que era, Rand já não tinha muita certeza. Dissera a si mesmo, quando escrevera aquela carta, que era porque tinha muito a fazer e não tinha tempo para discutir com ela. A verdade era que gostava até demais de olhar Berelain; por alguma razão, começara a sentir que era... não exatamente errado, mas quase.

Assim que a mulher apareceu, Lews Therin parou com o discurso inflamado e começou a murmurar baixinho, como fazia quando admirava uma mulher. De repente, Rand percebeu que estava puxando o lóbulo da orelha e sentiu um choque. Instintivamente, soube que era outra coisa que Lews Therin fazia sem pensar, feito os murmúrios. Pressionou a mão junto ao corpo, mas por um instante quis tornar a erguê-la até a orelha.

Que o queime, este corpo é meu! O pensamento saiu como um rosnado. *Meu!* Lews Therin parou de murmurar, espantado e confuso; sem fazer um som, o homem saiu em disparada, retornando para as profundezas sombrias do cérebro de Rand.

O silêncio de Rand surtiu efeito. Berelain baixou a carta, e sua raiva se abrandou. Um pouco. Com os olhos fixos nele, a mulher respirou fundo de uma maneira que fez as bochechas de Rand esquentarem.

— Milorde Dragão...

— Você sabe por quê — interrompeu. Manter o olhar nos olhos dela não era fácil. Estranhamente, Rand se viu desejando que Min estivesse ali.

Muito estranho. As visões dela em nada ajudariam naquele momento. — Quando você voltou daquele navio do Povo do Mar, hoje de manhã, havia um sujeito esperando no cais com uma faca.

Berelain jogou a cabeça para trás, cheia de desdém.

— Ele não se aproximou mais de três passos. Eu estava com uma escolta de homens da Guarda Alada e o Lorde Capitão Gallenne. — Nurelle tinha conduzido alguns homens da Guarda Alada até os Poços de Dumai, mas Gallenne liderava a Guarda como um todo. Tinham oitocentos homens na cidade, além dos que haviam retornado com Nurelle. — Você espera que eu saia fugida por conta de um larápio?

— Não se faça de idiota — rosnou Rand. — Um larápio, com uma escolta de soldados rodeando você?

Ela enrubesceu; pois muito bem, sabia. Rand não lhe deu chance de protestar, explicar ou qualquer outra bobagem.

— Dobraine contou que já ouviu um falatório no palácio de que você traiu Colavaere. Os que a apoiam até podem ter medo de falar comigo, mas pagarão para ter uma faca cravada em você. — E em Faile, segundo Dobraine, mas isso estava sendo resolvido. — Só que não terão chance, porque você vai voltar para Mayene. Dobraine vai assumir seu lugar aqui até Elayne tomar posse do Trono do Sol.

Berelain balbuciou, como se ele tivesse jogado água fria em seu vestido, arregalando os olhos de uma maneira perigosa. Rand ficara satisfeito quando a mulher perdera o medo dele, mas agora já não tinha tanta certeza. No instante em que Berelain abriu a boca para explodir, Annoura tocou-lhe o braço, e ela deu um tranco com a cabeça. As duas trocaram um olhar demorado, e o balbúcio de Berelain cessou. Ela alisou as saias e endireitou os ombros com vigor. Mais que depressa, Rand desviou o olhar.

Merana andava de lá para cá, nos limites do selo de proteção. Rand não sabia se ela já tinha ultrapassado a fronteira e depois recuado — de que outra forma poderia ficar bem na beirada de limites que não tinha condições de detectar? Quando Rand virou a cabeça, ela recuou até quase tocar as paredes, mas sem desviar o olhar. A julgar pela expressão em seu rosto, ela poderia lhe servir chá todos os dias durante dez anos em troca de poder ouvir o que estava sendo dito.

— Milorde Dragão — disse Berelain, com um sorriso —, resta ainda a questão dos Atha'an Miere. — Sua voz era cálida e melíflua; até uma pedra desejaria beijar a curva de seus lábios. — A Mestra das Ondas Harine não está nada satisfeita de ser tanto tempo largada sentada em seu navio. Eu já a visitei algumas vezes. Posso suavizar as dificuldades por lá, e creio que Lorde Dobraine dificilmente conseguiria o mesmo. Acredito que o Povo do Mar seja de suma importância para você, sendo ou não mencionados pelas Profecias do Dragão. Você é de suma importância para as profecias deles, mesmo que estejam relutantes em dizer exatamente como.

Rand a encarou. Por que Berelain estava se esforçando tanto para se manter num trabalho tão difícil e que suscitara poucas palavras de agradecimento dos cairhienos, mesmo antes de alguns começarem a querer matá-la? Ela era uma governante, acostumada a lidar com outros governantes e missões diplomáticas, não com assassinos na rua e facas no escuro. Cálida ou não, melíflua ou não, ninguém de fato desejava permanecer perto de Rand al'Thor. Berelain tinha... bem, ela se oferecera a ele uma vez... mas a dura verdade era que Mayene era uma nação pequena, e Berelain usava sua beleza da mesma forma que um homem usaria uma espada para defender sua terra e evitar que fosse assimilada por Tear, o país vizinho e mais poderoso. Então, simples assim, ele compreendeu.

— Berelain, não sei o que mais posso fazer para lhe garantir Mayene, mas vou redigir o que for...

As cores se embaralharam com tanta força em sua cabeça que a língua congelou. Lews Therin gargalhou. *Uma mulher que conhece o perigo e não o teme é um tesouro que só um louco rejeitaria.*

— Garantir... — O vazio engolfou a doçura, e a raiva tornou a borbulhar, desta vez fria. Annoura puxou a manga de Berelain, mas ela não deu atenção à Aes Sedai. — Enquanto fico lá em Mayene, sentada com suas garantias, outros vão servir você. Vão pedir recompensas, e o serviço que fiz aqui vai se esvanecer e ficar para trás, enquanto o deles estará fresco e novo. Se o Grão-lorde Weiramon lhe oferecer Illian e pedir Mayene em troca, o que é que vai dizer? Se lhe oferecer Murandy, Altara e tudo para além do Oceano de Aryth?

— Você vai se manter em meu serviço se isso significar ir embora? — perguntou Rand, baixinho. — Você pode sair da minha frente, mas não de meus pensamentos.

Lews Therin soltou outra risada, e de um tipo que Rand quase enrubesceu. Gostava de olhar, mas as coisas que Lews Therin às vezes pensava...

Berelain o avaliou com um olhar obstinado, e ele quase pôde ver as perguntas sendo elaboradas por trás dos olhos de Annoura, numa escolha cuidadosa de qual perguntar em voz alta.

A porta se abriu outra vez; era Riallin.

— Uma Aes Sedai veio ver o *Car'a'carn*. — Ela conseguia soar fria e indecisa ao mesmo tempo. — Seu nome é Cadsuane Melaidhrin.

Uma mulher linda e vistosa adentrou logo atrás, deslizante, a cabeleira cinza como ferro presa num coque no topo da cabeça, decorada com

ornamentos e penduricalhos de ouro, e tudo pareceu se desenrolar na mesma hora.

— Achei que você estivesse morta — comentou Annoura, surpresa, os olhos quase saltando das órbitas.

Merana saiu do selo de proteção com as mãos espalmadas.

— Não, Cadsuane! — gritou. — Você não pode machucá-lo! Não pode!

Rand se arrepiou quando sentiu alguém no recinto agarrar *saidar*, talvez mais de uma pessoa, e mais que depressa se afastou de Berelain e tocou a Fonte, preenchendo-se de *saidin* e sentindo o Poder preencher os Asha'man. Dashiva fazia cara feia, olhando de uma Aes Sedai a outra. Apesar do Poder que possuía, Narishma agarrou o cabo da espada com as duas mãos e assumiu a postura Leopardo na Árvore, prestes a empunhar a lâmina. Lews Therin rosnava sobre matança, morte, mate todos, mate agora. Riallin ergueu o véu, gritando qualquer coisa, e de súbito havia uma dúzia de Donzelas no recinto, veladas e de lanças a postos. Não era nenhuma surpresa que Berelain tivesse ficado parada, boquiaberta, como se todos tivessem enlouquecido.

Para a causadora de tudo aquilo, Cadsuane parecia bastante impassível. Ela encarou as Donzelas e balançou a cabeça, remexendo de leve as estrelas, luas e pássaros dourados dos enfeites.

— Tentar cultivar rosas decentes no norte de Ghealdan pode ser quase a morte, Annoura — rebateu, em um tom seco —, mas não é assim tão grave. Ah, acalme-se, Merana, antes que assuste alguém. Imaginei que você fosse ficar menos agitada depois que parasse de usar o branco das noviças.

Merana abriu a boca, então a fechou, parecendo acima de tudo envergonhada, então a sensação de formigamento passou. Rand não soltou *saidin*, no entanto, e nem os Asha'man.

— Quem é você? — inquiriu. — De que Ajah? — Devia ser da Vermelha, pela reação de Merana, mas para uma Vermelha adentrar sua sala assim, e sozinha, precisaria de uma coragem suicida. — O que é que você quer?

O olhar de Cadsuane não parou nele por mais de um instante, e ela não respondeu. Merana abriu a boca, mas a mulher grisalha a encarou, erguendo a sobrancelha, e pronto. Merana chegou a enrubescer e baixou os olhos. Annoura ainda encarava a recém-chegada como se ela fosse um fantasma. Ou um gigante.

Sem dizer uma palavra, Cadsuane deslizou pelo recinto, arrastando as saias verde-escuras até os dois Asha'man. Rand estava reparando que ela sempre se movimentava naquele deslizar apressado, gracioso, porém sem perder tempo nem deixar que nada a impedisse. Dashiva a olhou de cima a baixo com desprezo. Embora o encarasse direto nos olhos, a mulher não parecia notar, não mais do que notava as mãos de Narishma no cabo da espada quando pôs um dedo sob o queixo dele e o fez mover a cabeça de um lado a outro antes que ele pudesse se afastar com um solavanco.

— Que olhos mais graciosos...

Narishma piscou, sem saber como reagir, e a careta de desdém de Dashiva virou um sorriso, mas um sorriso vil, que fazia o antigo sorrisinho parecer amoroso em comparação.

— Não faça nada — vociferou Rand. Dashiva teve o desprazer de fechar a cara para ele antes de pressionar o punho contra o peito de um jeito mal-encarado, na saudação típica dos Asha'man. — O que quer aqui, Cadsuane? Olhe para mim, mulher, que a queime!

Ela olhou. Só virou a cabeça.

— Então você é Rand al'Thor, o Dragão Renascido. Achava que até uma criança feito Moiraine teria lhe ensinado um pouco mais de bons modos.

Riallin levou a lança da mão direita para junto da outra, atrás do broquel, e remexeu os dedos na linguagem de sinais das Donzelas. Pela primeira vez, ninguém riu. Pela primeira vez, Rand teve certeza de que a conversa não era uma piada em relação a ele.

— Calma, Riallin — disse, erguendo a mão. — Todas vocês, tenham calma.

Cadsuane também ignorou a ação secundária, dirigindo um sorriso a Berelain.

— Ah, Annoura, Então esta é a sua Berelain. É mais bonita do que ouvi dizer. — A medida que ela fez, inclinando a cabeça, foi bastante profunda, embora sem qualquer indício de reverência, sem dar a entender que era inferior sob qualquer aspecto. Era só uma medida, nada mais. — Milady Primeira de Mayene, preciso falar com este jovem e gostaria de manter sua conselheira no recinto. Ouvi dizer que a senhora se incumbiu de muitas tarefas por aqui. Não quero afastá-la dessas obrigações. — Era tão claro quanto uma dispensa, a mulher praticamente abriu a porta para ela sair.

Berelain inclinou a cabeça com muita graça, então virou-se para Rand, serena, e abriu as saias em uma medida tão profunda que ele temeu que a mulher acabasse se despidendo toda.

— Milorde Dragão — entoou ela —, peço sua gentil permissão para me retirar.

A medida que Rand devolveu não foi tão desenvolta.

— Concedida, milady Primeira, como quiser. — Ele estendeu a mão para ajudá-la a se levantar. — Espero que a senhora considere minha proposta.

— Milorde Dragão, eu o servirei onde e como o senhor desejar. — Mais uma vez, sua voz era pura doçura. Por conta de Cadsuane, ele supunha. Sem dúvida sua expressão não era de flerte, apenas determinação. — Não se esqueça de Harine — acrescentou, num sussurro.

Quando a porta se fechou atrás de Berelain, Cadsuane indagou:

— É sempre bom ver as crianças brincando, não acha, Merana?

Merana esbugalhou os olhos, olhando de Rand para a irmã grisalha. Pela cara de Annoura, parecia que ela só se mantinha de pé por pura força de vontade.

Quase todas as Donzelas seguiram Berelain, aparentemente decidindo que não haveria matança, mas Riallin e duas outras permaneceram à porta, ainda veladas. Poderia ter sido coincidência haver uma para cada Aes Sedai. Dashiva também parecia crer que os perigos tinham passado. Ele se inclinou contra a parede, apoiando um pé, os lábios se mexendo em silêncio, os braços cruzados, aparentemente observando as Aes Sedai.

Narishma franzia o cenho para Rand, indagativo, mas o Dragão apenas balançou a cabeça. A mulher estava tentando provocá-lo deliberadamente. A pergunta era: por que provocar um homem que ela sabia ser capaz de estancá-la ou matá-la sem o menor esforço? Lews Therin murmurava a mesma coisa. *Por quê? Por quê?* Rand subiu no palanque, apanhou o Cetro do Dragão no trono e se sentou, aguardando para ver o que aconteceria. A mulher não teria sucesso.

— Bem adornado, não diria? — perguntou Cadsuane, para Annoura, olhando em volta. À parte todo o ouro, os espelhos nas paredes também eram enfeitados com largas molduras douradas, e as cornijas tinham quase dois pés de escamas de ouro. — Nunca soube dizer quem é mais exagerado, os cairhienos ou os tairenos, mas ambos conseguem constranger até o povo de Ebou Dar ou mesmo os Latoeiros. Isso é uma bandeja de chá? Ah, quero um pouco, se estiver fresco e quente.

Rand canalizou e ergueu a bandeja, meio que esperando ver o metal se corroer com a mácula, e a flutuou até as três mulheres. Merana tinha trazido xícaras extras, e quatro ainda jaziam sem uso sobre a bandeja. Ele encheu

três, devolveu o bule e esperou. A bandeja ficou flutuando, sustentada por *saidin*.

Três mulheres bem diferentes e três reações bastante distintas. Annoura encarou a bandeja como alguém olharia para uma víbora toda enroscada, balançou a cabeça bem de leve e deu um passinho atrás. Merana respirou fundo e apanhou uma das xícaras bem devagar, a mão meio trêmula. Saber que um homem era capaz de canalizar era bem diferente de ser forçada a presenciar isso. Cadsuane, no entanto, apanhou a xícara e inalou os vapores com um sorriso de satisfação. Nenhuma delas poderia dizer qual dos três homens servira o chá, mas ela encarava Rand diretamente por cima da xícara, enquanto ele se mantinha com a perna estirada no braço da cadeira.

— Bom garoto — disse ela.

As Donzelas trocaram olhares por sobre os véus, muito chocadas.

Rand estremeceu. Não. Ela não iria provocá-lo. Fosse qual fosse a razão, era isso o que ela queria, e não iria conseguir!

— Vou repetir a pergunta — anunciou, estranhando que sua voz estivesse tão fria; por dentro, estava mais quente que o mais quente fogo de *saidin*. — O que você quer? Responda, ou vá logo embora. Pela porta, pela janela, você é quem sabe.

Merana fez menção de falar, e Cadsuane a silenciou de novo, desta vez com um gesto ríspido, sem desviar o olhar dele.

— Ver você — respondeu, muito calma. — Eu sou da Ajah Verde, não da Vermelha, mas usei o xale por mais tempo que qualquer outra irmã viva e enfrentei mais homens capazes de canalizar que quaisquer quatro Vermelhas, talvez até dez. Não que eu tenha caçado algum homem, sabe, mas acho que tenho faro. — Ainda muito calma, feito uma mulher dizendo que foi ao mercado uma ou duas vezes na vida. — Alguns lutaram até o fim amargo, chutando e gritando mesmo depois de serem blindados e atados.

Alguns choraram e imploraram, oferecendo ouro, qualquer coisa, até a própria alma, para não serem levados a Tar Valon. Outros choraram de alívio, submissos como cordeiros, gratos por enfim tudo acabar. A verdade, a Luz bem sabe, é que todos sempre choram no fim. No fim, ninguém tem nada além das próprias lágrimas.

O calor dentro dele irrompeu em ira. A bandeja e o imenso bule dispararam pelo recinto, acertando um espelho numa colisão estrondosa e desabando no chão em uma chuva de vidro, o bule meio achatado jorrando chá, a bandeja girando pelo chão e dobrada ao meio. Todos pularam, menos Cadsuane. Rand saltou do palanque, agarrado ao Cetro do Dragão com tanta força que as juntas de suas mãos doíam.

— O objetivo disso é me assustar? — rosnou. — Espera que eu implore ou que eu agradeça? Que eu chore? Aes Sedai, eu posso cerrar o punho e acabar com você. — Sua mão erguida tremia de tanta fúria. — Merana sabe por que eu devia fazer isso. E só a Luz sabe por que ainda não fiz.

A mulher examinou o aparelho de chá destruído como se tivesse todo o tempo do mundo.

— Agora você sabe — disse ela, por fim, tranquila como sempre — que conheço o seu futuro e o seu presente. A misericórdia da Luz se esvanece até virar nada para um homem capaz de canalizar. Alguns veem isso e acreditam que a Luz renega esses homens. Eu, não. Você já começou a ouvir vozes?

— Que conversa é essa? — retrucou, hesitante. Ouvia Lews Therin escutando.

O formigamento voltou, e ele quase canalizou, mas tudo o que aconteceu foi que o bule se ergueu e flutuou até Cadsuane, girando lentamente no ar para que ela o examinasse.

— Alguns homens que canalizam começam a ouvir vozes. — Explicou, quase absorta, franzindo o cenho para a esfera achatada de ouro e prata. — Faz parte da loucura. Vozes que conversam com eles, dizem o que fazer. — O bule pairou delicadamente até o chão, aos pés dela. — Já ouviu alguma?

Dashiva, assustado, soltou uma risada rouca e deu de ombros. Narishma umedeceu os lábios; talvez até não tivesse medo daquela mulher antes, mas agora a observava com a atenção de quem olhava um escorpião.

— Eu faço as perguntas — retrucou Rand, com firmeza. — Você parece se esquecer disso. Eu sou o Dragão Renascido.

Você é real, não é?, pensou. Não houve resposta. *Lews Therin?* Às vezes o homem não respondia, mas as Aes Sedai sempre o atraíam. *Lews Therin?* Não estava louco; a voz era real, não era imaginação. Não era loucura. O súbito desejo de rir não ajudou.

Cadsuane suspirou.

— Você é um rapaz, não sabe ao certo aonde vai, por que ou o que o aguarda lá. Parece exaurido. Talvez possamos conversar quando estiver mais composto. Você se importa se eu roubar Merana e Annoura um pouquinho? Já faz um tempo que não vejo as duas.

Rand ficou de queixo caído. A mulher invadira o recinto, o insultara, ameaçara, anunciara que sabia sobre a voz em sua cabeça sem o menor pudor e ainda queria sair para conversar com Merana e Annoura? *Ela endoideceu?* Ainda nenhuma resposta de Lews Therin. O homem era real. Era, sim!

— Vá embora — mandou. — Vá embora e... — Não estava louco. — Todos vocês, vão embora! Vão embora!

Dashiva piscou, inclinando a cabeça, então deu de ombros e foi indo para a porta. Cadsuane sorria de tal forma que uma parte de Rand esperava que ela dissesse outra vez que ele era um bom garoto. A mulher reuniu

Merana e Annoura e as conduziu em direção às Donzelas, que baixavam os véus e fechavam a cara, preocupadas. Narishma também o encarou, hesitante, até que Rand fez um gesto ríspido. Por fim, todos foram-se embora, e ele ficou sozinho. Sozinho.

Num movimento de raiva involuntária, arremessou o Cetro do Dragão. A ponta de lança cravou nas costas de uma cadeira.

— Eu não estou louco — disse, para o salão vazio.

Lews Therin lhe dissera coisas; ele jamais teria escapado do baú de Galina sem a voz daquele homem morto. Mas tinha usado o Poder antes mesmo de ouvir a voz; descobrira como chamar raios, lançar fogo e formar um construto que matara centenas de Trollocs. Por outro lado, talvez tivesse sido Lews Therin, feito aquelas lembranças de subir em árvores em um pomar de ameixas e adentrar o Salão dos Servos, além de dezenas de recordações que vinham de surpresa. Talvez essas memórias fossem todas fantasias, sonhos loucos de uma mente louca, tal e qual a voz.

Percebeu que estava andando de um lado a outro, mas não conseguia parar. Precisava se mexer, ou seus músculos iriam se dilacerar em espasmos.

— Eu não estou louco — repetiu, num arquejo. Ainda não — Não estou...

O som da porta se abrindo o fez dar meia-volta, esperando que fosse Min.

Era Riallin outra vez, amparava uma mulher baixa e atarracada de vestido azul-escuro, com o cabelo quase todo grisalho e uma expressão franca.

Queria dizer às duas que fossem embora, que o deixassem sozinho. Sozinho. Estava sozinho? Seria Lews Therin um sonho? Se pelo menos o deixassem... Idrien Tarsin era a diretora da escola que ele fundara ali em

Cairhien, uma mulher tão prática que Rand não sabia dizer se ela sequer acreditava no Poder Único, já que não podia vê-lo nem tocá-lo. O que poderia reduzi-la àquele estado?

Rand se forçou a virar o corpo na direção das duas mulheres. Louco ou não, sozinho ou não, não havia mais ninguém para fazer o que era preciso. Nem aquela pequena tarefa. Mais pesado que uma montanha.

— O que foi que houve? — indagou, a voz mais suave possível.

Aos prantos, Idrien cambaleou até ele e desabou em seu peito. Depois de se recompor e contar sua história, ele também sentiu vontade de chorar.



CAPÍTULO 19



DIAMANTES E ESTRELAS

Merana seguia atrás de Cadsuane, indo o mais perto que ousava, com uma centena de perguntas borbulhando na língua, mas Cadsuane não era mulher de se cutucar. Ela é que decidia quem ia notar, e quando. Annoura também mantinha o silêncio, ela e Merana imersas no rastro uma da outra, avançando pelos corredores do palácio, descendo lances de escada de mármore polido, depois de pedra escura e lisa. Merana trocou olhares com a irmã Cinza e sentiu uma pontada súbita. Não conhecia a mulher, a bem da verdade, mas Annoura mantinha a expressão dura de uma garota a caminho da Mestra das Noviças e determinada a manter a coragem. Mas elas não eram noviças. Não eram crianças. Ela abriu a boca... e fechou, intimidada pelo coque grisalho balançando à frente, com luas, estrelas, pássaros e peixes pendurados. Cadsuane era... Cadsuane.

Merana já conversara com ela uma vez— ou pelo menos escutara quando Cadsuane lhe dirigira a palavra, quando era noviça. Irmãos de todas as Ajahs iam até lá para conhecer aquela mulher, incapazes de disfarçar a reverência. Cadsuane Melaidhrin já fora o padrão pelo qual se julgava toda novata que passava a figurar no livro das noviças. Até a chegada de Elayne Trakand, ninguém capaz de fazer frente a este padrão, muito menos de superá-lo, adentrara a Torre Branca. Por diversas razões, fazia mais de um milênio que não havia gente como ela entre as Aes Sedai. Ninguém nunca

mencionava a recusa de Cadsuane em aceitar a seleção como Votante, mas dizia-se que tinha acontecido pelo menos duas vezes. Diziam que a mulher também desdenhara da promoção a líder da Ajah Verde. E que, certa vez, ela desapareceu da Torre Branca por dez anos porque o Salão pretendia elevá-la a Amyrlin. Não que tivesse passado um dia a mais do que o absolutamente necessário em Tar Valon. Notícias de Cadsuane chegavam à Torre, histórias que deixavam as irmãs de queixo caído, aventuras que faziam estremecer as que sonhavam com o xale. Ela ainda seria uma lenda entre as Aes Sedai — isso se já não fosse. O xale enfeitava os ombros de Merana havia mais de vinte e cinco anos quando Cadsuane anunciou seu isolamento do mundo, os cabelos já totalmente grisalhos, e todos presumiam que estivesse morta havia muito quando a Guerra dos Aiel irrompeu, outros vinte e cinco anos depois. Mas, antes de a guerra completar três meses, a mulher ressurgiu, acompanhada de dois Guardiões já de certa idade, mas ainda duros como ferro. Diziam que Cadsuane tivera mais Guardiões que a maioria das irmãs tivera sapatos. Depois que os Aiel se retiraram de Tar Valon, ela se isolou de volta, mas alguns diziam, não tanto de brincadeira, que Cadsuane não morreria enquanto ainda existisse alguma centelha de aventura no mundo.

Essas histórias são só as bobagens que as noviças falam, lembrou Merana, a si mesma, com firmeza. *Bem, até a gente acaba morrendo.* No entanto, Cadsuane ainda era Cadsuane. E, se ela não fosse uma das irmãs que tinham aparecido na cidade depois que al'Thor fora levado, o sol não se poria àquela noite. Merana mexeu os braços para ajeitar o xale e lembrou que o deixara pendurado no quarto. Ridículo. Não precisava de lembretes de quem era. Ah, se ao menos fosse outra pessoa, que não Cadsuane... Duas Sábias paradas na entrada de um corredor adjacente as observaram passar, os olhos claros e frios nos rostos rígidos, envoltos em lenços escuros.

Edarra e Leyn. As duas sabiam canalizar, e eram fortes; poderiam ter voado alto se tivessem ido à Torre quando meninas. Cadsuane passou sem nem notar a desaprovação das bravias. Annoura percebeu, fechou a cara e resmungou, as tranças finas sacudindo enquanto balançava a cabeça. Merana manteve os olhos nos azulejos do chão.

Sem dúvida cairia sobre ela a tarefa de explicar a Cadsuane sobre o... compromisso... travado entre as Sábias na noite anterior, antes que ela e as outras fossem levadas ao palácio. Annoura não sabia, não era parte do acordo, e Merana tinha pouca esperança de que encontrariam Rafela, Verin ou qualquer outra para quem pudesse dar um jeito de empurrar a tarefa. Era um compromisso, de certa forma, e talvez o melhor que se pudesse esperar diante das circunstâncias, porém ela ainda mantinha questionamentos veementes sobre se Cadsuane veria a situação assim. Queria não ser a pessoa a ter de convencê-la. Era melhor passar um mês servindo chá para aqueles homens malditos. Queria não ter soltado tanto a língua com o jovem al'Thor. Saber por que ele a fizera servir chá não trazia nenhum consolo por ter sido apartada de qualquer vantagem que poderia ter ganhado. Preferia pensar que fora pega em algum torvelinho de *ta'veren* no Padrão do que acreditar que os olhos feito preciosas pedras cinza-azuladas daquele jovem tinham lhe causado uma gagueira de puro pavor. Mas, de todo modo, entregara de bandeja a ele todas as vantagens. Queria...

Querer era para crianças. Ela negociara incontáveis acordos, muitos dos quais de fato haviam chegado ao resultado desejado; encerrara três guerras e impedira quase vinte de começarem, enfrentado reis, rainhas e generais, fazendo-os ver as situações com bom senso. Mesmo assim... via-se prometendo que não proferiria uma palavra sequer de reclamação, a despeito de quanto aquele homem a fizesse bancar a serviçal, se pelo menos Seonid dobrasse a próxima curva, ou Masuri, ou Faeldrin, ou qualquer

pessoa. Luz! Se pelo menos pudesse piscar os olhos e descobrir que tudo, desde a saída de Salidar, tinha sido um pesadelo.

Para sua surpresa, Cadsuane as levou direto ao quartinho que Bera e Kiruna dividiam, nos confins do palácio, onde moravam os serviçais. Uma janelinha alta na parede, porém no nível das pedras do pavimento de um pátio externo, deixava entrar um filete de luz, mas o quarto era bem sombrio. Havia capas, alforjes e uns poucos vestidos pendurados em pregos nas paredes caiadas, rachadas e amareladas. Goivaduras desfiguravam o chão de madeira crua, embora algum esforço tivesse sido feito para suavizá-las. Em um dos cantos, havia uma diminuta mesa surrada, além de um lavatório igualmente surrado no outro, com uma pia lascada e uma jarra. Merana examinou o catre. Não parecia muito menor do que a cama que era forçada a dividir com Seonid e Masuri, duas portas adiante. Aquele quarto talvez fosse um tantinho mais largo, mas não era adequado para três. Coiren e as outras que ainda estavam nas tendas Aiel decerto tinham muito mais conforto como prisioneiras.

Nem Bera nem Kiruna estavam ali, mas Daigian estava, uma mulher pálida e roliça que usava uma corrente fina de prata nos longos cabelos negros, com uma pedra-da-lua redonda pendurada bem no meio da testa. O corpete do vestido escuro cairhieno exibia quatro finas faixas coloridas, e ela acrescentara uns talhos brancos nas saias, para marcar a Ajah. Filha mais jovem de uma das Casas menores, Daigian lembrava um pombo. Quando Cadsuane adentrou, Daigian se levantou, já à espera.

Havia apenas uma cadeira no quarto, na verdade um banquinho com um arremedo de encosto. Cadsuane sentou-se nele e suspirou, pedindo:

— Chá, por favor. Dois goles do que o que aquele garoto serviu, e a minha língua poderia solar um sapato.

O brilho tênue de *saidar* envolveu Daigian de imediato, muito de leve, e um bule de chá amassado ergueu-se da mesa, com fluxos de Fogo aquecendo a água enquanto ela abria um pequeno baú de chá de latão.

Sem alternativa de um lugar para se sentar, Merana se acomodou na cama, ajeitando as saias e se remexendo no colchão encaroçado enquanto tentava organizar as ideias. Essa poderia muito bem ser a negociação mais importante que já empreendera. Annoura juntou-se a ela um instante depois, empoleirando-se na pontinha do colchão.

— Por sua presença, Merana — começou Cadsuane, de súbito —, julgo que as histórias do rapaz estar se submetendo a Elaida são falsas. Não faça essa cara de surpresa, criança. Achou que eu não sabia das suas... associações? — A palavra saiu tão distorcida que pareceu tão imunda quanto as imprecações de um soldado. — E você, Annoura?

— Só estou aqui para aconselhar Berelain, embora a verdade seja que ela ignorou meus conselhos desde o início vindo até aqui. — A taraboniana mantinha a cabeça erguida e a voz confiante, mas esfregava os dedos com o máximo esforço. Não tinha como se sair bem em uma mesa de negociação sendo tão transparente. — Quanto ao resto — prosseguiu, com cautela —, ainda não cheguei a nenhuma decisão.

— Que decisão *sábia* — murmurou Cadsuane, com um olhar penetrante para Merana. — Parece que, nos últimos poucos anos, irmãos demais se esqueceram de que possuem cérebro ou discrição. Houve uma época em que as Aes Sedai só chegavam a decisões depois de uma deliberação tranquila, com o bem da Torre sempre em seus pensamentos. Lembre-se do que a garota Sanche conseguiu ao se meter com al'Thor, Annoura. Se caminhar junto a um fogaréu, você pode se queimar feio.

Merana ergueu a cabeça e remexeu o pescoço para aliviar a tensão. Percebendo o que fazia, ela se forçou a parar. Cadsuane não era tão maior

que ela. Só se elevava acima de qualquer outra irmã.

— Se me permite a pergunta... — A voz saía acanhada demais, mas seria pior parar e recomeçar. — Quais são as suas intenções, Cadsuane? — Fazia um esforço para manter a dignidade. — Obviamente, você tem... se mantido reservada... até agora. Por que decidiu... se aproximar de al'Thor... neste momento em particular? Você foi... pouco diplomática... com ele.

— Foi quase como se tivesse dado um tapa na cara dele — acrescentou Annoura, e Merana corou. Das duas, Annoura deveria de longe estar tendo mais dificuldade em lidar com Cadsuane, mas não era ela quem tropeçava nas próprias palavras.

Cadsuane balançou a cabeça, parecendo ter pena do que ouvia.

— Se quer ver do que é feito um homem, empurre-o para uma direção inesperada. Tem bom metal nesse garoto, acho, mas ele vai ser difícil... — Ela uniu as pontas dos dedos e encarou a parede por entre eles, contemplativa. — O rapaz tem uma raiva capaz de incendiar o mundo, e a mantém segura por um fio de cabelo. Se o desequilibrarmos demais... bam! Al'Thor ainda não é tão duro quanto Logain Ablar ou Mazrim Taim, mas cem vezes mais difícil, temo dizer.

Ao ouvir os três nomes juntos, Merana colou a língua no céu da boca.

— Você conheceu Logain e Taim? — perguntou Annoura, com o olhar fixo. — Taim está seguindo al'Thor, pelo que ouvi.

Merana conseguiu engolir um suspiro de alívio. As histórias dos Poços de Dumai ainda não tinham tido tempo de se espalhar. Mas sem dúvida iriam.

— Eu de fato tenho ouvidos para pescar rumores, Annoura — rebateu Cadsuane, amarga. — Mesmo desejando não ter, pelo que ouço desses dois. Todo o meu trabalho jogado fora... O trabalho de outras também, mas eu fiz a minha parte. E tem esses mantos-negros, esses Asha'man.

Ela pegou uma xícara de Daigian, sorriu com ternura e agradeceu. A Branca bochechuda parecia pronta para se curvar em uma mesura, mas simplesmente se recolheu em um canto e entrelaçou as mãos. Tinha sido noviça e depois Aceita por mais tempo que qualquer outra de que se tinha lembrança. Quase não tivera permissão para permanecer na Torre, e só conquistara o anel e o xale por um triz. Daigian era sempre deferente a outras irmãs.

Cadsuane inspirou os vapores do chá, então prosseguiu de repente, como se levasse uma conversa agradável.

— Foi Logain, aparecendo praticamente na minha porta, que me atraiu para longe das minhas rosas. Arre! Qualquer briga numa feira de ovelhas teria me tirado daquelas plantas amaldiçoadas pela Luz. Não tem muita diferença se você usar o Poder, mas crescer plantas sem essa ajuda é cultivar dez mil espinhos para cada... Arre! Eu cheguei a pensar em proferir o juramento de Caçadora, se o Conselho das Nove permitisse. Bem, foram uns bons meses perseguindo Logain, mas, quando ele foi capturado, escoltá-lo até Tar Valon foi tão interessante quanto as rosas. Perambulei um pouco para ver o que encontrava por aí... Um novo Guardião, quem sabe. Mas, sejamos francas, suponho que esteja um pouco tarde para isso. Até que ouvi falar de Taim e fui até Saldaea o mais rápido que pude cavalgar. Não há nada que anime mais as coisas quanto um homem capaz de canalizar. — Então sua voz endureceu de repente, e o olhar também. — Alguma de vocês estava envolvida naquela... baixeza... logo depois da Guerra dos Aiel?

Confusa, Merana levou um susto, mesmo tentando se conter. Os olhos de Cadsuane revelavam o bloqueio e o machado do carrasco.

— Que baixeza? Não sei do que você está falando.

Aquele olhar acusativo atingiu Annoura com tanta força que ela quase caiu da cama. Ela então gaguejou, tentando se equilibrar:

— A Guerra dos Aiel? Passei os anos seguintes tentando tirar a Grande Coalisão do papel.

Merana encarou Annoura com interesse. Um bom número das Cinza havia corrido de capital em capital depois da guerra, em um esforço inútil para manter unida a aliança que se formara contra os Aiel, mas Merana não sabia que Annoura era uma dessas. Se era, não poderia ser uma negociadora assim tão ruim.

— Eu também — afirmou, mantendo a dignidade. Desde que partira de Caemlyn atrás de al'Thor, não conservara muita. O pouco que lhe restava era precioso demais para perder. Merana manteve a voz calma e firme. — De que baixeza está falando, Cadsuane?

A mulher grisalha apenas dispensou a pergunta com um abano de mão, como se jamais tivesse dito aquela palavra.

Merana ficou se perguntando se Cadsuane estaria perdendo o juízo. Jamais ouvira falar disso acontecendo com uma irmã, mas a maioria das Aes Sedai de fato se recolhiam no fim da vida, afastando-se das turbulências e dos estratagemas que ninguém conhecia tão bem quanto as irmãs. Quase sempre iam para longe de todos. Quem poderia dizer o que se abatia sobre elas já perto do fim? Um vislumbre para o olhar firme e aberto que a encarava por sobre a xícara de chá fez com que abandonasse bem depressa qualquer ideia do tipo. De todo modo, uma baixeza ocorrida havia vinte anos, fosse lá o que tivesse sido, certamente não chegava aos pés do que o mundo enfrentava agora. E Cadsuane ainda não tinha respondido às primeiras perguntas. O que pretendia? E por que agora?

Antes que Merana pudesse insistir em suas perguntas, a porta se abriu, e Bera e Kiruna entraram, escoltadas por Corele Hovian, uma Amarela magra

e esguia, com grossas sobrancelhas castanhas e uma juba de cabelos negros que lhe conferiam uma espécie de aparência selvagem, por mais asseadas que fossem as roupas que usasse — e ela sempre se vestia para uma dança, com uma penca de bordados nas mangas, no corpete e nas laterais das saias. Mal havia espaço para se mexer, com tanta gente confinada naquele espaço. Corele nunca falhava em manter o ar de divertimento, não importava o que acontecesse, mas seu sorriso escancarado estava em algum ponto entre a descrença e uma total e completa gargalhada. Os olhos de Kiruna cintilaram em um lampejo de arrogância congelada, enquanto Bera se enchia de cólera, contraindo a boca contraída e franzindo a testa. Até que viram Cadsuane. Merana supôs que, para elas, devia ser como um encontro com Alind Dyfelle, Sevlana Meseau ou mesmo Mabriam, em Shereed. As duas esbugalharam os olhos. O queixo de Kiruna caiu.

— Achei que você estivesse morta — sussurrou Bera.

Cadsuane fungou, irritada.

— Já estou me cansando de ouvir isso. A próxima imbecil que vier com essa vai passar uma semana com dificuldade para sentar.

Annoura passou a encarar os dedões dos próprios pés nas sandálias.

— Você não vai acreditar onde encontrei essas duas — começou Corele, naquele sotaque cantado de Murandir. Deu uma pancadinha na lateral do nariz torcido, como fazia quando contava uma piada, ou o que pensava ser piada. As bochechas de Bera ficaram vermelhas, e as de Kiruna mais ainda.

— Bera, aí, estava sentada, mansa feito um ratinho, sob o olhar de meia dúzia dessas bravias Aiel, que me disseram, na maior valentia, que ela não poderia vir comigo até que Sorilea... Ah, essa mulher agora é uma bruxa que surge em pesadelos, isso sim... Até que Sorilea terminasse sua conversa particular com a *outra aprendiz*. Que, aliás, era nossa querida Kiruna.

Já não eram só as bochechas. Kiruna e Bera estavam vermelhas até a raiz dos cabelos, recusando-se a olhar para as outras. Até Daigian as encarava.

O alívio explodiu em ondas maravilhosas dentro de Merana. Não teria que explicar como as Sábias tinham interpretado as ordens daquele desgraçado do al'Thor para que as irmãs prestassem obediência a ele. Claro que não eram aprendizes de verdade, não recebiam aulas. O que um bando de bravias — ou selvagens, a bem dizer — poderia ensinar a uma Aes Sedai? Aquilo era só porque as Sábias gostavam de saber onde todos se encaixavam. Bera e Kiruna poderiam contar como al'Thor dera risada — risada! — e dissera que não fazia diferença para ele e que esperava que as Aes Sedai fossem pupilas *obedientes*. Ninguém estava achando fácil, muito menos Kiruna.

Ainda assim, Cadsuane não exigiu explicações.

— Esperava comer como um cachorro — comentou, em um tom seco —, mas não imaginava encontrar um balde de esterco como refeição. Vamos ver se entendi direito: vocês, crianças que sustentam a rebelião contra uma Amyrlin elevada nos ditames da lei, estão de alguma forma associadas ao garoto al'Thor. E, se estão recebendo ordens dessas mulheres Aiel, presumo que também estejam recebendo ordens dele. — Ela soltou um grunhido enojado, como se estivesse com a boca cheia de ameixas podres. Balançando a cabeça, espiou a xícara de chá, então tornou a olhar a dupla. — Bom, isso é uma traição a mais ou a menos? O Salão pode decidir mandar vocês de joelhos daqui até Tarmon Gai'don como punição, mas só podem decapitá-las uma vez. E as outras, que estão no acampamento Aiel? Todas de Elaida, suponho. Elas também... se colocaram como *aprendizes*? Nenhuma de nós teve permissão de chegar além da primeira fileira de tendas. Esses Aiel parecem não gostar muito de Aes Sedai.

— Eu não sei, Cadsuane — respondeu Kiruna, com o rosto tão vermelho que parecia prestes a pegar fogo. — Temos sido mantidas afastadas.

Merana arregalou os olhos. Nunca ouvira Kiruna tão cerimoniosa.

Bera, por outro lado, respirou fundo. Já estava ereta, mas parecia se empertigar para uma tarefa desagradável.

— Elaida não é... — começou, cheia de ódio.

— Elaida tem excesso de ambição, pelo que posso ver — interrompeu Cadsuane, inclinando-se para a frente tão de repente que Merana e Annoura se assustaram e tombaram de costas na cama, mesmo que ela não as estivesse encarando. — E ela pode ser uma tragédia cozinhando em fogo lento, mas ainda é o Trono de Amyrlin, elevada pelo Salão da Torre em total consonância com as leis da Torre.

— Se Elaida é Amyrlin por direito, por que você não obedeceu a ordem dela de retornar? — A única coisa que denunciava o nervosismo de Bera era a quietude de suas mãos sobre as saias. Só o esforço de não agarrar ou alisar as saias poderia fazer alguém manter as mãos tão imóveis.

— Então quer dizer que pelo menos uma de vocês tem pouca firmeza de caráter. — Cadsuane riu baixinho, mas seus olhos não pareciam nem um pouco alegres. Inclinando-se para trás, ela bebericou o chá. — Agora, sentem-se. Ainda tenho muitas perguntas.

Merana e Annoura se levantaram, oferecendo seus lugares na cama, mas Kiruna permaneceu de pé, observando Cadsuane com o semblante preocupado, e Bera olhou para a amiga e balançou a cabeça. Corele revirou os olhos azuis, abrindo um largo sorriso sabe-se lá por quê, mas Cadsuane não parecia dar a mínima.

— Metade dos rumores que escuto — prosseguiu — diz respeito aos Abandonados estarem à solta. Não seria surpresa, com tudo o mais, mas vocês têm alguma evidência, seja contra ou a favor?

Não demorou para Merana se sentir grata por estar sentada; não demorou, também, a saber como a roupa que passava pela calandra da lavadeira se sentia. Cadsuane fez todas as perguntas, pulando de tópico em tópico, de modo que era impossível saber o que viria em seguida. Corele mantinha o sossego, exceto por umas risadinhas ou mexidas de cabeça de vez em quando, e Daigian não fazia nem isso, claro. Merana foi quem recebeu o pior tratamento, junto de Bera e Kiruna, mas Annoura sem dúvida não foi poupada. Toda vez que a conselheira de Berelain relaxava, pensando que estava livre, Cadsuane tornava a pressionar.

A mulher queria saber de tudo, da autoridade de al'Thor sobre os Aiel a por que uma Mestra das Ondas do Povo do Mar estava ancorada no rio. Queria saber se Moiraine estava mesmo morta, se o rapaz realmente redescobrira como Viajar, se Berelain dormira com ele ou tinha qualquer intenção de fazê-lo. O que Cadsuane pensava das respostas era impossível dizer, exceto poucos momentos, como quando ela soube que Alanna estabelecera um elo com al'Thor e como isso se procedera. Ela apertou os lábios a uma linha fina e fechou uma carranca capaz de cravar um furo na parede, mas, enquanto todas as outras expressavam ojeriza, Merana se lembrou de Cadsuane ter dito que tinha cogitado ter mais um Guardião.

A desculpa de ignorância era comum demais para funcionar com todas as perguntas, mas dizer que não sabia também não saciava o apetite de Cadsuane, que demandava até a última partícula e fiapo que era possível saber, mesmo que a pessoa não soubesse que sabia. Conseguiram guardar um pouco das informações que tinham, pelo menos quase tudo do que precisavam guardar, embora algumas poucas coisas surpreendentes tivessem escapado — e algumas *muito* surpreendentes —, inclusive de Annoura, que no fim das contas estivera recebendo cartas detalhadas de Berelain quase desde o dia em que a garota rumara para o norte. Cadsuane

exigia respostas, mas não dava nenhuma, o que preocupava Merana. Ela observava os rostos cada vez mais tenazes, defensivos e culpados das outras irmãs acuadas, se perguntando se o próprio rosto tinha a mesma expressão.

— Cadsuane. — Precisava fazer mais um esforço. — Cadsuane, por que você decidiu se interessar por ele agora?

Um olhar firme encontrou o dela por um instante, então a mulher voltou a atenção para Bera e Kiruna e comentou, estendendo a xícara vazia para que Daigian a enchesse:

— Então elas conseguiram raptar al'Thor e tirá-lo do palácio.

Ninguém mais recebera a oferta de chá. A expressão e o tom de Cadsuane eram tão impassíveis que Merana quis arrancar os próprios cabelos. Al'Thor não ficaria nada satisfeito se soubesse que Kiruna contara sobre o sequestro, mesmo que inadvertidamente — Cadsuane aproveitava qualquer descuido para bisbilhotar mais do que o interlocutor pretendia dizer. Pelo menos ela não revelara detalhes sobre o tratamento que dispensaram a ele. Al'Thor deixara claro o quanto ficaria aborrecido se isso acontecesse. Merana agradeceu à Luz por ver que a mulher não se detinha em nenhum assunto por muito tempo.

— Têm certeza de que era Taim? E de que esses homens de casaco negros não chegaram a cavalo?

Bera respondeu com relutância, e Kiruna completou, emburrada. As duas tinham tanta certeza quanto se podia ter: ninguém vira os Asha'man chegando ou partindo, e o... o buraco que trouxera todos até ali poderia ter sido feito por al'Thor. O que não satisfazia a curiosidade de Cadsuane, claro.

— Pensem! Vocês não são mais garotas bobinhas, ou pelo menos não deveriam ser. Arre! Vocês devem ter notado alguma coisa!

Merana estava enjoada. Ela e as outras tinham passado metade da noite debatendo sobre o que significava seu juramento antes de concluírem que significava exatamente o que tinham dito, sem nenhuma brecha por onde se esquivar. Por fim, até Kiruna admitiu que precisavam defender e apoiar al'Thor, além de obedecer, e que não seria permitido o menor recuo que fosse. O que isso poderia significar em relação a Elaida e às irmãs leais a ela de fato não dizia respeito a ninguém. Pelo menos, ninguém admitia essa preocupação. Só o fato de terem chegado a esse consenso já era estarrecedor. Ainda assim, Merana se perguntava se Bera ou Kiruna já tinham percebido o mesmo que ela. Era estranho pensar que estavam tentando resistir a uma lenda viva, sem falar nas irmãs além de Corele e Daigian que tinham escolhido seguir Cadsuane. E o pior foi quando os olhos daquela mulher questionadora pararam nela por um instante, sem entregar nada, exigindo tudo. E ainda pior: Merana tinha certeza de que Cadsuane sabia disso muito bem.

* * *

Min disparava pelos corredores do palácio, ignorando as saudações das Donzelas conhecidas, se afastando sem uma palavra em resposta, sem sequer considerar que estava sendo rude. Não era fácil correr com botas de salto. As idiotices que as mulheres faziam pelos homens! Não que Rand tivesse pedido que usasse aquelas botas, mas Min as calçara pensando nele, e tinha visto seu sorriso. Rand gostava das botas. Luz, o que estava fazendo? Pensando em botas! Não devia ter ido aos aposentos de Colavaere. Tremendo, contendo lágrimas não vertidas, retomou a corrida.

Como de costume, encontrou várias Donzelas agachadas junto às portas compridas e trabalhadas com sóis nascentes dourados. As *shoufas* pendiam

sobre os ombros, e as lanças estavam apoiadas nos joelhos, mas não havia nada de displicente nelas. Eram leopardos à espera de algo para matar. Min ficava desconfortável diante das Donzelas, por mais amistosas que fossem, mas, naquele dia, não teria se incomodado em vê-las veladas.

— Ele está de péssimo humor — advertiu Riallin, mas não fez menção de impedi-la de entrar.

Min era uma das poucas pessoas que tinha permissão de entrar nos aposentos de Rand sem ser anunciada. Ela ajeitou o casaco e tentou se acalmar. Não sabia bem por que tinha ido ali, só que Rand a fazia sentir-se segura. Ora, que o queimasse! Min nunca precisara de ninguém para se sentir segura!

Assim que entrou, parou de repente, chocada. No mesmo instante, fechou a porta atrás de si. O lugar parecia um campo de batalha. Uns poucos fragmentos cintilantes pendiam de algumas molduras dos espelhos, mas quase todo o vidro jazia espalhada pelo chão. O palanque estava virado de lado, o trono reduzido a pedaços de ouro, esmagado contra uma parede. Um dos lampiões de pé, com um ferro pesado por sob o ouro, fora retorcido até se fechar em um aro. Rand estava sentado em uma das cadeiras menores, sem o casaco, com os braços caídos e a cabeça para trás, encarando o teto. Encarando o nada. Imagens dançavam em redor dele, e auras coloridas tremeluziam e cintilavam; nisso, ele era como as Aes Sedai. Min não precisava de Iluminadores quando Rand ou uma Aes Sedai estavam à vista. Ela foi avançando pelo recinto, e Rand não se moveu. Não parecia ciente da sua presença. Os saltos das botas esmigalhavam os estilhaços de espelho. De fato, ele estava de péssimo humor.

Mesmo assim, Min não teve medo. Não dele; não podia imaginar Rand lhe fazendo qualquer mal. Por ele, praticamente conseguia expulsar da mente a lembrança dos aposentos de Colavaere. Muito tempo antes, Min se

conformara com aquela paixão irrefreável. Nada mais tinha importância: nem que Rand fosse um fazendeiro sem nenhuma sofisticação e mais jovem que ela, nem que fosse quem era, nem que estivesse fadado a enlouquecer até a morte, isso se não acabasse assassinado antes. *Eu não me importo nem de dividi-lo com as outras*, pensou, mesmo sabendo como era difícil mentir para si mesma. Na verdade se forçara a aceitar isso. Elayne tinha uma parte dele, tinha certo direito a ele, assim como a tal Aviendha, que ela ainda precisava conhecer. O que não tinha remédio, remediado estava, como sua tia Jan sempre dizia. Ainda mais quando a pessoa ficava abobada. Luz, e Min sempre se orgulhara do próprio juízo!

Parou junto a uma das cadeiras, onde o Cetro do Dragão tinha sido cravado na madeira robusta com tanta força que um pedaço da ponta saía do outro lado. Apaixonada por um homem que não sabia disso, que a mandaria para longe caso desconfiasse. Um homem que tinha certeza que também estava apaixonado por ela. E por Elayne e por Aviendha — o que ia deixar passar batido, pois não tinha remédio... Rand estava apaixonado por ela e se recusava a admitir. Será que Rand pensava que só porque Lews Therin Telamon enlouquecera e assassinara a mulher que amava, ele também estava condenado a fazer o mesmo?

— Que bom que você veio — comentou Rand, de repente, ainda encarando o teto. — Eu estava sentado aqui, sozinho. Sozinho... — Ele soltou uma risada rascante e amarga. — Herid Fel morreu.

— Não... — sussurrou Min, sentindo os olhos ardendo. — Não aquele velhinho tão gentil!

— Ele foi esquartejado. — A voz de Rand estava tão cansada. Tão vazia. — Idrien desmaiou ao encontrá-lo. Passou metade da noite em estado de choque e estava quase incoerente quando enfim despertou. Uma das outras mulheres na escola lhe deu algo para que ela dormisse, o que parece que a

deixou bem constrangida. Quando veio até mim, ela recomeçou a chorar e... só podiam ser Crias da Sombra. O que mais poderia separar os membros de um homem dessa forma? — Sem erguer a cabeça, Rand socou o braço da cadeira com tanta força, que a madeira rangeu. — Mas por quê? Por que ele foi morto? O que ele poderia ter me contado?

Min tentou pensar. Tentou mesmo, com afinco. Mestre Fel era filósofo; ele e Rand debatiam tudo, desde o significado de partes das Profecias do Dragão até a natureza da abertura na prisão do Tenebroso. Ele emprestava livros fascinantes para Min, tomos cujo conteúdo precisava de esforço para desvendar. *Tinha sido* filósofo. Nunca mais lhe emprestaria livro algum. Um velhinho tão doce, envolto em um mundo de ideias, sempre surpreso quando percebia qualquer coisa alheia àquele mundinho. Min ainda guardava um bilhete que ele escrevera para Rand dizendo que ela era bonita demais e o distraía. Agora estava morto. Luz! Já estava farta de mortes.

— Eu não devia ter contado assim.

Min levou um susto. Não ouvira Rand cruzar o salão. Ele roçou os dedos em seu rosto, secando suas lágrimas. Ela estava chorando.

— Me desculpe, Min — pediu ele, baixinho. — Eu já não sou uma pessoa muito boa. Um homem morreu por minha causa, e a única coisa que posso fazer é me afligir pensando em por que ele foi morto.

Ela o abraçou e afundou o rosto em seu peito. Não conseguia parar de chorar. Não conseguia parar de tremer.

— Eu fui aos aposentos de Colavaere. — Lampejos de imagens percorriam sua mente. A sala de estar vazia, sem nenhum serviçal. O dormitório... Não queria lembrar, mas, agora que tinha começado, não podia evitar que as palavras saíssem de sua boca. — Achei que, como você a exilou, talvez pudesse ter alguma forma de desviar da visão que tive com ela. — Colavaere estava usando o que poderia ter sido seu melhor vestido,

de seda escura e brilhosa, com cascatas de uma delicada renda de Sovarra em tom de marfim envelhecido. — Foi a primeira vez que achei que não teria de acontecer do jeito que vi. Você é *ta'veren*. Pode alterar o Padrão... — Colavaere usava um colar e braceletes de esmeraldas e gotas de fogo, além de anéis com pérolas e rubis, sem dúvida suas melhores joias, sem falar nos arranjos de diamantes amarelos nos cabelos, uma imitação precisa da coroa de Cairhien. Seu rosto... — Ela estava no dormitório, enforcada em uma das colunas da cama. — Os olhos esbugalhados, a boca protrusa, o rosto inchado e enegrecido. Os dedões dos pés um pouco acima do banquinho tombado. Sem controlar os soluços, Min desabou o corpo por sobre o dele.

Rand a envolveu nos braços, lenta e delicadamente.

— Ah, Min, você tira mais dor que prazer desse seu dom. Se eu pudesse tomar sua dor para mim, eu tomaria, Min. Eu tomaria.

Pouco a pouco, Min percebeu que ele também tremia. Luz! Rand tentava tanto ser forte como ferro, ser o que achava que o Dragão Renascido tinha de ser, mas ficava arrasado quando alguém morria por sua causa, e a morte de Colavaere não doeria menos que a de Fel. Rand sangrava por todos os feridos, mas tentava fingir não sangrar.

— Me beije — murmurou Min. Rand permaneceu parado, e ela ergueu os olhos. Ele pestanejou, indeciso, os olhos ora azuis, ora cinza, feito o céu matutino, até que Min insistiu: — Estou falando sério.

Quantas vezes o provocara, sentando-se em seu colo, beijando-o, chamando-o de pastorzinho por não ousar dizer o nome dele, temendo que ele ouvisse o carinho em sua voz? Rand tolerava aquilo por achar que ela estava de *provocação* e pararia se acreditasse que aquilo não o afetava. Rá! Tia Jan e tia Rana diziam que uma mulher não devia beijar nenhum homem com quem não pretendesse se casar, mas tia Miren parecia saber um pouco

mais do mundo. Dizia que uma mulher não devia beijar qualquer homem por aí, pois os homens se apaixonavam com muita facilidade.

— Estou gelada por dentro, pastorzinho. Colavaere, Mestre Fel... Preciso sentir um corpo quente. Preciso... Por favor?

Rand baixou a cabeça bem devagar. A princípio um beijo fraterno, morno feito água de leite, suave e reconfortante. Então, tornou-se algo mais. Nada suave. Com um tranco, Rand se levantou, tentando se desvencilhar.

— Min, eu não posso. Não tenho o direito...

Min agarrou seus cabelos com as duas mãos e puxou sua boca de volta. Depois de um tempo, Rand parou de resistir. Ela não sabia ao certo se começara a rasgar as rendas da camisa dele primeiro, ou se foi ele que rasgou as dela, mas de uma coisa tinha certeza: se Rand se atrevesse a parar agora, pegaria uma das lanças de Riallin, ou melhor, todas as lanças, e cravaria nele.

* * *

A caminho da saída do Palácio do Sol, Cadsuane analisou as bravias Aiel que via o melhor possível, mas sem ser óbvia. Corele e Daigian seguiam em silêncio; àquela altura já a conheciam o bastante para não a perturbar com falatório, o que não podia ser dito de todas as que paravam alguns dias no pequeno palácio de Arilyn antes que ela as mandasse seguir adiante. Um bom número de bravias, todas encarando as Aes Sedai como se encarassem vira-latas infestados de pulgas e cobertos de feridas purulentas deixando pegadas de lama sobre um carpete novo. Algumas pessoas olhavam as Aes Sedai com espanto ou adoração, outras, com medo ou ódio, mas Cadsuane jamais vira desprezo, nem mesmo dos Mantos-brancos. Mesmo assim,

qualquer povo que produzisse tantas bravias deveria estar enviando moças à Torre aos borbotões.

Uma hora teria que cuidar disso, e os bons costumes que fossem para o Poço da Perdição, se fosse o caso. Mas essa hora não era agora. O rapaz al'Thor precisava permanecer intrigado a ponto de permitir sua presença, além de desequilibrado o bastante para que ela pudesse conduzi-lo para onde quisesse, sem que ele percebesse. De um jeito ou de outro, qualquer interferência deveria ser controlada ou suprimida. Al'Thor não podia sofrer nenhuma influência nem nenhum aborrecimento inapropriado. De jeito nenhum.

A carruagem preta e lustrosa aguardava no pátio atrás de um paciente grupo de seis cavalos cinzentos iguais. Um serviçal correu para abrir a porta pintada com um par de estrelas prateadas por sobre listras vermelhas e verdes, saudando o grupo de três com uma mesura que deixou sua careca quase na altura dos joelhos. Ele usava camisa de manga e calças. Desde que fora para o Palácio do Sol, Cadsuane ainda não notara ninguém de uniforme, exceto por alguns que usavam as cores de Dobraine. Era evidente que os serviçais estavam em dúvida em relação ao que usar e com medo de cometer algum erro.

— Ah, eu sou capaz de esfolar Elaida, quando puser as mãos nela — comentou, enquanto a carruagem dava uma guinada e se punha em movimento. — Aquela criança idiota praticamente impossibilitou o meu serviço.

Então soltou uma risada tão abrupta que Daigian a encarou, surpresa, sem conseguir se conter. Corele alargou o sorriso, cheia de expectativa. Ninguém entendeu, e ela não tentou explicar. Por toda a vida, a forma mais rápida de atrair sua atenção fora dizer a ela que algo era impossível. Por outro lado, mais de duzentos e setenta anos tinham se passado desde que

encontrara uma tarefa que fosse incapaz de concluir. Agora, qualquer dia poderia ser o último, mas o jovem al'Thor seria um fim apropriado.



CAPÍTULO 20



PADRÕES DENTRO DE PADRÕES

Com desprezo, Sevanna analisou as companheiras sujas, sentadas com ela, em círculo, na pequena clareira. Os galhos acima, quase sem folhas, forneciam um pouco de sombra fresca, e o local onde Rand al'Thor repelira a morte ficava a mais de cem milhas para Oeste, mas os olhos da mulher que a acompanhava estavam inquietos, dando a ela um ar de quem estava constantemente olhando por cima do ombro. Sem as tendas de vapor, nenhuma delas estava conseguindo se limpar direito, tendo apenas uma lavada apressada no rosto e nas mãos ao fim do dia. Oito pequenas xícaras de prata, todas diferentes, jaziam ao lado dela sobre as folhas mortas, junto a uma jarra de prata cheia d'água que sofrera um amassado durante a retirada.

— Ou o *Car'a'carn* não está nos seguindo — comentou, de repente —, ou foi incapaz de nos encontrar. Qualquer uma dessas alternativas me satisfaz.

Algumas das outras mulheres chegaram a pular de susto. O rosto redondo de Tion empalideceu, e Modarra deu um tapinha no ombro dela. Modarra seria bonita se não fosse tão alta e não estivesse sempre tentando dar uma de mãe para todos em volta. Alarys estava concentrada demais em alisar as saias, já bastante ordenadas, tentando ignorar o que não queria ver.

A boca fina de Meira desabou, mas quem poderia dizer se era de espanto, notando o medo declarado das outras pelo *Car'a'carn*, ou pelo próprio medo? Tinham motivo para sentir medo.

Dois dias inteiros desde a batalha, e menos de vinte mil lanças haviam se reunido em torno de Sevanna. Therava e a maioria das Sábias que tinham se encaminhado com ela para Oeste ainda estavam desaparecidas, assim como todos que levava consigo. Alguns dos ausentes sem dúvida deviam estar voltando para a Adaga do Fratricida, mas quantos jamais tornariam a ver o sol nascer? Ninguém se lembrava de tamanho massacre, tantos mortos em um período tão curto... Nem mesmo os *algai'd'siswai* estavam prontos para a dançar as lanças de novo, pelo menos não tão cedo. Havia motivos para ter medo, embora nenhum para demonstrar esse temor, exibindo coração e alma no rosto feito um aguacento aberto e desnudo, sempre à vista de todos. Rhiale pelo menos parecia perceber isso.

— Se vamos fazer isso, então vamos logo — murmurou, rígida de constrangimento. Era uma das que tinham pulado de susto.

Sevanna apanhou o pequeno cubo cinza da bolsa e o depositou, no meio do círculo, sobre as folhas marrons. Someryn pôs as mãos nos joelhos, inclinando-se até os peitos quase saírem da blusa, querendo examinar melhor o objeto, quase tocando-o com o nariz. Padronagens intrincadas cobriam todos os lados do cubo, e, de perto, era possível ver desenhos ainda menores dentro dos maiores, e outros ainda menores dentro deles, além de um sinal do que poderiam ser outros desenhos, ainda menores. Sevanna não fazia ideia de como poderiam ter sido feitos tão finos e tão precisos. Antes, achava que o cubo era de pedra, mas já não tinha certeza. No dia anterior, ela o deixara cair sem querer em algumas pedras, mas o baque não estragara nenhuma linha dos entalhes. Isso *se fossem* entalhes. A coisa devia ser um *ter'angreal* — isso elas sabiam.

— É preciso tocar o menor fluxo possível de Fogo bem aqui, nisso que parece uma lua crescente meio retorcida, mas com muito cuidado — anunciou Someryn, então completou, antes de se endireitar com um tranco: — E outro aqui em cima, nesta marca que parece um raio.

— E com isso, o que acontece? — perguntou Alarys, penteando os cabelos com os dedos. Parecia um gesto distraído, mas ela sempre encontrava formas de lembrar a todos que ostentava uma cabeleira negra, em vez do loiro ou do ruivo mais comuns entre o Povo do Deserto.

Sevanna sorriu. Gostava de saber o que as outras não sabiam.

— Serve para invocar o aguacento que me deu o cubo.

— Isso você já disse — respondeu Rhiale, com azedume.

— E como é que você vai invocar o sujeito com isso? — perguntou Tion, sem rodeios. A mulher talvez tivesse medo de Rand al'Thor, porém não temia mais quase nada. E certamente não tinha medo de Sevanna.

Belinde passou o dedo ossudo de leve no cubo, franzindo as sobrancelhas claras.

Sevanna manteve a expressão serena, se segurando para não apalpar um colar ou ajeitar o xale, de tanta irritação.

— Eu já falei tudo o que vocês precisam saber.

Na verdade, falara muito mais do que elas precisavam saber, na opinião dela, mas fora necessário. Do contrário, todas estariam de volta com as lanças e as outras Sábias, comendo pão duro e carne ressecada. Ou estariam rumando para Leste, buscando qualquer sinal de outras sobreviventes.

Buscando qualquer sinal de perseguição. Mesmo atrasadas, ainda poderiam cobrir cinquenta milhas antes de parar.

— Palavras não ajuda a tirar a pele do javali, muito menos a matar o bicho. Se querem rastejar de volta para as montanhas e passar o resto da

vida correndo e se escondendo, podem ir. Caso contrário, façam o que têm de fazer, que eu cuido da minha parte.

Rhiale a encarou com aqueles olhos azuis impassíveis e desafiadores, e Tion também, com seus olhos cinzentos. Até Modarra parecia desconfiada, parada, muito rígida, junto de Someryn.

Sevanna esperou, aparentando calma, nada disposta a repetir suas ordens ou a pedir alguma coisa. Por dentro, seu estômago se contorcia de raiva. Não seria derrotada pela covardia daquelas mulheres.

— Bem, se é o nosso dever...— suspirou Rhiale, por fim.

Fora Therava, que estava ausente, era Rhiale quem apresentava mais resistência, mas Sevanna tinha esperanças para ela. A espinha mais resistente a se dobrar costumava ser a mais maleável, depois que cedia. Essa verdade valia tanto para mulheres quanto para homens. Rhiale e as outras voltaram o olhar para o cubo, algumas de cenho franzido.

Sevanna não viu nada, claro. Inclusive, foi ali que percebeu que as outras poderiam muito bem não fazer nada e alegar que o cubo não estava funcionando, e ela jamais saberia.

Porém, de repente, Someryn soltou um arquejo.

— Ele atrai mais. Olhem — disse Meira, quase num sussurro, apontando. — Fogo ali e ali, além de Terra, Ar e Espírito estão preenchendo os canais.

— Nem todos — respondeu Belinde. — Imagino que poderiam ser preenchidos de muitas formas. E há lugares onde os fluxos... se retorcem... em volta de algo invisível. — Ela franziu o cenho. — Deve estar atraindo a parte masculina também.

Várias deram um passinho atrás, remexendo os xales e alisando as saias, como se para espanar a poeira. Sevanna daria tudo para ver o que estava

acontecendo. Ou melhor, quase tudo. Como elas podiam ser tão covardes? Como podiam deixar transparecer tanto medo?

— O que aconteceria se tocássemos algum outro ponto com Fogo? — sugeriu Modarra, por fim.

— Se a caixa receber Poder demais ou algum fluxo na direção errada, ela derrete — disse uma voz masculina, surgindo do nada. — Pode até expl...

A voz se calou assim que as outras mulheres pularam de pé, espiando por entre as árvores. Alarys e Modarra chegaram a empunhar as facas de cintura, embora não houvesse necessidade de aço quando tinham o Poder Único. Nada se mexia entre as sombras rajadas de sol, nem mesmo um pássaro.

Sevanna permaneceu imóvel. Acreditara em talvez um terço do que o aguacento lhe contara, e isso não estava entre o que considerara crível, mas reconheceu a voz de Caddar. Os aguacentos sempre tinham vários nomes, mas esse fora o único que o homem lhe dissera. Suspeitava que fosse um homem de muitos segredos.

— Assumam seus lugares de volta — ordenou Sevanna. — E retomem os fluxos para o ponto onde estavam. Como vou invocar o sujeito, se vocês têm medo até de palavras?

Rhiale deu um giro, a boca escancarada, os olhos incrédulos, decerto se perguntando como Sevanna sabia que tinham parado de canalizar — evidentemente não estava pensando com clareza. Bem devagar e muito constrangidas, elas voltaram a se organizar em círculo. Rhiale tinha a cara mais inexpressiva de todas.

— Então vocês voltaram — comentou Caddar, a voz pairando no ar. — Estão com al'Thor?

Algo no tom dele deixou Sevanna desconfiada. Ele não tinha como saber. Mas sabia. Sevanna abandonou tudo o que tinha preparado para dizer.

— Não, Caddar. Mas ainda precisamos conversar. Vejo você daqui a dez dias, onde nos encontramos pela primeira vez.

Conseguiria chegar àquele vale na Adaga do Fratricida antes disso, mas precisava de tempo para se preparar. Como ele sabia?

— Que bom que disse a verdade, garota — murmurou Caddar, seco. — Você vai descobrir que não gosto de ser enganado. Mantenha a linha da sua localização, que eu vou até você.

Sevanna encarou o cubo, em estado de choque. *Garota?*

— O que foi que você disse? — inquiriu. *Garota!* Sevanna não acreditava no que tinha ouvido.

Rhiale evitou olhar para ela de propósito, e Meira contorceu a boca em um sorriso — o que era esquisito, visto que a mulher quase não sorria.

O suspiro de Caddar preencheu a clareira.

— Diga às suas Sábias que continuem a fazer exatamente o que estão fazendo, e nada mais, que eu vou até vocês. — O tom de paciência forçada arranhava feito uma pedra de moinho. Quando Sevanna conseguisse o que queria do aguacento, botaria nele o uniforme branco de *gai'shain*. Não, o preto!

— Como assim você virá até nós, Caddar? — Em resposta, apenas silêncio. — Caddar, onde você está? — Silêncio. — Caddar?

As outras trocaram olhares incomodados.

— Ele está louco? — perguntou Tion.

Alarys resmungou que devia estar, e Belinde, irritada, exigiu saber por mais quanto tempo insistiriam naquele absurdo.

— Até eu mandar parar — respondeu Sevanna, baixinho, encarando o cubo. Um arrepio de esperança se alastrou por seu peito. Se ele podia fazer isso, então sem dúvida poderia entregar o que prometera. E talvez... melhor não esperar demais. Ergueu o olhar para os galhos que quase se tocavam no

alto da clareira. Ainda faltava um tanto para o sol chegar ao topo. — Se ele não aparecer até meio-dia, nós partiremos.

Era demais esperar que as mulheres não reclamassem.

— Então a gente fica aqui, sentada, fingindo ser pedra? — Alarys jogou a cabeça para trás de um jeito ensaiado, passando todo o cabelo por sobre o ombro. — Esperando um aguacento?

— Seja lá o que esse homem prometeu a você, Sevanna — começou Rhiale, com cara de desprezo —, não pode valer tudo isso.

— Ele está louco — rosnou Tion.

Modarra inclinou a cabeça para o cubo, perguntando:

— E se ele ainda puder ouvir?

Tion fungou, com desdém.

— De que importa se um homem escuta a nossa conversa? — perguntou Someryn. — Mas não aprecio essa ideia de esperar por ele.

— E se ele for feito aqueles aguacentos dos casacos pretos? — Belinde apertou os lábios, que ficaram quase tão finos quanto os de Meira.

— Não seja ridícula — retrucou Alarys, cheia de desprezo. — Os aguacentos matam esses homens assim que os veem. Não importa o que os *algai'd'siswai* dizem, isso deve ter sido obra das Aes Sedai. E de Rand al'Thor.

O nome produziu um silêncio doloroso, mas que não durou.

— Caddar deve ter um cubo igual a este — disse Belinde. — E estar com alguma mulher com o dom de fazê-lo funcionar.

— Uma Aes Sedai? — Rhiale soltou um pigarro enojado. — Se tiver dez Aes Sedai junto dele, deixe que venham. Terão o tratamento que merecem.

Meira soltou um risada seca, tão tensa quanto a expressão em seu rosto, dizendo:

— Acho que vocês estão quase começando a acreditar que elas mataram mesmo Desaine.

— Segure essa língua! — rosnou Rhiale.

— Pois é — murmurou Someryn, ansiosa. — Palavras descuidadas podem chegar aos ouvidos errados.

Tion soltou uma risada curta e desagradável, antes de provocar:

— Vocês juntas têm menos coragem que um aguacento sozinho.

A frase fez Someryn dar um tranco, claro, e Modarra também. Meira ainda disse algumas palavras que teriam causado um conflito, se não fossem todas Sábias, então Alarys falou com mais dureza, e Belinde... Sevanna se irritou com a barulheira, embora aquilo garantisse que as mulheres não conspirariam contra ela. Mas não foi por isso que ergueu a mão exigindo silêncio. Rhiale franziu o cenho para ela, abrindo a boca, e naquele momento elas ouviram o que motivou o gesto. Algo farfalhou em meio às folhas mortas, por entre as árvores. Nenhum Aiel faria tanto barulho, mesmo que algum se aproximasse das Sábias sem ser chamado, e nenhum animal chegaria tão perto de um grupo de pessoas. Desta vez, ela se levantou com as outras.

Duas figuras surgiram, um homem e uma mulher, os pés esmigalhando galhos suficientes para acordar uma pedra. Os dois pararam quase na entrada da clareira, e o homem inclinou a cabeça de leve, para falar com a mulher. Era Caddar, em um casaco quase preto com renda no pescoço e nos punhos. Pelo menos não portava espada. Os dois pareciam discutir. Sevanna devia ter conseguido distinguir algumas palavras, mas o silêncio era completo. Caddar era quase um palmo mais alto que Modarra, bem alto para um aguacento, ou mesmo para um Aiel, e a cabeça da mulher chegava no máximo em seu peitoral. Uma mulher de rosto e cabelos tão escuros quanto os dele, e bela a ponto de fazer Sevanna contrair os lábios, com um

vestido de seda vermelho-clara, cujo decote revelava mais colo que o de Someryn.

Como se atraída pelo pensamento de Sevanna, Someryn se aproximou.

— A mulher tem o dom — sussurrou, sem tirar os olhos da dupla. — Está tecendo uma barreira. — Fazendo um beicinho, acrescentou, relutante: — Ela é forte. Muito forte.

Vindo de Someryn, era uma observação significativa. Sevanna jamais compreendera por que a força com o Poder não contava entre as Sábias, mas também agradecia por isso, porque funcionava para seu próprio bem. Mas Someryn se orgulhava por jamais ter encontrado uma mulher nem de longe tão forte quanto ela. Pelo tom, Sevanna suspeitou que a mulher fosse ainda mais forte.

Naquele exato momento, pouco importava se a mulher era capaz de mover montanhas ou mal conseguia acender uma vela. Ela devia ser Aes Sedai. Não tinha as feições etéreas, mas algumas que Sevanna vira também não tinham. Devia ter sido assim que Caddar conseguira pôr as mãos no *ter'angreal*. E como conseguira encontrá-las e ir até lá. Tão cedo, tão depressa... As possibilidades se descortinavam, e a esperança crescia. Mas, entre os dois, quem comandava?

— Pare de canalizar — ordenou. Talvez ainda pudesse entreouvir.

Rhiale a encarou com um olhar quase que de pena, dizendo:

— Someryn já parou, Sevanna.

Nada poderia estragar seu bom humor. Sevanna abriu um sorriso, respondendo:

— Muito bem. Não esqueçam o que eu disse. Deixem que eu falo.

Quase todas assentiram, e Rhiale fungou alto. Sevanna sustentou o sorriso. Uma Sábia não podia ser feita de *gai'shain*, mas tantos costumes já ultrapassados tinham sido deixados de lado, que outros poderiam surgir.

Caddar e a mulher começaram a avançar.

— Ela ainda detém o Poder — sussurrou Someryn, outra vez.

— Sente-se ao meu lado — disse Sevanna, mais que depressa. — Toque minha perna se ela canalizar. — Como isso era irritante. Mas precisava saber.

Ela se sentou de pernas cruzadas, e as outras se juntaram, deixando um espaço para Caddar e a mulher. Someryn estava tão perto que os joelhos das duas se tocavam. Sevanna desejou ter uma cadeira.

— Vejo você, Caddar — cumprimentou, formal, a despeito do insulto dele. — Sente-se, você e sua mulher.

Queria ver como a Aes Sedai reagia, mas a mulher se limitou a erguer uma sobrancelha e abrir um sorriso preguiçoso. Seus olhos eram negros como os dele, negros como os de um corvo. As outras Sábias deixaram escapar uma certa frieza. Se as Aes Sedai nos Poços não tivessem permitido que Rand al'Thor se libertasse, sem dúvida teriam matado ou capturado cada uma. Essa Aes Sedai devia estar ciente disso, já que Caddar claramente sabia o que acontecera; no entanto, a mulher parecia estar sentindo tudo, menos medo.

— Esta é Maisia — disse Caddar, agachando-se até o chão, parando um pouco antes do espaço que fora deixado para ele. Por algum motivo, o homem não gostava de chegar ao alcance da mão alheia. Talvez temesse facas. — Eu disse para você usar uma única Sábria, Sevanna, não sete. Alguns homens podem ficar desconfiados. — Por algum motivo, ele parecia estar achando graça.

A mulher, Maisia, parou de alisar as saias quando Caddar revelou seu nome, cravando os olhos nele com uma fúria que poderia lhe arrancar todo o couro. Talvez achasse que teria a identidade preservada. No entanto, não abriu a boca. Depois de um momento, sentou-se ao lado dele e abriu outra

vez o sorriso, tão depressa que era como se nem tivesse fechado o semblante. Não pela primeira vez, Sevanna agradeceu aos aguacentos por escancararem tanto as emoções.

— Vocês trouxeram a coisa capaz de controlar Rand al'Thor? — Ela nem olhou a jarra d'água. Por que manter as formalidades diante de alguém tão grosseiro? Não lembrava de ele ser assim, quando se encontraram da vez anterior. Talvez a Aes Sedai encorajasse esses comportamentos.

Caddar lhe lançou um olhar intrigado.

— Por quê, se você não está com ele?

— Eu vou estar — respondeu Sevanna, muito tranquila, com um sorriso. Maisia também sorriu.

— Quando estiver, então. — O sorriso dele gritava dúvida e incredulidade. O da mulher, zombaria. Também a colocaria de preto. — O que eu tenho vai controlá-lo depois que for pego, mas não serve para dominá-lo. Não vou arriscar que ele descubra a meu respeito até que você o tenha em segurança. — Ele não parecia nem um pouco envergonhado pela admissão.

Sevanna conteve uma pontada de decepção. Uma esperança perdida, mas ainda restavam outras. Rhiale e Tion cruzaram os braços e cravaram os olhos à frente, para além do círculo, para além de Caddar; ele já não era digno de atenção. Mas elas não sabiam de tudo, claro.

— E as Aes Sedai? Essa coisa pode controlá-las?

Rhiale e Tion pararam de olhar além das árvores. Belinde franziu o cenho, e Meira chegou a olhar para Sevanna. Ela quase soltou um impropério diante de tamanha falta de autocontrole.

Caddar, no entanto, era tão cego quanto todos os aguacentos. Ele jogou a cabeça para trás e soltou uma risada.

—Está dizendo que vocês perderam al'Thor, mas capturaram alguma Aes Sedai? Miraram na águia e acertaram umas cotovias?

— Você pode fornecer o mesmo para Aes Sedai? — Sevanna queria era ranger os dentes. Caddar antes tinha mais educação, sem dúvida.

Ele deu de ombros.

— Talvez. Se o preço for justo.

Aquilo era migalha para ele, era insignificante. Inclusive, Maisia também não demonstrava preocupação — estranho, ela não era Aes Sedai? Bem, devia ser.

— Sua língua joga cores vivas ao vento, aguacento — comentou Tion, em um tom inexpressivo. — Que prova delas você tem?

Pela primeira vez, Sevanna não se incomodou com a fala fora de hora.

Caddar contraiu o rosto, exatamente como se fosse um chefe de clã, como se tivesse ouvido o insulto, mas em um instante tornou a abrir o sorriso.

— Como quiser. Maisia, brinque com a caixa para elas.

Someryn remexeu as saias, apertando os nós dos dedos na coxa de Sevanna enquanto o cubo cinza levitava. O cubo quicou de um lado a outro, como se jogado de mão em mão, então se inclinou e disparou para um canto, girando feito um pião, cada vez mais rápido, até virar um borrão.

— Querem que ela o equilibre no nariz? — perguntou Caddar, escancarando um sorriso.

A mulher escura mantinha o olhar fixo à frente, estreitando os olhos, o sorriso claramente forçado.

— Acho que já demonstrei o suficiente, Caddar — disse, com frieza.

Mas o cubo — ou seria uma caixa de chamadas? — continuou rodopiando.

Sevanna contou até vinte, bem devagar, então falou:

— É suficiente.

— Pode parar, Maisia — ordenou Caddar. — Ponha de volta.

Só então o cubo começou a descer, bem devagar, pousando delicadamente no local de origem. Por mais escura que fosse, a mulher estava pálida. E furiosa.

Se estivesse sozinha, Sevanna teria rido e dançado. Ali, como estava, foi difícil manter a expressão serena. Rhiale e as outras nem perceberam, ocupadas demais em encarar Maisia com desdém. O que funcionava para uma mulher com o dom funcionaria para outra. Provavelmente não precisaria daquilo com Someryn e Modarra, mas Rhiale, e Therava... Bem, não podia demonstrar muita ansiedade, ainda mais que as outras sabiam que não havia prisioneiras Aes Sedai.

— É claro — prosseguiu Caddar — que vamos levar um tempinho para fornecer o que você deseja. — Ele assumiu um olhar dissimulado, tentando disfarçar; talvez outro aguacento não tivesse visto. — Mas aviso que o preço não será baixo.

Por instinto, Sevanna inclinou o corpo para a frente.

— E de que jeito você viajou até aqui tão depressa? Quanto cobra para que ela nos ensine isso? — Conseguiu manter a voz livre de ansiedade, mesmo com medo de revelar o desprezo que sentia. Aguacentos fariam qualquer coisa por ouro.

Talvez o homem tivesse ouvido, pois não se controlou e arregalou os olhos, surpreso. Nada bom. Ele encarou as próprias mãos e contorceu a boca de leve. Por que o sorriso era de satisfação?

— Isso não é algo que ela faça — respondeu, num tom de voz suave como as palmas de suas mãos. — Não sozinha. É como a caixa. Posso fornecer várias, mas o preço é ainda mais alto. Duvido que o que tenham

coletado em Cairhien seja suficiente. Por sorte, vocês podem usar as... caixas de viagem para levar seu povo a terras mais ricas.

Até Meira estava com dificuldade de evitar uma expressão ávida demais. Terras mais ricas e nenhuma necessidade de enfrentar aqueles idiotas que seguiam Rand al'Thor.

— Conte mais — pediu Sevanna, com frieza. — Terras mais ricas podem ser interessantes.

Só não o bastante para fazê-la esquecer o *Car'a'carn*. Caddar lhe entregaria tudo o que prometera antes que ela o declarasse *da'tsang*. Além do mais, ele parecia gostar de usar preto... Quando o homem estivesse com o uniforme, não haveria necessidade de lhe pagar ouro algum.

* * *

O vigia percorria as árvores feito um fantasma, sem emitir som algum. Era maravilhoso o que se podia descobrir com um daqueles cubos, sobretudo em um mundo onde parecia haver apenas dois outros. Era fácil seguir aquele vestido vermelho, e eles nunca olhavam para trás, nem mesmo para ver se havia algum dos tais Aiel em seu rastro. Graendal mantinha o Espelho das Brumas que escondia sua verdadeira forma, mas Sammael já largara o dele e voltara a usar a barba loira, mantendo-se apenas uma cabeça e ombro mais alto que ela. E também deixara que o elo entre os dois se dissolvesse. O vigia se perguntava se isso era uma boa escolha, considerando as circunstâncias. Sempre se perguntara o quando da valentia que Sammael tanto alardeava não seria na verdade burrice e cegueira. Mas o homem estava abraçando *saidin*, então talvez não estivesse totalmente alheio ao perigo.

O vigia seguia e escutava. Elas não faziam ideia. O Poder Verdadeiro, arrebatado diretamente do Grande Senhor, não podia ser visto nem detectado exceto por quem também que o manejava. Pontos brancos flutuavam diante de seus olhos. Havia um preço, claro, um preço que crescia a cada uso, mas ele sempre estivera disposto a pagar o preço, quando necessário. Estar pleno do Poder Verdadeiro era quase como se ajoelhar diante de Shayol Ghul, expondo-se à glória do Grande Senhor. A glória compensava a dor.

— Claro que você precisava estar aqui comigo — grunhiu Sammael, tropeçando em uma vinha morta. Ele nunca ficara totalmente à vontade longe da civilização. — Você respondeu a centenas de perguntas só por estar lá. Mal posso acreditar que aquela garotinha idiota sugeriu mesmo o que eu queria... — Ele soltou uma risada. — Talvez eu seja *ta'veren*, já pensou?

Um galho que bloqueava parcialmente o caminho de Graendal foi dobrando até se quebrar com um estalido agudo. Por um instante, o galho pairou no ar, como se ela pretendesse acertar o companheiro de caminhada.

— Aquela garotinha idiota vai arrancar e comer o seu coração à menor chance. — O galho voou para o lado. — Eu mesma tenho algumas perguntas. Nunca pensei que você fosse manter a trégua com al'Thor por mais tempo do que deveria, mas isso...?

O vigia ergueu os olhos. Trégua? Uma alegação tão arriscada quanto falsa, considerando as evidências.

— Eu não organizei o sequestro dele. — Sammael lançou a Graendal o que decerto pensava ser um olhar irônico; a cicatriz transformava a expressão em um esgar de olhos. — Mas também teve a mão de Mesaana. Talvez de Demandred e Semirhage também, mesmo tendo terminado como terminou. Mas de Mesaana, não tenho dúvidas. Talvez você precise

reconsiderar o que acha que são as pretensões do Grande Senhor em relação a não ferir al'Thor.

Graendal refletiu tanto sobre aquilo que acabou tropeçando. Sammael a agarrou pelo braço, sustentando-a de pé, mas ela se desvencilhou assim que recuperou o equilíbrio. Interessante, inclusive considerando o que acontecera naquela clareira. Graendal estava sempre interessada em seduzir os homens mais belos dentre os mais poderosos, mas, só por passatempo, teria flertado com um homem que pretendesse matar ou que pretendesse matá-la. Os únicos homens com quem jamais flertava eram os Escolhidos que passavam algum tempo em posição superior à dela. Graendal jamais aceitava ser o lado fraco de nenhuma dupla.

— Então por que continuar com eles? — Lava borbulhante respingava da voz dela, que no geral costumava ter excelente controle das próprias emoções. — Al'Thor nas mãos de Mesaana é uma coisa; al'Thor nas mãos dessa selvagem é outra. Não que ela vá ter muita chance, se você está de fato pretendendo mandá-las saquear. Caixas de viagem? Qual é o jogo? Elas têm prisioneiros? Se acha que vou ensinar a Compulsão para elas, pode esquecer. Uma das mulheres não era desprezível. Não vou arriscar uma combinação de força e habilidade, nela ou em alguém que ela ensine. Ou você tem um atador escondido com seus outros brinquedos? Aliás, por que você demorou tanto, mais cedo? Eu não gosto de esperar!

Sammael parou e olhou para trás. O vigia estava imóvel. Envolto em tecido fluido como estava, só com os olhos à mostra, não tinha medo de ser visto. Com o passar dos anos, atingira a excelência em muitas áreas de que Sammael desdenhava. E também em algumas que ele favorecia.

O portão se abriu de repente, fatiando metade de uma árvore e fazendo Graendal dar um salto. O tronco partido se inclinou, cambaleante. Agora ela também sabia que Sammael estava agarrado à Fonte.

— Você acha que eu estava dizendo a verdade para elas? — perguntou Sammael, em tom de deboche. — Os pequenos incrementos no caos são tão importantes quanto os grandes. Essas mulheres irão aonde eu mandar, farão o que eu quiser e aprenderão a se satisfazer com o que eu der. Assim como você, Maisia.

Graendal deixou a Ilusão se esvair e voltou à aparência loira como ele, com a pele tão clara quanto antes fora escura.

— Se me chamar assim outra vez, eu te mato. — Sua voz era ainda menos inexpressiva que o rosto; ela não estava de brincadeira. O vigia ficou mais tenso. Se ela tentasse, um dos dois morreria. Seria melhor interferir? Pontos pretos voavam diante de seus olhos, mais e mais depressa.

Sammael retribuiu o olhar com um igualmente duro.

— Lembre-se de quem será Nae'blis, Graendal — falou, e adentrou o portão.

Por um instante, ela ficou ali, parada, encarando a abertura no ar. Um talho vertical prateado apareceu de um dos lados, mas, antes que o portão dela começasse a se alinhar, Graendal soltou a trama, bem devagar, e a linha foi se encolhendo até se tornar um ponto, depois piscou e desapareceu. A comichão na pele do vigia passou quando ela também soltou *saidar*. Com o rosto sério, Graendal foi atrás de Sammael, e o portão dele se fechou após sua passagem.

O vigia abriu um sorriso torto por trás da máscara de tecido fluido que o escondia. Nae'blis. Isso explicava o que pusera Graendal na linha, o que a impedira de matar Sammael. Até ela ficaria perturbada com isso. No entanto, era um risco ainda maior para Sammael do que alegar essa trégua com Lews Therin. A menos, claro, que fosse verdade. O Grande Senhor se regozijava em pôr seus serviçais uns contra os outros, querendo ver quem era o mais forte. Só os mais fortes poderiam postar-se junto a sua glória.

Mas a verdade de hoje não necessariamente era a de amanhã. O vigia já vira a verdade mudar centenas de vezes entre um único nascer e pôr do sol. Mais de uma vez, ele mesmo a alterara. Considerou voltar atrás e matar as oito mulheres na clareira. Elas morreriam fácil; duvidava que soubessem sequer formar um círculo de verdade. Os pontos negros preenchiam seus olhos, uma nevasca horizontal. Não... deixaria a coisa seguir seu próprio curso. Pelo menos por enquanto.

Aos seus ouvidos, o mundo gritava enquanto ele usava o Poder Verdadeiro para abrir um pequeno buraco e dar um passo para fora do Padrão. Sammael não sabia o quanto dissera a verdade. Pequenos incrementos no caos podiam ter a mesma importância dos grandes.



CAPÍTULO 21



A NOITE DE SWOVAN

A noite caiu devagar sobre Ebou Dar, o fulgor dos edifícios brancos resistindo à escuridão. Pequenos grupos e diversos farristas aproveitavam a Noite de Swovan, usando os pequenos brotos de sempre-viva no cabelo e dançando nas ruas sob o brilho de uma lua crescente. Uns poucos carregando não mais que uma lanterna saracoteavam sob a melodia de flautas, tambores e clarins que se elevava das estalagens e dos palácios, dançando enquanto iam de um grupo de festividades até o outro. Mas, no geral, as ruas estavam vazias. Um cão latiu ao longe, depois outro, mais próximo, respondendo com fúria, até de repente ganir e fazer silêncio.

Equilibrando-se na ponta dos pés, Mat escutava, os olhos vasculhando as sombras do luar. Só um gato se movia, esgueirando-se pela rua. O ruído de pés descalços correndo se dissipou. O dono de um daqueles passos deveria estar cambaleando, e o outro, sangrando. Quando Mat se curvou, chutou sem querer um porrete do tamanho do seu braço até os paralelepípedos do pavimento, e os pesados cravos de latão brilharam à luz do luar. Aquilo decerto teria lhe rachado o crânio. Balançando a cabeça, limpou a faca no casaco esfarrapado do homem caído aos seus pés. Olhos abertos num rosto sujo e cheio de vincos encaravam o céu noturno. Um mendigo, pelo aspecto e pelo cheiro. Mat ainda não tivera notícias de mendigos atacando gente, mas podia ser que a situação estivesse pior do que imaginava. Um saco

grande de juta repousava perto de uma das mãos estiradas do sujeito. Os atacantes deviam estar bem otimistas quanto ao que encontrariam nos bolsos de Mat. Aquele saco poderia envolvê-lo da cabeça aos pés.

No céu ao Norte, acima da cidade, uma luz explodiu de repente com um estrondo seco, enquanto riscos de um verde cintilante se expandiram até formar uma bola, então outra explosão fez chover centelhas vermelhas no meio da primeira, seguida de uma azul, depois uma amarela. Flores-noturnas dos Iluminadores — não tão espetaculares quanto teriam sido num céu nublado sem lua, mas, ainda assim, eram de tirar o fôlego. Mat podia ficar vendo fogos de artifício até cair morto de fome. Nalesean falara sobre um Iluminador — Luz, tinha sido naquela mesma manhã? —, mas nenhuma outra flor-noturna surgiu. Quando os Iluminadores faziam o céu florescer, como diziam, plantavam mais do que quatro flores. Estava claro que alguém endinheirado fizera uma compra para a Noite de Swovan, e Mat gostaria de saber quem. Um Iluminador capaz de vender flores-noturnas venderia mais que isso.

Mat deslizou a faca de volta para dentro da manga, recolheu o chapéu do calçamento e saiu andando apressado, as botas ecoando um som tão vazio quanto a rua. Ali, a maioria das janelas com venezianas não deixava passar nem uma luzinha. Duvidava que se pudesse encontrar lugar melhor para um assassinato, naquela cidade. Todo o encontro com os três mendigos durara apenas um ou dois minutos e não tinha sido presenciado por viva- alma. Naquela cidade, quem não tomasse cuidado podia acabar se metendo em três ou quatro brigas por dia, mas as chances de enfrentar dois grupos de assaltantes num mesmo dia pareciam tão grandes quanto as da Guarda Civil recusar um suborno. O que estaria acontecendo com a sorte dele? Se ao menos os malditos dados parassem de rolar em sua cabeça... Mat não correu, mas tampouco ficou perdendo tempo; manteve a mão no punho

debaixo do casaco e o olho atento a qualquer movimento nas sombras. Porém, não viu nada além de alguns grupos festejando pela rua.

No salão da estalagem A Mulher Errante, as mesas tinham sido retiradas, exceto por algumas, que permaneciam encostadas às paredes. Os flautistas e o tocador de tambor comandavam uma música estridente para quatro filas de pessoas imersas em gargalhadas, envolvidas no que parecia ser metade uma dança padronizada, metade uma giga. Ele ficou olhando e imitou um passo. Mercadores forasteiros com belas peças de lã dançavam junto com os locais, com seus coletes de seda bordados ou aqueles casacos inúteis jogados por sobre os ombros. Mat notou dois dos mercadores pelo modo como se moviam, um esguio e o outro não, mas ambos com uma graciosidade leve, e várias locais trajando o que tinham de melhor, as golas cavadas delineadas por uma renda delicada ou um bordado de grandes proporções, mas nenhuma usando seda. Não que fosse se recusar a dançar com uma mulher por conta de seda, claro — nunca rejeitara uma dança com qualquer mulher de qualquer idade ou posição social —, mas, naquela noite, os ricos estavam nos palácios ou nas casas dos agiotas e dos mercadores mais abastados. Aquela gente junto à parede, recuperando o fôlego para a próxima dança, passava mais tempo com a cara enfiada nas canecas do que fora, ou apanhando canecas frescas das bandejas carregadas por atendentes apressadas. A Senhora Anan provavelmente venderia a mesma quantidade de vinho naquela noite do que numa semana comum inteira. Cerveja também. O povo local não devia ter paladar nenhum.

Tentando mais um passo da dança, Mat agarrou Caira enquanto ela tentava passar depressa com uma bandeja e deu um jeito de falar num tom de voz bem acima da música para fazer algumas perguntas. Acabou pedindo um dourado para o jantar, um prato de sabor forte que a Senhora Anan

preparava à perfeição. Um homem precisava estar forte para se manter na dança.

Caira abriu um sorriso caloroso para um sujeito de colete amarelo que apanhou uma caneca em sua bandeja e deixou-lhe uma moeda, mas, desta vez, não houve sorrisos para Mat. Na verdade, ela deu um jeito de comprimir os lábios e formar uma linha bem fina, o que não era fácil.

— Eu sou a sua coelhinha, é? — Com uma fungada irritada, ela prosseguiu, impaciente. — O garoto está na cama, onde deveria estar, e não sei onde estão Lorde Nalesean, Harnan, Mestre Vanin ou seja lá quem mais. E a cozinheira disse que não vai preparar nada além de sopa e pão para quem estiver afogando a língua no vinho. Embora eu com certeza não saberia dizer por que Milorde ia querer um dourado tendo uma mulher que parece ouro esperando em seu quarto. Se Milorde me der licença, algumas pessoas precisam trabalhar para ganhar o pão.

E ela deu no pé, oferecendo a bandeja e abrindo um sorriso perfeito para todos os homens à vista.

Mat franziu o cenho. Uma mulher que parece ouro? No quarto dele? O baú com o ouro agora repousava numa pequena fresta debaixo do piso da cozinha, na frente de um dos fogões, mas, de repente, os dados em sua cabeça ribombavam feito trovão.

Os ruídos de júbilo foram se dissipando à medida que ele ia subindo os degraus bem devagar. À frente da porta de seu quarto, Mat parou e escutou os dados. Até aquele momento, duas tentativas de roubo no mesmo dia. Por duas vezes, seu crânio podia ter sido partido. Estava convicto de que a Amiga das Trevas não o vira, e ninguém poderia chamá-la de mulher que parece ouro, mas... Correu os dedos por um punho debaixo do casaco, então soltou a mão quando uma mulher lampejou em seus pensamentos, uma mulher alta caindo com o punho de uma faca despontando por entre os

seios. A faca dele. A sorte simplesmente teria de estar a seu lado. Com um suspiro, Mat abriu a porta.

A Caçadora que Elayne transformara em Guardiã se virou, suspendendo o arco de Dois Rios desencordado, a trança dourada caída por cima dos ombros. Seus olhos azuis se fixaram nele, resolutos, e seu rosto se encheu de determinação. Se não conseguisse o que queria, parecia pronta para espancá-lo com o arco desencordado.

— Se tudo isso é por causa do Olver — começou, então de repente houve uma distorção em sua memória, uma névoa esparsa que cobria um dia, uma hora da sua vida.

Não havia esperança, com Seanchan a oeste e Mantos-brancos a leste, nenhuma esperança e uma única chance, de modo que ergueu a Trombeta curva e soprou, sem saber exatamente o que esperar. O som saiu dourado como a Trombeta, tão agradável que ele não sabia se ria ou chorava. Ecoou, e a terra e os céus pareciam cantar. Enquanto aquela única nota pura pairava no ar, uma neblina surgiu, aparecendo de lugar nenhum, as nuvens finas se espessando, inchando cada vez mais, até que tudo se obscureceu, como se as nuvens tivessem encoberto a terra. E, descendo as nuvens, eles vieram, como se descessem uma montanha: os heróis lendários mortos, destinados a serem convocados a retornar pela Trombeta de Valere. O líder era o próprio Artur Asa-de-gavião, alto e de nariz adunco, e logo atrás vinha todo o resto, pouco mais de cem. Tão poucos, mas todos os que a Roda tornaria a girar e girar para conduzir o Padrão, para protagonizar lendas e mitos. Mikel, do Coração Puro, e Shivan, o Caçador, por trás da máscara negra. Dizia-se que era o arauto do fim das Eras, da destruição do que havia sido e do nascimento do que seria — ele e a irmã, Calian, a Seleccionadora, com sua máscara vermelha, cavalgando lado a lado. Amaresu, com a Espada do Sol reluzindo nas mãos, e Paedrig, o

apaziguador eloquente. E, logo ali, carregando o arco de prata com o qual jamais errava...

Mat fechou a porta com tudo e tentou se reclinar nela. Sentia-se tonto, atordado.

— Você é ela. É Birgitte, com certeza. Que meus ossos queimem até virar cinza, é impossível. Como? Como?

A mulher lendária soltou um suspiro resignado e escorou o arco no canto, próximo à lança dele.

— Fui arrancada de lá fora de hora, Soador da Trombeta, banida por Moghedien para morrer e salva pelo elo com Elayne. — A mulher falava devagar, analisando-o como se quisesse se certificar de que ele compreendia. — Tive medo de que você conseguisse lembrar quem eu costumava ser.

Ainda sentindo como se tivesse sido atingido entre os olhos, Mat fez careta e se atirou na cadeira ao lado da mesa. Quem ela costumava ser, realmente. Com as mãos na cintura, a mulher o confrontava com ar desafiador, nem um pouco diferente da Birgitte que ele vira descer cavalgando dos céus. Até as roupas eram as mesmas, embora o casaco curto fosse vermelho, e as calças folgadas, amarelas.

— Elayne e Nynaeve sabem e esconderam de mim, não é verdade? Segredos me cansam, Birgitte, e elas guardam tantos segredos quanto um armazém de grãos abriga ratos. As duas se tornaram Aes Sedai de corpo e alma. Até Nynaeve está duas vezes mais desconhecida que uma estranha.

— Você também tem os seus segredos. — Birgitte cruzou os braços e se sentou ao pé da cama. Pelo modo como olhava para ele, seria de se pensar que Mat era um quebra-cabeças de taverna. — Para começo de conversa, você não contou para elas que tocou a Trombeta de Valere. O menor dos seus segredos, e acho que elas não sabem.

Mat pestanejou. Presumira que as duas tivessem contado para ela. Afinal, aquela era Birgitte.

— E que segredos eu tenho? Aquelas mulheres sabem das minhas unhas do pé e dos meus sonhos. — Ela era Birgitte. Claro. Mat se inclinou para a frente. — Faça com que tomem juízo. Você é Birgitte Arco-de-prata. Pode fazer com que lhe obedçam. Esta cidade tem uma armadilha em cada esquina, e temo que os espetos fiquem cada dia mais afiados. Faça as duas irem embora antes que seja tarde demais.

Birgitte gargalhou. Cobriu a boca com uma das mãos e gargalhou!

— Você está enganado, Soador da Trombeta. Eu não mando nelas. Sou Guardiã de Elayne. Eu obedço. — O sorriso ganhou ares de pesar. — Birgitte Arco-de-prata. Pela Fé da Luz, não sei ao certo se ainda sou aquela mulher. Desde o meu estranho renascimento, tanta coisa do que eu era e sabia se esvaneceu feito bruma sob o sol do verão... Agora não sou nenhuma heroína, só mais uma mulher tendo que trabalhar duro. E, quanto aos seus segredos... Em que língua estamos falando, Soador da Trombeta?

Mat abriu a boca... então parou, prestando mais atenção ao que ela acabara de perguntar. *Nosane iro gavane domorakoshi, Diynen'd'ma'purvene?* Falamos nós qual língua, Soador da Trombeta? Ele sentiu os pelos da nuca querendo arrepiar.

— O sangue antigo — retrucou, com cuidado, e não na Língua Antiga. — Uma Aes Sedai uma vez contou que o sangue antigo corre forte em... De que você está rindo desse jeito agora?

— De você, Mat — conseguiu dizer a mulher, tentando não se dobrar de tanto rir. Pelo menos também não estava mais falando na Língua Antiga. Com o dedo, limpou uma lágrima do canto do olho. — Algumas pessoas falam uma palavra ou outra, uma ou duas frases, por causa do sangue antigo. No geral não entendem o que dizem, ou pelo menos não entendem

muito. Mas você... Numa frase, você é um Grão-príncipe eharoniano, e, na seguinte, um Primeiro Lorde de Manetheren, com sotaques e expressões perfeitas. Não, não se preocupe... Seu segredo está a salvo comigo. — Ela hesitou. — E o meu, está a salvo com você?

Mat acenou, ainda atônito demais para ficar ofendido.

— Eu tenho cara de língua frouxa? — resmungou. Era Birgitte! Em carne e osso! — Que me queime, uma bebida cairia bem.

Antes que as palavras saíssem da boca, ele já sabia que não era a coisa certa a se dizer. Mulheres nunca...

— Isso me parece uma boa ideia — concordou ela. — Para mim, um cântaro de vinho cairia bem. Sangue e cinzas, quando vi que você tinha me reconhecido, só falei engolir a língua!

Como se tivesse sido puxado, Mat se endireitou na cadeira e a encarou.

Birgitte lhe devolveu o olhar com uma piscadela feliz e um sorriso.

— O salão está tão barulhento que poderíamos conversar sem ninguém escutar. Além do quê, eu não me importaria em ficar lá sentada, dando uma olhada. Elayne me repreende que nem uma conselheira tovana quando cobiço algum homem por mais que um segundinho.

Mat aquiesceu sem nem pensar. As memórias de outros homens disseram que os tovanos eram um povo inflexível e reprovador, abster-se até quase doer. Ao menos haviam sido, mil anos antes, talvez até mais. Não tinha certeza se ria ou se resmungava. Por um lado, a chance de falar com Birgitte — Birgitte!, duvidava que aquele choque algum dia passaria —, mas, por outro, tinha sérias dúvidas de que conseguiria ouvir a música lá embaixo, com o barulho daqueles dados chacoalhando em sua cabeça. De alguma forma, a mulher devia ser a chave daquilo. Um homem com um mínimo de cérebro pularia pela janela imediatamente. Mat apenas concordou:

— Um cântaro ou dois, parece uma boa ideia.

* * *

Uma forte brisa salgada vinda da baía carregava um toque surpreendente de frescor, mas Nynaeve achava que a noite parecia opressora. Música e gargalhadas entrecortadas viajavam até o palácio e também eram ouvidas ao longe, de lá de dentro. Tinha sido convidada para o baile pela própria Tylin, assim como Elayne e Aviendha, mas, com diferentes níveis de polidez, todas declinaram. Aviendha dissera que só havia uma dança que estava disposta a dançar com homens aguacentos, o que fez Tylin pestanejar, cheia de incerteza. Nynaeve até que gostaria de ter ido — só os tolos deixavam passar qualquer oportunidade de dançar —, mas sabia que, se fosse, teria feito exatamente o que estava fazendo: ficar sentada, preocupada, tentando não morder as juntas do dedos até criar calos.

Assim, lá estavam todas elas, fechadas em seus aposentos, junto de Thom e Juilin, ansiosas feito gatas enjauladas, enquanto todo o resto de Ebou Dar festejava. Bem, ela, em todo caso, estava ansiosa. O que poderia estar fazendo Birgitte demorar tanto? Quanto tempo levava para dizer a um homem se apresentar assim que amanhecesse? Luz, todo aquele esforço era inútil, e já passava muito da hora de ir para a cama. Muito. Se ao menos conseguisse dormir, podia apagar as lembranças das horríveis jornadas de barco daquela manhã. Pior ainda: o senso climático lhe dizia que uma tempestade se avizinhava, que o vento deveria estar uivando lá fora e que a chuva cairia tão grossa que ninguém poderia enxergar a dez pés de distância. Levava um certo tempo para entender as ocasiões em que Escutara o Vento e parecera ouvir mentiras. Ao menos achava que tinha entendido. Outro tipo de tempestade estava se avizinando, não de vento ou

chuva. Não tinha provas, mas comeria as próprias sandálias se Mat Cauthon não tivesse alguma participação nisso. Queria dormir por um mês, um ano que fosse, para se esquecer das preocupações. Dormir até que Lan a acordasse com um beijo, igual a como o Rei Sol fez com Talia. O que era ridículo, claro. Aquilo era só uma história, e bem imprópria. Além do quê, não iria se tornar o bichinho de estimação de homem nenhum, nem mesmo de Lan. Mas ia encontrá-lo, daria um jeito, e faria um elo com ele. Ia... Luz! Se não tivesse achado que as outras ficariam olhando estranho, teria andado de um lado a outro até desgastar todo o solado das sandálias!

As horas se arrastavam. Ela lia e relia a breve carta que Mat deixara com Tylin. Aviendha estava sentada calmamente ao lado da sua cadeira de encosto alto, as pernas cruzadas como de costume, acomodada nos ladrilhos verde-claros, com um exemplar de “As Viagens de Jain, o Viajante” com capa de couro e ornado com douraduras aberto sobre os joelhos. Nada de ansiedade, nada visível, mas, em todo caso, Aviendha não mexeria nem um fio de cabelo mesmo que alguém lhe enfiasse uma víbora por dentro do vestido. Desde que voltaram para o palácio, ela se enfeitara quase dia e noite com o intrincado colar de prata que sempre usava. Menos na viagem de barco. Na ocasião, dissera que não queria se arriscar a perdê-lo. Nynaeve se perguntava por que ela não usava mais o bracelete de marfim. Tinha entreouvido uma conversa, algo sobre não o usar até Elayne estar com o dela, o que fazia pouco sentido — e importava tão pouco quanto o bracelete, claro. A carta gritava em seu colo. Os abajures de pé da sala de estar tornavam a leitura fácil, apesar da caligrafia juvenil e indefinida de Mat de fato trazer dificuldades de interpretação. Foi o conteúdo que embrulhou algumas vezes o estômago de Nynaeve.

Não há nada aqui, só calor e moscas, e isso temos aos montes em Caemlyn.

— Tem certeza de que não contou nada para ele? — quis saber.

Do outro lado do aposento, Juilin parou com a mão em cima do tabuleiro de pedras, lançando-lhe um olhar inocente e indignado.

— Quantas vezes tenho que dizer? — Aquela inocência indignada era uma das coisas que os homens faziam de melhor, sobretudo quando tinham mais culpa que raposas num galinheiro. O interessante era que os entalhes em torno da borda do tabuleiro eram de raposas.

Thom, sentado na extremidade oposta da mesa incrustada de lápis-lazúli, diante do caçador de ladrões, parecia menos menestrel com aquele casaco de lã cor de bronze bem cortado e mais o homem que um dia fora o amante da Rainha Morgase. De rosto velho e cabelo branco, com um bigode comprido e sobrancelhas espessas, exalava uma paciência frustrada desde os olhos azuis penetrantes até a sola das botas.

— Não vejo como ele poderia ter dito, Nynaeve — retrucou Thom, seco —, já que você não tinha nos contado quase nada até hoje à noite. Você deveria ter mandado Juilin e eu.

Nynaeve fungou alto. Como se aqueles dois não estivessem correndo por aí que nem duas galinhas com as cabeças decepadas desde que chegaram, se intrometendo nos assuntos dela e de Elayne acerca da ordem para Mat. Esses três também não conseguiam passar nem dois minutos juntos sem fofocar. Homens nunca conseguiam. Eles... A verdade, que Nynaeve relutava em admitir, era que nunca lhes ocorrera fazer uso daqueles dois.

— Vocês teriam ido farrear e beber com ele — resmungou. — E não venham dizer que não.

Era isso que Mat devia estar fazendo, deixando Birgitte descansando os pés na estalagem. Aquele homem ia encontrar algum jeito de destrambelhar todo o planejamento.

— E se tivessem ido? — gracejou Elayne, inclinando-se ao lado de uma das imensas janelas em arco, espiando a noite pela varanda de ferro pintado de branco. Tamborilava os pés, embora fosse incrível como ela conseguia identificar alguma melodia em meio a todas as que flutuavam na escuridão. — É uma noite para... festejar.

Nynaeve franziu o cenho às costas dela. Elayne estava cada vez mais estranha ao longo da noite. Se já não soubesse das coisas, teria suspeitado de que ela estivera dando umas escapadelas para tomar golinhos de vinho. Golões, na verdade. Bem, mesmo que não estivesse vigiando Elayne, sabia que isso seria impossível. Cada uma ali tivera sua experiência bem desafortunada por exagerar no vinho, e nenhuma delas voltara a se permitir mais do que só um copo por vez.

— É Jaichim Carridin que me interessa — afirmou Aviendha, fechando o livro e repousando-o ao seu lado. Recusava-se a considerar quão estranha parecia, sentada no chão com um vestido azul de seda. — Entre nós, Mensageiros das Sombras são mortos assim que os encontramos, e nenhum clã, ramo, sociedade ou irmã-primeira levanta a mão para protestar. Se Jaichim Carridin é um Mensageiro das Sombras, por que Tylin Mitsobar não o mata? Por que nós não o matamos?

— As questões são um pouco mais complexas aqui — advertiu Nynaeve, apesar de ter se perguntado o mesmo.

Não que estivesse imaginando por que Carridin não era assassinado, claro, mas queria saber por que ele ainda tinha permissão de ir e vir como bem entendesse. Avistara o sujeito no palácio naquele mesmo dia, depois que a carta de Mat lhe fora entregue, depois que contara a Tylin o que continha na carta. Carridin conversara com Tylin por mais de uma hora e saíra com tanta honraria quanto na chegada. Nynaeve pretendia discutir o assunto com Elayne, mas a questão do que Mat sabia, e como, continuava

interferindo. Aquele homem ia criar problemas. Ela não sabia como, mas ele ia. Essa empreitada daria errado, não importava o que qualquer um dissesse. A tempestade estava chegando.

Thom pigarreou.

— Tylin é uma rainha fraca, e Carridin é o embaixador de uma potência. — Ele posicionou uma pedra e manteve os olhos no tabuleiro. Soava como se estivesse pensando alto. — Por definição, um Inquisidor Manto-branco não pode ser um Amigo das Trevas. Ao menos é assim que está definido na Fortaleza da Luz. Se ela o prender, ou mesmo se acusá-lo, teremos uma legião de Mantos-brancos em Ebou Dar antes de sequer podermos piscar. Eles talvez até a deixassem no trono, mas ela passaria a ser um fantoche, e com as cordas puxadas no Domo da Verdade. E você, Juilin, ainda não está preparado para admitir a derrota?

O caçador de ladrões encarou o menestrel, então se curvou para analisar o tabuleiro intensamente.

— Não achei que ela fosse covarde — opinou Aviendha, com desgosto, no que Thom abriu um sorriso bem-humorado.

— Você nunca se viu diante de nada que não pudesse enfrentar, criança — retrucou o menestrel, com gentileza —, nada tão forte que suas únicas opções fossem fugir ou ser consumida viva. Tente não julgar Tylin enquanto não passar por isso.

Por algum motivo, o rosto de Aviendha se avermelhou. Ela costumava esconder bem as emoções, seu rosto em geral era como uma pedra.

— Eu sei — disse Elayne de repente. — Vamos encontrar provas que até Pedron Niall deve aceitar. — Ela foi entrando no quarto aos saltinhos... ou melhor, dançando. — Vamos nos disfarçar e segui-lo.

De uma hora para a outra, já não era mais Elayne quem estava ali de pé com um vestido eboudariano verde, e sim uma domanesa com um vestido

azul justo e estreito. Nynaeve deu um pinote, sem conseguir se conter, e sua boca se estreitou, exasperada consigo mesma. O simples fato de não conseguir enxergar as tessituras naquele momento não era motivo para se sobressaltar com a Ilusão. Disparou um olhar para Thom e Juilin. Até a boca de Thom se escancarou. Inconscientemente, ela segurou a trança com força. Elayne iria relevar tudo! O que estava acontecendo com ela?

A Ilusão funcionava melhor se a pessoa se mantivesse mais parecida com o que era antes, ao menos em formato e tamanho, de modo que pedacinhos do vestido eboudariano despontavam em meio à indumentária domanesa, à medida que Elayne girava para se examinar em um dos dois grandes espelhos do quarto. Ela gargalhou e bateu palmas.

— Ah, ele nunca vai me reconhecer! Nem você, quase-irmã. — De repente, uma taraboniana estava sentada ao lado da cadeira de Nynaeve, com olhos castanhos e tranças loiras amarradas com contas vermelhas do mesmíssimo tom do vestido justo de seda com vincos. A mulher encarava Elayne, perplexa. A mão de Nynaeve apertou ainda mais a trança. — E não podemos nos esquecer de você — prosseguiu Elayne, balbuciando. — Eu sei *exatamente* o que vai ser.

Desta vez, Nynaeve viu o brilho em torno de Elayne. Estava furiosa. Ver os fluxos serem tecidos em torno dela não dava pistas da imagem que Elayne criava para ela, claro. Para isso, precisava se olhar em um dos espelhos. Uma mulher do Povo do Mar a encarava de volta, horrorizada, com dez argolas cheias de gemas nas orelhas e o dobro de medalhões de ouro pendurados na corrente que se emendava ao brinco no nariz. Além das joias, usava calças folgadas de seda verde bordada e só, nem um paninho a mais, do jeito que as mulheres dos Atha'an Miere ficavam quando não havia terra à vista. Era só Ilusão. Sob a tessitura, Nynaeve ainda estava

vestida com decência. Mas... Ao lado do seu reflexo, avistou os de Thom e Juilin, ambos se esforçando para não rir.

Um grasnado reprimido irrompeu da sua garganta.

— Fechem os olhos! — gritou para os homens, quando começou a dar pulinhos, acenando com os braços, qualquer coisa para fazer o vestido aparecer. — Fechem, e que a Luz os queime! —

Oh. Eles estavam de olhos fechados. Arrepiada de indignação, ela parou de saltar. Os dois, no entanto, já não tentavam mais conter o riso. Aliás, a própria Aviendha estava gargalhando sem nenhuma descrição, se sacudindo sem parar.

Nynaeve deu um puxão nas saias — no espelho, a mulher do Povo do Mar pareceu puxar as calças — e cravou os olhos em Elayne.

— Pare com isso, Elayne!

A domanesa olhou de volta, a boca aberta e os olhos arregalados de incredulidade. Foi só aí que Nynaeve percebeu como estava zangada. A Fonte Verdadeira a chamava um pouco além do limiar da visão. Abraçando saidar, tratou de formar uma barreira entre Elayne e a Fonte Verdadeira. Ou melhor, tentou: blindar alguém já de posse do Poder não era fácil nem quando se era o mais forte. Certa vez, ainda garota, girara o martelo de Mestre Luhhan contra a bigorna com o máximo de força que podia, e o tremor da pancada percorreu seu o corpo inteiro até os dedos do pé. A sensação agora era o dobro daquilo.

— Pelo amor da Luz, Elayne, você está bêbada?

O brilho em torno da domanesa se dissipou, bem como a própria domanesa. Nynaeve sabia que a tessitura saíra do seu entorno, mas ainda deu uma olhadinha para o espelho e respirou aliviada ao ver a si própria, Nynaeve al'Meara, vestida de azul com detalhes amarelos.

— Não — negou Elayne, hesitante. O rubor ardia em seu rosto, mas não era por vergonha, ou não totalmente. Ela ergueu o queixo e gelou a voz. — Não estou.

A porta que dava para o corredor se abriu com um estrondo, e Birgitte entrou cambaleante e com um sorriso largo. Bem, talvez não estivesse cambaleando, mas decididamente não estava tão firme.

— Não esperava ver todos vocês acordados me esperando — comentou, animada. — Bem, pois vocês vão querer ouvir o que eu tenho para contar. Mas, primeiro...

Com os passos demasiado firmes de quem carregava uma quantidade considerável de bebida no corpo, ela sumiu para dentro do quarto.

Thom ficou olhando a porta com um sorriso divertido, e Juilin, com um sorriso incrédulo. Sabiam quem ela era, sabiam a verdade toda. Elayne só fez olhar por baixo do nariz. Do quarto de Birgitte, ouviu-se um respingar, como se um cântaro tivesse caído no chão. Nynaeve trocou olhares intrigados com Aviendha.

Birgitte reapareceu com o rosto e o cabelo pingando e o casaco ensopado dos ombros aos cotovelos.

— Agora estou com as ideias mais claras — afirmou, instalando-se com um suspiro numa das poltronas de pés redondos. — Aquele jovem tem a perna oca e um buraco na sola do pé. Conseguiu derrubar até Beslan na bebida, e eu estava começando a achar que vinho era água para ele.

— Beslan? — estranhou Nynaeve, o tom de voz subindo. — O filho de Tylin? O que ele estava fazendo lá?

— Por que você deixou, Birgitte? — exclamou Elayne. — Mat Cauthon vai corromper o garoto, e a mãe vai dizer que a culpa é nossa.

— O *garoto* tem a mesma idade que você — retrucou Thom, em tom bem conservador.

Um olhar de perplexidade perpassou Nynaeve e Elayne. O que Thom queria dizer com aquilo? Todo mundo sabia que os homens, sendo como eram, só ficavam bom das ideias dez anos depois das mulheres.

A perplexidade desapareceu do semblante de Elayne, substituída por uma firmeza e uma raiva nada pequena quando ela tornou a se concentrar em Birgitte. Palavras seriam ditas, palavras das quais as duas poderiam se arrepender no dia seguinte.

— Se você e Juilin puderem nos deixar a sós, Thom — pediu Nynaeve, mais do que depressa, já que era extremamente improvável que os dois percebessem sozinhos a necessidade de sair. — Vocês precisam dormir para estarem renovados assim que acordarem de manhã. — Os dois ficaram lá, sentados, embasbacados com ela feito dois tolos com sininhos, então teve que endurecer o tom: — Pois bem?

— Esta partida já acabou há umas vinte pedras — observou Thom, olhando para o tabuleiro. — O que me diz de descermos para o quarto e começarmos outra? Eu lhe dou dez pedras para colocar como quiser a qualquer hora do jogo.

— Dez pedras!? — ganiu Juilin, arrastando a cadeira para trás. — E também vai me oferecer caldo de peixe e pão de leite?

Os dois foram discutindo enquanto saíam, mas, à porta, cada qual deu uma olhadela para trás com um ressentimento tristonho. Nynaeve não descartava a possibilidade de que os dois virassem a noite acordados só porque ela os mandara para a cama.

— Mat não vai corromper Beslan — garantiu Birgitte, seca, enquanto a porta se fechava atrás dos homens. — Duvido que nove dançarinas emplumadas em um navio carregado de conhaque fossem capazes corrompê-lo. Não saberiam nem por onde começar.

Nynaeve ficou aliviada ao ouvir aquilo, embora houvesse algo estranho no tom de voz da mulher — a bebida, provavelmente. Mas Beslan estava longe de ser o problema. Ela disse isso, e Elayne acrescentou:

— Não, não é mesmo esse o problema. Você está bêbada, Birgitte! E eu senti! Ainda fico meio alterada se não me concentrar. Não é assim que o elo tem que funcionar. Aes Sedai não saem dando risadinhas por aí porque seus Guardiões bebem muito!

Nynaeve jogou as mãos para cima.

— Não olhe assim para mim — rebateu Birgitte. — Você sabe mais do que eu. Antes, Aes Sedai e Guardiões sempre foram homens e mulheres. Talvez seja essa a diferença. Talvez nós sejamos parecidas demais. — Seu sorriso estava levemente torto. A quantidade de água naquele cântaro não fora nem de perto o suficiente. — Bem, suponho que isso talvez seja meio constrangedor.

— E se falarmos sobre o que é importante? — sugeriu Nynaeve, com firmeza. — Sobre Mat, por exemplo?

Elayne estava com a boca aberta para responder Birgitte, mas tratou logo de fechá-la, os pontos vermelhos nas bochechas, desta vez, claramente por desapontamento.

— Muito bem... — prosseguiu Nynaeve. — Mat estará aqui pela manhã, ou está no mesmo estado rebelde que você?

— Ele talvez venha — respondeu Birgitte, apanhando uma xícara de chá de menta oferecida por Aviendha, que, óbvio, estava sentada no chão.

Elayne franziu o cenho para ela por um momento, e, então, imagine só, dobrou as pernas e se sentou ao lado da Aiel!

— Como assim talvez? — quis saber Nynaeve, que canalizou, fazendo a cadeira onde estivera sentada flutuar até onde estava. Se bateu com força no

chão, foi porque ela quis. Beber demais, se sentar no chão... O que viria depois? — Se o que ele espera é nos ver engatinhando até onde ele está...!

Birgitte tomou um golinho do chá com um murmúrio agradecido e, estranhamente, quando voltou a olhar para Nynaeve, não parecia tão bêbada.

— Eu o convenci a não levar aquilo adiante. Acho que ele não estava falando sério. Tudo o que ele quer agora é um pedido de desculpa e alguns agradecimentos.

Os olhos de Nynaeve se esbugalharam. Birgitte o convencera a *não levar* aquilo adiante? Desculpas? Para Matrim Cauthon?

— Nunca — rosnou.

— Desculpas pelo quê? — indagou Elayne, como se importasse. Fingiu não ter visto a encarada de Nynaeve.

— Pela Pedra de Tear — esclareceu Birgitte, no que a cabeça de Nynaeve se virou. A mulher já não parecia mais nem um pouco bêbada. — Ele fala que foi até a Pedra com Juilin só para soltar vocês duas de um calabouço de onde não conseguiriam escapar sozinhas. — Ela balançou a cabeça devagar, atônita. — Não sei se eu teria feito isso por alguém além de Gaidal. Não na Pedra. Ele diz que vocês disseram um obrigada nada sincero e o fizeram sentir que ele é que devia estar agradecido por vocês não o terem chutado.

De certa forma, era verdade, mas uma verdade completamente distorcida. Mat estivera lá com aquele sorriso zombeteiro, dizendo que tinha ido ali para tirar as castanhas delas do fogo, ou algo do tipo. Até ali, Mat achara que podia dizer a elas o que fazer.

— Só havia uma das irmãs da Ajah Negra de guarda no calabouço — resmungou Nynaeve —, e nós tínhamos dado um jeito nela. — Na verdade, ainda não tinham conseguido descobrir como iam abrir a porta blindadas.

— De qualquer jeito, Be'lal não estava muito interessado em nós. Era só para atrair Rand. A esta altura, Moiraine já deve tê-lo matado, pelo que sabemos.

— A Ajah Negra. — A voz de Birgitte soou mais linear do que os ladrilhos do piso. — E um dos Abandonados. Mat não falou deles. Você deve um obrigada a ele de joelhos, Elayne. Vocês duas. O homem merece. E Juilin também.

O sangue subiu até o rosto de Nynaeve. Ele nunca mencionara...? Aquele homem desprezível, desprezível!

— Eu não vou pedir desculpas para Mat Cauthon, nem no meu leito de morte.

Aviendha se inclinou na direção de Elayne e tocou seu joelho.

— Quase-irmã, vou falar uma coisa com toda a delicadeza. — A aparência e a voz dela pareciam tão delicadas quanto um poste de pedra. — Se isso for verdade, vocês têm *toh* para com Mat Cauthon, você e Nynaeve. E, a julgar pelos atos que tenho visto, vocês só pioraram a situação desde então.

— *Toh!* — exclamou Nynaeve. Aquelas duas viviam falando sobre essa besteirada de *toh*. — Nós não somos Aiel, Aviendha. E Mat Cauthon é um espinho no pé de todo mundo que encontra.

Elayne, no entanto, aquiescia.

— Entendi. Você tem razão, Aviendha. Mas *o que* temos que fazer? Você precisa me ajudar, quase-irmã. Eu não pretendo tentar me tornar Aiel, mas quero... quero que você se orgulhe de mim.

— Nós *não vamos* pedir desculpas! — explodiu Nynaeve.

— Eu me orgulho de conhecer você — respondeu Aviendha, tocando de leve na bochecha de Elayne. — Um pedido de desculpas é um começo, só que não é o bastante para cumprir *toh*.

— Vocês estão me ouvindo? — protestou Nynaeve. — Eu disse que *não* vou pedir desculpas!

As duas continuaram conversando. Só Birgitte olhou para ela, e a mulher estampava um sorriso não muito distante de uma verdadeira gargalhada. Nynaeve estrangulou a trança com as mãos. Sabia que deviam ter mandado Thom e Juilin em vez dela.



CAPÍTULO 22



PEQUENOS SACRIFÍCIOS

Semicerrando os olhos para espiar a placa acima da porta em arco da estalagem, com um desenho bem simples de uma mulher com um cajado olhando esperançosamente ao longe, Elayne desejou que ainda estivesse em sua cama, e não parada naquele sol. Não que fosse conseguir dormir. Atrás dela, a Praça Mol Hara estava vazia, a não ser pelo ranger de umas poucas carroças de bois e burros a caminho dos mercados e grupos de mulheres equilibrando cestos enormes na cabeça. Um mendigo de uma perna só estava sentado com sua vasilha em um canto da estalagem, o primeiro de muitos que pontilhariam a praça mais tarde. Ela já lhe dera um marco de prata, o bastante para alimentá-lo por uma semana, mesmo naqueles dias, mas o homem enfiou a moeda no casaco esfarrapado com um sorriso desdentado e continuou aguardando. O céu ainda estava cinzento, mas o dia já prometia ser escaldante. Manter concentração suficiente para ignorar o calor era uma dificuldade naquela manhã.

Os últimos vestígios da ressaca de Birgitte resistiam lá no fundo de sua cabeça, quase desaparecendo, mas ainda ali. Se pelo menos sua pouca habilidade com a Cura não tivesse se provado limitada demais... Torcia para que Aviendha e Birgitte conseguissem descobrir alguma coisa útil sobre Carridin naquela manhã, com seus disfarces de Ilusão. Não que Carridin fosse capaz de diferenciar qualquer uma das duas de uma sapateira, claro,

mas era melhor se precaver. Ela se orgulhava de Aviendha não ter pedido para ir junto, e de a mulher ter chegado a ficar surpresa com tal sugestão. Aviendha não acreditava que ela precisava de uma vigilância para garantir que faria o necessário.

Com um suspiro, ela endireitou o vestido, embora não fosse preciso. Azul e creme, com um pouco de renda de Vandalra também cor de creme, a vestimenta a fazia se sentir um pouco... exposta. A única vez em que Elayne se recusou a usar a moda local foi quando ela e Nynaeve viajaram para Tanchico com o Povo do Mar, mas, à sua maneira, a moda eboudariana era quase... Ela tornou a suspirar. Só estava tentando adiar. Aviendha deveria ter vindo para guiá-la.

— Eu não vou pedir desculpas — disse Nynaeve, de repente, junto ao ombro dela. Ela agarrava as saias cinzentas com as duas mãos e olhava para A Mulher Errante como se Moghedien em pessoa a esperasse lá dentro. — Não vou!

— Você devia ter vindo de branco, afinal — murmurou Elayne, recebendo de volta um olhar de soslaio desconfiado. Depois de um momento, acrescentou: — Foi você quem falou que era uma cor para funerais.

Isso gerou um meneio satisfeito, apesar de não ter sido essa a sua intenção. Aquilo *seria* um desastre se elas não conseguissem se manter em paz. Birgitte tivera de se contentar com uma infusão de ervas naquela manhã, uma mistura particularmente amarga, porque Nynaeve afirmara que não estava com raiva suficiente para canalizar. Ela encarnara sua versão mais dramática ao ficar repetindo que o branco fúnebre era a única cor adequada, insistindo que não iria até Elayne arrastá-la para fora dos aposentos, e anunciou pelo menos vinte vezes desde então que não ia pedir desculpas. Era preciso manter a paz, mas...

— Você concordou com isso, Nynaeve. Não, eu não quero ouvir mais nada sobre você ter sido intimidada a concordar. Você concordou, então pare com essa rabugice.

Nynaeve arfou, os olhos se esbugalhando de ultraje. No entanto, não se deixou desviar do assunto, apesar do “Rabugice?” furiosamente incrédulo que murmurou para si mesma.

— Precisamos discutir mais sobre isso, Elayne. Não é preciso ter tanta pressa. Deve haver mil razões para isso funcionar, *ta’veren* ou não, e Mat Cauthon responde por novecentas delas.

Elayne lhe lançou um olhar comedido.

— Hoje de manhã você escolheu de propósito as ervas mais amargas?

Os olhos esbugalhados de ultraje viraram olhos esbugalhados de inocência, mas as bochechas de Nynaeve ficaram vermelhas. Elayne empurrou a porta e a abriu. Nynaeve, resmungando, a seguiu. Elayne não teria ficado surpresa se ela também lhe mostrasse a língua. Rabugice era pouco, naquela manhã.

O aroma de pão assando flutuava das cozinhas, e todas as venezianas se encontravam abertas para arejar o salão. Uma atendente de bochechas gorduchas em cima de um banquinho alto estava na ponta dos pés para conseguir apanhar galhos enlameados de sempre-viva de cima das janelas, enquanto outras rearrumavam mesas, bancos e cadeiras que deviam ter sido retirados para a dança. Cedo assim, não havia mais ninguém por ali, exceção feita a uma garota bem magra de avental branco varrendo o chão desanimada com uma vassoura de palha. Poderia ser bonita, se sua boca não parecesse constantemente emburrada. O salão estava surpreendentemente arrumado, considerando-se que, durante festivais, estalagens eram lugares de balbúrdia e até de libertinagem. Parte dela, no entanto, desejava ter participado.

— Você poderia me informar onde ficam os aposentos de Mestre Cauthon? — perguntou ela, sorrindo para a garota magrela e oferecendo duas moedas de prata.

Nynaeve fungou. A mão *dela* era fechada feito uma noz; tinha dado uma moeda de *cobre* para o mendigo!

A garota olhou para as duas de um jeito amargurado — e, incrivelmente, para as moedas também — e resmungou:

— Uma mulher toda dourada ontem à noite, e ladies esta manhã.

Com má vontade, ela deu a informação. Por um momento, Elayne achou que a garota talvez fosse desprezar as moedas, mas ela pegou as pratas de sua mão ao se virar, sem nem mesmo uma única palavra de agradecimento, parando apenas para enfiá-las, imagine só, na gola do vestido, antes de voltar a manobrar a vassoura como se quisesse espancar o chão até a morte. Talvez tivesse um bolso costurado por ali.

— Viu só? — resmungou Nynaeve bem baixinho. — Pode anotar: ele tentou investidas com essa jovem. É esse o tipo de homem para quem você quer que eu peça desculpas.

Elayne não disse nada, só caminhou na frente até os degraus sem corrimão nos fundos do aposento. Se Nynaeve não parasse de reclamar... No primeiro corredor à direita, a garota dissera, e na última porta à esquerda, mas Elayne parou em frente à porta, mordendo o lábio inferior, e hesitou.

Nynaeve se animou.

— Agora você está vendo que é uma má ideia, não está? Nós não somos Aiel, Elayne. Eu até gosto bastante da garota, mesmo que ela nunca pare de ficar acariciando aquela adaga dela, mas pense um pouco no disparate que ela falou. É impossível. Você tem que saber que é.

— Não concordamos com nada impossível, Nynaeve. — Manter a voz firme lhe demandou certo esforço. Parte do que Aviendha sugerira, aparentemente com toda a seriedade... Ela chegara a sugerir que deixassem o homem *açoitá-las*! — O que concordamos é bem possível.

Por pouco. Ela bateu com força na porta apainelada. Havia um peixe entalhado nela, um troço redondo com listras e um bico. Todas as portas possuíam um entalhe diferente, a maioria de peixes. Ninguém respondeu.

Nynaeve soltou o ar que devia estar prendendo.

— Talvez ele tenha saído. Vamos ter que voltar numa outra hora.

— A esta hora? — Elayne bateu de novo. — Você diz que ele dorme o quanto pode.

— Elayne, se Birgitte serve de indicativo, Mat ficou bêbado que nem um gambá ontem à noite. Ele não vai nos agradecer por acordá-lo. Por que simplesmente não vamos embora e...

Elayne levantou o trinco e entrou. Nynaeve a seguiu com um suspiro que poderia ter sido ouvido lá no Palácio.

Mat Cauthon estava esparramado na cama por cima da manta vermelha de tricô, um pano dobrado sobre seus olhos e a baba escorrendo até o travesseiro. O quarto não estava muito arrumado, apesar de não haver poeira. Uma bota repousava no lavatório — no lavatório! —, junto de uma bacia branca cheia de água ainda limpa, o espelho de pé todo torto, como se Mat tivesse tropeçado nele e o largado inclinado para trás, e seu casaco amarrotado estava jogado por cima do encosto de uma cadeira. Ele ainda usava todo o resto das roupas, incluindo aquele cachecol preto que parecia nunca tirar, além da outra bota. A cabeça de raposa de prata pendia de dentro da camisa desamarrada.

O medalhão fez seus dedos comicharem. Se ele realmente estivesse caído de bêbado, talvez conseguisse removê-lo sem Mat notar. De um jeito

ou de outro, ela pretendia descobrir como aquela coisa absorvia o Poder. Descobrir como basicamente tudo funcionava era sua fascinação, mas aquela cabeça de raposa era todos os enigmas do mundo condensados em um só.

Nynaeve puxou-a pela manga e mexeu a cabeça na direção da porta, sussurrando a palavra “dormindo” e algo mais que Elayne não foi capaz de decifrar. Provavelmente outro pedido para irem embora.

— Me deixe em paz, Nerim — murmurou Mat de repente. — Já lhe disse que a única coisa que eu quero é um crânio novo. E feche a porta com cuidado ou eu vou pregar as suas orelhas nela.

Nynaeve deu um pulo e tentou puxar Elayne em direção à porta, mas ela não arredou pé.

— Não é Nerim, Mestre Cauthon.

Mat levantou a cabeça do travesseiro, usou as duas mãos para suspender um pouquinho o pano e olhou para as duas com olhos vermelhos semicerrados.

Sorrindo, Nynaeve não fez o menor esforço para esconder seu prazer com o estado miserável em que ele se encontrava. O que Elayne não conseguiu entender logo de cara foi por que também quis sorrir. Sua única experiência com excesso de bebida só fizera com que sentisse compaixão e simpatia por qualquer um que estivesse em tamanha enrascada. Lá no fundo, ainda sentia a cabeça de Birgitte latejando, e foi quando lhe ocorreu: ela por certo não gostava que Birgitte se afogasse em bebida, fosse qual fosse o motivo, mas tampouco gostava da ideia de que alguém superasse sua Guardiã em qualquer coisa. Um pensamento ridículo. Vergonhoso. Mas gratificante, também.

— O que vocês estão fazendo aqui? — questionou ele com a voz rouca, para então se encolher e baixar a voz. — Está de madrugada.

— Está de manhã — rebateu Nynaeve rispidamente. — Você não se lembra de ter conversado com Birgitte?

— Você pode falar mais baixo? — sussurrou Mat, fechando os olhos. No instante seguinte, eles tornaram a se abrir. — Birgitte?

Ele se sentou de repente e girou as pernas para a lateral da cama. Por um tempo, só ficou ali parado espiando as tábuas do assoalho, os cotovelos apoiados nos joelhos e o medalhão balançando na tira de couro em torno do pescoço. Por fim, virou a cabeça para olhá-las de um jeito sinistro. Ou talvez fosse só uma impressão passada por seus olhos.

— O que ela contou para vocês?

— Ela nos informou sobre as suas exigências, Mestre Cauthon — respondeu Elayne em um tom formal. Devia ser essa a sensação de estar diante do bloco do carrasco. Não havia nada a fazer além de manter a cabeça erguida e encarar com dignidade o que quer que viesse. — Eu gostaria de lhe agradecer de coração por ter me resgatado da Pedra de Tear.

Pronto, ela havia começado, e não tinha doído. Não muito.

Nynaeve estava ao lado, o olhar furioso, os lábios se estreitando mais e mais. De jeito nenhum ia permitir que a mulher a deixasse sozinha naquela situação. Elayne abraçou a Fonte quase sem pensar e canalizou um fluxo de Ar bem fino que deu um peteleco no lóbulo da orelha de Nynaeve. A mulher cobriu a própria orelha com a mão e encarou-a com raiva, mas Elayne só fez tornar a se voltar para Mestre Cauthon com toda a frieza e aguardar.

— Eu também agradeço — murmurou Nynaeve, por fim, em um tom desanimado. — De coração.

Elayne revirou os olhos, sem conseguir se controlar. Bem, Mat havia pedido para que falassem baixo. E ele pareceu ouvir. Estranhamente, ele deu de ombros, envergonhado.

— Ah, isso. Não foi nada. Vocês provavelmente teriam conseguido se libertar um segundinho depois, sem mim.

Ele afundou a cabeça nas mãos e pressionou o pano úmido por sobre os olhos uma vez mais.

— Quando estiverem saindo, poderiam pedir para Caira me trazer um pouco de ponche de vinho? É uma garota esbelta, bonita, com um olhar simpático.

Elayne estremeceu. *Nada?* O homem *exigira* desculpas, ela se *humilhara* para pedi-las, e agora não era *nada*? Mat não merecia nenhuma simpatia ou compaixão! Ela ainda estava agarrando *saidar*, e considerou dar uma pancada nele com um fluxo bem mais grosso do que aquele que usara em Nynaeve. Não que aquilo fosse adiantar alguma coisa enquanto ele estivesse usando a cabeça de raposa. Por outro lado, ela estava pendurada longe da pele dele. Será que oferecia a mesma proteção quando não estava...?

Nynaeve pôs fim às suas especulações ao investir contra ele, os dedos parecendo garras. Elayne conseguiu se colocar entre os dois e segurou a mulher pelos ombros. Por um longo momento, as duas teriam ficado olho no olho, não fosse a diferença de altura. Com uma careta, Nynaeve por fim relaxou, e Elayne sentiu que era seguro soltá-la.

O homem ainda estava com a cabeça curvada, alheio a tudo. Quer o medalhão o protegesse ou não, ela podia pegar ali no canto a vara que ele usava de arco e bater nele até fazê-lo ganir. Elayne sentiu o calor aumentar em seu rosto: impedira que Nynaeve estragasse tudo, apenas para pensar em estragar ela mesma. Pior: pelo sorrisinho afetado e convencido que a outra mulher lhe lançou, ela sabia muito bem o que havia passado por sua cabeça.

— Tem mais, Mestre Cauthon — anunciou ela, endireitando os ombros. O sorriso desapareceu do rosto de Nynaeve. — Também queríamos pedir

desculpas por demorar tanto para lhe fazer estes mais que merecidos agradecimentos. E pedimos desculpas... humildemente... — Nesse momento, ela fraquejou um pouco. — Pelo modo como tratamos você desde então.

Nynaeve estirou uma mão de súplica que ela tratou de ignorar.

— Para lhe provar o tamanho do nosso arrependimento, estamos assumindo as seguintes promessas. — Aviendha dissera que um pedido de desculpas era só o começo. — Não vamos depreciá-lo ou diminuí-lo de nenhuma forma, nem gritar com você por motivo algum, nem... nem tentar lhe dar ordens.

Nynaeve se retraiu. A boca de Elayne também se estreitou, mas ela não parou.

— Em reconhecimento à sua justa preocupação com a nossa segurança, não vamos sair do palácio sem lhe dizer para onde estamos indo, e vamos ouvir os seus conselhos. — Luz, ela não desejava virar Aiel, não desejava fazer nada daquilo, mas queria o respeito de Aviendha. — Se você... se você decidir que estamos... — Não que ela tivesse alguma intenção de se tornar sua esposa-irmã, já que a *ideia em si* era indecente, mas gostava mesmo dela. — ...que estamos nos colocando em um risco desnecessário... — Não era culpa de Aviendha o fato de Rand ter conquistado o coração delas duas. E o de Min também. — ...vamos aceitar guarda-costas à sua escolha... — Destino, *ta'veren* ou o que fosse, o que estava feito estava feito. Ela amava as duas mulheres como irmãs. — ...e vamos mantê-los conosco o máximo possível. — Que a Luz *queimasse* o homem por fazer aquilo com ela! E não era a Mat Cauthon a quem ela se referia. — E isso eu juro pelo Trono do Leão de Andor. — Ela respirou fundo como se tivesse corrido uma milha. O semblante de Nynaeve era o de um texugo encurralado.

A cabeça de Mat girou muitíssimo devagar na direção delas e ele baixou o pano só o suficiente para expor um único olho, todo vermelho.

— Você fala como quem se tivesse engolido uma barra de ferro, milady — disse ele, zombeteiro. — Você tem minha permissão para me chamar de Mat.

Homem odioso! Ele não reconheceria civilidade nem se a civilidade o mordesse no nariz! Aquele olho vermelho se virou na direção dela.

— E você, Nynaeve? Ouvi dela um bocado de “nós”, mas nenhuma palavra sua.

— Eu não vou gritar com você — gritou Nynaeve. — E todo o resto também. Eu prometo, seu... seu...! — Ela quase engoliu a própria língua ao se dar conta de que não podia chamá-lo de um de seus merecidos nomes sem já quebrar a promessa. Ainda assim, o efeito do grito foi bastante gratificante.

Com um gemido, ele estremeceu, largou o pano e segurou a cabeça com as duas mãos. Os olhos se arregalaram.

— Esses dados flamantes — gemeu ele, ou algo parecido.

De repente, ocorreu a Elayne que Mat seria uma fonte muito boa de expressões sujas. Cavalaria e afins sempre pareciam raspar a sujeira da língua assim que a viam. Claro que ela tinha prometido a si mesma que o educaria, para torná-lo útil para Rand, mas isso não precisava interferir tanto assim no linguajar dele. Na verdade, percebeu que havia uma porção de coisas que ela não tinha prometido não fazer. Fazer essa observação deveria acalmar Nynaeve consideravelmente.

Após um longo momento, Mat falou em um tom vazio:

— Obrigado, Nynaeve. — Ele fez uma pausa para engolir em seco. — Por um instante, pensei que vocês fossem outras pessoas disfarçadas. Já que parece que eu ainda estou vivo, é melhor cuidarmos do resto. Se não me

engano, lembro que Birgitte disse que vocês queriam que eu encontrasse algo para vocês. O que é?

— Você não vai encontrar — disse Nynaeve com voz firme. Bem, talvez mais dura do que firme, mas Elayne não pensou em mandá-la manear. Ele merecia cada expressão de dor. — Você vai nos acompanhar, e nós vamos encontrar.

— Já está voltando atrás, Nynaeve? — De alguma forma, ele conseguiu abrir um sorriso debochado, especialmente hediondo acompanhado daquele olhar. — Você acabou de prometer que faria o que eu dissesse. Se o que você quer é um *ta'veren* domesticado em uma coleira, vá procurar Rand ou Perrin e veja o que eles respondem.

— Não prometemos nada disso, Matrim Cauthon — bradou Nynaeve, se empertigando toda. — Eu não prometi nada disso! — Ela parecia prestes a se lançar em cima dele de novo. Até a trança dava a impressão de estar eriçada.

Elayne manejou melhor as rédeas do seu temperamento. Partindo para a ofensiva, elas não iam chegar a lugar nenhum.

— Nós vamos ouvir os seus conselhos e, se eles forem razoáveis, nós vamos aceitá-los, Mestre... Mat — repreendeu ela de maneira gentil.

Ele decerto não podia mesmo acreditar que elas tinham prometido... Olhando para ele, no entanto, viu que ele tinha. Ah, Luz! Nynaeve tinha razão. Ele *ia* ser um problema.

Ela segurou firme as tais rédeas. Tornando a canalizar, retirou o casaco dele da cadeira e o transportou a um lugar mais adequado, uma das cavilhas na parede, para que pudesse se sentar com a coluna ereta e arrumar as saias com cuidado. Manter as promessas a Mestre Cauthon — Mat — e a si mesma ia ser difícil, mas nada que ele dissesse ou fizesse iria afetá-la. Nynaeve deu uma olhada para o outro único lugar para sentar, um

tamborete baixo de madeira entalhada, e permaneceu de pé. Antes de cruzar os braços, uma das mãos procurou a trança. O pé tamborilava, ameaçador.

— Os Atha'an Miere chamam de Tigela dos Ventos, Mestre... Mat. É um *ter'angreal*...

Ao final, uma luz de empolgação brilhava em meio ao estado doentio dele.

— Ora, isso, sim, seria bom demais de encontrar — murmurou Mat. — No Rahad. — Ele balançou a cabeça e se retraiu. — Agora eu vou falar uma coisa: nenhuma de vocês vai pôr os pés do outro lado do rio sem quatro ou cinco dos meus Braços Vermelhos para cada. Nem fora do palácio, aliás. Birgitte contou a vocês sobre a mensagem que enfiaram no meu casaco? Tenho certeza de que contei para ela. E ainda tem Carridin e os Amigos das Trevas dele. Não me digam que ele não está tramando alguma coisa.

— Qualquer irmã que apoie Egwene como Amyrlin corre perigo nas mãos da Torre.

Guarda-costas para qualquer lugar? Luz! Um brilho perigoso reluziu nos olhos de Nynaeve, e seu pé tamborilou mais rápido.

— Não podemos nos esconder, Mest... Mat, e não vamos. Vamos voltar nossa atenção a Jaichim Carridin no devido momento. — Elas não haviam prometido contar tudo para ele, e não podiam deixar que sua atenção fosse desviada. — Há questões mais importantes em curso.

— Devido momento? — começou ele, o tom de voz descrente e mais agudo, mas Nynaeve o interrompeu.

— Quatro ou cinco para cada? — questionou em um tom azedo. — Isso é ridí... — Seus olhos se fecharam por um momento, e o tom de voz se amenizou. Só um pouco. — Quer dizer, eu acho que não é sensato. Elayne e eu, Birgitte e Aviendha. Você não tem tantos soldados assim. De todo modo, nós só precisamos mesmo é de você.

A última frase saiu arrastada. Era uma confissão e tanto.

— Birgitte e Aviendha não precisam dessas babás — disse ele, casualmente. — Suponho que essa Tigela dos Ventos seja mais importante que Carridin, mas... Não me parece certo deixar Amigos das Trevas à solta por aí.

Pouco a pouco, o rosto de Nynaeve foi ficando roxo. Elayne conferiu o seu no espelho e ficou aliviada ao ver que estava mantendo a compostura. Por fora, pelo menos. Que homem repreensível! Babás? Ela não sabia o que seria pior: ele ter lançado mão de propósito daquele insulto improvisado ou tê-lo feito sem perceber. Elayne tornou a se olhar no espelho e baixou um pouquinho o queixo. Babás! Ela era o equilíbrio em pessoa.

Mat examinou-as com aqueles olhos avermelhados, mas deu a impressão de não ter percebido nada.

— Foi só isso que Birgitte contou para vocês? — indagou ele, no que Nynaeve rebateu:

— E já foi bastante, creio eu, mesmo em se tratando de você.

Inexplicavelmente, ele pareceu surpreso, e bem contente.

Nynaeve tomou um susto, e então cruzou os braços com ainda mais força.

— Como você não está em condições de ir conosco agora para lugar nenhum, e não faça essa cara feia para mim, Mat Cauthon, já que isso não é nenhuma ofensa, e sim a pura verdade, você pode passar a manhã fazendo a mudança para o Palácio. E não pense que nós vamos ajudar você a levar suas coisas. Eu não prometi que seria um burro de carga.

— A Mulher Errante já está bom demais — respondeu ele com raiva, mas logo parou, uma expressão confusa tomando conta do seu rosto. Uma expressão horrorizada, Elayne teria dito. Era bom para aprender a não se exaltar quando estivesse com a cabeça inchada feito um melão. Pelo menos

foi assim que ela se sentiu no dia em que bebeu demais. Claro que ele não ia aprender. Os homens viviam metendo a mão no fogo achando que, na próxima, não iam se queimar, Lini sempre dizia.

— Você não imagina que vamos encontrar a Tigela na primeira vez que tentarmos — prosseguiu Nynaeve —, *ta'veren* ou não. Sair todos os dias vai ser bem mais fácil se você não tiver que atravessar toda a praça.

Se elas não tivessem de esperar por ele todos os dias, foi o que ela quis dizer. De acordo com Nynaeve, a embriaguez estava longe de ser a única desculpa que Mat era capaz de encontrar para ficar horas e horas na cama.

— Além do mais — acrescentou Elayne —, desse jeito você vai poder ficar de olho na gente.

Nynaeve fez um som do fundo da garganta, bem parecido com um gemido. Será que não via que Mat precisava ser aliciado? Não era como se tivesse prometido que o *deixaria* ficar de olho nelas.

Ele pareceu não ter escutado Nynaeve nem ela. Olhos abatidos a fitavam sem vê-la.

— Por que esses malditos tinham que parar justo agora? — gemeu ele, mas de um jeito tão fraco que ela quase não ouviu. O que, sob a Luz, ele queria dizer com aquilo?

— Os aposentos são dignos de um rei, Mestre... Mat. Foi a própria Tylin que os escolheu, bem embaixo do dela. Ela cuidou de tudo com um interesse muito particular. Mat, você não gostaria que ofendêssemos a rainha, não é?

Bastou um olhar para a cara dele e Elayne canalizou depressa para abrir a janela e esvaziar a bacia por ali. Se conhecia a aparência de um homem prestes a esvaziar o estômago, era a do homem encarando-a com olhos vermelhos naquele exato instante.

— Não entendo por que você está fazendo todo esse estardalhaço — disse ela.

Na verdade, ela achava que entendia. Era provável que algumas atendentes do local o tolerassem sua mão-boba, mas ela duvidava que muitas no palácio fossem permitir isso, talvez nenhuma. Tampouco Mat poderia varar as noites bebendo e jogando. Tylin sem dúvida não permitiria nenhum mau exemplo para Beslan.

— Todos nós temos que fazer sacrifícios. — Ela se esforçou para deixar só nisso, sem apontar que o sacrifício dele era pequeno e que, naquelas circunstâncias, correto, e o delas, monstruoso e injusto, independentemente do que Aviendha dissesse. Nynaeve decerto protestara contra *qualquer* sacrifício.

Mat tornou a enfiar a cabeça entre as mãos, produzindo sons abafados enquanto seus ombros tremiam. Estava gargalhando! Elayne suspendeu a bacia com um fluxo de Ar e cogitou bater nele com ela. Porém, quando ele voltou a levantar o olhar, parecia, por algum motivo, ofendido.

— Sacrifícios? — rosnou ele. — Se eu lhe pedisse para fazer o mesmo, você sairia dando bofetadas em todas as orelhas pela frente e derrubaria o telhado na minha cabeça!

Será que ele ainda estava bêbado?

Ela decidiu ignorar aquele olhar assustador.

— Por falar na sua cabeça, caso você queira ser Curado, tenho certeza de que Nynaeve lhe faria o favor. — Tinha certeza de que ela estava com raiva suficiente para canalizar naquele momento.

Nynaeve deu um pulinho de susto e olhou para ela de canto de olho.

— Claro — reiterou ela às pressas. — Se você quiser.

A cor em suas bochechas confirmou todas as suspeitas de Elayne sobre aquela manhã.

Gracioso como sempre, ele riu.

— Esqueçam a minha cabeça. Eu me viro muito bem sem Aes Sedai. — E então, só para criar confusão em questões das quais ela tinha certeza, ele acrescentou com voz hesitante: — Mas obrigado por perguntar.

E quase pareceu estar falando sério!

Elayne conseguiu não ficar boquiaberta. Seu conhecimento a respeito dos homens era limitado a Rand e ao que Lini e sua mãe lhe haviam dito. Será que Rand seria tão difícil de entender quanto Mat Cauthon?

Antes de irem, ela se lembrou de fazê-lo prometer que começaria sua mudança para o palácio imediatamente. Mat mantinha a palavra, depois de dá-la, isso Nynaeve garantira, ainda que com relutância, mas se houvesse qualquer modo de escapar, ele era capaz de encontrar cem maneiras de se livrar. *Essa informação* Nynaeve se mostrara bastante ansiosa para enfatizar. Ele fez a promessa com uma careta sombria e rancorosa, ou talvez fossem só seus olhos mais uma vez. Quando Elayne depositou a bacia aos pés dele, Mat pareceu até agradecido. Ela não ia sentir compaixão. Não ia.

De volta ao corredor, com a porta do quarto de Mat fechada, Nynaeve sacudiu o punho na direção do teto.

— Aquele homem é capaz de testar a paciência até de uma pedra! Que bom que ele quer ficar com a cabeça bem quietinha! Está me ouvindo? Que bom! Ele vai criar problemas. Vai criar.

— Vocês duas vão criar mais problemas para ele do que Mat jamais seria capaz.

A dona daquelas palavras veio andando pelo corredor em direção a elas; uma mulher com um toque grisalho no cabelo, um rosto forte e uma voz impositiva. Também ostentava um cenho franzido que quase configurava uma carranca. Apesar da faca de casamento lhe pendendo no decote, era clara demais para uma eboudariana.

— Não pude acreditar quando Caira me contou. Acho que nunca vi tanta tolice despejada em só dois vestidos.

Elayne encarou a mulher de cima a baixo. Nem quando era noviça ela se acostumara a ser abordada daquela forma.

— E quem é você, minha boa senhora?

— Eu sou Setalle Anan, a dona desta estalagem, criança — respondeu ela, seca, e então a mulher tratou de abrir uma porta na outra ponta do corredor, segurando cada uma delas por um dos braços e puxando-as com tanta pressa que Elayne achou que suas sandálias haviam saído do chão.

— Isso parece algum mal-entendido, Senhora Anan — disse ela com tranquilidade quando a mulher soltou-as para fechar a porta.

O humor de Nynaeve não estava para delicadezas. Segurando a mão da mulher de forma que seu anel da Grande Serpente estivesse bem à vista, ela disse acaloradamente:

— Agora preste atenção...

— Bem bonito — disse a mulher, empurrando-as com tanta força que as duas se viram sentadas lado a lado na cama. Os olhos de Elayne saltaram, incrédulos. A tal Anan as encarou, o semblante carrancudo e as mãos na cintura, igualzinho a uma mãe em vias de castigar as filhas. — Ficar ostentando isso só demonstra o quanto são tolas. Aquele jovem vai botar vocês no colo, e não vou me surpreender caso sejam as duas ao mesmo tempo, caso permitam, vai roubar alguns beijos e tudo o mais que estiverem dispostas a oferecer, mas não vai machucá-las. Vocês, no entanto, podem machucá-lo, se continuarem com isso.

Machucá-lo? A mulher achava que elas... achava que Mat ia... achava que... Elayne não sabia se ria ou chorava, mas acabou se levantando e endireitando as saias.

— Como eu disse, Senhora Anan, isso é um mal-entendido. — Sua voz foi se abrandando conforme prosseguia, a confusão dando lugar à calma. — Eu sou Elayne Trakand, Filha-herdeira de Andor e Aes Sedai da Ajah Verde. Não sei o que pensa que... — Os olhos de Elayne ficaram quase vinhos quando a Senhora Anan pôs o dedo na sua cara.

— Elayne, se é que esse é o seu nome, a única coisa que me impede de arrastá-la para a cozinha e lavar bem a sua boca, a sua e a daquela outra tola bem ali, é a possibilidade de que você talvez saiba canalizar um pouco. Ou você é tola a ponto de usar esse anel sem conseguir fazer nem isso? Estou avisando, não vai fazer diferença para as irmãs que estão no Palácio Tarasin. Será que você sabe delas? Se souber, francamente, você não é tola, é burra feito uma porta.

O gênio de Elayne foi esquentando a cada palavra. Tola? Burra feito uma porta? Ela não ia aturar aquilo, em especial depois de ter sido obrigada a rastejar perante Mat Cauthon. Roubar beijos? Mat Cauthon? Ela, contudo, manteve uma aparência calma, mas Nynaeve, nem tanto.

Ela fitou a mulher com toda a fúria e o brilho de *saidar* envolveu-a enquanto ela se punha de pé com um salto. Fluxos de Ar envolveram a Senhora Anan do ombro ao tornozelo, amassando saias e anáguas contra as pernas e apertando-a quase a ponto de derrubá-la.

— Eu, por acaso, sou uma dessas irmãs do palácio. Nynaeve al'Meara da Ajah Amarela, para ser mais exata. Agora, você gostaria que eu levasse você até as cozinhas? Entendo um pouco de como se lava uma boca.

Elayne se afastou do braço estendido da estalajadeira.

A mulher não tinha como não sentir a pressão dos fluxos, e até uma idiota teria se dado conta do que eram aquelas amarras invisíveis, mas ainda assim ela sequer piscou! Seus olhos esverdeados se estreitaram, e só.

— Quer dizer que uma de vocês, pelo menos, consegue canalizar — ponderou ela, calma. — Eu deveria deixar você me levar lá para baixo, criança. Independentemente do que faça comigo, você estaria nas mãos de Aes Sedai de verdade ao meio-dia, eu seria capaz de apostar nisso.

— Você não me ouviu? — insistiu Nynaeve. — Eu...!

A tal Anan não fez sequer uma pausa.

— Você não só vai passar o ano que vem inteiro choramingando, como vai fazer isso na frente de qualquer pessoa para quem disse que era Aes Sedai. Elas vão obrigá-la a confessar, tenha certeza disso. Vão fazer suco do seu fígado. Eu deveria deixar você sair fazendo suas bobagens por aí ou correr até o palácio assim que me soltasse. O único motivo para eu não fazer isso é que elas vão querer castigar Lorde Mat tanto quanto vocês, caso suspeitem que ele as ajudou, e, como eu disse, gosto daquele jovem.

— Eu estou lhe dizendo... — tentou Nynaeve outra vez, mas a estalajadeira *ainda* não lhe deu a menor chance de dizer nada.

Amarrada feito um pacote, a mulher era um pedregulho rolando montanha abaixo. Era a encosta inteira desabando, esmagando o que quer que houvesse em seu caminho.

— Insistir em mentiras não é bom, Nynaeve. Você parece ter, hã, uns vinte e um anos, mais ou menos, então talvez você seja mesmo até dez anos mais velha, caso já tenha chegado à desaceleração. Você poderia até já ter usado o xale por quatro ou cinco anos. Exceto por um detalhe. — A cabeça da mulher, a única parte do corpo que conseguia mover, girou na direção de Elayne. — Você, criança, ainda não tem idade suficiente para já estar na desaceleração, e nenhuma mulher tão jovem já usou o xale. Nunca na história da Torre. Se você de fato já esteve na Torre, aposto que usou branco e gemeu toda vez que a Mestra das Noviças olhou na sua direção. Você mandou algum ourives fabricar este anel para você, e eu escuto por aí que

há alguns tolos o bastante para isso, ou quem sabe Nynaeve o roubou para você, se é que ela tem algum direito ao dela. Seja como for, já que você não tem como ser uma irmã, ela também não. Nenhuma Aes Sedai viajaria com uma mulher que estivesse fingindo.

Elayne franziu o cenho, sem perceber que estava mordiscando o lábio inferior. Desaceleração. Como uma estalajadeira em Ebou Dar conhecia aqueles termos? Talvez Setalle Anan tivesse ido à Torre quando garota, embora não pudesse ter ficado por muito tempo, já que estava bem claro que não era capaz de canalizar. Elayne teria notado, mesmo que sua habilidade fosse tão limitada quanto a de sua mãe, e Morgase Trakand fora dona de uma habilidade tão diminuta que teria sido mandada embora em questão de semanas, provavelmente, não fosse a herdeira de uma Casa poderosa.

— Solte-a, Nynaeve — disse ela, sorrindo.

Àquela altura, realmente sentia certa simpatia pela mulher. Devia ter sido terrível fazer toda a jornada até Tar Valon para depois ser recusada. Não havia razão para a mulher ser obrigada a acreditar nas duas — algo sobre isso a encafifava, mas Elayne não sabia dizer o quê —, razão nenhuma, mas, se Anan fizera a viagem até Tar Valon, talvez realmente atravessasse Mol Hara. Merilille, ou qualquer uma das demais irmãs, poderia esclarecer a situação para ela.

— Soltá-la? — ladrou Nynaeve. — Elayne?

— Solte-a. Senhora Anan, vejo que a única maneira de convencê-la é...

— Nem o Trono de Amyrlin e três Votantes poderiam me convencer, criança. — Luz, será que ela nunca deixava ninguém terminar uma frase? — Olha, eu não tenho tempo para mais nenhum joguinho. Posso ajudar vocês duas. Conheço quem pode, pelo menos. Algumas mulheres que aceitam garotas perdidas. Vocês podem agradecer a Lorde Mat por eu estar

disposta a levá-las até elas, mas preciso saber: vocês algum dia já estiveram na Torre, ou são bravias? Se estiveram, foram mandadas embora ou fugiram? A verdade. Elas lidam com cada uma de um jeito diferente.

Elayne deu de ombros. Elas haviam feito o que tinham ido fazer. Estava mais do que pronta para parar de perder tempo e cuidar do que precisava ser feito em seguida.

— Se não há como convencê-la, então não há nada que se possa fazer. Nynaeve? Já passou da hora de tomarmos o nosso rumo.

Os fluxos em torno da estalajadeira desapareceram, bem como o brilho que circundava Nynaeve, que permaneceu observando a mulher com cautela e certa esperança. Ela umedeceu os lábios.

— Você conhece um grupo de mulheres que pode nos ajudar?

— Nynaeve? — chamou Elayne. — Não precisamos da ajuda de ninguém. Nós *somos* Aes Sedai, lembra?

Lançando-lhe um olhar irônico, a Senhora Anan sacudiu as saias para endireitá-las e se curvou para ajeitar as anáguas, que estavam expostas. Sua atenção na verdade estava voltada para Nynaeve. Elayne nunca se sentira tão deixada de lado em toda a sua vida.

— Conheço algumas mulheres que aceitam uma bravia, de vez em quando, uma fugitiva ou uma mulher que não passou no teste para Aceita ou para o xale. Deve haver pelo menos cinquenta delas no total, apesar de esse número mudar. Elas podem ajudar vocês a viverem sem os riscos de acabarem nas mãos de uma irmã de verdade, implorando piedade. Agora, não mintam para mim. Vocês já estiveram na Torre? Se fugiram, melhor tomarem a decisão de voltar. A Torre conseguia encontrar a maior parte das fugitivas até mesmo durante a Guerra dos Cem Anos, então não pensem que essa confusãozinha de agora vai detê-las. Na verdade, a minha sugestão então seria que vocês atravessassem a praça e se entregassem à misericórdia

de uma irmã. Receio que vá ser uma misericórdia modesta, mas, podem acreditar em mim, é mais do que vocês vão ter caso elas tenham que levá-las de volta à força. Depois disso, vocês não vão cogitar passar nem dos muros da Torre sem permissão.

Nynaeve respirou fundo.

— Fomos mandadas embora da Torre, Senhora Anan. Vou poder jurar que é verdade, não importa como formule a pergunta.

Incrédula, Elayne a encarou.

— Nynaeve, o que você está *dizendo*? Senhora Anan, nós *somos* Aes Sedai.

A tal Anan gargalhou.

— Criança, me deixe falar com Nynaeve, que pelo menos parece ter idade suficiente para ter algum juízo. Se falarem isso para o Círculo, elas não vão ver com bons olhos. Elas não vão se importar se vocês são capazes de canalizar. Elas também são, e vão dar bofetadas no traseiro das duas ou jogá-las na rua de cara no chão se derem uma de tontas.

— Quem é esse *Círculo*? — quis saber Elayne. — Nós *somos* Aes Sedai. Vá até o Palácio Tarasin e você vai ver.

— Vou mantê-la sob controle — Nynaeve teve o desplante de dizer, o tempo todo franzindo o cenho e fazendo cara feia para Elayne, como se fosse ela quem tivesse ficado maluca.

A Senhora Anan apenas assentiu.

— Ótimo. Agora tire esses anéis e guarde. O Círculo não aceita esse tipo de encenação. Elas vão mandar derretê-los, para vocês terem algum trocado. Apesar de que, pela cara desses vestidos, vocês têm dinheiro. Se roubaram, não deixem Reanne ficar sabendo. Uma das primeiras regras que precisam aprender é não roubar nunca, mesmo que estejam passando fome. Elas não querem chamar atenção.

Elayne cerrou o punho e o escondeu às costas. E observou Nynaeve retirar mansamente o anel e enfiá-lo na bolsinha do cinto. Nynaeve, que uivava cada vez que Merilille, Adeleas ou qualquer uma das outras se esquecia de que ela era uma irmã plena!

— Confie em mim, Elayne — pediu Nynaeve.

Teria sido mais fácil cumprir o pedido se Elayne tivesse alguma ideia do que a mulher estava tramando. Ainda assim, de fato confiava nela. Na maioria das vezes.

— Um pequeno sacrifício — resmungou ela.

As Aes Sedai tiravam os anéis quando necessário, e ela já ficara um tempo sem ele, enquanto fingia ser uma irmã, mas agora o anel era dela por direito. Remover aquela tira de ouro doeu quase fisicamente.

— Fale com a sua amiga, criança — disse a tal Anan para Nynaeve com impaciência. — Reanne Corly não vai aturar essa cara rabugenta, e se você me fizer perder a minha manhã por nada... Venha, venha. É sorte sua eu gostar de Lorde Mat.

Foi por um fio que Elayne se controlou e manteve a postura serena. *Cara rabugenta?* Quando tivesse a oportunidade, daria um chute em Nynaeve em um lugar bem dolorido!



CAPÍTULO 23



ALGUÉM A TECER NA CASA AO LADO

Nynaeve queria conversar com Elayne, longe dos ouvidos da estalajadeira, mas não encontrou uma chance logo de cara. A mulher as fez marchar para fora do quarto protagonizando uma bela imitação de uma guarda acompanhando prisioneiras, sua empedernida impaciência inabalada pelo olhar cauteloso que lançou para a porta de Mat. Nos fundos da estalagem, uma série de degraus de pedra sem corrimão dava em uma cozinha ampla, quente e repleta de aromas de assados, onde a mulher mais redonda que Nynaeve já tinha visto estava manejando uma colher de pau bem grande como se fosse um cetro, orientando outras três na retirada de pães marrons crocantes dos fornos e na substituição destes por bolas pálidas de massa. Uma panela grande do espesso mingau branco que foi servido no café da manhã borbulhava por ali em um dos fogões de azulejos brancos.

— Enid — disse a Senhora Anan à mulher rechonchuda —, eu vou sair por um tempinho. Preciso levar estas duas crianças para alguém que tenha tempo de cuidar direito delas.

Enid esfregou as mãos grandes e sujas de farinha em um pedaço de pano branco e analisou Nynaeve e Elayne com desaprovação. Tudo nela era redondo, o rosto suado cor de oliva, os olhos escuros, tudo. A mulher parecia feita de grandes bolas enfiadas em um vestido. A faca de casamento

que usava dependurada para fora do avental cor de neve cintilava com uma dúzia de pedras.

— Esta é a dupla de pregoeiras de que Caira estava fofocando, senhora? Muito enfeitadinhas para o gosto do jovem lorde, eu diria. Ele gosta de mulheres com um pouco de requebrado. — Pelo tom de sua voz, aquilo a divertia. Irritada, a estalajadeira balançou a cabeça.

— Eu falei para aquela garota segurar a língua. Não vou deixar esse tipo de boato afetar A Mulher Errante. Lembre Caira por mim, Enid, e, se for preciso, use a sua colher para chamar a atenção dela. — O olhar que Anan dirigiu a Nynaeve e Elayne foi tão depreciativo que Nynaeve quase se engasgou. — Será que alguém com metade do juízo acreditaria que estas duas são Aes Sedai? Gastaram todo o dinheiro que tinham em vestidos para impressionar o sujeito e agora só não vão passar fome a não ser que o agradem. Aes Sedai!

Sem dar chance para Enid responder, ela pegou a orelha de Nynaeve com a mão direita, a de Elayne com a esquerda, e, com três passos rápidos, levou as duas até o pátio do estábulo.

Esse foi o tempo que durou o choque de Nynaeve. Então ela se soltou, ou tentou se soltar, já que a mulher a largou no mesmo instante e ela acabou tropeçando por meia dúzia de passos, o olhar indignado. Ser arrastada por aí já era demais. Elayne empinou o queixo, os olhos azuis tão gélidos que Nynaeve não teria ficado surpresa se visse gelo se formando em seus cachos.

Com as mãos na cintura, a Senhora Anan pareceu não notar. Ou talvez simplesmente não desse a mínima.

— Vamos torcer para que ninguém ali acredite em Caira depois disso — disse ela, com toda a calma. — Se eu tivesse certeza de que vocês teriam o juízo de ficar de boca calada, eu teria dito e feito mais, e me certificado de

tudo. — Ela estava calma, mas nem um pouco agradável ou branda; elas haviam perturbado sua manhã. — Agora venham comigo e não se percam. Ou, se se perderem, tratem de não aparecer de novo nem perto da minha estalagem, ou vou mandar alguém até o palácio para contar para Merilille e Teslyn. Elas são duas das irmãs de verdade, e provavelmente vão cortar vocês ao meio e distribuir as partes.

Elayne alternava seu olhar entre a estalajadeira e Nynaeve. Não era um olhar irritado nem curioso, mas ainda assim era uma expressão significativa. Nynaeve se perguntou se seria capaz de seguir adiante com aquilo. Pensar em Mat a convenceu. Qualquer chance era melhor que aquilo.

— Nós não vamos nos perder, Senhora Anan — garantiu, esforçando-se para soar dócil. Achou que se saiu até bem, considerando-se quão estranha lhe era a docilidade. — Obrigada por nos ajudar.

Sorrindo para a estalajadeira, ela fez o possível para ignorar Elayne, cujo olhar se tornou mais intenso, por mais impossível que parecesse. Com ou sem olhares, ela precisava se certificar de que Anan continuasse pensando que elas valiam todo aquele esforço.

— Nós a agradecemos de verdade, Senhora Anan.

A mulher olhou-a de viés, e em seguida fungou e fez que não com a cabeça. Quando aquilo tudo tivesse terminado, Nynaeve decidiu, ia arrastar a estalajadeira até o palácio, se fosse preciso, e *obrigar* as outras irmãs a reconhecerem na presença da Senhora Anan.

Assim tão cedo, o pátio do estábulo estava vazio, exceto por um garoto de dez ou doze anos com um balde e uma peneira que salpicava água para umedecer o chão de terra batida contra a poeira. As portas de reboco branco do estábulo estavam escancaradas, e um carrinho de mão repousava logo à frente com uma forquilha para mexer no esterco jazendo em cima dele.

Sons como os de alguém pisando em um sapo imenso ecoavam. Nynaeve concluiu que era um homem cantando. Será que teriam de cavalgar para chegar ao destino? Mesmo uma jornada curta não seria agradável. Como só tinham a intenção de cruzar a pé apenas a praça e voltar antes que o sol subisse muito, elas não haviam levado nem chapéus, nem guarda-sóis nem mantos com capuz.

Todavia, a Senhora Anan conduziu-as pelo pátio e desceu uma viela estreita entre o estábulo e um muro alto em cujo topo se via copas de árvores depauperadas pela seca. O jardim de alguém, sem dúvida. Um pequeno portão lá no fim dava para uma viela empoeirada tão apertada que a alvorada ainda não lhe alcançara por completo.

— Agora prestem atenção e tratem de me acompanhar, crianças — advertiu-lhes a estalajadeira, começando a percorrer a viela escura. — Se vocês se perderem, juro que vou eu mesma até o palácio.

Enquanto seguia a mulher, Nynaeve agarrou a trança com as duas mãos para evitar que elas fossem parar na garganta da tal Anan. Como ansiava pelos seus primeiros fios grisalhos. Primeiro as outras Aes Sedai, depois o Povo do Mar — Luz, ela não queria nem pensar neles! — e agora uma estalajadeira! Ninguém a levaria a sério enquanto não tivesse pelo menos um pouco de grisalho no cabelo; acreditava que nem o rosto de idade indefinida de uma Aes Sedai funcionasse tão bem.

Elayne suspendeu as saias para evitar a poeira, apesar de as sandálias ainda fazerem subir pequenas lufadas que se assentavam nas barras dos vestidos.

— Deixe-me ver — disse Elayne baixinho, o olhar fixo à frente. Baixinho, mas em tom frio. Gelado, na verdade. Ela tinha um jeito de deixar as pessoas em frangalhos sem alterar o tom de voz que Nynaeve admirava. Na maioria das vezes. Naquele momento, aquilo só a fez sentir

vontade de lhe dar uma bofetada na orelha. — Podíamos estar lá no palácio, tomando chá de mirtilo e aproveitando a brisa enquanto esperávamos Mestre Cauthon se mudar com seus pertences. Quem sabe Aviendha e Birgitte voltassem com algo de útil? Podíamos enfim estar decidindo exatamente o que fazer com o homem. Será que apenas o seguimos pelas ruas do Rahad, para ver o que acontece, ou o levamos até os prédios mais prováveis, ou o deixamos escolher? Deve haver umas cem maneiras de usar a manhã de hoje de um jeito que valha a pena, incluindo decidir se é seguro voltar algum dia até Egwene, depois da barganha que o Povo do Mar arrancou da gente. Vamos ter que falar sobre isso mais cedo ou mais tarde, e ignorar não vai adiantar nada. Em vez disso, estamos aqui em uma caminhada de sabe-se lá quanto tempo, com o sol na cara o tempo inteiro, se continuarmos do jeito que estamos, para ir visitar mulheres que dão de comer para fugitivas da Torre. Falando por mim, não tenho muito interesse em apanhar fugitivas esta manhã ou em manhã nenhuma. Mas tenho certeza de que você pode explicar essa situação de um jeito que eu seja capaz de entender. Eu quero tanto entender, Nynaeve. Detestaria pensar que vou chutar você ao longo de toda a Mol Hara por nada.

As sobrancelhas de Nynaeve baixaram. Chutá-la? Passar tanto tempo com Aviendha estava deixando Elayne realmente violenta. Alguém devia dar umas palmadas naquela dupla, para ganharem juízo.

— O sol ainda não está tão alto a ponto de ficar na nossa cara — resmungou ela. Mas não tardaria, infelizmente. — Pense, Elayne. *Cinquenta* mulheres capazes de canalizar, ajudando bravias e mulheres expulsas da Torre. — Ela às vezes se sentia culpada por usar o termo “bravias”. Na boca da maior parte das Aes Sedai, aquilo era um insulto, mas Nynaeve pretendia fazê-las pronunciar a palavra um dia como sinal de

orgulho. — E ela as chamou de “o Círculo”. Não me soa como um grupo de amigas. Parece organizado.

A viela serpenteava por entre muros altos e fundos de edifícios, muitos com os rebocos descascados, por entre jardins palacianos e lojas onde uma porta dos fundos aberta revelava prateiros, alfaiates ou entalhadores trabalhando. Com frequência, a Senhora Anan dava uma olhada por cima dos ombros para ter certeza de que as duas ainda a acompanhavam. Nynaeve lhe sorria e fazia meneios de cabeça que esperava que transmitissem entusiasmo.

— Nynaeve, se *duas* mulheres capazes de canalizar criassem uma sociedade, a Torre cairia em cima delas feito uma matilha de lobos. Aliás, como a Senhora Anan poderia saber se elas são capazes de canalizar ou não? Mulheres que sabem canalizar e que não são Aes Sedai não saem por aí se exibindo, você sabe disso. Não por muito tempo, pelo menos. Em todo caso, acho que isso não faz diferença. Egwene pode querer trazer todas as mulheres capazes de canalizar para a Torre, mas não foi isso que viemos fazer aqui.

A paciência gélida na voz de Elayne fez as mãos de Nynaeve apertarem a trança ainda mais. Como aquela mulher conseguia ser tão tola? Ela tornou a mostrar os dentes para a Senhora Anan e deu um jeito de não fazer careta para as costas da estalajadeira quando a cabeça da mulher tornou a se virar para a frente.

— Cinquenta mulheres não são duas — sussurrou Nynaeve, furiosa. Elas eram capazes de canalizar, deviam ser. Tudo dependia disso. — É inimaginável que esse tal Círculo esteja na mesma cidade onde há um armazém entulhado de *angreal* e coisas do tipo e não saiba disso. E se elas souberem... — Nynaeve não conseguiu evitar que a satisfação adoçasse a

sua voz. — Vamos ter encontrado a Tigela sem o Mestre Matrim Cauthon. Vamos poder esquecer aquelas promessas absurdas.

— Aquilo não foi suborno, Nynaeve — rebateu Elayne, distraída. — Eu vou manter as promessas, e você, se tiver alguma honra, o que eu sei que tem, também vai.

Ela estava mesmo passando tempo demais com Aviendha. Nynaeve gostaria de saber por que Elayne havia começado a achar que todas elas tinham de seguir aquele *ji-sei-lá-o-quê* absurdo dos Aiel.

Com o cenho franzido, Elayne mordiscou o lábio inferior. Toda aquela gelidez parecia ter desaparecido e ela dava a impressão de ter voltado ao normal. Por fim, disse:

— Não fosse por Mestre Cauthon, jamais teríamos ido à estalagem, de forma que nunca teríamos encontrado a notável Senhora Anan ou sido conduzidas a esse Círculo. Então, se o Círculo de fato nos levar à Tigela, vamos ter que admitir que a razão principal foi ele.

Mat Cauthon. Aquele nome *fervilhava* na cabeça dela. Nynaeve tropeçou nos próprios pés e soltou a trança para suspender as saias. A viela não era lisa como uma praça pavimentada e muito menos como o piso de um palácio. Por vezes, Elayne sob estresse era melhor do que Elayne pensando com clareza.

— Notável — murmurou ela. — Vou mostrar a ela uma coisa “notável”, ela vai ver só. Ninguém jamais nos tratou desse jeito, Elayne, nem mesmo gente que duvidou de nós, nem o Povo do Mar. A maioria das pessoas ficaria pisando em ovos mesmo que uma menina de dez anos dissesse que era Aes Sedai.

— A maioria das pessoas não sabe nem como é o rosto de uma Aes Sedai, Nynaeve. Acho que a Senhora Anan já esteve na Torre. Ela sabe de coisas que, de outra forma, não teria como saber.

Nynaeve bufou, encarando com raiva as costas da mulher que caminhava à sua frente. Setalle Anan podia ter ido à Torre dez vezes, cem vezes, mas ia reconhecer Nynaeve al'Meara como Aes Sedai. E ia se desculpar. E também ia aprender o que era ser arrastada por aí pela orelha! A Senhora Anan deu uma olhadela para trás, no que Nynaeve tratou de abrir um sorriso rígido e assentiu como se seu pescoço fosse uma dobradiça.

— Elayne? Se essas mulheres realmente souberem onde a Tigela está... Não precisamos contar para Mat como foi que encontramos. — Isso não foi uma pergunta.

— Não vejo por quê — respondeu Elayne, destroçando todas as suas esperanças quando prosseguiu: — Mas vou perguntar a Aviendha para ter certeza.

Se não pensasse que a tal Anan poderia abandoná-las ali mesmo, Nynaeve teria gritado.

A viela sinuosa deu lugar a uma rua, e àquela altura já não havia o que conversar. Uma tira de sol reluzia ofuscante por cima dos telhados logo adiante, e Elayne protegeu os olhos com uma das mãos de maneira bem deliberada. Nynaeve se recusou a fazer o mesmo. Não estava tão ruim assim. O sol nem estava pegando tanto em seu rosto. Um céu azul e límpido zombava do seu senso climático, que ainda lhe dizia que uma tempestade pairava bem acima da cidade.

Mesmo tão cedo, algumas carruagens laqueadas reluzentes zanzavam pelas ruas sinuosas, e algumas tantas outras liteiras ainda mais reluzentes, com dois ou às vezes quatro carregadores descalços com coletes listrados de verde e vermelho passando em trote por estarem carregando passageiros escondidos detrás de telas de madeira. Carroças e carroções ribombavam por sobre os paralelepípedos, e as pessoas começavam a tomar as ruas à medida que as portas das lojas se abriam e os toldos subiam; aprendizes

trajando coletes levavam recados apressados e homens equilibravam nos ombros grandes tapetes enrolados; acrobatas, malabaristas e músicos se preparavam em esquinas propícias e havia mascates com suas bandejas de broches, fitas ou frutas murchas. As feiras livres de carne e peixe já estavam a todo vapor havia muito tempo. Só havia peixeiras mulheres, e elas eram também a maioria dos açougueiros, tirando os que vendiam carne de vaca.

Desviando-se pelo meio da multidão e livrando-se das carruagens, liteiras e carroções que pareciam não ver motivo para diminuir a velocidade, a Senhora Anan imprimia um ritmo rápido para compensar as interrupções. Houve muitas. Ela aparentava ser uma mulher bem conhecida, saudada por lojistas, artesãos e outras estalajadeiras paradas em suas portas. Os lojistas e artesãos recebiam algumas palavras, um meneio amigável, mas ela sempre parava para uma conversinha rápida com as estalajadeiras. Após a primeira, Nynaeve desejou com fervor que ela não parasse de novo. Veio a segunda, e ela começou a rezar. Depois da terceira, ficou olhando para a frente e tentou, em vão, não escutar. O rosto de Elayne foi se retesando mais e mais, ficando mais e mais gélido, e o queixo se empinou até que pareceu surpreendente que ela conseguisse enxergar por onde andava.

Havia uma razão para isso, Nynaeve tinha de admitir, mesmo relutante. Em Ebou Dar, alguém trajando seda até podia andar o suficiente para atravessar uma praça, talvez, mas só isso. Todo mundo mais andando ali usava lã ou linho, raramente com muitos bordados, exceção feita a um ou outro mendigo que tivesse adquirido uma vestimenta de seda doada, esfiapada em todas as extremidades e com mais buracos do que tecido. Ela só queria que a Senhora Anan tivesse escolhido alguma outra explicação sobre o porquê de ela estar conduzindo as duas pelas ruas. Gostaria de não ter de ouvir mais nenhuma vez a história das duas garotas avoadas que precisaram gastar todo o seu dinheiro em belas roupas só para impressionar

um homem. Mat saiu bem daquilo tudo, que a Luz o queimasse. Um jovem bom, se a Senhora Anan já não fosse casada, um ótimo dançarino com apenas um toque de canalhice. Todas as mulheres gargalhavam. Ela e Elayne, porém, não. Não as desmioladinhos da boca de mel — foi essa a expressão que ela usou, e Nynaeve era capaz de imaginar o que significava! —, da boca de mel e sem nenhum dinheiro por terem ido atrás de um homem, e também com as bolsas cheias de pedaços de latão e estanho para enganar trouxas, duas toscas estúpidas que teriam sido reduzidas a mendigas ou ladras, não fosse a Senhora Anan conhecer alguém que talvez lhes arrumasse trabalho na cozinha.

— Ela não precisa parar em cada estalagem da cidade — rosnou Nynaeve enquanto se afastavam d'O Ganso Encurralado, que tinha três amplos andares com uma estalajadeira que usava imensas granadas nas orelhas, apesar do nome humilde. A Senhora Anan já mal olhava para trás para ver se elas a seguiam. — Você não percebe que nunca vamos poder dar as caras em nenhum destes lugares?!

— Suspeito que a intenção seja exatamente essa. — Cada palavra que saía da boca de Elayne era talhada em gelo. — Nynaeve, se você nos fez passar por tudo isso à toa...

Não havia necessidade de completar a ameaça. Com Birgitte e Aviendha para ajudar, e elas ajudariam, Elayne poderia infernizar sua vida até se dar por satisfeita.

— Elas vão nos levar direto para a Tigela — insistiu Nynaeve, agitando as mãos para enxotar um mendigo com uma cicatriz roxa medonha que lhe obliterara um dos olhos. Era perfeitamente capaz de reconhecer cola de farinha tingida com erva-azul. — Eu sei que vão.

Elayne fungou de modo ofensivamente expressivo.

Nynaeve perdeu a conta do número de pontes que cruzaram, grandes e pequenas, com barcas estacionadas abaixo. O sol se elevou por inteiro por sobre os telhados, e depois subiu duas vezes mais alto. A tal Anan não seguia nem de perto a trajetória reta que deveria — realmente parecia estar desviando do caminho para encontrar estalagens —, mas elas continuaram em frente, em geral para o leste, e Nynaeve achou que deviam estar se aproximando do rio quando a mulher de olhos esverdeados se virou de repente para elas.

— Agora vocês segurem a língua. Falem só quando forem questionadas e nada mais. Se me fizerem passar vergonha, eu... — Com um último cenho franzido e um resmungo baixinho de que provavelmente estava cometendo um erro, ela gesticulou com a cabeça para que as duas tornassem a segui-la, agora em direção a uma casa de telhado plano logo à frente.

Não era uma casa grande, dois andares sem nenhuma varanda, reboco rachado e tijolos à mostra em vários pontos, e em uma localização não muito agradável, com o chocalhar barulhento do tear de um tecelão de um lado e o fedor acre da oficina de um tintureiro do outro. No entanto, uma criada abriu a porta, uma mulher já grisalha, com o queixo quadrado, ombros iguais aos de um ferreiro e olhos cortantes nem um pouco suavizados pelo suor em seu rosto. Enquanto Nynaeve acompanhava a Senhora Anan porta adentro, ela sorriu. Em algum lugar daquela casa, uma mulher estava canalizando.

A criada de queixo quadrado obviamente reconheceu Setalle Anan, mas sua reação foi esquisita. Ela fez uma reverência com um respeito bastante sincero, ainda que estivesse claramente surpresa por vê-la e suspeitosa da visita. Ela hesitou antes de deixá-las entrar. Nynaeve e Elayne, contudo, foram cumprimentadas sem nenhuma ambivalência. Elas foram levadas a uma sala de estar no andar de cima.

— Não movam um dedo e não mexam em nada, ou vão levar uma boa e velha bronca — disse-lhes a criada com firmeza, e então sumiu.

Nynaeve olhou para Elayne.

— Nynaeve, uma mulher canalizando não significa que... — A sensação mudou, avolumando-se por um momento, depois se acalmando, mais fraca que antes. — Mesmo que sejam duas mulheres, não quer dizer nada — protestou Elayne, mas parecendo em dúvida. — Essa foi a criada mais malcriada que eu já vi.

Ela se instalou em uma cadeira vermelha de encosto alto e, depois de alguns momentos, Nynaeve também se acomodou, mas sentada bem na beirada. Por ansiedade, não nervosismo. Nem um pouco por nervosismo.

O aposento não era grandioso, mas os ladrilhos azuis e brancos do piso reluziam e as paredes verde-claras pareciam recém-pintadas. Não havia sinal de douraduras em lugar nenhum, claro, mas belos entalhes cobriam as cadeiras vermelhas dispostas ao longo das paredes e as várias mesinhas de um azul mais escuro que o dos ladrilhos. As lamparinas que pendiam das arandelas eram claramente de latão, polidas até ficarem brilhando. Ramos de sempre-viva cuidadosamente arrumados preenchiam a lareira varrida, e o lintel acima dela era entalhado, não de pedra lisa. O entalhe parecia uma escolha incomum — o que as pessoas na região de Ebou Dar chamavam de Treze Pecados: um homem com olhos enormes representando a Inveja, um sujeito com a língua estirada até o tornozelo simbolizando a Calúnia, um homem de dentes afiados rosnando e apertando moedas contra o peito ilustrando a Ganância, e assim por diante —, mas, no geral, o aposento a satisfazia bastante. Alguém que pudesse pagar por um ambiente como aquele podia pagar um reboco novo para o exterior, e a única razão para não fazê-lo era manter a discrição e evitar chamar atenção.

A criada deixara a porta aberta, e, de repente, vozes vindas do corredor ecoaram até lá.

— Não posso acreditar que você as trouxe até aqui. — O tom da voz era tenso, cheio de incredulidade e raiva. — Você sabe como nós somos cuidadosas, Setalle. Você sabe mais do que deveria, e com certeza sabe disso.

— Eu lamento muito, Reanne — respondeu a Senhora Anan, a voz tensa. — Acho que não pensei direito. Eu... me coloco nas suas mãos, tanto para me responsabilizar pelo comportamento destas garotas quanto para ser julgada por você.

— Claro que não! — O tom chocado de Reanne ficou estridente. — Em outras palavras... Quer dizer, você não devia ter feito isso, mas... Setalle, eu peço desculpas por ter subido a voz. Espero que me perdoe.

— Você não tem motivos para se desculpar, Reanne. — A estalajadeira conseguiu soar sentida e relutante ao mesmo tempo. — Eu errei ao trazê-las.

— Não, não, Setalle. Eu não deveria ter falado desse jeito com você. Por favor, me perdoe. Por favor.

A Senhora Anan e Reanne Corly adentraram a sala de estar, e Nynaeve ficou surpresa. Pelo diálogo, esperara alguém mais jovem do que Setalle Anan, mas Reanne tinha o cabelo quase completamente grisalho e o rosto cheio de marcas de expressão, naquele momento enrugadas de preocupação. Por que ela se humilharia tanto para uma mulher mais nova, e por que a mais nova permitiria aquilo, ainda que com certa relutância? Os costumes eram diferentes ali, a Luz sabia, alguns mais do que gostava de recordar, mas não tão diferentes assim, por certo. Claro que ela nunca fora das melhores em se tratando de ser humilde com o Círculo das Mulheres em sua terra natal, mas isso...

Reanne era capaz de canalizar, claro — esperara por isso, torcera por isso, aliás —, mas não esperara sua força. Reanne não era tão forte quanto Elayne ou mesmo Nicola — que a Luz queimasse aquela infeliz! —, mas se equiparava facilmente com Sheriam, digamos, ou com Kwamesa ou Kiruna. Poucas mulheres possuíam tanta força, e por mais que Nynaeve a superasse por uma boa margem, ficou surpresa por se ver diante daquilo. A mulher devia ser uma das bravias, pois a Torre teria encontrado um jeito de manter uma mulher como aquela em suas mãos, mesmo que fosse preciso deixá-la a vida inteira com um vestido de noiva.

Quando as duas passaram pela porta, Nynaeve se levantou e alisou as saias. Não por nervosismo, decerto. Com certeza não. Ah, mas se pelo menos aquilo desse certo...

Os olhos azuis penetrantes de Reanne examinaram as duas com o ar de alguém que acabara de encontrar em sua cozinha um par de porcos recém-saídos do chiqueiro, pingando lama. Ela secou o rosto com um lenço minúsculo, apesar do interior da casa estar mais fresco que o lado de fora.

— Suponho que vamos ter que fazer alguma coisa com elas, caso sejam o que dizem ser — murmurou a mulher.

Sua voz continuava bem estridente, musical e quase jovial. Ao terminar de falar, Reanne por algum motivo teve um pequeno sobressalto e olhou de soslaio para a estalajadeira, o que desencadeou outra rodada de desculpas relutantes por parte da Senhora Anan e de tentativas frustradas da Senhora Corly de detê-las. Em Ebou Dar, quando as pessoas estavam sendo verdadeiramente educadas, o ir e vir de desculpas podia se estender por uma hora.

Exibindo um sorriso um pouco forçado, Elayne também se levantou. Ela ergueu a sobrancelha para Nynaeve, apoiou o cotovelo em uma das mãos e pôs o dedo na bochecha.

Nynaeve pigarreou.

— Senhora Corly, meu nome é Nynaeve al'Meara e esta é Elayne Trakand. Estamos procurando...

— Setalle me falou de vocês — interrompeu a mulher de olhos azuis em tom sombrio. A despeito dos muitos fios grisalhos, Nynaeve suspeitou que ela também fosse dura feito um muro de pedra. — Aguarde com paciência, garota, e eu vou tratar diretamente com você.

Ela tornou a se virar para Setalle, enxugando as bochechas com o lenço. Uma vez mais, um acanhamento mal disfarçado lhe tingiu a voz.

— Setalle, se você, por favor, me der licença, eu preciso interrogar estas garotas e...

— Veja só quem voltou depois de todos esses anos — interrompeu bruscamente uma mulher de meia-idade, baixa e robusta, ao entrar na sala, gesticulando para a sua acompanhante. Apesar do vestido eboudariano com cinto vermelho e do rosto bronzeado que reluzia de suor, seu sotaque era todo cairhieno. A mulher que a acompanhava, tão suada quanto, trajava as roupas de lã escura e corte simples de uma mercadora, e era um palmo mais alta. Tinha no máximo a mesma idade de Nynaeve, e era dona de olhos escuros enviesados, nariz bastante adunco e boca larga. — É Garenia! Ela... — O fluxo de palavras da cairhiena se encerrou em uma confusão repentina no instante em que a mulher rechonchuda se deu conta de que havia outras pessoas presentes.

Reanne uniu as mãos como se fosse rezar, ou talvez tivesse sido para conter o impulso de bater em alguém.

— Berowin — disse ela com rispidez —, qualquer dia você vai cair do alto de um penhasco antes de vê-lo sob os seus pés.

— Me desculpe, Anci... — A cairhiena enrubesceu e baixou o olhar. A saldaeana se concentrou em brincar com um círculo de pedras vermelhas do

broche em seu peito.

Já Nynaeve dirigiu a Elayne um olhar triunfante. As duas recém-chegadas sabiam canalizar, e *saidar* ainda estava sendo manejado em algum ponto da casa. Mais duas, e, mesmo que Berowin não fosse das mais fortes, Garenia estava acima até de Reanne e podia ser páreo para Lelaine ou Romanda. Não que tivesse alguma importância, claro, mas aquilo elevava o número a pelo menos cinco. O queixo de Elayne se mantinha teimoso, mas ela então suspirou e fez uma pequena aquiescência. Às vezes era uma dificuldade convencê-la de alguma coisa.

— O seu nome é Garenia? — indagou devagar a Senhora Anan, franzindo o cenho para a mulher em questão. — Você é muito parecida com uma pessoa que conhecia. Zarya Alkaese.

Olhos escuros enviesados piscaram, surpresos. A mercadora saldaeana puxou da manga um lenço com bordas rendadas e secou as bochechas.

— Esse é o nome da irmã da minha avó — respondeu ela, após um momento. — Dizem que sou muito parecida com ela. Ela estava bem quando você a viu? Ela se esqueceu completamente da família depois que partiu para se tornar Aes Sedai.

— Irmã da sua avó. — A estalajadeira gargalhou baixinho. — Claro. Ela estava bem quando eu a vi, mas isso já faz muito tempo. Eu era mais jovem do que você é agora.

Reanne ainda estava ao lado dela, quase segurando-a pelo braço, e aproveitou a chance de entrar na conversa.

— Setalle, eu realmente lamento muito, mas preciso mesmo lhe pedir para nos dar licença. Você me perdoa por não a levar até a porta?

A Senhora Anan também pediu perdão, como se fosse culpa sua a outra mulher não poder acompanhá-la, e partiu com um último e muitíssimo dubio olhar para Nynaeve e Elayne.

— Setalle! — exclamou Garenia assim que a estalajadeira saiu. — Aquela era Setalle Anan? Como ela...? Luz do Céu! Mesmo depois de setenta anos, a Torre iria...

— Garenia — disse a Senhora Corly em um tom extremamente ríspido. Seu olhar foi mais ríspido ainda, e o rosto da saldaeana enrubesceu. — Já que vocês duas estão aqui, podemos formar um trio de interrogatório. Vocês duas fiquem aí onde estão e permaneçam caladas — disse ela para Nynaeve e Elayne.

As outras mulheres recuaram para um canto, onde se aproximaram e começaram a conversar em murmúrios.

Elayne chegou mais perto de Nynaeve.

— Eu não gostava de ser tratada como noviça nem quando era noviça. Por quanto tempo você pretende continuar com essa farsa?

Nynaeve chiou para que ela ficasse quieta.

— Estou tentando escutar, Elayne — sussurrou.

Usar o Poder estava fora de questão, claro. As três ficariam sabendo no mesmo instante. Felizmente, elas não teceram barreiras, talvez por não saberem como, e às vezes suas vozes aumentavam o pouquinho necessário.

— ...disse que elas podem ser bravias — explicou Reanne, fazendo choque e repulsa brotaram no semblante das outras mulheres.

— Então colocamos as duas porta afora — opinou Berowin. — Pela porta dos fundos. Bravias!

— Eu ainda quero saber quem é essa Setalle Anan — acrescentou Garenia.

— Se você não consegue se concentrar no que deve, talvez devesse passar este turno na fazenda — advertiu-lhe Reanne. — Allise sabe muito bem como ensinar alguém a prestar atenção. Agora... — As palavras voltaram a não ser mais que zumbidos.

Outra criada apareceu, uma mulher esbelta e bonita, a não ser pelo aspecto tristonho, com um vestido de lã cinza comum e um avental branco comprido. Ela depositou uma bandeja de laca verde em uma das mesinhas, enxugou as bochechas de modo furtivo com o canto do avental e começou fazer um estardalhaço com um jogo de xícaras e bule azuis. Nynaeve arqueou as sobrancelhas. A mulher também era capaz de canalizar, ainda que não em um grau muito alto. Por que estava trabalhando como serviçal?

Garenia deu uma espiadela por cima do ombro e tomou um susto.

— O que Derys fez para merecer uma penitência? Pensei que era mais fácil um peixe cantar do que ela desrespeitar uma regra, imagina quebrá-la.

Berowin fungou alto, mas quase não deu para ouvir sua resposta.

— Ela quis se casar. Vai pular um turno e seguir com Keraille no dia seguinte ao Festival da Meia-lua. Mestre Denal vai se dar por satisfeito.

— Será que vocês duas estão querendo capinar o campo para Allise? — falou Reanne, seca, e as vozes tornaram a baixar.

Nynaeve teve uma onda de êxtase. Não ligava muito para regras, pelo menos não para as das outras pessoas — era raro que outros enxergassem a situação com tanta clareza quanto ela, e era por isso que criavam regras estúpidas, como, por exemplo, não deixar aquela mulher, Derys, se casar, se era o que ela queria —, mas regras e penitências eram sinais de uma sociedade. Ela *estava* certa. E mais: cutucou Elayne até a outra mulher curvar a cabeça.

— Berowin está usando um cinto vermelho — sussurrou.

Aquilo indicava uma Sapiência, uma das famosas curandeiras de Ebou Dar, cujos cuidados eram conhecidos mundo afora como a melhor opção depois de ser Curado por uma Aes Sedai, e que tratavam de praticamente tudo. Supunha-se que tudo era feito com ervas e conhecimento, mas...

— Quantas Sapiências nós já vimos, Elayne? Quantas eram capazes de canalizar? Quantas eram eboudarianas, ou mesmo altaranas?

— Sete, contando com Berowin — respondeu ela, devagar. — E só uma que eu tenho certeza de que era daqui.

Rá! As outras claramente não eram. Elayne respirou fundo, mas depois acrescentou com calma:

— *Nenhuma*, porém, tinha nem de perto a força destas mulheres.

Pelo menos ela não sugeriu que estivessem enganadas; todas aquelas Sapiências sabiam canalizar.

— Nynaeve, você está mesmo sugerindo que as Sapiências... que *todas* as Sapiências... são...? Isso seria *mais* que incrível.

— Elayne, esta cidade tem uma guilda de homens que varrem as praças todas as noites! Acho que acabamos de encontrar a Antiga e Todo-Poderosa Sororidade das Sapiências.

A teimosa fez que não com a cabeça.

— A Torre teria mandado cem irmãs para cá anos atrás, Nynaeve. Duzentas. Qualquer coisa desse tipo teria sido completamente esmagada bem rápido.

— Pode ser que a Torre não saiba — conjecturou Nynaeve. — Pode ser que a guilda seja tão discreta que a Torre nunca achou que valesse a pena perturbá-las. Não existe lei contra o ato de canalizar para quem não é Aes Sedai, só contra se dizer Aes Sedai ou usar mal o Poder. Ou criar descrédito.

Isso significava fazer qualquer coisa que pudesse jogar uma luz negativa nas verdadeiras Aes Sedai, caso alguém tomasse a pessoa por uma delas, o que, na opinião de Nynaeve, era ir longe demais. O problema real, no entanto, era que ela não acreditava nisso. A Torre parecia saber de tudo, e provavelmente desmancharia um círculo que fosse se organizando por

mulheres que soubessem canalizar. Contudo, tinha de haver uma explicação para... Meio distraída, ela sentiu a Fonte Verdadeira sendo abraçada, mas, de repente, ficou totalmente atenta de novo. Sua boca se abriu quando um fluxo de Ar capturou a trança bem na base de seu crânio e a fez atravessar a sala na ponta do pé. Elayne seguiu bem ao lado dela, o rosto vermelho de fúria. O pior de tudo era que ambas estavam blindadas.

A breve corrida se encerrou quando a pegada relaxou diante da Senhora Corly e das outras duas, que estavam sentadas em cadeiras vermelhas junto à parede, circundadas pelo brilho de *saidar*.

— Eu mandei vocês ficarem quietas — disse Reanne com firmeza. — Se nós decidirmos ajudá-las, vocês vão ter que aprender que esperamos a mesma absoluta obediência que a Torre espera. — Ela impregnou as últimas palavras com um tom de reverência. — Vou confessar que vocês teriam recebido um tratamento mais gentil se não tivessem vindo até nós desta maneira irregular. — O fluxo que agarrava a trança de Nynaeve se dissipou. Elayne sacudiu a cabeça com raiva quando foi solta.

O espanto chocado se transformou em um ardente ultraje assim que Nynaeve se deu conta de era Berowin quem a blindava. A maioria das Aes Sedai que conhecera estava acima de Berowin, quase todas. Recompondo-se, ela se esforçou para alcançar a Fonte, na expectativa de que as tessituras se despedaçassem. Pelo menos mostraria para aquelas mulheres que não seria... As tessituras... se esticaram. A cairhiena rechonchuda sorriu, e o semblante de Nynaeve se fechou. A blindagem se esticou mais e mais, intumescendo feito uma bola. Não quebrava. Aquilo era impossível. Claro que qualquer pessoa era capaz de bloquear o acesso dela à Fonte caso a apanhasse de surpresa, e alguém mais fraca poderia manter a blindagem, uma vez que ela fosse tecida, mas não alguém *tão* mais fraca. E uma blindagem não se dobrava tanto sem se partir. Era impossível!

— Você pode arrebentar um vaso sanguíneo se continuar fazendo isso — disse Berowin de maneira quase amistosa. — Nós não tentamos nos fingir superiores, mas habilidades são aperfeiçoadas com o tempo, e isso sempre foi quase um Talento para mim. Eu conseguiria segurar um dos Abandonados.

Com uma expressão carrancuda, Nynaeve se rendeu. Podia esperar. Já que não tinha escolha, podia.

Derys se aproximou carregando a bandeja e distribuindo xícaras de um chá escuro. Para as três mulheres sentadas. Sequer deu uma olhadela para Nynaeve e Elayne antes de fazer uma reverência perfeita e voltar para a sua mesa.

— Podíamos estar bebendo chá de mirtilo, Nynaeve — disse Elayne, disparando um olhar tal em sua direção que ela quase deu um passo para trás. Talvez fosse melhor não esperar muito.

— Fique quieta, garota. — O tom da Senhora Corly podia até estar calmo, mas seu lenço secava o rosto furiosamente. — O relatório que temos a respeito de vocês diz que as duas são intransigentes e briguentas, e que correm atrás de homens e contam mentiras. Ao que eu acrescento que vocês não conseguem seguir instruções simples. Tudo isso deve mudar caso busquem a nossa ajuda. Tudo. Isso é absolutamente irregular. Fiquem agradecidas por estarmos dispostas a falar com vocês.

— Nós queremos a ajuda de vocês — disse Nynaeve. Gostaria que Elayne parasse de olhá-la daquele jeito. Era pior que o olhar contundente da Senhora Corly. Bem, tão ruim quanto, pelo menos. — Precisamos desesperadamente encontrar um *ter'angreal*...

Reanne Corly interrompeu como se ela nem tivesse falado.

— Em geral, conhecemos de antemão as garotas que são trazidas até nós, mas precisamos ter certeza de que vocês são o que dizem ser. Quantas

portas para a Biblioteca da Torre uma noviça pode usar, e quais? —
Aguardando, ela tomou um gole de chá.

— Duas. — A palavra saiu venenosa da boca de Elayne. — A porta principal a leste, quando uma irmã a manda à Biblioteca, ou a portinha no canto sudoeste, chamada de Porta das Noviças, quando ela vai sozinha. Quanto tempo mais, Nynaeve?

Garenia, que estava blindando Elayne, canalizou sem nenhuma gentileza um outro fluxo bem fino de Ar. Elayne estremeceu e Nynaeve se retraiu, admirada por não ter agarrado a parte de trás das saias.

— Outra exigência é uma língua civilizada — murmurou Garenia, irônica, dentro da sua xícara de chá.

— A resposta está correta — confirmou a Senhora Corly, como se nada tivesse ocorrido. No entanto, lançou um breve olhar para a saldaeana por cima do chá. — Agora, existem quantas pontes no Jardim das Águas?

— Três — disse Nynaeve depressa, em especial porque sabia a resposta. Não tendo sido noviça, então não sabia a resposta sobre a biblioteca. — Precisamos saber...

Berowin não tinha forças sobrando para canalizar um fluxo de Ar, mas a Senhora Corly tinha, e o fez. Mal conseguindo manter o rosto sereno, Nynaeve apertou as mãos nas saias para mantê-las quietas. Elayne teve a ousadia de lhe abrir um sorrisinho gélido. Gélido, mas satisfeito.

Mais uma dúzia de perguntas desabou sobre as duas, questionando desde o número de andares que os alojamentos das noviças continham — doze — até sob quais circunstâncias se permitia que uma noviça aparecesse no Salão da Torre — para levar recados ou para ser expulsa da Torre por algum crime; nada mais. Nynaeve não teve tempo de pronunciar mais que duas palavras, que foram respondidas com silêncio pela horrível Corly. Ela começou a se sentir como uma noviça no Salão, já que tampouco tinham

permissão para dizer uma única palavra. Aquela era uma das poucas respostas que ela sabia, mas, por sorte, Elayne respondia prontamente sempre que ela se mantinha quieta. Nynaeve talvez tivesse se saído melhor caso as perguntas fossem sobre as Aceitas, um pouco melhor, pelo menos, mas o que as interessava era o que uma noviça deveria saber. Ela ficou contente por Elayne se mostrar disposta a colaborar, embora, dadas as bochechas pálidas e o queixo empinado, aquela colaboração não fosse durar muito mais.

— Suponho que Nynaeve realmente esteve lá — concluiu Reanne, por fim, trocando olhares com as outras duas. — Se Elayne tivesse lhe ensinado as respostas, acho que ela teria se saído melhor. Algumas pessoas vivem sob uma neblina eterna.

Garenia fungou, e então aquiesceu devagar. Berowin assentiu depressa demais para o gosto de Nynaeve.

— Por favor — pediu ela com polidez. Conseguia ser educada quando havia motivo, a despeito do que dissessem. — Nós precisamos mesmo encontrar um *ter'angreal* que o Povo do Mar chama de Tigela dos Ventos. Está em um antigo armazém empoeirado em algum lugar do Rahad, e eu acredito que a sua guilda, o seu Círculo, deve saber onde. Por favor, nos ajudem.

Três rostos repentinamente pétreos encararam-na.

— Não existe nenhuma *guilda* — disse com frieza a Senhora Corly. — Só um grupo de amigas que não encontrou seu lugar na Torre Branca... — Outra vez aquele tom de reverência. — E que são tolas o bastante para, de vez em quando, estender a mão quando é necessário. Também não temos nada a ver com *ter'angreal*, *angreal* ou *sa'angreal*. Não somos Aes Sedai. — “Aes Sedai” também ecoou com veneração. — Em todo caso, vocês não estão aqui para fazer perguntas. Temos mais questões para vocês, para ver

até onde foram, e depois vão ser levadas para o campo para serem entregues aos cuidados de uma amiga. Ela vai ficar com vocês até decidirmos o que fazer. Até podermos ter certeza de que as irmãs não estão procurando as duas. Vocês têm uma vida nova pela frente, uma nova oportunidade, basta que se permitam enxergar isso. Qualquer coisa que as tenha atrapalhado na Torre não se aplica aqui, seja falta de destreza, medo ou o que for. Ninguém vai forçar vocês a aprender ou a fazer o que não são capazes. O que vocês são já é suficiente. Agora...

— Chega — disse Elayne com uma voz inercial. — *Já basta*, Nynaeve. Ou você pretende esperar no campo o quanto for preciso? Elas *não* têm nada, Nynaeve.

Retirando o anel da Grande Serpente da bolsinha do cinto, ela o enfiou no dedo. Pelo modo como olhou para as mulheres sentadas, ninguém acreditaria que estava blindada. Era uma rainha que tinha perdido a paciência. Uma Aes Sedai até o último fio de cabelo, isso sim.

— Sou Elayne Trakand, Grão-trono da Casa Trakand. Sou Filha-herdeira de Andor e Aes Sedai da Ajah Verde, e *exijo* que vocês me soltem imediatamente.

Nynaeve soltou um gemido.

Garenia fez uma careta de desgosto e Berowin arregalou os olhos de horror. Reanne Corly balançou a cabeça com pesar, mas, quando falou, sua voz era como ferro.

— Eu tive esperanças de que Setalle tivesse convencido vocês a não usar mais essa mentira. Sei o quanto é difícil se dirigir cheia de orgulho até a Torre Branca para depois se ver voltando para casa para admitir o fracasso. Mas algo assim não se diz nem brincando!

— Eu não estou brincando — rebateu Elayne em tom leve. Leve como neve.

Garenia se inclinou para a frente com uma cara emburrada, um fluxo de Ar já se formando, até que Senhora Corly levantou a mão.

— E você, Nynaeve? Também insiste nessa... loucura?

Nynaeve encheu os pulmões de ar. Aquelas mulheres tinham de saber onde a Tigela estava. Simplesmente tinham!

— Nynaeve! — chamou Elayne, irritada.

Ela não ia deixar Nynaeve se esquecesse daquilo nem se precisassem planejar uma escapada. Elayne tinha a mania de ficar relembrando cada errinho de um jeito que deixava qualquer pessoa sem chão.

— Sou Aes Sedai da Ajah Amarela — afirmou Nynaeve com cautela. — O verdadeiro Trono de Amyrlin, Egwene al’Vere, nos elevou ao xale em Salidar. Ela não tem mais idade que Elayne, como devem ter ouvido falar. — Nem o menor sinal de mudança naqueles três rostos duros. — Ela nos mandou vir encontrar a Tigela dos Ventos. Com ela, vamos poder consertar o clima. — Nem uma nesga de mudança. Nynaeve tentou controlar a raiva. Tentou mesmo. Mas a raiva escapou de qualquer modo. — Vocês devem querer isso! Olhem em volta! O Tenebroso está estrangulando o mundo! Se tiverem ao menos uma pista de onde a Tigela possa estar, falem!

A Senhora Corly fez um gesto para Derys, que se aproximou e recolheu as xícaras, fitando Nynaeve e Elayne com olhos amedrontados e esbugalhados. Quando se afastou apressada, saindo até da sala, as três mulheres se levantaram devagar e pararam feito magistradas soturnas prontas a proferir sentenças.

— Lamento que vocês se recusem a aceitar a nossa ajuda — disse com frieza a senhora Corly. — Lamento todo este incidente.

Ela enfiou a mão no bolso e pôs três marcos de prata na mão de Nynaeve e outros três na de Elayne.

— Isso vai ajudá-las por um tempo. Vocês também podem conseguir alguma coisa com estes vestidos, imagino, mesmo que seja menos do que vocês pagaram. Estas roupas estão longe de ser apropriadas para uma viagem. Amanhã ao nascer do sol, vocês já vão ter ido embora de Ebou Dar.

— Nós não vamos a lugar nenhum — avisou Nynaeve. — Por favor, se vocês sabem... — Teria dado no mesmo se tivesse ficado em silêncio. O fluxo calculado de palavras não desacelerou.

— A esta hora amanhã, vamos começar a espalhar a descrição de vocês, e vamos nos certificar de que elas cheguem às irmãs no Palácio Tarasin. Se forem vistas depois do nascer do sol, vamos cuidar para que as irmãs saibam onde estão, bem como os Mantos-brancos. As alternativas de vocês vão ser fugir, se render às irmãs ou morrer. Vão, não voltem, e devem conseguir viver bastante se decidirem parar com essa farsa hedionda. Encerramos nosso assunto com vocês. Berowin, acompanhe-as, por favor.

Reanne passou raspando por entre as duas e saiu da sala sem olhar para trás.

Irritada, Nynaeve se deixou ser pastoreada até a porta da frente. Um confronto não resultaria em nada, exceto, talvez, em ser jogada para fora na marra, mas ela não gostava de desistir. Luz, não gostava! Elayne pisava duro, com uma determinação inabalável de partir e acabar com aquele assunto.

No pequeno salão de entrada, Nynaeve decidiu tentar uma vez mais.

— Por favor, Garenia, Berowin, se vocês tiverem alguma pista, contem para nós. Qualquer mínimo sinal. Vocês precisam entender o quanto isso é importante. Precisam!

— “Os mais cegos são aqueles que se mantêm de olhos fechados” — citou Elayne, em alto e bom som.

Berowin hesitou, mas Garenia não. A mulher chegou bem perto de Nynaeve.

— Acha que somos idiotas, garota? Vou lhe dizer uma coisa: se dependesse de mim, empacotaríamos vocês e despacharíamos para a fazenda independentemente do que dissessem. Alguns meses sob as atenções de Allise e vocês iam aprender a controlar a língua e a ser gratas pela ajuda de que estão desdenhando.

Nynaeve chegou a pensar em acertar o nariz dela. Não precisava de *saidar* para usar os punhos.

— Garenia — disse Berowin, a voz dura. — Peça desculpas! Não prendemos ninguém contra a vontade, e você sabe bem disso. Peça desculpas imediatamente!

E, surpreendentemente, aquela mulher que teria se encontrado no alto da hierarquia, caso fosse Aes Sedai, olhou de soslaio para a mulher que teria estado lá na base e ruborizou.

— Eu peço perdão — balbuciou Garenia para Nynaeve. — Meu temperamento às vezes me escapa ao controle e eu digo o que não tenho o direito de dizer. Humildemente, peço perdão.

Mais um olhar de soslaio para Berowin, que assentiu, causando um suspiro de alívio explícito.

Enquanto Nynaeve ainda estava boquiaberta, a blindagem foi desfeita e ela e Elayne foram postas na rua, a porta batendo com força atrás das duas.



CAPÍTULO 24



A CONFRARIA

Incrível, pensou Reanne, observando de uma janela enquanto as duas estranhas desapareciam rua abaixo por entre comerciantes, mendigos e uma liteira e outra. Ela retornara à sala de estar assim que a dupla fora escoltada até a saída. Não sabia o que pensar a respeito delas, e suas persistentes reivindicações contrariando todo o bom senso eram apenas parte da confusão.

— Elas não suaram — sussurrou Berowin junto ao seu ombro.

— Não?

Ela teria tomado providências para que a notícia chegasse ao Palácio Tarasin em menos de uma hora, caso não tivesse dado a sua palavra. E não fosse pelo perigo. O medo borbulhava em sua barriga, o mesmo pânico que se apossara dela após cruzar os arcos de prata quando foi fazer o teste para Aceita. Do mesmo modo como fizera todas as vezes em que esse medo despertara nos anos desde então, Reanne tratou de renovar seu autocontrole. Na verdade, ela não se dava conta de que o medo que tinha de voltar a fugir correndo aos gritos era tanto que já aniquilara a possibilidade de que de fato fugisse. Reanne rezava para que aquelas garotas abandonassem aquela loucura. Rezava para que, se não abandonassem, fossem capturadas bem longe de Ebou Dar e permanecessem em silêncio ou fossem desacreditadas. Precauções precisariam ser tomadas, salvaguardas postas em prática

novamente depois de anos. Aes Sedai, no entanto, eram quase tão onipotentes que essas proteções quase não faziam diferença. Isso ela sabia muito bem.

— Anciã-mor, seria possível que a mais velha daquelas duas seja mesmo...? Nós canalizamos, e...

A voz de Berowin foi morrendo, mas Reanne não precisava nem considerar a ideia, nem mesmo deixando de lado a garota mais jovem. Por que uma Aes Sedai fingiria ser menos, tão menos? Além do mais, qualquer Aes Sedai de verdade as teria obrigado a se ajoelhar e suplicar clemência, e não ficado ali em uma postura tão submissa.

— Não canalizamos na frente de nenhuma Aes Sedai — disse ela com firmeza. — Não quebramos regra nenhuma.

Essas regras se aplicavam a ela com o mesmo rigor que a qualquer outra pessoa. A primeira delas dizia que todas eram uma só, mesmo as que se encontravam em posições superiores em dado período. Como poderia ser diferente, se quem está acima em algum momento precisa descer? Apenas por meio de movimentos e mudanças elas conseguiriam se manter escondidas.

— Mas alguns boatos realmente falam de uma jovem ser a Amyrlin, Anciã-mor. E ela sabia que...

— Rebeldes. — Reanne despejou na palavra toda a descrença e indignação que sentia. Por alguém ter a *audácia* de se rebelar contra a Torre Branca! Não era de se estranhar que histórias inacreditáveis daquele tipo estivessem se espalhando.

— E quanto a Logain e a Ajah Vermelha? — perguntou Garenia, no que Reanne a encarou.

A mulher se servira de outra xícara de chá antes de voltar a se levantar, e conseguiu bebericar com um ar insolente.

— Seja qual for a verdade, Garenia, não é nosso papel criticar qualquer coisa que as Aes Sedai façam. — A boca de Reanne se estreitou. Aquilo não se alinhava nem um pouco com o que ela sentia em relação às rebeldes, mas como uma Aes Sedai poderia ser capaz de algo do tipo?

A saldaeana, porém, curvou a cabeça em aquiescência, talvez para esconder o modo mal-humorado como torceu a boca. Reanne suspirou. Ela própria desistira dos seus sonhos de Ajah Verde muitíssimo tempo atrás, mas havia outras como Berowin, que acreditavam, achando que em segredo, que de alguma forma voltariam um dia para a Torre Branca e se tornariam Aes Sedai. E também havia mulheres como Garenia, quase tão ruins quanto as outras em manter seus desejos em segredo, embora esses desejos fossem dez vezes mais proibidos. Elas na verdade eram a favor de aceitar bravias, e até de sair em busca de garotas que podiam ser ensinadas!

Garenia não tinha acabado. Ela sempre flertava com o limiar da disciplina e, com frequência, o ultrapassava.

— E o que falar dessa Setalle Anan? Aquelas garotas sabem do Círculo. A tal Anan deve ter contado para elas, embora, como ela sabe... — A mulher estremeceu de um jeito que teria sido demasiado espalhafatoso para a maioria das outras, mas ela nunca fora capaz de esconder suas emoções. Nem quando deveria. — A pessoa que nos traiu para ela precisa ser encontrada, e a traição dela também deve ser punida. Ela é uma estalajadeira, e alguém precisa ensiná-la a controlar a língua!

Berowin arfou, os olhos esbugalhados em choque, e se deixou cair com tanta força em uma cadeira que quase quicou de volta.

— Lembre-se de quem ela é, Garenia — disse Reanne duramente. — Se Setalle tivesse nos traído, estaríamos rastejando até Tar Valon e implorando perdão durante todo o caminho.

Assim que chegara a Ebou Dar, ouvira uma história de uma mulher que fora obrigada a ir rastejando até a Torre Branca, e nada que tinha visto desde então em relação às Aes Sedai a fez questionar aquilo minimamente.

— Ela guardou os poucos segredos que sabe por gratidão, e duvido que isso tenha se perdido. Ela teria morrido no parto do primeiro filho se a Confraria não a tivesse ajudado. O que ela sabe é fruto de línguas descuidadas, quando se pensava que ela não estava ouvindo, e as donas dessas línguas foram punidas há mais de vinte anos.

Ainda assim, Reanne gostaria que houvesse alguma maneira de pedir para Setalle ser mais circunspecta. A estalajadeira devia ter falado de modo descuidado na frente daquelas garotas.

A mulher tornou a curvar a cabeça, mas sua boca se mantinha teimosa. Pelo menos uma parte daquele turno, Reanne decidiu, Garenia passaria no retiro, e teria instruções especiais para passar adiante com sua própria boca teimosa. Era raro que Allise precisasse de mais de uma semana para convencer uma mulher de que a teimosia não valia a pena.

Porém, antes que pudesse informar Garenia disso, Derys apareceu fazendo reverências junto à porta, anunciando Sarainya Vostovan. Como de costume, Sarainya foi entrando antes que Reanne a admitisse no aposento. De certa forma, aquela mulher de beleza impactante fazia Garenia parecer submissa, apesar de seguir estritamente o que mandava cada regra. Reanne tinha certeza de que, se pudesse escolher, Sarainya teria feito tranças e colocado sininhos no cabelo, independentemente de como aquilo combinaria com o cinto vermelho. Por outro lado, se pudesse escolher, ela não teria servido nem um único turno com aquele cinto.

Claro que Sarainya fez uma mesura à porta e se ajoelhou diante dela com a cabeça baixa, mas cinquenta anos não a tinham feito esquecer que ela teria sido uma mulher de poder considerável caso tivesse escolhido voltar

para casa em Arafel. Medidas e todo o resto eram concessões. Quando falou, com aquela voz rouca e poderosa, a questão de se ela algum dia se conformaria e o problema de Garenia sumiram da mente de Reanne!

— Callie está morta, Anciã-mor. Cortaram sua garganta e aparentemente roubaram até suas meias, mas Sumeko afirma que ela foi morta pelo Poder Único.

— Isso é impossível! — irrompeu Berowin. — Nenhuma Comadre faria esse tipo de coisa!

— Uma Aes Sedai? — indagou Garenia, desta vez hesitante. — Mas como? Os Três Juramentos. Sumeko deve estar enganada.

Reanne ergueu uma das mãos para que fizessem silêncio. Sumeko nunca se enganava, não em questões assim. Ela teria sido da Ajah Amarela, não tivesse sofrido um colapso absoluto durante o teste para o xale, e, ainda que fosse proibido, apesar de incontáveis punições, a mulher se esforçava para aprender mais sempre que achava que ninguém estava olhando. Nenhuma Aes Sedai poderia ter feito aquilo, era óbvio, e nenhuma Comadre seria capaz disso, mas... Aquelas garotas, tão insistentes, sabendo que não deveriam insistir. O Círculo perdurara por tempo demais e dera assistência a mulheres demais para, àquela altura, ser destruído.

— O que precisa ser feito é o seguinte — disse ela para as outras. Aquelas palpitações de medo voltaram, mas, desta vez, ela mal prestou atenção.

* * *

Nynaeve se afastou da casa com passos indignados. Inacreditável! Aquelas mulheres tinham, sim, uma guilda. Ela sabia disso! Independentemente do que dissessem, tinha certeza de que elas também sabiam onde estava a

Tigela. Nynaeve teria feito qualquer coisa necessária para fazê-las contarem. Fingir docilidade por algumas horas diante daquelas mulheres teria sido mais fácil do que aguentar Mat Cauthon por só a Luz sabia quantos dias.

Eu poderia ter sido tão dócil quanto elas queriam, pensou ela, irritada. *Elas teriam pensado que eu era uma sandália velha bem maleável! Eu poderia...* Era mentira, e não foi preciso a lembrança de nenhum gosto nojento para convencê-la disso. Bastaria uma pequena chance e Nynaeve teria sacudido cada uma daquelas mulheres até elas lhe contarem o que queria saber. Teria incorporado uma Aes Sedai até fazê-las ganirem!

Olhou de soslaio para Elayne, o cenho franzido. A outra mulher parecia absorta em seus pensamentos. Nynaeve gostaria de não saber no que ela estava pensando. Uma manhã desperdiçada, e não muito distante de uma humilhação completa. Nynaeve não gostava de estar errada. Ainda não estava acostumada a admitir que errava, na verdade. E agora teria de se desculpar com Elayne. *Realmente* odiava se desculpar. Bem, já seria ruim o bastante no quarto delas. Com Birgitte e Aviendha ainda fora, esperava. Ela não ia começar aquilo na rua, com sabia-se lá quem ali por perto. A multidão se avolumara, apesar de o sol não parecer muito mais alto por entre as nuvens de pássaros marinhos que rodopiavam e grasnavam logo acima.

Encontrar o caminho não foi fácil, depois de todas aquelas curvas e viradas. Nynaeve precisou pedir informação meia dúzia de vezes enquanto Elayne, fingindo indiferença, olhava para o outro lado. Ela seguiu cruzando pontes, desviando de carroções e carroças, saindo do caminho de liteiras afobadas que serpenteavam as multidões, e desejando que Elayne dissesse algo. Nynaeve sabia como era guardar rancor, e quanto mais tempo se ficava em silêncio, pior era quando se falava, então quanto mais Elayne

andava sem dar um pio, mais sombria ficava a imagem em sua cabeça de como seria quando as duas estivessem de volta nos quartos. Isso a deixava furiosa. Ela admitira que estava errada, ainda que só para si mesma. Elayne não tinha o direito de fazê-la sofrer daquele jeito. Ela estava com uma cara tal que até mesmo as pessoas que não notavam seus anéis lhes davam passagem. As que notavam pareciam descobrir uma necessidade urgente de partir para a rua seguinte. Até alguns carregadores de liteiras passavam ao largo dela.

— Quantos anos Reanne lhe pareceu ter? — indagou Elayne de repente.

Nynaeve quase pulou de susto. Elas estavam quase de volta na Mol Hara.

— Cinquenta. Talvez sessenta. Não sei se importa.

Ela correu os olhos pela multidão para ver se havia alguém perto o suficiente para ouvir. Uma ambulante de passagem, sua bandeja cheia de frutinhas amarelas azedas chamadas limões, tentou suprimir um gritinho quando o olhar de Nynaeve pousou nela por um instante, e acabou curvada por cima da bandeja, tossindo engasgada. Nynaeve fungou. Era provável que a mascate estivesse espiando, se não planejando roubar uma bolsa.

— Elas *são* uma guilda, Elayne, e elas *sabem* onde está a Tigela. Eu sei que elas sabem.

Não fora nada daquilo que ela pretendia dizer. Caso se desculpasse por ter colocado Elayne naquela situação, talvez a situação não ficasse tão ruim.

— Suponho que sim — respondeu Elayne, distraída. — Suponho que elas podem saber. Como é possível ela ter envelhecido tanto?

Nynaeve empacou no meio da rua. Depois de toda aquela discussão, depois das duas terem sido expulsas, ela *supunha*?

— Bem, *eu* suponho que ela envelheceu do mesmo jeito que todas nós, um dia de cada vez. Se você acreditou, Elayne, por que anunciou quem era,

feito Rhiannon na Torre? — Ela gostou da comparação; de acordo com a história, o que a Rainha Rhiannon conseguiu foi bem diferente do que pretendia.

Apesar de toda a sua educação, Elayne não pareceu registrar a pergunta. Ela puxou Nynaeve para o lado no momento em que uma carruagem verde com cortinas passou a toda — a rua não era das mais largas naquele ponto —, parando na frente do ateliê de uma costureira, com uma entrada ampla que exibia vários manequins vestidos com indumentárias inacabadas.

— Elas não iam nos contar nada, Nynaeve, nem se você ficasse de joelhos e implorasse.

Nynaeve abriu a boca, indignada, mas logo tratou de fechá-la. Nunca fizera nenhuma menção a implorar. De todo modo, por que Elayne não deveria participar? Melhor implorar para qualquer mulher do que para Mat Cauthon. Elayne, porém, estava concentrada demais para ser desviada do assunto.

— Ela deve ter desacelerado como qualquer outra, Nynaeve. Quantos anos ela tem, para parecer ter cinquenta ou sessenta?

— Do que você está falando? — Sem pensar, Nynaeve registrou aquele lugar em um cantinho da mente. O trabalho da costureira parecia bastante bom, dos que valia a pena analisar mais de perto. — Com o medo que tem de ser confundida com uma irmã, é provável que ela só canalize quando necessário. Afinal, ela não ia querer ficar com o rosto liso demais.

— Você não prestava atenção nenhuma nas aulas, não é? — murmurou Elayne.

Ela avistou a costureira roliça sorrindo da entrada e puxou Nynaeve em direção à esquina. Considerando-se a quantidade de rendas que a costureira ostentava no próprio vestido, cobrindo todo o corpete e escorrendo pelas

anáguas à mostra, seria bom vigiá-la bem de perto caso Nynaeve encomendasse mesmo alguma coisa ali.

— Esqueça roupas por um momento, Nynaeve. Quem é a Aceita mais velha de quem você se lembra?

Ela fitou Elayne com um olhar sério. A mulher fazia parecer que ela nunca pensava em outra coisa! E ela prestara atenção, sim. Às vezes.

— Elin Warrel, eu acho. Ela é um pouco mais velha que eu.

Claro, mesmo o vestido da costureira ficaria ótimo com um decote mais modesto e bem menos rendas. E em seda verde. Lan gostava de verde, embora ela com certeza não fosse escolher seus vestidos pensando nele. Ele também gostava de azul.

Elayne soltou uma gargalhada tão sonora que Nynaeve ficou se perguntando se tinha pensado alto. Ruborizando intensamente, ela tentou explicar — tinha certeza de que conseguiria, lá pela época de Bel Tine —, mas a outra mulher não lhe deu a chance de dizer uma única palavra.

— A irmã de Elin foi visitá-la um pouquinho antes de você chegar à Torre, Nynaeve. A irmã *mais nova* dela. E a mulher tinha cabelo *grisalho*. Bem, um pouco grisalho. Ela devia ter mais de *quarenta*, Nynaeve.

Elin Warrel tinha mais de quarenta? Mas...!

— O que você está dizendo, Elayne?

Não havia ninguém suficientemente perto para ouvir e, tirando a esperançosa costureira, ninguém parecia olhar duas vezes para elas, mas Elayne baixou a voz e a transformou em um sussurro.

— Nós *desaceleramos*, Nynaeve. Em algum momento entre os vinte e os vinte e cinco, nós começamos a envelhecer mais devagar. Quão mais devagar depende de quão forte nós somos, mas em que momento, não depende. Toda mulher capaz de canalizar desacelera. Takima disse que acha que é nessa época que se começa a adquirir a aparência de idade indefinida,

embora eu ache que ninguém nunca chegou a tal ponto sem estar usando o xale por *pelo menos* um ou dois anos, e às vezes cinco ou mais. Pense. Você *sabe* que qualquer irmã de cabelo grisalho é *idosa*, mesmo que não deva mencionar isso. Então, se Reanne desacelerou, e deve ter desacelerado, quantos anos ela tem?

Nynaeve não se importava com qual era a idade de Reanne. Queria chorar. Não era surpresa que todos se recusassem a acreditar na sua idade. Isso explicava por que o Círculo das Mulheres de casa sempre a observava com incerteza de que ela tivesse idade suficiente para merecer total confiança. Adquirir o rosto de idade indefinida de uma irmã, tudo bem, mas faltava quanto tempo para ter cabelos grisalhos?

Nynaeve se recompôs e se virou com raiva. E algo a atingiu de raspão na nuca. Cambaleando, ela se voltou contra Elayne, pasma. Por que a mulher tinha batido nela? Só que Elayne estava caída, os olhos fechados e um calombo roxo horroroso inchando em sua têmpora. Zonza, Nynaeve caiu de joelhos e apanhou a amiga nos braços.

— Sua amiga deve estar passando mal — disse uma mulher nariguda, se ajoelhando ao lado dela sem se importar com o vestido amarelo que revelava busto demais até para os padrões eboudarianos. — Deixe-me ajudar.

Um sujeito alto e de bela aparência em um colete de seda bordado, não fosse pelo sorriso bajulador, se curvou para tocar o ombro de Nynaeve.

— Venha, eu tenho uma carruagem. Vamos levar vocês para algum lugar mais confortável que o calçamento.

— Vão embora — pediu-lhes Nynaeve com educação. — Não precisamos da ajuda de vocês.

O homem, no entanto, continuou tentando puxá-la de pé para conduzi-la em direção à carruagem vermelha, de onde uma mulher com ar

sobressaltado trajando azul a chamava com veemência. A mulher nariguda chegou a tentar levantar Elayne, agradecendo ao homem pela ajuda e repetindo como a carruagem dele parecia uma boa ideia. Um grupo de curiosos pareceu surgir do nada para formar um semicírculo, as mulheres murmurando palavras simpáticas a respeito de desmaios causados pelo calor, os homens se oferecendo para ajudar a carregar as moças. Um sujeito mirrado, e bastante atrevido, estendeu a mão para a bolsa de Nynaeve quase que debaixo do nariz dela.

A cabeça de Nynaeve ainda girava o suficiente para tornar difícil abraçar *saidar*, mas se toda aquela gente tagarelando não tivesse enfurecido o seu gênio, o que ela viu jazendo na rua teria: uma flecha com uma ponta cega de pedra. A que havia pegado de raspão nela ou a que havia atingido Elayne. Ela canalizou e o ladrão mirrado se curvou, agarrando a barriga e grunhindo feito um porco em uma roseira-brava. Outro fluxo e a mulher nariguda caiu para trás com um grito duas vezes mais alto. O homem com o colete de seda pareceu decidir que elas não precisavam mesmo de ajuda, porque se virou e correu até a carruagem, mas ainda assim ela lhe serviu uma dose. O sujeito urrou mais alto que qualquer touro enfurecido enquanto a mulher na carruagem o puxava para dentro pelo colete.

— Obrigada, mas não precisamos de ajuda — berrou Nynaeve. Com educação.

Poucos permaneciam por perto para escutar. Assim que ficou óbvio que o Poder Único estava sendo usado — e pessoas pulando e gritando sem nenhum motivo aparente deixavam isso claro para a maioria —, todos partiram às pressas para outros lugares. A mulher nariguda se recompôs e chegou a pular na traseira da carruagem vermelha, segurando-se de forma precária enquanto o condutor de colete escuro usava o chicote para fazer os

cavalos se moverem em meio à multidão, toda a gente saltando para o lado. Até o ladrão saiu claudicando o mais rápido que pôde.

Nynaeve não teria dado a mínima se a terra se abrisse e engolissem todo aquele pessoal. Com o peito doendo, ela tratou de tecer fluxos finos de Vento e Água, Terra, Fogo e Espírito misturados e combinados, e correu-os por Elayne. Foi uma tessitura simples, que não lhe desgastou, apesar da leve tontura, e o resultado a permitiu tornar a respirar. A contusão não era séria, e os ossos do crânio de Elayne não estavam fraturados. Normalmente, ela teria redirecionado aqueles mesmos fluxos para criar tessituras muito mais complexas, formando a Cura que descobrira sozinha. No momento, porém, só podia dar conta de tessituras mais simples. Usando apenas Espírito, Vento e Água, ela teceu a Cura que as Amarelas usavam desde tempos imemoriais.

Os olhos de Elayne se abriram e, com um arquejo que pareceu lhe tirar todo o ar, ela convulsionou feito uma truta enredada, os calcanhares ainda calçados nas sandálias batendo no calçamento. Durou só uns poucos instantes, claro, mas naqueles instantes a lesão diminuiu até sumir.

Nynaeve a ajudou a se levantar — e uma mão feminina apareceu segurando um copo de estanho cheio d'água.

— Até uma Aes Sedai pode sentir sede depois de algo assim — disse a costureira.

Elayne se esticou para pegá-lo, mas Nynaeve segurou o pulso dela.

— Não, obrigada. — A mulher deu de ombros e, quando ela se virou, Nynaeve acrescentou, mudando de tom: — Obrigada.

A palavra parecia sair mais fácil com a prática, e ela não tinha certeza se gostava disso.

Aquele mar de rendas ondulou quando a costureira tornou a dar de ombros.

— Eu faço vestidos para qualquer pessoa. Posso fazer algo que combine muito mais com seu tom de pele. — Ela voltou para o ateliê e desapareceu lá dentro. Nynaeve lhe franziu o cenho.

— O que aconteceu? — perguntou Elayne. — Por que você não me deixou tomar água? Estou com sede e com fome.

Com um último olhar feio para a costureira, Nynaeve se curvou para apanhar a flecha.

Elayne não precisou de explicações. Em um lampejo, *saidar* brilhou em torno dela.

— Teslyn e Joline?

Nynaeve balançou a cabeça. O leve enjoo parecia estar passando. Não achava que aquelas duas fossem apelar para algo daquele tipo. Achava que não.

— E Reanne? — perguntou baixinho. A costureira voltara à porta, ainda esperançosa. — Ela pode querer se certificar de que fomos embora. Ou pior, talvez Garenia. — Essa possibilidade era quase tão arrepiante quanto Teslyn e Joline. E duas vezes mais irritante.

De alguma forma, Elayne conseguia ficar bonita mesmo fazendo careta.

— Quem quer que tenha sido, vamos fazer com que paguem. Você vai ver. — A careta sumiu. — Nynaeve, se o Círculo de fato souber onde a Tigela está, podemos encontrá-la, mas... — Hesitante, ela mordiscou o lábio. — Só conheço uma maneira de termos certeza.

Nynaeve anuiu devagar, embora preferisse ter comido um punhado de terra. Aquele dia chegara a parecer tão brilhante em dado momento, mas acabara entrando em uma espiral de trevas, desde Reanne a... Ah, Luz, faltava quanto tempo para ela ter cabelo grisalho?

— Não chore, Nynaeve. Não é possível que Mat seja tão ruim assim. Ele vai encontrar a Tigela para nós em poucos dias, eu sei disso.

Nynaeve só fez chorar mais.



CAPÍTULO 25



ARMADILHA MENTAL

Moghedien não queria sonhar de novo aquele sonho, mas querer acordar, querer gritar, não adiantava nada. O sono a prendia mais do que quaisquer algemas. O começo passou rápido, um borrão grosseiro. Não foi nenhuma misericórdia; ela teria de reviver o restante bem mais cedo.

Ela mal reconheceu a mulher que adentrou a tenda onde estava sendo mantida presa. Halima, secretária de uma daquelas tolas que se intitulavam Aes Sedai. Tolas, ainda que a mantivessem firmemente cativa pela tira de metal prateado em seu pescoço, ainda que a prendessem e a obrigassem a obedecer. Um movimento rápido, embora ela rezasse por lentidão. A mulher canalizou para criar uma luz, e Moghedien viu apenas a luz. Só podia ser saidin; entre os vivos, apenas os Abandonados sabiam fazer uso do Poder Verdadeiro — o Poder oriundo do Tenebroso — e poucos eram tolos o bastante para isso, exceto na mais absoluta necessidade, mas aquilo era impossível! A imagem se turvou ao passar depressa. A mulher, que se chamava Aran'gar e tratou Moghedien pelo nome, fez convocações ao Poço da Perdição e retirou o colar a'dam, encolhendo-se com a dor que nenhuma mulher deveria sentir. Uma vez mais — quantas vezes ela já tinha feito aquilo? — Moghedien teceu um pequeno portão dentro da tenda. Ela Deslizou para se dar um tempo para pensar dentro da escuridão infinita,

mas tão logo pôs os pés em sua plataforma, que parecia uma varandinha de mármore cercada com direito até a uma cadeira bem confortável, ela chegou às encostas negras de Shayol Ghul, eternamente amortalhadas pelo crepúsculo, onde aberturas e túneis emitiam vapores, fumaça e gases adstringentes. Logo um Myrddraal se aproximou, com sua indumentária negra como breu; um homem sem olhos, branco como uma larva, mais alto e maciço do que qualquer outro Meio-homem. Olhou para ela de um jeito arrogante, se apresentou sem que lhe fosse pedido, e lhe ordenou que o acompanhasse. Myrddraal não agiam assim normalmente com os Escolhidos. Àquela altura, ela gritava nas profundezas da mente para que o sonho transcorresse mais rápido, para que ficasse borrado a ponto de não se poder enxergar, não se poder identificar nada, mas agora, enquanto seguia Shaidar Haran até a entrada do Poço da Perdição, agora tudo fluía em sua velocidade normal, parecendo mais real que Tel'aran'rhiod ou o mundo desperto.

Lágrimas escorriam dos olhos de Moghedien, descendo por bochechas já molhadas. Ela se debatia em seu catre duro, braços e pernas se mexendo como se lutasse desesperadamente, e inutilmente, para acordar. Não tinha mais consciência de que estava sonhando — tudo parecia real —, mas lembranças profundas permaneciam e, nessas profundezas, o instinto a fazia ganhar e arrancar em busca de escape.

Ela estava bem familiarizada com o túnel inclinado e seu teto de adagas de pedra feito presas, as paredes reluzindo na luz tênue. Muitas vezes ela fizera aquela jornada descendente, desde o dia, tanto tempo atrás, em que foi pela primeira vez prestar reverência ao Grande Senhor e entregar sua alma, mas nunca como naquela ocasião, nunca com seu fracasso já conhecido em toda a sua magnitude. Em todas as outras vezes, ela conseguira mascarar seus fracassos até mesmo do Grande Senhor. Muitas

vezes. Podiam-se fazer coisas ali que não eram possíveis em nenhum outro lugar. Podiam acontecer coisas ali que não tinham como acontecer em nenhum outro lugar.

Ela tomou um susto quando uma das presas de pedra roçou seu cabelo, e tratou logo de se recompor da melhor maneira que pôde. Aqueles espinhos e lâminas ainda passavam bem longe do estranho e altíssimo Myrddraal, mas, apesar de ela não bater sequer no ombro da criatura, se via forçada a ficar desviando a cabeça daquelas pontas. A realidade ali era como argila para o Grande Senhor, e ele costumava deixar seu descontentamento bem claro. Um dente de pedra a atingiu no ombro, e ela se agachou para passar por baixo de outro. Não havia mais altura suficiente no túnel para ela andar ereta. Foi se curvando ainda mais, seguindo agachada no encalço do Myrddraal, tentando se aproximar. O passo acelerado da criatura não mudava, mas, independentemente de quão rápido ela se movesse, a distância entre os dois não diminuía. O teto desceu, os caninos do Grande Senhor prontos a despedaçar traidores e tolos, e Moghedien ficou de quatro, rastejando, depois baixou ainda mais, se arrastando cotovelos e joelhos. A luz tremeluzia no túnel, oriunda da própria entrada do Poço, logo à frente, e Moghedien deslizava de barriga no chão, impulsionando-se com as mãos e os pés. Pontas de pedra penetravam-lhe a carne, prendiam-lhe o vestido. Ofegante, ela foi se contorcendo pelos últimos metros ao som de lã rasgando.

Olhando para trás por cima do ombro, ela tremeu convulsivamente. No lugar onde deveria estar a entrada do túnel havia uma parede lisa de pedra. Talvez o Grande Senhor tivesse calculado tudo com exatidão, ou talvez, se ela tivesse ido mais devagar...

A saliência onde se encontrava deitada se projetava por cima de um lago vermelho com manchas negras de rochas derretidas onde chamas do

tamanho de homens dançavam, morriam e tornavam a aparecer. Acima dela, a caverna se erguia sem teto pela montanha em direção a um céu onde corriam nuvens furiosas, estriadas em vermelho, amarelo e negro, como se viajassem com o vento dos tempos. Não era o céu com nuvens escuras de Shayol Ghul que se via fora da caverna. Para nada disso ela olhou duas vezes, e não só porque já tinha visto aquilo vezes demais. A Fenda no local da prisão do Grande Senhor não ficava mais perto dali do que de qualquer outro lugar do mundo, mas ali Moghedien podia senti-lo, podia se banhar na glória radiante do Grande Senhor. O Poder Verdadeiro a inundava, tão forte que tentar canalizá-lo a fritaria e a transformaria em cinzas. Não que ela desejasse pagar o preço em qualquer outro lugar também.

Ela começou a se colocar de joelhos, então algo a atingiu entre as omoplatas, derrubando-a com força no chão de pedra e tirando o ar dos seus pulmões. Em choque, ela se esforçou para recuperar o fôlego, e então olhou para trás por cima do ombro. O Myrddraal estava parado com uma das enormes botas plantadas com firmeza em suas costas. Ela quase abraçou saidar, apesar de que canalizar ali sem permissão expressa era uma bela maneira de morrer. A arrogância durante a descida fora uma coisa, mas isso!

— Você sabe quem eu sou? — questionou ela. — Eu sou Moghedien!

Aquele olhar sem olhos fitou-a como se ela fosse um inseto; ela já vira muitos Myrddraal olhando daquele jeito para humanos comuns.

MOGHEDIEN. Aquela voz em sua cabeça levou embora todos os pensamentos relacionados ao Myrddraal. Quase levou embora todo e qualquer pensamento. Comparado àquilo, o abraço mais apertado de qualquer amante humano era uma gota d'água junto a um oceano. QUÃO GRAVE É O SEU FRACASSO, MOGHEDIEN? OS ESCOLHIDOS SÃO

SEMPRE OS MAIS FORTES, MAS VOCÊ SE DEIXOU SER CAPTURADA. VOCÊ ENSINOU AOS MEUS INIMIGOS, MOGHEDIEN.

Com as pálpebras tremelizando, ela lutou para ser coerente.

— Grande Senhor, eu só ensinei coisas pequenas, e resisti como pude. Ensinei a elas uma suposta maneira de detectar um homem canalizando. — Ela deu um jeito de rir. — Treinar a técnica as deixa com dores de cabeça tão fortes que elas não conseguem canalizar por horas.

Silêncio. Melhor assim, talvez. Elas já haviam desistido de aprender aquela técnica muito antes de Moghedien ser resgatada, mas o Grande Senhor não precisava saber disso.

— Grande Senhor, o senhor sabe como eu lhe servi. Eu sirvo nas sombras, e seus inimigos só sentem minha picada quando o veneno já está fazendo efeito. — Não ousava dizer que tinha se permitido ser capturada de propósito, para atuar infiltrada, mas podia insinuar. — Grande Senhor, o senhor sabe quantos inimigos seus eu derrubei na Guerra do Poder. Das sombras, incógnita, ou não, ignorada porque não me consideravam uma ameaça.

Silêncio. E então...

OS MEUS ESCOLHIDOS SÃO SEMPRE OS MAIS FORTES. A MINHA MÃO INDUZ.

Aquela voz reverberando em seu crânio transformava-lhe os ossos em mel fervente e ateava fogo ao seu cérebro. O Myrddraal segurou seu queixo, forçando-lhe a cabeça para cima, então sua visão ficou suficientemente nítida para que visse a adaga na outra mão dele. Todos os seus sonhos iam acabar ali com um talho na garganta, seu corpo indo alimentar os Trollocs. Talvez Shaidar Haran separasse um corte específico só para ele. Talvez...

Não. Ela sabia que iria morrer, mas aquele Myrddraal não comeria nem um pedacinho seu! Ela se esticou para abraçar saidar e seus olhos se arregalaram. Não havia nada lá. Nada! Era como se tivesse sido apartada! Ela sabia que não era o caso — dizia-se que o rompimento era a dor mais profunda que se podia sentir, e que arrefecê-la estava além de qualquer poder —, mas...!

Naqueles momentos de estupor, o Myrddraal forçou-a a abrir a boca, raspou-lhe a lâmina por toda a língua e lhe fez um corte na orelha. E enquanto a lâmina se punha na vertical, com seu sangue e sua saliva, ela compreendeu, mesmo antes que o objeto produzisse o que parecia ser uma gaiola minúscula e frágil de fios de ouro e cristal. Certas coisas só podiam ser feitas ali, algumas delas só a quem fosse capaz de canalizar, e ela havia trazido uma porção de homens e mulheres exatamente com esse propósito.

— Não — sussurrou ela. Seus olhos não conseguiam desviar da cour'souvra. — Não, eu não! EU NÃO!

Ignorando-a, Shaidar Haran raspou os fluidos da faca na cour'souvra. O cristal se transformou em um rosa-leitoso, a primeira fixação. Com um movimento rápido do pulso, a criatura arremessou a armadilha mental no lago de rochas derretidas para concluir a segunda. A gaiola de ouro e cristal desenhou um arco no ar e parou de repente, flutuando no ponto exato onde parecia estar a Fenda, o lugar onde o Padrão era mais fino.

Moghedien se esqueceu do Myrddraal. Ela estendeu as mãos na direção da Fenda.

— Misericórdia, Grande Senhor!

Nunca havia visto o Grande Senhor das Trevas demonstrar qualquer misericórdia, mas, estivesse ela amarrada em uma cela com lobos raivosos ou com um darath na época da muda, teria implorado mesmo assim. Nas circunstâncias corretas, suplicava-se até pelo impossível. A cour'souvra

pairou no ar, girando devagar, cintilando à luz das chamas que saltavam logo abaixo.

— Eu lhe servi com todo o meu coração, Grande Senhor. Eu imploro por misericórdia. Imploro! MISERICÓRDIAAAAAAA!

VOCÊ AINDA PODE ME SERVIR.

A voz lançou-a em um estado de êxtase inimaginável, mas, no mesmo instante, a armadilha mental cintilante brilhou feito o sol e, em meio à euforia, ela experimentou uma dor tal qual tivesse sido imersa no lago ardente. Os dois se misturaram e ela ganiu, debatendo-se como uma louca, debatendo-se em uma dor infinita, infinita; depois que Eras se passaram e não restava nada além de agonia e das memórias da agonia, a minúscula misericórdia da escuridão sobrepujou-a.

Moghedien se agitou no catre. De novo, não. Por favor.

Ela mal reconheceu a mulher que adentrou a tenda onde estava sendo mantida prisioneira.

Por favor, ela gritava nos confins de sua mente.

A mulher canalizou para criar uma luz, e a única coisa que Moghedien viu foi a luz.

Em um sono profundo, ela estremeceu, tremendo da cabeça aos pés. Por favor!

A mulher, que se chamava Aran'gar e tratou Moghedien pelo nome, fez convocações ao Poço da Perdição e...

— Acorde, mulher — disse uma voz que soava como ossos podres se esmigalhando, e Moghedien abriu os olhos. Quase desejou voltar para o sonho.

Nenhuma porta ou janela interrompia a monotonia das paredes de pedra do seu pequeno cárcere, e não havia esferas de luz ou mesmo lamparinas, mas a luz entrava de algum lugar. Ela não sabia quantos dias fazia que

estava ali, só que uma comida insossa aparecia em intervalos irregulares, que o único balde que lhe servia de sanitário era esvaziado em intervalos ainda mais irregulares, e que sabão e um balde de água perfumada lhe eram deixados ali de alguma forma para que pudesse se limpar. Ela não tinha certeza se aquilo era ou não uma misericórdia, mas a alegria e o contentamento por ver um balde de água lhe fazia lembrar o quanto havia decaído. Shaidar Haran agora lhe fazia companhia na cela.

Ela rolou depressa para fora do catre, se ajoelhou e encostou o rosto no chão de pedra. Sempre fizera o necessário para sobreviver, e o Myrddraal se mostrara muito contente em lhe ensinar o que era necessário.

— Eu o saúdo com entusiasmo, *Mia’cova*.

Aquele título composto queimou em sua língua. Significava “aquele que é meu dono”, ou simplesmente “meu dono”. A estranha blindagem que Shaidar Haran usava nela — e que os Myrddraal não podiam usar, mas ele usava — não estava evidente, mas ainda assim ela não cogitou canalizar. O Poder Verdadeiro lhe estava negado, claro, já que só podia ser acessado com as bênçãos do Grande Senhor, mas a Fonte a tentava, apesar de aquele brilho nos limites de sua visão lhe parecer, de alguma forma, esquisito. Ainda assim ela não cogitou canalizar. Toda vez que o Myrddraal fazia uma visita, expunha sua armadilha mental. Canalizar muito perto de sua própria *cour’souvra* era extremamente doloroso, e quanto mais perto, mais dor. A uma distância tão curta como aquela, Moghedien achava que não sobreviveria nem a um simples toque na Fonte. E esse era o menor dos perigos da armadilha mental.

Shaidar Haran riu, um som raspado de couro seco rachado. Era outra diferença daquele Myrddraal. Bem mais cruéis que os Trollocs, que só sentiam sede de sangue, os Myrddraal eram frios e impassíveis. Shaidar Haran, no entanto, costumava demonstrar sua diversão. Até o momento, ela

se considerava sortuda por só ter alguns machucados. Àquela altura, a maior parte das mulheres já estaria à beira da loucura, se não além.

— E você está entusiasmada para obedecer? — perguntou aquela voz farfalhante.

— Sim, estou entusiasmada para obedecer, *Mia’cova*.

O que quer que fosse necessário para sobreviver. Mas ela arfou quando dedos frios se enroscaram de repente em seu cabelo. Cambaleando, pôs-se de pé por conta própria o máximo que pôde, mas ainda acabou sendo puxada. Pelo menos desta vez seus pés não saíram do chão. O Myrddraal a analisou, sem expressão. A lembrança de visitas passadas tornou difícil não se contrair ou gritar, ou apenas abraçar *saidar* e dar um fim a tudo.

— Feche os olhos — disse-lhe a criatura —, e mantenha-os fechados até receber ordem para abri-los.

Os olhos de Moghedien se fecharam. Uma das lições de Shaidar Haran havia sido a obediência imediata. Além do mais, de olhos fechados, podia tentar fingir que estava em outro lugar. O que quer que fosse necessário.

De repente, a mão em seu cabelo empurrou-a para frente, e ela deixou escapar um grito. O Myrddraal pretendia arremessá-la na parede. Ela ergueu as mãos em proteção e Shaidar Haran a soltou. Ela cambaleou por pelo menos dez passos, mas sua cela não somava dez passos de um canto ao outro. Madeira queimando. Ela sentiu um leve cheiro de madeira queimando. Porém, manteve as pálpebras bem cerradas. Pretendia continuar não tendo mais que alguns machucados, e em menor número possível pelo maior tempo possível.

— Pode olhar agora — disse uma voz profunda.

Com todo o cuidado, ela olhou. A voz era de um jovem alto e de ombros largos usando calças e botas pretas, além de uma camisa branca esvoaçante com a gola desamarrada, que a observava com olhos surpreendentemente

azuis de uma poltrona estofada diante de uma lareira de mármore onde chamas dançavam ao longo de grandes toras. Ela estava em um aposento com painéis de madeira que podia ter pertencido a um mercador abastado ou a um nobre de nível médio, a mobília gentilmente entalhada e com toques de douraduras, os tapetes tecidos com arabescos vermelhos e dourados. Todavia, não teve dúvidas de que era algum lugar perto de Shayol Ghul; a sensação não era a de *Tel'aran'rhiod*, a única outra possibilidade. Virando depressa a cabeça, ela respirou fundo. O Myrddraal não estava à vista. Tiras apertadas de *cuande* pareceram desaparecer do entorno do seu peito.

— Gostou da sua estada no vacúolo?

Moghedien sentiu dedos gélidos se enterrarem em seu cocuruto. Não era pesquisadora nem fabricante, mas conhecia aquela palavra. Sequer pensou em perguntar como um jovem daquela época também sabia. Às vezes havia bolhas no Padrão, embora Mesaana fosse dizer que essa era uma explicação muito simples. Era possível entrar nesses vacúolos, caso se soubesse como, e manipulá-los quase exatamente como ao resto do mundo — ela se lembrava vagamente de ter ouvido que pesquisadoras costumavam realizar grandes experimentos em vacúolos —, mas eles ficavam de fato fora do Padrão, e vez ou outra se fechavam, ou talvez apenas se desprendessem e partissem. Nem Mesaana sabia dizer o que acontecia, exceto que qualquer coisa que acontecesse que estivesse neles quando se fechavam deixava de existir para sempre.

— Quanto tempo? — Ela ficou surpresa por sua voz estar tão firme. Voltou-se para o jovem, que permanecia sentado lhe exibindo os dentes brancos. — Eu perguntei quanto tempo! Ou você não sabe?

— Eu vi você chegar... — Ele fez uma pausa e pegou um cálice de prata na mesa ao lado da cadeira, os olhos lhe sorrindo por cima da borda

enquanto bebia. — ... anteontem à noite.

Ela não conseguiu mascarar um arquejo de alívio. A única razão para alguém querer entrar num vacúolo era o fato de o tempo ali passar de um jeito diferente, às vezes mais devagar, às vezes mais rápido. Às vezes bem mais rápido. Ela não teria ficado totalmente surpresa se descobrisse que o Grande Senhor a havia aprisionado por cem anos, ou mil, para emergir em um mundo já dele, para obrigá-la a sobreviver às custas de carniça enquanto os outros Escolhidos se encontravam no ápice. Em sua cabeça, pelo menos, ela ainda era uma Escolhida. Até que o próprio Grande Senhor lhe dissesse o contrário. Moghedien nunca ouvira falar de alguém ser libertado de uma armadilha mental, mas ia encontrar um jeito. Sempre havia um jeito para os que eram cautelosos, enquanto os que chamavam a cautela de covardia sucumbiam. Ela mesma levara alguns daqueles que se diziam do tipo valente até Shayol Ghul para que uma *cour'souvra* lhes fosse implantada.

De repente, ocorreu-lhe que aquele sujeito sabia um bocado para um simples Amigo da Escuridão, em especial um que não tinha muito mais que vinte anos. Ele passou uma das pernas por cima de um dos braços da poltrona, espreguiçando-se com insolência sob o escrutínio dela. Graendal talvez gostasse de cooptá-lo, caso o jovem tivesse algum poder ou posição; apenas o queixo proeminente demais o impedia de ser bonito o bastante para isso. Moghedien achava que nunca tinha visto olhos tão azuis. Com a insolência do sujeito e o que tivera de aguentar nas mãos de Shaidar Haran há pouco tempo, com a Fonte atraindo-a e o Myrddraal tendo ido embora, ela considerou ensinar àquele jovem Amigo da Escuridão uma lição enfática. O fato de suas roupas estarem encardidas colaboravam para isso; sua pele ainda rescendia levemente ao cheiro do perfume da água com que se lavara, mas não tivera como limpar o vestido grosseiro de lã com que fugira de Egwene al'Vere, com todos os rasgões da sua jornada até o Poço.

A prudência prevaleceu — aquele aposento devia ser bem perto de Shayol Ghul —, mas por pouco.

— Qual é o seu nome? — perguntou ela. — Você tem alguma ideia de com quem está falando?

— Tenho, sim, Moghedien. Pode me chamar de Moridin.

Moghedien perdeu o fôlego. Não pelo nome, já que qualquer tolo podia se intitular a Morte. Mas uma manchinha preta bem pequena, que mal dava para enxergar, atravessou bem o meio de um daqueles olhos azuis, e depois o outro, sem interrupção. Aquele tal Moridin havia tocado o Poder Verdadeiro, e mais de uma vez. Bem mais. Ela sabia que alguns outros homens capazes de canalizar, além de al'Thor, sobreviviam naqueles tempos — e esse sujeito tinha o mesmo tamanho de al'Thor —, mas não esperara que o Grande Senhor permitisse a um deles tal honra em particular. Uma honra com um preço, como qualquer Escolhido sabia: a longo prazo, o Poder Verdadeiro era muito mais viciante que o Poder Único. Com grande força de vontade, era possível refrear o desejo de agarrar mais *saidar* ou *saidin*, mas ela própria não acreditava que existisse tamanha força de vontade capaz de resistir ao Poder Verdadeiro, não depois que *saa* aparecesse em seus olhos. O preço final era outro, mas não menos terrível.

— Você recebeu uma distinção maior do que imagina — disse Moghedien. Como se seu vestido imundo fosse do melhor estraite, ela se instalou na poltrona à frente dele. — Me traga um pouco daquele vinho, e eu lhe conto. Só outras vinte e nove pessoas já receberam...

Para surpresa dela, ele gargalhou.

— Você está entendendo errado, Moghedien. Você ainda serve ao Grande Senhor, mas não como antes. O momento de jogar seus próprios joguinhos já passou. Se você não tivesse conseguido fazer algo de bom por acidente, já estaria morta a esta altura.

— Eu sou uma Escolhida, garoto — rebateu ela, a fúria ardendo sobre a cautela.

Moghedien se sentou bem ereta e o encarou com todo o conhecimento de uma Era que fazia a dele parecer a época dos casebres de lama. Tanto conhecimento quanto tinha, pelo menos, e em algumas áreas, como no Poder Único, ninguém a superava. Ela quase abraçou a Fonte, a despeito da proximidade de Shayol Ghul.

— É provável que até pouco tempo sua mãe usasse o meu nome para meter medo em você, mas fique sabendo que homens feitos que poderiam amassar você feito um trapo começavam a suar quando o ouviam. Controle essa sua língua ao falar comigo!

Ele enfiou a mão pela gola desamarrada da camisa e foi a língua de Moghedien que se grudou no céu na boca. Seus olhos se fixaram na gaiolinha de fio de ouro e cristal vermelho-sangue que ele sacou, pendendo de um cordão. Pensou vagamente que ele tinha enfiado de volta uma outra igualzinha, mas só tinha olhos para a dela. Definitivamente era a dela. Ele a esfregou com o polegar e Moghedien sentiu aquele afago em sua mente, em sua alma. Quebrar uma armadilha mental não demandava muito mais pressão do que aquilo. Ela podia estar no outro lado do mundo ou até mais longe, e não teria feito a menor diferença. A parte que formava sua *essência* seria separada; ainda veria com os próprios olhos e ouviria com os próprios ouvidos, sentiria qualquer sabor que lhe passasse pela língua e qualquer coisa que a tocasse, mas estaria indefesa feito um autômato, absolutamente obediente a qualquer pessoa de posse da *cour'souvra*. Existisse ou não alguma maneira de se livrar daquilo, uma armadilha mental era exatamente o que o nome sugeria. Ela sentiu o sangue lhe sendo drenado do rosto.

— Entendeu agora? — perguntou ele. — Você ainda serve ao Grande Senhor, mas agora vai servir fazendo o que eu disser.

— Entendo, *Mia’cova* — respondeu ela de forma automática.

Ele tornou a gargalhar, um som profundo que zombava dela enquanto guardava a armadilha mental sob a camisa.

— Não há necessidade disso, agora que você aprendeu a sua lição. Vou chamá-la de Moghedien, e você me chame de Moridin. Você ainda faz parte dos Escolhidos. Quem poderia substituí-la?

— Sim, claro, Moridin — respondeu ela sem nenhuma emoção. Independentemente do que ele dissesse, ela sabia que tinha um dono.



CAPÍTULO 26



AS PALAVRAS IRREVOGÁVEIS

Morgase estava deitada, acordada, os olhos fixos no teto em meio à escuridão iluminada pelo luar, e tentava pensar na filha. Estava coberta apenas por um lençol claro de linho, mas, apesar do calor, transpirava em sua camisola de lã grossa fechada até o pescoço. O suor pouco importava. A despeito de quantos banhos tomasse e de quão quente fosse a água, ela não se sentia limpa. Elayne devia estar segura na Torre Branca. Às vezes parecia que já haviam se passado anos desde que conseguira confiar nas Aes Sedai, mas, apesar de paradoxal, a Torre sem dúvida era o lugar mais seguro para Elayne. Tentou pensar em Gawyn — ele estaria em Tar Valon com a irmã, todo orgulhoso dela, muito diligente em protegê-la sempre que ela precisasse — e em Galad... Por que não a deixavam vê-lo? Ela o amava tanto quanto se ele tivesse saído de sua própria barriga, e de muitas maneiras ele precisava mais desse afeto que os outros dois. Tentou pensar neles. Era difícil pensar em algo que não fosse... Olhos arregalados fitaram a escuridão, reluzindo com lágrimas não derramadas.

Ela sempre se achava valente o bastante para fazer o que fosse necessário, para encarar o que viesse. Sempre se acreditara capaz de se recompor e continuar a lutar. Em uma hora interminável, sem deixar mais que alguns machucados que já estavam sumindo, Rhadam Asunawa havia começado a lhe mostrar seu engano. Eamon Valda terminara a mostra com

uma pergunta. O fermento que a resposta deixara no coração de Morgase não sumira. Ela devia ter voltado pessoalmente a Asunawa e dito a ele para atacar de uma vez. Ela devia... Rezava para que Elayne estivesse em segurança. Talvez não fosse justo torcer mais por Elayne do que por Galad ou Gawyn, mas Elayne seria a próxima Rainha de Andor. A Torre não perderia a chance de pôr uma Aes Sedai no Trono do Leão. Se ao menos pudesse ver Elayne, ver seus filhos mais uma vez...

Alguma coisa farfalhou no quarto escuro, e ela prendeu a respiração e controlou um tremor. O tênue luar mal lhe permitia distinguir os postes da cama. Valda partira de Amador rumo ao norte no dia anterior, ele e Asunawa, com milhares de Mantos-brancos para encarar o Profeta, mas se ele tivesse voltado, se ele... O vulto na escuridão acabou se revelando uma mulher, baixa demais para ser Lini.

— Achei que você talvez ainda estivesse acordada — disse Breane baixinho. — Beba isto. Vai ajudar. — A cairhiena tentou entregar a Morgase uma xícara prateada, de onde subia um cheiro levemente azedo.

— Se eu quiser uma bebida, eu peço — reclamou ela, afastando a xícara. O líquido morno espirrou na sua mão e no lençol de linho. — Eu estava quase dormindo quando você entrou fazendo barulho — mentiu. — Me deixe!

Em vez de obedecer, a mulher continuou parada, encarando-a, o rosto à sombra. Morgase não gostava de Breane Taborwin. Não importava se Breane tinha de fato nascido nobre e sido rebaixada, como às vezes afirmava, ou se não passava de uma serviçal que aprendera a imitar suas superiores; ela só obedecia quando e como decidia, e tinha uma língua solta demais. Como provou naquele momento.

— Você resmunga feito uma ovelha, Morgase Trakand. — Mesmo em um tom baixo, sua voz fervia de raiva. Ela depositou bruscamente a xícara

na pequena mesa de cabeceira, espirrando um pouco mais do conteúdo em seu tampo. — Bah! Muita gente já passou por coisa bem pior. Você está viva. Nenhum dos seus ossos está quebrado, seu juízo está intacto. Resista. Deixe o passado para trás e toque a sua vida. Você tem andado tão nervosa que os homens vivem pisando em ovos, até Mestre Gill. Lamgwin mal pregou os olhos nestas três últimas noites.

Morgase ruborizou de raiva. Nem em Andor os serviçais falavam daquela maneira. Ela segurou o braço da mulher com força, mas a ansiedade travava uma guerra com a irritação.

— Eles não sabem, não é? — Se soubessem, tentariam vingá-la, resgatá-la. Morreriam. Tallanvor morreria.

— Lini e eu os vendamos por você. — Breane sorriu com desdém, libertando a mão e gesticulando na direção de Morgase. — Se eu pudesse salvar Lamgwin, deixaria que descobrissem a ovelha chorona que você é. Ele a vê como a personificação da Luz. O que eu vejo é uma mulher sem coragem para encarar o dia. Não vou deixar você destruí-lo com a sua covardia.

Covardia. Morgase foi tomada por indignação, mas não conseguiu falar. Seus dedos apertavam o lençol. Não achava que, a sangue frio, pudesse ter decidido ir para a cama com Valda, mas, caso tivesse ocorrido assim, teria conseguido viver com isso. Achava que sim. Porém, dizer sim por medo de voltar a encarar os nós e as agulhas de Asunawa, por mais medo ainda de onde ele poderia chegar com aquilo, era outra história. A despeito do quanto tivesse gritado aos cuidados de Asunawa, fora Valda quem realmente lhe mostrara os verdadeiros limites da sua coragem, muito menor do que ela acreditara. O toque de Valda, sua cama, podiam ser esquecidos com o passar do tempo, mas ela jamais conseguiria se livrar da vergonha

daquela “sim”. Breane jogava a verdade em sua cara, e Morgase não sabia como responder.

Ela foi poupada quando botas apressadas se fizeram ouvir no aposento externo. A porta do quarto se abriu e um homem correndo parou após um passo.

— Então você está acordada. Que bom — disse a voz de Tallanvor, e o coração de Morgase voltou a bater, ela voltou a respirar.

Tentou soltar a mão de Breane, sem nem se lembrar de tê-la agarrado, mas, para a sua surpresa, a mulher a apertou antes de soltar.

— Alguma coisa está acontecendo — prosseguiu Tallanvor, caminhando depressa em direção à única janela. Pondo-se de lado como que para evitar ser visto, ele espiou noite adentro. O luar delineou sua figura alta. — Mestre Gill, entre e conte o que viu.

Uma cabeça surgiu à porta, o cocuruto careca reluzindo na escuridão. Atrás, no outro aposento, uma sombra imensa se moveu: Lamgwin Dorn. Quando Basel Gill se deu conta de que ela ainda estava na cama, aquele brilho tênue no alto da sua cabeça cintilou com o movimento para desviar o olhar, embora provavelmente fosse difícil identificar mais do que a cama em si. Mestre Gill era ainda mais largo que Lamgwin, mas estava bem longe de ter a mesma altura.

— Me perdoe, minha Rainha. Eu não queria... — Ele pigarreou com força, e suas botas arrastaram no chão, agitadas. Tivesse um chapéu, estaria virando-o e revirando-o nas mãos, ou amassando-o de um jeito nervoso. — Eu estava no Corredor Comprido, a caminho da... da... — Da privada, era o que ele não conseguia dizer a ela. — Bom, eu dei uma olhada por uma das janelas e vi um... um pássaro bem grande, eu acho... pousar no alto das Casernas do Sul.

— Um pássaro! — A voz fina de Lini fez Mestre Gill saltar para dentro do quarto, desimpedindo a porta. Ou talvez tenha sido uma cutucada firme nas costelas gorduchas do homem. Lini costumava tirar todo e qualquer proveito que seus cabelos grisalhos lhe proporcionassem. Ainda apertando o cinto do roupão, ela passou por ele. — Tolos! Cabeças de gado! Vocês acordaram a minha men...! — Ela foi interrompida por uma tosse violenta.

Lini nunca se esquecia de que tinha sido babá de Morgase, e de sua mãe também, mas nunca deixava aquilo escapar na frente dos outros. Ficaria aborrecida por ter dado aquela escorregada, e sua voz deixou isso bem claro. — Acordar a Rainha por causa de um *pássaro*! — Ela deu tapinhas na rede envolvendo seu cabelo e, em um gesto automático, foi enfiando as poucas mechas que haviam escapado durante o sono. — Você andou bebendo, Basel Gill?

Morgase também se fazia essa pergunta.

— Não sei se era um pássaro — protestou Mestre Gill. — Não se parecia com pássaro algum, mas o que mais voa, além de morcegos? Era grande. Homens saltaram do dorso dele, e ainda havia um sentado no pescoço quando ele voou de novo. Enquanto eu estava batendo na minha cara para ver se acordava, outro desses... troços... pousou, e mais homens desceram, e então veio outro, e eu decidi que estava na hora de ir contar para Lorde Tallanvor.

Lini não bufou, mas Morgase podia quase que sentir o olhar da mulher, e não se dirigia a ela. O homem que abandonara sua estalagem para acompanhá-la certamente o sentiu.

— Juro pela Luz que é verdade, minha Rainha — insistiu Mestre Gill.

— Pela Luz! — anunciou Tallanvor feito um eco. — Uma coisa... Uma coisa acabou de pousar no topo das Casernas do Norte.

Morgase nunca o tinha ouvido soar nervoso. Tudo o que queria era fazer toda aquela gente ir embora e ficar sozinha com seu sofrimento, mas parecia não haver esperança. Em muitos aspectos, Tallanvor era pior que Breane. Bem pior.

— Meu robe — disse ela, e desta vez Breane foi rápida em lhe entregar um. Mestre Gill tratou de virar o rosto depressa para a parede enquanto ela saltava da cama e vestia o robe de seda.

Amarrando a faixa, Morgase caminhou até a janela. As compridas Casernas do Norte assomavam pelo amplo pátio, quatro andares de pedra escura com telhado achatado. Não se via luz alguma, nem lá nem em qualquer ponto da Fortaleza. Tudo estava quieto e silencioso.

— Não vejo nada, Tallanvor.

Ele a puxou para trás.

— Fique olhando.

Em outras ocasiões, ela teria lamentado a mão dele soltando seu ombro, e ficaria irritada com a própria reação, bem como com o tom de voz de Tallanvor. Àquela altura, depois de Valda, o que sentiu foi alívio. E irritação pelo alívio e também pelo tom de voz dele. Tallanvor era exageradamente desrespeitoso, bastante teimoso, e jovem demais. Não muito mais velho que Galad.

As sombras se moviam junto com a lua, mas nada mais se mexia. Lá longe, na cidade de Amador, um cão ladrou, seguido por outros mais. Então, quando Morgase abriu a boca para dispensar Tallanvor e todos os outros, a escuridão no alto das imensas casernas se arqueou e se impulsionou para fora do telhado.

Uma coisa, como Tallanvor chamara, e ela não tinha um nome melhor. A impressão era de um corpo comprido que aparentava ser mais espesso do que a altura de um homem, grandes asas estriadas feito as de um morcego

varrendo o ar enquanto a criatura mergulhava em direção ao pátio; um vulto, um homem, sentado bem atrás de um pescoço sinuoso. E então as asas golpearam o ar e a... coisa... levantou voo e bloqueou o luar ao passar voando, agitando uma cauda longa e fina.

Morgase fechou a boca devagar. O único pensamento que lhe ocorria era que fosse uma Cria da Sombra. Trollocs e Myrddraal não eram as únicas criaturas deturpadas pela Sombra, na Praga. Nunca soubera de nada como aquilo, mas suas tutoras na Torre diziam que lá viviam coisas que ninguém jamais tinha visto com clareza e vivido para descrever. Mas como ela podia estar tão ao sul?

De repente, um raio de luz lampejou com um enorme estrondo na direção dos portões principais, e então de novo, em dois outros pontos ao longo da grande muralha externa. Também em portões, ela acreditava.

— Pelo Poço da Perdição, o que foi isso? — resmungou Tallanvor em um momento de silêncio antes que os gongos de alerta comesçassem a ressoar na escuridão. Ouviram-se gritos, depois berros, e brados roucos feito alguma espécie de trombeta. O fogo saltou com um estampido de trovão, e logo depois em um outro ponto.

— O Poder Único — sussurrou Morgase. Ela podia até ser incapaz de canalizar, ou quase incapaz, mas podia identificar. Esqueceu a ideia de Crias da Sombra. — Devem... Devem ser Aes Sedai. — Ela escutou alguém ofegar trás dela. Lini ou Breane.

— Aes Sedai — murmurou Basel Gill, agitado, no que Lamgwin respondeu com um murmúrio baixo demais para que ela entendesse.

Ao longe, na escuridão, metal se chocava com metal, o fogo rugia, e relâmpagos desabavam do céu límpido. Bem fracos, em meio aos estrépitos, soaram por fim os sinais de alarme da cidade, mas estranhamente poucos.

— Aes Sedai. — Tallanvor parecia em dúvida. — Por que agora? Para resgatá-la, Morgase? Pensei que elas não pudessem usar o Poder contra homens, só contra Crias da Sombra. Além disso, se aquela criatura alada não era uma Cria da Sombra, então nunca vou ver uma.

— Você não sabe do que está falando! — rebateu ela, confrontando-o com veemência. — Você...!

O dardo de uma besta se chocou contra a esquadria da janela, pulverizando lascas de pedra. O ar zuniu junto a seu rosto quando o objeto ricocheteou entre eles e, com um baque surdo, se cravou num dos postes da cama. Algumas polegadas para a direita, e todos os problemas de Morgase teriam acabado.

Ela não se moveu, mas Tallanvor tratou de puxá-la para longe da janela, soltando um xingamento qualquer. Mesmo sob o luar, ela conseguia divisá-lo examinando-a de cenho franzido. Por um momento, achou que ele fosse tocar seu rosto. Se o fizesse, ela não sabia se choraria, gritaria, daria uma ordem para ele ir embora para sempre ou... Em vez disso, Tallanvor disse:

— É mais provável que sejam alguns daqueles homens, os Shamin ou sei lá como eles se chamam. — Ele insistia em acreditar nas histórias estranhas e impossíveis que haviam penetrado até na Fortaleza. — Acho que consigo tirar você daqui imediatamente. Vai estar uma confusão. Venha comigo.

Ela não o corrigiu. Poucas pessoas entendiam o Poder Único, e muito menos as diferenças entre *saidar* e *saidin*. A ideia de Tallanvor tinha seus atrativos. Talvez conseguissem escapar durante o pandemônio de uma batalha.

— Levá-la para o meio daquilo! — protestou Lini. Pela janela, luzes fulgurantes afogavam a lua, e estampidos e trovões abafavam o alarido de homens e espadas. — Achei que você fosse mais esperto, Martyn Tallanvor.

“Só os tolos beijam vespas ou engolem fogo”. Você a ouviu dizer que são as Aes Sedai. Acha que ela não sabe? Acha?

— Milorde, se são as Aes Sedai... — Mestre Gill não completou a frase.

Tallanvor soltou Morgase e resmungou baixinho, desejando estar com uma espada. Pedron Niall permitira que ele ficasse com sua lâmina, mas Eamon Valda não confiava tanto.

Por um instante, Morgase foi tomada pela decepção. Se ele ao menos tivesse insistido, a arrastado... O que havia de errado com ela? Tivesse ele tentado arrastá-la para onde fosse pelo motivo que fosse, ela teria lhe arrancado o couro. Precisava se controlar. Valda abalara sua confiança — não, ele arrasara sua confiança casualmente —, mas ela devia se agarrar àqueles pedacinhos e tratar de reuni-los. De alguma forma. Se é que valia a pena remendar aqueles frangalhos.

— Posso pelo menos ir descobrir o que está acontecendo — rosnou Tallanvor, partindo em direção à porta. — Se não forem as suas Aes Sedai...

— Não! Você vai ficar aqui. Por favor.

Morgase ficou bastante agradecida pela escuridão estar escondendo seu rosto, que enrubesceu furiosamente. Teria mordido a língua antes de dizer a última palavra, mas ela escapara antes que se desse conta. Em tons mais firmes, ela prosseguiu:

— Você vai ficar aqui protegendo a sua Rainha, como deve.

Na penumbra, ela conseguiu ver o rosto de Tallanvor, e a reverência que ele fez pareceu bem apropriada, mas ela teria apostado todas as suas moedas que havia irritação em ambos.

— Vou estar na sua antessala.

Bem, a voz dele não deixava dúvida. Desta vez, porém, ela não dava a mínima para a raiva que ele sentia ou para quão pouco a escondia. Era muito possível que matasse o jovem irritante com as próprias mãos, mas ele

não ia morrer naquela noite, retalhado por soldados sem ter como saber nem de que lado estava.

Àquela altura não havia mais esperança de dormir, mesmo que ela não estivesse insone. Sem acender nenhuma lamparina, Morgase lavou o rosto e a boca. Breane e Lini ajudaram-na a se vestir, uma seda azul com detalhes em verde e uma renda cor-de-neve se derramando nos pulsos e sob o queixo. Cairia muito bem para recepcionar Aes Sedai. A fúria de *saidar* estrondava na noite. Tinham de ser Aes Sedai. Quem mais poderia ser?

Quando ela se juntou aos homens na antessala, eles estavam sentados no escuro, exceto pelo luar que entrava pelas janelas e o lampejar ocasional de chamas forjadas no Poder. Até uma vela poderia atrair atenção indesejada. Lamgwin e Mestre Gill levantaram-se respeitosamente de suas cadeiras. Tallanvor se pôs de pé mais devagar, e ela não precisava de luz para saber que a observava com um cenho franzido taciturno. Furiosa por ter de ignorá-lo — ela era sua Rainha! —, e mal conseguindo não transparecer isso em sua voz, ela ordenou a Lamgwin que trouxesse uma das altas cadeiras de madeira para mais longe das janelas. Em silêncio, todos se sentaram e esperaram. Silêncio da parte deles, pelo menos. Lá fora, estrondos e bramidos ensurdecadores ainda ecoavam, trombetas soavam e homens gritavam, e, em meio a tudo isso, ela sentia ondas de *saidar*, vindo e se dissipando.

Lentamente, depois de pelo menos uma hora, a batalha foi esmorecendo e morreu. Vozes ainda bradavam ordens incompreensíveis, os feridos gritavam, e às vezes aquelas estranhas trombetas roucas ecoavam, mas não se ouvia mais o retinir de aço com aço. *Saidar* se dissipou. Ela tinha certeza de que mulheres ainda o utilizavam dentro da Fortaleza, mas não achava que alguém ainda estivesse canalizando. Tudo parecia quase em paz depois de tanto clamor e comoção.

Tallanvor se agitou, mas Morgase tratou de acenar para que ele ficasse quieto antes que pudesse se levantar. Por um momento, pensou que ele não fosse obedecer. A noite ia perdendo a força, e a luz do sol já se esgueirava pelas janelas, reluzindo na carranca de Tallanvor. Ela mantinha as mãos quietas no colo. Paciência era uma das muitas virtudes que aquele jovem precisava aprender. Como virtude nobre, a paciência só vinha atrás da coragem. O sol se ergueu ainda mais. Lini e Breane começaram a cochichar em tons cada vez mais preocupados, disparando olhares na direção dela. Tallanvor estava de cara fechada, os olhos escuros intensos, sentado bem rígido com aquele casaco azul-marinho que lhe caía tão bem. Mestre Gill estava inquieto, passando uma mão e depois a outra na cabeça de poucos fios grisalhos e esfregando um lenço nas bochechas rosadas. Lamgwin estava esparramado na cadeira, os olhos de pálpebras pesadas do antigo valentão de rua fazendo-o parecer parcialmente adormecido, mas sempre que olhava para Breane um sorriso lampejava em seu rosto cheio de cicatrizes e nariz quebrado. Morgase se concentrava em sua respiração, quase como os exercícios que fizera durante os meses na Torre. Paciência. Se ninguém viesse logo, ela teria algumas palavras ríspidas para proferir, Aes Sedai ou não!

De modo involuntário, ela pulou ao ouvir pancadas súbitas na porta que dava para o corredor. Antes que pudesse mandar Breane ir ver quem era, a porta se abriu com força. Morgase fitou a pessoa que adentrou o cômodo.

Um homem alto, escuro e de nariz adunco a encarou de volta com frieza, o punho comprido de uma espada elevando-se por cima do ombro. Uma armadura estranha lhe cobria o peito, placas laqueadas sobrepostas reluzindo em dourado e negro, e ele trazia junto à cintura um elmo que se parecia a cabeça de um inseto, preto, dourado e verde, com três plumas verdes finas e compridas. Dois outros homens também de armadura vinham

logo atrás, com seus elmos na cabeça, ainda que sem plumas. Suas armaduras pareciam pintadas, e não laqueadas, e ambos portavam bestas carregadas. Outros mais estavam no corredor lá fora, com lanças com borlas douradas e pretas.

Tallanvor, Lamgwin e até Mestre Gill se puseram de pé às pressas e se colocaram entre Morgase e seus visitantes peculiares. Ela precisou abrir caminho pelo meio deles.

Os olhos do homem de nariz adunco se dirigiram imediatamente a ela antes que a rainha tivesse chance de exigir uma explicação.

— A senhora é Morgase, Rainha de Andor? — Sua voz era áspera e as palavras saíram tão arrastadas que ela mal compreendeu.

Quando ia responder, ele se antecipou.

— A senhora vem comigo. Sozinha — acrescentou, no momento em que Tallanvor, Lamgwin e Mestre Gill deram um passo à frente. Os besteiros ergueram suas armas. As pontas dos dardos pareciam capazes de abrir buracos em armaduras. Seria difícil um homem conter um deles.

— Não faço objeção ao meu pessoal permanecer aqui até eu voltar — disse ela, bem mais calma do que se sentia. Quem era aquela gente? Conhecia os sotaques de cada nação, conhecia suas armaduras. — Tenho certeza de que você vai cuidar muito bem da minha segurança, Capitão...?

O homem não lhe forneceu um nome, só fez um movimento brusco para que ela o acompanhasse. Para seu imenso alívio, Tallanvor não arrumou problema, apesar do olhar hostil. Para sua enorme irritação, Mestre Gill e Lamgwin olharam para ele antes de recuar.

No corredor, os soldados a cercaram em formação, o oficial de nariz adunco e os dois besteiros à frente. Uma guarda de honra, ela tentou se convencer. Perambular desprotegida logo após uma batalha seria mais que

uma tolice. Poderia haver resistentes tentando capturar reféns, ou prontos a matar qualquer pessoa que os visse. Ela bem que gostaria de acreditar nisso.

Morgase tentou fazer perguntas para o oficial, mas o homem não disse uma única palavra, nem diminuiu o passo ou virou a cabeça, então ela parou de tentar. Nenhum dos soldados sequer a olhava. Eram homens de expressão impassível, do tipo que conhecia da sua própria Guarda da Rainha, homens que já tinham visto batalhas, e mais de uma. Mas quem eram? Suas botas golpeavam as pedras do piso em uníssono, em um ritmo nefasto que os corredores vazios da Fortaleza apenas enfatizavam. Havia pouca cor e nenhum enfeite, exceto por uma tapeçaria aqui e outra ali mostrando os Mantos-brancos em batalhas sangrentas.

Ela percebeu que os homens estavam conduzindo-a até os alojamentos do Senhor Capitão Comandante, e um mal-estar se instalou na boca do seu estômago. Quase se acostumara ao caminho, quando Pedron Niall estava vivo, e passara a temê-lo nos poucos dias desde sua morte, mas, quando contornaram uma esquina, ela se assustou ao ver cerca de vinte arqueiros marchando logo atrás de outro oficial; homens com calças largas e placas peitorais de couro fervido pintadas com listras horizontais pretas e azuis. Cada homem trajava um chapéu cônico de aço com um véu de malha de aço cinza cobrindo o rosto até os olhos. Aqui e ali, via pontas de bigodes por sob os véus. O oficial dos arqueiros fez uma reverência para o que liderava a guarda dela, que apenas acenou em resposta.

Tarabonianos. Fazia uns bons anos que não via um soldado taraboniano, mas podia apostar que aqueles homens, apesar das listras, eram de Tarabon. Só que não fazia sentido. Tarabon estava um verdadeiro caos, com uma guerra civil de cem lados entre pretendentes ao trono e Devotos do Dragão. Por conta própria, Tarabon jamais poderia ter iniciado aquela ofensiva a Amador. A menos que, incrivelmente, um dos reclamantes tivesse vencido

os demais, e vencido os Devotos do Dragão, e... Era impossível, e não explicava aqueles soldados com armaduras estranhas, aquela criatura alada e nem... Ela achava que já tinha visto coisas estranhas. Achava que sabia o que era um mal-estar. Foi então que Morgase e a guarda viraram outra esquina e encontraram duas mulheres.

Uma era esbelta, baixa como qualquer cairhiena e mais escura do que qualquer tairena, e usava um vestido azul que terminava logo acima do tornozelo; um relâmpago de prata bifurcado cruzava um fundo vermelho no peito e nas laterais das saias volumosas. A outra, com um cinza-escuro monótono, era mais alta que a maioria dos homens, tinha cabelos dourados e brilhantes caindo até os ombros, e olhos verdes assustados. Uma coleira de prata conectava um bracelete também de prata no pulso da mulher mais baixa ao colar usado pela mais alta.

Elas abriram caminho para a guarda de Morgase e, quando o oficial de nariz adunco murmurou “*Der’sul’dam*” — Morgase achou que foi isso, já que o sotaque arrastado do homem dificultava a compreensão — em um tom quase respeitoso, a mulher morena curvou de leve a cabeça, deu um puxão na coleira, e a mulher de cabelo dourado desabou até o chão, encolhendo-se, a cabeça perto dos joelhos e as mãos espalmadas nas pedras do piso. Conforme Morgase e seus guardas passavam, a morena se abaixou para dar tapinhas carinhosos na cabeça da outra, como se ela fosse um cão, e, pior, a mulher ajoelhada ergueu os olhos com prazer e gratidão.

Morgase se forçou a continuar andando, a evitar que seus joelhos cedessem, que seu estômago se esvaziasse. A servilidade pura e simples já era ruim o bastante, mas ela tinha certeza de que a mulher que ganhou tapinhas na cabeça era capaz de canalizar. Impossível! Ela continuou andando, aturdida, se perguntando se aquilo poderia ser um sonho, um pesadelo. Rezando para que fosse. Teve uma vaga consciência de terem

parado ao passarem por mais soldados, esses de armadura vermelha e preta, e então... A câmara de audiências de Pedron Niall — àquela altura de Valda ou de quem tivesse tomado a fortaleza — estava diferente. Os grandes raios de sol dourados permaneciam gravados no chão, mas todos os estandartes capturados por Niall, que Valda mantivera como se fossem dele, tinham desaparecido, bem como a mobília, exceto pela cadeira de encosto alto e entalhes simples que Niall e depois Valda haviam usado, agora flanqueada por dois biombos compridos com pinturas extravagantes. Um exibia uma ave de rapina preta de crista branca com um bico cruel, suas asas com pontas brancas bem abertas, e o outro tinha um felino amarelo com manchas negras com uma das patas por cima do cadáver de uma criatura parecida com um cervo, com metade do tamanho do felino, chifres longos e retos, e listras brancas.

Havia várias pessoas no aposento, mas foi só isso que ela teve tempo de perceber antes que uma mulher de rosto pontudo usando robe azul desse um passo adiante, um lado da cabeça raspado e o restante do cabelo castanho em uma trança comprida que lhe pendia sobre o ombro direito. Seus olhos azuis, cheios de desdém, poderiam ser os da águia ou do felino.

— Você está na presença da Grã-lady Suroth, que lidera Aqueles Que Vêm Antes e auxilia O Retorno — entoou ela, com o mesmo sotaque arrastado.

Sem aviso, o oficial de nariz adunco agarrou a nuca de Morgase e obrigou-a a se prostrar ao lado dele. Estupefata, também por ter tido o fôlego roubado, ela o viu beijar o chão.

— Solte-a, Elbar — disse outra mulher, irritada, com a fala arrastada. — A Rainha de Andor não deve ser tratada assim.

O homem, Elbar, se pôs de joelhos, a cabeça curvada.

— Eu me rebaixo, Grã-lady. Eu imploro perdão. — Sua voz estava tão fria e neutra quanto seu sotaque permitia.

— Meu perdão para este tipo de coisa é pequeno, Elbar.

Morgase ergueu o olhar. Suroth a pegou de surpresa. Tinha as laterais da cabeça raspadas, deixando uma crista preta brilhosa percorrendo o couro cabeludo e uma crina lhe caindo pelas costas.

— Talvez quando você for punido — continuou Suroth. Vá reportar o que fez. Saia da minha frente! Vá! — Um gesto de dispensa exibiu unhas de pelo menos uma polegada, polegares e indicadores de cada mão pintados de um azul cintilante.

Elbar fez um reverência, ainda ajoelhado, então se ergueu tranquilamente, recuando até a porta. Pela primeira vez, Morgase se deu conta de que nenhum dos outros soldados os acompanhara até ali dentro. E também notou outra coisa: o homem lhe deu uma última espiadela antes de desaparecer, e em vez de expressar ressentimento por quem lhe causara uma punição, ele... a observou. Não haveria punição alguma. Todo aquele diálogo fora previamente combinado.

Segurando o robe azul-claro com todo o cuidado para manter à mostra as saias brancas como neve, com centenas de pregas minúsculas, Suroth avançou em direção a Morgase. Vinhas bordadas e flores vermelhas e amarelas exuberantes se espalhavam por todo o robe. Apesar do movimento, Morgase notou que a mulher só a alcançou quando ela já tinha se posto de pé sozinha.

— Está machucada? — perguntou Suroth. — Se estiver, vou dobrar a punição dele.

Morgase espanou o vestido para que não precisasse olhar o sorriso falso que jamais chegou aos olhos da mulher. Aproveitou a oportunidade para dar uma espiada em todo o aposento. Quatro homens e quatro mulheres

estavam ajoelhados junto a uma parede, todos jovens e com belas aparências, todos usando... Ela tratou de afastar o olhar. Aqueles robes brancos eram praticamente transparentes! Para além dos biombos, duas outras duplas de mulheres estavam ajoelhadas, uma de cada dupla usando um vestido cinza e a outra com um azul bordado com relâmpagos, ligadas pela coleira prateada do pulso ao pescoço. Morgase não estava suficientemente perto para afirmar com propriedade, mas tinha uma convicção nauseante de que as mulheres vestidas de cinza eram capazes de canalizar.

— Estou bem, sim, obrig... — Uma imensa forma marrom-avermelhada jazia esparramada no chão, um montículo de couro de gado curtido, talvez. Então a figura arquejou. — O que é *aquilo*? — Ela conseguiu não ficar boquiaberta, mas a pergunta lhe saiu antes que conseguisse contê-la.

— Está espantada com o meu *lopar*? — Suroth se afastou bem mais rápido do que se aproximara. A enorme criatura ergueu uma grande cabeça redonda para que ela a acariciasse debaixo do queixo. Parecia um urso, embora tivesse, facilmente, uma vez e meia o tamanho do maior urso de que Morgase já tinha ouvido falar, além de não ter pelo algum, nenhuma focinheira à vista, e possuir rugas bem pronunciadas em torno dos olhos. — Me deram Almandaragal ainda filhote no meu primeiro dia do nome verdadeiro. Ele tentou me matar pela primeira vez naquele mesmo ano, quando só tinha um quarto deste tamanho. — Havia uma afeição genuína na voz da mulher. Enquanto o acariciava, os lábios do... *lopar*... se retraíram, revelando dentes grossos e pontiagudos. As patas dianteiras se retesaram, as garras nos seis dedos compridos se recolhendo e se expondo. E ele começou a ronronar, um ronco grave que equivalia a cem gatos.

— Extraordinário — disse Morgase com voz fraca. Dia do nome verdadeiro? Quantas tentativas de matar aquela mulher tinha havido para

ela conseguir se referir com tanta casualidade à “primeira”?

O *lopar* choramingou por um breve instante quando Suroth o abandonou, mas logo se aninhou com a cabeça entre as patas. De modo desconcertante, os olhos da criatura não a acompanharam, fixando-se em vez disso em Morgase, alternando vez ou outra entre a direção da porta ou das janelas estreitas com frestas para flechas.

— É claro que, mesmo com toda a sua lealdade, um *lopar* não é páreo para uma *damane*. — Já não havia nenhum sinal de afeto na voz de Suroth. — Pura e Jinjin poderiam matar cem assassinos antes que Almandaragal sequer piscasse. — À menção de cada nome, uma das mulheres vestidas de azul remexeu a coleira de prata, no que a mulher na outra ponta se dobrou, assim como tinha feito aquela no corredor. — Desde que voltamos, estamos com bem mais *damane* do que antes. Aqui é uma área fértil para caçar *marath’damane*. Pura já foi uma... mulher da Torre Branca — acrescentou ela num tom casual.

Os joelhos de Morgase fraquejaram. Aes Sedai? Ela examinou as costas curvadas da mulher chamada Pura, recusando-se a acreditar. Nenhuma Aes Sedai podia ser submetida àquilo. Mas qualquer mulher que conseguisse canalizar, e não só uma Aes Sedai, deveria ser capaz de pôr as mãos naquela coleira e estrangular quem a atormentava. Qualquer pessoa deveria ser capaz disso. Não, aquilo sobre Pura não podia ser verdade. Morgase se perguntou se ousaria pedir uma cadeira.

— Isso é muito... interessante. — Pelo menos sua voz estava firme. — Mas eu não acho que você tenha me chamado aqui para falar das Aes Sedai.

Claro que ela não tinha sido chamada. Suroth encarou-a sem mover um músculo, exceto pelos dedos de unhas compridas da mão esquerda.

— Thera! — ladrou de repente a mulher de rosto pontudo e metade da cabeça raspada. — *Kaf* para a Grã-lady e sua convidada!

Uma das mulheres trajando um robe diáfano, a mais velha, mas ainda jovem, deu um salto gracioso para se pôr de pé. Seus lábios em flor tinham um quê de petulância, mas ela tratou de zarpar para trás do imenso biombo pintado com uma águia e momentos depois reapareceu carregando uma bandeja prateada com duas xicarazinhas brancas. Ajoelhando-se sinuosamente diante de Suroth, ela curvou a cabeça de cabelo escuro ao erguer a bandeja, de modo que sua oferenda ficasse mais alta que ela. Morgase balançou a cabeça. Qualquer serviçal em Andor solicitada a fazer aquilo — ou usar aquele robe! — teria se retirado indignada.

— Quem é você? De onde vem?

Suroth levantou uma das xícaras com a ponta dos dedos e inalou o vapor que dela subia. Seu meneio de cabeça pareceu muito uma permissão para o gosto de Morgase, mas mesmo assim ela apanhou uma xícara. Um golinho, e ela olhou espantada para a bebida. Mais negro do que qualquer chá, o líquido também era mais amargo. Quantidade nenhuma de mel o tornaria bebível. Suroth levou a xícara aos lábios e suspirou de prazer.

— Há muitos assuntos de que devemos tratar, Morgase, mas, nesta nossa primeira conversa, vou ser breve. Nós Seanchan voltamos para reconquistar o que foi roubado dos herdeiros do Grão-rei, Artur Paendrag Tanreall. — O prazer por conta do *kaf* se transformou em um prazer diferente na voz dela, tanto de expectativa quanto de certeza, e ela observou com atenção o rosto de Morgase, que não conseguiu desviar o olhar. — O que era nosso vai voltar a ser. Na verdade, sempre foi. Ladrões não viram donos. Iniciei a retomada em Tarabon. Muitos nobres daquela terra já juraram obedecer, aguardar e servir. Não vai demorar para que todos o façam. O rei deles, de cujo nome não consigo me lembrar, morreu se opondo a mim. Se tivesse sobrevivido, se rebelando contra o Trono de Cristal e não sendo nem do Sangue, teria sido empalado. Não conseguimos encontrar sua família para

tomar posse dela, mas há um novo Rei e uma nova Panarca que juraram sua fidelidade à Imperatriz, que ela viva para sempre, e ao Trono de Cristal. Os bandidos vão ser erradicados. Não vai mais haver rixas nem fome em Tarabon; o povo vai se abrigar debaixo das asas da Imperatriz. Agora estou começando aqui nesta Amadícia. Em pouco tempo, todos vão se ajoelhar para a Imperatriz, que ela viva para sempre, a descendente direta do grande Artur Asa-de-gavião.

Se a serviçal já não tivesse se retirado com a bandeja, Morgase teria devolvido a xícara. Nenhum tremor perturbava a superfície escura do *kaf*, mas muito do que a mulher discursara não tinha o menor significado para ela. Imperatriz? Seanchan? Há mais de um ano, ouvira certos rumores malucos sobre os exércitos de Artur Asa-de-gavião terem retornado do outro lado do Oceano de Aryth, mas apenas os mais crédulos acreditaram, e ela duvidava de que até os piores fofoqueiros ainda contassem aquela história. Poderia ter sido verdade? Em todo caso, o que ela de fato entendeu foi mais do que suficiente.

— Todos honram o nome de Artur Asa-de-gavião, Suroth... — começou Morgase.

A mulher de rosto pontudo abriu a boca com raiva, mas recuou ante o movimento de um dedo de unha azul por parte da Grã-lady.

— Mas a época dele já passou há muito tempo. Todas as nações daqui possuem uma linhagem antiga. Nenhuma terra vai se render a você ou à sua Imperatriz. Se já tomou alguma parte de Tarabon... — Suroth sibilou baixo, os olhos cintilando. — Lembre-se de que se trata de uma terra problemática, dividida. Amadícia não vai cair tão fácil, e muitas nações virão em seu socorro quando souberem de você.

Será que *podia ser* verdade?

— Independentemente de quantos sejam, vocês não vão encontrar presa fácil. Já enfrentamos grandes ameaças, e as superamos. Aconselho a fazer a paz antes que seja esmagada.

Morgase se lembrou das ondas de *saidar* naquela noite e evitou olhar para a... foi de *damane* que ela as chamou? Em um tremendo esforço, ela conseguiu não umedecer os lábios.

Suroth tornou a abrir aquele sorriso falso, os olhos brilhando feito pedras polidas.

— Todos precisam fazer escolhas. Alguns vão optar por obedecer, aguardar e servir, e vão governar suas terras em nome da Imperatriz, que ela viva para sempre.

Ela tirou uma mão da xícara para gesticular, um movimento sutil de unhas compridas, e a mulher de rosto pontudo ladrou:

— Thera! Posições do Cisne!

Por algum motivo, os lábios de Suroth se estreitaram.

— Não é o Cisne, Alwhin, sua idiota! — sibilou ela, baixo, apesar de o sotaque dificultar a compreensão. O sorriso gélido voltou em um instante.

A serviçal voltou a se levantar do seu lugar junto à parede e correu desajeitada até o meio do recinto, na ponta dos pés e com os braços voltados para trás. Lentamente, em cima do sol dourado flamejante dos Filhos da Luz, ela deu início a uma espécie de dança estilizada. Seus braços se estendiam como asas, e então tornavam a se dobrar. Contorcendo-se, ela estendeu o pé esquerdo e se inclinou sobre o joelho flexionado, os dois braços estirados como se estivesse suplicando, até que os braços, o corpo e a perna direita formaram uma linha reta inclinada. Apenas o seu robe transparente já transformava a cena em um escândalo. Morgase sentiu as bochechas aquecerem à medida que a dança, se era que podia chamar assim, continuava.

— Thera é nova e ainda não está bem treinada — murmurou Suroth. — Na maioria dos casos, as Posições são executadas com dez ou vinte *da'covale* juntos, homens e mulheres escolhidos pela beleza límpida de seus traços, mas às vezes é agradável assistir a apenas um. É muito prazeroso possuir coisas bonitas, não é?

Morgase franziu o cenho. Como alguém podia ser dono de uma pessoa? Suroth falara mais cedo sobre “tomar posse”. Ela conhecia a Língua Antiga, e a palavra *da'covale* não lhe era familiar, mas, juntando os pontos, ela acabou chegando em “pessoa que tem dono”. Era nojento. Pavoroso!

— Incrível — disse ela, seca. — Talvez eu devesse ir embora e deixar você desfrutar da... dança.

— Daqui a pouco — rebateu Suroth, sorrindo para Thera, ainda em posição. Morgase evitava olhar. — Como eu disse, todos precisam fazer escolhas. O antigo Rei de Tarabon escolheu se rebelar, e morreu. A antiga Panarca foi capturada, mas recusou o Juramento. Cada um de nós tem seu lugar, a menos que seja favorecido pela Imperatriz, mas aqueles que renegam seu devido lugar também podem ser demovidos, até mesmo para as profundezas. Thera tem certa graciosidade. Estranhamente, Alwhin demonstra potencial como professora, então eu espero que em poucos anos Thera aprenda as Posições para executar com tal graciosidade. — Aquele sorriso se voltou para Morgase, aquele olhar cintilante.

Um olhar muito significativo, mas por quê? Algo a ver com a dançarina? Seu nome, mencionado com tanta frequência, como que para enfatizá-lo. Mas o que...? Morgase moveu a cabeça depressa e fitou a mulher na ponta dos pés, girando devagar, as mãos espalmadas e unidas e os braços esticados o mais alto possível.

— Eu não acredito — arquejou ela. — Não acredito!

— Thera — chamou Suroth —, qual era o seu nome antes de você se tornar propriedade minha? Que título você detinha?

Thera ficou paralisada em sua postura esticada, tremendo e disparando um olhar que era metade pânico, metade terror para o rosto pontudo de Alwhin, e de puro medo para Suroth.

— Thera se chamava Amathera, se isso satisfaz a Grã-lady — respondeu ela, ofegante. — Thera era a Panarca de Tarabon, se isso satisfaz a Grã-lady.

A xícara caiu da mão de Morgase e se fez em pedacinhos ao bater no chão, espirrando o *kaf* preto. Só podia ser mentira. Ela nunca conhecera Amathera, mas certa vez ouvira uma descrição dela. Não. Muitas mulheres daquela idade podiam ter grandes olhos escuros e uma boca petulante. Pura nunca fora Aes Sedai, e aquela mulher...

— Posição! — irrompeu Alwhin, no que Thera seguiu dançando sem dar mais nem uma olhadela para Suroth nem para ninguém.

Quem quer que ela fosse, estava claro que sua prioridade naquele momento era um desejo urgente de não cometer erro algum. Morgase se concentrou em não vomitar.

Suroth chegou bem perto, a face gélida feito o auge do inverno.

— Todos precisam fazer escolhas — disse ela, tranquila. Sua voz podia dentear aço. — Alguns dos meus prisioneiros afirmam que você passou um tempo na Torre Branca. Pela lei, nenhuma *marath'damane* pode escapar do colar, mas eu lhe prometo que você, que falou meu nome diante dos meus olhos e chamou de mentira as minhas palavras, não vai ter esse destino. — A ênfase deixava bem claro que sua promessa não cobria nenhum outro destino possível. O sorriso que nunca chegava aos olhos retornou. — Espero que escolha fazer o juramento, Morgase, e que governe Andor em nome da Imperatriz, que ela viva para sempre. — Pela primeira vez,

Morgase teve absoluta convicção de que a mulher estava mentindo. — Volto a conversar com você amanhã, ou quem sabe no dia seguinte, se eu tiver tempo.

Suroth se virou e passou pela dançarina solitária até voltar à cadeira de encosto alto. Ao se sentar, esparramando o robe com toda graciosidade, Alwhin tornou a ladrar. Parecia que não tinha outro tom de voz.

— Todos! Posições do Cisne!

Os rapazes e as garotas ajoelhados contra a parede pularam para se juntar a Thera, acompanhando seus movimentos em uma fila perfeita diante da cadeira de Suroth. Apenas o olhar do *lopar* ainda registrava a existência de Morgase. Ela não acreditava que já tivesse sido tão rotundamente dispensada em toda a sua vida. Recolhendo sua dignidade junto com as saias, ela saiu.

Claro que não foi muito longe sozinha. Aqueles soldados com armaduras vermelhas e pretas estavam a postos na antessala, feito estátuas com lanças borladas vermelhas e pretas, rostos impassíveis em seus elmos laqueados, olhares firmes parecendo encará-la por detrás das mandíbulas de insetos monstruosos. Um não muito mais alto que ela a tomou pelo ombro sem dizer uma só palavra e escoltou-a de volta a seus aposentos, onde dois tarabonianos portando espadas flanqueavam a porta. Esses usavam placas peitorais de aço, mas ainda pintadas com listras horizontais. Ambos fizeram reverências, as mãos nos joelhos, e Morgase pensou ter sido para ela, até que seu escolta falou pela primeira vez.

— Honra aceita — disse ele com uma voz seca e amarga, no que os tarabonianos se empertigaram sem jamais olhar para Morgase, até que o homem disse: — Vigiem-na bem. Ela não fez o Juramento. — Olhos escuros lampejaram em sua direção por sobre véus de aço, mas suas reverências curtas de assentimento foram dirigidas ao Seanchan.

Morgase tentou não entrar correndo, mas tão logo a porta se fechou às suas costas ela tratou de se apoiar nela em uma tentativa de organizar o tumulto em seus pensamentos. Seanchan e *damane*, imperatrizes e juramentos e pessoas virando propriedade. Lini e Breane estavam no meio do aposento, observando-a.

— O que você descobriu? — perguntou Lini, com toda paciência, no mesmo tom com que questionava a garotinha Morgase a respeito da leitura de um livro.

— Pesadelos e loucura — disse Morgase, suspirando. De repente, ela se pôs ereta, os olhos percorrendo ansiosos o aposento. — Onde está...? Onde estão os homens?

Breane respondeu à pergunta silenciosa com um tom seco e zombeteiro.

— Tallanvor saiu para ver o que conseguia descobrir. — Ela plantou as mãos na cintura e seu rosto adquiriu uma seriedade mortal. — Lamgwin foi com ele, Mestre Gill também. O que você descobriu? Quem são esses... *Seanchan*? — Ela pronunciou o nome de um jeito esquisito, com o cenho franzido. — Isso nós mesmas ouvimos. — Ela fez de conta que não percebeu o olhar cortante de Lini. — O que vamos fazer agora, Morgase?

Morgase passou entre as duas e foi até a janela mais próxima. Não era tão estreita quanto as da câmara de audiências, e ficava a uns vinte pés ou mais de altura, com vista para o pátio. Havia uma coluna de homens desalentados e desgrehados, de cabeça nua, alguns com bandagens manchadas de sangue, arrastando o passo pelo pátio sob o olhar atento de tarabonianos com lanças. Vários Seanchan se encontravam no alto de uma torre ali perto, espiando à distância entre as ameias. Um deles usava um elmo decorado com três plumas finas. Uma mulher surgiu em uma janela no outro lado do pátio, o relâmpago bordado em um fundo vermelho bem nítido em seu peito, o cenho franzido para os Mantos-brancos aprisionados

logo abaixo. Aqueles homens cambaleantes pareciam em choque, incapazes de acreditar no que havia acontecido.

O que fariam? Uma decisão que apavorava Morgase. A impressão era de que nos últimos meses ela não decidira nem que fruta comer no café da manhã sem que isso resultasse em um desastre. Uma escolha, Suroth dissera. Auxiliar aqueles Seanchan a tomar Andor ou... Uma última ação que ela podia fazer por Andor. A ponta final da coluna surgiu à vista, seguida por mais tarabonianos, a que se juntavam os conterrâneos pelos quais passavam. Uma queda de vinte pés, e Suroth perdia sua arma. Talvez fosse a saída de uma covarde, mas ela já se provara covarde mesmo. Ainda assim, a Rainha de Andor não deveria morrer daquela maneira.

Em um sussurro, ela pronunciou as palavras irrevogáveis que só haviam sido proferidas duas vezes em todos os dois mil anos de história de Andor:

— Sob a Luz, eu renuncio ao Grão-trono da Casa Trakand em nome de Elayne Trakand. Sob a Luz, eu renuncio à Coroa de Rosas e abduco do Trono do Leão em nome de Elayne, Grão-trono da Casa Trakand. Sob a Luz, eu me submeto à vontade de Elayne de Andor, sou sua súdita obediente.

Nada daquilo tornava Elayne a Rainha, era verdade, mas abria o caminho.

— Por que você está sorrindo? — indagou Lini.

Morgase se virou devagar.

— Eu estava pensando em Elayne.

Ela não achava que sua velha babá estivesse suficientemente perto para ouvir o que ninguém, de fato, precisava ouvir. Os olhos de Lini, no entanto, se arregalaram, e sua respiração se acelerou.

— Você volte aqui agora mesmo! — brigou ela, agarrando Morgase pelo braço e literalmente puxando-a para longe da janela.

— Lini, me respeite! Você não é mais minha babá faz muito...! — Morgase respirou fundo e suavizou seu tom de voz. Encarar aqueles olhos assustados não foi fácil, já que nada assustava Lini. — O que faço é para o bem de todos, acredite em mim — disse ela com gentileza. — Não há outro jeito...

— Não há outro jeito? — interrompeu Breane, com raiva, apertando as saias até as mãos tremerem. Estava claro que preferia enroscá-las em torno do pescoço de Morgase. — Que bobagens são essas que está soltando agora? E se esses Seanchan acharem que nós a matamos?

Morgase comprimiu os lábios. Será que tinha se tornado tão transparente?

— Cale a boca, mulher! — Lini também nunca ficava zangada e nem subia o tom de voz, mas naquele momento fez as duas coisas, suas bochechas murchas se avermelhando. Ela ergueu a mão ossuda. — Controle essa sua boca, ou vou lhe dar umas palmadas que vão deixá-la mais tonta do que já é!

— Se quer dar palmadas em alguém, dê nela! — rebateu Breane com um tom tão feroz que gotas de saliva voaram. — *Rainha* Morgase! Ela vai mandar você, eu e o meu Lamgwin para a forca, e o precioso Tallanvor dela também, só porque tem menos coragem que um *rato*!

A porta se abriu para admitir a entrada de Tallanvor e pôr um fim abrupto à discussão. Ninguém ia gritar na frente dele. Lini fingiu que examinava a manga de Morgase como se ela precisasse de remendos enquanto Mestre Gill e Lamgwin entravam atrás de Tallanvor. Breane tratou de abrir um sorriso reluzente e alisou as saias. Os homens não perceberam nada, claro.

Morgase percebeu muita coisa. Para começar, Tallanvor estava com uma espada presa ao cinto, assim como Mestre Gill e até Lamgwin, embora a

dele fosse curta. Ela sempre tivera a impressão de que ele preferia usar os punhos do que qualquer outra arma. Antes que pudesse perguntar como, o homenzinho esquelético que entrou por último fechou a porta com cuidado atrás de si.

— Majestade, perdoe a intromissão — disse Sebban Balwer. Até sua reverência e seu sorriso pareciam secos e precisos, mas conforme seus olhos se alternaram entre ela e as outras mulheres, Morgase concluiu que, se os outros homens não tinham percebido o clima do aposento, o antigo secretário de Pedron Niall percebera.

— Estou surpreso em vê-lo, Mestre Balwer — afirmou ela. — Ouvi falar de certas discordâncias com Eamon Valda.

O que ela tinha ouvido falar era que Valda tinha dito que, se pousasse os olhos em Balwer, chutaria o homem por cima de uma das muralhas da Fortaleza. O sorriso de Balwer se estreitou. Ele sabia o que Valda dissera.

— Ele tem um plano para tirar todos nós daqui — intrometeu-se Tallanvor. — Hoje. Agora. — Ele disparou a Morgase um olhar que não era o de um súdito para a sua rainha. — Vamos aceitar a oferta dele.

— Como? — questionou ela, calma, forçando as pernas a permanecerem firmes.

Que ajuda aquele palito de homem melindroso poderia oferecer? Uma fuga. Ela queria muito se sentar, mas não o faria, não com Tallanvor a olhando daquele jeito. Claro que, àquela altura, ela já não era mais a rainha dele, mas Tallanvor não sabia disso. Uma outra pergunta lhe ocorreu.

— Por quê? Mestre Balwer, eu não vou recusar nenhuma oferta genuína de ajuda, mas por que você se arriscaria? Se descobrirem, esses Seanchan vão fazer você se arrepender.

— Eu elaborei os meus planos antes da vinda deles — respondeu Balwer com cuidado. — Parecia... imprudente... deixar a Rainha de Andor nas

mãos de Valda. Considere isso a minha maneira de dar o troco nele. Eu sei que não sou lá grandes coisas, Majestade... — Ele escondeu uma tosse autodepreciativa atrás da mão. — Mas o plano vai funcionar. Esses Seanchan vão torná-lo mais fácil, na verdade. Sem eles, ainda faltariam alguns dias para eu estar pronto. Para uma cidade recém-conquistada, eles dão uma liberdade notável a qualquer pessoa disposta a fazer o Juramento deles. Menos de uma hora depois do nascer do sol, eu obtive um passe que permite a mim e a até mais dez pessoas que tenham feito o Juramento ir embora de Amador. Eles acreditam que eu pretendo ir para o leste comprar vinho e carroções para transportá-lo.

— Deve ser uma armadilha. — As palavras saíram com um gosto amargo. Melhor a janela do que cair em alguma arapuca. — Eles não vão deixar você sair falando deles à frente do exército.

Balwer inclinou a cabeça, esfregando as mãos, e então, de repente, parou.

— Na verdade, Majestade, eu considereei essa possibilidade. O oficial que me deu o passe disse que isso não importava. Ele falou exatamente assim: “Fale para quem quiser sobre o que viu e deixe bem claro que eles não podem fazer frente a nós. De um jeito ou de outro, as suas terras vão ficar sabendo disso em bem pouco tempo”. Vi vários mercadores fazerem o Juramento hoje de manhã e irem embora com seus carroções.

Tallanvor chegou mais perto dela. Perto demais. Morgase podia quase sentir sua respiração. Podia sentir seus olhos.

— Vamos aceitar a oferta dele — disse para que só ela ouvisse. — Mesmo que eu precise lhe amarrar e amordaçar, acho que ele pode dar um jeito. Me parece um sujeitinho bem engenhoso.

Ela lhe devolveu o olhar firme. A janela ou... uma chance. Se Tallanvor tivesse controlado a língua, teria sido muito mais fácil dizer o que ela disse

a seguir, mas Morgase falou de qualquer jeito:

— Eu aceito com gratidão, Mestre Balwer. — Ela se afastou como se quisesse ver Balwer sem ter de olhar por cima de Tallanvor. Era sempre perturbador ficar tão perto dele. Ele era jovem demais. — Qual é a primeira coisa que temos que fazer? Duvido que esses guardas aí na porta vão aceitar que você use seu passe conosco.

Balwer curvou a cabeça como se admitisse aquela afirmação.

— Receio que eles tenham que sofrer alguns acidentes, Majestade. — Tallanvor afrouxou a espada dentro da bainha e Lamgwin flexionou as mãos como o *lopar* flexionando as garras.

Ela não acreditava que pudesse ser tão fácil, mesmo depois de terem empacotado tudo o que davam conta de carregar e dos dois tarabonianos estarem enfiados debaixo da cama dela. Nos portões principais, segurando seu manto de linho bem junto ao corpo desajeitadamente, por conta da trouxa que trazia às costas, ela se curvou, as mãos nos joelhos do modo como Balwer lhe mostrara, enquanto o homem dizia para os guardas que todos haviam jurado obedecer, aguardar e servir. Ela pensava em como se certificar de que não fosse capturada viva. Foi só quando já estavam saindo de Amador, depois dos últimos guardas, com os cavalos que Balwer deixara à espera, que ela começou a acreditar. Claro que Balwer provavelmente esperava alguma bela recompensa por ter resgatado a Rainha de Andor. Morgase não tinha contado para ninguém que aquilo era coisa do passado e que não havia como voltar atrás. Ela sabia que tinha proferido as palavras, e ninguém mais precisava saber. Arrepende-se delas era inútil. Agora ia ver que tipo de vida poderia levar sem um trono. Uma vida longe de um homem que era jovem demais e que a inquietava além da conta.

— Por que esse sorriso tão triste? — perguntou Lini, puxando as rédeas para aproximar um pouco mais sua magra égua marrom. O animal tinha

uma aparência decrépita. O baio de Morgase não era melhor. Nenhum dos animais era. Os Seanchan podiam até estar dispostos a deixar Balwer ir embora com seu passe, mas não com montarias decentes.

— Ainda há um longo caminho pela frente — respondeu Morgase, dando uma pancadinha em sua égua para colocá-la em algo parecido com um trote, seguindo Tallanvor.



CAPÍTULO 27



ESTAR SOZINHO

Deslizando o cabo do machado pelo passante do cinto do lado oposto à aljava, Perrin apanhou o arco longo desencordado que estava em um canto, pendurou os alforjes no ombro e deixou os aposentos que dividira com Faile sem olhar para trás. Tinham sido felizes ali — na maior parte do tempo. Ele não achava que voltaria. Às vezes se perguntava se viver feliz com Faile em algum lugar significava jamais voltar ao local. Esperava que não.

Os serviçais que viu nos corredores do palácio usavam uniformes pretos lisos; talvez Rand tivesse ordenado, talvez os próprios serviçais os tivessem adotado. Eles tinham ficado incomodados sem uniforme, como se não soubessem qual era o seu lugar, e o preto parecia uma cor segura para Rand, por conta dos Asha'man. Os que viam Perrin saíam correndo o mais depressa possível, sem esperar quaisquer medidas ou reverências. Deixavam para trás um aroma de medo.

Pela primeira vez, o medo não era causado por seus olhos amarelos. Talvez não fosse seguro passar tempo perto de um homem com quem o Dragão Renascido se enfurecera naquela mesma manhã. Perrin relaxou o ombro sob os alforjes. Muito tempo havia se passado desde que alguém fora capaz de erguê-lo e arremessá-lo. Naturalmente, ninguém antes havia

tentado usar o Poder para isso. Um momento em particular não saía de sua cabeça.

Ele se levantou segurando o ombro, deslizando as costas pela coluna quadrada que tinha barrado seu voo. Achou que talvez tivesse quebrado umas costelas. Ao redor do Grande Salão do Sol, um punhado de nobres que fora solicitar uma coisa ou outra a Rand tentava encarar qualquer outro ponto, fingindo estar em qualquer outro lugar. Apenas Dobraine olhava, balançando a cabeça grisalha, enquanto Rand cruzava a passos firmes o salão do trono.

— Vou lidar com as Aes Sedai como eu bem entender! — gritou Rand. — Está me ouvindo, Perrin? Como eu bem entender!

— Você acabou de entregá-las às Sábias — devolveu ele, afastando-se da coluna. — Não sabe se elas estão dormindo em lençóis de seda ou se foram degoladas! Você não é o Criador!

Com um rosnado enfurecido, Rand jogou a cabeça para trás.

— Eu sou o Dragão Renascido! Não me interessa como elas estão sendo tratadas! Elas merecem um calabouço!

Os pelos da nuca de Perrin eriçaram quando Rand baixou os olhos do teto abobadado. Perto daqueles olhos, um bloco de gelo pareceria cálido e suave, e ainda mais porque eles estavam em um rosto contorcido de dor. — Saia da minha frente, Perrin. Está me ouvindo? Saia de Cairhien! Hoje! Agora! Eu nunca mais quero olhar essa sua cara!

Ele virou e foi-se embora, com os nobres quase se jogando no chão enquanto Rand passava.

Perrin correu o polegar por um filete de sangue no canto da boca. Por um instante, tivera certeza de que Rand o mataria.

Balançando a cabeça para afastar o pensamento, ele dobrou uma curva e quase trombou com Loial. Com uma trouxa enorme amarrada às costas e

um alforje grande o bastante para conter um carneiro pendurado no ombro, o Ogier usava seu machado de cabo longo como uma bengala. Os espaçosos bolsos do casaco estavam estufados no formato de livros.

As orelhas peludas de Loial se agitaram assim que ele o viu, então subitamente baixaram. Todo seu rosto murchou, as sobrancelhas descendo às bochechas.

— Eu ouvi, Perrin — disse ele, o tom estrondoso e triste. — Rand não devia ter feito aquilo. Palavras afobadas trazem problemas duradouros. Eu sei que ele vai reconsiderar. Amanhã, talvez.

— Está tudo bem — respondeu Perrin. — Cairhien é muito... refinada... para mim, de todo modo. Eu sou ferreiro, não um cortesão. Amanhã já vou estar bem longe daqui.

— Você e Faile podiam vir comigo. Karldin e eu estamos indo visitar os *pousos*, Perrin. Todos eles, perto dos Portais dos Caminhos.

Um jovem rapaz de rosto estreito e cabelos claros que estava atrás de Loial parou de franzir o cenho para Perrin e franziu-o para o Ogier. Também carregava um alforje e uma trouxa, além de uma espada na cintura. Apesar do casaco azul, Perrin o reconheceu como um dos Asha'man. Karldin não pareceu satisfeito em reconhecer Perrin; além do mais, seu cheiro era frio e irritado. Loial espiou o corredor atrás de Perrin.

— Onde está Faile? — perguntou ele.

— Ela... vai me encontrar nos estábulos. Nós discutimos. — Era a pura verdade; Faile parecia *gostar* de gritar às vezes. Ele baixou a voz. — Loial, é melhor não falar sobre isso onde outros possam ouvir. Sobre os Portais dos Caminhos.

Loial soltou uma bufada alta o bastante para assustar um touro, mas de fato baixou o tom de voz.

— Não vejo ninguém além de nós — respondeu, retumbante. Ninguém a mais de dois ou três passos de distância de Karldin poderia ter ouvido claramente. Suas orelhas... chicotearam, era a única palavra... e apontaram para trás, irritadas. — Está todo mundo com medo de ser visto perto de você. Depois de tudo o que você fez por Rand.

Karldin puxou a manga de Loial.

— A gente tem que ir — disse ele, cravando os olhos em Perrin.

Todos com quem o Dragão Renascido havia gritado estavam do lado de fora dos portões, até onde ele sabia. Perrin se perguntou se ele estaria usando o Poder naquele exato instante.

— Sim, sim — murmurou Loial, abanando a mão do tamanho de um pernil, mas se apoiou no machado, com uma carranca pensativa. — Eu não gosto disso, Perrin. Rand afugenta você. Me manda embora. Como eu posso terminar meu livro... — Ele remexeu as orelhas e deu uma tossida. — Bom, isso não tem a menor importância. Mas você, eu, e só a Luz sabe onde está Mat. A próxima que ele vai mandar embora é Min. Hoje de manhã ele se escondeu dela. Me mandou dizer que ele não estava. Acho que ela percebeu que eu estava mentindo. Ele vai ficar sozinho, Perrin. “É horrível estar sozinho.” Foi isso que ele me disse. Está planejando mandar todos os amigos embora.

— Há de ser o que a Roda tecer — disse Perrin. Loial piscou ao ouvir aquele eco de Moiraine. Perrin andara pensando bastante nela nos últimos tempos; ela exercia sobre Rand uma influência capaz de refreá-lo. — Adeus, Loial. Tome cuidado, e não confie em ninguém, se não precisar — disse, sem olhar exatamente para Karldin.

— Você não está falando sério, Perrin. — Loial pareceu em choque; confiava em todo mundo. — Não pode estar. Venham comigo, você e Faile.

— Um dia, tornaremos a nos encontrar — respondeu Perrin, em um tom brando, e saiu depressa, antes que tivesse de falar mais. Não gostava de mentir, ainda mais para um amigo.

A situação no estábulo norte estava bem parecida com a do palácio. Criados o viram entrar, largaram os forcados e as almofaças e saíram pelas portinholas dos fundos. Um farfalhar no celeiro acima que poderia ter escapado aos ouvidos de qualquer outro indicou que alguém se escondia ali; ele ouvia a respiração ansiosa e temerosa. Apanhou Galope de uma baia de mármore esverdeado, ajeitou as rédeas e amarrou o garanhão castanho a uma argola dourada. Foi apanhar um cobertor e uma sela em um depósito de mármore, onde metade das selas eram cobertas de prata ou ouro. O estábulo era bem adequado a um palácio, com compridas colunas quadradas de mármore e piso também de mármore, mesmo sob a palha das baias. Ele saiu dali satisfeito em dar as costas àquele esplendor.

A norte da cidade Perrin seguiu a estrada que havia descido em desespero com Rand apenas alguns dias antes, cavalgando até que as curvas do caminho escondessem Cairhien. Então virou para o leste, onde ainda restava um bom trecho de floresta, descendo por uma alta colina e seguindo por outra, ainda mais alta. Logo após a linha das árvores, Faile avançou em Andorinha para alcançá-lo, com Aram em seu encalço feito um sabujo, guiando o próprio cavalo. O rosto de Aram se iluminou ao vê-lo, embora isso não significasse muita coisa; ele apenas dividiu o olhar fiel entre Perrin e Faile.

— Marido — disse ela.

Não de maneira muito fria, mas um filete de raiva cortante e ciúme pungente ainda perpassavam seu aroma límpido e o sabão herbóreo. Ela estava com roupas de viagem, uma capa fina nas costas e luvas vermelhas combinando com as botas, que despontavam por sob as saias de montaria

escuras e justas que ela tanto apreciava. Enfiadas detrás do cinto havia nada menos que quatro adagas embainhadas.

Um movimento atrás dela revelou Bain e Chiad. E Sulin, e mais uma dúzia de Donzelas. Perrin ergueu as sobrancelhas. Perguntou-se o que Gaul achava daquilo; o Aiel dissera estar ansioso para pegar Bain e Chiad sozinhas. Ainda mais surpreendentes eram as outras companhias de Faile.

— O que elas estão fazendo aqui?

Ele inclinou a cabeça para um pequeno grupo montado mais atrás. Reconheceu Selande, Camaille e a tairena alta, todas vestidas em roupas de homens e portando espadas. O sujeito atarracado, com um casaco de mangas bufantes, de barba lustrosa e aparada bem rente, apesar dos cabelos presos para trás com uma fita, também parecia familiar. Os outros dois homens, ambos cairhienos, ele não conhecia, mas imaginou, pela juventude e pelas fitas amarradas nos cabelos, que fizessem parte da “sociedade” de Selande.

— Aceitei Selande e alguns amigos dela em meu serviço. — O tom de Faile era leve, mas de súbito ela exalou ondas obscuras de cautela. — Cedo ou tarde arrumariam problemas na cidade. Precisam de alguém que os conduza. Pense neles como caridade. Não vou deixar que o incomodem.

Perrin suspirou e coçou a barba. Um homem sábio não dizia na cara da esposa que ela estava escondendo alguma coisa. Sobretudo quando essa esposa era Faile; ela seria tão formidável quanto a mãe dela. Isso se já não fosse. Incomodá-lo? Quantos daqueles... cordeirinhos... ela havia arrebanhado?

— Está tudo pronto? Não demora muito, algum idiota por lá vai concluir que pode conseguir alguma coisa levando minha cabeça para Rand. Eu queria já estar longe antes disso.

Aram pigarreou.

— Ninguém vai arrancar a sua cabeça, marido. — Faile exibiu os dentes brancos e disse, em um sussurro que sabia que ele escutaria: — Exceto eu, talvez. — Já no tom de voz normal, continuou: — Está tudo pronto.

Os homens de Dois Rios esperavam junto aos cavalos em um vale aberto e bem plano para além das árvores, formando uma coluna de dois que seguia até sumir de vista e dava a volta pela lateral da colina. Perrin soltou outro suspiro. O estandarte da cabeça de lobo vermelha e a Águia Vermelha de Manetheren drapejavam de leve sob a brisa quente, na dianteira da coluna. Cerca de outra dúzia de Donzelas estavam agachadas perto dos estandartes; do outro lado, Gaul exibia a expressão mais emburrada que Perrin jamais vira em um Aiel.

Tão logo ele desceu da montaria, dois homens de casacos pretos se aproximaram, saudando-o com os punhos fechados diante do coração.

— Lorde Perrin — disse Jur Grady. — Estamos aqui desde ontem à noite. Estamos prontos.

O rosto curtido de fazendeiro de Grady deixava Perrin quase confortável em sua presença, mas Fager Neald era outra história. Uns dez anos mais jovem que Grady, ele talvez também tivesse sido fazendeiro, até onde Perrin sabia, mas tinha um ar falso e afetado e usava o deplorável bigode encerado e pontudo. Enquanto Grady era um dos Dedicados, ele era um Soldado, sem a espada de prata presa à gola, mas isso não o impedia de abrir a boca.

— Lorde Perrin, é mesmo necessário levar essas mulheres conosco? Elas só vão causar problemas, com certeza, todas elas, e o senhor sabe disso muito bem.

Algumas das mulheres de quem ele falava não estavam longe dos homens de Dois Rios, os xales enrolados nos braços. Edarra parecia a mais velha das seis Sábias que observavam, impassíveis, as duas mulheres para

quem Neald meneara a cabeça. A bem da verdade, aquela dupla também preocupava Perrin. Seonid Traighan, toda fria e reservada em seda verde, tentava ignorar altivamente as mulheres Aiel — a maioria dos cairhienos que não fingiam ser Aiel os desprezava —, mas quando viu Perrin, ela trocou a rédea do baio de mão e deu um cutucão em Masuri Sokawa. Masuri se assustou — as Marrons tinham o costume de cair em devaneios —, encarou a irmã Verde com um olhar distraído e dirigiu os olhos a Perrin. Era um olhar que ela talvez dispensasse a algum animal estranho e talvez perigoso, que pretendia analisar com cuidado. Elas haviam jurado obediência a Rand al'Thor, mas como se saíam obedecendo a Perrin Aybara? Dar ordens a Aes Sedai parecia pouco natural. Pelo menos era melhor que receber ordens delas.

— Todo mundo vai — disse Perrin. — Vamos embora antes que sejamos vistos.

Faile soltou uma fungada.

Grady e Neald assentiram outra vez e saíram para o centro da clareira. Perrin não tinha ideia de qual dos dois fez o necessário, mas de súbito a linha vertical prateada e brilhante, agora familiar, rodopiou e abriu-se em um portão que mal chegava a ser alto o suficiente para passar montado. Dava para entrever árvores logo além da abertura, não muito diferentes das que havia nas colinas próximas. Grady atravessou de imediato, mas mesmo assim quase foi derrubado por Sulin e uma pequena horda de Donzelas veladas. Elas pareciam querer a honra de ser as primeiras a ultrapassar um portão, e não estavam dispostas a deixar que ninguém usurpasse isso.

Prevendo uma série de problemas inesperados, Perrin conduziu Galope pelo portal até uma terra menos montanhosa. Não havia clareira, mas também não era tão arborizado quanto o vale em Cairhien. As árvores esparsas eram mais altas, mas igualmente ressequidas, até os pinheiros. Ele

não reconheceu muita coisa além de carvalhos e folhas-de-couro. O ar parecia um pouco mais quente.

Faile o seguiu, mas quando Perrin dobrou à esquerda, ela virou Andorinha para a direita. Aram virou a cabeça, olhando de um para outro com preocupação, até que Perrin fez sinal com a cabeça para a esposa. O antigo latoeiro guiou sua montaria na direção dela, no entanto, por mais ligeiro que fosse, ficou atrás de Bain e Chiad, ainda veladas. E, apesar das ordens de Perrin para que os homens de Dois Rios fossem os próximos, Selande e umas boas duas dezenas de jovens cairhienos e tairenos surgiram pelo portão conduzindo seus cavalos. Mais de vinte! Balançando a cabeça, Perrin parou ao lado de Grady, que se virava para cá e para lá, analisando a mata esparsa.

Gaul surgiu pisando firme quando Dannil enfim começou a conduzir os homens de Dois Rios depressa, puxando seus cavalos. Os malditos estandartes surgiram logo atrás de Dannil, subindo assim que eles ultrapassaram o portão. O homem precisava raspar aquele bigode idiota.

— As mulheres são inacreditáveis — resmungou Gaul.

Perrin abriu a boca para defender Faile, mas percebeu que o homem devia estar falando de Bain e Chiad.

— Você é casado, Grady? — soltou ele, para disfarçar.

— Sim, com Sora — respondeu Grady, absorto, ainda atento às árvores do entorno.

Perrin apostava que ele estava usando o Poder naquele momento, sem dúvida. Qualquer um podia enxergar muito longe dali, comparado às matas de casa, mas ainda era possível sofrer uma emboscada.

— Ela sente a minha falta — prosseguiu Grady, quase para si mesmo. — A gente aprende a reconhecer isso logo de cara. Mas eu queria saber por que o joelho dela está doendo.

— O joelho dela está doendo — repetiu Perrin, em um tom inexpressivo.
— Neste exato instante, está doendo.

Grady pareceu perceber que estava encarando, e Gaul também. Ele piscou, mas retornou rapidamente à sua análise.

— Peço perdão, Lorde Perrin. Preciso ficar de olho. — Por um longo instante ele se calou, então recomeçou, devagar: — É uma coisa que um sujeito chamado Canler descobriu. O M'Hael não gosta que a gente tente descobrir as coisas sozinhos, mas depois que acontece... — Seu leve sorriso indicava que talvez Taim não tivesse levado a coisa com tanta leveza assim. — A gente acha que talvez seja como o elo entre Guardiões e Aes Sedai. Cerca de um a cada três de nós é casado; ou pelo menos essa é a quantidade de esposas que ficaram, em vez de fugir, quando descobriram o que seus maridos eram. Então, quando estamos longe, sabemos que elas estão bem, e elas sabem que estamos bem. Um homem gosta de saber que sua esposa está em segurança.

— Isso é verdade — respondeu Perrin.

O que Faile estava aprontando com aquelas imbecis? Ela agora estava montada em Andorinha, e agora o grupo a rodeava, olhando para ela. Ele não duvidaria nada de que ela própria fosse embarcar naquela asneira de *ji'e'toh*.

Seonid e Masuri deslizaram atrás dos últimos homens de Dois Rios, com seus três Guardiões, e as Sábias logo atrás, o que não era surpresa. Elas estavam ali para ficar de olho nas Aes Sedai. Seonid juntou as rédeas como se fosse montar, mas Edarra disse alguma coisa em um tom de voz baixo, apontando para um carvalho troncado e retorcido, e as duas Aes Sedai olharam para ela, girando a cabeça simultaneamente, então trocaram olhares e conduziram os cavalos até a árvore. As coisas seriam bem mais tranquilas

se aquelas duas fossem sempre mansas desse jeito — bom, não mansas, exatamente; o pescoço de Seonid estava rígido feito uma barra de ferro.

Depois vieram as remontas, um grupo de cavalos sobressalentes amarrados em grupos de dez, sob os olhares vigilantes dos serviçais das terras de Dobraine, que supostamente sabiam o que estavam fazendo. Perrin na mesma hora reconheceu Tenaz, sozinho em uma guia; era bom que a mulher cuidando dele soubesse mesmo o que fazia. Um bom número de carroças de suprimentos atravessou, os condutores puxando os cavalos e berrando como se temessem que o portão fosse fechar em cima deles — eram muitas porque as carroças não comportavam tanto quanto os carroções, e eram carroças pois um carroção com parelha não conseguiria passar pelo portão. Parecia que nem Neald nem Grady eram capazes de fazer um portão tão grande quanto Rand ou Dashiva.

Quando a última carroça enfim passou rangendo, Perrin considerou mandar fechar o portão de imediato, mas era Neald que mantinha a coisa aberta, e ele estava do outro lado do portão, lá em Cairhien. Um instante depois, era tarde demais.

Berelain cruzou o portão conduzindo uma égua tão branca quanto Andorinha era preta, e ele se sentiu ligeiramente grato ao ver que seu vestido cinza de montaria era fechado até o queixo. Por outro lado, da cintura para cima era tão justo quanto qualquer vestido taraboniano. Perrin soltou um grunhido. Com ela vinham Nurelle e Bertain Gallenne, o Lorde Capitão dos Guardas Alados, um sujeito grisalho que usava um tapa-olho vermelho como outro homem usaria uma pluma no chapéu. Depois vieram os demais homens da Guarda Alada, em suas armaduras vermelhas, mais de novecentos. Nurelle e o restante que estivera nos Poços de Dumai usavam um cordão amarelo amarrado bem no alto do braço esquerdo.

Montada em sua égua, Berelain se afastou com Gallenne, enquanto Nurelle organizava uma fileira com os Guardas Alados em meio às árvores. Devia haver umas cinquenta passadas entre ela e Faile, além de dezenas de árvores, mas ela se posicionou onde as duas pudessem se encarar. Elas estavam tão impassíveis que Perrin se arrepiou todo. Colocar Berelain na retaguarda, o mais distante de Faile possível, parecera boa ideia, mas ele teria de enfrentar aquilo toda noite. Que a Luz queimasse Rand!

Neald então surgiu do portão, alisando o bigode ridículo e pavoneando-se para qualquer um assistindo enquanto a abertura desaparecia. Ninguém estava assistindo, e ele subiu no cavalo com uma cara de insatisfação.

Montando em Galope, Perrin cavalgou até um leve aclave. Nem todos podiam vê-lo, por conta das árvores, mas era suficiente que o ouvissem. Um burburinho correu o grupo enquanto ele freava as rédeas, e o povo foi se movimentando para conseguir ver melhor.

— Como bem sabem os informantes de todos em Cairhien — disse ele, em um tom bem alto —, eu fui banido de lá, a Primeira de Mayene está a caminho de casa, e o restante de vocês simplesmente desapareceu feito névoa ao sol.

Para sua surpresa, eles riram. Um grito de “Perrin Olhos-Dourados” se ergueu, e não apenas dos homens de Dois Rios. Ele esperou até que todos se calassem, o que levou algum tempo. Faile não riu nem gritou, tampouco Berelain. As duas balançavam a cabeça; nenhuma delas achava que ele devia falar tanto quanto pretendia. Então uma viu a outra e as duas cabeças congelaram, como se presas em âmbar. Não gostavam de concordar. Não foi surpresa quando as duas o encararam com expressões idênticas. Havia um antigo ditado em Dois Rios, embora a forma de citá-lo e o significado dependessem das circunstâncias. “A culpa é sempre do homem.” Ele

aprendera que tinha uma coisa que as mulheres faziam melhor do que ninguém: ensinar um homem a suspirar.

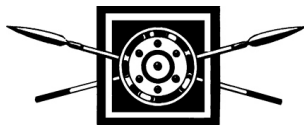
— Alguns de vocês devem estar se perguntando onde estamos, e por quê — prosseguiu ele, quando enfim se fez silêncio. Uma pequena onda de risos. — Estamos em Ghealdan. — Murmúrios de espanto, e talvez incredulidade, por terem cruzado mil e quinhentas milhas em uma só passada. — A primeira coisa que temos de fazer é convencer a Rainha Alliandre de que não viemos invadir. — Berelain deveria falar com Alliandre, e Faile o aborreceria por conta disso. — Depois vamos encontrar um sujeito que se denomina o Profeta do Lorde Dragão. — Isso também não seria muito agradável; Masema já não fora boas-novas mesmo antes de perder as estribeiras. — Esse Profeta vem causando uns problemas, mas vamos informá-lo de que Rand al'Thor não quer que ninguém passe a segui-lo por medo, e que vamos acolhê-lo e também a todos de seu povo que desejem retornar ao Lorde Dragão.

E para isso faremos Masema borrar as calças, se for preciso, pensou ele, com ironia.

Todos saudaram com vivas. Berraram e gritaram que iam fazer o tal Profeta marchar de volta a Cairhien para o Lorde Dragão, até que Perrin desejou que estivessem ainda mais distantes de qualquer aldeia. Até os condutores das carroças e os encarregados dos cavalos juntaram-se à gritaria. Mais que isso, ele rezava para que tudo corresse tranquilamente e depressa. Quanto antes ele e Faile pudessem se afastar de Berelain, melhor. Sem surpresas, era o que desejava quando rumaram para o sul. Já era hora de aquela história de ser *ta'veren* se mostrasse de alguma valia.



CAPÍTULO 28



PÃO E QUEIJO

Desde o dia em que se mudou para o Palácio Tarasin, Mat soube que estava encrencado. Podia ter se recusado. O simples fato de aqueles dados flamantes rolares ou pararem não significava que ele tinha de *fazer* algo. Normalmente, quando paravam de girar, já era tarde demais para não fazer nada. O problema era que ele queria saber por quê. Em poucos dias desejou ter pegado a própria curiosidade pela garganta e a estrangulado.

Depois que Nynaeve e Elayne deixaram seu quarto, Mat esperou até sentir que a cabeça não corria mais o risco de cair quando fosse calçar os sapatos e saiu para avisar seus homens. Ninguém parecia enxergar as desvantagens. Ele só queria prepará-los, mas ninguém dera ouvidos.

— Muito bom, milorde — murmurou Nerim, calçando a bota em Mat. — Milorde finalmente vai ter aposentos decentes. Ah, muito bom. — Por um momento, o homem pareceu perder a expressão sombria. Só por um momento. — Vou escovar o casaco vermelho de seda para milorde. Milorde deixou uma mancha de vinho bem feia no azul.

Mat esperou com impaciência, vestiu o casaco e partiu pelo corredor.

— Aes Sedai? — resmungou Nalesean, passando a cabeça pela gola de uma camisa limpa. Lopin, seu criado de barriga roliça, estava de prontidão logo atrás. — Que minha alma queime, eu não gosto muito de Aes Sedai, mas... no Palácio Tarasin, Mat.

Mat se retraiu. Já era ruim o bastante o homem conseguir beber um barril de conhaque sem sentir o menor efeito na manhã seguinte, mas precisava sorrir daquele jeito?

— Ah, Mat, agora podemos esquecer os dados e jogar cartas com gente do nosso tipo.

Ele se referia a nobres, os únicos com dinheiro para jogar, tirando mercadores bem de vida que não continuariam tão bem se comesçassem a apostar os volumes que os nobres apostavam. Nalesean esfregou as mãos de forma enérgica enquanto Lopin tentava arrumar as rendas. Até sua barba parecia ansiosa.

— Lençóis de seda — murmurou ele. Quem já ouvira falar em *lençóis* de seda? Aquelas velhas lembranças o cutucaram, mas Mat se recusou a escutar.

— Cheio de nobres — rosnou Vanin, no andar de baixo, torcendo a boca para cuspir. Seus olhos buscaram automaticamente a Senhora Anan e, em vez de cuspir, ele optou por dar uma golada na caneca de vinho barato que lhe servia de café da manhã. — Mas vai ser bom voltar a ver Lady Elayne — disse ele.

Sua mão livre se ergueu como se ele fosse pousar na testa, um gesto aparentemente distraído. Mat soltou um gemido. Aquela mulher tinha estragado um bom homem.

— Quer que eu faça outra visitinha a Carridin? — prosseguiu Vanin, como se todo o resto não tivesse importância. — A rua dele é tão cheia de mendigos que é difícil ver alguma coisa, mas muita gente atende aos chamados dele.

Mat respondeu que não tinha problema. Não era de se admirar que Vanin não gostasse do palácio cheio de nobres e Aes Sedai; ele passava o dia transpirando ao sol e levando trancos da multidão. Bem mais confortável.

Não havia sentido em tentar alertar Harnan e o restante dos Braços Vermelhos, todos se empanturrando de mingau branco e linguiças pretas enquanto cutucavam uns aos outros e davam risada das serviçais do palácio, que, eles tinham ouvido falar, haviam sido todas selecionadas por sua beleza, além de serem notavelmente generosas com seus favores. Informação verdadeira, eles não paravam de se garantir.

As coisas não melhoraram nem um pouco quando Mat foi até as cozinhas em busca da Senhora Anan para fechar sua conta. Caira estava lá, mas com o dobro do mau humor da noite anterior. Ela fez um beicinho, encarando-o com raiva, e saiu a passos largos pela porta que dava para o pátio do estábulo, esfregando o traseiro da saia. Talvez tivesse arrumado algum problema qualquer, mas como podia culpá-lo por isso estava além da compreensão dele.

A Senhora Anan saíra, ao que parecia — vivia organizando distribuição de sopas para refugiados ou assumindo algum outro trabalho caridoso —, mas Enid estava agitando uma colher de pau comprida para seus ajudantes apressados e se mostrou pronta para receber a moeda de Mat em sua mão gorducha.

— Se aperta melões demais, meu jovem Milorde, não deveria se surpreender de algum podre se partir em sua mão — disse ela, por algum motivo, num tom sombrio. — Ou dois — completou momentos depois, com um meneio. A mulher se inclinou para mais perto, erguendo o rosto redondo e suado com um olhar decidido. — Você só vai arrumar problemas se disser alguma coisa. E não vai dizer.

Aquilo não soou como uma pergunta.

— Nem uma palavra — respondeu Mat.

Do quê, pela Luz, ela estava falando? No entanto, pareceu a resposta certa, porque Enid assentiu e saiu bamboleando, balançando aquela colher

com o dobro do vigor de antes. Por um momento, ele havia pensado que ela fosse acertá-lo com o objeto. A pura verdade era que todas as mulheres, não só algumas, tinham traços violentos.

De um jeito ou de outro, foi um alívio quando Nerim e Lopin entraram em uma discussão acalorada a respeito de qual das bagagens do mestre seria transportada primeiro. Acabar os ânimos dos dois demandou uma boa meia hora tanto dele quanto de Nalesean. Um criado cuja ira fosse provocada poderia desgraçar a vida de qualquer um. Em seguida, ele teve de decidir quais Braços Vermelhos teriam a honra de arrastar o baú com o ouro e quais iriam se responsabilizar pelos cavalos. De qualquer modo, passou mais algum tempo fora do maldito Palácio Tarasin.

Entretanto, tão logo foi acolhido em seus novos aposentos, Mat de cara quase se esqueceu dos problemas. Ele tinha uma sala de estar grande e uma pequena, que ali chamavam de sala de indisposições, além de um quarto imenso com a maior cama que ele já tinha visto, os enormes postes com entalhes de flores entrelaçadas e pintadas de vermelho. A maior parte da mobília era de um vermelho ou de um azul brilhante, quando não possuía uma camada de douraduras. Uma portinha perto da cama dava para o quarto apertado de Nerim, que o sujeito pareceu achar excelente, apesar da cama estreita e de não haver janela. Todos os aposentos de Mat tinham grandes janelas arqueadas que davam para varandas de ferro fundido branco com vista para a Mol Hara. Os abajures de pé eram dourados, assim como as molduras dos espelhos. Havia dois deles na sala de indisposições, três na sala de estar e *quatro* no quarto. O relógio — um relógio! — na cornija de mármore acima da lareira da sala de estar também cintilava em ouro. A pia e o cântaro eram de porcelana vermelha do Povo do Mar. Mat quase se desapontou ao descobrir que o penico debaixo da cama era de uma

cerâmica branca comum. Havia até uma prateleira na ampla sala de estar contendo uma boa dúzia de livros. Não que ele fosse muito de ler.

Mesmo com as cores exageradas das paredes, do teto e dos ladrilhos do piso, os aposentos berravam riqueza. Em qualquer outra ocasião, Mat teria dançado de alegria. Em qualquer ocasião em que não estivesse ciente de que uma mulher cujos aposentos ficavam no corredor abaixo queria enfiá-lo na água quente e aumentar o fogo usando um fole. Isso se Teslyn, Merilille ou qualquer uma do grupo delas não desse um jeito de chegar primeiro, apesar do medalhão. Por que os dados *tinham* parado de rolar dentro de sua cabeça assim que Elayne mencionou aqueles malditos aposentos? Curiosidade. Ele ouvira um ditado da boca de várias mulheres de sua terra natal, normalmente quando tinha feito algo que, na ocasião, parecera engraçado: “Os homens ensinam os gatos a serem curiosos, mas os gatos não dividem o seu bom-senso”.

— Eu não sou nenhum maldito gato — resmungou ele, indo a passos largos do quarto para a sala de estar. Só precisava saber. Só isso.

— Claro que você não é um gato — rebateu Tylin. — Você é um patinho suculento, isso sim.

Mat tomou um susto e a encarou. Pato? E um *patinho*, ainda por cima! A mulher batia bem abaixo do seu ombro. Indignado ou não, ele de todo modo fez uma reverência elegante. Ela era a Rainha, e ele precisava se lembrar disso.

— Majestade, obrigado por estes aposentos maravilhosos. Eu adoraria conversar, mas preciso sair e...

Sorrindo, ela avançou pelos ladrilhos vermelhos e verdes, as camadas de anáguas de seda azul e branca farfalhando e os grandes olhos negros cravados nele. Mat não queria nem um pouco pousar os olhos na faca de casamento aninhada em seu decote generoso. Nem na adaga maior,

cravejada de gemas, presa no cinto igualmente cravejado de pedras preciosas. Ele se recusava.

— Majestade, eu tenho uma coisa importante...

Ela começou a cantarolar. Mat reconheceu a melodia, havia cantarolado a mesma música para algumas garotas nos últimos tempos. Era esperto o suficiente para não tentar cantá-la de verdade, com a voz que tinha, e, além do mais, as palavras que usavam em Ebou Dar teriam queimado seus ouvidos. Por ali, a canção era chamada de “Eu vou roubar seu fôlego com beijos”.

Rindo nervosamente, ele tentou contornar uma mesa incrustada de lápis-lazúli para se afastar dela, mas Tylin de alguma forma contornou-a antes, sem parecer aumentar a velocidade.

— Majestade, eu...

Tylin espalmou uma das mãos no peito dele, empurrou-o para uma cadeira de encosto alto e se aninhou no colo de Mat. Entre ela e os braços da cadeira, ele acabou preso. Ah, poderia segurá-la e colocá-la de pé com bastante facilidade. A não ser pelo fato de ela estar com aquela maldita adaga enorme no cinto, e de Mat duvidar que pôr as mãos nela fosse tão aceitável quanto ela pôr as mãos nele parecia ser. Estava em Ebou Dar, afinal de contas, onde uma mulher matar um homem era justificável até que se provasse o contrário. Ele poderia segurá-la com facilidade, exceto que...

Mat tinha visto peixeiros pela cidade vendendo criaturas pitorescas chamadas de lulas e polvos — os eboudarianos comiam aquelas coisas! —, mas elas não eram nada comparadas com Tylin. A mulher tinha dez mãos. Em vãs tentativas de se defender, ele se contorceu, e ela gargalhou baixinho. Entre um beijo e outro, ele advertiu sem fôlego que alguém podia aparecer, e ela apenas riu. Ele balbuciou o respeito que sentia pela coroa

dela, e Tylin achou graça. Ele disse que era noivo de uma garota de Dois Rios, que era a dona do seu coração. Dessa vez, ela gargalhou de verdade.

— O que os olhos não veem, o coração não sente — murmurou Tylin, sem diminuir o ritmo de suas vinte mãos nem por um instante.

Alguém bateu na porta. Mat conseguiu afastar a boca para gritar:

— Quem é?

Bem, foi um grito. Um grito agudo. Afinal, ele estava sem fôlego.

Tylin saltou do colo dele e se afastou três passadas com tanta rapidez que pareceu ter voado. A mulher teve a coragem de lhe lançar um olhar de reprovação! E então lhe jogou um beijo.

O beijo mal saíra dos lábios dela quando a porta se abriu e Thom enfiou a cabeça para dentro.

— Mat? Eu não tinha certeza se era você. Ah, Majestade. — Para um velho menestrel esquelético, vaidoso e manco, Thom conseguia fazer uma das melhores reverências cheias de floreios. Juilin não conseguia, mas tratou de tirar aquele chapéu vermelho ridículo e fez o seu melhor. — Perdoe-nos. Não vamos perturb... — começou Thom, mas Mat foi logo o interrompendo.

— Entre, Thom!

Reajustando o casaco nos ombros, ele fez menção de se levantar, então percebeu que a maldita mulher dera um jeito de desamarrar o cordão de suas *calças* sem que ele se desse conta. Aqueles dois poderiam até não notar sua camisa desabotoada até a barriga, mas não teriam como não ver as calças caindo. O vestido azul de Tylin não estava nem um pouco bagunçado!

— Juilin, entre!

— Fico feliz que tenha achado os aposentos aceitáveis, Mestre Cauthon — afirmou Tylin, a dignidade encarnada. Quer dizer, exceto por seus olhos,

quando ela ficou de costas para Thom e Juilin. Aqueles olhos investiam suas palavras neutras com significados a mais. — Não vejo a hora de ter o prazer da sua companhia. Vou achar interessante ter um *ta'veren* ao alcance dos meus dedos. Mas agora devo deixá-lo com os seus amigos. Não, não precisa se levantar, por favor. — Essa última frase foi dita com o vestígio de um sorriso zombeteiro.

— Bem, garoto — disse Thom, alisando o bigode quando a mulher saiu —, você está com sorte por ser recebido de braços abertos pela Rainha em pessoa.

Juilin se mostrava bastante interessado no próprio chapéu.

Mat olhou com cautela para os dois, desafiando-os mentalmente a dizer uma palavra — uma única palavra! —, mas assim que perguntou sobre Nynaeve e Elayne parou de se preocupar com o que eles suspeitavam. As duas ainda não tinham voltado. Mat quase se ergueu de um pulo, com ou sem calças. Elas já estavam tentando burlar o acordo; ele precisou explicar ao que se referia entre rompantes de incredulidade dos dois homens, enquanto expressava suas opiniões sobre a maldita Nynaeve al'Meara e a maldita Elayne Filha-herdeira. Não era muito provável que tivessem ido ao Rahad sem ele, mas Mat não descartaria a possibilidade de elas tentarem a cartada de ir espionar Carridin. Elayne exigiria uma confissão e esperaria que o homem desmoronasse. Nynaeve tentaria fazê-lo confessar na base de pauladas.

— Duvido que elas estejam importunando Carridin — opinou Juilin, coçando atrás da orelha. — Acho que Aviendha e Birgitte estão de olho nele, pelo que escutei. Não vimos as duas saírem. Acho que você não precisa se preocupar que ele note qualquer coisa, mesmo se passar bem ao lado delas.

Thom, servindo-se de um cálice dourado do ponche de vinho que Mat encontrara à sua espera no quarto, assumiu a explicação.

Mat cobriu os olhos com a mão. Disfarces criados com o Poder; não era de se espantar que elas escapulisses feitas cobras quando bem entendessem. Aquelas mulheres iam arrumar confusão. Era isso que mulheres faziam de melhor. Mat mal se surpreendeu ao descobrir que Thom e Juilin sabiam menos do que ele sobre aquela tal Tigela dos Ventos.

Depois que os dois foram se arrumar para uma viagem até Rahad, Mat teve tempo de arrumar as roupas antes que Nynaeve e Elayne voltassem. Teve tempo de ir dar uma olhada em Olver, cujo quarto ficava um andar abaixo. O garoto magricela encorpou um pouco, com Enid e o resto das cozinheiras d'A Mulher Errante empanturrando-o, mas ele sempre seria baixo mesmo para os padrões cairhienos, e mesmo que suas orelhas diminuíssem pela metade e que sua boca se encurtasse ao meio, o nariz ainda o deixaria bem longe de ser bonito. Nada menos que três serviçais se alvoroçavam em torno dele enquanto o garoto estava sentado de pernas cruzadas em sua cama.

— Haesel não tem os olhos mais lindos, Mat? — indagou Olver, com um sorriso radiante para a jovem de olhos grandes que Mat conhecera na última vez em que fora ao palácio. Ela devolveu o sorriso e fez carinho no cabelo do garoto. — Ah, mas Alis e Loya são tão meigas que eu jamais saberia escolher.

Uma mulher gorducha quase de meia-idade que descarregava os alforjes de Olver levantou o olhar e lhe abriu um sorriso largo, e uma garota esbelta cujos lábios pareciam picados por abelhas deu um tapinha na toalha que acabara de colocar junto ao lavatório do garoto e se lançou na cama para fazer cócegas na cintura dele até Olver, indefeso, tombar de tanto rir.

Mat bufou. Já bastava Harnan e aquele pessoal, e agora aquelas *mulheres* andavam encorajando o garoto! Como ele poderia aprender a se comportar com mulheres fazendo aquilo? Olver devia estar brincando na rua, feito qualquer outro menino de dez anos. Mat não tivera serviçais se jogando em cima dele em seus aposentos. Tylin garantira aquilo, ele tinha certeza.

Ele teve tempo de dar uma olhada em Olver, e de ver como estavam Harnan e o restante dos Braços Vermelhos, que compartilhavam um quarto comprido com fileiras de camas não muito longe dos estábulos, e também de descer para dar uma perambulada pelas cozinhas em busca de pão e carne, já que não fora capaz de encarar aquele mingau na estalagem. E nada de Nynaeve e Elayne retornarem. Ele finalmente correu os olhos pelos livros da sala de estar e começou a ler *As Jornadas de Jain, o Viajante*, embora, por estar preocupado, mal tenha entendido uma única palavra. Thom e Juilin entraram justo quando, por fim, as mulheres apareceram exclamando sobre encontrá-lo ali, como se pensassem que *ele* não manteria sua palavra.

Mat fechou o livro calmamente e o depositou com toda a tranquilidade na mesa ao lado da cadeira.

— Por onde vocês andaram?

— Fomos dar uma volta, ora — respondeu Elayne, animada, os olhos azuis mais arregalados do que ele se lembrava de já ter visto.

Thom franziu o cenho e, de dentro da manga, fez surgir uma faca, que manuseou para um lado e para o outro por entre os dedos. Ele deliberadamente não olhou na direção de Elayne.

— Tomamos chá com umas mulheres que sua estalajadeira conhece — explicou Nynaeve. — Não vou entediar vocês com conversas sobre agulha e linha.

Juilin começou a balançar a cabeça, mas parou antes que ela percebesse.

— Nada de me entediar, por favor — disse Mat, seco.

Nynaeve até sabia usar uma agulha direitinho, mas suspeitava que ela preferiria enfiar uma na língua do que conversar sobre costura. Nenhuma das duas abriu a boca para reclamar de sua falta de civilidade, confirmando suas piores suspeitas.

— Eu botei dois sujeitos para seguirem cada uma de vocês hoje à tarde, e vão ser mais dois amanhã e nos próximos dias. Quando vocês não estiverem dentro do palácio ou bem debaixo do meu nariz, vão ter guarda-costas. Eles já estão com os turnos. Vão ficar com vocês o tempo todo, e o tempo todo *mesmo*, e vocês vão me informar para onde estão indo. Chega de me deixarem arrancando os cabelos de preocupação.

Mat esperava indignação e argumentações. Esperava palavras evasivas quanto ao que elas haviam ou não prometido. Esperava que exigir o pão inteiro pudesse, no fim das contas, lhe garantir uma fatia. Se estivesse com sorte, uma fatia da casca. Nynaeve olhou para Elayne, Elayne olhou para Nynaeve.

— Ora, mas guarda-costas são uma ideia *maravilhosa*, Mat — exclamou Elayne, a bochecha formando as covinhas de um sorriso. — Imagino que você tenha toda razão. É muito inteligente da sua parte já ter um cronograma para os seus homens.

— É uma ideia maravilhosa *mesmo* — concordou Nynaeve, aquiescendo com entusiasmo. — Muito inteligente da sua parte, Mat.

Thom largou a faca abafando um palavrão e se sentou, encarando as duas mulheres enquanto chupava um corte no dedo.

Mat suspirou. Problemas. Ele já sabia. Soube até mesmo antes de as duas lhe dizerem para, por ora, esquecer Rahad.

E foi assim que Mat acabou em um banco em frente a uma taverna chamada A Rosa do Eldar, próxima à margem do rio, bebendo em um copo

de estanho amassado acorrentado ao banco. Pelo menos os copos eram lavados a cada novo cliente. O fedor que vinha da oficina de um tintureiro do outro lado da via só fazia dar ainda mais estilo à Rosa. Não que se tratasse exatamente de um bairro pobre, embora a rua fosse estreita demais para carruagens. Um bom número de liteiras laqueadas balançava por entre a multidão. Se bem mais transeuntes usavam lã ou o colete de alguma guilda em vez de seda, havia tanto lãs bem cortadas quanto puídas. As casas e lojas eram da mesma variedade habitual de reboco branco, e se a maior parte era pequena e até decrépita, a casa bem alta de um mercador abastado se erguia numa esquina à direita de Mat e, à esquerda, havia um pequeno palacete — menor que a casa do mercador, pelo menos — com uma única cúpula com uma faixa verde e nenhum pináculo. Um par de tavernas e uma estalagem ao alcance dos olhos pareciam tranquilos e convidativos. Infelizmente, a Rosa era a única em que era possível um homem se sentar do lado de fora, a única que ficava no local exato. Infelizmente.

— Acho que nunca vi moscas tão grandes — resmungou Nalesean, acenando para espantar vários espécimes selecionados do seu copo. — O que estamos fazendo aqui mesmo?

— Você está entornando esse vinho vagabundo e suando feito um bode — resmungou Mat, dando um puxão no chapéu para proteger melhor os olhos. — Eu estou sendo *ta'veren*.

Ele fitou a casa dilapidada, entre os estabelecimentos do tintureiro e de um tecelão barulhento, que lhe mandaram vigiar. Não pediram, mandaram, era essa a verdade, a despeito de como elas definissem, contornando seus juramentos. Ah, elas tinham feito soar como um pedido, acabaram fazendo soar como uma súplica, no que ele só acreditaria quando visse cachorros dançando, mas Mat sabia quando estava sendo intimidado.

— Apenas seja *ta'veren*, Mat — imitou ele. — Eu sei que você vai saber *exatamente* o que fazer. Bah!

Talvez Elayne, a maldita Filha-herdeira, e sua maldita covinha soubessem, ou Nynaeve com suas malditas mãos comichando para dar um puxão naquela maldita trança, mas ele não fazia a menor ideia.

— Se a porcaria da Tigela está no Rahad, como é que eu posso encontrá-la aqui neste maldito lado do rio?

— Não lembro de elas terem dito — rebateu Juilin, irônico, dando um gole demorado em alguma bebida feita de um fruto amarelo cultivado no interior. — Você perguntou isso pelo menos cinquenta vezes.

Ele afirmava que a bebida clarinha era refrescante no calor, mas Mat dera uma dentada em um daqueles limões e não estava disposto a tomar nada que fosse feito deles. Como sua cabeça ainda latejava um pouco, estava tomando chá. Pelo gosto, parecia que o taverneiro, um sujeito esquelético com olhos redondos desconfiados, vinha enfiando folhas novas e água nos restos de chá do dia anterior desde a fundação da cidade. Um sabor que combinava com seu humor.

— O que me interessa é por que elas fizeram tantas perguntas sobre a sua estalajadeira — murmurou Thom, a mão fechada em punho sob o queixo. Ele não parecia muito aborrecido pelas mulheres ainda guardarem segredos. Às vezes, Thom era decididamente estranho. — O que Setalle Anan e essas mulheres têm a ver com a Tigela?

Mulheres entravam e saíam da casa dilapidada. Um fluxo constante delas, algumas bem vestidas, ainda que nenhuma trajando seda, e nem um único homem. Três ou quatro usavam o cinto vermelho das Sapiências. Mat cogitara seguir uma ou outra quando saíram, mas parecia algo excessivamente planejado. Ele não sabia como a coisa de *ta'veren* funcionava — nunca tinha visto qualquer sinal disso em si mesmo —, mas

sua sorte era sempre mais intensa quando tudo era aleatório. Como nos dados. Não conseguia resolver a maioria daqueles pequenos quebra-cabeças de ferro das tavernas, independentemente do quão sortudo se sentisse.

Mat ignorou a pergunta de Thom, que a repetira pelo menos o mesmo tanto que Mat perguntara como encontraria a Tigela ali. Nynaeve dissera na cara dele que não prometera lhe contar tudo o que sabia. Falou que só contaria o necessário. Disse que... Vê-la quase sufocar com o esforço de não o xingar não foi nem de perto vingança suficiente.

— Acho que devíamos dar uma volta pela viela. — Nalesean suspirou. — Caso uma daquelas mulheres decida escalar o muro do jardim.

O beco apertado entre a casa e a loja do tintureiro estava perfeitamente visível em toda a sua extensão, mas uma outra viela corria logo atrás das lojas e casas.

— Mat, me explique de novo por que estamos fazendo isso, e não jogando cartas.

— Eu vou lá — respondeu Mat. Atrás do muro do jardim, talvez descobrisse como a coisa de *ta'veren* funcionava. Ele foi, e não descobriu nada.

Quando o crepúsculo começou a cobrir a rua e Harnan apareceu com um andoriano careca de olhos estreitos chamado Wat, o único efeito possível de ser um *ta'veren* que Mat tinha visto fora o taverneiro ter preparado um bule de chá fresco. O gosto era quase tão ruim quanto o do antigo.

De volta em seus aposentos no palácio, ele encontrou um bilhete, uma espécie de convite, com letras elegantes escritas em um papel branco espesso que tinha o aroma de um jardim florido.

Meu coelhinho, espero recebê-lo hoje para jantar nos meus aposentos.

Nada de assinatura, mas não havia necessidade. Luz! A mulher não tinha a menor vergonha! Havia uma fechadura de ferro pintada de vermelho na

porta que dava para o corredor. Ele encontrou a chave e a trancou. Em seguida, para garantir, tratou de enfiar uma cadeira debaixo da maçaneta da porta que dava para o quarto de Nerim. Ele podia muito bem ficar sem jantar. Justo quando estava a ponto de cair na cama, a fechadura rangeu. No corredor, uma mulher gargalhou ao se deparar com a porta resguardada.

Depois disso, Mat deveria ter sido capaz de adormecer, mas por algum motivo ficou lá deitado ouvindo sua barriga roncar. Por que ela estava fazendo aquilo? Bem, ele sabia por quê, mas por que com ele? Decerto a mulher não decidira jogar toda a sua decência fora só para ir para a cama com um *ta'veren*. De todo modo, ele agora estava seguro. Afinal, Tylin não bateria na porta. Bateria? Nem a maioria dos pássaros conseguia passar pelos arabescos de ferro fundido que guardavam as varandas. Além do quê, ela precisaria de uma escada bem comprida para subir tão alto. E de homens para carregá-la. A menos que descesse do telhado por uma corda. Ou talvez ela... A noite passou, o estômago dele reclamou, o sol subiu e ele não pregou os olhos nem por um minuto e nem teve nenhum pensamento decente. Mas tomou uma decisão. Determinou uma serventia para a sala de indisposições. Ele, certamente, nunca se sentia indisposto.

À primeira luz, Mat se esgueirou para fora dos aposentos e encontrou mais um serviçal do palácio do qual se lembrava, um sujeito quase careca chamado Madic, que tinha um ar presunçoso e um jeito discreto de torcer o lábio que indicava eterna insatisfação. Um homem que podia ser comprado. Embora a expressão assustada que perpassou seu rosto quadrado e o sorriso afetado que ele mal se deu o trabalho de esconder indicassem que o homem sabia exatamente por que Mat estava colocando aquele ouro em sua mão. Sangue e cinzas! Quantas pessoas sabiam o que Tylin estava aprontando?

Nynaeve e Elayne pareciam não saber, graças à Luz. Apesar de isso significar receber uma bronca por ter perdido o jantar com a Rainha, do

qual ficaram sabendo quando Tylin perguntou a elas se ele estava doente. E pior...

— Por favor — pediu Elayne, sorrindo quase como se aquela palavra não lhe doesse. — Você precisa causar a melhor impressão possível na Rainha. Não fique nervoso. Você vai gostar de passar uma noite com ela.

— Só não faça nada que vá ofendê-la — resmungou Nynaeve. Com ela Mat tinha certeza de que ser educada doía. Com o cenho franzido em concentração e a mandíbula retesada, as mãos dela tremiam para dar um puxão na trança. — Seja agradável pelo menos uma vez na... Quer dizer, lembre-se de que ela é uma mulher decente e não tente nenhuma das suas... Luz, você sabe do que eu estou falando.

Nervoso. Rá! Mulher decente. Rá!

Nenhuma das duas parecia minimamente preocupada por ele ter desperdiçado uma tarde inteira. Elayne lhe deu um tapinha compadecido no ombro e pediu por favor para que ele tentasse mais um ou dois dias. Com certeza era melhor do que perambular pelo Rahad naquele calor. Nynaeve falou exatamente a mesma coisa, do modo como as mulheres faziam, mas sem o tapinha no ombro. As duas logo admitiram que pretendiam passar o dia tentando espionar Carridin com Aviendha, embora tenham se esquivado quando ele perguntou quem elas achavam que poderiam reconhecer. Nynaeve deixara essa informação escapar, no que Elayne olhou para ela de tal maneira que Mat achou que veria Nynaeve levar uma bofetada na orelha pela primeira vez na vida. As duas aceitaram obedientemente a restrição dele de que não perdessem seus guarda-costas de vista e, com a mesma obediência, permitiram que ele visse os disfarces que pretendiam usar. Mesmo após a descrição de Thom, ver a dupla transformada em duas eboudarianas de uma hora para a outra diante dos seus olhos foi um choque quase tão grande quanto a obediência delas. Bem, Nynaeve fez uma

tentativa dura de ser obediente, rosnando ao perceber que ele de fato falara sério ao dizer que a mulher Aiel não precisava de guarda-costas, mas era o bastante. Ver uma daquelas duas de mãos cruzadas e respondendo de maneira submissa o deixava nervoso. As duas juntas — com Aviendha aquiescendo *em aprovação!* —, e ele ficou feliz de vê-las indo embora. Porém, só para garantir, Mat ignorou a súbita expressão de desagrado delas e as fez demonstrar seus disfarces para os homens do primeiro turno. Vanin tratou de aproveitar a oportunidade de ser um dos guardas de Elayne, dando cascudinhos na própria testa feito um tolo.

O gorducho não descobrira muita coisa por si mesmo. Tal como na véspera, um número surpreendente de pessoas havia aparecido para ver Carridin, incluindo algumas trajando seda, mas isso não provava que fossem todos Amigos das Trevas. No fim das contas, o homem era o embaixador Manto-branco, e era provável que mais pessoas desejando fazer negócios em Amadícia procurassem por ele do que pelo embaixador amadiciano, quem quer que fosse. Vanin afirmou ter certeza de que duas mulheres também andavam vigiando o palácio de Carridin — sua cara quando Aviendha se transformou de repente em uma terceira eboudariana foi de espanto —, além de um velho, ele achava, apesar de o sujeito ter se provado surpreendentemente ágil. Vanin não conseguira dar uma boa examinada nele, apesar de tê-lo visto três vezes. Assim que Vanin e as mulheres saíram, Mat mandou Thom e Juilin irem ver o que conseguiam descobrir a respeito de Jaichim Carridin e de um velho encurvado de cabelos brancos interessado em Amigos das Trevas. Se o caçador de ladrões não fosse capaz de descobrir um jeito de passar a perna em Carridin, era porque não havia como, e Thom tinha a habilidade de reunir todas as fofocas e boatos de um lugar e depois filtrar a verdade. Claro que tudo isso era a parte fácil.

Durante dois dias, ele suou naquele banco, caminhando de vez em quando até a viela ao lado do tintureiro, e a única mudança foi que o chá tornou a piorar. O vinho era tão ruim que Nalesean começou a beber cerveja. No primeiro dia, o taverneiro ofereceu peixe como refeição do meio-dia, mas, pelo cheiro, eles haviam sido pescados na semana anterior. No segundo dia, ofereceu um ensopado de ostra. Mat comeu cinco tigelas, apesar dos pedacinhos de concha. Birgitte recusou ambos.

Mat ficara surpreso quando ela alcançou a ele e a Nalesean atravessando a Mol Hara às pressas naquela primeira manhã. O sol mal desenhava um aro acima dos telhados, mas pessoas e carroças já pontilhavam a praça.

— Eu devo ter piscado — disse ela, rindo. — Estava esperando no lugar por onde achei que vocês saíam. Se não se importam em ter companhia.

— Às vezes andamos rápido — respondeu Mat, evasivo.

Nalesean olhou para ele de soslaio. Claro que o homem não tinha ideia de por que haviam se esgueirado para sair por uma portinha lateral perto dos estábulos. Não que Mat achasse que Tylin fosse saltar em cima dele nos corredores em plena luz do dia, mas, de qualquer forma, todo cuidado era pouco.

— Sua companhia é sempre bem-vinda. Hã. Obrigado.

A mulher apenas deu de ombros, murmurou algo que Mat não entendeu, e logo se posicionou no outro lado dele.

Foi assim que começou. Qualquer outra mulher que ele já conheceria teria exigido saber por que aquele agradecimento, e em seguida explicaria com muita delonga por que o agradecimento não era necessário, até Mat ter vontade de tapar os ouvidos, ou o repreenderia com a mesma delonga por ele ter achado que era necessário, ou então deixaria claro que esperava algo mais substancial do que um “obrigado”. Birgitte só deu de ombros e, durante os dois dias seguintes, algo espantoso passou pela cabeça de Mat.

Normalmente, para ele, mulheres eram para se admirar e se sorrir, para se dançar e beijar, caso elas permitissem, e para se ficar aconchegado, caso tivesse sorte. Decidir de quais mulheres ir atrás era quase tão divertido quanto persegui-las, se não quase tão divertido quanto conquistá-las. Algumas eram apenas amigas, claro. Algumas. Egwene, por exemplo, embora ele não tivesse certeza de como aquela amizade sobreviveria ao fato de ela se tornar Amyrlin. Nynaeve era uma espécie de amiga, de certo modo. Se conseguisse esquecer por uma hora que tinha trocado suas fraldas mais de uma vez e lembrasse que ele não era mais um garotinho. Mas uma amiga era diferente de um amigo. Ele sempre sabia que a mente das mulheres corria por caminhos diferentes, que elas enxergavam o mundo com outros olhos.

Birgitte se inclinou em direção a ele no banco.

— Melhor ter cautela — murmurou ela. — Aquela viúva está procurando um marido novo. A bainha da face de casamento dela é azul. Além do mais, a casa é do outro lado.

Ele piscou, perdendo de vista a mulher belamente rechonchuda que rebojava os quadris de modo tão extravagante ao andar, e Birgitte respondeu ao sorriso encabulado de Mat com uma gargalhada. Nynaeve o teria esfolado com a língua por pegá-lo olhando, e até Egwene o encararia com reprovação indiferente. Ao final do segundo dia naquele banco, Mat se deu conta de que havia passado o tempo todo sentado com o quadril colado ao de Birgitte e em nenhum momento pensara em tentar beijá-la. Estava convicto de que ela não queria ser beijada por ele — com toda franqueza, considerando-se os homens medonhos para os quais ela parecia gostar de olhar, talvez ele tivesse ficado insultado caso ela quisesse. Além disso, ela era uma heroína lendária que ele ainda esperava ver saltando por cima de uma casa e agarrando um par de Abandonados pelo pescoço no meio do

caminho. Mas não era só isso: pensar em beijá-la seria o mesmo que pensar em beijar Nalesean. Ele *gostava* de Birgitte do mesmo jeito que gostava do taireno, exatamente do mesmo jeito.

Dois dias naquele banco, percorrendo a viela ao lado do tintureiro e olhando para o muro alto de tijolos aparentes nos fundos do jardim da casa. Birgitte poderia tê-lo escalado, mas até ela talvez quebrasse o pescoço se tentasse fazer isso usando um vestido. Em três ocasiões, ele decidiu subitamente seguir uma mulher saindo da casa, duas delas usando o cinto vermelho das Sapiências. A aleatoriedade parecia invocar sua sorte.

Uma das Sapiências foi até a esquina e comprou uma porção de nabos murchos antes de voltar. A outra caminhou por duas quadras para comprar um par de peixes grandes com listras verdes. A terceira mulher, alta, escura e trajando boa lã cinza, talvez uma tairena, atravessou duas pontes antes de entrar em uma loja grande, onde foi recebida com sorrisos por um sujeito magricela que lhe fez uma reverência, e então começou a supervisionar o acondicionamento de bandejas e caixas laqueadas em cestos cheios de serragem que, em seguida, foram arrumados em um carroção. Pelo que Mat ouviu, ela esperava amealhar uma bela quantia de prata com a carga em Andor. Mat quase não conseguiu escapar sem comprar uma caixa. Sorte aleatória que nada. E ninguém mais teve sorte também. Nynaeve, Elayne e Aviendha faziam suas peregrinações pelas ruas em torno do palacete de Carridin sem se deparar com ninguém que reconhecessem, o que as frustrava sobremaneira. Ainda se recusavam a dizer quem, o que pouco importava, já que a pessoa não aparecia. Era isso que elas lhe diziam, mostrando-lhe dentes suficientes para seis mulheres. As caretas deviam ser sorrisos, ele pensou. Era uma pena que Aviendha parecesse ter se encaixado tão perfeitamente com as outras duas, mas houve um momento em que ele estava pressionando-as em busca de resposta e Elayne explodiu com ele,

encarando-o de nariz empinado, e a Aiel lhe sussurrou alguma coisa no ouvido.

— Me perdoe, Mat — disse Elayne em um tom sério, seu rosto enrubescendo tanto que o cabelo pareceu empalidecer. — Humildemente, eu peço o seu perdão por falar assim. Eu... fico de joelhos, se você quiser.

Não foi surpresa a voz dela ter fraquejado ao final.

— Não precisa disso — respondeu ele com voz fraca, tentando não esbugalhar os olhos. — Você está perdoada. Não foi nada.

A coisa mais esquisita, porém, foi Elayne ter ficado olhando para Aviendha durante todo o tempo em que falou com ele e não ter movido nem um cílio com sua resposta, mas ter deixado escapar um imenso suspiro de alívio quando Aviendha anuiu. Mulheres eram simplesmente estranhas.

Thom contou que Carridin costumava dar esmolas a mendigos com frequência e, fora isso, cada coisinha que se dizia sobre ele em Ebou Dar era do tipo esperado, dependendo de o falante achar que os Mantos-brancos eram monstros assassinos ou os verdadeiros salvadores do mundo. Juilin descobriu que Carridin comprara uma planta do Palácio Tarasin, o que podia indicar alguma intenção dos Mantos-brancos em relação a Ebou Dar ou que Pedron Niall queria um palácio para si e pretendia copiar o Tarasin. Se ainda estivesse vivo. Boatos de que estava morto haviam surgido na cidade, mas também, metade das pessoas dizia que as Aes Sedai o tinham matado e a outra metade dizia que havia sido Rand, o que demonstrava o quanto tais boatos eram confiáveis. Nem Juilin nem Thom tinham chegado sequer perto de descobrir alguma coisa sobre o velho de cabelo branco e rosto enrugado.

Frustração com Carridin, frustração com a vigilância da maldita casa, e no que dizia respeito ao palácio...

Mat descobriu como as coisas iam se desenrolar naquela primeira noite, quando por fim voltou aos seus aposentos. Olver estava lá, já alimentado e enrolado em uma cadeira com *As Jornadas de Jain, o Viajante* sob a luz dos abajures, e nem um pouco contrariado por ter tido que se mudar do seu quarto. Madic cumprira sua palavra, valera o ouro que Mat lhe enfiara no bolso. A sala de indisposições agora abrigava a cama de Olver. Que Tylin tentasse alguma coisa com um garoto observando-a! No entanto, a Rainha também fizera seus arranjos. Mat se esgueirou até as cozinhas feito uma raposa, deslizando de canto em canto, descendo escadas a toda... e descobriu que não havia nenhuma comida.

Ah, o cheiro de comida permeava o ar, assados girando nos espetos em grandes lareiras, panelas borbulhando sobre fogões de azulejo branco, e cozinheiras abrindo e fechando fornos para cutucar isso ou aquilo. Apenas não havia comida para Mat Cauthon. Mulheres sorridentes com aventais brancos imaculados ignoravam seus sorrisos e se colocavam em seu caminho para que ele não tivesse como se aproximar das fontes daqueles aromas maravilhosos. Elas sorriam e lhe davam tapas nas mãos sempre que ele tentava surrupiar um pedaço de pão ou de nabo caramelizado. Elas sorriam e lhe diziam que não deveria encher a barriga antes de jantar com a Rainha. Elas sabiam. Todas elas sabiam! Seu próprio constrangimento o levou de volta para seus aposentos, amargamente arrependido daquele peixe do meio-dia, de odor tão peculiar. Ele entrou e trancou a porta. Uma mulher disposta a deixar um homem passando fome poderia ser capaz de qualquer coisa.

Mat estava deitado em um tapete de seda verde, jogando Cobras e Raposas com Olver, quando o segundo bilhete escorregou por debaixo da sua porta.

Me disseram que é mais divertido pegar um pombo em pleno voo e vê-lo se debater, no entanto, mais cedo ou mais tarde, um pássaro faminto vem voando comer na sua mão.

— O que é, Mat? — quis saber Olver.

— Nada. — Mat amassou o bilhete. — Outra partida?

— Ah, sim. — O garoto era capaz de passar o dia todo jogando aquele jogo tolo, se tivesse a chance. — Mat, você experimentou aquele presunto que prepararam hoje à noite? Eu nunca provei nada tão...

— Apenas jogue o dado, Olver. Apenas jogue o maldito dado.

Quando voltava para a sua terceira noite no palácio, Mat parou no caminho e comprou pão, azeitonas e queijo de ovelha, o que foi providencial. A cozinha mantinha suas ordens. As malditas mulheres chegavam a gargalhar enquanto abanavam pratos fumegantes de carnes e peixes bem perto dele e diziam para não encher a maldita barriga.

Mat manteve a dignidade. Não pegou um prato e saiu correndo. Fez sua melhor reverência, rodopiando uma capa imaginária.

— Graciosas damas, sua hospitalidade me comove.

Sua retirada teria surtido bem mais efeito se uma das mulheres não tivesse soltado uma sonora risada às costas dele.

— Não vai demorar para a Rainha se banquetear com um patinho assado, rapaz.

Muito engraçado. As outras mulheres riram tão alto que deviam estar rolando no chão. Muito engraçado, maldição.

Pão, azeitonas e um queijo salgado formavam uma bela refeição, com um pouco de água da pia do quarto para ajudar a descer. Não houvera mais ponche de vinho nos aposentos de Mat desde aquele primeiro dia. Olver tentara lhe contar sobre algum peixe assado com molho de mostarda e passas, no que Mat o mandou ir praticar sua leitura.

Ninguém passou bilhete algum por baixo de sua porta naquela noite. Ninguém fez ranger a maçaneta. Mat começou a achar que as coisas poderiam melhorar. No dia seguinte era o Festival dos Pássaros. Pelo que ouvira dos trajes que as pessoas usavam, tanto homens quanto mulheres, talvez Tylin encontrasse um novo patinho para caçar. Alguém talvez saísse daquela maldita casa defronte d'A Rosa do Eldar e lhe entregasse a maldita Tigela dos Ventos. As coisas tinham de melhorar.

Quando Mat acordou para a sua terceira manhã no Palácio Tarasin, os dados rolavam em sua cabeça.



CAPÍTULO 29



O FESTIVAL DOS PÁSSAROS

Ao acordar e sentir os dados, Mat cogitou voltar a dormir até que eles desaparecessem, mas por fim, sentindo-se rabugento, acabou por se levantar. Como se já não tivesse mais do que suficiente na cabeça. Ele fez Nerim sair e, enquanto se vestia, comeu o que restava do pão e do queijo da noite anterior e então foi dar uma olhada em Olver. O garoto alternava rompantes em que puxava as roupas com pressa para sair e outros em que parava completamente com a bota ou a camisa na mão e despejava dezenas de perguntas que Mat respondia sem prestar muita atenção. Não, não iam disputar naquele dia, e que se danassem os ricos páreos do Circuito do Paraíso, ao norte da cidade. Talvez fossem ver a exposição de animais. Sim, Mat ia lhe comprar uma máscara com penas para o festival. Caso Olver conseguisse terminar de se vestir. Aquilo o transformou em um furacão.

O que realmente ocupava os pensamentos de Mat eram os malditos dados. Por que tinham voltado a rolar? Ele ainda não sabia nem por que haviam rolado antes!

Quando finalmente ficou pronto, Olver seguiu Mat até a sala de estar, enchendo-o de perguntas que ele só ouvia pela metade, e lhe deu um esbarrão por trás quando Mat empacou. Na mesa, Tylin substituíu o livro que Olver estivera lendo na noite anterior.

— Majestade! — Os olhos de Mat dispararam até a porta que ele havia trancado na véspera, àquela altura escancarada. — Que surpresa.

Ele puxou Olver para a frente, colocando-o entre o seu corpo e o sorriso debochado da mulher. Bem, talvez não fosse exatamente de deboche, mas com certeza parecia ser, naquele momento. Era certo que ela estava contente consigo mesma.

— Eu estava levando Olver para dar uma volta. Para ver o festival. E algum grupo itinerante com animais. Ele quer uma máscara com penas.

Mat tratou de calar a boca para deixar de taramelar e começou a se dirigir à porta, usando o garoto como escudo.

— Sim — murmurou Tylin, observando-o de olhos semicerrados. A mulher não fez nenhum movimento para intervir, mas seu sorriso se acentuou, como se ela estivesse só esperando o pé dele pisar na armadilha. — Bem melhor ele ter uma companhia do que ficar correndo com a molecada por aí, como eu ouço falar que ele faz. Escuta-se uma porção de coisas sobre o seu rapaz. Riselle?

Uma mulher apareceu à porta, e Mat tomou um susto. Uma máscara extravagante cheia de penas azuis e douradas escondia a maior parte do rosto de Riselle, mas as penas do restante da fantasia não escondiam muito mais. Ela era dona do busto mais espetacular que Mat já tinha visto.

— Olver — disse a mulher, prostrando-se de joelhos —, você gostaria de ir comigo ao festival?

Ela segurava uma máscara vermelha e verde de falcão, do tamanho exato para um garoto. Antes que Mat pudesse abrir a boca, Olver se soltou e correu até ela.

— Ah, quero, sim, por favor. Obrigado.

O pestinha ingrato deu risadas enquanto ela amarrava a máscara de falcão no rosto dele e o abraçava contra o peito. De mãos dadas, eles saíram

correndo, deixando Mat boquiaberto.

Ele se recuperou bem rápido quando Tylin disse:

— Sorte sua eu não ser uma mulher ciumenta, meu querido. — Por detrás do cinto dourado e prateado, ela fez surgir a chave de ferro comprida que abria a porta de Mat, e logo em seguida uma outra igual, e balançou as duas para ele ver. — As pessoas sempre guardam chaves numa caixa perto da porta. — Era onde ele havia deixado a dele. — E ninguém pensa que pode existir uma segunda chave. — Uma das chaves voltou para o cinto, a outra girou na fechadura e produziu um sonoro clique antes de se juntar à sua igual. — Venha, cordeirinho. — Ela sorriu.

Aquilo passava da conta. A mulher o acossava, fazia-o passar fome, e agora trancava os dois juntos feito... feito ele nem sabia o quê. Cordeirinho! Lá estavam aqueles malditos dados saracoteando de novo em sua cabeça. Além disso, ele tinha questões importantes para resolver. Os dados nunca o tinham ajudado a encontrar alguma coisa, mas... Mat alcançou a mulher com dois passos largos, pegou-a pelo braço e começou a tatear o cinto dela todo desajeitado em busca das chaves.

— Maldição, eu não tenho tempo para essa... — Ele perdeu o fôlego quando a ponta afiada da adaga da mulher cutucou debaixo do seu queixo e o fez calar a boca e se empertigar todo.

— Tire a mão — ordenou ela com frieza.

Mat conseguiu baixar os olhos para o rosto dela. Tylin já não estava mais sorrindo. Com cuidado, ele soltou o braço da mulher. Ela, porém, não arrefeceu a pressão da lâmina, apenas balançou a cabeça.

— Tsc, tsc. Eu até tento abrir concessões por você ser um forasteiro, gansinho, mas já que você quer jogo duro... Baixe as mãos. Ande. — A ponta da adaga mostrou a direção. Ele preferiu recuar na pontinha dos pés do que ter o pescoço cortado.

— O que você vai fazer? — murmurou ele por entre os dentes. O pescoço esticado deixava sua voz tensa. O pescoço esticado, entre outras coisas. — E então? — Ele poderia tentar segurar o pulso dela. Tinha mãos rápidas. — O que você vai fazer? — Rápidas o bastante, com aquela adaga já na sua garganta? A dúvida era essa. Essa, e a pergunta que fez a ela. Se Tylin pretendesse matá-lo, uma estocada do pulso faria a lâmina penetrar em cheio no cérebro dele. — Trate de me responder! — Não era pânico em sua voz. Ele não estava em pânico. — Majestade? Tylin?

Bem, para chamá-la pelo nome, talvez ele estivesse com um pouco de pânico. Em Ebou Dar, era possível chamar qualquer mulher de “patinha” ou “pudinzinho” e só receber sorrisos, mas chamá-la pelo nome sem autorização causava uma reação mais acalorada do que beliscar uma estranha na rua em qualquer outro lugar. E trocar alguns beijos também nunca servia como forma de permissão.

Tylin não respondeu, só o manteve recuando na ponta dos pés, até que, de repente, os ombros de Mat esbarraram em algo que o fez parar. Com aquela adaga maldita não aliviando nem um tiquinho, ele não tinha como mexer a cabeça, mas seus olhos, que vinham se concentrando só no rosto dela, se desviaram. Os dois estavam no quarto, e um dos postes vermelhos e com flores entalhadas da cama pressionava-lhe bem no meio dos omoplatas. Por que ela o traria...? De uma hora para a outra, o rosto de Mat ficou mais rubro que o poste da cama. Não. Ela poderia estar pensando em... Não era decente! Não era possível!

— Você não pode fazer isso comigo — murmurou ele, a voz ofegante e esganiçada, e com motivo.

— Observe e aprenda, meu gatinho — retrucou Tylin, sacando a faca de casamento.

Um considerável tempo depois, Mat puxou irritadamente o lençol até o peito. Um lençol de seda. Nalesean tinha razão. A Rainha de Altara cantarolava alegremente ao lado da cama, os braços atrás do corpo para fechar os botões do vestido. A única coisa que Mat trajava era o medalhão de cabeça de raposa em seu cordão — para grande coisa *aquele troço* tinha servido — e o cachecol preto amarrado em torno do pescoço. O laço no presente dela, dissera a maldita mulher. Ele rolou pela cama e apanhou seu cachimbo fosco de prata e a bolsinha de *tabac* na mesinha ao lado de Tylin. Pinças douradas e o carvão quente de uma vasilha também dourada cheia de areia forneceram os meios para o acendimento. Com os braços cruzados, ele baforou com a mesma intensidade com que franzia o cenho.

— Não fique se gabando e nem fazendo beicinho, meu patinho. — Tylin puxou a adaga cravada em um ponto do poste da cama, bem ao lado da faca de casamento, e examinou a ponta antes de embainhá-la. — Qual é o problema? Você sabe que aproveitou tanto quanto eu, e eu... — De repente, ela gargalhou, e com gosto, e também embainhou a adaga de casamento. — Se isso é parte do que significa ser *ta'veren*, você deve ser bem popular.

Mat enrubesceu feito fogo.

— Não é certo — explodiu ele, arrancando o cachimbo de entre os dentes. — Eu é que tenho que correr atrás!

Os olhos estupefatos da mulher certamente espelhavam os dele. Fosse Tylin uma taverneira que sorrisse do jeito certo, Mat talvez tivesse tentado a sorte — quer dizer, se a taverneira não tivesse um filho que gostasse de abrir buracos nos outros —, mas era *ele* quem corria atrás. Nunca tinha pensado na coisa daquela maneira antes. Nunca precisara.

Tylin começou a rir, balançando a cabeça e esfregando os olhos.

— Ah, pombinho. Eu vivo mesmo me esquecendo. Agora você está em Ebou Dar. Eu deixei um presentinho para você na sala de estar. — Ela deu

um tapinha no pé dele por cima do lençol. — Coma bem hoje. Você vai precisar de energia.

Mat cobriu os olhos com a mão e se esforçou para não chorar. Quando tirou a mão, ela tinha ido embora.

Ao sair da cama, ele tratou de se enrolar com o lençol. Por algum motivo, a ideia de andar nu lhe era desconfortável. A maldita mulher podia pular de dentro do armário. As roupas que usara estavam jogadas no chão. *Para que se incomodar com laços*, ele pensou com amargura, *quando você pode simplesmente cortar a roupa do outro!* Mas não havia a menor necessidade de retalhar o casaco vermelho dele daquele jeito. Ela apenas se divertira em desnudá-lo com a faca.

Mat abriu o enorme armário vermelho e dourado com a respiração levemente em suspenso. Ela não estava escondida lá dentro. Suas escolhas eram limitadas. Nerim levava a maioria de seus casacos para limpar ou remendar. Vestindo-se depressa, ele escolheu um casaco simples de seda bronze-escura, depois enfiou os farrapos rasgados debaixo da cama o máximo possível, para escondê-los até que tivesse como se desfazer deles sem que Nerim percebesse. Ou qualquer outra pessoa, aliás. Gente demais já sabia de detalhes do que vinha acontecendo entre ele e Tylin; não saberia como encarar alguém que soubesse daquilo.

Na sala de estar, Mat levantou a tampa da caixa laqueada junto à porta e então, com um suspiro, a baixou de novo. Realmente não esperara que Tylin fosse devolver a chave. Ele se escorou na porta. Na porta destrancada. Luz, o que faria? Voltar a morar na estalagem? Que a Luz queimasse o porquê de os dados terem parado antes. Só que ele não descartava a possibilidade de Tylin subornar a Senhora Anan e Enid, e nem a estalajadeira de qualquer lugar para onde ele fosse. Não descartava a ideia de que Nynaeve e Elayne

argumentassem que ele não tinha cumprido algum acordo e dessem um ponto final às promessas que fizeram. Que queimasse todas as mulheres!

Um pacote grande em um elaborado embrulho de papel verde repousava em uma das mesas. Continha uma máscara preta e dourada de águia e um manto coberto com penas combinando. Também havia uma bolsa de seda vermelha com vinte coroas de ouro e um bilhete com perfume de flores.

Eu teria lhe comprado um brinco, leitãozinho, mas percebi que a sua orelha não é furada. Cuide disso, e compre alguma coisa bem bonita para si mesmo.

Mat quase começou a chorar outra vez. *Ele* dava presentes para as *mulheres*. O mundo estava de pernas para o ar! *Leitãozinho*? Ah, Luz! Passado um minuto, ele acabou apanhando a máscara. Ela lhe devia ao menos aquilo, só pelo casaco.

Quando, por fim, chegou ao pequeno pátio sombreado onde vinham se encontrando todas as manhãs junto a uma minúscula lagoa com nenúfares e peixes brancos com pintinhas brilhantes, Mat encontrou Nalesean e Birgitte também preparados para o Festival dos Pássaros. O taireno se contentara com uma máscara verde simples, mas a de Birgitte era uma explosão de vermelho e amarelo com uma crista de plumas, seu cabelo dourado solto estava enfeitado com penas por toda a sua extensão. Ela usava um vestido diáfano sob mais penas vermelhas e amarelas e um cinto amarelo largo. Não era nem de perto tão revelador quanto o de Riselle, mas parecia que deixaria algo à mostra a cada movimento da mulher. Mat nunca a imaginara usando um vestido como as outras mulheres.

— Às vezes é divertido ser admirada — disse ela, cutucando-o nas costelas quando ele comentou a respeito. O sorriso dela foi do mesmo tipo que Nalesean dava ao dizer o quanto era divertido beliscar serviçais. — Ele é bem mais elaborado do que os vestidos que as dançarinas emplumadas

usam, mas não o suficiente para restringir meus movimentos. Mas, em todo caso, não vejo motivo para andarmos rápido aqui neste lado do rio. — Os dados chacoalharam na cabeça de Mat. — Por que você demorou tanto? — prosseguiu ela. — Espero que não tenha nos deixado aqui esperando só para ficar de gracinhas com alguma garota bonita.

Mat esperava que não estivesse ruborizando.

— Eu...

Ele não tinha certeza de que desculpa teria dado, mas, naquele exato momento, meia dúzia de homens usando casacos com penas adentraram o pátio, todos com aquelas espadas estreitas à cintura, usando máscaras elaboradas com cristas coloridas e um bico em formato inexistente na natureza. Exceto por Beslan, que rodopiava sua máscara pela corda.

— Ah, sangue e malditas cinzas, o que ele está fazendo aqui?

— Beslan? — Nalesean fechou a mão no punho da espada e balançou a cabeça, incrédulo. — Ora, que minha alma queime, ele diz que pretende passar o festival na sua companhia. Alguma promessa que vocês fizeram, segundo ele. Eu disse que seria chato de doer, mas ele não quis acreditar em mim.

— Não acredito que ficar perto de Mat possa ser chato nunca — disse o filho de Tylin. A reverência que ele fez abarcou a todos, mas seus olhos escuros se demoraram especialmente em Birgitte. — Eu nunca me diverti tanto quanto no dia em que bebi com ele e a Guardiã de Lady Elayne na Noite de Swovan, embora, verdade seja dita, eu me lembre de pouca coisa.

Ele não pareceu reconhecer a tal Guardiã. Estranhamente, considerando-se o tipo de homem que ela demonstrara apreciar — e a boa aparência de Beslan, talvez boa até demais, nem um pouco o tipo dela —, Birgitte abriu um sorriso discreto e se pavoneou sob o olhar dele.

Naquele instante, Mat não dava a mínima para o comportamento esquisito dela. Ficou óbvio que Beslan não suspeitava de nada, ou aquela sua espada já teria sido sacada, mas a última coisa que Mat queria, sob a Luz, era passar o dia na companhia daquele sujeito. Seria um suplício. Ele tinha algum senso de decência, ainda que a mãe de Beslan não tivesse.

O único problema era Beslan, que encarava com toda a seriedade aquela maldita promessa de irem juntos a todos os festivais e feriados. Quanto mais Mat concordava com Nalesean que seus planos para o dia seriam para além de tediosos, mais determinado Beslan se mostrava. Logo seu rosto começou a ficar sério, e Mat passou a acreditar que aquela espada ainda poderia ser desembainhada. Bem, uma promessa era uma promessa. Quando ele, Nalesean e Birgitte deixaram o palácio, meia dúzia de idiotas empertigados e cheios de penas os acompanharam. Mat estava convicto de que aquilo não teria acontecido se Birgitte estivesse com roupas mais recatadas. Todos eles não paravam de olhar e de sorrir para ela.

— O que foi toda aquela agitação enquanto ele comia você com os olhos? — resmungou Mat enquanto cruzavam a Mol Hara. Ele apertou mais forte a tira que prendia a máscara de águia.

— Não foi agitação nenhuma, eu só me mexi. — A formalidade de Birgitte foi tão descaradamente falsa que, em outra ocasião, ele teria gargalhado. — Sutilmente.

De repente, o sorriso dela voltou, e Birgitte baixou a voz para que só ele escutasse.

— Eu já lhe falei que algumas vezes é divertido ser admirada. Só porque eles são bonitinhos demais não significa que eu não aprecio seus olhares. Ah, você vai gostar de dar uma olhada naquela ali — acrescentou ela, apontando para uma mulher esbelta que passou correndo com uma máscara azul de coruja e bem menos penas do que Riselle usava, mais cedo.

Birgitte tinha aquele jeito; cutucava Mat e apontava uma garota bonita com a mesma presteza de qualquer homem que ele já tinha conhecido, e esperava que ele, por sua vez, apontasse o que ela gostaria de olhar, que era geralmente o homem mais feio das redondezas. Mesmo tendo decidido sair seminua naquele dia — um pouco nua, pelo menos —, ela era... bem, uma amiga. O mundo estava se revelando um lugar estranho. Estava começando a ver uma mulher como companhia de bebidas, e outra corria atrás dele com o mesmo ímpeto que Mat tinha ao correr atrás de qualquer mulher bonita, fosse naquelas lembranças antigas ou nas dele próprio. Com *mais* ímpeto. Ele nunca fora atrás de uma mulher que lhe dissesse que não o queria. Um mundo muito estranho.

O sol se encontrava a pouco mais da metade do caminho até o ponto mais alto, mas celebrantes já tomavam as ruas, praças e pontes. Acrobatas, malabaristas e músicos com penas costuradas em suas indumentárias se apresentavam em cada esquina, a música em geral abafada pelas gargalhadas e pela gritaria. Para a gente mais pobre, umas poucas penas amarradas no cabelo já bastavam, penas de pombo recolhidas do calçamento no caso das crianças de rua correndo de um lado e para o outro, e dos mendigos, mas as máscaras e fantasias iam ficando mais elaboradas conforme as bolsas iam ganhando peso. Mais elaboradas e, frequentemente, mais escandalosas. Tanto homens quanto mulheres estavam enfeitados com penas que deixavam mais corpo à mostra do que no caso de Riselle ou daquela mulher na Mol Hara. Naquele dia, nenhum comércio se deslocava pelas ruas e canais, apesar de várias lojas darem a impressão de estarem abertas — além de todas as tavernas e estalagens, claro. No entanto, aqui e ali um carroção abria caminho em meio à turba ou alguém conduzia uma barça com um tablado onde rapazes e garotas se exibiam com máscaras brilhantes de pássaros que cobriam toda a cabeça, com cristas que por vezes

se erguiam até uma passada, agitando compridas asas coloridas de tal forma que o restante da fantasia só ficava exposto por alguns poucos instantes. O que era preferível, aliás.

Segundo Beslan, essas ambientações, como eram chamadas, costumavam ser apresentadas em salões de guildas e em casas e palácios privados. No geral, o festival como um todo ocorria majoritariamente em ambientes fechados. Não nevava em Ebou Dar, nem quando o clima estava frio — Beslan disse que gostaria de um dia ver essa tal neve —, mas aparentemente o inverno comum era frio o suficiente para evitar que as pessoas saíssem correndo ao relento quase despidas. Com o calor, tudo estava tomando as ruas. Espere até a noite cair, disse Beslan, e então Mat veria só. Quando a luz do sol se dissipou, as inibições se dissiparam também.

Encarando uma mulher alta e esbelta que planava em meio à multidão com uma máscara, uma capa cheia de penas e, tirando isso, só umas seis ou sete penas a mais, Mat ficou se perguntando que inibições algumas daquelas pessoas ainda teriam para perder. Ele quase gritou para ela se cobrir com aquela capa. Era bonita, mas na *rua*, diante da Luz e de todo mundo?

Os carroções transportando as ambientações atraíam seguidores, claro; grupos compactos de homens e mulheres que berravam e gargalhavam enquanto arremessavam moedas, e às vezes bilhetes dobrados, nos carroções, e espremiavam todos os que estivessem pela rua. Mat se acostumou a fugir a passos rápidos até que tivessem como pegar alguma rua transversal, ou a esperar até que a ambientação passasse para cruzar uma interseção ou uma ponte. Enquanto esperavam, Nalesean e Birgitte jogavam moedas para pivetes imundos e mendigos mais sujos ainda. Bem, Nalesean jogava. Birgitte se concentrava nas crianças e botava cada moeda naquelas mãos encardidas como se fosse um presente.

Em uma dessas esperas, Beslan segurou subitamente o braço de Nalesean, erguendo a voz acima do barulho da multidão e da cacofonia de músicas que vinham de pelo menos seis locais diferentes.

— Me perdoe, taireno, mas para ele, não.

Um homem esfarrapado se esgueirou de volta para o meio da turba, cheio de cautela. Esquelético e com bochechas macilentas, já parecia ter perdido quaisquer míseras penas que pudesse ter encontrado para pôr no cabelo.

— Por que não? — quis saber Nalesean.

— Ele não tem um anel de latão no dedo mínimo — explicou Beslan. — Ele não é da guilda.

— Luz! — disse Mat. — Um homem não pode nem mendigar nesta cidade sem pertencer a uma guilda?

Talvez tenha sido seu tom de voz. O mendigo pulou na garganta dele, uma faca surgindo em seu punho imundo. Sem pensar, Mat segurou o braço do homem e o girou, arremessando-o no meio da multidão. Algumas pessoas xingaram Mat, outras xingaram o mendigo estatelado. Houve quem jogasse uma moeda para o sujeito.

Pelo canto do olho, Mat avistou um segundo homem esquelético trajando farrapos tentando afastar Birgitte do caminho para alcançá-lo com uma faca comprida. Foi um erro bobo subestimar a mulher por conta de sua fantasia. De algum lugar em meio àquelas penas, ela fez surgir uma faca e golpeou o homem debaixo do braço.

— Cuidado! — gritou Mat, mas não havia tempo para alertas.

Mesmo enquanto gritava, ele sacou da manga do casaco e lançou com um movimento lateral. A lâmina passou zunindo pelo rosto de Birgitte e se enterrou na garganta de mais um mendigo armado antes que ele pudesse enfiar a faca nas costelas dela.

De uma hora para a outra, por toda parte havia mendigos com facas ou porretes cravejados de pregos. Os gritos e berros se intensificaram à medida que pessoas com máscaras e fantasias saíam do caminho aos trancos e barrancos. Nalesean retalhou o rosto de um homem, fazendo-o recuar. Beslan perfurou a barriga de mais um, enquanto seus camaradas fantasiados brigavam com outros mais.

Mat não teve tempo de se concentrar em mais nada. Ele se pegou costas com costas com Birgitte e de frente para os próprios adversários. Conseguia sentir o movimento dela contra seu corpo, ouvir seus palavrões murmurados, mas mal prestava atenção. Birgitte era capaz de se virar sozinha e, analisando os dois homens à sua frente, ele não estava convicto de que fosse capaz do mesmo. O sujeito gigantesco de sorriso desdentado só tinha um dos braços e uma cavidade enrugada onde um dia ficara seu olho esquerdo, mas seu punho segurava um porrete de dois pés de comprimento, rodeado por tiras de ferro de onde desabrochavam pregos feito espinhos de aço. Seu parceirinho com cara de rato ainda tinha os dois olhos e vários dentes, e apesar das bochechas fundas e de braços que pareciam ser só osso e tendão, se movia feito uma cobra, lambendo os lábios e jogando uma adaga enferrujada de uma mão para a outra. Mat apontou a faca curta que tinha na mão primeiro para um, depois para o outro. Ainda era longa o bastante para atingir os órgãos vitais de um homem, e os dois dançavam e se remexiam, um esperando o outro saltar primeiro em cima dele.

— O Velho Cully não vai gostar disso, Spar — rosnou o maior, no que o Cara de Rato partiu para cima, a lâmina enferrujada saltando de mão a mão.

Ele não contava com a faca que apareceu de repente na mão esquerda de Mat e lhe abriu um talho no pulso. A adaga do homem retiniu nos paralelepípedos, mas o sujeito mesmo assim se atirou em cima dele.

Quando a outra lâmina de Mat cravou-lhe o peito, ele soltou um grunhido, os olhos se esbugalhando e os braços se enroscando convulsivamente em torno de Mat. O sorriso de desdém do careca se alargou, e ele ergueu o porrete ao dar um passo à frente.

O ar de riso desapareceu assim que dois mendigos pularam cima dele, rosnando e apunhalando.

Olhando com incredulidade, Mat empurrou o cadáver do Cara de Rato para longe. Exceto pelos combatentes, a rua estava livre por um trecho de cinquenta passadas, e por toda parte mendigos rolavam pelo calçamento, dois, três ou às vezes até quatro esfaqueando uma única pessoa e golpeando-a com porretes ou pedras.

Beslan pegou Mat pelo braço. Havia sangue em seu rosto, mas ele estava sorrindo.

— Vamos sair daqui e deixar a Sociedade da Esmola resolver seus negócios. Não é honroso lutar com mendigos, e, além disso, a guilda não vai deixar nenhum desses transgressores vivos. Venha comigo.

Nalesean estava com um semblante carrancudo — sem dúvida também não via honra alguma em lutar com mendigos —, e os amigos de Beslan, vários com as fantasias desgrenhadas e um deles sem máscara para que um outro pudesse olhar um corte em sua testa. O homem com o corte também estava sorrindo. Birgitte não tinha um único arranhão à vista, e sua fantasia parecia tão intacta quanto estivera ainda no palácio. Ela deu um sumiço em sua faca. Não havia como esconder uma lâmina por debaixo daquelas penas, mas ela escondeu.

Mat não protestou ao ser afastado, mas resmungou:

— Os mendigos sempre saem por aí atacando as pessoas aqui nesta... cidade?

Beslan talvez não gostasse de ouvi-lo chamá-la de maldita cidade. O homem riu.

— Você é *ta'veren*, Mat. Sempre há agitação por perto de *ta'veren*.

Mat sorriu de volta, rangendo os dentes. Tolo maldito, cidade maldita, e *ta'veren* maldito. Bem, se um mendigo lhe rasgasse a garganta, ele não teria de voltar ao palácio e permitir que Tylin o descascasse feito uma pera madura. Parando para pensar, ela o chamara de perinha. Maldito lugar! A rua entre a oficina do tintureiro e A Rosa do Eldar ainda contava sua cota de farristas, embora não muitos escassamente vestidos. Aparentemente, era preciso ter dinheiro para sair quase nu. Apesar de os acrobatas em frente à casa do mercador logo na esquina chegarem perto; os homens estavam descalços e com o peito despido, trajando calças apertadas de cores brilhantes, e as mulheres usavam calças ainda mais justas e blusas finas. Todos traziam algumas penas no cabelo, assim como os músicos que tocavam na frente de um palacete na esquina mais distante; uma mulher com uma flauta, outra soprando um tubo alto e retorcido coberto de alavancas, e um sujeito batendo com toda a força num tambor. A casa que eles tinham ido vigiar estava muito bem fechada.

O chá d'A Rosa estava ruim como sempre, o que significava que tinha um gosto bem melhor que o do vinho. Nalesean se manteve na amarga cerveja local. Birgitte agradeceu sem dizer pelo quê, e Mat deu de ombros em silêncio; eles sorriram um para o outro e fizeram um brinde. O sol subia, e Beslan ficou sentado apoiando uma das botas na ponta da outra, e em seguida ao contrário, mas seus colegas começaram a se mostrar inquietos, não importava a frequência com que ele ressaltava que Mat era *ta'veren*. Uma pancadaria com mendigos não era lá um grande motivo para empolgação, a rua era estreita demais para qualquer ambientação passar, as mulheres não eram tão bonitas quanto em outros locais, e até olhar para

Birgitte pareceu perder a graça depois que eles se deram conta de que ela não pretendia beijar nenhum deles. Com protestos queixosos pelo fato de Beslan não ir junto, os rapazes trataram de partir em busca de algo mais excitante. Nalesean deu uma volta pela viela ao lado do tintureiro e Birgitte desapareceu no interior escuro d'A Rosa para verificar, segundo ela, se havia qualquer coisa mais adequada para beber escondida em algum cantinho esquecido.

— Eu nunca imaginei ver uma Guardiã vestida assim — confessou Beslan, mudando a posição das botas.

Mat ficou confuso. O sujeito tinha olhos aguçados. Ela não tirara a máscara nenhuma vez. Bem, contanto que ele não soubesse a respeito da...

— Eu acho que você vai fazer bem para a minha mãe, Mat.

Engasgado, Mat cuspiu chá nos transeuntes. Vários olharam para ele com raiva, e uma mulher esbelta com um busto pequeno e bonito lhe abriu um sorriso recatado por detrás de uma máscara azul que ele achou que pudesse ser de uma cambaxirra. Quando Mat não lhe sorriu de volta, ela bateu o pé e saiu andando. Por sorte, ninguém ficou suficientemente zangado para ir além de algumas encaradas, e todos também tomaram seu rumo. Ou talvez por azar. Ele não teria se importado se uns seis ou oito pulassem em cima dele ali mesmo.

— Como assim? — disse Mat, a voz rouca.

Beslan se virou para ele com os olhos arregalados de surpresa.

— Ora, por ela ter escolhido você como seu belo, claro. Por que você está com o rosto tão vermelho? Está com raiva? Por que...? — De repente, ele deu um tapinha na testa e gargalhou. — Você acha que eu vou ficar com raiva. Me perdoe, eu esqueço que você é estrangeiro. Ela é minha mãe, Mat, não minha esposa. Papai morreu há dez anos e ela sempre afirmou que vivia

ocupada demais. Estou contente por ela ter escolhido alguém de quem eu gosto. Aonde você vai?

Mat só percebeu que estava de pé quando Beslan falou.

— Eu só... preciso desanuviar a mente.

— Mas você está bebendo chá, Mat.

Ele desviou de uma liteira verde e entreviu a porta da casa aberta e uma mulher com uma capa cheia de penas azuis por cima do vestido sair para a rua. Sem pensar — sua cabeça estava girando muito para pensar com clareza —, ele tratou de ir atrás dela. Beslan *sabia*! Ele *aprovava*! Era a mãe dele, e ele...

— Mat? — gritou Nalesean às costas dele. — Aonde você vai?

— Se eu não voltar até amanhã — gritou Mat de volta por cima do ombro, distraído —, avise para elas que elas vão ter que encontrar sozinhas!

Atordado, Mat continuou andando atrás da mulher sem ouvir se Nalesean ou Beslan tornaram a chamar. O homem *sabia*! Ele se lembrou de pensar certa vez que tanto Beslan quanto a mãe eram malucos. Eram mais que isso! Ebou Dar inteira era maluca! Mat mal se deu conta de que os dados ainda rodopiavam em sua cabeça.

* * *

De uma janela na sala de conferências, Reanne observou Solain sumir rua abaixo em direção ao rio. Um sujeito com um casaco cor de bronze seguiu seu rastro, mas, se tentasse impedi-la, não demoraria a descobrir que Solain não tinha tempo para homens, e nenhuma paciência com eles.

Reanne não tinha certeza do porquê de seu ímpeto ter ficado tão forte naquele dia. Durante vários dias, ele surgira pela manhã e se dissipara junto com o sol, e durante vários dias ela lutara — pelas regras estritas que elas

não ousavam chamar de leis, aquela ordem foi dada na meia-lua, ainda cinco noites adiante —, mas naquele dia... Ela proferira a ordem antes mesmo de pensar e fora incapaz de se fazer voltar atrás a tempo. Ficaria tudo bem. Ninguém tinha visto o menor sinal daquelas duas jovens tolas que diziam ser Elayne e Nynaeve em nenhum ponto da cidade. Graças à Luz, não houvera necessidade de correr riscos.

Com um suspiro, ela se virou para as outras, que esperaram até que ela tomasse seu assento para poderem se sentar. Ficaria tudo bem, como sempre ficara. Os segredos seriam mantidos, como sempre haviam sido. Mas ainda assim... Ela não tinha o talento da Previsão nem nada desse tipo, mas podia ser que aquele ímpeto avassalador estivesse lhe dizendo algo. Doze mulheres observavam-na com expectativa.

— Acho que devíamos pensar em levar todas que não usam o cinto para passar um tempinho na fazenda.

Houve pouca discussão; elas eram as Anciãs, mas ela era a Anciã-mor. Naquela situação, pelo menos, não havia perigo em se comportar como Aes Sedai.



CAPÍTULO 30



A PRIMEIRA XÍCARA

— Eu não entendo — protestou Elayne. Não haviam lhe oferecido uma cadeira. Na verdade, quando ela fez menção de se sentar, disseram-lhe com rudeza para que permanecesse de pé. Cinco pares de olhos cravados nela, cinco mulheres com semblantes firmes e emburrados. — Vocês estão agindo como se nós tivéssemos feito algo *terrível*, sendo que o que *fizemos* foi encontrar a Tigela dos Ventos!

Pelo menos estavam em vias de encontrar, ela esperava. A mensagem que Nalesean trouxera correndo não fora muito clara. Mat saíra bradando que a encontrara. Ou algo bem próximo a isso, Nalesean achava. Quanto mais ele falava, mais oscilava entre a dúvida e a convicção absoluta. Birgitte continuara vigiando a casa de Reanne. Parecia estar encalorada e entediada. Em todo caso, as coisas estavam andando. Elayne se perguntou como Nynaeve estaria se saindo. Melhor que ela, esperava. Certamente jamais imaginara aquilo quando revelou o sucesso que tiveram.

— Vocês colocaram em perigo um segredo mantido por todas as mulheres que usaram o xale ao longo de mais de dois mil anos. — Merilille estava sentada com as costas eretas, a serenidade quase abandonada, seus lábios pressionados, à beira silenciosa de um colapso. — Vocês devem ter enlouquecido! Só a loucura serviria como desculpa para isso!

— Que segredo? — questionou Elayne.

Vandene, flanqueando Merilille com sua irmã, remexeu com irritação nas saias de seda verde-claras e disse:

— Você descobrirá quando for propriamente elevada, criança. Achei que tivesse algum juízo.

Adeleas, usando lã cinza-escura com enfeites marrom-escuros, anuiu, espelhando a desaprovação de Vandene.

— A criança não pode ser culpada por revelar um segredo do qual não sabia — disse Careane Fransi, à esquerda de Elayne, ajeitando seu corpo volumoso na poltrona verde e dourada. Não chegava a ser corpulenta, mas por pouco, com ombros tão largos e braços tão grossos quanto os da maior parte dos homens.

— A lei da Torre não permite desculpas — argumentou Sareitha, em um tom meio arrogante, seus olhos castanhos, habitualmente inquisitivos, inflexíveis. — Assim que começarmos a aceitar meras desculpas, será inevitável que desculpas cada vez mais estapafúrdias sejam permitidas, até que a própria lei já não exista mais.

Sua cadeira de encosto alto estava à direita. Era a única de xale, mas a sala de Merilille fora arrumada como um tribunal, embora nenhuma delas estivesse chamando aquilo de julgamento. Até aquele momento, pelo menos. Merilille, Adeleas e Vandene confrontavam Elayne feito juízas, a cadeira de Sareitha estava posicionada onde ficaria o Assento de Repreensão, e a de Careane, o Assento do Perdão, mas a domanesa Verde, que deveria ser sua defensora, aquiescia pensativa enquanto a tairana Marrom, que devia ser a acusação, prosseguia.

— Ela mesma já admitiu culpa. Recomendo que a criança fique confinada no palácio até irmos embora, e com um belo trabalho pesado para lhe ocupar a mente e as mãos. Também recomendo uma dose firme de

chineladas em intervalos regulares para lembrá-la de não tramar por aí pelas costas das irmãs. E o mesmo para Nynaeve, assim que a encontrarmos.

Elayne engoliu em seco. Confinada? Elas não precisavam chamar aquilo de julgamento para que fosse um julgamento. Sareitha podia até ainda não ter adquirido o rosto de idade indefinida, mas a idade das outras mulheres fazia peso sobre Elayne. Adeleas e Vandene com seus cabelos quase brancos e seus rostos de idade indefinida transpareciam seus muitos anos. O cabelo de Merilille era preto brilhoso, mas Elayne não teria ficado surpresa de descobrir que a mulher estava usando o xale há tanto tempo ou mais do que a maioria das mulheres que não eram Aes Sedai vivia. O mesmo valia para Careane. Nenhuma delas chegava perto da força que Elayne possuía no Poder, mas... Toda aquela experiência como Aes Sedai, todo aquele conhecimento. Toda aquela... autoridade. Um lembrete contundente de que ela só tinha dezoito anos e de que, menos de um ano atrás, usara o branco das noviças.

Careane não fez nenhum movimento para refutar as sugestões de Sareitha. Talvez fosse melhor ela mesma cuidar da sua defesa.

— Está claro que esse segredo ao qual se referem tem alguma relação com o Círculo, mas...

— A Confraria não é da sua conta, criança — interrompeu Merilille bruscamente. Respirando fundo, a mulher alisou as saias cinza-prateadas com detalhes em ouro. — Proponho definirmos a sentença — disse ela, a voz gélida.

— Concordo, e defiro à sua decisão — disse Adeleas, encarando Elayne de cenho franzido em decepção e meneando a cabeça.

Vandene gesticulou com desdém.

— Concordo e defiro. Mas estou de acordo com o Assento da Repreensão. — O olhar de Careane podia até conter uma nesga de simpatia.

Uma nesga, quem sabe.

Merilille abriu a boca.

A batida tímida à porta pareceu bastante alta naquele tenso silêncio momentâneo.

— O que é isso, sob a Luz? — resmungou Merilille com raiva. — Eu falei para Pol não deixar ninguém nos incomodar. Careane?

Não a mais jovem, mas a que tinha menos poder, Careane se levantou e foi deslizando até a porta. Apesar de grande, ela sempre se movia feito um cisne.

Foi a própria Pol, criada de Merilille, que entrou e fez reverências para a esquerda e a direita. Mulher esbelta e de cabelos grisalhos que costumava ser dona de uma dignidade que rivalizava com a da sua senhora, ela agora exibia um cenho franzido ansioso, o que não era de surpreender após ter desrespeitado as instruções de Merilille. Elayne não ficava tão feliz por ver alguém desde... desde que Mat Cauthon apareceu na Pedra de Tear. Um pensamento horrendo. Se Aviendha não dissesse em breve que ela já tinha cumprido *toh* suficiente, Elayne talvez arriscasse pedir para o homem lhe dar umas pancadas e ver se isso encerrava aquela agonia.

— A própria Rainha trouxe isto — anunciou Pol com a voz ofegante, estendendo uma carta lacrada com um grande selo de cera vermelha. — Ela disse que, se eu não a entregasse imediatamente para Elayne, ela mesma a traria. Disse que é sobre a mãe da criança.

Elayne quase rangeu os dentes. Todas as serviçais das irmãs tinham aderido ao modo como suas senhoras chamavam ela e Nynaeve, ainda que raramente em suas caras.

Furiosa, ela tomou a carta sem esperar a permissão de Merilille — se é que a mulher teria permitido — e rompeu o lacre com o polegar.

Milady Elayne,

Cumprimento a Filha-herdeira de Andor com notícias alegres. Acabo de descobrir que sua mãe, a Rainha Morgase, está viva e é, no momento, hóspede de Pedron Niall em Amador. Ela deseja, mais que tudo, voltar a estar perto de você para que as duas possam retornar juntas a Andor em triunfo. Ofereço escolta por entre os bandidos que agora infestam Altara, para que você possa estar ao lado da sua mãe em segurança e com toda a ligeireza. Perdoe estas poucas e parcas palavras, escritas às pressas, mas sei que você gostaria de ficar sabendo o mais rápido possível dessa notícia maravilhosa. Até o momento em que eu possa deixá-la ao lado da sua mãe.

Lacrado à Luz,

Jaichim Carridin

O papel se amassou todo em seu punho. Como ele *ousava*? A dor da morte de sua mãe, sem ter nem mesmo um corpo para enterrar, estava começando a arrefecer, e Carridin *ousava* zombar dela daquela maneira? Abraçando a Fonte Verdadeira, ela arremessou aquelas mentiras vis para longe e canalizou. O fogo se acendeu em pleno ar, tão quente que apenas restos de cinzas caíram nos ladrilhos azuis e dourados do piso. Isso foi para Jaichim Carridin. E para aquelas... mulheres! O orgulho de mil anos de rainhas andorianas transformou sua determinação em aço.

Merilille se pôs de pé de repente.

— Não lhe foi dada permissão para canalizar! Trate de soltar a...!

— Saia, Pol — advertiu Elayne. — Já.

A serviçal a encarou, mas a mãe de Elayne lhe ensinara muito bem a ter voz de comando, a voz de uma rainha em seu trono. Pol fez uma mesura e, antes mesmo de perceber, já estava saindo. No meio do caminho, hesitou

por um instante, depois saiu apressada e bateu a porta atrás de si. O que quer que estivesse prestes a acontecer dizia respeito, claramente, apenas às Aes Sedai.

— O que deu em você, criança? — Uma fúria crua acabou com quaisquer vestígios da calma que Merilille readquirira. — Largue a Fonte imediatamente, ou eu juro que eu mesma vou buscar um chinelo!

— Eu sou Aes Sedai.

As palavras saíram feito o inverno, como Elayne desejava. As mentiras de Carridin, e aquelas mulheres. Merilille ameaçou lhe dar *chineladas*? Elas iam reconhecer sua posição de direito como irmã. Ela e Nynaeve tinham encontrado a Tigela! Ou quase, em todo caso, e as providências para o seu uso já estavam em curso.

— Vocês propõem me punir por ter colocado em risco um segredo que aparentemente só as irmãs conhecem, mas ninguém se deu o trabalho de me falar sobre esse segredo quando eu tomei o xale. Vocês sugerem me punir feito uma noviça ou uma Aceita, mas eu sou uma Aes Sedai. Fui elevada ao xale por Egwene al’Vere, a Amyrlin a quem dizem servir. Se vocês negarem que eu e Nynaeve somos Aes Sedai, então estão negando o Trono de Amyrlin que me mandou vir até aqui encontrar a Tigela dos Ventos, o que nós fizemos. Não vou aceitar isso! Exijo explicações, Merilille Ceandevin. Submeta-se à vontade do Trono de Amyrlin, ou *eu* vou solicitar que *você* seja julgada como traidora rebelde!

Os olhos de Merilille se esbugalharam e sua boca se escancarou, mas a mulher tinha um aspecto sereno em comparação com Careane ou Sareitha, que pareciam prestes a se sufocar de tanta incredulidade. Vandene parecia ligeiramente surpresa, um dedo pensativo pressionando os lábios, os olhos levemente arregalados, enquanto Adeleas estava inclinada para a frente e analisava Elayne como se a estivesse vendo pela primeira vez.

Canalizando, Elayne fez uma das poltronas flutuar até onde estava, se sentou e arrumou as saias.

— Você também pode se sentar, Merilille. — Ela ainda usava a voz de comando, que parecia ser a única maneira de fazê-las dar ouvidos, mas ficou assustada quando Merilille realmente se sentou bem devagar, encarando-a com os olhos saltados.

Por fora, Elayne mantinha uma aparência calma e tranquila, mas, por dentro, a raiva borbulhava. Não, *fervia*. Segredos. Ela sempre achara que as Aes Sedai mantinham segredos demais, mesmo umas das outras. Especialmente umas das outras. Verdade que ela mesma mantinha alguns, mas só por necessidade, e não de alguém que precisasse saber. E aquelas mulheres haviam pensado em puni-la!

— A sua autoridade advém do Salão da Torre, Merilille. A minha e a de Nynaeve, do Trono de Amyrlin. A nossa suplanta a sua. De agora em diante, você recebe instruções de Nynaeve ou de mim. Claro que nós vamos ouvir com atenção qualquer conselho que você puder dar. — Ela havia pensado que os olhos de Merilille tinham se esbugalhado antes, mas naquele momento...

— Impossível — balbuciou a Cinza. — Você é...

— Merilille! — repreendeu Elayne com contundência, inclinando-se à frente. — Você ainda nega a autoridade da sua Amyrlin? Você ainda *ousa*?

A boca de Merilille se moveu sem produzir sons. Ela umedeceu os lábios. Balançou a cabeça a esmo. Elayne sentiu um frêmito de júbilo; a conversa sobre Merilille receber instruções e tudo o mais era pura bobagem, claro, mas ela *ia* ser reconhecida. Tanto Thom quanto sua mãe diziam que era preciso começar pedindo dez para receber um. Ainda assim, aquilo não foi o bastante para sublimar sua raiva. Elayne tinha uma ligeira vontade de ir pessoalmente buscar um chinelo e ver até onde seria capaz de levar

aquilo. Só que isso estragaria tudo. Elas acabariam por se lembrar bem rápido da sua idade e de quão pouco tempo havia que tinha tirado o vestido de noiva. Poderiam até começar a vê-la de novo como uma criança tola. Pensamento que lhe atçou mais uma vez a fúria. Mas ela se contentou em continuar assim:

— Enquanto você, Merilille, pensa bem quietinha no que mais eu deveria saber, sendo Aes Sedai, Adeleas e Vandene vão me instruir a respeito desse segredo que eu coloquei em risco. Você está querendo me dizer que a Torre sabia do Círculo, dessa Confraria, como vocês chamam, desde o início?

Pobre Reanne e suas esperanças de evitar a atenção das Aes Sedai...

— Sabíamos o que deu para descobrir, uma vez que elas mantêm distância das irmãs — respondeu Vandene. Com cuidado. Ela analisava Elayne com tanta atenção quanto sua irmã. Embora fosse uma Verde, ela tinha muitos dos mesmos maneirismos de Adeleas. Careane e Sareitha pareciam estupefatas, seus olhos descrentes alternando entre a silenciosa e ruborizada Merilille e Elayne.

— Mesmo durante as Guerras dos Trollocs, algumas mulheres fracassavam em seus testes, não demonstravam força suficiente ou eram mandadas embora da Torre por qualquer um dos motivos de sempre. — Adeleas adotara um tom professoral, mas não ofensivo. As Marrons costumavam agir assim quando davam explicações. — Dadas as circunstâncias, não chega a surpreender que várias delas temessem correr o mundo sozinhas, nem que tenham fugido para Barashta, como então se chamava a cidade que existia aqui. Apesar da parte principal de Barashta ter sido, claro, onde hoje fica o Rahad. Não que uma única pedra de Barashta ainda esteja de pé. As Guerras dos Trollocs só foram cercar Eharon já no

final, mas, no fim das contas, Barashta caiu tão completamente quanto Barsine, ou Shaemal, ou...

— A Confraria... — interrompeu Vandene de maneira gentil. Adeleas a olhou, distraída, e então aquiesceu.

— ...A Confraria persistiu mesmo após a queda de Barashta, da mesma forma como fazia antes, admitindo bravias e mulheres expulsas da Torre.

Elayne franziu o cenho. A Senhora Anan também tinha dito que a Confraria admitia bravias, mas a maior ansiedade de Reanne parecera ser fazer com que ela e Nynaeve provassem que não eram bravias.

— Ninguém jamais permaneceu por muito tempo — acrescentou Adeleas. — Cinco anos, talvez dez. Nem no passado nem no presente, suponho. Assim que se dão conta de que seu grupinho não tem como substituir a Torre Branca, elas se afastam e se tornam Sabedorias ou Curandeiras de aldeias, ou algo do tipo, ou às vezes simplesmente se esquecem do Poder, param de canalizar e passam a se dedicar a um ofício ou ao comércio. Em todo caso, elas desaparecem, digamos assim.

Elayne se perguntou como alguém podia se esquecer do Poder Único dessa maneira. O ímpeto de canalizar, a tentação da Fonte, estavam sempre presentes depois que se aprendia como usar o Poder. As Aes Sedai, no entanto, pareciam mesmo acreditar que algumas mulheres eram capazes de simplesmente deixar aquilo para trás tão logo ficassem sabendo que não se tornariam Aes Sedai.

Vandene tornou a assumir a explicação. Era frequente as irmãs falarem alternadamente, cada qual continuando naturalmente de onde a outra havia parado.

— A Torre sabe da Confraria quase que desde o começo, talvez dos primórdios. De início, sem dúvida, as Guerras tiveram prioridade. E apesar de se intitularem uma *Confraria*, elas fizeram exatamente o que nós

queríamos que aquelas mulheres fizessem. Elas se mantêm escondidas, ocultam até mesmo o fato de que sabem canalizar, e não atraem a menor atenção para si. Ao longo dos anos, chegaram até a passar adiante uma denúncia, em segredo, é claro, e com cuidado, quando uma delas encontrava uma mulher que reivindicava falsamente o xale. Você falou alguma coisa?

Elayne balançou a cabeça.

— Careane, ainda tem algum chá naquele bule? — disse ela. Careane tomou um leve susto. — Acho que Adeleas e Vandene podem precisar molhar a garganta.

A domanesa sequer olhou para Merilille, que ainda tinha o olhar fixo, antes de ir até a mesa onde estavam as xícaras e o bule de prata.

— Isso não explica o porquê — prosseguiu Elayne. — Por que saber a respeito delas é um segredo tão resguardado? Por que a Confraria não foi dispersada há muito tempo?

— Ora, por causa das fugitivas, é claro. — Adeleas falou como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. — É verdade que outros grupos foram desbaratados assim que soubemos deles, o último há cerca de duzentos anos, mas a Confraria de fato se mantém pequena e discreta. Esse último grupo se chamou Filhas do Silêncio, mas elas não tinham nada de silenciosas. Eram só vinte e três no total, bravias reunidas e de certo modo treinadas por uma dupla de antigas Aceitas, mas elas...

— Fugitivas — disse Elayne, aceitando uma xícara de Careane com um sorriso de agradecimento. Ela não chegara a pedir chá para si, mas notou distraidamente que a mulher oferecera a primeira xícara para ela. Vandene e sua irmã haviam falado um bocado sobre fugitivas no caminho até Ebou Dar.

Adeleas hesitou, depois tratou de retomar o assunto.

— A Confraria ajuda fugitivas. Elas sempre têm duas ou três mulheres vigiando em Tar Valon. Para começo de conversa, elas abordam praticamente todas as mulheres que são expulsas, e de forma bastante circunspecta. E também acabam encontrando todas as fugitivas, sejam elas noviças ou Aceitas. Ninguém conseguiu sair da ilha sem a ajuda delas desde as Guerras dos Trollocs.

— Ah, sim — concordou Vandene quando Adeleas fez uma pausa para pegar uma xícara com Careane. O chá fora oferecido primeiro a Merilille, mas a mulher ainda estava desmoronada na cadeira com um olhar vazio. — Se alguém consegue mesmo escapar, ora, nós sabemos exatamente onde procurar, e quase sempre essa fugitiva acaba voltando para a Torre desejando nunca ter criado asas. Contanto que a Confraria não saiba que nós sabemos, em todo caso. Quando isso acontecer, vamos voltar aos dias antes da Confraria, quando uma mulher fugindo da Torre podia seguir qualquer direção. Os números eram bem maiores naquela época, de Aes Sedai, Aceitas, noviças e fugitivas, e, em alguns anos, duas de cada três escapavam com sucesso, três de cada quatro em outros anos. Usando a Confraria, recuperamos pelo menos nove de cada dez. Dá para entender por que a Torre preservou a Confraria e seu segredo como joias preciosas.

Elayne entendia. Uma mulher só se livrava da Torre Branca quando a Torre se livrava dela. Além do mais, não fazia mal à reputação de infalibilidade da Torre que ela sempre apanhasse as fugitivas. Quase sempre. Bem, agora ela sabia.

Ela se levantou e, para o seu espanto, Adeleas também ficou de pé, bem como Vandene, gesticulando para dispensar o chá que Careane oferecia, e Sareitha. Até Merilille, após um momento. Todas a olharam cheias de expectativa, inclusive Merilille.

Vandene percebeu o espanto de Elayne e sorriu.

— Tem uma outra coisa que você talvez não saiba. Nós, Aes Sedai, somos pessoas contenciosas de muitas maneiras; uma tem ciúme da posição e das prerrogativas da outra. Mas quando alguém é colocada ou está acima de nós, nossa tendência é segui-la com docilidade na maior parte do tempo. Independentemente de resmungarmos das decisões dela em âmbito privado.

— Ora, é isso mesmo — murmurou Adeleas em um tom feliz, como se tivesse acabado de descobrir algo.

Merilille respirou fundo, concentrando-se por alguns instantes em endireitar as saias.

— Vandene tem razão. Você, só por ser quem é, está acima de nós, e eu tenho que admitir que, aparentemente, também foi colocada acima de nós. Se o nosso comportamento suscita penitências... Bem, você vai nos dizer. No que devemos segui-la, se me permite a pergunta? — Não houve sarcasmo em nenhuma palavra. Se tanto, seu tom foi mais educado do que Elayne jamais ouvira sair de sua boca.

Elayne pensou que qualquer Aes Sedai na história teria ficado orgulhosa de como ela controlou suas feições naquele momento. Tudo que queria era que aquelas mulheres admitissem que ela realmente era uma Aes Sedai. Lutou contra um ímpeto momentâneo de protestar que era jovem demais, inexperiente demais. “Não se pode colocar o mel de volta no favo”, Lini costumava dizer quando ela ainda era garotinha. Egwene não era mais velha.

Elayne inspirou e abriu um sorriso caloroso.

— A primeira coisa a ter em mente é que todas nós *somos* irmãs, em todos os sentidos da palavra. Precisamos trabalhar juntas. A Tigela dos Ventos é importante demais para não fazermos isso. — Esperava que todas assentissem com igual entusiasmo quando ela lhes falasse sobre as intenções de Egwene. — Talvez devêssemos nos sentar de novo.

Elas esperaram que Elayne se sentasse antes de voltarem a se acomodar em seus assentos. Esperava que Nynaeve estivesse se saindo um décimo tão bem. Quando ficasse sabendo daquilo tudo, Nynaeve desmaiaria de choque.

— Tenho uma informação particular para contar a vocês sobre a Confraria.

Pouco depois, era Merilille quem estava pronta para desmaiar de choque, e até Adeleas e Vandene não estavam muito longe disso. Mas elas seguiram respondendo “Sim, Elayne” e “Se é o que você diz, Elayne”. Talvez as coisas transcorressem com tranquilidade dali em diante.

* * *

A liteira chacoalhava pelo meio das aglomerações de celebrantes ao longo do cais quando Moghedien avistou a mulher. Estava sendo auxiliada por um laçao de verde e branco a descer de uma carruagem em um dos desembarcadouros. Uma máscara grande e cheia de penas lhe cobria mais completamente o rosto do que a máscara de Moghedien, mas ela teria reconhecido aquele jeito de andar determinado, reconhecido aquela mulher, de qualquer ângulo e com qualquer luz. A madeira entalhada que servia de janela na liteira fechada com certeza não era obstáculo. Dois sujeitos com espadas à cintura desceram desajeitados do teto da carruagem para acompanhar a mulher mascarada.

Moghedien bateu com o punho na lateral da liteira e gritou:

— Parem! — Os carregadores pararam tão rápido que quase a arremessaram para a frente.

A multidão continuou passando aos empurrões, alguns bradando palavrões pelos carregadores estarem bloqueando o caminho, outros gritando palavras mais bondosas. Ali junto do rio, a turba transitava em

aglomerações suficientemente esparsas para lhe permitir enxergar por entre as frestas. O barco que se afastava do desembarcadouro parecia bastante peculiar. O teto da cabine baixa na parte traseira era pintado de vermelho. Ela não notou aquela afetação em nenhum dos outros que aguardavam na comprida doca de pedra.

Tremendo, ela umedeceu os lábios. As instruções de Moridin haviam sido explícitas, o preço da desobediência deixado excruciantemente claro. Mas um ligeiro atraso não faria mal. Não se ele jamais ficasse sabendo, pelo menos.

Moghedien abriu a porta, desceu até a rua e, apressada, olhou para um lado e para o outro. Lá estava. Aquela estalagem, bem diante das docas. E do rio. Ela suspendeu as saias e partiu afobada sem o menor receio de que alguém pudesse alugar sua liteira. Até que desatasse as teias de Compulsão dos homens, os carregadores diriam que já estavam comprometidos a qualquer um que lhes perguntasse, e ficariam ali parados até morrerem de fome. Um caminho se abriu à frente dela, homens e mulheres com máscaras emplumadas saltando para os lados antes que Moghedien os alcançasse, soltando grunhidos e gritos ao tocar os pontos onde acreditavam que tinham sido alfinetados. E tinham sido mesmo; não havia tempo para fiar teias sutis em tantas mentes, mas agulhas tecidas com Ar surtiam o mesmo efeito ali.

A estalajadeira robusta d'O Orgulho do Remador também quase deu um pinote ao avistar Moghedien adentrando a passos largos seu salão, usando seda gloriosamente escarlate trabalhada com fios de ouro e seda preta que reluzia com tanta exuberância quanto o ouro. Sua máscara era um belo jorro de penas negríssimas com um bico preto pontiagudo. Um corvo. Era uma piada de Moridin, seu comando, assim como o vestido. As cores dele eram o preto e o vermelho, dissera, e ela as usaria enquanto o servisse.

Moghedien estava de uniforme, ainda que elegante, e queria matar qualquer pessoa que a visse.

Em vez disso, fiou uma teia ligeira na estalajadeira de bochechas redondas que a suspendeu do chão e fez seus olhos saltarem. Não havia tempo para sutilezas. Quando Moghedien pediu para ver o terraço, a mulher subiu *correndo* as escadas sem corrimão que ficavam na lateral do salão. Era improvável que qualquer um dos bebedores vestidos com penas notasse algo incomum no comportamento da estalajadeira, pensou Moghedien com uma risadinha. Era provável que O Orgulho do Remador nunca tivesse visto uma cliente do nível dela.

No terraço, ela ponderou rapidamente sobre os perigos de deixar a estalajadeira viva em comparação com os de matá-la. No fim das contas, cadáveres davam um jeito de apontar dedos. Quando se queria permanecer calmamente incógnito nas sombras, não se matava ninguém, exceto quando absolutamente necessário. Bem depressa, ela ajustou a teia da Compulsão e mandou a mulher descer até o quarto dela para dormir e se esquecer de tê-la visto. Por causa da pressa do comando, era possível que a estalajadeira talvez perdesse o dia inteiro ou acordasse um pouco mais lenta de raciocínio do que era antes — tanta coisa na vida de Moghedien teria sido mais fácil se ela possuísse um Talento melhor com a Compulsão —, mas, em todo caso, a mulher foi embora rapidamente, ansiosa por obedecer, e a deixou sozinha.

Quando a porta do sujo terraço de ladrilhos brancos se fechou, Moghedien arfou com a sensação súbita de dedos acariciando-lhe a mente, Tateando sua alma. Moridin às vezes fazia aquilo. Um lembrete, ele dizia, como se ainda precisasse de mais. Moghedien quase olhou em volta para procurá-lo. Sua pele se arrepiou como quando soprava uma súbita brisa gélida. O toque se esvaeceu, e ela tornou a tremer. Indo ou vindo, era

mesmo um lembrete. O próprio Moridin podia aparecer em qualquer lugar, a qualquer momento. Pressa.

Avançando até a mureta baixa que circundava o terraço, ela procurou o rio que fluía lá embaixo. Filas de barcos de todos os tamanhos deslizavam com seus remos por entre embarcações maiores, ancoradas ou com as velas içadas. A maioria das cabines do tipo que ela buscava eram de madeira simples, mas logo ali ela avistou um telhado amarelo, e acolá um azul, e ali, no meio do rio e rumando a toda para o sul... vermelho. Tinha de ser o barco certo. Ela não podia perder mais tempo ali.

Moghedien levantou as mãos, mas quando o fogo devastador foi lançado, algo lampejou em torno dela e a fez pular. Moridin *viera*; ele *estava* ali, e ia... Moghedien fitou os pombos esvoaçando. Pombos! Ela quase vomitou por todo o terraço. Uma olhadela para o rio a fez rosnar.

Por ela ter se mexido, o fogo devastador com que pretendia arrasar a cabine e os passageiros havia, em vez disso, feito um corte diagonal que atravessava o meio do barco, perto de onde os remadores tinham estado, além dos guarda-costas. Como os remadores tinham sido incinerados do Padrão *antes* de o fogo devastador os golpear, as duas metades da embarcação se encontravam àquela altura a umas boas cem passadas mais para trás no rio. Pensando bem, talvez não tivesse sido um desastre completo. Como aquele corte no centro do barco tinha sido feito no mesmo momento em que os remadores morreram de fato, o rio tivera alguns minutos para invadir a embarcação. As duas partes do barco afundaram e sumiram de vista em uma profusão de bolhas enquanto ela observava, carregando os passageiros para as profundezas.

De repente, ela entendeu o que havia feito. Moghedien sempre se deslocava pelas sombras, sempre se mantinha escondida, sempre... Qualquer mulher na cidade que fosse capaz de canalizar saberia que alguém

abraçara uma enorme quantidade de *saidar*, ainda que não soubesse o motivo, e qualquer olhar atento tinha visto aquela barra de fogo branco-líquido causticar a tarde. O medo fez com que ela criasse asas. Medo, não. Terror.

Erguendo as saias, Moghedien desceu correndo as escadas, atravessou correndo o salão, esbarrando em mesas e movendo-se depressa por entre as pessoas que tentavam sair do seu caminho, disparou até a rua, apavorada demais para pensar, e abriu caminho pelo meio da multidão à base de pancadas.

— Corram! — gritou ela, esganiçada, atirando-se para dentro da liteira. As saias ficaram presas na porta, no que ela as rasgou para se soltar. — Corram!

Os carregadores trataram de se pôr em movimento, jogando-a para um lado e para o outro, mas ela não se importou. Segurou-se na madeira entalhada da janela e tremeu incontrolavelmente. Ele não proibira aquilo. Poderia perdoar ou até ignorar aquele seu ato isolado, caso ela cumprisse suas instruções com presteza e eficiência. Era a sua única esperança. Ela ia fazer Falion e Ispan *rastejarem*!



CAPÍTULO 31



MASHIARA

Enquanto o barco deixava o embarcadouro para trás, Nynaeve tirou a máscara, jogou-a ao seu lado no banco acolchoado e se recostou com os braços cruzados, agarrando a trança com firmeza, fazendo uma cara feia para o nada. Para tudo. Ao Escutar o Vento, ainda tinha a sensação que uma tempestade violenta estava a caminho, do tipo que arrancava telhados e derrubava celeiros, e ela quase desejou que o rio começasse a agitar suas ondas naquele exato instante.

— Se não for pelo clima, Nynaeve — imitou ela —, então é você que deveria ir. A Senhora dos Navios pode ficar insultada se não mandarmos a mais forte de nós. Elas sabem que as Aes Sedai levam muito isso em conta. Bah!

Tinha sido Elayne a dizer isso. Exceto pelo “Bah!”. A verdade era que ela só preferia aguentar as bobagens de Merilille do que voltar a encarar Nesta. Quando a relação com alguém começava mal, era difícil recuperar. Mat Cauthon era uma prova cabal disso! E se a relação delas com Nesta din Reas Duas Luas tivesse começado pior, a mulher estaria delegando tarefas subalternas para as duas.

— Mulher horrível! — resmungou Nynaeve, remexendo-se no assento acolchoado.

Aviendha não fora de maior ajuda quando Nynaeve sugeriu que ela fosse atrás do Povo do Mar; aquela gente ficara fascinada por ela. A Aiel respondeu em um tom agudo e mimado, que não combinava com ela, mas o estado de ânimo combinava.

— Nós vamos nos inteirar desse problema quando for a hora, Nynaeve al'Meara. Talvez eu descubra alguma coisa observando Jaichim Carridin hoje.

Não fosse o fato de que absolutamente nada amedrontava a Aiel, Nynaeve teria pensado que Aviendha estava com medo, dada a sua ansiedade para espionar Carridin. Um dia de pé na rua quente, levando esbarrões da multidão, não era divertido, e aquele dia, com o festival, seria pior. Ela imaginara que a mulher gostaria de uma bela e refrescante viagem de barco.

O barco deu uma guinada. Uma bela e refrescante viagem de barco, repetiu para si mesma. Brisas suaves e gostosas na baía. Brisas úmidas, não secas. O barco balançou.

— Ah, sangue e cinzas! — lamuriou-se ela.

Chocada, Nynaeve levou mão à boca e tamborilou os calcanhares contra a frente do banco com uma raiva justificada. Se tivesse de aguentar aquele Povo do Mar por muito tempo, sua boca acabaria tão suja quanto a de Mat. Ela não queria pensar nele. Mais um dia baixando a cabeça para aquele... aquele *homem*... e ela arrancaria todos os cabelos da cabeça! Não que ele tivesse exigido qualquer coisa absurda até o momento, mas ela continuava esperando que ele o fizesse, e aquele jeito dele...!

— Não! — exclamou ela com firmeza. — Eu quero sossegar o meu estômago, não deixá-lo embrulhado.

O barco começara a balançar suavemente. Nynaeve tentou se concentrar em suas roupas. Não era obcecada por roupas, como Elayne às vezes

aparentava ser, mas pensar em sedas e rendas era relaxante.

Tudo havia sido pensado para impressionar a Senhora dos Navios, para tentar recuperar um pouco sua simpatia, se é que adiantava para alguma coisa. Seda verde com recortes amarelos nas saias, com bordados de ouro ao longo das mangas e por todo o corpete, e rendas douradas na bainha, nos pulsos e no contorno da gola. Talvez, para ser levada a sério, a gola devesse ser mais alta, mas ela não tinha nada nesse estilo. Considerando-se os costumes do Povo do Mar, era mais que modesto. Nesta teria de aceitá-la como era; Nynaeve al'Meara não saía por aí mudando seu jeito por qualquer um.

Os broches de opala amarela presos na trança eram dela — nada menos que um presente da Panarca de Tarabon —, mas Tylin fornecera o colar de ouro que lhe derramava esmeraldas e pérolas até o busto. Uma peça mais cara do que ela jamais sonhara em ter; um presente por ter levado Mat até ela, Tylin dissera, o que não fazia o menor sentido, mas talvez a rainha achasse que precisava de alguma desculpa para um presente tão valioso. Os dois braceletes de ouro e marfim vieram de Aviendha, que tinha um pequeno e surpreendente estoque de joias para uma mulher que tão raramente usava mais que aquele mesmo colar de prata. Nynaeve pedira emprestado aquele bracelete lindo de marfim com rosas e espinhos que a Aiel nunca usava. Para a sua surpresa, Aviendha o agarrara junto ao peito como se ele fosse seu bem mais precioso e, mais surpreendente ainda, Elayne começara a consolá-la. Nynaeve não ficaria admirada se visse as duas acabarem por chorar uma no ombro da outra.

Havia algo esquisito acontecendo ali, e, se ela não soubesse que aquelas duas eram sensatas demais para tal bobagem, teria suspeitado que havia um homem envolvido na história. Bem, Aviendha era sensata demais. Elayne ainda sofria por Rand, embora Nynaeve não tivesse como culpá-la por...

De repente, ela sentiu volumes imensos de tessituras de *saidar* quase em cima dela e...

...ela estava chafurdando na água salgada que lhe cobria a cabeça, se agitando à procura de ar, com as saias enroscadas, se debatendo. Sua cabeça emergiu, e ela arquejou em meio a assentos acolchoados flutuando e, estupefata, olhou ao redor. Após um momento, Nynaeve identificou a silhueta inclinada acima dela como um dos assentos da cabine e uma parte da parede. Ela estava presa em um bolsão de ar. Não era grande, ela podia tocar os dois lados sem precisar esticar os braços. Mas como...? Um baque bem nítido anunciou o leito do rio; a cabine de ponta-cabeça balançou e se inclinou. Ela achou que o bolsão de ar diminuiu um pouco.

A primeira providência a ser tomada, antes de ficar se perguntando qualquer coisa, era sair dali antes que todo o ar fosse consumido. Ela sabia nadar — em casa, mergulhara com frequência nos lagos da Floresta das Águas —, só se incomodava quando a água a ficava balançando de um lado para outro. Enchendo os pulmões, Nynaeve girou, mergulhou na direção de onde devia estar a porta e, por conta das saias, começou a bater os pés desajeitadamente. Desfazer-se do vestido talvez ajudasse, mas ela não estava disposta a surgir na superfície no rio sem nada além das anáguas, meias e joias. E tampouco ia deixar aquelas coisas para trás. Além do mais, ela não conseguiria tirar o vestido sem perder a bolsinha do cinto, e preferia se afogar do que perder o que guardava ali dentro.

A água era negra, sem nenhuma luz. Suas mãos estendidas bateram em madeira, e ela foi Tateando os entalhes até encontrar a porta, dedilhou até a beirada... e encontrou uma dobradiça. Murmurando imprecensões mentalmente, ela, com todo o cuidado, Tateou até a outra beirada. Isso! A maçaneta do trinco! Ela a levantou e empurrou. A porta se moveu umas duas polegadas... e parou.

Com os pulmões se exaurindo, ela nadou de volta até o bolsão, mas só por tempo suficiente para tornar a enchê-los. Desta vez, foi mais rápido encontrar a porta. Ela enfiou os dedos na fresta para descobrir o que a prendia. Tinham afundado na lama. Talvez ela conseguisse escavar um pouco ou... Ela tateou mais acima. Mais lama. Num frenesi cada vez maior, Nynaeve correu os dedos de baixo para cima por toda a fresta, e em seguida, recusando-se a crer, de cima para baixo. Lama, apenas uma lama sólida e pegajosa por toda parte.

Dessa vez, quando subiu de volta para o bolsão, ela se agarrou à borda do assento logo acima e ficou se segurando, ofegante, o coração batendo loucamente. O ar parecia... mais denso.

— Eu não vou morrer aqui — resmungou ela. — Eu não vou morrer aqui!

Nynaeve golpeou o assento com o punho até sentir que o machucava, lutando para ser tomada pela raiva que lhe permitiria canalizar. Não ia morrer. Não ali. Sozinha. Ninguém saberia onde ela tinha morrido. Nada de sepultura, só um cadáver apodrecendo no fundo do rio. Seu braço baixou respingando água. Ela lutava para respirar. Manchas pretas e prateadas dançavam em seus olhos, parecia estar olhando para dentro de um tubo. Nada de raiva, ela percebeu vagamente. Continuou tentando alcançar *saidar*, mas já sem acreditar que conseguiria. Ia morrer ali, afinal. Nenhuma esperança. Nada de Lan. E já sem esperança, tremeluzindo no limiar da consciência feito a chama bruxuleante de uma vela, Nynaeve fez algo que jamais havia feito em toda a sua vida: se rendeu por completo.

Saidar fluiu para dentro dela, preenchendo-a.

Ela ficou apenas ligeiramente consciente da madeira acima dela inchando de repente, explodindo. Ela flutuou rumo à superfície em meio a bolhas de ar, saindo pelo buraco no casco e adentrando a escuridão.

Vagamente, sabia que deveria fazer alguma coisa. Quase conseguia se lembrar do quê. Sim. Seus pés bateram timidamente, e ela tentou mover os braços para nadar. Eles pareciam apenas flutuar.

Algo segurou seu vestido, e o pânico lhe acometeu com a ideia de tubarões, peixes-leão, e só a Luz sabia o que mais poderia habitar aquelas profundezas negras. Uma centelha de consciência lhe avisou sobre o Poder, mas Nynaeve só se debateu desesperadamente com as mãos e os pés, sentiu as juntas dos dedos baterem em algo sólido. Infelizmente, ela também gritou, ou tentou gritar. Uma grande quantidade de água lhe descendo pela garganta levou embora gritos, *saidar* e quase todas os seus últimos sinais de consciência.

Alguma coisa puxou sua trança, depois outra vez, e ela estava sendo rebocada... para algum lugar. Já não havia mais consciência suficiente para reagir e nem para sentir muito medo de ser devorada.

Abruptamente, sua cabeça irrompeu na superfície. Mãos a envolveram pelas costas — mãos, e não um tubarão, afinal — e a apertaram com força na altura das costelas de um jeito bastante familiar. Ela tossiu — seu nariz esguichou água — e, penosamente, tornou a tossir. E então respirou, trêmula. Nunca provara nada tão doce em toda a sua vida.

Uma mão segurou-a pelo queixo e, de repente, lá estava ela sendo rebocada novamente. A exaustão a inundou. A única coisa que conseguia fazer era boiar de costas, respirar e ficar olhando para o céu. Tão azul. Tão bonito. A ardência em seus olhos não era só por conta do rio salobre.

Em seguida, ela já estava sendo puxada para cima pela lateral de um barco, uma mão rude por debaixo do seu traseiro erguendo-a mais alto, até que dois sujeitos magrelos com argolas de estanho nas orelhas pudessem se debruçar pela amurada e puxá-la para bordo. Eles a ajudaram a dar um ou

dois passos, mas assim que a soltaram para ir ajudar a pessoa que a resgatou, suas pernas desmoronaram feito torres de massa empapada.

Com mãos e joelhos oscilantes, Nynaeve, com um olhar perdido, fitou uma espada, as botas e o casaco verde que alguém jogara no convés. Ela abriu a boca... e esvaziou o estômago no rio Eldar. O rio inteiro, ao que parecia, e mais a refeição do meio do dia, além do café da manhã. Não a teria surpreendido nem um pouco encontrar alguns peixes, ou seus chinelos. Ela estava esfregando os lábios com o dorso da mão quando percebeu vozes.

— Milorde está bem? Milorde passou bastante tempo lá embaixo.

— Me esqueça, homem — advertiu uma voz grave. — Pegue alguma coisa para enrolar a lady.

Era a voz de Lan, que ela sonhava escutar toda noite.

Com os olhos arregalados, Nynaeve quase não conteve um lamento. O terror que havia sentido quando achou que fosse morrer não era nada se comparado com o que lhe passava pela cabeça agora. Nada! Aquilo era um pesadelo. Não agora! Não desse jeito! Não com ela igual a um rato afogado, ajoelhada na frente do próprio vômito!

Sem pensar, ela abraçou *saidar* e canalizou. A água lhe correu das roupas e do cabelo feito uma enxurrada, levando embora todas as evidências daquele pequeno contratempo através de um bujão de dreno. Pondo-se de pé cambaleante, ela ajeitou o colar e fez o melhor que pôde para endireitar o vestido e o cabelo, mas o mergulho na água salgada e a secagem rápida haviam deixado várias manchas na seda e um amarrotado que exigiria uma mão versada e um ferro quente para resolver. Tufos de cabelo queriam sair voando, e as opalas da trança pareciam pontilhar o rabo eriçado de um gato raivoso.

Não importava. Ela era a calma em pessoa, fria como uma brisa do início da primavera, senhora de si como uma... Nynaeve se virou antes que ele a abordasse por trás e a fizesse pular de susto e se humilhar por completo.

Ela só percebeu quão rápido havia se movido quando viu que Lan ainda estava dando o segundo passo para fora da amurada. Era o homem mais bonito que ela já tinha visto. Com a camisa, as calças e as meias ensopadas, ele estava lindo, além do cabelo gotejando grudado nos ângulos do rosto, e do... Havia um hematoma em seu rosto, fruto de alguma pancada. Ela levou a mão à boca ao se lembrar que seu punho tinha acertado algo.

— Ah, não! Ah, Lan, me desculpe! Foi sem querer!

Ela nem se deu conta de atravessar o espaço que os separava. Só estava ali, esticando-se na pontinha dos pés para pousar os dedos com toda a delicadeza no machucado dele. Uma tessitura habilidosa com todos os Cinco Poderes, e a bochecha arroxeadada do Guardião estava intacta. Mas ele podia ter se machucado em outros lugares. Ela fiou as tessituras para Detectar. As novas cicatrizes que encontrou a deixaram tensa, e também havia algo estranho, mas ele parecia saudável feito um touro. Também estava encharcado, após salvá-la. Ela o secou como havia se secado, e a água escorreu em torno de seus pés. Nynaeve não conseguia parar de tocá-lo. Ela correu as mãos por aquelas bochechas duras, pelos maravilhosos olhos azuis, pelo nariz forte, pelos lábios firmes, pelas orelhas. Penteou aquele cabelo preto sedoso com os dedos para arrumá-lo e ajustou a tira de couro trançado que o prendia. Sua língua também parecia ter vida própria.

— Ah, Lan — murmurou ela. — Você está mesmo aqui.

Alguém deu uma risadinha. Não ela. Nynaeve al'Meara não dava risadinhas, mas alguém deu.

— Isso não é um sonho. Ah, Luz, você está aqui. Como?

— Uma serviçal do Palácio Tarasin me falou que você tinha ido ao rio, e um sujeito no embarcadouro me disse em qual barco você havia embarcado. Se Mandarb não tivesse perdido uma ferradura, eu teria chegado ontem.

— Eu não me importo. Você está aqui agora. Você está aqui. — Ela não deu risadinhas.

— Ela pode até ser uma Aes Sedai — murmurou um dos barqueiros, em um tom não suficientemente baixo —, mas ainda parece uma patinha que pretende se enfiar na boca daquele lobo.

O rosto de Nynaeve ficou vermelho-vivo, e ela tratou de baixar as mãos, descendo da ponta dos pés. Em outro momento, teria dado uma lição no sujeito, e sem erro. Em outro momento, em que pudesse pensar. Lan expulsava todos os outros assuntos da sua cabeça. Ela segurou o braço dele.

— Podemos conversar com mais privacidade na cabine.

Será que algum dos remadores tinha abafado o riso?

— A minha espada e...

— Eu pego — disse ela, recolhendo os pertences dele do convés usando fluxos de Ar. Um daqueles palhaços *tinha* abafado o riso. Um outro fluxo de Ar abriu a porta da cabine, e Nynaeve fez Lan, a espada dele e todo o resto passarem às pressas, depois bateu-a atrás deles.

Luz, ela duvidava que até Calle Coplin, de Dois Rios, já tivesse sido tão atrevida, e havia tantos guardas de mercadores que conheciam sua marca de nascença quanto que conheciam seu rosto. Mas não era a mesma coisa. Não mesmo! Ainda assim, não faria mal ser só um pouco menos... ansiosa. Suas mãos voltaram para o rosto dele — só para lhe endireitar um pouco mais o cabelo, só isso —, e as mãos grandes de Lan seguraram seus pulsos com toda a gentileza.

— Myrelle agora detém o elo comigo — disse ele, baixo. — Ela está me emprestando para você até você encontrar um Guardião para si.

Nynaeve soltou sua mão direita com toda a calma e deu uma bofetada na cara dele com toda a força. A cabeça de Lan mal se moveu, então ela liberou a outra mão e bateu ainda mais forte.

— Como você pôde? — Só para garantir, ela pontuou a pergunta com mais um tapa. — Você sabia que eu estava esperando! — Mais um parecia apropriado, só para deixar a mensagem bem clara. — Como você pôde fazer isso? Como permitiu que ela fizesse? — Outra bofetada. — Que a Luz o queime, Lan Mandragoran! Que o queime! Que o queime! Que o queime no Poço da Perdição! Que a Luz o queime!

O homem — o *maldito* homem! — não disse uma única palavra. Não que pudesse dizer, claro. Que desculpa poderia dar? Ele só fez ficar ali parado enquanto ela despejava pancadas. Não fez nenhum movimento, seus olhos nem piscavam, e tinham uma expressão peculiar, como seria de se esperar pelo modo como ela lhe avermelhava as bochechas. Porém, se os tapas de Nynaeve lhe causavam pouco impacto, as palmas da mão dela começaram a arder furiosamente.

Séria, ela cerrou o punho e lhe deu um soco na barriga com todo o ímpeto. Lan soltou um grunhido. De leve.

— Vamos conversar sobre isso com calma e racionalidade — disse ela, dando um passo para trás. — Como adultos.

Lan apenas assentiu, se sentou e puxou as botas para si! Tirando mechas de cabelo do rosto com a mão esquerda, Nynaeve levou a direta às costas para que pudesse flexionar os dedos doloridos sem ele perceber. Lan não tinha o direito de ser tão resistente, não com ela querendo bater nele. Era pedir muito que tivesse lhe quebrado uma costela.

— Você deveria agradecer a ela, Nynaeve. — Como o homem conseguia ser tão calmo?! Ele meteu o pé com firmeza dentro de uma das botas e, sem

olhar para ela, se curvou para pegar a outra. — Você não ia me querer em um elo com você.

O fluxo de Ar agarrou um punhado de cabelo e puxou a cabeça dele dolorosamente.

— Se você ousar... se você sequer ousar falar aquelas asneiras sobre não querer me ver com trajes de viúva, Lan Mandragoran, eu... eu...

Ela não conseguia pensar em nada forte o bastante. Dar um chute nele não chegava nem perto. Myrelle. Myrelle e seus Guardiões. Que ele queimasse! Arrancar o couro dele tirinha por tirinha não bastaria!

Lan nem parecia estar recurvado, com o pescoço esticado. Apenas repousou os antebraços nos joelhos, observou-a com aquela expressão esquisita nos olhos e disse:

— Pensei em não lhe contar, mas você tem direito de saber. — Seu tom se tornou hesitante. Lan nunca hesitava. — Quando Moiraine morreu... quando o elo de um Guardião com a sua Aes Sedai é desfeito, ocorrem mudanças.

Conforme ele continuou, Nynaeve passou os braços ao redor de si mesma, abraçando-se com força para evitar tremer. Sua mandíbula doía de se manter tão tensionada. Ela soltou o fluxo de Ar que o segurava como uma mão se afastando bruscamente e largou *saidar*, mas Lan apenas se endireitou e continuou contando aquelas coisas horríveis sem nem estremecer, os olhos ainda nela. De repente, Nynaeve compreendeu o olhar dele, mais frio que o coração do inverno. Os olhos de um homem que sabia que estava morto e era incapaz de se importar com isso, um homem aguardando, quase ansioso, por aquele longo sono. Seus próprios olhos ardiam de segurar o choro.

— Então é isso — concluiu ele com um sorriso forçado. Um sorriso resignado. — Quando tudo acabar, ela vai passar um ano ou dois sofrendo,

e eu ainda vou estar morto. Você foi poupada disso. Meu último presente para você, *Mashiara*.

Mashiara. Meu amor perdido.

— Você vai ser o meu Guardião até eu encontrar um? — Nynaeve ficou surpresa com a própria voz, tão equilibrada. Já não conseguia mais derramar lágrimas. Não derramaria. Àquela altura, mais do que nunca, precisava concentrar toda a sua força.

— Vou — respondeu ele com cautela, calçando a outra bota. Lan sempre tivera um ar de lobo meio selvagem, e seus olhos o faziam parecer menos que meio selvagem, naquele momento.

— Bom. — Ela arrumou as saias e resistiu ao ímpeto de atravessar a cabine e ir até ele. Não podia deixar que Lan percebesse seu medo. — Porque eu já encontrei um. Você. Com Moiraine, eu esperei e torci. Não vou fazer isso com Myrelle. Ela vai me passar o elo.

Myrelle daria, mesmo que Nynaeve precisasse arrastar a mulher pelos cabelos até Tar Valon e de volta. Na verdade, talvez a arrastasse apenas por princípios.

— Não fale nada — advertiu ela, séria, quando ele abriu a boca.

Nynaeve tocou a bolsinha do cinto, onde o pesado anel ducal de ouro dele repousava enrolado em um lenço de seda. Com certo esforço, ela moderou o tom. Lan estava doente, e palavras amargas nunca atenuavam doenças. Mesmo assim foi um esforço. A vontade era de repreendê-lo de cabo a rabo, de arrancar sua trança com raiz e tudo toda vez que pensava nele e naquela mulher. Lutando para manter a voz calma, ela prosseguiu.

— Em Dois Rios, Lan, quando uma pessoa dá um anel para a outra, elas ficam prometidas em casamento. — Era mentira, e ela chegou a esperar que ele se pusesse de pé em um pulo, ofendido, mas Lan só apenas a encarou, cauteloso. Além disso, ela tinha lido a respeito daquela ideia em uma

história. — Nós já passamos tempo demais prometidos. Vamos nos casar hoje.

— Eu costumava rezar por isso — disse ele, baixo, e então balançou a cabeça. — Você sabe por que isso não pode acontecer, Nynaeve. E mesmo que pudesse, Myrelle...

Apesar de todas as suas promessas de controlar o temperamento e ser gentil, Nynaeve abraçou *saidar* e enfiou uma mordança de Ar na boca de Lan antes que ele confessasse o que ela não queria ouvir. Contanto que ele não confessasse, ela podia fingir que nada tinha acontecido. Mas quando pusesse as mãos em Myrelle! As opalas se cravaram na palma de sua mão e ela soltou a trança como se seu cabelo estivesse em chamas. Ocupou os dedos tornando a acariciar o cabelo de Lan, enquanto ele a fitava indignado por cima da boca escancarada.

— Uma pequena lição para você sobre a diferença entre esposas e outras mulheres — disse ela em um tom leve. Que esforço. — Eu agradeceria demais se você não voltasse a mencionar o nome de Myrelle na minha presença. Entendeu?

Ele assentiu, no que ela largou o fluxo, mas, assim que voltou a mexer a mandíbula, Lan disse:

— Sem citar o nome de ninguém, Nynaeve, você sabe que, através do elo, ela está ciente de tudo que eu sinto. Se nós fôssemos marido e esposa...

Nynaeve achou que seu rosto fosse pegar fogo. Ela nunca tinha pensado naquilo! Maldita Myrelle!

— Existe algum jeito de garantir que ela saiba que sou eu? — indagou ela, por fim, suas bochechas quase explodindo em chamas. Ainda mais quando ele se deixou recostar na parede da cabine, estupefato e gargalhando.

— Pela Luz, Nynaeve, você é um falcão! Luz! Eu não dava risadas desde... — A alegria dele se dissipou e a frieza que por um instante se atenuara em seus olhos retornou. — Eu realmente gostaria de poder fazer isso, Nynaeve, mas...

— Pois pode e vai — interrompeu ela.

Os homens sempre pareciam sair por cima quando se permitia que eles falassem demais. Nynaeve se sentou no colo dele. Ainda não estavam casados, era verdade, mas Lan era mais macio do que os bancos sem acolchoamento daquele barco. Ela se remexeu um pouco para ficar mais confortável. Bem, ele não era mais duro que os bancos, pelo menos.

— Melhor aceitar, Lan Mandragoran. Meu coração pertence a você, e você admitiu que o seu pertence a mim. *Você* pertence a mim, e não vou te deixar escapar. Você vai ser meu Guardião, e meu marido, e por muito tempo. Não vou deixar você morrer. Entende *isso*? Eu posso ser tão teimosa quanto for preciso.

— Eu não tinha percebido — disse ele, e os olhos dela se estreitaram. O tom de Lan pareceu terrivelmente... seco.

— Desde que esteja percebendo agora — rebateu Nynaeve com firmeza.

Ela virou o pescoço para dar uma espiadela pelos furinhos do casco entalhado logo atrás dele, depois o virou para o outro lado para espiar através dos entalhes da parte dianteira da cabine. Estavam passando pelas compridas docas de pedra do cais, e a única coisa que ela conseguia ver à frente eram mais docas, além da cidade reluzindo em branco sob o sol vespertino.

— Aonde estamos indo? — resmungou.

— Eu falei para eles nos levarem para a terra firme assim que coloquei você a bordo — explicou Lan. — Me pareceu melhor sair do rio o mais rápido possível.

— Você...? — Nynaeve tratou de fechar a boca. Ele não sabia para onde ela estava indo e nem por quê, e fizera o melhor que pôde com a informação que tinha. E *salvara* a vida dela. — Eu ainda não posso voltar para a cidade, Lan. — Ela pigarreou e mudou o tom. A despeito de quão gentil precisasse ser com ele, aquele tanto de mel a faria vomitar de novo. — Preciso ir até os navios do Povo do Mar, até o *Corredor dos Ventos*. — Bem melhor. Leve, mas não leve demais, e firme.

— Eu estava logo atrás do seu barco, Nynaeve. Eu vi o que aconteceu. Você estava cinquenta passadas à minha frente, e depois cinquenta passadas atrás, afundando. Só pode ter sido fogo devastador.

Ele não precisava dizer mais nada; Nynaeve disse por ele, e com mais conhecimento de causa.

— Moghedien — sussurrou.

Ah, podia ter sido um dos outros Abandonados, ou talvez alguém da Ajah Negra, mas ela sabia. Bem, já derrotara Moghedien não uma, mas duas vezes. Podia derrotar uma terceira, se necessário. Seu rosto não devia ter expressado sua confiança.

— Não tenha medo — disse Lan, tocando-lhe a bochecha. — Nunca fique com medo quando eu estiver por perto. Se você tiver que enfrentar Moghedien, eu vou garantir que esteja com raiva suficiente para canalizar. Pareço ter algum talento nesse sentido.

— Você nunca mais vai me deixar com raiva — começou ela, e parou, fitando-o com os olhos arregalados. — Eu não estou com raiva — falou devagar.

— Agora, não, mas quando tiver que estar...

— Eu não estou com raiva — disse ela, rindo. Nynaeve balançou os pés de alegria e, gargalhando, bateu com os punhos no peito dele. *Saidar* a preencheu, e não só com vida e alegria, mas, desta vez, com assombro.

Com leves fluxos de Ar, ela acariciou as bochechas dele. — Eu não estou com raiva, Lan — sussurrou.

— O seu bloqueio sumiu. — Ele sorriu, compartilhando a alegria dela, mas o sorriso não deu calor aos seus olhos.

Eu vou cuidar de você, Lan Mandragoran, prometeu ela em silêncio. *Eu não vou deixar você morrer*. Recostando-se no peito dele, Nynaeve pensou em beijá-lo, e até em... *Você não é Calle Coplin*, disse ela com firmeza para si mesma.

Um súbito pensamento horrível lhe ocorreu. Ainda mais horrível porque não tinha lhe ocorrido antes.

— E os barqueiros? — perguntou ela, baixo. — Os meus guarda-costas?

Sem dizer uma palavra, Lan balançou a cabeça, e ela suspirou. Guarda-costas. Luz, eles que haviam necessitado da proteção dela, e não o contrário. Mais quatro mortes a serem postas na conta de Moghedien. Quatro que se somavam a milhares, mas essas, até onde lhe cabia, eram pessoais. Bem, ela não estava em vias de acertar as contas com Moghedien naquele momento.

Nynaeve se pôs de pé e começou a ver o que poderia fazer em relação às suas roupas.

— Lan, você pode virar os barqueiros para o outro lado? Peça para eles remarem com toda a força. — Como estava, ela só voltaria a ver o palácio após o cair da noite. — E descubra se algum deles tem algo parecido com um pente. — Ela não podia se encontrar com Nesta daquele jeito.

Ele apanhou o casaco e a espada e lhe fez uma reverência.

— Como a senhora ordenar, Aes Sedai.

Apertando os lábios, ela ficou observando a porta se fechar atrás dele. Estava zombando dela, era? Podia apostar que alguém no *Corredor dos Ventos* seria capaz de realizar um casamento. E pelo que já tinha visto do

Povo do Mar, ela apostava que Lan Mandragoran acabaria cumprindo ordens direitinho. Aí eles iriam ver quem ia rir por último.

Guinando e sacudindo, o barco começou a dar meia-volta, e o estômago de Nynaeve guinou junto.

— Ah, Luz! — gemeu ela, afundando no banco.

Por que não podia ter perdido aquilo também, junto com o bloqueio? Estar abraçando *saidar*, ciente de cada toque do ar em sua pele, só piorava tudo. Soltar não ajudou. Ela não ia vomitar de novo. Ia tomar Lan para si de uma vez por todas. Aquele ainda ia ser um dia maravilhoso. Se pelo menos conseguisse parar de sentir a tempestade que se aproximava.

* * *

O sol brilhava pálido pouco acima dos telhados no momento em que Elayne bateu na porta com os nós dos dedos. Celebrantes dançavam e saltitavam na rua atrás dela, preenchendo o ar com gargalhadas, canções e o aroma de perfume. Distraidamente, ela desejou de ter tido a chance de ter aproveitado de fato o festival. Usar uma fantasia como a de Birgitte poderia ter sido divertido. Ou até uma igual a que ela tinha visto em Lady Riselle, uma das serventes de Tylin, assim que acordou naquela manhã. Contanto que pudesse continuar de máscara. Ela tornou a bater, mais forte.

A criada de cabelo grisalho e queixo quadrado abriu a porta, a fúria lhe tingindo subitamente o rosto quando Elayne baixou a máscara verde.

— Você?! O que você está fazendo de volta...? — A fúria se transformou em uma palidez cadavérica quando Merilille removeu sua máscara e Adeleas e as demais fizeram o mesmo. A mulher pulou a cada rosto de idade indefinida que se revelou, até com o de Sareitha. Àquela altura, talvez visse o que esperava ver.

Com um grito súbito, a criada tentou fechar a porta, mas Birgitte tratou de passar por Elayne e segurar a passagem com o ombro emplumado, tornando a abri-la. A criada cambaleou alguns passos e então se recompôs, mas tivesse ela pretendido correr ou gritar, Birgitte chegou primeiro, agarrando-lhe pelo braço logo abaixo do ombro.

— Calma — ordenou Birgitte com a voz firme. — Não queremos nada de estardalhaços ou gritaria, queremos?

Parecia mesmo que ela só estava segurando o braço da mulher, quase apoiando-a, mas a criada se manteve realmente bem ereta e imóvel. Fitando com os olhos arregalados a máscara com crista de plumas de sua captora, ela balançou a cabeça devagar.

— Qual é o seu nome? — perguntou Elayne, enquanto todas as outras lotavam o hall de entrada logo atrás dela. A porta se fechou e emudeceu o barulho do exterior. Os olhos da criada saltavam de um rosto ao outro como se ela não suportasse encarar nenhum deles por muito tempo.

— Ce-Ce-Cedora.

— Você vai nos levar até Reanne, Cedora. — Dessa vez, Cedora anuiu. Parecia estar quase chorando.

Tensa, Cedora conduziu-as escada acima, com Birgitte ainda segurando-a pelo braço. Elayne cogitou mandá-la soltar a mulher, mas a última coisa que queria era um grito de alerta e todas as pessoas da casa fugindo. Era por isso que Birgitte estava usando a força, em vez de Elayne canalizar. Achava que Cedora estava mais com medo do que com dor, e todo mundo ia sentir pelo menos um pouco de medo naquela noite.

— A-a-ali — apontou Cedora, meneando a cabeça para uma porta vermelha. A porta para o aposento onde ela e Nynaeve tinham passado por aquela desafortunada entrevista. Ela a abriu e entrou.

Reanne estava lá, de costas para a lareira entalhada com os Trezes Pecados, assim como outra dúzia de mulheres que Elayne nunca tinha visto, ocupando todas as cadeiras encostadas nas paredes verde-claras e transpirando com as janelas fechadas e as cortinas puxadas. A maior parte delas trajava vestidos eboudarianos, apesar de só uma ter a pele cor de oliva; a maioria tinha rugas e pelo menos um toque de grisalho nos cabelos, e todas aquelas mulheres eram capazes de canalizar em um ou outro nível. Sete usavam o cinto vermelho. Elayne deixou escapar um suspiro. Quando Nynaeve tinha razão, esfregava na sua cara até a outra pessoa querer gritar.

Reanne se pôs de pé de um salto, com o rosto vermelho enfurecido como o de Cedora, e suas primeiras palavras também foram quase idênticas.

— Você! Como você ousa dar as caras...?

As palavras e a fúria também sumiram pelo mesmo motivo, tão logo Merilille e as demais, nos calcanhares de Elayne, adentraram. Uma mulher de cabelo louro com cinto vermelho e um grande decote emitiu um som tênue ao revirar os olhos e escorregar da cadeira vermelha como se não tivesse ossos. Ninguém se moveu para ajudá-la. Ninguém sequer olhou para Birgitte enquanto ela escoltava Cedora para um canto e a deixava lá plantada. Ninguém parecia respirar. Elayne sentiu uma vontade enorme de gritar “Bu!” só para ver o que aconteceria.

Reanne cambaleou, o rosto pálido, e tentou visivelmente se recompor, sem muito sucesso. Ela só precisou de um momento para fazer uma varredura nas cinco Aes Sedai de semblantes serenos enfileiradas diante da porta para decidir qual delas devia estar no comando. Oscilando, a mulher cruzou o chão de ladrilhos até Merilille e, com a cabeça curvada, se pôs de joelhos.

— Perdoe-nos, Aes Sedai. — Sua voz tinha um tom de veneração, e estava apenas um pouco mais firme do que seus joelhos. Ela balbuciava, na

realidade. — Nós somos apenas umas poucas amigas. Não fizemos nada, e certamente nada que levasse descrédito às Aes Sedai. Eu juro, independentemente do que esta garota tenha dito para vocês. Teríamos lhes contado a respeito dela, mas ficamos com medo. Só nos reunimos para conversar. Ela tem uma amiga, Aes Sedai. Vocês também a pegaram? Posso descrevê-la para vocês, Aes Sedai. Qualquer coisa que desejem, nós faremos. Eu juro, nós...

Merilille pigarreou bem alto.

— Seu nome é Reanne Corly, eu acredito. — Reanne se retraiu e sussurrou que sim, ainda encarando o chão aos pés da irmã Cinza. — Receio que você deva se reportar a Elayne Sedai, Reanne.

Reanne ergueu a cabeça bruscamente, e de um jeito *extremamente* satisfatório. Ela encarou Merilille, e então bem lentamente virou os olhos, agora do tamanho da sua cabeça, na direção de Elayne. Ela umedeceu os lábios. Respirou profunda e longamente. Girando de joelhos para ficar de frente para Elayne, curvou a cabeça uma vez mais.

— Eu imploro o seu perdão, Aes Sedai — disse com a voz pesada. — Eu não sabia. Eu não tinha como... — Outra respiração longa e desesperançada. — Qualquer punição que a senhora decrete, nós aceitamos humildemente, é claro, mas, por favor, eu imploro para que a senhora acredite que...

— Ora, levante-se — interrompeu Elayne, impaciente. Ela tinha sentido vontade de obrigar aquela mulher a reconhecê-la tanto quanto Merilille ou qualquer uma das outras, mas aquela submissão toda a nauseava. — Está tudo bem. Fique de pé.

Ela esperou até Reanne obedecer e então caminhou e se sentou na cadeira da mulher. Não havia necessidade de bajulações, mas não queria nenhuma dúvida sobre quem estava no comando.

— Você ainda nega saber a respeito da Tigela dos Ventos, Reanne?

Reanne estendeu as mãos.

— Aes Sedai — disse ela, em um tom franco —, nenhuma de nós jamais usaria um *ter'angreal*, muito menos um *angreal* ou um *sa'angreal*. — Franca, e cautelosa feito uma raposa na cidade. — Eu lhe garanto que nós não fingimos ser nada nem próximo de Aes Sedai. Somos apenas estas poucas amigas que vocês veem aqui, cujo laço foi um dia termos tido a permissão de entrar na Torre Branca. Só isso.

— Apenas estas poucas amigas — rebateu Elayne, seca, com o queixo apoiado na mão. — E Garenia, claro. E Berowin, e Derys, e Alise.

— Sim — admitiu Reanne com relutância. — E elas.

Elayne balançou a cabeça bem devagar.

— Reanne, a Torre Branca sabe da Confraria de vocês. A Torre *sempre* soube.

Uma mulher morena de aparência tairena, embora estivesse usando um colete de seda azul e branca com o símbolo da guilda dos ourives, soltou um grito abafado e pressionou as duas mãos gorduchas contra a boca. Uma saldaeana esguia e quase grisalha que usava o cinto vermelho deu um suspiro e desmaiou, juntando-se à mulher de cabelo louro no chão, além de outras duas que bambearam como se também fossem cair.

Já Reanne olhou para as irmãs à frente da porta em busca de uma confirmação, e considerou obtê-la. O rosto de Merilille estava mais gélido que sereno e Sareitha deixou escapar uma careta. Tanto Vandene quanto Careane não deram um pio, e até Adeleas parecia estar incluída, virando a cabeça para um lado e para o outro para examinar as mulheres junto das paredes como teria feito com insetos antes desconhecidos. Claro que o que Reanne via ali e a verdade não eram a mesma coisa. Todas elas tinham aceitado a decisão de Elayne, mas repetir um monte de “Sim, Elayne...” não

fazia com que gostassem daquilo. Elas teriam chegado há duas horas se não fosse pelos muitos “Mas Elayne...” incluídos na conversa. Às vezes, liderar significava arrebanhar.

Reanne não desmaiou, mas o medo tomou seu rosto, e ela ergueu as mãos em súplica.

— Vocês pretendem destruir a Confraria? Por que agora, depois de tanto tempo? O que nós fizemos para nos atacarem agora?

— Ninguém vai destruir vocês — afirmou Elayne. — Careane, já que ninguém mais foi ajudar essas duas, você poderia, por favor?

Houve pulos de susto e rostos corados por todo o ambiente, e antes que Careane pudesse se mover, duas mulheres já estavam agachadas, se inclinando sobre cada uma das que haviam desmaiado, levantando-as e agitando saís de cheiro sob seus narizes.

— O Trono de Amyrlin deseja que todas as mulheres capazes de canalizar estejam conectadas à Torre — prosseguiu Elayne. — A oferta está aberta a qualquer integrante da Confraria que esteja disposta a aceitá-la.

Elayne não teria conseguido deixá-las mais paralisadas nem se tivesse tecido fluxos de Ar em torno de cada uma daquelas mulheres. Não poderia ter produzido olhos mais esbugalhados nem se tivesse apertado bem esses fluxos. Uma das mulheres que haviam desmaiado arquejou e tossiu de repente, afastando o minúsculo frasco de saís que mantiveram perto dela por tempo demais. Isso rompeu o momento para todas elas, gerando um dilúvio de vozes.

— Podemos nos tornar Aes Sedai, afinal? — perguntou, animada, a tairena com o colete dos ourives, ao mesmo tempo em que uma mulher de rosto redondo e um cinto vermelho pelo menos duas vezes mais comprido que o de qualquer outra explodiu:

— Elas vão nos deixar aprender? Vão nos ensinar de novo?

Um dilúvio de vozes dolorosamente ansiosas. Eram “Vamos poder mesmo...?” e “Vão nos deixar...?” vindos de todos os lados.

Reanne se dirigiu a elas com fúria.

— Ivara, Sumeko, vocês todas... comportem-se! Estão falando perante Aes Sedai! Vocês estão falando... perante... Aes Sedai.

Tremendo, ela passou a mão pelo rosto. Fez-se um silêncio embaraçoso. Olhares baixaram e rubores se intensificaram. Mesmo com todos aqueles rostos com rugas, todos aqueles cabelos grisalhos e brancos, o que ainda veio à mente de Elayne não foi nada mais que um grupo de noviças disputando uma guerra de travesseiros depois do toque do último sino, e flagradas pela Mestra das Noviças.

Hesitante, Reanne olhou para ela por entre os dedos.

— Vão mesmo nos permitir voltar para a Torre? — murmurou contra a própria mão.

Elayne assentiu.

— Qualquer mulher capaz de aprender a se tornar Aes Sedai vai ter essa chance, e haverá lugar para todas. Para qualquer mulher que canalize.

Lágrimas reluziram nos olhos de Reanne. Elayne não tinha certeza, mas pensou tê-la ouvido sussurrar “Posso ser Verde”. Foi difícil não correr para abraçá-la.

Nenhuma das outras Aes Sedai deu qualquer sinal de demonstrar emoções, e Merilille com certeza era de um tipo mais inflexível.

— Se me permite uma pergunta, Elayne... Reanne, de quantas... de vocês nós estamos falando? — Não havia dúvida de que aquela pausa foi para a mudança de “de quantas bravias e fracassadas”.

Se Reanne percebeu ou suspeitou, ou ignorou ou não deu a mínima.

— Não posso acreditar que qualquer uma vá recusar a oferta — respondeu ela, ofegante. — Pode levar um tempo para darmos a notícia

para todas. Continuamos espalhadas, entendem, para que... — A mulher gargalhou, com um toque de nervosismo e ainda não muito distante de chorar. — ... para que as Aes Sedai não nos notassem. Até o momento, há mil setecentos e oitenta e três Comadres na lista.

A maioria das Aes Sedai aprendia a disfarçar o choque com uma demonstração exterior de calma, e apenas Sareitha permitiu que seus olhos se arregalassem. Também pronunciou palavras silenciosas, mas Elayne a conhecia muito bem e leu seus lábios. *Duas mil bravias! Que a Luz nos ajude!* Elayne passou um tempo ajeitando deliberadamente as saias, até ter certeza de que seu próprio semblante estava sob controle. Que a Luz as ajudasse, de fato.

Reanne interpretou mal o silêncio.

— Esperavam mais? Acidentes levam algumas todos os anos, ou mortes naturais, como com qualquer pessoa, e eu temo que a Confraria tenha diminuído nos últimos mil anos. Talvez tenhamos sido cautelosas demais ao abordar mulheres saindo da Torre, mas sempre existiu o medo de que alguma delas pudesse relatar que havia sido questionada, e... e...

— Não estamos minimamente desapontadas — garantiu-lhe Elayne, fazendo gestos tranquilizadores. Desapontadas? Ela quase deu risadinhas histéricas. Havia quase duas vezes mais Comadres do que Aes Sedai! Egwene jamais poderia dizer que ela não tinha feito a sua parte para trazer mulheres capazes de canalizar para a Torre. Mas se a Confraria recusava bravias... Ela devia se concentrar no que interessava. Recrutar a Confraria havia sido quase accidental. — Reanne — disse Elayne com gentileza —, você acha que agora, quem sabe, consiga se lembrar de onde está Tigela dos Ventos?

Reanne corou tal qual um pôr do sol.

— Nós nunca encostamos neles, Elayne Sedai. Não sei por que foram coletados. Nunca ouvi falar nessa Tigela dos Ventos, mas existe um armazém como o que você descreve em...

No andar de baixo, uma mulher canalizou brevemente. Alguém soltou um grito do mais puro terror.

Elayne se pôs de pé de imediato, assim como todas as outras. De algum lugar daquele vestido cheio de penas, Birgitte fez surgir uma adaga.

— Deve ter sido Derys — ponderou Reanne. — Ela é a única outra pessoa aqui.

Elayne avançou às pressas e pegou a mulher pelo braço quando ela já zarpava em direção à porta.

— Você ainda não é uma Verde — murmurou, e foi recompensada com um lindo sorriso com covinhas, ao mesmo tempo surpreso, contente e desconfiado. — Nós damos conta disso, Reanne.

Merilille e as outras tomaram posições dos dois lados dela, prontas para acompanhar Elayne, mas Birgitte já estava na porta antes de qualquer uma delas, um sorriso no rosto ao pôr a mão no trinco. Elayne engoliu em seco e não falou nada. Tratava-se da honra do Guardiã, como diziam os Gaidin: primeiros a entrar, últimos a sair. Mas ainda assim Elayne tratou de se encher de *saidar*, pronta para esmagar qualquer coisa que ameaçasse sua Guardiã.

A porta se abriu antes que Birgitte pudesse levantar o trinco.

Mat entrou caminhando tranquilo, empurrando à frente a conhecida criada esbelta.

— Achei que vocês pudessem estar aqui. — Ele abriu um sorriso insolente, ignorando os olhares mortíferos de Derys, e continuou. — Quando encontrei um monte de malditos Guardiões bebendo na taverna de que eu menos gosto. Acabei de seguir uma mulher até o Rahad. Até o andar

superior de uma casa em que não tem ninguém morando, para ser mais preciso. Depois que ela saiu, o chão estava tão empoeirado que eu consegui identificar imediatamente para que aposento ela tinha ido. Tem um maldito cadeado enferrujado imenso na porta, mas eu apostaria mil coroas contra um chute no traseiro que a Tigela de vocês está lá dentro. — Derys tentou lhe dar um chute, no que Mat a empurrou e puxou uma pequena lâmina do cinto. — Será que alguma de vocês não pode falar para essa mistura de cão de guarda e gato selvagem de que lado eu estou? Mulheres com adagas têm me deixado nervoso, ultimamente.

— Nós já sabemos de tudo isso, Mat — disse Elayne.

Bem, elas tinham estado à beira de descobrir tudo aquilo, e o olhar de estupor no rosto dele foi *impagável*. Elayne captou um sentimento de Birgitte, que a encarava com uma expressão neutra, mas aquele ponto de emoções lá no fundo da mente de Elayne irradiava desaprovação. Aviendha provavelmente também não veria aquilo com bons olhos. Abrir a boca foi uma das coisas mais difíceis que Elayne já tinha feito.

— Mas eu preciso agradecer, Mat. Devemos inteiramente a você o fato de termos encontrado o que estávamos procurando. — O estupor boquiaberto dele quase compensou a agonia.

Ele fechou a boca rápido, embora tenha tornado a abri-la para dizer:

— Então vamos contratar um barco e pegar essa maldita Tigela. Com um pouco de sorte, podemos ir embora de Ebou Dar hoje à noite.

— Isso é ridículo, Mat. E não venha me dizer que estou humilhando você. Não vamos sair nos esgueirando pelo Rahad no escuro, e não vamos embora de Ebou Dar até termos usado a Tigela.

Mat tentou argumentar, claro, mas Derys aproveitou a distração dele e tentou chutá-lo mais uma vez. Ele se esquivou contornando Birgitte,

resmungando para que alguém o ajudasse enquanto a mulher esbelta corria atrás dele.

— Ele é seu Guardião, Elayne Sedai? — perguntou Reanne, hesitante.

— Luz, não! Birgitte que é. — Reanne ficou de queixo caído. Após ter respondido uma pergunta, Elayne fez a sua, e era uma pergunta que ela não teria conseguido fazer para qualquer outra irmã. — Se não se importa em me dizer, Reanne, quantos anos você tem?

A mulher hesitou e deu uma olhadela para Mat, mas ele ainda estava se esquivando para manter uma sorridente Birgitte entre Derys e ele.

— No meu próximo dia do nome — respondeu Reanne, como se fosse a coisa mais normal do mundo —, vou completar quatrocentos e doze.

Merilille desmaiou na mesma hora.



CAPÍTULO 32



SELADO À CHAMA

Elaida do Avriny a'Roihan estava sentada, majestosa, no Trono de Amyrlin, a cadeira comprida e com entalhes de vinhas agora pintada em apenas seis cores, em vez de sete, e Elaida tinha uma estola de seis listras nos ombros ao correr o olhar pelo circular Salão da Torre. As cadeiras pintadas das Votantes haviam sido reorganizadas ao longo do palanque que ficava diante da escada e circundava o aposento sob o grande domo; agora estavam mais espaçadas, já que eram apenas seis Ajahs, e dezoito Votantes permaneciam obedientemente paradas. O jovem al'Thor estava ajoelhado em silêncio junto ao Trono de Amyrlin; não falaria sem receber permissão, o que não aconteceria neste dia. Hoje, ele era mais um mero símbolo do poder dela, e as doze Votantes mais estimadas reluziam com o elo que ela própria controlava para mantê-lo em segurança.

— O grande consenso foi alcançado, Mãe — disse Alviarín, em um tom submisso, junto ao ombro dela, curvando a cabeça com humildade diante do cajado com a ponta em formato de chama.

No chão, abaixo do palanque, Sheriam gritava enlouquecida e tinha de ser contida pela Guarda da Torre. A irmã Vermelha que a blindava lançou a ela um olhar de desprezo. Romanda e Lelaine mantinham uma aparente dignidade fria, mas a maioria das outras blindadas e contidas no chão chorava baixinho, talvez aliviada por apenas quatro mulheres terem

recebido a penalidade máxima, talvez amedrontada pelo que mais haveria por vir. Os rostos mais pálidos pertenciam às três que tinha ousado sentar-se em um Salão rebelde para a agora desfeita Azul. Todas as rebeldes haviam sido banidas de suas Ajahs até que Elaida concedesse permissão para que elas requisitassem nova aceitação, mas as outrora Azuis sabiam que enfrentariam anos difíceis trabalhando para voltar às boas graças, anos antes de receberem permissão para adentrar qualquer Ajah que fosse. Até lá, estavam todas na palma de sua mão.

Ela se levantou e o Poder Único que fluiu por ela vindo do círculo pareceu uma manifestação de seu poder.

— O Salão concorda com a vontade do Trono de Amyrlin. Que Romanda seja a primeira a ser açoitada. — Romanda ergueu a cabeça bruscamente; que ela visse quanta dignidade poderia conservar até o estancamento. Elaida fez um gesto rápido. — Levem as prisioneiras e tragam a primeira das pobres irmãs iludidas que as seguiram. Eu aceitarei sua submissão.

Ouviram-se um grito entre as prisioneiras e uma delas se desvencilhou do guarda que lhe agarrava o braço. Egwene al’Vere jogou-se nos degraus aos pés de Elaida, as mãos estendidas, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Peço perdão, Mãe! — gritou ela, chorando. — Eu me arrependo! Vou me submeter; eu me submeto. Por favor, não me estanque! — Em frangalhos, ela soluçava, de cabeça baixa, os ombros tremendo. — Por favor, Mãe! Eu me arrependo! Eu juro!

— O Trono de Amyrlin pode demonstrar misericórdia — respondeu Elaida, exultante. A Torre Branca tinha de perder Lelaine, Romanda e Sheriam para servir de exemplo, mas podia manter a força daquela garota. Ela era a Torre Branca. — Egwene al’Vere, você se rebelou contra sua Amyrlin, mas eu terei misericórdia. Você tornará a vestir o branco de noviça, até que eu pessoalmente julgue que está pronta a ser elevada. Mas

no exato dia de hoje, você será a primeira a proferir um Quarto Juramento no Bastão dos Juramentos, de lealdade e obediência ao Trono de Amyrlin.

As prisioneiras começaram a desabar de joelhos, gritando por permissão para proferir aquele juramento, para provar sua submissão. Lelaine foi uma das primeiras, e nem Romanda nem Sheriam foram a última. Egwene rastejou pelos degraus e beijou a bainha do vestido de Elaida.

— Eu me rendo à sua vontade, Mãe — murmurou ela, aos prantos. — Obrigada. Ah, obrigada!

Alviarin sacudiu o ombro de Elaida.

— Acorde, sua tola! — resmungou ela.

Elaida abriu os olhos e viu a luz fraca de uma única lâmpada na mão de Alviarin, que estava inclinada sobre a cama com a mão em seu ombro.

— O que foi que você disse? — murmurou ela, ainda meio sonolenta.

— Eu disse “por favor, acorde, Mãe” — respondeu Alviarin, em um tom frio. — Covarla Baldene voltou de Cairhien.

Elaida balançou a cabeça, tentando dispersar o final do sonho.

— Tão cedo? Esperava que levassem pelo menos mais uma semana. Covarla, você disse? Onde está Galina?

Perguntas idiotas; Alviarin não compreenderia. Porém, naquele tom frio e cristalino, a mulher respondeu:

— Ela acredita que Galina esteja morta ou aprisionada. Temo que as notícias... não sejam boas.

O que Alviarin compreendia ou não foi-se embora dos pensamentos de Elaida.

— Conte — ordenou ela, jogando de lado o lençol de seda.

Mas ao se levantar e prender com um cinto o robe de seda por sobre a camisola, ouviu apenas fragmentos. Uma batalha. Hordas de mulheres Aiel

canalizando. Al'Thor desaparecido. Desastre. Distraída, ela percebeu que Alviarín estava toda arrumada, usando um vestido branco com bordados prateados, com a estola de Curadora no pescoço. A mulher havia se paramentado antes de ir dar as notícias!

O relógio de chão em seu gabinete batia baixinho a Segunda Baixa enquanto ela adentrava a sala de estar. Ainda era madrugada; a pior hora para receber notícias lúgubres. Covarla levantou-se apressada de uma das poltronas estofadas de vermelho, o rosto implacável marcado de cansaço e preocupação, e ajoelhou-se para beijar o anel de Elaida. Seu vestido escuro de montaria ainda estava sujo por conta da viagem, e seus cabelos claros precisavam de uma escovada, mas ela tinha vestido o xale que usava desde que Elaida se entendia por gente.

Elaida mal esperou que os lábios da mulher tocassem a Grande Serpente antes de puxar a mão de volta.

— Por que a mandaram aqui? — perguntou ela, em um tom rude.

Apanhando a malha de tricô de onde havia deixado, sobre uma cadeira, ela se sentou e começou a remexer as compridas agulhas de marfim. Tricotar servia a muitos dos mesmos propósitos de afagar suas miniaturas em marfim, e ela sem dúvida estava precisando se acalmar. Tricotar também a ajudava a pensar. Ela precisava pensar.

— Onde está Katerine? — Se Galina estivesse morta, Katerine deveria ter assumido o comando à frente de Coiren; Elaida tinha deixado claro que, tão logo al'Thor fosse capturado, a Ajah Vermelha assumiria a liderança.

Covarla pareceu hesitante. Fechou as mãos em torno do xale de franjas vermelhas enrolado nos braços.

— Katerine está entre as desaparecidas, Mãe. Eu estou à frente das que...
— Ela deixou a frase morrer sob o olhar de Elaida, que tinha os dedos

paralisados no meio de passar a lã em uma das agulhas. Covarla engoliu em seco e remexeu os pés.

— Quantas, filha? — enfim perguntou Elaida. Não podia acreditar que sua voz estava tão serena.

— Não sei dizer quantas escaparam, Mãe — respondeu Covarla, hesitante. — Não ousamos esperar para fazer uma varredura mais completa, e...

— Quantas? — gritou Elaida. Estremecendo, ela se forçou a concentrar-se no tricô; ceder à raiva era fraqueza. Enroscar o novelo, puxar e dar a volta. Movimentos suaves.

— Eu... trouxe onze outras irmãs comigo, Mãe. — A mulher fez uma pausa, respirando pesado, e diante do silêncio de Elaida apressou-se em continuar: — Outras podem estar retornando, Mãe. Gawyn recusou-se a continuar esperando, e não ousamos permanecer sem ele e sua Jovem Guarda, não com tantos Aiel presentes, e os...

Elaida não ouviu. Doze retornaram. Se mais alguma tivesse escapado, teria voado de volta para Tar Valon e chegado antes de Covarla, sem dúvida. Mesmo que uma ou duas estivessem feridas, viajando devagar... doze, de trinta e nove. A Torre não sofrera um desastre daquela magnitude nem durante as Guerras dos Trollocs.

— Essas bravias Aiel precisam aprender uma lição — disse ela, interrompendo a tagarelice de Covarla. Galina pensara poder usar Aiel para distrair Aiel; que idiota ela fora! — Vamos resgatar as irmãs que estão sendo feitas prisioneiras e ensinar a elas o que significa desafiar as Aes Sedai! E vamos recuperar al'Thor.

Ela não o deixaria escapar, nem que tivesse de liderar pessoalmente toda a Torre Branca para capturá-lo! A Previsão tinha sido certa. Ela ia triunfar!

Lançando um olhar nervoso para Alviarin, Covarla tornou a remexer os pés.

— Mãe, aqueles homens... eu acho...

— Não ache nada! — vociferou Elaida.

Ela agarrou as agulhas de tricô convulsivamente e inclinou-se para a frente de um jeito tão feroz que Covarla chegou a erguer a mão, como se para defender-se de um ataque. Elaida se esquecera da presença de Alviarin. Bom, a mulher sabia o que sabia, agora; com isso ela lidaria mais tarde. — Você manteve segredo, Covarla? Além de informar à Curadora?

— Ah, sim, Mãe — Covarla apressou-se em responder, balançando a cabeça avidamente, feliz por ter feito algo certo. — Adentrei a cidade sozinha e escondi o rosto até encontrar Alviarin. Gawyn queria me acompanhar, mas os guardas da ponte se recusaram a deixar qualquer integrante da Jovem Guarda passar.

— Esqueça Gawyn Trakand — ordenou Elaida, em um tom amargo. O jovem continuava vivo para atrapalhar seus planos, ao que parecia. Se Galina ainda estivesse viva, no fim das contas, pagaria por ter fracassado nisso, além de ter deixado al'Thor escapar. — Você vai sair da cidade tão discretamente quanto entrou, filha, e permanecer bem escondida com as outras em alguma aldeia para além das cidades da ponte, até que eu mande buscá-la. Dorlan vai servir. — Elas teriam de dormir em celeiros naquela aldeia diminuta, onde nem estalagem havia; era o mínimo que seu malfeito merecia. — Agora vá. E reze para que alguém acima de você chegue logo. O Salão vai exigir reparação por essa catástrofe sem precedentes, e no momento parece que você ocupa o primeiro lugar entre as culpadas. Vá!

Covarla ficou pálida. Tremia tanto ao fazer a reverência para se retirar, que Elaida achou que a mulher ia desabar no chão. Incompetentes! Estava rodeada de imbecis, traidoras e incompetentes!

Tão logo Elaida ouviu a porta externa se fechar, deixou o tricô de lado, levantou-se e virou-se para Alviarin.

— Por que eu não fiquei sabendo disso antes? Se al’Thor fugiu... quando foi que você disse? Faz sete dias? Se ele fugiu faz sete dias, os informantes de alguém deveriam ter visto. Por que eu não fui informada?

— Eu só posso transmitir à senhora o que as Ajahs me passam, Mãe. — Alviarin ajeitou calmamente a estola, nem um pouco exaltada. — A senhora está mesmo pretendendo provocar um terceiro desastre, tentando resgatar as prisioneiras?

Elaida soltou um fungado desdenhoso.

— Você acha mesmo que bravias podem enfrentar Aes Sedai? Galina deve ter sido pega de surpresa. — Ela franziu o cenho. — Como assim, um *terceiro* desastre?

— A senhora não ouviu, Mãe. — Espantosamente, Alviarin se sentou sem receber permissão, cruzando as pernas e ajeitando as saias, muito serena. — Covarla acha que talvez tivessem conseguido encarar as bravias... embora eu acredite que ela está longe de ter a certeza que quis demonstrar... mas os homens eram outra história. Centenas de homens usando casacos pretos, todos canalizando. Ela estava muito certa disso, e aparentemente as outras também. Ela os chamou de armas vivas. Acho que quase se borrou só de lembrar.

Elaida se levantou bruscamente. Centenas?

— Impossível. Não pode haver mais de...

Ela foi até uma mesa toda de marfim e ouro e serviu-se de um cálice de ponche de vinho. A borda da jarra de cristal encostou no cálice, e quase a mesma quantidade de ponche foi parar em cima da bandeja.

— Já que al’Thor é capaz de Viajar — disse Alviarin, de repente —, parece lógico que pelo menos alguns desses homens também consigam.

Covarla tem certeza de que foi assim que eles chegaram. Suponho que ele esteja bastante aborrecido com seu tratamento. Covarla parecia um tanto nervosa com isso; sugeriu que várias irmãs estavam. Ele pode sentir que lhe deve alguma coisa. Não seria nada agradável ver esses homens surgindo de repente bem aqui na Torre, seria?

Elaida praticamente virou o ponche goela abaixo. Galina tinha sido instruída a começar a deixar al'Thor dócil. Se ele fosse atrás de vingança... Se realmente houvesse centenas de homens capazes de canalizar, ou mesmo uma centena... Ela precisava pensar!

— Naturalmente, se eles estivessem vindo, acredito que a essa altura já teriam chegado. Não teriam desperdiçado o elemento surpresa. Talvez nem mesmo al'Thor deseje confrontar a Torre inteira. Suponho que tenham todos retornado a Caemlyn, à sua Torre Negra. O que eu temo que signifique que Toveine está prestes a ter uma horrível surpresa.

— Redija uma ordem para que ela retorne imediatamente — disse Elaida com a voz rouca. O ponche não pareceu ajudar.

Ela se virou e assustou-se ao ver Alviarin bem à sua frente. Talvez não houvesse nem sequer uma centena... *Nem sequer* uma centena? Na noite anterior, *dez* teria parecido loucura... Mas ela não podia arriscar.

— Escreva você mesma, Alviarin. Agora; agora mesmo.

— E como é que faço a correspondência chegar a ela? — Alviarin inclinou a cabeça em uma curiosidade fria. Por algum motivo, exibia um leve sorriso. — Nenhuma de nós é capaz de Viajar. Os navios vão atracar com Toveine e seu grupo em Andor a qualquer momento, se já não tiverem atracado. A senhora disse a ela que se dividissem em pequenos grupos e evitassem as aldeias, de modo a não dar sinal. Não, Elaida, eu temo que Toveine vá reunir suas forças perto de Caemlyn e atacar a Torre Negra sem que nenhuma palavra nossa chegue até ela.

Elaida arfou. A mulher acabara de chamá-la pelo nome! E antes que pudesse começar a retrucar, ultrajada, o pior veio:

— Acho que você está em grandes apuros, Elaida. — Olhos frios a encaravam, e palavras frias saíam delicadamente dos lábios sorridentes de Alviarin. — Cedo ou tarde o Salão vai ficar sabendo do desastre com al'Thor. Talvez Galina pudesse apaziguar o Salão, mas duvido que Covarla consiga; elas vão querer que alguém... superior... pague. E cedo ou tarde vamos todas descobrir o destino de Toveine. Então vai ser difícil para você manter isso aqui nos ombros. — Ela ajeitou displicentemente a estola de Amyrlin no pescoço de Elaida. — A bem da verdade, vai ser impossível, se elas descobrirem tudo isso em breve. Você vai ser estancada, para servir de exemplo, como quis fazer com Siuan Sanche. Mas pode ser que haja tempo de reverter a situação, se escutar a sua Curadora. É melhor aceitar bons conselhos.

Elaida sentia a língua congelada. A ameaça não poderia ter sido mais clara.

— O que você ouviu esta noite está Selado à Chama — disse ela, em um tom firme, mas soube que as palavras eram inúteis antes mesmo que saíssem de sua boca.

— Se está pretendendo rejeitar o meu conselho... — Alviarin fez uma pausa, então começou a dar meia-volta.

— Espere! — Elaida recolheu a mão que havia estendido sem se dar conta. Destituída da estola. Estancada. Mesmo depois disso, elas a fariam gritar. — O que...? — Ela precisou parar e engolir em seco. — Que conselho minha Curadora oferece? — Tinha de haver um meio de impedir aquilo.

Com um suspiro, Alviarin se aproximou. Demais, na verdade; se aproximou mais do que qualquer um deveria se aproximar da Amyrlin, até

que suas saias quase se tocassem.

— Primeiro, receio que você precise abandonar Toveine à própria sorte, pelo menos por enquanto. E também Galina e quem mais tiver sido feita prisioneira, seja pelos Aiel ou pelos Asha'man. Qualquer tentativa de resgate agora faria com que você fosse descoberta.

Elaida assentiu lentamente.

— Sim, eu compreendo.

Ela não conseguia desviar os olhos aterrorizados da mirada exigente da mulher. Tinha de haver um meio! Aquilo não podia estar acontecendo!

— E acho que é hora de reconsiderar sua decisão a respeito da Guarda da Torre. Você não acha mesmo que a Guarda tenha que aumentar?

— Eu... vejo o caminho livre para fazer isso.

Luz, ela precisava pensar!

— Que bom — murmurou Alviarin, e Elaida fervilhou com uma ira impotente. — Amanhã, você vai vasculhar pessoalmente os aposentos de Josaine e os de Adelorna.

— Pela Luz, por que eu faria...?

A mulher tornou a puxar sua estola listrada, desta vez de forma brusca, como se para serrar seu pescoço com ela.

— Parece que Josaine encontrou um *angreal* há alguns anos e nunca o entregou. Adelorna fez pior, receio. Subtraiu um *angreal* de um dos depósitos sem permissão. Quando você os encontrar, vai anunciar a punição das duas imediatamente. Algo bem severo. E ao mesmo tempo vai expor Doraise, Kiyoshi e Farellien como exemplos de preservação da lei. Vai dar um presente a cada uma; um bom cavalo estará de bom tamanho.

Elaida imaginou se seus olhos pulariam do rosto.

— Por quê?

De tempos em tempos, uma irmã guardava para si um *angreal*, desafiando a lei, mas a punição raramente era mais do que uma açoitada na mão. Toda irmã sabia da tentação. E o restante! O efeito era óbvio. Todas acreditariam que Doraise, Kiyoshi e Farellien tinham exposto as outras duas. Josaine e Adelorna eram Verdes, as outras, Marrom, Cinza e Amarela, respectivamente. A Ajah Verde ficaria furiosa. Poderiam até tentar se vingar das outras, o que incitaria essas Ajahs, e...

— Por que você quer fazer isso, Alviarin? — insistiu ela.

— Elaida, saber que esse é o meu conselho deveria bastar. — O olhar zombeteiro e meio frio transformou-se em aço gélido. — Quero ouvir você dizer que vai fazer o que lhe for mandado. Senão, não faz nenhum sentido eu me esforçar para manter a estola no seu pescoço. Diga!

— Eu... — Elaida tentou desviar o olhar. Ah, Luz, ela precisava pensar! Havia um nó em seu estômago. — Eu... vou fazer... o que... me for mandado.

Alviarin sorriu, aquele sorriso frio.

— Está vendo? Não doeu tanto assim. — De súbito ela deu um passo atrás, estendendo as saias em uma medida comedida. — Com a sua permissão, vou me retirar e deixá-la dormir durante o restante da noite. Amanhã terá de acordar cedo, pois vai ser uma manhã cheia, com ordens a emitir para o Grão-capitão Chubain e aposentos para revistar. Também precisamos decidir sobre quando permitir que a Torre saiba sobre os Asha'man. — Seu tom deixava claro que era ela quem decidiria. — E talvez devamos começar a planejar nosso próximo lance contra al'Thor. Já está na hora de a Torre se posicionar abertamente e pôr o rapaz na linha, não acha? Pense bem. Boa noite, Elaida.

Tonta e querendo vomitar, Elaida observou-a partir. Posicionar-se abertamente? Isso incitaria aqueles... como a mulher tinha chamado?

Aqueles Asha'man. Aquilo não podia estar acontecendo com ela. Não com ela! Antes de perceber o que fazia, Elaida arremessou o cálice, que estilhaçou-se em uma tapeçaria floral na parede. Agarrando a jarra com as duas mãos, ela ergueu-a acima da cabeça com um ganido de fúria e arremessou-a também, fazendo jorrar todo o ponche. A Previsão fora tão certa! Ela ia...!

De repente, ela parou, franzindo o cenho para os diminutos estilhaços de cristal agarrados à tapeçaria e para os pedaços maiores espalhados pelo chão. A Previsão. A Previsão sem dúvida comunicara seu triunfo. *Seu* triunfo! Alviarin podia obter sua pequena vitória, mas o futuro pertencia a Elaida. Contanto que pudesse se livrar da outra mulher. Mas isso teria de ser feito na surdina, de alguma forma que até o Salão fosse querer silêncio. De alguma forma que só apontasse para Elaida quando fosse tarde demais, caso as velas de Alviarin se inflassem. E de súbito o motivo lhe veio à mente. Alviarin não acreditaria se alguém lhe contasse. Ninguém acreditaria.

Se Alviarin pudesse ver o sorriso de Elaida naquele momento, seus joelhos teriam se transformado em geleia. No fim das contas, Alviarin estaria invejando Galina, viva ou morta.

* * *

Parada no corredor em frente aos aposentos de Elaida, Alviarin observou as próprias mãos à luz dos lampiões. Não tremiam, o que era uma surpresa. Tinha esperado que a mulher oferecesse mais resistência, por mais tempo. Mas tinha começado, e não havia nada a temer. A menos que Elaida descobrisse que pelo menos cinco Ajahs haviam mencionado al'Thor a ela nos últimos dias; a deposição de Colavaere fizera espiões de todas as Ajahs em Cairhien voarem para mandar um recado. Não, se de fato Elaida

descobrisse, ela estaria a salvo, com o controle que possuía sobre a mulher agora. E com Mesaana como protetor. Elaida, no entanto, estava acabada, quer percebesse isso ou não. Mesmo que os Asha'man fracassassem em destruir a expedição de Toveine — e ela tinha certeza de que a destruiriam, depois do que Mesaana contara a respeito dos eventos nos Poços de Dumai —, todos os informantes em Caemlyn ganhariam asas assim que soubessem. Na falta de um milagre, tal como as rebeldes surgindo nos portões, Elaida sofreria o mesmo destino de Siuan Sanche em questão de semanas. De qualquer modo, tinha começado, e se ela queria saber *o que* tinha começado, só precisava obedecer. E observar. E aprender. Talvez ela própria usasse a estola de sete listras quando tudo estivesse acabado.

* * *

Sob a luz do sol da manhã invadindo suas janelas, Seaine molhou a pena, mas antes que pudesse escrever a palavra seguinte, a porta se abriu e a Amyrlin irrompeu. Seaine ergueu as grossas sobrancelhas negras; esperava qualquer outra pessoa antes de Elaida, talvez até o próprio Rand al'Thor. Mesmo assim, deitou a pena e levantou-se, devagar, baixando as mangas branco-prateadas que erguera para proteger da tinta. Curvou-se em uma medida apropriada ao Trono de Amyrlin feita por uma Votante em seus próprios aposentos.

— Eu realmente espero que não tenha encontrado nenhuma irmã Branca escondendo um *angreal*, Mãe.

Ela de fato esperava, com fervor. A incursão de Elaida às Verdes, poucas horas antes, enquanto a maioria dormia, decerto ainda estava causando lamúrias e rangidos de dentes. Ninguém se recordava de uma pessoa já ter

sido açoitada por esconder um *angreal*, e agora duas seriam. A Amyrlin devia estar tendo um de seus famigerados acessos de fúria.

Se estava, contudo, já não restava sinal disso. Por um instante, ela observou Seaine em silêncio, fria como um lago de inverno em suas sedas de listras vermelhas, então deslizou com elegância até o aparador onde ficavam as miniaturas de marfim pintado da família de Seaine. Todos mortos há muito tempo, mas ela ainda amava cada um.

— Você não votou para me elevar a Amyrlin — disse Elaida, apanhando a imagem do pai de Seaine, que devolveu rapidamente ao lugar para pegar a da mãe.

Seaine quase ergueu outra vez as sobrancelhas, mas tentava seguir a regra de não se deixar surpreender mais de uma vez por dia.

— Só fui informada de que o Salão estava se reunindo depois que já tinha acabado, Mãe.

Mesmo depois de todos aqueles anos, sua voz ainda guardava um toque de sotaque lugardiano.

— Sim, sim.

Abandonando as pinturas, Elaida deslizou até a lareira. Seaine sempre fora afeita a gatos, e havia gatos de todos os tipos esculpidos em madeira por sobre a cornija da lareira, alguns em poses engraçadas. A Amyrlin olhou séria para as estatuetas, cerrou os olhos e balançou a cabeça de leve.

— Mas você ficou — disse ela, virando-se depressa. — Todas as Votantes que não foram informadas fugiram da Torre e se juntaram às rebeldes. Menos você. Por quê?

Seaine espalmou as mãos.

— O que mais eu poderia fazer além de ficar, Mãe? A Torre tem de permanecer íntegra.

Seja lá quem for a Amyrlin, acrescentou para si mesma. *E qual é o problema com os meus gatos, posso saber?* Não que jamais fosse perguntar em voz alta, claro. Sereille Bagand fora uma impetuosa Mestra das Noviças, antes de ser elevada ao Trono de Amyrlin no mesmo ano em que ela própria conquistara o xale, e uma Amyrlin ainda mais impetuosa do que Elaida seria até com dor de dente. Seaine tivera as boas maneiras muito internalizadas para que isso mudasse em alguns anos, ou por qualquer desafeição pela mulher usando a estola. Não era necessário gostar de uma Amyrlin.

— A Torre tem de permanecer íntegra — concordou Elaida, esfregando as mãos. — Tem de permanecer íntegra.

Ora, por que ela estava nervosa? Elaida tinha noventa e nove tipos de humor, todos cortantes feito uma faca e duas vezes mais afiados, mas nervosa a mulher não era.

— O que lhe digo agora está Selado à Chama, Seaine. — Ela contorceu a boca com amargura e deu de ombros, fazendo a estola tremer de maneira irritadiça. — Se eu soubesse como fortalecer o selo, eu fortaleceria — disse, seca feito pó.

— Vou guardar suas palavras no coração, Mãe.

— Eu quero que você... Eu ordeno que você se encarregue de um inquérito. E precisa de fato guardá-lo no coração. Se isso chegar aos ouvidos errados, pode haver morte e desastre em toda a Torre.

Seaine franziu as sobrancelhas. Morte e desgraça em toda a Torre?

— No coração — repetiu ela. — Quer se sentar, Mãe? — Era o gesto apropriado, em seus próprios aposentos. — Posso lhe servir um chá de menta? Ou ponche de ameixa?

Dispensando com um gesto a oferta do refresco, Elaida escolheu a cadeira mais confortável, entalhada pelo pai de Seaine como presente

quando ela recebeu o xale, embora naturalmente o estofamento já tivesse sido trocado muitas vezes desde então. A Amyrlin fazia a cadeira de fazenda parecer um trono, sentada muito contida, rígida feito ferro. Desagradavelmente, ela não concedeu permissão para que Seaine se sentasse também, então ela cruzou os braços e permaneceu de pé.

— Pensei muito seriamente sobre traição, Seaine, desde que minha predecessora e sua Curadora conseguiram escapar. Tiveram ajuda para isso. Com certeza houve traição no âmago dessa fuga, e eu receio que apenas uma irmã, ou várias, poderiam ter executado isso.

— Sem dúvida é uma possibilidade, Mãe.

Elaida franziu o cenho ao ser interrompida.

— Nunca se pode ter certeza de quem guarda no coração a sombra da traição, Seaine. Ora, eu suspeito que alguém tenha organizado uma contraordem a uma ordem minha. E tenho motivos para crer que alguém se comunicou em particular com Rand al'Thor; com que finalidade, não sei dizer, mas isso sem dúvida é traição contra mim e contra a Torre.

Seaine esperou mais, mas a Amyrlin limitou-se a encará-la de volta, alisando de leve as saias de listras vermelhas.

— Que inquérito a senhora deseja que eu faça, Mãe? — perguntou ela, cautelosa.

Elaida se levantou.

— Confio a você a tarefa de seguir o rastro da traição; não importa aonde leve, ou a que altura, mesmo à própria Curadora. Sim, mesmo a ela. O que você encontrar, aonde quer que seja, vai trazer ao Trono de Amyrlin sozinha, Seaine. Ninguém mais deve saber. Está me entendendo?

— Estou entendendo as suas ordens, Mãe.

E as ordens foram basicamente tudo o que ela entendeu, Seaine pensou depois que Elaida partiu ainda mais depressa do que chegara. Refletindo,

ela ocupou a cadeira que a Amyrlin tinha liberado, apoiando o queixo no punho como seu pai sempre fazia ao sentar-se para pensar. Por fim, tudo fez sentido.

Ela não teria ficado contra Siuan Sanche — fora ela quem propusera a garota como Amyrlin, para começo de conversa! —, mas uma vez que as coisas tinham sido resolvidas e os protocolos, seguidos, por mais que frugalmente, auxiliar na sua fuga certamente fora traição. E contraordenar deliberadamente uma ordem da Amyrlin também. Comunicar-se com al'Thor talvez também fosse; dependia do quanto tinha sido comunicado e com que intenção. Descobrir quem alterara a ordem da Amyrlin seria difícil sem saber qual fora a ordem. Àquela altura do campeonato, havia tão pouca chance de sucesso em descobrir quem ajudara Siuan a fugir quanto em descobrir quem poderia estar escrevendo para al'Thor. Tantos pombos entravam e saíam dos pombais da Torre todos os dias, que às vezes o céu parecia coberto de penas. Se Elaida sabia mais do que contara, certamente evitara revelar. Tudo aquilo fazia muito pouco sentido. A ideia de traição deveria fazer Elaida borbulhar de raiva, mas ela não demonstrara irritação. Demonstrara nervosismo. E ansiedade para ir embora. E um ar misterioso, como se não quisesse contar tudo o que sabia ou suspeitava. Quase como se sentisse medo. Que tipo de traição deixaria Elaida nervosa ou com medo? Morte e desgraça em toda a Torre.

Como as peças de um quebra-cabeças, tudo fez sentido, e Seaine ergueu as sobrancelhas ao máximo. Tudo se encaixava, tudo. Ela sentiu o sangue se esvaír do rosto; de súbito suas mãos e pés eram puro gelo. Selado à Chama. Ela dissera que guardaria aquilo no coração, mas tudo mudara desde que proferira aquelas palavras. Ela apenas se permitia sentir medo quando era lógico sentir, e naquele exato momento estava aterrorizada. Não conseguiria enfrentar aquilo sozinha. Mas quem? Dadas as circunstâncias, quem? Essa

resposta veio muito mais facilmente. Ela levou algum tempo para se recompor, mas depois saiu de seus aposentos e do alojamento das Brancas caminhando bem mais depressa que de costume.

Serviçais circulavam pelos corredores, como sempre, mas ela avançava tão depressa que ultrapassava a maioria antes que pudessem se curvar em mesuras ou reverências. Porém, o número de irmãs por ali era menor do que deveria, pelo horário. Muito menor. Ainda assim, por mais que a maioria tivesse preferido ficar nos próprios alojamentos, por algum motivo, as poucas que ela viu compensavam. Irmãs vagavam pelos corredores repletos de tapeçarias, todas de rostos serenos e olhos fervorosos. Aqui e ali, duas ou três conversavam, com olhares atentos para ver quem poderia estar escutando. Sempre duas ou três da mesma Ajah. Ainda no dia anterior ela vira mulheres compartilhando amizade entre Ajahs, tinha certeza. As Brancas supostamente deviam deixar de lado os sentimentos, mas ela jamais vira motivo para se fazer de cega, como algumas faziam. A desconfiança fazia ferver o clima na Torre. Nada de novo, infelizmente — a Amyrlin começara com medidas duras, e os rumores em relação a Logain só tinham exacerbado a situação —, mas aquela manhã parecia pior que nunca.

Talene Minly surgiu em uma esquina adiante, o xale não apenas nos ombros, mas caindo por sobre os braços, como se para exibir as franjas verdes. Inclusive, ela percebeu que todas as Verdes que encontrara aquela manhã estavam usando o xale. Talene, de cabelos claros, cheia de curvas e bela, apoiara a deposição de Siuan, mas chegara à Torre quando Seaine ainda era uma Aceita, e essa decisão não prejudicou sua longa amizade. Compreendia as razões de Talene, por mais que não concordasse com elas. Naquele dia, sua amiga parou, observando-a com desconfiança. Ultimamente muitas irmãs pareciam se olhar assim. Em outro momento, ela

teria parado, mas sua cabeça parecia prestes a explodir feito um melão podre. Talene era sua amiga, e achava que podia confiar nela, mas naquele caso achar não bastava. Mais tarde, se possível, ela se aproximaria de Talene. Torcendo para que fosse possível, ela passou apressada, dispensando apenas um aceno de cabeça.

Nos alojamentos das Vermelhas, o clima era ainda pior, o ar mais pesado. Assim como nas outras Ajahs, agora havia muito mais quartos do que irmãs para ocupá-los — estava assim desde muito antes de a primeira rebelde fugir —, mas a Vermelha era a maior das Ajahs, e as irmãs ocupavam os andares ainda em uso. As Vermelhas costumavam usar o xale mesmo sem necessidade, mas agora todas exibiam as franjas vermelhas feito um estandarte. As conversas cessaram assim que Seaine se aproximou, e olhos frios a acompanharam em uma bolha gélida de silêncio. Ela se sentiu uma invasora em pleno território inimigo ao cruzar o chão com aqueles característicos azulejos brancos, com a lágrima da Chama de Tar Valon em vermelho. Por outro lado, qualquer parte da Torre poderia ser território inimigo. Olhando por outro ângulo, aquelas chamas vermelhas poderiam se passar por Presas do Dragão. Ela jamais acreditara naquelas histórias irracionais sobre as Vermelhas e os falsos Dragões, mas... Por que ninguém negava?

Ela precisava pedir informações sobre o caminho.

— Não vou perturbá-la se ela estiver ocupada — disse Seaine. — Um dia fomos amigas próximas, e eu gostaria que voltássemos a ser. Agora, mais do que nunca, as Ajahs não podem se dar ao luxo de se distanciar.

Era tudo verdade, embora as Ajahs parecessem estar ruindo, mais do que se distanciando, mas a domanesa escutou com uma expressão séria. Não havia muitas domanesas Vermelhas, e as poucas que havia em geral eram piores que cobras acuadas.

— Eu vou anunciá-la, Votante — disse a mulher, por fim, e não de forma muito respeitosa. Ela conduziu o caminho, então observou enquanto Seaine batia à porta, como se não confiasse em deixá-la ali sozinha. Os painéis da porta também tinham entalhes da Chama, com verniz da cor de sangue fresco.

— Entre! — bradou uma voz do lado de dentro.

Seaine abriu a porta, torcendo para que estivesse certa.

— Seaine! — exclamou Pevara, com alegria. — O que a traz aqui esta manhã? Venha! Feche a porta e sente-se!

Foi como se todos os anos desde que eram noviças e Aceitas juntas tivessem desaparecido. Pevara era bastante roliça e não muito alta — na verdade, para uma kandoriana, era baixa —, e também muito bonita, com um brilho jovial nos olhos escuros e um sorriso vivaz. Era uma pena que tivesse escolhido as Vermelhas, ainda que por bons motivos, porque ainda gostava dos homens. As Vermelhas de fato atraíam mulheres que guardavam certa desconfiança natural dos homens, mas outras a escolhiam pela importância da tarefa de encontrar homens capazes de canalizar. Quer gostassem, desgostassem ou não tivessem neles o menor interesse, para começo de conversa, não eram muitas as mulheres que ficavam anos na Ajah Vermelha sem adquirir uma opinião amarga a respeito de todos os homens. Seaine tinha motivos para crer que Pevara recebera uma penitência, pouco depois de obter o xale, por dizer que gostaria de ter um Guardião; desde que alcançara uma posição mais elevada no Salão, ela alegara abertamente que Guardiões facilitariam o trabalho da Ajah Vermelha. Não que isso tivesse qualquer relação com a confiança de Seaine nela. De todas as irmãs da Torre, porém, era em Pevara que ela tinha certeza de *poder* confiar em relação àquilo.

— Você não faz ideia de como estou feliz em vê-la — disse Pevara, quando as duas se acomodaram em poltronas entalhadas com as espirais populares em Kandor cem anos antes, segurando delicadas xícaras pintadas com borboletas cheias de chá de mirtilo. — Pensei muitas vezes em procurá-la, mas admito que temia o que você diria depois de eu ter cortado relações tão bruscamente, há tantos anos. Juro pela espada, Seaine, eu não queria ter feito isso, mas Tesien Jorhald praticamente me agarrou pelos cabelos, e eu ainda tinha o xale havia muito pouco tempo para resistir a ela. Você me perdoa?

— É claro que sim — respondeu Seaine. — Eu compreendo.

A Vermelha desencorajava fortemente amizades fora da Ajah. Fortemente, e de modo eficiente.

— Não conseguimos ir contra nossas Ajahs quando somos jovens, e mais tarde parece impossível voltar atrás. Mil vezes eu me lembrei de nós duas cochichando depois da Última... ah, e as traquinagens! Lembra quando jogamos pó de sarnalho na roupa de Serancha? Mas eu sinto dizer que precisei ficar louca de medo para criar coragem de vir. Quero que voltemos a ser amigas, mas também preciso da sua ajuda. Você é a única em quem eu tenho certeza de poder confiar.

— Serancha era uma arrogante naquela época, e continua sendo. — Pevara riu. — A Cinza é um bom lugar para ela. Mas não consigo acreditar que alguma coisa a deixou com medo. Ora, você nunca concluía que era lógico ficar medo até que estivéssemos de volta em nossas camas. Eu só não posso prometer tomar uma posição diante do Salão sem saber o motivo, mas de resto eu a ajudarei como puder, Seaine. Do que você precisa?

Tendo chegado ao ponto, Seaine hesitou, bebericando o chá. Não que tivesse qualquer dúvida em relação a Pevara, mas dizer as palavras em voz alta era... difícil.

— A Amyrlin veio me ver hoje de manhã — disse ela, por fim. — Instruiu-me a conduzir um inquérito, Selado à Chama.

Pevara franziu o cenho de leve, mas não disse que, naquele caso, Seaine não deveria estar falando a respeito. Seaine podia ter planejado a execução da maioria de suas traquinagens, na juventude, mas era Pevara quem tinha a audácia de elaborar todas elas e o destemor para concluí-las.

— Ela foi muito circunspecta, mas depois de pensar um pouco, ficou claro para mim o que ela queria. Eu preciso descobrir... — Ao final da frase, sua coragem desapareceu. — Amigas das Trevas na Torre.

Os olhos de Pevara, tão escuros quanto os de Seaine eram azuis, tornaram-se duros feito pedra e dispararam até a cornija da lareira, onde miniaturas de sua própria família formavam uma fileira precisa. Todos haviam morrido quando ela ainda era noviça, pais, irmãos e irmãs, tias, tios e tudo mais, assassinados em uma insurreição rapidamente estancada de Amigos das Trevas convencidos de que o Tenebroso estava prestes a se libertar. Era por isso que Seaine tivera certeza de que podia confiar nela. Por isso Pevara escolhera ser Vermelha — embora Seaine ainda achasse que ela poderia ter se saído melhor e sido mais feliz como Verde —, pois acreditava que uma Vermelha, caçadora de homens capazes de canalizar, teria mais chances de encontrar Amigos das Trevas. Ela tinha muito talento; aquele exterior roliço escondia um interior de aço. E tinha a coragem para dizer calmamente o que Seaine fora incapaz de se forçar a falar.

— A Ajah Negra. Pois bem. Não me admira que Elaida estivesse circunspecta.

— Pevara, eu sei que ela sempre negou a existência da Ajah Negra com a maior veemência, mas tenho certeza absoluta de que foi isso o que ela quis dizer, e se a Amyrlin pensa isso...

Sua amiga a calou com um aceno.

— Você não precisa me convencer, Seaine. Eu tenho certeza de que a Ajah Negra existe desde... — Estranhamente, Pevara titubeou, espiando o fundo da xícara de chá feito uma quiromante em uma feira. — O que você sabe sobre os eventos logo depois da Guerra dos Aiel?

— Duas Amyrlin morreram de repente, em um intervalo de cinco anos — respondeu Seaine, com cautela.

Presumiu que Pevara estivesse falando de eventos ocorridos na Torre. Verdade fosse dita, até ser elevada a Votante, quase quinze anos antes, apenas um ano depois de Pevara, ela não dava atenção a muita coisa fora da Torre. E a pouca coisa dentro, inclusive.

— Muitas irmãs morreram naqueles anos, pelo que me lembro. Está dizendo que pensa ter havido a mão da... Ajah Negra nisso?

Pronto; ela dissera, e o nome não lhe queimara a língua.

— Não sei — respondeu Pevara, baixinho, balançando a cabeça. — Você fez bem em se envolver a fundo com a filosofia. Coisas foram... feitas... naquela época, e Seladas à Chama. — Ela respirou fundo, perturbada.

Seaine não pressionou; ela própria tinha cometido algo similar a traição ao romper aquele mesmo selo, e Pevara teria de se decidir sozinha.

— Olhar os informes vai ser mais seguro do que fazer perguntas sem ter ideia de para quem de fato estamos perguntando. Naturalmente, uma irmã Negra deve ser capaz de mentir, apesar dos Juramentos. — Do contrário, a Ajah Negra já teria sido revelada há muito tempo. Ela parecia estar se acostumando a usar o nome. — Se alguma irmã escreveu que fez uma coisa e pudermos provar que ela fez outra, encontramos uma Amiga das Trevas.

Pevara assentiu.

— Sim. Talvez não haja a mão da Ajah Negra na rebelião, mas não creio que elas deixariam de tirar proveito da desordem. Precisamos olhar com atenção as coisas deste último ano, eu acho.

Seaine concordou, relutante. Haveria menos páginas para ler e mais perguntas a fazer em relação aos meses recentes. Decidir quem mais faria parte do inquérito era ainda mais difícil. Sobretudo depois que Pevara disse:

— Você foi muito corajosa em vir até mim, Seaine. Soube de Amigos das Trevas que mataram irmãos, irmãs e pais para tentar esconder suas identidades e seus feitos. Amo você por isso, mas de fato foi muito corajosa.

Seaine estremeceu, o corpo arrepiado. Se quisesse ser corajosa, teria escolhido a Verde. Quase desejou que Elaida tivesse procurado outra pessoa. Agora, contudo, não havia como recuar.



CAPÍTULO 33



UM BANHO

Os dias depois de mandar Perrin embora pareceram intermináveis para Rand, e as noites, mais longas ainda. Ele se recolheu a seus aposentos e lá ficou, ordenando que as Donzelas não permitissem a entrada de ninguém. Somente Nandera podia adentrar as portas com os sóis dourados, para levar as refeições dele. A Donzela magra e musculosa deitava a bandeja coberta, listava todos que tinham pedido para vê-lo e lançava um olhar de censura quando Rand repetia que não veria ninguém. Com frequência ele ouvia os comentários reprovadores das Donzelas do lado de fora, antes que ela fechasse a porta; elas queriam que ele ouvisse, do contrário usariam a linguagem de sinais. Mas, se achavam que o tirariam do quarto alegando que ele estava de rabugice... As Donzelas não compreendiam, e talvez não compreendessem mesmo que ele explicasse. Se ele conseguisse explicar.

Ele comia sem apetite e tentava ler, mas seus livros preferidos só o distraíam por algumas páginas, mesmo no início. Pelo menos uma vez por dia, embora tivesse prometido a si mesmo que não faria isso, ele erguia o pesado guarda-roupas de madeira escura polida e marfim que havia em seu dormitório, fazia-o flutuar com fluxos de Ar e cuidadosamente desenredava as armadilhas que preparara e o Espelho de Brumas que fazia a parede parecer lisa, tudo invertido de modo que nenhum olho além dos dele pudesse enxergar. Ali, em um nicho aberto com o Poder, jaziam duas

estatuetas de pedra branca de cerca de um pé de altura, uma mulher e um homem, os dois em robes fluidos, segurando com uma das mãos uma esfera translúcida de cristal acima da cabeça. Na noite em que pôs o exército em movimento em direção a Illian, Rand fora até Rhuidean sozinho buscar aqueles *ter'angreal*: se precisasse deles, talvez não tivesse muito tempo. Fora o que ele dissera a si mesmo. Ele estendeu a mão para o homem barbado, o único do par que podia ser usado por um homem, estendeu a mão e parou, trêmulo. Se um dedo o tocasse, ele tomaria posse de uma porção inimaginável do Poder Único. Com isso, ninguém poderia derrotá-lo, ninguém o enfrentaria. Com isso, dissera Lanfear certa vez, ele poderia desafiar o Criador.

— É meu por direito — murmurava ele todas as vezes, com a mão trêmula bem perto da estatueta. — Meu! Eu sou o Dragão Renascido!

E todas as vezes ele se forçava a recuar, tornando a urdir o Espelho de Brumas, tornando a urdir as armadilhas invisíveis que transformariam em cinzas qualquer um que tentasse ultrapassá-las sem a chave. O imenso guarda-roupas flutuava de volta ao lugar, feito uma pluma. Ele era o Dragão Renascido. Mas seria isso o bastante? Teria de ser.

— Eu sou o Dragão Renascido — sussurrava ele às vezes para as paredes, e às vezes gritava com elas: — Eu sou o Dragão Renascido!

Em silêncio e aos berros, ele se enfurecia com os que se opunham a ele, com os cegos idiotas que não enxergavam e os que se recusavam a enxergar, fosse por ambição, mesquinhez ou medo. Ele era o Dragão Renascido, a única esperança do mundo contra o Tenebroso. E que a Luz ajudasse o mundo.

No entanto, sua ira e pensamentos sobre usar o *ter'angreal* não passavam de tentativas de fugir de outras coisas, e Rand sabia disso. Sozinho, beliscava a comida, embora menos a cada dia, tentava ler, embora

raramente, e tentava pegar no sono. Isso ele tentava cada vez mais, conforme os dias se passavam, sem querer saber se o sol estava alto ou baixo. O sono vinha entrecortado e espasmódico, e o que o atormentava enquanto acordado também o perseguia em sonhos e o despertava cedo demais para que ele se sentisse descansado. Escudo algum era capaz de impedir o que já estava dentro dele. Ele tinha que enfrentar os Abandonados, e cedo ou tarde o próprio Tenebroso. Ele tinha idiotas que lutavam contra ele ou fugiam, quando sua única esperança era segui-lo. Por que seus sonhos não o deixavam em paz? Havia um sonho em específico do qual ele despertava sempre no início, e permanecia deitado, odiando a si mesmo, confuso com a falta de sono, mas os outros... ele merecia todos, e sabia disso.

Colavaere o confrontava durante o sono, de rosto negro, o lenço que usara para se enforcar ainda enterrado na carne inchada do pescoço. Colavaere, silenciosa e acusativa, com todas as Donzelas que haviam morrido por ele amontoadas atrás dela, encarando-o em fileiras silenciosas, todas as mulheres que haviam morrido por causa dele. Ele conhecia cada rosto tão bem quanto o próprio, e todos os nomes, exceto um. Desses sonhos, ele acordava chorando.

Centenas de vezes ele arrastou Perrin pelo Grande Salão do Sol, e centenas de vezes foi arrebatado pelo medo e pela fúria fulgurantes. Centenas de vezes ele matou Perrin, em seus sonhos, e acordou com os próprios gritos. Por que o homem escolhera as prisioneiras Aes Sedai para usar como argumento? Rand tentava não pensar nelas; desde o início fizera o possível para ignorar sua existência. Elas eram perigosas demais para serem mantidas por muito tempo como prisioneiras, e ele não tinha ideia do que fazer com elas. Elas o assustavam. Às vezes ele sonhava que estava outra vez amarrado dentro do baú, com Galina, Erian, Katerine e as outras

tirando-o de lá para espancá-lo, sonhava e acordava soluçando, mesmo depois de se convencer de que tinha os olhos abertos e estava livre. Elas o assustavam porque Rand temia acabar cedendo ao medo e à raiva, e depois... Ele tentava não pensar no que poderia fazer depois, mas às vezes sonhava, e acordava trêmulo, suando frio. Não faria isso. Não importava o que tivesse de fazer, não faria isso.

Em sonhos, ele reunia os Asha'man para atacar a Torre Branca e punir Elaida; saltava de um portão tomado de *saidin* e uma ira justificada... e descobria que a carta de Alviarín tinha sido mentira, e a via parada ao lado de Elaida, via Egwene ao lado dela também, e Nynaeve e até Elayne, todas com cara de Aes Sedai, pois ele era muito perigoso para ficar à solta. Observava os Asha'man serem destruídos por mulheres que haviam estudado o Poder Único por anos e anos, não apenas alguns meses de tutoria intensiva, e desses sonhos ele só acordava depois que cada homem de casaco preto estava morto e ele se via enfrentando o poder das Aes Sedai sozinho. Sozinho.

Repetidas vezes, Cadsuane falava sobre homens loucos ouvindo vozes, até que ele se encolhia como se estivesse recebendo chicotadas, ele se retraía durante o sono quando ela aparecia. Em sonhos e acordado, ele chamava por Lews Therin, gritava com ele, berrava por ele, e apenas o silêncio respondia. Sozinho. Aquele pequeno nó de sensações e emoções no fundo de sua mente e a sensação do quase toque de Alanna iam, lentamente, trazendo conforto. De muitas formas, isso o assustava mais do que tudo.

Na quarta manhã, ele acordou grogue depois de um sonho com a Torre Branca, erguendo a mão e protegendo os olhos ressecados do que parecia uma labareda forjada por *saidar*. Partículas de pó cintilavam à luz do sol, adentrando pela janela e tocando sua cama de grandiosas colunas quadradas de madeira negra marchetada com marfim. Todas as peças do mobiliário do

quarto eram de madeira negra polida e marfim, quadradas, austeras e pesadas, combinando com seu humor. Por um instante ele permaneceu deitado, mas caso o sono retornasse traria apenas mais um sonho.

Está aí, Lews Therin?, pensou ele, sem esperança de resposta, então levantou-se, cansado, ajeitando o casaco amarrotado. Não trocava de roupa desde que se trancara ali.

Ao cambalear até a antessala, a princípio Rand achou que estivesse sonhando outra vez, o sonho que sempre o fazia acordar sobressaltado, envergonhado, culpado e nauseado, mas Min ergueu a cabeça e o encarou de uma das altas cadeiras douradas, com um livro encadernado em couro apoiado nos joelhos, e ele não acordou. O rosto emoldurado por cachos negros, os olhos grandes e escuros tão atentos que ele quase sentia seu toque. A calça de seda verde brocada era bem justa ao corpo, feito uma segunda pele, e o casaco de seda idêntica estava aberto, revelando uma blusa cor de creme que subia e descia, acompanhando a respiração dela. Rand rezou para acordar. Não tinha sido o medo, a raiva ou a culpa em relação a Colavaere, nem o sumiço de Lews Therin, que o levaram a se isolar.

— Vai haver uma espécie de banquete daqui a quatro dias, à meia-lua — disse ela, animada. — Estão chamado de Dia do Arrependimento, por algum motivo, mas vai ter dança. Dança lenta, pelo que ouvi, mas qualquer dança é melhor do que nada. — Com cuidado, ela enfiou uma tira de couro no livro e apoiou-o no chão a seu lado. — Dá o tempo certinho de mandar aprontar um vestido, se eu puser a costureira para trabalhar hoje mesmo. Quer dizer, se você tiver a intenção de dançar comigo.

Rand desviou o olhar, que caiu em uma bandeja coberta por um pano ao lado das portas compridas. Só de pensar em comida seu estômago embrulhava. A função de Nandera era não permitir a entrada de ninguém,

que ela queimasse! Muito menos de Min. Ele não a mencionara nominalmente, mas dissera ninguém!

— Min, eu... não sei o que dizer. Eu...

— Pastor, você está parecendo que saiu da boca de um leão. Agora entendo por que Alanna anda tão nervosa, embora eu não imagine como ela sabia. Ela praticamente me implorou para conversar com você, depois que as Donzelas a mandaram embora pela quinta vez. Nandera não teria *me* deixado entrar se não estivesse toda nervosa por você não estar comendo, e mesmo assim eu tive que implorar um pouco. Você está me devendo, pastorzinho.

Rand se retraiu. Teve lampejos de si mesmo rasgando as roupas dela, partindo para cima como uma fera irracional. Devia mais a ela do que jamais poderia pagar. Correndo a mão pelos cabelos, obrigou-se a encarar Min. Ela havia erguido os pés, de modo que estava sentada de pernas cruzadas, com os punhos apoiados nos joelhos. Como podia olhá-lo com tanta calma?

— Min, o que eu fiz foi indesculpável. Se houvesse alguma justiça, eu iria para a forca. Se pudesse, eu mesmo poria a corda em volta do pescoço. Eu poria, juro.

As palavras tinham gosto amargo. Ele era o Dragão Renascido, e ela teria de esperar pela justiça até a Última Batalha. Ele fora um tolo por querer sobreviver a Tarmon Gai'don. Não merecia.

— Do que você está falando, pastor? — perguntou ela, devagar.

— Estou falando do que fiz a você — grunhiu ele. Como podia ter feito aquilo a qualquer pessoa, mas principalmente a ela? — Min, eu sei o quanto é difícil para você ficar no mesmo ambiente que eu. — Como ele podia se lembrar tão vividamente de seu toque macio, da sua pele de seda? Depois de lhe arrancar as roupas. — Eu nunca pensei que fosse um animal, um

monstro. — Mas ele era. Tinha nojo de si mesmo pelo que havia feito. E mais nojo ainda por querer fazer de novo. — A única justificativa que eu tenho é a loucura. Cadsuane tem razão. Eu ouvi vozes mesmo. A voz de Lews Therin, pensei. Você pode...? Não. Não, eu não tenho o direito de pedir que você me perdoe. Mas você precisa saber o quanto eu lamento, Min. — Ele lamentava. E suas mãos ansiavam por percorrer aquelas costas nuas até os quadris. Ele *era* um monstro. — Lamento muito mesmo. Saiba disso, pelo menos.

Ela ficou sentada imóvel, encarando-o como se fosse a primeira vez. Agora poderia parar de fingir. Agora poderia dizer o que realmente achava dele, e por mais vil que fosse, não teria nem metade da vileza merecida.

— Então é por isso que você anda me evitando — concluiu ela. — Escute aqui, seu cara de pau da cabeça-oca. Eu estava prestes a me acabar de chorar depois de ver tantas mortes, e você estava na mesma situação, pela mesma razão. O que fizemos, meu cordeirinho inocente, foi consolar um ao outro. Amigos se consolam em momentos assim. Feche essa boca, seu descabelado de Dois Rios.

Ele fechou, mas apenas para engolir em seco. Achou que seus olhos cairiam bem no meio das pedras do chão. Quase gaguejou ao falar:

— *Consolar?* Min, se o Círculo das Mulheres lá de casa nos ouvisse chamar o que nós fizemos de consolar, fariam fila para arrancar nosso couro, mesmo que tivéssemos *cinquenta anos*!

— Pelo menos agora somos “nós”, em vez de “eu” — disse ela, séria. Ela se levantou devagar e aproximou-se dele, brandindo o dedo em riste. — Você acha que eu sou um bibelô, fazendeiro? Acha que sou imbecil demais para avisar caso não queira o seu toque? Acha que eu não seria capaz de deixar isso claro? — Com a mão livre, ela tirou uma adaga de dentro do casaco, fez um floreio e guardou-a de volta, sem reduzir a torrente de

palavras. — Eu me lembro de ter rasgado a sua camisa, porque você não conseguiu tirá-la rápido o bastante para mim. Era esse tanto que eu queria estar nos seus braços! Eu fiz com você o que jamais tinha feito com outro homem... e não pense que foi por falta de tentação! E você diz que fez tudo sozinho! Como se eu nem sequer estivesse ali!

Rand sentiu as panturrilhas roçarem uma cadeira e percebeu que estava andando para trás. Min o encarava de cenho franzido.

— Acho que *não gosto* de ver você me olhando de cima agora.

De repente, ela chutou com força a canela de Rand, cravou as mãos em seu peito e deu-lhe um empurrão. Ele tombou na cadeira com tanta força que quase caiu de costas. Os cachos de Min balançaram quando ela sacudiu a cabeça e ajustou o casaco de brocados.

— Pode até ser que seja assim, Min, mas...

— É assim que é, pastor — interrompeu ela, com firmeza. — E se você tornar a me desdizer, é melhor chamar as Donzelas e canalizar tudo o que conseguir, pois eu vou te chutar de um lado para pro outro deste quarto até você chorar por misericórdia. Você tem que fazer a barba. E tomar um banho.

Rand respirou fundo. Perrin tinha um casamento tão sereno, com uma esposa sorridente e delicada. Por que ele era sempre atraído por mulheres que faziam sua cabeça girar feito um pião? Se pelo menos ele soubesse um décimo do que Mat sabia sobre mulheres, poderia responder àquilo tudo, mas a única coisa que conseguiu fazer foi seguir balbuciando.

— Seja como for — disse ele, com cautela —, só tem uma coisa que eu posso fazer.

— E o que seria? — Ela cruzou os braços, irritada, e começou a bater o pé no chão com indignação, mas ele sabia que era a coisa certa a fazer.

— Mandar você embora. — Da mesma forma que mandara Elayne e Aviendha. — Se eu tivesse algum autocontrole, não teria...

O pé de Min começou a bater no chão com mais força. Talvez fosse melhor deixar aquele assunto de lado. Consolando? Luz!

— Min, qualquer pessoa perto de mim corre perigo. Os Abandonados não são os únicos que machucariam pessoas próximas a mim apenas para me atingir. E agora também tem eu mesmo. Já não sou capaz de controlar meu próprio temperamento. Min, eu quase matei Perrin! Cadsuane tinha razão. Estou enlouquecendo, ou já enlouqueci. Tenho que mandar você embora para que fique em segurança.

— Quem é essa Cadsuane? — perguntou ela, com tanta calma que ele se assustou ao perceber que o pé dela ainda batia no chão. — Alanna mencionou esse nome como se ela fosse a irmã do Criador. Não, não me diga; eu não ligo a mínima. — Não que ela tivesse lhe dado a menor chance de dizer qualquer coisa. — Também não estou nem aí para Perrin. Você nunca me machucaria, assim como não machucaria ele. Acho que aquela enorme briga pública de vocês dois foi a maior farsa, é isso que eu acho. Não ligo para o seu temperamento, e não me importo se está louco. Você não pode estar muito louco, do contrário não estaria se preocupando tanto com isso. O que me importa é...

Ela se inclinou até que aqueles olhos enormes e muito escuros estivessem nivelados com os dele, bem perto, e de repente eles brilharam tão furiosamente que Rand agarrou *saidin*, pronto para se defender.

— Me mandar embora para eu ficar segura? — rosnou ela. — Como você ousa? Que direito você acha que tem para me mandar a qualquer lugar? Você precisa de mim, Rand al'Thor! Se eu te contasse metade das visões que tenho com você, seu cabelo ia se arrepiar e cair! Que audácia!

Você deixa as Donzelas enfrentarem o risco que quiserem, e quer me mandar embora como se eu fosse uma criança?

— Eu não amo as Donzelas. — Flutuando no fundo no Vazio desprovido de emoção, ele ouviu as palavras saírem de sua boca, e o choque estilhaçou o nada e dispersou *saidin*.

— Bom — disse Min, empertigando-se. Um sorrisinho ressaltou as curvas de seus lábios. — Pelo menos isso já está resolvido. — E sentou-se em seu colo.

Min dissera que ele nunca machucaria a Perrin nem a ela, mas Rand tinha de machucá-la agora. Era preciso, para seu próprio bem.

— Eu amo Elayne também — disse ele, brutalmente. — E Aviendha. Está vendo o que eu sou?

Por alguma razão, isso não pareceu desconcertá-la nem um pouco.

— Rhuearc ama mais de uma mulher — respondeu ela. Seu sorriso tinha uma serenidade quase de Aes Sedai. — Bael também, e eu nunca vi nenhum chifre de Trolloc em nenhum dos dois. Não, Rand, você me ama, e não pode desdizer isso. Eu devia te dar uma coça pelo que fez comigo, mas... para sua informação, eu também te amo.

O sorriso desapareceu em uma carranca de conflito interno, até que por fim ela suspirou.

— A vida seria muito mais fácil se minhas tias não tivessem me criado para ser justa — resmungou ela. — E, para ser justa, Rand, preciso dizer que Elayne ama você também. E Aviendha. Se as duas esposas de Mandelain podem amá-lo, acredito que três mulheres possam amar você. Mas eu estou aqui, e se você tentar me mandar embora, vou me amarrar à sua perna. — Ela franziu o nariz. — Bom, quando você voltar a tomar banho, de todo modo. Mas eu não vou embora, não importa o que aconteça.

Feito um pião, a cabeça dele girou.

— Você... me *ama*? — perguntou ele, incrédulo. — Como é que você sabe o que Elayne sente? Como é que sabe alguma coisa sobre Aviendha? Luz! Mandelain pode fazer o que quiser, Min; eu não sou Aiel. — Ele franziu o cenho. — Que história é essa de você não me contar metade das suas visões? Achei que você me contasse tudo. E eu vou, sim, mandar você para um lugar seguro. E pare de torcer o nariz desse jeito! Eu não estou fedendo!

Ele ergueu a mão que coçava debaixo do casaco.

A sobrelha arqueada de Min lhe disse tudo, mas naturalmente a língua também precisava se pronunciar:

— Você ousa falar nesse tom? Como se não acreditasse? — De repente a voz dela começou a subir de tom, e ela cravou o dedo no peito dele, como se quisesse furá-lo. — Acha que eu iria para a *cama* com um homem que não amasse? Você acha? Ou talvez não se considere digno de ser amado. É isso? — Ela soltou um grunhido que mais pareceu um miado indignado. — Então eu sou uma mocinha namoradeira sem juízo na cabeça que se apaixonou por um grosseirão imprestável, é isso? Você fica aí sentado, boquiaberto, feito um boi doente, e difama minha inteligência, meu gosto, meu...

— Se você não ficar quieta e falar coisa com coisa, eu vou lhe dar uma palmada na bunda, eu juro! — grunhiu ele. A frase saiu do nada, das noites em claro e da confusão, mas antes que ele pudesse começar a formular um pedido de desculpas, ela sorriu. A mulher sorriu!

— Pelo menos parou de se lamuriar — disse ela. — Nunca choramingue, Rand; não combina com você. Agora, bom. Quer que eu fale coisa com coisa? Eu te amo e não vou embora. Se você tentar me mandar embora, eu conto às Donzelas que você me desonrou e depois me largou. Vou contar para todo mundo que queira ouvir. Eu vou...

Ele ergueu a mão direita e analisou a palma aberta, onde a marca da garça era bem nítida, depois olhou para ela. Min encarou a mão dele, receosa, depois se remexeu no colo dele e deliberadamente ignorou tudo, exceto seu rosto.

— Eu não vou embora, Rand — disse ela, baixinho. — Você precisa de mim.

— Como é que você consegue? — Ele suspirou, se recostando na cadeira. — Mesmo quando me vira de cabeça para baixo, você faz todas as minhas preocupações diminuírem.

Min deu uma fungada.

— Você precisa de uns sacolejos mais frequentes. Me conte. Essa Aviendha. Imagino que não haja chance de ela ser magricela e cheia de cicatrizes, feito Nandera.

Ele riu a contragosto. Luz, quanto tempo fazia que não ria com prazer?

— Min, eu diria que ela é tão bonita quanto você, mas como é possível comparar duas alvoradas?

Por um instante ela o encarou com um sorrisinho, como se não soubesse ao certo se ficava surpresa ou encantada.

— Você é um homem muito perigoso, Rand al'Thor — murmurou ela, inclinando-se devagar.

Ele achou que poderia mergulhar nos olhos dela e se perder. Todas as outras vezes em que ela se sentou no colo dele e o beijou, todas as vezes que ele pensou que ela estava apenas provocando um rapaz do interior, ele quase enlouqueceu de vontade de beijá-la para sempre. Pois bem, se ela o beijasse de novo agora...

Tomando-a com firmeza pelos braços, Rand se levantou e a pôs de pé. Ele a amava, e era recíproco, mas ele precisava lembrar que desejava beijar Elayne para sempre quando pensava nela, e Aviendha também. Não

importava o que Min dissesse sobre Rhuarc ou qualquer homem Aiel, ela tinha feito um péssimo negócio ao se apaixonar por ele.

— Você disse metade, Min — ele disse, baixinho. — Sobre quais visões você não me contou?

Ela ergueu os olhos e o encarou com uma expressão que parecia frustração, mas claro que não poderia ser.

— Você está apaixonada pelo Dragão Renascido, Min Farshaw — resmungou ela —, e é melhor se lembrar disso. Melhor você lembrar também, Rand — acrescentou ela, afastando-se. Ele a soltou com relutância, com avidez; não sabia bem qual das duas coisas. — Você voltou para Cairhien faz menos de uma semana, e ainda não fez nada a respeito do Povo do Mar. Berelain achou que você ia esperar demais. Ela me deixou uma carta, pedindo que eu continue a lembrar você, só que você não me deixava... bom, deixe isso para lá. Berelain acha que eles são importantes para você, de alguma forma; diz que você é a realização de alguma profecia deles.

— Eu sei de tudo isso, Min. Eu...

Ele pensara em deixar o Povo do Mar de fora de toda a sua confusão; não havia menção a eles nas Profecias do Dragão, até onde sabia. Mas se ele ia deixar que Min ficasse por perto, que ela se arriscasse aos perigos... Ela tinha vencido, Rand percebeu. Ele vira Elayne ir embora com o coração despedaçado, vira Aviendha ir embora com mil nós na garganta. Não podia fazer isso outra vez. Min ainda estava esperando.

— Eu vou até o navio deles. Vou hoje. O Povo do Mar pode jurar lealdade ao Dragão Renascido em toda a sua glória. Imagino que nunca houve chance de dar em outra coisa. Ou eles estão comigo ou contra mim. É sempre assim, ao que parece. Você vai me contar sobre essas visões agora?

— Rand, você deveria estudar os costumes deles antes de...

— As visões?

Ela cruzou os braços e franziu o cenho para ele. Mordeu o lábio e olhou para a porta, carrancuda. Balançou a cabeça e resmungou qualquer coisa baixinho.

— Só tem uma, na verdade — disse ela, por fim. — Eu estava exagerando. Eu vi você e um outro homem. Não consegui distinguir os rostos, mas sei que um era você. Vocês se tocaram e pareceram se fundir um com o outro, e... — Ela apertou a boca em uma expressão preocupada, e prosseguiu em voz baixa: — Eu não sei o que isso significa, Rand, a não ser que um de vocês morre e o outro não. Eu... está rindo de quê? Não é brincadeira, Rand. Eu não sei qual de vocês dois morre.

— Estou rindo porque você me deu uma notícia ótima — respondeu ele, tocando-lhe a bochecha.

O outro só podia ser Lews Therin. *Eu não estou simplesmente louco e ouvindo vozes*, pensou ele, exultante. Um vivia e o outro morria, mas já fazia muito tempo que Rand sabia que morreria. Pelo menos não estava louco. Ou não tanto quanto temia. Ainda havia o temperamento incontrolável.

— Veja, eu...

De súbito ele percebeu que já não estava apenas tocando a bochecha dela, e sim envolvendo todo o seu rosto com as duas mãos. Ele as afastou como se estivessem queimando. Min franziu os lábios e lançou a ele um olhar reprovador, mas Rand não se aproveitaria dela. Não seria justo. Por sorte, seu estômago roncou alto.

— Preciso comer alguma coisa, já que vou ver o Povo do Mar. Eu vi uma bandeja...

Min emitiu um som que foi mais uma risada que um bufar, mas no instante seguinte estava rumando em direção às grandes portas.

— Você precisa de um banho, já que vai ver o Povo do Mar.

Nandera ficou contentíssima, assentindo com entusiasmo e mandando Donzelas para todos os lados. No entanto, inclinou-se para Min e disse:

— Eu devia ter deixado você entrar no primeiro dia. Queria dar um chute nele, mas isso não se faz, chutar o *Car'a'carn*.

Pelo tom dela, deveria ter sido feito. Ela falou baixo, porém não tão baixo que ele não pudesse ouvir. Rand tinha certeza de que foi deliberado; o olhar dela foi penetrante demais para que não fosse.

As próprias Donzelas arrastaram para dentro a imensa banheira de cobre, conversando na linguagem de sinais assim que a assentaram, rindo e empolgadas demais para deixar que os serviçais do Palácio do Sol fizessem o serviço, ou que trouxessem os vários baldes de água quente também. Rand teve dificuldade até em tirar a própria roupa. Inclusive, teve dificuldade em se lavar sozinho, e não escapou de ter Nandera lhe esfregando os cabelos. A loira Somara e a ruiva Enaila insistiram em barbeá-lo enquanto Rand permanecia sentado na banheira com água até o peito, tão concentradas que pareciam temer acabar lhe cortando a garganta. Ele já havia se acostumado com aquilo, depois das muitas vezes em que elas se recusaram a deixá-lo manusear o pincel e a lâmina sozinho. Estava acostumado com a presença das Donzelas a observá-lo, oferecendo-se para esfregar suas costas ou os pés, as mãos se remexendo em conversas silenciosas e ainda bastante escandalizadas em ver alguém *sentado* dentro d'água. Pelo menos ele conseguiu se livrar de algumas, mandando-as cumprir algumas ordens.

Não estava acostumado era com Min, sentada de pernas cruzadas na cama, com o queixo apoiado nas mãos, observando a coisa toda com

fascinação evidente. Em meio à confusão de Donzelas, ele só percebeu a presença dela quando já estava nu, e naquele momento só o que havia a fazer era sentar-se o mais depressa possível, derramando água pelos lados da banheira. Min teria se saído muito bem como Donzela. Falava sobre ele com as Donzelas muito abertamente, sem enrubescer! Era ele quem estava vermelho.

— Pois é, ele é muito modesto — disse ela, concordando com Malindare, uma mulher mais rechonchuda que a maioria das Donzelas, com os cabelos mais escuros que Rand já vira em um Aiel. — A modéstia é a coroa de louros de um homem.

Malindare assentiu sobriamente, mas Min ostentava um sorriso de orelha a orelha.

— Ah, não, Domeille, seria uma pena estragar um rosto tão bonito com uma cicatriz.

Domeille, mais grisalha do que Nandera, mais magra e com um queixo proeminente, insistiu que ele não era tão bonito sem uma cicatriz para ressaltar o tanto de beleza que tinha. Palavras dela. O resto foi pior. As Donzelas sempre pareciam gostar de deixar Rand corado. Min com certeza gostava.

— Cedo ou tarde você vai ter que se secar, Rand — disse ela, segurando com as duas mãos uma comprida toalha branca. Estava parada a uns bons três passos da banheira, e as Donzelas tinham todas recuado, formando um círculo para observá-los. O sorriso de Min era tão inocente que qualquer magistrado a teria considerado culpada só por conta disso. — Venha se secar, Rand.

Ele jamais se sentira tão aliviado em vestir roupas na vida.

Àquela altura, todas as suas ordens já haviam sido cumpridas, e tudo estava pronto. Rand al'Thor podia até ter sido aniquilado dentro de uma

banheira, mas o Dragão Renascido veria o Povo do Mar em uma elegância que os faria mergulhar em reverências.



CAPÍTULO 34



TA'VEREN

Estava tudo pronto, conforme as ordens de Rand, no pátio diante do Palácio do Sol. Ou quase. O sol da manhã projetava sombras oblíquas das torres, portanto apenas dez passadas à frente dos compridos portões de bronze estavam inteiramente iluminadas. Dashiva, Flinn e Narishma, os três Asha'man que ele havia mantido consigo, aguardavam ao lado de seus cavalos, e até Dashiva estava resplandecente com a espada de prata e o Dragão vermelho e dourado no colarinho preto, embora ainda tocasse a espada na cintura como se constantemente surpreso em encontrá-la ali. Cem dos homens de Dobraine estavam montados atrás do próprio Dobraine, com dois compridos estandartes pendendo no ar parado, as armaduras escuras recém-envernizadas cintilando sob o sol, e flâmulas vermelhas, pretas e brancas amarradas logo abaixo da ponta das lanças. Eles ergueram uma saudação quando Rand apareceu, o cinturão com a fivela do Dragão dourado preso no casaco vermelho, pesado de tanto ouro.

— Al'Thor! Al'Thor! Al'Thor! — O grito preencheu o pátio.

O povo apinhado nas ameias se juntou ao coro, tairenos e cairhienos em suas sedas e rendas, pessoas que apenas uma semana antes sem dúvida haviam saudado Colavaere com o mesmo fervor. Homens e mulheres que preferiam que ele jamais tivesse retornado a Cairhien, alguns deles agitando

os braços e engrossando o coro. Ele ergueu o Cetro do Dragão em agradecimento, e eles berraram ainda mais alto.

Uma onda estrondosa de tambores e o clangor de trompetes se ergueu por sobre a gritaria, produzidos por mais uma dezena dos homens de Dobraine, que usavam tabardos carmesim com o disco branco e preto no peitoral. Metade deles portava longos trompetes cobertos com tecidos idênticos aos da roupa, a outra metade portava atabales também decorados e amarrados aos flancos cavalos. Cinco Aes Sedai usando os xales foram ao seu encontro quando ele desceu as escadas. Alanna o avaliou com aqueles olhos grandes e penetrantes; o pequeno emaranhado de emoções em sua cabeça informou que ela estava mais calma, mais relaxada, do que ele jamais vira. Então ela fez um pequeno gesto e Min tocou o braço dele e depois se afastou com ela. Bera e as outras fizeram pequeninas medidas, inclinando de leve a cabeça, enquanto os Aiel saíam em profusão do palácio atrás dele. Nandera conduzia duzentas Donzelas — que não pretendiam ser ofuscadas pelos “quebradores de juramentos” —, e Camar, um Daryne Cimo Dobrado magro e alto, mais grisalho que Nandera e meia cabeça mais alto que Rand, conduzia duzentos *Seia Doon* que não queriam ser ofuscados por *Far Dareis Mai*, muito menos por cairhienos. Eles passaram ligeiros pelos dois lados dele e das Aes Sedai para formar um círculo em torno do pátio. Bera parecia uma dona de casa orgulhosa, e Alanna alguma rainha de beleza soturna, em seus xales de franjas verdes; a roliça Rafela, ainda mais escura envolta em seu xale azul, o observava com ansiedade; Faeldrin, mais uma Verde de olhos frios, tinha tranças finas trabalhadas em contas coloridas; e a esguia Merana, com seu xale cinza, exibia uma carranca que fazia Rafela parecer o retrato da serenidade das Aes Sedai. Cinco.

— Onde estão Kiruna e Verin? — perguntou ele. — Mandei chamar todas vocês.

— Pois mandou, milorde Dragão — respondeu Bera em um tom suave. E ainda fez uma mesura; um movimento muito sutil, mas ele ficou espantado. — Não conseguimos encontrar Verin; ela está em algum lugar das tendas Aiel. Interrogando as... — Seu tom suave hesitou por um instante. — As prisioneiras, eu acredito, numa tentativa de saber quais eram os planos quando chegassem a Tar Valon.

Quando *ele* chegasse a Tar Valon; ela era esperta o bastante para não deixar escapar essa informação onde qualquer um pudesse ouvir.

— E Kiruna está... se consultando com Sorilea a respeito de uma questão protocolar. Mas tenho certeza de que ela vai ficar mais do que contente em se juntar a nós, se mandar uma convocação pessoal a Sorilea. Eu mesma poderia ir, se você...

Ele dispensou a ideia. Cinco seriam suficientes. Talvez Verin pudesse descobrir alguma coisa. Ele queria saber? E Kiruna. Questão *protocolar*?

— Fico feliz em ver que estão se entendendo com as Sábias.

Bera fez menção de falar, mas então fechou a boca com firmeza. Fosse lá o que Alanna estivesse dizendo a Min, fez com que manchas vermelhas surgissem nas bochechas da garota e ela erguesse o queixo, embora, estranhamente, parecesse estar respondendo com bastante calma. Rand se perguntou se ela contaria a ele. Uma coisa da qual tinha certeza em relação às mulheres era que todas elas guardavam segredos, às vezes compartilhados com outra mulher, porém jamais com um homem. Era a única coisa que ele tinha certeza em relação às mulheres.

— Não vim até aqui para ficar parado o dia inteiro — disse ele, irritado.

As Aes Sedai haviam se organizado com Bera na liderança, e as outras estavam meio passo atrás. Se não tivesse sido ela, teria sido Kiruna. Por decisão própria, não dele. Rand de fato não se importava, contanto que elas

mantivessem os juramentos, e ele talvez tivesse deixado o assunto quieto, se não fosse por Min e Alanna.

— Merana vai falar por vocês de agora em diante; vocês obedecem às ordens dela.

Pelos olhos subitamente arregalados, mais parecia que ele havia estapeado todas elas. Inclusive Merana. Até Alanna ergueu a cabeça bruscamente. Por que estariam surpresas? Era verdade que Bera ou Kiruna haviam se encarregado de todas as conversas desde Poços de Dumai, mas Merana fora a emissária enviada a ele em Caemlyn.

— Está pronta, Min? — disse ele, e sem esperar resposta adentrou o pátio a passos firmes.

O grande capão preto de olhos coléricos que ele cavalgara desde Poços de Dumai fora trazido, com uma sela de patilha alta toda trabalhada em ouro e um teliz carmesim com o disco branco e preto bordado dos dois lados. A pompa era apropriada ao animal, bem como seu nome. Tai'daishar; Lorde da Glória, na Língua Antiga. E cavalo e ornamentos eram adequados ao Dragão Renascido.

Enquanto ele montava, Min tomou sua égua acinzentada, enfiando as luvas de montaria antes de subir na sela com um impulso.

— Seiera é um bom animal — disse ela, com um tapinha no pescoço arqueado da égua. — Queria que ela fosse minha. Gosto do nome também. Esse é o nome de uma flor azul lá de Baerlon, que cresce em todo canto durante a primavera.

— É sua — respondeu Rand. Não importava qual Aes Sedai fosse a dona da égua, não se recusaria a vendê-la a ele. Ele daria a Kiruna mil coroas por Tai'daishar; ela então não poderia reclamar. O melhor garanhão da linhagem tairena nunca custara um décimo disso. — Teve uma conversa interessante com Alanna?

— Nada interessante para você — respondeu ela casualmente, mas um leve toque de rubor lhe tomou a face.

Ele bufou de leve, então ergueu a voz.

— Lorde Dobraine, acho que já deixei o Povo do Mar esperando demais.

A procissão arrastou multidões pelas amplas avenidas e lotou as janelas e os terraços à medida que a notícia foi se espalhando. Vinte dos lanceiros de Dobraine iam na dianteira, para abrir caminho, junto de trinta Donzelas e o mesmo número de Olhos Negros, depois os tambores estrondando — *drum, drum, drum, DRUM-DRUM* — e os corneteiros pontuando com floreios. Os vivas dos observadores quase sufocavam os tambores e as cornetas, um clamor indistinto que poderia ser de ira ou de aprovação. Os estandartes seguiam drapejando, logo adiante de Dobraine e atrás de Rand, o Estandarte do Dragão branco e o Estandarte da Luz escarlate, e Aiel velados trotavam ao lado dos lanceiros, cujas flâmulas também ondeavam no ar. De vez em quando umas poucas flores eram jogadas para ele. Talvez não o odiassem. Talvez apenas o temessem. Teria de servir.

— Um séquito digno de qualquer rei — disse Merana em voz bem alta, para ser ouvida.

— Então é o suficiente para o Dragão Renascido — retorquiu ele com rispidez. — Podem ficar para trás? Você também, Min.

Já vira telhados abrigando assassinos. A flecha ou besta direcionada a ele não encontraria seu alvo em uma mulher naquele dia.

Elas de fato se puseram atrás de seu cavalo negro por umas três passadas, e então o alcançaram de novo. Min disse a ele o que Berelain tinha escrito a respeito do Povo do Mar nos navios, a respeito da Profecia Jendai e do Coramoor, e Merana acrescentou o que sabia da profecia, embora tivesse admitido que não era muita coisa, pouco mais que Min.

Observando os telhados, ele escutava com pouca atenção. Não estava agarrado a *saidin*, mas podia sentir que Dashiva e os outros dois, logo atrás, estavam. Não sentia o formigamento que anunciava que as Aes Sedai abraçavam a Fonte, mas dissera a elas que não o fizessem sem permissão. Talvez devesse mudar isso. Elas de fato pareciam estar cumprindo a promessa. Como poderiam não cumprir? Eram Aes Sedai. Seria ótimo se a adaga de um assassino se cravasse nele enquanto uma das irmãs tentava decidir se servir a ele significava salvar-lhe a vida, ou se obedecê-lo significava não canalizar.

— Por que está rindo? — perguntou Min. Seiera se aproximou, e ela ergueu os olhos e sorriu para ele.

— Isso não é motivo de risada, milorde Dragão — disse Merana em um tom ácido, do outro lado. — Os Atha'an Miere podem ser bastante peculiares. Todo povo é sensível no que diz respeito às suas profecias.

— O mundo é motivo de risada — respondeu ele. Min riu junto, mas Merana bufou e retornou de imediato ao Povo do Mar assim que ele parou.

No rio, as altas muralhas da cidade corriam para dentro d'água, flanqueando compridos desembarcadouros de pedras cinzentas que se estendiam pelo cais. Havia embarcações fluviais, barcos e barçaças de todos os tipos e tamanhos atracados em todos os cantos, as tripulações nos conveses para assistir à comoção. Mas a embarcação que Rand buscava estava pronta e à espera, com a popa atada à extremidade de um píer já evacuado de todos os operários. Era chamado de *escaler*; um barco comprido, estreito e sem mastros, somente uma estaca de quatro passadas de altura na proa, com uma lanterna na ponta e outra na popa. Tinha quase trinta passadas de comprimento e o mesmo número de remos enfileirados, e não conseguia transportar a carga que uma embarcação a vela do mesmo tamanho transportava, mas também não necessitava do vento, e com uma

fraca brisa era capaz de viajar dia e noite, usando seus remos alternados. Escaleres corriam os rios com cargas urgentes e importantes. Parecia apropriado.

O capitão curvou-se em repetidas medidas enquanto Rand descia pela rampa de desembarque de braço dado com Min e com as Aes Sedai e os Asha'man atrás. Elver Shaene era ainda mais esguio que sua embarcação, vestido em um casaco amarelo de corte murandiano que ia até os joelhos.

— É uma honra transportar o senhor, milorde Dragão — murmurou ele, secando a cabeça careca com um grande lenço. — Uma honra, é mesmo. Uma honra, de fato. Uma honra.

Estava óbvio que o homem preferia ter lotado seu navio de víboras. Ele encarou os xales das Aes Sedai, encarou seus rostos etéreos e lambeu os lábios, tornando a voltar os olhos para Rand, nervoso. Os Asha'man o deixaram boquiaberto uma vez que ele fez a ligação entre seus casacos pretos e os rumores, portanto o capitão evitava sequer olhar na direção deles. Shaene observou Dobraine conduzir os homens com os estandartes a bordo, depois os trombeteiros e os tocadores de tambor arrastando seus instrumentos, e então olhou os cavaleiros enfileirados no cais como se suspeitasse que eles também quisessem subir a bordo. Nandera, com suas vinte Donzelas, e Camar, com seus vinte Olhos Negros, todos com *shoufas* enroladas na cabeça, embora sem os véus, fizeram o capitão se apressar em se esconder atrás das Aes Sedai. Os Aiel estavam de cara fechada, pois a fração de segundo que levariam para se velar poderia atrapalhá-los, mas o Povo do Mar podia muito bem saber o que significava o véu, e não seria nada bom que eles pensassem que estavam sendo atacados. Rand achou que o lenço de Shaene ia acabar arrancando os poucos cabelos grisalhos que ele ainda possuía.

O escaler deslizou para longe do cais com seus compridos remos, os dois estandartes ondeando na proa, os tambores estrondeando, as cornetas soando. No rio, o povo surgiu nos conveses dos barcos para observar, subindo até nos cordames. Surgiram na embarcação do Povo do Mar também, muitos vestidos em cores vibrantes, ao contrário das vestimentas de lã grossa das tripulações das outras embarcações. O *Borbotão* era um barco maior que a maioria, e mesmo assim de certa forma mais elegante, com dois mastros compridos bem inclinados para trás e botalós dispostos em linhas retas, enquanto quase todos os outros possuíam botalós inclinados maiores do que os mastros para sustentar suas velas. Tudo nele era diferente, mas em um aspecto, Rand sabia, os Atha'an Miere tinham de ser iguais a todo mundo. Eles podiam concordar em segui-lo por vontade própria ou serem forçados; as Profecias diziam que ele reuniria os povos de todas as terras — “O norte ele unirá ao leste, e o oeste será atado ao sul”, era o que dizia —, e ninguém podia ter permissão de ficar de lado. Ele agora sabia disso.

Quando enviara ordens enquanto tomava banho, não tivera a oportunidade de dar detalhes do que pretendia ao chegar ao *Borbotão*, por isso anunciou naquele momento. Os detalhes suscitaram sorrisos entre os Asha'man, como esperado — bem, Flinn e Narishma abriram sorrisos; Dashiva piscou, absorto —, e carrancas entre os Aiel, também como era de se esperar. Eles não gostavam de ser deixados para trás. Dobraine limitou-se a assentir; sabia que estava ali apenas para exibição. O que Rand não esperava era a reação das Aes Sedai.

— Será como o senhor ordenar, milorde Dragão — disse Merana, fazendo uma daquelas pequenas medidas.

As outras quatro trocaram olhares, mas curvaram-se em reverências e disseram “como o senhor ordenar” logo em seguida. Nenhum protesto, nem

cara feia, nem sequer uma encarada altiva ou argumentação de por que as coisas deveriam ser feitas de um jeito diferente do que ele queria. Será que podia começar a confiar nelas? Ou elas encontrariam alguma maneira típica de Aes Sedai para se esquivar se seus juramentos assim que ele virasse as costas?

— Elas vão manter a palavra — murmurou Min abruptamente, como se tivesse lido os pensamentos dele. De braços dados com Rand e segurando-lhe a manga com as duas mãos, ela manteve a voz baixa, para que apenas ele escutasse. — Eu acabei de ver essas cinco na sua mão — acrescentou, para caso ele não entendesse. Rand não sabia ao certo se conseguia aceitar essa ideia, mesmo que ela tivesse tido uma visão a respeito.

Não tinha muito tempo para tentar. O escaler deslizava pela água, e dali a pouco estava parando os remos a umas vinte passadas do *Borbotão*, muito maior. Tambores e trompetes silenciaram, e Rand canalizou, fazendo uma ponte de Ar entrelaçada com Fogo que conectou a amurada do escaler à do navio do Povo do Mar. De braço dado com Min, ele começou a cruzar, observado por todos, exceto os Asha'man, enquanto subia andando em nada.

Parte dele esperava que Min titubeasse, pelo menos a princípio, mas ela simplesmente caminhou ao lado dele como se houvesse pedras sob suas botas de salto verde.

— Eu confio em você — disse ela, baixinho. Sorriu também, em parte um sorriso de reconfortante, e em parte, ele pensou, por estar se divertindo em ler sua mente mais uma vez.

Rand se perguntou o quanto ela confiaria se soubesse que aquilo era o máximo de uma ponte que ele conseguia urdir. Um passada a mais, um pé, e a coisa toda teria despencado no primeiro passo. A partir daquele ponto, era como tentar erguer o próprio corpo com o Poder, uma tarefa impossível;

nem os Abandonados sabiam por quê, assim como não sabiam por que uma mulher era capaz de urdir uma ponte mais comprida que um homem, mesmo que não fosse tão forte quanto ele. Não era questão de peso; qualquer quantidade de peso podia cruzar qualquer ponte.

Bem perto da amurada do *Borbotão*, ele parou, suspenso no ar. Apesar das descrições de Merana, o povo que o encarava era chocante. Mulheres escuras e homens de torso nu com cinturões coloridos que pendiam até os joelhos, correntes de ouro ou prata em torno do pescoço e argolas nas orelhas, e em algumas mulheres, por incrível que fosse, nos narizes. As mulheres usavam blusas nas cores do arco-íris para fora de calças escuras e largas. Ninguém era mais expressivo que uma Aes Sedai fazendo muito esforço. Quatro das mulheres, apesar de descalças, feito o resto, usavam seda colorida, duas delas com brocados, e ostentavam mais colares e brincos que todas as outras, com uma corrente com medalhões de ouro indo de uma orelha até uma argola na narina. Não disseram palavra, apenas permaneceram a encará-lo, cheirando as pequenas caixas douradas de renda que pendiam das correntes em seu pescoço. Rand se dirigiu ao grupo.

— Eu sou o Dragão Renascido. Eu sou o Coramoor.

Um suspiro coletivo percorreu a tripulação. Não as quatro mulheres, no entanto.

— Eu sou Harine din Togara Dois Ventos, Mestra das Ondas do Clã Shodein — anunciou a mulher que tinha mais brincos.

Ela era bonita, de lábios carnudos, vestida com brocados vermelhos e usando cinco argolinhas grossas em cada orelha. Havia mechas brancas em seus cabelos negros e lisos, e linhas finas nos cantos dos olhos. Demonstrava uma impressionante dignidade.

— Falo aqui pela Senhora dos Navios. Se aprover à Luz, o Coramoor pode subir a bordo.

Por alguma razão, ela se sobressaltou, e as três outras com ela também, mas aquilo soou muito como uma permissão. Rand adentrou o convés com Min, desejando não ter esperado.

Ele deixou a ponte esvanecer e soltou *saidin*, mas imediatamente sentiu outra ponte substituí-la. Em pouco tempo os Asha'man e as Aes Sedai estavam com ele, as irmãs tão tranquilas quanto Min, embora talvez uma ou duas tivessem alisado as saias um pouco mais que o necessário. Ainda não ficavam tão à vontade perto dos Asha'man quanto fingiam estar.

As quatro mulheres do Povo do Mar deram uma olhada para as Aes Sedai e no mesmo instante se reuniram em um pequeno círculo, cochichando. Harine falou bastante, bem como uma bela jovem vestida em brocados verdes com oito argolas ao todo, mas as duas de seda lisa interrompiam vez ou outras com comentários.

Merana tossiu delicadamente, e falou baixinho, por debaixo da mão que usou para abafar a tossida:

— Eu a ouvi chamar você de Coramoor. Os Atha'an Miere são ótimos de barganha, ouvi dizer, mas acho que ela cedeu em algo, então.

Assentindo, Rand baixou o olhar para Min. Ela encarava as mulheres do Povo do Mar com olhos estreitados, mas tão logo notou o olhar dele, balançou a cabeça, pesarosa; não via nada que pudesse ajudá-lo.

Harine virou-se com tanta calma que dava até a impressão de não ter estado cochichando às pressas momentos antes.

— Esta é Shalon din Togara Maré da Manhã, Chamadora de Ventos do clã Shodein — disse ela, com uma breve mesura para a mulher de brocados verdes —, e esta é Derah din Selaan Onda Crescente, Mestre das Velas do *Borbotão*.

As duas se curvaram de leve ao serem apresentadas e levaram os dedos aos lábios. Derah, uma bela mulher já quase na meia-idade, usava azul e

oito argolas, embora os brincos, a argola do nariz e a corrente que os unia fossem mais finos que os de Harine e Shalon.

— As boas-vindas de meu navio a você — disse Derah —, e que a graça da Luz o acompanhe até que saia de seu convés. — Ela fez uma pequena medida na direção da quarta mulher, de amarelo. — Esta é Taval din Chanai Nove Gaivotas, Chamadora de Ventos do *Borbotão*. — Apenas três argolas pendiam de cada orelha de Taval, finas como as da Mestra das Velas. Ela parecia mais jovem que Shalon, da mesma idade que o próprio Rand.

Harine reassumiu, apontando para a popa erguida do navio:

— Conversaremos na minha cabine, se lhe aprouver. Um planador não é uma embarcação muito grande, Rand al'Thor, e a cabine é pequena. Se lhe aprouver vir sozinho, todos aqui dão fiança de sua segurança.

Pois bem. De Coramoor a simplesmente Rand al'Thor. Ela tomaria de volta o que tinha cedido, se pudesse.

Ele estava prestes a abrir a boca e concordar — qualquer coisa para acabar logo com aquilo; Harine já ia se dirigindo para a cabine, ainda gesticulando para que ele fosse atrás, as outras mulheres com ela —, quando Merana soltou outra tossidela.

— As Chamadoras de Ventos conseguem canalizar — murmurou ela, apressada, por detrás da mão. — Você devia levar duas irmãs junto, ou elas vão sentir que ganharam a vantagem.

Rand franziu o cenho. A vantagem? Ele *era* o Dragão Renascido, afinal de contas. Ainda assim...

— Fico contente em acompanhá-la, Mestra das Ondas, mas Min aqui vai aonde eu for. — Ele deu uma batidinha na mão de Min, que não o soltara em nenhum instante, e Harine assentiu. Taval já estava segurando a porta aberta; Derah fez uma daquelas pequenas medidas, acenando para que ele adentrasse. — E Dashiva, é claro.

O homem levou um susto ao ouvir o próprio nome, como se estivesse dormindo. Pelo menos não estava olhando ao redor do convés de olhos arregalados, como Flinn e Narishma. Encarando as mulheres. Muito se falava da graça e beleza fascinante das mulheres do Povo do Mar, e Rand sem dúvida era capaz de enxergar isso; elas caminhavam com um balanceio sinuoso, como se a qualquer momento fossem começar uma dança. Mas não havia levado os homens até ali para comê-las com os olhos.

— Fiquem de olhos abertos! — disse ele aos dois, em um tom severo.

Narishma corou, endireitando o corpo abruptamente e apertando o punho no peito. Flinn limitou-se a fazer uma continência, mas ambos se mostraram mais alertas. Por algum motivo, Min ergueu os olhos e o encarou com um pequeno sorriso irônico.

Harine assentiu, um pouco mais impaciente. Um homem avançou dentre os tripulantes, usando calças largas de seda verde, com uma espada e uma adaga de cabo de marfim enfiadas atrás do cinturão. Mais grisalho que ela, também usava cinco argolinhas em cada orelha. Ela dispensou o homem com um gesto ainda mais impaciente.

— Como lhe aprouver, Rand al'Thor.

— E, naturalmente — acrescentou Rand, como se fosse um adendo —, preciso de Merana e de Rafela.

Ele não sabia ao certo por que escolhera o segundo nome, talvez porque a rechonchuda irmã tairana fosse a única além de Merana que não pertencia às Verdes, mas para sua surpresa Merana abriu um sorriso aprovativo. Bera assentiu, inclusive, bem como Faeldrin e Alanna.

Harine não aprovou, e apertou os lábios antes que pudesse se controlar.

— Como lhe aprouver — disse ela, sem o mesmo tom satisfeito de antes.

Já dentro da cabine, onde tudo parecia embutido às paredes, exceto uns poucos baús de metal, Rand começou a achar que a mulher tinha

conseguido o que queria simplesmente por tê-lo levado até ali. Em primeiro lugar, ele era forçado a ficar meio curvado, mesmo entre as vigas do teto, ou fosse lá como eram chamadas em um navio. Lera muitos livros sobre navios, mas nenhum mencionava isso. A cadeira que lhe foi oferecida, junto à mesa estreita, não se deslocava, pois estava presa ao piso, e tão logo Min lhe mostrou como soltar o braço da cadeira e abri-lo para poder se sentar, seus joelhos bateram no tampo da mesa. Havia apenas oito cadeiras. Harine estava sentada na mais distante, de costas para as escotilhas de persianas vermelhas da popa, com sua Chamadora de Ventos à esquerda e a Mestra das Velas à direita e Taval ao seu lado. Merana e Rafela ocuparam as cadeiras próximas de Shalon, enquanto Min sentou-se à esquerda de Rand. Dashiva, sem cadeira, assumiu um lugar ao lado da porta, muito à vontade de pé, embora sua cabeça também quase encostasse nas vigas do teto. Uma moça de camisa azul-clara, com uma argola fina em cada orelha, trouxe xícaras robustas contendo um chá preto e amargo.

— Vamos logo com isso — disse Rand, impaciente, assim que a mulher saiu com a bandeja.

Depois de um gole, apoiou a xícara na mesa. Não conseguia esticar as pernas. Odiava ficar confinado. A lembrança de estar espremido dentro do baú lhe veio à mente em um lampejo, e ele mal conseguiu manter seu temperamento sob controle.

— A Pedra de Tear caiu, os Aiel ultrapassaram a Muralha do Dragão, todas as partes da sua Profecia Jendai aconteceram. Eu sou o Coramoor.

Harine sorriu por detrás da xícara, um sorriso frio, sem a menor diversão.

— Pode até ser, como aprouver à Luz, mas...

— E é — rebateu Rand, apesar de um olhar de advertência de Merana. Ela chegou a cutucar sua perna com o pé. Ele ignorou isso também. As

paredes da cabine de alguma forma pareciam mais próximas. — Em que você não acredita, Mestra das Ondas? Que as Aes Sedai servem a mim? Rafela, Merana. — Ele fez um gesto ríspido.

Ele só queria era que elas atendessem ao chamado na frente de todos, mas as duas pousaram suas xícaras e levantaram-se graciosamente, deslizando uma para cada lado dele... e se ajoelharam. Cada uma pegou uma das mãos de Rand e a beijou bem na cabeça brilhante de crina dourada do Dragão que serpava em torno de seu antebraço. Ele mal conseguiu disfarçar o choque, sem tirar os olhos de Harine. O rosto dela ficou pálido.

— As Aes Sedai servem a mim, e o Povo do Mar também servirá. — Ele fez um gesto para que as irmãs retornassem a seus lugares. Estranhamente, elas pareceram um pouco surpresas. — É isso o que diz a Profecia Jendai. O Povo do Mar servirá ao Coramoor. Eu sou o Coramoor.

— Sim, mas há a questão da Barganha. — Pelo tom de Harine, a palavra claramente tinha letra maiúscula. — A Profecia Jendai diz que você vai nos trazer a glória, e que todos os mares do mundo serão nossos. Assim como nós lhe oferecemos, você precisa nos oferecer. Se eu não realizar bem a Barganha, Nesta vai me pendurar nos cordames nua, pelos calcanhares, e chamar as Doze Primeiras do Clã Shodein para nomear uma nova Mestra das Ondas.

Um olhar de completo horror perpassou o rosto dela ao pronunciar essas palavras, e seus olhos negros se arregalaram mais e mais a cada frase, incrédulos. Sua Chamadora de Ventos a encarou, também com os olhos esbugalhados, e Derah e Taval tentavam com tanta força não fazer o mesmo, mantendo os olhos fixos na mesa, que parecia que seus rostos iam se despedaçar.

E, de repente, Rand entendeu. *Ta'veren*. Ele tinha visto os efeitos, os momentos súbitos nos quais a coisa mais improvável acontecia por ele estar

perto, mas jamais soubera o que estava acontecendo até que estivesse terminado. Relaxando as pernas o máximo possível, ele apoiou os braços na mesa.

— Os Atha'an Miere vão servir a mim, Harine. Isso é um fato.

— Sim, nós vamos servir a você, mas... — Harine recuou um pouco a cadeira, derramando o chá. — O que está fazendo comigo, Aes Sedai? — gritou ela, trêmula. — Isso não é uma barganha!

— Não estamos fazendo nada — respondeu Merana, calmamente. Até conseguiu dar uma golada no chá sem fazer careta.

— Vocês estão na presença do Dragão Renascido — acrescentou Rafela. — O Coramoor que sua profecia os convoca a servir, como creio. — Ela pôs um dedo na bochecha gorducha. — Você disse que fala pela Senhora dos Navios. Isso significa que a sua palavra compromete os Atha'an Miere?

— Sim — sussurrou Harine com voz rouca, se recostando na cadeira. — O que eu digo compromete todos os navios, e compromete a Senhora dos Navios em pessoa.

Era impossível que alguém do Povo do Mar ficasse com o rosto branco, mas ao encarar Rand ela chegou muito perto disso. Ele sorriu para Min, para compartilhar o momento. Até que enfim um povo o seguiria sem relutar durante todo o processo, ou sem se dividir, como os Aiel. Talvez Min achasse que ele queria ajuda para encerrar o assunto, ou talvez fosse a coisa *ta'veren*. Ela se inclinou em direção à Mestra das Ondas.

— Você vai ser punida pelo que acontecer aqui hoje, Harine, mas não tanto quanto teme, eu acho. Pelo menos, um dia você será a Senhora dos Navios.

Harine franziu o cenho para ela, então olhou sua Chamadora de Ventos.

— Ela não é Aes Sedai — disse Shalon, e Harine pareceu dividida entre o alívio e a decepção. Até que Rafela abriu a boca.

— Muitos anos atrás, ouvi relatos sobre uma garota com uma habilidade incrível para ver coisas. É você, Min?

Min fez uma careta para a xícara, então assentiu com relutância; ela sempre dizia que quanto mais gente soubesse daquilo, menos coisa boa seu dom traria. Dando uma olhadela para as Aes Sedai do outro lado da mesa, ela suspirou. Rafela apenas assentiu, porém Merana a encarava com os olhos cor de mel ávidos, mas envoltos em uma máscara de serenidade. Sem dúvida esperava encurralar Min assim que possível e descobrir o que era aquele dom e como funcionava, e sem dúvida Min esperava isso também. Rand sentiu certa irritação; Min deveria saber que ele a protegeria de ser incomodada. Certa irritação, e certo conforto em saber que pelo menos daquilo ele podia protegê-la.

— Pode confiar no que Min diz, Harine — disse Rafela. — Pelos relatos que eu ouvi, o que ela vê parece sempre se realizar. E, mesmo que não perceba, ela viu algo a mais. — Ela inclinou o rosto redondo para o lado e curvou os lábios em um sorriso. — Se você vai ser punida pelo que acontecer aqui, isso deve significar que vai concordar com o que seu Coramoor quiser.

— A menos que eu não concorde com nada — retrucou Harine. — Se eu não fizer Barganha nenhuma... — Ela cerrou os punhos sobre a mesa. Já admitira que tinha de fazer a Barganha. Admitira que o Povo do Mar iria servir.

— O que eu exijo de você não é oneroso — disse Rand. Ele havia pensado naquilo desde que decidira ir até lá. — Quando eu quiser navios para transportar homens ou suprimentos, o Povo do Mar vai fornecer. Quero saber o que está acontecendo em Tarabon, em Arad Doman e nas terras entre eles. Seus navios podem descobrir... vão descobrir... o que eu quero saber; eles adentram Tanchico, Bandar Eban e uma centena de aldeias de

pesca e cidades no caminho. Os seus navios conseguem avançar mais longe pelo mar do que quaisquer outros. O Povo do Mar vai vigiar o Oceano de Aryth o mais longe a oeste que for capaz de navegar. Existe um povo, o povo Seanchan, que vive para além do Oceano de Aryth, e um dia eles virão tentar nos conquistar. O Povo do Mar vai me avisar quando eles vierem.

— Você exige muita coisa — murmurou Harine, em um tom amargo. — Nós sabemos desses Seanchan, que vêm das Ilhas dos Mortos, ao que parece, de onde nenhum navio retorna. Alguns dos nossos navios encontraram os deles; eles usam o Poder Único como arma. Você exige mais do que sabe, Coramoor. — Pela primeira vez, ela não titubeou ao pronunciar o título. — Algum mal obscuro desceu sobre o Oceano de Aryth. Nenhum de nossos navios volta de lá há muitos meses. Os navios que rumam para o oeste desaparecem.

Rand sentiu um arrepio. Girou nas mãos o Cetro do Dragão, feito com parte de uma lança Seanchan. Será que eles já tinham retornado? Eles foram expulsos uma vez, em Falme. Ele carregava a ponta da lança para recordar que havia mais inimigos no mundo do que podia ver, mas tinha certeza de que os Seanchan ainda levariam anos para se recuperar da derrota, levados de volta ao mar pelo Dragão Renascido e os heróis mortos convocados pela Trombeta de Valere. Estaria a Trombeta ainda na Torre Branca? Ele sabia que ela havia sido levada para lá.

De repente, ele não conseguia mais aguentar o confinamento da cabine. Atrapalhou-se para abrir o ferrolho do braço da cadeira. O fecho não abria. Agarrando a madeira lisa, ele quebrou o braço em mil lascas com um solavanco.

— Nós concordamos que o Povo do Mar vai servir a mim — disse ele, levantando-se. O teto baixo o fez se curvar ameaçadoramente sobre a mesa.

A cabine de fato parecia menor. — Se houver mais alguma questão na sua Barganha, Merana e Rafela aqui vão ver com vocês.

Sem esperar resposta, ele girou em direção à porta, onde Dashiva parecia outra vez estar resmungando sozinho.

Merana o puxou pela manga e disse, ligeira e em um tom baixo:

— Milorde Dragão, seria melhor se permanecesse. Já viu o que o fato de ser um *ta'veren* causou. Com a sua presença aqui, acredito que ela continuará a revelar o que deseja esconder, e concordar antes que cedamos qualquer coisa.

— Você é da Ajah Cinza — respondeu ele, em um tom ríspido. — Negocie! Dashiva, venha comigo.

No convés, ele respirou fundo várias vezes. O céu sem nuvens estava aberto. Aberto.

Ele levou um instante para perceber Bera e as outras duas irmãs, que o encaravam em expectativa. Flinn e Narishma limitavam-se ao que tinham de fazer, vigiando superficialmente o navio e prestando atenção nas margens do rio, com a cidade de um lado e os armazéns recém-construídos de outro. O meio do rio era um lugar vulnerável para um navio, caso os Abandonados decidissem atacar. A bem da verdade, nessa situação qualquer lugar era perigoso. Rand não conseguia entender por que nenhum deles havia pelo menos tentado destruir o Palácio do Sol com ele dentro.

Min pegou-lhe o braço, e ele se assustou.

— Desculpe — disse Rand. — Não devia ter deixado você.

— Tudo bem — respondeu ela, rindo. — Merana já está começando a trabalhar. Acho que ela quer pegar para você a melhor blusa de Harine, e talvez a segunda melhor também. A Mestra das Ondas parecia um coelho pego entre dois furões.

Rand assentiu. O Povo do Mar era dele, ou quase. Que importância tinha se a Trombeta de Valere estava na Torre Branca? Ele era *ta'veren*. Era o Dragão Renascido, o Coramoor. Era quase meio-dia, e o sol dourado ardia no céu.

— O dia mal começou, Min. — Ele podia fazer qualquer coisa. — Quer me ver sossegar os rebeldes? Aposto mil coroas contra um beijo que eu dou um jeito neles antes de o sol se pôr.



CAPÍTULO 35



FLORESTA ADENTRO

Sentada de pernas cruzadas na cama de Rand, Min o observava. Usando apenas uma camisa de mangas curtas, ele revirava os casacos no imenso guarda-roupas com entalhes em marfim. Como ele podia dormir naquele quarto, com toda aquela mobília preta e pesada? Parte dela pensou casualmente em tirar tudo dali e substituir por umas peças de mobília entalhadas que ela vira em Caemlyn, com um leve toque dourado, e tapeçarias e linhos claros que ele consideraria menos opressivos. Estranho; ela nunca se importara nem um pouco com mobílias ou linhos. Mas aquela tapeçaria de batalha, de um espadachim solitário rodeado de inimigos e prestes a ser dominado... aquilo definitivamente tinha de sair. Na maior parte, porém, ela apenas o observava.

Seus olhos azuis como o céu da manhã guardavam uma expressão muito séria, e a camisa branca se retesou em suas costas largas quando ele se virou para alcançar o fundo do guarda-roupas. Ele tinha belas pernas e panturrilhas maravilhosas, que sobressaíam bastante naquelas calças escuras e justas, com as botas dobradas para baixo. Às vezes franzia o cenho, correndo os dedos pelos cabelos vermelho-escuros; nem mil escovadas poderiam ajeitar aquele cabelo; estava sempre meio ondulado nas orelhas e na altura da nuca. Ela não era uma daquelas mulheres idiotas que jogavam o juízo aos pés de um homem, além do coração. Era só que, às

vezes, perto dele, ficava um pouco mais difícil pensar com clareza. Era só isso.

Inúmeros casacos de seda bordada saíam do armário e eram atirados no chão, por sobre o que ele havia usado no navio do Povo do Mar. Será que as negociações estariam indo tão bem sem sua presença *ta'veren*? Se pelo menos ela tivesse uma visão realmente útil a respeito do Povo do Mar... Como sempre, aos olhos dela, imagens e auras coloridas o rodeavam em lampejos, a maioria desaparecendo depressa demais para que Min as distinguisse, e todas exceto uma eram insignificantes para ela no momento. Aquela visão específica ia e vinha cem vezes por dia, e sempre que Mat ou Perrin estavam presentes ela os englobava também, e às vezes outras pessoas. Uma imensa sombra assomava sobre ele, tragando milhares e milhares de diminutas luzes feito vaga-lumes, que adentravam o breu em uma tentativa de preencher a escuridão. Naquele dia, parecia haver incontáveis dezenas de milhares de vaga-lumes, mas a sombra também parecia maior. De alguma forma, aquela visão representava sua batalha contra a Sombra, mas ele quase nunca desejava saber em que pé estava. Não que ela de fato pudesse dizer, exceto que a sombra sempre parecia estar ganhando, de uma forma ou de outra. Ela suspirou aliviada ao ver a imagem desaparecer.

Uma pequenina pontada de culpa a fez se remexer sobre a colcha onde estava sentada. Ela de fato não mentira quando ele perguntou que visões Min havia omitido. Não de fato. De que adiantaria dizer que ele muito provavelmente fracassaria sem uma mulher que estava morta? Ele já estava bastante desanimado sem isso. Ela tinha de melhorar o ânimo dele, fazê-lo se lembrar de rir. Exceto que...

— Não acho que seja boa ideia, Rand. — Dizer isso talvez fosse um erro. Os homens eram estranhos de tantas maneiras; em um minuto

aceitavam um conselho sensato, e no instante seguinte faziam o exato oposto. Deliberadamente, ao que parecia. Por algum motivo, no entanto, ela sentia... o impulso de proteger... aquele homem imenso, que decerto conseguiria erguê-la do chão com um braço só. E sem precisar canalizar.

— É uma ideia ótima — respondeu ele, atirando no chão um casaco azul com bordados prateados. — Eu sou *ta'veren*, e hoje isso parece estar trabalhando a meu favor, para variar. — Um casaco verde com bordados dourados voou para o chão.

— Você não prefere me consolar outra vez?

Ele ficou paralisado, encarando-a com um casaco vermelho trabalhado em prata nas mãos. Ela esperou não estar enrubescendo. Consolar. *De onde veio esse raio de ideia?*, pensou ela, em silêncio. As tias que a criaram eram mulheres delicadas e gentis, mas tinham conceitos muito fortes em relação ao comportamento adequado. Desaprovavam que ela usasse calças, desaprovavam que ela trabalhasse em estábulos, o trabalho que ela mais amava, pois proporcionava contato com os cavalos. Não havia dúvida sobre o que achariam desse *consolo* com um homem com quem ela não era casada. Se algum dia descobrissem, cruzariam todo o caminho desde Baerlon só para esfolá-la viva. E a ele também, claro.

— Eu... preciso continuar avançando enquanto tenho certeza de que ainda está funcionando — disse ele, devagar, e se virou bem depressa de volta para o guarda-roupas. — Este aqui serve — falou, puxando um casaco simples de lã verde. — Eu não sabia que isto estava aqui.

Era o casaco que ele tinha usado na volta dos Poços de Dumai, e ela pôde ver as mãos de Rand tremerem frente àquela lembrança. Ensaçando displicência, ela se levantou e foi abraçá-lo, esmagando o casaco entre os dois enquanto deitava a cabeça em seu ombro.

— Eu amo você — disse ela, apenas.

Por sob a camisa de Rand, ela sentia a ferida redonda e parcialmente cicatrizada do lado esquerdo de seu corpo. Recordava, como se fosse ontem, como ele a havia arrumado. Fora a primeira vez que ela o tomara nos braços, inconsciente e quase morto.

Ele apertou as mãos nas costas dela, abraçando-a com força e tirando o ar de seus pulmões, mas então, para seu desgosto, as mãos dele baixaram. Ela pensou ouvi-lo murmurar algo sobre “injustiça” entre os dentes. Estaria ele pensando no Povo do Mar durante o abraço? Devia estar, a bem da verdade. Merana era Cinza, mas o que se dizia era que o Povo do Mar podia fazer um domanês suar. Devia estar, mas... ela pensou em dar um chute em seu tornozelo. Com delicadeza, Rand a afastou e começou a vestir o casaco.

— Rand — disse Min, com firmeza —, você não pode ter certeza se vai surtir algum efeito, só porque surtiu em Harine. Se o fato de você ser *ta'veren* sempre afetasse tudo, você teria todos os governantes ajoelhados aos seus pés agora mesmo, e os Mantos-Brancos também.

— Eu sou o Dragão Renascido — retrucou ele, altivo —, e hoje posso fazer qualquer coisa.

Ele apanhou e afivelou o cinturão que agora exibia uma fivela lisa de metal. O Dragão dourado jazia sobre a colcha da cama. Luvas de fino couro preto cobriam as cabeças de crina dourada no dorso de suas mãos e as garças marcadas nas palmas.

— Mas não passo essa impressão, passo? — Ele esticou os braços, sorrindo. — Eles só vão saber quanto for tarde demais.

Ela reprimiu um gesto de impaciência.

— Você também não passa a impressão de ser um bobo. — Que ele interpretasse aquilo como quisesse. O idiota a olhou de soslaio, parecendo em dúvida. — Rand, assim que virem os Aiel, eles vão correr ou começar a lutar. Se você não levar nenhuma Aes Sedai, pelo menos leve esses

Asha'man. Uma flechada e você morre, seja o Dragão Renascido ou um pastor de cabras!

— Mas eu *sou* o Dragão Renascido, Min — devolveu ele, muito sério. — E *ta'veren*. Nós vamos sozinhos; só nós dois. Quer dizer, se você ainda quiser vir.

— Você não vai a lugar nenhum sem mim, Rand al'Thor. — Ela se refreou de dizer que ele tropeçaria nos próprios pés se fosse. Aquela euforia era quase tão ruim quanto a sua indiferença sombria. — Nandera não vai gostar disso.

Ela não sabia ao certo qual era a situação entre ele e as Donzelas; era algo de fato bastante peculiar, pelas coisas que ela vira, mas qualquer esperança de impedi-lo foi por água abaixo quando Rand escancarou um sorriso, feito um garotinho se esquivando da mãe.

— Ela não vai saber, Min. — Os olhos dele até brilhavam! — Eu faço isso o tempo todo, e elas nunca descobrem.

Ele estendeu a mão enluvada, esperando que ela pulasse ao seu chamado.

De fato não houve nada a fazer além de ajeitar o casaco verde, dar uma olhadela no espelho para conferir o cabelo... e dar a mão a ele. O problema era que ela *estava* pronta para pular ao menor movimento de Rand; só queria garantir que ele jamais descobrisse.

Na antessala, ele abriu um portão por sobre o Sol Nascente dourado que havia no chão, e ela se deixou conduzir por uma floresta montanhosa com o chão coberto de folhas mortas. Um pássaro passou voando, batendo as asas vermelhas. Um esquilo surgiu em um galho de árvores e chilreou para eles, batendo o rabo peludo de ponta branca.

Não parecia em nada o tipo de mata que ela se lembrava de haver perto de Baerlon; não havia muitas florestas de verdade perto da cidade de

Cairhien. A maioria das árvores ficava a quatro, cinco ou até dez passadas de distância umas das outras, pinheiros e folhas-de-couro altos, carvalhos mais altos ainda e árvores que ela não conhecia, correndo pela planície onde ela e Rand se encontravam e subindo por uma encosta que começava apenas algumas braças adiante. Mesmo a vegetação rasteira parecia mais escassa do que perto de casa; as moitas, trepadeiras e os arbustos espinhentos se espalhavam em blocos, embora alguns não fossem pequenos. Tudo era marrom e ressequido. Ela puxou da manga um lenço com borda de renda e secou o suor que brotou de repente em seu rosto.

— Para que lado vamos? — perguntou ela.

Pela indicação do sol, o norte estava adiante da encosta, na direção que ela teria escolhido. A cidade devia estar a umas sete ou oito milhas naquela direção. Com sorte, eles caminhariam todo o trajeto de volta sem cruzar com ninguém. Ou, melhor ainda, dadas suas botas de salto e o terreno, sem mencionar o calor, Rand poderia desistir e abrir outro portão de volta ao Palácio do Sol. Os aposentos do palácio eram frescos, comparados àquilo.

Antes que ele pudesse responder, o estalido de arbustos e folhas anunciou a chegada de alguém. A pessoa que surgiu montada em um capão cinzento e alto com arreio e rédeas de franjas vistosas era uma mulher cairhiena, baixa e esguia, em um vestido de montaria de seda azul-escura, quase preta, com faixas horizontais em vermelho, verde e branco correndo desde o pescoço até abaixo dos joelhos. O suor em seu rosto não diminuía sua beleza pálida, nem tornava seus olhos menos que imensos lagos negros. Uma pequena pedra verde translúcida pendia em sua testa de uma fina corrente de ouro presa aos cabelos negros, que caíam em ondas por sobre os ombros.

Min ofegou, e não foi por causa da besta de caça que a mulher carregava com displicência na mão vestida em uma luva verde. Por um instante, teve

certeza de que era Moiraine. Mas...

— Eu não me lembro de ter visto nenhum de vocês dois no acampamento — disse a mulher em um tom gutural, quase provocante. A voz de Moiraine era cristalina. Ela baixou a besta, ainda com ar muito despretensioso, até apontá-la com firmeza para o peito de Rand.

Ele ignorou.

— Pensei que gostaria de dar uma olhada no seu acampamento — disse ele, com uma leve mesura. — Acredito que seja Lady Caraline Damodred?

A mulher esguia inclinou a cabeça, confirmando o nome.

Min soltou um suspiro pesaroso, mas não esperava de fato que Moiraine fosse aparecer viva. Moiraine fora sua única visão que dera errado. Mas Caraline Damodred em pessoa, uma das líderes da rebelião contra Rand em Cairhien, e requerente ao Trono do Sol... Ele realmente estava puxando todos os fios do Padrão à sua volta, para que ela tivesse aparecido.

Lady Caraline ergueu a besta para o lado, bem devagar; a corda deu um estalido, disparando a flecha de cabeça larga pelo ar.

— Duvido que uma dessas fosse lhe fazer mal — disse ela, avançando com o capão na direção deles. — E não gostaria que você achasse que eu o estou ameaçando.

Ela deu uma olhada para Min... somente uma olhada de cima a baixo, embora Min tivesse certeza de que registrara tudo a seu respeito... mas, fora isso, no entanto, Lady Caraline manteve os olhos firmes em Rand. Ela puxou as rédeas a três passadas de distância, longe o bastante apenas para que ele não a alcançasse a pé antes de ela conseguir bater em retirada.

— Só consigo pensar em um homem de olhos cinza com a sua altura que pudesse surgir assim de repente, do nada. A não ser que você seja um Aiel disfarçado. Mas talvez possa me fazer a gentileza de fornecer um nome?

— Eu sou o Dragão Renascido — disse Rand, com a mesma arrogância que usara com o Povo do Mar, mas se seu lado *ta'veren* estava movimentando algum torvelinho do Padrão, a mulher no cavalo não deu indício.

Em vez de descer da sela e jogar-se de joelhos, ela limitou-se a assentir, franzindo os lábios.

— Ouvi falar tanto, tanto de você. Ouvi dizer que foi até a Torre para se submeter ao Trono de Amyrlin. Ouvi dizer que pretende entregar o Trono do Sol a Elayne Trakand. E também que matou Elayne e a mãe dela.

— Não me submeto a ninguém — retorquiu Rand, com rispidez, encarando a mulher com olhos ferozes o bastante para arrancá-la da sela. — Elayne está a caminho de Caemlyn neste exato momento, para assumir o trono de Andor. Depois disso, terá também o trono de Cairhien.

Min fez uma careta. Ele precisava soar feito um pavão, de tão arrogante? Depois do Povo do Mar, ela imaginava que Rand tivesse se acalmado um pouco.

Lady Caraline deitou a besta na sela à sua frente, correndo por ela a mão enluvada. Talvez arrependida pela flecha solta?

— Eu poderia aceitar minha priminha no trono. Antes ela do que alguns outros, pelo menos, mas... — Aqueles grandes olhos escuros que pareciam líquidos de repente transformaram-se em pedra. — Mas não sei bem se consigo aceitar você em Cairhien, e não me refiro apenas às suas mudanças nas leis e nos costumes. A sua... mera presença altera o destino. Todos os dias, desde que você chegou, tem gente morrendo em acidentes tão bizarros que beiram o inacreditável. Tantos maridos abandonam as esposas, e tantas esposas, os maridos, que ninguém nem sequer comenta mais a respeito. Você vai destroçar Cairhien só por permanecer aqui.

— Equilíbrio — interrompeu Min, às pressas. O rosto de Rand estava tão sombrio que parecia a ponto de explodir. Talvez no fim das contas ele tivesse tido razão em vir. Era certo que não havia sentido em deixá-lo arruinar aquele encontro em um ataque de raiva. Ela não deu a ninguém chance de falar. — Sempre há um equilíbrio entre o bem e o mal. É assim que o Padrão opera. Nem ele pode mudar isso. Assim como a noite equilibra o dia, o bem equilibra o mal. Desde que ele chegou, não houve sequer um natimorto na cidade, nenhuma criança nascida com deformidade. Há mais casamentos em um dia do que costumava haver em uma semana, e para cada homem que morre engasgado com um ossinho, uma mulher rola três lances de escada e se levanta sem um arranhão. Para cada mal, acontece um bem. O girar da Roda requer equilíbrio, e ele apenas aumenta as chances de algo que poderia acontecer naturalmente. — De repente, ela corou, percebendo que os dois a estavam olhando. Ou melhor, encarando.

— Equilíbrio? — murmurou Rand, de sobrancelhas erguidas.

— Andei lendo uns livros do Mestre Fel — respondeu ela, baixinho.

Não queria que ninguém pensasse que estava se metendo a filósofa. Lady Caraline sorriu, encarando sua sela, e brincou com as rédeas. A mulher estava *rindo* dela. Daria a Caraline um motivo para rir!

De repente, um enorme capão negro que parecia um cavalo de guerra veio avançando pela mata, conduzido por um homem de meia-idade de cabelos bem curtos e barba pontiaguda. Apesar do casaco amarelo com mangas bufantes de cetim verde, de estilo taireno, olhos de um azul belo e assombroso despontavam do rosto suado e moreno, feito safiras polidas. Ele não era particularmente bonito, mas os olhos compensavam o nariz comprido demais. Em uma das mãos revestidas por uma manopla de couro ele trazia uma besta, e a outra brandia uma flecha de cabeça larga.

— Isso passou pertíssimo do meu rosto, Caraline, e tem as suas marcações! Só porque não há animais para caçar, não é motivo... — Ele notou a presença de Rand e Min naquele exato instante, então baixou a besta em riste na direção deles. — São vadios, Caraline, ou você encontrou espiões da cidade? Jamais acreditei que al’Thor nos deixaria continuar aqui, desimpedidos.

Meia dúzia de outros cavaleiros surgiu atrás dele, homens suados em casacos de mangas bufantes com listras de cetim, e mulheres, também suadas, em casacos de montaria com golas altas e grossas de renda. Todos portavam bestas. Os últimos cavaleiros nem haviam parado, os cavalos ainda pisoteando e sacudindo a cabeça, quando o dobro chegou avançando pela mata com dificuldade, vindos de outra direção, e parou perto de Caraline. Eram homens e mulheres esguios e pálidos, vestindo roupas escuras com listras coloridas às vezes indo até abaixo da cintura. Todos traziam bestas. Serviçais a pé chegaram depois, pelejando e arfando com o calor, os homens que tratariam e carregariam qualquer caça abatida. Nenhum trazia nada além de uma faquinha no cinto, mas isso não fazia muita diferença. Min engoliu em seco, e inconscientemente começou a secar o rosto com o lenço com um pouco mais de vigor. Se sequer uma pessoas reconhecesse Rand antes que ele se preparasse...

Lady Caraline não hesitou.

— Não são espiões, Darlin — disse ela, virando o cavalo para encarar os tairenos recém-chegados.

O Grão-lorde Darlin Sisnera! Só faltava agora o Lorde Toram Riatin. Min desejou que os puxões de *ta’veren* de Rand no Padrão fossem só um pouquinho menos completos.

— Um primo e sua esposa, que vieram de Andor para me visitar — prosseguiu Caraline. — Permita-me apresentar Tomas Trakand, de um ramo

inferior da Casa, e sua esposa, Jaisi.

Min quase lançou um olhar fulminante à mulher; a única Jaisi que conhecera na vida era uma chata pedante já antes dos vinte anos, e ainda por cima amarga e mal-humorada.

Darlin olhou Rand de cima a baixo outra vez, então parou um instante em Min. Ele baixou a besta e inclinou a cabeça em uma ínfima mesura, um Grão-lorde de Tear para um nobre inferior.

— Seja bem-vindo, Lorde Tomas. É preciso coragem para que um homem se junte a nós nas atuais circunstâncias. Al'Thor pode soltar os selvagens sobre nós a qualquer hora.

Lady Caraline lançou a ele um olhar exasperado, que ele fingiu não ter visto, mas notou que o cumprimento de Rand em retorno não foi mais deferente que o dele, no entanto; notou, e franziu o cenho. Uma mulher de beleza soturna em sua comitiva resmungou bem baixinho — tinha um rosto duro e comprido, bem trabalhado na raiva —, e um sujeito corpulento, de cara fechada e suando em um casaco verde-claro com listras vermelhas, cravou os calcanhares no cavalo e avançou um pouco, como se fosse passar por cima de Rand.

— Há de ser o que a Roda tecer — disse Rand, casual, como se não estivesse percebendo nada. O tom do Dragão Renascido para... para quase todo mundo, na verdade. Arrogância no topo de uma montanha. — Quase nada acontece conforme esperamos. Por exemplo, ouvi dizer que você estava em Tear, em Haddon Mirk.

Min desejou ousar abrir a boca, dizer qualquer coisa para acalmá-lo. Limitou-se a afagar seu braço. De maneira displicente. Uma esposa — aí estava uma palavra que subitamente soava muito bem —, uma esposa acariciando distraidamente o marido. Outra palavra boa. Luz, como era difícil ser justa! Não era nada *justo* ter que ser justa.

— O Grão-lorde Darlin acabou de chegar de escaler com alguns de seus amigos mais próximos, Tomas. — O tom gutural de Caraline não se alterou, mas seu capão subitamente deu uma empinada, decerto por conta de uma cravada firme de calcanhares, e sob o disfarce de recuperar o controle ela se virou de costas para Darlin e lançou a Rand uma breve carranca de advertência. — Não aborreça o Grão-lorde, Tomas.

— Eu não me incomodo, Caraline — disse Darlin, pendurando a besta na sela por um passador. Ele cavalgou um pouco mais para perto e apoiou um braço no alto arção da sela. — Um homem deve saber onde está se metendo. Talvez tenha ouvido as histórias sobre al'Thor ir até a Torre, Tomas. Eu vim porque as Aes Sedai me procuraram meses atrás, sugerindo que isso poderia acontecer, e sua prima me informou que o mesmo se sucedeu com ela. Pensamos que poderíamos pô-la no Trono do Sol antes que Colavaere o tomasse. Bom, al'Thor não é nenhum idiota; jamais acredite nisso. Eu mesmo acredito que ele manipulou a Torre feito um titereiro. Colavaere foi enforcada, ele está protegido atrás das muralhas de Cairhien... sem nenhum cabresto de Aes Sedai, aposto, não importa o que digam os rumores... E, até que encontremos algum jeito de nos livrar da situação, estamos nas mãos dele, esperando que cerre os punhos.

— Um navio o trouxe — disse Rand, apenas. — Um navio poderia levá-lo de volta.

De repente Min percebeu que ele estava dando tapinhas carinhosos em sua mão, no braço dele. Tentando confortá-la!

Surpreso, Darlin jogou a cabeça para trás e gargalhou. Um bom número de mulheres relevaria o nariz dele por aqueles olhos e aquela gargalhada.

— Poderia mesmo, Tomas, mas eu pedi sua prima em casamento. Ela não responde nem que sim, nem que não, mas um homem não pode

abandonar nem sequer uma pretendente à mercê dos Aiel, e ela se recusa a ir embora.

Caraline Damodred empertigou-se na sela, a expressão fria o bastante para humilhar uma Aes Sedai, mas de súbito auras vermelhas e brancas lampejaram ao redor dela e de Darlin, e Min soube. As cores nunca pareciam importar, mas ela soube que eles se casariam — depois que Caraline o enrolasse bastante. E mais: aos olhos dela, uma coroa de súbito surgiu na cabeça de Darlin; um simples aro dourado com uma espada meio curvada na horizontal, acima da testa. A coroa real que ele usaria um dia, mas de que nação ela não sabia dizer. Tear tinha Grão-lords, não um rei.

A imagem e as auras desapareceram quando Darlin deu meia-volta com o cavalo para encarar Caraline.

— Não há caça a ser encontrada hoje. Toram já retornou para o acampamento. Sugiro que façamos o mesmo. — Aqueles olhos azuis perscrutaram rapidamente as árvores ao redor. — Parece que seu primo e a esposa perderam os cavalos. Basta um instante de descuido e eles se afastam — acrescentou ele a Rand, em um tom gentil. Sabia muito bem que eles não tinham cavalos. — Mas tenho certeza de que Rovair e Ines podem abrir mão de suas montarias. Uma caminhada ao ar livre fará muito bem a eles.

O homem grandalhão de casaco de listras vermelhas desceu do baio alto na mesma hora, com um sorriso adulator para Darlin e um sorriso nitidamente menos afetuoso, mas igualmente adulator, para Rand. A mulher de expressão irritada demorou um instante para desmontar, com um movimento rígido, de sua égua prateada. Não parecia satisfeita.

Min também não estava.

— Está pretendendo entrar no acampamento deles? — sussurrou ela, enquanto Rand a levava aos cavalos. — Enlouqueceu? — acrescentou, sem

pensar.

— Ainda não — devolveu ele, com delicadeza, tocando o nariz dela com a pontinha do dedo. — Graças a você, eu sei disso.

Ele a montou na égua, então subiu na sela do baio e cravou os calcanhares no animal, seguindo atrás de Darlin. Rumando para o norte e um pouco para oeste, encosta acima, eles deixaram Rovair e Ines parados sob as árvores, trocando olhares amargurados. Enquanto os dois ficavam para trás com os cairhienos, os outros tairenos riram e gritaram votos de que a dupla apreciasse a caminhada.

Min teria cavalgado ao lado de Rand, mas Caraline pôs a mão em seu ombro, puxando-a para trás dos dois homens.

— Quero ver o que ele faz — disse Caraline baixinho. *Qual deles?*, pensou Min. — Vocês são amantes?

— Sim — respondeu Min em um tom desafiador, assim que recuperou o fôlego.

Sentia o rosto queimando, mas a mulher simplesmente assentiu, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Talvez fosse, em Cairhien. Às vezes ela percebia que toda a sofisticação que adquirira falando com pessoas mundanas era tão fina quanto sua blusa.

Rand e Darlin cavalgavam logo à frente, os joelhos quase se roçando, o mais jovem meia cabeça mais alto que o mais velho, ambos envoltos em um manto de orgulho. Mas conversando, ainda assim. Não era fácil escutar. Os dois falavam baixo, e o farfalhar das folhas mortas e o estalido dos galhos no chão sob os cascos dos cavalos com frequência bastavam para abafar suas palavras. O grito de um gavião acima ou o chilrear de um esquilo em uma árvore se misturavam aos sons. Ainda assim, foi possível ouvir uns fragmentos.

— Se me permite dizer, Tomas — disse Darlin em dado momento, enquanto eles desciam, depois da primeira subida —, e sob a Luz, sem nenhum desrespeito, você tem sorte em ter uma bela esposa. Queira a Luz que eu tenha uma tão bela quanto.

— Por que eles não conversam sobre coisas importantes? — resmungou Caraline.

Min virou a cabeça para esconder um sorrisinho. Lady Caraline não parecia nem metade tão insatisfeita quanto sua voz indicava. Ela própria jamais se importara se alguém a achava bonita ou não. Bem, até conhecer Rand, de todo modo. Talvez o nariz de Darlin não fosse tão comprido assim.

— Eu teria deixado que ele levasse Callandor da Pedra — disse Darlin, um tempo depois, enquanto subiam uma encosta de árvores esparsas —, mas não pude ignorar quando ele trouxe invasores Aiel para Tear.

— Eu li as Profecias do Dragão — disse Rand, inclinando-se sobre o pescoço do baio e impulsionando o animal adiante. O cavalo tinha uma aparência distinta e lustrosa, porém não mais belo traseiro que seu dono, pensou Min. — A Pedra tinha de ruir antes que ele pudesse pegar Callandor — prosseguiu Rand. — Outros lordes tairenos o seguem, pelo que eu soube. Darlin soltou uma bufada.

— Eles o bajulam e lambem suas botas! Eu poderia tê-lo seguido, se assim ele quisesse, se... — Com um suspiro, ele balançou a cabeça. — São muitos “se”, Tomas. Existe um ditado em Tear: “Qualquer rixa pode ser perdoada, mas os reis jamais perdoam.” Tear não esteve sob o comando de um rei desde Artur Asa-de-gavião, mas eu acho que o Dragão Renascido se parece muito com um rei. Não, ele me desonrou com traição, como chama, e eu devo prosseguir conforme comecei. Queira a Luz que eu possa ver Tear soberana e independente mais uma vez, antes de morrer.

Só podia ser trabalho de *ta'veren*, Min soube. O homem jamais teria falado desse jeito com alguém que conheceria por acaso, fosse supostamente primo de Caraline Damodred ou não. Mas o que Rand pensava? Ela mal podia esperar para contar a ele sobre a coroa.

No topo daquela colina, eles de súbito deram de cara com um bando de lanceiros, alguns com placas peitorais ou capacetes amassados, a maioria sem nada, que se curvaram em mesuras assim que viram o grupo. À esquerda e à direita das árvores, Min pôde ver outros grupos de guardas. Abaixo, o acampamento se estendia no que parecia ser uma névoa permanente de poeira, descendo por uma encosta quase sem árvores até o vale e subindo pela colina seguinte. Todas as poucas tendas eram grandes, com o estandarte de algum nobre dependurado meio torto em um cajado no topo. Havia quase o mesmo número de cavalos amarrados a estacas enfileiradas quanto havia de pessoas, e milhares de homens e um punhado de mulheres vagavam entre as fogueiras e os carroções. Nenhum ergueu um viva quando seus líderes chegaram.

Min os analisou por sobre o lenço que apertou ao nariz para se proteger da poeira, sem se importar se Caraline estava prestando atenção. Rostos abatidos os observaram passar, e rostos carrancudos, gente que sabia estar em uma armadilha. Aqui e ali o *con* de alguma Casa despontava acima da cabeça de algum homem, mas ainda assim a maioria parecia estar usando o que conseguira encontrar, pedaços de armadura que em geral não combinavam entre si nem serviam direito. Um bom número, no entanto, homens altos demais para serem cairhienos, usava casacos vermelhos por sob as placas peitorais surradas. Min observou um leão branco quase apagado em uma manga vermelha imunda. Darlin só poderia ter trazido algumas pessoas em um escaler, talvez não mais do que seu grupo de caça. Caraline não olhava para os lados enquanto eles cavalgavam pelo

acampamento, mas sempre que se aproximavam daqueles homens de casacos vermelhos ela apertava os lábios.

Darlin desceu da montaria diante de uma tenda gigantesca, a maior que Min já vira na vida, maior do que qualquer uma que ela imaginara, uma estrutura oval de listras vermelhas, reluzente feito seda à luz do sol, com não menos de quatro altíssimos picos cônicos, cada um com o Sol Nascente de Cairhien drapejando no alto sob uma brisa preguiçosa, dourado e azul. O dedilhar de harpas soava em meio ao murmúrio de vozes, feito o som de gansos. Enquanto serviçais recolhiam os cavalos, Darlin ofereceu o braço a Caraline. Depois de uma longa pausa, ela tocou com delicadeza o punho do homem, totalmente inexpressiva, e deixou-se escoltar para dentro.

— Milady esposa? — murmurou Rand com um sorriso, estendendo o braço.

Min deu uma fungada e pôs a mão sobre a dele. Preferia ter lhe dado um tapa. Rand não tinha o direito de fazer piada a respeito daquilo. Não tinha o direito de levá-la até ali, *ta'veren* ou não. Ele poderia ser morto ali, maldição! Mas Rand se importava que ela passasse o resto da vida chorando? Na passagem, ela tocou uma das abas listradas da entrada da tenda e balançou a cabeça, estupefata. *Era* seda. Uma tenda de *seda*!

Assim que eles adentraram, ela sentiu Rand se empertigar. A comitiva reduzida de Darlin e Caraline se acotovelava à volta deles com murmúrios insinceros de perdão. Entre as quatro estacas principais da tenda havia compridas mesas armadas com cavaletes, apinhadas de comida e bebida, por sobre carpetes coloridos que haviam sido dispostos na terra, feito um piso, e gente circulava por todo lado; nobres cairhienos elegantíssimos, alguns poucos soldados com a frente da cabeça raspada e empoada, claramente homens do alto escalão, pelo corte refinado de seus casacos. Um punhado de bardos passeava pela multidão, tocando, distinguíveis tanto

pelo mesmo ar soberbo dos nobres quanto pelas harpas entalhadas e douradas que carregavam. Ainda assim, os olhos de Min dispararam, como se puxados até a fonte certa de preocupação de Rand: três Aes Sedai conversando em xales de franjas verdes, amarelas e cinza. Um lampejo de imagens e cores surgiu à volta delas, mas nada que fizesse sentido para Min. Um olhar pela multidão revelou outra, uma mulher contente de rosto redondo. Mais imagens, mais cores flamantes, mas tudo de que Min precisava era o xale de franjas vermelhas enrolado no braços gorduchos.

Rand enfiou a mão dela sob o braço e deu uma batidinha.

— Não se preocupe — disse ele, baixinho. — Está tudo indo bem.

Ela teria perguntado o que elas estavam fazendo ali, mas temia que Rand respondesse.

Darlin e Caraline haviam desaparecido no meio da multidão, com seus seguidores, mas tão logo apareceu um serviçal cheio de medidas, com listras vermelhas, verdes e brancas nas mangas escuras, oferecendo uma bandeja com cálices de prata para Rand e Min, ela ressurgiu, dispensando um sujeito de feições acentuadas que a importunava, vestido em um daqueles casacos vermelhos. O homem encarou furioso as costas da mulher, enquanto ela apanhava um cálice de ponche e dispensava o serviçal com um aceno, e Min prendeu a respiração ao ver a aura que subitamente se formou ao redor dele, de nuances tão escuros que pareciam quase negros.

— Não confie neste homem, Lady Caraline. — Ela não pôde se conter. — Ele vai matar qualquer um que julgue estar em seu caminho; vai matar por capricho, matar qualquer pessoa. — Ela fechou a boca antes que falasse ainda mais.

Caraline olhou por sobre o ombro, e o homem de feições marcadas se virou abruptamente.

— Eu acreditaria facilmente nisso em relação a Daved Hanlon — disse ela em tom seco. — Seus Leões Brancos lutam por ouro, não por Cairhien, e saqueiam mais do que os Aiel. Andor ficou quente demais para eles, ao que parece. — Ela disparou um olhar para Rand. — Toram prometeu a ele uma boa quantia em ouro, eu acho, e propriedades que eu conheço. — Ela desviou os olhos para Min. — Você conhece o homem, Jaisi?

Min só conseguiu balançar a cabeça. Como explicar o que ela sabia sobre Hanlon agora? Que as mãos dele ainda se avermelhariam com o sangue de mais estupros e assassinatos antes de sua morte? Se ela soubesse quando ou quem... Mas só sabia que aconteceria. De todo modo, revelar uma visão jamais a alterava; o que ela via acontecia, mesmo que avisasse a alguém. Algumas vezes, antes de ter aprendido, aconteceu porque ela tinha avisado.

— Ouvi falar sobre os Leões Brancos — disse Rand, em um tom frio. — Procure entre eles por Amigos das Trevas, e não vai se decepcionar.

Alguns deles haviam sido soldados de Gaebril; Min sabia disso, e não de muito mais, além de que Lorde Gaebril na verdade era Rahvin. Era lógico que soldados servindo um dos Abandonados fossem incluir Amigos das Trevas.

— E ele? — Rand acenou com a cabeça para um homem do outro lado da tenda, cujo casaco comprido e escuro ostentava tantas listras quanto o vestido de Caraline.

Muito alto para um cairhieno, talvez menos que uma cabeça mais baixo que Rand, ele era esbelto, exceto pelos ombros largos, e belíssimo, com o queixo marcado e um leve toque grisalho nos cabelos escuros das têmporas. Por alguma razão, os olhos de Min foram atraídos para o homem ao lado dele, um sujeitinho magrelo, narigudo e orelhudo, usando um casaco de seda vermelha que não lhe cabia muito bem. Ele não parava de remexer os

dedos em uma adaga curva presa ao cinto, uma peça refinada, de bainha dourada e com uma grande pedra vermelha no cabo, que parecia atrair a luz de uma forma sombria. Ela não viu auras em torno dele. O homem parecia vagamente familiar. Os dois olhavam para ela e para Rand.

— Aquele é o Lorde Toram Riatin em pessoa — sussurrou Caraline, com uma voz tensa. — E seu companheiro constante nesses últimos dias, Mestre Jeraal Mordeth. Homenzinho odioso. Aqueles olhos me fazem querer tomar um banho. Os dois me fazem sentir suja.

Ela hesitou, surpresa com o que acabara de dizer, mas recuperou-se rapidamente. Min tinha a sensação de que poucas coisas tiravam Caraline Damodred do prumo por muito tempo. Nisso, ela se parecia bastante com Moiraine.

— Se eu fosse você, primo Tomas, tomaria cuidado — prosseguiu ela. — Você pode ter operado algum milagre ou trabalho de *ta'veren* em mim, talvez até em Darlin, embora eu não saiba dizer no que isso pode dar... não faço promessas... mas Toram nutre por você um ódio visceral. Não era tão intenso antes de Mordeth se juntar a ele, mas desde então... Toram gostaria que atacássemos a cidade imediatamente, durante a noite. Com você morto, ele diz, os Aiel partiriam, mas acho que é a sua morte que ele busca agora, mais até do que o trono.

— Mordeth — disse Rand. Ele tinha os olhos cravados em Toram Riatin e no sujeito magrelo. — O nome dele é Padan Fain, e sua cabeça está valendo cem mil coroas de ouro.

Caraline quase deixou cair o cálice.

— Nem o resgate de uma rainha vale tanto. O que foi que ele fez?

— Destruíu minha casa só por ser minha casa. — Rand tinha a expressão gélida, a voz fria. — Levou Trollocs para matar meus amigos porque eles eram meus amigos. Ele é um Amigo Das Trevas, um homem morto. — As

últimas palavras saíram entre dentes. Vinho caiu no carpete quando Rand fechou a mão enluvada em punho, inclinando o cálice de prata que segurava.

Min se sentiu nauseada por ele, por sua dor — ela ouvira falar do que Fain havia feito em Dois Rios —, mas pôs a mão no peito de Rand, quase em pânico. Se ele cedesse agora, se canalizasse com sabia-se lá quantas Aes Sedai em volta...

— Pelo amor da Luz, controle-se — disse ela, e uma voz suave de mulher foi ouvida logo atrás:

— Não vai me apresentar ao seu jovem e alto amigo, Caraline?

Min olhou para trás e deu de cara com um rosto etéreo de olhos frios e cabelos grisalhos presos em um coque adornado com enfeites dourados. Min tossiu, tentando engolir um gritinho. Tinha achado que Caraline a avaliara com um olhar, mas aqueles olhos frios pareciam saber coisas sobre Min que ela própria havia esquecido. O sorriso da Aes Sedai, enquanto ajustava o xale de franjas verdes, não era nem de longe tão agradável quanto sua voz.

— Claro, Cadsuane Sedai. — Caraline parecia abalada, mas suavizou o tom muito bem antes de apresentar seu “primo” e a “esposa” que estavam de visita. — Mas temo que Cairhien não seja lugar para eles atualmente — disse ela, mais uma vez com muita presença de espírito, no sorriso a tristeza por não poder manter Rand e Min por perto. — Eles concordaram em seguir o meu conselho e retornar a Andor.

— Ah, é? — perguntou Cadsuane, em um tom seco. O coração de Min subiu à boca. Mesmo que Rand nunca a tivesse mencionado, estava claro que a mulher o conhecia, pela forma como olhava para ele. Pequenos pássaros, luas e estrelas douradas sacolejaram quando ela balançou a cabeça. — A maioria dos garotos aprende a não meter a mão no belo fogo

da primeira vez que se queima, Tomas. Outros precisam apanhar para aprender. Melhor um traseiro vermelho que uma mão queimada.

— Você sabe que não sou criança — retrucou Rand com rispidez.

— Sei? — Ela o encarou de cima a baixo e fez parecer que não havia muito a olhar. — Bom, parece que em breve eu saberei se você precisa ou não de umas palmadas. — Seus olhos frios encararam Min e Caraline, e com um puxão final no xale, a própria Cadsuane retirou-se para a multidão.

Min engoliu o nó na garganta e ficou satisfeita em ver Caraline fazer o mesmo, com ou sem presença de espírito. Rand — cego, idiota! — encarava a Aes Sedai como se pretendesse ir atrás dela. Dessa vez foi Caraline quem pôs a mão no peito dele.

— Suponho que você conheça Cadsuane — disse ela, em um sussurro. — Tome cuidado; até as outras irmãs têm medo dela. — O tom gutural assumiu uma nota de seriedade. — Não faço ideia do que vai acontecer hoje, mas, seja o que for, acho que está na hora de você ir embora, “primo Tomas”. Já passou da hora. Vou providenciar cavalos...

— Esse é seu primo, Caraline? — disse uma voz masculina, grave e profunda, e Min pulou de susto instintivamente.

Toram Riatin era ainda mais bonito de perto que de longe, o tipo de beleza masculina forte e um ar de sofisticação que teria atraído Min antes de conhecer Rand. Bom, ela ainda o considerava atraente, mas não tanto quanto Rand. O sorriso firme em seus lábios era bastante interessante.

Toram baixou o olhar até a mão de Caraline, ainda no peito de Rand.

— Lady Caraline será minha esposa — disse ele, indolente. — Você sabia disso?

Caraline enrubesceu, meio irritada.

— Não diga isso, Toram! Eu já disse que não vou, e não vou!

Toram sorriu para Rand.

— Acho que as mulheres nunca sabem o que querem até que mostremos a elas. O que você acha, Jeraal? Jeraal? — Ele olhou em volta, franzindo o cenho.

Min o encarou, estupefata. Ele era tão bonito, com o porte exato de... Ela desejou poder evocar as visões quando bem entendesse. Queria muito saber o que o futuro reservava àquele homem.

— Eu vi seu amigo sair correndo para lá, Toram. — Com a boca contorcida de desgosto, Caraline acenou vagamente com a mão. — Você vai encontrá-lo perto da bebida, eu acho, ou importunando as serviçais.

— Até mais, minha preciosa. — Ele tentou tocá-la no rosto e pareceu se divertir quando ela recuou. Sem interrupção, ele transferiu a diversão para Rand. E para a espada em seu quadril. — Quer se divertir um pouco, primo? Estou chamando você assim porque seremos primos, depois que eu me casar com Caraline. Com espadas de treino, claro.

— Decerto que não — disse Caraline, rindo. — Ele é um garoto, Toram, e mal sabe distinguir qual é o lado certo dessa coisa. A mãe dele jamais me perdoaria se eu permitisse...

— Diversão — soltou Rand, abruptamente. — É melhor eu ver onde isso vai dar. Eu aceito.



CAPÍTULO 36



LÂMINAS

Min não sabia se grunhia, gritava ou se sentava e chorava. Caraline, encarando Rand de olhos arregalados, parecia no mesmo dilema.

Com uma risada, Toram começou a esfregar as mãos.

— Escutem, todos — gritou ele. — Vocês vão ver uma brincadeirinha. Abram espaço. Abram espaço.

Ele se afastou, acenando para que as pessoas abrissem espaço no centro da tenda.

— Pastorzinho — rosnou Min —, você não é um cabeça de lã. Você *não tem* cabeça!

— Eu não poria dessa forma — disse Caraline, em um tom de voz *muito* seco —, mas sugiro que se retire agora. Sejam quais forem os... truques... que você acredita poder usar, existem sete Aes Sedai nesta tenda, quatro da Ajah Vermelha, recém-chegadas do sul a caminho de Tar Valon. Se alguma delas minimamente desconfiar, eu temo que todas as possibilidades do dia de hoje estarão encerradas. Saia.

— Eu não vou usar nenhum... truque. — Rand desafiou o cinturão e entregou a Min. — Se eu afetei você e Darlin de um jeito, talvez possa afetar Toram de outro.

A multidão recuou, abrindo uma área de vinte passadas entre dois dos grandes pilares. Alguns encaravam Rand, e havia muitos cutucões e

risinhos cínicos. Às Aes Sedai foi oferecido lugar de honra, claro, Cadsuane e suas duas amigas de um dos lados, quatro mulheres com o xale da Ajah Vermelha de outro. Cadsuane e suas companheiras encaravam Rand com aberta censura e tanta irritação quanto qualquer Aes Sedai podia deixar transparecer, mas as irmãs Vermelhas pareciam mais preocupadas com aquelas três. Pelo menos, embora permanecessem em pontos opostos, elas conseguiam parecer alheias à presença de quaisquer outras irmãs. Ninguém poderia ser tão cego assim a não ser que fosse deliberado.

— Escute aqui, *primo*. — A voz grave de Caraline crepitava de tanta urgência. Ela permanecia bem perto, o pescoço espichado para olhar para ele. Com uma altura que não chegava ao peito de Rand, ela parecia a ponto de dar-lhe um tapa nas orelhas. — Se você não usar *nenhum* dos seus truques especiais, ele pode machucar você bem feio, mesmo com espadas de treino, e vai. Ele nunca gostou de ver outra pessoa tocar o que pensa ser dele, e suspeita que todo homem bonito que se dirige a mim seja meu amante. Quando éramos crianças, ele empurrou um amigo escada abaixo e quebrou sua coluna só porque Derowin montou seu pônei sem pedir. Um amigo! Vá, primo. Ninguém vai pensar pouco de você; ninguém espera que um rapaz enfrente um mestre espadachim. Jaisi... seja lá qual for o seu nome verdadeiro... me ajude a convencê-lo!

Min abriu a boca... e Rand pousou um dedo em seus lábios.

— Eu sou quem eu sou — disse ele, com um sorriso. — E não acho que poderia fugir dele, mesmo se não fosse. Pois bem, ele é um mestre espadachim. — Desabotoando o casaco, Rand adentrou a área aberta a passos firmes.

— Por que eles são tão teimosos quando a gente menos deseja? — sussurrou Caraline, em tom frustrado.

Min só foi capaz de assentir em concordância.

Toram estava apenas de camisa e calças, e carregava duas espadas de treino, com as “lâminas” formadas de ripas finas amarradas. Ao ver Rand apenas com o casaco aberto, ele ergueu a sobrancelha.

— Desse jeito seus movimentos ficarão restritos, primo.

Rand deu de ombros.

Sem avisar, Toram jogou uma das espadas; Rand agarrou-a no ar, pelo cabo comprido.

— Essas luvas vão escorregar, primo. Você precisa de firmeza no punho.

Rand segurou o cabo com as duas mãos e virou o corpo meio de lado, com a lâmina para baixo e o pé esquerdo para a frente.

Toram espalmou as mãos, como se dizendo que fizera o possível.

— Bem, pelo menos ele sabe se posicionar — disse ele, rindo, e na última palavra disparou para a frente, golpeando a espada de treino na direção da cabeça de Rand com toda a força.

Com um estrépito alto, ripas encontraram ripas. Rand não moveu nada além da espada. Por um instante, Toram o encarou, e Rand devolveu o olhar com toda a calma. Então, os dois começaram a dançar.

Min só podia chamar assim, aquele movimento fluido e deslizante, as lâminas de madeira se movendo em lampejos e girando. Ela tinha visto Rand praticar com a espada contra os melhores, com frequência contra dois, três ou quatro de uma vez, mas nem se comparava àquilo. Tão bonito, e tão fácil esquecer que se aquelas lâminas fossem aço poderiam derramar sangue. Exceto pelo fato de que nenhuma lâmina, fosse de aço ou ripas, tocava carne. Indo e vindo elas dançavam, rodeando uma à outra, espadas ora sondando, ora golpeando, Rand ora atacando, ora defendendo, cada movimento pontuado por estalidos altos.

Caraline agarrou o braço de Min com força, sem tirar os olhos da disputa.

— Ele também é mestre espadachim — disse ela, sem fôlego. — Só pode ser. Olhe para ele!

Min olhava, agarrada ao cinturão e à espada embainhada de Rand como se fossem ele próprio. Movimentos belos fluíam, e embora ela não soubesse o que Rand pensava, Toram claramente desejava que sua espada fosse de aço. Seu rosto ardia em uma ira fria, e ele forçava mais e mais. Ainda assim, as lâminas não tocavam nada além de uma à outra, porém agora Rand apenas recuava, a espada voando para defendê-lo, e Toram avançava, atacando, os olhos fulgurantes com uma fúria gélida.

Do lado de fora, alguém gritou, um uivo de puro terror, e de repente a tenda inteira foi arremessada pelo ar, desaparecendo em uma imensidão cinzenta que encobria o céu. Uma névoa se adensou por todos os lados, preenchida por gritos e ganidos distantes. Finas gavinhas flutuavam no domo deixado pela tenda. Todos encaravam, estupefatos. Quase todos.

A espada de ripas de Toram acertou a lateral do corpo de Rand com um som de ossos se quebrando, fazendo-o se curvar.

— Você morreu, primo — zombou Toram, erguendo a espada para golpear outra vez... e congelou, encarando enquanto parte da espessa névoa cinzenta sobre sua cabeça... se solidificava. O que parecia um tentáculo de névoa, ou um braço grosso de três dedos, desceu, fechou-se em torno da corpulenta irmã Vermelha, agarrou-a e ergueu-a no ar antes que qualquer um tivesse chance de se mover.

Cadsuane foi a primeira a superar o choque. Ergueu os braços, fazendo o xale escorregar, e retorceu as mãos, de onde brotaram bolas de fogo que rajaram o nevoeiro. Acima, algo subitamente irrompeu em chamas, uma labareda violenta que desapareceu imediatamente, e a irmã Vermelha voltou ao campo de visão, caindo com um baque bem de cara no carpete, perto de onde Rand permanecia agachado sobre um dos joelhos, apertando as

costelas. Ou teria caído de cara no chão, se sua cabeça não estivesse retorcida, os olhos sem vida encarando o nevoeiro.

Quaisquer resquícios de compostura que ainda restassem na tenda se esvaíram nesse momento. A Sombra tomara corpo. Pessoas aos berros correram para todos os lados, derrubando mesas, nobres empurrando serviçais, serviçais empurrando nobres. Jogada para lá e para cá, Min abriu caminho até Rand aos socos, cotoveladas e usando a espada dele como porrete.

— Você está bem? — perguntou ela, levantando-o. Ficou surpresa em ver Caraline do outro lado, ajudando-o também. Na verdade, até Caraline parecia surpresa.

Ele tirou a mão de baixo do casaco, e graças à Luz os dedos não estavam ensanguentados. Aquela ferida ainda apenas meio cicatrizada, tão sensível, não tornara a se abrir.

— Acho melhor irmos andando — disse ele, apanhando o cinturão. — Temos que sair daqui.

O domo de ar limpo estava visivelmente menor. Quase todo mundo havia fugido. Lá fora, em meio à névoa, gritos se erguiam, a maioria cessando abruptamente, mas sempre substituídos por novos.

— Eu concordo, Tomas — disse Darlin. De espada na mão, ele se plantou de costas para Caraline, entre ela e a névoa. — A questão é: para que direção? Além do mais, que distância temos de percorrer?

— Isso é trabalho dele — vociferou Toram. — Al'Thor.

Baixando a espada de treino, ele avançou até o casaco no chão e calmamente o vestiu. O homem podia ser muitas coisas, mas covarde não era uma delas.

— Jeraal? — gritou ele para a névoa, enquanto afivelava o cinturão. — Jeraal, que a Luz o queime, homem, onde você está? Jeraal!

Mordeth... Fain... não respondeu, e ele seguiu gritando.

Os únicos outros ainda ali eram Cadsuane e suas duas companheiras, as expressões calmas, mas as mãos percorrendo nervosamente os xales. A própria Cadsuane parecia estar se preparando para um passeio.

— Eu acho que para o norte — disse ela. — A encosta fica mais perto para o lado de lá, e subi-la pode nos colocar acima dessa coisa. Pare de miar, Toram! Ou seu homem está morto, ou não está podendo escutar. — Toram cravou os olhos nela, mas parou de gritar. Cadsuane não pareceu notar ou se importar, contanto que ele estivesse em silêncio. — Norte, então. Nós três daremos conta de qualquer coisa que sua espada não der.

Ao dizer isso, ela olhou direto para Rand, e ele respondeu com um brevíssimo aceno de cabeça antes de afivelar o cinturão e desembainhar a espada. Tentando não arregalar os olhos, Min trocou olhares com Caraline; os olhos da outra mulher estavam do tamanho de xícaras de chá. A Aes Sedai sabia quem ele era, e evitaria que todos os outros soubessem.

— Gostaria que não tivéssemos deixado nossos Guardiões na cidade — disse a irmã Amarela esguia. Pequenos sinos prateados em seus cabelos escuros soaram quando ela balançou a cabeça. Ela tinha um ar quase tão autoritário quanto Cadsuane, a tal ponto que não se notava sua beleza de início, exceto pelo fato de que aquele balançar de cabeça parecia... bom... um pouco petulante. — Queria que Roshan estivesse aqui.

— Um círculo, Cadsuane? — perguntou a Cinza. Virando a cabeça para olhar a névoa ao redor, ela parecia um pardal roliço e de pelagem clara, com seu nariz afilado e olhos curiosos. Não um pardal assustado, mas sem dúvida pronto para alçar voo. — Devemos nos unir?

— Não, Niande. — Cadsuane suspirou. — Se vir alguma coisa, você precisa poder atacar sem ter que esperar para me mostrar. Samitsu, pare de

se preocupar com Roshan. Temos três ótimas espadas aqui, duas com a marca da garça, pelo que vejo. Isso basta.

Toram mostrou os dentes ao ver a garça gravada na lâmina que Rand havia desembainhado. Se era um sorriso, não era de alegria. Sua própria lâmina também ostentava uma garça. A de Darlin, não, mas ele dispensou a Rand e sua espada um olhar avaliativo, depois um aceno de cabeça respeitoso, bem mais profundo do que o dispensado a Tomas Trakand, um lorde menor.

A Verde grisalha assumira a liderança, estava óbvio, e não abriu mão dela, apesar dos protestos ensaiados de Darlin, que, como muitos tairenos, parecia não apreciar tanto as Aes Sedai, e de Toram, que simplesmente parecia não gostar de ver qualquer um além dele mesmo emitindo ordens. Até Caraline protestou, mas Cadsuane a ignorou tão completamente quanto fez com as queixas verbalizadas dos homens. Ao contrário deles, Caraline pareceu perceber que reclamar não adiantaria de nada. Por incrível que fosse, Rand deixou-se posicionar obedientemente à direita de Cadsuane, enquanto ela mais que depressa organizava todos. Bem, não exatamente obedientemente — ele a encarou com um ar arrogante que teria feito Min lhe dar um tapa na cara, se fosse com ela; Cadsuane limitou-se a balançar a cabeça e murmurar algo que o fez corar —, mas pelo menos Rand manteve a boca fechada. Naquele exato instante, Min quase achou que ele fosse anunciar quem era. E talvez esperasse que a névoa fosse desaparecer, com medo do Dragão Renascido. Ele sorriu para ela, como se o nevoeiro naquele clima não fosse nada, mesmo um nevoeiro que arrebatava pessoas e tendas.

Eles avançaram pela névoa espessa, dispostos como uma estrela de seis pontas: a própria Cadsuane na liderança, uma Aes Sedai em cada uma das outras duas pontas, um homem com uma espada nas outras três. Toram,

claro, protestou em alto e bom som por estar na ponta de trás, até que Cadsuane mencionou a honra de estar na retaguarda ou algo do tipo. Isso o aquietou. Min não fez objeção à sua posição com Caraline no centro da estrela. Trazia uma faca em cada mão, imaginando se teriam alguma utilidade. Foi uma espécie de alívio ver que a adaga na mão de Caraline tremia. Pelo menos suas próprias mãos estavam firmes. Por outro lado, ela achava que talvez estivesse assustada demais para tremer.

A névoa estava fria como o inverno. O cinza os envolvia, redemoinhando, tão pesado que era difícil enxergar os outros com clareza. Ouvir, contudo, era fácil até demais. Guinchos ecoavam pela escuridão, homens e mulheres gritando, cavalos aos berros. A névoa parecia abafar o som, esvaziá-lo, de modo que aqueles sons terríveis pareciam abençoadamente distantes. A névoa adiante começou a se adensar, mas bolas de fogo imediatamente dispararam das mãos de Cadsuane, chiando em meio ao cinza gélido, e a forma densa estourou em uma estrondosa labareda de chamas. Estrondos atrás, o lampejo de luz contra a névoa, feito um relâmpago atrás das nuvens, informou que as duas outras irmãs estavam trabalhando. Min não quis olhar para trás. O que estava à vista era mais do que suficiente.

Passaram por tendas esmagadas e meio obscurecidas pela cerração, por corpos e às vezes por partes de corpos que não estavam obscurecidos o bastante. Uma perna. Um braço. Um homem que desaparecera da cintura para baixo. Uma cabeça de mulher parecia sorrir do canto de um carroção tombado. A terra começou a se inclinar, ficar mais íngreme. Ao avistar a primeira alma viva além deles, Min desejou não tê-la visto. Um homem usando um dos casacos vermelhos cambaleou na direção deles, abanando debilmente o braço esquerdo. O outro havia desaparecido, e um osso branco e úmido despontava de onde antes havia metade do seu rosto. Algo similar

a palavras borbulhou por entre seus dentes, e o homem desabou. Samitsu ajoelhou-se por um instante ao lado dele e levou os dedos a sua cabeça empapada de sangue. Então levantou-se, balançou a cabeça, e o grupo avançou. Subiram a encosta, e subiram mais, até que Min começou a se perguntar se estavam subindo uma montanha em vez de uma colina.

Bem diante de Darlin, a névoa de súbito começou a ganhar forma, uma silhueta da altura de um homem, mas repleta de tentáculos e bocas arreganhadas com dentes pontudos. O Grão-lorde podia não ser um mestre espadachim, mas também não era lento. Correu a lâmina bem pelo meio da figura, que ainda se amalgamava, deu um rodopio e fatiou-a de cima a baixo. Quatro nuvens de neblina, mais espessas que a névoa que os rodeava, assentaram-se no chão.

— Bem, pelo menos sabemos que o aço consegue cortar essas... criaturas — disse ele.

Os nacos mais espessos de nevoeiro recomeçaram a se unir, então se ergueram outra vez. Cadsuane estendeu a mão, projetando umas gotículas de fogo por entre os dedos; uma labareda cauterizou a névoa que se solidificava.

— Mas pelo visto não faz nada além de cortar — murmurou ela.

Logo adiante, à direta deles, uma mulher surgiu subitamente em meio ao turbilhão cinzento, as saias de seda erguidas enquanto ela corria muito trôpega colina abaixo, na direção deles.

— Graças à Luz! — gritou ela. — Graças à Luz! Achei que estivesse sozinha!

Logo atrás dela a névoa se adensava, um pesadelo cheio de dentes e garras, assomando sobre ela. Se fosse um homem, Min tinha certeza de que Rand teria esperado.

Ele ergueu a mão antes que Cadsuane pudesse se mexer, e uma barra de... alguma coisa... um fogo branco líquido, mais reluzente que o sol... disparou por sobre a cabeça da mulher. A criatura simplesmente desapareceu. Por um instante houve ar puro no espaço onde estivera a coisa, bem como ao longo da linha que o fogo havia percorrido, até que a neblina recomeçou a se fechar. A mulher permaneceu congelada onde estava por uns instantes. Então, gritando a plenos pulmões, deu meia-volta e correu para longe deles, ainda descendo a encosta, fugindo do que temia mais do que os pesadelos em meio àquela névoa.

— Você! — gritou Toram, tão alto que Min se virou com as facas erguidas. Ele estava apontando a espada para Rand. — Você é ele! Eu estava certo! Isso é coisa sua! Eu não vou cair na sua armadilha, al'Thor! — Ele se virou de repente e partiu, escalando a colina a toda velocidade. — Eu não vou cair na armadilha!

— Volte aqui! — gritou Darlin atrás dele. — Temos que permanecer juntos! Temos... — Ele deixou a voz morrer, encarando Rand. — Você é ele. Que a Luz me queime, é você mesmo! — Ele fez menção de se posicionar entre Rand e Caraline, mas pelo menos não fugiu.

Calmamente, Cadsuane avançou pela colina até Rand. E deu-lhe um tapa tão forte na cara que ele chegou a virar a cabeça. Min perdeu o fôlego, de tão chocada.

— Não faça isso de novo — disse Cadsuane. Não havia raiva em sua voz, apenas frieza. — Está me ouvindo? Nada de fogo devastador. Nunca mais.

Surpreendentemente, Rand apenas esfregou o rosto.

— Você estava errada, Cadsuane. Ele é real. Tenho certeza disso. Sei que ele é. — Ainda mais surpreendente foi que ele soou como se quisesse muito que ela acreditasse.

Min se compadeceu dele. Rand tinha mencionado que ouvia vozes; devia estar falando disso. Ela ergueu a mão direita na direção dele, esquecendo-se por um instante de que segurava uma faca, e abriu a boca para dizer algo para consolá-lo. Embora não tivesse plena certeza de que poderia algum dia voltar a usar essa palavra de maneira inócua. Ela abriu a boca — e Padan Fain pareceu saltar de dentro da névoa atrás de Rand, uma lâmina reluzindo em seu punho.

— Atrás de você! — gritou Min, apontando com a faca que segurava na mão direita, enquanto arremessava outra lâmina com a esquerda. Tudo pareceu acontecer ao mesmo tempo, meio encoberto pelo nevoeiro invernal.

Rand começou a se virar, desviando para o lado, e Fain também se contorceu, para atacá-lo. Por conta desse desvio, a faca errou o alvo, mas a adaga de Fain acertou o flanco esquerdo de Rand. Não pareceu fazer mais do que cortar seu casaco, mas ele gritou. Gritou, um som que deixou o coração de Min apertado, então agarrou a lateral do corpo e caiu contra Cadsuane, agarrando-a para tentar se manter de pé e puxando-a para o chão consigo.

— Saiam da frente! — gritou uma das outras irmãs; Samitsu, Min achava.

De repente, seus pés foram tirados do chão. Ela aterrissou com força, grunhindo ao cair na encosta com Caraline, que gritou, ofegante:

— Sangue e fogo!

Tudo de uma vez só.

— Andem! — gritou Samitsu outra vez, enquanto Darlin dava o bote em Fain com sua espada.

O homem ossudo se movimentou com velocidade espantosa, jogando-se no chão e rolando para além do alcance de Darlin. Estranhamente, deu uma

gargalhada ao se levantar depressa e sair correndo, engolido quase que de imediato pela escuridão.

Min se levantou, trêmula.

Caraline foi muito mais vigorosa.

— Vou lhe dizer, Aes Sedai — vociferou ela, em um tom frio, alisando as saias com violência. — Não vou ser tratada assim. Eu sou Caraline Damodred, Grão-trono da Casa...

Min parou de prestar atenção. Cadsuane estava sentada um pouco mais acima na encosta, segurando a cabeça de Rand no colo. Tinha sido só um corte. A adaga de Fain não podia ter mais que tocado... Com um grito, Min avançou correndo. Aes Sedai ou não, ela empurrou a mulher para longe de Rand e acomodou a cabeça dele em seus braços. Ele tinha os olhos fechados, a respiração instável. Seu rosto estava quente.

— Ajude ele! — gritou ela para Cadsuane, como um eco dos berros na névoa distante. — Ajude ele!

Parte dela disse que isso não fazia muito sentido, depois de ter empurrado a mulher para longe, mas o rosto de Rand parecia queimar suas mãos, queimar seu juízo.

— Samitsu, rápido — disse Cadsuane, levantando-se e ajeitando o xale. — Ele está além do meu Talento de Cura. — Ela pôs uma mão no topo da cabeça de Min. — Garota, não há chance de eu deixar esse rapaz morrer sem antes ensinar boas maneiras a ele. Agora pare de chorar.

Foi muito estranho. Min tinha completa certeza de que a mulher não havia usado o Poder nela, no entanto, acreditou. Ensinar boas maneiras? Que boa briga isso seria. Soltando a cabeça dele, ainda que relutante, Min afastou-se de joelhos. Muito estranho. Ela nem sequer havia percebido que estava chorando, mas a confiança de Cadsuane foi o bastante para lhe refrear as lágrimas. Fungando, ela esfregou o rosto com a base da mão

enquanto Samitsu se ajoelhava ao lado dele e tocava sua testa com a ponta dos dedos. Min se perguntou por que ela não segurava a cabeça dele com as duas mãos, como Moiraine fazia.

Abruptamente, Rand convulsionou, arquejando e se debatendo com tanta força que um dos braços derrubou a Amarela de costas no chão. Assim que ela parou de tocá-lo, ele se acalmou. Min engatinhou para perto. Tocou-lhe o rosto. Mais frio do que antes, mas ainda bastante quente. E pálido.

— Tem algo errado — disse Samitsu, impaciente, enquanto se sentava. Puxando o casaco de Rand para o lado, ela agarrou o retalho ensanguentado de sua camisa e abriu um rasgão no linho.

O corte da adaga de Fain, menor que um palmo e superficial, corria bem por cima da antiga cicatriz circular. Mesmo à pouca luz, Min podia ver que as bordas do talho estavam inchadas e irritadas, como se a ferida tivesse passado dias sem receber cuidados. Não estava sangrando, mas já devia ter desaparecido. Era isso o que a Cura fazia: as feridas cicatrizavam por inteiro bem diante dos olhos.

— Isso parece um cisto, mas cheio de maldade, em vez de pus — disse Samitsu em tom professoral, tocando de leve a cicatriz — E isso... — prosseguiu, correndo o dedo pela ferida — parece tomado de um mal diferente.

De repente ela franziu o cenho para a Verde, que estava de pé, e assumiu um tom taciturno e defensivo.

— Se eu soubesse as palavras certas, Cadsuane, eu as usaria. Nunca vi nada parecido. Nunca. Mas vou lhe dizer uma coisa: acho que se eu tivesse demorado mais um instante, talvez se você não tivesse tentado antes, ele agora estaria morto. Do jeito que está... — Com um suspiro, a irmã Amarela pareceu murchar, sua expressão desabando. — Do jeito que está, eu acredito que ele vá morrer.

Min balançou a cabeça, tentando dizer que não, mas parecia não conseguir mexer a língua. Ouviu Caraline murmurar uma prece, agarrada a uma das mangas do casaco de Darlin com as duas mãos. O próprio Darlin olhava para Rand de cenho franzido, como se tentasse compreender o que estava vendo.

Cadsuane se inclinou e deu um tapinha no ombro de Samitsu.

— Não há ninguém vivo melhor que você, talvez ninguém na história — disse ela, baixinho. — Ninguém tem uma Cura que se compare à sua.

Samitsu assentiu e se levantou, e antes mesmo de estar completamente de pé já havia recuperado toda a serenidade de Aes Sedai. Cadsuane, olhando Rand de cenho franzido, as mãos na cintura, não havia.

— Porcaria! Não vou permitir que você morra na minha mão, garoto — resmungou ela, como se fosse culpa dele. Dessa vez, em vez de tocar a cabeça de Min, ela lhe deu um cascudo. — Levante-se, garota. Você não é nenhuma covardona, qualquer idiota é capaz de perceber, então pare de fingimento. Darlin, você o carrega. Os curativos podem esperar. Esta névoa não vai nos largar, então é melhor sairmos daqui.

Darlin hesitou. Talvez tenha sido a carranca categórica de Cadsuane, talvez a mão que Caraline ergueu para seu rosto, mas abruptamente ele embainhou a espada, murmurando entre dentes, e ergueu Rand nos ombros, com as pernas e os braços balançando.

Min apanhou a espada com a marca da garça e a colocou com cuidado na bainha que pendia da cintura de Rand.

— Ele vai precisar — disse ela a Darlin, e depois de um instante ele assentiu. Sorte dele; ela depositara toda a confiança na irmã Verde, e não tinha intenção de deixar que alguém pensasse diferente.

— Cuidado, Darlin — disse Caraline, naquele tom de voz gutural, assim que Cadsuane deixou clara a ordem de seguirem adiante. — Fique atrás de

mim, e eu protejo você.

Darlin riu até perder o fôlego, e ainda estava dando risadinhas quando começaram a atravessar a cerração fria e os gritos distantes, carregando Rand no centro, as mulheres formando um círculo à sua volta.

Min sabia que era apenas mais um par de olhos, tal como Caraline, do lado oposto de Cadsuane, e sabia que a faca que levava desembainhada não adiantaria de nada contra as silhuetas de névoa, mas Padan Fain ainda poderia estar vivo por ali. Ela não erraria outra vez. Caraline também levava sua adaga, e pelos olhares por sobre o ombro que dispensava a Darlin, que subia cambaleante a colina carregando Rand, talvez ela também pretendesse proteger o Dragão Renascido. Por outro lado, talvez não fosse ele. Uma mulher podia relevar qualquer nariz grande por aquela risada.

Silhuetas ainda se formavam na névoa e morriam com o fogo, e em dado momento alguma coisa imensa dilacerou um cavalo aos berros em dois bem à direita deles, antes que qualquer Aes Sedai pudesse detê-la. Min vomitou em alto e bom som depois disso, sem a menor vergonha; havia gente morrendo, mas pelo menos as pessoas tinham ido até ali de livre e espontânea vontade. O soldado mais inferior podia ter ido embora na véspera, caso tivesse desejado, mas não aquele cavalo. Silhuetas se formavam e morriam, e pessoas morriam, gritando sempre à distância, ao que parecia, embora ainda tropeçassem em cadáveres dilacerados que uma hora antes eram corpos com vida. Min começou a se perguntar se eles voltariam a ver a luz do sol.

De modo súbito, chocante e sem aviso, eles a alcançaram; em um instante estavam rodeados pelas sombras, no momento seguinte o sol dourado ardia no meio de um céu azul, tão brilhante que ela precisou proteger os olhos. E logo ali, a umas cinco milhas seguindo por colinas de

árvores esparsas, Cairhien se erguia, sólida e rígida em suas próprias elevações. De alguma forma, já não parecia muito real.

Olhando para trás, para os limites da névoa, ela estremeceu. Era uma borda, uma imensa muralha avançando pelas árvores daquela colina, e reta demais, sem remoinhar nem se dissipar. Ar limpo aqui, e logo ali um cinza espesso. Mais um pedacinho de uma árvore bem diante dela tornou-se visível, e Min percebeu que a névoa estava recuando, talvez sendo queimada pelo sol. Mas muito devagar para que o recuo fosse natural. Os outros observavam com tanta atenção quanto ela, até as Aes Sedai.

A vinte passos à esquerda, um homem de repente surgiu, engatinhando com dificuldade. Tinha a frente da cabeça raspada, e pela placa peitoral preta e surrada que usava, era um soldado comum. Olhando ao redor feito louco, ele não parecia enxergá-los, e seguiu cambaleante colina abaixo, ainda engatinhando. Mais adiante à direita, dois homens e uma mulher apareceram, todos correndo. Ela tinha listras coloridas na frente do vestido, mas era difícil dizer quantas, pois erguera as saias o mais alto possível para correr mais depressa, e acompanhava o ritmo dos homens. Nenhum olhou para os lados, simplesmente avançaram colina abaixo, caindo, tropeçando, levantando-se e tornando a correr.

Caraline observou a lâmina fina de sua adaga por um instante, então enfiou-a com força na bainha.

— Lá se vai o meu exército — suspirou ela.

Darlin, com Rand ainda inconsciente nos ombros, olhou para ela.

— Há um exército em Tear, se você convocar.

Ela olhou para Rand, caído feito um saco.

— Talvez — respondeu.

Darlin virou a cabeça para o rosto de Rand, com uma carranca de preocupação.

Cadsuane já foi mais prática.

— A estrada fica para lá — disse ela, apontando para o oeste. — Vai ser mais rápido que caminhar pela mata. Uma caminhada fácil.

Fácil não era a palavra que Min teria usado. O ar parecia duas vezes mais quente depois do frio da névoa; ela se esvaía em suor e parecia ter as forças drenadas. Suas pernas bamboleavam. Tropeçou em raízes expostas e caiu de cara no chão. Tropeçou em pedras e caiu. Tropeçou no salto de sua própria bota e caiu. Uma hora seu pé simplesmente perdeu o apoio, e ela saiu deslizando umas boas quarenta passadas colina abaixo, de bunda no chão, abanando os braços até conseguir agarrar um ramo de vegetação. Caraline se estatelou tantas vezes quanto, talvez mais; vestidos não serviam para aquele tipo de trajeto, e em pouco tempo — depois de terminar uma cambalhota com as saias nas orelhas — ela estava perguntando a Min o nome da costureira que fizera seu casaco e calça. Darlin não caiu. Sim, ele tropeçou, cambaleou e derrapou tanto quanto elas, mas toda vez que começava a cair, algo parecia agarrá-lo, equilibrá-lo de pé. No início, ele cravou os olhos nas Aes Sedai, o orgulhoso Grão-lorde taireno capaz de carregar Rand nas costas sozinho. Cadsuane e as outras fingiram não ver. Elas nunca caíam; apenas caminhavam, conversando baixinho, e seguravam Darlin antes que ele caísse. Quando chegaram à estrada, ele parecia ao mesmo tempo grato e assustado.

Parada no meio da larga estrada de terra dura batida, com o rio à vista, Cadsuane ergueu a mão para fazer parar a primeira condução que apareceu, um carroção caindo aos pedaços, puxado por duas mulas acabadas e conduzido por um fazendeiro magrelo vestido em um casaco de retalhos, que segurava as rédeas com diligência. Com o que o sujeito desdentado achava que tinha topado? Três Aes Sedai de idade indefinida, usando os xales e tudo, que podiam muito bem ter descido de um coche instantes

antes. Uma cairhiena ensopada de suor, da nobreza, pelas listras no vestido; ou talvez uma mendiga que tivesse se vestido com os trapos doados de uma nobre, pelo estado de suas roupas. Um nobre taireno, claramente, com suor pingando do nariz e da barba pontuda, levando outro homem nos ombros feito um saco de grãos. E a própria Min. Os dois joelhos para fora das calças, e outro rasgão no traseiro que seu casaco cobria, graças à Luz, embora uma das mangas estivesse presa apenas por uns fios. Mais manchas e poeira do que ela gostaria de imaginar.

Sem esperar por ninguém, ela tirou uma faca da manga — abrindo a maioria das poucas costuras restantes — e deu um floreio do jeito que Thom Merrill lhe ensinara, o cabo serpeando por seus dedos, fazendo a lâmina reluzir sob o sol.

— Gostaríamos de uma carona até o Palácio do Sol — anunciou ela, e o próprio Rand não teria feito melhor. Havia momentos em que ser categórica poupava argumentos.

— Criança — disse Cadsuane, em um tom repreensivo —, tenho certeza de que Kiruna e suas amigas fariam o possível, mas não há uma Amarela entre elas. Samitsu e Corele realmente são as duas melhores que há. Lady Arilyn fez a gentileza de nos ceder seu palácio na cidade, portanto vamos levá-lo...

— Não. — Min não fazia ideia de onde havia tirado coragem de dizer essa palavra àquela mulher. Exceto que... era de Rand que elas estavam falando. — Se ele acordar... — Ela parou e engoliu em seco. Ele *ia* acordar. — Se ele acordar outra vez em um lugar estranho, rodeado por Aes Sedai estranhas, não imagino o que ele pode fazer. Vocês não querem imaginar.

Por um longo instante ela encarou aquele olhar frio, então a Aes Sedai assentiu.

— O Palácio do Sol — disse Cadsuane ao fazendeiro. — O mais rápido que o senhor puder fazer esses sacos de pulga andarem.

Naturalmente, não foi assim tão simples, mesmo para Aes Sedai. Ander Tol levava um carregamento de nabos que pretendia vender na cidade, e não tinha intenção de passar nem perto do Palácio do Sol, onde, segundo disse a elas, o Dragão Renascido comia gente, que eram cozidas em espetos por mulheres Aiel de dez pés de altura. Por nenhuma Aes Sedai ele iria se aventurar nem a uma milha de distância do palácio. Por outro lado, Cadsuane arremessou-lhe uma bolsa que o fez arregalar os olhos ao espiar o conteúdo, e disse a ele que acabava de comprar seus nabos e contratá-lo, com o carroção. Se ele não gostasse da ideia, podia devolver a bolsa. Disse isso com as mãos na cintura e uma expressão que deixava claro que ele teria que comer o carroção ali mesmo se tentasse devolver a bolsa. Ander Tol era um homem sensato, ao fim das contas. Samitsu e Niande descarregaram o carroção, os nabos simplesmente voando pelo ar e aterrissando em uma pilha bem organizada à margem da estrada. Por suas expressões gélidas, aquele não era de modo algum um uso que elas esperavam dar ao Poder Único. Pela expressão de Darlin, ali parado com Rand ainda nos ombros, estava aliviado por elas não terem pedido que ele realizasse o trabalho. Ander Tol permaneceu sentado no carroção, totalmente boquiaberto, tocando a bolsa como se refletisse se, no fim das contas, a quantia era suficiente.

Tão logo eles se acomodaram no carroção, com a palha dos nabos toda reunida em uma cama improvisada para Rand, Cadsuane encarou Min, diante dele. Mestre Tol já sacudia as rédeas e punha aquelas mulas a uma velocidade surpreendente. O carroção balançava e sacolejava demais, as rodas não apenas tremendo, mas parecendo sair dos eixos. Desejando ter ficado com pelo menos um pouquinho da palha, Min folgou em ver Samitsu

e Niande fazendo expressões cada vez mais incomodadas enquanto sacolejavam para cima e para baixo. Caraline sorria abertamente para elas, o Grão-trono da Casa Damodred, sem se incomodar em disfarçar a satisfação em ver as Aes Sedai passando dificuldades uma vez na vida. Embora, a bem da verdade, sendo tão leve, ela sacolejava e pulava com tanta força quanto as outras. Darlin, agarrado à lateral do carroção, parecia não se afetar pelos tremores; com uma carranca constante, ele alternava o olhar entre Caraline e Rand.

Cadsuane era outra que aparentemente não se importava em bater os dentes.

— Espero chegar antes de a noite cair, Mestre Tol — disse ela, suscitando mais sacolejos, porém não mais velocidade. — Agora me conte — continuou ela, virando-se para Min. — O que foi que aconteceu exatamente da última vez que este rapaz foi rodeado de Aes Sedai desconhecidas? — Seus olhos encontraram os de Min, que não desviou.

Ele queria que aquilo ficasse em segredo, se possível, e pelo maior tempo possível. Mas Rand estava morrendo, e pelo que Min enxergava, sua única chance estava naquelas três mulheres. Talvez saber não fosse ajudar. Talvez saber pudesse apenas fazer com que elas compreendessem algo a respeito dele.

— Elas o puseram em uma caixa — começou ela.

Não soube ao certo como prosseguiu — só que tinha de prosseguir — ou como evitou de cair no choro — só que não ia desabar outra vez quando Rand precisava dela —, mas de alguma forma continuou relatando o confinamento e os espancamentos sem falsear a voz, até contar de Kiruna e do resto jurando fidelidade. Darlin e Caraline estavam atônitos. Samitsu e Niande ficaram horrorizadas. Embora não pelo motivo que ela imaginava, no fim das contas.

— Ele... *estancou* três irmãs? — perguntou Samitsu, em um tom estridente.

Ela tapou a boca subitamente, girou, debruçou-se pela lateral do carroção sacolejante e vomitou. Niande juntou-se a ela quase imediatamente, e ficaram as duas debruçadas ali, esvaziando a barriga.

E Cadsuane... Cadsuane apenas tocou o rosto pálido de Rand, afastando mechas de cabelo de sua testa.

— Não tenha medo, garoto — disse ela, baixinho. — Elas dificultaram a minha tarefa, e a sua, mas não vou machucar você mais do que for preciso.

Min congelou por dentro.

Guardas nos portões da cidade gritaram para o carroção em disparada, mas Cadsuane disse a Mestre Tol que não parasse, e ele açoitou ainda mais as mulas. O povo nas ruas pulava para sair da frente e evitar ser atropelado, e o carroção seguiu em frente, deixando um rastro de gritos e xingamentos, liteiras tombadas e coches que atropelavam barracas de vendedores de rua. Cruzaram as ruas e subiram a ampla rampa até o Palácio do Sol, onde guardas com as cores de Lorde Dobraine se espalhavam como se preparados para combater hordas. Enquanto Mestre Tol gritava que fora forçado por Aes Sedai, os soldados viram Min. Então viram Rand. Min tinha pensado que estava em uma confusão antes, mas estivera errada.

Mais de vinte homens tentaram alcançar o carroção ao mesmo tempo para segurar Rand, e os que conseguiram pôr as mãos nele tomaram tanto cuidado quanto se ele fosse um bebê, quatro de cada lado com os braços por debaixo dele. Cadsuane repetiu umas mil vezes que ele não estava morto enquanto os homens corriam para dentro do palácio e cruzavam corredores que pareciam mais compridos do que Min se lembrava, com mais soldados cairhienos aglomerando-se atrás deles. Nobres começaram a surgir de todas as portas e corredores, ao que parecia, rostos pálidos observando a

passagem de Rand. Ela perdeu Caraline e Darlin de vista, percebeu que não se lembrava de vê-los desde o carroção, e, desejando-lhes sorte, tirou-os da cabeça. Rand era a única coisa que tinha importância. A única coisa no mundo.

Nandera estava com as *Far Dareis Mai* vigiando as portas dos aposentos de Rand, com seus Sóis Nascentes dourados. Quando a Donzela grisalha viu Rand, a postura rígida da Aiel se desintegrou.

— O que foi que houve com ele? — gritou ela, os olhos arregalados. — O que foi que houve?

Algumas das outras Donzelas começaram a lamentar, um som grave e arrepiante, feito um canto fúnebre.

— Fiquem quietas! — rosnou Cadsuane, batendo palmas com um estrépito. — Você, garota. Ele precisa se deitar. Ande!

Nandera andou. Rand estava despido e acomodado na cama em um piscar de olhos, com Samitsu e Niande sobre dele, os cairhienos expulsos e Nandera na porta, repetindo as instruções de Cadsuane para que ele não fosse incomodado por ninguém, tudo tão ligeiro que Min ficou tonta. Esperava um dia assistir ao confronto entre Cadsuane e a Sábua Sorilea; esse dia chegaria, e seria memorável.

No entanto, se Cadsuane achou que suas instruções realmente manteriam todos do lado de fora, estava enganada. Antes que pudesse fazer mais que puxar uma cadeira, flutuando-a com o Poder, para sentar-se ao lado da cama de Rand, Kiruna e Bera irromperam no quarto, suas expressões orgulhosas, uma a rainha de uma corte e a outra de uma fazenda.

— O que é isso que ouvi dizer...? — começou Kiruna, furiosa. Ela viu Cadsuane. Bera viu Cadsuane. Para espanto de Min, as duas pararam, boquiabertas.

— Ele está em boas mãos — disse Cadsuane. — A não ser que uma de vocês tenha de repente conquistado mais Talento de Cura do que eu me lembro?

— Sim, Cadsuane — disseram as duas, submissas. — Não, Cadsuane. Min fechou a própria boca.

Samitsu apanhou uma cadeira com entalhes em marfim encostada na parede, ajeitou as saias amarelo-escuras e sentou-se com as mãos cruzadas, observando o peito de Rand subir e descer sob o lençol. Niande foi até a estante de livros de Rand e escolheu um volume antes de sentar-se perto das janelas. *Ia ler!* Kiruna e Bera começaram a se sentar, então olharam para Cadsuane e esperaram seu aceno de cabeça impaciente antes de se acomodarem.

— Por que vocês não estão fazendo nada? — gritou Min.

— Posso perguntar o mesmo — respondeu Amys, adentrando o quarto. A jovem e grisalha Sábua encarou Rand por um instante, então remexeu o xale marrom-escuro e virou-se para Kiruna e Bera. — Vocês podem ir. E, Kiruna, Sorilea quer ver você outra vez.

O rosto escuro de Kiruna empalideceu, mas as duas se levantaram e se curvaram em mesuras, ao som de um “Sim, Amys” ainda mais submisso do que o tom usado com Cadsuane, e então saíram, dispensando olhares envergonhados para a irmã Verde.

— Interessante — disse Cadsuane depois que elas se foram. Seus olhos escuros encontraram os azuis de Amys e pareceram gostar do que viram. Ao menos ela sorriu. — Eu vou gostar de conhecer essa Sorilea. Ela é uma mulher forte? — Ela pareceu enfatizar a palavra “forte”.

— A mais forte que já vi — disse Amys, apenas. Calmamente. Jamais se poderia imaginar que Rand jazia inconsciente diante dela. — Eu não

conheço a sua Cura, Aes Sedai. Confio que fez o que pôde? — Seu tom era impassível; Min duvidou de quanto Amys de fato confiava.

— O que pode ser feito foi feito. — Cadsuane suspirou. — Agora só nos resta esperar.

— Enquanto ele morre? — perguntou uma dura voz masculina, e Min deu um salto.

Dashiva irrompeu no quarto, o rosto franco contorcido em uma carranca.

— Flinn! — vociferou ele.

Niande deixou cair o livro de seus dedos aparentemente dormentes e encarou os três homens de casacos pretos como encararia o Tenebroso em pessoa. De rosto pálido, Samitsu murmurou algo que pareceu uma prece.

Ao comando de Dashiva, o Asha'man grisalho claudicou até a cama ao lado oposto de Cadsuane e começou a correr as mãos pelo corpo inerte de Rand, um pé acima do lençol. O jovem Narishma permaneceu parado à porta, de cenho franzido, com os dedos no cabo da espada, aqueles grandes olhos escuros tentando vigiar todas as Aes Sedai ao mesmo tempo. As Aes Sedai e Amys. Ele não parecia temeroso; apenas um homem confiante aguardando que aquelas mulheres se revelassem suas inimigas. Ao contrário das Aes Sedai, Amys ignorou os Asha'man, exceto por Flinn. Seus olhos o acompanhavam, o rosto suave totalmente inexpressivo. Mas seu polegar percorria o cabo da faca em sua cintura de um jeito bastante expressivo.

— O que está fazendo? — inquiriu Samitsu, pulando da cadeira. Qualquer desconforto a respeito dos Asha'man não superava a preocupação pelo paciente inconsciente. — Você, Flinn, ou seja lá quem for.

Ela começou a avançar até a cama, e Narishma correu para impedi-la. De cara feia, ela tentou contorná-lo, e ele tocou o braço dela.

— Outro rapaz sem educação — murmurou Cadsuane.

Das três irmãs, apenas ela não demonstrava qualquer sobressalto em relação ao Asha'man. Em vez disso, os observava, as mãos unidas pelas pontas dos dedos.

Narishma corou ao ouvir o comentário e afastou a mão, mas quando Samitsu tornou a tentar contorná-lo, ele mais uma vez se colocou na frente dela.

A mulher se contentou em olhar por sobre o ombro dele.

— Você, Flinn, o que está fazendo? Não vou deixar que o mate com sua ignorância! Está me ouvindo?

Min praticamente dançava, passando o peso de um pé para o outro. Não achava que um Asha'man fosse matar Rand, não de propósito, mas... Rand confiava neles, mas... Luz, nem Amys parecia confiante, olhando de Flinn para Rand com a cara fechada.

Flinn baixou o lençol até o quadril de Rand, expondo a ferida. O talho não parecia melhor nem pior do que ela se lembrava, um ferimento aberto, irritado, sem sangue, entrecortando a cicatriz redonda. Ele parecia dormir.

— Ele não tem como piorar o estado de Rand — disse Min. Ninguém deu atenção a ela.

Dashiva soltou um grunhido gutural e Flinn o encarou.

— Está vendo alguma coisa, Asha'man?

— Eu não tenho Talento de Cura — respondeu Dashiva, contorcendo a boca. — Foi você quem aceitou a minha sugestão e aprendeu.

— Que sugestão? — inquiriu Samitsu. — Eu insisto que você...

— Fique quieta, Samitsu — ralhou Cadsuane. Ela parecia ser a única no recinto que estava calma, além de Amys, e pelo jeito como a Sábua não parava de alisar o cabo da faca, Min não tinha muita certeza em relação a ela. — Acho que a última coisa que ele quer é machucar o garoto.

— Mas, Cadsuane — protestou Niande, em um tom de urgência —, este homem é...

— Eu mandei ficar quieta — respondeu com firmeza a Aes Sedai grisalha.

— Eu garanto a você que Flinn sabe o que está fazendo — disse Dashiva, conseguindo soar melífluo e firme ao mesmo tempo. — Ele já é capaz de fazer coisas que vocês *Aes Sedai* nunca nem sonharam.

Samitsu deu uma fungada alta. Cadsuane limitou-se a assentir e sentou-se outra vez em sua cadeira.

Flinn correu o dedo pelo talho intumescido na lateral do corpo de Rand e pela antiga cicatriz. Ela de fato parecia mais inchada.

— Elas são parecidas, mas diferentes, como se houvesse dois tipos de infecção em curso. Só que não é infecção, é... escuridão. Não consigo pensar em uma palavra melhor. — Ele deu de ombros, encarando o xale de franjas amarelas de Samitsu enquanto ela tinha a testa franzida, mas agora o olhava com um ar contemplativo.

— Ande logo, Flinn — resmungou Dashiva. — Se ele morrer...

Com o nariz franzido, como se estivesse sentindo um cheiro ruim, ele parecia não conseguir tirar os olhos de Rand. Seus olhos se moviam enquanto falava sozinho, e em dado momento ele emitia um som, meio soluço, meio risada amarga, sem que seu rosto se alterasse uma linha sequer.

Com um suspiro profundo, Flinn olhou em torno do recinto, para as Aes Sedai e Amys. Quando viu Min, levou um susto, e seu rosto corou. Mais que depressa ele ajeitou o lençol e cobriu Rand até o pescoço, deixando apenas a ferida antiga e a nova expostas.

— Espero que ninguém se incomode se eu falar — disse ele, começando a mover as mãos calejadas pelo flanco de Rand. — Falar parece ajudar um

pouquinho.

Ele estreitou os olhos, mantendo o foco nas feridas, e seus dedos se contorceram lentamente. Parecia muito que ele estava urdindo tramas, Min percebeu. Seu tom era quase ausente, apenas parte de sua atenção nas palavras.

— Foi a Cura que me fez ir à Torre Negra, por assim dizer. Eu era soldado, até que levei uma lança na coxa; depois disso não conseguia mais ficar numa sela direito, nem caminhar muito longe. Foi a décima-quinta ferida que arrumei em quase quarenta anos servindo a Guarda da Rainha. Quinze que contaram, pelo menos; se a gente consegue andar ou cavalgar depois, não conta. Vi muitos amigos morrerem nesses quarenta anos. Então eu fui, e o M’Hael me ensinou a Curar. E outras coisas. Um tipo de Cura mais bruta; eu fui Curado por uma Aes Sedai uma vez, isso já faz quase trinta anos, e isso aqui dói, em comparação. Mas faz o mesmo efeito. Então, um dia, Dashiva aqui... perdão, o Asha’man Dashiva... disse que não entendia por que é tudo a mesma coisa, não importa se um homem quebra a perna ou pega um resfriado, e nós começamos a conversar, e... bom, ele próprio não entende muito bem, mas parece que eu peguei o jeito, pode-se dizer. O Talento. Então comecei a pensar, e se eu...? Pois bem. É o melhor que posso fazer.

Dashiva grunhiu quando Flinn de repente se recostou na cadeira e passou o dorso da mão pela testa. O suor corria por sua face; a primeira vez que Min via um Asha’man transpirar. O talho na lateral do corpo de Rand não desaparecera, mas parecia um pouco menor, menos vermelho e inflamado. Ele ainda dormia, mas seu rosto já estava menos pálido.

Samitsu passou por Narishma tão depressa que ele não teve chance de intervir.

— O que foi que você fez? — inquiriu ela, pousando os dedos na testa de Rand. Fosse lá o que tivesse encontrado com o Poder, suas sobrancelhas subiram até os cabelos, e o tom de voz passou de arrogante a incrédulo. — O que foi que você fez?

Flinn deu de ombros, pesaroso.

— Pouca coisa. Não consegui de fato tocar no problema. Eu meio que isolei a coisa, para proteger ele, pelo menos por um tempo. Não vai durar. Elas agora estão lutando entre si. Talvez acabem se matando, enquanto ele termina de se recuperar. — Com um suspiro, ele balançou a cabeça. — Por outro lado, não posso afirmar que elas não vão matar ele. Mas acho que ele tem mais chance do que antes.

Dashiva assentiu, presunçoso.

— Sim; ele agora tem uma chance.

Parecia até que ele próprio havia conduzido a Cura.

Para a evidente surpresa de Flinn, Samitsu contornou a cama para ajudá-lo a se levantar.

— Você vai me contar o que fez — disse ela em um tom imponente, em desacordo com o jeito como seus dedos ligeiros endireitavam a gola do velho e alisavam suas lapelas. — Se pelo menos você pudesse me *mostrar*, de alguma forma! Mas vai descrever. Tem que descrever! Eu lhe entrego todo o ouro que possuir, gesto um filho seu, o que desejar, mas você *vai* me contar tudo o que puder.

Aparentemente sem saber se estava ordenando ou implorando, ela conduziu um Flinn bastante atordoado até as janelas. Ele abriu a boca mais de uma vez, mas ela estava muito ocupada tentando fazê-lo falar para perceber.

Sem se importar com o que os outros pensariam, Min subiu na cama e se deitou de modo a poder encaixar a cabeça de Rand sob seu queixo e abraçá-

lo. Uma chance. Furtivamente, analisou as três pessoas reunidas em torno da cama. Cadsuane em sua cadeira, Amys do lado oposto, Dashiva recostado a um dos pilares quadrados ao pé da cama, todos com auras indecifráveis e imagens dançando à sua volta. Todos com os olhos atentos em Rand. Sem dúvida Amys previa algum desastre para os Aiel se Rand morresse, e Dashiva, o único com qualquer expressão, uma carranca sombria de preocupação, desastre para os Asha'man. E Cadsuane... Cadsuane, que não era apenas conhecida de Bera e Kiruna, mas as fazia pular feito garotinhas, apesar de todos os seus juramentos a Rand. Cadsuane, que não “machucaria Rand mais do que fosse preciso”.

Os olhos de Cadsuane se cruzaram com os Min por um instante, e a garota estremeceu. De alguma forma, ela o protegeria enquanto ele não pudesse proteger a si mesmo, de Amys, de Dashiva e de Cadsuane. De alguma forma. Distraída, ela começou a murmurar uma canção de ninar, embalando Rand com delicadeza. De alguma forma.



CAPÍTULO 37



UM BILHETE DO PALÁCIO

O dia seguinte ao Festival dos Pássaros amanheceu com ventos fortes vindos do Mar das Tempestades que acabaram por amainar o calor em Ebou Dar. No entanto, um céu sem nuvens e o domo vermelho e dourado do sol no horizonte representavam promessas para quando o vento morresse. Mat andava apressado pelo Palácio Tarasin, o casaco verde desabotoado e a camisa já meio desamarrada, tamanha a expectativa. Não chegava a pular a cada ruído, mas se assustava, os olhos consideravelmente mais arregalados do que gostaria, sempre que uma das serviçais passava, com anáguas farfalhando e sorrisos. Todas elas sorriam, e de um jeito... particularmente... significativo. Ela mal se controlava para não sair correndo.

Por fim, diminuiu o passo e, quase na ponta dos pés, seguiu devagarinho pela calçada sombreada que envolvia o pátio do estábulo. Entre as colunas cilíndricas da calçada, plantas amareladas semelhantes a juncos em grandes vasos de cerâmica carmesim e vinhas com folhas largas de listras vermelhas pendendo de cestos de metal pendurados por correntes formavam um fina proteção. Inconscientemente, ele puxou o chapéu mais para baixo para obscurecer o rosto. Suas mãos percorreram a lança — uma *ashandarei*, como Birgitte chamava —, dedilhando distraidamente o cabo como se talvez precisasse se defender. Os dados rolavam furiosos em sua mente,

ainda que não tivessem nada a ver com o seu incômodo. A fonte do desassossego era Tylin.

Seis carruagens fechadas com a Âncora e a Espada verde da Casa Mitsobar laqueada nas portas já aguardavam em fila diante dos imensos portões externos, as parelhas engatadas e os condutores fardados já montados. Mat conseguiu divisar Nalesean bocejando dentro de um casaco de listras amarelas na extremidade oposta, e Vanin sentado relaxadamente, aparentemente dormindo, em cima de um barril tombado não muito longe das portas do estábulo. A maior parte dos demais Braços Vermelhos encontrava-se agachada com toda a paciência nas lajotas do pátio, alguns jogando dados à sombra dos enormes cocheiras brancas. Elayne estava parada entre Mat e as carruagens, bem do outro lado do biombo de plantas. Reanne Corly estava com ela, e, ali por perto, sete das outras mulheres que estavam presentes naquela reunião peculiar em que ele interrompera na noite anterior. Reanne era a única que não estava usando o cinto vermelho de uma Sapiência. Mat tivera desconfianças de que elas não fossem aparecer naquela manhã. Pareciam mulheres acostumadas a comandar as próprias vidas e as dos outros, e a maior parte apresentava pelo menos detalhes grisalhos no cabelo, e ainda assim observavam Elayne e seu semblante jovial com um quê de expectativa, dando a impressão de estarem alertas, como que prontas para obedecer a um comando dela. Todo aquele pessoal, porém, não atraiu nem metade da atenção de Mat. Nenhuma delas era a mulher que o deixava enlouquecido. Tylin o fazia se sentir... bem... indefeso era a única palavra que parecia caber, a despeito de quão ridículo soasse.

— Não precisamos delas, Senhora Corly — afirmou Elayne. A Filha-herdeira soou condescendente como se falasse com uma criança. — Já falei para elas ficarem aqui até voltarmos. Vamos chamar menos atenção,

especialmente do outro lado do rio, se não levarmos ninguém que possa ser reconhecida como Aes Sedai.

A ideia de Elayne do que usar durante uma visita à parte mais violenta da cidade sem chamar atenção era um largo chapéu verde com plumas tingidas de verde, uma sobrecapa leve de linho verde trabalhada com arabescos dourados descendo pelas costas, e um vestido de cavalgada de gola alta de seda verde com bordados de ouro subindo pelas saias divididas e dando muitíssima ênfase ao decote oval que expunha metade do seu busto. Usava até um daqueles colares para facas de casamento. Aquela tira larga de ouro entrelaçado daria comichões na mão de qualquer ladrão do Rahad. Ela não carregava arma nenhuma além de uma pequena faca de cinto. Mas, quanto a isso, de que arma uma mulher capaz de canalizar precisava? Claro, cada um daqueles cintos vermelhos tinha uma adaga curva enfiada por trás. Assim como o cinto de couro simples trabalhado que Reanne trajava.

Reanne tirou um chapéu grande de palha azul, franziu o cenho para a peça, e então tornou a vesti-lo e reatou as fitas. Não parecia ser o tom de Elayne o que a estava incomodando. Com o chapéu, ela abriu um sorriso acanhado, e seu tom de voz foi tímido.

— Mas por que Merilille Sedai acha que estamos mentindo, Elayne Sedai?

— Todas elas acham — rebateu uma das mulheres de cinto vermelho, a voz ofegante.

Todas trajavam vestidos eboudarianos de cores sóbrias, com decotes profundos e saias com fendas laterais expondo as anáguas, mas só aquela mulher, magra feito um osso e com mais fios brancos do que pretos no cabelo comprido, tinha a pele cor de oliva e os olhos escuros de uma eboudariana.

— Sareitha Sedai me chamou de mentirosa na minha cara, quando falei nossos números, ou... — A mulher não completou a frase por conta do cenho franzido e da reprimenda de Reanne.

— Fique quieta, Tamara — advertiu ela.

A Senhora Corly podia até estar disposta a fazer reverências e abrir sorrisos tímidos para uma criança, caso essa criança fosse Aes Sedai, mas mantinha a rédea das suas companheiras bem curta.

Mat olhou de cara feia para as janelas que davam para o pátio, as que ele conseguia ver do ponto onde estava. Grades ornamentadas de ferro fundido branco cobriam algumas, grades brancas de madeira com intrincados entalhes, outras. Não era provável que Tylin estivesse lá em cima, não era provável que fosse dar as caras no pátio. Mat vinha tomando muito cuidado para não acordar enquanto se vestia. Além do mais, ela não tentaria nada ali. Pelo menos ele achava que não. Por outro lado, haveria alguma coisa fora dos limites de uma mulher que mandara doze serviçais pegá-lo nos corredores, na noite anterior, e arrastá-lo até os apartamentos dela? A maldita mulher o tratava como um brinquedo! Mat não ia mais aguentar aquilo. Não ia. Luz, quem ele estava tentando enganar? Se eles não conseguissem aquela Tigela dos Ventos e fossem embora de Ebou Dar, Tylin estaria beliscando o traseiro dele e chamando-o de pombinho outra vez naquela noite.

— É a idade de vocês, Reanne. — Elayne não soou exatamente hesitante, nunca soava, mas seu tom de voz ficou muito cuidadoso. — Entre as Aes Sedai, é considerado rude falar de idade, mas... Reanne, parece que nenhuma Aes Sedai desde a Ruptura chegou a uma idade tão avançada quanto vocês do Círculo do Tricô afirma ter. — Esse era o nome esquisito que a tal Confraria dava para seu conselho governante. — No seu próprio caso, nem por cem anos de diferença.

As mulheres de cinto vermelho ofegaram e arregalaram os olhos. Uma mulher esbelta de olhos castanhos e cabelo claro cor de mel deu uma risadinha nervosa e tratou logo de cobrir a boca depois do “Famelle!” rápido como um chicote proferido por Reanne.

— Não tem como isso ser possível — afirmou Reanne com a voz fraca.
— Claro que as Aes Sedai devem...

— Bom dia — cumprimentou Mat, atravessando a proteção de plantas. Aquela discussão inteira era uma idiotice. Todo mundo sabia que as Aes Sedai viviam mais tempo que qualquer outra pessoa. Em vez de perder tempo, eles deveriam estar a caminho do Rahad. — Onde estão Thom e Juilin? E Nynaeve? — Ela tinha de ter voltado na noite anterior, ou Elayne estaria uma pilha. — Sangue e cinzas, também não estou vendo Birgitte. Precisamos ir, Elayne, não ficar parados aqui. Aviendha vai conosco?

Elayne franziu o cenho discretamente, com um breve lampejar de olhos na direção de Reanne, e Mat soube que ela estava decidindo qual performance apresentar a ele. Olhos arregalados de inocência poderiam afetar o prestígio dela junto àquelas mulheres tanto quanto lhe exhibir um sorriso de covinhas. Elayne sempre esperava que as covinhas surtissem efeito onde tudo mais fracassava. Ela empinou o queixo bem de leve.

— Thom e Juilin estão ajudando Aviendha e Birgitte a vigiar o palácio de Carridin, Mat. — Foi o tom da Filha-herdeira quase completamente formada. Não o tom mais absoluto, já que ela sem dúvida sabia como ele reagiria àquilo, mas uma voz de convicção, olhos azuis serenos com ar exigente, e aquela beleza de um rosto frio, ainda que não exatamente congelado pela arrogância. Existiria alguma mulher no mundo que fosse apenas uma única pessoa? — Nynaeve vai já descer, tenho certeza. Não há razão para você vir, sabe, Mat? Nalesean e seus soldados são guarda-costas

mais do que adequados. Você poderia ficar se divertindo no palácio até voltarmos.

— Carridin! — gritou ele. — Elayne, nós não vamos ficar em Ebou Dar por causa de Jaichim Carridin. Nós vamos pegar a Tigela, e aí você ou Nynaeve vão abrir um portão e nós vamos embora. Está claro? E eu vou com vocês para o Rahad.

Ficar se divertindo! Só a Luz sabia o que Tylin inventaria se ele passasse o dia inteiro no palácio. Só de pensar naquilo, Mat sentiu vontade de dar gargalhadas histéricas.

Ele foi apunhalado pelos olhares gelados das Sapiências. A corpulenta Sumeko apertou os lábios com raiva, e Melore, uma domanesa gorducha de meia-idade em cujo busto ele havia adorado pousar os olhos, na véspera, plantou as mãos nos quadris com uma expressão tempestuosa. Elas deviam ter aprendido no dia anterior que ele não era de se intimidar com Aes Sedai, mas até Reanne lhe fez tamanha cara feia que Mat chegou a cogitar que ela pudesse tentar lhe dar uma bofetada na orelha. Aparentemente, se elas ficavam cheias de bajulação com as Aes Sedai, então todo mundo também tinha de ficar.

Elayne estava visivelmente em conflito. Seus lábios se comprimiram, mas Mat precisava lhe dar um crédito: a Filha-herdeira era esperta demais para insistir em algo que obviamente não ia dar certo. Por outro lado, ela era esnobe até o osso, a despeito do quanto tentasse não ser. E as outras mulheres estavam de olho.

— Mat, você sabe que não podemos ir embora até termos usado a Tigela. — Aquele queixo arrogante permanecia erguido, e seu tom de voz, na melhor das hipóteses, estava no meio do caminho entre explicar e mandar. — Pode levar dias para termos certeza de como usá-la, talvez até meia semana ou mais, e nesse ínterim é melhor, se possível, resolvermos a

questão com Carridin. — Sua voz adquiriu tal intensidade ao pronunciar o nome do Manto-branco que seria de se pensar que ela tinha uma birra pessoal com o homem, mas foi uma outra coisa que lhe saltou aos olhos e caiu como um punho fechado sobre os pensamentos de Mat.

— Meia semana! — Sentindo-se estrangulado, ele enganchou um dedo no cachecol amarrado em torno do pescoço e puxou para afrouxá-lo. Tylin usara aquele pedaço de seda preta para lhe amarrar as mãos na noite anterior antes mesmo que Mat se desse conta do que ela estava fazendo. Meia semana. Ou mais! Apesar do seu esforço, a voz dele adquiriu um quê frenético. — Elayne, você com certeza pode usar a Tigela em qualquer lugar. Não precisa ser aqui. Egwene deve querer que você volte o mais rápido possível. Ela deve estar precisando de uma ou duas amigas por perto, eu aposto.

Pelo que ele tinha visto na última vez, ela estava precisando de algumas centenas. Talvez, depois que Mat levasse aquelas mulheres de volta, Egwene desistisse daquela bobagem de ser a Amyrlin e o deixasse levá-la até Rand junto com Elayne, Nynaeve e Aviendha.

— E Rand, Elayne? Caemlyn. O Trono do Leão. Sangue e cinzas, você sabe que quer voltar logo para Caemlyn para que Rand possa lhe dar o Trono do Leão.

Por algum motivo, o rosto de Elayne foi obscurecendo mais e mais a cada palavra, e os olhos lampejaram. Mat teria dito que ela estava indignada, só que ela não tinha razão para isso.

Assim que ele parou de falar, Elayne abriu a boca com raiva para argumentar, e Mat se preparou para lembrá-la de suas promessas, e que sua reputação aos olhos de Reanne e das demais fosse para o Poço da Perdição. Pelos semblantes das mulheres, elas já teriam cortado as asinhas dele, no lugar de Elayne.

Antes que alguém pudesse falar qualquer coisa, no entanto, uma mulher roliça de cabelos agrisalhados usando o libré da Casa Mitsobar chegou fazendo reverências, primeiro para Elayne, depois para as mulheres de cinto vermelho, e então para ele.

— A rainha Tylin lhe manda isto, Mestre Cauthon — informou Laren, oferecendo uma cesta com um pano listrado por cima do conteúdo e florezinhas vermelhas trançadas em volta da alça. — Você não tomou café da manhã, e precisa se manter forte.

As bochechas de Mat esquentaram. A mulher o olhava tranquilamente, mas já tinha visto muitíssimo mais dele do que na primeira vez em que o conduziu à presença de Tylin. Muitíssimo mais. Na noite anterior, ela levava a ceia em uma bandeja, enquanto ele tentava se esconder debaixo do lençol de seda. Mat não entendia. Aquelas mulheres o deixavam dando saltinhos para lá e para cá e enrubescendo feito uma garota. Ele simplesmente não conseguia entender.

— Você tem certeza de que não prefere ficar aqui? — perguntou Elayne. — Tenho certeza de que Tylin gostaria da sua companhia no café da manhã. A rainha disse que acha você maravilhosamente divertido e educadamente dócil — acrescentou ela, em um tom desconfiado.

Mat correu para as carruagens com a cesta em uma mão e sua *ashandarei* na outra.

— Os homens do norte são todos tímidos assim? — disse Laren.

Sem parar, ele arriscou uma olhadela por cima do ombro e soltou um suspiro de alívio. A serviçal já estava recolhendo as saias e se virando para atravessar a rede de plantas, e Elayne estava gesticulando para Reanne e as Sapiências formarem um círculo bem perto dela. Mesmo assim, ele estremeceu. Mulheres ainda acabariam sendo a causa da sua morte.

Dando a volta na carruagem mais próxima, ele quase deixou a cesta cair ao ver Beslan sentado no degrau do veículo, a luz do sol reluzindo na lâmina estreita da sua espada enquanto ele examinava o gume.

— O que você está fazendo aqui? — exclamou Mat.

Beslan deslizou a espada para dentro da bainha, um sorriso se abrindo em seu rosto.

— Indo com vocês para o Rahad. Suspeito que você vai encontrar mais diversão para nós.

— Melhor que haja um pouco de diversão. — Nalesean bocejou por trás da mão. — Eu não dormi muito ontem à noite, e agora você me arrasta para fora da cama quando há mulheres do Povo do Mar por aqui. — Vanin se sentou mais ereto em seu barril, olhou para um lado e para o outro, não avistou nada se movendo, e tornou a se acomodar de olhos fechados.

— No que depender de mim, não vai haver *diversão* nenhuma — resmungou Mat.

Nalesean não tinha dormido muito? Ha! Todo aquele pessoal havia saído para se divertir no festival. Não que Mat não tivesse se divertido em alguns momentos, mas só quando conseguia se esquecer de que estava com uma mulher que o considerava um maldito boneco.

— Que mulheres do Povo do Mar?

— Quando Nynaeve Sedai voltou ontem à noite, trouxe dez ou mais, Mat. — Beslan soltou o ar e suas mãos fizeram movimentos sinuosos. — O jeito como elas andam, Mat...

Mat balançou a cabeça. Não estava pensando com clareza. Tylin vinha embaralhando o seu cérebro. Nynaeve e Elayne tinham lhe falado a respeito das Chamadoras de Ventos, a contragosto e pedindo para Mat jurar manter segredo, e só depois de terem tentado esconder até para onde Nynaeve estava indo, e mais ainda o motivo. E não demonstraram nenhum

constrangimento por isso. “Mulheres mantêm promessas à sua própria maneira”, dizia o ditado. Parando para pensar, Lawtin e Belvyn não estavam com o restante dos Braços Vermelhos. Talvez Nynaeve estivesse pensando em compensar ao manter aqueles dois com ela agora. “...À sua própria maneira”. Mas se ela já estava com as Chamadoras de Ventos no palácio, com certeza não levaria meia semana para usarem a Tigela. Luz, por favor, não!

Como se seu pensamento a invocasse, Nynaeve apareceu atravessando a rede de plantas e adentrando o pátio. Mat ficou de queixo caído. O homem alto de casaco verde de braços dados com ela era Lan! Ou melhor, era ela que estava pendurada no braço dele, agarrando-se com as duas mãos e sorrindo. Fosse qualquer outra mulher, Mat teria dito que ela estava com um olhar apaixonado e sonhador, mas aquela era Nynaeve.

Ela tomou um susto assim que se deu conta de onde estava e deu um passo afobado para o lado, embora tenha continuado a segurar a mão de Lan por um momento. Sua opção de vestido não era melhor que a de Elayne; usava um de seda azul e bordados verdes, com um decote baixo o bastante para revelar um pesado anel de ouro, que teria ficado frouxo em seus dois polegares juntos, balançando no colo em uma correntinha fina. O chapéu largo que ela carregava pelas fitas era enfeitado com plumas azuis, a sobrecapa, de linho verde com bordados azuis. Comparadas com as outras mulheres e suas lãs, ela e Elayne lhes apagavam todo o brilho.

Em todo caso, estivesse ela ou não com um olhar apaixonado momentos antes, àquela altura já era toda Nynaeve, mexendo a trança para um lado e para o outro.

— Vá se juntar aos outros homens, Lan — disse ela peremptoriamente —, e podemos ir. As últimas quatro carruagens são para os homens.

— Como quiser — respondeu Lan, curvando-se com uma das mãos no punho da espada.

Nynaeve o observou se afastar a passos largos na direção de Mat com uma expressão maravilhada, provavelmente incapaz de acreditar que ele a obedecia com tanta docilidade, e então voltou a si e recuperou seu jeito ouriçado de ser. Reunindo Elayne e as outras, Nynaeve as guiou até as duas primeiras carruagens como uma mulher enxotando gansos. Pelo modo como gritou para que alguém abrisse os portões do pátio, ninguém teria desconfiado que tinha sido Nynaeve a atrasar sua partida. Também gritou com os condutores, mandando-os apanhar as rédeas e sacudir seus compridos chicotes; foi um milagre que eles tivessem esperado alguém subir a bordo.

Subindo desajeitado atrás de Lan, Nalesean e Beslan na terceira carruagem, Mat escorou a lança na porta e se sentou pesadamente, a cesta no colo, enquanto a carruagem partia.

— De onde você surgiu, Lan? — questionou ele assim que as apresentações terminaram. — Você é o último homem que eu esperava ver. Por onde andou? Luz, eu achei que você estava morto. Sei que Rand teme que esteja. E deixando Nynaeve lhe dar ordens. Por que permite isso, sob a Luz?

O Guardião de rosto pétreo pareceu pensar em qual pergunta responder.

— Nynaeve e eu nos casamos ontem à noite, a Senhora dos Navios realizou a cerimônia — respondeu ele por fim. — Os Atha'an Miere têm vários... costumes de casamento... estranhos. Nós dois fomos surpreendidos.

Um sorriso discreto lhe curvou a boca, ainda que apenas isso. Ele deu de ombros levemente, dando a entender que aquela era única resposta que estava disposto a oferecer.

— Que a Luz abençoe você e a sua noiva — murmurou Beslan em um tom educado, fazendo uma reverência tão profunda quanto a carruagem apertada permitia, e Nalesean balbuciou alguma coisa, embora estivesse claro pela sua expressão que ele achava que Lan devia estar louco. Nalesean passara um bom tempo na companhia de Nynaeve.

Mat só ficou quieto, balançando com o movimento da carruagem, o encarando. Nynaeve *casada*? Lan casado com Nynaeve? O sujeito *era* louco. Não era de se admirar que seus olhos parecessem tão vazios. Mat preferiria abraçar uma raposa rábica contra o peito. Só um tolo se casava, e só um maluco se casaria com Nynaeve.

Se Lan percebeu que nem todos estavam exultantes, não demonstrou. Tirando o olhar, não parecia diferente do que Mat se lembrava. Talvez um pouco mais rígido, se isso fosse possível.

— Tem uma coisa mais importante — disse Lan. — Nynaeve não quer que você saiba, Mat, mas você precisa ouvir. Os seus dois homens morreram, assassinados por Moghedien. Eu lamento, mas, se serve de consolo, os dois morreram sem nem se dar conta. Nynaeve acha que Moghedien já deve ter ido embora, ou teria tentado de novo, mas eu não tenho tanta certeza. Parece que ela tem uma inimizade pessoal com Nynaeve, embora Nynaeve tenha dado um jeito de evitar me contar o porquê. — De novo o sorriso. Lan parecia não estar ciente de que sorria. — Não tudo, pelo menos, e isso não importa. Mas é melhor você saber o que pode estar nos esperando para além do rio.

— Moghedien — sussurrou Beslan, os olhos brilhando. Era provável que o sujeito estivesse pensando em *diversão*.

— Moghedien — sussurrou Nalesean também, mas, no caso dele, foi mais um gemido, e ele deu um puxadinha nervosa na barba pontiaguda.

— Essas malditas dessas mulheres — resmungou Mat.

— Espero que não esteja incluindo a minha esposa — disse Lan com frieza, uma das mãos segurando o punho da espada, no que Mat tratou de erguer bem depressa as próprias mãos.

— Claro que não. Só Elayne e... e a Confraria.

Após um momento, Lan assentiu e Mat deixou escapar um discreto suspiro de alívio. Seria bem do feitio de Nynaeve fazê-lo acabar morto pelo marido dela — marido dela! — quando, tão certo quanto o céu era azul, teria escondido o fato de que uma Abandonada podia estar na cidade. Nem Moghedien o deixava realmente com medo, não quando tinha a cabeça de raposa em torno do pescoço, mas o medalhão não era capaz de proteger Nalesean ou qualquer um dos outros. Sem dúvida Nynaeve achava que ela e Elayne fariam isso. Elas o deixaram trazer os Braços Vermelhos, rindo pelas costas dele o tempo todo, enquanto...

— Você não vai ler o bilhete da minha mãe, Mat?

Até Beslan mencionar, Mat não percebera que havia uma folha de papel bem dobradinha enfiada entre a cesta e o pano listrado. Só dava para vislumbrar o selo verde impresso com a Âncora e a Espada.

Ele rompeu o lacre de cera com o polegar e desdobrou a página, segurando-a de modo que Beslan não tivesse como ver o que estava escrito. Ainda bem que escondeu. Se bem que, considerando-se como o outro homem via as coisas, talvez não importasse. De um jeito ou de outro, Mat ficou contente por nenhum outro par de olhos além do dele ter lido aquelas palavras. Foi ficando mais e mais decepcionado a cada linha.

Mat, meu querido,

Estou trazendo as suas coisas para os meus aposentos. Bem mais conveniente. Quando você estiver de volta, Riselle vai estar nos seus antigos aposentos para cuidar do jovem Olver. Ele parece gostar da companhia dela.

Mandei chamar costureiras para medi-lo. Vou gostar de assistir. Você deve usar casacos mais curtos. E calças novas, é claro. Você tem um traseiro delicioso. Quem é essa Filha das Nove Luas em quem eu fiz você pensar, patinho? Já pensei em várias maneiras gostosas de fazer você me contar.

Tylin

Todos os outros o observavam cheios de expectativa. Bem, Lan só estava olhando, mas seu olhar era mais enervante que o dos demais. Aquele olhar parecia quase... morto.

— A rainha acha que eu preciso de roupas novas — explicou Mat, enfiando o bilhete no bolso do casaco. — Acho que vou tirar um cochilo.

Ele puxou a aba do chapéu para baixo para cobrir os olhos, mas, em vez de fechá-los, ficou olhando pela janela, onde a cortina aberta deixava entrar um ou outro torvelinho de poeira. Porém, também deixava entrar o vento, o que era consideravelmente melhor do que o calor de uma carruagem fechada.

Moghedien e Tylin. Das duas, Mat preferia confrontar Moghedien. Ele tocou a cabeça de raposa que lhe pendia da gola aberta da camisa. Pelo menos tinha alguma proteção contra Moghedien. Contra Tylin, não tinha mais do que teria contra a maldita Filha das Nove Luas, quem quer que ela fosse. A menos que conseguisse dar um jeito de fazer Nynaeve e Elayne irem embora de Ebou Dar antes daquela noite, todos ficariam sabendo. Carrancudo, ele puxou ainda mais o chapéu. Aquelas malditas mulheres realmente o estavam fazendo agir feito uma garotinha. Em pouco tempo, temia ele, estaria se desfazendo em lágrimas.



CAPÍTULO 38



SEIS HISTÓRIAS

Mat teria saído e puxado ele mesmo a carroça, se pudesse. Achava que talvez assim avançassem mais rápido. O sol mal tinha acabado de nascer e as ruas já estavam cheias, com carroções e carroças abrindo caminho sem o menor pudor por entre as multidões e a poeira levantada pelo vento, em meio aos gritos e palavrões tanto dos condutores quanto das pessoas forçadas a sair da frente. Tantas barcaças deslizavam ao longo dos canais, impulsionadas pelas estacas dos barqueiros, que seria quase possível caminhar pelas águas como se fossem ruas, saltando de uma para a outra. Um zumbido alto pairava sobre a reluzente cidade branca. Ebou Dar parecia estar tentando compensar o tempo perdido na véspera, sem falar na Alta Chasalina e no Festival das Luzes, e era bom mesmo que compensasse, já que no dia seguinte era o Festival das Bragas, com o Dia de Maddin, que celebrava o fundador de Altara, dois dias depois, além do Festival da Meia-lua, na noite seguinte. Os sulistas tinham fama de trabalhadores, mas Mat achava que se devia ao fato de eles precisarem trabalhar com afinco para compensar todos os festivais e feriados. O incrível era aquela gente ter força para isso.

Por fim, as carruagens acabaram por alcançar o rio, e encostaram em um dos compridos embarcadouros de pedra que se projetavam até a água, todos ladeados por degraus para o embarque nos barcos amarrados em sua

extensão. Enfiando um pedaço de queijo amarelo-escuro e a ponta de um pão no bolso, Mat escondeu a cesta debaixo do assento. Estava com fome, mas alguém nas cozinhas estivera com pressa demais, já que a maior parte da cesta era ocupada por um pote de barro cheio de ostras, mas que os cozinheiros haviam se esquecido de cozinhar.

Mat desceu logo atrás de Lan e deixou Nalesean e Beslan ajudando Vanin e os outros a saírem das últimas carruagens. Com mais de dez homens, e nem mesmo os cairhienos sendo exatamente pequenos, eles haviam estado atulhados feito maçãs em um barril e desembarcaram cambaleantes e retesados. A passos largos à frente do Guardião, Mat se dirigiu à carruagem dianteira, a *ashandarei* cruzada por sobre o ombro. Nynaeve e Elayne iam ouvir poucas e boas, e pouco importava quem estivesse por perto. Tentar manter Moghedien em segredo! Sem falar em dois homens dele mortos! Ele ia...! De repente, bastante consciente de Lan assomando logo atrás dele feito uma estátua de pedra, com aquela espada na cintura, ele ajustou as ideias. Pelo menos a Filha-herdeira ia ouvir por ter escondido aquele tipo de segredo.

Nynaeve estava parada no embarcadouro, atando o chapéu de plumas azuis e conversando com alguém na carruagem quando ele a alcançou.

— ...vai funcionar, é claro, mas quem poderia imaginar que justo o Povo do Mar iria exigir algo do tipo, mesmo que só em particular?

— Mas Nynaeve... — contestou Elayne, descendo do veículo, o chapéu de plumas verdes na mão — Se a noite passada foi tão gloriosa quanto você está dizendo, como pode reclamar de...?

Foi nesse instante que elas se deram conta de presença dele e de Lan. De Lan, na verdade. Os olhos de Nynaeve se arregalaram enormemente, tomando conta de todo o seu rosto, que enrubesceu mais do que dois pores do sol. Talvez três. Elayne ficou paralisada, um pé ainda no degrau da

carruagem, dirigindo tamanho cenho franzido ao Guardião que parecia até que ele tinha se aproximado das duas de mansinho. Lan, no entanto, fitava Nynaeve com a expressão tão neutra quanto a de um poste, e por mais que a mulher parecesse pronta para rastejar para debaixo da carruagem e se esconder, ela sustentou o olhar de Lan como se ninguém mais existisse no mundo. Ao perceber que sua careta não estava servindo para nada, Elayne desceu do degrau e deu passagem para Reanne e as duas Sapiências que foram na mesma carruagem; Tamarla e uma saldaeana grisalha chamada Janira. Mas a Filha-herdeira não desistiu, ah, não. Ela tratou de transferir o cenho franzido para Mat Cauthon, e se a expressão se modificou em algum nível, foi para pior. Ele bufou e balançou a cabeça. Em geral, quando uma mulher estava errada, era capaz de encontrar tantas coisas pelas quais culpar o homem mais próximo que esse homem acabava pensando que talvez realmente tivesse culpa. Pela experiência de Mat, as antigas ou as recentes, só havia duas ocasiões em que uma mulher admitia estar errada: quando queria algo ou quando nevava em pleno verão.

Nynaeve agarrou a trança, mas distraidamente. Seus dedos titubearam e baixaram, e, em vez disso, ela começou a torcer as mãos.

— Lan — começou ela, hesitante —, não pense que eu falaria sobre...

O Guardião interrompeu-a com delicadeza, curvando-se e oferecendo-lhe o braço.

— Estamos em público, Nynaeve. Qualquer coisa que você queira dizer em público, pode dizer. Posso acompanhá-la até o barco?

— Pode — respondeu ela, aquiescendo com tanto vigor que seu chapéu quase caiu. Ela o endireitou depressa com as duas mãos. — Sim. Em público. Você vai me acompanhar.

Tomando-lhe o braço, Nynaeve recuperou certa dose de compostura, ao menos em aparência. Erguendo a sobrecapa com a mão livre, ela

praticamente o arrastou pelo cais até o embarcadouro.

Mat ficou se perguntando se ela não estaria doente. Ele até gostava de ver Nynaeve cair do pedestal, mas ela não costumava permitir que isso durasse mais que dois segundos. As Aes Sedai não eram capazes de se Curar sozinhas. Talvez ele devesse sugerir a Elayne que cuidasse do problema de Nynaeve, fosse qual fosse. Ele, em particular, evitava a Cura feito a morte ou o casamento, mas, em sua opinião, com outras pessoas era diferente. Primeiro, porém, ele tinha algumas palavrinhas a dizer a respeito de segredos.

Mat abriu a boca, levantou um dedo acusatório...

...e Elayne o cutucou no peito com o próprio dedo, uma carranca tão fria por sob aquele chapéu emplumado que o enregelou até os dedos dos pés.

— A Senhora Corly explicou para mim e para Nynaeve o significado daquelas flores vermelhas na cesta, que estou vendo que você pelo menos teve um mínimo de vergonha para esconder— disse ela com a voz gélida de uma rainha proferindo um julgamento.

O rosto dele ficou mais vermelho do que o de Nynaeve jamais sonhara. A algumas passadas de distância, Reanne Corly e as outras duas estavam amarrando chapéus e arrumando vestidos do jeito que as mulheres faziam toda vez que se levantavam, se sentavam ou davam três passos. Mas, apesar de concentradas nas roupas, ainda sobrou atenção o bastante para darem olhadelas na direção dele, embora daquela vez não parecessem chocadas ou irritadas. Ele não sabia que as malditas flores significavam alguma coisa! Dez pores do sol não teriam sido páreo para o rosto de Mat.

— Então? — A voz de Elayne saiu baixa, só para ele ouvir, mas exalava desgosto e desdém. Ela deu um puxão na capa, para evitar que encostasse nele. — É verdade! Eu não consegui *acreditar* que você tinha sido capaz, mesmo sendo desse seu jeito! Tenho *certeza* de que Nynaeve não acreditou.

Qualquer promessa que eu tenha feito está *revogada*! Não vou manter promessa nenhuma para um homem que foi capaz de *impor* sua vontade a uma mulher, a *qualquer* mulher, mas *especialmente* a uma rainha que lhe ofereceu...

— *Eu* impor a *minha* vontade a *ela*?! — gritou ele. Ou melhor, tentou gritar. Sua garganta embargada fez as palavras saírem como um chiado.

Pegando Elayne pelos ombros, Mat a afastou das carruagens. Estivadores sem camisa trajando coletes de couro verdes manchados passavam apressados, carregando sacas nos ombros ou rolando barris ao longo do cais, alguns empurrando carrinhos de mão cheios de caixotes, todos passando bem longe das carruagens. A rainha de Altara podia até não ter tanto poder, mas seu braço em uma carruagem garantia que plebeus lhe dessem espaço. Nalesean e Beslan conversavam enquanto conduziam os Braços Vermelhos até o embarcadouro, Vanin vindo no rabo da fila e fitando melancolicamente o rio revolto. Quando se tratava de barcos, ele dizia ter estômago sensível. As Sapiências das duas carruagens se reuniram em torno de Reanne e ficaram observando, mas não estavam perto o bastante para ouvir. Ainda assim, Mat sussurrou com a voz rouca:

— Agora me ouça! Aquela mulher não aceita um não como resposta. Eu digo não e ela *gargalha*. Ela me deixou passando fome, me intimidou e me caçou feito um cervo! Ela tem mais mãos do que seis mulheres juntas. Ela ameaçou mandar as serviçais tirarem a minha roupa se eu não deixasse que ela... — De repente, Mat se deu conta do que estava dizendo. E de para quem estava dizendo. Ele conseguiu fechar a boca antes de engolir uma mosca. E, para não ter que encará-la, passou a se mostrar bastante interessado em um dos corvos de metal escuro incrustado no cabo da *ashandarei*. — O que estou querendo dizer é que você não entende — resmungou ele. — Está entendendo tudo ao contrário.

Ele arriscou uma olhadela para ela por debaixo da ponta da aba do chapéu. Um rubor discreto foi tomando conta das bochechas de Elayne, mas seu rosto ganhou um ar tão solene quanto o de um busto de mármore.

— Parece... que eu posso ter entendido errado — admitiu ela com sobriedade. — Isso é... muito *ruim* da parte de Tylin. — Mat achou que os lábios dela se retorceram. — Você já cogitou treinar outros sorrisos no espelho, Mat?

Surpreso, ele hesitou.

— O quê?

— Ouvi de uma fonte segura que é isso que as jovens fazem para atrair os olhares dos reis. — A sobriedade da sua voz tremulou, e daquela vez seus lábios certamente se retorceram. — Você também pode tentar dar umas piscadinhas.

Mordendo o lábio inferior, ela se virou, os ombros tremendo e a sobrecapa panejando em seu rastro enquanto caminhava apressada até o embarcadouro. Antes de sair do alcance de seus ouvidos, Elayne deu risadinhas e disse algo como “uma provinha do próprio remédio”. Reanne e as Sapiências partiram no encalço dela, um bando de galinhas seguindo um pintinho, ao invés do contrário. Os poucos barqueiros de peito nu que se encontravam fora dos seus barcos pararam de enrolar cordas ou qualquer outra atividade e curvaram respeitosamente a cabeça conforme a procissão passava.

Mat tirou o chapéu e cogitou jogá-lo no chão e ficar pulando em cima. Mulheres! Ele devia saber que não podia esperar qualquer compaixão. Tinha vontade de esganar a maldita Filha-herdeira. E Nynaeve também, só por uma questão de princípios. Mas era claro que não podia. Tinha feito promessas. E aqueles dados ainda estavam usando sua cabeça como copo. E uma Abandonada podia estar em algum lugar ali por perto. Voltando o

chapéu à cabeça, ele marchou em direção ao embarcadouro, ultrapassou as Sapiências e alcançou Elayne. Ela ainda estava tentando conter as risadinhas, mas a cada vez que desviava o olhar para ele, suas bochechas voltavam a corar, e as risadas retornavam.

Mat focou os olhos à frente. Malditas mulheres! Malditas promessas. Retirando o chapéu só o suficiente para passar o cordão de couro pelo pescoço, ele relutantemente estendeu o cordão para ela. A cabeça de raposa de prata balançava sob seu punho.

— Você e Nynaeve vão ter que decidir qual das duas vai usar. Mas quero que me devolvam assim que formos embora de Ebou Dar. Está entendendo? Assim que nós formos...

De repente, Mat se deu conta de que estava andando sozinho. Quando se virou, viu Elayne empacada uns dois passos atrás, fitando-o, com Reanne e as outras amontoadas atrás dela.

— Qual é o problema agora? Ah. Sim, eu já sei sobre Moghedien.

Um sujeito magricelo, com pedras vermelhas nos brincos de argola de latão, que estava curvado por cima de uma corda de amarração, pulou e se virou tão depressa ao escutar aquele nome que cambaleou e caiu na água com um grito e um esguicho barulhento. Mat não estava nem aí para quem fosse ouvir.

— Tentando guardar segredo... com dois dos meus homens mortos!... e depois de ter prometido. Bem, mais tarde vamos conversar sobre isso. Eu também fiz uma promessa. Prometi que manteria vocês duas vivas. Se Moghedien aparecer, vai atrás de vocês duas. Tome aqui. — Ele tornou a lhe estender o medalhão.

Confusa, ela balançou a cabeça devagar e então se virou para murmurar algo para Reanne. Foi só quando as mulheres mais velhas já estavam a caminho de onde Nynaeve se encontrava, acenando para elas do alto do

lance de escadas de um barco, que Elayne apanhou o medalhão e o virou e revirou em seus dedos.

— Você faz a mínima ideia do que eu teria feito só para ter a chance de estudar isto aqui? — indagou ela em um tom calmo. — A menor ideia?

Ela era alta para uma mulher, mas ainda precisava levantar o rosto para olhá-lo. Parecia até que nunca o tinha visto.

— Você é um homem complicado, Mat Cauthon. Lini diria que estou sendo repetitiva, mas você...! — Suspirando, Elayne se esticou para tirar o chapéu dele e lhe passar o cordão pelo pescoço. Chegou até a enfiar a cabeça de raposa dentro da camisa dele e, antes de lhe devolver o chapéu, deu um tapinha nela. — Eu não vou usar isso enquanto Nynaeve ou Aviendha não tiverem um, e acho que elas pensam o mesmo. Use você. Afinal, não vai ter como manter sua promessa se Moghedien matar *você*. Não que eu creia que ela ainda esteja por aqui. Acho que ela acredita que matou Nynaeve, e eu não ficaria surpresa se ela tivesse vindo só para isso. Você, no entanto, precisa tomar cuidado. Nynaeve garante que uma tempestade está se aproximando, e não é desse vento que ela está falando. Eu... — O discreto rubor lhe retornou às bochechas. — Desculpe por ter rido de você. — Ela pigarreou e desviou o olhar. — Às vezes eu me esqueço das minhas obrigações para com os meus súditos. Você é um súdito valeroso, Matrim Cauthon. Vou tomar providências para que Nynaeve entenda... o que há entre você e Tylin. Talvez possamos ajudar.

— Não — balbuciou ele. — Quer dizer, tudo bem. Quer dizer... É que... Ah, pelo amor de uma cabra flamante, não faço ideia do que quero dizer. Quase desejo que você não soubesse a verdade.

Nynaeve e Elayne tomando um chá com Tylin e conversando a respeito dele. Será que conseguiria superar essa ideia? Será que algum dia voltaria a

encará-las olho no olho depois disso? Mas, se elas não conversassem... Ele estava entre um lobo e um urso e não tinha para onde fugir.

— Ah, bosta de ovelha! Bosta de ovelha com malditas cebolas fritas! — Mat quase desejou que Elayne lhe chamasse a atenção pelo seu linguajar, como Nynaeve teria feito, só para mudar de assunto.

Os lábios dela se moveram em silêncio e, por um instante, ele teve a estranha impressão de que ela estava repetindo as imprecensões dele. Claro que não. Ele estava vendo coisas, só isso.

— Eu entendo — disse ela em voz alta, soando como se entendesse mesmo. — Agora venha, Mat. Não podemos perder tempo ficando aqui parados.

Boquiaberto, ele a viu suspender as saias e a capa para seguir em frente pelo embarcadouro. Ela entendia? Ela entendia, e não fez nenhum comentário ácido, nenhuma observação mordaz? E ele seu súdito. Seu súdito *valeroso*. Correndo os dedos pelo medalhão, Mat a seguiu. Ele estivera convicto da briga que seria para recuperá-lo algum dia. Mesmo que vivesse tanto quanto *duas* Aes Sedai, ele jamais entenderia as mulheres, e as nobres eram simplesmente as piores.

Quando ele chegou aos degraus que Elayne descera, os dois remadores do barco, com seus brincos de latão, já estavam começando seus longos movimentos para impulsionar o veículo. Elayne arrebanhava Reanne e a última Sapiência para dentro da cabine e Lan estava parado na proa com Nynaeve. Um grito de Beslan chamou Mat para o barco seguinte, que transportava todos os homens, menos o Guardião.

— Nynaeve disse que não havia espaço para nenhum de nós — explicou Nalesean quando o barco deslizou balançando pelas águas do Eldar. — Disse que iríamos deixar o barco lotado.

Beslan gargalhou e deu uma olhada na embarcação que os levava. Vanin estava sentado de olhos fechados ao lado da porta da cabine, tentando fingir que estava em outro lugar. Harnan e Tad Kandel — que, apesar de ter a pele mais escura do que a dos dois barqueiros, era andoriano —, tinham subido no teto da cabine. Os demais Braços Vermelhos estavam agachados pelo convés, onde tentavam não atrapalhar os remadores. Ninguém entrara na cabine, parecendo esperar para ver se Mat, Nalesean ou Beslan queriam tomá-la para si.

Mat se pôs ao lado do mastro da proa e ficou espiando o outro barco, que flutuava logo à frente ao sabor das remadas. O vento açoitava as águas escuras revoltas, bem como seu cachecol, além de obrigá-lo a segurar o chapéu. O que Nynaeve estaria aprontando? Todas as outras nove mulheres no segundo barco estavam na cabine, deixando o convés para Lan e ela. Os dois se encontravam na proa, Lan de braços cruzados e Nynaeve gesticulando como se explicasse algo. Só que ela raramente explicava alguma coisa. Nunca, na verdade, era mais certo do que raramente.

O que quer que estivesse fazendo, não demorou muito. Havia cristas de espuma na baía, onde forcadores, rasantes e planadores do Povo do Mar subiam e desciam presos às suas âncoras. O rio não estava tão ruim, mas o barco ainda balançava mais do que Mat se recordava de qualquer viagem anterior. Em pouco tempo Nynaeve já estava inclinada sobre a amurada, livrando-se do café da manhã enquanto Lan a segurava. Aquilo fez Mat se lembrar da própria barriga, no que ele enfiou o chapéu debaixo do braço, para que não tivesse como sair voando, e apanhou o pedaço de queijo.

— Beslan, quais as chances desta tempestade cair antes de termos como voltar do Rahad? — Ele deu uma dentada no queijo de sabor ácido. Havia uns cinquenta tipos em Ebou Dar, todos bons. Nynaeve ainda estava

dependurada na amurada do barco. Quanto a mulher tinha comido naquela manhã? — Não sei onde vamos nos abrigar, se cair no meio do caminho.

Mat não conseguia se lembrar de ver nenhuma estalagem no Rahad para a qual pudesse levar as mulheres.

— Nada de tempestade — respondeu Beslan, sentando-se na amurada. — Estes são os ventos alísios de inverno. Os alísios sopram duas vezes por ano, no final do inverno e no final do verão, mas precisam soprar muito mais forte do que isso para virarem tempestade. — Ele lançou um olhar amargo em direção à baía. — Todos os anos, estes ventos trazem... traziam navios de Tarabon e Arad Doman. Fico me perguntando se vão voltar a trazê-los algum dia.

— Há de ser... — começou Mat, até se engasgar com um naco de queijo.

Sangue e cinzas, estava começando a falar que nem um homem grisalho descansando as juntas doloridas em frente à lareira. Preocupando-se em levar as mulheres para uma estalagem grosseira. Um ano antes, meio ano, ele as teria levado, e teria gargalhado quando os olhos das duas se arregalassem, gargalhado de cada bufada empertigada.

— Bem, talvez encontremos alguma diversão para você no Rahad, afinal. Pelo menos alguém vai tentar roubar uma bolsa ou puxar o colar de Elayne.

Talvez fosse disso que ele precisava para limpar o gosto de sobriedade da língua. Sobriedade. Luz, que palavra a ser aplicada a Mat Cauthon! Tylin devia estar assustando-o mais do que imaginava, para fazê-lo murchar desse jeito. Talvez precisasse de um pouco de diversão do tipo de Beslan. Aquilo era loucura, já que ele nunca tinha visto uma briga da qual não preferisse passar longe, mas talvez...

Beslan balançou a cabeça.

— Se alguém pode encontrar diversão é você, mas... Nós vamos estar com sete Sapiências, Mat. Sete. Com apenas uma ao seu lado, você poderia dar uma bofetada em um homem, mesmo no Rahad, que ele ia engolir a língua e sair andando. E as mulheres. Qual é a graça de beijar uma mulher sem o risco de ela decidir lhe enfiar uma faca?

— Que minha alma queime — resmungou Nalesean sob a barba. — Parece que me arrastei da cama para uma manhã tediosa.

Beslan aquiesceu, compadecido.

— Mas, se tivermos sorte... A Guarda Civil costuma mandar patrulhas para o Rahad de vez em quando, e se eles estiverem atrás de contrabandistas, sempre se vestem disfarçados. Eles parecem achar que ninguém repara em uma dúzia de homens andando juntos carregando espadas, não importa suas roupas, e sempre ficam surpresos quando os contrabandistas os emboscam, que é o que acontece quase sempre. Se a sorte de *ta'veren* de Mat agir a nosso favor, talvez nos confundam com a Guarda Civil, e aí alguns contrabandistas podem nos atacar antes de verem os cintos vermelhos.

Nalesean se animou e começou a esfregar as mãos.

Mat lançou a eles um olhar fulminante. Talvez o tipo de diversão de Beslan não fosse o que precisava. Para começar, não aguentava mais mulheres com facas. Nynaeve ainda estava debruçada na amurada. Aquilo a ensinaria a não se empanturrar. Ao devorar o último pedaço de queijo, ele começou a comer o pão e tentou ignorar os dados em sua cabeça. Uma viagem tranquila, sem percalços, não soava tão ruim. Uma viagem rápida, com uma saída rápida de Ebou Dar.

O Rahad continuava como ele lembrava, e como Beslan temia. O vento fez com que subir os degraus de pedra cinza rachados do embarcadouro se transformasse em uma façanha perigosa, e tudo só piorou depois disso.

Havia canais por toda parte, assim como do outro lado do rio, mas ali as pontes eram simples, os parapeitos de pedra, sujos, quebrados e desmoronando; metade dos canais era tão assoreada que garotos vadeavam neles com água até a cintura, e mal havia uma barcaça à vista. Edifícios altos erguiam-se amontoados, estruturas bloqueadas de gesso escabroso encardido com enormes pedaços descascados revelando tijolos vermelhos apodrecendo, e margeavam ruas estreitas com paralelepípedos quebrados. Isso nas ruas em que até os fragmentos de pavimento não tinham sido arrancados. A luz da manhã não chegava a atingir as sombras entre os edifícios. Roupas lavadas encardidas pendiam para secar em uma a cada três janelas, exceto onde um prédio jazia abandonado. Alguns estavam, e suas janelas escancaravam-se feito as cavidades oculares de um crânio. Um cheiro agri-doce de podridão permeava o ar, penicos de um mês atrás e dejetos antigos apodrecendo onde quer que tivessem sido arremessados, e para cada mosca no outro lado do Eldar, outras cem zumbiam ali em nuvens verdes e azuis. Mat identificou a porta descascada d'A Coroa Dourada do Paraíso e estremeceu ao pensar em levar as mulheres para lá caso a tempestade desabasse, apesar do que Beslan dissera. Então tornou a estremecer por ter estremecido. Alguma coisa estava acontecendo com ele, e Mat não gostava nada daquilo.

Nynaeve e Elayne insistiram em ir na frente, com Reanne entre as duas e as Sapiências logo atrás. Lan seguia junto do ombro de Nynaeve, feito um cão de caça, a mão no punho da espada e os olhos em constante procura, irradiando ameaça. Na verdade, era provável que ele apresentasse proteção suficiente para duas dezenas de belas garotas de dezesseis anos carregando sacos de ouro até mesmo ali, mas Mat insistiu para que Vanin e os demais continuassem de olhos bem abertos. Na realidade, o antigo ladrão de cavalos e caçador ilegal se mantinha tão perto de Elayne que qualquer um o

tomaria pelo Guardião dela, ainda que se tratasse de um Guardião gordo e desarrumado. Beslan revirava os olhos deliberadamente a cada instrução de Mat, e Nalesean, irritado, alisava a barba e resmungava que ainda poderia estar na cama.

Homens marchavam com arrogância pelas ruas, com frequência trajando coletes esfarrapados e nenhuma camisa, usando grandes argolas de latão nas orelhas e anéis também de latão adornados com vidros coloridos, e uma faca ou às vezes duas enfiadas por trás do cinto. Com as mãos sempre pairando por perto dessas facas, eles observavam a todos como se desafiassem alguém a lhes lançar um olhar torto que fosse. Outros se esgueiravam de esquina em esquina e de porta em porta com olhos caídos, imitando os cães de costelas aparentes que por vezes rosnavam de uma viela escura estreita demais para um homem adentrá-la. Esses homens andavam curvados, as facas escondidas, e não havia maneira de identificar qual deles correria e qual atacaria. No geral, as mulheres faziam qualquer homem parecer modesto, desfilando com seus vestidos surrados e com o dobro de joias de latão. Também portavam facas, claro, e seus olhos escuros e expressivos disparavam dez desafios diferentes a cada olhadela. Em resumo, o Rahad era o tipo de lugar em que qualquer pessoa usando seda não podia ter muita esperança de dar dez passos sem ter a cabeça rachada. E depois era melhor torcer para acordar completamente nu e jogado em uma pilha de lixo em uma viela, já que a outra alternativa era nem acordar. Porém...

Crianças saíam correndo de metade das portas com copos de cerâmica lascados contendo água, mandados por suas mães para o caso de as Sapiências estarem com sede. Homens com rostos cheios de cicatrizes e olhos marcados por assassinatos encaravam boquiabertos as sete Sapiências andando juntas, e então faziam medidas nervosas e inquiriam educadamente

se podiam ajudar em algo ou se havia alguma coisa que precisassem carregar. Mulheres, algumas delas com o mesmo número de cicatrizes e sempre com olhos que faziam Tylin se encolher, faziam reverências desajeitadas e perguntavam sem fôlego se podiam dar algum tipo de orientação ou se alguém tinha feito alguma coisa para levar todas aquelas Sapiências até ali. Se fosse o caso, a dedução mais evidente era que Tamarla e as demais não precisavam se incomodar, bastando fornecer nomes.

Ah, ainda cravavam os olhos nos soldados com a fúria de sempre, embora até as mais duronas desviassem o rosto depois de um único olhar de Lan. E, por mais estranho que fosse, de Vanin. Uns poucos homens rosnavam para Beslan e Nalesean sempre que os dois passavam muito tempo olhando para o decote de alguma mulher. Alguns rosnavam para Mat, embora ele não conseguisse entender por quê. Diferentemente dos outros dois, ele não corria o risco de que seus olhos caíssem dentro do vestido de uma mulher. Sabia observar discretamente. Nynaeve e Elayne eram ignoradas, mesmo com todo aquele refinamento, assim como Reanne e seu vestido vermelho de lã. Nenhuma das três usava o cinto vermelho. Mas contavam com a proteção dos cintos. Mat chegou à conclusão de que Beslan estivera certo. Ele podia esvaziar a bolsa inteira no chão e ninguém pegaria um único cobre, não enquanto as Sapiências estivessem por perto, pelo menos. Ele podia beliscar o traseiro de qualquer mulher ao alcance dos olhos que, mesmo querendo explodir, ela não criaria caso.

— Que caminhada agradável — disse Nalesean, seco. — Com tantas paisagens e aromas interessantes. Cheguei a falar que não dormi muito de ontem para hoje, Mat?

— Você quer morrer em cima da cama? — resmungou Mat.

Teria sido melhor todos terem ficado na cama. Ali, não tinham nenhuma maldita serventia, isso era certo. O taireno bufou indignado. Beslan riu, mas

provavelmente não entendeu o que Mat quis dizer.

Seguiram em marcha pelo Rahad, até Reanne enfim parar diante de um edifício exatamente igual a todos os outros, com o gesso todo descascando e os tijolos desmoronando, o mesmo prédio ao qual, na véspera, Mat seguira uma mulher. Não havia roupas lavadas dependuradas naquelas janelas. Só ratos viviam ali.

— É aqui — anunciou ela.

Os olhos de Elayne foram se erguendo devagar até o telhado plano.

— Seis — murmurou ela em um tom de grande satisfação.

— Seis — suspirou Nynaeve, no que Elayne lhe deu um tapinha no braço, como que demonstrando compaixão.

— Eu não tinha certeza absoluta — disse ela.

Então foi Nynaeve quem sorriu e lhe deu um tapinha. Mat não entendeu uma única palavra. Então o edifício tinha seis andares, e daí? Às vezes mulheres agiam de forma bem estranha. Bem, na maioria das vezes.

Lá dentro, um corredor comprido acarpetado pela poeira seguia na penumbra até os fundos, onde se perdia nas sombras. Poucos batentes continham portas, e as poucas existentes eram de tábuas grosseiras. Uma abertura, a quase um terço do caminho pelo corredor, dava para um lance estreito e íngreme de degraus de pedra para o andar de cima. Era aquele caminho que, seguindo pegadas na poeira, Mat tinha percorrido na véspera, mas achava que alguma daquelas outras aberturas devia ser uma encruzilhada de corredores. Na ocasião, não tirara um tempo para olhar os arredores, mas o edifício era profundo demais e largo demais para todo aquele andar ser cortado apenas pelo corredor em que estavam. Grande demais para ter só uma entrada.

— Sério, Mat? — disse Nynaeve quando ele mandou Harnan e metade dos Braços Vermelhos irem encontrar alguma entrada pelos fundos e

montarem guarda nela. — Ainda não percebeu que não há necessidade?

Elayne devia ter contado a verdade a respeito de Tylin, pois o tom de voz de Nynaeve foi bastante ameno, mas aquilo só deixou seu humor ainda mais azedo. Ele não queria que *ninguém* soubesse. Maldita inutilidade! Mas os tais dados ainda estavam chacoalhando em sua cabeça.

— Talvez Moghedien goste de portas dos fundos — rebateu ele, seco. Alguma coisa chilreou na ponta escura do corredor, e um dos homens que estavam com Harnan praguejou em alto e bom som a respeito de ratos.

— Você contou para ele — sussurrou Nynaeve, furiosa, na direção de Lan, uma das mãos agarrando com força a trança.

Elayne soltou um murmúrio exasperado.

— Isso não é hora de parar para discutir, Nynaeve. A Tigela está lá em cima! A Tigela dos Ventos!

Uma pequena bola de luz surgiu de repente, flutuando diante dela, e, sem esperar para ver se Nynaeve a seguia ou não, Elayne recolheu as saias e tratou de subir os degraus. Vanin disparou atrás dela com uma velocidade surpreendente para alguém do tamanho dele, seguido por Reanne e a maior parte das Sapiências. Sumeko, com seu rosto redondo, e Ieine, alta, escura e bonita, apesar das rugas nos cantos dos olhos, hesitaram, e então permaneceram com Nynaeve.

Mat também teria ido, caso Lan e Nynaeve não tivessem ficado no caminho.

— Pode me deixar passar, Nynaeve? — perguntou ele. Merecia ao menos estar presente quando aquela fabulosa e maldita Tigela fosse encontrada. — Nynaeve?

Ela estava tão concentrada em Lan que parecia ter se esquecido de todo o resto. Mat trocou olhares com Beslan, que sorriu e se agachou com tranquilidade ao lado de Corevin e dos demais Braços Vermelhos. Nalesean

se apoiou na parede e bocejou de um jeito espalhafatoso. O que foi um erro, com toda aquela poeira por ali. O bocejo se transformou em um acesso de tosse que lhe enrubesceu o rosto e o fez se curvar.

Nem isso distraiu Nynaeve. Com cuidado, ela tirou a mão da trança.

— Eu não estou com raiva, Lan.

— Está, sim — retrucou ele com toda a calma. — Mas ele tinha de ser informado.

— Nynaeve? — chamou Mat. — Lan?

Nenhum dos dois olhou sequer um segundo para ele.

— Eu ia contar quando estivesse pronta, Lan Mandragoran! — Ela fechou a boca, mas os lábios se contorceram como se estivesse falando sozinha. — Eu não vou ficar com raiva de você — prosseguiu Nynaeve, em um tom bem mais meigo, e aquilo também parecia endereçado a ela mesma.

De modo bastante deliberado, ela jogou a trança para trás por cima do ombro, deu um puxão para endireitar o chapéu de plumas azuis e cravou as mãos nos quadris.

— Se você diz — respondeu Lan em um tom ameno.

Nynaeve estremeceu.

— Não fale comigo desse jeito! — gritou ela. — Estou falando que não estou com raiva! Está me ouvindo?

— Sangue e cinzas, Nynaeve — grunhiu Mat. — Ele não acha que você está com raiva. Eu não acho que você está com raiva. — Uma coisa boa que as mulheres lhe haviam ensinado era mentir de cara lavada. — Agora será que podemos ir lá em cima pegar essa maldita Tigela dos Ventos?

— Uma ideia maravilhosa — disse uma voz feminina vinda da porta que dava para a rua. — Devemos todos subir juntos e surpreender Elayne?

Mat nunca tinha visto as duas mulheres que avançavam pelo corredor, mas seus rostos eram de Aes Sedai. A mulher que falara tinha um rosto

agudo e frio como sua voz, e sua acompanhante tinha a face emoldurada por tranças escuras e finas enfeitadas com contas coloridas. Cerca de duas dezenas de homens se amontoavam atrás delas, sujeitos corpulentos com ombros largos e porretes e facas às mãos. Mat ajustou a pegada na *ashandarei*. Reconhecia o perigo quando estava diante dele, e a cabeça de raposa em seu peito estava fria, quase gelada, em contato com a pele. Alguém estava usando o Poder Único.

As duas Sapiências quase tombaram ao fazer reverências assim que viram aquelas feições de idade indefinida, mas Nynaeve certamente também reconhecia encrenca. Sua boca se mexeu sem emitir som à medida que a dupla se aproximava, seu rosto expressando pura consternação e autoacusação. Mat escutou uma espada saindo da bainha atrás de si, mas não se virou para ver a de quem tinha sido. Lan só ficou parado, o que significava, claro, que parecia um leopardo pronto para dar o bote.

— Elas são da Ajah Negra — disse Nynaeve, por fim. Sua voz começou débil e foi ganhando força à medida que ela prosseguiu. — Falion Bhoda e Ispan Shefar. Elas cometeram assassinatos na Torre e, desde então, coisa pior. São Amigas das Trevas e... — A voz falhou por alguns instantes. — ...e elas me blindaram.

As recém-chegadas continuaram avançando serenamente.

— Você já ouviu tamanha bobagem, Ispan? — perguntou a Aes Sedai de rosto comprido para sua companheira, que parou de fazer cara feia para a poeira por tempo suficiente para abrir um sorriso afetado para Nynaeve. — Ispan e eu viemos da Torre Branca, enquanto Nynaeve e suas amigas são rebeldes contra o Trono de Amyrlin. Elas vão ser punidas com severidade por conta disso, assim como qualquer um que as ajude.

Chocado, Mat percebeu que a mulher não sabia; ela achava que ele, Lan e os demais não passavam de brutamontes contratados. Falion dirigiu um

sorriso para Nynaeve; um sorriso que fazia uma nevasca parecer calorosa.

— Tem alguém que vai ficar exultante em ver você, quando a levamos de volta, Nynaeve. Ela acha que você está morta. Agora é melhor o resto de vocês ir embora. Não vão querer se meter em assuntos das Aes Sedai. Meus homens vão acompanhá-los até o rio. — Sem tirar os olhos de Nynaeve, Falion gesticulou para os homens atrás dela passarem à frente.

Lan se moveu. Não sacou a espada, e, contra uma Aes Sedai, não deveria ter chances se o fizesse, chance alguma, em todo caso, mas em um momento ele estava completamente parado, e no outro já havia se lançado em cima da dupla. Um pouco antes de acertá-las, o Guardião grunhiu como se tivesse sido atingido com força, mas ainda se jogou sobre as mulheres, derrubando as duas irmãs Negras no chão empoeirado. Depois disso, a porteira se abriu.

Lan se apoiou nas mãos e nos joelhos, sacudindo a cabeça de modo grogue, no que um dos grandalhões ergueu um porrete com tiras de ferro para esmagar seu crânio. Usando a lança, Mat apunhalou o sujeito na barriga, e Beslan, Nalesean e os cinco Braços Vermelhos correram para encarar a investida barulhenta dos Amigos das Trevas. Lan se pôs de pé cambaleando, a espada rasgando o ar para abrir um Amigo das Trevas do pescoço à virilha. Não havia muito espaço no corredor para o manuseio de espadas ou da *ashandarei*, mas foi a passagem apertada que permitiu que eles enfrentassem as proporções de dois para um, ou até mais, sem serem suplantados logo de cara. Homens aos grunhidos lutavam com eles cara a cara, acotovelando-se em busca de espaço para apunhalar ou girar porretes para acertá-los.

As irmãs Negras e Nynaeve cuidaram para que pequenos espaços em torno delas permanecessem livres. Um magricelo Braço Vermelho andoriano quase trombou em Falion, mas, no último instante, foi puxado pelos ares e

saiu voando pelo corredor, derrubando durante o voo dois Amigos das Trevas de ombros largos antes de se esborrachar na parede e deslizar para o chão, a parte de trás da cabeça deixando uma mancha de sangue no gesso rachado e empoeirado. Um Amigo das Trevas careca se espremeu pela linha de defensores e avançou na direção de Nynaeve com uma faca estendida, mas gritou ao levar uma rasteira, um berro que se interrompeu quando seu rosto se chocou com tanta força contra o chão que sua cabeça chegou a quicar.

Ficou óbvio que Nynaeve já não estava mais blindada, e se a cabeça de raposa gelada que deslizava pelo peito de Mat enquanto ele lutava não fosse o suficiente para indicar que ela e as irmãs Negras estavam envolvidas em algum tipo de confronto, o modo como elas encaravam Nynaeve e como Nynaeve as encarava, ignorando a batalha em volta, deixava isso bastante nítido. As duas Sapiências assistiam a tudo horrorizadas. Tinham suas facas curvas à mão, mas só se mantinham encolhidas junto à parede e alternavam o olhar entre Nynaeve e as outras duas com os olhos esbugalhados e a boca escancarada.

— Lutem — explodiu Nynaeve para as duas. Ela virou ligeiramente a cabeça, para que pudesse olhar tanto para as mulheres quando para Falion e Ispan. — Eu não dou conta sozinha. Elas estão unidas. Se vocês não lutarem, elas vão matar vocês. Agora vocês já sabem a respeito delas!

As Sapiências a olharam embasbacadas, como se Nynaeve tivesse sugerido cuspir na cara da rainha. Em meio a gritos e grunhidos, Ispan soltou uma gargalhada melodiosa. Em meio a gritos e grunhidos, um berro agudo ecoou no andar de baixo.

Nynaeve se voltou para aquela direção. De repente, ela cambaleou, e sua cabeça girou para trás como se ela fosse um texugo ferido, seu rosto franzido de um jeito que deveria ter feito Falion e Ispan partirem

imediatamente caso tivessem algum juízo. No entanto, ela lançou a Mat um olhar angustiado.

— Canalizaram lá em cima — disse ela entre os dentes. — Estamos com problemas.

Mat hesitou. O mais provável era que Elayne tivesse visto um rato. O mais provável... Ele conseguiu se esquivar de uma adaga direcionada às suas costelas, mas não havia espaço para contra-atacar com a *ashandarei* nem para usar o cabo como um porrete. Beslan deu uma estocada, vindo por trás de Mat, e perfurou o coração do seu agressor.

— Por favor, Mat — suplicou Nynaeve, tensa. Ela nunca implorava. Era mais fácil que cortasse a própria garganta antes disso. — Por favor.

Soltando um palavrão, Mat se retirou do embate e tratou de subir correndo os degraus estreitos e íngremes, percorrendo os seis lances da escadaria escura em um pique desenfreado. Não havia uma única janela para fornecer alguma luz. Se tivesse sido só um rato, ele ia sacudir Elayne até seus dentes... Ele desembocou no andar superior, não muito mais iluminado do que a escadaria e com uma única janela que dava para a rua, e se viu em um cenário de pesadelo.

Havia mulheres esparramadas por toda parte. Elayne era uma delas, parcialmente de costas para a parede, os olhos fechados. Vanin estava de joelhos, o sangue escorrendo do nariz e dos ouvidos, tentando debilmente se apoiar na parede para se levantar. A última mulher de pé, Janira, correu na direção de Mat assim que o viu. Ela parecia um falcão, com o nariz adunco e as maçãs do rosto proeminentes, mas seu semblante, àquela altura, era de puro terror, os olhos escuros arregalados e desolados.

— Me ajude! — gritou ela, no que um homem a pegou por trás.

Era um sujeito de aparência comum, talvez um pouco mais velho que Mat, com a mesma altura e compleição, trajando um casaco cinza bem

simples. Sorrindo, ele tomou a cabeça de Janira entre as mãos e girou-a brutalmente. O barulho do pescoço se quebrando foi como um galho seco se partindo. O homem a deixou cair feito um saco e olhou a mulher caída. Por um momento, seu sorriso pareceu... eufórico.

Sob a luz de um par de lanternas, um pequeno grupo de homens logo além de Vanin estava usando uma alavanca para abrir uma porta enquanto dobradiças enferrujadas guinchavam, mas Mat mal se deu conta. Seus olhos saltaram direto do cadáver tombado de Janira para Elayne. Ele havia prometido a Rand que a manteria em segurança. Prometido. Com um grito, Mat se lançou em cima do assassino, a *ashandarei* estendida.

Mat já tinha visto como Myrddraal se moviam, mas aquele sujeito era mais rápido, por mais difícil que fosse acreditar nisso. Ele pareceu apenas fluir da frente da lança e, segurando no cabo, girou e arremessou Mat a cinco passadas de distância pelo corredor.

O ar lhe escapou quando ele bateu no chão em meio a uma pequena nuvem de poeira. Junto com ele, a *ashandarei*. Tentando respirar, ele se pôs de pé, a cabeça de raposa balançando da sua camisa aberta. Sacando uma faca de dentro do casaco, Mat tornou a partir para cima do homem no exato instante em que Nalesean apareceu no final da escada, a espada na mão. Agora o pegariam, independentemente de quão rápido ele...

O homem fazia um Myrddraal parecer lento. Ele desviou da investida de Nalesean como se não houvesse um único osso em seu corpo, a mão direita se estirando para agarrar a garganta do atacante. Sua mão se afastou produzindo um som líquido rascante. O sangue cascadeou sob a barba de Nalesean. A espada caiu, tilintando no chão de pedra empoeirado, e ele segurou o pescoço esfaqueado com as duas mãos, o vermelho lhe escorrendo pelos dedos enquanto caía.

Mat saltou nas costas do assassino, e os três foram ao chão juntos. Ele não tinha o menor pudor com relação a apunhalar um homem pelas costas quando necessário, em especial no caso de um homem capaz de rasgar a garganta de outro. Deveria ter deixado Nalesean ficar na cama. Um pensamento que lhe ocorreu com pesar enquanto enfiava a lâmina com força uma vez, depois outra, e uma terceira.

O homem se contorceu sob o aperto de Mat. Não deveria ser possível, mas, de alguma forma, o sujeito rolou por debaixo dele e puxou sua mão do cabo da faca. Os olhos vidrados e a garganta ensanguentada de Nalesean eram um lembrete bem diante dos seus olhos. Desesperado, Mat agarrou os pulsos do homem, uma das mãos escorregando um pouco no sangue que escorria das palmas dele.

O sujeito sorriu para ele. Com a faca lhe saindo pela lateral do corpo, ele sorria!

— Ele quer você morto tanto quanto quer ela morta — disse ele com calma. E, como se Mat nem estivesse lhe segurando, as mãos do homem se moveram na direção da cabeça dele, empurrando-lhe os braços para trás.

Mat se debateu feito um louco, jogando todo o seu peso contra os braços do sujeito, sem resultado. Luz, era como se ele fosse uma criança lutando contra um adulto. O sujeito estava brincando com ele, fazendo tudo com a maior calma. Mãos tocaram-lhe a cabeça. Por onde andava sua maldita sorte? Ele se impulsionou com o que parecia ser suas últimas forças, e o medalhão caiu bem sobre a bochecha do homem. O sujeito berrou. Uma fumaça ergueu-se da cabeça de raposa, e algo crepitou como bacon em uma frigideira. O homem usou as mãos e os pés para empurrar Mat para longe, de modo convulsivo. Daquela vez, Mat voou dez passadas e deslizou.

Quando se levantou cambaleante, meio atordoado, o homem já estava de pé, as mãos tremendo junto ao rosto. Uma marca vermelha queimada

identificava onde a cabeça de raposa tinha tocado. Com cautela, Mat correu os dedos pelo medalhão. Estava frio. Não o frio de alguém canalizando ali perto — talvez ainda estivessem usando o Poder lá embaixo, mas era longe demais —, apenas o frio da prata. Ele não tinha ideia de quem era aquele sujeito, tirando o fato de que sem dúvida não era humano, mas, somando-se a queimadura e três ferimentos de facadas, com o cabo da arma ainda se projetando por debaixo do braço, ele tinha de estar suficientemente ferido para que Mat conseguisse passar por ele e chegar à escada. Vingar Elayne seria ótimo, Nalesean também, mas tinha a impressão de que não ia acontecer naquele dia, e não havia motivo para criar a necessidade de vingar Mat Cauthon.

O homem puxou a faca da lateral do corpo e a atirou na direção dele. Sem pensar, Mat apanhou-a no ar. Thom lhe ensinara a fazer malabares e dissera que ele tinha as mãos mais rápidas que já havia visto. Trocando a faca de mão para poder segurá-la de maneira adequada, com a ponta virada para cima, Mat se deu conta da lâmina reluzente, e sentiu um aperto no peito. Nada de sangue. Deveria haver pelo menos alguma mancha vermelha, mas o aço cintilava, brilhante e límpido. Talvez nem três facadas fossem conter aquele... aquela criatura.

Mat arriscou uma olhada por cima do ombro. Os outros homens estavam saindo pela porta que forçaram para abrir, a porta para a qual aquelas pegadas o haviam levado na véspera, mas parecia haver só lixo nos braços de cada um deles, pequenos baús meio apodrecidos, uma barrica cheia de objetos enrolados em panos que se projetavam pelas ripas ausentes, e até uma cadeira quebrada e um espelho rachado. Deviam ter recebido ordens para levar tudo. Sem prestar a menor atenção a Mat, seguiram apressados rumo à extremidade oposta do corredor e desapareceram ao virar em uma intercessão. Tinha de haver algum outro lance de escadas ali atrás. Talvez

conseguisse segui-los à distância. Talvez... Perto da porta de onde os homens haviam saído, Vanin fez outro esforço para se levantar e caiu para trás. Mat engoliu um palavrão. Carregar Vanin o atrasaria, mas se sua sorte desse as caras... Ela não salvara Elayne, mas talvez... Com o canto do olho, ele a viu se mexer, levando uma das mãos à cabeça.

O homem de casaco cinza também viu. Com um sorriso, ele se virou na direção dela.

Com um suspiro, Mat enfiou na bainha a faca inútil.

— Você não vai levá-la — disse ele bem alto. Promessas. Um puxão arrebentou a tira de couro em torno do seu pescoço, e a cabeça de raposa de prata balançou um pé abaixo do punho de Mat. Ela produziu um zumbido baixo quando ele a rodopiou. — Você não vai levá-la, maldito.

Ele deu um passo à frente, mantendo o medalhão girando. O primeiro passo foi o mais difícil, mas ele tinha uma promessa a cumprir.

O sorriso do sujeito desapareceu. Observando a cabeça de raposa com toda a cautela, ele foi recuando na ponta dos pés. A mesma luz que entrava pela única janela e cintilava na prata rodopiante criou um halo em torno dele. Se Mat era capaz de fazê-lo recuar tanto, talvez conseguisse testar se uma queda de seis andares faria o que uma faca não pôde fazer.

Com o rosto lívido, o sujeito foi recuando, às vezes estendendo o braço, como se fosse tentar desviar do medalhão e agarrá-lo. E, de repente, disparou para um lado e entrou em um dos aposentos. Esse tinha porta, que ele puxou e bateu após entrar. Mat escutou a barra de trava sendo encaixada.

Talvez devesse ter deixado por aquilo mesmo, mas, sem pensar, Mat levantou o pé e bateu com o calcanhar da bota bem no meio da porta. A poeira saltou da madeira áspera. Um segundo chute e os suportes

apodrecidos da barra de trava cederam, assim como uma dobradiça enferrujada. A porta tombou e ficou pendurada em um ângulo enviesado.

O aposento não estava completamente escuro. Uma luz fraca o iluminava a partir da janela no final do corredor, a apenas uma porta de distância, e um pedaço triangular de um espelho quebrado apoiado na parede oposta espalhava uma iluminação tênue. O espelho permitiu que visse tudo sem precisar entrar. Tirando aquele caco e um pedaço de uma cadeira, não havia mais nada para ver. As únicas aberturas eram a entrada e um buraco de rato ao lado do espelho, mas o homem de casaco cinza tinha sumido.

— Mat — chamou Elayne, a voz fraca.

Ele se apressou tanto para se afastar do aposento quanto para ir ao encontro dela. Havia uma gritaria vinda de algum lugar lá embaixo, mas Nynaeve e os demais teriam de se virar sozinhos por enquanto.

Elayne estava se sentando, movimentando a mandíbula e fazendo caretas, quando Mat se ajoelhou ao lado dela. Seu vestido estava coberto de poeira, o chapéu, todo torto, com algumas plumas quebradas, e parecia que a alguém a arrastara pelos cabelos dourado-avermelhados.

— Ele me bateu com tanta força — disse ela em um tom dolorido. — Acho que não quebrou nada, mas... — Os olhos de Elayne encontraram os dele, e se algum dia Mat pensara que ela o olhara como se não o conhecesse, teve certeza disso naquele momento. — Eu vi o que você fez, Mat. Com ele. Parecíamos galinhas trancadas com uma doninha. Canalizar não surtia efeito nele. Os fluxos derretiam, como derretem com o seu... — Ela deu uma olhadela para o medalhão que ainda pendia no punho dele e respirou fundo de um jeito que gerou consequências interessantes naquele decote oval. — Obrigada, Mat. Peço desculpas por tudo o que já fiz ou pensei. — Ela soou bastante sincera. — Eu continuo aumentando a minha

toh com a você, mas *não* vou deixar você me vencer. — Ela sorriu com pesar. — Vai ter que me deixar *lhe* salvar pelo menos uma vez, para equilibrar as coisas.

— Vou ver o que posso fazer — rebateu ele, seco, enfiando o medalhão em um dos bolsos do casaco. *Toh?* Vencê-la? Luz! Definitivamente, a mulher estava passando tempo demais com Aviendha.

Tão logo ele a ajudou a se colocar de pé, Elayne deu uma olhada para o corredor, para Vanin com seu rosto manchado de sangue e para as mulheres jazendo onde haviam caído, e fez uma careta.

— Ah, Luz! — Ela ofegou. — Ah, sangue e cinzas flamantes!

Apesar da situação, ele tomou um susto. Não foi só o fato de que jamais esperara ouvir aquelas palavras saírem da boca de Elayne. Elas soaram estranhas, como se ela as conhecesse, mas não soubesse seu significado. De alguma forma, fizeram com que ela parecesse mais jovem do que ela aparentava ser.

Ela se sacudiu para se soltar do braço de Mat, se desfez do chapéu simplesmente jogando-o para o lado, e partiu apressada para se ajoelhar ao lado da Sapiência mais próxima, Reanne, e segurar-lhe a cabeça com as duas mãos. A mulher estava inerte, o rosto para baixo e os braços esticados como se tivesse tropeçado durante uma corrida. Em direção ao aposento que todos tinham estado procurando, em direção ao seu agressor, não para fugir.

— Isto está além do meu poder — murmurou Elayne. — Onde está Nynaeve? Por que ela não subiu com você, Mat? Nynaeve! — gritou ela na direção da escada.

— Não precisa se esganiçar feito um gato — resmungou Nynaeve, surgindo na escadaria. No entanto, estava olhando para trás, para os degraus de baixo, por cima do ombro. — Trate de segurá-la direito, está me

ouvindo? — esganiçou-se Nynaeve feito um gato. Trazia nas mãos seu chapéu, e sacudia-o para a pessoa com quem estava gritando. — Se você também a deixar escapar, vou lhe dar tantas bofetadas nas orelhas que você só vai parar de ouvir sinos no ano que vem!

Ela então se virou, e seus olhos quase saltaram da cabeça.

— Que a Luz brilhe sobre nós — sussurrou ela, correndo para se debruçar sobre Janira.

Um toque e a ela se empertigou, fazendo uma careta de dor. Ele podia ter avisado que a mulher estava morta. Nynaeve parecia levar a morte para o lado pessoal. Estremecendo, ela partiu para a seguinte, Tamarla, e daquela vez pareceu haver algo que Nynaeve era capaz de Curar. Também pareceu que os ferimentos de Tamarla não eram simples, porque ela se ajoelhou por sobre a mulher e franziu o cenho.

— O que aconteceu aqui, Mat? — questionou Nynaeve, sem nem desviar o olhar para ele. Seu tom de voz o fez suspirar. Ele já deveria ter imaginado que ela ia decidir que a culpa era dele. — E então, Mat? O que aconteceu? Você vai desembuchar, homem, ou eu vou ter que...

Mat jamais chegou a ficar sabendo qual ameaça ela pretendia lhe fazer.

Claro que Lan seguira Nynaeve escadaria acima, com Sumeko logo em seus calcanhares. A Sapiência robusta deu uma olhada no corredor e imediatamente recolheu as saias e correu até Reanne. Ela até lançou um olhar preocupado na direção de Elayne antes de se ajoelhar e começar a mover as mãos por sobre Reanne de um jeito estranho. Foi isso que surpreendeu Nynaeve.

— O que você está fazendo? — perguntou ela, bruscamente. Sem interromper o que fazia com Tamarla, ela só dedicou rápidas olhadelas para a mulher de rosto redondo, mas tão penetrantes quanto a sua voz. — Onde você aprendeu isso?

Sumeko tomou um susto, mas suas mãos não pararam.

— Me perdoe, Aes Sedai — disse ela com uma afobação desarticulada e ofegante. — Eu sei que não deveria... Ela vai morrer se eu não... Eu sei que não deveria continuar tentando... Eu só queria aprender, Aes Sedai. Por favor.

— Não, não, continue — retrucou Nynaeve, distraída. A maior parte da sua atenção estava voltada para a mulher em suas mãos, mas não toda. — Você parece saber algumas coisinhas que até eu... Quer dizer, você tem um manuseio muito interessante dos fluxos. Suspeito que você vai encontrar uma porção de irmãs que vão querer aprender com você. — Mais baixo, Nynaeve acrescentou: — Quem sabe agora elas me deixem em paz.

Não havia como Sumeko ter ouvido aquela última frase, mas a parte que ouviu fez seu queixo cair até os seios fartos. As mãos, porém, mal hesitaram.

— Elayne — prosseguiu Nynaeve —, você pode procurar a Tigela, por favor? Suspeito que a porta seja aquela.

Ela fez um meneio para a porta correta, aberta como meia dúzia de outras. Aquilo deixou Mat confuso, até ver dois minúsculos pacotes enrolados com panos repousando em frente à porta, onde os saqueadores deviam tê-los deixado cair.

— Posso — murmurou Elayne. — Pelo menos isso eu posso fazer, sim.

Ela fez menção de estender a mão para Vanin, ainda de joelhos, depois a baixou com um suspiro, para então passar pela porta a passos largos, o que quase de imediato resultou em uma nuvem de poeira e sons de tosse.

A Sapiência rechonchuda não tinha sido a única a seguir Nynaeve e Lan. Ieine espreitava da escadaria, forçando a Amiga das Trevas taraboniana que ia à sua frente por meio de um braço torcido às costas e um punho agarrando-lhe a nuca. Ieine tinha o queixo retesado, a boca, comprimida.

Seu rosto era metade uma certeza apavorada de que seria esfolada viva por maltratar uma Aes Sedai, metade determinação de seguir em frente de qualquer forma. Nynaeve às vezes tinha aquele efeito nas pessoas. A irmã Negra estava com os olhos esbugalhados de terror, vergando de tal forma que, não fosse a pegada firme de Ieine, com certeza teria caído. Decerto estava blindada, e decerto preferia ser esfolada viva do que suportar qualquer outra coisa que fosse lhe acontecer. Lágrimas começaram a escorrer dos seus olhos, e sua boca se curvou em soluços silenciosos.

Depois delas veio Beslan, que deixou escapar um suspiro triste ao ver Nalesean e outro mais triste ainda pelas mulheres, e em seguida Harnan e três dos Braços Vermelhos: Fergin, Gorderan e Metwyn. Três que haviam ficado na frente do edifício. Harnan e dois dos outros tinham talhos ensanguentados nos casacos, mas Nynaeve devia tê-los Curado lá embaixo, pois não andavam como se ainda estivessem feridos. No entanto, pareciam bastante temerosos.

— O que aconteceu lá nos fundos? — indagou Mat, baixo.

— Que a Luz me queime, não faço ideia — retrucou Harnan. — Demos de cara com um grupo de brutamontes com facas no escuro. Tinha um que se movia feito uma cobra... — Ele deu de ombros, tocando distraidamente o buraco sujo de sangue do casaco. — Um deles me enfiou uma faca, e minha lembrança seguinte é abrir os olhos e ver Nynaeve Sedai curvada sobre mim e Mendair e os outros mortos feito caça de ontem.

Mat aquiesceu. Um que se movia feito uma cobra. E que fugia de aposentos feito uma cobra. Ele correu os olhos pelo corredor. Reanne e Tamarla estavam de pé — endireitando os vestidos, claro — e Vanin espiava o aposento de onde Elayne aparentemente estava experimentando palavrões novos, sem muito mais sucesso do que antes. Por conta da tosse, era difícil dizer. Nynaeve ficou de pé e ajudou Sibella, uma loura magricela,

a se levantar também, enquanto Sumeko continuava trabalhando em Famelle, com seu cabelo cor de mel e seus grandes olhos castanhos. Mas Mat jamais voltaria a admirar o busto de Melore. Reanne estava ajoelhada, endireitando as pernas da mulher e fechando-lhe os olhos, enquanto Tamarla fazia o mesmo procedimento em Janira. Duas Sapiências mortas, e seis dos Braços Vermelhos. Mortos por um... homem... em quem o Poder não tocava.

— Encontrei! — gritou Elayne, animada. Ela apareceu no corredor segurando uma trouxa larga e redonda de panos apodrecidos que não deixou Vanin lhe tirar das mãos. Coberta de pó da cabeça aos pés, parecia que tinha se deitado e rolado na poeira. — Agora nós temos a Tigela dos Ventos, Nynaeve!

— Sendo assim, vamos embora agora mesmo deste maldito lugar — anunciou Mat.

Ninguém contestou. Ah, Nynaeve e Elayne insistiram para que todos os homens usassem seus casacos como sacos para carregar as coisas que pegaram dos aposentos, chegando a encher de cargas até as Sapiências e a si mesmas, e Reanne ainda precisou descer para recrutar homens para carregar os mortos até o embarcadouro, mas ninguém contestou. Mat duvidava que o Rahad já tivesse presenciado uma procissão mais estranha seguindo caminho até o rio, ou uma que andasse mais rápido.



CAPÍTULO 39



PROMESSAS A CUMPRIR

— Nós vamos embora deste maldito lugar agora mesmo — repetiu Mat mais tarde, e dessa vez foi contestado.

Estavam discutindo havia meia hora, ou quase. Lá fora, o sol já passava do seu ponto máximo do meio-dia. Os ventos alísios amainavam um pouco o calor, e as rígidas cortinas amarelas sobre as enormes janelas se estufavam e batiam com as lufadas. Três horas depois de voltar ao Palácio Tarasin, com os dados ainda rolando em sua cabeça, Mat queria chutar alguma coisa. Ou alguém. Ele deu um puxão no cachecol amarrado em torno do pescoço; parecia que a corda que lhe impingira aquela cicatriz sob o cachecol estava de volta, se apertando pouco a pouco.

— Pelo amor da Luz, vocês estão todas cegas? Ou só surdas?

O aposento que Tylin oferecera era grande, com paredes verdes e teto azul alto, e a única mobília eram cadeiras douradas e mesinhas decoradas com conchas de pérolas, mas ainda assim estava cheio. Ou ao menos parecia cheio. A própria Tylin estava sentada diante de uma das três lareiras de mármore com as pernas cruzadas, observando-o com aqueles olhos escuros de águia e um sorriso discreto, chutando relaxadamente as camadas azuis e amarelas das anáguas e brincando com o punho cravejado de joias da faca curva. Mat suspeitava que Elayne ou Nynaeve tinham conversado com ela. As duas também estavam presentes, sentadas cada qual de um lado

da rainha, e, de alguma forma, de banho tomado e usando vestidos limpos, embora só tivessem passado uns poucos minutos longe dos olhos dele desde que retornaram ao palácio. Com suas sedas brilhosas, quase faziam frente à dignidade majestosa de Tylin. Mat não sabia quem elas queriam impressionar, com tantas rendas e bordados elaborados. Pareciam prontas para um baile real, não uma viagem. Ele próprio ainda estava emporcalhado, o casaco verde empoeirado todo aberto e a cabeça de raposa de prata embolada na gola da camisa parcialmente desabotoada. Amarrar o cordão de couro o encurtara, mas ele queria o medalhão encostando em sua pele. Estava cercado de mulheres que sabiam canalizar, afinal.

Era verdade que aquelas três por si só já eram capazes de lotar o aposento. Na opinião de Mat, Tylin sozinha o teria enchido. Se Nynaeve ou Elayne *tivessem* conversado com ela, seria ótimo que ele estivesse de partida. As três sozinhas teriam enchido o cômodo, mas...

— Isso é um absurdo — anunciou Merilille. — Eu nunca ouvi falar de nenhuma Cria das Sombras chamada *gholam*. Alguma de vocês já?

A pergunta foi dirigida a Adeleas e Vandene, Sareitha e Careane. De frente para Tylin, a serenidade do olhar das cinco Aes Sedai parecia transformar suas cadeiras de encosto alto em tronos. Mat não entendia por que Nynaeve e Elayne estavam sentadas feito pedras, também tranquilamente serenas, mas absolutamente mudas. Elas sabiam, entendiam, e, por algum motivo, Merilille e aquelas outras tinham besuntado a língua das duas com mansidão. Mat Cauthon, por outro lado, era um caipira teimoso que precisa levar uns chutes, e Merilille e todas as demais estavam prontas para usar seus pés.

— Eu vi o troço — explodiu ele. — Elayne viu o troço, Reanne e as Sapiências viram. Perguntem para qualquer uma delas!

Reunidas em um canto do aposento, Reanne e as cinco Sapiências sobreviventes se encolheram feito galinhas acuadas, com medo de serem questionadas. Todas menos Sumeko, na verdade; com os polegares enfiados por detrás do comprido cinto vermelho, a mulher roliça encarava as Aes Sedai de cenho franzido, depois balançava a cabeça, depois franzia o cenho, e então tornava a balançar a cabeça. Durante a viagem de volta, Nynaeve tivera uma conversa demorada com ela na privacidade da cabine do barco, e Mat achou que aquilo tinha alguma coisa a ver com sua novíssima atitude. Ele ouvira mais de uma menção às Aes Sedai, mas não que estivesse tentando espiar. As demais pareciam estar se perguntando se deveriam se oferecer para ir buscar chá. Só Sumeko parecera considerar a oferta de uma cadeira. Sibella, agitando seus braços ossudos em choque, quase desmaiara.

— Ninguém nega a palavra de Elayne Aes Sedai, Mestre Cauthon — afirmou Renaile din Calon Estrela Azul com uma voz grave e fria.

Mesmo que a elegante mulher trajando sedas combinando com os ladrilhos vermelhos e amarelos não tivesse sido apresentada a Mat anteriormente, as antigas memórias enredadas às dele a teriam identificado como a Chamadora de Ventos da Senhora dos Navios por conta das dez pesadas argolas de ouro nos lóbulos das orelhas, as de cada orelha conectadas por uma corrente de ouro e parcialmente escondidas por finas mechas brancas feito asas em seu cabelo preto liso. Os medalhões amontoados ao longo da correntinha mais fina que ia até o nariz da mulher diriam a ele de que clã ela fazia parte, entre outras coisas. Assim como as tatuagens em suas mãos escuras e delgadas.

— O que questionamos é o perigo — continuou ela. — Não gostamos de sair da água sem um bom motivo.

Cerca de vinte mulheres do Povo do Mar estavam reunidas atrás da cadeira dela, em sua maior parte uma confusão de sedas coloridas, brincos e

medalhões em correntes. A primeira esquisitice que Mat notara a respeito delas foi a atitude em relação às Aes Sedai. Elas eram perfeitamente respeitadas, pelo menos na aparência, mas ele nunca tinha visto ninguém olhar para as Aes Sedai com um ar *arrogante*. A segunda estranheza vinha das memórias daqueles outros homens; Mat não ficou sabendo de muita coisa sobre o Povo do Mar através delas, mas soube o suficiente. Todos os Atha'an Miere, homem ou mulher, começavam como os oficiais de convés mais baixos, independentemente de estarem destinados a algum dia se tornar o Mestre das Lâminas ou a própria Senhora dos Navios, e, a cada etapa do processo, o Povo do Mar era tão afeito a hierarquia que faria qualquer rei ou Aes Sedai parecer relapso. As mulheres atrás de Renaile eram um grupo peculiar sob qualquer aspecto — tinha Chamadoras de Vento de Mestras das Ondas ombro a ombro com Chamadoras de Ventos de planadores, de acordo com seus medalhões —, mas duas trajavam blusas coloridas de lã simples por sobre as calças escuras untuosas de oficial de convés, cada qual com uma única argola fina na orelha esquerda. Uma segunda e terceira argolas na orelha direita indicavam que elas estavam sendo treinadas como Chamadoras de Ventos, mas, com outras duas argolas mais por ganhar, sem falar na argola do nariz, as duas ainda passariam um bom tempo sendo chamadas para içar velas sempre que o oficial de convés precisasse, e vendo esse oficial lhes dar umas boas palmadas no traseiro se não obedecessem rápido o bastante. Segundo as memórias de Mat, aquelas duas não deveriam estar naquele grupo. Normalmente, a Chamadora de Ventos da Senhora dos Navios nem dirigiria a palavra a qualquer uma delas.

— Foi o mesmo que eu disse, Renaile — disse Merilille, em um tom gélido e condescendente. Certamente se dera conta daqueles olhares arrogantes. Seu tom de voz não mudou quando ela voltou a atenção a ele.

— Não fique petulante, Mestre Cauthon. Estamos dispostas a ouvir a voz da razão. Se você tiver razão.

Mat tentou juntar paciência; só esperava conseguir juntar o suficiente. Talvez se usasse as duas mãos e os dois pés.

— Os *gholam* foram criados na Guerra do Poder, durante a Era das Lendas — começou ele, contando a história do início. Quase desde o início do que Birgitte lhe contara. Ele se virou, encarando cada grupo de mulheres enquanto falava. Que a Luz o queimasse caso permitisse que algum daqueles grupos se achasse mais importante. Ou que ele estivesse implorando a elas. Especialmente porque estava. — Eles foram criados para assassinar Aes Sedai. Por nenhum outro motivo. Para matar pessoas capazes de canalizar. O Poder Único será de nenhuma ajuda, o Poder Único não consegue afetar um *gholam*. Na realidade, eles conseguem pressentir a capacidade de canalizar caso estejam a, digamos, cinquenta passadas de vocês. Também são capazes de sentir quando vocês abraçam o Poder. Só se toma conhecimento de um *gholam* quando já é tarde demais. Eles parecem pessoas comuns. Por fora. Por dentro... *Gholam* não têm ossos; eles conseguem se espremer por debaixo de uma porta. E são fortes o bastante para arrancar uma porta das dobradiças usando só uma das mãos.

Ou estraçalhar uma garganta. Luz, ele devia ter deixado Nalesean ficar na cama.

Mat suprimiu um calafrio e seguiu em frente. As mulheres, todas elas, o observavam, parecendo nem piscar. Ele não ia deixá-las vê-lo tremer.

— Apenas seis *gholam* foram criados, três homens e três mulheres; pelo menos parecem homens e mulheres. Até os Abandonados ficavam meio nervosos perto deles, ao que parece. Ou talvez só tenham decidido que seis bastavam. De um jeito ou de outro, sabemos que um está em Ebou Dar, provavelmente sobrevivendo dentro de uma caixa de estase desde a

Ruptura. Não sabemos se algum outro foi colocado dentro dessa caixa de estase, mas um é mais do que suficiente. A pessoa que o enviou, e só pode ter sido um dos Abandonados, sabia que devia nos seguir até o outro lado do rio. O *gholam* deve ter sido enviado para apanhar a Tigela dos Ventos, e, pelo que ele me falou, para matar Nynaeve ou Elayne, talvez as duas.

Ele lançou uma olhadela rápida, simpática e tranquilizadora para as duas. Ninguém podia ficar tranquilo sabendo que estava sendo perseguido por aquela coisa. Em contrapartida, recebeu de Elayne um franzir de cenho intrigado, nada mais que um discretíssimo enrugamento de testa, e, de Nynaeve, um ligeiro aceno de mão, um aceno impaciente, para que prosseguisse.

— Continuando — disse ele, disparando um olhar irritado para as duas. Era muito difícil não suspirar quando se lidava com mulheres. — A pessoa que enviou o *gholam* deve saber que a Tigela agora está aqui no Palácio Tarasin. Se ele, ou ela, mandar o *gholam* para cá, algumas de vocês vão morrer. Talvez muitas. Eu não tenho como proteger todas ao mesmo tempo. Talvez ele também pegue a Tigela. E isso sem falar de Falion Bhoda; a chance de que ela esteja sozinha é pequena, mesmo com Ispan como prisioneira, o que significa que também temos que nos preocupar com a Ajah Negra. Só para o caso de os Abandonados e o *gholam* não serem o bastante para vocês.

À menção da Ajah Negra, Reanne e as Sapiências se empertigaram de maneira ainda mais indignada do que Merilille e suas amigas, e as Aes Sedai, enrijecendo-se e segurando as saias, pareceram prontas para ir embora em um acesso de raiva. Continuar. Era a única coisa que ele podia fazer.

— Então. Agora entendem por que todas vocês precisam sair do palácio e levar a Tigela para algum lugar que o *gholam* não conheça? Algum lugar

que a Ajah Negra não conheça? Estão entendendo por que isso tem que ser feito já?

A bufada de Renaile teria assustado gansos no aposento ao lado.

— Você só faz se repetir, Mestre Cauthon. Merilille Sedai diz que nunca ouviu falar nesse tal *gholam*. Elayne Sedai afirma que havia um homem estranho, uma criatura, mas pouco mais que isso. O que é essa... caixa *de estase*? Você não explicou. Como você sabe o que diz saber? Por que deveríamos nos afastar ainda mais da água só por causa das palavras de um homem que cria fábulas do nada?

Mat olhou para Nynaeve e Elayne, ainda que com poucas esperanças. Se elas abrissem a boca, poderiam ter encerrado aquela conversa havia muito tempo, mas as duas só devolveram o olhar, praticando as máscaras inexpressivas de Aes Sedai até que suas mandíbulas estivessem rangendo. Ele não conseguia entender o silêncio delas. As duas haviam fornecido apenas um relato superficial dos acontecimentos no Rahad, e Mat podia apostar que elas não teriam feito qualquer menção à Ajah Negra se houvesse algum outro jeito de explicar como elas apareceram no palácio com uma Aes Sedai amarrada e blindada. Ispan estava sendo mantida em outra ala do palácio, e só umas poucas pessoas sabiam da sua presença. Nynaeve a forçara a tomar um preparado, uma mistura fedorenta de ervas que, ao descer-lhe pela garganta, a fez ficar com os olhos arregalados, e em pouco tempo a deixou trôpega e risonha, e o restante do Círculo do Tricô lhe ocupava o aposento no papel de guarda. Uma guarda relutante, mas muito aplicadas. Nynaeve deixara extremamente claro que, se elas permitissem que Ispan fugisse, era melhor começarem a correr antes que ela tornasse a pôr as mãos nelas.

Mat tomou todo o cuidado para não olhar para Birgitte, parada ao lado da porta, junto de Aviendha. A Aiel usava um vestido eboudariano; não a lâ

simples com que voltara, mas um vestido de cavalgada de seda cinza-prateada que destoava da bainha comum e do punho feito de chifre da sua faca de cinto. Birgitte fora rápida em se livrar do próprio vestido em prol do casaco curto e das calças largas habituais azul-marinho e verde-escuras. Uma aljava já lhe pendia à cintura. Ela era a fonte de tudo o que Mat sabia sobre os *gholam* — e as caixas de estase —, exceto pelo que seus olhos tinham visto no Rahad. E ele não revelaria isso nem sob tortura.

— Uma vez eu li um livro que dizia... — começou ele, no que Renaile o cortou.

— Um livro. — Ela sorriu com desdém. — Não dou nada por um livro que as Aes Sedai desconhecem.

De repente, ocorreu a Mat que ele era o único homem ali presente. Sob o comando de Nynaeve, Lan se retirara, e com tanta docilidade quanto Beslan obedecera à mãe. Thom e Juilin estavam arrumando as coisas para ir embora. Àquela altura, já deviam ter terminado. O que talvez nem adiantasse de nada. O único homem, cercado por uma muralha de mulheres que, aparentemente, tinham a intenção de fazer com que ele desse com a cabeça na parede até seus miolos estarem todos embaralhados. Não fazia sentido. Nenhum. Elas o observavam, esperando.

Nynaeve, usando um vestido azul com acabamento em rendas e detalhes em amarelo, puxara a trança por cima do ombro para que ela pendesse entre os seios, mas aquele pesado anel de ouro — o anel de Lan, Mat ficara sabendo — estava cuidadosamente posicionado bem à mostra. Seu rosto estava sereno e as mãos repousavam no colo, ainda que, vez ou outra, ela contraísse os dedos. Elayne, com uma seda verde eboudariana que fazia Nynaeve parecer toda coberta, apesar do decote de renda transparente sob o queixo, o encarava com olhos iguais a poças de água fria de um azul profundo. Suas mãos também estavam no colo, mas, de vez em quando, ela

corria os dedos pelos bordados de fios de ouro que lhe cobriam as saias e então parava imediatamente. Por que elas não falavam nada? Estariam tentando dar o troco nele? Seria só um caso de “Mat quer tanto estar no comando, então vamos deixá-lo ver aonde chega sem nós”? Em qualquer outro momento, ele poderia ter acreditado naquilo partindo de Nynaeve, mas não de Elayne, não mais. Então por quê?

Reanne e as Sapiências não se esquivavam dele como se afastavam das Aes Sedai, mas a postura das mulheres em relação a Mat havia mudado. Tamarla lhe concedeu um aceno de cabeça bastante respeitoso. Fabelle, com seu cabelo cor de mel, chegou a abrir um sorriso amistoso. Estranhamente, Reanne enrubesceu, apenas de leve. Mas elas não contavam realmente como oposição. As seis mulheres mal tinham aberto a boca desde que adentraram aquele aposento. Todas pulariam em prontidão se Nynaeve ou Elayne estalassem os dedos, e continuariam pulando até que lhes mandassem parar.

Mat se virou para o resto das Aes Sedai. Rostos de uma calma infinita, de uma paciência infinita. Exceto... Os olhos de Merilille passaram por ele em um lampejo e se dirigiram por um instante a Nynaeve e Elayne. Mat viu Sareitha começar a alisar devagar as saias, aparentemente sem se dar conta do gesto. Uma suspeita obscura brotou na mente de Mat. Mãos alisando saias. O enrubescer de Reanne. A aljava a postos de Birgitte. Uma suspeita sombria. Ele não sabia exatamente do quê. Apenas que andara conduzindo aquilo da maneira errada. Ele lançou um olhar severo para Nynaeve, e outro mais severo ainda para Elayne. Nem manteiga teria derretido em suas malditas línguas congeladas.

Mat caminhou devagar até o Povo do Mar. Apenas caminhou, mas escutou alguém do grupo de Merilille fungar, e Sareitha resmungou:

— Que insolência!

Bem, ele estava prestes a mostrar a elas o que era insolência. Se Nynaeve e Elayne não gostassem, deveriam ter contado tudo para ele em confiança. Luz, ele odiava ser usado. Especialmente quando não sabia como, ou por quê.

Mat parou na frente da cadeira de Renaile e, antes de baixar o olhar na direção dela, examinou os rostos escuros das Atha'an Miere logo atrás. Renaile franziu o cenho e acariciou uma adaga encrustada com pedras-da-lua que trazia enfiada por detrás da faixa. Era uma mulher com mais presença do que beleza, em algum ponto da meia idade, e, em outras circunstâncias, ele poderia ter gostado de olhar nos olhos dela. Eram grandes poças negras para as quais um homem podia passar a noite inteira olhando. Em outras circunstâncias. De alguma forma, o Povo do Mar era como a mosca no jarro de creme, e Mat não tinha a menor ideia de como expulsá-la. Ele deu um jeito de manter sua irritação sob controle. Por pouco. O que fazer, maldição?

— Todas vocês são capazes de canalizar, pelo que eu sei — disse ele com calma. — Mas isso não significa muita coisa para mim. — Era melhor ser direto desde o início. — Vocês podem perguntar para Adeleas ou Vandene quanto eu me importo com uma mulher ser capaz ou não de canalizar.

Renaile olhou por cima dele na direção de Tylin, mas não foi com a rainha que falou:

— Nynaeve Sedai — chamou ela, seca —, quando você barganhou comigo, acredito que não houve nenhuma menção a precisar dar ouvidos a este jovem catador de estopa. Eu...

— Eu não dou a mínima para as suas malditas barganhas com ninguém, sua filha das areias — explodiu Mat. Então sua irritação não estava tão sob controle assim. Todo homem tinha seus limites.

Ouviram-se arfadas entre as mulheres atrás dela. Pouco mais de mil anos atrás, uma mulher do Povo do Mar chamara um soldado shiotano de filho das areias momentos antes de tentar enfiar-lhe uma lâmina nas costelas; essa lembrança agora estava guardada na mente de Mat Cauthon. Não se tratava do pior insulto entre os Atha'an Miere, mas chegava perto. O rosto de Renaile se inflou de sangue; sibilando e com os olhos saltados de fúria, ela se pôs de pé de um salto, aquela adaga cravejada de pedras-da-lua reluzindo em seu punho.

Mat a arrancou da mão da mulher antes que a lâmina pudesse lhe atingir o peito e empurrou Renaile de volta para a cadeira. Ele realmente tinha mãos ligeiras. E também ainda conseguia controlar seu gênio, independentemente de quantas mulheres achassem que podiam fazê-lo dançar feito uma marionete, ele...

— Escute aqui, sua pedra de porão... — Tudo bem. Talvez não conseguisse controlar nada. — Nynaeve e Elayne precisam de você; se não fosse por isso, eu a largaria aqui para o *gholam* quebrar os seus ossos e a Ajah Negra recolher o que sobrasse. Bem, até onde lhe cabe, eu sou o Mestre das Lâminas, e minhas lâminas estão expostas.

O que exatamente Mat quis dizer, nem ele tinha ideia, a não ser por já ter escutado que “quando as lâminas estão expostas, até a Senhora dos Navios se curva para o Mestre das Lâminas”.

— A barganha entre nós dois é a seguinte: você vai para onde Nynaeve e Elayne quiserem e, em troca, eu não amarro todas vocês nas ancas dos cavalos como se fossem albardas e as arrasto até lá!

Aquilo não era maneira de falar, não com a Chamadora de Ventos da Senhora dos Navios. Nem com um servente de convés de um flechador estropiado, na verdade. Renaile estremeceu com o esforço que fez para não

partir para cima de mãos vazias mesmo, isso sem falar na sua adaga na mão dele.

— Está combinado, sob a Luz! — rosnou a mulher.

Os olhos dela quase saltaram da cabeça. A boca se mexeu, confusão e incredulidade de repente se revezando em seu semblante. Daquela vez, os arquejos pareceram o vento ecoando por cortinas arrancadas.

— Está combinado — Mat tratou de logo responder, e, encostando os dedos nos próprios lábios, pressionou-os contra os dela.

Após um momento, ela fez o mesmo, os dedos tremendo junto à boca de Mat. Ele estendeu a adaga, e ela a observou, inerte, antes de tomá-la. A lâmina voltou para a sua bainha repleta de joias. Não era educado matar alguém com quem se tinha feito uma barganha. Não até os termos estarem especificados, pelo menos. Murmúrios brotaram entre as mulheres atrás da cadeira, ficando cada vez mais altos, no que Renaile se agitou para bater palmas uma vez. Aquilo silenciou tão rápido as Chamadoras de Ventos das Mestras das Ondas quanto as duas oficiais de convés em treinamento.

— Acho que acabei de fechar uma barganha com um *ta'veren* — disse ela com aquela voz grave e fria. A mulher podia ensinar para as Aes Sedai como se recompor depressa. — Mas um dia, Mestre Cauthon, se aprover à Luz, acho que você vai andar em uma corda para mim.

Mat não sabia o que aquilo significava, só que a mulher fez parecer desagradável. Ele fez a melhor reverência que pôde.

— Qualquer coisa é possível, se aprover à Luz — murmurou. Cortesia retribuída, afinal. Mas o sorriso da mulher continuava com um perturbador ar esperançoso.

Quando Mat se virou para as demais pessoas no aposento, recebeu olhares que faziam parecer que ele tinha chifres e asas.

— Algo mais a discutir? — perguntou ele em um tom irônico, e não esperou por respostas. — Achei mesmo que não. Neste caso, sugiro que vocês escolham algum lugar bem longe daqui, e podemos dar o fora assim que empacotarem suas coisas.

As mulheres fingiram discutir. Elayne mencionou Caemlyn, parecendo falar sério, e Careane sugeriu várias aldeias remotas nas Colinas Negras, todas facilmente acessíveis por um portão. Vandene citou Arafel e Aviendha sugeriu Rhuidean, no Deserto Aiel, com as mulheres do Povo do Mar mostrando-se cada vez mais desalentadas quanto mais longe do mar era o local sugerido. Não passava de uma farsa. Para Mat, pelo menos, isso ficou claro pelo modo como Nynaeve dedilhava com impaciência a sua trança, apesar das sugestões brotarem rápido e com alvoroço.

— Se me permitem a palavra, Aes Sedai? — solicitou Reanne, por fim, cheia de timidez. Chegou até a levantar a mão. — A Confraria mantém uma fazenda no outro lado do rio, algumas milhas ao norte. Todos sabem que se trata de um retiro para mulheres em busca de contemplação e quietude, mas ninguém a relaciona a nós. Os prédios são grandes e bem confortáveis, caso surja a necessidade de ficar por mais tempo, e...

— Isso — interrompeu Nynaeve. — Isso parece ser exatamente o que precisamos. O que acha, Elayne?

— Acho que parece maravilhoso, Nynaeve. Sei que Renaile vai gostar de ficar perto do mar.

As outras cinco irmãs quase se atropelaram para dizer como a ideia parecia agradável, como era melhor do que qualquer outra sugestão.

Mat revirou os olhos para os céus. Tylin fingia perfeitamente não ver o que estava bem debaixo do seu nariz, mas Renaile mordeu a isca feito uma truta abocanhando um inseto. O que era a intenção, claro. Por algum motivo, ela não deveria descobrir que Nynaeve e Elayne já haviam feito

todos os arranjos de antemão. Ela conduziu as outras mulheres do Povo do Mar para reunirem quaisquer pertences que tivessem trazido antes que Nynaeve e Elayne pudessem mudar de ideia.

As duas teriam acompanhado Merilille e as outras Aes Sedai, mas Mat chamou-as com o dedo indicador. Elas se entreolharam — ele precisaria falar por uma hora para dizer tanto quanto aquele olhar transmitiu —, e então, para certa surpresa de Mat, foram até ele. Aviendha e Birgitte observavam da porta, Tylin, da sua cadeira.

— Eu lamento muito por tê-lo usado — disse Elayne, antes que ele pudesse falar qualquer coisa. O sorriso que ela abriu mostrou a Mat um lampejo daquelas covinhas. — Tivemos os nossos motivos, Mat. Você precisa acreditar.

— E acredite que você não precisa saber deles — acrescentou Nynaeve com firmeza, jogando a trança para trás por cima do ombro com um movimento treinado de cabeça que fez o anel de ouro quicar em seu colo. *Lan só podia* ser maluco. — Eu admito que nunca esperei que você fizesse o que fez. Como foi que você decidiu tentar *intimidá-las*? Podia ter estragado tudo.

— O que seria da vida se não arriscássemos de vez em quando? — respondeu ele em tom despreocupado. Melhor para ele que elas achassem que tinha sido planejado, em vez de um rompante. Mas as duas tinham voltado a usá-lo sem aviso, e Mat queria dar o troco por conta disso. — Na próxima vez em que vocês tiverem que barganhar algo com o Povo do Mar, deixem que eu barganhe para vocês. Desse jeito, talvez não dê tão errado quanto dessa última vez.

Pontos de cor brotaram nas bochechas de Nynaeve, sinalizando a Mat que ele tinha acertado na mosca. Nada mau para um tiro com os olhos vendados.

Elayne, no entanto, apenas murmurou:

— Um súdito muito *observador*.

Seu tom foi de divertimento pesaroso. Estar nas boas graças dela poderia acabar se mostrando menos confortável do que estar entre seus desafetos.

As duas partiram em direção à porta sem deixá-lo dizer mais nada. Bem, Mat não acreditara de fato que elas explicariam alguma coisa. Ambas eram Aes Sedai até o osso. Um homem aprendia a conviver com o que era preciso.

Ele praticamente se esquecera de Tylin, mas ela não se esquecera dele. A mulher o alcançou antes que Mat desse dois passos. Nynaeve e Elayne pararam na porta com Aviendha e Birgitte e ficaram observando. Assim, viram quando Tylin beliscou o traseiro dele. Com certas coisas ninguém aprendia a conviver. Elayne fez uma expressão de pena, Nynaeve, de desaprovação fulminante. Aviendha lutou para não gargalhar, sem muito sucesso, enquanto Birgitte não escondeu seu sorriso. *Todas* elas sabiam, maldição.

— Nynaeve acha que você é um garotinho que precisa de proteção — sussurrou Tylin. — Eu sei que você é um homem feito.

Seu risinho rouco fez daquele o comentário mais safado que ele já tinha ouvido. As quatro mulheres junto à porta viram o rosto de Mat ficar igual a uma beterraba.

— Vou sentir saudades, pombinho. O que você fez com Renaile foi magnífico. Eu admiro muito homens fortes.

— Também vou sentir saudades — murmurou Mat. Para a sua surpresa, era a pura verdade. Ele estava indo embora de Ebou Dar bem a tempo. — Mas, se nos encontrarmos de novo, quem toma a iniciativa sou eu.

Ela deu uma risadinha e aqueles olhos escuros de águia quase reluziram.

— Eu admiro homens fortes, patinho, mas não quando eles tentam usar suas forças comigo. — Ela o segurou pelas orelhas e o puxou para um beijo.

Mat não chegou a ver Nynaeve e as outras irem embora, e saiu da sala com as pernas bambas, enfiando a camisa de volta na calça. Precisava voltar para pegar sua lança lá no canto, o chapéu também. A mulher não tinha nenhuma vergonha. Nem uma nesga.

Ele encontrou Thom e Juilin saindo dos aposentos de Tylin, acompanhados por Nerim e Lopin, o homem corpulento de Nalesean, cada qual carregando um baú de vime que servia de albarda. Entupidos dos pertences dele, Mat percebeu. Juilin estava com seu arco desencordado e tinha a aljava a tiracolo em um dos ombros. Bem, Tylin avisara que ia fazer a mudança dele.

— Encontrei isto no seu travesseiro — disse Thom, jogando o anel que Mat comprara no que já parecia um ano atrás. — Um presente de despedida, ao que parece. Havia nós-de-amantes e outras flores espalhadas pelos *dois* travesseiros.

Mat tratou de enfiar o anel no dedo.

— É meu, que a Luz o queime. Eu mesmo paguei por ele.

O velho menestrel alisou o bigode e tossiu em um esforço vão de conter um sorriso largo. Juilin tirou aquele chapéu taraboniano ridículo e se distraiu analisando o seu interior.

— Sangue e cinzas flamantes...! — Mat respirou fundo. — Espero que vocês dois tenham separado um tempo para os próprios pertences — disse ele em um tom calmo —, porque assim que eu puser as mãos em Olver, nós vamos embora, mesmo que tenhamos que deixar para trás uma harpa embolorada ou um quebra-espada enferrujado.

Juilin esfregou o canto do olho com um dedo, fosse qual fosse o significado daquilo, mas Thom franziu o cenho. Insultar a flauta ou a harpa dele era como insultá-lo em pessoa.

— Milorde — chamou Lopin, pesaroso.

Era um homem escuro, mais redondo que Sumeko e ficando calvo, e seu casaco plebeu de estilo taireno, apertado à cintura e largo na calda, como o de Juilin, estava de fato bem justo. Em geral, ele era quase tão solene quanto Nerim, mas estava com os olhos avermelhados, como se tivesse chorado.

— Milorde, existe alguma chance de que eu possa ficar para ver lorde Nalesean ser enterrado? Ele foi um bom mestre.

Mat detestava dizer não.

— Qualquer um que fique para trás pode acabar ficando por um bom tempo, Lopin — explicou ele com toda a gentileza. — Escute, eu vou precisar de alguém para ajudar a tomar conta de Olver. Nerim já está ocupado demais comigo. Aliás, Nerim vai voltar para Talmanes, sabe? Se você quiser, eu mesmo o contrato.

Mat se acostumara a ter um criado, e aqueles eram dias complicados para um homem em busca de trabalho.

— Eu gostaria muito, milorde — respondeu o sujeito com um ar lúgubre. — O jovem Olver me lembra muito o filho da minha irmã caçula.

Só que, quando eles entraram nos antigos aposentos de Mat, lady Riselle estava lá, vestida de maneira bem mais decente do que na última vez em que ele a vira, e absolutamente sozinha.

— Por que eu deveria ter deixado o garoto preso aqui comigo? — questionou ela, aquele busto de fato maravilhoso arfando de emoção quando ela plantou as mãos nos quadris. O patinho da rainha aparentemente não devia se dirigir às serventes da rainha em um tom de voz irritadiço. —

Se você cortar demais as asas de um garoto, ele nunca vai se tornar um homem de verdade. Ele fez todas as devidas leituras em voz alta sentado no meu colo, e talvez tivesse passado o dia inteiro lendo, se eu deixasse, e cumpriu todas as atividades, então eu o deixei ir. Por que você está tão incomodado? Ele prometeu voltar ao pôr do sol, e parece levar suas promessas muito a sério.

Mat escorou a *ashandarei* no canto onde costumava ficar e mandou os outros homens largarem a carga e irem atrás Vanin e dos demais Braços Vermelhos. Em seguida, deixou para trás o busto espetacular de Riselle e correu até os aposentos que Nynaeve e as outras mulheres dividiam. Estavam todas lá, na sala de estar, assim como Lan, sua capa de Guardiã já lhe pendendo às costas e os alforjes nos ombros. Os alforjes dele e de Nynaeve, ao que parecia. Uma boa quantidade de trouxas de vestidos e baús bem grandinhos repousavam pelo chão. Mat se perguntou se elas fariam Lan carregar tudo aquilo também.

— Claro que você precisa ir encontrá-lo, Mat Cauthon — afirmou Nynaeve. — Acha que nós simplesmente abandonaríamos a criança? — Quem a escutasse teria achado que aquela era exatamente a intenção *dele*.

De repente, Mat foi inundado por ofertas de ajuda, e não só de Nynaeve e Elayne propondo protelar a partida à fazenda, como de Lan, Birgitte e Aviendha se dispondo a cooperar nas buscas. Lan tratou da questão com a frieza de uma pedra, soturno como sempre, já Birgitte e Aviendha...

— Eu ficaria de coração partido se acontecesse alguma coisa com aquele garoto — disse Birgitte, no que Aviendha acrescentou, com igual ternura:

— Eu sempre disse que você não cuidava direito dele.

Mat rangeu os dentes. Nas ruas da cidade, Olver poderia muito bem passar escondido por uns oito homens até a hora de voltar ao palácio, ao pôr do sol. Ele realmente cumpria suas promessas, mas era muito improvável

que abrisse mão de um único momento de liberdade desnecessariamente. Mais olhos significariam uma busca mais rápida, em especial se todas as Sapiências se juntassem a eles. Mat hesitou por três segundos. Tinha suas próprias promessas a cumprir, embora fosse inteligente o suficiente para não colocar nessas palavras.

— A Tigela é importante demais — disse ele. — Aquele *gholam* ainda está à solta, talvez Moghedien, e a Ajah Negra com certeza. — Os dados trovejavam em sua mente. Aviendha não gostaria de ser enquadrada com Nynaeve e Elayne, mas naquele momento Mat não se importava. Ele se dirigiu a Lan e Birgitte. — Mantenham-nas em segurança até eu conseguir alcançar vocês. Mantenham todas elas em segurança.

Surpreendentemente, Aviendha respondeu:

— Vamos manter. Eu prometo. — A Aiel correu os dedos pelo punho da faca. Parecia não ter entendido que era uma das que deviam ser mantidas em segurança.

Nynaeve e Elayne entenderam. O súbito olhar penetrante de Nynaeve tentou lhe abrir um buraco no crânio. Ele esperou que ela desse um puxão na trança, mas, estranhamente, sua mão apenas fez menção de subir ao cabelo, antes de baixar abruptamente ao lado do corpo. Elayne se contentou em empinar o queixo, aqueles olhos azuis glaciais. Nada de covinhas.

Lan e Birgitte também compreenderam.

— Nynaeve é a minha vida — respondeu Lan simplesmente, pousando a mão no ombro da mulher. O estranho foi que, de repente, ela aparentou estar tristíssima, e em seguida, também de repente, travou o maxilar como se estivesse se preparando para atravessar uma parede de pedra e abrir nela um buraco enorme.

Birgitte lançou um olhar afetuoso para Elayne, mas foi para Mat que falou:

— Eu vou manter. Palavra de honra.

Mat deu puxão no casaco, constrangido. Ainda não sabia bem quanto havia compartilhado com ela quando estava bêbado, mas, Luz, a mulher absorvia as coisas que nem areia seca. Ainda assim, ele lhe concedeu a devida resposta que um lorde barashandano concederia, aceitando seu compromisso:

— A honra do sangue, a palavra do sangue.

Birgitte aquiesceu, e, pelos olhares espantados que recebeu de Nynaeve e Elayne, a mulher ainda guardava bem os segredos dele. Luz, se uma Aes Sedai algum dia ficasse sabendo daquelas memórias, seria o mesmo de saberem que ele tinha tocado a Trombeta. Com ou sem cabeça de raposa, elas o forçariam até conseguirem arrancar dele até o último por que e o último como.

Quando Mat estava se virando para sair, Nynaeve lhe segurou pela manga.

— Lembre-se da tempestade, Mat. Ela vai desabar em pouco tempo. Eu sei que vai. Trate de se cuidar, Mat Cauthon. Está me ouvindo? Quando você voltar com Olver, pergunte a Tylin o caminho até a fazenda.

Ele anuiu e foi embora, os dados em sua cabeça feito os ecos das suas botas correndo. Era durante a busca que deveria se cuidar ou na hora de pedir informações a Tylin? Nynaeve e sua Escuta dos Ventos. Será que achava que uma chuvinha ia derretê-lo? Parando para pensar, assim que elas usassem a Tigela dos Ventos, voltaria a chover. Parecia fazer anos desde a última chuva. Algo lhe veio à mente, algo relacionado ao clima e a Elayne, o que não fazia sentido, mas ele tratou de deixar para lá. Uma coisa de cada vez, e a única coisa naquele momento era Olver.

Todos os homens estavam aguardando no comprido aposento dos Braços Vermelhos, próximo aos estábulos, todos de pé, exceto Vanin, que se

encontrava esparramado em uma das camas com os dedos entrelaçados sobre a barriga. Vanin dizia que um homem precisava descansar sempre que podia. No entanto, girou as botas e se sentou tão logo Mat entrou. Ele gostava de Olver tanto quanto os demais. Mat só temia que o homem comesse a ensinar o menino a roubar cavalos e caçar faisões. Sete pares de olhos concentraram nele todas as suas atenções.

— Riselle disse que Olver está usando seu casaco vermelho — informou Mat. — Ele às vezes doa suas roupas, mas qualquer pivete que vocês vejam usando um belo casaco vermelho deve saber por onde Olver andou. Cada um vai por uma direção. Contornem a Mol Hara e tentem voltar em cerca de uma hora. Esperem até todos terem voltado antes de tornarem a sair. Assim, se alguém o encontrar, o restante de nós não vai ficar procurando até amanhã de manhã. Estamos entendidos?

Os homens anuíram.

Às vezes aquilo o impressionava. O magrelo Thom, com seu cabelo e seu bigode brancos, que um dia fora amante de uma rainha, e com mais boa vontade do que Mat, sem falar em mais qualidade, se desse ouvidos a metade do que o homem dizia. Harnan e seu queixo quadrado, com aquela tatuagem na bochecha e outras sabia-se lá onde mais, que fora soldado durante toda a vida. Juilin, com seu cajado de bambu e seu quebra-espada à cintura, que se achava tão digno quanto qualquer lorde, mesmo que a ideia de andar com uma espada ainda o deixasse desconfortável. O gorducho Vanin, que, em comparação, fazia Juilin parecer um lambe-botas. O esquelético Fergin, e Gorderan, com ombros quase tão largos quanto os de Perrin, além de Metwyn, cujo pálido rosto cairhieno ainda parecia muito jovem, apesar de o homem contar alguns anos a mais que Mat. Alguns deles seguiam Mat Cauthon por acharem que ele era sortudo, porque sua sorte poderia mantê-los vivos quando as espadas fossem sacadas, e alguns por

razões que ele não sabia bem, mas o seguiam. Nem Thom fizera mais do que reclamar de qualquer ordem dele. Talvez o que acontecera com Renaile tivesse sido mais do que sorte. Talvez o fato de ele ser *ta'veren* fizesse mais do que metê-lo em enrascadas. De repente, ele se sentiu... responsável... por aqueles homens. Era uma sensação incômoda. Mat Cauthon e responsabilidade não combinavam. Não era natural.

— Se cuidem e fiquem de olhos abertos — recomendou. — Vocês sabem o que há por aí. Uma tempestade se aproxima. — Mas por que ele tinha dito aquilo? — Mexam-se. Temos que aproveitar enquanto está claro.

O vento ainda soprava com força, levantando poeira por toda a Praça Mol Hara, com sua estátua de uma rainha há muito morta posando acima da fonte, mas não havia nenhum outro sinal de tempestade. Nariene se tornara notória por sua honestidade, mas não o suficiente para ter sido retratada com o peito completamente nu. O sol vespertino ardia no alto de um céu sem nuvem alguma, mas as pessoas atravessavam a praça com a mesma pressa com que o faziam no frescor da manhã. Frescor que não existia mais, com ou sem vento. Os paralelepípedos pareciam uma grelha sob as suas botas.

Mat fixou o olhar n'A Mulher Errante, do outro lado da praça, e se dirigiu para o rio. Nos dias que passaram hospedados na estalagem, Olver não fora para a rua com os pivetes nem com a metade da frequência, se contentando em lançar olhares de cobiça às atendentes e às filhas de Setalle Anan. Grande coisa os dados terem lhe sinalizado que ele devia se mudar para o palácio. Tudo o que tinha feito desde então — tudo o que quisera fazer, ele consertou, pensando em Tylin e nos seus olhos e suas mãos —, toda e qualquer coisa, poderia muito bem ter sido feito com ele continuando lá. Os tais dados agora rodopiavam, e ele só desejava que desaparecessem.

Mat tentava se mover depressa, desviando-se com impaciência das carroças e carroções, xingando carruagens e liteiras laqueadas que só faltavam derrubá-lo, os olhos correndo em busca de um casaco vermelho rente ao solo, mas a confusão das ruas diminuía seu ritmo a um perambular. O que também estava ótimo, na realidade. Não fazia sentido passar pelo garoto sem avistá-lo. Desejando ter tirado Pips dos estábulos do palácio, Mat franziu o cenho para as pessoas passando por ele. Um homem a cavalo não conseguiria se mover mais rápido pela multidão, mas, do alto da sela, poderia ter uma visão mais ampla. Em todo caso, fazer perguntas do alto de uma sela poderia ter sido esquisito. Não eram muitos os que andavam a cavalo dentro da cidade, e algumas pessoas tinham a tendência de se afastar de quem estivesse montado.

Sempre a mesma pergunta. A primeira vez que Mat a fez foi em uma ponte logo depois da Mol Hara, para um sujeito que vendia maçãs assadas com mel usando uma bandeja que lhe pendia de uma correia em torno do pescoço.

— Você viu um garoto mais ou menos deste tamanho, usando um casaco vermelho?

Olver gostava de doces.

— Garoto, milorde? — disse o camarada, chupando os poucos dentes que lhe restavam. — Eu vi milhares de garotos. Mas não lembro de casaco nenhum. Milorde gostaria de uma maçã, ou duas, quem sabe? — O homem ergueu duas maçãs nos dedos ossudos e as estendeu na direção de Mat. Pelo modo como elas cederam sob o toque dele, eram mais macias do que qualquer forno poderia dar conta. — Milorde ouviu falar do motim?

— Não — respondeu Mat em um tom amargo, e seguiu em frente.

Do outro lado da ponte, ele parou uma mulher rechonchuda que carregava uma bandeja de fitas. Fitas não exerciam nenhum fascínio em

Olver, mas a mulher tinha as anáguas vermelhas aparecendo sob uma saia de fenda alta chegando ao quadril, além de um corpete de decote redondo que rivalizava com o de Riselle.

— Você viu um garoto...?

Ele também ouviu falar do motim pela boca da mulher, e de metade das pessoas para quem perguntou. Mat suspeitava que aquele boato tivera início a partir dos eventos ocorridos em uma certa casa no Rahad naquela mesmíssima manhã. Uma condutora de carroção com seu chicote comprido enrolado em torno do pescoço chegou até a lhe contar que o motim se dera do outro lado do rio, depois de lhe explicar como nunca se apercebia de garotos, a menos que eles passassem correndo por debaixo das mulas. Um homem de cara quadrada que vendia favos de mel — favos de mel de aparência incrivelmente seca — informou que o motim acontecera perto do farol ao final da Estrada da Baía, no lado oriental da entrada da baía, o que era um local tão improvável para um motim quanto o próprio meio da baía. Sempre corriam milhares de boatos em qualquer cidade, caso se desse ouvidos, e Mat se viu obrigado a ouvir pedaços de cada um deles, ao que parecia. Uma das mulheres de beleza mais notável que ele já tinha visto, parada na frente de uma taverna — Maylin era atendente n'A Ovelha Velha, mas parecia que a sua única tarefa era ficar parada do lado de fora para atrair clientes, o que ela por certo fazia —, contou-lhe que tinha havido uma batalha naquela manhã, nas Colinas de Cordese, a oeste da cidade, acreditava ela. Ou talvez nas Colinas de Rhannon, no outro lado da baía. Ou talvez... Incrivelmente bela, a tal Maylin, mas não muito inteligente. Olver podia ter passado horas observando-a, contanto que ela não tivesse aberto a boca. Mas ela não se lembrava de ter visto um garoto usando... Qual era mesmo a cor do casaco? Mat ouviu falar de motins e batalhas, ouviu falar sobre estranhezas suficientes no céu ou nas colinas para encherem toda a

Praga. Ele ouviu falar que o Dragão Renascido estava prestes a baixar na cidade na companhia de milhares de homens capazes de canalizar, que os Aiel estavam a caminho, que um exército de Aes Sedai... não, um exército de Mantos-brancos, e que Pedron Niall tinha morrido e os Filhos pretendiam vingá-lo, embora não tenha ficado exatamente claro por que o vingariam em Ebou Dar. Com todas as histórias que pairavam no ar, seria de se pensar que a cidade estava até a cintura de pânico, mas a verdade era que mesmo as pessoas que contavam um caso costumavam só acreditar nele em parte. Assim, Mat ouviu todo tipo de desvarios, mas nenhuma palavra sobre nenhum garoto de casaco vermelho.

A algumas ruas do rio, ele começou a ouvir trovões, grandes explosões secas que pareciam ecoar na cidade vindas do mar. As pessoas olhavam curiosas para o céu sem nuvens, coçavam a cabeça e continuavam a fazer as suas coisas. E Mat fez o mesmo, interrogando cada vendedor de frutas que avistava, cada mulher bonita passando a pé. Tudo em vão. Ao alcançar o longo cais de pedra que percorria toda a extensão da parte da cidade que dava para o rio, Mat fez uma pausa e examinou as docas cinzentas que se estendiam rio adentro, bem como as embarcações nela amarradas. O vento soprava forte, balançando os barcos presos por suas cordas e fazendo-os colidir nas pedras das docas, apesar dos sacos de lã que pendiam deles e que faziam as vezes de protetores. Ao contrário de cavalos, embarcações só interessavam a Olver como um meio de ir daqui para lá, e navios eram um negócio masculino, em Ebou Dar, mesmo que o carregamento que levavam costumasse não ser. Mulheres naquelas docas seriam ou mercadoras de olho em seus produtos ou integrantes fortemente armadas da guilda dos embarcadores de carga, e não havia nenhum vendedor de doces por ali.

Prestes a dar meia volta, Mat percebeu que quase ninguém estava se movendo. Em geral, as docas fervilhavam, mas todos os barcos à vista

tinham tripulantes enfileirados nas amuradas e pendurados nos cordames para observar a baía. Barris e caixotes jaziam abandonados enquanto homens sem camisa e mulheres musculosas trajando coletes verdes se amontoavam nas pontas das docas para, por entre os barcos, dar uma espiada para o sul, na direção dos trovões. Para aquele lado, uma fumaça negra se erguia em imensas colunas espessas, inclinando-se fortemente ao sabor do vento para o norte.

Mat hesitou por apenas um instante e partiu em trote pela doca mais próxima. De início, os navios amarrados aos longos cais de pedra ao sul bloquearam sua vista de tudo, menos da fumaça. Graças à conformação da orla, no entanto, cada doca estirava-se mais além que a anterior. No local em que ele conseguiu se misturar à turba fofocando lá na ponta, o largo rio abria um caminho de águas verdes revoltas até a baía repleta de ondas.

Pelo menos duas dezenas de navios estavam pegando fogo na ampla vastidão da baía, talvez mais, engolfados em chamas de uma ponta à outra. Vários outros já haviam adernado, apenas uma proa ou uma popa ainda acima da água, e indo a pique. Enquanto Mat observava, a proa de um navio largo de mastro duplo que panejava um grande estandarte vermelho, azul e dourado — o estandarte de Altara — voou de repente pelos ares com um estrondo, uma explosão tal qual um trovão, e filetes de fumaça foram soprados pelo vento conforme o barco começou a adernar de cabeça. Centenas de embarcações encontravam-se em movimento, todos os barcos na baía, forcadores e rasantes de mastro triplo do Povo do Mar, além de planadores de mastro duplo, navios costeiros com suas velas triangulares, navios fluviais movidos a velas ou remos, alguns fugindo rio acima, a maioria tentando debandar para o mar. Filas de outros barcos deslizavam baía adentro à frente do vento, enormes embarcações com proas largas e mais altas do que qualquer forcador rasgando as ondas altas e esguichando

água para os lados. A respiração de Mat se acelerou quando, de repente, ele identificou velas quadradas estriadas.

— Sangue e malditas cinzas — resmungou ele, em choque. — São os flamantes dos Seanchan!

— Quem? — quis saber uma mulher de expressão séria que se espremia ao lado dele.

Um vestido azul-escuro de lã bem cortada identificava-a como uma mercadora tanto quanto a pasta de couro que carregava com seus relatórios de embarque ou o broche da guilda, uma caneta de pena prateada, preso junto a um dos seios.

— São as Aes Sedai — anunciou ela em tom convicto. — Sei reconhecer alguém canalizando. Os Filhos da Luz vão cuidar delas assim que elas chegarem. Você vai ver.

Uma mulher magrela de cabelo grisalho trajando um colete verde encardido se virou para confrontá-la, correndo os dedos pelo punho de madeira da sua adaga.

— Segure essa sua língua quando for falar das Aes Sedai, sua catadora de moedas flamante, ou eu arranco o seu couro e enfio um Manto-branco pela sua goela ensanguentada!

Mat deixou as duas gesticulando e gritando e tratou de se afastar da multidão para correr até o desembarcadouro. Já conseguia divisar três — não, quatro — criaturas imensas pairando acima do lado sul da cidade com suas asas portentosas, similares às de um morcego. Silhuetas agarravam-se às costas das criaturas, aparentemente em algum tipo de selas. Uma outra criatura alada surgiu, e mais outra. Abaixo delas, com um estrondo, chamas brotaram de repente por sobre os telhados.

Àquela altura, as pessoas já estavam correndo, esbarrando em Mat enquanto ele penava para percorrer as ruas.

— Olver! — gritou ele, torcendo para ser ouvido em meio aos outros gritos e berros vindos de todos os lados. — Olver!

De uma hora para a outra, parecia que todos estavam indo na direção contrária, batendo nele ao passar. Teimosamente, Mat forçou caminho contra a correnteza. E acabou indo parar em uma rua onde ficou claro do que toda aquela gente estava fugindo.

Uma coluna Seanchan em investida, uma centena ou mais de homens com elmos parecidos com cabeças de insetos e armaduras de placas sobrepostas, todos montados em animais similares a felinos do tamanho de cavalos, mas cobertos de escamas de bronze, em vez de pelo. Inclinação sobre as selas, as lanças com flâmulas azuis em riste, eles galopavam em direção à Mol Hara sem sequer olhar para os lados. Apesar de “galope” não ser a palavra mais exata para a maneira como aquelas criaturas se moviam. A velocidade era a mesma, mas elas... fluíam. Era hora de sair dali. Já passava da hora. Assim que ele encontrasse...

Tão logo a coluna terminou de passar, um lampejo vermelho batendo na cintura de Matt chamou sua atenção em meio à multidão na rua logo depois do cruzamento.

— Olver!

Ele saiu em disparada, quase tropeçando nos calcanhares da última criatura escamada, forçando caminho pela turba bem a tempo de avistar uma mulher de olhos arregalados apanhar uma garotinha de vestido vermelho e sair correndo com a criança aninhada em seus seios. Freneticamente, Mat seguiu adiante, forçando passagem contra as pessoas que esbarravam nele, e ele próprio esbarrando em mais que apenas uns poucos.

— Olver! Olver!

Em outras duas ocasiões, ele viu uma coluna de fogo se erguer por um breve instante sobre os telhados, e havia fumaça subindo ao céu em uma dúzia de pontos distintos. Por várias vezes, ele escutou aqueles estrondos potentes, agora bem mais próximos. Dentro da cidade, Mat tinha certeza. Mais de uma vez o chão tremeu sob as suas botas.

E então a rua voltou a se esvaziar, gente fugindo em todas as direções, descendo vielas e entrando em casas e lojas, pois os Seanchan a cavalo estavam a caminho. Nem todos eram homens trajando armaduras. Quase à frente daquele pequeno grupo de lanças, cavalgava uma mulher de pele escura e vestido azul. Mat sabia que os grandes ornamentos em vermelho nas saias e no corpete eram trabalhados com raios prateados. Uma corrente de prata, reluzindo ao sol, ia do seu pulso esquerdo até o pescoço de uma mulher de cinza, uma *damane*, que trotava ao lado do cavalo da *sul'dam* feito um cão de estimação. Mat tinha visto mais Seanchan em Falme do que gostaria, mas, sem perceber, parou na entrada de uma viela e observou. Os estrondos e chamadas haviam sinalizado que alguém na cidade estava tentando contra-atacar, pelo menos, e agora ele ia assistir à tentativa.

Os Seanchan não eram a única razão para todos terem sumido de vista. No fim da rua, uns bons cem homens a cavalo giraram suas compridas lanças pontiagudas para baixo. Usavam casacos verdes e calças brancas folgadas, e os cordões dourados no elmo do oficial cintilavam. Com um brado coletivo, cem ou mais dos soldados de Tylin se lançaram na direção dos homens que investiam contra a cidade. Superavam os Seanchan na dianteira em pelo menos dois para um.

— Tolos malditos — resmungou Mat. — Assim, não. Aquela *sul'dam* vai...

O único movimento entre os Seanchan foi da mulher com o vestido de raios, que levantou a mão e apontou, como alguém que fosse soltar um

falcão ou libertar um cão. A mulher de cabelo dourado na outra extremidade da corrente prateada deu um passinho à frente. O medalhão de cabeça de raposa esfriou no peito de Mat.

A rua explodiu de repente sob os pés da primeira fileira da investida eboudariana; paralelepípedos, homens e cavalos voaram pelos ares em um estrondo ensurdecedor. O choque derrubou Mat de costas no chão, ou talvez tenha sido o modo como o solo pareceu pular sob seus pés. Ele se pôs de pé a tempo de ver a fachada de uma estalagem do outro lado da rua desabar subitamente e formar uma nuvem de poeira, deixando os quartos à mostra.

Homens e cavalos jaziam por toda parte, pedaços de homens e de cavalos, os que ainda estavam vivos agonizando em torno de um buraco no solo que tinha a metade da largura da rua. Gritos dos feridos encheram o ar. Menos da metade dos eboudarianos cambaleavam para se pôr de pé, aturdidos e aos tropeções. Alguns apanharam as rédeas de cavalos tão grogues quanto eles e se lançaram nas selas, para então impulsionar os animais e fazê-los partir em algo ligeiramente parecido com um galope. Outros simplesmente correram a pé mesmo. Todos para longe dos Seanchan. Podiam enfrentar o aço, mas aquilo, não.

Sair correndo, Mat se deu conta, parecia uma ideia particularmente boa naquele momento. Uma olhadela para os fundos da viela revelou uma pilha de terra e cascalho de pelo menos um andar de altura. Ele partiu em disparada pela rua à frente dos eboudarianos em fuga, mantendo-se o mais perto possível das paredes e torcendo para que nenhum dos Seanchan achasse que ele era um dos soldados de Tylin. Jamais deveria ter usado casacos verdes.

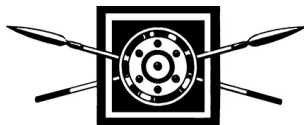
A *sul'dam* parecia não estar satisfeita. A cabeça de raposa tornou a se esfriar e, vindo de trás, outro estrondo arremessou-o no calçamento, que pareceu saltar para atingi-lo. Em meio ao zumbido em seus ouvidos, ele

escutou um rangido de alvenaria. Acima dele, a parede de tijolos e reboco branco começou a se inclinar para fora.

— O que aconteceu com a minha maldita sorte? — gritou Mat. Teve tempo para isso. E também para perceber, enquanto tijolos e pedaços de pau desabavam em cima dele, que os dados em sua cabeça tinham se silenciado por completo.



CAPÍTULO 40



LANÇAS

Montanhas rodeavam completamente Galina Casban; para trás, não passavam de colinas altas, mas à frente eram picos cobertos de neve, com outros mais altos ainda além destes, mas mesmo assim ela não enxergava nenhum. As pedras da encosta machucavam seus pés descalços. Ela arquejava, os pulmões exaustos. O sol no alto do céu era como um forno, tal como fora por dias aparentemente intermináveis, queimando o suor que escorria dela em bicas. Qualquer coisa além de pôr um pé diante do outro parecia além de suas forças. Era estranho que, com todo o suor que brotava de seu corpo, ela não conseguisse encontrar umidade na boca.

Ela fora Aes Sedai por menos de noventa anos, os longos cabelos negros ainda intocados pelo cinza, mas por quase vinte desses anos fora líder da Ajah Vermelha — chamada de Maior pelas outras irmãs, em segredo; considerada pelas Vermelhas em pé de igualdade com o Trono de Amyrlin —, e por quase oitenta e cinco ela na verdade pertencera à Ajah Negra. Não a ponto de abandonar seus deveres como Vermelha, mas dando menos importância a eles. Seu lugar no Conselho Supremo da Ajah Negra era próximo ao da própria Alviarin, e ela era uma das únicas três que sabiam o nome da mulher que conduzia as reuniões encapuzadas. Ela podia falar qualquer nome nessas reuniões — o de um rei — e saber que aquele nome pertenceria aos mortos. Tinha acontecido, com um rei e uma rainha. Ela

havia ajudado a destruir duas Amyrlins, duas vezes ajudara a transformar a mulher mais poderosa do mundo em uma desgraçada agonizante ávida por revelar tudo o que sabia, ajudara a fazer parecer que uma delas morrera durante o sono, e vira a outra ser deposta e estancada. Tais coisas eram deveres, como a necessidade de exterminar homens com a habilidade de canalizar, não ações das quais ela tirava qualquer prazer além do derivado de tarefas bem cumpridas, mas gostara de liderar o círculo que havia estancado Siuan Sanche. Sem dúvida todas essas coisas eram um indício de que Galina Casban estava, ela própria, entre as mais poderosas do mundo. Sem dúvida. Tinha que estar. Suas pernas bambolearam feito molas frouxas, e ela caiu pesadamente, incapaz de se firmar, com os braços e cotovelos bem amarrados atrás do corpo. A roupa de baixo de seda, outrora branca, a única vestimenta que lhe restara, tornou a rasgar-se enquanto ela escorregava naquelas pedras soltas, ralando a pele. Uma árvore a deteve. De rosto no chão, ela começou a soluçar.

— Como? — gemeu ela, com a voz embargada. — Como isso pôde acontecer comigo?

Depois de um tempo, percebeu que não havia sido puxada de pé; não importava o quanto caísse, jamais antes lhe fora permitido um instante de descanso. Piscando para tentar se livrar das lágrimas, ela ergueu a cabeça.

Mulheres Aiel cobriam a montanha, várias centenas delas, espalhadas com suas lanças por entre as árvores estéreis, os véus que podiam ser erguidos em instantes pendendo em seu colo. Galina quis rir. Donzelas; aquelas mulheres monstruosas eram chamadas de Donzelas. Ela queria poder rir. Pelo menos não havia homens presentes, uma pequena misericórdia. Os homens lhe davam arrepios, e se um deles a visse agora, seminua...

Seus olhos procuraram Therava ansiosamente, mas a maioria das setenta e tantas Sábias permaneciam juntas olhando algo bem mais ao longe encosta acima, bloqueando sua visão. Parecia haver um murmúrio de vozes diante delas. Talvez as Sábias estivessem trocando ideias sobre alguma coisa. Sábias. Elas haviam sido brutalmente eficientes ao lhe ensinar os nomes corretos; não “mulher Aiel”, não bravia. Elas farejavam o desprezo, por mais que ela escondesse. Claro, não era preciso tentar esconder o que lhe havia sido extirpado.

A maioria das Sábias estava olhando para outro lado, mas não todas. O brilho tênue de *saidar* rodeava uma jovem bonita e ruiva, de lábios delicados, que observava Galina com grandes e atentos olhos azuis. Talvez como sinal de seu próprio desdém, elas tinham escolhido a mais fraca do grupo para blindá-la naquela manhã. Micara não era de fato fraca com o Poder — nenhuma delas era —, mas mesmo sentindo dor dos pés à cabeça Galina poderia ter quebrado o escudo de Micara com pouco esforço. Um músculo em sua bochecha espasmou incontrolavelmente; sempre espasmava quando ela pensava em outra tentativa de fuga. A primeira já fora ruim o bastante. A segunda... Tremendo, ela lutou para não tornar a soluçar. Não tentaria outra vez até ter certeza do completo sucesso. Plena certeza. Certeza absoluta.

O grupo de Sábias se dividiu, virando-se para acompanhar Therava com os olhos enquanto a mulher de rosto duro avançava em direção a Galina. Voltando a arfar, agora de nervosismo, Galina tentou se levantar. De mãos atadas e músculos fracos, ela acabara de se colocar de joelhos quando Therava inclinou-se diante dela, tilintando de leve os colares de ouro e marfim. Agarrando um punhado dos cabelos de Galina, Therava puxou sua cabeça para trás com violência. Mais alta que a maioria dos homens, a mulher fazia aquilo até quando elas estavam de pé, agarrando o pescoço de

Galina com força para fazê-la olhar para cima, para seu rosto. Therava era um tanto mais forte do que ela com o Poder, o que relativamente poucas mulheres eram, mas não era isso o que fazia Galina tremer. Frios olhos azul-escuros penetraram os dela, aprisionando-a com mais força que a mão bruta de Therava; eles pareciam desnudar sua alma com a mesma facilidade com que a Sábua a segurava. Ela ainda não havia implorado, não quando elas a fizeram caminhar o dia inteiro sem praticamente uma gota d'água, forçando-a a manter o ritmo durante horas, nem mesmo quando suas açoitadas a fizeram uivar. O rosto duro e cruel de Therava, olhando impassível para ela, a fez querer implorar. Às vezes ela acordava à noite, estirada entre as quatro estacas às quais era amarrada, choramingando com sonhos de que passaria o resto da vida nas mãos de Therava.

— Ela já está desabando — disse a Sábua, em um tom empedernido. — Dê água a ela e tragam-na.

Virando-se, ela ajeitou o xale, esquecendo Galina Casban até que houvesse necessidade de tornar a chamá-la; para Therava, Galina Casban era menos importante que um cão vadio.

Galina não tentou se levantar; já haviam lhe “dado água” vezes o bastante. Era a única forma pela qual a deixavam beber. Ansiando por umidade, ela não resistiu quando uma Donzela corpulenta a pegou pelos cabelos, como Therava fizera, e puxou sua cabeça para trás. Simplesmente abriu a boca o máximo que podia. Outra Donzela, com uma cicatriz enrugada cruzando o nariz e a bochecha, virou um cantil e lentamente deixou cair um tantinho na boca de Galina. A água era insípida, morna e deliciosa. Ela engoliu às pressas, desajeitada, mantendo a boca bem aberta. Desejava mover o rosto sob aquele filete de água quase tanto quanto desejava beber, para deixar a água correr por sua face e testa. Em vez disso, manteve a cabeça bem firme, de modo que cada gota descesse direto pela

garganta. Desperdiçar água era motivo para mais espancamento; elas a haviam espancado diante de um córrego de seis passadas de largura por ter derramado um bocado no queixo.

Quando o cantil por fim foi afastado, a Donzela corpulenta a içou de pé pelos cotovelos amarrados. Galina grunhiu. As Sábias estavam erguendo as saias nos braços, expondo as pernas bem acima das botas de cano até o joelho. Não podiam estar se preparando para correr. De novo, não. Não naquelas montanhas.

As Sábias avançaram a trote com a mesma facilidade com que fariam em terreno plano. Uma Donzela que não tinha visto acertou Galina na parte de trás das coxas com uma vara, e ela cambaleou para se mover em uma quase corrida, meio arrastada pela Donzela corpulenta. A vara lhe acertava as pernas toda vez que elas vacilavam. Se aquela corrida continuasse pelo restante do dia, elas se alternariam, uma Donzela manejando a vara e outra a arrastando. Subindo com dificuldade e quase deslizando pelas encostas abaixo, Galina correu. Um leopardo laranja com listras em tons de marrom, mais pesado que um homem, rosnou para eles do alto de uma saliência rochosa; era uma fêmea, com pelos faltando nas orelhas e na cara larga. Galina quis gritar para que ela corresse, que fugisse antes que Therava a apanhasse. As Aiel passaram correndo junto ao animal que rosnava, despreocupadas, e Galina chorou, invejando a liberdade do felino.

Ela seria resgatada uma hora, claro; sabia disso. A Torre não permitiria que uma irmã permanecesse em cativeiro. Elaida não permitiria que uma Vermelha ficasse presa. Sem dúvida Alviarin mandaria resgate. Alguém mandaria, qualquer pessoa, para salvá-la daqueles monstros, especialmente de Therava. Ela prometeria qualquer coisa por esse resgate. E até manteria as promessas. Havia sido libertada dos Três Juramentos ao unir-se à Ajah Negra, substituindo-os por uma nova trindade, mas naquele momento

realmente acreditava que poderia manter a palavra, se isso trouxesse um resgate. Qualquer promessa, a qualquer um que pudesse libertá-la. Até mesmo um homem.

Quando as tendas baixas surgiram à vista, as cores escuras sumindo nas montanhas arborizadas, tal e qual o felino sumira, Galina tinha duas Donzelas a sustentá-la, arrastando-a. Gritos se ergueram de todos os lados, cumprimentos contentes, mas Galina foi arrastada atrás das Sábias, se aprofundando no acampamento, ainda correndo, cambaleando.

Sem aviso, as mãos soltaram seus braços. Ela desabou de cara no chão e ficou ali, com o nariz na terra entre as folhas mortas, respirando pela boca escancarada. Tossiu em um pedaço de folha, mas estava fraca demais para virar a cabeça. O sangue pulsava em seus ouvidos, mas ouviu vozes e lentamente começou a entendê-las.

— ...demorou bastante, Thevara — disse uma voz familiar de mulher. — Nove dias. Já voltamos há muito tempo.

Nove dias? Galina balançou a cabeça, esfregando o rosto no chão. Desde que as Aiel atiraram no cavalo em que ela estava montada, sua memória misturara todos os dias em uma miscelânea de sede, corridas e espancamentos, mas sem dúvida fazia mais tempo que nove dias. Semanas, decerto. Um mês ou mais.

— Tragam-na para cá — disse a voz familiar, com impaciência.

Mãos a ergueram e empurraram-na para a frente, curvando-a para passar pela entrada de uma grande tenda de abas erguidas. Ela foi jogada sobre camadas de tapetes, a borda de um labirinto taireno azul e vermelho por cima de flores espalhafatosas bem debaixo de seu nariz. Com dificuldade, ela ergueu a cabeça.

A princípio, não viu nada além de Sevanna, sentada em uma grande almofada com borlas amarelas. Sevanna, com seus finos cachos dourados,

os olhos claros de esmeralda. A traiçoeira Sevanna, que prometera distrair a atenção ao invadir Cairhien, então quebrara a promessa ao tentar libertar al'Thor. Sevanna, que pelo menos poderia tirá-la das garras de Therava.

Ela lutou para se pôr de joelhos, e pela primeira vez percebeu que havia outras pessoas na tenda. Therava estava sentada em uma almofada à direita de Sevanna, na ponta de uma fileira curva de Sábias, quatorze mulheres capazes de canalizar, ao todo, embora Micara, que ainda a estava blindando, permanecesse de pé no fim da fileira, não sentada. Metade delas estivera entre as Sábias que a capturaram com tão desprezível facilidade. Ela nunca mais seria tão descuidada em relação às Sábias; nunca mais. Homens e mulheres baixos, de robes brancos, moviam-se atrás das Sábias, oferecendo em silêncio bandejas de ouro e prata com pequenas taças, e outros faziam o mesmo do outro lado da tenda, onde uma mulher grisalha de casaco e calças Aiel, em tons de marrom e cinza, sentava-se à esquerda de Sevanna, na dianteira de uma fila de homens Aiel de feições duras. Homens. E ela só de roupa de baixo, toda rasgada e aberta em vários pontos. Galina cerrou os dentes e abafou um berro. Forçou-se a manter as costas eretas, para evitar tentar se esconder entre os tapetes daqueles frios olhos masculinos.

— Parece que as Aes Sedai podem mentir — disse Sevanna, e o sangue esvaiu-se do rosto de Galina. A mulher não podia saber; não podia. — Você fez promessas, Galina Casban, e as descumpriu. Achou que poderia matar uma Sábica e fugir do alcance das nossas lanças?

Por um instante, o alívio congelou a língua de Galina. Sevanna *não* sabia sobre a Ajah Negra. Se não tivesse abandonado a Luz tanto tempo atrás, agradeceria a Ela. O alívio calou sua língua e um pequeno lampejo de indignação. Elas *atacaram* Aes Sedai e ficaram com raiva quando algumas delas morreram? Um pequeno lampejo era tudo de que ela podia dar conta. Afinal de contas, Sevanna distorcer os fatos não era nada comparado a dias

de espancamento e dos olhares de Thevara. Uma risada baixa, rouquenha e dolorida emergiu com o absurdo daquilo. Sua garganta estava tão seca.

— Fiquem gratas por algumas de vocês terem sobrevivido — conseguiu dizer, controlando o riso. — Mesmo agora não é tarde demais para retificar seus erros, Sevanna.

Com esforço, ela engoliu aquela hilaridade doída, antes que se tornasse lágrimas. Pouco antes.

— Quando eu retornar à Torre Branca, vou me lembrar de todos que me ajudaram, mesmo agora.

Ela teria acrescentado “e dos que fizeram o contrário”, mas o olhar firme de Therava a fez se encher de medo. Até onde sabia, Therava ainda podia fazer o que bem entendesse. Tinha de haver algum jeito de induzir Sevanna a... tomar a responsabilidade por ela. Era uma ideia amarga, porém qualquer coisa era melhor que Therava. Sevanna era ambiciosa, e gananciosa. Ao franzir o cenho para Galina, ela vislumbrara a própria mão e direcionara um breve sorriso encantado aos anéis com grandes esmeraldas e gotas de fogo. Ela usava anéis em metade dos dedos, e colares de pérolas e rubis e diamantes apropriados a qualquer rainha lhe enfeitavam o colo. Sevanna não era confiável, mas talvez tivesse um preço. Therava era uma força da natureza; era mais fácil tentar comprar uma enchente ou uma avalanche.

— Confio que você vá fazer o que é certo, Sevanna — concluiu ela. — As recompensas da amizade com a Torre Branca são excelentes.

Por um longo instante, fez-se silêncio, exceto pelo farfalhar dos robes brancos dos serviçais, que se movimentavam com suas bandejas. Então...

— Você é *da'tsang* — disse Sevanna. Galina hesitou. Ela era uma *desprezada*? Sem dúvida elas haviam exibido abertamente seu desprezo, mas por que...?

— Você é *da'tsang* — entouou uma Sábia de rosto redondo que ela não conhecia.

— Você é *da'tsang* — repetiu uma mulher um palmo mais alta que Therava.

O rosto duro de Therava poderia ter sido esculpido em madeira, mas seus olhos acusativos cintilavam, fixos em Galina. Ela sentiu-se fincada ao ponto onde estava ajoelhada, incapaz de mover um músculo. Um pássaro hipnotizado encarando uma serpente rastejando por perto. Ninguém jamais a fizera sentir-se desse jeito. Ninguém.

— Três Sábias falaram.

O sorriso satisfeito de Sevanna foi quase acolhedor. O rosto de Therava estava rígido. A mulher não gostava do que acabara de acontecer. Algo *havia* acontecido, mesmo que Galina não soubesse o quê. Exceto que parecia tê-la livrado de Therava. Era mais do que suficiente, por enquanto. Mais do que suficiente.

Quando as Donzelas cortaram suas amarras e a enfiaram em um vestido de lã preta, ela ficou tão grata que quase não se importou por elas terem primeiro rasgado o que restava de sua roupa de baixo na frente daqueles homens de olhos gélidos. A lã grossa era quente, pinicava e arranhava as marcas das chibatadas, mas ela a vestiu como se fosse seda. Apesar de Micara ainda a estar blindando, ela quase riu enquanto as Donzelas a conduziam para fora da tenda. Não levou muito tempo para que esse desejo desaparecesse por completo. Não levou muito tempo para que começasse a se perguntar se implorar de joelhos diante de Sevanna adiantaria alguma coisa. Teria feito isso, se pudesse ter chegado à mulher, exceto que Micara deixou claro que ela não iria a lugar algum que não lhe fosse ordenado, nem falaria se não lhe dirigissem a palavra.

* * *

De braços cruzados, Sevanna observou a Aes Sedai, a *da'tsang*, cambaleiar montanha abaixo e parar ao lado de uma Donzela agachada com um açoite para entregar a pedra em formato de cabeça que estivera carregando. O capuz negro virou-se na direção de Sevanna por um instante, mas a *da'tsang* mais que depressa se agachou para apanhar outra pedra grande e virou-se para continuar a caminhar os cinquenta passos até onde Micara aguardava com outra Donzela. Ali ela largou aquela pedra, apanhou outra e começou a descer. *Da'tsang* eram sempre humilhadas com trabalhos inúteis; a menos que houvesse grande necessidade, a mulher não tinha permissão nem de apanhar um copo d'água, mas tarefas despropositadas preencheriam suas horas até que ela explodisse de vergonha. O sol ainda tinha um caminho longo até o topo do céu, e muitos outros dias estavam por vir.

— Eu não pensei que ela se condenaria com as próprias palavras — disse Rhiale, ao lado de Sevanna. — Efallin e as outras têm quase certeza de que ela admitiu ter matado Desaine.

— Ela é minha, Sevanna. — Therava contraiu a mandíbula. Podia ter capturado a mulher, mas *da'tsang* não pertenciam a ninguém. — Eu pretendia vesti-la com a seda dos *gai'shain*. Qual é o propósito disso, Sevanna? Esperava ter de debater contra cortarmos a garganta dela, não isso.

Rhiale inclinou a cabeça, lançando um olhar de esguelha para Sevanna.

— Sevanna quer arrasá-la. Já tivemos longas conversas a respeito do que fazer se capturássemos qualquer Aes Sedai. Sevanna quer uma Aes Sedai domada para usar o branco e servi-la. Mas uma Aes Sedai de preto já serve.

Sevanna remexeu o xale, irritada pelo tom da mulher. Não estava exatamente zombando, mas sabia bastante bem que ela queria, de alguma

forma, usar a canalização da Aes Sedai como se fosse dela própria. Seria possível. Dois *gai'shain* passaram pelas três Sábias, transportando um grande baú com fivelas de metal. Baixos e de rostos pálidos, marido e esposa, haviam sido um lorde e uma lady nas terras dos assassinos da árvore. Os dois inclinaram a cabeça de maneira mais submissa do que qualquer Aiel de branco jamais teria feito; seus olhos escuros estavam cheios de medo de alguma palavra dura, e mais ainda de uma vara. Os aguacentos podiam ser domados feito cavalos.

— A mulher já foi subjugada — resmungou Therava. — Eu olhei bem nos olhos dela. Ela é um pássaro se debatendo na mão e com medo de voar.

— Em nove dias? — perguntou Rhiale, incrédula, e Sevanna balançou a cabeça com vigor.

— Ela é Aes Sedai, Therava. Você viu como ela ficou lívida de fúria quando eu a acusei. Você a ouviu rir ao falar de matar Sábias. — Ela soltou um som exaltado, raivoso. — E você a ouviu nos ameaçar.

A mulher fora tão pérfida quanto os assassinos da árvore, falando de recompensas e deixando subentendida a ameaça caso nenhuma recompensa funcionasse. Mas o que mais podia se esperar de uma Aes Sedai?

— Vai ser preciso muito tempo para arrasá-la, mas esta Aes Sedai vai implorar para obedecer, nem que leve um ano.

E quando ela chegasse a isso... Aes Sedai não podiam mentir, claro; ela esperara que Galina negasse a acusação. Quando ela jurasse obedecer...

— Se quer fazer uma Aes Sedai obedecê-la, isso pode ajudar — disse uma voz masculina atrás dela.

Incrédula, Sevanna virou e deu de cara com Caddar parado ali, e ao lado dele a mulher — a Aes Sedai — Maisia, ambos vestidos em seda escura e rendas finas, tal como estavam seis dias atrás, cada um com um saco cheio

pendurado no ombro, preso por uma fivela. Caddar trazia em uma das mãos um bastão liso e branco, de cerca de um pé de comprimento.

— Como vocês chegaram aqui? — questionou ela, então apertou os lábios, cheia de raiva.

Era óbvio que ele havia vindo como viera antes; ela apenas estava surpresa por ele ter aparecido ali, no meio do acampamento. Pegou o bastão branco que ele oferecia e, como sempre, ele recuou para fora do alcance de seu braço.

— Por que vieram? — corrigiu-se ela. — O que é isso?

Um pouco mais fino que seu pulso, o bastão era liso, exceto por alguns símbolos estranhos gravados em uma das extremidades. Não parecia nem marfim nem vidro. Era bastante frio ao toque.

— Pode chamar de Bastão dos Juramentos — respondeu Caddar, exibindo um esgar de dentes no que sem dúvida pretendia ser um sorriso. — Só chegou às minhas mãos ontem, e eu na mesma hora pensei em você.

Sevanna agarrou com força o bastão para se impedir de jogá-lo longe. Todos sabiam o que o Bastão dos Juramentos das Aes Sedai fazia. Tentando nem sequer pensar, muito menos falar, ela o enfiou atrás do cinto e afastou as mãos.

Rhiale franziu o cenho para o bastão na cintura de Sevanna, e ergueu os olhos, fria e lentamente, até seu rosto. Therava ajeitou o xale com um clangor de braceletes e abriu um sorriso sutil e duro. Jamais haveria qualquer chance de uma delas tocar o bastão, e talvez de qualquer outra Sábia também. Mas ainda havia Galina Casban. Um dia ela desabaria.

Logo atrás de Caddar, Maisia, olhos feito os de um corvo, abriu um sorriso quase tão sutil quanto o de Therava. Ela havia visto, e entendera. Era observadora para uma aguacenta.

— Venha — disse Sevanna a Caddar. — Vamos beber chá na minha tenda.

Ela sem dúvida não dividiria água com ele. Erguendo as saias, começou a subir a encosta.

Para sua surpresa, Caddar também era observador.

— Você só precisa mandar uma Aes Sedai — disse ele, caminhando tranquilamente ao lado dela com suas pernas compridas e abrindo um sorriso cheio de dentes para Rhiale e Therava —, ou qualquer mulher capaz de canalizar, segurar o bastão e fazer as promessas que você deseja enquanto alguém canaliza um pouco de Espírito. Viu as marcas na ponta do bastão? — acrescentou ele, erguendo as sobrancelhas de maneira insultuosa. — Também pode usá-lo para soltá-la, mas isso é mais doloroso. Pelo que ouvi.

Sevanna tocou de leve o bastão. Mais vidro que marfim, e muito frio.

— Só funciona em mulheres?

Ela entrou na tenda na frente dele. As Sábias e os líderes das sociedades guerreiras não estavam lá, mas os doze *gai'shain* assassinos da árvore permaneciam, ajoelhados pacientemente a um canto. Nenhuma pessoa jamais possuía uma dúzia de *gai'shain* antes, e ela possuía mais. Teria de escolher um novo nome para eles, no entanto, posto que jamais deixariam de usar o branco.

— Mulheres capazes de canalizar, Sevanna — disse Caddar, entrando atrás dela. O tom do homem era de uma insolência inacreditável. Seus olhos escuros brilhavam com um prazer explícito. — Você vai ter que conseguir al'Thor primeiro, antes que eu lhe dê algo para controlá-lo.

Retirando o saco do ombro, ele se sentou. Não em uma almofada junto à dela, claro. Maisia não tinha medo de levar uma lâmina nas costelas; repousou, apoiada em um cotovelo, quase ao lado de Sevanna, que a olhou

de esguelha, então displicentemente abriu outro laço de sua própria blusa. Ela não se lembrava de os seios da mulher serem tão redondos assim. Aliás, seu rosto também parecia ainda mais bonito. Sevanna tentou não cerrar os dentes.

— É claro que, se você estiver falando de algum outro homem, existe uma coisa chamada cadeira atadora — prosseguiu Caddar. — Atar pessoas incapazes de canalizar é mais difícil do que atar as capazes. Talvez uma cadeira atadora tenha sobrevivido à Ruptura, mas você vai precisar esperar eu encontrar.

Sevanna tornou a tocar o bastão, então ordenou com impaciência que uma *gai'shain* trouxesse chá. Podia esperar. Caddar era um imbecil. Cedo ou tarde daria tudo o que ela queria obter dele. E agora o bastão poderia libertar Maisia dele. Sem dúvida a mulher não o protegeria. Pelos seus insultos, ele usaria preto. Sevanna apanhou uma pequena xícara de porcelana da bandeja que a *gai'shain* segurava e entregou-a pessoalmente à Aes Sedai.

— É aromatizado com menta, Maisia. Você vai achar refrescante.

A mulher sorriu, mas aqueles olhos negros... Bem, o que podia ser feito a uma Aes Sedai podia ser feito a duas. Ou mais.

— E as caixas de viagem? — inquiriu Sevanna, em um tom ríspido.

Caddar dispensou a *gai'shain* com um gesto e deu uma batidinha no saco ao seu lado.

— Eu trouxe tantos *nar'baha*... é esse o nome... quantos pude encontrar. O suficiente para transportar todos vocês até o cair da noite, caso se apressem. E eu me apressaria, no seu lugar. Al'Thor quer acabar com vocês, ao que parece. Dois clãs estão vindo do sul, e mais dois estão se preparando para descer do norte. Com suas Sábias, todas prontas para canalizar. As ordens são de ficar até que todos tenham sido mortos ou aprisionados.

Therava fungou.

— Um motivo para nos mexermos, sem dúvida, aguacento, mas não para correr. Mesmo quatro clãs não são capazes de cruzar a Adaga do Fratricida em um dia.

— Eu não contei? — O sorriso de Caddar não foi nem um pouco agradável. — Parece que al’Thor atou algumas Aes Sedai a si também, e elas ensinaram as Sábias a Viajar sem um *nar’baha*, pelo menos por distâncias curtas. Vinte ou trinta milhas. Uma redescoberta recente, ao que parece. Eles podem chegar aqui... bem, hoje. Todos os quatro clãs.

Talvez fosse mentira, mas o risco... Sevanna imaginava muito bem como seria cair nas garras de Sorilea. Sem se deixar estremecer, mandou Rhiale informar as outras Sábias. Sua voz não transpareceu nada.

Alcançando a bolsa, Caddar apanhou um cubo de pedra cinza, menor que a caixa que ela havia usado para invocá-lo, e bem mais simples, sem qualquer marcação além de um disco vermelho-vivo em um dos lados.

— Isto é um *nar’baha* — disse ele. — Usa *saidin*, portanto nenhuma de vocês vai enxergar nada, e tem limitações. Se uma mulher o tocar, ele para de funcionar por vários dias, portanto eu terei de manejá-lo. E há outros detalhes. Uma vez aberto, o portão permanecerá por um período fixo, suficiente para uns poucos mil passarem, se não perderem tempo, e o *nar’baha* precisa de três dias para se recuperar depois disso. Eu tenho o suficiente para nos levar aonde precisamos ir hoje, mas...

Therava estava inclinada para a frente de maneira tão atenta que parecia a ponto de cair de cara, mas Sevanna mal deu ouvidos. Não duvidava de Caddar, exatamente; não ousaria traí-lo, não enquanto ansiava pelo ouro que os Shaido dariam a ele. Mas havia alguns detalhes. Maisia parecia analisá-lo por cima do chá. Por quê? E, se havia tanta necessidade de

ligeireza, por que não havia urgência em sua voz? Ele não a trairia, mas ela tomaria precauções de todo modo.

Maeric franziu o cenho para o cubo de pedra que o aguacento lhe entregara, depois para o... buraco... que surgira quando ele pressionou o ponto vermelho. Um buraco de cinco passadas de largura e três de altura, flutuando. Para além dele grandes colinas ondulavam, cobertas de grama marrom. Ele não gostava de coisas envolvendo o Poder Único, sobretudo a metade masculina. Sevanna atravessou outro buraco, menor, com o aguacento e uma mulher escura, seguindo as Sábias que Sevanna e Rhiale haviam escolhido. Apenas um punhado de Sábias permaneceu com os Shaido Moshaine. Por aquele segundo buraco, ele podia ver Sevanna falando com Bendhuin. O ramo dos Sais Verdes se encontrava com poucas Sábias também; Maeric tinha certeza disso.

Dyrele tocou seu braço.

— Marido — murmurou ela —, Sevanna disse que ele só permaneceria aberto um tempinho.

Maeric assentiu. Dyrele sempre ia direto ao ponto. Velando o rosto, ele correu adiante e saltou para dentro do buraco que havia feito. Não importava o que Sevanna e o aguacento dissessem, não mandaria nenhum de seus Moshaine antes de saber se era seguro.

Ele aterrissou pesadamente em uma encosta coberta com grama morta e quase rolou colina abaixo antes de achar apoio. Por um instante, olhou para trás, para o buraco. Deste lado, ele flutuava a mais de um pé acima do chão.

— Esposa! — gritou ele. — Tem uma queda!

Olhos Negros passaram aos saltos, velados e de lanças a postos, e as Donzelas também. Era melhor tentar beber areia do que tentar evitar as Donzelas de estarem entre as primeiras. O resto dos Moshaine seguiu correndo, *algai'd'siswai* e esposas e filhos, pulando apressados; artesãos,

comerciantes e *gai'shain*, a maioria puxando cavalos de carga e mulas abarrotados, perto de seis mil ao todo. Seu ramo, sua gente. Eles ainda seriam sua gente quando fosse a Rhuidean; Sevanna não o impediria de se tornar chefe de clã por muito mais tempo.

Os vigias começaram a se espalhar de imediato, enquanto pessoas do ramo ainda fluíam do buraco. Baixando o véu, Maeric gritou ordens que fizeram um grupo de *algai'd'siswai* partir em direção aos cumes das colinas vizinhas, enquanto todo o resto permanecia encoberto embaixo. Não havia como dizer quem ou o que jazia para além daquelas colinas. Terras abundantes, alegavam, mas aquela área ali não lhe parecia abundante.

O fluxo de seu ramo tornou-se uma torrente de *algai'd'siswai* em que ele não confiava muito, homens que haviam fugido de seus próprios clãs por não acreditarem que Rand al'Thor realmente fosse o *Car'a'carn*. Maeric não sabia ao certo no que ele próprio acreditava, mas um homem não podia abandonar seu ramo e seu clã. Esses homens se autonomeavam *Mera'din*, os Sem-irmãos, um nome apropriado, e tinha duzent...

O buraco de súbito se fechou em uma lâmina vertical prateada que fatiou dez dos Sem-irmãos. Pedacos deles caíram pela encosta, braços, pernas. A metade frontal de um homem deslizou quase até os pés de Maeric.

Encarando o local onde estivera o buraco, ele pressionou o polegar no botão vermelho. Inútil, ele sabia, mas... Darin, seu filho mais velho, era um dos Cães de Pedra esperando na retaguarda. Eles teriam sido os últimos a passar. Suraile, sua filha mais velha, permanecera com o Cão de Pedra por quem estava pensando em abandonar a lança.

Ele encontrou os olhos de Dyrele, tão verdes e belos quanto no dia em que ela deitara a grinalda a seus pés. E ameaçara degolá-lo, se ele não a apanhasse.

— Podemos esperar — disse ele, baixinho.

O aguacento dissera três dias, mas talvez estivesse errado. Seu polegar tornou a apertar o ponto vermelho. Dyrele assentiu calmamente; ele esperava que não houvesse motivo para chorarem nos braços um do outro quando pudessem ficar a sós.

Uma Donzela desceu às pressas a encosta, baixando o véu rapidamente, sua respiração até ofegante.

— Maeric — disse Naeise, sem esperar que ele a visse —, há lanças a leste, a apenas algumas milhas, e correndo direto na nossa direção. Acho que são Reyn. Pelo menos sete ou oito mil.

Ele podia ver outros *algai'd'siswai* correndo em sua direção. Cairdin, um jovem Irmão da Águia, parou escorregando.

— Eu vejo você, Maeric — disse ele, assim que Maeric o viu. — Há lanças a menos de cinco milhas ao norte, e aguacentos a cavalo. Talvez dez mil de cada. Acho que nenhum de nós ficou à vista lá no cume, mas algumas das lanças se viraram na nossa direção.

Antes que o grisalho Buscador das Águas de nome Laerad abrisse a boca, Maeric soube o que diria.

— Lanças cruzando uma colina três ou quatro milhas ao sul. Oito mil ou mais. Algumas viram um dos garotos. — Laerad nunca desperdiçava palavras, e nunca diria qual garoto, que na verdade podia ser qualquer homem sem cabelos grisalhos.

Não havia tempo a perder, Maeric sabia.

— Hamal! — gritou ele. Não havia tempo para a polidez apropriada a um ferreiro, também.

O homem grandalhão sabia que algo estava errado; subiu a encosta aos tropeços, provavelmente se movendo mais depressa do que se movia desde que apanhara um martelo pela primeira vez.

Maeric entregou-lhe o cubo de pedra.

— Você precisa apertar o ponto vermelho e mantê-lo pressionado, não importa o que aconteça, não importa quanto tempo leve para que aquele buraco se abra. Essa é a única saída para qualquer um de vocês.

Hamal assentiu, mas Maeric nem ao menos esperou que ele concordasse. Hamal entenderia. Ele tocou o rosto de Dyrele, sem se importar com quantos olhos os observavam.

— Sombra do meu coração, prepare-se para vestir branco.

A mão dela se moveu em direção ao cabo da faca de cintura; ela era uma Donzela quando fizera a grinalda. Mas ele balançou a cabeça com firmeza.

— Você precisa viver, esposa, senhora do teto, para preservar o que restar.

Assentindo, ela tocou o rosto dele. Maeric ficou estupefato; ela sempre fora bastante reservada em público.

Erguendo o véu, ele ergueu uma lança bem alto acima da cabeça.

— Moshaine! — urrou ele. — Nós dançamos!

Encosta acima eles o seguiram, homens e Donzelas, uma força de quase mil, contando com os Sem-irmãos. Talvez eles pudessem ser contabilizados entre o ramo. Encosta acima e para oeste; para aquele lado estavam os mais próximos e em menor número. Talvez pudessem conseguir tempo suficiente, embora ele de fato não acreditasse muito nisso. Perguntou-se se Sevanna sabia daquilo. Ah, o mundo havia ficado muito estranho desde a chegada de Rand al'Thor. Algumas coisas, no entanto, não mudavam. Com uma risada, começou a cantar:

Banhem as lanças quando o sol nascer.

Banhem as lanças quando o sol nascer.

Banhem as lanças quando o sol partir.

Banhem as lanças; quem teme morrer?

Banhem as lanças; ninguém por aqui!

Cantando, os Shaído Moshaine correram para dançar com a morte.

* * *

Com o cenho franzido, Graendal viu o portão se fechar atrás do último dos Shaído Jumai. Dos Jumai e de um bom número de Sábias. Ao contrário do que fizera com os outros, Sammael não amarrara aquela trama de modo que ruísse em dado momento. Pelo menos ela achava que fora ele a manter a trama até o fim; do contrário, o fechamento imediatamente após a passagem dos últimos homens vestidos de marrom e cinza teria sido fortuito demais. Rindo, Sammael atirou longe a bolsa, que ainda continha alguns daqueles pedaços inúteis de pedra. Sua própria bolsa vazia já fora descartada muito tempo antes. O sol já estava baixo atrás das montanhas a oeste, metade de uma bola vermelha reluzente.

— Um dia desses a sua esperteza vai lhe dar uma rasteira — disse ela, em um tom seco. — Uma *caixa de tolos*, Sammael? E se algum deles tivesse percebido?

— Ninguém percebeu — respondeu ele simplesmente, mas continuou esfregando as mãos e encarando o local onde estivera o portão. Ou talvez algum ponto além. Ele ainda segurava o Espelho de Brumas, dando-lhe a ilusão de ser mais alto. Ela havia largado o dela assim que o portão se fechara.

— Bem, você sem dúvida conseguiu deixá-los em pânico. — Ao redor deles estava a prova: umas poucas tendas baixas ainda erguidas, cobertores, um caldeirão, uma boneca de pano, todo tipo de entulho largado onde havia caído. — Aonde você os mandou? A algum ponto à frente do exército de al'Thor, suponho.

— Alguns — disse ele, distraído. — O bastante.

A carranca introspectiva desapareceu de repente, e o disfarce também. A cicatriz que lhe cortava o rosto parecia especialmente lívida.

— O bastante para causar problemas, sobretudo com as Sábias deles canalizando, mas não tantos que façam qualquer pessoa suspeitar de mim. O resto está espalhado de Illian a Ghealdan. Quanto a como ou por quê? Talvez tenha sido obra de al'Thor, por suas próprias razões, mas eu certamente não teria desperdiçado a maioria deles se fosse obra minha, teria? — Ele tornou a rir, contente com sua própria sagacidade.

Ela ajeitou o corpete do vestido para disfarçar um tremor. Competir desse jeito era absurdamente idiota — ela já dissera isso a si mesma dez mil vezes, e jamais escutara —, absurdamente idiota, e agora seu vestido parecia que ia cair. O que não tinha nada a ver com o tremor. Ele não sabia que Sevanna levava com ela todas as mulheres Shaido capazes de canalizar. Seria enfim hora de abandoná-lo? Se ela se jogasse à mercê de Demandred...

— Você está atada a mim com tanta firmeza quanto o meu cinto, Graendal — disse ele, como se lesse seus pensamentos. Um portão se abriu, revelando os aposentos particulares dele em Illian. — A verdade já não importa, se é que um dia importou. Ou você sobe comigo, ou desce comigo. O Grande Senhor recompensa o sucesso, e ele nunca se interessou em saber como foi conquistado.

— Se você diz — devolveu ela. Demandred não tinha piedade. E Semirhage... — Eu subo ou desço com você.

Ainda assim, teria que pensar em alguma coisa. O Grande Senhor recompensava o sucesso, mas ela não seria puxada para baixo se Sammael fracassasse. Ela abriu um portão para seu palácio em Arad Doman, para o comprido aposento cheio de colunas onde podia ver seus cachorros

brincando na piscina. — Mas e se al'Thor vier pessoalmente atrás de você? E aí?

— Al'Thor não está indo atrás de ninguém — disse Sammael, rindo. — A única coisa que eu preciso fazer é esperar.

Ainda rindo, ele adentrou seu portão e deixou-o se fechar.

* * *

O Myrddraal saiu das sombras mais profundas, tornando-se visível. Os portões haviam deixado um resíduo em seus olhos — três fragmentos de bruma cintilante. Ele não sabia distinguir um fluxo do outro, mas sabia distinguir *saidin* de *saidar* pelo odor. *Saidin* cheirava ao gume afiado de uma adaga, à ponta de um espinho. *Saidar* tinha um odor suave, mas que podia ficar mais e mais intenso se pressionado. Nenhum outro Myrddraal era capaz de farejar aquela variação. Shaidar Haran era diferente de qualquer outro Myrddraal.

Apanhando uma lança descartada, Shaidar Haran usou-a para virar a bolsa que Sammael tinha descartado, então para remexer os restos de pedra que haviam caído. Muita coisa estava acontecendo fora do planejado. Será que esses eventos desencadeariam o caos, ou...

Violentas chamas negras desceram pelo cabo da lança a partir da mão de Shaidar Haran, a mão da Mão da Sombra. Em um instante o cabo de madeira estava chamuscado e contorcido; a ponta da lança se soltou e caiu. O Myrddraal deixou o cabo enegrecido cair e espanou a fuligem da palma da mão. Se Sammael servia ao caos, então tudo estava bem. Do contrário...

Uma dor súbita subiu por sua nuca; uma fraqueza leve percorreu seus membros. Muito tempo longe de Shayol Ghul. Aquela união teria de ser

desfeita, de algum jeito. Com um rosnado, ele se virou para encontrar a ponta de sombra de que precisava. O dia estava chegando. O dia chegaria.



CAPÍTULO 41



UMA COROA DE ESPADAS

Rand se remexia, sonhando, sonhos loucos onde discutia com Perrin e implorava a Mat que encontrasse Elayne, onde cores lampejavam logo além de sua vista, e Padan Fain o atacava com uma lâmina cintilante, e às vezes ele pensava ouvir uma voz lamentando por uma mulher morta no meio de uma névoa, sonhos onde ele tentava se explicar para Elayne, Aviendha, Min, para as três ao mesmo tempo, e até Min o encarava com desprezo.

— ...não deve ser incomodado! — A voz de Cadsuane. Parte de seus sonhos?

A voz o assustou; em seu sonho, ele gritava por Lews Therin, e o som ecoava por uma névoa espessa onde silhuetas se moviam e pessoas e cavalos morriam aos berros, uma névoa onde Cadsuane o seguia implacavelmente enquanto ele corria, arquejante. Alanna tentava confortá-lo, mas tinha medo de Cadsuane também; ele sentia o medo dela com a mesma força do próprio. Sua cabeça doía. E a lateral do corpo; a antiga cicatriz estava em chamas. Ele sentia *saidin*. Alguém agarrava *saidin*. Seria ele? Rand não sabia. Lutava para acordar.

— Você vai matar ele! — gritou Min. — Eu não vou deixar que você o mate!

Seus olhos se abriram, encarando o rosto dela. Olhando para outro ponto, ela tinha a cabeça de Rand envolta nos braços e encarava alguém longe da

cama. Tinha os olhos vermelhos. Estivera chorando, mas já bastava. Sim, ele estava na própria cama, em seus aposentos no Palácio do Sol. Podia ver um dos postes pesados e quadrados da cama, de madeira escura entremeada de marfim. Sem casaco, com uma blusa de seda cor de creme, Min estava abraçada a ele de maneira protetora sobre o lençol de linho que o cobria até o pescoço. Alanna estava com medo; isso continuava tremulando no fundo de sua mente. Ela temia por ele. Por algum motivo, Rand tinha certeza disso.

— Acho que ele acordou, Min — disse Amys, com delicadeza.

Min baixou os olhos e seu rosto, emoldurado por cachos escuros, reluziu com um sorriso súbito.

Com cuidado — por conta da fraqueza —, ele afastou os braços dela e se sentou. Sua cabeça girava, mas Rand se forçou a não deitar outra vez. A cama estava rodeada.

Em um dos lados estava Amys, flanqueada por Bera e Kiruna. As feições jovens demais de Amys não exibiam qualquer expressão, mas ela passou a mão pelos longos cabelos brancos e remexeu o xale como se estivesse se ajeitando depois de uma batalha. As duas Aes Sedai pareciam serenas, mas era uma serenidade determinada, uma rainha pronta para lutar por seu trono, uma camponesa pronta para lutar por sua fazenda. Estranhamente, nunca tinha visto três pessoas parecerem tão unidas — e não apenas fisicamente — como aquelas três, ombro com ombro, tal e qual uma só.

Do lado oposto da cama, Samitsu, com aqueles sinos de prata nos cabelos, e uma irmã esbelta de espessas sobrancelhas negras e cabelos escuros de aspecto selvagem estava parada ao lado de Cadsuane, que tinha as mãos na cintura. Samitsu e a Aes Sedai de cabelos escuros usavam xales de franjas amarelas e tinham as mandíbulas tão rígidas quanto as de Bera e

Kiruna, mas o olhar firme de Cadsuane fazia as quatro parecerem hesitantes. Os dois grupos não estavam se encarando, mas sim aos homens.

Ao pé da cama encontravam-se Dashiva, com a espada de prata e o Dragão vermelho e dourado reluzindo na gola, e Flinn e Narishma, carrancudos, tentando observar ao mesmo tempo as mulheres paradas de lados opostos da cama. Jonan Adley permanecia ao lado deles, o casaco escuro meio chamuscado em uma das mangas. *Saidin* preenchia os quatro homens quase ao ponto de transbordar, ao que parecia. Dashiva manejava quase tanto quanto Rand era capaz. Rand olhou para Adley, que assentiu de leve.

Abruptamente, Rand percebeu que não usava nada por sob o lençol, caído até a cintura, e nada na parte de cima além de uma atadura envolta no tronco.

— Por quanto tempo eu dormi? — perguntou ele. — Como foi que sobrevivi? — Ele tocou a atadura clara com cautela. — A adaga de Fain veio de Shadar Logoth. Uma vez eu a vi matar um homem em questão de segundos com um só arranhão. Ele morreu depressa, e foi uma morte horrenda.

Dashiva murmurou um xingamento com o nome de Padan Fain.

Samitsu e as outras Amarelas trocaram olhares surpresos, mas Cadsuane limitou-se a assentir, balançando os enfeites dourados em volta do coque grisalho.

— Sim. Shadar Logoth. Isso explica muitas coisas. Pode agradecer a Samitsu por estar vivo, e ao Mestre Flinn. — Ela não olhou para o homem grisalho de franja branca, mas Flinn sorriu como se ela tivesse lhe dispensado uma medida; na verdade, surpreendentemente, as Amarelas assentiram para ele. — E Corele aqui, claro — prosseguiu Cadsuane. — Cada um fez uma parte, inclusive algumas coisas que acho que não eram

feitas desde a Ruptura. — Sua voz assumiu um tom sombrio. — Sem todos os três, você agora estaria morto. Ainda pode morrer, a menos que siga as instruções. Você precisa descansar, e nada de esforços. — O estômago de Rand roncou alto, subitamente, e ela acrescentou: — Só conseguimos lhe dar um pouco de água e caldo desde que você foi ferido. Dois dias é muito tempo sem comida para um homem doente.

Dois dias. Apenas dois. Ele evitou olhar para Adley.

— Vou me levantar — disse ele.

— Eu não vou deixar que eles matem você, pastor — disse Min, com um brilho obstinado nos olhos. — E também não vou deixar você se matar. — Ela abraçou os ombros dele, como se para mantê-lo no lugar.

— Se o *Car'a'carn* quiser se levantar, mando Nandera trazer as Donzelas do corredor — disse Amys, impassível. — Somara e Enaila ficarão especialmente felizes em dar a assistência de que precisar.

Os cantos de sua boca se curvaram em uma tentativa de sorriso. Como ela própria já tinha sido uma Donzela, conhecia muito bem a situação. Nem Kiruna nem Bera sorriam; elas franziram o rosto para Rand, como se ele fosse um completo idiota.

— Garoto — disse Cadsuane, em um tom seco —, eu já vi mais da sua bunda pelada do que gostaria, mas se você quiser experiê-la na frente de todas nós seis, talvez alguém vá gostar do espetáculo. Se cair de cara no chão, no entanto, pode ser que lhe dê umas palmadas antes de colocá-lo de volta na cama.

Pela cara de Samitsu e de Corele, elas ficariam felizes em ajudar.

Narishma e Adley encararam Cadsuane, em choque, enquanto Flinn puxava o casaco como se discutisse consigo mesmo. Dashiva, contudo, soltou uma risada rouca.

— Se quiser que a gente tire as mulheres daqui... — O homem de rosto inexpressivo começou a preparar fluxos; não uma blindagem, mas tramas complexas de Espírito e Fogo que Rand suspeitou que deixariam qualquer um em demasiada dor para pensar em canalizar.

— Não — disse ele, mais que depressa.

Bera e Kiruna obedeceriam a uma simples ordem de sair, e se Corele e Samitsu haviam ajudado a salvar sua vida, ele lhes devia mais do que dor. Mas, se Cadsuane pensava que a nudez o manteria parado, teria uma surpresa. Ele não achava que as Donzelas houvessem deixado nele qualquer resquício de recato. Com um sorriso para Min, soltou os braços dela, jogou o lençol para o lado e saiu da cama pelo lado de Amys.

A Sábua apertou a boca; imaginou que ela estava considerando chamar as Donzelas. Bera lançou a Amys um olhar nervoso, indeciso, enquanto Kiruna mais que depressa virou as costas, com as bochechas rubras. Devagar, ele caminhou até o guarda-roupas. Devagar, pois temia dar a Cadsuane uma chance, se tentasse se mover muito depressa.

— Unf! — resmungou ela atrás dele. — Eu juro, *devia* dar umas palmadas na bunda desse garoto teimoso.

Alguém resmungou uma concordância, ou apenas uma reprovação ao que ele estava fazendo.

— Ah, mas é uma bunda bem bonita, não é? — comentou alguém em um animado sotaque murandiano. Devia ter sido Corele.

Que bom que ele tivesse a cabeça dentro do guarda-roupas. Talvez as Donzelas não tivessem lhe arrancado tanto recato quanto ele pensava. Luz! Sentia o rosto quente feito uma fornalha. Esperando que os movimentos de se vestir encobrissem que estava cambaleando, ele se apressou em vestir as roupas. Sua espada jazia apoiada nos fundos do guarda-roupas, o cinturão

enroscado na bainha de couro de javali escuro. Ele tocou o longo cabo, então afastou a mão.

Descalço, virou-se de volta para os outros enquanto ainda amarrava os laços da camisa. Min permanecia sentada na cama, de pernas cruzadas, vestida nas confortáveis calças de seda verde, parecendo incapaz de se decidir entre aprovação e frustração.

— Preciso falar com Dashiva e os outros Asha'man — disse Rand. — A sós.

Min saiu da cama desajeitadamente e correu para abraçá-lo. Não com força; ela tomou muito cuidado com o lado da atadura.

— Esperei muito tempo para ver você acordar — disse ela, passando um braço pela cintura dele. — Preciso ficar com você.

Enfatizou as palavras apenas um tantinho; devia ter tido uma visão. Ou talvez só quisesse ajudá-lo a firmar as pernas; aquele braço parecia oferecer apoio. De todo modo, ele assentiu; não sentia tanta firmeza assim. Ao pousar a mão no ombro dela, ele de súbito se deu conta de que não queria que os Asha'man soubessem mais do que Cadsuane ou Amys o quanto estava fraco.

Bera e Kiruna fizeram medidas relutantes e rumaram para a porta, então hesitaram ao ver que Amys não se movimentara prontamente.

— Desde que você não pretenda deixar esses aposentos — disse a Sábia, com um tom nada deferente ao *Car'a'carn*.

Rand ergueu o pé descalço.

— Está parecendo que vou a algum lugar?

Amys bufou, mas, com uma olhadela para Adley, se juntou a Bera e Kiruna e partiu.

Cadsuane e as outras duas levaram apenas mais um instante para sair. A Verde de cabelos grisalhos olhou para Adley também. Não devia ser grande

segredo que ele tinha passado dias fora de Cairhien. Diante da porta, ela parou.

— Não faça nenhuma bobagem, garoto.

Ela parecia uma tia durona advertindo um sobrinho inconsequente, sem muita esperança de que ele fosse obedecer. Samitsu e Corele saíram atrás, dividindo olhares sérios entre ele e os Asha'man. Quando elas saíram, Dashiva riu, um som rouco e ofegante, balançando a cabeça; ele de fato parecia estar se divertindo.

Rand afastou-se de Min para apanhar as botas ao lado do guarda-roupas e pegar um par de meias enroladas do lado de dentro.

— Encontro você na antessala assim que calçar as botas, Dashiva.

O Asha'man de rosto impassível se surpreendeu. Estivera franzindo o cenho para Adley.

— Como o senhor ordenar, milorde Dragão — disse ele, apertando o punho contra o coração.

Esperando até que os quatro homens tivessem saído, Rand sentou-se em uma cadeira com uma sensação de alívio e começou a vestir as meias. Tinha certeza de sentir as pernas um pouco mais fortes apenas por ter se levantado e se movimentado. Mais fortes, mas ainda não queriam suportar muito bem o seu peso.

— Tem certeza de que isso é sensato? — perguntou Min, ajoelhando-se junto à cadeira dele.

Rand a olhou com espanto. Se ele tivesse falado durante o sono, naqueles dois dias, as Aes Sedai teriam ficado sabendo. Amys teria mandado Enaila e Somara e mais cinquenta Donzelas para esperar que ele acordasse.

Ele terminou de esticar a meia.

— Você teve uma visão?

Min se sentou sobre os calcanhares, cruzou os braços e dispensou a ele um olhar firme. Depois de um instante, decidiu que não estava funcionando e deu um suspiro.

— É Cadsuane. Ela vai ensinar uma coisa a você e aos Asha'man. A todos os Asha'man, quero dizer. É uma coisa que você precisa saber, mas não sei o que é, só que nenhum de vocês vai gostar de aprender com ela. Não vão gostar nem um pouco.

Rand parou segurando uma bota, então enfiou o pé. O que poderia Cadsuane, ou qualquer Aes Sedai, ensinar aos Asha'man? Mulheres não podiam ensinar nada aos homens, nem os homens às mulheres; e esse era um fato tão estabelecido quanto o Poder Único em si.

— Vamos ver — respondeu ele apenas.

Isso claramente não satisfaz Min. Ela sabia que aconteceria, e ele também; ela nunca se enganava. Mas *o que* poderia Cadsuane de fato ensinar a ele? O que ele deixaria que ela ensinasse a ele? A mulher o deixava inseguro, desconfortável de uma forma que ele não se sentia desde antes da queda da Pedra de Tear.

Batendo o pé para acomodar a segunda bota, ele pegou o cinturão do guarda-roupas e um casaco vermelho trabalhado em ouro, o mesmo que usara com o Povo do Mar.

— Qual foi a barganha que Merana fez para mim? — perguntou ele, e Min soltou um som exasperado do fundo da garganta.

— Nenhuma, até esta manhã — respondeu ela, impaciente. — Ela e Rafela não deixaram o navio desde que saímos, mas enviaram meia dúzia de mensagens perguntando se você está bem o suficiente para retornar. Não acredito que as negociações tenham ido bem para elas, sem você. Acho que é esperar demais que seja para lá que você está indo.

— Ainda não.

Min ficou em silêncio, mas um silêncio bem alto, as mãos cravadas na cintura e uma sobrancelha muito erguida. Bem, dentro em breve ela descobriria praticamente tudo.

Na antessala, todos os Asha'man, à exceção de Dashiva, levantaram-se de suas cadeiras quando Rand apareceu com Min. Encarando o nada e falando sozinho, Dashiva não notou Rand até que ele alcançasse o Sol Nascente entalhado no chão, então pestanejou várias vezes antes de se levantar.

Rand dirigiu-se a Adley enquanto prendia a fivela em formato de Dragão na cintura.

— O exército já chegou aos castros de Illian? — Ele queria se sentar em uma das poltronas douradas, mas não se permitiu. — Como? Deveria ter levado mais muitos dias, na melhor das hipóteses. Na melhor.

Flinn e Narishma pareciam tão surpresos quanto Dashiva; nenhum deles sabia onde Adley e Hopwil tinham ido, ou Morr. Era sempre difícil decidir em quem confiar, e a confiança era um fio de navalha.

Adley se levantou. Havia algo em seus olhos, por sob aquelas sobrancelhas grossas. Ele havia visto o lobo, como diziam em Cairhien.

— O Grão-lorde Weiramon deixou os homens a pé para trás e seguiu em frente com os soldados montados — comunicou ele, em um tom rígido. — Os Aiel acompanharam, claro. — Adley franziu o cenho. — Encontramos Aiel ontem. Shaido; não sei como eles chegaram lá. Havia talvez nove ou dez mil ao todo, mas eles não pareciam ter nenhuma Sábua que pudesse canalizar, e a bem da verdade não nos atrasaram. Chegamos aos castros hoje ao meio-dia.

Rand quis rosar. Deixar os homens a pé para trás! Weiramon estava pensando que conquistaria fortalezas cercadas no topo das colinas com homens a cavalo? Provavelmente. O homem decerto teria deixado os Aiel

para trás também, se conseguisse ultrapassá-los. Nobres idiotas e sua honra idiota! Ainda assim, não importava. Exceto para os homens que morreram porque o Grão-lorde Weiramon desprezava qualquer um que não lutasse em cima de um cavalo.

— Eben e eu começamos a destruir as primeiras paliçadas assim que chegamos — prosseguiu Adley. — Weiramon não gostou muito disso; acho que ele teria nos impedido, mas ficou com medo. De todo modo, começamos a tocar fogo nas toras e abrir buracos nas muralhas, mas logo depois que começamos, Sammael chegou. Ou pelo menos um homem canalizando *saidin*, e muito mais forte que Eben e eu. Tão forte quanto o senhor, milorde Dragão, eu diria.

— Ele chegou na mesma hora? — perguntou Rand, incrédulo, mas então compreendeu.

Ele tivera certeza de que Sammael permaneceria a salvo em Illian, atrás de defesas urdidas pelo Poder, se achasse que teria de enfrentar Rand; muitos dos Abandonados haviam tentado, e a maioria agora estava morta. A contragosto, Rand riu... e precisou apertar a lateral do corpo; rir doía. Toda aquela elaborada enganação para convencer Sammael de que ele estaria em qualquer lugar que não com o exército invasor, para fazer o homem sair de Illian, e tudo desnecessário graças à adaga nas mãos de Padan Fain. Dois dias. Àquela altura, todos que tinham informantes em Cairhien, o que certamente incluía os Abandonados, sabiam que o Dragão Renascido estava à beira da morte. Pensar o contrário era tão inútil quanto jogar madeira molhada no fogo.

— Os homens maquinam, as mulheres conspiram, mas há de ser o que a Roda tecer. — Era um ditado de Tear. — Continue. Morr estava com você ontem à noite?

— Sim, milorde Dragão; Fedwin vem todas as noites, como deve. Ontem à noite, ficou bem óbvio que chegaríamos aos castros hoje.

— Eu não compreendo nada disso. — Dashiva soou desconcertado; um músculo em seu rosto se repuxava. — Vocês o atraíram para fora do esconderijo, mas com que propósito? Assim que ele sentir um homem canalizando com uma força como a sua, tornará a fugir para Illian e para as armadilhas urdidas, sejam lá quais forem. Você não vai conseguir alcançá-lo lá; ele vai ficar sabendo assim que um portão se abrir em um raio de uma milha de distância da cidade.

— Podemos salvar o exército — disse Adley, de repente. — É isso o que podemos fazer. Weiramon ainda estava enviando investidas contra aquele castro quando parti, e Sammael arrasou com todas elas, a despeito do que Eben ou eu fizéssemos. — Ele remexeu o braço com a manga chamuscada. — Precisamos contra-atacar e correr de imediato, e mesmo assim ele quase nos incinerou na hora, mais de uma vez. Os Aiel também estão tendo baixas. Só estão lutando contra os illianenses que aparecem; os outros castros devem estar se esvaziando, de tantos homens que estavam saindo quando eu parti. Mas toda vez que Sammael vê um grupo de cinquenta homens, seja Aiel ou qualquer outro, ele destrói. Se houvesse três dele, ou até mesmo dois, não tenho certeza se encontraria alguém vivo quando voltar.

Dashiva o encarou como se olhasse um louco, e Adley de súbito deu de ombros, como se sentisse a leveza de sua gola preta simples, comparada à espada e ao Dragão do homem mais velho.

— Peço perdão, Asha'man — murmurou ele, envergonhado, então acrescentou, em uma voz ainda mais baixa: — Mas podemos pelo menos salvá-los.

— Nós vamos — garantiu Rand. Só não do jeito que Adley esperava. — Vocês todos vão me ajudar a matar Sammael hoje.

Apenas Dashiva pareceu espantado; os outros apenas assentiram. Nem os Abandonados os assustavam mais.

Rand esperou que Min argumentasse, talvez exigisse ir junto, mas ela o surpreendeu.

— Imagino que você prefira que ninguém saiba que você partiu até que seja necessário, pastor.

Ele assentiu e ela suspirou. Talvez os Abandonados dependessem de pombos e informantes, como qualquer um, mas confiança em excesso podia ser fatal.

— As Donzelas vão querer ir, se souberem, Min.

Elas iam querer, e ele teria dificuldade de recusar. Se conseguisse recusar. Ainda assim, até o desaparecimento de Nandera e de quem mais estivesse de guarda poderia ser demais.

Min tornou a suspirar.

— Acho que posso ir falar com Nandera. Talvez consiga mantê-las lá fora no corredor por uma hora, mas elas não vão ficar felizes comigo quando descobrirem.

Rand quase soltou outra risada, mas se lembrou da ferida; elas com certeza não ficariam felizes com ela, nem com ele.

— Mais importante, fazendeiro: Amys não vai gostar. Nem Sorilea. Olha as coisas em que eu deixo você me meter.

Ele abriu a boca para retrucar que não tinha pedido nada, mas, antes que pudesse dizer palavra, Min se aproximou. Encarando-o sob os longos cílios, ela pôs a mão no peito dele, tamborilando os dedos. Abriu um sorriso afetuoso e manteve a voz baixa, mas os dedos a traíam.

— Se deixar que alguma coisa aconteça com você, Rand al'Thor, eu vou ajudar Cadsuane, quer ela precise de ajuda ou não.

O sorriso se alargou por um instante, de maneira quase alegre, então Min se virou em direção às portas. Ele a observou sair; Min às vezes tinha o poder de deixá-lo tonto... quase todas as mulheres que conhecera na vida fizeram isso pelo menos uma ou duas vezes... mas ela de fato andava de um jeito que o fazia querer ficar olhando.

De repente, ele percebeu que Dashiva também estava olhando. E lambendo os lábios. Rand soltou um pigarro alto o bastante para ser ouvido por sobre o som da porta se fechando atrás dela. Por algum motivo, o homem de rosto inexpressivo ergueu as mãos, na defensiva. Rand não olhara feio para ele nem nada; não podia sair por aí encarando os homens só porque Min usava calças justas. Envolvendo-se com o Vazio, ele agarrou *saidin* e forçou fogo congelado e imundícies derretidas em uma trama para abrir um portão. Dashiva deu um salto para trás tão logo o portão se abriu. Talvez uma mão decepada lhe ensinasse a não lamber os beijos feito um bode. Algo vermelho e retorcido percorreu o exterior do Vazio, como uma teia de aranha.

Rand atravessou para um chão de terra batida, com Dashiva e os outros logo atrás, soltando a Fonte assim que o último homem passou. Uma sensação de perda o arrebatou assim que *saidin* sumiu, e a consciência de Alanna minguou. A perda não parecera tão grande quando Lews Therin estava presente, tão imensa.

Bem acima, o sol dourado estava a mais de meio caminho em direção ao horizonte. Uma rajada de vento varria a terra sob suas botas sem deixar qualquer frescor para trás. O portão havia se aberto em uma área desobstruída, demarcada por uma corda esticada entre quatro estacas de madeira. Em cada um dos cantos havia um par de guardas de casacos curtos

e calças bufantes enfiadas para dentro das botas, espadas que pareciam levemente retorcidas penduradas no quadril. Alguns tinham bigodes grossos que iam até o queixo, ou barbas cheias, e todos tinham narizes proeminentes e olhos escuros que pareciam meio oblíquos. Assim que Rand apareceu, um deles saiu correndo.

— O que estamos fazendo aqui? — perguntou Dashiva, olhando em volta, incrédulo.

Ao redor deles se estendiam centenas de tendas pontudas, cinza e branco-sujo, tendas e fileiras de estacas com cavalos já selados. Caemlyn ficava a poucas milhas de distância, escondida atrás das árvores, e a Torre Negra não muito mais longe, mas Taim não saberia disso a não ser que tivesse um espião vigiando. Uma das tarefas de Fedwin Morr fora prestar atenção — pressentir — a qualquer um que tentasse espionar. Com uma onda de murmúrios se espalhando a partir da área demarcada, homens de narizes acentuados e espadas retorcidas se levantaram e viraram-se para olhar Rand com expectativa. Aqui e ali também havia mulheres; as saldaeanas costumavam cavalgar para a guerra com seus maridos, pelo menos entre os nobres e oficiais. Hoje, no entanto, isso não aconteceria.

Passando depressa por baixo da corda, Rand avançou direto até uma tenda igual a qualquer outra, exceto pelo estandarte no mastro à frente: três flores vermelhas em um fundo azul. A flor de ouro-real não morria nem nos invernos de Saldaea, e, quando o fogo enegrecia as florestas, aquelas flores vermelhas eram sempre as primeiras a ressurgir. Uma flor que nada podia matar: o símbolo da Casa Bashere.

Dentro da tenda, o próprio Bashere já estava de botas e esporas e de espada na cintura. Deira estava com ele, uma presença agourenta em um vestido de montaria no mesmo tom do casaco cinza do marido, e, ainda que não portasse espada, a comprida adaga no cinto de pesados discos prateados

já bastava. As manoplas de couro enfiadas atrás daquele cinto indicavam alguém que pretendia cavalgar com empenho.

— Pensei que seria apenas daqui a alguns dias — disse Bashere, levantando-se de uma cadeira dobrável de acampamento. — A bem da verdade, daqui a semanas. Esperava ter a maioria dos inúteis de Taim armados, como o jovem Mat e eu planejamos; reuni todos os fabricantes de bestas que pude encontrar em uma fábrica, e eles estão começando a produzir feito uma porca parindo porquinhos. Mas, no momento, apenas uns quinze mil têm bestas na mão e sabem o que fazer com elas. — Com um olhar questionador, ele ergueu uma jarra de prata que jazia sobre os mapas espalhados na mesa. — Temos tempo para um ponche?

— Nada de ponche — respondeu Rand, impaciente.

Bashere já havia falado sobre os homens que Taim encontrara, que eram incapazes de aprender a canalizar, mas mal dera ouvidos. Se Bashere achava que eles estavam bem treinados, era só isso o que importava.

— Dashiva e mais três Asha'man aguardam do lado de fora; assim que Morr se juntar a eles, estaremos prontos. — Ele olhou Deira ni Ghaline t'Bashere, assomando sobre o marido baixinho, com seu nariz aquilino e olhos que faziam os de um gavião parecerem delicados. — Nada de ponche, Bashere. E nada de esposas. Não hoje.

Deira abriu a boca, os olhos escuros de repente o fulminando.

— Nada de esposas — repetiu Bashere, alisando o longo bigode grisalho. — Vou passar a ordem adiante. — Virando-se para Deira, ele estendeu a mão. — Esposa — disse com suavidade.

Com tom suave ou não, Rand estremeceu e esperou a explosão.

Deira apertou os lábios. Encarou o marido com uma carranca, um gavião prestes a dar o bote em um rato. Não que Bashere parecesse um rato, claro; apenas um gavião bem menor. Ela respirou fundo; Deira era capaz de fazer

uma respiração profunda parecer um prenúncio de terremoto. Soltando a adaga embainhada no cinto, ela deitou-a na mão do marido.

— Mais tarde conversamos sobre isso, Davram — disse ela. — Em detalhes.

Um dia, quando tivesse tempo, Rand decidiu que faria Bashere explicar como fazia aquilo. Se algum dia houvesse tempo.

— Em detalhes — concordou Bashere, sorrindo por sob o bigode enquanto enfiava a adaga atrás do próprio cinto. Talvez o homem apenas fosse um suicida.

A corda havia sido baixada do lado de fora, e Rand ficou esperando com Dashiva e os outros Asha'man enquanto nove mil saldaeanos da cavalaria leve se enfileiravam atrás de Bashere em colunas de três. Em algum ponto atrás deles, quinze mil homens que se denominavam a Legião do Dragão estavam se reunindo a pé. Rand os vira de relance; todos de casaco azul com abotoamento lateral, de modo que o Dragão vermelho e dourado que cruzava o peitoral não fosse repartido. A maioria carregava bestas de metal; alguns levavam escudos pesados, mas nenhum portava lança. Fosse lá que ideia Mat e Bashere tivessem maquinado, Rand esperava que não fosse conduzir um bando desta legião à morte.

Morr sorria avidamente enquanto esperava, quase dando pulinhos. Talvez apenas estivesse feliz de voltar ao casaco preto com a espada de prata na gola; Adley e Narishma, no entanto, exibiam sorrisos idênticos, e até Flinn não estava muito diferente. Eles agora sabiam aonde estavam indo e o que fariam lá. Dashiva franzia o cenho para o nada, como de costume, remexendo os lábios em silêncio. Como de costume. Também em silêncio, também carrancudas, estavam as mulheres saldaeanas reunidas atrás de Deira, observando de um dos lados. Águias e falcões, de penas eriçadas e furiosas. Rand não se importava com carrancas e caras feias; se ele podia

enfrentar Nandera e o restante das Donzelas depois de impedi-las de participar, então os homens de Saldaea poderiam tolerar qualquer tipo de conversa detalhada. Naquele dia, se a Luz permitisse, nenhuma mulher morreria por causa dele.

Tantos homens não podiam ser enfileirados em um minuto, mesmo que estivessem aguardando a ordem, mas em um intervalo de tempo incrivelmente curto, Bashere ergueu a espada e gritou:

— Milorde Dragão!

Uma onda ecoou pela imensa coluna atrás dele:

— O Lorde Dragão!

Agarrando a Fonte, Rand abriu um portão entre as estacas, de quatro passadas por quatro, e cruzou-o enquanto amarrava a trama, preenchido por *saidin* e com os Asha'man no seu encaixe, e adentrou uma grande praça aberta rodeada por gigantescas colunas brancas, cada uma encimada por uma grinalda de ramos de oliveira entalhada em mármore. Nas duas extremidades da praça havia palácios quase idênticos de teto roxo, alamedas ladeadas por colunas, varandas altas e torres delgadas. Eram o Palácio do Rei e o Grande Salão do Conselho, um pouco menor, e aquela era a Praça de Tammaz, no coração de Illian.

Um homem magrelo de casaco azul, com uma barba sem bigode, ficou boquiaberto ao ver Rand e os Asha'man de casaco preto pulando de um buraco no meio do ar. Uma mulher corpulenta, em um vestido verde com bainha alta o bastante para mostrar as sandálias verdes e os tornozelos cobertos com meias também verdes, levou as mãos ao rosto e permaneceu paralisada diante deles, os olhos escuros esbugalhados. Todos paravam para olhar, mascates com suas bandejas, condutores de carroções freando seus bois, homens, mulheres e crianças simplesmente de queixo caído.

Rand ergueu as mãos e canalizou.

— Eu sou o Dragão Renascido!

As palavras ressoaram pela praça, amplificadas por Ar e Fogo, e chamadas irromperam por suas mãos e alcançaram cem pés de altura. Atrás dele, os Asha'man preencheram o céu com bolas de fogo zunindo em todas as direções. Todos, exceto Dashiva, que fez raios azuis entrecortados em uma teia, bem no alto da praça.

Nada mais foi necessário. Uma torrente de pessoas aos berros partiu em todas as direções, fugindo da Praça de Tammaz. Escaparam na hora exata. Rand e os Asha'man afastaram-se do portão, e Davram Bashere conduziu seus saldaeanos aos urros para Illian, uma torrente de cavaleiros brandindo as espadas enquanto atravessavam. Bem adiante Bashere liderava a linha central da coluna, tal e qual eles haviam planejado tanto tempo antes, enquanto as duas outras fileiras se desgarravam para os dois lados. Eles se afastaram do portão, dividindo-se em grupos menores, galopando pelas ruas que conduziam para fora da praça.

Rand não esperou para ver os últimos cavaleiros saindo. Com bem menos de um terço fora do portão, ele imediatamente urdiu outro, de abertura menor. Não era preciso conhecer um local para onde Viajar até lá, se a distância pretendida fosse bem curta. À sua volta, ele sentiu Dashiva e o restante urdindo os próprios portões, mas já foi adentrando o seu, deixando-o se fechar atrás de si no topo de uma das torres delgadas do Palácio do Rei. Distraído, ficou pensando se Mattin Stepaneos den Balgar, o rei de Illian, estaria em algum ponto abaixo dele naquele momento.

O topo da torre não tinha mais que cinco passadas de largura, rodeado por uma amurada de pedras vermelhas que não chegava à altura de seu peito. A cinquenta passadas de altura, era o ponto mais elevado de toda a cidade. De lá, ele podia ver os telhados reluzentes sob o sol vespertino, vermelhos, verdes, de todas as cores, até os compridos passadiços de terra

que entrecortavam os vastos pântanos de grama alta em torno da cidade e do porto. Um odor penetrante de sal pairava no ar. Illian não necessitava de muralhas; todo aquele trecho de pântano adjacente era capaz de impedir ataques. Ataques de qualquer um que não fosse capaz de abrir buracos no ar. Por outro lado, muralhas também não teriam adiantado de nada.

Era uma bela cidade, com seus prédios feitos de pedra clara, uma cidade entrecortada por tantos canais quanto ruas, que pareciam rendas verde-azuladas daquela altura, mas Rand não parou para admirar. Lá embaixo, cruzando os telhados de tavernas, lojas e torres de palácios, ele direcionou fluxos de Ar e Água, Fogo e Terra e Espírito, girando enquanto trabalhava. Não tentou urdir os fluxos, simplesmente varreu com eles a cidade e uma boa milha por sobre o pântano. De cinco outras torres vieram fluxos pairando baixo e, onde eles se tocavam, luzes piscavam, faíscas brotavam e nuvens de vapor colorido irrompiam, um espetáculo de causar inveja a qualquer Iluminador. Não conseguia imaginar melhor forma de assustar o povo e fazê-lo se enfiar debaixo da cama, fora do caminho dos soldados de Bashere, embora esse não fosse o motivo daquilo.

Muito tempo antes ele concluía que Sammael devia ter urdido selos de proteção por toda a cidade, para enviar um sinal caso alguém canalizasse *saidin*. Selos de proteção invertidos, para que ninguém exceto o próprio Sammael pudesse encontrá-los, selos de proteção que o informariam exatamente de onde o homem estava canalizando, de modo que Sammael pudesse destruí-lo imediatamente. Com sorte, todos aqueles selos de proteção estavam sendo ativados naquele momento. Lews Therin afirmara que Sammael os sentiria de onde estivesse, mesmo à distância. Era por isso que os selos de proteção deveriam estar inutilizados agora; aquele tipo, uma vez ativado, teria de ser urdido novamente. Sammael viria. Jamais em sua vida ele abrira mão de qualquer coisa que considerasse sua, por mais

duvidoso que fosse seu direito, não sem lutar. Tudo isso vindo de Lews Therin. Se ele fosse real. Tinha que ser. Aquelas lembranças eram detalhadas demais. Mas um homem louco também não seria capaz de sonhar suas loucuras em detalhes?

Lews Therin!, gritou ele, em silêncio. O vento que cortava Illian respondeu.

Abaixo, a Praça de Tammaz jazia deserta e silenciosa, vazia exceto por umas poucas carroças abandonadas. De um lado, o portão era invisível, a não ser pelas tramas.

Rand alcançou aquelas tramas e desfez o nó; enquanto o portão esvanecia, ele soltou *saidin* com relutância. Todos os fluxos sumiram do céu. Talvez alguns dos Asha'man ainda estivessem segurando a Fonte, mas ele tinha mandado que não o fizessem. Avisara que pretendia matar sem aviso qualquer homem que sentisse canalizando em Illian depois que ele próprio parasse. Ele não queria descobrir depois que o canalizador havia sido um deles. Rand se recostou na amurada, à espera, desejando poder se sentar. Suas pernas doíam, e a lateral do corpo ardia em qualquer posição, mas ele talvez precisasse ver tanto quanto sentir uma trama.

A cidade não estava totalmente quieta. De várias direções, ouvia gritos distantes, um clangor fraco de metal. Mesmo deslocando tantos homens pela fronteira, Sammael não havia deixado Illian totalmente desprotegida. Rand deu um giro, tentando olhar em todas as direções. Achava que Sammael chegaria ao Palácio do Rei ou àquele palácio do outro lado da praça, mas não tinha certeza. Em uma rua, ele viu um grupo de saldaeanos enfrentando um igual número de homens montados com placas peitorais reluzentes; mais homens de Saldaea chegaram a galope de repente, vindo de um dos lados, e a luta desapareceu de vista por detrás dos prédios. Em outra direção, avistou alguns da Legião do Dragão, marchando por uma ponte

baixa do canal. Um oficial marcado por uma pluma comprida no capacete avançou na frente de uns vinte homens carregando escudos largos que chegavam aos ombros, seguidos por talvez mais uns duzentos com bestas pesadas. Como lutariam? Gritos e o clangor de aço contra aço à distância, gritos fracos de homens morrendo.

O sol foi descendo, e as sombras se alongaram pela cidade. Crepúsculo, o sol feito um domo carmesim, bem baixo a oeste. Umas poucas estrelas surgiram. Ele se enganara? Será que Sammael apenas fugiria para outro lugar, encontraria outra terra para dominar? Será que estivera apenas dando ouvidos a suas próprias divagações insanas?

Um homem canalizou. Por um instante, Rand congelou, encarando o Grande Salão da Torre. Houvera *saidin* suficiente para um portão; talvez não tivesse sentido uma canalização menor, lá do outro lado da praça. Só podia ser Sammael.

Em um momento ele agarrou a Fonte, urdiu um portão e saltou para dentro dele, com raios preparados para voar de suas mãos. Era um aposento grande, iluminado por imensos lampiões de chão espelhados e outros presos a correntes no teto, com paredes de mármore branquíssimo com entalhes ilustrando batalhas, e navios aglomerados nos cais da própria Illian, rodeados por pântanos. No outro extremo do aposento, nove poltronas pesadas, com entalhes e detalhes em ouro, permaneciam feito tronos sobre um palanque branco alto, e a cadeira do meio tinha o espaldar mais alto de todos. Antes que ele pudesse soltar o portão atrás de si, o topo da torre onde ele estivera explodiu. Rand sentiu o alvoroço de Fogo e Água enquanto uma chuva de detritos atingia o portão, jogando-o de cara no chão. A dor lhe açoitou a lateral do corpo quando ele aterrissou no assoalho, uma afiada lança vermelha sendo cravada no Vazio onde ele flutuava. E foi isso, mais

do que qualquer outra coisa, que o fez soltar o portão. A dor de outra pessoa; a fraqueza de outra pessoa. No Vazio, ele podia ignorá-las.

Rand se mexeu, forçando os músculos de outro homem a trabalhar, pôs-se de pé, trôpego, e saiu correndo em direção ao palanque enquanto centenas de filamentos vermelhos desciam pelo teto e queimavam o piso de mármore azul-marinho em um grande círculo contornando o ponto onde o resíduo do portão ainda esvanecia. Um deles acertou o calcanhar da bota, atingindo a pele, e Rand ouviu o próprio grito ao desabar no chão. Não era a sua dor, nem no pé nem na lateral do corpo. Não era dele.

Rolando de costas, ele ainda viu os resquícios daqueles filamentos vermelhos ardentes, frescos o bastante para distinguir Fogo e Ar urdidos de um jeito que não conhecia. Frescos o bastante para distinguir exatamente a direção de onde tinham vindo. Buracos negros no chão e no teto alto de gesso branco trabalhado crepitavam e chiavam ao contato com o ar.

Rand ergueu as mãos e urdiu fogo devastador. Começou a urdir. O rosto de outro homem ardeu com a lembrança de um tapa, e a voz de Cadsuane crepitou em sua cabeça como os buracos que os filamentos vermelhos haviam feito. *Não faça isso de novo. Nada de fogo devastador. Nunca mais.* Teve a impressão de ouvir Lews Therin choramingando em um medo distante do que estava prestes a perder, o que quase destruiu o mundo uma vez. Qualquer fluxo além de Fogo e Ar esvaneceu, e Rand urdiu como tinha visto. Mil delicados fios vermelhos brotaram entre suas mãos, espalhando-se ao se projetarem para cima. Um pedaço circular do teto com uns dois pés de diâmetro desabou em lascas de pedra e poeira de gesso.

Somente depois de ter feito isso ele pensou que poderia haver alguém entre ele e Sammael. Pretendia ver Sammael morto naquele dia, mas se pudesse fazer isso sem matar mais ninguém... As tramas esvaneceram enquanto Rand se levantava mais uma vez e mancava apressado até as

portas na lateral do aposento, coisas compridas com cada painel ornamentado com nove abelhas douradas do tamanho de seu punho.

Um pequeno fluxo de Ar abriu uma porta antes que ele a alcançasse, pequeno demais para ser detectado a qualquer distância. Mancando até o corredor, ele se abaixou sobre um dos joelhos. O flanco do outro homem ardia, e seu calcanhar era pura agonia. Rand pegou a espada e apoiou-se nela, à espera. Um sujeito bem barbeado com bochechas gorduchas e rosadas espiou por uma curva naquela direção; o pedaço de casaco à vista foi suficiente para identificá-lo como um serviçal. Ao menos o casaco verde e amarelo parecia um uniforme. O sujeito viu Rand e, bem devagar, recuou e desapareceu. Cedo ou tarde, Sammael teria de...

— Illian pertence a mim!

A voz estrondeou pelo ar vinda de todas as direções, e Rand soltou um xingamento. Só podia ser a mesma trama que ele próprio usara na praça, ou alguma muito similar; requeria tão pouco do Poder que ele não conseguiria captar os fluxos mesmo que estivesse a dez passos de distância do homem.

— Illian é minha! Eu não vou destruir o que pertence a mim para matar você, e também não vou deixar que você a destrua. Você teve a audácia de vir me procurar aqui? Tem a coragem de me seguir outra vez? — Um tom ardiloso e debochado dominou aquela voz estrondeante. — Você tem a coragem? — Em algum ponto acima, um portão se abriu e se fechou; Rand não teve dúvida disso.

Coragem? Se ele tinha a *coragem*?

— Eu sou o Dragão Renascido — murmurou ele —, e vou matar você.

Urdu um portão e o adentrou, rumando para um ponto alguns andares acima.

Era outro corredor, repleto de tapeçarias exibindo navios ao mar. Na outra ponta, a última nesga avermelhada de sol reluzia por uma passagem

ladeada de colunas. O resíduo do portão de Sammael pairava no ar, os fluxos se dissipando como fantasmas de brilho fraco. Porém, não tão fracos que Rand não pudesse distingui-los. Ele começou a urdir, então parou. Saltara até ali sem pensar em uma armadilha. Se copiasse exatamente o que estava vendo, sairia no mesmo lugar que Sammael, ou tão perto que não faria diferença. Mas com apenas uma pequena alteração; não havia como saber se a mudança seria de cinquenta ou quinhentos pés, mas de qualquer forma seria perto o bastante.

A barra vertical prateada começou a girar e se abrir, revelando as ruínas grandiosas encobertas pelas sombras, não tão escuras quanto o corredor. Visto através do portão, o sol era uma fatia vermelha apenas um pouco mais grossa, meio escondida por um domo estilhaçado. Rand conhecia aquele lugar. Da última vez que estivera ali, acrescentara um nome àquela lista de Donzelas em sua mente; da primeira vez, Padan Fain o seguira e se tornara algo mais que um Amigo das Trevas, pior que um Amigo das Trevas. A fuga de Sammael para Shadar Logoth parecia fechar um ciclo, de inúmeras formas. Não havia tempo a perder agora que ele estava abrindo o caminho. Antes que o portão terminasse de se abrir, Rand adentrou a cidade em ruínas que um dia fora chamada de Aridhol, correu mancando, deixando que a trama se esvaísse, as botas triturando as pedras lascadas do pavimento e as folhas mortas.

Na primeira curva, ele deu a volta. O chão estremeceu sob seus pés enquanto estrondos soaram na direção de onde ele viera, luz relampejando sobre luz na escuridão do crepúsculo; Rand sentiu o alvoroço de Terra, Fogo e Ar. Berros e ganidos se ergueram em meio a estrondos de colisões. Com *saidin* pulsando dentro de si, ele seguiu mancando, e sem olhar para trás. Correu e, tomado pelo Poder, mesmo sob a escuridão das sombras podia enxergar claramente.

Por toda a imensa cidade havia enormes palácios de mármore, cada um com quatro ou cinco domos de diferentes formatos pintados de carmesim pelo sol poente, fontes e estátuas de bronze em cada cruzamento, grandes trechos de colunas subindo a torres que alcançavam o sol. Isso quando intactas, pelo menos; a maioria terminava em pontas lascadas. Para cada domo que permanecia íntegro, dez eram cascas de ovos quebradas com o topo arrancado ou um lado faltando. Estátuas jaziam tombadas e quebradas, ou de pé com braços e cabeças faltando. A escuridão se adensava rapidamente por entre os extensos montes de entulho, e as poucas árvores mirradas nas encostas formavam silhuetas retorcidas contra o céu, feito dedos quebrados.

Tijolos e pedras se espalhavam pela entrada do que podia ter sido um pequeno palácio; metade da fachada estava faltando, e a outra metade colunada se inclinava feito um bêbado em direção à rua. Rand parou no meio da rua, logo antes dos detritos, pronto para usar *saidin* caso captasse outra presença. Ficar pelos cantos da rua não era boa ideia, e não apenas porque qualquer prédio podia desabar a qualquer momento. Mil olhos invisíveis pareciam observar, as janelas feito globos oculares vazios, espiando com uma ansiedade quase palpável. De modo distante, sentia a nova ferida pulsar na lateral do corpo, uma lasca de chama, ecoando o mal que se agarrava até à poeira de Shadar Logoth. A antiga cicatriz se contraiu como um punho. A dor no pé parecia de fato muito distante. Mais perto, o próprio Vazio pulsava ao redor dele, a mácula do Tenebroso em *saidin* latejando no mesmo ritmo do corte em suas costelas. Um lugar perigoso à luz do dia, Shadar Logoth. À noite...

Rua abaixo, depois de um monumento cônico milagrosamente de pé, algo se moveu, uma forma sombria avançando pela escuridão. Rand quase canalizou, mas não acreditava que Sammael fosse se esgueirar daquele

jeito. Assim que adentrou a cidade, quando Sammael tentou destruir tudo ao redor de seu portão, Rand ouviu gritos terríveis. Mal prestara atenção, no entanto. Nada vivia em Shadar Logoth, nem mesmo ratos. Sammael devia ter trazido seguidores, sujeitos que não se importaria de matar na tentativa de alcançar Rand. Talvez um deles pudesse levá-lo a Sammael. Ele apressou o passo tanto quanto conseguiu, no maior silêncio possível. O pavimento arruinado crepitando sob suas botas parecia o som de ossos se partindo. Esperava que fosse audível apenas a seus ouvidos realçados por *saidin*.

Parando na base da torre, uma grossa agulha de pedra entalhada com uma escrita fluida, ele espiou à frente. A figura já tinha sumido; apenas tolos ou loucos adentravam Shadar Logoth à noite. O mal que maculava Shadar Logoth, o mal que matara Aridhol, não havia morrido com Aridhol. Mais adiante na rua, um filete de névoa prateada tremulou para fora de uma janela, arrastando-se em direção a outro, que veio ao seu encontro a partir de um grande vão em uma muralha alta de pedra. O interior desse vão reluzia como se uma lua cheia brilhasse ali dentro. De noite, Mashadar perambulava por sua cidade-prisão, uma vasta presença que podia surgir em uma dúzia de lugares ao mesmo tempo, uma centena. O toque de Mashadar não era um jeito agradável de morrer. Dentro de Rand, a mácula de *saidin* latejou mais forte; a ardência distante na lateral de seu corpo queimou feito dez mil raios, um por cima do outro. Até o chão parecia pulsar sob suas botas.

Ele deu meia-volta, cogitando ir embora. Era muito provável que Sammael tivesse partido, agora que Mashadar estava à solta. Muito provável que o homem o tivesse atraído até ali na esperança de que ele fosse vasculhar as ruínas até que Mashadar o matasse. Ele se virou e parou, se agachando contra a torre. Dois Trollocs se arrastavam pela rua, silhuetas

imensas de malha preta, duas cabeças mais altos que ele, ou até mais. Espinhos se projetavam dos ombros e cotovelos das armaduras, e eles portavam lanças com compridas pontas negras e ganchos malignos. A seus olhos preenchidos por *saidin*, era possível distinguir claramente os rostos; um distorcido por um bico de águia onde deveriam estar o nariz e a boca, o outro por um focinho de javali com presas. Cada passo arrastado indicava medo; Trollocs amavam matar, amavam sangue, mas Shadar Logoth os aterrorizava. Devia haver Myrddraal por perto; nenhum Trolloc adentraria aquela cidade sem a condução de um Myrddraal. Nenhum Myrddraal teria adentrado sem a condução de Sammael. Tudo isso indicava que Sammael ainda devia estar ali, ou aqueles Trollocs estariam correndo para os portões, não caçando. E eles estavam caçando. Aquele focinho de javali farejava o ar, à procura de algum odor.

De repente, uma figura em andrajos saltou de uma janela acima dos Trollocs, caindo sobre eles com a lança já a golpear. Uma Aiel, uma mulher, a *shoufa* enrolada na cabeça, mas o véu pendendo. O Trolloc com bico de águia soltou um guincho enquanto a ponta da lança se cravava profundamente na lateral de seu corpo duas vezes seguidas. Quando o companheiro caiu, se contorcendo, o focinho de javali se virou rosnando e atacou ferozmente, mas a mulher se agachou para desviar da ponta preta em forma de gancho e golpeou o estômago da criatura, que desabou por sobre a outra em uma montanha convulsiva.

Rand se levantou e correu sem nem pensar.

— Liah! — gritou ele.

Tinha pensado que ela estava morta, abandonada ali por ele, morta por ele. Liah, dos Chareen Cosaida; aquele nome fulgurava na lista em sua cabeça.

Ela se virou para confrontá-lo, a lança a postos em uma das mãos, o broquel redondo de couro de touro na outra. O rosto que ele se lembrava de ser bonito, apesar das cicatrizes em ambas as faces, estava contorcido de raiva.

— Meu! — sibilou ela em um tom ameaçador, entre os dentes. — Meu! Ninguém pode vir aqui! Ninguém!

Ele parou na mesma hora. Aquela lança esperava, ávida por golpear suas costelas também.

— Liah, você me conhece — disse ele, baixinho. — Você me conhece. Vou levar você de volta às Donzelas, de volta às suas irmãs-de-lança. — Ele estendeu a mão.

A raiva dela se dissolveu em um cenho franzido. Ela inclinou a cabeça.

— Rand al'Thor? — disse ela, devagar, então arregalou os olhos, encarou os Trollocs mortos, e um olhar de horror tomou-lhe o rosto. — Rand al'Thor — sussurrou, tateando o véu negro para ajustá-lo no lugar com a mão que segurava a lança. — O *Car'a'carn*! — gemeu ela. E fugiu.

Ele coxeou atrás dela, arrastando-se com dificuldade por sobre pilhas de entulho espalhadas pela rua, caindo, rasgando o casaco, tornando a cair e quase perdendo o casaco, rolando e se levantando. A fraqueza de seu corpo era distante, e também a dor, mas mesmo flutuando profundamente no Vazio, havia um limite para forçar aquele corpo. Liah desapareceu pela noite. Dobrara a sombria esquina seguinte, ele achava.

Ele alcançou a esquina o mais rápido que pôde. E quase deu de cara com quatro Trollocs de malha e um Myrddraal, a capa escura anormalmente imóvel nas costas enquanto o Desvanecido se mexia. Os Trollocs rosnaram, surpresos, mas o choque durou menos que um piscar de olhos. Lanças com ganchos e espadas curvas como foices foram empunhadas; a lâmina

escuríssima do Myrddraal foi sacada, uma lâmina que provocava ferimentos quase tão mortais quanto a adaga de Fain.

Rand nem sequer tentou desembainhar a espada com a marca da garça no quadril. Feito a morte em um casaco vermelho esfarrapado, ele canalizou, e uma espada de fogo brotou em suas mãos, pulsando sombriamente no ritmo de *saidin*, varrendo uma cabeça sem olhos dos ombros. Teria sido mais simples destruir todos do jeito que ele vira os Asha'man matarem nos Poços de Dumai, mas alterar as tramas naquele momento, tentar alterá-las, poderia requerer um instante fatal. Aquelas espadas podiam matar até mesmo ele. Rand lutou na escuridão iluminada pela chama em suas mãos, sombras perpassando os rostos acima dele, caras com focinhos de lobos e bodes, contorcidas em berros enquanto sua lâmina flamante fatiava malha negra e carne como se fosse água. Os Trollocs dependiam de seus números e de sua ferocidade arrebatadora; ao enfrentá-lo, com aquela espada forjada no Poder, foi quase o mesmo de estarem paralisados e desarmados.

A espada desapareceu das mãos dele. Ainda mantendo a posição de luta chamada Torcendo o Vento, Rand ficou parado em meio à matança. O último Trolloc a cair ainda se debatia, arrastando os chifres de bode no pavimento fragmentado. O Myrddraal sem cabeça ainda sacudia os braços, claro, os pés calçados nas botas se arrastando loucamente; Meios-homens não morriam depressa, nem mesmo sem cabeça.

Assim que a espada desapareceu, um raio prateado desceu do céu límpido e estrelado.

O primeiro caiu com um estrépito ensurdecidor a menos de quatro passadas. O mundo embranqueceu, e o Vazio colapsou. O chão tremeu debaixo dele quando outro raio caiu, e mais outro. Rand não havia percebido até então que estava de cara no chão. O ar crepitava. Tonto, ele se

levantou, cambaleando enquanto corria de uma chuva de raios que destruiu a rua em um estrondo de prédios desabando. Ele continuou em frente, sem se importar com a direção, contanto que fosse para longe.

De repente sua mente clareou o bastante para que ele visse onde estava, cambaleando por sobre um amplo chão de pedra cheio de detritos, alguns tão grandes quanto ele. Aqui e ali, buracos escuros e irregulares se arreganhavam nas pedras do piso. Por toda a volta se erguiam paredes altas, e camada sobre camada de largos alpendres davam a volta no aposento inteiro. Apenas uma pequena porção do que um dia fora um amplo teto ainda restava, em um dos cantos. Estrelas cintilavam acima.

Ele deu mais um passo cambaleante e o chão cedeu sob seus pés. Rand estendeu os braços desesperadamente e sua a mão direita agarrou uma borda áspera com um solavanco. Ele ficou pendurado sobre um negrume total. Até onde ele sabia, a queda sob suas botas poderia ser de algumas braças até um porão, ou de uma milha. Ele podia firmar faixas de Ar na borda irregular do buraco acima para auxiliar sua saída, só que... De alguma forma, Sammael sentira a quantidade relativamente pequena de *saidin* usada na espada. Houvera um atraso antes do estouro dos raios, mas Rand não sabia dizer quanto tempo havia levado matando os Trollocs. Um minuto? Segundos?

Içando o próprio corpo, ele ergueu o braço esquerdo, tentando alcançar a beirada do buraco. A dor que o Vazio já não amenizava lhe lancetava a lateral do corpo. Sua visão foi tomada de pontinhos dançantes. E pior, a mão direita escorregou pelos fragmentos de pedra, e Rand sentiu os dedos perdendo a força. Ele teria que...

Uma mão agarrou seu punho direito.

— Você é um idiota — disse uma voz grave de homem. — Considere-se com sorte por eu não querer ver você morrer hoje. — A mão começou a

puxá-lo para cima. — Vai ajudar? Eu não pretendo lhe carregar nos ombros, nem matar Sammael por você.

Superando o susto, Rand estendeu o braço e agarrou a beirada do buraco, puxando, apesar da agonia nas costelas. Mesmo com dor, conseguiu reobter o Vazio e agarrar *saidin*. Não canalizou, mas queria estar pronto.

Sua cabeça e ombros ergueram-se acima do chão, e ele viu o outro homem; um sujeito grande, um pouco mais velho, de cabelos negros como a noite e um casaco negro de Asha'man. Rand jamais o vira antes. Pelo menos não era um dos Abandonados; aqueles rostos ele conhecia. Pelo menos, achava que conhecia.

— Quem é você? — indagou ele.

Ainda puxando, o homem soltou uma risada.

— Digamos que sou um viajante de passagem. Você quer mesmo conversar agora?

Poupando o fôlego, Rand lutou para se erguer, passando o peitoral pela beirada, depois a cintura. De súbito, percebeu que um brilho tênue banhava o chão em torno deles, como o reluzir de uma lua cheia.

Ao olhar para trás, ele viu Mashadar. Não um filete, mas uma onda reluzente, cinza-prateada, se espalhando por sobre uma das varandas, arqueando-se por sobre suas cabeças. Descendo.

Sem pensar, Rand ergueu a mão livre e lançou fogo devastador, uma barra de fogo branco líquido que fatiou a onda mergulhando na direção deles. Percebeu vagamente outra barra de fogo branco e sólido erguendo-se também da mão livre do outro homem, uma barra vindo do lado oposto da dele. As duas se tocaram.

Com a cabeça ribombando feito um gongo, Rand se contorceu, *saidin* e o Vazio se despedaçando. Via tudo dobrado, os alpendres, as pilhas de detritos no chão. Parecia haver dois do outro homem, um sobre o outro,

cada qual segurando a cabeça com as duas mãos. Piscando, Rand buscou Mashadar. A onda de névoa cintilante desaparecera; um brilho tênue ainda restava nos alpendres acima, mas fraco, quase apagado, quando a visão de Rand começou a clarear. Até mesmo o irracional Mashadar fugia do fogo devastador, ao que parecia.

Cambaleante, ele se levantou e ofereceu a mão.

— Acho que é melhor irmos depressa. O que foi que aconteceu aqui?

O outro homem se ergueu sozinho, franzindo o cenho para a mão estendida de Rand. Tinha mais ou menos a mesma altura de Rand, algo raro, a não ser entre os Aiel.

— Eu não sei o que aconteceu — rosnou ele. — Corra, se quiser viver.

Ele seguiu o próprio conselho de imediato, disparando em direção a uma fileira de arcos abertos. Não na parede mais próxima. Mashadar havia vindo de lá.

Buscando desajeitado o Vazio, Rand coxeou atrás dele o mais depressa que pôde, mas antes que cruzassem todo o aposento, os raios tornaram a cair, uma tempestade de flechas prateadas. Os dois dispararam pelos arcos, perseguidos pelo estrondo das paredes e do chão desabando atrás deles, por nuvens de poeira e uma chuva de pedras. De ombros curvados e um braço sobre a cabeça, Rand correu, tossindo, por um amplo aposento onde os arcos trêmulos sustentavam o teto e pedaços de pedra caíam feito chuva.

Antes de se dar conta, ele irrompeu em uma rua, cambaleando três passos antes de parar. A dor na lateral do corpo o fazia querer se curvar, mas Rand achou que suas pernas cederiam se fizesse isso. O pé machucado latejava; parecia que fazia um ano desde que aquele filamento vermelho de Fogo e Ar lhe acertara o calcanhar. Seu libertador o observava; mesmo coberto de poeira dos pés à cabeça, o sujeito conseguia parecer um rei.

— Quem é você? — perguntou Rand outra vez. — Um dos homens de Taim? Ou aprendeu sozinho? Pode ir para Caemlyn, sabe? Para a Torre Negra. Não precisa viver com medo das Aes Sedai. — Por algum motivo, ele franziu o cenho ao dizer isso; não entendia por quê.

— Eu nunca tive medo das Aes Sedai — devolveu o homem, então respirou fundo. — Você provavelmente devia sair daqui, mas se estiver pretendendo ficar e matar Sammael, é melhor tentar pensar como ele. Já mostrou que é capaz. Ele sempre gostou de destruir um homem em frente a um dos triunfos de tal homem, se pudesse. Na falta disso, algum local que o homem tivesse conquistado para si estaria de bom tamanho.

— O Portal dos Caminhos — respondeu Rand, devagar. Se fosse possível dizer que ele conquistara qualquer coisa em Shadar Logoth, era o Portal dos Caminhos. — Ele está esperando perto do Portal dos Caminhos. E montou armadilhas.

Selos de proteção também, ao que parecia, como os de Illian, para detectar a presença de um homem canalizando. Sammael planejava tudo muito bem.

O homem soltou uma risada irônica.

— Parece que você é capaz de achar o caminho. Se for levado pela mão. Tente não tropeçar. Muitos planos terão de ser refeitos se você se deixar ser morto agora.

Ele deu meia-volta e começou a rumar pela rua em direção a um beco logo adiante.

— Espere — chamou Rand. O sujeito continuou em frente, sem olhar para trás. — Quem é você? Que planos?

O homem desapareceu beco adentro.

Rand cambaleou atrás dele, mas quando alcançou a entrada do estreito beco, estava vazio. Muralhas intactas corriam uma boa centena de passos

até outra rua, onde um brilho tênue indicava mais uma parte de Mashadar lá fora, mas o homem havia desaparecido. O que era totalmente impossível. O sujeito teria tido tempo para fazer um portão, claro, se soubesse como, mas o resíduo teria sido visível. Além do mais, aquele tanto de *saidar* urdido tão perto teria sido gritante para Rand.

De repente ele percebeu que não havia sentido *saidin* quando o homem urdira fogo devastador, também. Só de pensar nisso, nas duas barras se tocando, sua visão tornou a embaralhar. Apenas por um instante, ele reviu o rosto do homem, nítido quando tudo em volta estava borrado. Balançou a cabeça até clarear a visão.

— Pela Luz, quem é você? — sussurrou ele. — *O que é você?*

Quem ou o que fosse, no entanto, o homem partira. Sammael ainda estava em Shadar Logoth. Com esforço, Rand conseguiu recuperar o Vazio outra vez. A mácula em *saidin* agora vibrava, zumbindo profundamente dentro dele; o Vazio em si vibrava. Mas a fraqueza dos músculos e a dor das feridas foi passando. Ele *ia* matar um dos Abandonados antes que a noite acabasse.

Mancando, Rand caminhou pelas ruas escuras feito um fantasma, pisando com extremo cuidado. Ainda fazia barulho, mas a noite agora estava cheia de sons. Guinchos e gritos guturais ressoavam à distância. O irracional Mashadar matava qualquer coisa que encontrasse, e os Trollocs estavam morrendo em Shadar Logoth aquela noite tal e qual haviam morrido muito, muito tempo atrás. Às vezes, em algum cruzamento, ele via Trollocs, dois, cinco ou dez, de vez em quando com Meios-homens, mas com frequência sozinhos. Nenhum deles o viu, e Rand não os incomodou. E não apenas porque Sammael detectaria qualquer canalização; aqueles Trollocs e Myrddraal que Mashadar não matava ainda estavam mortos. Sammael quase certamente os trouxera pelos Caminhos, mas aparentemente

não percebera como exatamente Rand havia conquistado o Portal dos Caminhos ali.

Bem perto da praça onde ficava o Portal dos Caminhos, Rand parou e olhou em volta. Ali perto, uma torre se avultava, aparentemente intacta. Não era tão alta quanto algumas outras, mas seu topo ainda se erguia a mais de cinquenta passadas. A entrada escura na base estava vazia, a madeira apodrecida havia muito tempo e as dobradiças reduzidas a pó. Pela escuridão amenizada apenas por um leve brilho que entrava pelas janelas, ele subiu lentamente as escadas em espiral, pequenas nuvens se formando sob suas botas, a cada dois passos uma pontada de dor na perna. Dor distante. No topo da torre, Rand se debruçou no parapeito liso para recuperar o fôlego. Veio-lhe o pensamento vago de que Min o perturbaria para sempre se ficasse sabendo daquilo. Min, Amys ou Cadsuane, na verdade.

Por cima de telhados desabados, ele pôde ver a grande praça que fora uma das mais importantes de Aridhol. Outrora, um bosque Ogier havia coberto aquela parte da terra, mas trinta anos depois da partida dos Ogier que construíram as partes mais antigas da cidade, os residentes derrubaram as árvores para abrir espaço para a expansão de Aridhol. Palácios e resquícios de palácios rodeavam a imensa praça, o brilho tênue de Mashadar cintilava no interior de umas poucas janelas, e um monte enorme de entulhos cobria uma das extremidades, mas no centro estava o Portal dos Caminhos, aparentemente uma enorme e alta peça de pedra. Ele não estava próximo o suficiente para ver os delicados entalhes de folhas e vinhas que o cobriam, mas podia distinguir os fragmentos tombados da cerca alta que um dia o circundara. Uma pilha de metal fundido com o poder reluzia, imaculada, sob a noite. Ele também podia ver a armadilha que urdira em torno do Portal dos Caminhos, invertida para que nenhum olho além dos

dele pudesse enxergar. Só de olhar, era impossível saber se os Trollocs e os Meios-homens de fato haviam passado por ele, mas, se tivessem, morreriam dentro de pouco tempo. Uma coisa sinistra. Quaisquer armadilhas que Sammael tivesse armado ali eram invisíveis a ele, mas isso já era de se esperar. Era provável que também não fossem nada agradáveis.

A princípio, não viu Sammael, então alguém se moveu por entre as colunas estriadas e vistosas de um palácio. Rand esperou. Queria ter certeza; só tinha uma chance. A silhueta apareceu, saindo das colunas e avançando uma passada até a praça, a cabeça balançando de um lado para outro. Sammael, de renda branca cintilando no pescoço, à espera de ver Rand chegando na praça, caindo nas armadilhas. Atrás dele, o brilho tênue nas janelas do palácio se intensificou. Sammael perscrutou a escuridão que encobria a praça e Mashadar jorrou para fora das janelas, fluxos de névoa prateada deslizando e se unindo, fundindo-se enquanto se avultava sobre a cabeça dele. Sammael caminhou alguns passos para um lado e a onda começou a descer, ganhando velocidade aos poucos à medida que caía.

Rand balançou a cabeça. Sammael era dele. Os fluxos necessários para o fogo devastador pareceram se formar sozinhos, apesar do eco distante da voz de Cadsuane. Ele ergueu a mão.

Um grito rasgou a escuridão, uma mulher ganindo em uma agonia inimaginável. Rand viu Sammael se virar para olhar o imenso monte de entulho bem enquanto seus próprios olhos se voltavam para lá. No topo do monte, uma silhueta estava recortada contra o céu noturno, de casaco e calça, um fio finíssimo de Mashadar a lhe tocar a perna. De braços estendidos, ela se debatia, incapaz de fugir, e seu gemido indistinto parecia chamar o nome de Rand.

— Liah — sussurrou ele.

Sem pensar, ele estendeu a mão, como se pudesse esticar o braço àquela distância e puxá-la. No entanto, nada era capaz de salvar o que Mashadar tocava, não mais do que ele poderia ter sido salvo, caso a adaga de Fain tivesse lhe cravado o coração.

— Liah — repetiu ele. E o fogo devastador saltou de sua mão.

Por menos de um segundo, a silhueta dela ainda pareceu estar ali, desenhada em preto-forte e branco-neve, e então ela desapareceu, morta antes que sua agonia começasse.

Gritando, Rand varreu a praça com fogo devastador, fazendo o monte de entulho desabar, varreu a morte prematura — e largou *saidin* ir antes que a barra branca tocasse o lago de Mashadar que agora se espalhava pela praça, avolumando-se além do Portal dos Caminhos em direção a rios de um cinza-reluzente que fluíam de um palácio do outro lado. Sammael tinha de estar morto. Tinha de estar. Ele não tivera tempo de correr, nem de urdir um portão, e, caso tivesse tido, Rand teria sentido a urdidura de *saidin*. Sammael estava morto, fora morto por um mal quase tão grandioso quanto ele próprio. Emoções correram pelo exterior do Vazio; Rand queria rir, talvez chorar. Havia ido até ali para matar um dos Abandonados, mas em vez disso matara uma mulher que abandonara à própria sorte.

Por um longo tempo, ele permaneceu no topo da torre enquanto a lua minguante quase pela metade cruzava o céu. Ficou observando Mashadar preencher a praça por completo, até que apenas o topo do Portal dos Caminhos se erguesse por sobre a superfície da névoa. Lentamente, a névoa começou a baixar, indo à caça em outro local. Se Sammael estivesse vivo, poderia ter matado o Dragão Renascido facilmente naquele momento. Rand não sabia ao certo se teria se importado. Por fim, abriu um portão para Deslizar e ergueu uma plataforma, um disco sem trilhos, metade branco e metade negro. Deslizar levava mais tempo que Viajar; ele levou pelo menos

meia hora para chegar a Illian, e durante todo o trajeto marcou a fogo o nome de Liah em sua mente. Queria poder chorar. Achava que tinha se esquecido de como fazer isso.

Estavam esperando por ele no Palácio do Rei, no salão do trono. Bashere, Dashiva e os Asha'man. Era exatamente como o aposento que ele tinha visto do outro lado da praça, até os lampiões de chão, as imagens entalhadas nas paredes de mármore e o comprido palanque branco. Exatamente o mesmo, exceto por ser maior em todas as dimensões, e ter, em vez de nove cadeiras, apenas um imenso trono dourado com leopardos nos braços e nove abelhas douradas do tamanho de punhos pairando sobre a pessoa que ali se sentasse. Cansado, Rand sentou-se nos degraus à frente do palanque.

— Suponho que Sammael esteja morto — disse Bashere, olhando-o de cima a baixo, reparando no casaco rasgado e imundo.

— Está morto — respondeu Rand.

Dashiva soltou um suspiro alto de alívio.

— A cidade é nossa — prosseguiu Bashere. — Ou, melhor dizendo, sua. — Ele soltou uma gargalhada súbita. — A luta acabou bem depressa assim que as pessoas certas descobriram que era você. Não foi nada de mais, no fim das contas. — Havia uma mancha de sangue seco em uma das mangas rasgadas de seu casaco. — O Conselho aguarda ansiosamente o seu retorno. Avidamente, pode-se dizer — acrescentou, com um sorriso irônico.

Oito homens suados permaneciam parados do outro lado do salão do trono desde a chegada de Rand. Usavam casacos de seda escura com bordados em ouro ou prata nas mangas e lapelas, e renda nas golas e punhos. Alguns ostentavam uma barba sem bigode, mas todos usavam uma larga faixa verde enviesada no peitoral, com nove abelhas douradas percorrendo-a de cima a baixo.

Com um gesto de Bashere, eles se aproximaram, curvando-se em mesuras para Rand a cada três passos, como se ele ostentasse a indumentária mais refinada já cerzida. Um homem alto parecia ser o líder, um sujeito de rosto redondo e barbado, com uma dignidade natural que parecia prejudicada pela preocupação.

— Milorde Dragão — disse ele, com mais uma mesura, levando as duas mãos ao coração. — Peço perdão, mas no caso Lorde Brend está desaparecido...

— E assim ficará — respondeu Rand, impassível.

Um músculo no rosto do homem saltou ao ouvir o tom de Rand, e ele engoliu em seco.

— Como disser, milorde Dragão. Eu no caso sou Lorde Gregorin den Lushenos, milorde Dragão. Na ausência de Lorde Brend, falo no caso pelo Conselho dos Nove. Oferecemos ao senhor... — Ele abanou a mão com vigor para um homem mais baixo, sem barba, que deu um passo à frente segurando uma almofada decorada com seda verde. — Oferecemos Illian ao senhor.

O homem mais baixo afastou a seda, revelando um pesado círculo de ouro de duas polegadas de largura, ornado com folhas de louro.

— A cidade no caso é sua, claro — prosseguiu Gregorin, ansioso. — De fato pusemos um fim a toda a resistência. Oferecemos ao senhor a coroa, e o trono, e toda Illian.

Rand encarou a coroa sobre a almofada, sem mover um músculo. O povo havia achado que ele pretendia se tornar rei em Tear, temera que ele fizesse o mesmo em Cairhien e Andor, mas ninguém lhe *oferecera* uma coroa antes.

— Por quê? Mattin Stepaneos está tão disposto assim a abrir mão do trono?

— O rei Mattin desapareceu faz dois dias — respondeu Gregorin. — Alguns de nós tememos, no caso... tememos que lorde Brend possa ter algo a ver com isso. Brend tem... — Ele parou e engoliu em seco. — Brend tinha grande influência com o rei, alguns podem dizer até demais, mas ele no caso se distraiu nos últimos meses, e Mattin havia começado a se reafirmar.

Retalhos das mangas encardidas do casaco e da camisa balançaram quando Rand estendeu o braço para apanhar a Coroa de Louros. O Dragão que serpeava em seu antebraço reluziu à luz do lampião com tanta intensidade quanto a coroa dourada. Ele girou-a nas mãos.

— Você ainda não disse por quê. Foi porque eu conquistei vocês?

Ele havia conquistado Tear e Cairhien também, mas alguns ainda se viraram contra ele em ambas as nações. Ainda assim, parecia ser a única maneira.

— Isso, no caso, é uma parte do motivo — respondeu Gregorin em um tom seco. — Mesmo assim, poderíamos ter escolhido um dos nossos; os reis antes vieram de dentro do Conselho. Mas os grãos que o senhor mandou virem de Tear puseram seu nome em todas as bocas sob a Luz. Sem isso, muitos teriam morrido de fome. Brend, no caso, mandava cada pedaço de pão ir para o exército.

Rand hesitou, então levou uma das mãos na coroa à boca para chupar um dedo espetado. Quase enterradas entre as folhas de louro da coroa havia pontas afiadas de espadas. Quanto tempo fazia que ele ordenara que os taitenos vendessem grão a seus antigos inimigos, ameaçando-os de morte caso recusassem? Ele não tinha se dado conta de que o comércio continuara depois de iniciados os preparativos para invadir Illian. Talvez temessem trazer o assunto à tona, mas também temessem parar. Talvez ele tivesse conquistado algum direito àquela coroa.

Com cuidado, Rand acomodou o círculo de folhas de louro sobre a cabeça. Metade das espadas apontava para cima e metade para baixo. Nenhuma cabeça poderia usar aquela coroa de maneira tranquila ou displicente.

Gregorin curvou-se em uma mesura suave.

— Que a Luz ilumine Rand al'Thor, rei de Illian — entoou ele, e os sete outros lordes curvaram-se junto, murmurando:

— Que a Luz ilumine Rand al'Thor, rei de Illian.

Bashere limitou-se a inclinar cabeça — afinal de contas, era tio de uma rainha —, mas Dashiva gritou:

— Salve Rand al'Thor, rei do mundo!

Flinn e os outros Asha'man repetiram:

— Salve Rand al'Thor, rei do mundo!

— Salve o rei do mundo!

Aquilo soava bem.

* * *

A história se espalhou como as histórias se espalham, e mudou como as histórias mudavam com o tempo e a distância, saindo de Illian com os navios costeiros, os comboios de mercadores, os pombos enviados em segredo, espalhou-se em ondas dançantes que se uniram a outras e formaram novas. Um exército fora até Illian, diziam as histórias, um exército de Aiel, de Aes Sedai que surgiram no meio do nada, de homens capazes de canalizar montados em bestas aladas, até um exército de saldaeanos, embora nisso poucos acreditassem. Algumas histórias diziam que o Dragão Renascido recebera a Coroa de Louros de Illian do Conselho dos Nove, e outros, do próprio Mattin Stepaneos, de joelhos. Umas diziam

que o Dragão Renascido tinha arrancado a coroa de Mattin e enfiado sua cabeça em uma estaca. Não, o Dragão Renascido tinha arrasado Illian e enterrado o antigo rei nos entulhos. Não, ele e seu exército de Asha'man incendiaram Illian e a removeram do mapa. Não, foi Ebou Dar que ele destruiu, depois de Illian.

Um fato, no entanto, vinha à tona repetidas vezes nessas histórias. A Coroa de Louros de Illian recebera um novo nome. A Coroa de Espadas.

E, por algum motivo, os homens e mulheres que repetiam a história com frequência acrescentavam palavras quase idênticas. A tempestade está vindo, eles diziam, encarando o sul com preocupação. A tempestade está vindo.



Mestre dos raios, cavaleiro da tempestade,
com sua coroa de espadas fabrica o destino.
Quem pensa que ele gira a Roda do Tempo,
pode descobrir muito tarde a verdade.

(De um fragmento da tradução d'*As profecias do Dragão*, atribuído a Lorde Mangore Kiramín, Bardo-espadachim de Aramaelle e Guardiã de Caraighan Maonar, ao idioma que posteriormente foi chamado de língua vulgar *circa* 300 DR).

Fim
do Sétimo Livro
de *A Roda do Tempo*



GLOSSÁRIO

Uma nota sobre datas neste glossário. O Calendário Tomano (elaborado por Toma dur Ahmid) foi adotado aproximadamente dois séculos depois da morte do último homem Aes Sedai e registrava os anos Depois da Ruptura do Mundo (DR). Muitos registros foram destruídos nas Guerras dos Trollocs, tanto que, ao fim das Guerras, havia controvérsia sobre o ano exato conforme o antigo sistema. Um novo calendário foi proposto por Tiam de Gazar, comemorando a libertação da ameaça dos Trollocs e registrando cada ano como um Ano Livre (AL). O Calendário Gazarano ganhou ampla aceitação nos vinte anos seguintes ao fim das Guerras. Artur Asa-de-gavião tentou estabelecer um novo calendário com base na fundação de seu império (DF, Desde a Fundação), mas apenas historiadores o conhecem. Após a destruição e as mortes provocadas pela Guerra dos Cem Anos, um terceiro calendário foi desenvolvido por Uren din Jubai Gaivota-Voadora, acadêmico do Povo do Mar, e promulgado pela Panarca Farede de Tarabon. O Calendário de Farede, que data do fim arbitrariamente decidido da Guerra dos Cem Anos e registra os anos da Nova Era (NE), encontra-se atualmente em uso.

Abandonados, os: Nome dado a treze dos mais poderosos Aes Sedai da Era das Lendas, o que os classifica entre os mais poderosos de todos os tempos. Eles passaram para o lado do Tenebroso durante a Guerra da Sombra diante da promessa de imortalidade e acabaram aprisionados junto com o Tenebroso quando sua prisão foi resselada. Entre si, intitulavam-se “os Escolhidos”. Seus nomes ainda são usados para assustar crianças. Eles eram: Aginor, Asmodean, Balthamel, Be’lal,

Demandred, Graendal, Ishamael, Lanfear, Mesaana, Moghedien, Rahvin, Sammael e Semirhage. Pessoas com algum conhecimento da situação atual acreditam que, dos homens, apenas Demandred e Sammael estejam vivos, e que, das mulheres, só Graendal, Mesaana, Moghedien e Semirhage. Porém, diversos relatos estranhos sugerem a possibilidade de que ou vários novos Escolhidos foram selecionados pelo Tenebroso ou o Senhor do Túmulo, em alguns casos, influenciou além da morte.

a'dam: Dispositivo para controlar uma mulher capaz de canalizar, utilizável apenas ou por uma mulher capaz de canalizar ou por uma mulher capaz de aprender a canalizar, e que não tem efeito em nenhuma mulher incapaz de canalizar. O dispositivo cria uma ligação entre as duas mulheres. A versão Seanchan consiste em uma coleira e um bracelete ligados por uma corrente, tudo feito de metal prateado, mas um exemplo de uma versão sem a corrente já foi produzida, e acredita-se que exista uma outra variante, única, que permite que uma mulher controle um homem capaz de canalizar. Se esse homem capaz de canalizar for ligado a uma mulher por um *a'dam* comum, a provável consequência é a morte de ambos. Quando o *a'dam* é usado por uma mulher capaz de canalizar, o simples toque no dispositivo por parte de um homem também capaz de canalizar pode resultar em dor. *Ver também* união; Seanchan.

Ajah: Sociedades formadas entre as Aes Sedai, sete ao todo e designadas por cor: Azul, Vermelha, Branca, Amarela e Cinza. Todas as Aes Sedai, exceto o Trono de Amyrlin, pertencem a uma. Cada uma segue uma filosofia específica quanto ao uso do Poder Único e aos propósitos das Aes Sedai. A Ajah Vermelha, por exemplo, dedica-se a encontrar homens capazes de canalizar o Poder e amansá-los. A Ajah Marrom abre mão de qualquer envolvimento mundano e se dedica à busca por conhecimento, enquanto a Ajah Branca, amplamente abstêmia do mundo

e dos valores da sabedoria mundana, dedica-se às questões filosóficas e à busca da verdade. A Ajah Verde (chamada de Ajah da Batalha durante as Guerras dos Trollocs) mantém-se a postos para Tarmon Gai'don, a Amarela se concentra no estudo da Cura, e as irmãs Azuis se envolvem com certas causas e com a justiça. As Cinzas são mediadoras, buscando a harmonia e o consenso. A existência de uma Ajah Negra, dedicada a servir ao Tenebroso, é negada oficialmente com veemência.

algai'd'siswai: Na Língua Antiga, “lutadores da lança” ou “lutadores lanceiros”. Nome dado aos Aiel que carregam lanças e que regularmente participam de batalhas, ao contrário daqueles que praticam ofícios.

Altara: Nação no Mar das Tempestades, unida por pouca coisa além do nome. Em Altara, as pessoas se veem primeiro como habitantes de uma aldeia ou cidadezinha, ou como o povo daquele senhor ou daquela senhora, e só depois como altaranas, isso quando se veem. Poucos nobres pagam impostos para a coroa ou oferecem mais que seu compromisso verbal, e ainda assim de forma mínima. O governante de Altara (por ora, a rainha Tylin Quintara, da Casa Mitsobar) raramente é algo além do nobre mais poderoso da nação, e, por vezes, não chega nem a isso. O Trono dos Ventos detém tão pouco poder que muitos nobres poderosos o desprezaram quando podiam tê-lo assumido. O estandarte de Altara tem dois leopardos de ouro em um fundo quadriculado vermelho e azul. O símbolo da Casa Mitsobar é uma âncora e uma espada verdes cruzadas. *Ver também* Sapiências.

amansamento: Remoção da capacidade de um homem de canalizar. É considerado necessário pela maioria das pessoas, porque os homens que aprendem a canalizar enlouquecem por causa da mácula de *saidin* e, em sua loucura, quase sempre terminam por cometer atrocidades com o Poder antes que a mácula os mate. Um homem amansado ainda é capaz

de sentir a Fonte Verdadeira, mas não consegue tocá-la. Qualquer loucura que tenha se desenvolvido antes do amansamento é contida, mas não curada, e pode-se evitar a terrível morte causada pela mácula caso o procedimento seja feito cedo o bastante. No entanto, um homem que é amansado acaba inevitavelmente desistindo de querer viver, e aqueles que não conseguem cometer suicídio costumam morrer de um jeito ou de outro em um ou dois anos. Outrora tido como permanente, há quem já saiba que o amansamento é suscetível a uma forma de Cura altamente especializada. *Ver também* estancamento.

Amigos das Trevas: Seguidores do Tenebroso. Acreditam que ganharão poder, grandes recompensas e até a imortalidade quando ele for libertado. Sigilosos por necessidade, organizam-se em grupos chamados de “círculos”, em que os membros de um círculo raramente, se muito, são conhecidos uns pelos outros. Posições hierárquicas no mundo exterior não significam uma alta posição dentro dos círculos; um rei ou uma rainha que fosse um Amigo das Trevas poderia ter que prestar obediência a um mendigo que lhes fizesse os sinais corretos. Entre si, às vezes se denominam pelo antigo nome de Amigos da Escuridão.

Amys: Sábia do Forte das Pedras Frias e Andarilha dos Sonhos. Aiel do ramo dos Nove Vales dos Aiel Taardad, esposa de Rhuarc e esposa-irmã de Lian, que é a senhora do teto do Forte das Pedras Frias. Amys é irmã-da-mãe de Aviendha.

angreal: Objetos remanescentes da Era das Lendas que permitem a qualquer um capaz de canalizar o Poder Único manipular uma quantidade maior do Poder do que seria possível ou seguro sem ajuda. Alguns foram fabricados para uso de mulheres, outros, de homens. Os rumores de *angreal* usáveis tanto por homens quanto por mulheres nunca

foram confirmados. Não se sabe mais como fabricá-los e restam poucos.
Ver também sa'angreal; ter'angreal.

Asha'man: (1) Na Língua Antiga, “Guardião” ou “Defensor”, com forte implicação de que o indivíduo é um defensor da verdade e da justiça. (2) Nome recebido pelos seguidores do Dragão Renascido, homens que foram ao que passou a se chamar de Torre Negra para aprender a canalizar. Alguns sonhavam em canalizar, apesar de todos os terríveis riscos, enquanto outros só permanecem porque ter passado no teste de habilidade os iniciou na jornada rumo à canalização, pelo que precisam aprender a controlá-la, antes que o poder os mate. Eles treinam não apenas o uso do Poder Único, mas o manejo da espada e lutas corpo a corpo. Os Asha'man, que trajam casacos pretos peculiares, são divididos de acordo com o nível de conhecimento que alcançaram, o mais baixo sendo o de Soldado. O nível seguinte é o de Dedicado, identificado por um broche no formato de uma espada de prata que usam no colarinho do casaco. O nível mais alto é chamado simplesmente de Asha'man, identificado por um broche esmaltado vermelho e dourado no formato de um Dragão, usado no colarinho do casaco no lado oposto da espada de prata. Ao contrário das Aes Sedai, que não medem esforços para garantir que as mulheres que treinam não tenham como ascender perigosamente rápido, os Asha'man são bastante estimulados desde o princípio, mais especialmente no aprendizado do uso do Poder como arma. Como resultado, enquanto a morte ou o estancamento de uma noviça da Torre Branca durante seu treinamento seria algo comentado com horror por muitos anos, a Torre Negra já espera que certo número de Soldados Asha'man morram ou fiquem exauridos durante suas tentativas de aprender. A existência dos Asha'man e sua conexão com o Dragão Renascido causou entre algumas Aes Sedai uma reavaliação da

necessidade imediata de amansamento, mas muitas não mudaram nem um pouco a sua maneira de entender a situação. *Ver também* amansamento; estancamento.

Assassinos da Árvore: Termo pejorativo usado pelos Aiel em referência aos cairhienos, assim como “quebradores de juramentos”. Ambos se originam do fato de o rei Laman ter cortado *Avendoraldera*, um presente dos Aiel, ato que quebrou os juramentos feitos na ocasião em que o presente foi dado. Para os Aiel, os dois termos estão entre as piores coisas de que alguém pode ser chamado. *Ver também* Guerra dos Aiel.

Asunawa, Rhadam: Grão-inquisidor da Mão da Luz. Aos olhos dele, intrometer-se com o Poder Único é usurpar o poder do Criador, e é a causa de todos os males do mundo. Ele deseja, mais do que tudo, destruir toda e qualquer pessoa capaz de canalizar ou que sequer deseje fazê-lo; essas pessoas devem confessar seu pecado sob o auxílio da Mão da Luz, e, em seguida, morrer. *Ver também* Questionadores.

Atha'an Miere: *Ver* Povo do Mar.

Bando da Mão Vermelha: (1) Grupo lendário de heróis (*Shen an Calhar*) das Guerras dos Trollocs, que morreu na Batalha do Campo de Aemon, quando Manetheren caiu. (2) Formação militar que se reuniu para seguir Mat Cauthon e que, no momento, acompanha de perto as Aes Sedai rebeldes e seu exército com ordens de conduzir Egwene al’Vere até Rand al’Thor em segurança, caso ela expresse o desejo de abandonar sua posição atual, bem como quaisquer outras irmãs que possam querer se juntar a ela.

Berelain sur Paendrag: Primeira de Mayene, Abençoada da Luz, Defensora das Ondas, Grão-trono da Casa Paeron. Jovem, bonita e obstinada, é uma governante habilidosa. *Ver também* Mayene.

Birgitte: Guardiã de Elayne Trakand. Acredita-se que seja a primeira Guardiã feminina de todos os tempos, fato que resulta em uma série de dificuldades, poucas delas esperadas. Birgitte é, na verdade, a heroína lendária de mesmo nome, uma das destinadas a ser reconvocada pela Trombeta de Valere, mas que acabou sendo arrancada de *Tel'aran'rhiod* para o mundo de carne e osso durante um embate com Moghedien, sendo salva da morte apenas pelo elo criado com Elayne. Exceto por sua beleza e destreza com o arco, tem pouco a ver com o que se conta dela nas histórias. *Ver também* Abandonados; Guardiã; Trombeta de Valere.

bravia: Mulher que aprende sozinha a canalizar o Poder Único. Apenas uma em cada quatro sobrevive a isso. Tais mulheres costumam criar barreiras para permanecerem inconscientes de seu poder, mas, quando essas barreiras são transpostas, as bravias revelam-se entre as mais poderosas canalizadoras. O termo costuma ser usado de forma pejorativa.

Bryne, Gareth: Antigo Capitão-general da Guarda da Rainha em Andor, atualmente comanda um exército das Aes Sedai em rebelião contra a autoridade de Elaida do Avriny a'Roihan. Considerado um dos maiores generais vivos. Sua relação com Siuan Sanche o perturba quase tanto quanto perturba a ela. O selo da Casa Bryne é um touro selvagem com a Coroa de Rosas de Andor em torno do pescoço. Gareth Bryne tem como símbolo pessoal três estrelas douradas, cada uma com cinco raios.

cadin'sor: Indumentária dos *algai'd'siswai* Aiel, composta de casaco e calças marrom e cinza, que se camuflam junto a pedras e sombras, e botas macias até os joelhos, presas com cadarços. Na Língua Antiga, “roupas de trabalho”, embora essa seja, obviamente, uma tradução imprecisa. *Ver também* *algai'd'siswai*.

Cadsuane Melaidhrin: Aes Sedai da Ajah Verde que alcançou uma posição lendária entre as Aes Sedai, mesmo ainda em vida, embora a maior parte das irmãs, na realidade, acredite que ela já está morta há anos. Tida como nascida por volta de 705 NE, em Ghealdan, o que faria dela a mais velha Aes Sedai viva, também foi a mais forte com o Poder durante mil anos ou mais, até a chegada de Nynaeve, Elayne e Egwene, e nem mesmo as três ficam muito à frente dela. Apesar de Verde, ela, ao longo dos anos, enfrentou e capturou muito mais homens capazes de canalizar do que qualquer outra irmã viva. Um fato estranho e pouco conhecido a seu respeito é que os homens que ela levou para a Torre Branca tendiam a viver, após amansados, notadamente mais do que aqueles levados pelas outras irmãs.

Cairhien: Nome de uma nação nos limites da Espinha do Mundo e da capital desta nação. Arrasada durante a Guerra dos Aiel, a nação de Cairhien encontrava-se longe da recuperação total quando o assassinato do rei Galldrian (998 NE) mergulhou o reino em uma guerra pela sucessão que acabou interrompida pela invasão dos Aiel Shaido, episódio a que alguns se referem como Segunda Guerra dos Aiel, ainda que a própria cidade tenha sido salva por uma intervenção Aiel comandada por Rand al'Thor. Subsequentemente, a maior parte dos nobres de Cairhien, assim como muitos de Tear, jurou fidelidade ao Dragão Renascido, mas, em uma terra em que o Jogo das Casas foi elevado à condição de arte, não chega a surpreender que muitos dos que fizeram o juramento estejam prontos para fazer manobras em prol de quaisquer vantagens que possam obter. Cairhien tem como estandarte um sol nascente raiado em um fundo de céu azul.

calendário: Há 10 dias na semana, 28 dias no mês e 13 meses no ano. Vários dias festivos não fazem parte de nenhum mês, incluindo o

domingo (o dia mais longo do ano), a festividade de Ação de Graças (de quatro em quatro anos, no equinócio de primavera), e a festividade do Dia dos Mortos, também chamado de Dia de Finados (de dez em dez anos, no equinócio de outono). Enquanto muitos feriados e festivais são celebrados em todos os lugares (tais como o Festival das Luzes, que encerra o ano velho e dá início ao ano novo), cada território também tem os próprios, e, em muitos casos, também os têm as cidadezinhas e aldeias, individualmente. Em geral, as Terras da Fronteira têm o menor número de feriados e dias festivos, enquanto as cidades de Illian e Ebou Dar são as que mais os celebram.

Caraighan Maconar: Irmã Verde lendária (212-373 DR), é a heroína de centenas de aventuras a quem se atribui façanhas que até algumas Aes Sedai considerariam improváveis, apesar de sua inclusão nos registros da Torre Branca, tais como debelar sozinha uma rebelião em Mosadorin e reprimir os Motins de Comaidin em uma ocasião em que não contava com nenhum Guardião. Considerada pela Ajah Verde o arquétipo do que deve ser uma irmã dessa cor. *Ver também* Ajah.

Chama de Tar Valon: Símbolo de Tar Valon, do Trono de Amyrlin e das Aes Sedai. É uma representação estilizada de uma chama, uma lágrima branca com a ponta para cima.

comprimento, unidades de: 10 polegadas = 1 pé; 3 pés = 1 passada; 2 passadas = 1 braça; 1000 braças = 1 milha; 4 milhas = 1 légua.

Devotos do Dragão: Termo que se refere aos apoiadores do Dragão Renascido, utilizado em geral por aqueles que ou se opõem a ele ou ao menos consideram se manter neutros. Na realidade, muitos a que se atribui a alcunha jamais fizeram qualquer tipo de juramento de devoção, e o termo também costuma ser empregado para bandidos, alguns dos quais o reivindicam na esperança de que ele atenuie resistências. Um sem

número de atrocidades já foram cometidas por pessoas que se intitulavam Devotos do Dragão.

Ebou Dar: Capital de Altara. Um dos grandes portos, trata-se de uma cidade com muitos costumes esquisitos aos olhos de forasteiros. *Ver também* Altara.

Elaida do Avriny a'Roihan: Aes Sedai que era da Ajah Vermelha e que foi elevada ao Trono de Amyrlin, ainda que confrontada por outra mulher que reivindica o título. Antiga conselheira da rainha Morgase, de Andor. Às vezes faz Previsões.

Era das Lendas: A Era que terminou com a Guerra da Sombra e a Ruptura do Mundo. Uma época em que Aes Sedai realizavam maravilhas com as quais atualmente só se pode sonhar.

esposa-irmã: Termo de parentesco Aiel. Mulheres Aiel que são quase-irmãs ou irmãs-primeiras e que descobrem que amam o mesmo homem, ou que simplesmente não querem que um homem as afaste, acabam casando-se as duas com ele, tornando-se assim esposas-irmãs. Às vezes, mulheres que amam o mesmo homem tentam descobrir se podem se tornar quase-irmãs e irmãs-primeiras adotadas, um primeiro passo para se tornarem esposas-irmãs. Um homem Aiel que esteja diante dessa situação tem a opção de se casar ou com as duas mulheres ou com nenhuma, e se ele já tiver uma esposa que decida que quer uma esposa-irmã, ele acaba com uma segunda esposa.

Espinha do Mundo: Cadeia de altíssimas montanhas com poucos pontos de travessia que separa o Deserto Aiel das terras a oeste. Também chamada de Muralha do Dragão.

estancamento: Remoção da capacidade de uma mulher de canalizar. Uma mulher que tenha sido estancada pode sentir a Fonte Verdadeira, mas não consegue tocá-la. Oficialmente, resulta do julgamento e da sentença por

um crime, tendo sido realizada pela última vez em 859 NE. Noviças da Torre Branca são obrigadas a aprender os nomes e crimes de todas as mulheres que foram estancadas judicialmente. Quando ocorre de maneira accidental, é chamado de exaurimento, embora o termo “estancamento” seja frequentemente usado em ambos os casos. Acontecendo de um jeito ou de outro, mulheres que foram estancadas costumam não viver muito e parecem simplesmente desistir e morrer, a menos que encontrem algo que substitua o vazio deixado pelo Poder Único. Embora sempre se tenha acreditado que o estancamento era permanente, um método de Cura acabou por ser descoberto, apesar de parecer haver limites que ainda não foram explorados.

Fain, Padan: Outrora um mascate que fazia comércio em Dois Rios, e Amigo das Trevas, foi transformado em Shayol Ghul, adquirindo não apenas a capacidade de encontrar o jovem que se tornaria o Dragão Renascido tal qual um perdigueiro encontra presas para o caçador, como a de imprimir a necessidade de encontrá-lo. A dor dessa transformação incutiu em Fain um ódio tanto pelo Tenebroso quanto por Rand al'Thor. Enquanto seguia al'Thor, deparou-se com a alma aprisionada de Mordeth em Shadar Logoth, que tentou tomar seu corpo. Porém, por conta do que havia sido feito a Fain, o resultado foi um amálgama que, em grande parte, é o próprio Fain, mas com habilidades além das que os dois homens possuíam originalmente, embora Fain ainda não as compreenda em sua totalidade. A maior parte dos homens teme o olhar sem olhos de um Myrddraal; os Myrddraal temem o olhar de Fain.

Filhos da Luz: Sociedade de crenças extremamente ascéticas, que não deve lealdade a nenhuma nação, dedicada a derrotar o Tenebroso e a destruir todos os Amigos das Trevas. Foi fundada durante a Guerra dos Cem Anos com o objetivo de pregar contra o crescente número de Amigos das

Trevas, mas evoluiu no decorrer da guerra para uma organização completamente militar. Muitíssimo rígidos em suas crenças e convictos de que são os únicos que conhecem a verdade e sabem o que é certo. Consideram as Aes Sedai e qualquer um que as apoie como Amigos das Trevas. Chamados pejorativamente de Mantos-brancos. Têm como símbolo um sol dourado em um fundo branco. *Ver também* Questionadores.

Gaidin: Na Língua Antiga, “irmão nas batalhas”. Título usado pelas Aes Sedai para os Guardiões. *Ver também* Guardião.

***gai'shain*:** Na Língua Antiga, “comprometido com a paz nas batalhas”, em uma tradução aproximada. O *ji'e'toh* exige que um Aiel feito prisioneiro por outro Aiel, durante uma incursão ou uma batalha, sirva ao seu captor com humildade e obediência durante um ano e um dia, sem tocar em armas ou protagonizar nenhum ato de violência. Sábias, ferreiros, crianças e mulheres com filhos menores de dez anos não podem ser feitos *gai'shain*. Desde que se revelou que os ancestrais dos Aiel eram, na realidade, pacifistas que seguiam o Caminho da Folha, uma boa quantidade de *gai'shain* se recusa a abandonar o branco mesmo quando seu tempo de serviço expira. Além disso, por mais que, por uma tradição tão forte quanto uma lei, ninguém que não siga o *ji'e'toh* possa ser transformado em *gai'shain*, os Aiel Shaido começaram a vestir cairhienos e outros prisioneiros com robes de *gai'shain*, e muitos passaram a crer que, como essas pessoas não seguem o *ji'e'toh*, não existe a necessidade de libertá-las ao final de um ano e um dia.

Gawyn da Casa Trakand: Filho da rainha Morgase e irmão de Elayne, será o Primeiro Príncipe da Espada quando Elayne subir ao trono. Meio-irmão de Galad Damodred. Um homem diante de grandes dilemas: detesta as Aes Sedai, mas jurou servi-las, e odeia Rand al'Thor, ainda

que tenha jurado jamais levantar a mão contra ele, tudo porque ama Egwene al'Vere acima de qualquer coisa. Gawyn não sabe que a própria Egwene não apenas virou Aes Sedai, como é o Trono de Amyrlin, que se opõe à Amyrlin que ele reconhece. Tem como símbolo um javali branco.

Grande Senhor das Trevas: Nome pelo qual os Amigos das Trevas se referem ao Tenebroso, alegando que usar seu nome verdadeiro é uma blasfêmia.

Guardião: Guerreiro que tem um elo com uma Aes Sedai. O elo é feito com o Poder Único e concede dádivas como cura acelerada, capacidade de ficar longos períodos sem comida, água ou descanso, e a habilidade de sentir a mácula do Tenebroso à distância. Por meio do elo, Guardiões e Aes Sedai compartilham de certas sensações físicas e emocionais. Enquanto o Guardião viver, a Aes Sedai com quem ele tem o elo sabe que ele está vivo, por mais distante que esteja, da mesma forma que, quando ele morre, ela sabe o momento e a forma como seu Guardião morreu. Enquanto a maioria das Ajahs acredita que é natural uma Aes Sedai ter um elo com apenas um Guardião por vez, a Ajah Vermelha se recusa a estabelecer qualquer elo, e a Ajah Verde crê em estabelecer elos com quantos Guardiões quiserem. Por ética, é preciso que o Guardião aceite o elo, mas há casos em que este foi feito sem consentimento. O que a Aes Sedai ganha com o elo é um segredo muito bem guardado. Segundo todos os registros históricos conhecidos, os Guardiões sempre foram homens, apesar de não fazer muito tempo que um elo foi estabelecido com uma mulher, revelando certas diferenças nos resultados. *Ver também* Birgitte.

Guerra dos Aiel (976-78 NE): Quando o rei Laman de Cairhien cortou *Avendoraldera*, quatro clãs Aiel cruzaram a Espinha do Mundo. Eles saquearam e incendiaram a capital de Cairhien e muitas outras cidades e

vilarejos, e o conflito se estendeu até Andor e Tear. A opinião geral é de que os Aiel foram finalmente derrotados na Batalha das Muralhas Reluzentes, diante de Tar Valon, mas a verdade é que Laman foi morto naquela batalha, e, tendo cumprido seu objetivo, os Aiel cruzaram a Espinha de volta. *Ver também* Cairhien; Espinha do Mundo.

Illian: Grande porto no Mar das Tempestades, capital da nação de mesmo nome. Antiga inimiga de Tear. O estandarte de Illian traz nove abelhas douradas em um fundo verde.

Juilin Sandar: Caçador de ladrões de Tear. Um homem apaixonado por quem talvez seja a última mulher que ele jamais imaginaria amar.

Juramentos, Três: Juramentos feitos por uma Aceita ao ser elevada a Aes Sedai. São proferidos enquanto ela segura o Bastão dos Juramentos, um *ter'angreal* que firma seu compromisso com os votos. São eles: (1) Não dizer palavra que não seja verdadeira. (2) Não criar arma com a qual um homem possa matar outro. (3) Nunca usar o Poder Único como arma, exceto contra Amigos das Trevas e Crias da Sombra ou, em casos extremos, em defesa da própria vida, da vida de seu Guardião ou de outra Aes Sedai. O segundo juramento foi o primeiro a ser adotado, em reação à Guerra da Sombra. O primeiro juramento, embora levado ao pé da letra, em geral pode ser contornado por um discurso cuidadoso. Acredita-se que os dois últimos sejam invioláveis.

Latoeiros: Mais precisamente, os Tuatha'an, também chamados de Povo Errante. Um povo nômade que segue uma filosofia pacifista chamada Caminho da Folha, que não aceita violência em ocasião alguma. Tuatha'an que se afastam dessa crença são chamados de "Perdidos" e deixam de ser reconhecidos pelos outros.

Língua Antiga: A língua falada durante a Era das Lendas. Espera-se que os nobres e os bem-educados saibam falá-la, mas a maioria conhece apenas

algumas poucas palavras. Traduzi-la costuma ser difícil, já que se trata de uma língua com muitos significados cuja diferença é bem sutil. *Ver também* Era das Lendas.

Lini: Babá de Lady Elayne na infância e, antes dela, de sua mãe, Morgase, e também da avó. Mulher de grande força de vontade, percepção considerável e dona de um arsenal de ditados, que nunca aceitou por completo que qualquer uma de suas protegidas tenha se tornado adulta.

Logain: Nascido em Ghealdan, em 972 NE, já declarou ser o Dragão Renascido. Capturado depois de insuflar guerras por Ghealdan, Altara e Murandy, foi levado à Torre Branca e amansado, vindo a escapar posteriormente durante a confusão que se sucedeu à deposição de Siuan Sanche. O restauro acidental da sua capacidade de canalizar foi o primeiro indicativo de que o amansamento não era definitivo. Confinado após ser Curado, tornou a escapar. Seu paradeiro atual é desconhecido.

massa, unidades de: 10 onças = 1 libra; 10 libras = 1 pedra; 10 pedras = 1 cem-pesos; 10 cem-pesos = 1 tonelada.

Mayene: Cidade-estado no Mar das Tempestades, circundada e historicamente oprimida por Tear. A governante de Mayene é denominada “Primeira”, que advém do antigo termo Primeiro Lorde ou Primeira Lady. As Primeiras alegam ser descendentes de Artur Asa-da-gavião. Seu estandarte é um gavião dourado em pleno voo em um fundo azul.

Melaine: Sábia do ramo Jhirad dos Aiel Goshien e Andarilha dos Sonhos. Dona de força moderada com o Poder Único. Casada com Bael, chefe de clã dos Goshien. Irmã-esposa de Dorindha, senhora do teto do Forte das Fontes de Fumaça.

Merrilin, Thom: Um menestrel e viajante bastante sagaz.

Moiraine Damodred: Aes Sedai da Ajah Azul, nascida na então governante Casa de Cairhien. Desapareceu ao entrar em um *ter'angreal*, em Cairhien, enquanto lutava contra Lanfear, aparentemente matando tanto a si mesma quanto a Abandonada. Como já havia localizado o Dragão Renascido e matado o Abandonado Be'lal, é reverenciada como uma daquelas irmãs quase míticas que são tidas como heroínas lendárias. *Ver também* Abandonados.

Morgase: Pela Graça da Luz, Rainha de Andor, Defensora do Reino, Protetora do Povo, Grão-trono da Casa Trakand. No momento, em exílio e tida como morta, assassinada pelo Dragão Renascido, ou assim muitos pensam. Seu símbolo são três chaves douradas. O símbolo da Casa Trakand é uma pedra angular prateada.

Pedra de Tear: Grande fortaleza na cidade de Tear que dizem ter sido construída por meio do Poder Único logo após a Ruptura do Mundo. Sitiada e atacada sem sucesso incontáveis vezes, caiu em uma única noite pelas mãos do Dragão Renascido e de algumas centenas de Aiel, tornando realidade duas partes das Profecias do Dragão.

Povo do Mar: Seu nome mais adequado é Atha'an Miere, a Nação do Mar. Passam a maior parte de suas vidas em navios e sentem um desgosto imenso quando se afastam muito do mar. Sabe-se relativamente pouco sobre seus costumes, o que aumenta seu ar de mistério exótico e dá origem a histórias extravagantes. A maioria do comércio marítimo é feita nos navios do Povo do Mar, que incluem as embarcações disparadamente mais velozes e maiores. Os moradores de cidades portuárias os consideram negociantes capazes de superar até os famosos domaneses. Como a sobrevivência no mar costuma depender da obediência instantânea, não deveria causar nenhum espanto o fato de os Atha'an Miere respeitarem a hierarquia com todo o rigor, embora, em

certas ocasiões, verifique-se uma fluidez surpreendente. Os Atha'an Miere se dividem em vários clãs, grandes e pequenos, cada qual comandado por uma Mestra das Ondas. Abaixo dela estão as Mestras das Velas, capitãs de navio dos clãs. Uma Mestra das Ondas possui uma autoridade imensa, mas é eleita para essa posição pelas doze Mestras das Velas mais experientes do clã, às quais se costuma chamar de Doze Primeiras do clã em questão, e pode ser removida do cargo sob ordem da Senhora dos Navios dos Atha'an Miere. A Senhora dos Navios goza de um nível de autoridade de causar inveja a qualquer rei ou rainha de terra firme, embora também seja eleita de modo vitalício pelo voto unânime das doze Mestras das Ondas mais experientes, que são chamadas de Doze Primeiras dos Atha'an Miere. (O termo “as Doze Primeiras” também é usado para as doze Mestras das Ondas ou Mestras das Velas mais experientes presentes em qualquer reunião.) O posto de Mestre das Lâminas é ocupado por um homem que pode ou não ser o marido da Senhora dos Navios. Suas responsabilidades são a defesa e o comércio do Povo do Mar, e abaixo dele se encontram os Mestres das Espadas das Mestras das Ondas e os Mestres das Cargas das Mestras das Velas, que ocupam cargos semelhantes e possuem deveres compatíveis. Para cada um deles, qualquer autoridade exterior a suas áreas de atuação só é obtida se a mulher a quem ele serve assim delegar. Aonde e quando qualquer embarcação viaja é uma decisão que sempre cabe à Mestra das Velas, mas como o comércio e as finanças ficam exclusivamente nas mãos do Mestre das Cargas (ou, em níveis mais altos, do Mestre das Espadas ou do Mestre das Lâminas), exige-se um alto grau de cooperação. Todo e qualquer navio do Povo do Mar, por menor que seja, bem como toda Mestra das Ondas, possui uma Chamadora de Ventos, mulher que, quase sempre, é capaz de canalizar e é habilidosa com a

Tessitura de Ventos, termo pelo qual os Atha'an Miere se referem à manipulação do clima. A Chamadora de Ventos da Senhora dos Navios goza de mais autoridade que as Chamadoras de Ventos das Mestras das Ondas, que, por sua vez, estão acima das Chamadoras de Ventos das Mestras das Velas dos seus clãs. Uma particularidade do Povo do Mar é que todos devem começar das posições mais baixas e ir ascendendo devagar, e que qualquer pessoa que não seja a Senhora dos Navios pode ser rebaixada pelos que estão acima dela, inclusive, em situações extremas, para reassumir as posições mais baixas.

Profeta, o: Em uma definição mais elaborada, o Profeta do Lorde Dragão, título reivindicado por Masema Dagar, antigo soldado shienarano que prega a vinda do Dragão Renascido. Conquistou grande número de seguidores em Ghealdan e no norte de Amadícia, em parte por ter espalhado a notícia de que o Dragão havia de fato Renascido, em parte pela extrema brutalidade que seus seguidores demonstram não só em relação a qualquer um que se recuse a reconhecer o Dragão Renascido, como aos que se recusam a admitir a autoridade do Profeta como a mão e a voz do Dragão Renascido.

quase-irmã, quase-irmão: Termos de parentesco Aiel para indicar amigos quase tão próximos quanto irmãs-primeiras e irmãos-primeiros. Quase-irmãs costumam adotar uma à outra formalmente como irmãs-primeiras em cerimônias elaboradas celebradas na presença de Sábias, após as quais passam a ser reconhecidas pelos demais Aiel como gêmeas de fato, ainda que um par de gêmeas com duas mães. Quase-irmãos, no entanto, raramente fazem isso.

Questionadores, os: Ordem interna dos Filhos da Luz cujos objetivos são descobrir a verdade, quando controversa, e revelar Amigos das Trevas. Em sua busca pela verdade e pela Luz, o método usual de interrogatório

é a tortura. Costumam agir como se já soubessem a verdade e precisassem apenas que a vítima confessasse. Os Questionadores referem-se a si mesmos como a Mão da Luz, a Mão que desenterra a verdade, e por vezes agem como se fossem completamente independentes dos Filhos e do Conselho dos Ungidos, que os comanda. O líder dos Questionadores é o Grão-inquisidor, que ocupa uma cadeira no Conselho dos Ungidos. Têm como símbolo o cajado vermelho-sangue de um pastor. *Ver também* Filhos da Luz.

Rhuidean: Uma grande cidade, a única no Deserto Aiel, totalmente desconhecida para o mundo exterior. Abandonada por quase três mil anos. No passado, permitia-se que homens Aiel entrassem em Rhuidean uma única vez, para que, dentro de um grande *ter'angreal*, pudessem ter sua aptidão para se tornarem chefes de clã testada (apenas um de cada três sobrevivia). Mulheres Aiel entravam na cidade apenas duas vezes, para testarem a aptidão a se tornarem Sábias, e, na segunda vez, no mesmo *ter'angreal* que os homens, mas com uma taxa de sobrevivência consideravelmente maior. Atualmente, a cidade voltou a ser habitada pelos Aiel. Um grande lago, alimentado por um oceano subterrâneo de água doce, ocupa uma das extremidades do vale de Rhuidean, e esse lago, por sua vez, alimenta o único rio no Deserto.

sa'angreal: Objetos remanescentes da Era das Lendas que permitem a canalização de muito mais Poder Único do que seria possível ou seguro de outra forma. Um *sa'angreal* é semelhante a um *angreal*, porém mais poderoso. O volume de Poder que pode ser canalizado utilizando um *sa'angreal* está para o que se canaliza com um *angreal* como o que se canaliza com um *angreal* está para o que se canaliza sem ajuda. Não se sabe mais como fabricá-los. Assim como ocorre com os *angreal*, existem

sa'angreal de uso masculino e de uso feminino. Restam apenas alguns, muito mais raros que os *angreal*.

Sábia: Entre os Aiel, as Sábias são mulheres escolhidas por outras Sábias e treinadas para a cura, uso de ervas e outras habilidades. São detentoras de grande autoridade e responsabilidade, bem como de forte influência entre os chefes dos ramos e clãs, embora esses homens com frequência as acusem de intrometer-se em seus assuntos. Boa parte das Sábias é capaz de canalizar em algum nível. Elas encontram todas as Aiel nascidas com a centelha e a maior parte das que são capazes de aprender. Por costume, não se comenta entre os Aiel o fato de as Sábias serem capazes de canalizar, o que resulta em muitos Aiel não saberem ao certo quais Sábias são capazes e quais não são. Também por costume, e mais até que os outros Aiel, as Sábias evitam qualquer tipo de contato com as Aes Sedai. Segundo a tradição, Sábias ficam de fora de todas as rixas e batalhas, costume que foi desrespeitado, talvez irremediavelmente, faz pouco tempo. O que isso pode causar nas proteções acordadas entre as Sábias sob a crença Aiel no *ji'e'toh* ainda é algo a ser visto.

Salão da Torre, o: Órgão legislativo das Aes Sedai que consiste, por tradição, de três Votantes de cada uma das sete Ajahs. No momento, há um Salão estabelecido na Torre Branca que não contém Votantes Azuis, e um Salão das Aes Sedai rebeldes que se opõem a Elaida do Avriny a'Roihan que não contém irmãs Vermelhas. Ainda que o Trono de Amyrlin seja, por lei, o poder absoluto da Torre Branca, seu poder de fato sempre dependeu de quão bem a Amyrlin era capaz de liderar, administrar ou intimidar o Salão, já que há muitas maneiras pelas quais o Salão pode travar os planos de qualquer Amyrlin. São dois os níveis de acordo que podem ser exigidos para que os tópicos sejam aprovados pelo Salão: o consenso inferior e o consenso superior. O consenso superior

exige que todas as irmãs presentes votem, e que um mínimo de onze Votantes esteja presente. A presença de pelo menos uma Votante de cada Ajah também é compulsória, exceto quando o tópico em pauta no Salão for a remoção de uma Amyrlin ou uma Curadora, situação em que a Ajah da qual a mulher em questão tiver sido elevada só será informada dos votos após a votação se concluir. O consenso inferior também demanda um quórum de onze Votantes, mas apenas dois terços das presentes precisam votar para que um tópico seja aprovado. Outra diferença é que não há a necessidade de que todas as Ajahs estejam representadas no consenso inferior, exceto no caso de uma declaração de guerra por parte da Torre Branca, um dos vários tópicos deixados para o consenso inferior que muitos poderiam pensar que exigiria o superior. O Trono de Amyrlin pode solicitar que qualquer Votante renuncie à sua cadeira, ou até que todas o façam, e essa solicitação deve ser levada em consideração. No entanto, é raro que isso ocorra, já que nada impede que uma Ajah volte a indicar a mesma Votante ou Votantes, a não ser o costume de que irmãs não sirvam novamente no Salão após deixá-lo. Como indicativo de quão grave seria uma solicitação para uma renúncia em massa, acredita-se firmemente que isso só aconteceu em exatas quatro oportunidades nos mais de três mil anos de história da Torre Branca, e que enquanto duas dessas ocasiões resultaram na escolha de um Salão inteiramente ou quase inteiramente novo, as outras duas tiveram como resultado a renúncia e o exílio da Amyrlin em questão.

Sapiência: Uma das famosas curandeiras de Ebou Dar, identificada pelo uso de um cinto vermelho. Suas habilidades com ervas e seu conhecimento médico são comentados em lugares tão distantes quanto as Terras da Fronteira como sendo o que há de melhor depois de uma Cura realizada por uma Aes Sedai. Apesar de Ebou Dar ser uma cidade

cosmopolita em que os forasteiros costumam entrar nas muitas guildas existentes, já se percebeu o fato inusitado de que Sapiências eboudarianas são raríssimas.

Seanchan: (1) Descendentes dos exércitos que Artur Asa-de-gavião enviou para o outro lado do Oceano de Aryth e que, lá, conquistaram terras. Acreditam que qualquer mulher capaz de canalizar deva ser controlada para a segurança de todos, e que, pelo mesmo motivo, qualquer homem capaz de canalizar deva ser morto. (2) A terra onde vivem esses descendentes.

Shayol Ghul: Montanha nas Terras Devastadas, além da Grande Praga. Local da prisão do Tenebroso.

siswai'aman: Na Língua Antiga, “lanças do dragão”, com forte senso de posse. Nome assumido por uma enorme quantidade de homens Aiel, mas por nenhuma mulher. Esses homens não costumam se intitular por essa nomenclatura, assim como não o fazem por nenhuma outra, na verdade, mas usam um pedaço de pano vermelho em torno da testa com um disco metade preto, metade branco, acima das sobrancelhas. Apesar dos *gai'shain* normalmente serem proibidos de usar qualquer coisa que pudesse ser usada por um *algai'd'siswai*, um sem número de *gai'shain* passaram a usar a bandana. *Ver também gai'shain.*

Sorilea: Sábia do Forte Shende, uma Aiel Jarra Chareen. Quase incapaz de canalizar, é a mais velha Sábia viva, ainda que não por tanto quanto muitos pensam.

ta'veren: Pessoa em torno da qual a Roda do Tempo tece todos os fios de vidas próximas, talvez *todos* os fios de todas as vidas. Compreende-se pouco sobre essa tessitura, exceto pelo fato de ela parecer, de muitas maneiras, uma alteração do acaso; o que tinha chance de acontecer, mas bem poucas chances, acontece. Algumas vezes, seu efeito pode ser

bastante localizado. Sob tais circunstâncias, uma pessoa influenciada por um *ta'veren* pode dizer ou fazer o que só teria dito ou feito uma vez em um milhão. Fatos aparentemente impossíveis acabam acontecendo, tais como uma criança cair do alto de uma torre de cem pés de altura e não se machucar. Em outras ocasiões, o efeito parece se estender a influenciar a própria história, embora, com frequência, por meio dos efeitos localizados. Acredita-se que essa seja a verdadeira explicação para o nascimento de *ta'veren*: alterar a história e restaurar o equilíbrio do girar da Roda.

Taim, Mazrim: Homem que causou um tumulto em Saldaea até ser derrotado e capturado, pesar de ter escapado em seguida, aparentemente com o auxílio de alguns dos seus seguidores. Capaz não só de canalizar, como possuidor de enorme força, é agora o M'Hael (“líder”, na Língua Antiga) dos Asha'man. *Ver também* Asha'man.

Talentos: Habilidades relativas ao uso do Poder Único em áreas específicas. A aptidão em vários Talentos varia bastante de indivíduo para indivíduo e raramente tem a ver com a força da habilidade desse indivíduo de canalizar. Há Talentos maiores, e o mais conhecido e disseminado entre eles é a Cura. Outros exemplos são a Dança das Nuvens (controle do clima) e o Canto da Terra (que envolve o controle de movimentos da terra, como a prevenção ou indução de terremotos e avalanches). Também há Talentos menores que raramente recebem nomes, como a capacidade de enxergar *ta'veren* ou de duplicar o efeito de um *ta'veren* de distorcer o acaso, ainda que em uma área bem pequena e restrita que dificilmente cobre mais que alguns pés quadrados. Muitos Talentos agora só são conhecidos por seus nomes e às vezes por descrições bem vagas. Alguns Talentos, como o de Viajar (habilidade de ir de um lugar a outro sem cruzar o espaço interveniente), só agora estão

sendo redescobertos. Outros, como o da Previsão (capacidade de prever eventos futuros, mas de forma geral) e o da Detecção (localização de minérios e sua possível retirada do solo, apesar de o termo também ter passado a ser empregado para uma variante da Cura usada para se examinar a saúde a condição física de alguém), são muito raros. Outro Talento que havia muito se pensava perdido é o de Sonhar, que envolve a interpretação dos sonhos do Sonhador para prever eventos futuros de maneira mais específica do que nas Previsões. Alguns Sonhadores têm a capacidade de adentrar *Tel'aran'rhiod*, o Mundo dos Sonhos, e (ao que se diz) até mesmo os sonhos de outras pessoas. A última Sonhadora de que se tinha notícia era Corianin Nedeal, que morreu em 526 NE, mas agora há uma outra.

Tallanvor, Martyn: Antigo Tenente da Guarda da Rainha que ama Morgase mais do que sua honra ou sua própria vida. *Ver também* Morgase.

Tear: Nação no Mar das Tempestades cuja capital, de mesmo nome, é uma grande cidade portuária. O estandarte de Tear exibe três luas crescentes brancas inclinadas em um fundo metade vermelho, metade dourado. *Ver também* Pedra de Tear.

ter'angreal: Objetos remanescentes da Era das Lendas que utilizam o Poder Único. Diferente dos *angreal* e *sa'angreal*, cada *ter'angreal* foi feito para determinado objetivo. Alguns são usados pelas Aes Sedai, mas o propósito original de muitos deles é desconhecido. Alguns requerem canalização, enquanto outros podem ser usados por qualquer pessoa. Alguns matam qualquer mulher que os use ou destroem sua habilidade de canalizar. Assim como os *angreal* e *sa'angreal*, não se sabe mais como fabricá-los desde a Ruptura do Mundo. *Ver também* *angreal*; *sa'angreal*.

Trombeta de Valere: Objeto lendário da Grande Caçada à Trombeta, pode convocar os heróis mortos para lutar contra a Sombra. Uma nova Caçada à Trombeta foi convocada, e Caçadores da Trombeta declarados podem ser encontrados em muitas nações. Até mesmo entre as Aes Sedai, são poucas as que sabem que a Trombeta já foi encontrada e usada, ou que ela se encontra escondida na Torre Branca.

união: Quando mulheres capazes de canalizar combinam seus fluxos do Poder Único. Ainda que o fluxo combinado não seja tão poderoso quanto a soma total dos fluxos individuais, ele é direcionado pela mulher que lidera a união e pode ser utilizado com muito mais precisão e com um efeito muito maior do que os fluxos individuais. Homens não são capazes de unir suas habilidades sem a presença de uma ou mais mulheres no círculo. Entrar em uma união costuma ser um ato voluntário que demanda pelo menos aquiescência, mas, sob determinadas circunstâncias, um círculo de tamanho suficiente já estabelecido pode forçar mais mulheres a participarem, desde que nenhum homem faça parte dele. Até onde se sabe, um homem não pode ser forçado a participar, não importa quão grande seja o círculo. Até treze mulheres podem se unir sem a presença de um homem. Com a inclusão de um, o círculo pode se expandir para vinte e seis mulheres. Dois homens podem levar o círculo a ter quarenta e três mulheres, e assim por diante, até que se atinja o limite de seis homens e sessenta e seis mulheres. Há uniões que contam com mais homens e menos mulheres, mas, exceção feita à união de um homem e uma mulher, uma mulher e dois homens, ou dois homens e duas mulheres, sempre deve haver no círculo pelo menos uma mulher a mais do que há homens. Na maioria dos casos, tanto um homem quanto uma mulher pode controlar a união, mas apenas um homem deve ter esse controle no círculo de setenta e duas pessoas ou

nos círculos mistos de menos de treze e mais do que quatro pessoas. Apesar de os homens, em geral, serem mais fortes com o Poder Único do que as mulheres, os círculos mais poderosos são os que contêm o máximo possível de igualdade no número de homens e mulheres.

Valda, Eamon: O impaciente Senhor Capitão dos Filhos da Luz. Homem que acredita que não se pode preparar o jantar sem quebrar alguns ovos e que, para se livrar dos ratos, às vezes é preciso incendiar o celeiro. Enxerga a si mesmo como pragmático e tira todo e qualquer proveito das oportunidades que surgem. Tem certeza de que Rand al'Thor não passa de um fantoche da Torre Branca e que, muito provavelmente, não sabe sequer canalizar. O ódio pelos Amigos das Trevas, (o que obviamente inclui as Aes Sedai) é o esteio da sua vida. *Ver também* Filhos da Luz.

SOBRE O AUTOR



©Liza Groen Trombi/Locus Publications

ROBERT JORDAN, pseudônimo de James Oliver Rigney Jr., nasceu em 17 de outubro de 1948, na Carolina do Sul, Estados Unidos. Aprendeu a ler sozinho e aos 5 anos vivia imerso em histórias de autores como Mark Twain e Júlio Verne. Serviu na Guerra do Vietnã, formou-se em física e, em 1977, quando trabalhava para a Marinha como engenheiro nuclear, começou a escrever. *Uma Coroa de Espadas* é o sétimo dos 14 volumes que compõem a série *A Roda do Tempo*, adaptada para as telas pelo Amazon Prime Video e considerada a maior e mais elaborada obra de literatura fantástica já

criada desde os livros de J.R.R. Tolkien. Robert Jordan morreu em 16 de setembro de 2007.

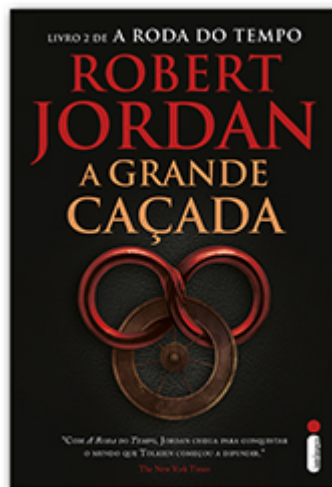
CONHEÇA A SÉRIE *A RODA DO TEMPO*

Acesse o site:

<https://intrinseca.com.br/arodadotempo/>



O Olho do Mundo
(Livro 1)



A Grande Caçada
(Livro 2)



O Dragão Renascido
(Livro 3)



A Ascensão da Sombra
(Livro 4)



As Chamas do Paraíso
(Livre 5)



O Senhor do Caos
(Livre 6)

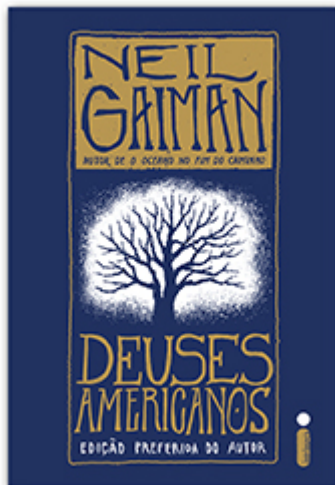


Uma Coroa de Espadas
(Livro 7)

LEIA TAMBÉM



Lendários
Série *Lendários* - Vol. 1
Tracy Deonn



Deuses americanos
Neil Gaiman



Lugar Nenhum
Neil Gaiman



Os filhos de Anansi
Neil Gaiman



Ordem Vermelha: Filhos da Degradação
Felipe Castilho



Duna – Graphic Novel
Série *Duna* - Vol. 1
Frank Herbert, Brian Herbert, Kevin J. Anderson, Raúl Allén, Patricia Martín